

BAL ZAC 3

A COMÉDIA HUMANA

**ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA
VIDA PRIVADA**

A MENSAGEM
O ROMEIRAL
A MULHER ABANDONADA
HONORINA
BEATRIZ
GOBSECK
A MULHER DE TRINTA ANOS



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BALZAC 3

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA
VIDA PRIVADA

A MENSAGEM
O ROMEIRAL
A MULHER ABANDONADA
HONORINA
BEATRIZ
GOBSECK
A MULHER DE TRINTA ANOS



BIBLIOTECA AZUL

**A COMÉDIA
HUMANA**

3

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

DIRETOR EDITORIAL Marcos Strecker

EDITORES RESPONSÁVEIS Alexandre Barbosa de Souza e Ana Lima Cecilio

ASSISTENTE EDITORIAL Juliana de Araujo Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini

DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino e Stella Kwan

PREPARAÇÃO Ana Maria Barbosa

REVISÃO Isabel Jorge Cury e Mariana Delfini

DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO Bonifácio Miranda

PRODUÇÃO PARA EBOOK S2 Books

EDIÇÃO DIGITAL Erick Santos Cardoso

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

IMAGEM DA LOMBADA “Balzac” (c. 1850), de Honoré Daumier (1808-1879). Art Images Archive/
Glow Images

IMAGEM DAS GUARDAS “Intérieur d'un wagon de troisième classe”, de Honoré Daumier
(1808-1879). De Agostini/Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada / Honoré de Balzac;
orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Vidal de Oliveira, Casimiro
Fernandes e Wilson Lousada; 3. ed. – São Paulo: Globo, 2012.

(A comédia humana; v. 3)

Título original: *La comédie humaine*

ISBN 978-85-250-5336-7

2.545 kb; ePub

1. Romance francês i. Rónai, Paulo. ii. Título. iii. Série.

12-12671

CDD-843

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

1ª edição, 1946-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2012

Direitos de edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo S/A
Avenida Jaguaré, 1485
05346-902 São Paulo SP
www.globolivros.com.br

HONORÉ DE BALZAC A COMÉDIA HUMANA

3

ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE **PAULO RÓNAI**
TRADUÇÃO DE **CASIMIRO FERNANDES, VIDAL**
DE **OLIVEIRA E WILSON LOUSADA**



BIBLIOTECA AZUL

DIVISÃO GERAL

	ESTUDOS DE COSTUMES
vol. 1-4	Cenas da vida privada
vol. 5-7	Cenas da vida provinciana
vol. 8-11	Cenas da vida parisiense
vol. 12	Cenas da vida política
vol. 12	Cenas da vida militar
vol. 13-14	Cenas da vida rural
vol. 15-17	ESTUDOS FILOSÓFICOS
vol. 17	ESTUDOS ANALÍTICOS

DIVISÃO POR VOLUMES

- 1 “A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio À comédia humana, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon
- 2 Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva
- 3 A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos
- 4 O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher
- 5 Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • OS CELIBATÁRIOS: Pierrette • O cura de Tours
- 6 Um conchego de solteirão • OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O ilustre

Gaudissart • A musa do departamento • as rivalidades: A solteirona •
O gabinete das antiguidades

7 Ilusões perdidas

8 HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina dos
olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César
Birotteau • A casa Nucingen

9 Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa de
Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

10 OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

11 Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart ii •
Os funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequeno
burgueses • O avesso da história contemporânea

12 Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de Arcis
• Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

13 Os camponeses • O médico rural

14 O cura da aldeia • O lírio do vale

15 A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth apaziguado
• Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambara • A procura
do absoluto

16 O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El Verdugo” •
Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A estalagem vermelha
• Sobre Catarina de Médicis • O elixir da longa vida • Os proscritos

17 Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas
misérias da vida conjugal

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, do livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou muitos anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução – expressões idiomáticas e trocadilhos – e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís xiv, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela

disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que o projeto, tal qual concebido por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

3

ESTUDOS DE COSTUMES • CENAS DA VIDA PRIVADA

CAPA

CRÉDITOS

FOLHA DE ROSTO

A MENSAGEM

O ROMEIRAL

A MULHER ABANDONADA

HONORINA

BEATRIZ

GOBSECK

A MULHER DE TRINTA ANOS

A COMÉDIA HUMANA

3

**ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA PRIVADA**

A MENSAGEM

TRADUÇÃO DE **CASIMIRO FERNANDES**

INTRODUÇÃO

Em sua forma primitiva, *A mensagem* (em francês: *Le Message*) era apenas um episódio sem título da novela *O conselho* (em francês: *Le Conseil*, 1832), que Balzac acabou por não incluir em *A comédia humana*. Outro episódio da mesma novela, sob o título de *Outro estudo de mulher*, foi também aproveitado no conjunto (ver no volume 4 desta edição).

Discute-se num salão a maneira por que a literatura deve contribuir para o melhoramento dos costumes. A dona da casa acha que os clássicos tinham razão em apresentar sublimes exemplos de virtude e censura os autores modernos por pretenderem moralizar o público mostrando-lhe as consequências extremas dos vícios e dos crimes. Um sr. de Villaines, com o intuito de impedir o namoro de um desafeto com a bela condessa d'Esther, ali presente, entra a tomar parte na discussão aparentemente para combater a tese da dona da casa. Na opinião do sr. de Villaines, as frases mais bonitas de Bossuet ou de Fénelon não teriam o menor efeito sobre uma mulher moderna, pronta a se lançar nos braços de um galanteador. “Ela nem as escutaria... Se, porém, lhe contasse uma espantosa aventura recentemente acontecida que pintasse de maneira enérgica as desgraças inevitáveis a que todas as paixões ilegítimas estão sujeitas, ela refletiria... e... talvez...”

A “aventura espantosa” em apreço é a história contada na atual *A mensagem*. A maioria dos ouvintes, porém, não concorda com o narrador quanto ao efeito moralizante dessa narrativa, e uma das senhoras presentes observa com muito acerto: “É um desastre, mas não uma lição. Você nos representou a condessa tão feliz, seu marido tão bem adestrado, que a moral de seu exemplo é, em consciência,

pouco edificante “.

O sr. de Villaines passa então a relatar outra história ainda mais terrível (atualmente incluída em *Outro estudo de mulher*), com a qual consegue convencer a condessa d’Esther. “Não há felicidade tão grande”, conclui ela, “que nos leve a enfrentar os secretos tormentos que as paixões ilegítimas nos fazem sofrer.” Um sucesso tão completo de sua intriga faz corar o sr. de Villaines, o qual, por castigo de suas maquinações, se apaixona perdidamente pela condessa.

Esse, em resumo, é o enredo de *O conselho*, novela que Balzac acabou por suprimir, distribuindo-lhe as partes por *A comédia humana*.

Enquanto a história estava incluída em *O conselho*, havia uma contradição flagrante entre seu conteúdo e a pretensa moralidade do conjunto. Laure, a irmã de Balzac, constantemente preocupada com as lições morais que podiam (ou não) ser tiradas das obras do irmão, escreve a uma amiga com evidente mau humor:

Em *O conselho*, de que me fala, a primeira história não é um conselho, nem uma moral que possa ter efeito sobre a jovem senhora, porque ela nada demonstra, a não ser que não se deve viajar em diligência. Mas um marido pode cair do *tejadilho* tanto quanto um amante; não há moralidade na narrativa que tenda a justificar a mulher.

Sob sua segunda forma, *A mensagem* ficou uma história independente, contada em primeira pessoa não se sabe por quem e sem a moralidade anunciada na primeira redação.

Essa modificação foi das mais felizes, pois o caso relatado por Balzac não comporta lição alguma, justamente por ter um sabor de absoluta autenticidade. Nem nos lembramos de procurá-la, tão encantados ficamos com a pureza do desenho, a dosagem admirável dos pormenores, a mistura feliz do cômico e do trágico, da ironia e da emoção, que fazem desse conto de poucas páginas uma obra-prima no gênero. Entre as muitas qualidades de Balzac não figuram geralmente a sobriedade, a reserva, a economia, mas aqui aparecem elas em absoluta harmonia. Há nesse pequeno conto um equilíbrio tão perfeito de recursos e efeitos que a gente se esquece de estar lendo uma obra

literária e vê a cena como realidade. Tudo ali é vivo, natural, simples, profundamente verdadeiro. Em poucas obras Balzac se terá aproximado de tal forma da elegância fina de Voltaire e da singeleza patética e empolgante do abade Prévost.

Uma carta da sra. de Berny, conservada por acaso em *Hanotaux et Vicaire*, *La Jeunesse de Balzac*, mostra-nos quanto a leitora mais fiel de Balzac — e a amante a quem tão bem se aplica o panegírico das mulheres maduras em *A mensagem* — ficou impressionada ao ler este belo conto:

Oh! amigo, acabo de chorar com a tua Julieta, sobretudo o trecho em que ela recebe os cabelos me fez uma impressão dolorosa. Perguntava-me qual era a dor mais viva: se a de perder o amante vivo ou a de o perder morto, e não me atrevo a dar-me uma resposta. Julieta possui naqueles cabelos um tesouro que lhe suscitará sempre lembranças puras; mas que é que se lhe poderia oferecer para consolá-la se o amante a houvesse abandonado por causa de outra mulher? Nada.

paulo rónai

A MENSAGEM

Ao sr. marquês Dâmaso Pareto^[1]

Sempre tive o desejo de contar uma história simples e verdadeira, no decorrer da qual um jovem e sua amante fossem tomados de pavor e se refugiassem um no coração do outro, como duas crianças que se achegam ao encontrar uma serpente na orla de um bosque.

Com risco de diminuir o interesse por minha narrativa ou de passar por um presumido, começo por anunciar-lhes o fim da minha história. Eu desempenhei um papel neste drama quase vulgar; se ele não lhes interessar; a culpa será tanto minha quanto da verdade histórica. Muitas coisas verdadeiras são soberanamente aborrecidas. Por isso, metade do talento está em escolher no verdadeiro o que se pode tornar poético.

Em 1819, eu ia de Paris para Moulins. O estado de minha bolsa obrigava-me a viajar no tejadilho da diligência. Os ingleses, todos o sabem, consideram os lugares situados nessa parte aérea da carruagem os melhores. Durante as primeiras léguas da estrada, eu encontrei mil excelentes razões para justificar a opinião dos nossos vizinhos.

Um rapaz, que me pareceu ser um pouco mais rico do que eu, subiu, por gosto, ao meu lado, para a banquetta. Acolheu meus argumentos com sorrisos inofensivos. Em breve, uma certa concordância de idade e de pensamento, o nosso idêntico amor pelo ar livre, pelos ricos aspectos das regiões que descobríamos à medida que a pesada viatura

avuçava; depois, não sei que atração magnética, impossível de explicar, fizeram nascer entre nós essa espécie de intimidade momentânea a que os viajantes se entregam com dobrada disposição porque esse sentimento efêmero parece cessar prontamente e não criar raízes para o futuro.

Não tínhamos ainda percorrido trinta léguas e já falávamos de mulheres e de amor. Com todas as preocupações oratórias requeridas em semelhantes ocasiões, conversamos naturalmente a respeito das nossas amantes. Jovens ambos, não tínhamos chegado ainda senão à *mulher de uma certa idade*, quer dizer a mulher que se encontra entre trinta e cinco e quarenta anos.

Oh! um poeta que nos tivesse escutado, de Montargis a não sei que estação de muda, teria recolhido expressões bastante inflamadas, retratos admiráveis e bem doces confidências! Nossos temores pudicos, nossas interjeições silenciosas e nossos olhares ainda acanhados possuíam uma eloquência cujo encanto ingênuo jamais consegui encontrar de novo. Sem dúvida é preciso permanecer jovem para compreender a mocidade. Por isso, entendemo-nos à maravilha sobre todos os pontos essenciais da paixão.

E, de início, tínhamos começado por assentar como fato e como princípio que não havia nada mais idiota na sociedade que uma certidão de nascimento; que muitas mulheres de quarenta anos eram mais jovens que certas mulheres de vinte, e que, afinal, as mulheres tinham realmente a idade que aparentavam ter. Esse sistema não punha termo ao amor, e nós nadávamos, ingenuamente, num oceano sem limites.

Enfim, depois de termos feito nossas amantes jovens, encantadoras, devotadas, condessas dotadas de bom gosto, espirituais, finas; depois de lhes termos dado lindos pés, uma pele acetinada e mesmo suavemente perfumada, nós nos confessamos, ele, que *a senhora tal* tinha trinta e oito anos, e eu, por minha vez, que adorava uma quadragenária.

Depois disso, libertos um e outro duma espécie de vago temor, retomamos num crescendo as nossas confidências, descobrindo que éramos colegas em amor. Discutimos qual de nós dois revelaria mais

sentimentos. Um tinha feito certa vez duzentas léguas para ver a sua amante durante uma hora. O outro tinha se arriscado a passar por um lobo e a ser fuzilado num parque, para comparecer a um encontro noturno. Em suma, todas as nossas loucuras! Se há prazer em recordar os perigos passados, não é também delicioso evocar os prazeres desvanecidos? É gozar duas vezes. Os perigos, as grandes e pequenas felicidades, tudo nos contávamos, até mesmo as brincadeiras. A condessa do meu amigo fumara um charuto para lhe agradar; a minha fazia o meu chocolate e não passava um dia sem me escrever ou me ver; a sua fora morar com ele durante três dias, com risco de perder-se; a minha tinha feito ainda melhor, ou pior, se quisessem.

Nossos maridos, aliás, adoravam as nossas condessas; viviam escravos do encanto que possuem todas as mulheres amorosas; e, mais palermas do que a lei o permite, eles não nos ofereciam mais perigo do que o necessário para aumentar o nosso prazer. Oh, como o vento levava depressa as nossas palavras e as nossas doces risadas!

Ao chegar a Pouilly, examinei muito atentamente a pessoa do meu novo amigo. Sim, acreditei facilmente que ele devia ser seriamente amado.

Imagine-se um rapaz de estatura média, mas muito bem-proporcionado, tendo um rosto feliz e cheio de expressão. Seus cabelos eram negros e os olhos, azuis; os lábios eram levemente rosados; os dentes, brancos e parelhos; uma palidez graciosa decorava, ainda, as suas feições finas, e um ligeiro traço de bistre cercava-lhe os olhos, como se ele estivesse convalescendo. Acrescente-se a isso que ele tinha mãos brancas, bem modeladas, cuidadas como devem ser as de uma mulher bonita; que era inteligente, parecia bastante instruído, e não se terá muita dificuldade em concordar que o meu amigo poderia fazer honra a uma condessa. Enfim, mais de uma moça o teria desejado para marido, pois ele era visconde e possuía entre doze e quinze mil francos de renda, *sem contar as esperanças*.

A uma légua de Pouilly, a diligência virou. Meu infeliz camarada julgou dever, para sua segurança, atirar-se às bordas de um campo recentemente arado, em vez de agarrar-se à banqueta, como eu fiz, e acompanhar o movimento da diligência. Não deu o impulso necessário

ou escorregou, não sei como se passou o acidente, mas ele foi esmagado pela viatura, que lhe caiu sobre o corpo. Nós o transportamos para a casa de um camponês.

Em meio aos gemidos que lhe arrancavam as dores atrozes, ele conseguiu incumbir-me de uma dessas missões a que os últimos desejos de um moribundo dão um caráter sagrado. Agonizante, o pobre rapaz atormentava-se, com toda a candura de que se é tantas vezes vítima em sua idade, com a dor que sentiria sua amante, se soubesse de repente da sua morte por um jornal. Pediu-me que eu fosse pessoalmente comunicá-la. Depois fez com que eu procurasse uma chave suspensa por uma fita que ele trazia ao peito, pendurada. Encontrei-a meio enterrada na carne. O moribundo não proferiu o menor queixume quando eu a extraí, o mais delicadamente que me foi possível, da chaga que ela havia produzido. No momento em que acabava de me dar todas as instruções necessárias para buscar na sua casa, em Charité-sur-Loire, as cartas de amor que sua amante lhe havia escrito, e que me rogou insistentemente devolver a ela, perdeu a palavra em meio de uma frase; mas seu último gesto me fez compreender que a fatal chave seria um penhor da minha missão junto à sua mãe.

Aflito por não poder formular nenhuma frase de agradecimento, porque ele não duvidava do meu zelo, fitou-me com um olhar súplice durante um instante, disse-me adeus, saudando-me com um movimento de cílios, depois inclinou a cabeça e morreu. Sua morte foi o único acidente funesto resultante da queda da carruagem.

— Ele teve um pouco de culpa — disse-me o condutor.

Em Charité, cumpri o testamento verbal desse pobre viajante. Sua mãe estava ausente; isso foi uma espécie de felicidade para mim. Contudo, tive que consolar a dor de uma velha empregada que cambaleou quando eu lhe contei a morte do seu jovem patrão; ela caiu semimorta numa cadeira ao ver a tal chave ainda tinta de sangue; mas como eu estava completamente preocupado com um sofrimento maior, o de uma mulher a quem o destino arrebatava seu derradeiro amor, deixei a velha criada prosseguindo no curso de suas prosopopeias, e levei a preciosa correspondência, cuidadosamente lacrada pelo meu

amigo de um dia.

O castelo onde residia a condessa ficava a oito léguas de Moulins, e para chegar a ele era preciso ainda fazer algumas léguas em suas terras. Era-me então bastante difícil desobrigar-me da minha mensagem. Por um concurso de circunstâncias que é inútil explicar, eu só tinha o dinheiro necessário para atingir Moulins. Entretanto, com o entusiasmo da juventude, resolvi fazer o caminho a pé, e ir bastante ligeiro para tomar a dianteira à propagação das más notícias, que caminham tão rapidamente.

Informei-me do caminho mais curto, e fui pelos atalhos do Bourbonnais, levando, por assim dizer, um morto sobre os ombros. À medida que me aproximava do castelo de Montpersan, eu ia ficando cada vez mais espantado com a singular peregrinação que havia empreendido. Minha imaginação inventava mil fantasias romanescas. Eu imaginava todas as situações em que poderia encontrar a sra. condessa de Montpersan, ou, para obedecer à poética dos romances, a *Julieta* muito amada do jovem viajante. Forjava respostas inteligentes às perguntas que eu supunha deverem ser-me feitas. Em cada volta de bosque, em cada caminho baixo, era uma repetição da cena de Sócia[2] e da sua lanterna, a quem ele presta contas da batalha. Para vergonha do meu coração, eu não pensei de início senão em minha atitude, em meu espírito, na habilidade que eu queria desenvolver; mas, assim que entrei na região, uma sinistra reflexão atravessou-me a alma como um raio que sulca e despedaça um véu de nuvens cinzentas. Que terrível notícia para uma mulher que, completamente ocupada nesse momento com seu jovem amigo, esperava de hora em hora alegrias sem nome, depois de ter enfrentado mil dificuldades para levá-lo legalmente à sua casa.

Enfim, havia ainda uma caridade cruel em ser o mensageiro da morte. Por isso eu apressava o passo, enlameando-me e atolando-me nos caminhos do Bourbonnais. Em breve alcancei uma grande avenida de castanheiros, no fim da qual as formas do castelo de Montpersan desenharam-se no céu como nuvens escuras de contornos claros e fantásticos.

Ao chegar à porta do castelo, encontrei-a escancarada. Essa

circunstância imprevista destruíra os meus planos e as minhas suposições. Contudo, entrei resolutamente e em seguida tive a meu lado dois cães que latiram como verdadeiros cães de campo. A esse ruído acorreu uma gorda criada, e, quando lhe disse que eu queria falar à senhora condessa, ela indicou com um gesto de mão os maciços dum parque à inglesa que serpenteava em torno do castelo e me respondeu:

— A senhora condessa anda por aí...

— Obrigado — disse eu com um ar irônico.

O seu *por aí* podia fazer-me errar durante duas horas pelo parque.

Uma formosa menina de cabelos encaracolados, de faixa cor-de-rosa, de vestido branco e com uma capa frisada chegou nesse meio-tempo e ouviu ou adivinhou a pergunta e a resposta. Ao ver-me, ela desapareceu gritando com leve voz aguda:

— Mamãe, está aí um senhor que lhe quer falar.

E eu a segui, através das curvas das alamedas, os saltos e os pulos da capinha branca, que, semelhante a um fogo-fátuo, indicava-me o caminho que seguia a menina.

É preciso dizer tudo: no último silvado da avenida, eu tinha levantado o colarinho, escovado o meu chapéu usado e minhas calças com as beiras do meu casaco, o casaco com as suas mangas, e as mangas uma com a outra; depois o abotoara cuidadosamente para mostrar o pano dos reversos, sempre um pouco mais novo que o resto; fizera descer a extremidade das calças sobre as botas, engenhosamente polidas no capim. Graças a esse trajar de gascão, eu esperava não ser tomado pelo contínuo da subprefeitura; mas, quando hoje me transporto pelo pensamento a essa hora da minha mocidade, rio por vezes de mim mesmo.

De repente, no momento em que eu compunha a minha atitude, na volta de uma verde sinuosidade, em meio a mil flores iluminadas por um cálido raio de sol, divisei Julieta e seu marido. A linda menina trazia a mãe pela mão, e era fácil perceber-se que a condessa apressara o passo ao ouvir a frase ambígua da filha.

Surpreendida pelo aspecto dum desconhecido que a cumprimentava com um ar bastante constrangido, ela parou e fez-me um gesto friamente polido e uma adorável expressão de amuo que,

para mim, revelava todas as suas esperanças frustradas. Procurei, mas em vão, algumas das minhas belas frases tão laboriosamente preparadas. Durante esse momento de hesitação mútua, o marido pôde entrar em cena. Miríades de pensamentos atravessaram-me o cérebro. Para não dar a ver meu embaraço, pronunciei algumas frases insignificantes, indagando se as pessoas presentes eram realmente o senhor conde e a sra. condessa de Montpersan. Essas tolices permitiram-me julgar num único relance de olhos e analisar, com uma perspicácia rara na idade que eu tinha, os dois esposos cuja solidão ia ser tão violentamente perturbada.

O marido parecia ser o tipo dos gentis-homens que são atualmente o mais belo ornamento das províncias. Trazia grandes sapatos de grossas solas; apresento-os em primeiro lugar porque eles me impressionaram ainda mais vivamente que a casaca negra envelhecida, a sua calça usada, a sua gravata frouxa e o seu colarinho enrugado. Havia naquele homem um pouco de magistrado, muito de conselheiro municipal, toda a importância de um *maire*^[3] de cantão ao qual nada resiste, e o azedume de um candidato eleitoral periodicamente recusado desde 1816; incrível mistura de bom-senso camponês e de tolices; nada de maneiras, mas a arrogância da riqueza; muita submissão à mulher, mas julgando-se o senhor, e pronto para resistir nas pequenas coisas, sem ter nenhuma preocupação com os assuntos importantes; no mais, um rosto emurchecido, encarquilhado, crestado; alguns cabelos grisalhos, longos e lisos, eis o homem.

Mas a condessa, ah!, que vivo e brusco contraste fazia ao lado do marido! Era uma mulherzinha delgada e graciosa, de porte encantador; franzina e tão delicada, que se teria medo de quebrar-lhe os ossos ao tocá-la. Vestia um traje de musselina branca; na cabeça trazia um gorro com fitas cor-de-rosa; tinha um cinto também cor-de-rosa e uma blusa tão deliciosamente cheia por suas espáduas e pelos mais formosos contornos, que ao vê-los nascia no fundo do coração uma irresistível vontade de possuí-los. Seus olhos eram vivos, negros, expressivos; seus movimentos, suaves; seu pé, encantador. Nem um velho donjuán lhe daria mais de trinta anos, tal era a juventude que havia em seu rosto e nos mínimos detalhes da sua cabeça. Quanto ao caráter, pareceu-me

ter tanto da condessa de Lignolles como da marquesa de B..., dois tipos de mulher sempre vivos na memória de um homem, após ter lido o romance de Louvet.[4]

Eu penetrei logo em todos os segredos daquele casal e tomei uma resolução diplomática digna de um velho embaixador. Talvez tenha sido essa a única vez da minha vida em que eu tive tato e compreendi em que consistia a habilidade dos cortesãos ou das pessoas da sociedade.

Depois desses dias despreocupados, eu tive que travar muitas batalhas para destilar os menores atos da vida e não fazer nada a não ser obedecendo à cadência da etiqueta e do bom-tom, que secam as emoções mais generosas.

— Senhor conde, desejaria falar-lhe em particular — disse eu com um ar misterioso e dando alguns passos para trás.

Ele me seguiu. Julieta deixou-nos sós e afastou-se negligentemente, como mulher que tem a certeza de saber os segredos do marido no momento em que quiser.

Contei resumidamente ao conde a morte do meu companheiro de viagem. O efeito que essa notícia produziu sobre ele provou-me que ele tinha muito viva afeição pelo seu jovem colaborador, e essa descoberta deu-me coragem para responder-lhe assim no diálogo que se seguiu entre nós dois.

— Minha mulher vai ficar desesperada — exclamou ele — e eu terei que tomar muitas precauções para comunicar-lhe esse doloroso acontecimento.

— Dirigindo-me de início ao senhor — disse-lhe eu —, cumpri um dever. Eu não queria desincumbir-me junto à senhora condessa dessa missão confiada por um desconhecido, sem preveni-lo; mas ele me confiou também uma espécie de honroso fideicomisso, um segredo de que não tenho o direito de dispor. Pelo alto conceito que ele transmitiu sobre o seu caráter, pensei que o senhor não se oporia a que eu cumprisse esses últimos desejos. A senhora condessa terá liberdade de romper o silêncio que me foi imposto.

Ao ouvir o seu elogio, o gentil-homem balançou a cabeça dando mostras de agrado. Respondeu-me com um cumprimento um tanto

embaraçado e terminou deixando-me o campo livre. Voltamos pelo mesmo caminho.

Nesse momento, o sino anunciou o almoço; fui convidado a participar dele. Achando-nos sérios e silenciosos, Julieta examinou-nos furtivamente. Estranhamente surpresa por ver seu marido usando um pretexto frívolo para nos proporcionar um colóquio, ela parou e lançou-me um desses olhares que só às mulheres é dado lançar. Havia nesse olhar toda a curiosidade permitida a uma dona de casa que recebe um estranho, caído em seu lar como das nuvens; havia nele todas as interrogações que mereciam a minha indumentária, a minha mocidade e a minha fisionomia, contrastes singulares, e mais o desdém da amante idolatrada, aos olhos de quem os homens nada representam, com exceção de um só; havia ainda nele temores involuntários, medo, e o aborrecimento de ter um hóspede inesperado, quando, sem dúvida, ela dedicava ao seu amor todas as delícias da solidão.

Compreendi aquela eloquência muda e a ela respondi com um sorriso cheio de piedade, de compaixão. Então, contemplei-a por instantes em todo o esplendor da sua beleza, num dia sereno, no meio de uma estreita alameda bordada de flores. Vendo aquele quadro admirável, não pude conter um suspiro.

— Ah senhora, acabo de fazer uma viagem bem penosa, empreendida... unicamente por sua causa.

— Senhor! — disse-me ela.

— Oh — tornei —, eu venho em nome daquele que a chama Julieta! Ela empalideceu.

— A senhora não o verá hoje.

— Ele está doente? — indagou ela em voz baixa.

— Sim — respondi-lhe. — Mas, por favor, modere-se... Fui encarregado por ele de confiar-lhe alguns segredos que lhe concernem, e acredite que jamais mensageiro algum será mais discreto e mais devotado.

— Que há?

— E se ele não mais a amasse?

— Oh, isso é impossível! — exclamou ela deixando escapar um leve

sorriso que não era nada menos que franco.

De súbito, sentiu uma espécie de estremecimento, lançou-me um olhar fulvo e impetuoso, corou e disse:

— Ele está vivo?

Deus meu, que frase terrível! Eu era jovem demais para sustentar-lhe a veemência; não respondi, e fitei aquela infeliz mulher com um ar apalermado.

— Responda, senhor, responda! — exclamou ela.

— Sim, senhora.

— É verdade? Oh, diga-me a verdade, eu posso ouvi-la! Diga! Qualquer sofrimento há de ser menos pungente que a incerteza para mim.

Eu respondi com duas lágrimas, que me foram arrancadas pelos estranhos acentos com que aquelas frases foram ditas.

Ela apoiou-se a uma árvore, lançando um débil grito.

— Senhora — disse-lhe eu —, olhe o seu marido.

— Terei um marido?

Dizendo isso, ela fugiu e desapareceu.

— O almoço está esfriando — exclamou o conde. — Venha, senhor.

Segui, então, o dono da casa, que me conduziu a uma sala de refeições onde vi um jantar servido com todo o luxo a que as mesas parisienses nos acostumaram. Havia cinco talheres: os dos dois esposos, o da menina, o *meu*, que deveria ser o *seu*, e um último destinado a um cônego de Saint-Denis, que, após a oração de graças, perguntou:

— Mas onde está a nossa cara condessa?

— Oh, ela virá em seguida — respondeu o conde, que, depois de nos ter servido com solicitude a sopa, encheu o seu próprio prato, que esvaziou com uma rapidez incrível.

— Oh meu sobrinho — exclamou o cônego —, se sua mulher estivesse aqui você seria mais comedido!

— Papai vai adoecer — disse a menina com ar brejeiro.

Um instante após esse singular episódio gastronômico, e no momento em que o conde trinchava com decisão um pedaço de não sei que animal caçado, entrou uma criada de quarto e disse:

— Senhor, não encontramos a senhora condessa!

A essa frase ergui-me com um movimento brusco temendo alguma desgraça, e a minha fisionomia exprimiu tão vivamente os meus temores, que o velho cônego me acompanhou ao jardim. Por atenção, o marido veio até a porta.

— Fiquem, fiquem! Não se inquietem — gritou-nos ele. Mas não nos acompanhou. O cônego, a criada de quarto e eu percorremos os caminhos e os tabuleiros de relva do parque, chamando, escutando, e tanto mais inquietos porque eu anunciei a morte do jovem visconde. Às pressas, contei as circunstâncias desse fatal acontecimento e percebi que a criada de quarto era extremamente afeiçãoada à sua ama, porque penetrou muito melhor que o cônego nos segredos do meu terror.

Fomos aos tanques, visitamos tudo sem encontrar a condessa, nem o menor vestígio da sua passagem. Enfim, na volta, seguindo ao longo de um muro, ouvi gemidos surdos e profundamente abafados que pareciam sair de uma espécie de celeiro. Entrei nele ao acaso. Ali descobrimos Julieta, que, movida pelo instinto do desespero, sepultara-se no meio do feno. Ela escondera a cabeça para abafar os seus gritos horríveis, obedecendo a um invencível pudor: eram soluços, choros de criança, mas mais penetrantes, mais dolorosos. Não havia mais nada no mundo para ela. A criada puxou a patroa, que se deixou manobrar com a apática indiferença do animal moribundo. Essa rapariga não sabia dizer outra coisa que: “Vamos, senhora, vamos...”.

O velho cônego perguntava:

— Mas que tem ela? Que tem você, minha sobrinha?

Finalmente, ajudado pela criada, transportei Julieta para o seu quarto; recomendei cuidadosamente que velassem por ela e que dissessem a todos que a condessa tinha uma enxaqueca. Depois, voltamos, o cônego e eu, para a sala de refeições.

Havia já algum tempo que tínhamos deixado o conde, e não tornei a pensar nele senão no momento em que passei no peristilo; a sua indiferença surpreendeu-me. Mas o meu espanto aumentou quando o encontrei filosoficamente sentado à mesa: comera quase todo o almoço, para grande prazer da filha, que sorria por ver o pai em flagrante desobediência às ordens da condessa.

A singular despreocupação daquele marido foi-me explicada pela alteração que se estabeleceu de súbito entre o cônego e ele. O conde estava submetido a uma dieta severa que os médicos lhe haviam imposto para curá-lo de uma doença grave cujo nome me escapa; e, arrastado por essa glotoneria feroz tão familiar aos convalescentes, o apetite do animal tinha superado nele toda a sensibilidade do homem. Num momento eu tinha visto a natureza em toda a sua verdade, sob dois aspectos bem diferentes que colocavam o cômico no próprio seio da mais horrível dor.

A noite foi triste. Eu estava cansado. O cônego empregava toda a sua inteligência para adivinhar a causa do choro da sua sobrinha. O marido digerira silenciosamente, depois de se ter contentado com uma explicação bastante vaga que a condessa mandou dar-lhe pela criada de quarto sobre a sua indisposição, e que foi, creio eu, atribuída aos incômodos naturais da mulher. Todos nos deitamos cedo.

Ao passar diante do quarto da condessa para ir ao dormitório a que me conduzia um criado, eu timidamente pedi notícias suas. Reconhecendo a minha voz, ela me fez entrar e quis falar-me; mas, não podendo nada articular, inclinou a cabeça e eu me retirei.

Apesar das emoções cruéis que eu tinha partilhado com a boa-fé da mocidade, dormi, exausto pela fadiga da marcha forçada. A uma hora avançada da noite, fui despertado pelo áspero ruído dos anéis do meu cortinado violentamente puxados sobre as varas de ferro. Vi a condessa sentada nos pés da minha cama. Seu rosto recebia toda a luz duma lâmpada colocada sobre a mesa.

— É mesmo verdade, senhor? — disse-me ela. — Não sei como posso viver depois desse horrível golpe que acaba de ferir-me; mas neste momento estou calma. Quero saber tudo.

“Que calma!”, pensei comigo, ao perceber a assustadora palidez do seu rosto, que contrastava com a cor castanha da cabeleira, ao ouvir os sons guturais da sua voz, ao ficar estupefato pela devastação que denotavam as suas feições alteradas.

Ela já estava estiolada, como uma folha despojada das últimas tintas que lhe imprime o outono. Os olhos vermelhos e inchados, despídos de toda a sua beleza, refletiam apenas uma dor amarga e

profunda; onde ainda havia pouco cintilava o sol, dir-se-ia haver agora uma nuvem cinzenta.

Narrei-lhe com simplicidade, sem muito insistir em certas circunstâncias dolorosas demais para ela, o acidente rápido que a privara do amigo. Conteí-lhe o primeiro dia da nossa viagem, tão cheio pelas recordações do seu amor.

Ela não chorou: escutava com avidez, a cabeça inclinada para mim, como um médico zeloso que observa um mal. Aproveitando um momento em que ela me pareceu ter inteiramente aberto o seu coração aos sofrimentos e querer mergulhar em sua desgraça com todo o ardor que dá a primeira febre do desespero, falei-lhe dos temores que afligiram o pobre moribundo e disse-lhe como e por que ele me encarregara daquela fatal mensagem. Seus olhos secaram-se então ao fogo lúgubre que brota das mais profundas regiões da alma. Ela empalideceu ainda mais. Quando lhe estendi as cartas que eu guardava debaixo do meu travesseiro, ela as agarrou maquinalmente; depois estremeceu violentamente e disse-me numa voz cavernosa:

— E eu que queimava as suas! Nada tenho dele! Nada! Nada! — E bateu com força na fronte.

— Senhora... — disse-lhe.

Ela fitou-me com um movimento convulsivo.

— Eu cortei uma madeixa dos seus cabelos — disse eu, prossequindo. — Ei-la aqui.

E apresentei-lhe esse último, esse incorrutível despojo daquele que ela amava.

Ah, se o leitor tivesse recebido como eu as lágrimas escaldantes que tombaram então sobre as minhas mãos, saberia o que é o reconhecimento quando está assim tão próximo do benefício! Ela apertou-me as mãos, e, com uma voz abafada, com um olhar brilhante de febre, um olhar onde refulgia a sua frágil ventura através de horríveis sofrimentos:

— Ah, o senhor ama! — disse ela. — Seja sempre feliz! Não perca jamais aquela que lhe é cara!

Ela não terminou e fugiu com o seu tesouro.

No dia seguinte, essa cena noturna, confundida com meus sonhos,

pareceu-me ser uma ficção. Foi preciso, para convencer-me da dolorosa verdade, que eu procurasse infrutiferamente as cartas sob o meu travesseiro.

Seria inútil narrar os acontecimentos do dia seguinte. Fiquei várias horas ainda com a Julieta que o meu companheiro de viagem tanto elogiara. As mínimas palavras, os gestos, as ações daquela mulher provaram-me a nobreza de alma, a delicadeza de sentimentos que a tornavam uma dessas preciosas criaturas de amor e devotamento tão raras, espalhadas pela face da terra.

À tarde, o próprio conde de Montpersan conduziu-me a Moulins. Ao chegarmos ali, disse-me ele com uma espécie de embaraço:

— Senhor, se não é abusar de sua complacência e agir indiscretamente em relação a um desconhecido a quem já devemos obrigações, quereria ter a bondade de entregar, em Paris, pois que o senhor vai para lá, em casa do senhor... (esqueci o nome), à rue du Sentier, uma importância que eu lhe devo, e que ele mandou pedir lhe remetesse com urgência?

— Com muito gosto — respondi.

E, na inocência da minha alma, recebi um rolo de vinte e cinco luíses, que me serviu para eu voltar a Paris e que entreguei fielmente ao pretenso correspondente do sr. de Montpersan.

Só em Paris, ao levar a importância à casa indicada, é que compreendi a engenhosa elegância com que Julieta me tinha obsequiado. A maneira por que esse dinheiro me foi emprestado, a discrição guardada sobre a minha pobreza fácil de adivinhar não são suficientes para revelar todo o gênio de uma mulher terna?

Que delícia ter podido contar essa história a uma mulher que, medrosa, nos apertou entre os braços e nos disse: “Oh! querido, não morras, sim?”.

Paris, janeiro de 1832

O ROMEIRAL

TRADUÇÃO DE **CASIMIRO FERNANDES**

INTRODUÇÃO

Balzac redigiu *O Romeiral* (em francês: *La Grenadière*) em 1832, em casa de uma amiga, Zulma Carraud, a quem escreveria em 28 de outubro do mesmo ano: “*O Romeiral* sairá depois de amanhã. Prognosticam-me um belo sucesso de lenços...” e desculpa-se por não lhe ter dedicado a obra, demasiado insignificante para tanto.

Não sabemos se *O Romeiral* teve o “sucesso de lenços” prognosticado, mas acho-lo pouco provável. Um desfecho, por mais triste que seja, não chega a ser trágico, se lhe desconhecemos os preliminares. Para acharmos sentido a uma morte impõe-se o conhecimento da vida que lhe serviu de prelúdio. Pois bem: no decorrer do enredo, bastante parco, deste conto, o autor faz constantes alusões a acontecimentos anteriores, os quais, apesar do que seria de esperar, não estão relatados em nenhuma outra obra da *Comédia humana* sob sua forma definitiva. Alusões a lady Brandon, heroína de *O Romeiral*, encontram-se apenas em *O lírio do vale*, em relação com lady Arabella Dudley, provável causa da desgraça de lady Brandon. Havia, por outro lado, um trecho em *O pai Goriot* eliminado pelo autor a partir de 1843, que projetava alguma luz sobre os antecedentes de tal personagem; os leitores não de encontrá-lo reproduzido na nota 139 desse romance. Tais alusões, porém, são tão vagas que, em vez de dissipar a obscuridade, aumentam-na, levando-nos a concluir que Balzac, embora tivesse a intenção de relatar a vida anterior de lady Brandon, ainda não a tinha ideado; se houvesse tido tempo de concluir o seu plano grandioso, teria acabado por escrever também essa história entre tantas outras que prometia no plano de *A comédia humana* publicado em 1845, cinco anos antes de morrer.

Assim, *A comédia humana* nada nos informa quanto ao passado de lady Brandon; ela nos esclarece, porém, acerca do destino que tiveram seus dois filhos. Em *Memórias de duas jovens esposas* — que precedem *O Romeiral* na ordem de colocação, mas relatam acontecimentos ulteriores, o que muitas vezes acontece em *A comédia humana* —, o filho menor, Maria-Gastão, desempenha um papel de primeiro plano; conhecendo agora esse triste episódio de sua infância, compreender-lhe-emos melhor a sensibilidade e a capacidade de afeição que tão completamente conquistaram Luísa de Chaulieu. Abstraindo-se desse aspecto, *O Romeiral* apenas serve para nos fazer lamentar ainda mais que *A comédia humana* não tenha sido concluída. Apesar de sua insignificância no conjunto de *A comédia humana*, mesmo *O Romeiral* tem seus admiradores. “Admiro infinitamente Balzac” — escreve Anatole France —; “acho-o o maior historiador da França moderna, a qual vive inteira em sua obra imensa. Mas à *Prima Bete* e ao *O pai Goriot* prefiro ainda uns simples contos: *O Romeiral*, por exemplo, ou *A mulher abandonada*.” Vá pela *A mulher abandonada*, que é — como veremos — uma pequena obra-prima. Porém preferir *O Romeiral* a *O pai Goriot*! Mas, também, France não era romancista de verdade, e aqui sua instintiva predileção pelo conto prejudicou-lhe a clarividência de crítico.

Onde se sente mais vida nessas poucas páginas é na descrição do Romeiral. Tem-se a impressão de que aquela chácara deve ter existido, o que é realmente o caso. O próprio Balzac a alugara durante vários anos, passou nela o verão de 1830 com a sra. de Berny e constantemente manteve o projeto de comprá-la, como ele mesmo o anuncia em várias cartas à condessa Hanska. Depois de Balzac, segundo informa L. J. Arrigon (em *Les annés romantiques de Balzac*), o Romeiral foi alugado por outro literato, o poeta Béranger.

paulo rónai

O ROMEIRAL

A D.W.[\[5\]](#)

O Romeiral é uma pequena vivenda situada à margem direita do Loire, abaixo e mais ou menos a uma milha de distância da ponte de Tours. Nesse sítio, o rio, largo como um lago, é semeado de ilhas verdes e margeado por uma rocha sobre a qual se elevam várias casas de campo, construídas de pedras brancas, cercadas de parreirais e de vergéis onde os mais belos frutos do mundo amadurecem ao clima do sul. Pacientemente terraplenadas por muitas gerações, as depressões do rochedo refletem os raios do sol e permitem cultivar em plena terra, graças a uma temperatura artificial, os produtos dos climas mais quentes. Numa das anfractuosidades menos profundas que recortam essa colina, ergue-se o campanário de Saint-Cyr, pequeno vilarejo do qual dependem todas essas casas esparsas. Um pouco mais longe, o Choisille lança-se no Loire por um fértil vale que interrompe esse longo outeiro. O Romeiral, situado a meia encosta do rochedo, a uma centena de passos da igreja é uma dessas velhas casas de dois ou três séculos de idade, que se encontram na Touraine em cada lugar aprazível. Uma fenda na rocha favoreceu a construção duma rampa que chega em declive suave ao dique, nome dado na região ao aterro feito no sopé da encosta para manter o Loire em seu leito, e pelo qual passa a estrada real de Paris e Nantes. No alto da rampa há um portão, onde começa um pequeno caminho pedregoso, conduzido entre dois terraços,

espécies de fortificações guarnecidas de parreirais e de latadas, destinadas a impedir o desmoronamento das terras. Esse caminho, executado ao pé do terraço superior e quase escondido pelas árvores do terraço que ele coroa, conduz à casa por um ligeiro aclave, deixando ver o rio cuja extensão aumenta a cada passo; e vai terminar num segundo portão de estilo gótico, em arco, coberto de alguns ornamentos simples, mas em ruínas tapadas de goivos silvestres, de hera, de musgo e de parietárias. Essas plantas indestrutíveis decoram os muros de todos os terraplenos, donde elas emergem pelas fendas das juntas, esboçando em cada estação novas guirlandas de flores.

Transpondo-se esse portão carcomido, um pequeno jardim, conquistado ao rochedo por um último terraço cuja velha balaustrada preta domina todas as outras, oferece à vista seu gramado ornado de algumas árvores verdes e de uma multidão de roseiras e de flores. Além, defronte ao portal, na outra extremidade do terraço, existe um pavilhão de madeira apoiado no muro vizinho, e cujos barrotes ficam escondidos por jasmineiros, madressilvas, parreiras e clematites. No meio desse último jardim ergue-se a casa, sobre uma escadaria curva, coberta de pâmpanos e junto à qual se encontra a porta duma enorme adega cavada na rocha. A habitação é cercada de vinhas e de romeiras: daí o nome dado a essa quinta. A fachada compõe-se de duas largas janelas separadas por uma porta intermediária muito rústica e de três mansardas rasgadas num telhado prodigiosamente alto em relação à pouca altura da parte térrea. Esse telhado de inclinação dupla é coberto com ardósias. As paredes do edifício principal são pintadas de amarelo; e a porta, os contraventos de baixo e as persianas das mansardas são verdes.

Ao entrar, encontra-se um pequeno patamar onde começa uma escada tortuosa, cujo sistema muda a cada volta; ela é de madeira quase podre; o corrimão, talhado em forma de parafuso, foi polido por um longo uso. À direita há uma ampla sala de refeições, lambrisada à antiga, pavimentada com ladrilhos brancos fabricados em Château-Regnault; à esquerda, um salão das mesmas dimensões, mas sem lambris e recoberto de papel amarelo com orla verde. Nenhuma das duas peças tem forro; as traves são de nogueira e os interstícios cheios

de um barro branco amassado com palha. No primeiro andar, há dois grandes quartos cujas paredes são pintadas a cal; as lareiras de pedra que nele existem são menos ricamente esculpidas do que as do andar térreo. Todas as aberturas são para o sul. No lado norte há apenas uma porta, que dá para o parreiral, aberta atrás da escada. À esquerda, encostada na casa, há uma construção cujo madeiramento é, pelo lado exterior, garantido da chuva e do sol por ardósias, que desenham sobre as paredes longas linhas azuis, longitudinais ou transversais. A cozinha, situada nessa espécie de choupana, comunica interiormente com a casa, mas tem também uma entrada particular, elevada de alguns degraus, embaixo dos quais existe um poço profundo encimado por uma bomba envolta por sabinas, por plantas aquáticas e altas ervas. Essa construção recente prova que o Romeiral era outrora uma simples cantina. Os proprietários vinham da cidade, da qual ele é separado pelo amplo leito do Loire, apenas para fazer a colheita ou alguma excursão de recreio. Enviavam de manhã cedo as provisões e só dormiam ali durante o tempo da vindima. Mas os ingleses caíram como uma nuvem de gafanhotos sobre a Touraine, e tornou-se preciso completar o Romeiral para alugá-lo. Felizmente, o apêndice moderno fica dissimulado sob as primeiras tílias de uma alameda plantada num barranco abaixo do parreiral. Este, que pode ter umas duas jeiras, ergue-se acima da casa e a domina inteiramente por um aclave tão íngreme que é difícil de ser escalado. Entre a casa e essa colina verdejante de parras há quando muito um espaço de cinco pés, sempre úmido e frio, espécie de fosso cheio de vegetações vigorosas onde cai, nos tempos de chuva, o adubo das parreiras que vai enriquecer o solo dos jardins sustidos pelo terraço de balaústres. A casa do lavrador encarregado de cuidar do vinhedo está encostada à parede da esquerda, é coberta com palha e de certo modo está em simetria com a cozinha. A propriedade é cercada de muros e de latadas; o vinhedo é plantado de árvores frutíferas de toda espécie, de maneira que nem uma polegada de terreno está perdida para a cultura. Se o homem despreza um árido espaço de rocha, a natureza nele lança ou uma figueira, ou flores campestres, ou alguns morangueiros protegidos pelas pedras.

Em nenhum lugar do mundo se encontraria uma vivenda a um tempo tão modesta e tão grande, tão rica em frutas, em perfumes, em panoramas. Ela é, no coração da Touraine, uma pequena Touraine, onde todas as flores, todos os frutos, todas as belezas dessa região estão totalmente representadas. Há uvas de todas as regiões, figos, pêssegos, peras de todas as espécies e melões, assim como o alcaçuz, a giesta de Espanha, os eloendros da Itália e os jasmims dos Açores. O Loire corre aos nossos pés. Dominamo-lo de um terraço que fica a umas trinta toesas acima de suas águas caprichosas; à tarde, respiramos suas brisas frescas vindas do mar e perfumadas pelas flores no caminho dos longos passeios. Uma nuvem, errante no espaço, que a cada momento muda de cor e de forma, sob um céu perfeitamente azul, dá mil aspectos novos a cada detalhe das paisagens magníficas que se apresentam aos olhos, em qualquer ponto onde se esteja. Daí o olhar abarca primeiro a margem esquerda do Loire desde Amboise, a fértil planície em que se erguem Tours, seus subúrbios, suas fábricas, o Plessis; depois uma parte da margem direita, que, desde Vouvray até Saint-Symphorien, descreve um semicírculo de penhascos tapetados de risonhos vinhedos. A vista só é limitada pelas ricas colinas do Cher, horizonte azulado, cheio de parques e de castelos. Finalmente, a oeste, a alma perde-se no rio imenso em que navegam a toda hora os barcos de velas brancas enfunadas pelos ventos que reinam quase sempre nessa vastidão líquida. Um príncipe pode fazer do Romeiral a sua casa de veraneio, mas certamente um poeta fará dele a sua residência; dois amantes verão nele o mais doce dos retiros, sendo o lugar de descanso para um bom burguês de Tours. Ele tem poesia para todas as imaginações, para as mais humildes e as mais frias, como para as mais elevadas e apaixonadas: ninguém aí permanece sem sentir a atmosfera da felicidade, sem conseguir uma vida completamente tranquila, livre de ambições e de cuidados. O devaneio está no ar e no murmúrio das ondas; as areias falam, são tristes ou alegres, ardorosas ou ternas; tudo é movimento em torno do possuidor desse vinhedo, imóvel no meio de suas flores vivas e de seus frutos apetitosos. Um inglês paga mil francos para morar durante seis meses nessa humilde casa, mas compromete-se a respeitar as colheitas; se quer os frutos, o aluguel é dobrado; se o

vinho o tenta, a soma é de novo dobrada. Quanto vale, pois, o Romeiral, com sua rampa, seu caminho, seu tríplice terraço, suas duas jéiras de parreira!, suas balaustradas de roseiras floridas, sua velha escadaria, sua bomba, suas clematites esgadelhadas e suas árvores cosmopolitas? Não ofereçam preço! O Romeiral jamais estará à venda. Uma vez comprado em 1690, e entregue a muito custo por quarenta mil francos, como um cavalo favorito vendido pelo árabe do deserto, ele ficou sempre na mesma família, é o orgulho, a joia patrimonial, o regente dela. Ver não é ter?, disse uma vez um poeta. Daí veem-se três vales da Touraine e sua catedral suspensa nos ares como uma obra em filigrana. Podem-se pagar tais tesouros? Poder-se-á jamais pagar a saúde que se recobra ali sob as tílias?

Na primavera de um dos mais belos anos da Restauração, uma dama, acompanhada duma criada e de duas crianças, a mais jovem das quais aparentava ter uns oito anos e a outra cerca de treze, foi a Tours procurar uma habitação. Viu o Romeiral e o alugou. Talvez a distância que o separava da cidade a decidisse a nele se instalar. O salão serviu-lhe de quarto de dormir, as crianças foram acomodadas nos quartos do primeiro andar, e a criada ocupou uma pequena peça situada sobre a cozinha. A sala de refeições tornou-se o salão comum à pequena família e o lugar de recepção. A casa foi mobiliada com muita simplicidade, mas com gosto; não havia nada inútil nem nada em que transparecesse luxo. Os móveis escolhidos pela desconhecida eram de nogueira, sem nenhum ornamento. O asseio e o acordo reinante entre o interior e o exterior da casa tornaram-na um encanto.

Foi, pois, muito difícil saber se a sra. Willemsens (nome que a estrangeira assumiu) pertencia à rica burguesia, à alta nobreza ou a certas classes equívocas da espécie feminina. Sua simplicidade dava lugar às mais contraditórias suposições, mas suas maneiras podiam confirmar as que lhe eram favoráveis. Por isso, pouco tempo depois de sua chegada a Saint-Cyr, sua conduta reservada excitou o interesse das pessoas ociosas, habituadas a observarem na província tudo o que parece dever animar a estreita esfera em que elas vivem. A sra. Willemsens era uma mulher de estatura bastante elevada, esguia e magra, mas de formas delicadas. Tinha lindos pés, mais notáveis pela

graça da sua postura que pela sua pequenez, mérito vulgar; e também mãos que pareciam belas sob as luvas. Algumas manchas vermelhas e instáveis arroxavam-lhe o rosto outrora fresco e colorido. Rugas precoces fanavam uma fronte de forma elegante, circundada por lindos cabelos castanhos, bem plantados e sempre arrumados em duas tranças circulares, penteado de virgem que sentava à sua fisionomia melancólica. Seus olhos negros, de olheiras fundas, encovados, cheios de um ardor febril, afetavam uma calma mentirosa; e, por momentos, se ela esquecia a expressão que se havia imposto, neles se estampavam angústias secretas. Seu rosto oval era um pouco longo; mas talvez outrora a felicidade e a saúde lhe dessem justas proporções. Um sorriso forçado, marcado de uma suave tristeza, errava habitualmente sobre seus lábios pálidos; contudo, a boca animava-se e o sorriso exprimia as delícias do sentimento maternal quando as duas crianças, que sempre a acompanhavam, fitavam-na ou dirigiam-lhe uma dessas perguntas inesgotáveis e ociosas, que sempre têm um sentido para uma mãe. Seu andar era lento e nobre. Ela conservava sempre a mesma indumentária com uma constância que anunciava a intenção formal de não mais se ocupar com sua aparência e de esquecer o mundo, pelo qual desejava sem dúvida ser esquecida. Usava um vestido negro muito comprido, ajustado por uma fita de chamalote, e, à guisa de xale, um fichu de cambraia com larga orla, cujas duas pontas eram negligentemente enfiadas no cinto. Calçada com um esmero que denotava hábitos de elegância, ela usava meias de seda cinza que completavam o tom de luto naquele traje convencional. Finalmente, o chapéu de forma inglesa e invariável, era de tecido cinzento e ornado com um véu negro. Ela parecia ser extremamente fraca e sofrer muito. O seu único passeio consistia em caminhar do Romeiral à ponte de Tours, onde, quando a tarde era calma, ia com as duas crianças respirar o ar fresco do Loire e admirar os efeitos produzidos pelo sol poente naquela paisagem tão vasta quanto a da baía de Nápoles ou do lago de Genebra. Durante toda a sua estada no Romeiral, ela só foi duas vezes a Tours: a primeira, para pedir ao diretor do colégio que lhe indicasse os melhores professores de latim, de matemática e de desenho; a segunda, para combinar com as pessoas que lhe foram indicadas o preço de suas

lições e as horas em que essas lições poderiam ser dadas às crianças. Mas bastava mostrar-se uma ou duas vezes por semana sobre a ponte, à tarde, para excitar o interesse de quase todos os habitantes da cidade, que aí passeiam habitualmente. Contudo, apesar da espécie de espionagem inocente a que dão origem na província a ociosidade e a curiosidade inquieta das principais rodas, ninguém conseguiu obter informações certas acerca da posição que a desconhecida ocupava na sociedade, nem sobre sua fortuna, nem mesmo a respeito do seu verdadeiro estado. Somente o proprietário do Romeiral declarou a alguns amigos o nome, sem dúvida verdadeiro, sob o qual a desconhecida alugara sua casa. Chamava-se Augusta Willemsens, condessa de Brandon. Esse nome deveria ser o do marido. Mais tarde, os últimos acontecimentos desta história confirmaram a veracidade dessa revelação; mas ela teve publicidade apenas no círculo de comerciantes frequentado pelo proprietário. Assim, a sra. Willemsens permaneceu constantemente um mistério para todas as pessoas de boa sociedade, e tudo o que lhes deixou ver nela foi uma natureza distinta, maneiras simples, deliciosamente naturais, e um timbre de voz duma doçura angélica. Sua profunda solidão, sua melancolia e sua beleza, tão apaixonadamente obscurecida, meio fanada mesmo, tinham tais encantos que muitos jovens se apaixonaram por ela. Mas quanto mais sincero, menos audacioso foi o amor deles: como ela era imponente, era difícil que alguém ousasse falar-lhe. Enfim, se alguns homens atrevidos lhe escreveram, as cartas devem ter sido queimadas sem terem sido abertas. A sra. Willemsens lançava ao fogo todas as que recebia, como se quisesse passar sem a mais leve preocupação todo o tempo da sua estada na Touraine. Ela parecia ter buscado aquele encantador retiro para entregar-se inteiramente à felicidade de viver. Os três professores que tiveram permissão de entrar no Romeiral falaram com uma espécie de admiração respeitosa do quadro tocante que apresentava a união íntima e sem nuvens daquelas crianças e daquela mulher.

As duas crianças despertaram igualmente muito interesse, e as mães não as podiam olhar sem inveja. Ambas pareciam-se com a sra. Willemsens; eram, na realidade, seus filhos. Tanto um como outro

tinham essa pele transparente e essas cores vivas, esses olhos puros e úmidos, esses longos cílios, esse frescor de formas que imprimem tanto esplendor à beleza da infância. O mais velho, chamado Luís-Gastão, tinha os cabelos negros e o olhar cheio de confiança. Tudo nele denotava uma saúde robusta, assim como a fronte, larga e alta, graciosamente contornada, parecia trair um caráter enérgico. Era lesto, ágil de movimentos, bem-feito de corpo; não tinha nada de artificial, não se espantava de nada, e parecia refletir sobre tudo o que via. O outro, chamado Maria-Gastão, era quase louro, se bem que algumas mechas estivessem já acinzentadas e tomassem a cor dos cabelos da mãe. Tinha as formas franzinas, a delicadeza de traços, a finura graciosa que tanto encantavam na sra. Willemsens. Parecia doentio: seus olhos cinzentos lançavam um olhar meigo, suas cores eram pálidas. Havia nele algo de feminino. A mãe conservava-lhe ainda o cabeção bordado, os longos cachos frisados e o pequeno casaco ornado de alamares e de botões, que reveste um rapazinho duma graça indizível, e trai esse prazer de atavio bem feminino a que se entrega a mãe talvez tanto quanto o filho. Esse lindo traje contrastava com a roupa simples do mais velho, sobre a qual assentava o colarinho liso da camisa. As calças, os borzeguins, a cor do casaco eram semelhantes e anunciavam dois irmãos, tanto quanto a parecença deles. Ao vê-los, era impossível não se ficar comovido com os cuidados de Luís por Maria. O mais velho tinha pelo mais moço qualquer coisa de paternal no olhar; e Maria, apesar da despreocupação da meninice, parecia reconhecido a Luís. Eram duas pequenas flores recém-separadas do galho, agitadas pela mesma brisa, iluminadas pelo mesmo raio de sol, uma colorida, outra descorada. Uma palavra, um olhar, uma inflexão de voz da mãe bastava para torná-los atentos, fazê-los voltar a cabeça, escutar, ouvir uma ordem, um pedido, uma recomendação, e obedecer. A sra. Willemsens fazia sempre com que eles compreendessem seus desejos, sua vontade, como se houvesse entre os três um pensamento comum. Quando, durante o passeio, eles estavam ocupados a brincar diante dela, colhendo uma flor, examinando um inseto, ela os contemplava com uma ternura tão profunda, que o mais indiferente dos transeuntes se sentia emocionado, parava para ver os meninos, sorrir-lhes e

cumprimentar a mãe com um olhar amistoso. Quem não admiraria a rara correção das suas roupas, o lindo timbre das suas vozes, a graça dos seus movimentos, as suas fisionomias felizes e a instintiva nobreza que revelava neles uma educação esmerada desde o berço? Aquelas crianças pareciam nunca ter gritado nem chorado. A mãe tinha como que uma providência elétrica de seus desejos e de suas dores, prevenindo-os, aclamando-os incessantemente. Ela parecia temer mais um de seus queixumes que a condenação eterna. Naquelas crianças tudo era um elogio para a mãe; e o quadro daquelas três vidas, que pareciam uma mesma vida, despertava ideias vagas e acariciadoras, imagem dessa felicidade que sonhamos gozar num mundo melhor. A vida íntima dessas três criaturas tão harmoniosas correspondia à ideia que se fazia pelo aspecto delas: era a vida ordenada, regular e simples que convém à educação das crianças. Ambos levantavam-se uma hora depois do raiar do dia e recitavam primeiro uma curta oração, a que estavam habituados desde pequenos, palavras sinceras, ditas durante sete anos no leito da mãe, iniciadas e terminadas entre dois beijos. Depois, os dois irmãos, acostumados sem dúvida a esses minuciosos cuidados pessoais, tão necessários à saúde do corpo e à pureza da alma, e que dão de certo modo a consciência do bem-estar, arrumavam-se tão escrupulosamente quanto pode arrumar-se uma linda mulher. Eles não descuidavam de nada, tal era o temor que um e outro tinham duma censura por mais ternamente que lhes fosse dirigida pela mãe, quando, ao beijá-los, na hora do café, dizia-lhes, conforme as circunstâncias: “Meus queridos anjos, onde é que vocês já conseguiram sujar as unhas?”. Ambos desciam então ao jardim, onde sacudiam as impressões da noite no orvalho e no frescor, esperando que a criada preparasse o salão comum, onde estudavam suas lições até que a mãe se levantasse. Mas de momento em momento eles iam espiar se ela já estava acordada, se bem que não devessem entrar em seu quarto senão numa hora convencionada. Essa irrupção matinal, que todas as vezes transgredia a combinação feita, era sempre uma cena deliciosa tanto para eles como para a sra. Willemsens. Maria saltava sobre a cama para passar os braços em torno do pescoço de seu ídolo, enquanto Luís, ajoelhado à cabeceira, tomava a mão da mãe. Era então uma série de

interrogações inquietas, como as que um amante propõe à amada; depois risos angélicos, carícias a um tempo apaixonadas e puras, silêncios eloquentes, tartamudezes, histórias infantis interrompidas e recomeçadas por beijos, raramente concluídas, sempre escutadas...

— Vocês estudaram? — perguntava a mãe, mas com uma voz doce e amiga, prestes a lamentar a preguiça como um mal, pronta a lançar um olhar marejado de lágrimas àquele que se achasse contente consigo mesmo.

Ela sabia que os filhos estavam animados pelo desejo de agradá-la; eles sabiam que a mãe não vivia senão para eles, conduzia-os na vida com toda a inteligência do amor e lhes dava todos os seus pensamentos, todas as suas horas. Um senso maravilhoso, que não é ainda nem o egoísmo nem a razão, que talvez seja o sentimento em sua candura inicial, mostra às crianças se elas são ou não objeto de cuidados exclusivos, e se é com satisfação que tratam delas. Amai-as: vereis então como essas queridas criaturas, que só ressumbram franqueza e justiça, nos ficarão admiravelmente reconhecidas. Elas amam com paixão, com ciúme, têm as mais graciosas delicadezas, encontram para dizer as palavras mais ternas; são confiantes, acreditam em tudo o que lhes dissermos. Talvez por isso é que não há filhos maus sem mães más; pois a afeição que eles dedicam depende sempre daquela que lhes foi dedicada, das primeiras atenções que receberam, das primeiras palavras que ouviram, dos primeiros olhares em que procuraram o amor e a vida. Tudo se torna, assim, atrativo ou tudo é repulsão. Deus colocou os filhos no seio da mãe para que ela compreendesse que eles aí deviam permanecer muito tempo. Entretanto, encontram-se mães cruelmente desprezadas, ternas e sublimes ternuras constantemente feridas: medonhas ingratidões, que provam o quanto é difícil estabelecer princípios absolutos em matéria de sentimento. Não faltava no coração daquela mãe e no de seus filhos nenhum dos mil liames que os deviam ligar uns aos outros. Sozinhos no mundo, eles viviam a mesma vida e se compreendiam bem. Quando, de manhã, a sra. Willemsens permanecia silenciosa, Luís e Maria calavam-se respeitando tudo nela, até mesmo os pensamentos de que eles não partilhavam. Mas o mais velho, dotado duma

inteligência já robusta, não se contentava nunca com a afirmativa de gozar de boa saúde, que lhe fazia a mãe: estudava-lhe o rosto com uma sombria inquietação, ignorando o perigo, mas pressentindo-o quando via em redor de seus olhos com olheiras manchas violáceas, quando notava suas órbitas mais encovadas e os rubores das faces mais fortes. Possuidor duma sensibilidade acurada, ele percebia quando os brinquedos do irmão começavam a fatigá-la, e sabia então dizer a ele:

— Vem, Maria, vamos comer, estou com fome.

Mas, ao atingir a porta, voltava-se para surpreender a expressão do rosto da mãe, que para ele ainda encontrava um sorriso; e muitas vezes mesmo lágrimas rolavam-lhe dos olhos, quando um gesto do filho revelava-lhe um sentimento apurado, uma precoce compreensão do sofrimento.

O tempo destinado à primeira refeição e ao recreio dos filhos a sra. Willemsens empregava-o em arrumar-se. Fazia isso por eles, gostava de agradá-los, de satisfazê-los em todas as coisas, queria ter encantos para eles, queria ser-lhes atraente como um perfume ao qual se volta sempre. Ela estava sempre preparada para a explicação das lições, que tinha lugar entre dez e três horas, mas que era interrompida ao meio-dia para o almoço, realizado em comum no pavilhão do jardim. Depois dessa refeição havia uma hora dedicada aos brinquedos, durante a qual a ditosa mãe, a pobre mulher permanecia deitada num divã colocado no pavilhão, donde se divisava aquela maravilhosa Touraine, incessantemente cambiante, renovada sem cessar pelos mil acidentes da luz, do céu, da estação. Os dois filhos pulavam pelo jardim, subiam nos terraços, corriam atrás dos lagartos, juntos e eles próprios ágeis como o lagarto; admiravam sementes e flores, estudavam insetos, e acerca de tudo iam indagar da mãe. Eram então idas e vindas perpétuas ao pavilhão. No campo, as crianças não têm necessidade de brinquedos, tudo é distração para elas. A sra. Willemsens assistia às lições fazendo tapeçaria. Permanecia silenciosa, não olhava para os professores nem para os filhos; escutava com atenção, como procurando apreender o sentido das palavras e saber vagamente se Luís fazia progressos: embaraçasse ele o professor com uma pergunta, acusando assim seu aproveitamento, os olhos da mãe então se

animavam, ela sorria e lançava-lhe um olhar transbordante de esperança. Ela exigia pouca coisa de Maria. Seu desvelo era para o mais velho, a quem testemunhava uma espécie de respeito, empregando todo o seu tato de mulher e de mãe em elevar-lhe a alma, em dar-lhe um alto conceito de si mesmo. Esse proceder encobria um pensamento secreto que o menino deveria compreender um dia, e que compreendeu. Após cada lição ela acompanhava os professores até a primeira porta, e, ali, pedia-lhes conscienciosamente contas dos estudos de Luís. Era tão afetuosa e tão cativante que os explicadores diziam-lhe a verdade, para auxiliá-la a fazer Luís esforçar-se nos pontos em que lhes parecia fraco. Chegava a hora do jantar; depois, o brinquedo, o passeio; finalmente, à noite, estudavam as lições.

Assim era a vida deles, vida uniforme, mas cheia, onde o estudo e as distrações, habilmente combinados, não davam lugar algum ao tédio. Os desânimos e as disputas eram impossíveis. O amor sem limites da mãe tornava tudo fácil. Ela dera discrição a seus filhos nunca lhes recusando nada, coragem louvando-os oportunamente, resignação fazendo-os perceber a necessidade sob todas as suas formas; desenvolvera-lhes, fortificara-lhes a angélica natureza com um cuidado de fada. Às vezes, algumas lágrimas umedeciam seus olhos ardentes, quando, vendo-os brincar, pensava que eles não lhe haviam causado o mínimo desgosto. Uma grande felicidade, uma felicidade completa, só nos faz chorar assim por ser uma imagem do céu, do qual todos nós temos uma confusa percepção. Ela passava horas deliciosas estendida num canapé campestre, contemplando um dia lindo, uma grande extensão de água, uma região pitoresca, ouvindo a voz dos filhos, seus risos que nasciam do próprio riso, e suas pequenas discussões onde se espelhava a união que havia entre eles, o sentimento paternal de Luís por Maria, e o amor de ambos por ela. Todos dois, por terem tido na primeira infância uma ama inglesa, falavam tão bem o francês como o inglês; por isso ela servia-se alternativamente das duas línguas na conversação. Dirigia admiravelmente bem suas jovens almas, não lhes deixando entrar no entendimento nenhuma ideia errônea, nenhum princípio mau no coração. Governava-os pela doçura, não lhes escondendo nada, explicando-lhes tudo. Quando Luís desejou ler, ela

procurou dar-lhe livros interessantes, mas verdadeiros. Eram vidas de marinheiros célebres, biografias de grandes homens, de capitães ilustres, encontrando nos menores detalhes dessa espécie de livros mil ocasiões para lhe explicar prematuramente o mundo e a vida; insistindo sobre os meios de que se serviram as pessoas obscuras, mas realmente grandes, saídas, sem protetores, das últimas camadas da sociedade, para chegarem a nobres destinos. Essas lições, que não eram as menos úteis, eram dadas quando o pequeno Maria adormecia sobre os joelhos da mãe, no silêncio de uma noite linda, quando o Loire refletia os céus; mas elas redobravam sempre a melancolia daquela encantadora mulher, que terminava por calar-se e permanecer imóvel, pensativa, com os olhos rasos de lágrimas.

— Por que chora, mamãe? — perguntou-lhe Luís num belíssimo entardecer do mês de junho, no momento em que as meias-tintas duma noite suavemente iluminada sucediam a um dia cáldido.

— Meu filho — respondeu ela, enlaçando pelo pescoço a criança, cuja emoção secreta a impressionou vivamente —, eu choro porque a condição inicialmente pobre de Jameray-Duval,^[6] que triunfou sem auxílio de ninguém, é a mesma que eu te dei a ti e a teu irmão. Muito breve, meu filho, vocês estarão sozinhos no mundo, sem arrimo, sem proteção. Eu os deixarei ainda pequenos, e queria contudo ver-te bastante forte, bastante instruído para servires de guia a Maria. E não terei mais tempo. Amo muito a vocês para que esses pensamentos não me tornem bem infeliz. Filhos queridos, contanto que vocês um dia não me maldigam...

— E por que iria um dia maldizê-la, mamãe?

— Um dia, filhinho — disse ela beijando-o na testa —, tu reconhecerás que eu cometi erros em relação a vocês. Eu abandonarei vocês no mundo, sem fortuna, sem...

Hesitou.

— Sem um pai — concluiu.

A essa palavra prorrompeu em lágrimas, afastou suavemente o filho, que, por uma espécie de intuição, adivinhou que a mãe queria ficar só, e levou consigo Maria meio adormecido. Uma hora mais tarde, tendo já deitado o irmão, voltou a passos discretos para o pavilhão

onde estava a mãe. Ouviu então esse chamado feito por uma voz doce a seu coração:

— Vem, Luís!

O menino lançou-se nos braços da mãe, e ambos se abraçaram quase convulsivamente.

— Querida — disse ele afinal, pois seguidamente dava-lhe esse nome, chegando mesmo a achar os termos amorosos muito fracos para exprimir seus sentimentos —, querida, por que pensa em morrer?

— Porque estou doente, anjinho querido; cada dia, minhas forças diminuem, e meu mal é sem remédio, eu sei.

— Qual é o seu mal?

— Eu devo esquecê-lo; e tu nunca deverás saber a causa da minha morte.

O menino permaneceu silencioso um momento, lançando olhares de esguelha para a mãe, que, de olhos erguidos para o céu, contemplava as nuvens. Momento de doce melancolia! Luís não acreditava na morte próxima da mãe, mas percebia-lhe os desgostos sem os adivinhar. Respeitou aquele longo devaneio. Se não fosse tão jovem, ele teria lido naquele rosto sublime um certo arrependimento misturado a recordações felizes, toda uma vida de mulher: uma infância despreocupada, um casamento frio, uma paixão terrível, flores nascidas numa tempestade, fulminadas pelo raio, atiradas num abismo donde nada conseguiria voltar.

— Mãezinha querida — disse por fim Luís —, por que me esconde seus sofrimentos?

— Meu filho — respondeu ela —, devemos esconder nossos males aos olhos de estranhos, mostrar-lhes um semblante risonho, nunca falar-lhes de nós, interessar-nos por eles: essas máximas, praticadas na vida de família, são nela uma das causas da felicidade! Terás muito que sofrer um dia! Pois bem, lembra-te da tua pobre mãe que agonizava diante de ti sempre te sorrindo e te escondendo suas dores: encontrarás então coragem para suportar os males da vida.

Nesse momento, reprimindo suas lágrimas, ela procurou revelar ao filho o mecanismo da existência, o valor, a estabilidade, a consistência da fortuna, as relações sociais, os meios honrosos de juntar o dinheiro

exigido pelas necessidades da vida, e a necessidade da instrução. Depois declarou-lhe uma das causas de sua tristeza habitual e de seus prantos, dizendo-lhe que, no dia seguinte à sua morte, ele e Maria estariam na miséria, possuindo apenas uma fraca soma, e sem outro protetor que Deus.

— É urgente que eu termine os estudos! — exclamou o menino lançando à mãe um olhar tristonho e profundo.

— Ah! como sou feliz — disse ela cobrindo o filho de beijos e lágrimas. — Ele me compreende! Luís — acrescentou —, tu serás o tutor de teu irmão, não é? Prometes? Tu não és mais uma criança!

— Sim — respondeu ele —, mas a senhora não vai morrer já, não é?

— Pobres filhos — respondeu ela —, meu amor por vocês me mantém! Depois, esta região é tão linda, o ar aqui é tão bom, quem sabe ...

— A senhora me faz amar ainda mais a Touraine — disse o menino emocionado.

Depois desse dia em que a sra. Willemsens, prevendo sua morte próxima, falara ao filho mais velho do futuro que lhe estava reservado, Luís, que completara catorze anos, tornou-se menos distraído, mais aplicado, menos disposto a brincar do que antes. Fosse porque ele tivesse sabido persuadir Maria a ler em vez de entregar-se a distrações barulhentas ou não, o fato é que os dois meninos fizeram menos algazarra através dos caminhos, dos jardins, dos terraços escalonados do Romeiral. Eles conformaram suas vidas ao pensamento melancólico da mãe, cuja tez empalidecia dia a dia, adquirindo tons amarelados, e cuja fronte se encovava nas têmporas, onde as rugas tornavam-se mais profundas a cada noite.

No mês de agosto, cinco meses depois da chegada da pequena família ao Romeiral, tudo ali mudara. Observando os sintomas ainda leves da lenta degradação que minava o corpo de sua patroa, mantida apenas por uma alma apaixonada e um extremoso amor por seus filhos, a velha criada tornara-se sombria e triste; ela parecia possuir o segredo daquela morte antecipada. Muitas vezes, quando sua patroa, bela ainda, mais faceira do que nunca, adornando seu corpo mirrado e pintando-se, passeava no alto terraço acompanhada dos dois filhos, a

velha Annette espiava entre as duas sabinas junto à bomba, esquecia o trabalho iniciado, ficava com a costura na mão e mal podia conter as lágrimas ao ver uma sra. Willemsens tão pouco parecida com a encantadora mulher que ela conhecera.

Aquela linda casa, a princípio tão alegre, tão animada, parecia ter se tornado triste; estava silenciosa, os habitantes saíam, a sra. Willemsens já não podia ir passear na ponte de Tours sem grande esforço. Luís, cuja compreensão se desenvolvera extraordinariamente, e que por assim dizer se identificara com a mãe, tendo percebido a fadiga e as dores sob o carmim, inventava sempre pretextos para não fazer um passeio que se tornara cansativo demais para ela. Os alegres pares que iam agora a Saint-Cyr, a pequena Courtille[7] de Tours, e os grupos de passeantes viam no alto do outeiro, à tarde, aquela mulher pálida e magra, toda de luto, meio consumida, mas ainda vistosa, caminhando como um fantasma ao longo dos terraços. Os grandes sofrimentos se adivinham. Por isso a casa do lavrador tinha se tornado silenciosa. Às vezes o camponês, sua mulher e seus dois filhos achavam-se agrupados à porta da sua cabana: Annette lavava no poço; a sra. Willemsens e seus filhos estavam no pavilhão; mas não se ouvia o mínimo ruído naqueles alegres jardins. E, sem que a sra. Willemsens se apercebesse, todos os olhos a contemplavam enternecidos. Ela era tão boa, tão previdente, tão insinuante para aqueles que se lhe aproximavam! Quanto a ela, desde o início do outono, tão lindo, tão brilhante na Touraine, e cujas influências benfazejas, as uvas, os frutos deviam prolongar a vida daquela mãe além do termo fixado pelas devastações de um mal desconhecido, ela não via senão os filhos. Vê-los era a sua alegria, e dela gozava a cada hora como se fosse a derradeira.

Desde junho até fins de setembro, Luís estudou à noite sem que a mãe o soubesse, e fez enormes progressos; tinha chegado às equações do segundo grau em álgebra, aprendera geometria descritiva, desenhava maravilhosamente: em suma, poderia submeter-se com sucesso ao exame imposto aos rapazes que querem ingressar na Escola Politécnica. Às vezes, à noite, ele ia passear na ponte de Tours, onde tinha encontrado um tenente da marinha reformado: a figura máscula, a condecoração, o porte desse marinheiro do Império tinham agido

sobre sua imaginação. O marinheiro, por sua vez, tomara-se de amizade por um rapaz cujos olhos cintilavam de energia. Luís, ávido de narrativas militares e curioso de informações, ia flunar nas águas do marinheiro para conversar com ele. O tenente reformado tinha por amigo e companheiro um coronel de infantaria, proscrito como ele da ativa militar; o jovem Gastão podia, pois, ficar a par tanto da vida na tropa como da vida a bordo. Assim é que ele crivava de perguntas os dois militares. Depois, tendo abraçado, antecipadamente, as penas e a dureza daquelas existências, pediu à mãe permissão para viajar pelo distrito a fim de se distrair. Ora, como os professores, surpresos, dissessem à sra. Willemsens que seu filho estudava muito, ela acolheu o pedido com um prazer infinito. O menino pôs-se a fazer caminhadas enormes. Querendo tornar-se resistente à fadiga, trepava nas árvores mais altas com uma incrível agilidade; aprendeu a nadar; velava. Não era mais o mesmo menino; era um rapaz a cujo rosto o sol dera um tom moreno, e onde não sei que profundo discernimento já transparecia.

O mês de outubro chegou. A sra. Willemsens só podia levantar-se ao meio-dia, quando os raios do sol, refletidos pelas águas do Loire e concentrados nos terraços, produziam no Romeiral aquela temperatura igual à dos cálidos dias da baía de Nápoles, que levam os médicos a recomendar essa região. Ela sentava-se então sob as árvores verdes, e seus dois filhos não mais se afastavam dela. Os estudos cessaram e os professores foram dispensados. Os meninos e a mãe quiseram viver no coração uns dos outros, sem preocupações, sem distrações. Não mais havia ali choros nem gritos alegres. Luís, na relva ao lado da mãe, ficava sob os seus olhos, como um amante, e beijava-lhe os pés. Maria, inquieto, ia colher flores para ela, trazia-as com um ar triste, e espichava-se na ponta dos pés para receber nos lábios um beijo amoroso. Aquela mulher branca, de grandes olhos negros, extremamente abatida, lenta em seus movimentos, jamais se queixava, sorrindo a seus dois filhos vivazes, dotados de uma bela saúde; com eles formava um quadro sublime ao qual não faltavam nem as pompas melancólicas do outono, com suas folhas amarelecidas e suas árvores meio desfolhadas, nem a suave luz do sol e as nuvens brancas da

Touraine.

Por fim, a sra. Willemsens foi condenada por um médico a não mais sair do quarto. Este era diariamente enfeitado com flores de que ela gostava, e os filhos dali não se afastavam. Nos primeiros dias de novembro ela tocou piano pela última vez. Havia uma paisagem suíça acima do piano. Do lado da janela, os dois filhos, juntos um do outro, mostraram-lhe suas cabeças confundidas. Seu olhar viajou então constantemente dos filhos para a paisagem e da paisagem para os filhos. Coloriu-se-lhe o rosto e seus dedos correram com paixão sobre as teclas de marfim. Foi essa sua última festa, festa invisível, festa celebrada no âmago da sua alma pelo gênio das recordações. Ao ir vê-la, o médico ordenou-lhe que se conservasse na cama. Essa terrível sentença foi recebida pela mãe e pelos filhos num silêncio quase estúpido.

Quando o médico retirou-se:

— Luís — disse ela —, conduza-me ao terraço, para que eu ainda veja minha terra.

A essa frase proferida com toda a naturalidade, o menino deu o braço à mãe e a conduziu ao terraço. Ali, seus olhos detiveram-se, involuntariamente, talvez, mais sobre o céu que sobre a terra; mas seria difícil julgar nesse momento onde estavam as mais belas paisagens, porque as nuvens representavam vagamente as mais majestosas geleiras dos Alpes. A testa enrugou-se-lhe violentamente, seus olhos adquiriram uma expressão de dor e de remorso, ela tomou as mãos dos filhos e as encostou no seu coração intensamente agitado:

— *Pai e mãe desconhecidos!* — exclamou, lançando-lhes um olhar profundo. — Pobres anjos, que será de vocês? Aos vinte anos, que contas severas não me irão pedir da minha vida e da de vocês?

Afastou as crianças, apoiou os dois cotovelos sobre a balaustrada, escondeu o rosto nas mãos e ficou ali, durante um momento, sozinha consigo mesma, temendo deixar-se ver. Quando despertou da sua dor, encontrou Luís e Maria ajoelhados um de cada lado dela, como dois anjos; eles espreitavam-lhe o olhar, e ambos sorriram-lhe meigamente.

— Por que não posso levar este sorriso!? — disse ela enxugando as lágrimas.

Entrou para recolher-se ao leito. Só haveria de sair deitada no esquiife.

Decorreram oito dias, oito dias todos semelhantes uns aos outros. A velha Annette e Luís ficavam cada um por sua vez durante a noite junto à sra. Willemsens, com os olhos fitos nos da doente. Era a todo momento esse drama profundamente trágico, e que se passa em todas as famílias quando se teme, a cada respiração mais forte de um doente adorado, que seja a última. No quinto dia dessa fatal semana, o médico proscreeu as flores. As ilusões da vida iam-se uma a uma.

Desde esse dia, Maria e o irmão sentiam fogo nos lábios quando beijavam a mãe na testa. Finalmente, sábado à tarde, não podendo a sra. Willemsens suportar nenhum ruído, seu quarto teve que ficar em desordem. Essa desarrumação foi um começo de agonia para aquela mulher elegante, apaixonada pela beleza. Luís não quis mais abandonar a mãe. Durante a noite de domingo, à claridade de uma lâmpada e em meio ao mais profundo silêncio, Luís, que supunha a mãe adormecida, viu-a afastar o cortinado com uma mão branca e úmida.

— Meu filho! — disse ela.

A voz da moribunda teve qualquer coisa de tão solene, que seu poder, oriundo duma alma agitada, influiu violentamente sobre o menino; ele sentiu um calor desmedido na medula dos ossos.

— Que é que tu queres, mãezinha?

— Escuta. Amanhã, tudo estará acabado para mim. Não nos veremos mais. Amanhã, tu serás um homem, meu filho. Assim, vejo-me obrigada a tomar algumas resoluções que ficarão em segredo entre nós dois. Pega a chave da minha mesinha. Bem! Abre a gaveta. À esquerda encontrarás dois papéis lacrados. Num está escrito: Luís; no outro: Maria.

— Estão aqui, mamãe.

— Filho querido, são as certidões de nascimento de vocês; vocês precisarão delas. Tu as darás a Annette para guardá-las, e ela as restituirá a vocês quando precisarem delas.

— Agora — voltou ela —, não há no mesmo lugar um papel em que eu escrevi algumas linhas?

— Sim, mamãe.

E Luís começou a ler: *Maria Willemsens, nascida em...*

— Basta — disse ela com energia. — Não continues. Quando eu morrer, meu filho, tu entregará também esse papel a Annette e lhe dirás que o apresente na *mairie*^[8] de Saint-Cyr, onde ele servirá para redigirem exatamente meu atestado de óbito. Pega o necessário para escrever uma carta que eu te vou ditar.

Quando viu que o filho estava pronto e que se voltava para ela a fim de escutá-la, disse numa voz calma:

Senhor conde, sua mulher, lady Brandon, morreu em Saint-Cyr, próximo a Tours, departamento de Indre-e-Loire. Ela o perdeu.

— Assina...

Parou, indecisa, agitada.

— Está sentindo-se mal? — perguntou Luís.

— Assina: *Luís-Gastão!*

Ela suspirou e depois prosseguiu:

— Fecha a carta e escreve o seguinte endereço: *Para lord Brandon, Brandon-Square, Hyde-Park. Londres. Inglaterra.*

— Bem — tornou ela —, no dia da minha morte põe esta carta no correio de Tours.

— Agora — continuou depois de uma pausa —, agarra a pequena pasta que tu conheces e vem para perto de mim, meu filho.

— Há aí — disse quando Luís retomou seu lugar — doze mil francos. Eles são de vocês. Vocês seriam mais ricos se seu pai...

— Meu pai! — exclamou o menino. — Onde está ele?

— Morto — disse ela pondo um dedo sobre os lábios —, morto para salvar a honra e a vida.

Ergueu os olhos para o céu. Teria chorado se ainda tivesse lágrimas para a dor.

— Luís — voltou ela —, jura-me aqui, à minha cabeceira, esquecer o que escreveste e o que eu te disse.

— Juro, mãe.

— Beija-me, querido.

Fez uma longa pausa, como que para buscar coragem em Deus e medir suas palavras pelas forças que lhe restavam.

— Escuta. Esses doze mil francos são toda a fortuna de vocês; é preciso que os guardes contigo, porque, quando eu morrer, virão oficiais de justiça que fecharão tudo aqui. Nada mais pertencerá a vocês, nem mesmo sua mãe! E vocês, pobres órfãos, não terão nada mais a fazer que ir embora, Deus sabe para onde. Providenciei pela sorte de Annette. Ela terá cem escudos anualmente, e com certeza permanecerá em Tours. Mas que farás de ti e de teu irmão?

Ela sentou-se na cama e olhou o menino intrépido, que, com a fronte aljofrada de suor, pálido de emoção, os olhos meios velados pelas lágrimas, permanecia de pé diante do leito.

— Mãe — respondeu ele num tom de voz profundo —, já pensei nisso. Colocarei Maria no colégio de Tours. Darei dez mil francos à velha Annette, recomendando-lhe que os ponha em segurança e vele por meu irmão. Depois, com os cem luíses restantes, irei a Brest, onde embarcarei como grumete. Enquanto Maria estuda, eu me tornarei tenente da Marinha. Morre tranquila, mãezinha; vai: hei de ficar rico e farei meu irmão entrar na Escola Politécnica, onde o encaminharei segundo sua vocação.

Um lampejo de alegria brilhou nos olhos meio apagados da mãe; duas lágrimas brotaram deles e rolaram por suas faces afogueadas. Depois, um longo suspiro se lhe escapou dos lábios, e ela quase morreu, vítima de um acesso de alegria, pois encontrava a alma do pai na do filho, feito homem de repente.

— Anjo do céu — disse ela chorando —, com poucas palavras apagaste todas as minhas dores. Ah! posso sofrer! É meu filho — tornou —, eu fiz, eu formei este homem!

Ela ergueu as mãos no ar e juntou-as, como que para exprimir uma alegria sem limites; depois tornou a deitar-se.

— Estás empalidecendo, mãezinha! — exclamou o menino.

— É preciso ir buscar um padre — exclamou ela com voz agonizante.

Luís acordou a velha Annette, que, assustada, correu ao presbitério de Saint-Cyr.

De manhã, a sra. Willemsens recebeu os sacramentos no meio da

mais tocante solenidade. Os filhos, Annette e o lavrador com os seus, pessoas simples que já faziam parte da família, estavam ajoelhados. A cruz de prata, carregada por um humilde menino de coro, um menino de coro de aldeia, erguia-se diante do leito, e um velho padre administrava o viático à mãe moribunda. O viático, palavra sublime, ideia mais sublime ainda que a palavra, e que é posse exclusiva da religião apostólica da Igreja romana.

— Esta mulher sofreu muito! — disse o velho cura na sua linguagem simples.

Augusta Willemsens não ouvia mais, mas seus olhos permaneciam fixos nos dois filhos. Cada um, presa do terror, escutava no mais profundo silêncio a respiração da moribunda, cada vez mais fraca. De quando em quando, um suspiro profundo anunciava ainda a vida, traindo uma luta interior. Por fim, a mãe não respirou mais. Todos romperam em pranto, exceto Maria. O pobrezinho era muito criança para compreender a morte. Annette e a camponesa fecharam os olhos daquela admirável criatura, cuja beleza reapareceu então em todo o seu esplendor. Elas pediram a todos que saíssem, retiraram os móveis do quarto, colocaram a morta em sua mortalha, deitaram-na, acenderam velas em torno do leito, dispuseram a piazinha de água benta, o ramo de buxo e o crucifixo, conforme o uso da região, fecharam os postigos das janelas, estenderam as cortinas; mais tarde o vigário voltou para passar a noite em prece ao lado de Luís, que não quis abandonar a mãe. Terça-feira de manhã foi feito o enterro. A velha criada, os dois meninos e a camponesa foram as únicas pessoas que acompanharam o corpo duma mulher da qual o espírito, a beleza e a graça tinham renome na Europa, e cujo enterro em Londres teria sido uma notícia pomposamente registrada nos jornais, uma espécie de solenidade aristocrática, se ela não tivesse cometido o mais doce dos crimes, um crime sempre punido neste mundo, para que esses anjos perdoados entrem no céu. Quando a terra cobriu o caixão da mãe, Maria chorou, compreendendo que não mais a veria.

Uma simples cruz de madeira, plantada em seu túmulo, levou esta inscrição devida ao cura de Saint-Cyr:

AQUI JAZ
UMA MULHER INFELIZ,

morta aos trinta e seis anos,
chamada Augusta no céu.

Orai por ela!

Quando tudo terminou, os dois meninos voltaram ao Romeiral e lançaram para a casa um derradeiro olhar; depois, de mãos dadas, dispuseram-se a abandoná-lo com Annette, confiando tudo aos cuidados do lavrador e encarregando-o de responder à justiça.

A velha criada chamou então Luís nos degraus da bomba, levou-o para um lado e disse-lhe:

— Sr. Luís, eis o anel de sua mãe.

O menino chorou, comovido por encontrar uma recordação viva de sua mãe morta. Ele nunca poderia ter imaginado esse cuidado supremo. Beijou a velha criada. Depois, partiram os três pelo caminho entre os terraços, desceram a rampa e dirigiram-se para Tours sem voltar a cabeça.

— Mamãe vinha por aqui — disse Maria ao chegar à ponte.

Annette tinha uma velha prima, antiga costureira residente em Tours, na rue de la Guerche. Conduziu os dois meninos à casa de sua parenta, com quem pensava viver em comum. Mas Luís explicou-lhe seus projetos, entregou-lhe a certidão de nascimento de Maria e os dez mil francos; depois, acompanhado da velha criada, levou no dia seguinte o irmão ao colégio. Pôs o diretor a par de sua situação, mas resumidamente, e saiu arrastando o irmão até a porta. Ali, fez-lhe solenemente as mais ternas recomendações, anunciando-lhe sua solidão no mundo; e, depois de o ter contemplado um momento, abraçou-o, tornou a fitá-lo, enxugou uma lágrima e partiu, voltando-se várias vezes para ver até o último instante o irmão que ficara parado no portal do colégio.

Um mês depois, Luís-Gastão achava-se como grumete a bordo dum navio do Estado e zarpava da enseada de Rochefort. Apoiado na pavesada da corveta *Íris*, ele fitava a costa da França que fugia

rapidamente e se diluía na linha azulada do horizonte. Em breve sentiu-se só e perdido no meio do oceano, como o era no mundo e na vida.

— Não se deve chorar, rapazinho! Há um Deus para todos — disse-lhe um velho marujo com sua voz grossa e ao mesmo tempo rude e carinhosa.

O menino agradeceu a esse homem com um olhar cheio de orgulho. Depois, baixou a cabeça, resignando-se à vida dos marinheiros. Tinha se tornado pai.

Angoulême, agosto de 1832

A MULHER ABANDONADA

TRADUÇÃO DE **CASIMIRO FERNANDES**

INTRODUÇÃO

A estrutura de *A comédia humana* não obedece ao critério cronológico. Se na leitura dos romances, novelas e contos que a compõem seguirmos a ordem definitiva estabelecida por Balzac (e rigorosamente observada na presente edição), acontecer-nos-á mais de uma vez ler o fim de uma história antes de seu começo. Não se trata absolutamente de um desleixo. O escritor preveniu as possíveis censuras a essa aparente desordem no prefácio à primeira edição de *Uma filha de Eva* (supresso na edição definitiva).

“Esta longa história” — escreve, referindo-se ao conjunto de *A comédia humana* — “terá infelizmente aos olhos de certas pessoas lógicas um vício capital... Ter-se-á o meio de uma vida antes do seu começo, o começo depois do fim, a história da morte antes da do nascimento. Mas é assim mesmo no mundo social. Encontramos no meio de um salão um homem que teremos perdido de vista há dez anos — é primeiro-ministro ou capitalista; tendo-o conhecido sem redingote, sem espírito público ou privado, admiramo-nos de sua glória, espantamo-nos de sua fortuna ou de seus talentos; depois, a um canto do salão, algum delicioso narrador mundano traça-nos em meia hora a história pitoresca dos dez ou vinte anos que ignorávamos. Muitas vezes essa história, escandalosa ou honrosa, bela ou feia, só nos será contada no dia seguinte ou um mês mais tarde, às vezes fragmentariamente. Não há no mundo nada que saia de um bloco único; tudo nele é mosaico. Não se pode contar cronologicamente senão a história do tempo passado, sistema inaplicável a um presente que progride.”

A mulher abandonada (em francês: *La femme abandonnée*) é

justamente uma das narrativas a que esses reparos se referem em especial. No começo da novela encontramos a marquesa De Beauséant abandonada pelo seu primeiro amante, o aristocrata português D'Ajuda-Pinto. Pois bem, o arrefecimento dessa primeira paixão e o rompimento produzido pelo matrimônio D'Ajuda-Pinto formam um dos episódios de *O pai Goriot*, esse romance de extrema riqueza, o qual, na estrutura de *A comédia humana*, é ulterior a *A mulher abandonada*.

É preciso conhecer os antecedentes sentimentais de Clara de Beauséant para acreditar que ela teve a força de resistir às preces de seu segundo amante, Gastão de Nueil, quando este, arrependido, vem implorar-lhe o perdão. E preciso ter lido *O pai Goriot* para compreender que ela encontrou essa força na lembrança de sua primeira humilhação. Gastão de Nueil tem o triste fim que leva não porque abandonou Clara, mas porque a abandonou depois de D'Ajuda-Pinto ter agido de igual maneira.

Porém mesmo como história independente, *A mulher abandonada* constitui uma pura obra-prima, um dos momentos mais felizes da carreira do escritor. A análise dos “caprichos tão lógicos” do coração feminino, dos “movimentos aparentemente contraditórios” do espírito da mulher durante o primeiro encontro de Gastão com Clara e, depois, a descrição das reações da heroína ao receber a carta anódina, em que entrevê o rompimento, são de tão vigorosa exatidão psicológica e mantêm o leitor em tal tensão que este quase chega a esquecer o espirituoso quadro da vida provinciana que serve de preâmbulo à narrativa. O desfecho tão espantoso e no entanto inteiramente conforme à lógica das paixões remata esse admirável estudo, relativamente menos conhecido e cuja importância o próprio Balzac desconhecia, pois a julgava inferior à *Honorina* e até a *A mulher de trinta anos*, segundo se depreende de sua correspondência com a condessa Hanska.

A comparação de *A mulher abandonada* com *A mulher de trinta anos* não é, aliás, descabida. O capítulo iv da Primeira Parte desse romance (intitulado “A declaração”) apresenta a heroína em situação sensivelmente igual à da sra. de Beauséant no início da novela. Mas é

precisamente essa analogia de situações que nos permite ver melhor a extraordinária diferença entre aquela colcha de retalhos em que os acontecimentos se sucedem por mero arbítrio do autor e essa pequena obra-prima em que todas as etapas da ação são decorrências de uma fatalidade psicológica.

Quem ficou mais impressionado com a história da mulher abandonada foi um romancista moderno, André Maurois. Um de seus protagonistas, pobre explicador, pratica a temeridade de fazer uma declaração de amor à mãe de seus alunos ricos. Expulso pela grande dama, na antecâmara, lembra-se do stratagem usado por Gastão de Nueil quando repellido por Clara de Beauséant e volta à presença da orgulhosa senhora sob o pretexto de ter esquecido as luvas. Obtém o mesmo êxito de Gastão. Se, apesar disso, a novela traz o título *Por culpa do sr. de Balzac* (incluída no volume *Méi-pe ou la Délivrance*), é por esse êxito ser fatal à carreira, à evolução, à vida inteira da personagem de Maurois.

A novela deste tem tanto maior verossimilhança artística quanto se notaram vários casos da influência de figuras balzaquianas sobre criaturas reais, de carne e osso; o da mulher adúltera que, diante do juiz, citava páginas dos romances de Balzac — relatado por Sainte-Beuve — deve ter sido seguido de inúmeros outros, embora menos comentados.

paulo rónai

A MULHER ABANDONADA

*PARA A SRA. DUQUESA
D'ABRANTES*[\[9\]](#)

*seu afetuoso servidor
HONORÉ DE BALZAC
Paris, agosto de 1835*

Em 1822, no começo da primavera, os médicos de Paris mandaram para a baixa Normandia um rapaz que convalescia então duma doença inflamatória causada por algum excesso de estudo, ou talvez de vida. Seu restabelecimento exigia um repouso completo, uma alimentação delicada, um ar frio e ausência total de emoções fortes.

As férteis campinas do Bessin e a vida pacata da província pareceram-lhe propícias à convalescença. Foi a Bayeux, formosa cidade situada a duas léguas do mar, para a casa de uma de suas primas, que o acolheu com essa cordialidade particular às pessoas habituadas a viver na solidão, para quem a chegada dum parente ou dum amigo constitui uma verdadeira felicidade.

Salvo em alguns poucos hábitos, todas as pequenas cidades se parecem. Ora, após várias noites passadas em casa de sua prima, sra. de Sainte-Sevère, ou na das pessoas que formavam seu círculo de relações, esse jovem parisiense, que era o barão Gastão de Nueil, ficou logo conhecendo as pessoas que aquela sociedade exclusiva encarava como sendo toda a cidade. Gastão de Nueil viu nelas o pessoal imutável

que os observadores encontram nas numerosas capitais desses velhos estados que formavam a França de outrora.

Havia, antes de tudo, a família cuja nobreza, desconhecida cinquenta léguas além, passa no departamento por incontestável e por ser da mais alta antiguidade. Essa espécie de *família real* em ponto pequeno liga-se por laços de parentesco, sem que ninguém o suspeite, aos Navarreins e aos Grandlieu, prende-se aos Cadignan e vincula-se aos Blamont-Chauvry.^[10] O chefe dessa ilustre linhagem é sempre um caçador determinado. Homem sem maneiras, confunde toda a gente com sua superioridade nominal; tolera o subprefeito como tolera o imposto; não admite nenhum dos poderes criados pelo século xix, e observa, como uma monstruosidade política, que o primeiro-ministro não é um nobre. Sua mulher tem um tom peremptório, fala alto, teve adoradores, mas comunga regularmente pela Páscoa; educa mal as filhas e julga que o nome lhes bastará para que sejam sempre ricas. Mulher e marido não têm a mínima ideia do luxo atual: conservam os trajes de teatro e mantêm as antigas formas para a baixela de prata, os móveis, as carruagens, bem como para os costumes e a linguagem. Esse velho fausto harmoniza-se aliás muito bem com a economia das províncias. Em suma, são os fidalgos de antigamente, menos os laudêmios, menos as matilhas e as casacas agaloadas; trocam cortesias entre si, e são todos devotados a príncipes que eles só veem à distância. Essa casa histórica *incógnita* conserva a originalidade duma antiga tapeçaria de alta contextura. Na família vegeta infalivelmente um tio ou um irmão, tenente-general, *cordón rouge* e *cortesão*, *que foi a Hannover com o marechal de Richelieu*,^[11] e que nela se encontra como uma folha desgarrada dum velho panfleto do tempo de Luís xv.

A essa família fóssil opõe-se uma família mais rica, mas de nobreza menos antiga. Marido e mulher vão passar dois meses do inverno em Paris, e dela trazem o ar irrequieto e as paixões efêmeras. A senhora é elegante, mas um pouco afetada e sempre em atraso com as modas. Contudo, zomba da ignorância exibida por seus vizinhos; sua prataria é moderna; ela tem *grooms*, negras, um criado de quarto. O filho mais velho tem tálburi, não faz nada, possui um morgadio; o mais moço é auditor no Conselho de Estado. O pai, grande conhecedor das intrigas

do ministério, conta anedotas sobre Luís xviii e sobre a sra. du Cayla, [12] coloca dinheiro a *cinco por cento*, evita conversar a respeito das cidras, mas ainda cai às vezes na mania de retificar as cifras das fortunas departamentais; é membro do conselho geral, veste-se em Paris e usa a cruz da Legião de Honra. Em suma, esse fidalgo compreendeu a Restauração e arranja dinheiro na Câmara; mas sua nobreza é menos pura que a da família com o qual rivaliza. Recebe a *Gazette* e os *Débats*. A outra família lê apenas a *Quotidienne*. [13]

Sua Excelência, o bispo, antigo vigário-geral, oscila entre essas duas potências que lhe rendem as homenagens devidas à religião, mas fazendo por vezes com que ele sinta a moral que o bom La Fontaine colocou no fim de *O asno carregado de relíquias*. [14] O bom velho é plebeu.

Depois vêm os astros secundários, os gentis-homens que possuem de dez a doze mil francos de renda, e que foram capitães de navio, ou capitães de cavalaria, ou absolutamente nada. A cavalo pelos caminhos, conservam-se entre o cura conduzindo os sacramentos e o fiscal de contribuições em excursão. Quase todos estiveram nos pagens ou nos mosqueteiros, e terminam placidamente seus dias numa fazenda, mais ocupados com um corte de mato ou com as suas cidras que com a monarquia. Contudo, falam da Carta [15] e dos liberais entre dois *rubbers* de uíste ou durante uma partida de gamão, depois de terem calculado dotes e arranjado casamentos de acordo com as genealogias que sabem de cor. Suas mulheres são orgulhosas e tomam os ares da corte nos seus cabriolés de vime; acreditam estar elegantemente vestidas quando estão envolvidas num xale e numa touca; compram anualmente dois chapéus, mas só depois de maduras reflexões, e os mandam vir de Paris, baratos; são geralmente virtuosas e conversadeiras.

Em torno desses elementos principais da gente aristocrática reúnem-se duas ou três solteironas de qualidade que resolveram o problema da imobilização da criatura humana. Elas parecem estar chumbadas nas casas em que são vistas: seus rostos e seus trajés fazem parte do imóvel, da cidade, da província; são a tradição, a memória, o espírito dele e delas. Todas têm qualquer coisa de rijo e de

monumental; sabem sorrir ou abanar a cabeça a propósito, e, de tempos em tempos, dizem frases que passam por inteligentes.

Alguns ricos burgueses infiltraram-se nesse pequeno Faubourg Saint-Germain,[16] graças a suas opiniões aristocráticas ou a suas fortunas. Mas, a despeito de seus quarenta anos, todos ali dizem deles: “Esse fulaninho pensa direito!”. E fazem-nos deputados. Geralmente eles são protegidos pelas solteironas, mas são objeto de murmúrios.

Enfim, dois ou três eclesiásticos são recebidos nessa sociedade de escol ou por causa da estola, ou porque são inteligentes, e porque essas nobres pessoas, aborrecendo-se mutuamente, introduzem o elemento burguês em seus salões como um padeiro põe a levedura na massa.

A soma de inteligência acumulada em todas essas cabeças compõe-se duma certa quantidade de ideias antigas às quais se misturam algumas ideias novas que são agitadas em comum todas as noites. Tal como a água duma pequena enseada, as frases que representam essas ideias têm seu fluxo e refluxo cotidiano, seu borbulhar perpétuo, exatamente igual: quem lhes ouve hoje a vazia repercussão, ouvi-la-á amanhã, daqui a um ano, sempre. Seus julgamentos, que, invariavelmente, recaem sobre as coisas deste mundo, constituem uma ciência tradicional à qual ninguém tem poder para acrescentar uma gota de espírito. A vida dessas pessoas rotineiras gravita numa esfera de hábitos tão imutáveis quanto suas opiniões religiosas, políticas, morais e literárias.

Sendo um estranho admitido nesse cenáculo, cada um lhe dirá, não sem uma espécie de ironia: “Aqui não encontrará a pompa da sociedade parisiense!”, e cada um condenará a vida de seus vizinhos procurando fazer-se passar por uma exceção nessa sociedade, que em vão tentou renovar. Mas se, por infelicidade, o estranho corrobora, com algumas observações, o juízo que essas pessoas fazem reciprocamente de si, passa imediatamente por um homem mal-educado, sem fé nem lei, por um parisiense corrupto, *como o são em geral todos os parisienses*.

Quando Gastão de Nueil apareceu nessa estreita sociedade, em que a etiqueta era perfeitamente observada, em que cada coisa da vida se harmonizava, em que tudo se encontrava em dia, em que os valores

nobiliárquicos e territoriais eram cotados como o são os fundos da Bolsa na última página dos jornais, ele tinha sido previamente pesado nas balanças infalíveis da opinião bayeusiense. Já sua prima, a sra. de Sainte-Sevère, declarara as cifras da sua fortuna e as das suas esperanças, exibira sua árvore genealógica, gabara seus conhecimentos, sua polidez e sua modéstia. Recebeu o acolhimento que estritamente deveria esperar, foi aceito como um bom gentilhomen, sem cerimônia, pois que tinha apenas vinte e três anos; mas algumas jovens e algumas mães arrastaram asas para ele. Ele auferia dezoito mil francos de renda no vale de Auge, e seu pai devia, cedo ou tarde, deixar-lhe o castelo de Manerville com todas as suas dependências. Quanto a sua instrução, a seu futuro político, a seu valor pessoal, a seu talento, nem de leve se cogitou. Suas terras eram boas e a renda absolutamente garantida; tinham sido feitas excelentes plantações; as reparações e os impostos estavam a cargo dos granjeiros arrendatários; as macieiras tinham trinta e oito anos; e, finalmente, seu pai estava em negociações para comprar duzentas jeiras de matos contíguos a seu parque, que desejava cercar de muros: nenhuma esperança ministerial, nenhuma celebridade humana podia lutar contra tais vantagens. Fosse por malícia, fosse por cálculo, a sra. de Sainte-Sevère não falara do irmão mais velho de Gastão, e Gastão também não disse nada a esse respeito. Mas esse irmão era tísico, e parecia dever ser em breve enterrado, chorado, esquecido. Gastão de Nueil começou divertindo-se com aquelas personagens; desenhou-as, por assim dizer, em seu álbum na saborosa verdade de suas fisionomias angulosas, aduncas, enrugadas, na engraçada originalidade de seus costumes e seus tiques; deleitou-se com os *normandismos* do idioma que falavam, com a mediocridade das suas ideias e dos seus caracteres. Mas, depois de ter seguido durante certo tempo essa existência semelhante à dos esquilos ocupados em andar à roda nas suas gaiolas, sentiu a ausência das oposições numa vida estacionada antes do tempo, como a dos religiosos no fundo dos claustros, e caiu numa crise que não era ainda nem o tédio nem o desgosto, mas que lhes comportava quase todos os efeitos. Após os ligeiros sofrimentos dessa transição, processa-se para o indivíduo o fenômeno da sua

transplantação para um terreno que lhe é desfavorável, onde ele deve atrofiar-se e levar uma vida raquítica. Com efeito, se nada o tira desse ambiente, insensivelmente ele adota seus usos e acostuma-se a seu vácuo, que o domina e o anula. Os pulmões de Gastão já se habituavam àquela atmosfera. Prestes a ver uma espécie de felicidade vegetal naqueles dias passados sem preocupações e sem ideias, começava a perder a recordação daquele movimento de seiva, daquela frutificação constante do espírito que tão ardentemente vivera no meio parisiense, e ia petrificar-se entre aquelas petrificações, nelas permanecer para sempre, como os companheiros de Ulisses,[17] contentes com seu gorduroso invólucro.

Uma noite, Gastão de Nueil achava-se sentado entre uma senhora idosa e um dos vigários-gerais da diocese, num salão de guarnições pintadas de cinza, pavimentado com grandes ladrilhos brancos, decorado com alguns retratos de família, provido de quatro mesas de jogo em torno das quais dezesseis pessoas tagarelavam jogando uíste. Ali, não pensando em nada, mas digerindo um desses jantares deliciosos, a finalidade do dia na província, surpreendeu-se a justificar os costumes da região. Concebia por que aquela gente continuava a servir-se das cartas da véspera, a atirá-las sobre panos gastos, e como chegavam a não se vestir mais nem para eles nem para os outros. Enxergava não sei que filosofia no movimento uniforme daquela vida circular, na calma daqueles hábitos lógicos e na ignorância das coisas elegantes. Enfim, quase compreendia a inutilidade do luxo. A cidade de Paris, com suas paixões, suas tormentas e seus prazeres, já surgia em seu espírito apenas como uma recordação de infância. Admirava de boa-fé as mãos vermelhas, o ar modesto e tímido de uma criatura jovem que, à primeira vista, parecera-lhe de fisionomia palerma, de maneiras sem graça, de conjunto repelente e de aparência soberanamente ridícula. Estava acabado. Tendo ido da província para Paris, ele iria retornar da existência inflamatória de Paris e recair na fria vida de província, se uma frase não lhe tivesse chocado o ouvido, proporcionando-lhe de súbito uma emoção semelhante à que lhe causaria qualquer motivo original entre os acompanhamentos de uma ópera aborrecida.

— O senhor não foi ver ontem a sra. de Beauséant? — disse uma velha ao chefe da casa principesca da região.

— Fui esta manhã — respondeu ele. — Encontrei-a tão triste e tão dorida que não consegui convencê-la a vir jantar conosco.

— Com a sra. de Champignelles? — exclamou a nobre senhora, manifestando uma espécie de surpresa.

— Com minha mulher — disse tranquilamente o fidalgo. — A sra. de Beauséant não pertence à casa de Borgonha? Pelo lado feminino, é verdade; mas afinal esse nome apaga tudo. Minha mulher estima muito a viscondessa, e a pobre senhora está há tanto tempo sozinha, que...

Dizendo essas últimas palavras, o marquês de Champignelles fitou com ar calmo e frio as pessoas que o escutavam, examinando-as; mas foi quase impossível adivinhar se ele fazia uma concessão à infelicidade ou à nobreza da sra. de Beauséant, se estava orgulhoso por recebê-la, ou se queria por orgulho forçar os nobres da localidade e suas mulheres a vê-la.

Todas as damas pareceram consultar-se, lançando-se o mesmo olhar; e, então, como reinasse no salão o mais profundo silêncio, a atitude delas foi tomada como um sinal de reprovação.

— Essa sra. de Beauséant será por acaso aquela cuja aventura com o sr. d'Ajuda-Pinto[18] causou tanto ruído? — perguntou Gastão à pessoa ao lado de quem estava.

— Precisamente — responderam-lhe. — Ela veio morar em Courcelles depois do casamento do marquês d'Ajuda; ninguém aqui a recebe. Ela tem, aliás, bastante inteligência para não ter sentido quanto é falsa sua posição: por isso não procurou ver ninguém. O sr. de Champignelles e alguns homens apresentaram-se em sua casa; ela, porém, só recebeu o sr. de Champignelles, talvez por causa de seu parentesco: eles são parentes pelo lado dos Beauséant. O marquês de Beauséant, o pai, desposou uma Champignelles do ramo mais velho. Se bem que a viscondessa passe por descender da casa de Borgonha, o senhor compreende que nós não podemos admitir aqui uma mulher separada do marido. São ideias velhas às quais cometemos ainda a tolice de apegar-nos. A viscondessa teve tanto mais culpa nas suas

imprudências, por ser o sr. de Beauséant um cavalheiro, um homem da corte: ele escutaria a voz da razão. Mas sua mulher é uma cabeça de vento...

O sr. de Nueil, embora escutando a voz de sua interlocutora, não lhe prestava mais atenção. Estava absorto em mil fantasias. Existirá outro termo para exprimir os atrativos duma aventura, no momento em que ela sorri à imaginação, no momento em que a alma concebe vagas esperanças, pressente inexplicáveis felicidades, temores, acontecimentos, sem que nada ainda alimente nem fixe os caprichos dessa miragem? O espírito então adeja, concebe projetos impossíveis e faz germinar as alegrias duma paixão. Mas talvez o germe da paixão a contenha inteiramente, como uma semente contém uma bela flor com seus perfumes e seu rico colorido. O sr. de Nueil ignorava que a sra. de Beauséant se tivesse refugiado na Normandia depois de um escândalo que a maior parte das mulheres inveja e condena, principalmente quando as seduções da juventude e da beleza quase justificam o erro que o causou. Existe um prestígio inconcebível em toda espécie de celebridade, seja qual for a sua razão. Parece que, para as mulheres, como outrora para as famílias, a glória de um crime apaga-lhe a vergonha. Assim como certas casas se orgulham de suas cabeças decepadas, uma formosa, uma jovem mulher torna-se mais atraente pelo fatal renome de um amor feliz ou de uma horrenda traição. Quanto mais lamentável, mais simpatias ela desperta. Só somos impiedosos para com as coisas, os sentimentos e as aventuras vulgares. Atraindo os olhares, temos a impressão de sermos grandes. Não é necessário, na realidade, erguermos-nos acima dos outros para sermos vistos? Ora, o povo nutre involuntariamente um sentimento de respeito por todos que se elevam, sem pedir muita conta dos meios que usaram. Naquele momento, Gastão de Nueil sentia-se impelido para a sra. de Beauséant pela secreta influência dessas razões, ou quem sabe se pela curiosidade, pela necessidade de criar um interesse em sua vida atual, em suma, por essa série de motivos impossível de ser enunciada, e que a palavra *fatalidade* serve comumente para exprimir. A viscondessa de Beauséant surgira de repente diante dele, acompanhada de uma multidão de imagens graciosas: ela era um mundo novo; junto

dela sem dúvida ele teria o que temer, o que esperar, o que combater e o que vencer. Ela devia contrastar com as pessoas que Gastão via naquele salão mesquinho; enfim, era uma mulher, e ele ainda não tinha encontrado mulheres naquele mundo frio em que os cálculos substituíam os sentimentos, em que a polidez não passava de dever, e as ideias mais simples tinham qualquer coisa de chocante para ser aceitas ou expostas. A sra. de Beauséant despertava-lhe na alma a recordação de seus sonhos de rapaz e suas mais vivas paixões, por algum tempo adormecidas. Gastão de Nueil tornou-se alheado durante o resto da noite. Pensava num meio de introduzir-se em casa da sra. de Beauséant, e não conseguia encontrá-lo. Ela passava por ser eminentemente fina. Mas se as pessoas de espírito culto podem deixar-se seduzir pelas coisas originais ou delicadas, são exigentes, percebem tudo; junto a elas há tantas possibilidades de fracasso como de triunfo na difícil empresa de agradar. Além disso, a viscondessa devia aliar ao orgulho da sua situação a dignidade que seu nome lhe conferia. A profunda solidão em que vivia parecia ser a menor das barreiras erguidas entre ela e o mundo. Era, pois, quase impossível a um desconhecido, da melhor família que fosse, conseguir ser admitido em casa dela.

Entretanto, no dia seguinte de manhã, o sr. de Nueil dirigiu seu passeio para o lado do pavilhão de Courcelles e deu várias voltas ao redor do cercado que o envolvia. Embaido pelas ilusões em que é tão natural crer na sua idade, espiou através das brechas ou por cima do muro, permaneceu em contemplação diante das persianas fechadas ou examinou as que estavam abertas. Esperava um acaso romanesco, calculava-lhe os efeitos sem se aperceber da sua impossibilidade, para chegar à presença da desconhecida. Por várias manhãs passeou inutilmente; mas, a cada passeio, aquela mulher afastada do mundo, vítima do amor, sepulta na solidão, avultava-lhe no pensamento e alojava-se-lhe na alma. Por isso, o coração de Gastão palpitava de esperança e de alegria, se, por acaso, ao perlongar os muros de Courcelles, chegava a ouvir o passo lento de algum jardineiro.

Ele pensava muito em escrever à sra. de Beauséant; mas que dizer a uma mulher que nunca vira e que não o conhecia? Aliás, Gastão não

acreditava muito em si mesmo; depois, como os jovens ainda cheios de ilusões, temia mais que a morte os terríveis desdêns do silêncio e estremecia ao pensar em todas as possibilidades que teria sua primeira prosa amorosa de ser lançada ao fogo.

Ele era presa de mil ideias contrárias que se combatiam. Mas, enfim, à força de conceber quimeras, de compor romances e de quebrar a cabeça, encontrou um desses felizes estratégias que a gente acaba por descobrir entre todos aqueles em que pensa e que revelam à mulher mais inocente a extensão da paixão que um homem lhe dedica. Muitas vezes os caprichos sociais criam tantos obstáculos reais entre uma mulher e seu apaixonado quantos os que os poetas orientais colocaram nas deliciosas ficções de seus contos, e as mais fantásticas de suas imagens raramente são exageradas. Por isso, na natureza, como no mundo das fadas, a mulher sempre há de pertencer àquele que sabe chegar a ela e libertá-la da situação em que definha. O mais pobre dos calênderes, [19] apaixonando-se pela filha dum califa, não estaria separado dela por uma distância maior que a existente entre Gastão e a sra. de Beauséant. A viscondessa vivia numa ignorância absoluta das circunvalações traçadas em torno dela pelo sr. de Nueil, cujo amor crescia com a grandeza dos obstáculos a transpor, os quais davam à sua amante improvisada os atrativos que possui toda coisa distante.

Um dia, fiado na sua inspiração, ele esperou tudo do amor que deveria jorrar de seus olhos. Julgando a palavra mais eloquente que a mais apaixonada das cartas, e especulando também sobre a natural curiosidade feminina, foi à casa do sr. de Champignelles com a intenção de valer-se dele para conseguir seu intento. Disse ao gentil-homem que tinha de se desempenhar duma comissão importante e delicada junto à sra. de Beauséant; mas, não sabendo se ela lia as cartas de uma letra desconhecida ou se depositava sua confiança num estranho, pedia-lhe indagar da condessa, na sua primeira visita, se ela se dignaria recebê-lo. Suplicando ao marquês que guardasse segredo em caso de recusa, incitou-o com muita inteligência a não calar à sra. de Beauséant as razões que poderiam fazê-lo recebido em casa dela. Ele havia de ser um homem honrado, leal e incapaz de prestar-se a algo

de mau gosto ou mesmo inconveniente! O altivo fidalgo, cujas vaidadezinhas tinham sido lisonjeadas, foi completamente iludido por essa diplomacia do amor que empresta a um rapaz o aprumo e a dissimulação refinada de um velho embaixador. Procurou penetrar os segredos de Gastão; mas este, na impossibilidade de lho revelar, opôs frases evasivas às agudas interrogações do sr. de Champignelles, que, como cavalheiro francês, cumprimentou-o por sua discrição.

Imediatamente o marquês correu a Courcelles com essa solicitude que põem as pessoas de uma certa idade em prestar serviços a uma mulher formosa. Na situação em que se encontrava a viscondessa de Beauséant, uma mensagem dessa espécie era de natureza a intrigá-la. Por isso, se bem que não encontrasse, ao consultar suas recordações, nenhuma razão que pudesse levar o sr. de Nueil à sua casa, não viu nenhum inconveniente em recebê-lo, o que fez, todavia, após ter, prudentemente, indagado da sua posição na sociedade. Contudo, tinha de início recusado; depois discutira com o sr. de Champignelles acerca da conveniência dessa atitude, interrogando-o para procurar descobrir se ele sabia o motivo daquela visita; depois voltara atrás na recusa. A discussão e a discrição forçada do marquês haviam excitado a sua curiosidade.

O sr. de Champignelles, não querendo parecer ridículo, acreditava, como homem instruído mas discreto, que a viscondessa devia conhecer perfeitamente o objeto daquela visita, embora ela o procurasse com a maior boa-fé sem o encontrar. A sra. de Beauséant imaginava ligações entre Gastão e pessoas que não conhecia, perdia-se em absurdas suposições e perguntava a si mesma se já teria alguma vez visto o sr. de Nueil. A mais verdadeira ou mais hábil das cartas de amor não teria, por certo, produzido tanto efeito quanto essa espécie de enigma sem palavras que bastante preocupou a sra. de Beauséant.

Quando Gastão soube que podia ir ver a viscondessa sentiu-se dominado pela alegria de obter tão prontamente uma felicidade ardentemente desejada e ao mesmo tempo singularmente embaraçado por ter de dar um desfecho ao seu estratagema.

— Bah, vê-la — repetia ele ao vestir-se — , vê-la é tudo!

Ao transpor a porta de Courcelles, esperava achar um expediente

para desatar o nó górdio[20] que ele próprio dera. Gastão era desses que, acreditando na onipotência da necessidade, avançam sempre; e, no último momento, defrontados com o perigo, nele se inspiram e encontram forças para vencê-lo. Caprichou no trajar-se. Pensava, como os jovens pensam, que de uma fivela bem ou mal colocada dependia seu sucesso, ignorando que na juventude tudo é encanto e atrativo. Aliás, mulheres de escol como a sra. de Beauséant não se deixam seduzir senão pelas graças do espírito e pela superioridade do caráter. Um grande caráter lisonjeia-lhes a vaidade, promete-lhes uma grande paixão e parece-lhes que há de admitir as exigências de seus corações. O espírito as distrai, responde às delicadezas de sua natureza e elas se supõem compreendidas. Ora, que desejam todas as mulheres, senão ser distraídas, compreendidas ou adoradas? Mas é preciso muito ter meditado sobre as coisas da vida para perceber a alta coqueteria que comportam a negligência do traje e a reserva do espírito numa primeira entrevista. Quando nos tornamos bastante astutos para sermos hábeis políticos, estamos velhos demais para aproveitarmos nossa experiência. Enquanto Gastão não tinha confiança na sua inteligência e procurava seduzir por meio da indumentária, a sra. de Beauséant punha instintivamente um cuidado especial em sua arrumação e dizia consigo ao arranjar o penteado:

— Não quero, apesar de tudo, apresentar um aspecto de meter medo.

O sr. de Nueil tinha no espírito, em sua pessoa e em suas maneiras esse garbo naturalmente original que dá uma espécie de sabor aos gestos e às ideias comuns, que permite tudo dizer e tudo fazer. Era instruído, penetrante, duma fisionomia aberta e móvel como sua alma impressionável. Havia paixão, havia ternura em seus olhos vivos; e seu coração, essencialmente bom, não as desmentia. A resolução que tomou entrando em Courcelles estava, pois, em harmonia com seu caráter franco e sua imaginação ardente. Apesar da intrepidez do amor, não pôde defender-se duma violenta palpitação quando, depois de ter atravessado um grande pátio desenhado como jardim inglês, chegou a uma sala em que um criado, tendo-lhe perguntado o nome, desapareceu e voltou para o introduzir.

— O sr. barão de Nueil.

Gastão entrou vagarosamente, mas com muito desembaraço, coisa mais difícil num salão onde há uma única mulher do que num onde há vinte. No canto da lareira, onde, não obstante a estação, brilhava um fogo intenso, e em cima da qual achavam-se dois candelabros acesos difundindo uma luz débil, divisou uma mulher moça sentada numa dessas modernas poltronas de espaldar elevado. A pouca altura do assento permitia que ela desse à cabeça variadas posições cheias de graça e elegância, incliná-la, pendê-la, reerguê-la languidamente, como se fosse um fardo pesado; depois, arquear os pés, mostrá-los ou recolhê-los sob as pregas dum amplo vestido negro. A viscondessa procurou colocar sobre uma mesinha redonda o livro que estava lendo; mas, tendo ao mesmo tempo voltado a cabeça para o sr. de Nueil, o livro, mal apoiado, caiu no intervalo que separava a mesa da poltrona. Sem parecer surpresa com o incidente, ela alteou-se e inclinou-se para responder ao cumprimento do rapaz, mas duma maneira imperceptível e quase sem levantar-se do assento, onde seu corpo permaneceu mergulhado. Curvou-se para a frente e remexeu no fogo; depois baixou-se, apanhou uma luva que calçou com negligência na mão esquerda, procurando a outra com um olhar logo reprimido; porque com a mão direita, mão branca, quase transparente, sem anéis, delicada, de dedos afilados cujas unhas róseas formavam um oval perfeito, ela indicou uma cadeira como que convidando Gastão a sentar-se. Quando o visitante desconhecido sentou-se, ela voltou a cabeça para ele num movimento interrogativo e desenvolto, duma finura indescritível; era um desses gestos gentis e graciosos, posto que sóbrios, frutos da primeira educação e do hábito constante das coisas de bom gosto. Esses movimentos múltiplos sucederam-se rapidamente, num instante, sem irregularidade nem brusquidão, e encantaram Gastão por esse misto de cuidado e de abandono que uma formosa mulher reúne às maneiras aristocráticas da alta sociedade. A sra. de Beauséant contrastava vivamente com os autômatos entre os quais ele vivia havia dois meses naquele exílio no fundo da Normandia, para que não personificasse a poesia de seus sonhos; por isso ele não lhe podia comparar as perfeições com nenhuma daquelas que outrora

admirara. Diante daquela mulher e no interior daquele salão mobiliado como o são os salões do Faubourg Saint-Germain, repleto dessas ninharias tão preciosas que se espalham sobre as mesas, ao perceber os livros e as flores, ele sentiu-se de novo em Paris. Pisava um legítimo tapete de Paris, revia o tipo distinto, as formas delicadas da parisiense, sua graça esquisita e sua ausência de maneiras afetadas, que tanto prejudicam as mulheres da província.

A viscondessa de Beauséant era loura, clara como uma loura, e tinha olhos castanhos. Apresentava com nobreza a fronte, uma fronte de anjo decaído que se orgulha da sua falta e não pede perdão. Seus cabelos, abundantes e trançados acima de dois bandós que lhe descruzavam sobre a cabeça amplas curvas, realçavam ainda a majestade daquela fronte. A imaginação via, nas espirais daquela cabeleira dourada, a coroa ducal de Borgonha; e, nos olhos brilhantes daquela grande dama, toda a coragem da sua estirpe: a coragem duma mulher forte apenas para repelir o desprezo ou a audácia, mas transbordante de ternura para com os sentimentos meigos. Os contornos da sua pequena cabeça, admiravelmente engastada num longo colo alvo; os traços do seu rosto fino, seus lábios delgados e sua fisionomia viva guardavam uma expressão de delicada prudência, um certo quê de ironia afetada que se parecia à astúcia e à impertinência. Era difícil não lhe perdoar esses dois pecados femininos ao pensar em suas desventuras, na paixão que quase lhe custara a vida, o que se manifestava quer pelas rugas que, ao menor movimento, sulcavam-lhe a fronte, quer pela dolorosa eloquência de seus lindos olhos quase sempre erguidos para o céu. Não era um espetáculo imponente, tanto mais quanto ampliado pelo pensamento, ver num imenso salão silencioso aquela mulher isolada do mundo inteiro, e que, havia três anos, permanecia no fundo dum pequeno vale, distante da cidade, sozinha com as recordações duma juventude brilhante, feliz, apaixonada, outrora repleta de festas, de constantes homenagens, mas agora entregue aos horrores do nada? O sorriso daquela mulher denunciava uma elevada consciência do seu valor. Não sendo nem mãe nem esposa, repelida pela sociedade, privada do único coração que podia fazer o seu palpar sem vergonha, não extraindo de nenhum

sentimento os socorros necessários à sua alma vacilante, ela devia buscar forças em si mesma, viver da sua própria vida, e não ter outra esperança mais que a da mulher abandonada: esperar a morte, abreviar-lhe a demora apesar dos belos dias que ainda lhe restavam. Sentir-se destinada à felicidade e perecer sem gozá-la, sem proporcioná-la!... Uma mulher! Quantas amarguras! O sr. de Nueil fez essas reflexões com a rapidez do relâmpago e sentiu-se envergonhado do seu papel em presença da maior poesia de que possa se envolver uma mulher. Triplamente impressionado pela beleza, pela infelicidade e pela nobreza, ficou quase que estatelado, pensativo, admirando a viscondessa, mas não encontrando nada para lhe dizer.

A sra. de Beauséant, a quem essa surpresa sem dúvida não desagradou, estendeu-lhe a mão com um gesto doce mas imperativo; depois, estampando um sorriso nos lábios pálidos, como que para obedecer ainda aos encantos do seu sexo, disse-lhe:

— O sr. de Champignelles preveniu-me, senhor, da mensagem que tão gentilmente se encarregou de trazer-me. Será por acaso da parte de...

Ao ouvir essa terrível frase, Gastão compreendeu melhor ainda o ridículo da sua situação, o mau gosto, a deslealdade do seu procedimento para com uma mulher, e uma mulher tão nobre e tão infeliz. Corou. Seu olhar, sob a ação de mil pensamentos, turvou-se; mas, de repente, com essa força que os corações jovens sabem extrair do sentimento de suas culpas, tranquilizou-se. Interrompendo a sra. de Beauséant, não sem fazer um gesto cheio de submissão, respondeu-lhe com voz emocionada:

— Senhora, não mereço a ventura de vê-la; eu a iludi de um modo indigno. O sentimento a que obedeci, por maior que seja, não será suficiente para desculpar o miserável subterfúgio de que me servi para chegar à sua presença. Mas, senhora, se tivesse a bondade de me permitir dizer-lhe...

A viscondessa lançou ao sr. de Nueil um olhar cheio de altivez e de desprezo, ergueu a mão para puxar o cordão da campainha e tocou; o criado apareceu; ela disse-lhe, fitando o rapaz com dignidade:

— Jacques, acompanhe este senhor.

Ergueu-se altiva, cumprimentou Gastão e baixou-se para apanhar o livro caído. Seus movimentos foram tão secos, tão frios quanto tinham sido elegantes e graciosos os com que o recebera. O sr. de Nueil erguera-se, mas continuava firme. A sra. de Beauséant lançou-lhe um novo olhar como quem diz: “Então, não se retira?”.

Esse olhar estampava um escárnio tão violento, que Gastão tornou-se pálido como um homem prestes a desmaiar. Algumas lágrimas marejaram-lhe os olhos; ele, porém, as reteve, secou-as no fogo da vergonha e do desespero e fitou a sra. de Beauséant com uma espécie de orgulho que exprimia ao mesmo tempo resignação e uma certa consciência de seu valor: a viscondessa tinha o direito de puni-lo, mas deveria fazê-lo? Saiu. Ao atravessar a antecâmara, a perspicácia de seu espírito e sua inteligência aguçada pela paixão fizeram-no compreender todo o perigo da situação.

“Se eu sair desta casa”, pensou consigo, “jamais poderei aqui voltar; a viscondessa ter-me-á sempre por um idiota. É impossível a uma mulher, e ela é mulher!, não adivinhar o amor que inspira. Talvez ela sinta um vago remorso por me ter despedido assim bruscamente; ela porém não pode, não deve voltar atrás; é a mim que compete compreendê-la.”

A essa reflexão, Gastão estaca sobre o patamar, deixa escapar uma exclamação, volta-se vivamente e diz:

— Esqueci uma coisa!

Voltou ao salão, seguido pelo criado, que, cheio de respeito por um barão e pelos direitos sagrados da propriedade, foi completamente iludido pelo tom natural com que essa frase foi dita. Gastão entrou de mansinho sem ser anunciado. Quando a viscondessa, pensando talvez que o intruso fosse o criado, ergueu a cabeça, encontrou diante de si o sr. de Nueil.

— Jacques iluminou-me — disse ele sorrindo.

Seu sorriso, marcado de uma graça meio triste, retirava à frase tudo o que ela tinha de jocoso, e a entonação com que foi pronunciada devia tocar a alma.

A sra. de Beauséant ficou desarmada.

— Pois bem, sente-se — disse ela.

Gastão apoderou-se da cadeira num movimento ávido. Seus olhos, animados pela felicidade, lançaram um lampejo tão vivo que a viscondessa não pôde sustentar aquele olhar jovem; baixou os olhos para o livro e saboreou o prazer novo de ser para um homem a causa de sua felicidade, sentimento imperecível na mulher. Além disso, a sra. de Beauséant tinha sido adivinhada. A mulher fica sempre grata por encontrar um homem que compreenda os caprichos tão lógicos de seu coração, que compreenda a conduta aparentemente contraditória de seu espírito, os fugazes pudores de suas sensações umas vezes tímidas, outras ousadas, surpreendente mistura de coqueteria e de ingenuidade!

— A senhora — exclamou Gastão — conhece minha falta, mas ignora meus crimes. Se soubesse com que felicidade eu...

— Ah, tome cuidado! — disse ela erguendo com ar misterioso um dos dedos à altura do nariz, roçando-o; em seguida, com a outra mão, fez um gesto para pegar o cordão da campainha.

Esse encantador movimento, essa graciosa ameaça provocaram sem dúvida um melancólico pensamento, uma recordação de sua vida feliz, do tempo em que ela podia ser toda encanto e toda gentileza, em que a felicidade justificava os caprichos de seu espírito, assim como dava um atrativo a mais aos menores movimentos de sua pessoa. Reuniu as rugas da testa entre as duas sobrancelhas; seu rosto, suavemente iluminado pelas velas, adquiriu uma expressão sombria; fitou o sr. de Nueil com uma gravidade despida de frieza e disse-lhe, como mulher profundamente convicta do sentido de suas palavras:

— Tudo isto é bastante ridículo! Houve um tempo, senhor, em que eu tinha o direito de ser doidamente alegre, em que eu poderia rir com o senhor e recebê-lo sem receio; mas hoje a minha vida está muito mudada, não sou mais senhora das minhas ações, e sou forçada a refletir sobre elas. A que sentimento devo a sua visita? Será curiosidade? Pago então bastante caro um frágil momento de alegria. Será que ama já *apaixonadamente* uma mulher infalivelmente caluniada e a quem jamais viu? Seus sentimentos seriam, neste caso, fundados sobre o menosprezo, sobre uma falta a quem o acaso deu celebridade.

Atirou o livro sobre a mesa, despeitada.

— Ora — tornou ela depois de ter lançado a Gastão um olhar terrível —, porque eu fui fraca uma vez, a sociedade quer que eu o seja sempre? Isso é horrível, degradante. Vem à minha casa para lamentar-me? O senhor é muito jovem para simpatizar com os sofrimentos afetivos. Saiba, senhor, que eu prefiro o desprezo à piedade; não quero ser objeto da compaixão de ninguém.

Houve um momento de silêncio.

— Pois bem, como vê, senhor — tornou ela erguendo a cabeça para Gastão com um ar triste e meigo —, qualquer que seja o sentimento que o tenha impellido a lançar-se imprudentemente em meu isolamento, o senhor me fere. É ainda muito jovem para ser completamente destituído de bondade, portanto compreenderá a inconveniência da sua atitude; eu a perdoo e dela falo-lhe agora sem rancor. Não voltará mais aqui, não é? Peço-lhe, quando poderia ordenar-lhe. Se tornasse a visitar-me, não estaria no seu poder nem no meu evitar que toda a cidade acreditasse que o senhor se tornara meu amante, e com isso acrescentaria ao meu desgosto um desgosto bem grande. E este não é o seu desejo, creio eu.

Calou-se, fitando-o com uma dignidade verdadeira que o deixou confuso.

— Procedi mal, senhora — respondeu ele num tom compenetrado —, mas o ardor, a irreflexão, um vivo desejo de felicidade são na minha idade qualidades e defeitos. Agora — continuou — compreendo que não deveria ter procurado visitá-la, e contudo meu desejo era bem natural...

Procurou narrar, mais com sentimento que com espírito, os sofrimentos a que o tinha condenado seu exílio necessário. Descreveu o estado dum jovem que era devorado por paixões não saciadas, insinuando ser digno de ser amado com ternura, e todavia não tendo jamais conhecido as delícias dum amor inspirado por uma mulher jovem, bela, possuidora de bom gosto e delicadeza. Explicou sua inconsideração sem querer justificá-la. Lisonjeou a sra. de Beauséant demonstrando-lhe que ela representava para ele o tipo ideal incessantemente mas em vão procurado pela maioria dos jovens.

Depois, falando de seus passeios matinais em volta de Courcelles, e das ideias desordenadas que o assaltavam à vista do pavilhão onde por fim tinha penetrado, provocou essa indefinível indulgência que as mulheres encontram no coração para as loucuras que inspiram. Ele fez ouvir uma voz apaixonada naquela fria solidão, que invadia com as ardentes inspirações da juventude e os encantos de espírito que revelam uma educação acurada.

A sra. de Beauséant havia muito estava privada das emoções que proporcionam os sentimentos verdadeiros discretamente manifestados para não sentir-lhes toda a delícia. Ela não se pôde furtar a fitar a figura expressiva do sr. de Nueil, e de nele admirar essa formosa confiança da alma que ainda não foi nem despedaçada pelos cruéis ensinamentos da vida mundana nem devorada pelos perpétuos cálculos da ambição ou da vaidade. Gastão era a imagem do moço em plena florescência, e apresentava-se como homem de caráter que desconhece ainda seus altos destinos. Desse modo, ambos faziam à revelia um do outro as reflexões mais perigosas para seus respectivos repousos e procuravam escondê-las a si mesmos. O sr. de Nueil reconhecia na viscondessa uma dessas mulheres raríssimas, sempre vítimas de sua própria perfeição e de sua inextinguível ternura, cuja graciosa beleza é o menor dos encantos, uma vez que permitam o acesso à sua alma, onde os sentimentos são infinitos, onde tudo é bom, onde o instinto do belo une-se às mais variadas expressões do amor para purificar as volúpias e torná-las quase santas: admirável segredo feminino, presente precioso raramente concedido pela natureza. Por sua vez, a viscondessa, percebendo o tom de verdade com que Gastão lhe falava dos infortúnios da sua mocidade, compreendia os sofrimentos infligidos pela timidez às crianças grandes de vinte e cinco anos, quando o estudo os preservou da corrupção e do contato mundano, cuja experiência raciocinadora corrói as belas qualidades da juventude. Ela encontrava nele o ideal de todas as mulheres, um homem em quem não havia ainda nem esse egoísmo de família e de fortuna nem esse sentimento pessoal que termina por matar, no primeiro arrojo, o devotamento, a honra, a abnegação, a estima de si mesmo, flores da alma que definham tão depressa quanto de início

enriquecem a vida de emoções delicadas, se bem que fortes, e reavivam no homem a probidade do coração. Uma vez lançados nos vastos espaços dos sentimentos, eles foram muito longe na teoria, sondaram um e outro a profundidade de suas almas, informaram-se da veracidade de suas expressões. Esse exame, involuntário em Gastão, era na sra. de Beauséant premeditado. Usando de sua finura natural ou adquirida, ela expendia, sem prejudicar a si mesma, opiniões contrárias às suas para conhecer as do sr. de Nueil. Foi tão engenhosa, tão graciosa, foi tão integralmente ela mesma com um rapaz que não despertava sua desconfiança, acreditando não mais tornar a vê-lo, que Gastão exclamou ingenuamente a uma frase deliciosa dita por ela:

— Como é possível, senhora, que um homem tenha sido capaz de abandoná-la?

A viscondessa emudeceu. Gastão corou, pensando tê-la ofendido. Mas aquela mulher tinha sido surpreendida pelo primeiro prazer profundo e verdadeiro que sentira desde o dia de sua desdita. O mais hábil dos sedutores não teria feito, à força de astúcia, o progresso que o sr. de Nueil deveu a esse brado partido do coração. Tal julgamento, arrancado à candura de um rapaz, tornava-a inocente a seus olhos, condenava a sociedade, acusava aquele que a havia deixado e justificava a solidão em que ela tinha vindo definir. A absolvição mundana, as tocantes simpatias, a estima social, tão desejadas, tão cruelmente recusadas, em suma, suas mais íntimas aspirações tinham sido realizadas por aquela exclamação, embelezada ainda pelas mais doces lisonjas do coração e por aquela admiração sempre avidamente saboreada pelas mulheres. Ela tinha sido, pois, ouvida e compreendida; o sr. de Nueil dava-lhe com toda a naturalidade uma ocasião de reerguer-se da queda. Ela olhou o relógio.

— Oh senhora — exclamou Gastão —, não me puna pelo meu desatino! Se não me vai conceder mais que uma tarde, então, por favor, não a abrevie.

Ela sorriu ao galanteio.

— Mas — disse —, já que não nos tornaremos a ver, que importa um momento a menos ou mais? Se eu lhe agradasse isso seria um mal.

— Um mal que já aconteceu — respondeu ele tristemente.

— Não me diga isso — retrucou ela gravemente. — Em qualquer outra situação, eu o receberia com prazer. Falar-lhe-ei francamente, o senhor compreenderá por que eu não quero, por que eu não devo tornar a vê-lo. Julgo-o de coração bem grande para não sentir que, se recair sobre mim, nem que seja de leve, a suspeita de uma segunda falta, tornar-me-ei, para toda a gente, uma mulher desprezível e vulgar, serei igual às outras mulheres. Uma vida pura e sem mácula ressaltará o meu caráter. Sou demasiado altiva para não tentar permanecer em meio à sociedade como um ser à parte, vítima das leis por meu casamento, vítima dos homens por meu amor. Se eu não permanecesse fiel à minha posição, mereceria toda a censura que me acabrunha e perderia meu próprio respeito. Não tive a alta virtude social de pertencer a um homem que eu não amava. Rompi, a despeito das leis, os laços do casamento: foi um erro, um crime, será tudo o que o senhor quiser; mas, para mim, esse estado equivalia à morte. Eu quis viver. Se eu fosse mãe, talvez tivesse encontrado forças para suportar o suplício de um casamento imposto pelas conveniências. Aos dezoito anos, nós, pobres moças, não sabemos o que nos mandam fazer. Violei as leis da sociedade e a sociedade me puniu; uma e outra fomos justas. Procurei a felicidade. Ser feliz não é uma lei da nossa natureza? Eu era jovem, era bela... Encontrei um ser que julguei tão amoroso quanto parecia apaixonado. Fui amada durante um momento!...

Ela fez uma pausa.

— Eu pensava — prosseguiu — que um homem não haveria nunca de abandonar uma mulher na situação em que eu me achava. Fui abandonada, devo ter desagradado. *Sim*, faltei sem dúvida a alguma lei natural: devo ter sido ou terna, ou dedicada, ou exigente demais, não sei. A desventura me iluminou. Depois de ter sido durante muito tempo acusadora, resignei-me a ser a única criminoso. Absolvi, pois, à minha custa, aquele de quem eu julgava dever queixar-me. Não fui bastante inteligente para o conservar: o destino puniu-me cruelmente por minha inabilidade. Sei apenas amar: e quem é que pensa em si quando ama? Fui, pois, escrava quando devia ter sido tirana. Os que me conhecerem poderão condenar-me, mas me estimarão. Meus sofrimentos ensinaram-me a não mais me expor ao abandono. Não

compreendo como existo ainda, depois de ter sofrido as angústias dos oito primeiros dias que se seguiram a essa crise, a mais horrível na vida de uma mulher. É preciso ter vivido só, durante três anos, para adquirir forças para falar de uma tal dor como eu o faço neste momento. A agonia termina ordinariamente pela morte; pois bem, senhor, isso foi para mim uma agonia sem o túmulo por desenlace. Oh, como sofri!

A viscondessa ergueu os olhos para a cornija, à qual sem dúvida confiou tudo o que um desconhecido não devia ouvir.

Uma cornija é certamente a mais doce, a mais submissa, a mais benévola confidente que as mulheres podem encontrar nas ocasiões em que não ousam fitar seu interlocutor. A corrija dum *boudoir* é uma instituição. Não será um confessor sem o padre? Nesse momento, a sra. de Beauséant estava eloquente e bela; dever-se-ia dizer coquete, se esse termo não fosse demasiadamente forte. Ao fazer-se justiça, ao colocar entre ela e o amor as mais altas barreiras, ela excitava todos os sentimentos do homem; e, quanto mais elevava o alvo, melhor o oferecia aos olhares. Finalmente, ela baixou os olhos para Gastão, depois de fazer com que perdessem a expressão realmente sedutora que lhes havia comunicado a recordação de seus sofrimentos.

— Há de concordar que devo permanecer fria e solitária — disse ela num tom calmo.

O sr. de Nueil sentia um desejo violento de rojar-se aos pés daquela mulher, agora sublime de razão e de loucura, mas receou parecer-lhe ridículo. Reprimiu por isso sua exaltação e seus pensamentos; experimentava, ao mesmo tempo, o temor de não conseguir exprimi-los perfeitamente e o medo de alguma terrível recusa ou dum desprezo capaz de gelar a magia ardente das almas. A reação dos sentimentos que recalcava no momento em que brotavam do seu coração causava-lhe essa dor profunda que conhecem os tímidos e os ambiciosos, frequentemente forçados a sopitarem seus desejos. Contudo, não pôde deixar de romper o silêncio para dizer com voz trêmula:

— Permita-me, senhora, que me entregue a uma das maiores emoções da minha vida, confessando-lhe o que me faz sentir. A senhora dilata-me o coração! Sinto em mim o desejo de dedicar minha

vida a fazer-lhe esquecer suas mágoas, a amá-la por todos os que a odiaram ou feriram. Mas isso é uma efusão sentimental súbita, que nada hoje justifica e que eu deveria...

— Basta, senhor — disse a sra. de Beauséant. — Fomos demasiado longe tanto um quanto outro. Eu quis despojar de toda aspereza a recusa que me é imposta, explicar-lhe suas tristes razões, e não atrair homenagens. A coqueteria só cai bem em uma mulher feliz. Ouça-me, permaneçamos estanhos um ao outro. Mais tarde compreenderá que não se devem estabelecer laços quando eles hão necessariamente de romper-se um dia.

Ela soltou um leve suspiro, e a testa se lhe enrugou para retomar imediatamente a pureza de sua forma.

— Que sofrimento para uma mulher —olveu ela — não poder seguir o homem a quem ama em todas as fases de sua vida! Será possível que esse pesar profundo não repercute intensamente no coração desse homem, no caso de ela ser amada? Não é isso uma dupla infelicidade?

Houve um momento de silêncio, após o qual ela disse sorrindo e se levantando para fazer o visitante levantar-se:

— Ao vir a Courcelles o senhor não esperava ouvir aqui um sermão, não é verdade?

Gastão encontrava-se nesse momento mais distante daquela mulher extraordinária do que quando dela se aproximara. Atribuindo o encanto daquela hora deliciosa à coqueteria duma dona de casa desejosa de espairecer seu espírito, cumprimentou friamente a viscondessa e saiu desesperado.

Uma vez no caminho, o barão procurou descobrir o verdadeiro caráter daquela criatura elástica e forte como uma mola; mas vira-a tomar tantos aspectos que lhe foi impossível formular sobre ela um julgamento seguro. De resto, repercutiam-lhe de tal forma nos ouvidos as entonações da sua voz, e a recordação emprestava tais encantos aos gestos, aos movimentos de cabeça, à expressão dos olhos, que nesse exame ainda mais se apaixonou. Para ele, a beleza da viscondessa brilhava mesmo nas trevas, as impressões que dela recebera despertavam chamadas uma pela outra, para de novo o seduzirem

revelando-lhe graças feminis e espirituais de início despercebidas. Mergulhou numa dessas meditações erradias durante as quais os pensamentos mais lúcidos se combatem, chocam-se uns contra os outros e lançam a alma num curto acesso de loucura. É preciso ser jovem para revelar e para compreender os segredos dessas espécies de ditirambos, em que o coração, assaltado pelas mais justas e pelas mais loucas ideias, cede à última que se apresenta, a um pensamento de esperança ou de desespero, ao léu de um poder desconhecido. Aos vinte e três anos de idade, o homem é quase sempre dominado por um sentimento de modéstia: as timidez e as inquietações da rapariga o agitam, ele teme expressar mal o seu amor, não vê senão dificuldades e assusta-se delas, tem medo de não agradar, seria ousado se não amasse tanto; quanto mais sente o preço da felicidade, menos acredita que a criatura amada lha possa facilmente conceder; além de que talvez se entregue de um modo por demais absoluto a seu prazer, e tema não poder proporcioná-lo. Quando, por infelicidade, seu ídolo infunde respeito, ele o adora em segredo e a distância; se não é correspondido, seu amor expira. Muitas vezes essa paixão prematura, morta num coração jovem, nele permanece cintilante de ilusões. Qual é o homem que não possui várias dessas recordações virgens que, mais tarde, despertam sempre mais graciosas e evocam a imagem duma felicidade perfeita? Recordações semelhantes a esses filhos mortos na flor da idade e de quem os pais só conheceram os sorrisos. O sr. de Nueil voltou pois de Courcelles dominado por uma ânsia de resoluções extremas. A sra. de Beauséant já se tinha tornado para ele a condição de sua existência: preferiria morrer a viver sem ela. Muito moço ainda para sofrer as cruéis fascinações que a mulher perfeita exerce sobre as almas novas e apaixonadas, ele passou uma dessas noites tormentosas durante as quais os jovens vão da felicidade ao suicídio e do suicídio à felicidade, devoram toda uma vida feliz e adormecem esgotados. Noites fatais, em que o maior mal que pode acontecer é acordar filosófico. Excessivamente apaixonado para dormir, o sr. de Nueil levantou-se, pôs-se a escrever cartas das quais nenhuma o satisfez, e queimou-as todas.

No dia seguinte ele foi dar um giro por Courcelles, mas ao cair da

noite, porque receava ser visto pela viscondessa. O sentimento a que obedecia então pertence a um estado de alma tão misterioso, que é preciso ser ainda jovem, ou encontrar-se numa situação semelhante, para compreender-lhe as mudas felicidades e as esquisitices; coisas essas que fariam dar de ombros às pessoas suficientemente felizes para verem somente o *positivo* da vida.

Após hesitações cruéis, Gastão escreveu à sra. de Beauséant a seguinte carta, que pode passar por modelo da fraseologia peculiar aos apaixonados, e comparar-se aos desenhos feitos em segredo pelas crianças para o aniversário dos pais; presentes detestáveis para toda a gente, exceto para aqueles que os recebem:

Senhora,

É tão grande o império que exerce sobre meu coração, sobre minha alma e minha pessoa, que presentemente meu destino depende inteiramente da senhora. Não lance minha carta ao fogo. Seja benevolente e leia-a. Talvez me perdoe essa primeira frase ao perceber que ela não é uma declaração vulgar nem interessada, mas a expressão de um fato natural. Talvez fique sensibilizada pela modéstia das minhas súplicas, pela resignação que me inspira o sentimento da minha inferioridade, pela influência de sua determinação sobre a minha vida. Na minha idade, senhora, eu apenas sei amar; ignoro completamente o que possa agradar a uma mulher, o que a seduz; mas em meu coração sinto por ela uma embriagadora adoração. Sou irresistivelmente atraído para a senhora pelo prazer imenso que me faz experimentar, penso na senhora com todo o egoísmo que nos arrasta aonde, para nós, está o calor vital. Não me julgo digno da senhora. Não, parece-me impossível a mim, jovem, ignorante, tímido, proporcionar-lhe a milésima parte da felicidade a que aspirei ao ouvi-la, ao vê-la. A senhora é para mim a única mulher que existe no mundo. Não concebendo a vida sem a senhora, tomei a resolução de deixar a França e de ir jogar minha existência até perdê-la em qualquer empreendimento impossível, nas Índias, na África, em qualquer parte. Não é necessário que eu combata um amor sem limites por meio de qualquer coisa de infinito? Mas, se me der a esperança, não de pertencer à senhora, mas de obter sua amizade, eu fico. Permita-me passar ao seu lado, raramente mesmo, se assim o exigir, algumas horas semelhantes às que eu consegui furtivamente. Essa frágil felicidade, cujos vivos prazeres me podem ser interditos à mínima palavra que se exceda em veemência, bastará para me fazer suportar o fervilhar de meu sangue. Será pretender muito de sua

generosidade pedir-lhe que consinta um comércio em que o lucro é exclusivamente meu? A senhora saberá fazer ver a essa sociedade, a que tanto sacrifica, que eu nada represento a seus olhos. Tão inteligente e tão elevada como é, que tem a temer? Gostaria de poder abrir-lhe meu coração para mostrar-lhe que minha humilde súplica não esconde segundas intenções. Não lhe teria dito que meu amor era sem limites, pedindo-lhe que me concedesse sua amizade, se tivesse a esperança de fazer com que partilhasse do sentimento profundo sepultado em minha alma. Não, eu serei a seu lado aquilo que a senhora desejar que eu seja, contanto que eu aí esteja. Se me recusar isso, e a senhora o pode, absolutamente não me queixarei. Partirei. Se, mais tarde, uma outra mulher por qualquer motivo entrar na minha vida, a senhora terá tido razão; mas, se eu morrer fiel ao seu amor, talvez a senhora sinta algum arrependimento! A esperança de causar-lhe um arrependimento atenuará minhas angústias e será toda a vingança de meu coração desprezado...

É preciso ter conhecido todos os incomensuráveis infortúnios da mocidade, é preciso ter montado em todas as Quimeras de duplas asas brancas, que oferecem suas ancas femininas a ardentes imaginações, para compreender o suplício que sofreu Gastão de Nueil quando supôs seu primeiro *ultimatum* entre as mãos da sra. de Beauséant. Vía a viscondessa fria, risonha e zombando do amor como as criaturas que nele não acreditam mais. Desejaria reaver sua carta; achava-a absurda, ocorriam-lhe mil e uma ideias infinitamente melhores, ou que teriam sido mais afetuosas que suas frases frias, suas malditas frases alambicadas, sofisticadas, pretensiosas, mas felizmente bastante mal pontuadas e bem irregularmente escritas. Procurou não pensar, não sentir; mas pensava, sentia e sofria. Se tivesse trinta anos, ter-se-ia embriagado; mas esse rapaz ainda ingênuo não conhecia os recursos do ópio, nem os expedientes da requintada civilização. Ele não tinha ali, ao seu lado, nenhum daqueles bons amigos de Paris, que tão bem saber dizer: *Paete, non dolet!*^[21] estendendo-nos uma garrafa de champanha, ou nos arrastam a uma orgia para suavizar-nos as angústias da incerteza. Excelentes amigos, sempre arruinados quando somos ricos, sempre numa estação de águas quando os procuramos, tendo sempre perdido no jogo o último luís quando lhes pedimos um, tendo, porém, sempre um cavalo ruim para nos vender; mas, afinal, as melhores criaturas da terra, sempre prontas a embarcar conosco para

descerem uma dessas ladeiras íngremes em que se consomem o tempo, a alma e a vida!

Finalmente, o sr. de Nueil recebeu das mãos de Jacques uma carta lacrada de cera perfumada, com as armas de Borgonha, escrita num papelzinho velino, e que cheirava à linda mulher.

Correu imediatamente a fechar-se para ler e reler *sua* carta.

Pune-me severamente, senhor, pela boa vontade que empreguei em poupar-lhe a rudeza duma recusa, e pela sedução que o espírito sempre exerce sobre mim. Confiei na nobreza da juventude, e o senhor me enganou. Contudo falei-lhe, senão com o coração aberto, o que teria sido perfeitamente ridículo, pelo menos com franqueza, e expus-lhe minha situação, a fim de fazer compreender minha frieza a uma alma jovem. Quanto mais o senhor me interessou, mais viva foi a pena que me causou. Eu sou naturalmente terna e boa; mas as circunstâncias me tornam má. Outra mulher teria queimado sua carta sem a ler; eu a li e lhe respondo. Meus raciocínios provar-lhe-ão que, se não sou insensível à expressão de um sentimento que fiz nascer, mesmo involuntariamente, estou longe de compartilhá-lo, e minha conduta lhe demonstrará muito melhor ainda a sinceridade da minha alma. Além disso, quis, para seu bem, empregar a espécie de autoridade que o senhor me dá sobre sua vida, e desejo exercê-la uma única vez para fazer cair o véu que lhe tapa os olhos.

Em breve terei trinta anos, e o senhor tem apenas vinte e dois.^[22] O senhor mesmo ignora quais serão suas ideias quando tiver a minha idade. Os juramentos que faz com tanta facilidade hoje poderão então parecer-lhe muito pesados. Hoje, acredito, o senhor me daria toda sua vida sem hesitar, capaz mesmo de morrer por um prazer efêmero; mas aos trinta anos a experiência tirar-lhe-ia a força de fazer-me sacrifícios cada dia, e eu me sentiria profundamente humilhada em aceitá-los. Um dia, tudo lhe mandará, a própria natureza lhe ordenará abandonar-me; e eu já lhe disse que prefiro a morte ao abandono. Como vê, o infortúnio ensinou-me a ser calculista. Eu raciocino, não tenho nenhuma paixão. O senhor força-me a dizer-lhe que eu não o amo, que eu não devo, não posso nem quero amá-lo. Já passei o momento da vida em que as mulheres cedem a impulsos irrefletidos do coração, e não saberia ser a amante que o senhor procura. Meu consolo, senhor, vem de Deus, não dos homens. Além disso, leio demasiado claramente nos corações à luz do amor enganado, para aceitar a amizade que me pede, que me oferece. Seu coração o engana, e o senhor espera muito mais da minha fraqueza que da sua força. Tudo isso é um produto do instinto.

Perdoe-lhe essa astúcia de criança; o senhor ainda não é cúmplice dela. Ordene-lhe, em nome desse amor passageiro, em nome de sua vida, em nome de minha tranquilidade, que fique na sua terra, que não ponha em risco, por uma ilusão que necessariamente se extinguirá, uma vida digna e bela. Mais tarde, quando, realizando seu verdadeiro destino, tiver desenvolvido todos os sentimentos que estão reservados ao homem, o senhor apreciará minha resposta, que talvez agora acuse de seca. Tornará então a encontrar com prazer uma mulher velha cuja amizade ser-lhe-á certamente doce e preciosa: ela não terá sido submetida nem às vicissitudes da paixão, nem aos desencantos da vida; nobres ideias, ideias sagradas conservá-la-ão pura e santa. Adeus, senhor; atenda-me considerando que seus triunfos hão de trazer alegria à minha solidão, e só pense em mim como se pensa numa pessoa ausente.

Depois de ter lido essa carta, Gastão de Nueil escreveu estas linhas:

Senhora, se deixasse de amá-la, aceitando a oportunidade que me oferece de ser um homem comum, eu bem mereceria minha sorte, confesse! Não, não atenderei, e juro-lhe uma fidelidade que só se acabará com a morte. Oh! aceite minha vida, a menos que não tema causar um remorso na sua...

Quando o criado do sr. de Nueil voltou de Courcelles, seu patrão disse-lhe:

— A quem entregaste meu bilhete?

— À própria senhora viscondessa; ela estava numa carruagem e já ia partindo...

— Para vir à cidade?

— Acho que não, senhor. A berlinda da senhora viscondessa estava atrelada com dois cavalos de posta.

— Ah, ela vai-se! — exclamou o barão.

— Sim, senhor — respondeu o criado.

Imediatamente Gastão fez seus preparativos para seguir a sra. de Beauséant. Ela arrastou-o até Genebra sem saber-se acompanhada por ele. Entre as mil reflexões que o assediaram durante essa viagem, esta: “Por que terá ela ido embora?” preocupou-o mais particularmente. Essa interrogação foi motivo para mil suposições, dentre as quais ele escolheu naturalmente a mais animadora e que foi: “Se a viscondessa quer amar-me, não há dúvida que, mulher inteligente, ela deve preferir

a Suíça, onde ninguém nos conhece, à França, onde encontraria censores”.

Certos homens seriam incapazes de amar uma mulher bastante hábil para escolher seu terreno; só os amorosos refinados o fazem. Aliás, nada prova que a suposição de Gastão fosse verdadeira.

A viscondessa alugou uma pequena casa à borda do lago. Quando já estava instalada, Gastão ali se apresentou por uma linda tarde, ao anoitecer. Jacques, criado essencialmente aristocrático, absolutamente não se espantou de ver o sr. de Nueil, e anunciou-o como criado habituado a tudo compreender. Ao ouvir aquele nome, ao ver o rapaz, a sra. de Beauséant deixou cair o livro que tinha na mão; sua surpresa deu tempo a Gastão de chegar até ela e de dizer-lhe numa voz que lhe pareceu deliciosa:

— Com que prazer me valí dos mesmos cavalos que a trouxeram!

Ser assim atendida em seus secretos desejos! Qual mulher não cederia a uma tal felicidade? Uma italiana, uma dessas divinas criaturas cuja alma é antípoda da das parisienses, e que desse lado dos Alpes seria considerada profundamente imoral, dizia ao ler romances franceses: “Não vejo por que esses pobres apaixonados levam tanto tempo a arranjar o que deve ser ocupação para uma única manhã”. Por que não poderia o narrador, a exemplo dessa italiana, evitar enlanguescer demais seus ouvintes e sua narrativa? Bem que haveria cenas amorosas lindas de descrever, doces retardamentos que a sra. de Beauséant desejava impor a felicidade de Gastão para sucumbir galhardamente como as virgens da Antiguidade; talvez também para gozar as castas volúpias do primeiro amor e fazê-lo atingir sua mais alta expressão de força e veemência. O sr. de Nueil ainda estava na idade em que um homem é vítima desses caprichos, desses meios que tanto engodam as mulheres, e que elas prolongam, seja para bem estipular suas condições, seja para fruir por mais tempo seu poder, cujo declínio próximo instintivamente pressentem. Mas esses pequenos protocolos de *boudoir*, menos numerosos que os da conferência de Londres, têm muito pouca importância na história duma paixão verdadeira para serem mencionados.

A sra. de Beauséant e o sr. de Nueil permaneceram durante três

anos na vila situada à beira do lago de Genebra e que a viscondessa alugara. Ali ficaram sozinhos, sem ver ninguém, sem dar que falar de si, passeando de bote, levantando-se tarde, felizes, enfim, como todos nós sonhamos ser. A pequena casa era simples, com persianas verdes, cercada de amplas varandas ornadas de toldos, um verdadeiro ninho de amor com canapés brancos, tapetes fofos, pintura nova, onde tudo brilhava de alegria. De cada janela divisava-se o lago sob um aspecto diferente; ao longe, as montanhas e seus contornos esfumados, coloridos, fugidios; acima deles, um céu maravilhoso; à frente, um extenso lençol de água caprichosa, cambiante! As coisas pareciam sonhar por eles, e tudo lhes sorria.

Importantes interesses chamaram o sr. de Nueil à França; seu pai e seu irmão tinham morrido; ele teve que deixar Genebra. Os dois amantes compraram aquela casa e gostariam de poder cortar as montanhas e retirar a água do lago abrindo uma válvula, para levarem tudo com eles. A sra. de Beauséant acompanhou o sr. de Nueil. Vendeu sua casa e comprou, perto de Manerville, uma propriedade considerável que limitava com as terras de Gastão, e onde continuaram juntos. O sr. de Nueil concedeu bondosamente à mãe o usufruto dos domínios de Manerville, em troca da liberdade que ela lhe deu de continuar solteiro. A terra da sra. de Beauséant ficava situada perto de uma cidadezinha, numa das mais lindas posições do vale de Auge. Ali, os dois amantes ergueram entre eles e o mundo barreiras que nem as ideias sociais nem as pessoas podiam transpor, e tornaram a encontrar os felizes dias da Suíça. Durante nove anos a fio gozaram de uma felicidade que é inútil descrever: o desfecho desta história deixará sem dúvida entrever as delícias desse tempo àqueles cuja alma pode compreender, no infinito de suas maneiras de ser, a poesia e a oração.

Entretanto, o marquês de Beauséant (seu pai e seu irmão mais velho tinham morrido), o marido da sra. de Beauséant, gozava de uma perfeita saúde. Nada nos dá mais força para viver que a certeza de que nossa morte fará a felicidade de outrem. O sr. de Beauséant era uma dessas pessoas irônicas e obstinadas que, semelhantes a reдеiros vitalícios, encontram mais prazer que qualquer outra ao se levantarem bem-dispostas cada manhã. Galante homem, ademais um pouco

metódico, cerimonioso e calculista, capaz de declarar seu amor a uma mulher tão tranquilamente como seu criado diz: “Senhora, está na mesa”.

Essa pequena notícia biográfica sobre o marquês de Beauséant tem por objeto fazer compreender a impossibilidade em que estava a marquesa de desposar o sr. de Nueil.

Ora, depois desses nove anos de felicidade, o mais doce contrato que uma mulher poderia assinar, o sr. de Nueil e a sra. de Beauséant encontraram-se numa situação tão natural e tão falsa quanto aquela em que tinham ficado no início desta aventura; crise fatal, todavia, da qual é impossível dar uma ideia, mas cujos termos podem ser enunciados com uma precisão matemática.

A sra. condessa de Nueil, mãe de Gastão, jamais quisera ver a sra. de Beauséant. Era uma pessoa rígida e virtuosa, que fizera muito legalmente a felicidade do sr. de Nueil, pai. A sra. de Beauséant compreendeu que essa respeitável matrona devia ser sua inimiga e que tentaria arrancar Gastão à sua vida imoral e antirreligiosa. A marquesa gostaria de vender suas terras e voltar para Genebra. Mas isso seria não confiar no sr. de Nueil, e ela era incapaz de tal. Além do que, ele precisamente tinha se tomado de amores pelas terras de Valleroy, onde fazia grandes plantações, grandes movimentos de terrenos. Não seria arrancá-lo a uma espécie de felicidade mecânica que as mulheres desejam sempre para seus maridos e mesmo para seus amantes?

Havia chegado à região uma tal srta. de la Rodière, jovem de vinte e dois anos de idade e possuidora de uma fortuna que lhe dava quarenta mil francos de renda. Gastão encontrava essa herdeira em Manerville toda vez que o dever ali o conduzia. Postas assim essas personagens como os números duma proporção aritmética, a carta seguinte, escrita e remetida uma manhã a Gastão, explicará agora o angustiante problema que, havia um mês, a sra. de Beauséant procurava resolver:

Meu anjo amado, escrever-te, quando vivemos coração com coração, quando nada nos separa, quando nossas carícias tão seguidamente nos servem de linguagem, e quando as palavras são também carícias, não será um contrassenso? E, no entanto, não é, meu amor. Há certas coisas que uma mulher não pode dizer em presença de seu amado; o simples fato de pensar nessas

coisas paralisa-lhe a voz, faz refluir todo seu sangue para o coração; fica sem força e incapaz de raciocinar.

Sentir-me assim ao teu lado faz-me sofrer; e muitas vezes me sinto assim. Reconheço que meu coração deve ser todo verdade para ti, que não te devo ocultar nenhum de meus pensamentos, mesmo os mais fugazes; e amo ao extremo esse doce abandono que tão bem se ajusta comigo, para permanecer por mais tempo embaraçada, constrangida. Por isso quero confiar-te minha angústia. Escuta-me! Não me faças esse *tá tá tá...* com que me fazes calar com uma impertinência que eu adoro, porque de ti tudo me agrada. Querido esposo do céu, deixa-me dizer-te que apagaste toda a recordação das cores a cujo peso outrora minha vida ia sucumbir. Só tu me fizeste conhecer o amor. Foi preciso a candura da tua radiante mocidade, a pureza da tua grande alma para satisfazer as exigências de um coração de mulher exigente. Amigo, muitas vezes palpitei de alegria ao pensar que, durante esses nove anos, tão rápidos e tão longos, nem uma vez meu ciúme foi provocado. Tive todas as flores da tua alma, todos os teus pensamentos. Não houve nunca a mais leve nuvem no nosso céu, nunca soubemos o que é um sacrifício, sempre obedecemos ao impulso de nossos corações. Gozei uma felicidade sem limites para uma mulher. As lágrimas que molham estas páginas poderão expressar-te todo o meu reconhecimento? Gostaria de tê-las escrito de joelhos. Pois bem, essa felicidade fez-me conhecer um suplício mais horrível que o do abandono. Querido, o coração de uma mulher tem recessos bem profundos: eu mesma até agora ignorava a extensão do meu, como ignorava a extensão do amor. As maiores misérias que possam nos atormentar são ainda leves de suportar comparadas só à ideia da infelicidade daquele que amamos. E, se essa infelicidade for causada por nós, não será o caso de morrermos?... Tal é o pensamento que me oprime. Mas ele traz consigo um outro muito mais opressivo; e esse degrada a glória do amor, mata-o, torna-o uma humilhação que arruína para sempre a vida. Tu tens trinta anos e eu tenho quarenta. Que terror essa diferença de idade inspira a uma mulher apaixonada! Tu podes ter, a princípio involuntariamente, depois seriamente, sentido os sacrifícios que me fizeste renunciando a tudo no mundo por mim. Talvez tenhas pensado no teu destino na vida social, nesse casamento que deve aumentar necessariamente tua fortuna, permitir que confesses tua felicidade, teus filhos, que transmitas teus bens, que frequentes a sociedade e que nela ocupes com honra o teu lugar. Mas debes ter reprimido esses pensamentos, feliz por sacrificares a mim, sem que eu saiba, uma herdeira, uma fortuna e um belo futuro. Na tua generosidade de moço, debes ter querido permanecer fiel aos juramentos que só nos ligam à face de Deus. Meus desgostos passados devem ter se apresentado a ti, e eu devo ter sido protegida

pela desgraça donde me tiraste. Deves teu amor à tua piedade! Essa ideia me é ainda mais horrível que o temor de estragar tua vida. Aqueles que sabem apunhalar suas amantes são bem caridosos quando as matam felizes, inocentes, e no auge de suas ilusões... Sim, a morte é preferível aos dois pensamentos que, há alguns dias, entristecem secretamente minhas horas. Ontem, quando me perguntaste tão meigamente: “Que é que tens?”, tua voz me fez estremecer. Julguei que, como é teu costume, lias na minha alma, e esperei tuas confidências, imaginando ter tido justos pressentimentos ao supor as conjecturas da tua razão. Lembrei-me então de algumas atenções que te são habituais, mas nas quais acreditei perceber essa espécie de afetação pela qual os homens traem uma lealdade penosa de manter. Nesse momento, paguei bem caro minha felicidade, senti que a natureza nos vende sempre os tesouros do amor. Na verdade, a sorte não nos separou? Tu terás pensado: “Cedo ou tarde deverei deixar a pobre Clara; por que não me separar dela a tempo?”. Essa frase estava escrita no fundo de teu olhar. Deixei-te para ir chorar longe de ti. Esconder-te lágrimas, as primeiras que o desgosto me vez verter de dez anos para cá, e eu sou muito altiva para mostrá-las; mas não te acusei. Sim, tens razão, não devo ter o egoísmo de submeter tua vida brilhante e promissora à minha que em breve estará esgotada... Mas se eu me enganasse?... se eu tivesse tomado uma das tuas melancolias de amor por um pensamento refletido?... Ah! meu anjo, não me deixes na incerteza, pune tua mulher ciumenta; mas restitui-lhe a consciência de seu amor e do teu: toda mulher está nesse sentimento, que sacrifica tudo. Desde a chegada de tua mãe, e desde que viste em casa dela a srta. de la Rodière, sou devorada por dúvidas que nos desonram. Faze-me sofrer, mas não me enganes: quero saber tudo, tanto o que tua mãe te diz como o que pensas! Se hesitaste entre alguma coisa e eu, restituo-te tua liberdade... Ocultar-te-ei meu destino, saberei não chorar diante de ti; apenas não quero mais tornar a ver-te... Oh, paro, meu coração arrebenta!

Permaneci melancólica e atônita por alguns instantes. Amigo, não encontro forças para me mostrar arrogante contigo. Tu és tão bom, tão franco! Não serias capaz nem de me ferir, nem de me enganar; mas me dirás a verdade, por mais cruel que ela possa ser. Queres que encoraje tua confissão? Pois bem, meu coração, serei consolada por um pensamento feminino. Não possuí teu ser jovem e pudico, todo graça, todo beleza, todo delicadeza, um Gastão que mais nenhuma mulher poderá conhecer e que eu gozei deliciosamente...? Não, tu não amarás mais como me amaste, como me amas; não, eu não poderia ter uma rival. Minhas recordações serão sem amargura ao pensar em nosso amor, que é todo o meu pensamento. Não está fora de teu poder encantar doravante uma mulher pelas meiguices infantis, pelos juvenis carinhos de um coração jovem,

por essas gentilezas de alma, esses atrativos físicos e esses rápidos entendimentos da sensibilidade, enfim pelo adorável cortejo que acompanha o amor adolescente? Ah, agora és um homem, obedecerás a teu destino calculando tudo! Terás preocupações, inquietudes, ambições, anseios que te privarão desse sorriso constante e inalterável que sempre embelezavam teus lábios para mim. Tua voz, para mim sempre tão doce, será por vezes ríspida. Teus olhos, sempre iluminados de um brilho celeste ao ver-me, embaçar-se-ão amiúde para *ela*. Depois, como é impossível amar-te como eu te amo, essa mulher jamais te agradecerá tanto quanto eu te agradei. Ela não terá esse cuidado perpétuo que eu tive comigo mesma a esse estudo contínuo de tua felicidade, cuja compreensão nunca me faltou. Sim, o homem, o coração, a alma que eu conheci não existirão mais; eu os sepultarei na minha lembrança para gozá-los ainda e viver feliz por essa maravilhosa vida passada, mas desconhecida de todos que não nós.

Meu querido tesouro, se contudo não tiveste a mais leve ideia de liberdade, se meu amor não te pesa, se meus temores são quimeras, se eu continuo sendo para ti a tua eva, a única mulher que há no mundo, uma vez lida esta carta, vem, corre! Ah, eu te amarei num instante mais do que te amei, creio eu, durante esses nove anos! Depois de ter sofrido o suplício inútil dessas suspeitas de que me acuso, cada dia acrescentado ao nosso amor, sim, um único dia, será toda uma vida de felicidades. Por isso, fala, sê franco: não me enganes, isso seria um crime. Dize: queres tua liberdade? Refletiste sobre tua vida de homem? Tens algum desgosto? Eu, causar-te um desgosto, eu morreria! Já te disse: tenho-te suficiente amor para preferir tua felicidade à minha, tua vida à minha. Não te lembres, se puderes, dos nossos nove anos de felicidade, para que essa lembrança não te influencie em tua decisão; mas fala! Sou submissa a ti como a Deus, esse único consolo que me restará se tu me abandonares.

Quando a sra. de Beauséant soube que esta carta estava em mãos do sr. de Nueil, caiu num abatimento tão profundo e numa meditação tão entorpecente pela grande afluência de pensamentos, que ficou como que paralisada. Por certo, ela sofria essas dores cuja intensidade nem sempre é proporcionada às forças da mulher e que só as mulheres conhecem. Enquanto a infeliz marquesa aguardava sua sorte, o sr. de Nueil estava, tendo lido a carta, muito *atrapalhado*, segundo a expressão empregada pelos jovens nessas espécies de crises. Ele tinha, então, quase cedido às instâncias da mãe e aos atrativos da srta. de la Rodière, moça bastante insignificante, reta como álamo, branca e

rósea, meio muda, segundo o programa prescrito a todas as raparigas casadouras; mas seus quarenta mil francos de renda em propriedades de terras falavam eloquentemente por ela. A sra. de Nueil, auxiliada por sua sincera afeição de mãe, procurava atrair o filho à virtude. Fazia-o observar o que havia de lisonjeiro para ele em ser distinguido pela srta. de la Rodière, quando tantos bons partidos lhe eram propostos; já era tempo de pensar em seu futuro, outra ocasião assim não se apresentaria; um dia ele teria oitenta mil francos de renda em bens imóveis; a fortuna consolava de tudo; se a sra. de Beauséant o amava por ele, ela deveria ser a primeira a convencê-lo de casar-se. Enfim, aquela boa mãe não esquecia nenhum dos meios pelos quais uma mulher pode influir sobre a razão de um homem. Com isso, ela tinha levado o filho a hesitar. A carta da sra. de Beauséant chegou num momento em que o amor de Gastão lutava contra todas as seduções de uma vida arranjada convenientemente e conforme as ideias da sociedade; mas essa carta decidiu o combate. Ele resolveu deixar a marquesa e casar-se.

— É preciso ser homem na vida! — disse ele consigo.

Depois, imaginou o sofrimento que sua resolução iria causar à amante, sofrimento que sua vaidade de homem tanto quanto sua consciência de amante faziam ainda maior; sentiu-se invadido por uma sincera piedade. Compreendeu de repente esse imenso infortúnio e achou necessário, caridoso, amortecer esse golpe mortal. Pensou poder levar a sra. de Beauséant a um estado de calma e fazer com que ela determinasse esse cruel casamento, acostumando-a gradativamente à ideia duma separação necessária, deixando sempre entre eles a srta. de la Rodière como um fantasma, sacrificando-a primeiro para a impor mais tarde. Chegava, para triunfar nesse piedoso empreendimento, a contar com a nobreza, com a altivez da marquesa, e com as formosas qualidades da sua alma. Respondeu-lhe, assim, para acalmar suas suspeitas.

Responder! Para uma mulher que juntava à intuição do amor verdadeiro as mais delicadas percepções do espírito feminino, a carta era uma sentença. Por isso, quando Jacques entrou, quando se dirigiu à sra. de Beauséant para entregar-lhe um papel dobrado

triangularmente, a pobre mulher sobressaltou-se como uma andorinha aprisionada. Um frio desconhecido percorreu-a da cabeça aos pés, envolvendo-a num lençol de gelo. Se ele não vinha prostrar-se a seus joelhos, súplice, se ele não vinha em pranto, pálido de amor, tudo estava acabado. Contudo, há tanta esperança no coração das mulheres que amam! São precisas muitas punhaladas para matá-las; elas amam e sangram até a última.

— A senhora necessita de alguma coisa? — perguntou Jacques com voz suave, retirando-se.

— Não — foi a resposta.

“Pobre homem”, pensou ela enxugando uma lágrima, “ele me compreende; ele, um criado!”

Começou a ler: *Minha bem-amada, estás criando quimeras...* Ao divisar essas palavras seus olhos cobriram-se de um véu espesso. A voz íntima de seu coração gritava-lhe: “Ele mente!”. Depois, abarcando com a vista toda a primeira página com essa avidez lúcida que a paixão comunica, ela lera embaixo estas palavras: *Nada está resolvido...* Voltando a página com uma vivacidade convulsiva, ela percebeu distintamente o espírito que havia ditado as frases enrodilhadas daquela carta em que não encontrava mais as expansões impetuosas do amor; amassou-a, rasgou-a, enrolou-a, mordeu-a, lançou ao fogo e exclamou:

— Oh, o infame! Ele me possuiu não me amando mais!

Depois, semimorta, deixou-se cair no canapé.

O sr. de Nueil saíra depois de ter escrito a carta. Quando voltou, encontrou Jacques na soleira da porta, e Jacques entregou-lhe uma carta dizendo-lhe:

— A senhora marquesa não está mais no castelo.

O sr. de Nueil, espantado, rasgou a sobrecarta e leu:

Senhora, se deixasse de amá-la aceitando a oportunidade que me oferece de ser um homem comum, eu bem mereceria minha sorte, confesse! Não, não a atenderei, e juro-lhe uma fidelidade que só se acabará com a morte. Oh! aceite minha vida, a menos que não tema causar um remorso na sua...

Era o bilhete que ele havia escrito à marquesa na ocasião em que ela

partira para Genebra. Abaixo, Clara de Borgonha escrevera: “Está livre, senhor”.

Gastão de Nueil voltou para a companhia da mãe, em Manerville. Vinte dias depois, desposou a srta. Estefânia de la Rodière.

Se essa história duma veracidade vulgar terminasse aqui, seria quase uma mistificação. A maioria dos homens não terá uma mais interessante para contar? Mas a celebridade do desfecho, infelizmente verdadeiro, mas tudo o que ele poderá fazer nascer de recordações na alma daqueles que conheceram as celestiais delícias duma paixão infinita, que eles próprios destruíram ou perderam por qualquer fatalidade cruel, talvez ponham esta narrativa ao abrigo das críticas.

A marquesa de Beauséant não tinha deixado o seu castelo de Valleroy quando de sua separação do sr. de Nueil por uma infinidade de razões que se devem deixar encerradas no coração das mulheres, sendo que cada uma saberá quais as que lhe serão próprias. Clara continuou a residir nele depois do casamento do sr. de Nueil. Viveu num isolamento tão profundo que seus serviçais — exceto Jacques e a criada de quarto — não mais a viram. Ela exigia um silêncio absoluto na casa e só saía de seus aposentos para ir à capela de Valleroy, onde um padre dos arredores vinha rezar-lhe a missa todas as manhãs.

Poucos dias após seu casamento, o conde de Nueil caiu numa espécie de apatia conjugal, que tanto podia significar felicidade como infelicidade.

Sua mãe dizia a toda a gente:

— Meu filho está completamente feliz.

A sra. Gastão de Nueil, tal como muitas moças, era mais ou menos terna, meiga, paciente; ficou grávida um mês depois de casada. Tudo isso estava de acordo com a educação recebida. O sr. de Nueil era muito bom para ela; apenas dois meses depois de ter deixado a marquesa, tornou-se extremamente alheado e pensativo. Mas toda a vida ele tinha sido sério, dizia a mãe.

Após sete meses dessa tépida felicidade, aconteceram alguns fatos insignificantes na aparência, mas que comportam enorme desdobrar de ideias e denunciam imensa inquietação de espírito para não serem simplesmente referidos e abandonados ao capricho das interpretações

de cada inteligência.

Um dia, em que o sr. de Nueil havia caçado nas terras de Manerville e de Valleroy, ele regressou pelo parque da sra. de Beauséant. Mandou chamar Jacques, esperou-o e perguntou ao criado quando este chegou:

— A marquesa ainda gosta de caça?

À resposta afirmativa de Jacques, Gastão ofereceu-lhe uma soma bastante elevada, acompanhada de argumentos especiosos, para obter dele o pequeno favor de reservar para a marquesa o resultado de sua caçada. Pareceu sem importância a Jacques que sua ama comesse uma perdiz morta por seu guarda ou pelo sr. de Nueil, pois que este desejava que a marquesa não soubesse a proveniência da caça.

— Ela foi morta em suas terras — disse o conde.

Durante vários dias, Jacques prestou-se a essa inocente burla. O sr. de Nueil partia de manhã cedo para caçar e só voltava à casa para almoçar, sem nunca ter matado nada. Uma semana inteira decorreu assim. Gastão cobrou bastante ânimo para escrever uma longa carta à marquesa e fê-la chegar às mãos dela. A carta foi-lhe devolvida sem ter sido aberta. Era quase noite quando o criado da marquesa a trouxe de volta. De súbito, o conde lançou-se fora do salão, onde parecia escutar um *capriccio* de Hérold[23] estropiado ao piano por sua mulher, e correu à casa da marquesa com a rapidez de um homem que voa a um encontro marcado. Saltou para o parque por uma brecha que lhe era conhecida e caminhou lentamente através das alamedas, parando por momentos como para tentar reprimir as sonoras palpitações de seu coração; depois, chegando próximo ao castelo, ouviu uns ruídos surdos e presumiu que todos os criados estivessem à mesa. Encaminhou-se para os aposentos da sra. de Beauséant. A marquesa nunca saía de seu quarto de dormir. O sr. de Nueil conseguiu chegar até a porta deste sem fazer o mínimo ruído. Ali, viu à luz de duas velas a marquesa, magra e pálida, sentada numa enorme poltrona, a cabeça inclinada, as mãos pendentes, os olhos fixos num objeto que ela parecia não ver. Era a dor na sua mais completa expressão. Havia naquela atitude uma vaga esperança, mas não se sabia se Clara de Borgonha olhava para o túmulo ou para o passado. Talvez as lágrimas do sr. de Nueil tenham brilhado nas trevas, talvez sua respiração se tenha tornado

ligeiramente ofegante, talvez tenha tido um estremecimento involuntário, ou talvez sua presença fosse impossível sem o fenômeno da intussuscepção cuja frequência é a um tempo a glória, a felicidade e a prova do verdadeiro amor. A sra. de Beauséant voltou lentamente o rosto para a porta e viu o seu antigo amante. O sr. de Nueil deu então alguns passos.

— Se avançar, senhor — exclamou a marquesa, empalidecendo —, eu me atirarei por esta janela!

Ela arremessou-se ao ferrolho, abriu-o e ficou com um pé apoiado no exterior do vão da janela, a mão no parapeito e a cabeça voltada para Gastão.

— Saia, saia — gritou —, senão me atiro!

A esse grito terrível, o sr. de Nueil, ouvindo os criados em agitação, fugiu como um malfeitor.

De volta em casa, Gastão escreveu uma carta muito curta e encarregou seu criado de levá-la à sra. de Beauséant, recomendando-lhe que fizesse saber à marquesa que se tratava de um assunto de vida ou de morte para ele. Quando o mensageiro saiu, o sr. de Nueil voltou para o salão e nele encontrou a esposa, que continuava a decifrar o *capriccio*. Sentou-se, à espera da resposta. Uma hora depois, findo o *capriccio*, os dois esposos estavam um diante do outro, silenciosos, cada qual de um lado da lareira, quando o criado voltou de Valleroy e devolveu ao amo a carta, que não tinha sido aberta.

O sr. de Nueil passou para um pequeno gabinete contíguo ao salão onde guardara sua espingarda de volta da caçada, e matou-se.

Esse rápido e fatal desfecho, tão contrário aos hábitos da jovem França, é natural.

As pessoas que bem observaram ou deliciosamente experimentaram os fenômenos a que a união perfeita de dois seres dá lugar, compreenderão perfeitamente esse suicídio. Uma mulher não se amolda, não se submete num dia aos caprichos da paixão. A voluptuosidade, como uma flor rara, exige os cuidados da mais engenhosa cultura; só o tempo e a harmonia das almas são capazes de lhe revelar todos os recursos, de fazer nascer esses prazeres ternos, delicados, pelos quais somos imbuídos de mil superstições e que

cremos inerentes à pessoa cujo coração nô-los prodiga. Esse admirável entendimento, essa crença religiosa, e a certeza fecunda de experimentar uma felicidade particular junto da pessoa amada são em parte o segredo das uniões duradouras e das longas paixões. Junto a uma mulher que possui o gênio do seu sexo, o amor nunca é um hábito: sua adorável ternura sabe revestir-se de formas tão variadas, ela é tão espiritual e tão amorosa ao mesmo tempo, ela põe tantos artifícios em sua natureza ou tanta naturalidade nos seus artifícios, que se torna tão poderosa pela recordação quanto o é pela sua presença. Comparadas a ela, todas as mulheres empalidecem. É preciso ter sentido o temor de perder um amor tão vasto, tão ardente, ou tê-lo perdido, para conhecer-lhe todo o valor. Mas se, tendo-o conhecido, um homem dele se priva para cair num casamento frio; se a mulher em que ele julgou encontrar a mesma felicidade prova-lhe, por qualquer um desses fatos sepultados nas trevas da vida conjugal, que essa felicidade não reviverá mais para ele; se ele ainda tem nos lábios o gosto de um amor celestial, e se feriu mortalmente sua verdadeira esposa por uma quimera social, então é preciso morrer ou ter essa filosofia material, egoísta, fria, que horroriza as almas apaixonadas.

Quanto à sra. de Beauséant, sem dúvida ela não acreditou que fosse até o suicídio o desespero de seu amigo, depois de o ter largamente cercado de amor durante nove anos. Talvez ela pensasse ser a única a sofrer. Ela tinha, aliás, o pleno direito de recusar-se à mais aviltante partilha que existe, e que uma esposa pode tolerar por elevadas razões sociais, mas que uma amante deve odiar, porque na pureza de seu amor é que reside toda a sua justificação.

Angoulême, setembro de 1832

HONORINA

TRADUÇÃO DE **CASIMIRO FERNANDES**

INTRODUÇÃO

Como precisasse com urgência de cem ducados, Balzac — segundo ele mesmo relata em carta de 17 de janeiro à “Estrangeira” — compôs *Honorina* (em francês: *Honorine*) em três dias. No acesso de otimismo que se apoderava dele depois de tais façanhas, achava a novela superior “a qualquer coisa que tivesse escrito no mesmo padrão”, inclusive *A mensagem* e *A mulher abandonada*. Quando, porém, em março, a obra começou a sair em folhetins de *La Presse*, seu entusiasmo já arrefeceu consideravelmente e não hesitou em confiar suas inquietações à mesma correspondente: “*Honorina* vai sair hoje. Estou com medo de ter escrito uma tolice”. Poucos dias depois, vendo o acolhimento favorável, resserenou-se e, sempre em carta escrita à condessa Hanska, tirava a seguinte conclusão: “Tudo isso quer dizer que um trabalho feminino constitui especulação de glória bem melhor do que uma obra viril”.

Os leitores dessa edição verificarão sem dificuldade que Balzac se enganava ao julgar *Honorina* superior às duas novelas citadas, obras de arte pequenas mas perfeitas, desenhadas com mão segura e de proporções admiráveis. Comparada a elas, *Honorina* revela imediatamente um defeito de construção: a narrativa propriamente dita está encaixada em outra, perfeitamente dispensável. O ambiente italiano dessa última, mero artifício, e a referência lisonjeira a personalidades italianas que receberam bem o escritor durante sua última estadia em Gênova dão-nos a impressão de que Balzac está pagando alguma dívida social. Existe, além disso, um pormenor que perturba a leitura: é o fato de o cônsul Maurício, o narrador, casado com uma Onorina Pedrotti, contar uma história em que figura uma

Honorina. Contrariamente à expectativa do leitor, trata-se de duas mulheres diferentes, e a coincidência não é explicada.

(Observamos acessoriamente que a condessa da narrativa não se chamava assim na realidade; é o narrador que lhe modifica o nome — como também os outros nomes de sua história, para torná-los irreconhecíveis. Dando à condessa — por quem estava perdidamente apaixonado, embora sem sabê-lo — o nome da mulher com quem casou depois de perder de vista a condessa, o cônsul Maurício está praticando uma espécie de restituição. Substituíra a condessa pela mulher com quem se casou; agora numa tentativa inconsciente de reconciliação com a morta, adorna-a com o nome que retira à esposa.)

Se agora, fazendo abstração da cena que serve de introdução e fim, passamos a considerar a narrativa central, choca-nos o abuso de certos recursos românticos, como os infinitos cuidados tomados pelo conde Otávio para ajudar a esposa infiel sem que esta o saiba, os disfarces que impõe a si mesmo e a seus auxiliares. Todo esse aparato deve também ser posto à margem para se chegar ao âmago da novela, tanto mais que é o próprio Balzac quem faz questão de nos advertir que “os dramas da vida não residem nas circunstâncias, mas sim nos sentimentos”.

O que resta, então, é o drama íntimo dos protagonistas: o conde Otávio, que abandonado pela esposa nem por isto deixa de amá-la, e a condessa Honorina, que, embora arrependida de sua falta, não quer voltar para o marido. O êxito da novela, segundo afirma Giuseppe Gigli, em *Balzac in Italia*, foi sobretudo de escândalo. O público interpretava-a como um exemplo em apoio da estranha tese de que a perda da honra de uma jovem esposa não é irreparável, e o marido que ama de verdade a mulher pode e deve perdoá-la. Balzac, por sua vez, insiste em tirar, dentro do próprio romance, uma conclusão um tanto diversa. “O casamento exclui a paixão, a família não pode ter por base as tempestades do amor.” Esta ideia, lembre-se, serviu de base a *Memórias de duas jovens esposas*.

Mas a lição que se tira, antes de tudo, é que uma obra literária não é uma demonstração, e as lições que porventura ofereça nem sempre coincidem exatamente com as que o autor desejava tirar.

No caso de Balzac, as personagens crescem, tomam corpo, ganham

aptidões, temperamento, paixões que as arrastam por seu caminho próprio, além das finalidades preestabelecidas por seu criador.

Sem dúvida, para Balzac o casamento não se resolve pela união dos corações. O amor é antes um escolho do que uma condição do bom matrimônio; como nunca existe em dose igual nos dois cônjuges, o que mais ama se avilta e sofre, o que menos ama tiraniza e tortura. Melhor, pois, que não haja paixão, e o casamento seja uma instituição puramente administrativa e social, à margem das grandes emoções do coração para as quais o romancista reclamava a liberdade mais ampla, um horizonte sem limites. Mas esta concepção, tantas vezes exposta por Balzac, não tem exemplificação perfeita em *Honorina*, pois a infelicidade do conde Otávio resulta menos da paixão que ele sente pela mulher do que de um fator puramente físico que intervém nas relações do casal.

Honorina obstina-se em evitar o esposo a quem traiçoeiramente abandonara e que, apesar disso, continua a adorá-la, e explica a sua recusa a voltar para ele e beneficiar-se do perdão oferecido como mais uma humilhação que impõe a si mesma; na realidade, sente por ele invencível repulsa física e prefere viver pobre, solitária e réproba a entregar-se de novo a ele, apesar de perfeitamente compreender quão mal procedera ao abandoná-lo.

Há em tudo isso uma velada confissão de animalidade que nem Honorina nem Otávio querem admitir, e por isso ambos mentem a si próprios. A grandeza de Balzac consiste em ser fiel à verdade revelando-nos essas mentiras tão cuidadosamente negadas, em penetrar conosco mais uma vez até o fundo da miséria de nossa condição humana.

Por entendermos assim o conflito de Honorina e Otávio não subscreveremos a censura de Taine, que achava contradições nas atitudes da heroína. “A condessa Honorina”, afirma ele, “que morre por um excesso de pudor, escreve, ao morrer, a mais indecente carta”. Se há contradição, ela está nas atitudes sucessivas do próprio autor, como o afirma Ernest Seillière em *Balzac et la morale romantique*. A seus olhos, a personagem de Honorina caracteriza-se por um misticismo passional da espécie mais audaciosa, “pois é o amor mais

puramente físico que é apresentado aqui como ditado por Deus a essa Bacante. Mas, por outro lado, a narrativa é semeada de comentários que condenam a falta da condessa e sua conclusão vinga a moral ultrajada...”. Assim o caso de *Honorina* seria típico da arte de Balzac, “psicólogo que não recua diante das situações mais audaciosas, mas, na maioria dos casos, mantém-se de sangue-frio diante delas, e que, uma vez feitas certas concessões à *poesia* da paixão, assim como às exigências afetivas de suas leitoras habituais, sabe fazer ouvir em surdina a voz da razão, da experiência e da higiene social”.

Na nova edição Pléiade de *A comédia humana*, Pierre Citron, grande conhecedor da vida e da obra de Balzac, julga descobrir nas entrelinhas dessa novela um apelo do escritor à condessa Hanska, a quem ele não via havia sete anos, o que lhe teria dado saudade tão desesperada como a dada ao conde Otávio pela ausência de Honorina. Esse apelo, como outro, feito um ano antes em *Alberto Savarus*, caiu no vácuo, pois a “Estrangeira” não o entendeu, ou não quis entendê-lo.

paulo rónai

HONORINA

AO SR. ACHILLE DEVÉRIA,^[24]
afetuosa recordação do autor

I – SEGUNDO O QUAL O FRANCÊS VIAJA POUCO

Se o franceses têm repugnância às viagens tanto quanto os ingleses têm propensão a elas, é bem possível que eles tenham razão de parte a parte. Pode-se encontrar em todo lugar qualquer coisa de melhor que a Inglaterra, ao passo que é extremamente difícil encontrar longe da França os encantos que esta apresenta. Os outros países oferecem paisagens maravilhosas, apresentam o mais das vezes um *confort* superior ao da França, que progride muito lentamente nesse terreno. Por vezes eles ostentam uma magnificência, uma grandeza, um luxo assombroso; não lhes falta graça nem maneiras nobres; mas a vida cerebral, a atividade de pensamentos, talento de conversa e esse aticismo tão familiares a Paris, esse instantâneo entendimento do que se pensa e do que se não diz, esse gênio do subentendido, que é a metade da língua francesa, não se encontram em parte alguma. Por isso os franceses, cuja zombaria já é tão pouco compreendida, mirram em pouco tempo no estrangeiro como árvores desplantadas. Para a nação francesa, a emigração é um contrassenso. Muitos franceses, como os de que se trata aqui, confessam ter tornado a ver as aduanas de sua terra natal com prazer, o que pode parecer a mais ousada hipérbole do patriotismo.

Esse pequeno preâmbulo tem por fim recordar aos franceses que viajaram o prazer extraordinário que sentiram quando, por vezes, encontraram sua pátria, como um oásis, no salão de algum diplomata; prazer que será dificilmente compreendido por aqueles que nunca abandonaram o asfalto do boulevard des Italiens, e para quem a linha do cais, na margem esquerda, já não é mais Paris. Tornar a encontrar Paris! Sabeis o que isso representa, parisienses? É tornar a encontrar não a cozinha do Rocher de Cancale, como Borel a prepara para os entendidos que a sabem apreciar, pois ela só é feita na rue Montorgueil, mas um serviço que a faça lembrar! E tornar a encontrar os vinhos de França, que fora dela existem em estado mitológico, e são raros como a mulher de que falarei daqui a pouco. E tornar a encontrar não o gracejo da moda, pois de Paris à fronteira ele perde o valor, mas esse meio espiritual, compreensivo, crítico em que vivem os franceses, desde o poeta ao operário, desde a duquesa ao garoto da rua.

II – UM QUADRO ÍTALO-GÁLICO

Em 1836, durante a estadia da corte de Sardenha em Gênova,^[25] dois parisienses, mais ou menos célebres, puderam ainda supor-se em Paris, achando-se num palácio alugado pelo cônsul-geral da França, sobre a colina, última ondulação dos Apeninos entre a porta São Tomás e aquele famoso zimbório que, nos *keepsakes*,^[26] orna todas as vistas de Gênova. Esse palácio é uma dessas famosas *villas* em que os nobres genoveses gastaram milhões ao tempo do poderio dessa república aristocrática. Se a meia-noite é linda em alguma parte, é certamente em Gênova, depois de ter chovido como ali costuma chover, torrencialmente, durante toda a manhã; quando a pureza do mar luta com a pureza do céu; quando o silêncio reina sobre o cais e sobre os arvoredos dessa *villa*, em suas estátuas de mármore com as bocas abertas, donde a água corre com mistério; quando as estrelas brilham, quando as ondas do Mediterrâneo se sucedem como as confissões duma mulher a quem se arranca palavra por palavra. Confessemos-lo, esses instantes em que o ar embalsamado perfuma os pulmões e os devaneios, em que a volúpia, visível e móvel como a atmosfera, agarra-

nos na poltrona, quando com uma colher em mão saboreamos gelados ou sorvetes, uma cidade a nossos pés, belas mulheres à nossa frente; essas horas à Boccaccio só se encontram na Itália e nas costas do Mediterrâneo. Imagine-se em redor da mesa o marquês di Negro, esse irmão hospitaleiro de todos os talentos que viajam, e o marquês Dâmaso Pareto,[27] dois franceses disfarçados de genoveses, um cônsul-geral cercado duma esposa bela como uma madona e de dois filhos silenciosos, pois o sono os venceu, o embaixador de França e a esposa, um primeiro-secretário de embaixada malicioso que se julga apagado, e por último dois parisienses que vêm apresentar despedidas à consulesa em um jantar esplêndido, e ter-se-á o quadro que apresentava o terraço da vila, nos meados de maio, quadro esse dominado por um personagem, uma mulher célebre sobre quem todos os olhares se concentram por momentos, e heroína dessa festa improvisada. Um dos dois franceses era o famoso paisagista Leão de Lora, o outro, um célebre crítico, Cláudio Vignon.[28] Ambos acompanhavam essa mulher, ilustre representante do belo sexo, srta. des Touches, conhecida no mundo literário pelo nome de Camille Maupin.[29] A srta. des Touches tinha ido a Florença em viagem de negócios. Por uma de suas encantadoras deferências, levava consigo Leão de Lora para lhe mostrar a Itália, e o conduzira até Roma para mostrar-lhe a campina de Roma. Chegada pelo Simplon, ela voltava a Marselha pelo caminho da *Corniche*. [30] Sempre por causa do paisagista, ela parara em Gênova. Naturalmente o cônsul-geral quisera fazer, antes da chegada da corte, as honras de Gênova a uma pessoa cuja fortuna, cujo nome e cuja posição a recomendavam tanto quanto seu talento. Camille Maupin, que conhecia Gênova até nas suas menores capelas, entregou o paisagista aos cuidados do diplomata e dos dois marqueses genoveses, e tornou rara a sua presença. Se bem que o embaixador fosse um escritor de nomeada, a mulher célebre se recusou a prestar-se às suas cortesias, temendo aquilo a que os ingleses chamam uma *exhibition*; mas suspendeu a tirania de suas recusas quando se tratou de uma visita de despedida à *villa* do cônsul. Leão de Lora disse a Camille que sua presença na *villa* seria a única maneira que ele teria para agradecer ao embaixador e à sua mulher, aos dois

marqueses genoveses, ao cônsul e à consulesa. A sra. des Touches sacrificou então um daqueles dias de liberdade completa que não encontram sempre em Paris os que têm sobre si os olhos da sociedade.

III – HISTÓRIA MISTERIOSA DE UM CÔNSUL-GERAL

Agora uma vez explicada a reunião, é fácil compreender que a etiqueta tinha sido banida dela, do mesmo modo que muitas mulheres e das mais instruídas, curiosas de saber se a virilidade do talento de Camille Maupin prejudicava os encantos da linda mulher e se, numa palavra, a orla dos calções ultrapassava a saia. Desde o jantar até as nove horas, momento em que foi servida uma refeição leve, a conversa tinha sido ora alegre ora grave, incessantemente divertida pelos ditos de Leão de Lora, tido como o homem mais malicioso de Paris, por um bom gosto que não era de surpreender, em vista da escolha dos convivas. Pouco se falara de literatura; mas era forçoso que o borboletear desse torneio francês aí chegasse, nem que fosse apenas para aflorar esse assunto eminentemente nacional. Mas antes de chegarmos ao ponto da conversa que fez com que o cônsul-geral tomasse a palavra, não será inútil dizermos algo sobre ele e sua família.

Esse diplomata, homem de cerca de trinta e quatro anos, casado havia seis, era o retrato de Lord Byron. A celebridade dessa fisionomia nos dispensa de pintarmos a do cônsul. Pode-se contudo observar que não havia nenhuma afetação em seu ar sonhador. Lord Byron era poeta, e o diplomata era poético; as mulheres sabem reconhecer essa diferença, que explica, sem que as justifique, muitas de suas afeições. Essa beleza, posta em relevo por um caráter encantador, pelo hábito duma vida solitária e trabalhosa, havia seduzido uma herdeira genovesa. Uma herdeira genovesa! Essa expressão poderá causar hilaridade em Gênova, onde, em consequência da deserdação das filhas, raramente uma mulher é rica; mas Onorina Pedrotti, filha única de um banqueiro sem herdeiros varões, é uma exceção. Apesar de todas as seduições que contém uma paixão inspirada, o cônsul não quis se casar. Contudo, depois de dois anos de residência, depois de várias interferências do embaixador durante as estadias da corte em Gênova,

o casamento foi realizado. O moço voltou atrás em suas primeiras recusas, menos por causa da tocante afeição de Onorina que por um acontecimento desconhecido; uma dessas crises da vida íntima, tão prontamente sepultadas sob o fluxo cotidiano dos interesses, que mais tarde as ações mais naturais parecem inexplicáveis. Esse entrelaçamento das causas afeta também muitas vezes os mais sérios acontecimentos da história. Tal foi, pelo menos, a opinião da cidade de Gênova, onde, para algumas mulheres, a excessiva discrição e a melancolia do cônsul francês só se explicavam pela palavra *paixão*. Frisemos, de passagem, que as mulheres não se lastimam nunca de serem vítimas de uma preferência; elas se sacrificam perfeitamente à causa comum. Onorina Pedrotti, que talvez tivesse odiado o cônsul se ele a tivesse desdenhado de uma forma absoluta, não amava menos, e nem mais talvez, *suo sposo*, sabendo-o apaixonado. As mulheres admitem a precedência nos negócios do coração. Tudo está salvo quando se trata do sexo. Um homem nunca é diplomata impunemente; o *sposo* foi discreto como um túmulo, tão discreto que os negociantes de Gênova quiseram ver certa premeditação na atitude do jovem cônsul, a quem a herdeira teria por certo escapado, se ele não tivesse desempenhado esse papel de doente imaginário em amor. Se tal era a verdade, as mulheres acharam-na demasiado degradante para nela acreditar. A filha de Pedrotti fez de seu amor um consolo, embalou suas dores desconhecidas num leito de ternura e de carícias italianas. *Il signor* Pedrotti não teve, aliás, de se queixar da escolha a que tinha sido constrangido por sua filha bem-amada. Protetores poderosos velavam, de Paris, sobre a sorte do jovem diplomata. Conforme a promessa do embaixador ao sogro, o cônsul-geral foi feito barão e comendador da Legião de Honra. Finalmente, *il signor* Pedrotti foi nomeado conde pelo rei da Sardenha. O dote foi de um milhão. Quanto à fortuna da Casa Pedrotti, avaliada em dois milhões ganhos no comércio de trigo, veio ela às mãos dos esposos seis meses após o casamento, porque o primeiro e o último dos condes Pedrotti morreu em janeiro de 1831.

Onorina Pedrotti é uma dessas belas genovesas, que são as mais magníficas criaturas da Itália, quando bonitas. Para o túmulo de Giuliano, Michelangelo[31] escolheu seus modelos em Gênova. Daí essa amplitude, essa curiosa disposição dos seios nas figuras do Dia e da Noite, que tantos críticos acham exageradas, mas que são peculiares às mulheres da Ligúria. Hoje em dia em Gênova a beleza só existe debaixo do *mezzaro* como em Veneza ela só se encontra debaixo dos *fazzioli*. [32] Esse fenômeno se observa em todas as nações arruinadas. Nelas, o tipo nobre só se encontra no povo, assim como depois do incêndio das cidades as medalhas se escondem sob as cinzas. Mas já excepcional no que toca à fortuna, Onorina é também uma exceção como beleza patriciã. Recorde o leitor a Noite que Michelangelo esculpiu sob o *Pensador*, vista-a com trajes modernos, enrole aqueles belos cabelos longos em torno daquela linda cabeça levemente morena, ponha uma centelha de fogo naqueles olhos sonhadores, envolva aquele peito possante numa mantilha, suponha que a estátua erguida sentou-se e cruzou os braços, semelhantes aos da srta. Georges, [33] e terá diante dos olhos a consulesa com um filho de seis anos, belo como o desejo de uma mãe, e uma filha de quatro anos sobre os joelhos, bela como um tipo infantil laboriosamente procurado por David, o escultor, [34] para ornamento de um túmulo. Essa formosa família foi objeto da atenção secreta de Camille. A srta. des Touches achava no cônsul um ar muito alheado para um homem perfeitamente feliz. Se bem que durante toda aquela tarde a mulher e o marido lhe houvessem oferecido o admirável espetáculo da mais completa felicidade, Camille se perguntava por que um dos homens mais distintos que encontrara, e que vira nos salões de Paris, permanecia cônsul-geral em Gênova, quando era possuidor de uma fortuna que lhe dava mais de cem mil francos de renda! Ela reconhecera também, por muitos desses nada que as mulheres reúnem com a inteligência do sábio árabe em *Zadig* [35], a mais fiel afeição por parte do marido. Por certo, aquelas duas criaturas amar-se-iam até o fim de seus dias. Camille dizia consigo mesmo alternadamente: “Que tem ele? — Não tem nada!”, segundo as aparências enganosas da atitude do cônsul-geral que, digamos de passagem, possuía a calma absoluta dos ingleses, dos

selvagens, dos orientais e dos diplomatas consumados.

V – UMA AUTÓPSIA SOCIAL

Falando de literatura, falaram do eterno assunto da república das letras: o erro da mulher! Em breve se encontraram em presença de duas opiniões: quem, a mulher ou o homem, tinha a culpa do erro da mulher? As três mulheres presentes, a embaixatriz, a consulesa e a srta. des Touches, consideradas naturalmente irrepreensíveis, foram implacáveis para com as mulheres. Os homens procuraram provar a essas três lindas flores do sexo que a uma mulher poderiam sobrar virtudes depois de uma queda.

— Quanto tempo ainda vamos levar neste brinquedo de esconder? — disse Leão de Lora.

— *Cara vita*,^[36] vá deitar seus filhos e mande-me por Gina a pequena pasta negra que está sobre o meu móvel de Boule^[37] — disse o cônsul à mulher.

A consulesa levantou-se sem fazer nenhuma observação, o que prova que ela amava o marido, pois já conhecia bastante os franceses para saber que o marido a despedia.

— Vou contar-lhes uma história na qual eu desempenho um papel, e depois então poderemos discutir, pois me parece pueril passear o escarpelo sobre um morto imaginário. Para dissecar é preciso antes de tudo um cadáver.

Todos se acomodaram para escutar com satisfação, pois já tinham falado bastante e a palestra ia desanimando. Esse é o momento que devem escolher os contadores de história. Eis o que contou o cônsul-geral.

VI – UMA IDEIA DE CURA

Com vinte e dois anos, quando me formei em Direito, meu velho tio, o padre Loraux, então com setenta e dois anos, sentiu a necessidade de me dar um protetor e de me encaminhar numa carreira qualquer. Esse

excelente homem — se é que não foi um santo — olhava cada novo ano como um dom de Deus. Não preciso lhes dizer quanto era fácil ao confessor de uma Alteza Real achar colocação para um rapaz criado por ele, filho único de sua irmã. Um dia, pois, no fim do ano de 1824, esse venerável ancião, havia cinco anos cura de Blancs-Manteaux[38] em Paris, subiu ao quarto que eu ocupava em seu presbitério e me disse:

— Arruma-te, meu filho; vou apresentar-te à pessoa que te aceita como secretário. Se me não engano, essa pessoa poderá substituir-me, caso Deus me chame. Termino a missa às nove horas; tens portanto três quartos de hora para te aprontares.

— Ah! meu tio, terei então que deixar este quarto onde há quatro anos sou tão feliz?...

— Não tenho fortuna para te legar — me respondeu ele.

— Não me deixa o senhor a proteção do seu nome, a recordação de suas obras, e...

— Não falemos desta herança — disse ele sorrindo. — Tu ainda não conheces bastante o mundo para saber que dificilmente ele compraria um legado dessa natureza, ao passo que colocando-te com o conde...

(— Permitam-me — disse o cônsul — designar o meu protetor apenas pelo seu nome de batismo, chamando-o de conde Otávio.)

— ... ao passo que colocando-te com o conde Otávio acredito dar-te uma proteção que, se agradares a esse virtuoso homem de Estado, como tenho certeza de que agradarás, equivalerá à fortuna que eu te poderia deixar se a ruína de meu cunhado e a morte de minha irmã não me tivessem surpreendido como um raio num dia sereno.

— O senhor é o confessor do conde?

— Se o fosse não poderia obter uma colocação para ti junto a ele! Qual é o padre capaz de se aproveitar dos segredos cujo conhecimento adquire no tribunal da penitência? Não, tu deves essa proteção à Sua Grandeza, o ministro da Justiça. Meu caro Maurício, lá tu estarás como em casa de teu pai. O senhor conde te dá dois mil e quatrocentos francos de vencimentos fixos, um alojamento em seu palácio e uma quantia de mil e duzentos francos para tua alimentação; ele não te admitirá à sua mesa e não quer te fazer servir à parte para não te deixar

em posição subalterna. Não aceitei a oferta que me foi feita senão depois de ter adquirido a certeza de que o secretário do conde Otávio jamais seria um primeiro doméstico. Terás muito trabalho, porque o conde é um grande trabalhador; mas quando saíres de lá estarás em condições de ocupar os mais altos lugares. Não tenho necessidade de te recomendar discrição, a primeira virtude dos homens que se destinam a funções públicas.

Imaginem a minha curiosidade! O conde Otávio ocupava então um dos mais altos cargos da magistratura; possuía a confiança da Delfina, [39] que acabara de o fazer nomear ministro de Estado; levava uma existência pouco mais ou menos semelhante à do conde de Sérisy, que todos conhecem[40], penso eu, mas mais obscura, pois morava no Marais, na rue Payenne, e não recebia quase nunca. Sua vida privada escapava ao exame do público por uma modéstia cenobítica e por um trabalho contínuo. Em poucas palavras vou expor-lhes minha situação.

VII – QUADRO DE MOCIDADE

Depois de ter encontrado no grave diretor do colégio São Luís um tutor a quem meu tio havia delegado seus poderes, terminei o curso com dezoito anos. Saí desse colégio tão puro quanto um seminarista cheio de fé sai de Saint-Sulpice.[41] Em seu leito de morte, minha mãe obtivera de meu tio a promessa de que jamais eu seria padre; mas eu era tão crente como se devesse receber as Ordens. Quando me *desempolerei* do colégio, para empregar um velho termo bastante pitoresco, o padre Loraux levou-me para o seu curato e me fez estudar Direito. Durante os quatro anos de estudos requeridos para obter todos os graus, estudei muito e principalmente assuntos estranhos ao campo árido da jurisprudência. Privado de literatura no colégio, onde morava com o diretor, eu tinha uma sede a saciar. Desde que li algumas das modernas obras-primas, as obras de todos os séculos precedentes desapareceram. Tornei-me apaixonado do teatro e frequentei-o diariamente durante muito tempo, se bem que meu tio só me desse cem francos por mês. Essa parcimônia, a que sua ternura pelos pobres reduzia o bom velho, teve como resultado conter os apetites do rapaz

nos seus justos limites. No momento de entrar a serviço do conde Otávio, eu não era um inocente, mas olhava as minhas raras escapadas como se fossem crimes. Meu tio era verdadeiramente tão angélico, e eu temia tanto desgostá-lo, que durante todos aqueles quatro anos nunca passei uma noite fora. O bom velho não se deitava sem que eu tivesse chegado. Essa solicitude maternal tinha mais força para me reter que todos os sermões e censuras com que nas famílias puritanas se enverniza a vida dos jovens. Estranho aos diferentes mundos que compõem a sociedade parisiense, pouco sabia de mulheres da sociedade e das burguesas só sabia o que via nos meus passeios, ou nos camarotes do teatro, e isso mesmo a distância, da plateia. Se, nesse tempo, me dissessem: “Você vai conhecer Canalis[42] ou Camille Maupin”, eu sentiria um braseiro na cabeça e nas entranhas. As pessoas célebres eram para mim como deuses que não falam, não caminham, nem comem como os outros homens. Quantos contos das *Mil e uma noites* há numa adolescência? ... Quantas lâmpadas maravilhosas é preciso ter-se experimentado antes de se reconhecer que a verdadeira Lâmpada Maravilhosa é ou o acaso, ou o trabalho, ou o gênio? Para alguns homens, esse sonho do espírito em vigília dura pouco; o meu ainda continua. Nesse tempo, eu adormecia sempre como grão-duque de Toscana — milionário —amado por uma princesa — ou célebre! Por isso, entrar para o serviço do conde Otávio, ter cem luíses meus por ano, foi entrar na vida independente. Entrevi oportunidades de ingressar na sociedade, de nela procurar aquilo que meu coração mais desejava, uma protetora que me tirasse da vida perigosa em que ingressam necessariamente em Paris os jovens de vinte e dois anos, por mais sensatos e bem-educados que sejam. Eu começava a temer a mim mesmo. O estudo constante do direito internacional, ao qual me dedicara, nem sempre bastava para reprimir cruéis fantasias. Sim, por vezes eu me atirava em pensamento à vida do teatro, acreditava poder ser um grande ator, sonhava triunfos e amores sem fim, ignorando as decepções escondidas atrás do pano, como em toda a parte, aliás, pois todas as cenas têm seus bastidores. Algumas vezes saí, com o coração aos saltos, impelido pelo desejo de dar uma batida em Paris, de me afeiçoar a uma linda mulher que encontraria,

de segui-la até em casa, de espioná-la, de lhe escrever, de me confiar inteiramente a ela e de vencê-la à força de amor. Meu pobre tio, aquele coração caridoso, aquela criança de setenta anos, inteligente como Deus, simples como um homem de gênio, adivinhava sem dúvida os tumultos da minha alma, porque nunca deixou de me dizer: “Vai Maurício, tu também és um pobre! Toma vinte francos e te diverte; tu não és padre!”, quando sentia que a corda com que me sustinha estava muito tensa e a ponto de se romper. Se tivessem podido ver o brilho que dourava então seus olhos cinzentos, o sorriso que desprendiam seus amáveis lábios, puxando-os para os cantos da boca, enfim, a adorável expressão daquele rosto augusto cuja fealdade primitiva tinha sido retificada por um espírito apostólico, compreenderiam o sentimento que me fazia, como única resposta, abraçar o cura de Blancs-Manteaux como se ele fosse minha mãe.

VIII – UM VELHO PALACETE

“Não terás um patrão”, disse-me meu tio ao me conduzir à rue Payenne, “terás um amigo na pessoa do conde Otávio; mas ele é desconfiado, ou, para falar mais corretamente, ele é prudente. A amizade desse homem de Estado só se conquista com o tempo, porque, apesar de sua profunda perspicácia e sua experiência em julgar os homens, foi enganado por aquele a quem vais suceder, que o tornou vítima de um abuso de confiança. Já é te dizer bastante sobre a conduta que deves manter com o conde.” Batendo à imensa porta de um palácio tão vasto quanto o palácio Carnavalete [43] e situado entre pátio e jardim, a batida repercutiu como num lugar ermo. Enquanto meu tio perguntava pelo conde a um velho suíço de libré, eu lançava um desses olhares a que nada escapa sobre o pátio onde as lajes desapareciam, sobre as paredes negras que apresentavam pequeninos jardins, sobre todas as decorações de uma preciosa arquitetura, e sobre os tetos elevados como os das Tulherias. As balaustradas das galerias superiores estavam carcomidas. Através de uma magnífica arcada, divisei um segundo pátio lateral onde se encontravam os aposentos dos domésticos, cujas portas apodreciam. Um velho cocheiro limpava ali

uma velha carruagem. Pelo ar despreocupado desse criado, era fácil presumir que as suntuosas cavaliças, onde outrora relinchavam tantos cavalos, abrigavam agora no máximo dois. A soberba fachada do pátio me pareceu sombria como a de um palácio pertencente ao Estado ou à Coroa, e entregue a algum serviço público. Uma badalada de sino retiniu enquanto nos encaminhávamos, meu tio e eu, do pavilhão do porteiro (ainda estava ali escrito sobre a porta: *Fale com o porteiro*) para a escadaria, onde surgiu um criado cuja libré lembrava a dos Labranche do Théâtre-Français no velho repertório. Era tão rara uma visita que o criado acabava de vestir a casaca, ao abrir uma porta envidraçada em pequeninos quadrados, de cada lado da qual a fumaça de dois revérberos desenhara estrelas sobre a parede. Um peristilo duma magnificência digna de Versalhes deixava ver uma dessas escadarias como não mais se construirá na França e que ocupam o espaço de uma casa moderna. Subindo os degraus de pedra, frios como túmulos, e sobre os quais oito pessoas podiam andar lado a lado, nossos passos repercutiam sob a abóbada sonora.

Tinha-se a impressão de estar numa catedral. Os corrimões alegravam o olhar com os milagres daquela ourivesaria de serralheiro onde se manifestavam as fantasias de algum artista do reinado de Henrique iii.[44] Apanhados por um manto de gelo que nos caiu sobre as costas, atravessamos antecâmaras, salões comunicantes, emparquetados, sem tapetes, mobiliados com aquelas velharias soberbas que, dali, vão parar nos comerciantes de curiosidade. Finalmente chegamos a um grande gabinete situado num pavilhão em esquadro, cujas janelas davam todas para um grande jardim.

IX – UM RETRATO

— O sr. cura de Blancs-Manteaux e seu sobrinho, sr. de L’Hostal! —, disse o Labranche, aos cuidados de quem o criado de teatro nos entregara na primeira antecâmara.

O conde Otávio, vestido com um redingote de moletom cinzento, ergueu-se de uma imensa secretária, foi até a lareira e fez sinal para que me sentasse, indo apertar as mãos de meu tio.

— Se bem que eu pertença à paróquia de Saint-Paul — disse-lhe ele —, é difícil não ter ouvido falar no cura de Blancs-Manteaux, e tenho prazer em conhecê-lo.

— Vossa Excelência é muito gentil — respondeu meu tio. — Trago-lhe o único parente que me resta. Se acredito fazer um presente a Vossa Excelência, acredito também dar a meu sobrinho um segundo pai.

— A esse respeito eu poderei responder-lhe, senhor cura, quando nos tivermos experimentado um ao outro, seu sobrinho e eu — disse o conde Otávio. — O seu nome? — me perguntou ele.

— Maurício.

— Ele é doutor em direito — observou meu tio.

— Muito bem, muito bem — disse o conde fitando-me da cabeça aos pés... — Senhor cura, espero que, por seu sobrinho em primeiro lugar, depois por mim, o senhor me faça a honra de vir jantar aqui todas as segundas-feiras. Será o nosso jantar, o nosso serão de família.

Meu tio e o conde puseram-se a falar de religião sob o ponto de vista político, obras de caridade, repressão dos delitos, e eu pude então examinar à vontade o homem de quem meu destino ia depender. O conde era de altura mediana, e embora me fosse impossível julgar-lhe as proporções por causa de suas vestimentas, pareceu-me magro e seco. O rosto era severo e encovado. As feições eram finas. A boca, um pouco grande, exprimia a um tempo ironia e bondade. A fronte, um pouco ampla talvez, espantava como se fosse a de um louco, tanto mais que contrastava com a parte inferior do rosto, terminada bruscamente por um pequeno queixo muito aproximado do lábio inferior. Dois olhos de um azul-turquesa, vivos e inteligentes como os do príncipe de Talleyrand, que admirei mais tarde, e, como os do príncipe, igualmente dotados da faculdade de se calarem a ponto de se tornarem sombrios, aumentavam o estranho daquele rosto, não pálido, mas amarelo. Essa coloração parecia denunciar um caráter irritável e paixões violentas. Os cabelos, já grisalhos, penteados com esmero, sulcavam a cabeça alternadamente de preto e de branco. A coqueteria desse penteado prejudicava a semelhança que eu achava no conde com aquele monge extraordinário que Lewis pôs em cena imitando o Schedoni do *Confessionário dos penitentes negros* [45] que, a meu ver, é uma

criação superior ao *Monge*.^[46] Como homem que devesse estar cedo no palácio, o conde já estava de barba feita. Dois candelabros de quatro braços e providos de quebra-luz, colocados nas duas extremidades do gabinete, e cujas velas ainda estavam acesas, atestavam que o magistrado se levantava bem antes de o dia clarear. Suas mãos, que vi quando ele puxou o cordão da sineta para chamar o criado de quarto, eram muito lindas e brancas como mãos de mulher...

(— Contando-lhes esta história — disse o cônsul-geral fazendo uma interrupção —, eu desnaturei a posição social e os títulos dessa personagem, apresentando-o, porém, numa situação análoga à sua. Estado, dignidade, luxo, fortuna, nível de vida, todos esses detalhes são verdadeiros; mas não quero trair nem ao meu benfeitor nem aos meus hábitos de discrição.)

X – O JOVEM ANCIÃO

— Em lugar de me sentir o que eu era — tornou o cônsul-geral depois de uma pausa —, socialmente falando, um inseto diante de uma águia, senti não sei que sentimento indefinível na presença do conde, e que hoje posso explicar. Os artistas de gênio... (Inclinou-se graciosamente diante do embaixador, da mulher célebre e dos dois parisienses.)

— ... os verdadeiros homens de Estado, os poetas, o general que comandou exércitos, enfim, as pessoas realmente grandes, são simples; e a sua simplicidade nos coloca no mesmo nível delas. Os senhores, que são superiores pelo pensamento, talvez tenham notado — disse ele dirigindo-se aos seus hóspedes — quanto o sentimento encurta as distâncias morais criadas pela sociedade. Se nós lhe somos inferiores pelo espírito, podemos igualá-los pelo devotamento e amizade. Pela temperatura (permitam-me o termo) de nossos corações, senti-me tão perto de meu protetor quanto estava distante dele pela condição.

Enfim, a alma tem sua perspicácia; ela pressente a dor, a mágoa, a alegria, a aversão, o ódio de outrem. Eu reconheci vagamente os sintomas dum mistério, reconhecendo no conde as mesmas expressões de fisionomia que observara em meu tio. O exercício das virtudes, a serenidade da consciência, a pureza do pensamento tinham

transfigurado meu tio, que de feio tornara-se belo. Percebi uma metamorfose inversa no rosto do conde: à primeira vista, dei-lhe cinquenta e cinco anos, mas, depois de um exame atento, percebi uma juventude sepultada sob o gelo de um profundo desgosto, sob a fadiga de estudos contínuos, sob o ardor de alguma paixão contrariada. A uma palavra de meu tio, os olhos do conde readquiriram por um momento a frescura de uma pervinca, e teve um sorriso de admiração que mo apresentou com uma idade que acreditei ser a verdadeira: uns quarenta anos. Essas observações não as fiz no momento, mas mais tarde, evocando as circunstâncias dessa visita. O criado entrou com uma bandeja em que trazia o almoço do patrão.

— Eu não pedi o almoço — disse o conde —, contudo deixe-o aí e vá mostrar a este senhor o seu apartamento.

Acompanhei o criado, que me conduziu a um lindo aposento completo situado sob um terraço, entre o pátio de honra e os aposentos dos domésticos, sobre uma galeria pela qual as cozinhas comunicavam com a grande escadaria do palácio. Quando voltava ao gabinete do conde, ouvi, antes de abrir a porta, meu tio pronunciar a meu respeito esta opinião:

— Ele poderá cometer uma falta, pois é muito bondoso, e todos nós estamos sujeitos a respeitáveis erros; mas ele não tem nenhum vício.

— Então — disse o conde, lançando-me um olhar afetuoso —, agradou-lhe? Há tantos apartamentos nesta caserna, que se o senhor não se agradar, eu o alojarei num outro.

— Eu tinha apenas um quarto na casa de meu tio — respondi-lhe.

— Pois bem, pode instalar-se hoje mesmo — me disse o conde —, pois sem dúvida deve ter os trastes de todo estudante, e um fiacre bastará para transportá-los. Hoje nós três jantaremos juntos — acrescentou ele olhando para meu tio.

Uma magnífica biblioteca comunicava com o gabinete do conde; ele nos conduziu a ela e me mostrou um pequeno reduto gracioso e ornado de pinturas que outrora deveria ter servido de oratório.

— Eis sua cela — me disse ele —, o senhor ficará aqui quando tiver que trabalhar comigo, pois não será escravo. — E me descreveu o gênero e a duração das minhas ocupações; escutando-o, reconheci nele

um grande preceptor político.

XI – UM DRAMA DESCONHECIDO

Levei cerca de um mês a me familiarizar com as pessoas e as coisas, a estudar os deveres da minha nova posição e a me acostumar com as maneiras do conde.

Um secretário necessariamente observa o homem que se serve dele. Os gostos, as paixões, o caráter, as manias desse homem tornam-se objeto de um estudo involuntário. A união desses dois espíritos é a um tempo mais e menos que um casamento. Durante três meses o conde Otávio e eu nos espionamos reciprocamente. Descobri com espanto que o conde tinha apenas trinta e sete anos. A paz puramente exterior da sua vida e a sensatez da sua conduta não procediam unicamente de um sentimento profundo do dever e de uma reflexão estoica; convivendo com esse homem, extraordinário para aqueles que o conhecem bem, senti vastas profundezas sob o seu trabalho, sob a sua polidez, sob a sua máscara de benevolência, sob a sua atitude resignada, que se assemelhava tanto à calma que chegava a enganar. Assim como certos terrenos nas florestas mostram, pelo som que produzem, os passos de quem neles caminha, a existência de grandes massas de pedras ou do vazio, assim o egoísmo maciço escondido sob as flores da polidez e os subterrâneos minados pela infelicidade soam aos ocos ao contato perpétuo da vida íntima. A dor, e não o desalento, habitava aquela alma verdadeiramente grande. O conde compreendera que a Ação, que o Fato, é a lei suprema do homem social. Por isso, seguia o seu caminho apesar das feridas íntimas, encarando o futuro com olhar sereno, como um mártir cheio de fé. A tristeza secreta e a amarga decepção de que sofria não o tinham conduzido às áridas paragens filosóficas da incredulidade; esse corajoso homem de Estado era religioso, mas sem nenhuma ostentação; ia à primeira missa que se rezava em Saint-Paul para os artesãos e para os criados piedosos. Nenhum dos seus amigos, ninguém na corte sabia que ele observava tão fielmente as práticas da religião. Amava a Deus como certas pessoas honestas amam um vício: com profundo mistério. Deveria eu

um dia encontrar o conde presa de um desgosto bem maior que o daqueles que se creem vítimas das maiores provações, que ridicularizam as paixões e as crenças dos outros porque venceram as suas, que variam em todos os tons a ironia e o desprezo. Ele não zombava nem daqueles que seguem a esperança, mesmo até ao brejo a que ela conduz, nem daqueles que galgam um pico para se isolarem, nem daqueles que persistem na luta tingindo a arena com seu sangue e juncando-a com suas ilusões; ele via o mundo em sua totalidade e dominava as crenças, escutava as queixas, duvidava das afeições e principalmente dos devotamentos; mas esse grande, esse severo magistrado deles se compadecia. Ele os admirava, não com entusiasmo passageiro, mas pelo silêncio, pelo recolhimento, pela comunhão de alma enternecida. Era uma espécie de Manfredo[47] católico e sem crime levando a curiosidade na sua fé, fundindo a neve ao calor de um vulcão sem crateras, conversando com uma estrela que só ele via. Notei muitas obscuridades em sua vida exterior. Ele se furtava a meus olhares não como o viajante que, seguindo uma estrada, desaparece ao sabor dos caprichos do terreno nos barrancos e nas quebradas, mas como o atirador exposto que quer se esconder e que procura abrigos. Eu não sabia explicar frequentes ausências no momento em que ele mais trabalhava e que não procurava me ocultar, pois me dizia: “Continue por mim”, confiando-me sua tarefa. Esse homem, tão profundamente sepultado nas tríplices obrigações de homem de Estado, de magistrado e de orador, agradou-me por esse gosto que revela uma bela alma e que quase todas as pessoas delicadas têm pelas flores. Seu jardim e seu gabinete estavam cheios das mais curiosas plantas, mas que ele sempre comprava já fanadas. Talvez se comprasse com essa imagem do seu destino... Ele era fanado como aquelas flores próximas a expirar, e cujos perfumes quase decompostos lhe causavam estranhas embriaguezes. O conde amava sua terra, devotava-se aos interesses públicos com a fúria dum coração que quer afogar uma outra paixão; mas o estudo, o trabalho em que mergulhava não eram suficientes; em seu íntimo travavam-se medonhos combates, dos quais alguns estilhaços me atingiram. Finalmente, ele deixou entrever pungentes aspirações à felicidade, e me pareceu dever ainda

ser feliz; mas qual era o obstáculo? Amaria uma mulher? Essa foi uma questão que eu considerei. Julguem da extensão do círculo de dor que meu pensamento teve que interrogar antes de chegar a uma tão simples e tão temível questão! Apesar dos seus esforços, meu patrão não conseguia sufocar os ímpetos do seu coração. Sob sua atitude austera, sob o silêncio do magistrado agitava-se uma paixão contida com tanto poder, que ninguém, exceto eu, seu comensal, adivinhou esse segredo. Sua divisa parecia ser: “Sofro e calo-me”. O cortejo de admiração e de respeito que o seguia, a amizade de trabalhadores intrépidos como ele, os presidentes Grandville e Sérisy[48] não tinham nenhum poder sobre o conde; ou ele não lhes dizia nada, ou eles sabiam tudo. Impassível, sempre de cabeça erguida em público, o conde só raríssimas vezes deixava ver o homem, quando sozinho no seu jardim, ou no seu gabinete, acreditava não estar sendo observado. Nessas ocasiões tornava-se criança, dava curso às lágrimas sufocadas sob a toga, às exaltações que, talvez mal interpretadas, poderiam prejudicar sua reputação de homem de Estado sagaz. Quando adquiri certeza de todas essas coisas, o conde Otávio teve para mim todo o atrativo de um problema e conquistou tanto a minha afeição como se fosse meu próprio pai. Compreendem a curiosidade refreada pelo respeito?... Que infelicidade teria fustigado aquele sábio votado desde os dezoito anos, como Pitt,[49] aos estudos que exige o poder, e que não tinha ambições; aquele juiz, que sabia direito diplomático, direito político, direito civil e criminal, e que neles poderia encontrar armas contra todas as inquietações ou todos os erros; aquele profundo legislador, aquele escritor sério, aquele religioso celibatário cuja vida atestava eloquentemente que não poderia ser objeto de nenhuma censura? Um criminoso não teria sido punido por Deus mais severamente que o meu chefe; o desgosto roubara-lhe metade do sono, pois não dormia mais que quatro horas! Que luta haveria no fundo daquelas horas que passavam aparentemente calmas, fecundas em estudo sem ruídos nem murmúrios e durante as quais muita vez o surpreendi com a pena caída dos dedos, a cabeça apoiada em uma das mãos, os olhos fixos como duas estrelas e às vezes marejados de lágrimas? Como é que a água daquela fonte viva corria sobre um areal

ardente sem que o fogo subterrâneo a secasse?... Haveria ali, como sob o mar, entre ela e o magma terrestre, um leito de granito?... Por vezes o conde me fitava com a curiosidade sagaz e perspicaz, se bem que rápida, com que um homem examina outro quando procura um cúmplice; em seguida evitava-me os olhos, vendo-os se abrirem, como uma boca que espera uma resposta e que parece dizer: “Fale em primeiro lugar!”. Por vezes o conde Otávio era de uma tristeza selvagem e brusca. Se alguma consequência dessa disposição de ânimo me feria, ele sabia voltar atrás sem pedir desculpas; mas suas maneiras tornavam-se então carinhosas até a humildade cristã.

XII – UMA NOBRE AMIZADE

Quando me senti filialmente ligado a esse homem para mim misterioso, e tão compreensível para todos a quem a palavra *original* é suficiente para explicar todos os enigmas do coração, mudei completamente a organização da casa. O conde abandonava seus interesses a ponto de cometer asneiras na direção dos seus negócios. Possuindo cerca de cento e sessenta mil francos de renda, sem contar emolumentos dos cargos que ocupava, três dos quais não estavam sujeitos à lei das acumulações, despendia sessenta mil francos, sendo que mais da metade com os criados. No fim do primeiro ano despedi todos esses velhacos e pedi a Sua Excelência que usasse de seu crédito para me auxiliar a encontrar criados honestos. No fim do segundo ano, o conde, mais bem tratado, mais bem servido, gozava do conforto moderno; tinha ótimos cavalos pertencentes a um cocheiro a quem eu dava um tanto por mês por cavalo; seus jantares, nos dias de recepção, servidos por Chevet[50] a preços discutidos, faziam-lhe honra; o passadio estava a cargo de uma excelente cozinheira que foi conseguida por meu tio e que era auxiliada por duas ajudantes; a despesa, exceto as compras, não passava de trinta mil francos; tínhamos dois criados a mais, cujos serviços restituíram ao palácio toda a sua poesia, pois esse edifício, tão belo na sua velhice, tinha uma majestade que era desonrada pela incúria.

— Não me espanto mais — disse ele ao ver esses resultados — da

fortuna que faziam os meus criados. Durante sete anos, tive dois cozinheiros que se tornaram ricos donos de restaurante!

— O senhor perdeu trezentos mil francos em sete anos — tornei eu.
— O senhor, magistrado que combate contra o crime, encorajava o roubo na sua própria casa.

No começo do ano de 1826, o conde tinha sem dúvida terminado de me observar e nós estávamos ligados quanto possam estar dois homens quando um é subordinado do outro. Ele não me havia dito nada acerca do meu futuro; mas se dedicara, como um mestre e como um pai, a me instruir. Muitas vezes me fez reunir os materiais de seus trabalhos mais árduos. Eu redigia alguns de seus relatórios, e ele os corrigia mostrando-me as diferenças dos seus pontos de vista na interpretação das leis. Quando finalmente produzi um trabalho que ele pôde apresentar como seu, sentiu uma alegria que me serviu de recompensa e percebeu que eu a encarava assim. Esse pequeno incidente tão rápido produziu sobre aquela alma, aparentemente severa, um efeito extraordinário. O conde me julgou, para usar a linguagem judiciária, em última e derradeira instância: tomou-me da cabeça e me beijou a fronte.

—Maurício — exclamou ele —, você não é mais meu discípulo, não sei ainda o que você será para mim; mas, se minha vida não mudar, é possível que você venha a ser para mim um filho!

O conde Otávio me tinha apresentado nas melhores casas de Paris, onde eu ia em seu lugar, com seus criados e sua carruagem, nas frequentes ocasiões em que, na hora de sair, ele mudava de opinião e mandava chamar um cabriolé de aluguel, para ir... onde?... Aí estava o mistério. Pela acolhida que me faziam, eu adivinhava os sentimentos do conde a meu respeito e a importância das suas recomendações. Atencioso como um pai, ele provia a todas as minhas necessidades com tanto mais liberalidade quanto a minha discrição o obrigava a sempre pensar em mim. Em fins do mês de janeiro de 1827, em casa da condessa de Sérisy, tive tão pouca sorte no jogo, que perdi dois mil francos, e não quis gastá-los do meu bolso. No dia seguinte pensei: “Devo ir pedi-los a meu tio ou me confiar ao conde?”. Tomei o último partido.

— Ontem — disse-lhe enquanto ele almoçava —, perdi várias vezes no jogo, fiquei irritado e continuei; devo dois mil francos. Permite-me que eu receba esses dois mil francos adiantados sobre os meus vencimentos do ano?

— Não — disse-me ele com um sorriso encantador. — Quando se joga na sociedade, deve-se ter uma reserva para o jogo. Tome seis mil francos e pague suas dívidas; jogaremos em sociedade de hoje em diante, pois, se você me representa na maioria das vezes, ao menos o seu amor-próprio não deve sofrer.

Eu não agradei ao conde. Um agradecimento ter-lhe-ia parecido demais entre nós. Esse pormenor faz com que vejam a natureza das nossas relações.

XIII – AS TRÊS PANCADAS ANTES DO LEVANTAR DO PANO[51]

Contudo, não tínhamos ainda, nem um nem outro, uma confiança ilimitada; ele não me abria aqueles imensos subterrâneos que eu verificara na sua vida secreta e eu não lhe dizia: “Que tem o senhor? Qual é o mal que o aflige?”. Que faria ele durante suas longas noites? Muitas vezes ele voltava ou a pé ou num cabriolé de aluguel, quando eu, seu secretário, voltava de carruagem! Um homem tão piedoso dar-se-ia a vícios hipocritamente escondidos? Empregaria ele todas as forças do seu espírito para satisfazer um ciúme mais hábil que o de Otelo? Viveria com alguma mulher indigna dele? Uma manhã, ao voltar de não sei que fornecedor, onde tinha ido fazer umas encomendas, entre Saint-Paul e o Palácio Municipal, encontrei o conde Otávio em conversa tão animada com uma velha, que nem me percebeu. A fisionomia dessa velha me despertou estranhas suspeitas, suspeitas tanto mais fundadas quanto eu não via o conde fazer uso das suas economias. Não é horrível pensar? Eu me fazia censor do meu patrão! Naquele momento, eu o sabia possuidor de mais de seiscentos mil francos para colocar, e se ele os tivesse empregado em títulos da dívida pública, sua confiança em mim era tal em tudo que tocava aos seus interesses, que eu não o poderia ignorar. Muitas vezes o conde passeava no seu jardim, de manhã, dando giros como um homem para

quem o passeio é o hipogrifo em que monta uma melancolia sonhadora. Andava, andava! Esfregava as mãos como se fosse arrancar a epiderme! E quando o abordava de surpresa à volta de uma alameda, eu via seu rosto alegre. Os olhos, em vez de terem a secura de uma turquesa, adquiriam aquela veludoseidade da pervinca que me chamara a atenção, quando da minha primeira visita, por causa do contraste espantoso daqueles dois olhares tão diferentes: o olhar do homem feliz, o olhar do homem infeliz. Duas ou três vezes, nesses momentos, ele me segurara pelo braço, me arrastara, e depois me dissera: “Que vem você me pedir?”, em vez de despejar sua alegria em meu coração que se abria para ele. Muitas vezes, também, o infeliz, principalmente depois que eu podia substituí-lo nos seus trabalhos e fazer seus relatórios, permanecia horas inteiras a contemplar os peixes vermelhos que pululavam num magnífico tanque de mármore no meio do jardim, em torno do qual as mais belas flores formavam um anfiteatro. Aquele homem de Estado parecia ter levado à paixão o prazer maquinal de dar migalhas de pão aos peixes. Eis como se revelou o drama daquela existência tão profundamente devastada, tão agitada, e onde, num círculo esquecido por Dante no seu *Inferno*, brotavam horríveis alegrias. (O cônsul-geral fez uma pausa.)

XIV – UMA DISCUSSÃO DO CONSELHO DE ESTADO

— Numa certa segunda-feira — tornou ele — o acaso quis que o presidente Grandville e o sr. de Sérisy, então vice-presidente do Conselho de Estado, fossem conferenciar com o conde Otávio. Eles formavam, entre os três, uma comissão da qual eu era secretário. O conde já me havia feito nomear auditor no Conselho de Estado. Todos os elementos necessários ao exame da questão política secretamente submetida a esses senhores encontravam-se sobre uma das longas mesas da nossa biblioteca. Os srs. de Grandville e de Sérisy foram à casa do conde Otávio para um exame preparatório dos documentos relativos àquele trabalho. A fim de evitar o transporte dos papéis para a casa do sr. de Sérisy, presidente da comissão, haviam combinado se reunir primeiro na rue Payenne. O gabinete das Tulherias dava grande

importância a esse trabalho, que recaiu principalmente sobre mim e ao qual devi, no decurso desse ano, minha nomeação para relator. Se bem que os condes de Grandville e de Sérisy, que tinham hábitos muito semelhantes aos do meu patrão, jamais jantassem fora de casa, nós ficamos discutindo até uma hora tão avançada, que o criado de quarto me chamou para dizer:

— Os senhores curas de Saint-Paul e de Blancs-Manteaux estão no salão há duas horas.

Eram nove horas!

— Eis os senhores obrigados a um jantar de curas — disse rindo o conde Otávio a seus colegas. — Não sei se Grandville conseguirá vencer sua repugnância pela sotaina.

— Conforme os curas.

— Oh, um é meu tio e o outro é o padre Gaudron! — respondi-lhe eu. — Fique tranquilo, o padre Fontanon[52] não é mais vigário em Saint-Paul...

— Pois bem, jantemos — respondeu o presidente Grandville. — Um carola me assusta; mas não conheço ninguém mais alegre do que um homem verdadeiramente piedoso!

E fomos para o salão. O jantar foi encantador. Os homens realmente instruídos, os políticos a quem os negócios dão uma experiência consumada e o hábito da palavra são adoráveis *conteurs*, quando sabem contar. Não há alternativas para eles; ou são sem graça ou são sublimes. Nesse jogo encantador, o príncipe de Metternich é tão forte quanto Charles Nodier.[53] Talhada em facetas como diamante, a graça dos homens de Estado é nítida, cintilante e rica de sentido. Seguro da observância das conveniências por parte daqueles três homens superiores, meu tio permitiu a seu espírito desdobrar-se, a seu espírito delicado, duma doçura penetrante, e fino como o de todas as pessoas habituadas a guardar consigo os pensamentos. Saibam também que não houve nada de vulgar nem de supérfluo nessa conversação, que comparo de boa vontade, quanto a seu efeito sobre a alma, à música de Rossini.[54] O padre Gaudron era, como bem disse o sr. de Grandville, antes um São Pedro que um Saint-Paul, um campônio cheio de fé, quadrado tanto de base como de altura, um boi

sacerdotal, cuja ignorância em matéria de sociedade e de literatura animou a conversa com espantos ingênuos e com interrogações imprevistas. Acabou-se conversando sobre uma dessas chagas inerentes ao estado social e que há pouco discutimos, o adultério! Meu tio fez notar a contradição que os legisladores do Código, ainda sob a pressão dos ventos revolucionários, nele tinham estabelecido entre a lei civil e a lei religiosa, e que, a seu ver, era a fonte do todo o mal.

— Para a Igreja — disse ele —, o adultério é um crime; para os vossos tribunais é apenas uma transgressão. O adúltero vai de carroça para a polícia correcional em vez de subir aos bancos dos tribunais. O Conselho de Estado de Napoleão, tomado de ternura pela mulher culpada, primou pela imperícia. Não era preciso fazer concordar nesse assunto a lei civil com a lei religiosa, enviar para o convento pelo resto da vida, como outrora, a esposa culpada?

— Para o convento! — tornou o sr. de Sérisy —, seria preciso primeiro criar conventos, e, assim, o senhor cura?... Dar a Deus aquilo que a sociedade não quer mais!...

— Oh! — disse o conde de Grandville —, o senhor não conhece a França. Deixou-se ao marido o direito de queixa; pois bem, não há dez queixas de adultério por ano.

— O senhor cura fala assim porque foi Jesus Cristo quem criou o adultério — tornou o conde Otávio. — No Oriente, berço da humanidade, a mulher era apenas um prazer e, sendo assim, era uma coisa; não se lhe pediam outras virtudes mais que obediência e beleza. Colocando a alma acima do corpo, a família europeia moderna, filha de Jesus, inventou o casamento indissolúvel, fez dele um sacramento.

— Ah, a Igreja reconheceu perfeitamente todas as dificuldades disso — exclamou o sr. de Grandville.

— Esta instituição produziu uma sociedade nova — tornou o conde sorrindo —, mas os costumes dessa sociedade não serão jamais os dos climas onde a mulher é núbil aos sete anos e mais que velha aos vinte e cinco. A Igreja católica esqueceu as necessidades duma metade do globo. Falemos pois unicamente da Europa. A mulher é inferior ou superior ao homem? Tal a verdadeira questão em relação a nós. Se a mulher nos é inferior, elevando-a tão alto quanto o fez a Igreja, seriam

necessárias terríveis penas para o adultério. Por isso, outrora, procedeu-se assim. O claustro ou a morte, eis a antiga legislação. Mas, depois, os costumes modificaram as leis, como sempre. O trono serviu de leito para o adultério, e os progressos deste lindo crime marcaram o enfraquecimento dos dogmas da Igreja católica. Hoje em dia, quando a Igreja não exige mais que um arrependimento sincero da mulher faltosa, a sociedade se contenta com a desonra em lugar do suplício. A lei ainda condena os culpados, mas não mais os intimida. Finalmente há duas morais: a moral da sociedade e a moral do Código. Naquilo em que o Código é fraco, estou de pleno acordo com o caro padre, a sociedade é audaciosa e zombeteira. Poucos juízes não quereriam ter cometido o delito contra o qual expedem a seta demasiado bonachona dos seus *considerandos*. A sociedade, que contraria a lei, nas suas festas, e nos seus usos, e nos seus prazeres, é mais severa que o Código e que a Igreja; a sociedade pune a imperícia depois de ter encorajado a hipocrisia. Parece-me que se deve reformar completamente a economia da lei sobre o casamento. Talvez a lei francesa fosse perfeita se proclamasse a deserção das mulheres.

XV – O SEGREDO REVELADO

— Nós três conhecemos a questão a fundo — disse rindo o conde de Grandville. — Eu tenho uma mulher com quem não posso viver; Sérisy tem uma mulher que não quer viver com ele; e tu, Otávio, a tua te abandonou. Nós resumimos, pois, em nós três, todos os casos de consciência conjugal; por isso seremos sem dúvida os componentes da comissão, se por acaso for restabelecido o divórcio.

O garfo de Otávio caiu sobre o copo, quebrou-o e quebrou o prato. O conde, pálido como um defunto, lançou sobre o presidente Grandville um olhar fulminante com o qual me indicava e que eu surpreendi.

— Perdão, meu amigo, esqueci Maurício — tornou o presidente Grandville. — Sérisy e eu fomos teus cúmplices depois de te servirmos de testemunhas; eu não julguei pois ser indiscreto em presença destes dois veneráveis clérigos.

O sr. de Sérisy mudou o rumo da conversa contando tudo o que

fizera para agradar à mulher, sem nunca conseguir. Esse velhote concluiu pela impossibilidade de regulamentar as simpatias e antipatias humanas; sustentou que a lei social nunca era mais perfeita do que quando se aproximava da lei natural. Ora, a natureza não levava em conta alguma a aliança das almas; seu fim era atingido pela propagação da espécie. Portanto, o Código atual tinha sido muito sábio deixando uma grande amplitude ao caso. A deserção das mulheres, enquanto houvesse herdeiros varões, seria uma excelente modificação, fosse para evitar o abastardamento das linhagens, fosse para tornar os casais mais felizes suprimindo uniões escandalosas, fazendo com que se procurasse exclusivamente as qualidades morais e a beleza.

— Mas — acrescentou erguendo a mão e fazendo um gesto de enfado —, como aperfeiçoar uma legislação quando um país tem a pretensão de reunir setecentos ou oitocentos legisladores!... Afinal de contas — tornou ele —, se eu sou sacrificado, tenho um filho que me sucederá...

— Deixando de lado qualquer questão religiosa — falou meu tio —, tomo a liberdade de chamar a Vossa Excelência para o fato de a natureza nos dever exclusivamente a vida, ao passo que a sociedade nos deve a felicidade.

— O senhor é pai? — perguntou-lhe o sr. de Grandville.

— E eu tenho filhos? — disse o conde Otávio numa voz cava, cujo acento causou tal impressão que não mais se falou de mulheres nem de casamento. Depois de servido o café, os dois condes e os dois curas se evadiram ao ver o pobre Otávio mergulhado num acesso de melancolia que não lhe permitiu perceber aquelas desapareições sucessivas. Meu protetor estava sentado numa poltrona, no canto da estufa, em atitude de um homem aniquilado.

— Você está de posse do segredo da minha vida — disse-me ele ao perceber que estávamos a sós. — Após três anos de casamento, uma noite, ao voltar para casa, entregaram-me uma carta na qual a condessa me anunciava sua fuga. Essa carta não era destituída de nobreza, pois faz parte da natureza das mulheres conservar ainda virtudes ao cometer essa falta horrível... Hoje em dia minha mulher passa por ter embarcado num navio que naufragou; passa por morta.

Há sete anos que vivo sozinho!... Por hoje basta, Maurício. Falaremos sobre a minha situação quando eu me tiver acostumado à ideia de falar a você sobre isso. Quando se sofre de uma doença crônica, não é preciso acostumar-se às melhoras? Muitas vezes elas parecem ser um outro aspecto da doença.

XVI – A CONFISSÃO DE UM MINISTRO DE ESTADO

Fui me deitar completamente perturbado, pois o mistério, longe de se esclarecer, me pareceu cada vez mais obscuro. Pressenti um drama estranho, compreendendo que não poderia haver nada de vulgar entre uma mulher que o conde elegera e um caráter como o seu. Enfim, os acontecimentos que haviam levado a condessa a abandonar um homem tão nobre, tão amável, tão perfeito, tão amoroso, tão digno de ser amado, deveriam ser pelo menos singulares. A frase do sr. de Grandville tinha sido como uma tocha lançada nos subterrâneos em que havia muito tempo eu vinha caminhando; e se bem que essa chama os iluminasse imperfeitamente, meus olhos podiam avaliar-lhes a extensão. Eu me expliquei os sofrimentos do conde sem lhes conhecer nem a profundidade nem a acerbidade. Aquela máscara amarela, aquelas têmporas descarnadas, aqueles gigantescos estudos, aqueles momentos de devaneio, os menores detalhes da vida daquele celibatário casado adquiriram um relevo luminoso durante aquela hora de exame mental que é como o crepúsculo do sono, e ao qual todo homem de bom coração se teria entregue, como eu. Oh, como eu quis bem ao meu pobre padrão! Ele me parecia sublime. Li um poema de melancolia, percebi uma ação perpétua naquele coração que eu tachara de inerte. Uma dor suprema não conduz sempre à imobilidade? Aquele magistrado, que dispunha de tanto poder, se teria vingado? Alimentar-se-ia de uma longa agonia? Não será uma coisa séria em Paris uma cólera que perdura dez anos? Que fizera Otávio depois dessa grande desgraça, pois que a separação de dois esposos é a grande desgraça na nossa época onde a vida íntima se tornou, o que não era outrora, uma questão social? Passamos alguns dias em observação, pois os grandes sofrimentos têm o seu pudor; mas, finalmente, uma noite, o conde me

disse numa voz grave: “Fique!”. Eis aproximadamente o que ele me disse:

XVII – UM CASAMENTO DE CONVENIÊNCIA E DE INCLINAÇÃO

“Meu pai tinha uma pupila, rica, bonita e com dezesseis anos de idade, quando eu voltei do colégio para este velho palácio. Criada por minha mãe, Honorina despertava então para vida. Graciosa e infantil, ela sonhava a felicidade como teria sonhado um enfeite, e talvez para ela a felicidade fosse um enfeite da alma. Sua crença não era destituída de alegrias pueris, pois tudo, mesmo a religião, era uma poesia para aquele coração ingênuo. Ela entrevia seu futuro como uma festa perpétua. Inocente e pura, nenhum delírio lhe perturbava o sono. A vergonha e o desgosto nunca lhe tinham alterado o rosto nem lhe umedecido os olhos. Não procurava nem mesmo o segredo de suas emoções involuntárias num belo dia de primavera. Finalmente, sentia-se frágil, destinada a obedecer, e esperava o casamento sem o desejar. Sua risonha imaginação ignorava a corrupção, talvez necessária, que a literatura inocula pela pintura das paixões; ela não sabia nada do mundo e não conhecia nenhum dos perigos da sociedade. A querida criança tinha sofrido tão pouco que não desenvolvera sua coragem. Em resumo, sua candura a teria feito andar sem temor por entre as serpentes, como a figura ideal que um pintor concebeu da Inocência. Jamais semblante algum foi mais sereno e ao mesmo tempo mais risonho que o seu. Jamais foi permitido a uma boca despojar de seu sentido, com tanta ignorância, interrogações tão precisas. Vivíamos como dois irmãos. No fim de um ano, no jardim deste palácio, diante do aquário, eu lhe disse, lançando migalhas aos peixes:

— Queres casar comigo? Junto a mim farás tudo o que desejares, ao passo que com outro homem serás infeliz.

— Mamãe — disse ela à minha mãe, que vinha ao nosso encontro — , eu e Otávio combinamos nos casar...

— Com dezessete anos?... — respondeu minha mãe. — Não, vocês esperarão dezoito meses; e se dentro de dezoito meses se entenderem, muito bem. Vocês são iguais pelo nascimento e pela fortuna; assim

farão a um tempo um casamento de conveniência e de amor.

Quando eu tinha vinte e seis anos e Honorina dezenove, nos casamos. O respeito que tínhamos por meu pai e minha mãe, velhos da antiga corte, nos impediu de reformarmos este palácio, de mobiliá-lo de novo, e permanecemos aqui, tal qual no passado, como crianças. Contudo, frequentava a sociedade, iniciei minha mulher na vida social, e tive como um dos meus deveres instruí-la. Verifiquei mais tarde que os casamentos contraídos nas condições do nosso encerram um obstáculo contra o qual se irão quebrar muitas afeições, muitas prudências, muitas existências. O marido se torna um pedagogo, um professor, se você quiser; e o amor perece sob a palmatória que cedo ou tarde fere, pois uma esposa jovem e bela, ajuizada e risonha, não admite superioridade além daquelas de que é dotada por natureza. Quem sabe se eu cometi erros? Quem sabe se eu tive, no difícil início de um matrimônio, um tom magistral? Quem sabe, ao contrário, se eu cometi o erro de confiar absolutamente naquela cândida natureza e não vigiei a condessa, em quem a revolta me parecia impossível? Não se sabe nunca, nem em política, nem em casamento, se os impérios e as felicidades perecem por demasiada confiança ou demasiada felicidade. Quem sabe, também, se o marido realizou para Honorina os sonhos da rapariga? Sabe-se lá, durante os dias felizes, a quais preceitos se faltou?...”

(— Lembro-me apenas da essência das recriminações que se dirigiu o conde com a boa-fé do anatomista que procura as causas de uma doença que escapariam a seus confrades; mas sua clemente indulgência me pareceu então verdadeiramente digna da de Jesus Cristo quando salvou a mulher adúltera.)

XVIII – UMA HUMILDE PAIXÃO LEGÍTIMA

“Dezoito meses após a morte de meu pai, que precedeu de poucos meses a de minha mãe”, tornou ele após uma pausa, “chegou a terrível noite em que fui surpreendido pela carta de despedida de Honorina. Por que poesia teria sido minha mulher seduzida? Teriam sido os sentidos, teriam sido os magnetismos da infelicidade ou do gênio? Qual

dessas forças a teria ou surpreendido ou arrastado? Não procurei saber nada. O golpe foi tão cruel, que fiquei como que embotado durante um mês. Mais tarde a reflexão me aconselhou a permanecer na minha ignorância, e as desgraças de Honorina muito me ensinaram acerca dessas coisas. Até o presente, Maurício, tudo é bastante vulgar; mas uma palavra mudará tudo; amo Honorina! Não cessei nunca de adorá-la. Desde o dia em que me abandonou, vivo das minhas recordações e evoco um a um os prazeres que sem dúvida não tiveram nenhuma expressão para Honorina. Oh!” disse ele vendo espanto nos meus olhos, “não me transforme num herói, não me acredite tão tolo, diria um coronel do Império, por não ter procurado distrações. Ai, meu filho, ou eu era muito jovem ou estava apaixonado demais; não consegui encontrar outra mulher em todo o mundo! Depois de medonhas lutas comigo mesmo, procurei me aturdir; ia, com a minha fortuna na mão, até o limiar da infidelidade; mas aí se erguia diante de mim, como uma branca estátua, a recordação de Honorina. Evocando a delicadeza infinita daquela pele suave através da qual via-se o sangue correr e os nervos palpitarem; revendo aquele rosto ingênuo, tão cândido na véspera da minha desgraça quanto no dia em que eu lhe disse ‘Queres casar comigo?’; lembrando-me de um perfume celeste como o da virtude; tornando a encontrar a luz do seu olhar e a graciosidade dos seus gestos, eu fugia como um homem que vai violar um túmulo e que dele vê sair transfigurada a alma do morto. No Conselho, no Tribunal, nas minhas noites, eu sonho tão constantemente com Honorina, que necessito de uma força de alma excessiva para me concentrar no que digo, no que faço. Eis o segredo do meu trabalho. Pois bem, não senti contra ela mais cólera do que sente um pai ao ver seu filho querido num perigo a que foi levado por imprudência. Compreendi que havia feito de minha mulher uma poesia de que eu fruía com tanto mais embriaguez quanto acreditava minha embriaguez partilhada. Ah Maurício, um amor sem discernimento é, num marido, um erro que pode preparar todos os crimes de uma mulher! Eu tinha provavelmente deixado sem emprego as forças daquela criança, querida como uma criança; talvez a tenha fatigado com o meu amor antes que a hora do amor soasse para ela! Jovem

demais para entrever o devotamento da mãe na constância da mulher, ela tomou essa primeira provação do casamento pela própria vida, e a criança teimosa maldisse a vida à minha revelia, não ousando queixar-se a mim, por pudor talvez! Numa situação tão cruel, ela se terá encontrado sem defesa contra um homem que a terá violentamente impressionado. E eu, magistrado tão sagaz, dizem, eu que tenho um bom coração, mas cujo espírito estava ocupado, descobri tarde demais essas leis desconhecidas do código feminino, só as fui ler à luz do incêndio que devorava meu teto. Fiz então do meu coração um tribunal, em virtude da lei; pois a lei constitui um juiz no marido. Absolvi minha mulher e me condenei. Mas o amor tomou então em mim a forma da paixão, dessa paixão covarde, absoluta, que se apodera de certos velhos. Hoje, eu amo Honorina ausente como se ama aos sessenta anos uma mulher que se quer possuir a qualquer preço, e me sinto forte como um jovem. Tenho a audácia do velho e o recato do adolescente. Meu amigo, a sociedade só tem zombarias para essa triste situação conjugal. No mesmo caso em que ela se apieda de um amante, ela vê no marido não sei que impotência, ri-se daqueles que não sabem conservar uma mulher que receberam diante do altar da Igreja e diante da toga do juiz. E tive de me calar. Sérisy é feliz. Ele deve à sua indulgência o prazer de ver sua mulher, ele a protege, ele a defende; e, como a adora, conhece as satisfações extraordinárias do benfeitor que não se inquieta com nada, nem mesmo com o ridículo, pois ele assim batiza suas paternais alegrias. ‘Só continuo casado por causa da minha mulher!’, me disse um dia Sérisy ao sair do Conselho. Mas eu!... eu, não tenho nada, nem mesmo o ridículo a afrontar, eu que me mantenho exclusivamente por um amor sem alimento! Eu, que não encontro uma palavra para dizer a uma mulher da sociedade! Eu, a quem a prostituição repugna! Eu, fiel por encanto! Sem minha fé religiosa, eu me teria matado. Desafiei o abismo do trabalho, mergulhei nele e dele saí vivo, abrasado, ardente, com insônia!...”

(Não me posso lembrar das palavras desse homem tão eloquente, mas a quem a paixão dava uma eloquência tão superior à da tribuna, que, tal como ele, ao escutá-lo eu tinha as faces sulcadas de lágrimas! Julguem das minhas impressões quando, após uma pausa durante a

qual enxugamos nossa lágrimas, ele terminou sua narrativa com esta revelação.)

“Esse é o drama da minha alma, mas não é o drama exterior que se desenrola neste momento em Paris! O drama interior não interessa a ninguém. Eu sei disso, e você o reconhecerá ainda um dia, você que neste momento está chorando comigo. Ninguém sobrepõe ao seu coração nem à sua epiderme a dor de outrem. A medida da dor está em nós. Você mesmo só compreende os meus sofrimentos por uma analogia muito vaga. Poderá você me ver acalmando os mais violentos acessos de desespero pela contemplação duma miniatura em que meu olhar torna a encontrar e beija a fronte dela, o sorriso de seus lábios, o contorno de seu rosto, em que respiro a brancura de sua pele, e que me permite, quase sentir, apalpar os cachos negros dos seus cabelos anelados? Você já me surpreendeu quando eu salto de esperança, quando me contorço sob as mil flechas do desespero, quando caminho na névoa de Paris para vencer minha impaciência pela fadiga? Tenho nervosismos comparáveis aos das pessoas esgotadas, hilaridades de louco, apreensões de assassino que encontra um sargento de polícia. Enfim, minha vida é um contínuo paroxismo de terrores, de alegrias, de desesperos. Quanto ao drama ei-lo:

XIX – UM MARIDO ROMANESCO

Você me julga ocupado com o Conselho de Estado, com a Câmara, com o Tribunal, com a polícia!... Eh! Deus meu, sete horas da noite bastariam para tudo, tanto a vida que eu levo superexcitou minhas faculdades. Honorina é a minha grande preocupação. Reconquistar minha mulher, eis o meu único estudo; vigiá-la na prisão em que está, sem que ela se saiba sob meu poder; satisfazer suas necessidades, velar pelo pouco prazer que ela se permite, estar continuamente em torno dela, como um silfo, sem me deixar ver nem adivinhar, pois então todo o meu futuro estaria perdido, eis a minha vida, a minha verdadeira vida! Há sete anos que eu não me deito sem ter ido ver a luz da sua lamparina, ou a sua sombra nas cortinas da janela. Ela deixou minha casa sem levar mais nada a não ser a roupa do corpo. A pobre criança

levou a nobreza de sentimentos até a estupidez! Por isso, dezoito meses depois da sua fuga, ela foi abandonada pelo amante, que ficou apavorado com o rosto áspero e frio, sinistro e fétido da Miséria, o covarde! Esse homem tinha sem dúvida contado com a existência feliz e dourada, na Suíça e na Itália, a que se entregam as grandes damas que abandonam os maridos. Honorina tem sessenta mil francos de renda. O miserável deixou a querida criatura grávida e sem um vintém! Em 1820, no mês de novembro, consegui que o melhor parteiro de Paris desempenhasse o papel de um cirurgião de subúrbio. Convenci o cura do bairro em que se encontrava a condessa a atendê-la, como se fizesse uma obra de caridade. Ocultar o nome da minha mulher, assegurar-lhe o incógnito, encontrar-lhe uma companhia que me fosse devotada e que fosse uma confidente inteligente, bah!... foi um trabalho digno de Fígaro. Você compreende que, para descobrir o asilo da minha mulher, bastava-me querer. Depois de três meses mais de desesperança que de desespero, a ideia de me consagrar à felicidade de Honorina, tomando Deus por confidente do meu papel, foi um desses poemas que só acontecem no coração de um apaixonado apesar de tudo. Todo amor absoluto deseja um alimento espiritual. Não seria meu dever proteger aquela criança, culpada por imprudência minha, contra novos desastres; cumprir finalmente minha missão de anjo da guarda? Sete meses depois de nascido, o filho morreu, felizmente para ela e para mim. Minha mulher esteve durante nove meses entre a vida e a morte, abandonada no momento em que mais necessitava do braço de um homem; mas esse braço”, disse ele estendendo o seu com uma energia angélica, “foi estendido sobre a sua cabeça. Honorina teve os cuidados que teria em seu palácio. Quando, restabelecida, ela perguntou como e por quem tinha sido socorrida, responderam-lhe: ‘Pelas irmãs de caridade do bairro, pela sociedade de Maternidade, pelo cura da paróquia, que se interessava por ela’. Essa mulher, em que a altivez chega a ser um vício, mostrou no infortúnio uma força e resistência que, certas noites, eu chamo de teimosia de burro. Honorina quis ganhar sua vida! Minha mulher trabalha!... Há cinco anos eu a mantenho na rue Saint-Maur, num lindo pavilhão onde ela fabrica flores e roupas de senhora. Ela julga vender os produtos de seu

elegante trabalho a um comerciante que lhos paga bastante caro para que um dia lhe renda vinte francos, e há seis anos não suspeita de nada. Ela paga todas as coisas pouco mais ou menos pelo terço do que elas valem, de sorte que com os seis mil francos por ano vive como se tivesse quinze mil. Ela tem paixão por flores, e dá cem escudos a um jardineiro que me custa a mim mil e duzentos francos, e que me apresenta contas de dois mil francos todos os três meses. Eu prometi a esse homem um terreno para horta e uma casa de hortaliças contígua à casa do guarda da rue Saint-Maur. Essa propriedade me pertence sob o nome de um ajudante de notário da corte. Qualquer indiscrição faria o jardineiro tudo perder. Honorina tem seu pavilhão, um jardim, uma estufa soberba, por quinhentos francos de aluguel por ano. Ela vive aí, sob o nome da sua dama de companhia, sra. Gobain, velha duma discrição a toda prova que eu encontrei e por quem ela se fez amar. Mas este zelo é, como o do jardineiro, mantido pela promessa de uma recompensa no dia do sucesso. O zelador e a mulher me saem horivelmente caros pelas mesmas razões. Enfim, há três anos que Honorina é feliz; acredita dever a seu trabalho o luxo das suas flores, seu guarda-roupa e seu bem-estar.”

XX – UMA TENTATIVA

“Oh! sei o que você vai me dizer!”, exclamou o conde vendo uma interrogação suspensa dos meus olhos e dos meus lábios. “Sim, sim, eu fiz uma tentativa. Minha mulher estava anteriormente no Faubourg Saint-Antoine. Um dia, quando, por uma frase da sra. Gobain, acreditei que houvesse probabilidades de conciliação, mandei pelo correio uma carta em que tentava enternecer minha mulher, uma carta escrita e recomçada inúmeras vezes! Não vou descrever a você minha angústia. Eu ia da rue Payenne à rue Reuilly como um condenado que vai do tribunal à cadeia; mas ele vai de carro, e eu caminhava!... Era noite, havia névoa, eu ia ao encontro da sra. Gobain, que deveria contar-me o que fizera minha mulher. Honorina, reconhecendo a minha letra, lançara a carta ao fogo sem a ler. ‘Sra. Gobain’, dissera ela, ‘amanhã não quero estar mais aqui...’ Isto foi como que uma punhalada para um

homem que encontra alegrias ilimitadas no estratagema com que proporciona os mais belos veludos de Lyon por doze francos a vara, um faisão, um peixe, frutas pelo décimo do seu valor, a uma mulher bastante ignorante para acreditar que remunera suficientemente, com duzentos e cinquenta francos, a sra. Gobain, cozinheira de um arcebispo!... Algumas vezes você me surpreendeu esfregando as mãos e aparentando felicidade. Pois bem, era que eu tinha conseguido sucesso num ardil digno do teatro. Eu acabava de enganar minha mulher, de enviar-lhe por uma vendedora ambulante um xale da Índia apresentado como tendo pertencido a uma atriz que quase não o usara, mas no qual eu, este grave magistrado que você conhece, me havia embrulhado durante uma noite inteira. Enfim, hoje a minha vida se resume nas duas palavras com as quais se pode exprimir o mais violento dos suplícios: amo e espero! Tenho na sra. Gobain uma fiel espiã desse coração adorado. Vou todas as noites conversar com essa velha, saber por ela tudo que Honorina fez durante o dia, tudo o que ela disse, pois uma única exclamação pode me revelar os segredos dessa alma que se fez surda e muda. Honorina é piedosa; ela acompanha os ofícios religiosos, reza, mas jamais se confessou e não comunga. Ela prevê o que um padre lhe dirá. Ela não quer seguir o conselho, a ordem de voltar para minha companhia. Esse horror por mim me espanta e me confunde, pois jamais lhe fiz o menor mal na minha vida; sempre fui bom para ela. Admitamos que alguma vez eu tenha sido violento ao instruí-la, que minha ironia de homem tenha ferido o seu legítimo orgulho de moça. Será uma razão para ela perseverar numa resolução que só o ódio mais implacável pode inspirar? Honorina nunca disse à sra. Gobain quem ela era; guarda um silêncio absoluto sobre o seu casamento, de modo que esta boa e digna mulher não pode dizer uma única palavra a meu favor, porque ela é a única pessoa da casa que conhece o meu segredo. Os outros de nada sabem: vivem sob o terror que causa o nome do chefe de polícia e na veneração do poder de um ministro. É-me pois impossível penetrar nesse coração; a cidadela me pertence, mas não posso entrar nela. Não disponho de um único meio de ação. Uma violência me prejudicaria irremediavelmente. Como combater razões que se ignoram? Escrever

uma carta, mandar copiá-la por um escrivão público e colocá-la sob os olhos de Honorina?... Já pensei nisso. Mas não será arriscar uma terceira fuga? A última me custou cento e cinquenta mil francos. Essa aquisição foi feita no nome do secretário que você substituiu. O infeliz, que não sabia quanto o meu sono é leve, foi surpreendido por mim abrindo com uma chave falsa a gaveta em que eu guardara a contraescritura; tossi, e ele se assustou; no dia seguinte eu o forcei a vender a casa a meu atual testa de ferro, e o despedi.”

XXI – UMA PROPOSTA SINGULAR

“Ah! se eu não sentisse em mim todas as faculdades nobres do homem satisfeitas, felizes, expandidas; se os elementos do meu papel não pertencessem à paternidade divina; se eu não me desabafasse por todos os poros, haveria momentos em que eu acreditaria nalguma monomania. Certas noites, ouço os guizos da loucura, tenho medo dessas transições violentas de uma frágil esperança, que por vezes brilha e se alteia, para um desespero completo que cai tão baixo quanto podem cair os homens. Há pouco dias meditei seriamente no desenlace atroz do drama que se passou entre Lovelace e Clarissa,^[55] dizendo: se Honorina tivesse um filho meu, não seria forçoso que ela voltasse para a minha casa? Finalmente, tenho uma tal fé num futuro feliz, que há dez meses comprei e paguei um dos mais belos palácios do Faubourg Saint-Honoré. Se eu reconquistar Honorina, não quero que ela torne a ver esse palácio, nem o quarto donde ela fugiu. Quero pôr o meu ídolo num novo templo onde possa crer numa vida inteiramente nova. Estão trabalhando para transformar esse palácio numa maravilha de gosto e de elegância. Falaram-me de um poeta que, quase louco de amor por uma cantora, comprara, no início da sua paixão, o mais belo leito de Paris, sem saber o destino que a atriz reservava à sua corte. Pois bem, ao mais frio dos magistrados, a um homem que passa por ser o mais grave conselheiro da Coroa, essa anedota moveu com todas as fibras do coração. O orador da Câmara compreende esse poeta que nutria seu ideal com uma possibilidade material. Três dias antes da chegada de Maria-Luísia, Napoleão estirou-se em seu leito de núpcias em

Compiègne... Todas as paixões gigantescas procedem da mesma forma. Amo como o poeta e como o imperador!...”

Ao ouvir estas últimas palavras, acreditei na realização dos temores do conde Otávio; ele se havia levantado, e caminhava, e gesticulava, mas parou como espantado da violência de suas palavras. — Sou bem ridículo — tornou ele depois de uma longa pausa, buscando um olhar de compaixão.

— Não, o senhor conde é bem infeliz...

— Oh, sim! — disse ele, retomando o curso da sua confidência —, mais do que pensa! Pela violência das minhas palavras, você pode e deve acreditar na mais intensa paixão física, pois que há nove anos ela me anula todas as faculdades; mas isso não é nada em comparação com a adoração que me inspiram a alma, o espírito, as maneiras, o coração, tudo que na mulher não é a mulher; enfim, essas maravilhosas divindades do cortejo do amor com as quais a gente passa a vida e que são a poesia diária de um prazer fugidivo. Eu vejo, por um fenômeno retrospectivo, aqueles encantos de coração e de espírito de Honorina aos quais eu prestava pouca atenção nos meus dias de felicidade, como todas as pessoas felizes! Venho, de dia para dia, reconhecendo a extensão da minha perda, reconhecendo as qualidades divinas de que era dotada aquela criança caprichosa e teimosa, que se tornou tão forte e tão altiva sob a mão pesada da miséria, sob os golpes do mais covarde abandono. E essa flor celeste vai se fanando solitária e escondida! Ah! a lei de que falávamos — continuou ele com uma amarga ironia —, a lei é um piquete de polícia, é minha mulher presa e trazida à força para aqui!... Não será conquistar um cadáver? A religião não tem poder sobre ela. Ela lhe pede apenas a poesia. Ela reza sem escutar os mandamentos da Igreja. Gastei tudo o que tinha de clemência, de bondade, de amor... Estou esgotado... Só existe um meio de triunfo: a astúcia e a paciência com as quais os passarinhos terminam por aprisionar os mais ariscos, os mais ágeis, os mais extravagantes e os mais raros pássaros. Por isso, Maurício, quando a indiscrição bem desculpável do sr. de Grandville lhe revelou o segredo da minha vida, eu acabei por ver nesse incidente um desses desígnios da sorte, uma dessas interrupções que são bem recebidas e desejadas pelos jogadores

no meio das suas partidas mais encarniçadas... Terá você bastante afeição por mim para me ser romanescamente devotado?...

— Já esperava por isso, conde — respondi eu interrompendo-o. — Adivinho suas intenções. Seu primeiro-secretário quis forçar o seu cofre; conheço o coração do segundo: ele poderia amar sua mulher. Pode o senhor torná-lo desgraçado enviando-o ao fogo! Será possível a gente meter a mão num braseiro sem se queimar?

— Você é uma criança — voltou o conde —, eu o mandarei com luvas! Não será meu secretário que irá morar na rue Saint-Maur, na pequena casa de hortelão que eu mandei esvaziar; será o meu jovem primo, o barão de L'Hostal, juiz relator...

Depois de um momento de surpresa, ouvi um toque de sino, e uma carruagem rodou até a escadaria. Em breve o criado anunciou a sra. de Courteville e sua filha. O conde Otávio tinha uma grande parentela pelo lado materno. A sra. de Courteville, sua prima, era viúva de um juiz do tribunal do Sena, que a deixara com uma filha e sem nenhuma espécie de bens. Que poderia representar uma mulher de vinte e nove anos ao lado de uma jovem de vinte, tão bela quanto a imaginação pudesse querer para uma amante ideal?

— Barão, juiz, relator, referendário da Fazenda à espera de coisa melhor e este velho palácio por dote, teria você razões para não amar a condessa? — me disse ele ao ouvido tomando-me a mão e me apresentando à sra. de Courteville e à filha. Fiquei deslumbrado, não por tantas vantagens em que não teria ousado pensar, mas por Amélia de Courteville, cujos encantos tinham sido todos postos em relevo por uma dessas sábias *toilettes* que as mães mandam fazer para as filhas quando se trata de casá-las...

(— Mas não falemos de mim — disse o cônsul fazendo uma pausa.)

XXII – PRINCIPIA A AÇÃO

Vinte dias depois, prosseguiu ele, eu fui habitar a casa do hortelão, que haviam reformado, arranjado e mobiliado com essa celeridade que se explica por três palavras: Paris! Operário francês! Dinheiro! Eu estava tão apaixonado quanto o conde poderia desejar para sua segurança. A

prudência dum rapaz de vinte e cinco anos seria suficiente para as artimanhas que eu projetava e das quais dependia a felicidade de um amigo? Para resolver esta questão, eu lhes confesso que contava muito com meu tio, pois o conde me autorizara a pô-lo a par do assunto no caso de eu julgar necessária sua intervenção. Tratei com um jardineiro, fiz-me maníaco por flores e me ocupei furiosamente, como pessoa a quem nada é capaz de distrair, em revolver e preparar o terreno para a cultura de flores. Assim como os maníacos da Holanda e da Inglaterra, eu me apresentei como monoflorista. Cultivava especialmente dalias, colecionando todas as suas variedades. E fácil calcularem que a minha linha de conduta, mesmo nos seus mais leves desvios, era traçada pelo conde, cujas forças intelectuais estavam então todas atentas aos menores acontecimentos da tragicomédia que se devia representar na rue Saint-Maur. Assim que a condessa se deitava, quase todas as noites, entre onze horas e meia-noite, Otávio, a sra. Gobain e eu nos reuníamos em conselho. Eu ouvia a velha relatar a Otávio os menores movimentos da sua mulher durante o dia; ele se informava de tudo, das refeições, das ocupações, da atitude, do cardápio do dia seguinte, das flores que ela se propunha cultivar. Eu compreendi o que é um amor levado ao desespero, quando ele se compõe do tríplice amor que procede do cérebro, do coração e dos sentidos. Otávio só vivia durante essa hora. Nos dois meses que duraram os trabalhos, não lancei os olhos para o pavilhão em que morava a minha vizinha. Nem ao menos eu tinha indagado se tinha uma vizinha, se bem que o jardim da condessa e o meu fossem separados apenas por quatro pés de altura. Um belo dia, a sra. Gobain anunciou à sua patroa, como uma grande desgraça, a intenção, manifestada por um excêntrico que se tornara seu vizinho, de mandar erguer no fim do ano um muro entre os dois jardins. Nem sabem a curiosidade que me devorava. Ver a condessa!... Esse desejo fazia empalidecer o meu amor nascente por Amélia de Courteville. Meu projeto de construir um muro era uma medonha ameaça. Não haveria ar para Honorina, pois o jardim se tornaria uma espécie de alameda encerrada entre o meu muro e o seu pavilhão. Esse pavilhão, uma antiga casa de recreio, lembrava um castelo de cartas; não tinha mais de trinta pés de altura, por um comprimento de cerca

de cem pés. A fachada, pintada à alemã, representava uma latada de flores até o primeiro andar e constituía um encantador espécime desse estilo Pompadour tão bem apelidado de rococó. Chegava-se a ele por uma longa avenida de tílias. O jardim do pavilhão e a horta figuravam um machado cujo cabo era representado por essa avenida. Meu muro ia cortar três quartas partes do machado. A condessa ficou desolada com isso e disse em meio a seu desespero:

— Minha pobre Gobain, que espécie de homem é esse floricultor?

— Palavra — disse ela —, não sei se será possível domesticá-lo; ele parece ter horror às mulheres. É o sobrinho de um cura de Paris. Só vi o tio uma única vez, um bom velho de setenta e cinco anos, bastante feio mas bem amável. É bem possível que esse cura mantenha, como dizem aqui nas redondezas, o sobrinho apaixonado por flores para que ele não faça coisa pior...

— Como?

— Sim, seu vizinho é um estouvado! — fez a sra. Gobain, mostrando a cabeça com um gesto significativo.

Os loucos tranquilos são os únicos homens dos quais as mulheres nada desconfiam em matéria de sentimento. Pelo desenrolar dos fatos vão ver quanto o conde tinha razão escolhendo para mim esse papel.

— Mas que tem ele? — perguntou a condessa.

— Estudou demais — respondeu a sra. Gobain — e tornou-se selvagem. Enfim, tem razões para não mais amar as mulheres... uma vez que a senhora quer saber tudo o que se diz a respeito dele.

— Pois bem — tornou Honorina —, os loucos me assustam menos que as pessoas certas; eu falarei com ele. Dize-lhe que lhe peço vir até aqui. Se não conseguir nada, falarei com o cura.

No dia seguinte a essa conversa, quando eu passeava pelas minhas alamedas traçadas, reparei no primeiro andar do pavilhão as cortinas duma janela afastadas e a figura duma mulher em atitude de curiosidade. A sra. Gobain me abordou. Eu olhei bruscamente para o pavilhão e fiz um gesto brutal, como se dissesse: “Não tenho nada que ver com a sua patroa!”.

— Senhora — disse ela, que foi dar contas da sua missão —, o louco me pediu para que o deixasse sossegado, pretendendo que carvoeiro é

dono de sua casa,[56] principalmente quando não tem mulher.

— Ele tem razão de sobra — respondeu a condessa.

— Sim, mas terminou por me dizer “Eu irei!”, quando lhe respondi que ele iria fazer a infelicidade duma pessoa que vivia isolada e que se distraía unicamente com a cultura das flores.

XXIII – UM ESBOÇO

No dia seguinte, por um sinal da sra. Gobain, soube que minha visita era esperada. Depois do almoço da condessa, no momento em que ela passeava diante do seu pavilhão, passei pela estacada e me dirigi a ela. Eu estava em trajes de campo: calças velhas de moletom cinzento, tamancões, uma velha blusa de caça, gorro na cabeça, um lenço velho no pescoço, as mãos sujas de terra e uma cavadeira na mão.

— É o senhor que é o nosso vizinho! — gritou a sra. Gobain.

A condessa não se assustara. Consegui, então, ver aquela mulher que por sua conduta e pelas confidências o conde se tinha tornado tão interessante de observar. Estávamos nos primeiros dias do mês de maio. A pureza do ar, o azul do céu, o verde das primeiras folhas, o aroma da primavera emolduravam aquela criação da dor. Ao ver Honorina, compreendi a paixão de Otávio e a verdade desta expressão: uma flor celestial! Sua brancura logo me chamou a atenção por seu branco particular, pois há tantos brancos diferentes quanto há vermelhos e azuis. Olhando-se para a condessa, os olhos ajudavam a tocar aquela pele suave em que o sangue corria em filetes azulados. À menor emoção, aquele sangue se expandia sob o tecido como um vapor em volutas rosadas. Quando nos encontramos, os raios do sol, ao passarem através da folhagem rala das acácias, cercavam Honorina daquele nimbo amarelo e fluido que só Rafael e Ticiano, entre todos os pintores, souberam pintar em torno da Virgem. Uns olhos castanhos exprimiam a um tempo ternura e alegria, e seu brilho refletia-se até sobre o rosto, através dos longos cílios abatidos. Pelo movimento das pálpebras acetinadas Honorina encantava, tal era o sentimento, a majestade, o terror, o desprezo que ela punha na maneira de erguer ou de abaixar esse véu da alma. Enfim, ela podia gelar ou animar alguém

com um olhar. Os cabelos cinéreos, apanhados negligentemente na nuca, contornavam-lhe uma fronte de poeta, ampla, poderosa, sonhadora. A boca era inteiramente voluptuosa. Em suma, privilégio raro na França, mas comum na Itália, todas as linhas e o contornos daquela cabeça tinham um caráter de nobreza que deveria obstar os ultrajes do tempo. Se bem que esbelta, Honorina não era magra, e suas formas me pareceram daquelas que revelam o amor ainda mesmo quando ele se afigura esgotado. Ela merecia perfeitamente ser chamada de mimosa, pois pertencia a esse gênero de mulherzinhas dóceis que se deixam agarrar, acariciar, soltar e tornar a agarrar como gatas. Seus pequeninos pés faziam na areia um leve ruído que lhes era particular e que se harmonizava com o farfalhar do vestido: disso resultava uma música feminina que se gravava no coração e que se distinguiria por entre os passos de mil mulheres. Seu porte evocava por tal forma sua nobre linhagem, que nas ruas os mais audaciosos proletários se desviavam para lhe dar passagem. Alegre, terna, orgulhosa e imponente, não se a podia compreender sem que fosse dotada dessas qualidades que parecem excluir-se e que, contudo, a conservavam criança. Mas a criança era capaz de se tornar forte como o anjo; e, como o anjo, uma vez ferida na sua natureza, ela devia ser implacável. A frieza naquele rosto era sem dúvida a morte para aqueles a quem seus olhos tinham sorrido e seus lábios se entreaberto, para aqueles cuja alma acolhera a melodia daquela voz que dava à palavra, por entonações particulares, a poesia do canto. Ao sentir o perfume de violeta que ela exalava, compreendi como a recordação daquela mulher tinha detido o conde no limiar da devassidão, e como não se podia jamais esquecer aquela que era verdadeiramente uma flor celestial para a alma... Honorina inspirava devotamento, um devotamento cavalheiresco e sem recompensa.

XXIV – COMO ACABA A PRIMEIRA ENTREVISTA

Ao vê-la, a gente dizia consigo: “Pense, que eu adivinharei; fale, que eu obedecerei. Se a minha vida, perdida num suplício, pode proporcionar-lhe um dia de felicidade, tome minha vida; eu sorrirei como os mártires

nas suas fogueiras, porque levarei esse dia a Deus como um penhor dado por um pai em reconhecimento a uma graça concedida a seu filho”. Muitas mulheres forjam uma fisionomia e chegam a produzir efeitos semelhantes aos produzidos pelo aspecto da condessa; mas nela tudo procedia duma deliciosa naturalidade, e essa naturalidade inimitável ia direto ao coração... Se assim lhes falo, é porque se trata unicamente da sua alma, dos seus pensamentos, das delicadezas do seu coração, e porque me censurariam por não a ter descrito. Por pouco não esqueci meu papel de homem quase louco, brutal e pouco cavalheiro.

— Disseram-me, senhora, que adora as flores.

— Eu sou florista, senhor — respondeu ela. — Depois de cultivar as flores, eu as copio, como uma mãe que fosse bastante artista para se dar o prazer de pintar seus filhos... Será preciso dizer-lhe que sou pobre e que não estou em condições de pagar a concessão que quero obter do senhor?

— Como — tornei eu com a gravidade dum magistrado — uma pessoa de aparência tão distinta como a senhora exerce uma tal profissão? Terá por acaso como eu razões para ocupar os dedos a fim de não deixar trabalhar a cabeça?

— Fiquemos no muro intermediário — respondeu ela sorrindo.

— Mas nós estamos nos alicerces — disse eu. — Não será preciso que eu saiba qual das nossas duas dores, ou, se preferir, das nossas duas manias, deve ceder o lugar à outra?... Ah! que lindo buquê de narcisos! Eles são tão frescos como esta manhã!

Ela tinha criado como que um museu de flores e de arbustos, onde apenas o sol penetrava, cujo arranjo tinha sido ditado por um gênio de artista e que o mais insensível dos proprietários teria respeitado. As massas de flores, arrumadas em degraus com uma ciência de florista ou dispostas em ramalhetes, produziam efeitos doces à alma. Aquele jardim recolhido, solitário, exalava bálsamos consoladores e inspirava somente doces pensamentos, imagens graciosas, voluptuosas até. Nele se reconhecia esse cunho indelével que nosso verdadeiro caráter imprime em todas as coisas quando nada nos constrange a obedecer às diversas hipocrisias, aliás necessárias, que a sociedade exige. Eu olhava

ora para o tufo de narcisos, ora para a condessa, aparentando estar mais encantado pelas flores que por ela, para representar meu papel.

— Então o senhor gosta muito de flores? — me perguntou ela.

— São os únicos seres que não iludem o nosso desvelo e o nosso carinho — lhe respondi. Fiz uma tirada tão violenta ao estabelecer um paralelo entre a botânica e a sociedade, que nos encontramos a mil léguas de distância do muro divisório, devendo a condessa me ter tomado por uma criatura sofredora, ferida, digna de piedade. Contudo, depois duma meia hora, minha vizinha me reconduziu naturalmente ao assunto, pois as mulheres, quando não amam, têm todo o sangue-frio dum velho advogado.

— Se a senhora quiser deixar substituir a cerca — disse-lhe eu —, aprenderá todos os segredos de cultura que eu quero esconder, porque eu procuro a dália azul, a rosa azul, tenho loucura por flores azuis. O azul não é a cor favorita das belas almas? Nenhum de nós está em sua casa; poderíamos colocar aqui uma pequena porta que ligasse os nossos jardins... A senhora, que gosta de flores, veria as minhas, e eu veria as suas. Se não é visitada por ninguém, eu só recebo meu tio, o cura de Blancs-Manteaux.

— Não — disse ela —, não quero dar a ninguém o direito de entrar no meu jardim, na minha casa, a qualquer hora. Venha aqui, que será sempre recebido como um vizinho com quem desejo viver em boas relações; mas tenho muito apreço à minha solidão para prejudicá-la com uma dependência qualquer.

— Como queira! — disse eu. E de um salto pulei a cerca. — De que serve uma porta? — exclamei ao me achar no meu terreno, voltando-me para a condessa e desdenhando-a com um gesto, com uma careta de louco. Passei quinze dias sem parecer pensar na minha vizinha.

XXV – A GAIOLA DE HONORINA

Lá pelo fim de maio, numa bela tarde, aconteceu nos encontrarmos um de cada lado da cerca, passeando a passos lentos. Chegados ao fim, foi preciso trocar algumas palavras de polidez; ela me achou tão profundamente abatido, mergulhado num devaneio tão doloroso, que

me falou de esperança em frases que pareciam esses cantos com que as amas adormecem as crianças. Finalmente, transpus a cerca e me achei pela segunda vez ao lado dela. A condessa me fez entrar na casa, procurando minorar minha dor. Eu penetrei, pois, afinal, naquele santuário onde tudo estava em harmonia com a mulher que eu procurei descrever-lhes. Reinava ali uma deliciosa simplicidade. No interior, aquele pavilhão era como o ninho inventado pela arte do século xviii para as galantes orgias dum potentado. A sala de refeições, situada no andar térreo, estava coberta de pinturas a fresco, que representavam latadas de flores duma admirável e maravilhosa execução. As paredes da escada apresentavam encantadoras decorações a uma cor. O pequeno salão, que ficava defronte à sala de refeições, estava incrivelmente danificado, mas a condessa nele estendera tapeçarias cheias de fantasias e provenientes de antigos biombos. Ao lado ficava um quarto de banho. Em cima havia apenas um quarto de dormir junto ao de vestir, e uma biblioteca metamorfoseada em ateliê. A cozinha estava escondida nos porões, o acesso ao pavilhão fazia-se por uma escada de alguns degraus. Os balaústres da galeria e suas guirlandas de flores Pompadour mascaravam o telhado, do qual só se enxergava o espigão. Nessa residência a gente tinha a impressão de estar a cem léguas de Paris. Não fosse o sorriso amargo que por vezes estampava sobre os belos lábios vermelhos daquela mulher pálida, poder-se-ia acreditar na felicidade daquela violeta sepultada em sua floresta de flores.

XXVI – OBSERVAÇÃO SOBRE O TRABALHO DAS MULHERES

Em poucos dias chegamos a uma confiança oriunda da vizinhança e da certeza que a condessa adquiriu da minha completa indiferença pelas mulheres. Um olhar teria comprometido tudo, e jamais meus olhos expressaram um pensamento para ela! Honorina procurou tratar-me como um velho amigo. Suas maneiras para comigo procediam de uma espécie de compaixão. Seus olhares, sua voz, suas conversas, tudo dizia que ela estava a mil léguas das coqueterias que a mais severa das mulheres se teria talvez permitido em semelhante caso. Pouco depois

ela me deu o direito de entrar no encantador ateliê onde fazia suas flores, um refúgio cheio de livros e curiosidades, adornado como um camarim e onde a riqueza reparava a vulgaridade dos instrumentos de trabalho. A condessa tinha poetizado, por assim dizer, o que é o antípoda da poesia, uma fábrica. De todos os trabalhos que uma mulher possa fazer, as flores artificiais talvez sejam aqueles cujos detalhes oferecem maior oportunidade à graça feminina. Para colorir, uma mulher deve permanecer inclinada sobre uma mesa e aplicar-se, com uma certa atenção, a essa semipintura. A tapeçaria, feita como deve ser por uma operária que quer ganhar a vida, é uma causa de pneumonia ou de desvio da espinha dorsal. A gravura das pranchas de música é um dos trabalhos mais tirânicos pela minúcia, pelo cuidado, pela compreensão que exige. A costura e o bordado dão uma miséria por dia. Mas o trabalho em flores e em modas compõe-se de uma multidão de movimentos, de gestos e até de ideias que deixam uma linda mulher em seu ambiente. Ela continua sendo ela mesma, pode conversar, rir, cantar ou pensar. Certamente, havia um sentimento de arte na maneira pela qual a condessa dispunha sobre uma longa mesa de pinho amarelo as miríades de pétalas coloridas que serviam para fazer as flores que ela havia escolhido. Os potes de tinta eram de porcelana branca, e sempre limpos, alinhados de maneira a permitir encontrar imediatamente o matiz procurado na gama dos tons. A nobre artista economizava assim seu tempo. Um lindo móvel de ébano, incrustado de marfim, guardava em suas inúmeras gavetas as matrizes de aço com que ela modelava as folhas ou certas pétalas. Um magnífico vaso japonês continha a cola que ela não deixava jamais azedar, e ao qual adaptara uma tampa de dobradiça tão leve, tão móvel, que a erguia com a ponta do dedo. Os fios de arame eram guardados numa pequena gaveta da sua mesa de trabalho, diante dela. Sob seus olhos erguia-se, num vaso de Veneza, um modelo vivo da flor com a qual ela procurava lutar. Tinha paixão pelas obras-primas, lançava-se aos trabalhos mais difíceis, as cachopas, as mais minúsculas corolas, as urzes, os nectários dos mais caprichosos tons. Suas mãos, tão ágeis quanto seu pensamento, iam da mesa à flor, como as de um artista sobre as teclas de um piano. Seus dedos pareciam fadas, para usar uma

expressão de Perrault, tanto eles escondiam, sob a graça do gesto, as diferentes forças de torção, de aplicação e de peso necessárias àquele trabalho, regulando com a lucidez do instinto cada movimento de acordo com o resultado pretendido. Eu não me cansava de a admirar construindo uma flor quando as suas partes já se encontravam diante dela, revestindo, aperfeiçoando uma haste, e nela prendendo as pétalas. Ela punha em ação o gênio dos pintores nas suas audaciosas empresas, imitava folhas secas e amarelecidas; esforçava-se por reproduzir as flores dos campos, de todas as mais singelas, as mais complicadas na sua simplicidade.

— Esta arte — dizia-me ela — está na infância. Se as parisienses tivessem um pouco do gênio que a escravidão do harém exige das mulheres do Oriente, elas dariam vida e expressão às flores que usam na cabeça. Já fiz, para minha satisfação de artista, flores murchas com as folhas cor de bronze florentino, como a gente encontra depois ou antes do inverno. Essa coroa, numa cabeça de mulher, cuja vida está malograda, ou devorada por um secreto desgosto, não terá a sua poesia? Quantas coisas uma mulher não poderia dizer com uma flor nos cabelos? Não há flores para as bacantes embriagadas, flores para as sombrias e rígidas devotas, melancólicas para as mulheres tristes? A botânica exprime, a meu ver, todas as sensações e pensamentos da alma, mesmo os mais delicados!

Ela me utilizava para modelar as folhas, para recortá-las e para preparar os arames das hastes. Meu pretenso desejo de distração tornou-me em pouco tempo hábil. Trabalhávamos conversando. Quando eu não tinha nada que fazer, lia para ela as novidades, pois não devia perder de vista meu papel, e representava o homem fatigado da vida, cheio de desgostos, melancólico, cético, ríspido. O personagem que eu vivia proporcionava-me adoráveis gracejos acerca da semelhança puramente física, menos o defeito do pé, que havia entre Lord Byron e eu. Tínhamos como certo que os desgostos dela, sobre os quais ela desejava guardar o mais profundo silêncio, faziam desaparecer os meus, se bem que já as causas da minha misantropia teriam podido satisfazer Young[57] e Jó. Não lhes falarei dos sentimentos de vergonha que me torturavam ao queixar-me, como os

pobres da rua, de falsas chagas para excitar a piedade daquela adorável mulher. Percebi logo a extensão do meu devotamento compreendendo toda a baixeza dos espíões. Os testemunhos de simpatia que recolhi então teriam consolado os maiores infortúnios. Aquela encantadora criatura, privada do convívio social, sozinha havia tantos anos, tendo, além do amor, tesouros de afeição a dispensar, mos ofereceu com uma efusão infantil, com uma piedade que por certo encheria de amargura o libertino que a tivesse amado; sim, pois ela era toda caridade, toda compaixão. Sua renúncia ao amor e seu terror ao que se chama felicidade para a mulher manifestavam-se ao mesmo tempo com força e com ingenuidade. Esses dias felizes provaram-me que a amizade das mulheres supera de muito o seu amor.

XXVII – UMA CONFISSÃO DE HONORINA

Eu me fizera de rogado na confissão das minhas tristezas com afetação igual à que se permitem os jovens antes de se sentarem ao piano, tal é a consciência que têm do aborrecimento que se seguirá. Como podem adivinhar, a necessidade de vencer minha repugnância em falar forcara a condessa a estreitar os laços da nossa intimidade; mas ela encontrava tão bem em mim sua própria antipatia pelo amor, que me pareceu satisfeita com o acaso que enviara à sua ilha deserta uma espécie de Sexta-Feira.^[58] Talvez a solidão lhe comesse a pesar. Contudo, ela era destituída de qualquer coquetismo, não tinha mais nada da mulher; só sentia ter um coração, dizia-me, no mundo ideal onde se refugiava. Involuntariamente eu comparava aquelas duas existências; a do conde, toda ação, toda agitação, toda emoção, e a da condessa, toda passividade, toda inatividade, toda imobilidade. A mulher e o homem obedeciam maravilhosamente às suas naturezas. Minha misantropia me autorizava a lançar contra os homens e contra as mulheres cínicas sátiras, que eu me permitia na esperança de levar Honorina para o terreno das confidências; ela, porém, não se deixava cair em nenhuma armadilha, e eu comecei a compreender essa teimosia de burro, que é, mais do que se pensa, comum entre as mulheres.

— Os orientais têm razão — disse-lhe eu uma tarde — em manter as

mulheres presas, considerando-as apenas como instrumentos de prazer. A Europa tem sido bem castigada por tê-las admitido na sociedade e por aí aceitá-las em pé de igualdade com os homens. A meu ver, a mulher é o ser mais improbo e mais infame que possa existir. É disso, aliás, que lhe vêm todos os seus encantos; belo prazer, o de caçar um animal doméstico! Quando uma mulher inspira paixão a um homem, ela lhe é sempre sagrada; ela fica, a seus olhos, revestida de um privilégio imprescritível. No homem, o reconhecimento pelos prazeres passados é eterno. Se torna a encontrar a amada ou velha ou indigna dele, essa mulher sempre tem direitos sobre o seu coração; mas, para as mulheres, o homem que amaram não representa mais nada; mais que isso, cometem a imperdoável injustiça de viver!... As mulheres não ousam confessar, mas todas elas têm no coração a ideia que as calúnias populares chamadas tradição atribuem à dama da torre de Nesle.^[59] Que pena não poder a gente alimentar-se de amor como se alimenta de frutas! E que depois de uma refeição não possa restar mais que o sentimento do prazer!...

— Deus — disse ela — sem dúvida reservou essa felicidade perfeita para o paraíso. Mas — continuou — se a sua argumentação lhe parece muito inteligente, ela tem para mim o defeito de ser falsa. Que dizer de mulheres que se entregam a vários amores? — perguntou-me ela, fitando-me como a virgem de Ingres^[60] fita Luís xiii oferecendo-lhe o seu reino.

— A senhora é uma atriz de boa-fé — respondi —, pois acaba de me lançar um desses olhares que fariam a glória de uma atriz. Mas, bela como é, a senhora amou; portanto esqueceu.

— Eu — respondeu ela, contornando a questão —, eu não sou uma mulher, eu sou uma religiosa que chegou aos setenta e dois anos.

— Como, então, pode afirmar com tanta autoridade que sente mais vivamente do que eu? A infelicidade para as mulheres só tem uma forma; elas só consideram como desgraças as decepções do coração. — Ela me fitou com um olhar suave e, como todas as mulheres que, colocadas entre as duas portas de um dilema ou presas pelas garras da verdade, persistem na sua decisão, me disse: — Eu sou religiosa, e o senhor me fala de um mundo onde não mais posso pisar.

— Nem mesmo em pensamento? — perguntei.

— O mundo é assim tão digno de inveja? — respondeu ela. — Oh! quando o meu pensamento se solta ele vai mais alto... O anjo da perfeição, o belo Gabriel, canta seguidamente em meu coração. Se eu fosse rica, nem por isso trabalharia menos, para não me entregar demasiado às asas lilases do anjo e voar ao reino da fantasia. Há contemplanções que nos perdemos, a nós, mulheres! Eu devo às minhas flores muita tranquilidade, se bem que nem sempre elas consigam distrair-me. Certos dias sinto a alma invadida por uma espera sem objeto, não posso banir um pensamento que se apodera de mim, que parece entorpecer meus dedos. Acredito então que se prepara um grande acontecimento, que a minha vida vai mudar, escuto no vácuo, olho nas trevas, fico sem gosto para o trabalho, e volto a encontrar, depois de mil fadigas, a vida... a vida ordinária. Será um pressentimento do céu? Eis o que eu me pergunto!...

XXVIII – O MAL QUE SE PODE FAZER COM UMA FRASE

Depois de três meses de luta entre dois diplomatas escondidos sob a pele de uma melancolia juvenil, e uma mulher a quem o desgosto tornava invencível, eu disse ao conde que me parecia impossível fazer aquela tartaruga sair da sua carapaça; era preciso quebrá-la. Na véspera, numa última discussão muito amistosa, a condessa exclamara: “Lucrécia[61] escreveu com seu punhal e seu sangue a primeira palavra da carta dos direitos das mulheres: *Liberdade!*”. Daí em diante o conde me deu carta branca. “Vendi por cem francos as flores e as toucas que eu fiz esta semana!”, disse-me alegremente Honorina num sábado à noite, quando fui encontrá-la naquele pequeno salão do andar térreo cujos dourados tinham sido pintados de novo pelo falso proprietário. Eram dez horas. Um crepúsculo de julho e uma lua magnífica estendiam suas vagas claridades. Bafejos de perfumes acariciavam a alma; a condessa fazia tilintar na sua mão as cinco moedas de ouro dum suposto negociante de fantasias, outro comparsa de Otávio, que um juiz, o sr. Popinot,[62] lhe arranjara.

— Ganhar a vida entretendo-se — disse ela —, ser livre, quando os

homens, armados de suas leis, nos querem fazer escravas! Oh! todos os sábados eu tenho acessos de orgulho. Em suma, eu gosto das moedas de ouro do sr. Gaudissart[63] tanto quanto Byron, seu sócia, gostava das de Murray.[64]

— Este não é de forma alguma o papel de uma mulher — retruquei.

— Bah, sou uma mulher? Eu sou é um rapaz dotado de uma alma terna, eis tudo; um rapaz a quem nenhuma mulher pode atormentar...

— Sua vida é uma negação de todo o seu ser — respondi. — Como é possível que a senhora, a quem Deus concedeu seus mais raros dons de amor e de beleza, não deseje às vezes...

— Quê? — exclamou, bastante inquieta com uma frase que pela primeira vez desmentia meu papel.

— Uma linda criança de cabelos encaracolados, correndo no meio dessas flores, como uma flor de vida e de amor, gritando-lhe: Mamãe!...

Esperei uma resposta. Um silêncio um pouco prolongado demais me fez perceber o terrível efeito das minhas palavras, efeito este que a obscuridade me escondera. Inclinação sobre o divã, a condessa estava não desmaiada, mas enlanguescida por um ataque nervoso cujo primeiro arrepio, doce como tudo que dela emanava, parecera, disse ela mais tarde, o efeito do mais sutil dos venenos. Chamei a sra. Gobain, que veio e levou sua patroa, colocou-a na cama, despiu-a e restituiu-a não à vida, mas à consciência de uma horrível dor. Eu comecei a caminhar, chorando, na alameda que perlongava o pavilhão, duvidando do sucesso. Queria abandonar aquele papel de caçador de pássaros, tão imprudentemente aceito. A sra. Gobain, que desceu e me encontrou com o rosto banhado em lágrimas, subiu em seguida para dizer à condessa:

— Senhora, que foi que se passou? O sr. Maurício chora como uma criança!

Estimulada pela perigosa interpretação a que se prestava a nossa mútua atitude, ela encontrou forças sobre-humanas, vestiu um roupão, desceu e dirigiu-se a mim.

— O senhor não é a causa desta crise — disse-me ela —, eu sou sujeita a espasmos, a uma espécie de câimbras no coração!...

— E a senhora procura esconder-me seus desgostos?... — disse-lhe enxugando as lágrimas e com essa voz que não se finge. — A senhora não acaba de me dar a conhecer que foi mãe, que teve a dor de perder seu filho?

— Maria! — gritou ela bruscamente tocando a sineta. A sra. Gobain apresentou-se. — Luz e chá — disse-lhe ela com o sangue-frio de uma *lady* empertigada de orgulho por essa atroz educação britânica que vocês conhecem.

XXIX – O DESAFIO

Quando a sra. Gobain acendeu as velas e fechou as persianas, a condessa me apresentou um semblante mudo; sua indomável altivez e sua gravidade de selvagem já haviam reformado seu império; ela me disse:

— Sabe por que eu admiro tanto Lord Byron?... Ele sofreu como sofrem os animais. Para que a queixa quando ela não é uma elegia como a de Manfredo, um escárnio amargo como o de dom João, um devaneio como o de Childe Harold?...[65] Ninguém saberá nada de mim!... Meu coração é um poema que eu ofereço a Deus!

— Se eu desejasse... — disse eu.

— Se? — repetiu ela.

— Eu não me interesso por nada — respondi —, não posso ser curioso; mas, se eu desejasse, amanhã saberia todos os seus segredos.

— Desafio-o! — disse-me ela com uma ansiedade mal disfarçada.

— Isso é sério?

— Naturalmente — disse ela meneando a cabeça —, eu preciso saber se esse crime é possível.

— Em primeiro lugar, senhora — respondi eu mostrando-lhe suas mãos —, esses lindos dedos, que dizem eloquentemente que a senhora não é solteira, foram feitos para o trabalho? Depois, apresenta-se como sendo a sra. Gobain, e outro dia, diante de mim, ao receber uma carta disse a Maria: “Toma, é para ti”. Maria é a verdadeira sra. Gobain. Portanto, a senhora esconde o seu nome sob o de sua governanta. Oh, de mim não tema coisa alguma; a senhora tem em mim o amigo mais

devotado que jamais terá... Amigo, entendeu bem? Eu dou a essa palavra sua santa e tocante acepção, tão profanada na França, onde a usamos até para os inimigos; este amigo, que a defenderá contra tudo, quer vê-la feliz tanto quanto possa ser uma mulher como a senhora. Quem sabe se a dor que eu lhe causei involuntariamente não é uma ação voluntária?

— Sim — tornou ela com uma audácia ameaçadora —, eu quero. Torne-se curioso e diga-me tudo que descobrir a meu respeito; mas... — fez ela erguendo o dedo — há de me dizer também por que meios conseguiu essas informações. A conservação da pobre felicidade de que eu gozo aqui depende das suas investigações.

— Isso quer dizer que fugirá...

— Imediatamente! — exclamou ela — e para o Novo Mundo...

— Onde ficará — tornei eu interrompendo-a — à mercê da brutalidade das paixões que irá inspirar. Não é da essência do gênio e da beleza brilhar, atrair os olhares, excitar as cobiças e as maldades? Paris é o deserto sem os beduínos; Paris é o único lugar do mundo onde a gente pode esconder sua vida quando a gente tem que viver de seu trabalho. De que se queixa? Que sou eu? Um criado a mais; sou o sr. Gobain, eis tudo. Se a senhora tem algum duelo a sustentar, um padrinho lhe pode ser necessário...

— Não importa, saiba quem eu sou. Já lhe disse: eu quero! Agora eu lhe peço — prosseguiu ela com uma graça (que as senhoras têm quando pedem alguma coisa — disse o cônsul fitando as mulheres).

— Pois bem, amanhã a esta mesma hora eu lhe direi o que descobri — respondi. — Mas não vá ficar com raiva de mim. Agirá como as outras mulheres?

— Que fazem as outras mulheres?...

— Elas nos ordenam imensos sacrifícios, e depois de os cumprirmos, algum tempo mais tarde elas nô-los censuram como uma injúria.

— Elas têm razão, se o que pediram lhes pareceu sacrifícios... —, tornou ela com malícia.

— Substitua a palavra sacrifícios pela palavra esforços, e...

— Isso será uma impertinência.

— Perdoe-me — disse-lhe eu —, esquecia-me de que a mulher e o papa são infalíveis.

— Deus meu — disse ela depois de uma longa pausa —, duas palavras apenas podem perturbar esta paz tão custosamente conquistada e de que gozo como de uma fraude... — levantou-se e não me deu mais atenção. — Onde ir? — disse ela —, que fazer?... Será preciso abandonar este suave retiro, arranjado com tanto cuidado para aqui terminar meus dias?

— Aqui terminar seus dias! — disse-lhe com visível espanto. — A senhora nunca pensou que chegará um dia em que não lhe será mais possível trabalhar, em que o preço das flores e da indumentária baixará por efeito da concorrência?...

— Já tenho mil escudos de economia — disse ela.

— Meus Deus, quantas privações essa soma não representa!... — exclamei.

— Até amanhã — disse-me ela —; deixe-me. Esta noite não sou mais eu mesma, quero ficar só. Devo retemperar as minhas forças, para caso de infelicidade; pois, se o senhor descobrir qualquer coisa, outras pessoas ficarão informadas e então... Adeus — disse ela num tom breve e com um gesto imperativo.

— É amanhã o combate — respondi sorrindo para não perder o caráter de despreocupação que eu dava àquela cena.

XXX – A REVELAÇÃO

Mas caminhando pela longa avenida eu repetia: — É amanhã o combate! — E o conde, a quem eu ia todas as noites encontrar no bulevar, exclamou também: — É amanhã o combate! — A ansiedade de Otávio igualava a de Honorina. Permanecemos, o conde e eu, até as duas horas da manhã passeando ao longo dos fossos da Bastilha, como dois generais que, na véspera de uma batalha, avaliam todas as possibilidades, examinam o terreno e verificam que no meio da luta a vitória depende dum acaso a aproveitar. Aquelas duas criaturas iam ambas velar, uma na esperança e a outra na angústia de uma reunião. Os dramas da vida não residem nas circunstâncias, mas sim nos

sentimentos, no coração, ou, se quizerem, nesse mundo imenso que devemos chamar de mundo espiritual. Otávio e Honorina agiam, viviam unicamente nesse mundo dos grandes espíritos. Eu fui pontual. As dez horas da noite, pela primeira vez, fui recebido num lindo quarto, branco e azul, que era o ninho daquela pomba ferida. A condessa me fitou, quis falar-me e ficou aterrada com meu ar respeitoso.

— Sra. condessa... — disse-lhe eu sorrindo com gravidade.

A infeliz, que se levantara, tornou a cair sobre a poltrona e ali ficou mergulhada numa atitude de dor que eu quisera ver fixada por um grande pintor. — A senhora é — disse eu continuando — a mulher do mais nobre e do mais considerado dos homens, dum homem tido como grande, mas que o é para a senhora muito mais do que aos olhos de todos. Tanto a senhora como ele são dois grandes caracteres. Onde pensa que está? — perguntei-lhe.

— Na minha casa — disse ela arregalando os olhos paralisados de espanto.

— Na casa do conde Otávio! — respondi-lhe. — Nós fomos enganados. O sr. Lenormand, o escrivão do tribunal, não é o verdadeiro proprietário, mas um testa de ferro do seu marido. A admirável tranquilidade de que a senhora goza é obra do conde; o dinheiro que a senhora ganha vem do conde, cuja proteção se estende até as menores circunstâncias da sua existência. Seu marido salvou-a aos olhos da sociedade, apresentou motivos plausíveis para a sua ausência. Ele diz a todos que espera não tê-la perdido no naufrágio do navio em que a senhora embarcou para ir a Havana, com o fim de receber a herança de uma velha parenta que bem poderia tê-la esquecido; a senhora foi para lá em companhia de duas mulheres de sua família e dum velho servidor! O conde afirma ter mandado agentes a vários lugares e ter recebido cartas que lhe dão muita esperança... Para escondê-la a todos os olhares ele toma ainda mais precauções do que a senhora mesma... Finalmente, ele a protege...

— Basta! — respondeu ela. — Só quero saber uma coisa: de quem conseguiu esses pormenores?

— Ora, senhora, meu tio colocou em casa do comissário de polícia

deste bairro um rapaz sem fortuna na qualidade de secretário. Esse rapaz me contou tudo. Se a senhora abandonar este pavilhão esta noite, furtivamente, seu marido saberá aonde a senhora vai e sua proteção a acompanhará por toda parte. Como é que uma mulher inteligente pôde acreditar que comerciantes pudessem comprar flores e fantasias pelo mesmo preço que as vendem? Peça mil escudos por um ramalhete, que a senhora os obterá! Jamais nenhuma ternura materna foi tão engenhosa quanto a de seu marido. Eu soube pelo guarda que o conde vem seguidamente, atrás do muro, quando tudo repousa, ver a luz da sua lâmpada de noite! O seu grande xale de *cashmere* vale seis mil francos... O seu fornecedor de roupas vende-lhe por velho o que provém das melhores fábricas... Em suma, a senhora representa aqui Vênus na rede de Vulcano; mas a senhora está presa sozinha, e pelas invenções de uma generosidade sublime, sublime há sete anos e constantemente.

A condessa tremia como treme uma andorinha aprisionada, e que, na mão em que está, estende o pescoço e olha em torno com um olhar fulvo. Estava agitada por uma convulsão nervosa e me examinava com um olhar de desafio. Seus olhos secos lançavam uma luz quase quente; mas ela era mulher!... Houve um momento em que as lágrimas brotaram, e ela chorou; não que ficasse comovida, mas chorou da sua impotência, chorou de desespero. Julgava-se independente e livre, e o casamento pesava sobre ela como pesa a prisão sobre o cativo.

— Eu irei — disse ela por entre lágrimas, — já que ele me força, irei para um lugar onde certamente ninguém me seguirá!

— Ah! — exclamei —, a senhora quer matar-se... Então deve ter razões bastante poderosas para não querer voltar à companhia do conde Otávio.

— Oh, naturalmente!

— Pois bem — disse eu —, diga-as a meu tio; a senhora terá em nós dois conselheiros devotados. Se meu tio é padre no confessionário, jamais o é num salão. Nós a escutaremos, tentaremos encontrar uma solução aos problemas que apresentar; e se a senhora é vítima de qualquer mal-entendido, talvez possamos fazê-lo cessar. Sua alma parece-me pura, mas se a senhora cometeu alguma falta, ela está bem

expiada... Em suma, não esqueça que tem em mim o amigo mais sincero. Se quiser subtrair-se à tirania do conde, eu lhe darei os meios para isso, e ele jamais a encontrará.

— Oh, existe o convento! — disse ela.

— Sim, mas o conde, na qualidade de ministro de Estado, faria com que todos os conventos do mundo a recusassem. Apesar de ser ele muito poderoso, eu a esconderei dele... mas... somente quando a senhora me tiver demonstrado que não pode, que não deve voltar para sua companhia. Oh, não vá pensar que fugiria do seu poder para cair sob o meu! — tornei eu ao receber dela um olhar horrível de desconfiança e cheio de exagerada nobreza. — A senhora terá paz e independência; será tão livre e tão respeitada quanto o seria se fosse uma solteirona feia e má. Eu próprio não a poderei ver sem seu consentimento.

— E de que modo?

— Nisso, senhora, está o meu segredo. Não a estou enganando, tenha certeza. Prove-me que esta vida é a única que a senhora pode levar, que ela é preferível à da condessa Otávio, rica, honrada, num dos mais belos palácios de Paris, mimada pelo marido, mãe ditosa... e eu lhe dou ganho de causa...

— Mas — disse ela — jamais homem algum será capaz de me compreender!...

— Não — respondi —, por isso chamei a religião para nos julgar. O cura de Blancs-Manteaux é um santo de setenta e cinco anos. Meu tio não é o grande inquisidor, ele é são João; mas para a senhora se tornará Fénelon,^[66] o Fénelon que dizia ao duque de Borgonha: “Coma um novilho na sexta-feira; mas seja cristão, monsenhor”.

— O convento, senhor, é o meu último recurso e o meu único asilo. Só Deus me pode compreender. Nenhum homem, nem mesmo Santo Agostinho, o mais terno dos padres da Igreja, poderia penetrar nos escrúpulos da minha consciência, que para mim são os círculos intransponíveis do Inferno de Dante. Um outro que não meu marido, um outro, por mais indigno que fosse dessa oferenda, teve todo o meu amor! Ele não o teve porque não o tomou; eu lho dei como uma mãe dá ao filho um brinquedo maravilhoso que o filho quebra. Não havia dois

amores para mim. Em certas almas o amor não é suscetível de ser criado; ou ele existe, ou não existe. Quando se mostra, quando se ergue, é inteiro. Pois bem, esta vida de dezoito meses foi para mim uma vida de dezoito anos; a ela dediquei todas as faculdades do meu ser. Elas não se empobreceram pela sua efusão, esgotaram-se nessa intimidade enganadora em que só eu era leal. Para mim, a taça da felicidade não está nem esvaziada nem vazia!... Nada mais a pode encher; ela está quebrada. Estou fora de combate, não tenho mais armas... Depois de me ter entregue assim inteiramente, que sou eu? Restos de uma festa. Só me deram um nome, Honorina, como eu só tinha um coração. Meu marido possuiu a jovem, um amante indigno possuiu a mulher; não resta mais nada! Deixar-me amar?... Esse o grande conselho que irá dar-me. Oh! eu sou ainda alguma coisa, e me revolto à ideia de ser uma prostituta! Sim, eu vi claro à luz do incêndio; e, olhe... eu conceberia ceder ao amor de um outro, mas a Otávio... jamais!

— Oh! a senhora o ama — disse-lhe eu.

— Eu o estimo, eu o respeito, eu o venero, ele não me fez mal algum; é bom, é terno; mas eu não posso mais amar... Aliás — disse ela —, não falemos mais disso. A discussão amesquinha tudo. Eu lhe comunicarei por escrito as minhas ideias a esse respeito, pois neste momento elas me sufocam, sinto febre, estou com os pés nas cinzas de meu Paraclete. [67] Tudo o que vejo, essas coisas que eu julgava conquistadas pelo meu trabalho lembram-me agora tudo aquilo que eu queria esquecer. Ah, tenho que fugir daqui como fugi da minha casa!

— Para ir onde? — perguntei. — Acaso pode uma mulher existir sem protetor? Com trinta anos, em pleno esplendor da sua beleza, rica de forças que a senhora nem suspeita, cheia de ternura a extravasar, é que a senhora irá viver no deserto em que eu posso escondê-la?... Fique descansada. O conde, que durante cinco anos não apareceu aqui, aqui não entrará sem o seu consentimento. A vida sublime que ele tem levado nesses nove anos é uma garantia para a tranquilidade da senhora. Pode, pois com toda a segurança deliberar com meu tio e comigo acerca do seu futuro. Meu tio é tão poderoso como um ministro de Estado. Acalme-se, portanto, e não aumente sua desventura. Um

padre cuja cabeça embranqueceu no exercício do sacerdócio não é uma criança; a senhora será compreendida por aquele a quem, durante quase cinquenta anos, todas as paixões têm sido confiadas, e que pesa em suas mãos o coração tão pesado dos reis e dos príncipes. Se é severo sob a estola, meu tio diante das suas flores será tão doce quanto elas e tão indulgente quanto seu divino Mestre.

XXXI – UMA CARTA

Despedi-me da condessa à meia-noite e deixei-a calma aparentemente, mas taciturna e com disposições secretas que nenhuma perspicácia poderia adivinhar. Encontrei o conde a pouca distância, na rua Saint-Maur, porque ele abandonara o lugar convencionado, no bulevar, impelido para mim por uma força irresistível.

— Que noite a pobrezinha vai passar! — exclamou ele quando terminei de contar a cena que acabava de se produzir. — E se eu fosse até lá? E se de repente ela me visse?

— Neste momento, ela é capaz de lançar-se pela janela — respondi-lhe. — A condessa é dessas Lucrécias que não sobrevivem a um ultraje, mesmo quando ele parte de um homem a quem elas se teriam entregue.

— Você é moço — respondeu ele —; você não sabe que a vontade, numa alma agitada por tão cruéis deliberações, é como um lago sacudido pela tempestade; o vento muda a cada momento e a corrente ora corre para uma margem, ora para outra. Durante esta noite há tantas probabilidades de que, ao me ver, Honorina se lance em meus braços, como de que salte pela janela.

— E o senhor aceitaria essa alternativa? — perguntei.

— Vamos! — respondeu ele —, tenho em casa, para poder esperar até amanhã, uma dose de ópio que Desplein[68] preparou para me fazer dormir bem.

No dia seguinte, ao meio-dia, a sra. Gobain levou-me uma carta, dizendo-me que a condessa, esgotada de cansaço, deitara-se às seis horas e que, graças a uma amendoada preparada pelo farmacêutico, ela dormia.

— Eis aqui a carta; eu fiquei com uma cópia. A senhorita — disse o cônsul dirigindo-se a Camille Maupin —, a senhorita, que conhece os recursos da arte, os artifícios do estilo e os esforços de muitos escritores a quem não falta habilidade em suas composições, poderá comprovar que a literatura não geraria um tal escrito em suas entranhas postiças! Não há nada tão terrível quanto a verdade. Eis aqui o que escreveu aquela mulher, ou melhor, aquela dor:

Sr. Maurício,

Sei tudo o que seu tio poderia dizer-me; ele não é mais esclarecido que a minha consciência. A consciência é no homem o intérprete de Deus. Sei que se não me reconciliar com Otávio serei condenada: tal é a sentença da lei religiosa. A lei civil me ordena obediência apesar de tudo. Se meu marido não me repudia, a sociedade me terá por pura, por virtuosa, seja o que for o que eu tenha feito. Sim, o casamento tem isto de sublime, que a sociedade ratifica o perdão do marido; mas ela esquece que é preciso que o perdão seja aceito. Legalmente, religiosamente, mundanamente eu devo voltar a Otávio. Encarando apenas o lado humano da questão, não haverá qualquer coisa de cruel em lhe recusar a felicidade, em privá-lo de filhos, em riscar sua família do livro de ouro do pariato? Minhas dores, minhas aversões, meus sentimentos, todo o meu egoísmo (pois eu me sinto egoísta) deve ser imolado à família. Eu serei mãe, e as carícias de meus filhos enxugarão muitas lágrimas! Serei bem feliz, serei com certeza honrada, passarei orgulhosa, opulenta, numa brilhante carruagem! Terei criados, um palácio, uma casa, serei rainha de tantas festas quantas são as semanas do ano. A sociedade me receberá bem. Enfim, não tornarei a subir ao céu do patriciado: pois nem terei mesmo descido dele. Deus, a lei, a sociedade, todos estão de acordo. Contra que se revolta? ouço dizer do alto do céu, do púlpito, do tribunal e do trono cuja augusta intervenção seria em caso de necessidade invocada pelo conde. Se for preciso, o seu tio me falará até de certa graça celeste que me inundará o coração quando eu sentir a alegria de ter cumprido o meu dever. Deus, a lei, a sociedade, Otávio querem que eu viva, não é verdade? Pois bem, se não há outra dificuldade, minha resposta resolve tudo: não viverei! Tornar-me-ei bem branca, bem inocente, porque estarei na minha mortalha, purificada pela lividez irrepreensível da morte. Não há nisso a menor *teimosia de mula*. Essa teimosia de mula, de que me acusou sorrindo, é, na mulher, o efeito duma certeza, uma visão do futuro. Se meu marido, por amor, tem a sublime generosidade de tudo esquecer, eu não esquecerei de forma

alguma. O esquecimento depende de nós? Quando uma viúva se casa, o amor transforma-a numa moça, ela esposa um homem amado; mas eu não posso amar o conde. Tudo está aí, compreende? Cada vez que os meus olhos reencontrarem os seus, verei neles a minha culpa, mesmo quando os olhos de meu marido estiverem plenos de amor. A grandeza da sua generosidade me mostrará a grandeza do meu crime. Meu olhar, sempre inquieto, lerá permanentemente uma sentença invisível. Terei no coração recordações confusas que combaterão entre si. O casamento jamais despertará no meu ser as cruéis delícias, o delírio mortal da paixão; ferirei meu marido com minha frieza, com comparações que serão adivinhadas, se bem que escondidas no fundo da minha consciência. Oh! no dia em que, numa ruga da testa, num olhar tristonho, num gesto imperceptível, eu perceber qualquer censura involuntária, reprimida mesmo, nada me deterá: encontrar-me-ão estendida, com a cabeça quebrada, no meio de uma rua que eu acharei mais clemente que meu marido. Minha suscetibilidade talvez seja a causa dessa horrível e doce morte. Talvez eu morra vítima de uma impaciência causada a Otávio por um negócio, ou enganada por uma injusta suspeita. Sim, é possível que eu tome uma prova de amor por uma prova de desprezo! Que duplo suplício! Otávio duvidará sempre de mim, e eu sempre duvidarei dele. Eu lhe oporei, involuntariamente, um rival indigno dele, um homem a quem desprezo, mas que me fez conhecer volúpias gravadas em traços de fogo, dos quais me envergonho e das quais me recordo irresistivelmente. Será demais abrir-lhe meu coração? Ninguém, senhor, conseguirá convencer-me de que é possível recomeçar a amar, porque eu não posso nem quero aceitar o amor de ninguém. Uma jovem seduzida é como uma flor que se colheu; mas a mulher culpada é uma flor que foi pisada. O senhor é floricultor, deve saber se é possível reerguer essa haste, reavivar essas cores desbotadas, fazer voltar a seiva a esses tubos tão delicados e cujo poder vegetativo está na sua perfeita retidão. Se algum botânico se entregasse a essa operação, tal homem de gênio desfaria as pregas da túnica amassada? Refazendo uma flor, ele seria Deus! Somente Deus pode refazer-me! Eu bebo o cálice amargo das expiações; mas ao bebê-lo eu soletro esta sentença: expiar não é apagar. No meu pavilhão, sozinha, eu como um pão embebido em minhas lágrimas; mas ninguém me vê comendo-o, ninguém me vê chorando. Voltar para a casa de Otávio será renunciar às lágrimas; minhas lágrimas o ofenderiam. Oh senhor, quantas virtudes uma mulher precisará calcar aos pés, não para se dar, mas para se restituir ao marido que enganou? Quem as pode contar? Somente Deus, porque só ele é o confidente e o promotor dessas horríveis delicadezas que devem fazer empalidecer seus anjos. Ainda vou mais longe. Uma mulher tem coragem diante do marido que nada sabe; ela

desenvolve então nas suas hipocrisias uma força selvagem, ela engana para dar uma dupla felicidade. Mas uma mútua certeza não será aviltante? Poderei eu trocar humilhações por êxtases? Otávio não terminará encontrando depravação no meu consentimento? O casamento é fundado sobre a estima, sobre sacrifícios feitos de parte a parte; mas nem Otávio nem eu poderemos estimar-nos no dia seguinte ao de nossa reunião: ele me terá envilecido com qualquer amor de velho por uma cortesã; e eu terei a vergonha perpétua de ser uma coisa em vez de ser uma dama. Não serei mais a virtude, serei o prazer na sua casa. Eis os frutos amargos de uma falta. Eu construí um leito conjugal onde só posso me revirar sobre brasas, um leito sem sono. Aqui, tenho horas de tranquilidade, horas durante as quais eu esqueço; mas no meu palácio, tudo me lembrará a mancha que desonra meu traje de desposada. Aqui, quando eu sofro, bendigo os meus sofrimentos, digo a Deus: obrigada! Mas em casa dele ficarei desesperada, fruindo alegrias que não me serão devidas. Tudo isto, senhor, não é raciocínio, é o sentimento de uma alma bem ampla, porque ela vem sendo minada há sete anos pela dor. Finalmente (não sei se devo fazer-lhe esta medonha confissão), eu sinto sempre o seio mordido por uma criança concebida na embriaguez e na alegria, na crença da felicidade, por uma criança que eu amamentei durante sete meses, de quem estarei grávida toda a minha vida. Se novas crianças buscarem alimento em mim, elas beberão lágrimas que, misturadas a meu leite, o tornarão amargo. Eu aparento leviandade, eu lhe pareço criança. Oh, sim, eu tenho a memória da criança, essa memória que se torna a encontrar à beira do túmulo. Por isso, o senhor vê, não há uma situação nesta bela vida a que a sociedade e o amor de um marido me querem reconduzir que não seja falsa, que não me oculte armadilhas, que não me abra precipícios onde hei de rolar dilacerada por arestas impiedosas. Há cinco anos eu sondo a aridez do meu futuro, sem encontrar nele um lugar favorável a meu arrependimento, porque minha alma está invadida por um arrependimento verdadeiro. Para tudo isso a religião tem respostas e eu as sei de cor. Esses sofrimentos, essas dificuldades são a minha punição, diz ela, e Deus me dará forças para suportá-las. Isso, senhor, é uma razão para certas almas piedosas, dotadas de uma energia que me falta. Entre o inferno onde Deus não me impedirá de bendizê-lo e o inferno que me espera junto ao conde, minha escolha está feita.

Uma última palavra. Meu marido seria ainda querido por mim, se eu fosse moça tendo a experiência atual; mas nisso precisamente está a razão da minha recusa: eu não quero corar diante desse homem. Como ficar eu sempre de joelhos, e ele sempre de pé! E se mudarmos de postura, ele se tornará desprezível. Não quero ser mais bem tratada por ele por causa da minha falta. O anjo capaz de usar de certas brutalidades que a gente se permite de uma parte e

de outra quando se é mutuamente irrepreensível, esse anjo não está na terra, mas no céu! Otávio é todo delicadeza, bem sei; mas não há nessa alma (por maior que a consideremos, é uma alma de homem) garantias para a nova existência que eu levaria em sua casa. Venha, pois, dizer-me onde poderei encontrar essa solidão, essa paz, esse silêncio amigos das desgraças irreparáveis e que o senhor me prometeu.

XXXII – AS REFLEXÕES DO RAPAZ SOLTEIRO E AS DO HOMEM CASADO

Depois de ter tirado da carta esta cópia que tenho aqui, para guardar esse monumento na íntegra, fui à rue Payenne. A inquietação vencera o poder do ópio. Otávio passeava como um louco no jardim. — Responda a isso — disse eu, entregando-lhe a carta da mulher. — Procure tranquilizar o pudor consciente; é um pouco mais difícil que surpreender o pudor que se ignora a si próprio e que a curiosidade lhe mostra.

— Ela é minha!... — exclamou o conde, cujo rosto ia exprimindo felicidade à medida que ele avançava na leitura. Fez-me sinal com a mão para que o deixasse só, ao sentir-se observado na sua alegria. Compreendi que a excessiva felicidade e a excessiva dor obedecem às mesmas leis; fui receber a sra. de Courteville e Amélia, que jantavam com o conde nesse dia. Por mais bela que fosse a srta. de Courteville, eu senti, ao revê-la, que o amor tem três faces, e que as mulheres que nos inspiram um amor completo são bem raras. Comparando involuntariamente Amélia e Honorina, achei mais encanto na mulher culpada que na donzela pura. Para Honorina, a fidelidade não era um dever, mas uma fatalidade do coração; ao passo que Amélia ia pronunciar com um ar sereno promessas solenes, sem conhecer-lhes a extensão nem as obrigações. A mulher esgotada, quase morta, a pecadora a reerguer me parecia sublime; ela irritava a generosidade natural do homem, exigia do coração todos os seus tesouros, da fortaleza todos os seus recursos; ela enchia a vida, fazia-a consistir numa luta pela felicidade; ao passo que Amélia, casta e confiante, iria encerrar-se numa pacata maternidade, em que o terra a terra devia ser

a poesia, onde meu espírito não deveria encontrar nem combate, nem vitória. Entre os prados da Champagne e os Alpes nevados, tempestuosos, mas sublimes, qual é o rapaz que pode escolher a gredosa e amena planície? Não, tais comparações são fatais e nocivas no limiar da pretoria. É preciso ter experimentado a vida para saber que o casamento exclui a paixão, que a família não poderá ter por base as tempestades do amor. Depois de ter sonhado o amor impossível com as suas inumeráveis fantasias, depois de ter saboreado as cruéis delícias do ideal, eu tinha sob os olhos uma modesta realidade. Podem me lastimar, se quiserem! Com vinte e cinco anos eu duvidava de mim; mas tomei uma resolução viril. Fui procurar o conde a pretexto de avisá-lo da chegada de suas primas, e o vi rejuvenescido ao alento das suas esperanças.

— Que tem você, Maurício? — disse-me ele, chocado com a alteração das minhas feições.

— Senhor conde...

— Você não me chama mais de Otávio, você a quem eu devo a vida, a felicidade!

— Meu caro Otávio, se lograr reconduzir a condessa a seus deveres, eu a estudei bem... (ele me fitou como Otelo deve ter fitado Iago quando Iago conseguiu despertar uma primeira suspeita no cérebro do mouro), ela não deve tornar a ver-me, ela deve ignorar que Maurício foi secretário do senhor; jamais pronuncie meu nome, que ninguém o recorde, do contrário tudo estará perdido... O senhor obteve a minha nomeação para referendário; pois bem, consiga-me qualquer posto diplomático no estrangeiro, um consulado, e não pense mais em me casar com Amélia... Oh! fique descansado — tornei, ao vê-lo sentir um sobressalto —, irei até o fim do meu papel...

— Pobre criança!... — exclamou ele tomando-me a mão, apertando-a e reprimindo as lágrimas que lhe umedeciam os olhos.

— O senhor me tinha dado umas luvas — volvi, rindo — e eu não as calcei, eis tudo.

Combinamos então o que eu deveria fazer no pavilhão, ao qual voltei à noite. Estávamos em agosto, o dia fora quente, tempestuoso, mas a tormenta continuava no ar, o céu parecia de cobre, os perfumes das flores chegavam pesados, sentia-me como que numa estufa, e me surpreendi a desejar que a condessa tivesse partido para as Índias; ela, porém, estava com um redingote de musselina branca amarrado com laços de fitas azuis, com os seus cabelos crespos soltos ao longo do rosto, sentada num banco de madeira construído em forma de canapé, sob uma espécie de bosque, com os pés, que mal apareciam sob a fimbria da saia, repousando num estradinho. Não se ergueu e indicou-me com a mão um lugar a seu lado, dizendo:

— Não é verdade que a vida para mim não tem solução?

— A vida que a senhora construiu para si — lhe respondi —, mas não aquela que eu quero construir para a senhora; pois, se quiser, poderá ser bem feliz...

— De que modo? — perguntou ela. Toda a sua pessoa interrogava.

— Sua carta está nas mãos do conde. — Honorina ergueu-se de um salto como uma corça surpreendida, pôs-se a caminhar, deu uma volta no jardim, ficou de pé durante alguns momentos e terminou por ir sentar-se sozinha em seu salão, para onde fui depois de lhe ter dado tempo para que se acostumassem à dor daquela punhalada.

— O senhor, um amigo! Feito um traidor, talvez um espião de meu marido?

Nas mulheres o instinto equivale à perspicácia dos grandes homens.

— Era preciso uma resposta à sua carta, não é? E só havia um homem no mundo que poderia dá-la... A senhora lerá essa resposta, minha cara condessa, e se não encontrar solução para a vida depois dessa leitura, o espião lhe provará que é um amigo, pois a colocarei num convento donde o poder do conde não a arrancará; mas antes de chegar a isso escutemos a parte contrária. Há uma lei divina e humana à qual o próprio ódio finge obedecer, e que ordena não condenar sem ouvir a defesa. Até agora a senhora tem condenado, como as crianças, tapando os ouvidos. Uma dedicação de sete anos tem os seus direitos. A senhora lerá, pois, a resposta que seu marido vai escrever. Eu transmiti a ele por meu tio a cópia da sua carta, e meu tio perguntou-

lhe qual seria a sua resposta se sua mulher lhe escrevesse uma carta concebida naqueles termos. Desse modo a senhora não ficou comprometida. O bom velho, em pessoa, trará a carta do conde. Diante desse santo homem e diante de mim, por dignidade para consigo mesma, a senhora deverá ler, ou então não passará de uma criança teimosa e birrenta. Faça esse sacrifício à sociedade, à lei, a Deus.

Como ela não visse nessa aquiescência nenhum atentado à sua vontade de mulher, concordou. Todo aquele trabalho de quatro a cinco meses tinha sido feito para esse minuto. Mas as pirâmides não terminam numa ponta em que pousa um pássaro?... O conde punha todas as suas esperanças nessa hora suprema, e a ela tinha chegado. Entre todas as recordações da minha vida não encontro nada mais formidável que a entrada de meu tio naquele salão Pompadour, às dez horas da noite. Aquela cabeça, cuja cabeleira de prata era ressaltada por uma veste inteiramente negra, e aquela figura de uma calma divina produziram um efeito mágico sobre a condessa Honorina; ela sentiu o refrigério dos bálsamos nas suas feridas, foi iluminada por um reflexo daquela virtude, brilhante sem o saber.

— O senhor cura de Blancs-Manteaux! — disse a sra. Gobain.

— Meu querido tio, o senhor vem com uma mensagem de paz e de felicidade? — perguntei.

— A gente encontra sempre a felicidade e a paz na observância dos mandamentos da Igreja — respondeu meu tio entregando à condessa a seguinte carta:

XXXIV – A RESPOSTA

Minha querida Honorina,

Se você me tivesse feito o favor de não duvidar de mim, se tivesse lido a carta que lhe escrevi há cinco anos, você teria poupado cinco anos de trabalho inútil e de privações que me desolaram. Nela eu lhe propunha um pacto cujas estipulações destroem todos os seus temores e tornam possível a nossa vida íntima. Eu tenho grandes censuras a me fazer; descobri todos os meus erros em

sete anos de infelicidade. Compreendi mal o casamento. Não fui capaz de perceber o perigo, quando ele a ameaçava. Havia um anjo na minha casa e o Senhor me dissera: “Cuida-o bem!”. O Senhor puniu a temeridade da minha confiança. Você não pode se dar um único golpe que não me atinja. Perdão para mim, minha querida Honorina! Eu compreendi tão bem as suas suscetibilidades, que não queria levá-la de volta para o velho palácio da rue Payenne, onde pude viver sem você, mas que não poderia rever sem você. Estou preparando com prazer uma outra casa no Faubourg Saint-Honoré, para onde tenho a esperança de conduzir não uma mulher que devo à ignorância da vida, que consegui pela lei, mas uma irmã que me permita depositar em sua fronte o beijo que um pai dá a uma filha abençoada todos os dias. Irá você me destituir do direito que eu soube conquistar sobre o seu desespero, do direito de velar mais de perto por suas necessidades, por seus prazeres, por sua própria vida? As mulheres têm um coração seu, sempre pronto a desculpar, que é o de suas mães; você não conheceu outra mãe senão a minha, que a teria trazido de volta a mim. Mas como é que não adivinhou que eu tinha para você o coração da minha mãe e o da sua? Sim, querida, minha afeição é grande e pura, é daquelas que não dão à contrariedade o tempo de enrugar o rosto de uma criança adorada. Por quem toma você o companheiro da sua infância, Honorina, julgando-o capaz de aceitar beijos trêmulos, de se repartir entre a alegria e a inquietude? Não tema ter que sofrer as lamentações de uma paixão mendicante; não quis você senão após me ter certificado de poder deixá-la em toda a sua liberdade. Seu orgulho solitário exagerou as dificuldades. Você poderá acompanhar a vida de um irmão ou de um pai sem sofrimento e sem alegria, se quiser; mas você não encontrará em redor de si nem menosprezo nem indiferença nem dúvida acerca das intenções. O calor da atmosfera em que você viver será sempre igual e suave, será todo bonança, sem possibilidade de tormenta. Se, mais tarde, depois de ter adquirido a certeza de estar em sua casa como estava no seu pavilhão, você quiser aí introduzir outros elementos de felicidade, prazeres, distrações, você ampliará o círculo à sua vontade. A ternura de uma mãe não possui nem desdém nem piedade; que é ela? O amor sem o desejo. Pois bem, em mim, a admiração esconderá todos os sentimentos em que você pudesse ver ofensas. Desse modo poderemos ser ambos nobres ao lado um do outro. Em você, a benevolência de uma irmã e o espírito carinhoso de uma amiga podem satisfazer a ambição daquele que quer ser seu companheiro, e você poderá avaliar a ternura dele pelos esforços que ele fará para escondê-la. Não teremos nem um nem outro inveja de nosso passado, porque ambos haveremos de encontrar, em cada um de nós, bastante inteligência para não ver senão o futuro. Assim, você estará à vontade na sua casa, no seu palácio tal como estava na rue Saint-Maur:

inviolável, solitária; fazendo o que quiser, agindo conforme suas próprias leis; mas terá a mais uma proteção legítima nascida do mais cavalheiresco amor, a consideração que dá tanto esplendor às mulheres, e a fortuna que lhe permitirá realizar muitas boas obras. Quando você quiser uma absolvição inútil, Honorina, você virá pedi-la; ela não lhe será imposta nem pela Igreja nem pelo Código; ela dependerá da sua decisão, da sua própria iniciativa. Minha mulher poderia temer tudo o que a assusta; mas não a amiga e a irmã para com quem estou obrigado a expender requintes de polidez. Vê-la feliz basta para a minha felicidade, foi o que comprovei durante esses sete anos. Ah, as garantias da minha palavra, Honorina, estão em todas as flores que você fez, carinhosamente guardadas, orvalhadas pelas minhas lágrimas, e que são como os quipos[69] dos peruanos, a história dos nossos sofrimentos. Se este pacto secreto não convier a você, minha querida, pedi ao santo homem que tomou a seu cargo esta carta que não lhe dissesse uma única palavra em meu favor. Não quero dever o seu regresso nem aos terrores que lhe infundiria a Igreja, nem às ordens da lei. Quero receber de você mesma a simples e modesta felicidade que peço. Se persistir em me impor a vida triste e sem o consolo de qualquer sorriso fraternal que eu levo há nove anos, se você continuar nesse seu deserto sozinha e inabalável, minha vontade se curvará diante da sua. Fique certa de uma coisa: você não será mais perturbada do que tem sido até agora. Hei de dar sumiço a esse louco que se intrometeu na sua vida e que talvez a tenha magoado...

XXXV – POBRE MAURÍCIO

— Senhor — disse Honorina guardando a carta no corpinho e fitando meu tio —, agradeço-lhe; valer-me-ei da permissão que o senhor conde me dá de permanecer aqui...

— Ah! — exclamei. Essa exclamação mereceu de meu tio um olhar inquieto, e da condessa uma olhadela maliciosa que me esclareceu sobre os seus motivos. Honorina tinha querido saber se eu era um ator, um aprisionador de pássaros, e eu tive a triste satisfação de iludi-la com minha exclamação, que foi um desses gritos de coração que as mulheres tão bem conhecem.

— Ah Maurício — disse ela —, você, sim, sabe amar!

O lampejo que brilhou em meus olhos era uma outra resposta que teria dissipado a inquietação da condessa se ela tivesse conservado alguma. O conde servia-se de mim até o último momento. Honorina

retomou a carta do conde para a terminar. Meu tio fez um sinal e eu me levantei. — Deixemos a senhora condessa — disse-me ele.

— Já vai, Maurício? — disse ela sem me fitar. Ergueu-se, acompanhou-nos continuando a ler e, na porta do pavilhão, tomou-me a mão, apertou-a muito afetuosamente e me disse: — Tornaremos a ver-nos...

— Não — respondi, apertando-lhe a mão com violência. — A senhora ama seu marido! Amanhã eu vou embora. — E retirei-me precipitadamente, deixando meu tio, a quem ela disse:

— Que tem o seu sobrinho?

O pobre padre completou a minha obra fazendo um gesto indicando a cabeça e o coração, como quem diz: “Ele é louco, desculpe-o, senhora!”, gesto esse em que havia muito mais verdade do que ele supunha. Seis dias depois eu parti, nomeado vice-cônsul na Espanha, numa grande cidade comercial onde poderia em pouco tempo ficar em condições de seguir a carreira consular, a que limitava minha ambição. Quando eu já estava instalado, recebi esta carta do conde:

XXXVI – UMA RECONCILIAÇÃO ENGANADORA

Meu caro Maurício,

Se eu fosse feliz não lhe escreveria; mas recomecei uma outra vida de dor; voltei a ser jovem pelo desejo, com todas as impaciências do homem que atravessa os quarenta anos, com a sensatez do diplomata que sabe moderar a sua paixão. Quando você partiu eu ainda não tinha sido admitido no pavilhão da rue Saint-Maur; mas uma carta me prometera a permissão de lá ir, uma carta doce e melancólica de uma mulher que temia as emoções de uma entrevista. Depois de ter esperado mais de um mês, arrisquei-me a aparecer, mandando perguntar pela sra. Gobain se poderia ser recebido. Sentei-me numa cadeira com a cabeça entre as mãos, na avenida junto à casa do guarda, e ali permaneci cerca de uma hora. “A patroa quis se arrumar”, disse-me a sra. Gobain para esconder sob um coquetismo honroso para mim a irresolução de Honorina. Durante um longo quarto de hora estivemos, tanto um como outro, sob a ação de um tremor nervoso involuntário, tão forte como aqueles de que são tomados os oradores na tribuna, e nos dirigimos frases assustadas como o fazem as pessoas que são

surpreendidas e que simulam uma conversação. “Olhe, Honorina”, disse-lhe com os olhos rasos de lágrimas, “o gelo foi rompido e eu estou tão trêmulo de felicidade, que você deve perdoar-me a incoerência da linguagem. E por muito tempo isso será assim.” “Não há nenhum crime em estar alguém apaixonado por sua mulher”, respondeu-me ela sorrindo de maneira forçada. “Conceda-me a graça de não mais trabalhar como o tem feito até aqui. Sei pela sra. Gobain que há vinte dias você vive de suas economias; você tem setenta mil francos de renda que são seus, e se não me restituiu seu coração, ao menos não me deixe a sua fortuna!” “Há muito tempo”, disse ela, “que eu conheço a sua bondade...” “Se for de seu agrado continuar aqui”, respondi, “e conservar sua independência; se o mais ardente amor nada significa a seus olhos, não trabalhe mais...” Estendi-lhe três títulos de doze mil francos de renda cada um; ela os tomou, desdobrou-os com indiferença, e depois de os ter lido, Maurício, lançou-me apenas um olhar como resposta. Ah, ela bem compreendera que não era dinheiro que eu lhe dava, mas a liberdade! “Estou vencida”, me disse ela estendendo-me a mão, que eu beijei; “venha ver-me sempre que quiser.” Deste modo, ela não me recebera senão violentando-se a si mesma. No dia seguinte encontrei-a armada de uma alegria falsa, e foram precisos dois meses de convivência até que eu pudesse ver seu verdadeiro caráter. Então foi como um maio delicioso, uma primavera de amor que me deu alegrias inefáveis; ela não tinha mais temores, ela me estudava. Quando eu lhe propus mudar-se para a Inglaterra a fim de se reunir ostensivamente a mim, em sua casa, de retomar sua posição, de habitar em seu novo palácio, ela sentiu medo. “Por que não vivermos sempre assim?”, disse ela. E me resignei, sem responder uma palavra. “Será uma experiência?”, indaguei comigo mesmo ao deixá-la. Ao voltar para casa eu ia animado, pensamentos de amor transbordavam em meu coração, e eu me dizia como os jovens: ela cederá esta noite... Toda essa força fictícia ou real dissipava-se a um sorriso, a um mandado de seus olhos altivos e calmos que a paixão não alterava. Essa terrível frase repetida por você: “Lucrécia escreveu com seu sangue e seu punhal a primeira palavra da carta dos direitos das mulheres: *Liberdade!*” vinha-me à memória, gelava-me. Eu sentia imperiosamente quanto era necessário o consentimento de Honorina e quanto era impossível arrancá-lo. Adivinharia ela essas tormentas que me agitavam tanto na volta como na ida? Pinte-lhe afinal minha situação numa carta, renunciando a falar-lhe. Honorina não me respondeu, ficou tão triste que eu fiz como se não tivesse escrito. Senti uma pena cruciante por tê-la afligido; ela leu no meu coração e me perdoou. Vou dizer-lhe como. Faz três dias ela me recebeu, pela primeira vez, no seu quarto azul e branco. O quarto estava cheio de flores, enfeitado, iluminado; Honorina vestira um traje que a tornava deslumbrante.

Os cabelos emolduravam com seus delicados anéis aquele rosto que você conhece; urzes do Cabo ornavam-lhe a cabeça; estava vestida de musselina branca, com um cinto também branco de longas pontas esvoaçantes. Você sabe como ela é nessa simplicidade; mas nesse dia era uma recém-casada, era a Honorina dos primeiros dias. Minha alegria logo se dissipou porque a fisionomia tinha um caráter de terrível gravidade, havia fogo sob aquele gelo. “Otávio”, disse-me ela, “quando você quiser eu serei sua mulher; mas saiba que esta submissão tem os seus perigos, eu me posso conformar... (Eu fiz um gesto.) Sim”, continuou ela, “eu o compreendo, a resignação o ofende, e você quer o que eu não lhe posso dar: o amor!... A religião, a piedade me fez renunciar ao meu voto de solidão; você está aqui! (Ela fez uma pausa.) De início”, tornou ela, “você não pediu mais; agora você quer sua mulher. Pois bem, devolvo-lhe Honorina tal qual ela é e sem o iludir a respeito do que ela será. Que irei ser? Mãe! É o que desejo. Oh! acredite, desejo ardentemente ser mãe. Procure transformar-me, consinto nisso; mas se eu morrer, meu amigo, não maldiga minha memória e não acuse de teimosia o que eu chamaria de culto do ideal, se não fosse mais natural designar o sentimento indefinível que me irá matar, como o culto do divino! O futuro não ficará a meu cargo, será você o responsável por ele... Pense bem.” Sentou-se naquela atitude serena que você soube admirar e fitou-me empalidecendo ao perceber a dor que me causara; eu sentia o meu sangue gelar. Vendo o efeito de suas palavras, ela me tomou as mãos, colocou-as entre as suas e me disse: “Eu te amo, Otávio, mas não como queres ser amado: amo a tua alma... Entretanto, fica certo, amo-te bastante para morrer por ti, como uma escrava do Oriente, e sem pesar. Será a minha expiação”. E fez mais; pôs-se de joelhos sobre uma almofada, diante de mim, e, num assomo sublime de caridade, disse-me: “Afinal de contas, quem sabe se eu não morrerrei?...”.

Faz dois meses que eu luto. Que fazer? Tenho o coração sobrecarregado. Procurei o de um amigo para nele lançar este grito: Que fazer?

XXXVII – O ÚLTIMO SUSPIRO DE HONORINA

Não respondi nada. Dois meses depois os jornais anunciaram a chegada, num navio inglês, da condessa Otávio, que voltava à família após peripécias bastante bem forjadas para que ninguém as contestasse. Quando cheguei a Gênova, recebi uma carta participando que a condessa tivera um parto feliz e dera um filho ao seu marido. Fiquei com a carta nas mãos durante duas horas, neste terraço,

sentado nesse banco. Dois meses depois, assediado por Otávio, pelos srs. de Grandville e de Sérisy, meus protetores, abatido com a perda que sofri de meu tio, resolvi casar-me.

Seis meses depois da Revolução de Julho, recebi esta carta que vou ler e que encerra a história desse casal.

Senhor Maurício,

Eu morro, apesar de ser mãe, e talvez porque seja mãe. Desempenhei bem meu papel de mulher; enganei meu marido, tive alegrias tão verdadeiras quanto as lágrimas vertidas no teatro pelas atrizes. Morro pela sociedade, pela família, pelo casamento, como os primeiros cristãos morriam por Deus. Não sei de que morro; procuro de boa-fé sabê-lo, porque não sou parcial; mas quero explicar-lhe meu mal, ao senhor que me trouxe o cirurgião celeste, seu tio, a cuja palavra eu me rendi; ele foi meu confessor, cuidei-o em seus últimos dias, e dele mostrou-me o céu ordenando-me que continuasse a cumprir o meu dever. E eu cumpri o meu dever. Não condeno aquelas que esquecem, admiro-as como naturezas fortes, necessárias; mas tenho a fraqueza da recordação! Esse amor profundo que nos identifica com o homem amado, eu não o consegui sentir duas vezes. Até o último momento, o senhor o sabe, eu gritei a seu coração, no confessionário, a meu marido: “Tenham piedade de mim!...”. Ninguém teve piedade. Pois bem, eu morro. Morro com uma coragem espantosa. Jamais uma cortesã foi mais alegre que eu. Meu pobre Otávio é feliz. Deixo seu amor alimentar-se com as miragens do meu coração. A esse papel terrível eu dedico minhas forças, a atriz é aplaudida, festejada, coberta de flores; mas o rival invisível vem diariamente buscar sua presa, um pedaço da minha vida. Dilacerada, eu sorrio! Sorrio aos meus dois filhos, mas o mais velho, o morto, triunfa! Eu já lhe disse: meu filhinho morto me chamará e eu irei ao seu encontro. A intimidade sem amor é uma situação em que minha alma se degrada a todo momento. Sozinha é que eu posso chorar e entregar-me a meus pensamentos. As exigências da sociedade, as da casa, o cuidado de meu filho, o da felicidade de Otávio não me deixam um instante para retemperar-me, para conseguir forças como as que eu encontrava na minha solidão. A agitação perpétua surpreende sempre meu coração em sobressalto; não soube estabelecer em minha alma essa vigilância de ouvido alerta, de palavra mentirosa, de olhar de lince. Não é uma boca amada que bebe minhas lágrimas e que abençoa minhas pálpebras, é um lenço que as estanca; é a água que refresca meus olhos inflamados, e não lábios amados. Sou atriz para com minha

alma, e talvez por isto eu morra! Oculto o desgosto com tanto cuidado que nada transparece no exterior; é forçoso que ele corroa qualquer coisa, e assim é que ataca minha vida. Eu disse aos médicos que descobriram meu segredo: “Façam-me morrer de uma maneira plausível, porque senão arrastarei meu marido”. Ficou, pois, combinado entre mim e os srs. Desplein e Bianchon^[70] que eu morro de um amolecimento de não sei que osso que a ciência descreveu perfeitamente. Otávio julga ser adorado! O senhor me compreende? Por isso temo que ele não me sobreviva. Escrevo-lhe para pedir-lhe que, em tal caso, seja o tutor do jovem conde. Junto a esta encontrará um codicilo onde exprimo esta vontade; só o usará no momento em que for necessário, pois talvez seja tolice minha. Meu secreto devotamento talvez deixe Otávio inconsolável, mas vivo! Pobre Otávio, desejo que tenha uma mulher melhor que eu, pois ele bem merece ser amado. Já que meu espirituoso espião se casou, que ele não esqueça o que a florista da rue Saint-Maur lega-lhe aqui como ensinamento: que sua mulher seja mãe o quanto antes! Lance-a nas mais vulgares materialidades da vida doméstica, impeça-a de cultivar no coração a misteriosa flor do ideal, essa perfeição celeste em que eu acreditei, essa flor encantada, de cores vivas, e cujos perfumes provocam o aborrecimento da realidade. Eu sou uma santa Teresa que não pôde viver em êxtase no fundo de um convento, com o divino Jesus, com um anjo puro, alado, para vir a fugir oportunamente. O senhor me viu feliz no meio de minhas flores bem-amadas. Eu não lhe disse tudo: eu via o amor florescendo sob sua falsa loucura, escondi-lhe meus pensamentos, minhas poesias, não o deixei entrar no meu belo reino. Numa palavra, o senhor amará meu filho por amor a mim, se algum dia ele ficar sem seu pobre pai. Guarde meu segredo como o túmulo me guardará a mim. Não me lamente: há muito tempo que estou morta, se são Bernardo andou certo quando disse que não há mais vida onde não há mais amor.

XXXVIII – DOIS DESENLACES

— É — disse o cônsul guardando as cartas e fechando à chave a pasta —, a condessa morreu.

— O conde ainda vive? — perguntou o embaixador. — Pois depois da Revolução de Julho ele desapareceu da vida política.

— Lembra-se, sr. de Lora — disse o cônsul-geral —, de me ter visto acompanhando ao vapor...

— Um homem de cabelos brancos, um velho? — disse o pintor.

— Um velho de quarenta e cinco anos, que ia procurar saúde e distração na Itália meridional. Esse velho era o meu pobre amigo, o meu protetor que passou por Gênova para me dizer adeus, para me confiar seu testamento... Nomeou-me tutor de seu filho. Não tive necessidade de dizer-lhe o desejo de Honorina.

— Conhecerá ele sua situação de assassino? — perguntou a sra. des Touches ao barão de L’Hostal.

— Ele desconfia da verdade — respondeu o cônsul — e é isso que o mata. Eu fiquei no navio que o conduziu a Nápoles, até a saída da barra, e um barco me trouxe de volta. Levamos algum tempo a nos despedir, e receio que para sempre. Só Deus sabe quanto amamos o confidente do nosso amor, quando aquela que o inspirava já não existe! Um tal homem possui, dizia-me Otávio, um encanto; ele está revestido duma auréola. Chegados à proa, o conde pôs-se a contemplar o Mediterrâneo; o tempo estava lindo e, sem dúvida emocionado por aquele espetáculo, ele me transmitiu suas últimas palavras: “No interesse da natureza humana, não seria conveniente procurar-se qual é essa irresistível potência que nos faz sacrificar ao mais frágil de todos os prazeres, e contrariamente à nossa razão, uma divina criatura?... Na minha consciência eu ouvi clamores. Honorina não clamou só. E eu quis!... Vivo devorado pelo remorso! Eu morria, na rue Payenne, dos prazeres que não tinha; na Itália, morrerei dos prazeres que gozei!... De onde vem o desacordo entre duas naturezas — tenho a ousadia de dizer — igualmente nobres?”.

Durante alguns instantes reinou no terraço um profundo silêncio.

— Acham que ela era virtuosa? — perguntou o cônsul às duas mulheres.

XXXIX – UMA QUESTÃO

A srta. des Touches ergueu-se, tomou o cônsul pelo braço, deu alguns passos para se afastar e disse-lhe:

— Os homens não serão também culpados de virem a nós, de fazerem de uma jovem sua mulher, guardando no fundo do coração angélicas imagens, comparando-nos a rivais desconhecidas, a

perfeições em geral extraídas de mais de uma recordação, achando-nos sempre inferiores?

— A senhorita teria razão se o casamento fosse fundado sobre a paixão, e tal foi o erro dos dois seres que em breve não existirão mais. O casamento, com um amor profundo entre os dois esposos, seria o paraíso.

A srta. des Touches deixou o cônsul e foi abordada por Cláudio Vignon, que lhe disse ao ouvido:

— O sr. de L'Hostal é um tanto presumido.

— Não — respondeu ela sussurrando ao ouvido de Cláudio —, ele ainda não percebeu que Honorina o teria amado. Oh — exclamou ela vendo aproximar-se a consulesa —, a mulher dele o ouviu, o infeliz!...

Onze horas soaram nos relógios. Todos os convivas voltaram a pé, ao longo do mar.

XL – A ÚLTIMA PALAVRA DE TUDO ISTO

— Tudo isso não é a vida — disse a srta. des Touches. — Essa mulher é uma das exceções mais raras e talvez a mais monstruosa da inteligência, uma pérola! A vida compõe-se de acidentes variados, de dores e prazeres alternados. O Paraíso de Dante, essa sublime expressão do ideal, esse azul constante, só se encontra na alma, pedi-lo às coisas da vida é uma volúpia contra a qual protesta a toda hora a natureza. Para tais almas, bastam os seis pés de uma cela e um genuflexório.

— Tem razão — disse Leão de Lora. — Mas, por mais frívolo que eu seja, não posso deixar de admirar uma mulher capaz, como era aquela, e viver junto a um ateliê sob o teto dum pintor, sem jamais sair dele, nem ver o mundo, nem se enlamear na rua.

— Isso viu-se durante alguns meses — disse Cláudio Vignon com uma profunda ironia.

— A condessa Honorina não é a única da sua espécie — respondeu o embaixador à srta. des Touches. — Um homem, um político, um severo escritor foi objeto dum amor desse gênero,^[71] e o tiro de pistola que o matou não atingiu só a ele; aquela a quem ele amava como que se

enclausurou.

— Encontram-se ainda grandes almas neste século! — disse Camille Maupin, que durante algum tempo ficou pensativa, apoiada ao parapeito do cais.

Paris, janeiro de 1843

BEATRIZ

TRADUÇÃO DE CASIMIRO FERNANDES

INTRODUÇÃO

Apesar de tão bem investigada, a biografia de Balzac ainda apresenta lacunas. Assim, por exemplo, pouco sabemos a respeito de suas relações com Hélène de Valette, uma de suas leitoras e correspondentes com quem ele teve um caso. Como essa moça, de vida aventureira, morasse em Guérande, onde foi visitada pelo romancista, diversos biógrafos admitiram que ele colhera, durante esse encontro, os pormenores tão pitorescos e tão bem observados da velha cidade bretã, cenário e personagem da primeira parte de *Beatriz*. Mas pesquisas mais recentes demonstraram que Balzac conheceu Hélène pessoalmente em 1840, ao passo que o romance já foi começado em 1838 (Herbert J. Hunt, *Balzac's Comédie humaine*). O escritor deve ter guardado aqueles pormenores de outra excursão anterior, talvez a que fez a Guérande em 1831 em companhia da sra. de Berny, para utilizá-los noutro romance, pois o assunto de *Beatriz* só lhe foi sugerido em 1838 por sua amiga George Sand.

Em abril e maio de 1839 saiu a primeira metade de *Beatriz*, isto é, a que vai até a morte do velho barão du Guénic. Depois, passaram-se anos cheios de lutas, dificuldades, viagens e, sobretudo, trabalhos. A segunda metade do romance não começaria a sair antes de dezembro de 1844. Entre as duas metades, Balzac publicou, entre inúmeros outros trabalhos, *O cura da aldeia*, *Pierrette*, *Z. Marcas*, *Um conchego de solteirão*, *Úrsula Mirouët*, *Memórias de duas jovens esposas*, *Alberto Savarus*, *Uma estreia na vida*, *Honorina*, *Modesta Mignon*, *Esplendores e misérias das cortesãs*, parte de *Os camponeses*... Já por essa época se tornara um hábito seu não publicar de vez seus livros de maior importância. Antes de poder acabá-los, novos compromissos o

levavam a empreender novos trabalhos, os quais, por sua vez, seriam interrompidos.

Entre a primeira e a segunda metade de *Beatriz* medeiam, pois, mais de cinco anos. Mesmo que as datas de publicação não nos revelassem esse intervalo, a própria leitura do romance nos levaria a supor alguma interrupção. As personagens da primeira parte foram substituídas ou mudaram; o autor ficou mais velho, mais rico de experiências e também mais desiludido.

Provavelmente é justa a hipótese de Séché e Bertaut: ao ir a Guérande, o escritor já podia levar em si o esboço de um romance, cujo assunto recebera de George Sand em Nohant-Vic que versaria sobre o duelo de mulheres tão diferentes como Felicidade des Touches e a marquesa de Rochefide em torno de dois homens — o crítico Cláudio Vignon e Conti, o músico. O público da época reconheceu nessas quatro personagens modelos vivos, respectivamente George Sand, a condessa d'Agoult e mais tarde romancista e memorialista sob o pseudônimo de Daniel Stern, Gustave Planche e Liszt, cujas ligações sentimentais eram objeto de constantes comentários, e com os quais Balzac convivia muito. Assim, primitivamente *Beatriz* devia ser um romance de artistas, personagens requintadas e algo sofisticadas, cerebrais e cáusticas. Para o duelo se tornar mais impressionante, devia ferir-se, não na capital, mas em algum lugar isolado, onde as paixões, longe das peias da vida social, pudessem crescer na solidão e chegar ao paroxismo. Inventados, só Calisto du Guénic e a família, figuras inspiradas pelo ambiente austero e tradicionalista da Bretanha.

Em Guérande, na pitoresca, rude e atrasada cidadezinha bretã, encontrou Balzac um ambiente sugestivo. Não levou muito tempo a compreender as características daquela vida estagnada, os hábitos petrificados daquele lugarejo típico de província, onde tudo corria regulado pela rotina secular de tradições e preconceitos. Depois de se ter comovido com a simplicidade dos bretões e de se haver divertido à custa de sua ingenuidade, vislumbrou as possibilidades de conflito que daria um contato daqueles dois ambientes tão diversos — a boêmia espirituosa e maliciosa de Paris e a sociedade sonolenta e mumificada de Guérande.

No romance não haverá, na realidade, interpenetração entre esses dois mundos antagonísticos; eles vivem lado a lado sem se misturar. O conflito desenrola-se confinado numa única alma, a do jovem Calisto, que abandona os tranquilos serões de Guérande atraído pela sedução do espírito parisiense. Claude Mauriac, em *Aimer Balzac*, acha que o romancista “ultrapassou os ensinamentos da psicologia corrente, enriquecendo-a e renovando-a ao mesmo tempo” ao mostrar-nos como Calisto se apaixona por Beatriz antes de tê-la visto. Outro drama, mais grave e profundo ainda, é a crise íntima de Felicidade, essa magnífica figura de mulher, que se debate num duelo entre seu devotamento e seu ciúme, sua inteligência e seus instintos: combate fatal a que ela assiste com plena consciência e cujo desfecho prevê.

Numa análise penetrante de *Beatriz*, o grande ensaísta Alain acha que a parte essencial do romance é o duelo entre Felicidade e Beatriz, particularmente a cena em que as duas rivais se dilaceram num estilo malicioso. “Aí está um verdadeiro drama: não conheço outro mais trágico, mais condensado e que exija menos dos efeitos exteriores; o trágico consiste na luz projetada por algumas palavras, umas palavrinhas... dir-se-ia que as personagens temem ainda mais o silêncio que se seguirá do que as próprias palavras... Nessas brigas lentas e muito polidas, a gente tem medo antecipadamente de se lembrar; nada será desculpado jamais; essas injúrias são das que o tempo só faz agravar...” (*Avec Balzac*).

Beatriz não é dessas obras que prendem o leitor desde a primeira página, mas apodera-se dele aos poucos e arrebatando-o insensivelmente por seus caminhos tortuosos. A paisagem muda a cada volta. O que se apresentava de início um quadro de costumes provincianos transforma-se de repente num romance de literatos, para fazer-se depois um caso passionnal — e ainda estamos no meio.

Com o casamento de Calisto e as cartas em que sua jovem esposa relata à mãe as experiências da lua de mel e dos começos do matrimônio, eis-nos conduzidos mais uma vez a uma atmosfera diferente, e que lembra a das *Memórias de duas jovens esposas*. Esse romance matrimonial, fino embora lento, quando é transportado para Paris, repentinamente se transforma numa história palpitante de

intrigas, com o reaparecimento de toda a comparsaria parisiense de *A comédia humana*, essa fauna de arrivistas aventureiros, aristocratas degradados, cortesãs. A obra, que até aqui mostrava oscilações de interesse e ritmo, a partir de agora avança com rapidez crescente, para, no final, a trágica tensão que pesava sobre as personagens resolver-se numa espantosa tragicomédia, em que todos concordam em sair logrados contanto que, por sua vez, também consigam lograr alguém.

Haverá quem censure o romancista pela falta de uma linha reta dentro de sua criação; os entendidos decerto apreciarão a habilidade com que, graças às sinuosidades do percurso, ele consegue renová-la incessantemente.

Este romance, como tantos outros do autor, poderia ter o título que encabeça uma de suas obras mais possantes — *Ilusões perdidas* — e que resume magistralmente uma das conclusões do seu vasto ciclo.

Entretanto, nenhuma personagem resiste às vicissitudes de tão acidentada viagem. A maioria dos protagonistas da primeira metade desaparece de todo na segunda ou passa a desempenhar papéis sem destaque: Felicidade des Touches, a sra. du Guénic, Carlota, o cavaleiro du Halga, Conti, Cláudio Vignon cedem o lugar a personagens novas. Apenas Beatriz e Calisto atravessam a linha de separação, mas ambos bem degradados, a primeira sem aquela auréola de paixão que a rodeava no começo, o segundo despido do encanto da mocidade ingênua que o desculpava. Só não se modificou a afeição que o escritor sente por Calisto, “o bretão puro e ingênuo”, salvo alguns rasgos de ironia já pelo fim do romance. Explicar-se-ia esse afeto pelo romântico sentimento de adoração da beleza que leva a insensível *lady* Arabella Dudley a exclamar em *O lírio do vale*: “Por que Deus criaria seres mais belos que outros se não fosse para indicar-nos que os devemos adorar? O crime consistiria em não amar-te, pois não és um anjo?... as regras da moral não te são aplicáveis. Deus te pôs acima de tudo”. (Citado por Ernst Robert Curtius, em *Balzac*.)

BEATRIZ

A SARAH[72]

Quando o tempo está límpido e sereno, nas margens do Mediterrâneo por onde outrora se estendia o elegante império de vosso nome, o mar por vezes deixa ver sob a gaze de suas águas uma flor marinha, obra-prima da natureza: o rendilhado de seus filetes tintos de púrpura, de bistre, de rosa, de violeta ou de ouro, a frescura de suas filigranas vivas, o veludo do tecido, tudo emurchece logo que a curiosidade a atrai e a expõe na praia. Assim também o sol da publicidade ofenderia vossa piedosa modéstia. Por esse motivo devo, ao dedicar-vos esta obra, calar um nome que certamente seria para ela um título de orgulho; mas, graças a esse meio silêncio poderão vossas magníficas mãos abençoá-la, poderá vossa fronte sublime inclinar-se sonhadora sobre ela, vossos olhos, cheios de amor maternal, poderão sorrir-lhe, porquanto estareis aqui presente e ao mesmo tempo velada. Como essa pérola da flora marinha, permaneceréis sobre a areia lisa, fina e branca, onde desabrocha vossa bela vida, oculta por uma onda, diáfana somente para alguns olhos amigos e discretos.

Bem quisera depor a vossos pés uma obra em harmonia com vossas perfeições; mas a ser isso impossível, eu sabia, como consolo, que iria corresponder a um dos vossos instintos, oferecendo-vos algo a proteger.

DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

AS PERSONAGENS

I – UMA CIDADE DA BRETANHA

A França e, particularmente, a Bretanha, possuem ainda hoje algumas cidades completamente à margem do movimento social que imprime sua fisionomia ao século xix. Por falta de comunicações intensas e continuadas com Paris, deficientemente ligada por um caminho primitivo com a subprefeitura ou a sede administrativa de que dependem essas cidades, ouvem ou olham passar a nova civilização como um espetáculo, admiram-na sem aplaudi-la; e, seja que a temam ou dela zombem, permanecem fiéis aos velhos costumes cujo vinco nelas ficou. Quem quisesse viajar como arqueólogo moral e observar os homens em vez de observar as pedras, poderia encontrar uma imagem do século de Luís xv em alguma aldeia da Provença, a do século de Luís

xiv no fundo do Poitou, a dos séculos mais antigos ainda no fundo da Bretanha. A maioria dessas cidades está decaída de algum esplendor não mencionado pelos historiadores, mais ocupados com os fatos e datas do que com os costumes, mas cuja recordação perdura ainda na memória, como na Bretanha, onde o caráter nacional não consente esquecimentos no que se refere à terra. Muitas dessas cidades foram capital de um pequeno estado feudal, condado, ducado conquistado pela Coroa ou partilhado por herdeiros por falta de uma descendência masculina. Deserdadas de suas atividades, essas cabeças tornaram-se, desde então, braços. O braço, privado de alimentos, desseca-se e vegeta. Entretanto de há trinta anos para cá, esses retratos de velhas cidades começam a apagar-se e se vão tornando raros. Ao trabalhar para as massas, a indústria moderna vai destruindo as criações da arte antiga, cujos trabalhos eram inteiramente pessoais tanto para o consumidor como para o artesão. Hoje temos *produtos*, não temos mais *obras*. Os monumentos contribuem, pela metade, para esses fenômenos de retrospecção. Ora, para a indústria, os monumentos são as canteiras de onde saem os blocos para a alvenaria, são as minas de salitre ou os armazéns-depósito de algodão. Mais alguns anos e essas cidades originais serão transformadas e não mais se verão a não ser nessa iconografia literária.

Uma das cidades nas quais é encontrada mais corretamente a fisionomia dos séculos feudais é Guérande. Basta esse nome para despertar mil recordações na memória dos pintores, dos artistas, dos pensadores, que podem ter ido até a costa onde jaz essa magnífica joia do feudalismo, tão altivamente colocada para comandar as terras conquistadas ao mar e os cômodos de areia, e que é como o vértice de um triângulo em cujos outros dois ângulos se acham duas outras joias menos curiosas, o Croisic e o burgo de Batz.

Além de Guérande, somente Vitré, situada no centro da Bretanha, e Aignon, no sul, conservam ainda intacta na nossa época sua configuração exata da Idade Média. Ainda hoje Guérande está encerrada dentro de suas poderosas muralhas; seus largos fossos estão cheios de água, suas ameias estão em perfeito estado, suas seteiras não estão atulhadas de arbustos, a hera não cobriu com um manto as suas

torres quadradas ou redondas. A cidade tem três portas nas quais ainda se veem as argolas dos rastrilhos, e para ela não se entra a não ser passando por uma ponte levadiça de madeira guarneçada de ferro que não se ergue mais, mas que poderia ainda erguer-se. A *mairie*^[73] foi censurada em 1820, por ter plantado choupos ao correr dos fossos a fim de dar sombra ao passeio. Ela respondeu que fazia cem anos, do lado das dunas, que a comprida e bela esplanada das fortificações que parecem obra de ontem tinha sido convertida numa alameda, sombreada por olmos onde os habitantes se compraziam. Nesse ponto as casas não sofreram transformações, não foram aumentadas, nem diminuídas. Nenhuma delas sentiu na sua fachada o martelo do arquiteto, o pincel do caiador, nem enfraqueceu sob o peso de um andar acrescentado. Todas têm seu caráter primitivo. Algumas repousam em esteios de madeira que formam galerias por sob as quais passam os transeuntes, e cujos assoalhos vergam sem se quebrar. As casas dos mercadores são pequenas e baixas, de fachada coberta com ardósias pregadas. As madeiras agora apodrecidas se integravam nos materiais esculpidos das janelas; e nos encostos avançavam por cima dos pilares, afetando feições de rostos grotescos, alongando-se nos cantos em forma de animais fantásticos, animados pelo grande pensamento da arte que, naqueles tempos, dava vida à natureza-morta. Essas velharias, que resistem a tudo, oferecem aos pintores as tonalidades pardas e as imagens apagadas de que tanto gostam seus pincéis.

As ruas são o que eram há quatrocentos anos. Somente, como a população não é mais abundante, um viajante que tivesse a curiosidade de examinar essa cidade, tão bela como uma antiga armadura completa, poderia seguir, não sem melancolia, uma rua quase deserta na qual as janelas de pedra são tapadas com taipa a fim de evitar o imposto.^[74] Essa rua vai dar na entrada de uma galeria subterrânea cuja porta foi murada com pedras de alvenaria, e por cima da qual cresce um maciço de árvores elegantemente dispostas pelas mãos da natureza bretã, uma das mais luxuriantes, das mais férteis vegetações da França.

Um pintor, um poeta ficariam sentados, ocupados em saborear o

silêncio profundo que reina sob a abóbada ainda nova dessa poterna, para onde a vida dessa cidade tranquila não manda nenhum ruído, de onde a rica campanha se mostra em toda a sua magnificência, através das seteiras guarnecidas outrora pelos besteiros, pelos arqueiros e que se assemelha aos vitrais panorâmicos dispostos em alguns belvederes.

E impossível passear por ali sem pensar, a cada passo, nos usos e costumes dos tempos idos; todas as pedras nos falam deles; enfim, as ideias da Idade Média acham-se ali ainda no estado de superstições. Se por acaso vem a passar um gendarme de chapéu agalado, a presença dele é um anacronismo contra o qual nosso pensamento protesta; mas não há nada tão raro como encontrar em tal lugar um ser ou uma coisa do tempo presente. Há mesmo pouca coisa do vestuário atual: o que dele os habitantes admitem adapta-se de algum modo aos costumes imóveis, à fisionomia estacionária dos filhos da região. A praça pública está cheia de trajes bretãos que têm um relevo incrível e que os artistas vêm desenhar. A alvura das telas usadas pelos *paludiers*, nome das pessoas que extraem o sal das salinas, contrasta vigorosamente com as cores azuis e pardas dos *Paysans*[75] com as vestes originais e santamente conservadas pelas mulheres. Essas duas classes e a dos marujos de casaquinho, de chapéu pequeno de couro envernizado são tão distintas entre si como as castas da Índia, e reconhecem ainda as distâncias que separam a burguesia, a nobreza e o clero. Ali tudo é ainda de limites definidos; a plaina revolucionária encontrou as massas ainda demasiado ásperas e duras para nivelá-las; ter-se-ia amolgado e talvez quebrado. O caráter de imutabilidade que a natureza deu às suas espécies zoológicas encontra-se ali entre os homens. Enfim, mesmo depois da revolução de 1830, Guérande continua sendo uma cidade à parte, essencialmente bretã, católica fervorosa, silenciosa, recolhida, na qual as ideias novas têm pouco acesso.

A posição geográfica explica esse fenômeno. Essa linda cidade domina salinas cujo produto em toda a Bretanha é conhecido pelo nome de sal de Guérande, e ao qual muitos bretões atribuem a excelência de sua manteiga e das suas sardinhas. Está ligada à França moderna somente por dois caminhos, o que vai ter a Savenay, circunscrição de que ela depende, e que passa por Saint-Nazaire; o que

conduz a Vannes e a comunica com o Morbihan. O caminho da circunscrição estabelece a comunicação por terra, e Saint-Nazaire a comunicação marítima com Nantes. O caminho por terra só é frequentado pela administração. A via mais rápida, a mais usada é a de Saint-Nazaire. Ora, entre esse burgo e Guérande há uma distância de pelo menos seis léguas que não é percorrida pela mala-posta, pela razão óbvia de que num ano não passam por ali três viajantes que requeiram aquele meio de transporte. Saint-Nazaire é separada de Paimboeuf pelo estuário do Loire, que tem quatro léguas de largura. A barra do Loire torna a navegação dos barcos a vapor muito caprichosa; mas, para cúmulo de impedimento não existia nenhum cais em 1829 no promontório de Saint-Nazaire e esse lugar estava ornado de rochedos limosos, de recifes graníticos, de pedras colossais que servem de fortificações naturais à sua pitoresca igreja e que forçavam os viajantes a se atirarem nas barcas com seus pacotes quando o mar estava agitado, ou, quando fazia bom tempo, a irem através dos escolhos até o molhe que a engenharia estava então construindo. Esses obstáculos, de molde a pouco encorajar os amadores, existem talvez ainda. Em primeiro lugar a administração é lenta nas suas obras; depois, os habitantes desse território, que podereis ver recortado como um dente num mapa da França, e está compreendido entre Saint-Nazaire, o burgo de Batz e o Croisic, conformam-se facilmente com essas dificuldades que protegem o acesso de sua terra contra os estrangeiros. Atirada numa das extremidades do continente, Guérande não conduz a parte alguma e ninguém vem até ela. Feliz por sentir-se ignorada, ela se preocupa apenas consigo mesma. O movimento da imensidade dos produtos das salinas que não pagam menos de um milhão ao fisco faz-se no Croisic, cidade peninsular cujas comunicações com Guérande se realizam por sobre areias movediças, onde durante a noite se apaga o caminho traçado durante o dia, e por meio de barcos indispensáveis para atravessar o braço de mar que serve de porto ao Croisic, o qual irrompeu areias adentro. Essa encantadora cidadezinha é pois a Herculano[76] do feudalismo, tendo a menos o sudário de lavas. Está de pé sem viver, não tem outros motivos de existir senão o não ter sido demolida. Se chegardes a Guérande pelo Croisic, depois de

terdes atravessado a paisagem das salinas, sentireis uma viva emoção à vista dessa imensa fortificação ainda completamente nova. O pitoresco de sua posição e as graças singelas de seus arredores, quando a ela se chega por Saint-Nazaire, não seduzem menos. Em derredor a região é encantadora, as sebes estão crivadas de flores, de madressilvas, de buxos, de roseiras, de belas plantas. Dir-se-ia um jardim inglês desenhado por um grande artista. Essa natureza rica, tão acalentadora, tão pouco frequentada e que oferece a sedução de um ramalhete de violetas, de musgos, numa espessura de floresta, tem por quadro um deserto da África cercado pelo oceano, mas um deserto sem árvores, sem uma erva, sem um pássaro, e onde, nos dias de sol, os salineiros vestidos de branco e espalhados nos tristes pântanos onde se cultiva o sal lembram árabes cobertos com os seus albornozes. Por isso Guérande, com sua linda paisagem na terra firme, com seu deserto, limitado à direita pelo Croisic, à esquerda pelo burgo de Batz, não se assemelha a nada daquilo que os viajantes veem na França. Essas duas naturezas tão opostas, unidas pela última imagem da vida feudal, têm um não sei quê impressionante. A cidade produz sobre a alma o efeito que produz um calmante sobre o corpo; é tão silenciosa quanto Veneza. Não há outro veículo público além do de um transportador que conduz numa carriola os viajantes, as mercadorias e talvez as cartas de Saint-Nazaire a Guérande e reciprocamente. Bernus, o condutor, era, em 1829, o factótum dessa grande comunidade. Anda como lhe apraz, não há ninguém que não o conheça, faz os mandados de todos.

A chegada de um carro, quer se trate de alguma mulher que passe por Guérande pelo caminho terrestre para ir a Croisic, quer se trate de algum velho doente que venha para os banhos de mar, os quais nos rochedos dessa península têm virtudes superiores aos de Boulogne, de Dieppe e dos Sables, é um acontecimento extraordinário. Os camponeses chegam a cavalo, a maioria trazendo frutos da lavoura em sacos.

O que os traz, sobretudo, do mesmo modo que aos salineiros, é a necessidade de comprar na cidade as joias próprias à sua casta, e que são dadas a todas as noivas bretãs, bem como a roupa branca ou o pano para os seus vestidos. Num raio de dez léguas, Guérande, a cidade

ilustre onde foi assinado o tratado famoso na história,[77] a chave da costa e que, não menos que o burgo de Batz, denuncia um esplendor perdido na noite dos tempos. As joias, a fazenda, a tela, as fitas, os chapéus são fabricados em outra parte, mas para todos os consumidores são de Guérande.

Todos os artistas, e mesmo os burgueses, que passam por Guérande, experimentam, como os que se detiveram em Veneza, um desejo logo esquecido de ali acabarem seus dias na paz, no silêncio, passeando em dias de bom tempo nas alamedas que orlam a cidade pelo lado do mar, de uma porta à outra. Por vezes a imagem dessa cidade volta a golpear o templo das recordações: ela aí entra toucada com as suas torres, ornada de suas muralhas, desprega suas vestes semeadas de lindas flores, sacode o manto de ouro de suas dunas, exala os perfumes embriagadores de seus lindos caminhos espinhosos e cheios de ramos atados ao deus-dará; ela vos prende a atenção e vos chama como uma mulher divina por vós entrevista numa terra estranha e que se alojou num recanto do coração.

II – O SOLAR DU GUAISNIC

Perto da igreja de Guérande vê-se uma casa que representa para a cidade o que esta representa para o país, uma imagem exata do passado, o símbolo de uma grande coisa destruída, uma poesia. Essa casa pertence à mais nobre família da terra, aos du Guaisnic, os quais, nos tempos dos du Guesclin, lhes eram tão superiores em fortuna e antiguidade quanto os troianos o eram aos romanos. Os *Guaisqlain* (cuja ortografia era outrora *du Glaicquin*), de que se fez Guesclin, descendem dos Guaisnic. Velhos como o granito da Bretanha, os Guaisnic nem são francos nem gauleses; são bretões, ou, para sermos mais exatos, celtas. Devem ter sido druidas[78] em outros tempos, devem ter colhido o agárico[79] das florestas sagradas e sacrificado homens sobre os dólmens.[80] E inútil dizer o que eles foram. Hoje essa raça, como os Rohan, sem se ter dignado fazer-se principesca,[81] que já era poderosa antes que se falasse dos antepassados de Hugo Capeto,[82] essa família pura de qualquer mescla, possui cerca de dois

mil francos de rendimento, a casa de Guérande e seu pequeno castelo de Guaisnic. Todas as terras que dependem da baronia do Guaisnic, a primeira da Bretanha, estão hipotecadas a granjeiros e rendem cerca de sessenta mil francos, apesar da imperfeição das culturas. Os du Guaisnic, de resto, continuam sempre proprietários de suas terras; como porém não podem restituir o capital, depositado faz duzentos anos em suas mãos pelos foreiros atuais, eles não recebem as rendas. Estão na mesma situação que a Coroa de França com os seus *engagistes*[83] antes de 1789. Onde e quando os barões poderão encontrar o milhão que seus arrendatários lhes emprestaram? Antes de 1789, a enfiteuse dos feudos dependentes do castelo do Guaisnic, pousado sobre uma colina, valia ainda cinquenta mil francos; um voto da Assembleia Nacional, entretanto, suprimiu o imposto dos laudêmios e das vendas percebidas pelos senhores. Nessa situação, essa família que nada mais é para ninguém na França, seria objeto de mofa em Paris; em Guérande ela é toda a Bretanha. Em Guérande, o barão du Guaisnic é um dos grandes barões da França, um dos homens acima dos quais não existe senão o rei da França, outrora eleito chefe. Hoje o nome de du Guaisnic, cheio de significações bretãs e cujas raízes foram de resto explicadas em *Os Chouans* ou *A Bretanha em 1799*,[84] sofreu a alteração que desfigura o de du Guaisclin. O coletor das contribuições escreve, como todos, Guénic.

Na extremidade de uma viela silenciosa, úmida e sombria, formada pelas muralhas com empenas das casas vizinhas, vê-se o arco abobadado de uma porta de um só batente, suficientemente larga e alta para dar passagem a um homem a cavalo, circunstância que desde já indica que no tempo em que essa construção foi terminada ainda não havia carros. Esse arco, suportado por duas pilastras, é todo de granito. A porta, de carvalho fendido como a casca das árvores que forneceram a madeira, está cheia de pregos enormes, os quais desenham figuras geométricas. O arco é oco. Apresenta o escudo dos du Guaisnic tão nítido, tão limpo, como se o escultor acabasse de terminá-lo.

Esse escudo encantaria um amador da arte heráldica por uma simplicidade que prova a altivez e a antiguidade da família. Está tal como era no dia em que os cruzados do mundo cristão inventaram

esses símbolos para se reconhecerem; os Guaisnic jamais o esquartelaram, conserva-se sempre o mesmo como o da casa de França, que os conhecedores encontram em abismo ou esquartelado, semeado nas armas das mais velhas famílias. Ei-lo tal como o podeis ainda ver em Guérande: *de goles, com uma mão ao natural gonfolonada de arminho, empunhando uma espada de prata, posta em pala*, com esta terrível palavra por divisa: *fac!*^[85] Não é isso uma coisa grande e bela? O fio de pérolas da coroa baronial encima esse escudo simples, cujas linhas verticais, empregadas na escultura para representar os goles, ainda brilham. O artista deu não sei que feito ativo e cavalheiresco à mão. Com que intrepidez ela segura essa espada da qual ainda ontem a família se serviu! De fato, se fosseis a Guérande depois de ler esta história, não vos seria possível deixar de estremecer ao ver esse brasão. Sim, o mais completo republicano ficaria enternecido pela fidelidade, pela nobreza, pela grandeza ocultas no fundo dessa viela. Os du Guaisnic bem fizeram ontem, estão prontos a bem fazer amanhã. Fazer é o grande termo da cavalaria.

— Bem fizeste na batalha — dizia sempre o condestável por excelência, esse grande du Guesclin,^[86] que expulsou da França os ingleses por algum tempo. A profundidade da escultura, preservada de qualquer intempérie pela larga borda produzida pela saliência arredondada do arco, está em harmonia com a profundidade moral da divisa na alma dessa família. Para quem conhece os du Guaisnic, essa particularidade torna-se comovedora.

A porta aberta deixa ver um pátio bastante amplo, à direita do qual estão as estrebarias, achando-se à esquerda a cozinha. O edifício é de pedra de cantaria desde as adegas até o sótão. A fachada no pátio tem como adorno uma escada exterior de duplo lanço cujo vão é coberto de vestígios de esculturas apagadas pelo tempo, mas onde o olho do antiquário ainda distinguiria, no centro, as massas principais da mão empunhando a espada. Embaixo daquela bonita tribuna, enquadrada por nervuras quebradas em alguns lugares e como que envernizadas pelo uso em certas partes, há um pequeno cubículo, outrora ocupado por um cão de guarda. As rampas de pedra estão desunidas: nelas crescem ervas, algumas pequenas flores e musgos nas fendas, bem

como nos degraus da escada que os séculos deslocaram sem lhes tirar a solidez. A porta deve ter sido de um belo estilo. Tanto quanto o resto dos desenhos permite julgar, ela foi trabalhada por um artista educado na grande escola veneziana do século xiii. Encontra-se nela não sei que mistura do bizantino e do mourisco. É coroada por uma saliência circular carregada de vegetação, um ramo róseo, amarelo, pardacento ou azul, segundo as estações. A porta de carvalho, cravejada de pregos, dá entrada para uma vasta sala, em cuja extremidade há outra porta com uma escada semelhante que desce para o jardim. O estado de conservação desta sala é maravilhoso. O forro de madeira à altura do encosto é de castanheiro. Um magnífico couro espanhol, ostentando figuras em relevo, mas cujas douraduras estão esfareladas e avermelhadas, cobre as paredes. O teto é composto de tábuas artisticamente unidas, pintadas e douradas. O ouro apenas se vê; está no mesmo estado que o do couro de Córdova; mas é possível perceberem-se ainda algumas flores vermelhas e algumas folhagens verdes. É de crer que uma boa limpeza faria reaparecerem pinturas semelhantes às que decoram os assoalhos da casa de Tristan em Tours, e que provariam terem sido esses assoalhos refeitos ou restaurados no reinado de Luís xi. A lareira é enorme, de pedra esculpida, munida de gigantescas grelhas forjadas de um lavor precioso. Ali caberia uma carrada de lenha. Todos os móveis da sala são de madeira de carvalho e ostentam acima do espaldar o escudo da família. Há três espingardas inglesas que tanto podem servir para a caça como para a guerra, três sabres, duas bolsas de caça, os utensílios do caçador e do pescador pendurados em pregos.

Ao lado há uma sala de jantar que comunica com a cozinha por uma porta aberta numa torrinha de canto. Essa torrinha corresponde, no desenho da fachada, sobre o pátio, a outra, pegada ao outro ângulo, e onde se encontra uma escada de caracol que sobe para os dois andares superiores.

A sala de jantar está forrada de tapeçarias que datam do século xiv, como fazem fé o estilo e a ortografia das inscrições constantes das bandeirolas existentes por baixo de cada personagem; como porém estão redigidas na linguagem ingênua dos *fabliaux*,^[87] é impossível

transcrevê-las hoje. Essas tapeçarias, bem conservadas nos lugares em que a luz penetrou escassamente, são enquadradas por listões de carvalho esculpido que se tornam negros como ébano. O teto tem vigas salientes enriquecidas com folhagens diferentes em cada uma delas; os espaços entre as vigas são forrados de tábuas pintadas pelas quais corre uma braçada de flores douradas sobre fundo azul. Dois velhos trinchantes se acham em frente um do outro. Em cima de suas tábuas, esfregadas com obstinação bretã por Mariotte, a cozinheira, veem-se, como nos tempos em que os reis, em 1200, eram tão pobres como os du Guaisnic em 1830, quatro velhos copinhos, uma velha sopeira amolgada e dois saleiros de prata; depois, muitos pratos de estanho, numerosos potes de grés azul e cinzento, com desenhos, arabescos e com as armas dos du Guaisnic, cobertos com uma tampa de dobradiças de estanho. A lareira foi modernizada. Seu estado prova que a família costuma reunir-se nessa peça desde o último século. É de pedra esculpida no gosto do século de Luís xv, ornamentada com um espelho enquadrado num trenó de listões perolados e dourados. Essa antítese, indiferente para a família, entristeceria um poeta. Sobre a placa da chaminé, coberta com veludo vermelho, há no centro um relógio de nácar incrustado de cobre, e de cada lado dois candelabros de prata de um modelo estranho. Uma mesa larga, quadrada, de colunas retorcidas ocupa o centro da sala. As cadeiras são de madeira torneada, guarnecidas de tapeçaria.

Em cima de uma mesa redonda de um único pé, imitando uma vara de videira e colocada em frente à janela que dá para o jardim, vê-se uma lâmpada estranha. Essa lâmpada consiste num globo de vidro comum, um pouco menor do que um ovo de avestruz, fixada num castiçal por uma haste de vidro. De um orifício superior sai uma mecha chata mantida numa espécie de calha de cobre, e cuja trama, dobrada como uma tênia num local, suga o óleo de nozes existente no globo.

A janela que dá para o jardim, assim como a que dá para o pátio — e as duas se correspondem —, tem caixilhos de pedra, sendo a vidraça de vidros hexagonais embutidos em chumbo, com cortinados de dossel e grandes borlas em velho estofó de seda vermelha com reflexos amarelos, outrora denominado brocatel ou pequeno brocado.

Em cada andar da casa, que tem dois, nada mais existe senão essas duas peças. O primeiro serve de habitação para o chefe da família. O segundo, antigamente, era destinado às crianças. Os hóspedes se alojavam nos quartos do sótão. Os criados moravam por cima das cozinhas e das estrebarias. O telhado pontudo, guarnecido de chumbo nos cantos, é aberto em cima do pátio e do jardim por meio de uma magnífica janela em ogiva, que se ergue quase tão alto quanto a cumeeira, com mísulas delgadas e finas cujas esculturas estão corroídas pelos vapores salinos da atmosfera. Por cima do tímpano bordado dessa janela de quatro pinázios de pedra range ainda o cata-vento do nobre.

Não esqueçamos um detalhe precioso e cheio de singeleza, que não deixa de ter seu mérito aos olhos dos arqueólogos. A torrinha, na qual gira a escada, garante o ângulo de um grande muro com empena no qual não existe nenhuma janela. A escada desce por uma pequena porta em ogiva até um terreno ensaibrado que separa a casa do muro externo no qual estão encostadas as cocheiras. Essa torrinha forma par com outra, no jardim, a qual tem cinco faces e se remata por uma abóbada em quarto de esfera, e suporta uma cúpula piramidal em vez de uma guarita como a irmã. Eis aí como aqueles graciosos arquitetos sabiam variar sua simetria. Somente na altura do primeiro andar, essas duas torrinhas são ligadas por uma galeria de pedra sustentada por uma espécie de proa com faces humanas. Essa galeria exterior é guarnecida de uma balaustrada trabalhada com elegância e finura maravilhosas. Depois, do alto da empena, sob a qual existe um único terraço oblongo, pende um ornato de pedra representando um pálio semelhante aos que coroam as estátuas dos santos nos pórticos das igrejas. As duas torrinhas abrem para esse terraço por meio de uma linda porta de arco de abóbada aguda. Tal é o partido que a arquitetura do século xiii tirava da muralha nua e fria que apresenta hoje a face cortada de uma casa. Vêdes uma mulher passeando, de manhã, nessa galeria e contemplando por sobre Guérande o sol iluminar o ouro das areias e espelhar o lençol do oceano? Não admirais essa muralha pontuda, florida, mobilada nos seus dois cantos por duas torrinhas quase estriadas das quais uma se arredonda bruscamente como ninho

de andorinha, enquanto a outra apresenta sua linda porta de arco abobadado gótico e decorado com a mão que empunha a espada?

A outra empena da casa dos du Guaisnic liga-se à casa vizinha. A harmonia que tão cuidadosamente os mestres daquele tempo buscavam foi conservada na fachada do pátio pela torrinha semelhante àquela por onde sobe o *parafuso*, tal era o nome dado outrora a uma escada, e que serve de comunicação entre a sala de jantar e a cozinha; ela, entretanto, detém-se no primeiro andar, e termina por um pequeno zimbório aberto sob o qual se ergue uma estátua negra de são Calisto.

O jardim é luxuoso num velho recinto, tem um meio arpeno mais ou menos, seus muros são guarnecidos de espaldeiras; é dividido em canteiros de legumes, cercados de árvores frutíferas podadas em forma de roca, e é cultivado por um criado chamado Gasselin, o qual também cuida dos cavalos. Na extremidade desse jardim existe um caramanchão no qual há um banco. No centro ergue-se um quadrante solar. As aleias são ensaibradas. No jardim a fachada não tem torrinha para corresponder àquela que sobe ao longo da empena. Para compensar essa falta há uma coluneta contorcida em parafuso desde o pé até o topo e que, outrora, devia suportar o pendão da família, porquanto se termina por uma espécie de ralo grosso de ferro enferrujado, do qual saem algumas ervas enfezadas. Esse detalhe, em harmonia com os vestígios da escultura, prova que essa habitação foi construída por um arquiteto veneziano. Aquela haste elegante é como que uma assinatura que trai Veneza, a cavalaria, a finura do século xiii. Se restassem dúvidas a esse respeito, seriam dissipadas pela natureza dos ornamentos. Os trevos do solar dos du Guaisnic têm quatro folhas em lugar de três. Essa diferença indica a escola veneziana adulterada por seu comércio com o Oriente, onde os arquitetos meio mouros e pouco interessados pelo grande pensamento católico davam quatro folhas ao trevo, ao passo que os arquitetos cristãos permaneciam fiéis à Trindade. Sob esse ponto de vista a fantasia veneziana era herética.

Se essa habitação surpreende vossa imaginativa é possível que a vós mesmos pergunteis por que motivo a época atual não renova esses milagres da arte. Hoje as belas residências são vendidas, derrubadas e

dão lugar a ruas. Ninguém sabe se sua geração conservará a mansão patrimonial onde cada um passa como numa taberna; ao passo que outrora, ao edificar uma residência, trabalhava-se, ou, pelo menos, julgava-se trabalhar para uma família eterna. Daí a beleza das casas de moradia. A fé em si próprio fazia milagres tanto quanto a fé em Deus.

Quanto às disposições e ao mobiliário dos andares superiores, nada mais se pode fazer do que presumi-los, de acordo com a descrição desse rés do chão e segundo a fisionomia e costumes da família. Durante os últimos cinquenta anos, os du Guaisnic não receberam nunca uma visita em outro lugar a não ser nas duas peças onde respiravam, como naquele pátio e nos acessórios exteriores daquela residência, o espírito, a graça, a simplicidade da velha e nobre Bretanha. Sem a topografia e a descrição da cidade, sem a pintura minuciosa daquela casa residencial, as figuras surpreendentes daquela família talvez não fossem bem compreendidas. Por isso os quadros deviam vir antes dos retratos. Todos pensarão que as coisas dominaram os seres. Há monumentos cuja influência é visível sobre as pessoas que vivem na sua vizinhança. É difícil ser irreligioso à sombra de uma catedral como a de Bourges. Quando por todos os lados a alma se vê lembrada de seu destino por meio de imagens, é menos fácil faltar com o seu dever. Tal era a opinião de nossos antepassados, opinião abandonada por uma geração que não tem mais sinais nem distinções e cujos costumes mudam a cada dez anos. Não esperais encontrar o barão du Guaisnic com uma espada na mão, ou tudo aqui seria mentira?

III – O BARÃO

Em 1836, no momento em que se inicia esta cena, nos primeiros dias do mês de agosto, a família du Guénic compunha-se ainda do sr. e da sra. du Guénic, da srta. du Guénic, irmã mais velha do barão, e de um filho único de vinte e um anos de idade chamado Gaudeberto Calisto Luís, segundo velho uso da família. O pai chamava-se Gaudeberto Calisto Carlos. Não se variava senão o último nome. São Gaudeberto e são Calisto deviam proteger sempre os du Guénic. O barão du Guénic

abandonara Guérande assim que a Vendaia e a Bretanha se levantaram em armas, e estivera guerreando com Charette, com Cathelineau, La Rochejacquelein, d'Elbée, Bonchamps e o príncipe de Loudon.[88] Antes de partir, ele vendera todos os seus bens à sua irmã mais velha, a srta. Zefirina du Guénic, por uma medida de prudência, única nos anais revolucionários. Depois da morte de todos os heróis do Oeste, o barão, a quem somente um milagre pudera preservar de ter o mesmo fim que os outros, não se submetera a Napoleão. Andara metido em guerrilhas até 1802, ano no qual depois de ter escapado de se deixar prender, voltou a Guérande, e de Guérande ao Croisic, de onde pôde chegar à Irlanda, fiel ao velho ódio dos bretões pela Inglaterra. A gente de Guérande fingiu ignorar a existência do barão e em vinte anos não houve uma única indiscrição. A srta. du Guénic recebia os rendimentos e remetia-os ao irmão por intermédio de pescadores. O sr. du Guénic voltou em 1813 para Guérande, tão simplesmente como se tivesse ido passar uma estação em Nantes. Durante sua estada em Dublin, o velho bretão, apesar dos seus cinquenta anos, apaixonou-se por uma irlandesa, filha de uma das mais nobres e mais pobres famílias daquele infeliz reino. *Miss Fanny O'Brien* tinha então vinte e um anos. O barão du Guénic veio buscar os papéis necessários para o casamento, voltou para a cerimônia e regressou dez meses depois, em começos de 1814, com a esposa, a qual lhe deu Calisto, exatamente no mesmo dia em que Luís xviii entrou em Calais, circunstância que explica o nome de Luís que lhe foi dado.

O velho e leal bretão tinha naquele momento setenta e três anos; mas a guerra de guerrilhas feita à república, seus sofrimentos em cinco travessias feitas em embarcações costeiras e sua vida em Dublin tinham pesado sobre sua cabeça: ele parecia ter mais de um século. Por isso jamais em tempo algum nenhum Guénic esteve mais em harmonia com a vetustez daquela mansão, edificada no tempo em que havia uma corte em Guérande.

O sr. du Guénic era um ancião de elevada estatura, reto, seco, nervoso e magro. Seu rosto oval enrugado por milhares de pregas que formavam franjas arqueadas por sobre os molares, acima das sobrancelhas, davam ao seu semblante uma semelhança com os

anciões que o pincel de Van Ostade, de Rembrandt, de Miéris, de Gerard Dow[89] tanto acariciou e que necessitam de uma lente para serem admirados. Sua fisionomia parecia como que soterrada sob seus inúmeros sulcos, produzidos pela vida ao ar livre, pelo hábito de observar a campanha ao rigor do sol, quer ao amanhecer, quer ao anoitecer. Não obstante, para o observador persistiam as formas imperecíveis do rosto humano e que dizem ainda alguma coisa à alma, mesmo quando os olhos nela não veem mais senão uma cabeça morta. Os firmes contornos da face, o desenho da fronte, a seriedade das linhas, a rigidez do nariz, os lineamentos do arcabouço que só os ferimentos podem alterar, indicavam uma intrepidez sem cálculo, uma fé sem limites, uma obediência sem discussão, uma fidelidade sem transações, um amor sem inconstância. Nele o granito bretão se fizera homem. O barão não tinha mais dentes. Seus lábios, outrora vermelhos, mas agora violáceos, não sendo mais sustentados senão pelas gengivas duras com as quais ele comia o pão que a mulher tinha o cuidado de amolecer, pondo-o num guardanapo úmido, infletiam-se para dentro da boca, desenhando contudo um ríctus ameaçador e altivo. O queixo queria juntar-se com o nariz, mas viam-se no caráter desse nariz, acavaletado no meio, os sinais de sua energia e de sua resistência bretã. A pele, marmorizada de manchas vermelhas que apareciam através das suas rugas, indicava um temperamento sanguíneo, violento, talhado para as fadigas, graças às quais fora o barão, sem dúvida, preservado de múltiplas apoplexias. Essa cabeça era coroada por uma cabeleira branca como prata, que lhe caía em cachos sobre os ombros.

O semblante, agora em parte extinto, vivia pelo brilho de dois olhos negros que cintilavam no fundo de suas órbitas escuras e despediam as últimas chamas de uma alma generosa e leal. As sobrancelhas já tinham caído. A pele, que se tornara rude, não se podia desenrugar. A dificuldade de barbear-se obrigava o velho a deixar crescer a barba em leque. Um pintor teria admirado, acima de tudo, naquele velho leão da Bretanha, de ombros largos, de peito nervoso, as suas admiráveis mãos de soldado, mãos como deviam ser as de du Guesclin, mãos largas, espessas, peludas, mãos que tinham abarcado o punho da espada para

não deixá-la, como fez Joana d'Arc, senão no dia em que o estandarte real flutuasse na catedral de Reims: mãos que com frequência se ensanguentaram nos espinhos dos matagais do Bocage; que manejaram o remo no Marais,[90] para ir surpreender os Azuis,[91] ou em pleno mar a fim de favorecer a chegada de Georges,[92] as mãos do guerrilheiro, do artilheiro, do simples soldado, do chefe; mãos então brancas, embora os Bourbons do ramo primogênito estivessem no exílio; mas olhando-as atentamente ver-se-iam nelas marcas recentes que revelariam ter-se o barão, fazia pouco, reunido a *Madame*[93] na Vendaia. Hoje esse fato pode ser confessado. Essas mãos eram o comentário vivo da bela divisa à qual nenhum Guénic jamais faltara: fac!

A fronte chamava a atenção por tonalidades douradas nas têmporas, as quais contrastavam com o moreno daquela testa pequena, dura e estreita que a queda dos cabelos aumentara bastante para dar mais majestade ainda àquela bela ruína.

Essa fisionomia um pouco material, de resto, e como poderia ter ela sido diferente? apresentava como todas as figuras bretãs, agrupadas em torno ao barão, aparências selvagens, uma calma bruta que se assemelhava à impassibilidade dos hurões;[94] um não sei quê de estúpido, devido talvez ao repouso absoluto que sucede às fadigas excessivas e que deixa então reaparecer exclusivamente o animal. Ali o pensamento era raro. Parecia ser um esforço, tinha sua sede antes no coração do que na cabeça, engendrava mais a ação do que a ideia. Ao examinar-se porém aquele belo ancião com atenção persistente, adivinhar-se-iam os mistérios daquela oposição real ao espírito do seu século. Ele tinha religiões, sentimentos por assim dizer inatos que o dispensavam de meditar. Seus deveres, ele os aprendera com a vida. As instituições, a religião pensavam por ele. Devia pois reservar seu espírito, tanto ele como os seus, para agir, sem dissipá-lo em nenhuma das coisas julgadas inúteis, mas das quais os outros se ocupavam. Ele tirava seus pensamentos do coração, como tirava a espada da bainha, deslumbrante de candor, como no seu brasão a mão circundada de arminho. Uma vez adivinhado esse segredo tudo se explicava. Compreendia-se a profundidade das resoluções devidas a pensamentos

nítidos, distintos, francos, imaculados como o arminho. Compreendia-se aquela venda feita à irmã antes da guerra e que atendia a tudo, à morte, à confiscação, ao exílio. A beleza do caráter dos dois anciãos, porquanto a irmã vivia somente para e pelo irmão, não pode mais ser compreendida em toda a sua extensão pelos costumes egoístas que a incerteza e a inconstância de nossa época nos impõem. Um arcanjo encarregado de ler nos corações de ambos não descobriria neles um único pensamento que se pudesse acoimar de personalismo. Em 1814, quando o cura de Guérande insinuava ao barão du Guénic que fosse a Paris reclamar sua recompensa, a velha irmã, tão avara para com a casa, exclamou:

— Nunca! Que necessidade tem meu irmão de ir estender a mão como um indigente?

— Acreditariam que servi o rei por interesse — disse o ancião.

— De resto compete a ele lembrar-se. E, ademais, esse pobre rei está bem embaraçado com todos os que o importunam. Desse ele a França aos pedaços, e ainda lhe pediriam mais alguma coisa.

Esse leal servidor, que dedicava tanto interesse a Luís xviii, teve o posto de coronel, a cruz de São Luís e uma reforma de dois mil francos.

— O rei recordou-se — disse ele ao receber suas patentes.

Ninguém lhe dissipou o engano. O trabalho fora feito pelo duque de Feltre,[95] de acordo com o registro dos exércitos vendeanos, onde ele encontrara o nome de du Guénic, com alguns outros nomes bretãos em ic. Por isso, como que para agradecer ao rei da França, o barão sustentou em 1815[96] um assédio em Guérande contra os batalhões do general Travot, não consentindo em render essa fortaleza, e, quando foi preciso evacuá-la, refugiou-se nos matos com um grupo de *chouans*[97] que permaneceram armados até a segunda volta dos Bourbons. Guérande ainda conserva a recordação desse último assédio. Se os velhos bandos bretãos tivessem vindo, a guerra despertada por essa resistência heroica teria incendiado a Vendeia.

Somos forçados a confessar que o barão du Guénic era completamente iletrado, mas iletrado como um campônio: sabia ler, escrever e contar um pouco; conhecia a arte militar e a do brasão; mas a não ser seu livro de horas, em toda a vida não lera três volumes.

O vestuário, que não poderia ser qualquer um, era invariável e consistia em sapatos grossos, meias de pano, um calção de veludo esverdeado, um colete de pano e uma sobrecasaca de gola à qual estava presa uma cruz de São Luís.

Reinava naquele rosto uma serenidade admirável que, fazia um ano, um sono precursor da morte parecia preparar para o repouso eterno. Essas constantes sonolências, dia a dia mais frequentes, não inquietavam nem a esposa, nem a irmã cega, nem os amigos, cujos conhecimentos médicos não eram grandes. Para eles essas pausas sublimes de uma alma irrepreensível, porém fatigada, explicavam-se naturalmente: o barão cumprira seu dever. Essa palavra encerrava tudo.

Naquela pobre mansão, os interesses maiores eram destinados ao ramo despojado. O futuro dos Bourbons exilados e o da religião católica, a influência das novidades políticas na Bretanha ocupavam exclusivamente a família do barão. Não havia outro interesse mesclado a esses a não ser o devotamento de todos pelo filho único Calisto, o herdeiro, a única esperança do grande nome dos du Guénic.

O velho vendeano, o velho *chouan* tivera, poucos anos antes, como que uma volta à mocidade a fim de acostumar aquele filho aos exercícios violentos que convêm a um gentil-homem que poderia de um momento a outro ser chamado a guerrear. Assim que Calisto completou dezesseis anos, o pai acompanhara-o aos pântanos e às florestas, mostrando-lhe nos prazeres da caça os rudimentos da guerra, pregando pelo exemplo, resistente à fadiga, firme na sela, seguro dos golpes que desferia, fosse qual fosse a espécie de caçada, quer a de perseguição a cavalo e com cães, quer a de voo, intrépido em saltar os obstáculos, e incitando seu herdeiro a que afrontasse o perigo como se tivesse dez filhos a arriscar. Por isso, quando a duquesa de Berry[98] veio à França para conquistar o reino, o pai levou o filho para fazê-lo praticar a divisa do seu brasão. O barão partiu durante uma noite, sem prevenir a esposa que o teria talvez enternecido, levando o filho único para o fogo como se fosse para uma festa, e acompanhado por Gasselin, seu único vassalo, o qual o seguiu alegremente. Os três homens da família estiveram ausentes durante seis meses, sem dar notícias à

baronesa — a qual nunca lia a *Quotidienne*[99] sem tremer a cada linha — nem à velha cunhada daquela, heroicamente rígida, e cuja fronte não se franzia ao ouvir o jornal. Os três fuzis pendurados na grande sala tinham pois servido recentemente. O barão, que julgou inútil aquela revolta, abandonara a campanha antes do encontro da Penissièrre,[100] sem o que é bem possível que tivesse acabado a linhagem dos Guénic.

Quando, numa noite horrível, o pai, o filho e o servidor chegaram em casa depois de se terem despedido de *Madame*, e surpreenderam os amigos, a baronesa e a velha srta. du Guénic, a qual, pelo exercício de um sentido de que são dotados todos os cegos, reconheceu o passo dos três homens na viela, o barão contemplou o círculo formado por seus amigos inquietos em torno da pequena mesa iluminada por aquela lâmpada antiga e disse com voz trêmula, enquanto Gasselin tornava a pôr os três fuzis e os três sabres nos seus lugares, estas palavras de uma singeleza feudal:

— Nem todos os barões cumpriram seu dever.

Em seguida, depois de ter abraçado a mulher e a irmã, sentou-se na sua velha poltrona e deu ordens para que preparassem a ceia para o filho, para Gasselin e para ele. Gasselin, que se pusera em frente de Calisto, recebera no ombro um golpe de sabre — coisa tão simples que as mulheres mal lhe agradeceram. Nem o barão nem seus convivas proferiram maldições ou injúrias contra os vencedores. Esse silêncio é um dos traços do caráter bretão. Em quarenta anos jamais alguém surpreendeu uma palavra de desprezo nos lábios do barão contra seus adversários. A eles cabia fazerem seu ofício como ele cumpria seu dever. Esse silêncio profundo é o índice das vontades imutáveis.

Esse último esforço, esses clarões de uma energia que beirava o esgotamento final causaram o enfraquecimento no qual se achava o barão naquele momento. Esse novo exílio da família dos Bourbons, tão milagrosamente expulsa quão milagrosamente restabelecida, causava-lhe uma amarga melancolia.

Cerca das seis horas da tarde, no momento em que se inicia esta cena, o barão, que, segundo um velho hábito, terminara de jantar às quatro horas, acabara adormecendo ao ouvir ler a *Quotidienne*. A

cabeça recostara-se no espaldar da poltrona no canto da lareira, do lado do jardim.

IV – AS DUAS MULHERES

Junto a esse tronco nodoso da árvore antiga e em frente à lareira, a baronesa, sentada numa das velhas cadeiras, apresentava o tipo dessas criaturas adoráveis que só existem na Inglaterra, na Escócia ou na Irlanda. Somente lá nascem essas raparigas amassadas com leite, de cabeleira de ouro, cujos cachos são encaracolados por mãos de anjo, porque a luz do céu parece escorrer nas suas espirais com o ar que neles brinca.

Fanny O'Brien era uma dessas sílfides, de ternura robusta, invencível na desgraça, suave como a música de sua voz, pura como o azul de seus olhos, de uma beleza fina, elegante, bonita e dotada dessa carnação sedosa sob a mão, acariciante para o olhar, que nem o pincel nem a palavra podem pintar. Bela ainda aos quarenta e dois anos, muitos homens considerariam como uma felicidade o desposá-la, ante o aspecto dos esplendores daquele começo de outono calidamente colorido, cheio de flores e de frutos, refrescado por celestes rocios.

A baronesa segurava o jornal com uma mão cheia de covinhas, de dedos voltados para cima e cujas unhas estavam cortadas rentes como nas estátuas antigas. Semirreclinada, sem falta de graça nem afetação, na sua cadeira, com os pés para a frente a fim de aquecê-los, trazia um vestido de veludo preto, pois que o vento refrescara já fazia alguns dias.

O corpete afogado modelava ombros de um contorno magnífico, e um colo exuberante que a amamentação do filho único não pudera deformar. Seu penteado dispunha os cabelos em anéis que desciam ao longo das faces acompanhando-as de acordo com a moda inglesa. Trançada simplesmente no alto da cabeça e retida por um pente de tartaruga, essa cabeleira, em vez de uma cor indecisa, cintilava à luz como filigranas de ouro luzidio. A baronesa fazia trançar os cabelos esparsos que brincavam em sua nuca e que são um sinal de raça. Essa trança gentil, perdida na massa dos cabelos cuidadosamente levantados, permitia aos olhos seguirem com prazer a linha ondulada

pela qual seu pescoço se prendia aos seus belos ombros. Esse pequeno detalhe provava o cuidado com que ela sempre fazia sua *toilette*. Desejava alegrar os olhares daquele ancião. Que encantadora e deliciosa atenção! Quando virdes uma mulher desenvolver na vida anterior o coquetismo que as outras mulheres vão buscar num único sentimento, acreditai, é tão nobre mãe quanto nobre esposa, é a alegria e a flor do lar, compreendeu suas obrigações de mulher, tem na alma e na ternura as elegâncias do seu exterior, pratica o bem em segredo, sabe adorar sem cálculo, ama aos próximos, como ama a Deus, por eles mesmos.

Por isso parece que a Virgem do paraíso, sob cuja guarda ela vivia, tivesse recompensado sua casta mocidade, a vida santa daquela mulher junto àquele nobre ancião, cercando-a de uma espécie de auréola que a preservava dos ultrajes do tempo. Platão talvez celebrasse as alterações de sua beleza como outras tantas novas graças. Sua tez, tão branca outrora, adquirira esses tons quentes e nacarados que os pintores adoram. Sua fronte larga e bem modelada recebia com amor a luz que ali brincava em acetinados brilhos. A íris, de um azul de turquesa, cintilava sob sobrancelhas pálidas e aveludadas de extrema doçura. Suas pálpebras flexíveis e suas têmporas enternecidas convidavam para não sei que muda melancolia. Por baixo, o contorno dos olhos era de um branco pálido, semeado de fibrilas azuladas como na raiz do nariz. Este, de perfil aquilino, fino, tinha um não sei quê de régio que lembrava a origem dessa nobre moça. A boca, pura e bem desenhada, era embelezada por um sorriso fácil, ditado por uma amenidade inesgotável. Os dentes eram brancos e pequenos. Ela engrossara levemente, mas suas cadeiras delicadas e seu talhe esbelto não haviam sofrido com isso. O outono de sua beleza apresentava pois algumas flores vivazes de primavera esquecida e as ardentes riquezas do estio. Seus braços nobremente arredondados, sua pele tensa e lustrosa tinham a superfície mais fina; os contornos haviam adquirido sua plenitude. Enfim, sua fisionomia aberta, serena e levemente rosada e a pureza de seus olhos azuis, que um olhar demasiado vivo teria ferido, exprimiam a inalterável doçura, a ternura infinita dos anjos.

No outro canto da lareira, e numa poltrona, a velha irmã

octogenária, semelhante em tudo, salvo quanto ao vestuário, ao irmão, ouvia a leitura do jornal, fazendo meias de ponto de lã, trabalho para o qual a vista é inútil. Tinha os olhos cobertos por uma belida e recusava-se obstinadamente a submeter-se à operação, apesar dos insistentes pedidos da cunhada. Somente ela sabia o motivo da sua obstinação: alegava uma falta de coragem, mas a verdade é que não queria que se gastassem vinte e cinco luíses com ela. Essa quantia teria feito falta na casa. Entretanto muito desejaria ver o irmão. Esses dois velhos faziam ressaltar de modo admirável a formosura da baronesa. Que mulher não pareceria jovem e bonita entre o sr. du Guénic e a irmã? A srta. Zefirina, privada da visão, ignorava as mudanças que seus oitenta e quatro anos tinham determinado na sua fisionomia. Seu rosto pálido e encovado, que a imobilidade dos olhos brancos e sem luz fazia assemelharem-se aos de uma morta, que três ou quatro dentes salientes tornavam quase ameaçador, no qual a órbita profunda dos olhos estava cercada de tonalidades vermelhas, e onde alguns sinais de virilidade já encanecidos apareciam no queixo e nas vizinhanças da boca; aquele semblante frio, porém calmo, estava enquadrado por uma pequena touca de chita escura, pespontada como uma colcha, guarnecida de pregas de percal e atada sob o queixo por cordéis sempre um pouco ruços. Ela vestia um saiote de fazenda encorpada por cima de uma saia de piquê, verdadeiro colchão que escondia luíses duplos, e bolsas cosidas a um cinto que ela desprendia todas as noites e tornava a pôr todas as manhãs, como um vestuário. Sua blusa estava apertada no casaquinho popular da Bretanha, de fazenda igual à do saiote, enfeitada com uma gola de mil pregas, cuja lavagem era o objeto da única disputa que ela tinha com a cunhada, pois que não a queria mudar senão de oito em oito dias. Das grossas mangas algodoadas daquele casaquinho saíam dois braços dessecados porém nervosos, em cujas extremidades se agitavam duas mãos, cuja cor um pouco ruça fazia os braços parecerem brancos, como a madeira dos choupos. As mãos em forma de garras, devido à contração motivada pelo hábito de tricotar, eram como um tear para meias constantemente preparado: o fenômeno teria sido o de vê-las paradas.

De quando em quando a srta. du Guénic pegava uma das compridas

agulhas do seu tricô presa na sua gola a fim de a introduzir entre a touca e os cabelos, remexendo sua branca cabeleira. Um estranho teria rido ao ver a despreocupação com que ela repicava a agulha sem o menor receio de ferir-se. Era direita como um campanário. A majestade de seu porte podia passar por uma dessas faceirices de velho que provam ser o orgulho uma paixão necessária à vida. Tinha o sorriso alegre. Também ela cumprira seu dever.

No momento em que Fanny viu o barão adormecido, cessou a leitura do jornal. Um raio de sol ia de uma janela a outra e dividia em dois, por uma lista de ouro, a atmosfera daquela velha sala, onde ele fazia resplandecer os móveis quase negros. A luz bordava as esculturas do assoalho, borboleteava nas arcas, estendia um lençol brilhante sobre a mesa de carvalho, alegrava aquele interior escuro e suave, como a voz de Fanny punha na alma da octogenária uma música tão luminosa, tão alegre como aquele raio.

Logo os raios do sol adquiriram essas cores avermelhadas que por gradações insensíveis chegam aos tons melancólicos do crepúsculo. A baronesa engolfou-se numa dessas meditações graves, num desses silêncios absolutos que sua velha cunhada observava fazia uns quinze dias, procurando-lhes uma explicação sem ter dirigido a mais insignificante pergunta à baronesa; ela porém não deixava por isso de estudar as causas dessa preocupação à maneira dos cegos, que leem como num livro negro no qual as letras são brancas, e na alma dos quais todo som repercute como num eco divinatório.

A velha cega, sobre a qual as sombras da noite já não influíam, continuava a tricotar, e o silêncio tornou-se tão profundo que se pôde ouvir o ruído das agulhas de aço.

— Acaba de deixar cair o jornal, minha irmã, e entretanto não está dormindo — disse a velha com ar esperto.

Caíra a noite. Mariotte veio acender a lâmpada, colocou-a sobre uma mesa quadrada em frente ao fogo; depois, foi buscar a roca, o novelo de fio, uma pequena banquetta, e pôs-se no vão da janela que dava para o pátio, ocupada em fiar como todas as noites. Gasselin ainda andava pelas peças de serviço, examinando os cavalos do barão e de Calisto, vendo se tudo ia bem na estrebaria, e dando a dois belos

cães de caça a ração da noite. Os ladridos alegres dos dois animais foram o último ruído que despertou os ecos ocultos nas paredes negras daquela velha mansão. Aqueles dois cães e os dois cavalos eram o último vestígio dos esplendores da cavalaria.

Um homem de imaginação, sentado num dos degraus da escadaria exterior, que se tivesse deixado arrastar pela poesia das imagens ainda vivas naquela habitação, teria estremecido talvez ao ouvir os cães e os coices dos cavalos que relinchavam.

Gasselin era um desses pequenos bretãos curtos, grossos, atarracados, de cabeleira preta, de rosto moreno, silenciosos, lentos, teimosos como mulas, mas seguindo sempre pelo caminho que lhes foi traçado. Tinha quarenta e dois anos e fazia vinte e cinco que estava na casa. A senhorita empregara Gasselin quando este tinha quinze anos, ao ter notícia do casamento e do provável regresso do barão. Esse servidor considerava-se como parte da família: brincou com Calisto, gostava dos cavalos e dos cães da casa, falava-lhes e acariciava-os como se lhe pertencessem. Usava um blusão azul de lã com pequenos bolsos flutuantes nos quadris, um colete e calças da mesma fazenda, em qualquer estação, meias azuis e sapatos grossos e ferrados. Quando fazia demasiado frio ou em tempo de chuva punha o couro de cabra que se usa na sua terra.

Mariotte, que igualmente já passara dos quarenta anos, era como mulher o que Gasselin representava como homem. Nunca parelha foi mais igual: mesma tez, mesma estatura, mesmos olhos, pequenos, vivos e negros. Não se compreendia como Mariotte e Gasselin não se tivessem casado; talvez se tal houvesse acontecido fosse como incesto, pois pareciam irmãos. Mariotte tinha trinta escudos de ordenado e Gasselin cem francos; mas mil escudos em outro lugar não os teriam feito abandonar a casa du Guénic.

Ambos estavam sob as ordens da velha senhorinha, a qual, desde a guerra da Vendeia até a volta do irmão, tivera o hábito de dirigir a casa. Por isso, quando ela soube que o barão ia trazer uma dona de casa para o lar, ficara muito emocionada ao acreditar que teria de abandonar o cetro da casa e abdicar em favor da baronesa du Guénic, da qual seria a primeira súdita.

A srta. Zefirina teve uma agradabilíssima surpresa ao encontrar em *miss* Fanny O'Brien uma rapariga nascida para uma alta posição social, para quem os cuidados minuciosos de um lar pobre repugnavam excessivamente e que, como todas as belas almas, teria preferido o pão seco do padeiro à melhor refeição que ela tivesse sido obrigada a preparar; capaz de realizar os mais penosos deveres da maternidade, forte contra todas as privações necessárias, mas sem coragem para ocupações vulgares. Quando o barão pediu à irmã, em nome de sua tímida esposa, que dirigisse os trabalhos domésticos, a velha solteirona beijou a baronesa como a uma irmã; fez dela sua filha, adorou-a, felicíssima por poder continuar a cuidar da direção da casa, mantida com um rigor e hábitos incríveis de economia, dos quais não se apartava a não ser nas grandes ocasiões, tais como partos, alimentação da cunhada e tudo o que dizia respeito a Calisto, a criança adorada por toda a casa. Conquanto os dois criados estivessem habituados àquele regime severo e que nada fosse preciso dizer-lhes, que tivessem ademais pelos interesses dos amos mais cuidados do que pelos próprios, a srta. Zefirina estava sempre com os olhos em tudo. Sua atenção nunca se distraía, era mulher capaz de saber, sem lá subir, a espessura do montão de nozes no celeiro, e o que restava de aveia no caixão da estrebaria, sem ter de mergulhar nele o braço nervoso. Trazia na ponta de um cordel preso na cinta do casaquinho um apito de contramestre com o qual chamava Mariotte com um silvo e Gasselin com dois.

A grande felicidade de Gasselin consistia em cultivar a horta e fazer com que nela dessem belos frutos e bons legumes. Havia tão pouco serviço a fazer que sem essa cultura ele se cacetearia. Depois de cuidar dos cavalos, de manhã, ele esfregava os assoalhos e limpava as duas peças do rés do chão: tinha pouco que fazer às ordens dos patrões. Mas também na horta não era possível ver-se uma erva ruim, nem o mais insignificante inseto nocivo. Às vezes surpreendiam Gasselin imóvel, com a cabeça descoberta em pleno sol, espreitando um arganaz ou a terrível larva do besouro; depois ia correndo, com alegria infantil, mostrar aos amos o animal que o ocupara durante uma semana. Era um prazer para ele, nos dias de jejum, ir buscar peixe ao Croisic, onde

o comprava mais barato do que em Guérande.

Assim, pois, jamais família foi mais unida, nem teve mais compreensão mútua e coerência do que essa santa e nobre família. Patrões e criados parecia terem sido feitos uns para os outros. Em vinte e cinco anos não houvera entre eles perturbações, nem discórdias. Os únicos pesares foram as pequenas indisposições do menino e os únicos temores os causados pelos acontecimentos de 1814 e os de 1830. Se se faziam as mesmas coisas invariavelmente nas mesmas horas, se os manjares estavam submetidos à regularidade das estações, essa monotonia, semelhante às da natureza, variáveis pelas alternativas de sombra, chuva ou sol, era sustentada pela afeição que reinava em todos os corações, e tanto mais fecunda e benfazeja por emanar de leis naturais.

Quando terminou o crepúsculo, Gasselin entrou na sala e perguntou respeitosamente ao amo se precisavam dele.

— Podes sair ou ir deitar-te depois da oração — disse o barão despertando —, a menos que a senhora ou a sua irmã...

As duas mulheres fizeram um gesto de aquiescência. Gasselin ajoelhou-se ao ver os patrões todos de pé para se ajoelharem nas suas cadeiras, Mariotte pôs-se igualmente a rezar sobre sua banqueta. A velha srta. du Guénic disse a prece em voz alta. Quando terminou, ouviram bater à porta da vila. Gasselin foi abrir.

— Deve ser com certeza o senhor cura — disse Mariotte —, ele é quase sempre o primeiro a chegar.

Efetivamente todos reconheceram o cura de Guérande pelo ruído dos seus passos nos degraus sonoros da escada exterior.

V – TRÊS SILHUETAS BRETÃS

O cura saudou respeitosamente os três personagens, dirigindo ao barão e às duas damas algumas dessas frases de untuosa amenidade que os padres sabem modelar. Ao boa-noite distraído que lhe dirigiu a dona da casa ele respondeu com um olhar de inquisição eclesiástica.

— Estará a senhora inquieta ou indisposta, senhora baronesa? — indagou ele.

— Não, obrigada — disse ela.

O sr. Grimont, homem de cinquenta anos, de estatura mediana, sepultado na sua sotaina, da qual saíam dois sapatos grossos com fivelas de prata, apresentava acima do cabeção um rosto rechonchudo, de tez geralmente alva, porém dourada. Tinha a mão gorducha e com covinhas. Seu semblante inteiramente abacial participava ao mesmo tempo do burgomestre flamengo pela placidez da cútis e pelos tons da carne, e do campônio bretão pela cabeleira lisa e preta, pela vivacidade dos olhos castanhos, a qual entretanto era contida pelo decoro do sacerdócio. Sua alegria, semelhante à das pessoas cuja consciência é calma e pura, admitia o gracejo.

Seu ar nada tinha de inquieto, nem de rabugento como o dos pobres curas cuja existência ou poder é discutido por seus paroquianos e que em lugar de serem, segundo a expressão sublime de Napoleão, os chefes morais da população e juizes de paz naturais, são tratados como inimigos. Ao ver-se o sr. Grimont caminhando em Guérande, o mais incrédulo dos viajantes teria reconhecido o soberano daquela cidade católica; esse soberano, porém, abaixava sua superioridade espiritual ante a supremacia feudal dos du Guénic. Ele estava naquela sala como um capelão em casa de seu senhor. Na igreja, ao dar a bênção, sua mão sempre se estendia em primeiro lugar para a capela pertencente aos du Guénic, e onde a mão armada deles e a divisa estavam esculpidas no arco da abóbada.

— Eu pensei que a srta. de Pen-Hoël tivesse chegado — disse o cura, sentando-se, tomando a mão da baronesa e beijando-a. — Ela se está incomodando. Será que se contrai a moda da dissipação? Porque, vejo-o, o senhor cavaleiro está ainda esta noite nas Touches.

— Nada diga dessas visitas diante da srta. de Pen-Hoël — exclamou suavemente a solteirona.

— Ah, senhorita — respondeu Mariotte —, como quer a senhora impedir toda a cidade de dar com a língua nos dentes?

— E que é que dizem? — perguntou a baronesa.

— As moças, as comadres, toda a gente acredita estar ele apaixonado pela srta. des Touches.

— Um rapaz com o tipo de Calisto tem como ofício fazer-se amar —

disse o barão.

— Aqui está a srta. de Pen-Hoël — disse Mariotte.

A areia do pátio rangia efetivamente sob os passos discretos daquela criatura, a quem acompanhava um pequeno criado munido de uma lanterna. Ao ver o criado, Mariotte transportou as suas bugigangas para a sala grande, a fim de conversar com ele à luz da candeia de resina que ela queimava a expensas da rica e avara senhorinha, economizando por essa forma a dos seus patrões.

Essa senhorinha era uma rapariga seca e delgada, amarela como o pergaminho de um *olim*,^[101] enrugada como um lago varrido pelo vento, com olhos cinzentos, dentes grandes e salientes, mãos de homem, bastante pequena, um pouco arqueada e talvez mesmo corcunda; mas ninguém tivera a curiosidade de conhecer-lhe as perfeições ou imperfeições. Vestida no estilo da srta. du Guénic, ela movia uma quantidade de roupas e saias quando queria achar uma das duas aberturas do vestido por onde alcançava os bolsos. O mais estranho barulho de chaves e de moedas retinia então sob aquelas fazendas. Tinha sempre de um lado toda a quinquilharia das boas donas de casa e do outro a tabaqueira de prata, o dedal, o tricô e outros utensílios sonoros. Em vez da touca acolchoada da srta. du Guénic ela estava com um chapéu verde com o qual devia ir visitar seus melões; como eles, passara do verde ao alourado, e, quanto à forma, depois de vinte anos, a moda tornou a levá-lo para Paris com o nome de *bibi*. Esse chapéu confeccionava-se sob suas vistas pelas mãos das sobrinhas, com tafetá verde comprado em Guérande e com uma carcaça que ela renovava a cada cinco anos em Nantes, pois concedia-lhe a duração de uma legislatura. As sobrinhas faziam-lhe igualmente os vestidos, talhados por modelos imutáveis. Essa solteirona usava ainda a bengala de castão de bico de que se serviam as mulheres no começo do reinado de Maria Antonieta. Era da mais alta nobreza da Bretanha. Suas armas ostentavam o arminho dos antigos duques. Ela e a irmã terminavam a ilustre casa bretã dos Pen-Hoël. A irmã mais moça desposara um Kergarouët,^[102] o qual, não obstante a desaprovação da terra, acrescentara o nome de Pen-Hoël ao seu e fazia-se chamar de visconde Kergarouët-Pen-Hoël.

— O céu castigou-o — dizia a velha senhorita —; ele não tem senão filhas e o nome de Kergarouët-Pen-Hoël se extinguirá.

A srta. de Pen-Hoël possuía cerca de sete mil francos de rendas em bens de terras. Maior havia trinta e seis anos, ela mesma administrava seus bens, ia inspecioná-los a cavalo e evidenciava em tudo o caráter firme que se nota na maioria dos corcundas. Era de uma avareza admirada num raio de dez léguas e que não encontrava nenhuma censura. Tinha consigo uma única criada e aquele criadinho. Toda a sua despesa, não incluindo os impostos, não ascendia a mais de mil francos por ano. Por isso era ela alvo das adulações dos Kergarouët-Pen-Hoël, os quais passavam os invernos em Nantes e os verões na sua propriedade rural, situada à margem do Loire, abaixo de Indret. Sabiam-na disposta a dar sua fortuna e suas economias àquela das suas sobrinhas que lhe agradasse. A cada três meses, uma das quatro srtas. de Kergarouët, das quais a mais jovem tinha doze anos e a mais velha vinte, vinha passar alguns dias em casa dela.

Amiga de Zefirina du Guénic, Jaqueline de Pen-Hoël, educada na adoração das grandezas bretãs dos du Guénic, tinha desde o nascimento de Calisto formado projeto de transmitir seus bens ao cavalleiro, casando-o com uma das sobrinhas que a viscondessa de Kergarouët-Pen-Hoël devia dar-lhe. Ela pensava em tornar a comprar algumas das melhores terras dos du Guénic, reembolsando os granjeiros *engagistes*. Quando a avareza se propõe um fim, ela deixa de ser um vício, torna-se o meio de uma virtude, suas privações excessivas tornam-se oferendas contínuas, tem finalmente a grandeza da intenção oculta sob suas pequenezas. É possível que Zefirina partilhasse o segredo de Jaqueline. Talvez a baronesa, cujo espírito estava totalmente concentrado no amor pelo filho e na sua ternura pelo pai, tivesse adivinhado alguma coisa ao ver com que maliciosa perseverança a srta. de Pen-Hoël trazia consigo, todos os dias, Carlota de Kergarouët, sua favorita, a qual tinha quinze anos de idade. O cura Grimont estava certamente na confidência; ele auxiliava a solteirona a colocar bem seu dinheiro. Mas tivesse a srta. de Pen-Hoël trezentos mil francos em ouro, soma a que estavam avaliada suas economias, tivesse ela dez vezes mais terras do que as que possuía, os du Guénic não se

permitiriam uma única atenção que pudesse fazer crer à solteirona que eles pensassem em sua fortuna.

Por um sentimento de admirável orgulho bretão, Jaqueline de Pen-Hoël, feliz pela supremacia afetada por sua velha amiga Zefirina e pelos du Guénic, mostrava-se sempre honrada com a visita que a filha dos reis da Irlanda e Zefirina se dignavam fazer-lhe. Ia a ponto de ocultar cuidadosamente a espécie de sacrifício a que consentia todas as noites ao deixar seu pequeno criado queimar em casa dos du Guénic um *oribus*, nome dessa vela cor de pão de centeio que consomem em certas partes do Oeste. Por isso essa rica solteirona era a nobreza, a altivez, a grandeza personificadas.

No momento em que ledes seu retrato, uma indiscrição do abade Grimont fez saber que na noite em que o velho barão, o jovem cavalheiro e Gasselin se raspavam munidos de seus sabres e de suas escopetas para se reunirem a *Madame* na Vendaia aterrorizando com isso Fanny, causando grande alegria aos bretãos, a srta. de Pen-Hoël entregara ao barão a quantia de dez mil francos em ouro, sacrifício imenso corroborado por outros dez mil francos, produto de um dízimo recolhido pelo cura, que o velho guerrilheiro foi encarregado de oferecer à mãe de Henrique v[103] em nome dos Pen-Hoël e da paróquia de Guérande.

Entretanto ela tratava Calisto como mulher que se julgasse com direitos sobre ele; seus projetos autorizavam-na a vigiá-lo; não que professasse ideias estreitas em matéria de galanteria, pois tinha a indulgência das velhas damas do antigo regime; tinha porém horror aos costumes revolucionários. Calisto, que teria talvez ganhado em seu espírito por aventuras galantes com bretãs, perderia consideravelmente no conceito da solteirona, se se tivesse embrenhado pelo que ela chamava de novidades. A srta. de Pen-Hoël, que teria desenterrado algum dinheiro a fim de apaziguar alguma rapariga que tivesse sido seduzida, acharia ser Calisto um dissipador, se o visse guiando um tílburí ou o ouvisse falar de ir a Paris. Se acaso o tivesse surpreendido lendo revistas ou jornais ímpios, não se sabe do que ela teria sido capaz. Para a srta. de Pen-Hoël, as novas ideias eram a rotatividade das culturas perturbadas, a ruína sob o nome de

melhoramentos e métodos, enfim os bens hipotecados cedo ou tarde devido a experiências. Para ela, a prudência era o verdadeiro meio de fazer fortuna; finalmente a boa administração consistia em acumular nos celeiros o trigo mourisco, o centeio, o cânhamo, em esperar a alta, corresse embora o risco de passar por açambarcadora; em deitar-se obstinadamente sobre os seus sacos. Por um acaso singular ela realizara com frequência negócios felizes que a confirmavam nos seus princípios. Passava por ser maliciosa, entretanto não tinha espírito; tinha, porém, uma ordem de holandesa, uma prudência de gata, uma persistência de padre que, numa terra tão rotineira, equivalia ao pensamento mais profundo.

— Teremos esta noite o sr. du Halga? — perguntou a velha solteirona, tirando as mitenes de lã tricotada, depois da troca dos cumprimentos habituais.

— Sim, senhorita, eu o vi passeando sua cadela na alameda — respondeu o cura.

— Ah, nossa *mouche*[\[104\]](#) estará então animada hoje! — replicou ela. — Ontem éramos apenas quatro.

Ao ouvir a palavra *mouche*, o cura ergueu-se para ir buscar na gaveta de uma das arcas um pequeno cesto redondo de vime fino, umas fichas de marfim já amarelas como tabaco turco graças a um uso de vinte anos, e um baralho de cartas tão sebooso como o dos aduaneiros de Saint-Nazaire, que só trocam o seu cada quinze dias.

O abade voltou para dispor ele próprio na mesa as fichas necessárias a cada jogador, pôs o cesto ao lado da lâmpada, no meio da mesa, com uma presteza infantil e os modos de um homem habituado a fazer esse pequeno serviço.

Uma pancada fortemente batida, à moda dos militares, repercutiu nas profundidades silenciosas daquela velha mansão senhorial. O pequeno criado da srta. de Pen-Hoël foi abrir a porta com toda a gravidade. Não tardou em destacar-se em negro na penumbra que ainda reinava na escadaria exterior o corpo longo e seco, metodicamente trajado, de acordo com a época, do cavaleiro du Halga, antigo capitão porta-estandarte do almirante de Kergarouët.[\[105\]](#)

— Aprese-se, cavaleiro! — gritou a srta. de Pen-Hoël.

— O altar está pronto — disse o cura.

O cavaleiro era um homem de saúde periclitante, que usava flanelas por causa do reumatismo, um barrete de seda preta a fim de preservar a cabeça das brumas, um paletó interior para resguardar seu precioso busto dos ventos súbitos que esfriavam a atmosfera de Guérande. Andava sempre armado com uma bengala de junco de castão de ouro para afastar os cães que cortejavam intempestivamente sua cadela favorita. Esse homem, minucioso como uma jovem presumida, alterando-se ante qualquer obstáculo, falando baixo para poupar um resto de voz, fora um dos homens mais intrépidos e mais sábios da antiga Marinha. Fora honrado com a estima do Bailio de Suffren[106] e com a amizade do conde de Portenduère.[107] Seu belo procedimento como capitão porta-estandarte do almirante de Kergarouët estava escrito em caracteres visíveis em seu rosto lanhado de cicatrizes.

Ao vê-lo, ninguém reconheceria a voz que dominava a tempestade, o olhar que planava por sobre o mar, a coragem indomável do marujo bretão.

O cavaleiro não fumava, não praguejava; tinha a meiguice, a tranquilidade de uma rapariga, e ocupava-se de sua cadela Tisbé e dos seus pequenos caprichos com a solicitude de uma mulher velha. Dava assim a mais alta ideia de sua defunta galanteria. Não falava nunca das ações surpreendentes que tinham causado admiração ao conde d'Estaing.[108] Embora tivesse uma atitude de inválido e caminhasse como se temesse a cada passo esborrachar ovos, embora se queixasse da frescura da brisa, do ardor do sol, da umidade da bruma, mostrava dentes brancos encravados em gengivas vermelhas que tranquilizavam quanto à sua doença, de resto um pouco dispendiosa, porquanto consistia em fazer quatro refeições de abundância monástica. Seu arcabouço, como o do barão, era ossudo e de força indestrutível, recoberto por um pergaminho e colocado aos ossos como o couro de um cavalo árabe sobre os nervos que parecem reluzir ao sol. Sua cútis conservara uma coloração morena, devido às suas viagens às Índias, das quais não trouxera nem uma ideia nem uma história. Emigrara, perdera a fortuna, depois tornou a encontrar a cruz de São Luís e uma pensão de dois mil francos legitimamente devida aos seus serviços e

paga pelos cofres dos inválidos da Marinha. A ligeira hipocondria, que lhe fazia inventar mil males imaginários, explicava-se facilmente pelos seus padecimentos durante a emigração. Servira na Marinha russa até o dia que o imperador Alexandre quis empregá-la contra a França, apresentou então sua demissão e foi viver em Odessa junto ao duque de Richelieu,[109] com quem regressou, o qual fez liquidar a pensão devida àquele destroço glorioso da antiga Marinha bretã. Por ocasião da morte de Luís xviii, época em que voltou para Guérande, o cavaleiro du Halga tornou-se *maire*[110] da cidade.

O cura, o cavaleiro, a srta. de Pen-Hoël tinham, fazia quinze anos, o hábito de passar os serões no solar du Guénic, onde vinham igualmente alguns nobres personagens da cidade e da região. Cada leitor adivinha facilmente nos du Guénic os chefes do pequeno Faubourg Saint-Germain[111] da circunscrição, onde não penetrava nenhum dos membros da administração mandada pelo novo governo. Fazia seis anos que o cura tossia no ponto crítico do *Domine, salvum fac regem*. [112] A política assim permanecia em Guérande.

VI – SERÃO NORMAL

A *mouche* é um jogo que se joga com cinco cartas, e uma virada na mesa. A virada determina o trunfo. A cada jogada o parceiro tem liberdade de se abster ou arriscar-se. Abstendo-se, perde somente a aposta obrigatória, porque, enquanto não há *remises* no cesto, cada jogador aposta uma quantia pequena. Ao jogar, o jogador tem de fazer uma vaza, a qual é paga em cotas proporcionais à parada. Se há cinco soldos na cesta a vaza vale um soldo. O jogador que não fez vaza é posto na *mouche*: tem de pagar toda a aposta, que engrossa o cesto na dada de cartas seguinte. Inscrevem-se as *mouches* devidas; são postas sucessivamente no cesto por ordem de capital, primeiro as maiores, depois as menores. Os que renunciam a jogar, jogam as cartas durante a parada, mas são consideradas como nulas. As cartas que sobram do baralho são trocadas, como no *écarté*, mas por ordem de prioridade. Cada um pede tantas cartas quantas quizer, de modo que a mão e o seguinte poderão entre os dois ficar com as sobras do baralho. O trunfo

de mostra pertence ao que dá cartas, o qual é então o último; ele tem o direito de trocá-lo por uma das cartas do seu jogo. Há uma carta terrível que vale mais do que todas as outras, chama-se *Mistigris*. *Mistigris* é o valete de paus. Esse jogo, excessivamente simples, não é despido de interesse. A cupidez natural do homem desenvolve-se nele do mesmo modo que as sutilezas diplomáticas e as mutações fisionômicas. Na casa do Guénic, cada um dos jogadores recebia vinte fichas e ficava responsável por cinco soldos, o que elevava a quantia total da aposta a cinco *liards*[113] por jogada, importância respeitável aos olhos dessa parceria. Admitindo-se uma sorte fantástica, era possível ganhar cinquenta soldos, capital que, em Guérande, ninguém gastava num dia. Por isso a srta. de Pen-Hoël jogava esse jogo, cuja inocência não é sobrepujada na nomenclatura da Academia senão pela da *Batalha*,[114] com uma paixão igual à dos caçadores numa grande caçada. A srta. Zefirina que ia a meias no jogo da baronesa, não atribuía menor importância à *mouche*. Arriscar um *liard* para ter a possibilidade de ganhar cinco, à cada jogada, constituía para a velha entesourada uma imensa operação financeira, na qual ela punha tanta ação interior quanto o mais ávido especulador põe durante o curso da Bolsa na alta e na baixa das rendas.

Por uma convenção diplomática, datada de setembro de 1825, depois de um serão no qual a srta. de Pen-Hoël perdeu trinta e sete soldos, o jogo cessava assim que um dos jogadores manifestasse esse desejo, depois de ter dissipado dez soldos. A cortesia não permitia que se causasse a um jogador o pequeno pesar de jogarem a *mouche* sem que ele tomasse parte nela. Todas as paixões porém têm seu jesuitismo. O cavaleiro e o barão, esses dois políticos, tinham achado meio de esquivar-se ao cumprimento da lei orgânica. Quando todos os jogadores desejavam vivamente prolongar uma partida emocionante, o intrépido cavaleiro do Halga, um desses rapazes ricos e pródigos das despesas que não fazem, oferecia sempre dez fichas à srta. de Pen-Hoël ou a Zefirina, quando uma delas, ou ambas, tinham perdido seus cinco soldos, com a condição de restituí-los no caso de ganharem. Um velho solteirão podia permitir-se essa galanteria para com as senhorinhas. O barão também oferecia dez fichas às duas velhas solteironas, sob o

pretexto de continuarem a partida. As duas avarentas sempre aceitavam, não sem fingirem opor algumas dificuldades, de acordo com os usos e costumes das raparigas. Para se entregarem a essa prodigalidade, o barão e o cavaleiro deviam ter ganho, sem o que esse oferecimento tomaria o caráter de uma ofensa.

A *mouche* era brilhante quando uma srta. Kergarouët sem mais nada estava de passagem em casa da tia porque, ali, os Kergarouët jamais se tinham podido fazer chamar Kergarouët-Pen-Hoël por ninguém, nem mesmo pelos criados, os quais a esse respeito tinham ordens formais. A tia mostrava à sobrinha o jogo da *mouche* em casa dos du Guénic como um prazer insigne. A pequena recebia ordem de ser amável, coisa bastante fácil, quando via o belo Calisto, que era a paixão das quatro srtas. de Kergarouët. Essas jovens criaturas, educadas em plena civilização moderna, pouco ligavam a cinco soldos e faziam *mouche* sobre *mouche*. Havia então *mouches* inscritas, cujo total alcançava às vezes cem soldos e eram escalonadas desde dois soldos e meio até meio franco. Eram serões de grande emoção para a velha cega. As vazas em Guérande eram designadas *mãos*. A baronesa fazia em cima do pé da cunhada um número de pressões igual ao número de vazas que, pelo seu jogo, lhe pareciam seguras. Jogar ou não jogar, segundo as ocasiões em que o cesto estava cheio, acarretava discussões íntimas, nas quais a cupidez lutava contra o medo. Perguntavam uns aos outros: “Vai?”, manifestando sentimentos de inveja contra os que tinham jogo suficientemente bom para tentar a sorte, e sentimentos de desespero, quando era forçoso abster-se. Se Carlota de Kergarouët, geralmente tachada de louca, era feliz nas suas audácias, ao regressarem à casa, a tia, quando não tinha ganho, tratava-a com frieza e lhe fazia algumas admoestações: que ela era demasiado resoluta nos seus modos; que uma jovem não devia enfrentar desafiadoramente gente respeitável; que ela segurava o cesto ou ia para o jogo de um modo insolente; que os costumes de uma moça exigiam um pouco mais de reserva e de modéstia; que não se devia rir da desgraça alheia etc. Os eternos gracejos e que eram repetidos mil vezes por ano, mas que eram sempre novos, rolavam a respeito do modo de atrelar o cesto, quando ele estava muito carregado. Falavam

em atrelar bois, elefantes, cavalos, asnos, cães. Depois de vinte anos, ninguém se apercebia dessas repetições. O dito provocava sempre o mesmo sorriso. O mesmo acontecia com os termos que o pesar de verem ganhar um cesto cheio ditava aos que o tinham engordado sem nada recolher.

As cartas eram dadas com uma lentidão automática. Conversava-se, discutindo. Esses dignos e nobres personagens tinham a adorável pequenez de desconfiar uns dos outros no jogo. A srta. de Pen-Hoël quase sempre acusava o cura de trapaça, quando ele ganhava um cesto.

— É singular — dizia então o cura — que eu não faça trapaça quando entro na *mouche*.

Ninguém soltava sua carta no pano verde sem cálculos profundos, sem olhares espertos e palavras mais ou menos astuciosas, sem observações engenhosas e finas. As jogadas, já podeis imaginar, eram entremeadas de narrativas a propósito dos acontecimentos sucedidos na cidade, ou por discussões sobre os negócios públicos. Com frequência os jogadores ficavam até um quarto de hora com as cartas em leque apoiadas contra o estômago, ocupados em conversar. Se, em consequência dessas interrupções, dava-se com a falta de uma ficha no cesto, todos asseguravam ter posto a sua. Quase sempre o cavaleiro completava a aposta, acusado por todos de estar pensando nos seus sinos nos ouvidos, na sua cabeça, nos seus duendes, e de esquecer de pôr a aposta. Quando o cavaleiro punha a ficha, a velha Zefirina ou a maliciosa corcunda sentiam-se presas de remorsos: imaginavam então que talvez uma delas não a tivesse posto, pensavam que sim, duvidavam; mas afinal o cavaleiro era bastante rico para suportar essa pequena desgraça. Muitas vezes o barão não sabia mais o que pensar, quando falavam nos infortúnios da casa real.

Algumas vezes surgia um resultado sempre surpreendente para essas pessoas que, todas, contavam com o mesmo lucro. Depois de um certo número de partidas, cada um tinha recuperado suas flechas e se ia, por já ser tarde, sem lucros nem perdas, mas não sem emoção. Nesses cruéis serões erguiam-se queixas contra a *mouche*: a *mouche* não estivera picante; os jogadores acusavam a *mouche* como os negros fustigam a lua na água, quando o tempo é contrário. O serão era

considerado incolor. Trabalhara-se muito para muito pouco. Quando em sua primeira visita, o visconde e a viscondessa de Kergarouët falaram em uíste e em bóston como sendo jogos mais interessantes do que a *mouche*, e foram encorajados, para que os ensinassem, pela baronesa, a quem a *mouche* aborrecia excessivamente, a sociedade da mansão du Guénic prestou-se a isso, não sem alguns protestos contra essas inovações; mas foi impossível fazer compreender esses jogos, os quais, uma vez saídos os Kergarouët, foram classificados de quebra-cabeças, de trabalhos algébricos, de dificuldades inauditas. Todos preferiam a querida *mouche*, a pequena e agradável *mouche*. A *mouche* triunfou dos jogos modernos como por toda a parte na Bretanha triunfam as coisas antigas sobre as novas.

Enquanto o cura dava as cartas, a baronesa fazia ao cavaleiro du Halga as mesmas perguntas que já lhe fizera na véspera sobre a sua saúde. Para o cavaleiro era um ponto de honra ter novos achaques. Se as perguntas se assemelhavam, o capitão porta-estandarte tinha uma vantagem singular nas suas respostas. Hoje eram as falsas costelas que o tinham incomodado. Coisa notável, esse digno cavaleiro nunca se queixava dos seus ferimentos. Tudo o que era sério, ela já o esperava, conhecia-o; as coisas fantásticas, porém, as dores de cabeça, os cães que lhe comiam o estômago, os sinos que lhe badalavam nos ouvidos e mil outros duendes inquietavam-no horripelantemente; apresentava-se como incurável, e com tanto mais razão por não conhecerem os médicos nenhum remédio contra males inexistentes.

— Parece-me que ontem o senhor tinha formigueiros nas pernas? — disse o cura com ar grave.

— Aquilo salta — respondeu o cavaleiro.

— Como, das pernas às falsas costelas? — indagou a srta. Zefirina.

— Não se detiveram em caminho — disse a srta. de Pen-Hoël sorrindo.

O cavaleiro curvou-se gravemente, fazendo um gesto negativo passavelmente engraçado, que teria provado a um observador que, na sua mocidade, o marujo fora espiritoso, amante e amado. Talvez que sua vida fóssil em Guérande ocultasse muitas recordações. Quando ele se firmava estupidamente nas suas pernas de garça real, ao sol, na

alameda, olhando o mar ou as correrias de sua cadela, talvez revivesse no paraíso terrestre de um passado fértil em recordações.

— Aí temos o velho duque de Lenoncourt[115] morto — disse o barão recordando a passagem em que ficou a esposa na leitura da *Quotidienne*. — Vamos, o primeiro gentil-homem da câmara do rei não tardou em reunir-se ao seu senhor.[116] Breve também irei.

— Meu amigo, meu amigo! — disse-lhe a mulher, dando palmadas suaves na mão ossuda e calosa do marido.

— Deixe-o falar, minha irmã — disse Zefirina —; enquanto eu estiver em cima, ele não estará embaixo, pois é mais moço do que eu.

Um sorriso alegre bailou nos lábios da velha solteirona. Quando o barão deixava escapar uma reflexão desse gênero, os jogadores e as visitas se entreolhavam emocionadas, inquietas pela tristeza do rei de Guérande. Os personagens vindos para vê-lo diziam uns aos outros ao se retirarem: “O sr. du Guénic estava triste. Viu como ele dorme?”. E no dia seguinte toda Guérande falava desse acontecimento.

“O Barão du Guénic se está apagando!”

Essa frase iniciava as conversações em todas as casas.

— Tisbé vai bem? — perguntou a srta. de Pen-Hoël ao cavaleiro logo que as cartas foram dadas.

— Essa pobrezinha é como eu — respondeu o cavaleiro —, ela tem os nervos em mau estado, constantemente, quando corre, ela levanta uma patinha, olhe, assim!

Para imitar a cadela e crispar um dos braços ao erguê-lo o cavaleiro deixou que a vizinha, a corcunda, lhe visse o jogo, a qual queria saber se ele tinha trunfos ou o Mistigris. Era uma primeira esperteza à qual ele sucumbiu.

— Oh — disse a baronesa —, a ponta do nariz do senhor cura está branca, sinal de que ele tem o Mistigris!

Era tão intenso no cura o prazer de ter o Mistrigris, bem como nos demais parceiros, que o pobre padre não o sabia ocultar.

Há em todo semblante humano um lugar onde os movimentos secretos do coração se traem, e essas pessoas, habituadas a se observar, tinham acabado, ao cabo de alguns anos, por descobrir o ponto fraco do cura: quando ele tinha o Mistigris, a ponta do nariz ficava branca.

Ninguém então se metia na jogada.

— Teve visitas hoje em sua casa? — perguntou o cavaleiro à srta. de Pen-Hoël.

— Sim, um dos primos do meu cunhado. Surpreendeu-me com a notícia do casamento da sra. condessa de Kergarouët,[117] srta. de Fontaine, em solteira.

— Uma filha de Grand-Jacques![118] — exclamou o cavaleiro.

— A condessa é herdeira dele, desposou um antigo embaixador. Ele contou-me as coisas mais singulares a respeito da nossa vizinha, a srta. des Touches, mas tão singulares que não as quero crer, pois, se fossem verdade, Calisto não seria tão assíduo em casa dela, porque ele tem suficiente bom-senso para perceber tais monstruosidades.

— Monstruosidades? — disse o barão despertado por essa palavra.

A baronesa e o cura trocaram um olhar de inteligência.

As cartas tinham sido dadas, a velha solteirona tinha o Mistigris, não quis continuar aquela conversação, feliz por ocultar sua alegria, graças à estupefação geral causada por aquela palavra.

— Toca-lhe jogar, senhor barão — disse ela pigarreando.

— Meu sobrinho não é desses rapazes que gostam das monstruosidades — disse Zefirina, remexendo os cabelos.

— Mistigris! — bradou a srta. de Pen-Hoël, a qual não respondeu à amiga.

O cura, que parecia informado de todo o caso de Calisto e da srta. des Touches, não tomou parte na discussão.

— Que faz de extraordinário a srta. des Touches? — perguntou o barão.

— Ela fuma — disse a srta. de Pen-Hoël.

— Isso é muito sadio — disse o cavaleiro.

— Para as terras dela? — perguntou o barão.

— As terras dela? — replicou a solteirona. — Ela as devora.

— Todas foram na parada, todas estão na *mouche*, tenho o rei, a dama, o valete de trunfo, Mistigris e um rei — disse a baronesa. — É nosso o cesto, minha irmã.

Esse golpe, ganho sem jogar, aterrorizou a srta. de Pen-Hoël, a qual deixou de se ocupar de Calisto e da srta. des Touches. Às nove horas

não estavam mais na sala senão a baronesa e o cura. Os quatro velhos se haviam ido deitar. O cavaleiro, segundo seu hábito, fora acompanhar a srta. de Pen-Hoël até a casa, localizada na praça de Guérande, fazendo comentários sobre a finura da última jogada, sobre a maior ou menor dose de sorte dos dois, ou sobre o prazer sempre renovado com que a srta. Zefirina mergulhava seus lucros no bolso, porquanto a velha cega não reprimia mais em seu rosto a expressão dos seus sentimentos. A preocupação da sra. du Guénic foi o assunto da conversação. O cavaleiro notara as distrações da encantadora irlandesa. Na soleira da porta de sua casa, depois que o pequeno criado subiu, a velha solteirona respondeu confidencialmente às conjecturas feitas pelo cavaleiro du Halga sobre o aspecto extraordinário da baronesa com esta frase, prenhe de interesse:

— Conheço a causa de tudo isto. Calisto está perdido, se não o casarmos prontamente. Ele ama a srta. des Touches, uma comediante.

— Nesse caso mande vir Carlota.

— Amanhã minha irmã receberá minha carta — disse a srta. de Pen-Hoël, saudando o cavaleiro.

Imaginaí por esse serão normal o alarido que podia produzir no interior dos lares de Guérande a chegada, a permanência, a partida ou somente a passagem de um estranho.

VII – CALISTO

Quando não se ouviu mais barulho, nem no quarto do barão, nem no da irmã, a sra. du Guénic olhou o padre, que estava brincando pensativamente com as fichas.

— Percebi que o senhor partilhou finalmente de minhas preocupações sobre Calisto — disse-lhe ela.

— Viu o ar afetado da srta. de Pen-Hoël esta noite? — perguntou o cura.

— Sim — respondeu a baronesa.

— Ela tem, estou certo disso, as melhores intenções para com o nosso querido Calisto — disse o cura —, ela o acarinha como se fosse o seu próprio filho; e o procedimento dele na Vendeia, ao lado do pai, os

louvoures que *Madame* fez do seu devotamento aumentaram a afeição que a srta. de Pen-Hoël lhe tributava. Ela assegurará por doação entre vivos toda a sua fortuna àquela das suas sobrinhas que Calisto desposar. Sei que a senhora tem na Irlanda um partido muito mais rico para o nosso querido Calisto; mas é preferível termos duas cordas no nosso arco. No caso em que sua família não se encarregasse do futuro de Calisto, a fortuna da srta. de Pen-Hoël não é de desdenhar. A senhora sempre achará para esse querido rapaz um partido de sete mil francos de renda; mas não encontrará economias de quarenta anos, nem propriedades rurais administradas, edificadas, reparadas, como o são as da srta. de Pen-Hoël. Essa mulher ímpia, essa srta. des Touches veio estragar umas quantas coisas! Teve-se por fim informações a respeito dela.

— E então? — disse a mãe.

— Oh, uma mulher à-toa, uma meretriz! — exclamou o cura —, uma mulher de costumes equívocos, ocupada com coisas do teatro, frequentando comediantes dos dois sexos, devorando sua fortuna com foliculários, pintores, músicos, numa palavra, a sociedade do diabo! Para escrever seus livros ela usa um nome falso pelo qual é mais conhecida do que pelo de Felicidade des Touches. Uma verdadeira farsista que desde sua primeira comunhão não entrou numa igreja senão para ver quadros ou estátuas. Gastou a fortuna fazendo decorar Touches do modo mais inconveniente, a fim de fazer dele um paraíso de Maomé onde as huris não são mulheres. Durante uma estada dela na sua propriedade, bebe-se lá mais vinhos finos do que em Guérande durante um ano. As srts. Boungniol hospedaram no ano passado uns homens de barba de bode, suspeitos de serem Azuis,^[119] os quais iam à casa dela e cantavam canções ímpias de fazer corar e chorar essas virtuosas raparigas. Eis a mulher que presentemente o senhor cavaleiro adora! Se essa criatura desejasse ter esta noite um desses livros infames nos quais os ateus de hoje zombam de tudo, o cavaleiro viria ele mesmo selar seu cavalo e partiria a todo galope para Nantes, a fim de trazer-lho. Não sei se Calisto faria outro tanto para a Igreja. Finalmente, essa bretã não é realista. Se fosse preciso ir dar uns tiros de espingarda pela boa causa, e a srta. des Touches, ou seja, o sr.

Camille Maupin — lembro-me agora do nome — quisesse conservar Calisto junto a ela, o cavaleiro deixaria o seu velho pai ir sozinho.

— Não — disse a baronesa.

— Eu não desejaria pô-lo à prova, pois isso fá-la-ia sofrer muito — retorquiu o cura. — Guérande em peso está transtornada com a paixão do cavaleiro por aquela anfíbia que não é nem homem, nem mulher, que fuma como um hussardo, escreve como um jornalista e hospeda em sua casa, neste momento, o mais venenoso de todos os escritores, no dizer do diretor dos correios, esse meio-termo que lê os jornais. Fala-se disso em Nantes. Esta manhã, esse primo dos Kergarouët que desejaria fazer Carlota desposar um homem de sessenta mil francos de renda veio ver a srta. Pen-Hoël e virou-lhe a cabeça com histórias sobre a srta. des Touches que duraram sete horas. Estão dando dez horas menos um quarto no campanário e Calisto não chega; ele está nas Touches, e é capaz de não voltar senão de manhã.

A baronesa ouvia o cura, o qual substituíra o monólogo ao diálogo sem se aperceber; olhava para a sua ovelha, em cuja fisionomia se liam sentimentos inquietos. A baronesa corava e tremia. Quando o abade Grimont viu rolares lágrimas dos belos olhos daquela mãe aterrorizada, ficou enternecido.

— Amanhã verei a srta. de Pen-Hoël, tranquilize-se — disse ele com voz consoladora. — O mal não é talvez tão grande como dizem, eu saberei a verdade. De resto a srta. Jaqueline tem confiança em mim. Ademais Calisto é nosso discípulo e não se deixará enfeitiçar pelo demônio. Ele não vai querer perturbar a paz de que a família goza nem estragar os planos que formamos para seu futuro. Por isso, senhora, não chore, tudo não está perdido; uma falta não é o vício.

— O senhor não me comunica senão detalhes — disse a baronesa. — Não fui eu a primeira a me dar conta da mudança operada em Calisto? Uma mãe sente muito vivamente a dor de não estar mais senão em segundo lugar no coração do filho, ou o pesar de não estar mais sozinha ali. Essa fase da vida do homem é um dos sofrimentos da maternidade; mas, embora esperando por isso, não pensei que fosse tão cedo. Enfim, meu desejo seria que ao menos ele pusesse no coração uma criatura nobre e bela, e não chocarreira, uma farsista, uma mulher

de teatro, um autor acostumado a fingir sentimentos, uma mulher perversa que o enganará e o fará infeliz. Ela teve aventuras... ?

— Com vários homens — disse o abade Grimont. — E entretanto essa ímpia nasceu na Bretanha! Ela desonra sua terra. Domingo farei um sermão a respeito.

— Do que Deus o livre! — disse a baronesa. — Os salineiros, os campônios seriam capazes de ir às Touches. Calisto é digno do seu nome, é bretão, poderia acontecer alguma desgraça se ele estivesse lá, porque ele a defenderia como se se tratasse da Virgem Santa.

— São dez horas, desejo-lhe uma boa noite — disse o abade Grimont, acendendo a vela de resina da seca lanterna, cujos vidros eram límpidos e os metais brilhantes, o que revelava os cuidados minuciosos de sua governanta para tudo o que dizia respeito aos afazeres domésticos. — Quem me diria, senhora, que um rapaz criado pela senhora, educado por mim nas ideias cristãs, um católico fervoroso, uma criança que vivia como um cordeiro sem mácula, iria mergulhar em semelhante lamaçal?

— Será então mesmo certo — disse a mãe. — Mas como poderá uma mulher não amar Calisto?

— Não são precisas mais provas do que a estada dessa feiticeira nas Touches. Desde que ela é maior, e faz disso vinte e quatro anos, é a temporada mais prolongada que ela aqui permanece. Felizmente para nós, suas aparições duravam pouco.

— Uma mulher de quarenta anos! — disse a baronesa. — Ouvi dizer na Irlanda que uma mulher dessa espécie é a mais perigosa amante para um rapaz.

— Nisso sou um ignorante — respondeu o cura. — Morrerei mesmo na minha ignorância.

— Ai de mim! E eu também — lamentou-se ingenuamente a baronesa. — Eu quisera ter sentido o verdadeiro amor para observar, aconselhar e consolar Calisto.

O cura não atravessou sozinho o pequeno pátio bem limpinho; a baronesa acompanhou-o até a porta, esperando ouvir os passos de Calisto em Guérande; entretanto nada ouviu além do ruído pesado do andar prudente do padre, o qual acabou por enfraquecer pela distância

e cessou quando, no silêncio da cidade, a porta do presbitério reboou ao fechar-se. A pobre mãe entrou em casa, desolada ao ver que a cidade estava a par daquilo que ela julgava ser a única a saber. Sentou-se, reavivou a mecha da lâmpada, cortando-a com uma tesoura velha, e começou a trabalhar no bordado a mão que estava fazendo enquanto aguardava Calisto. A baronesa tinha assim a esperança de forçar o filho a voltar mais cedo, a passar menos tempo em casa da srta. des Touches. Esse cálculo do ciúme materno era inútil.

Dia a dia as visitas de Calisto às Touches tornavam-se mais frequentes e cada noite ele voltava mais tarde; finalmente, na véspera, o cavaleiro só regressara à meia-noite. A baronesa, imersa na sua meditação maternal, dava os pontos com a atividade das pessoas que pensam ao fazer algum trabalho manual. Quem a visse inclinada ao clarão daquela lâmpada, sob os lambris quatro vezes centenários daquela sala, admiraria aquele sublime retrato. Fanny tinha uma tal transparência de carnação, que se poderiam ler-lhe os pensamentos na fronte. Ora, espicaçada pelas curiosidades que surgem nas mulheres puras, ela a si mesma perguntava que segredos diabólicos possuiriam essas filhas de Baal para tanto seduzir os homens e fazê-los esquecer mãe, família, pais, interesse. Por vezes chegava a ter desejo de encontrar aquela mulher a fim de julgá-la de modo são. Media a extensão dos estragos que o espírito inovador do século, pintado pelo cura como tão perigoso para as almas jovens, devia causar no seu filho único, até aquela época tão cândido, tão puro como uma jovem inocente, da qual também possuía a beleza e a frescura.

Calisto, esse magnífico rebento da mais velha raça bretã e do mais nobre sangue irlandês, fora cuidadosamente educado pela mãe. Até o momento em que a baronesa o entregou ao cura de Guérande, ela tinha certeza de que nenhuma palavra impura, nenhuma ideia má tinham poluído os ouvidos e o espírito do filho. A mãe, depois de o ter alimentado com o seu leite, depois de lhe haver dado assim duas vezes seu sangue, pôde apresentá-lo num candor de virgem ao pastor, o qual, por veneração por aquela família, prometera dar-lhe uma educação completa e cristã. Calisto teve o ensino do seminário, onde o abade Grimont fizera seus estudos. A baronesa ensinou-lhe o inglês.

Acharam, não sem dificuldade, um professor de matemática entre os funcionários de Saint-Nazaire. Calisto ignorava necessariamente a literatura moderna, a marcha e os progressos atuais das ciências. Sua instrução limitara-se à geografia e à história circumspecta dos internatos de meninas, ao latim e ao grego dos seminários, à literatura das línguas mortas e a uma escolha restrita de autores franceses. Quando, aos dezesseis anos, começou isso que o abade Grimont denominava sua filosofia, ele não era menos puro do que no momento em que Fanny o entregara ao cura. A Igreja foi tão maternal como a mãe. Sem ser devoto, nem ridículo, o adorado rapaz era um católico fervoroso. Para esse filho tão belo, tão cândido, a baronesa queria arranjar uma vida feliz e obscura. Ela esperava alguma herança, duas ou três mil libras esterlinas de uma velha tia. Essa quantia, junto à fortuna atual dos du Guénic, poderia permitir-lhe achar para Calisto uma esposa que lhe trouxesse doze ou quinze mil francos de renda. Carlota de Kergarouët, com a fortuna da tia, uma rica irlandesa ou outra qualquer herdeira pareciam indiferentes à baronesa: ela ignorava o amor; como todas as pessoas que a cercavam, ela via no casamento um meio de fazer fortuna. Para essas almas católicas, para essa gente velha exclusivamente preocupada com a própria salvação, com Deus, com o rei, com a riqueza, a paixão era desconhecida. Ninguém se admirará pois da gravidade dos pensamentos que serviam de acompanhamento aos sentimentos feridos no coração daquela mãe, que vivia tanto pelos interesses como pela ternura do filho. Se o jovem casal pudesse ouvir a voz da sabedoria, os du Guénic, na segunda geração, vivendo privações, economizando como se sabe economizar na província, poderiam readquirir suas terras e reconquistar o esplendor da riqueza. A baronesa almejava uma velhice prolongada, a fim de ver raiar a aurora do bem-estar. A srta. du Guénic compreendera e adaptara esse plano posto agora em xeque pela srta. des Touches.

A baronesa ouviu com pavor soar a meia-noite; concebeu terrores horríveis durante uma hora, porquanto a pancada de uma hora repercutiu ainda no campanário sem que Calisto tivesse chegado.

— Ficaré ele lá? — perguntou a si mesma. — Seria a primeira vez.

Pobre filho.

Nesse momento, o passo de Calisto animou a viela. A pobre mãe, em cujo coração a alegria sucedia à inquietude, voou da sala à porta e abriu-a para o filho.

— Oh — exclamou Calisto com ar pesaroso —, por que me esperaste, querida mãe? Eu tenho a chave do trinco e um isqueiro.

— Bem sabes, meu filho, que me é impossível dormir enquanto estás fora — disse ela abraçando-o.

Quando a baronesa entrou na sala, olhou o filho para adivinhar, segundo a expressão da fisionomia, os acontecimentos da noite; ele, porém, causou-lhe, como sempre, essa emoção que o hábito não enfraquece, que todas as mães amantes experimentam à vista da obra-prima humana que elas fizeram e que sempre lhes perturba a vista por um instante.

Excetuando os olhos negros cheios de energia e de sol que herdara do pai, Calisto tinha belos cabelos louros, o nariz aquilino, a boca adorável, os dedos arqueados, a tez suave, a delicadeza, a brancura da mãe. Conquanto ele se assemelhasse muito a uma rapariga disfarçada de homem, tinha uma força hercúlea. Seus músculos tinham a flexibilidade e o vigor de molas de aço, e a singularidade de seus olhos negros não deixava de ter seu encanto.

Não lhe nascera ainda a barba. Esse atraso anuncia, dizem, uma grande longevidade. O cavaleiro, trajando uma sobrecasaca curta de veludo preto, igual ao do vestido da mãe, e guarnecida de botões de prata, trazia um lenço de pescoço azul, bonitas polainas e uma calça de cetim acinzentado. Sua fronte alva como a neve parecia marcada com os traços de uma grande fadiga e não acusava entretanto, senão o peso de pensamentos tristes. Incapaz de suspeitar os pesares que devoravam o coração de Calisto, a mãe atribuía à felicidade aquela alteração passageira. Não obstante, Calisto era belo como um deus grego, mas belo sem fatuidade; primeiro por estar acostumado a ver a mãe, e depois porque pouco se preocupava com uma beleza que sabia inútil.

“Essas belas faces tão puras”, pensou ela, “nas quais o sangue jovem e rico irradia em mil retículos, pertencem pois a uma outra mulher, senhora igualmente daquela fronte de moça? A paixão aí porá mil

desordens e embaciara esses belos olhos, úmidos como os das crianças.”

Esse pensamento amargo apertou o coração da baronesa e perturbou o seu prazer. Aos que sabem fazer cálculos deve parecer extraordinário que, numa família de seis pessoas, obrigadas a viver com três mil francos de renda, o filho tivesse sobrecasaca de veludo e a mãe um vestido da mesma fazenda; Fanny O'Brien tinha, porém, tias e parentes ricos em Londres que se faziam lembrar pela bretã por meio de presentes. Várias irmãs suas, que tinham casamentos ricos, interessavam-se vivamente por Calisto, a ponto de pensar em conseguir-lhe uma herdeira, por sabê-lo belo e nobre, tanto como Fanny, sua favorita exilada, era bela e nobre.

— Você ficou mais do que ontem nas Touches, meu bem-amado — disse por fim a mãe com voz comovida.

— Sim, querida mãe — respondeu ele sem dar explicação. A secura dessa resposta atraiu nuvens sobre a fronte da baronesa, a qual deixou a explicação para o dia seguinte. Quando as mães concebem as inquietações que a baronesa sentia naquele momento, quase tremem ante os filhos, sentem instintivamente os efeitos da grande emancipação do amor, compreendem tudo o que esse sentimento lhes vai arrebatara; mas têm ao mesmo tempo alguma alegria em saber os filhos felizes; há como que uma batalha no coração delas. Embora o resultado seja o filho crescido, tornado superior, as verdadeiras mães não amam essa tácita abdicação; elas preferem o filho pequeno e protegido. Está nisso talvez o segredo da predileção das mães pelos filhos fracos, defeituosos ou infelizes.

— Estás cansado, querido filho, deita-te — disse ela, retendo as lágrimas.

Uma mãe que não sabe tudo o que o filho faz julga tudo perdido, quando ama tanto e é tão amada como Fanny. Outra mãe, de resto, teria talvez tremido tanto quanto a sra. du Guénic. A paciência de vinte anos podia ter se tornado inútil. Aquela obra-prima humana da educação nobre, sapiente e religiosa, Calisto, podia ser destruída; a felicidade de sua vida tão bem preparada podia ser arruinada para sempre por uma mulher.

No dia seguinte Calisto dormiu até o meio-dia, porque a mãe proibiu que o acordassem; e Mariotte serviu ao filho mimado o almoço na cama. As regras inflexíveis e quase conventuais que regiam as horas das refeições cediam aos caprichos do cavaleiro. Por isso, quando queriam arrancar da srta. du Guénic seu molho de chaves para dar, fora das horas das refeições, alguma coisa que teria necessitado explicações intermináveis, não havia outro meio senão pretextar uma fantasia de Calisto. Cerca da uma hora, o barão, sua esposa e a senhorita estavam reunidos na sala, porque jantavam às três horas. A baronesa pegara outra vez a *Quotidienne* e terminava a leitura para o marido, sempre um pouco mais desperto antes das refeições. No momento em que a sra. du Guénic ia terminar sua leitura, ela ouviu do segundo andar o ruído dos passos do filho e deixou o jornal cair, dizendo:

— Calisto vai com certeza jantar nas Touches; acaba de vestir-se.

— Se isso o diverte... — disse a velha, tirando do bolso o apito de prata e apitando.

Mariotte passou pela torrinha e desembocou pela porta de comunicação oculta por um reposteiro de estofado de seda, igual ao das cortinas.

— Pronto — disse ela —, precisa de alguma coisa?

— O cavaleiro vai jantar nas Touches, suspenda o peixe.

— Mas não sabemos ainda se é assim — disse a irlandesa.

— Isso parece contrariá-la, minha irmã, adivinho-o no seu tom de voz — disse a cega.

— O sr. Grimont soube afinal coisas graves a respeito da srta. des Touches, a qual, faz um ano, transformou muito nosso Calisto.

— Em quê? — perguntou o barão.

— Em leitor de toda espécie de livros.

— Ah! Ah! — fez o barão. — É por isso então que ele desleixa a caça e seu cavalo.

— Ela tem hábitos censuráveis e usa nome de homem — replicou a sra. du Guénic.

— Um nome de guerra — replicou o velho. — Eu me chamava *l'Intimé*,^[120] o conde de Fontaine o *Grand-Jacques*, o marquês de Montauram O *Gars*. Eu era o amigo de *Ferdinand*, o qual tanto como eu não se submeteu. Era o bom tempo! Davam-se tiros, mas de qualquer forma a gente se divertia de um lado ou de outro.

Essa recordação de guerra, que substituíra a inquietação paterna, entristeceu Fanny por um momento. A confiança do cura, a falta de confiança no filho tinham-na impedido de dormir.

— E mesmo se o senhor cavaleiro amasse a srta. des Touches, onde estaria a desgraça? — disse Mariotte. — A sapeca tem trinta mil escudos de renda e é bonita.

— Que dizes aí, Mariotte? — exclamou o ancião. — Um du Guénic desposar uma des Touches! Os des Touches não eram ainda nossos escudeiros no tempo em que du Guesclin considerava uma aliança com a nossa família como uma honra insigne.

— Uma rapariga que usa um nome de homem, Camille Maupin! — disse a baronesa.

— Os Maupin são antigos — disse o ancião —; são da Normandia e trazem *de goles a três...* — Deteve-se. — Ela não pode ser ao mesmo tempo des Touches e Maupin.

— Chama-se Maupin no teatro.

— Uma des Touches não poderia ser comediante — disse o ancião. — Se eu não a conhecesse, Fanny, diria que você está louca.

— Ela escreve peças e livros — acrescentou ainda a baronesa.

— Livros? — disse o velho, olhando para a mulher com ar tão surpreendido como se lhe tivessem falado de um milagre. — Ouvi dizer que srta. Scudéry e sra. de Sévigné tinham escrito, e não foi o que elas fizeram de melhor; mas para tais prodígios foi preciso Luís xiv e sua corte.

— O senhor vai jantar nas Touches, não é, senhor? — disse Mariotte a Calisto que apareceu.

— Provavelmente — respondeu o rapaz.

Mariotte não era curiosa, ela fazia parte da família; saiu sem procurar ouvir a pergunta que a sra. du Guénic ia fazer a Calisto.

— Você vai outra vez às Touches, meu Calisto? (Ela apoiou sobre a

expressão: *meu* Calisto.) E as Touches não são uma casa honesta e decente. A dona da casa leva uma vida aloucada, ela corromperá o nosso Calisto. Camille Maupin fê-lo ler muitos volumes, ela que teve tantas aventuras! E você sabia isso tudo, filhinho malvado, e nada disse aos seus velhos amigos!

— O cavaleiro é discreto — respondeu o pai —, uma virtude dos velhos tempos.

— Demasiado discreto — disse a ciumenta irlandesa, ao ver o rubor que corava a fronte do filho.

— Minha querida mãe — disse Calisto pondo-se de joelhos junto à baronesa —, não creio que seja muito necessário publicar minhas derrotas. A srta. des Touches, ou, se quiser, Camille Maupin, rejeitou meu amor faz um ano e meio, por ocasião da sua última estada aqui. Ela zombou meigamente de mim: poderia ser minha mãe, dizia ela; uma mulher de quarenta anos que amasse um menor cometeria uma espécie de incesto, e que ela era incapaz de semelhante depravação. Numa palavra, dirigiu-me uma porção de gracejos que me acabrunharam, porquanto ela tem espírito como um anjo. Por isso, quando me viu chorando lágrimas ardentes, consolou-me, oferecendo-me sua amizade do modo mais nobre possível. Ela tem ainda mais coração do que talento; é tão generosa como a senhora. Agora sou como que um filho para ela. Depois, ao seu regresso, ao saber que ela amava um outro, eu me resignei. Não repita as calúnias que correm a respeito dela: Camille é artista, ela é genial, e leva uma dessas existências excepcionais que não devem ser julgadas como as existências comuns.

— Meu filho — disse a religiosa Fanny —, nada pode dispensar uma mulher de proceder como exige a Igreja. Ela falta para com os seus deveres em relação a Deus e à sociedade, abjurando as meigas religiões de seu sexo. Uma mulher já comete um pecado ao ir ao teatro; mas escrever as impiedades que os atores repetem, correr mundo, ora com um inimigo do papa, ora com um músico, ah! Calisto, você terá trabalho para convencer-me de que essas ações são atos de fé, de esperança e de caridade. A fortuna dela foi-lhe dada por Deus para fazer o bem; para que lhe serve?

Calisto ergueu-se de súbito, olhou a mãe e disse-lhe:

— Minha mãe, Camille é minha amiga; não posso ouvir falar dela assim, porque por ela eu daria a vida.

— Tua vida? — disse a baronesa olhando o filho com ar apavorado.

— Tua vida é a vida de nós todos!

— Meu belo sobrinho disse aí muitas palavras que eu não compreendo — exclamou suavemente a velha cega, virando-se para ele.

— Onde ele as aprendeu? — disse a mãe. — Nas Touches.

— Mas, minha querida mãe, ela achou-me ignorante como uma toupeira.

— Tu sabias as coisas essenciais, conhecendo os deveres que nos ensina a religião — respondeu a baronesa. — Ah! essa mulher destruirá tuas nobres e santas crenças.

A velha solteirona ergueu-se, estendeu solenemente a mão na direção do irmão que dormitava

— Calisto — disse ela, com voz que vinha do coração —, teu pai jamais abriu um livro, ele fala o bretão, ele combateu nos perigos pelo rei e por Deus. As pessoas instruídas tinham feito o mal e os gentis-homens sábios tinham abandonado a pátria. Aprende, se quiseses!

Tornou a sentar-se e recomeçou a tricotar com atividade que a emoção interior lhe fornecia. Calisto ficou abatido com aquele discurso à maneira de Fócion.^[121]

— Enfim, meu anjo, tenho o pressentimento de alguma desgraça para ti naquela casa — disse a mãe com voz alterada e derramando lágrimas.

— Quem fez Fanny chorar? — exclamou o velho, acordando sobressaltado pelo som da voz da esposa.

Olhou para a irmã, para o filho e para a baronesa.

— Que há?

— Nada, meu amigo — respondeu a baronesa.

— Mamãe — respondeu Calisto ao ouvido da mãe e em voz baixa —; neste momento não me é possível explicar-me; mas logo à noite conversaremos. Quando a senhora souber tudo, abençoará a srta. des Touches.

— As mães não gostam de amaldiçoar — respondeu a baronesa —, e

eu não amaldiçoarei a mulher que quisesse muito bem ao meu Calisto.

O rapaz disse adeus ao velho pai e saiu. O barão e a baronesa ergueram-se para olhá-lo passar no pátio, abrir a porta e desaparecer. A baronesa não retomou o jornal, estava emocionada. Naquela vida tão tranquila, tão uniforme, a curta discussão que acabava de ter lugar equivalia a uma querela em outra família. Embora acalmada, a inquietação da mãe não estava, de resto, dissipada. Para onde essa amizade, que poderia exigir a vida de Calisto e pô-la em perigo, o iria levar? Por que a baronesa teria ela de abençoar a srta. des Touches? Essas duas interrogações eram tão graves para essa alma simples como seria para diplomatas a mais furiosa revolução. Camille Maupin naquele interior suave e calmo era uma revolução.

— Tenho bastante receio de que essa mulher nô-lo estrague — disse ela retomando o jornal.

— Minha querida Fanny — disse o velho barão com ar malicioso —, você é por demais anjo para conceber essas coisas. A srta. des Touches é, segundo dizem, negra como um corvo, forte como um turco, tem quarenta anos; nosso querido Calisto tinha de dirigir-se a ela. Ele dirá algumas mentirinhas muito honradas para ocultar sua felicidade. Deixe-o divertir-se no seu primeiro engodo de amor.

— Se fosse outra mulher.

— Mas, querida Fanny, se essa mulher fosse uma santa, ela não acolheria seu filho.

A baronesa retomou o jornal.

— Irei vê-la — disse o ancião — e lhe direi o que há.

Essa palavra não pode ter sabor senão pela recordação. Depois da biografia de Camille Maupin, imaginai o velho barão às voltas com aquela mulher ilustre.

A cidade de Guérande, que, fazia dois meses, via Calisto, sua flor e seu orgulho, indo todos os dias, à tarde ou pela manhã, muitas vezes de tarde e de manhã, a Touches, pensava que a srta. Felicidade des Touches estivesse perdidamente apaixonada por aquele belo jovem e que praticava feitiçarias sobre ele. Mais de uma moça e mais de uma jovem dama a si mesmas indagavam que privilégios seriam os das mulheres idosas para exercer sobre um anjo um domínio tão absoluto.

Por isso, quando Calisto atravessou a rua principal para sair pela porta do Croisic, mais de um olhar o acompanhou.

Torna-se agora necessário explicar os rumores que planavam por sobre o personagem que Calisto ia ver. Esses rumores, avolumados pelas mexeriquices bretãs, envenenados pela ignorância pública, tinham chegado aos ouvidos do cura. O coletor das contribuições, o juiz de paz, o chefe da aduana de Saint-Nazaire e outras pessoas letradas do cantão não tinham tranquilizado o abade Grimont ao narrar-lhe a vida estranha da mulher artista que se ocultava sob o nome de Camille Maupin. Ela ainda não comia as criancinhas e não matava escravos como Cleópatra, não mandava atirar um homem no rio como falsamente se acusa a heroína da *Torre de Nesle*;[\[122\]](#) mas, para o abade Grimont, aquela criatura monstruosa, que tinha algo de sereia e de ateu, formava uma combinação imoral da mulher e do filósofo, e fraudava todas as leis sociais inventadas para conter ou utilizar as fraquezas do belo sexo.

SEGUNDA PARTE

UMA MULHER CÉLEBRE

I – A INFÂNCIA DA SRTA. DES TOUCHES

Do mesmo modo que Clara Gazul^[123] é o pseudônimo feminino de um homem de espírito, George Sand^[124] o pseudônimo masculino de uma mulher de gênio, Camille Maupin foi a máscara sob a qual se ocultou durante muito tempo uma encantadora moça, de muito bom nascimento, uma bretã, chamada Felicidade des Touches, a mulher que causava tão vivas inquietações à baronesa du Guénic e ao bom cura de Guérande. Essa família nada tem de comum com os des Touches da Touraine, aos quais pertence o embaixador do regente,^[125] hoje mais famoso ainda por seu nome literário do que por seus talentos diplomáticos.

Camille Maupin, uma das poucas mulheres célebres do século xix,

passou muito tempo por ser um autor real, pela virilidade de sua estreia. Todo mundo conhece hoje os dois volumes de peças não suscetíveis de representação, escritos à maneira de Shakespeare ou de Lopes de Vêga,[126] publicados em 1822, e que determinaram uma espécie de revolução literária, quando a grande questão dos românticos e dos clássicos palpitava nos jornais, nos clubes, na Academia. Depois disso, Camille Maupin deu várias peças de teatro e um romance que não desmentiram o êxito obtido pela sua primeira publicação, hoje um pouco demasiado esquecida.

Explicar por que encadeamento de circunstâncias se efetuou a encarnação masculina de uma moça, como Felicidade des Touches se fez homem e autor; por que, mais feliz do que Madame de Staël,[127] permaneceu livre e é assim mais desculpável por sua celebridade, não será isso satisfazer muitas curiosidades e justificar uma dessas monstruosidades que se erguem na humanidade como monumentos e cuja glória é favorecida pela raridade? Porque, em vinte séculos, contam-se apenas vinte grandes mulheres. Por isso, embora ela aqui seja apenas um personagem secundário, como teve uma grande influência sobre Calisto e representa um papel na história literária de nossa época, ninguém lamentará por se ter detido diante desta figura mais tempo do que o permitido pela poética moderna.

A srta. Felicidade des Touches ficou órfã em 1793. Seus bens escaparam assim às confiscações em que sem dúvida incorreriam o pai e o irmão. O primeiro morreu em 10 de agosto, caído na entrada do palácio, entre os defensores do rei, junto ao qual o chamava seu posto de major dos guardas da porta. O irmão, jovem guarda do corpo, foi massacrado no Convento dos Carmelitas.[128] A srta. des Touches tinha dois anos quando a mãe morreu vitimada pelo desgosto alguns dias depois dessa segunda catástrofe. Ao morrer, a sra. des Touches confiou a filha à sua irmã, uma religiosa de Chelles.

A sra. de Faucombe, a freira, levou prudentemente a órfã para Faucombe, considerável propriedade rural situada perto de Nantes, pertencente à sra. des Touches, e onde a religiosa se estabeleceu com três irmãs de seu convento. O populacho de Nantes veio durante os últimos dias do Terror arrasar o castelo, prenderam as religiosas e a

srt. des Touches, que foram atiradas ao cárcere, acusadas por um boato calunioso de terem recebido emissários de Pitt e de Cobourg. [129] O 9 de termidor[130] libertou-as. A tia de Felicidade morreu de pavor. Duas das freiras deixaram a França; a terceira confiou a pequena des Touches ao seu parente mais próximo, o sr. de Faucombe, seu tio-avô materno, que habitava em Nantes, e foi juntar-se às companheiras no exílio.

O sr. de Faucombe, ancião de sessenta anos, desposara uma mulher moça a quem deixava a direção de seus negócios. Não se ocupava senão de arqueologia, uma paixão ou, para falar mais corretamente, uma dessas manias que ajudam os velhos a se julgarem ainda em vida. A educação de sua pupila foi inteiramente entregue ao deus-dará. Pouco vigiada por uma jovem senhora entregue aos prazeres do período imperial, Felicidade criou-se sozinha, como um garoto. Ela fazia companhia ao sr. de Faucombe em sua biblioteca, onde lia o que lhe agradava ler. Conheceu portanto a vida em teorias e não teve nenhuma inocência de espírito, embora se conservasse virgem. Sua inteligência flutuou nas impurezas da ciência e seu coração permaneceu puro. Sua instrução, excitada pela paixão da leitura e servida por uma bela memória, tornou-se surpreendente. Por isso, aos dezoito anos tinha o saber que os jovens de hoje deveriam ter antes de escrever. Essas leituras prodigiosas contiveram suas paixões, muito melhor do que a vida de convento, na qual se incendeia a imaginação das moças.

Aquele cérebro, recheado de conhecimentos nem digeridos nem classificados, dominava aquele coração de criança. Essa depravação da inteligência, sem ação sobre a castidade do corpo, teria causado admiração a filósofos ou a observadores, se alguém em Nantes pudesse suspeitar do valor da srt. des Touches. O resultado foi em sentido inverso da causa. Felicidade não tinha nenhum pendor para o mal, tudo concebia pelo pensamento, mas abstinha-se da ação; encantava o velho Faucombe e auxiliava-o nos seus trabalhos; ela escreveu três das obras do bom gentil-homem, o qual as julgou suas, por ter sido sua paternidade espiritual também cega. Tão grandes trabalhos em desacordo com o desenvolvimento da moça tiveram suas consequências: Felicidade ficou doente, seu sangue estava aquecido, o

peito parecia ameaçado de inflamação. Os médicos prescreveram exercícios de equitação e as distrações da sociedade. A srta. des Touches tornou-se ótima cavaleira e restabeleceu-se em poucos meses.

Aos dezoito anos, apareceu nos salões, onde produziu tão grande sensação que em Nantes ninguém a chamava senão de a bela srta. des Touches; mas as adorações que ela inspirou deixavam-na insensível; fora a reuniões por um desses sentimentos imperecíveis numa mulher, seja qual for a sua superioridade. Magoada com a tia e os primos que zombaram dos seus trabalhos e a debicaram por seu afastamento, supondo-a inábil para agradar, quis mostrar-se coquete e frívola, numa palavra, mulher. Felicidade contava com uma troca qualquer de ideias, com seduções em harmonia com a elevação de sua inteligência, com a extensão de seus conhecimentos; ela experimentou uma repulsa ao ouvir os lugares-comuns da conversação, as tolices da galanteria, e ficou sobretudo chocada pela aristocracia dos militares, que no momento eram os senhores de tudo. Ela naturalmente tinha desleixado as artes recreativas. Ao ver-se inferior a bonecas que tocavam piano e faziam-se de interessantes, cantando romanças, quis ser musicista; voltou para seu profundo retiro e pôs-se a estudar com obstinação, sob a direção do melhor mestre da cidade. Era rica, mandou buscar, com grande espanto da cidade, Steibelt[131] para se aperfeiçoar. Ainda se fala nesse rasgo principesco. A permanência desse mestre custou-lhe doze mil francos. Desde então tornou-se uma musicista consumada. Mais tarde, em Paris, ela fez com que lhe ensinassem harmonia, o contraponto, e compôs a música de duas óperas que obtiveram o maior sucesso, sem que o público tenha sido jamais posto na confidência. Essas óperas pertencem ostensivamente a Conti,[132] um dos mais eminentes artistas do nosso tempo; mas essa circunstância está ligada à história do seu coração e se explicará mais tarde.

A mediocridade da sociedade da província entediava-a tão fortemente, ela abrigava na imaginação ideias tão grandiosas, que desertou os salões depois de neles ter reaparecido a fim de eclipsar as mulheres pelo esplendor de sua beleza, gozar de seu triunfo como musicista e de se fazer adorar pela gente de espírito. Mas depois de haver demonstrado seu poder aos dois primos e lançando ao desespero

dois apaixonados, voltou para os seus livros, para seu piano, suas obras de Beethoven e para o velho Faucombe. Em 1812, ela fez vinte e um anos, o arqueólogo prestou-lhe contas de sua tutela; assim pois, desde esse ano, ela tomou a direção da sua fortuna, constante de quinze mil francos de renda que era o que rendiam as Touches, herança do pai; de doze mil francos que produziam então as terras de Faucombe, mas cuja renda se acresceu de um terço por ocasião da renovação dos arredamentos; e de um capital de trezentos mil francos economizados pelo tutor. Da vida de província, Felicidade aproveitou apenas a compreensão do que era a fortuna e essa inclinação para a sabedoria administrativa, a qual nela talvez restabeleça equilíbrio entre o movimento ascensional dos capitais em direção a Paris. Retirou seus trezentos mil francos da casa na qual o arqueólogo os pusera a render e colocou-os em obrigações do Estado no momento dos desastres da retirada de Moscou. Ficou com mais trinta mil francos de renda. Pagas todas as suas despesas, sobravam-lhe cinquenta mil francos, por ano, a colocar. Aos vinte e um anos, uma rapariga com tal força de vontade era igual a um homem de trinta anos. Seu espírito adquirira uma vastidão enorme, e hábitos de crítica permitiam-lhe julgar sensatamente os homens, as artes, as coisas e a política. Desde esse momento, ela teve a intenção de retirar-se de Nantes, mas o velho Faucombe adoeceu e a doença levou-o. Ela era como que a esposa daquele ancião; cuidou-o durante dezoito meses com a dedicação de um anjo da guarda e cerrou-lhe os olhos no momento em que Napoleão lutava contra a Europa sobre o cadáver da França. Ela protelou pois sua partida para Paris para o fim dessa luta.

Realista, ela correu a Paris, a fim de assistir à volta dos Bourbons. Foi acolhida pelos Grandlieu,[133] com os quais tinha laços de parentesco; mas sobrevieram as catástrofes de 20 de março,[134] e tudo ficou em suspenso para ela. Pôde ver de perto essa última imagem do Império, admirar o Grande Exército, que foi ao Champs-de-Mars, [135] como a um circo, saudar seu César, antes de ir morrer em Waterloo. A alma grande e nobre de Felicidade ficou impressionada por esse espetáculo mágico. As comoções políticas, a magia dessa peça teatral em três meses que a história denomina os Cem Dias,[136]

ocuparam-na e preservaram-na de qualquer paixão, em meio de uma confusão que dispersou a sociedade realista no ponto em que ela se iniciara. Os Grandlieu tinham acompanhado os Bourbons a Gand,^[137] deixando seu palácio com a srta. des Touches. Felicidade, que não queria posição subalterna, comprou, por cento e trinta mil francos, uma das mais belas casas residenciais da rue du Mont Blanc, onde se instalou, quando os Bourbons voltaram em 1815, e cujo jardim vale hoje, ele só, dois milhões.

Acostumada a dirigir-se por si mesma, Felicidade familiarizou-se cedo com a ação que parece exclusivamente um atributo masculino. Em 1816, ela fez vinte e cinco anos. Ignorava o casamento, concebia-o somente pelo pensamento, julgava-o nas suas causas em vez de o ver nos seus efeitos, e não lhe percebia senão inconvenientes. Seu espírito superior recusava-se à abdicação pela qual a mulher casada começa a vida; ela sentia vivamente o valor da independência e não achava senão aborrecimento nos cuidados da maternidade. É necessário fornecer detalhes para justificar as anomalias que caracterizam Camille Maupin. Ela não conheceu nem pai nem mãe, e foi sua própria mestra desde a infância; seu tutor foi um velho arqueólogo, o acaso atirou-a no domínio da ciência e da imaginação, no mundo literário, em vez de a manter no círculo traçado pela educação fútil dada às mulheres, pelos ensinamentos maternos sobre a *toilette*, sobre a decência hipócrita, sobre a graciosidade caçadora do sexo. Por isso, muito tempo antes de ela tornar-se célebre, via-se logo à primeira vista que ela jamais se prestara ao papel de boneca. Para o fim do ano de 1817, Felicidade des Touches percebeu não uma perda de viço, mas sim um começo de fadiga na sua pessoa. Compreendeu que sua beleza ia alterar-se pelo fato de seu celibato obstinado, mas queria conservar-se bela, pois que, então, queria à sua beleza. A ciência notificou-lhe a sentença formulada pela natureza, sobre criações, as quais deperecem tanto pelo não cumprimento como pelo abuso de suas leis. O rosto macerado da tia apareceu-lhe e fê-la fremir. Colocada entre o casamento e a paixão, ela quis conservar-se livre; mas não foi indiferente às homenagens que a cercavam.

Estava, no momento em que começa esta história, quase igual a ela

mesma, em 1817. Dezoito anos tinham passado sobre ela, respeitando-a. Aos quarenta anos podia dizer que tinha apenas vinte e cinco. Por isso pintá-la em 1836 era representá-la como era em 1817. As mulheres que sabem em que condições de temperamento e de beleza devem permanecer a fim de resistir aos ultrajes do tempo compreenderão como e por que Felicidade des Touches gozava de tão grande privilégio, ao estudar um retrato para o qual estão reservados os mais brilhantes tons de paleta e a mais rica moldura.

II – O RETRATO

A Bretanha apresenta um problema singular a resolver na predominância da cabeleira castanho-escuro, dos olhos castanhos e tez morena, numa região vizinha da Inglaterra, onde as condições atmosféricas são tão pouco diferentes. Estará este problema ligado à grande questão de raças, a influências físicas inobservadas? Os sábios procurarão, talvez um dia, a causa dessa singularidade que cessa na província vizinha, na Normandia. Até sua solução, esse fato estranho está ante nossas vistas: as loiras são bastante raras entre as bretãs, que têm, quase todas, os olhos vivos dos meridionais: mas, em lugar de ostentarem a alta estatura e as linhas serpentinadas da Itália e da Espanha, são em geral pequenas, socadas, bem-feitas, firmes, salvo as exceções da classe elevada, que se cruza por casamentos aristocráticos.

A srta. des Touches, como verdadeira bretã de raça, é de estatura mediana; não chega a ter cinco pés, mas parece tê-los. Esse erro provém do caráter de seu rosto que a aumenta. Tem essa tez azeitonada à luz do dia e branca à luz artificial que distingue as belas italianas; dir-se-ia marfim animado. A luz desliza sobre essa pele como por sobre um corpo polido, brilhando; é necessária uma emoção violenta para que débeis rubores se infundam nas faces, mas logo desaparecem. Essa particularidade dá-lhe ao rosto uma impassibilidade selvagem.

Esse rosto, mais longo do que oval, assemelha-se ao de alguma bela Ísis de baixos-relevos egípticos.^[138] Direis ser a pureza das cabeças de esfinges polidas pelo fogo dos desertos, acariciadas pela chama do

sol egípcio. Assim pois a coloração da tez está em harmonia com a correção daquela cabeça. Os cabelos negros e abundantes descem em madeixas ao comprido do pescoço como o toucado de dupla faixa raiada das estátuas de Mênfis,^[139] e continua admiravelmente a severidade geral da forma. A fronte é ampla, larga, cheia nas têmporas, iluminada por superfícies onde a luz se detém, cortada, como a da Diana caçadora: uma fronte poderosa e voluntária, silenciosa e calma.

O arco das sobrelanceiras, traçado vigorosamente, estende-se por sobre dois olhos cuja chama cintila às vezes como a de uma estrela fixa. O branco dos olhos não é nem azulado, nem semeado de fios vermelhos, nem de um branco puro; tem a consistência da córnea, mas é de um tom quente. A íris é cercada de um círculo alaranjado. É bronze cercado de ouro, mas de ouro vivo, bronze animado. Essa pupila é profunda. Não é forrada como em certos olhos por uma espécie de aço que reflete a luz e os faz assemelharem-se aos olhos dos tigres ou dos gatos; ela não tem essa inflexibilidade terrível que provoca um arrepião nas pessoas sensíveis; mas essa profundidade tem seu infinito, do mesmo modo que o brilho dos olhos de espelho tem seu absoluto.

O olhar do observador pode perder-se nessa alma, que se concentra e se retrai com a mesma rapidez com que jorra daqueles olhos aveludados. Num momento de paixão, os olhos de Camille Maupin são sublimes; o ouro de seu olhar acende o branco amarelo e tudo chameja; mas em estado de repouso é embaciado, o torpor da meditação empresta-lhe muitas vezes a aparência da tolice; quando a luz da alma falta neles, as linhas do semblante se entristecem igualmente. O cílios são curtos, mas densos e negros como caudas de arminho. As pálpebras são morenas e semeadas de fibrilas vermelhas que lhes dão ao mesmo tempo graça e força, duas qualidades difíceis de reunir numa mesma mulher. O contorno dos olhos não tem o menor desbotamento nem a mais leve ruga. Aí, ainda, encontrareis o granito da estátua egípcia suavizado pelo tempo. Apenas a saliência dos pômulos, conquanto suave, é mais pronunciada do que nas outras mulheres e completa o conjunto de força expresso pelo rosto.

O nariz fino e reto é cortado por ventas oblíquas, bastante

apaixonadamente dilatadas para deixar ver o róseo luminoso de seu delicado interior. Esse nariz continua bem a frente, à qual se une por uma linha deliciosa, é perfeitamente branco tanto na sua raiz como na ponta, e esta é dotada de uma espécie de mobilidade que faz maravilhas nos momentos em que Camille fica indignada, se zanga, se revolta. Aí principalmente, como notou Talma,[140] pinta-se a cólera ou a ironia das grandes almas. A imobilidade das ventas indica uma espécie de segura. Jamais o nariz de um avarento vacila; ele é contraído como a boca; tudo no seu semblante é fechado como nele.

A boca arqueada, nos cantos, é de um vermelho vivo, o sangue aí abunda e fornece-lhe esse mínio vivo e pensador que dá tantas seduções a essa boca e pode tranquilizar o amante a quem a majestosa gravidade do rosto assustaria. O lábio superior é fino, o sulco que o une ao nariz desce muito baixo como num arco, o que dá um tom particular ao seu desdém. Camille tem pouco a fazer para exprimir a cólera. Aquele lindo lábio é orlado pela forte margem rubra do lábio inferior, admirável de bondade, cheio de amor e que Fídias[141] parece ter colocado como o bordo de uma romã aberta, da qual ela tem a cor. O queixo arrebita-se firmemente, é um pouco gorducho, mas exprime resolução e remata bem aquele perfil régio, se não divino. É necessário dizer que a região inferior ao nariz é levemente obscurecida por uma penugem muito graciosa. A natureza teria cometido um erro se não tivesse atirado ali aquela suave fumaça. A orelha tem dobras delicadas, sinal de muitas delicadezas ocultas.

O busto é amplo. O tronco é fino e suficientemente guarnecido. Os quadris são pouco salientes, mas graciosos. A cintura é magnífica e lembra mais o *Baco* do que a *Vênus Calipígia*. [142] Vê-se por aí a diferença apenas sensível que separa quase todas as mulheres célebres de seu sexo; elas têm nesse ponto como que uma vaga semelhança com o homem, não têm nem a flexibilidade, nem a moleza das mulheres que a natureza destina à maternidade; seu caminhar não se amacia por um movimento suave. Essa observação é como que bilateral, tem seu reverso nos homens, cujos quadris são quase semelhantes aos das mulheres, quando são finos, astuciosos, falsos e covardes. Em vez de se encovar na nuca, o pescoço de Camille forma um contorno cheio que

une os ombros à cabeça sem sinuosidade, a mais evidente característica da força. Esse pescoço apresenta por vezes dobras de uma magnificência atlética. A articulação dos braços, de contorno soberbo, parece pertencer a uma mulher colossal. Os braços são vigorosamente modelados, terminados por um pulso de uma delicadeza inglesa, por mãos mimosas e cheias de fossetas, enfeitadas com unhas róseas cortadas em forma de amêndoa, com nervuras marginais, de um branco que anuncia que o corpo tão nédio, tão firme, tão bem-feito, é de um tom completamente diferente do rosto.

A atitude resoluta e fria daquela cabeça é corrigida pela mobilidade dos lábios, por sua expressão variável, pelo movimento artístico das ventas. Mas, apesar dessas promessas irritantes e suficientemente ocultas aos profanos, a calma daquela fisionomia tem algo de provocante. Aquele semblante, mais melancólico, mais sério do que gracioso, é assinalado pela tristeza de uma meditação constante. Por isso, a srta. des Touches ouve mais do que fala. Assusta pelo seu silêncio e por aquele olhar profundo de uma profunda fixidez.

Ninguém, entre as pessoas instruídas, pode vê-la sem pensar na verdadeira Cleópatra,^[143] nessa pequenina morena que esteve a ponto de transformar a face do mundo; em Camille, porém, o animal é tão completo, tão bem entesado, de uma natureza tão leonina, que um homem um pouco turco lamenta a reunião de um tão grande espírito num semelhante corpo, e quisera-o todo mulher. Todos se arreceiam de encontrar as corrupções estranhas de uma alma diabólica. A frieza da análise, o positivo da ideia não esclarecerão as paixões nela? Essa rapariga não julgará, em vez de sentir? ou, fenómeno mais terrível ainda, não sentirá e não julgará ela ao mesmo tempo? Tudo podendo seu cérebro, deverá ela deter-se onde as outras mulheres se detêm? Essa força intelectual deixará o coração fraco? Será ela graciosa? Descerá ela aos nadas comovedores pelos quais as mulheres ocupam, divertem, ou interessam um homem amado? Não destrói ela um sentimento, quando ele não corresponde ao infinito que ela abarca e contempla? Quem poderá encher os dois precipícios de seus olhos? Tem-se receio de encontrar nela um não sei quê de virgem, de indomável. A mulher forte não deve ser senão um símbolo; em carne e

osso ela assusta. Camille Maupin é um pouco, porém viva, aquela Ísis de Schiller,[144] oculta no fundo do templo, e a cujos pés os padres encontraram expirantes os ousados lutadores que a haviam consultado. As aventuras consideradas verídicas na sociedade, e que Camille não negava, confirmam as interrogações sugeridas por seu aspecto. Mas talvez, quem sabe, ela goste dessa calúnia? A natureza de sua formosura não deixou de ter influência sobre sua reputação: ela serviu-a, do mesmo modo que sua posição e fortuna a mantiveram no seio da sociedade.

Quando um estatuário quisesse fazer estátua admirável da Bretanha, ele poderá copiar a srta. des Touches. Esse temperamento sanguíneo, bilioso, é o único que pode repelir a ação do tempo. A polpa incessantemente nutrida da pele como que envernizada é a única arma que a natureza deu às mulheres para que resistissem às rugas, aliás antecipadamente evitadas em Camille pela impossibilidade de seu rosto.

III – BIOGRAFIA DE CAMILLE MAUPIN

Em 1817, a srta. des Touches abriu sua casa aos artistas, aos autores de renome, aos sábios, aos publicistas para os quais seus instintos a levavam. Teve um salão semelhante ao do barão Gérard,[145] onde a aristocracia se mesclava às pessoas ilustres, aonde foi a nata dos parisienses. A parentela da srta. des Touches e sua fortuna, aumentada com a herança da tia religiosa, protegeram-na na empresa tão difícil em Paris de criar-se uma sociedade. Sua independência foi um dos motivos de êxito. Muitas mães ambiciosas conceberam a esperança de fazê-la desposar um de seus filhos, cuja fortuna estivesse em desacordo com a beleza de seus braços. Alguns pares da França, atraídos por oitenta mil francos de renda, seduzidos por aquela casa magnificamente montada, levaram lá seus mais intratáveis e difíceis parentes. O mundo diplomático, que busca os divertimentos do espírito, foi lá e agradou-se. A srta. des Touches, cercada por tantos interesses, pôde pois estudar as diferentes comédias que a paixão, a avareza, a ambição fazem todos os homens, mesmo os mais superiores,

representar. Cedo ela viu o mundo tal como ele é, e foi suficientemente feliz para não sentir logo esse amor inteiro que herda o espírito, as faculdades da mulher e a impede de julgar sensatamente. Em regra geral, a mulher sente, goza e julga sucessivamente: daí três idades distintas, das quais a última coincide com o triste período da velhice. Para a srta. des Touches a ordem foi invertida. Sua mocidade foi cercada das neves da ciência e dos frios da reflexão. Essa transposição explica ainda a singularidade da sua existência e a natureza de seu talento. Ela observava os homens na idade em que as mulheres veem apenas um; desprezava o que elas admiram; surpreendia mentiras nas lisonjas que elas aceitam como verdades; ria do que as torna graves. Esse contrassenso durou muito tempo, mas teve um fim terrível: ela devia encontrar em si mesma, jovem e viçoso, o primeiro amor, no momento em que as mulheres são intimadas pela natureza a renunciar ao amor.

Sua primeira ligação amorosa foi tão secreta que ninguém dela teve conhecimento. Felicidade, como todas as mulheres entregues ao bom senso do coração, foi levada a ajuizar da beleza da alma pela do corpo; apaixonou-se por um rosto e conheceu todas as tolices de um homem feliz em amores, que nela via apenas uma mulher. Levou algum tempo para refazer-se do seu nojo e desse enlace insensato. Um homem soube adivinhar-lhe a dor, consolou-a sem segundas intenções, ou pelo menos soube ocultar seus projetos. Felicidade julgou ter encontrado a nobreza de coração e o espíritos de que o dândi carecia.

Esse homem possuía um dos espíritos mais originais da época. Também ele escrevia sob um pseudônimo, e seus primeiros escritos revelavam um adorador da Itália. Felicidade devia viajar, sob pena de perpetuar a única ignorância que lhe restava. Aquele homem cético e zombeteiro levava Felicidade para fazê-la conhecer a pátria das artes. Esse célebre desconhecido pôde passar por ser o mestre e o criador de Camille Maupin. Pôs em ordem os imensos conhecimentos de Felicidade, aumentou-os pelo estudo das obras-primas que adornam a Itália, deu-lhe esse tom engenhoso e fino, epigramático e profundo que é característico do talento dele, sempre um pouco estranho na forma, mas que Camille Maupin modificou pela delicadeza do sentimento e

pelo feitio engenhoso natural das mulheres; inculcou-lhe o gosto das obras da literatura inglesa e alemã, e fê-la aprender essas duas línguas durante a viagem. Em Roma, no ano de 1820, a srta. des Touches foi deixada por uma italiana. Não fosse esse infortúnio e talvez ela jamais tivesse alcançado a celebridade. Napoleão cognominou a Desdita como a parteira do Gênio. Esse acontecimento inspirou para sempre à srta. des Touches esse desprezo pela humanidade que a tornou tão forte. Felicidade morreu, e Camille nasceu.

Ela voltou para Paris com Conti, o grande músico, para o qual ela fez dois libretos de ópera; mas não tinha mais ilusões e tornou-se, sem que a sociedade o soubesse, uma espécie de donjuán fêmea, sem dívidas, nem conquistas. Encorajada pelo êxito, publicou dois volumes de peças teatrais, que logo colocaram Camille Maupin entre os ilustres anônimos. Ela narrou sua paixão decepcionada num pequeno romance admirável, uma das obras-primas da época. Esse livro, que constituía um exemplo perigoso, foi posto ao lado de *Adolfo*,[\[146\]](#) horrível lamentação cujo contrário se achava no livro de Camille. A delicadeza de sua metamorfose literária conserva-se ainda incompreendida.

Alguns espíritos finos, e só eles, veem nesse livro essa generosidade que entrega um homem à crítica, e salva a mulher da glória permitindo-lhe permanecer obscura. Apesar do seu desejo, sua celebridade aumentava dia a dia, tanto pela influência de seu salão como por suas réplicas prontas, pela justeza de seus julgamentos e pela solidez dos seus conhecimentos. Suas opiniões tinham autoridade, suas frases eram repetidas, e ela não se pôde demitir das funções em que fora investida pela sociedade parisiense. Tornou-se uma exceção admitida. A sociedade curvou-se ante o talento e a fortuna daquela estranha rapariga; ela reconheceu, sancionou sua independência, as mulheres admiraram seu espírito e os homens a sua beleza. De resto o procedimento de Camille Maupin estava submetido a todas as conveniências sociais. Suas amizades pareciam puramente platônicas. Nada apresentou da mulher autor. A srta. des Touches é encantadora como uma dama da alta sociedade; quando necessário, fraca, ociosa, coquete, ocupada com coisas de *toilette*, encantada com as tolices que seduzem as mulheres e os poetas. Ela compreendeu perfeitamente bem

que, depois de Madame de Staël,[147] não havia mais lugar neste século para uma Safo,[148] e que Ninon[149] não poderia existir em Paris sem grão-senhores nem corte voluptuosa. Ela é a Ninon da inteligência, adora a arte e os artistas, vai do poeta ao músico, do estatuário ao prosador. É de uma nobreza, de uma generosidade que chega ao logro, de tal forma é ela cheia de piedade pela desgraça, cheia de desdém pelos felizes. Vive desde 1830 num círculo escolhido, com amigos experimentados que se querem ternamente e se estimam. Tão longe do estardalhaço da Madame de Staël como das lutas políticas, ela zomba muito bem de Camille Maupin, esse irmão mais moço de George Sand a quem chama de seu irmão Caim, porque essa glória recente fez esquecer a dela. A srta. des Touches admira a sua feliz rival com uma angélica despreocupação, sem sentir inveja nem pensamentos reservados.

Até o momento em que se inicia esta história, ela teve a mais feliz existência que uma mulher suficientemente forte para se proteger a si mesma pudesse imaginar. De 1817 a 1834 ela viera cinco ou seis vezes à Touches. Sua primeira viagem teve lugar após a sua primeira decepção em 1818. Sua casa das Touches estava inabitável, ela mandou seu encarregado de negócios para Guérande e ocupou a residência dele nas Touches. Não tinha então nenhuma suspeita da sua glória por vir, estava triste, não viu ninguém, queria de algum modo contemplar-se a si mesma depois daquele grande desastre. Escreveu para Paris a uma das suas amigas suas intenções a respeito da mobília necessária para arranjar as Touches. Essa mobília desceu num barco até Nantes, foi trazida por um pequeno navio até o Croisic e daí transportada, não sem dificuldade, através das areias, até as Touches. Ela mandou vir operários de Paris e alojou-se nas Touches, cujo conjunto lhe agradou extraordinariamente. Quis poder meditar aí sobre os acontecimentos da vida como numa cartuxa privada.

No começo do inverno voltou para Paris. A pequena cidade de Guérande foi então arrebatada por uma curiosidade diabólica; não se falava senão do luxo asiático da srta. des Touches. O notário, seu homem de negócios, deu autorização para que se fosse ver as Touches. Veio gente do burgo de Batz, do Croisic, de Savenay. Essa curiosidade

rendeu, em dois anos, uma quantia enorme à família do porteiro e do jardineiro, dezessete francos. A senhorita não voltou às Touches senão dois anos depois, em seu regresso da Itália, e veio pelo Croisic. Ficaram algum tempo sem saber da estada dela em Guérande, onde se achava com Conti, o compositor. As visitas que ela aí fez sucessivamente pouco excitaram a curiosidade da pequenina cidade de Guérande. Seu gerente e quando muito o notário conheciam o segredo da glória de Camille Maupin.

Nesse momento, entretanto, o contágio das ideias novas fizera alguns progressos em Guérande, várias pessoas conheciam ali a dupla existência da srta. des Touches. O diretor dos Correios recebia cartas dirigidas a Camille Maupin, nas Touches. Finalmente rasgou-se o véu. Numa terra essencialmente católica, atrasada, eivada de preconceitos, a vida estranha daquela moça ilustre devia causar os falatórios que tinham assustado o abade Grimont e não podia jamais ser compreendida; por isso, pareceu ela monstruosa para todos os espíritos. Felicidade não estava sozinha nas Touches; tinha um hóspede. Esse hóspede era Cláudio Vignon,^[150] o escritor desdenhoso e soberbo que, conquanto não fazendo senão crítica, achou meio de dar ao público e à literatura a ideia de uma certa superioridade.

Felicidade, que fazia sete anos recebera esse escritor como cem outros autores, jornalistas, artistas e homens do mundo, que conhecia seu caráter sem elasticidade, sua preguiça, sua profunda miséria, sua incúria e sua repulsa por tudo, parecia querer fazer dele seu marido pelo modo por que agia com ele. Seu procedimento, incompreensível para seus amigos, ela o explicava pela ambição, pelo pavor que lhe causava a velhice; queria confiar o resto de sua vida a um homem superior para quem a sua fortuna seria um trampolim e que lhe manteria a importância no mundo poético. Trouxera pois Cláudio Vignon de Paris à Touches como uma águia carrega um cabrito nas suas garras, a fim de estudá-lo e tornar um partido violento — mas iludia ao mesmo tempo Calisto e Cláudio; não pensava em casamento, achava-se nas mais violentas convulsões que possam agitar uma alma tão forte quanto a sua, ao ver-se enganada por seu próprio espírito, ao ver a vida iluminada demasiado tarde pelo sol do amor, brilhante como

brilha nos corações de vinte anos. Eis aqui agora a cartuxa[151] de Camille.

IV – AS TOUCHES

A alguns cem passos de Guérande termina o solo da Bretanha, e as salinas e as dunas começam. Desce-se para o deserto de areia que o mar deixou como margem entre ele e a terra, por um caminho barrancoso, por onde jamais passou um carro. Esse deserto contém areias estéreis, pântanos de formas irregulares margeados de cristas lodosas, onde se cultiva o sal, e o pequeno braço de mar que separa a ilha do Croisic do continente. Conquanto geograficamente o Croisic seja uma península, como ela não se prende à Bretanha, senão pelas praias que a ligam ao burgo de Batz, areias áridas e movediças que não poderiam ser facilmente transportadas, pode passar por uma ilha.

No ponto em que o caminho do Croisic a Guérande se entronca com a estrada da terra firme, há uma casa de campo cercada de um grande jardim, notável por seus pinheiros tortuosos e atormentados, alguns em forma de guarda-sol, outros pobres de ramaria, todos mostrando os troncos avermelhados nos lugares em que a casca foi destacada. Essas árvores, vítimas dos temporais, desenvolvidas apesar dos ventos e das marés — o termo é justo para elas! — preparam a alma ao espetáculo triste e estranho das salinas e das dunas que se assemelham a um mar coagulado.

A casa, muito bem construída com pedras xistosas e argamassa, mantidas por correntes de granito, não tem nenhuma arquitetura, apresenta à vista uma muralha seca, com aberturas regulares de janelas. Estas são de grandes vidraças no primeiro andar, e no rés do chão de vidros menores. Acima do primeiro andar estão os sótãos, os quais se estendem sob um enorme telhado alto, pontudo, de dois frechais com duas grandes trapeiras em cada face. Sob o triângulo de frechal, uma janela abre o seu olho de cíclope a oeste para o mar, a leste de Guérande. Uma fachada da casa dá para o caminho de Guérande e a outra para o deserto, em cujo extremo se ergue o Croisic. Além dessa pequena cidade estende-se o alto-mar. Um regato escapa-

se por uma abertura da muralha do parque, o qual beira o caminho do Croisic, atravessa-o e vai perder-se nas areias ou no pequeno lago de água salgada cercada pelas dunas, pelos pantanaís, e produzido pela irrupção do braço de mar. Uma estrada de algumas toesas, praticada nessa brecha do terreno, conduz do caminho a essa casa. Entra-se nela por uma porta grande. O pátio é cercado de construções rurais bastante modestas, havendo uma estrebaria, uma cocheira, uma casa para o jardineiro, junto à qual há um galinheiro com suas dependências, mais para uso do caseiro do que para o dono.

Os tons griséus dessa casa harmonizam-se admiravelmente com a paisagem que ela domina. Seu parque é o oásis desse deserto em cuja entrada o viajante acha uma cabana de barro onde os aduaneiros vigiam. Essa casa sem terras, ou cujas terras estão situadas no território de Guérande, tem no pântano uma renda de dez mil francos e o resto em herdades disseminadas na terra firme. Tal é o feudo das Touches, ao qual a Revolução suprimiu suas rendas feudais. Hoje as Touches são um bem; mas os salineiros continuam a dizer “o castelo”; diriam “o senhor”, se o feudo não tivesse passado para mãos de mulher.

Quando Felicidade quis restaurar as Touches, como grande artista que era, teve o cuidado de não mudar coisa alguma naquele exterior desolado que dá um ar de prisão àquela edificação solitária. Só a porta de entrada foi embelezada com duas colunas de tijolos sustentando uma galeria por sob a qual pode passar um carro. O pátio foi plantado.

A distribuição de peças no rés do chão é a da maioria das casas de campo construídas faz cem anos. Evidentemente essa casa fora edificada sobre as ruínas de algum pequeno castelo ali pousado como um anel que ligasse o Croisic e o burgo de Batz a Guérande, e que impunha servidão ao pantanal. Embaixo da escada fora estabelecido um peristilo. Primeiro uma grande antecâmara assoalhada, na qual Felicidade pôs um bilhar, depois um imenso salão de seis janelas, das quais duas, abertas embaixo da parede de empena formam portas, descem para o jardim por uns dez degraus e correspondem na disposição do salão às portas que levam uma ao bilhar e a outra à sala de jantar. A cozinha, situada na outra extremidade, comunica com a

sala de jantar por uma copa. A escada separa o bilhar da cozinha, a qual tinha uma porta sobre o peristilo, que a srta. des Touches fez condenar imediatamente, mandando abrir outra para o pátio. A altura do andar, a grandeza das peças permitiram a Camille desenvolver uma nobre simplicidade nesse rés do chão. Teve o cuidado de não colocar aí coisas preciosas. O chão inteiramente pintado de cinzento tem para guarnece-lo um velho móvel de acaju e seda verde, cortinas de calicô branco com uma moldura verde nas janelas, dois consolos, uma mesa redonda; no centro, um tapete de grandes desenhos em quadro; sobre a ampla lareira de enorme espelho, um relógio que representava o carro do sol, entre dois candelabros de estilo imperial. O bilhar tem cortinas de calicô cinzento com orlas verdes e dois divãs. O mobiliário da sala de jantar compõe-se de quatro grandes trinchantes de acaju, de uma mesa, doze cadeiras de acaju com estofos de crinas, e magníficas gravuras de Audran[152] emolduradas em quadros de acaju. Do meio do teto desce uma lanterna elegante como costumava haver nas escadarias dos grandes palácios, e nas quais cabem duas lâmpadas. Todos os tetos, de vigas salientes, foram pintados de cor de madeira. A velha escada, que é de madeira com grossos balaústres, tem de alto a baixo um tapete verde.

O primeiro andar tinha dois apartamentos separados pela escada. Camille tomou para ela o que tinha vista para o pantanal, para o mar e as dunas, e distribui-o num pequeno salão, num grande quarto de dormir, dois gabinetes, um para a *toilette* e outro para o trabalho. Na outra parte da casa ela achou meio de preparar dois apartamentos, tendo cada um deles uma antecâmara e um gabinete. Os criados tinham seus quartos nos sótãos. Os dois apartamentos para hóspedes não tiveram a princípio senão o estrito necessário. O luxo artístico que ela pedira a Paris foi reservado para o seu apartamento. Ela quis ter nessa sombria e melancólica habitação, em frente àquela sombria e melancólica paisagem, as mais fantasiosas criações da arte. Seu pequeno salão é forrado com belas tapeçarias dos Gobelins,[153] emolduradas nos mais maravilhosos quadros esculpidos. Nas janelas drapejam os mais caros estofos dos velhos tempos, um brocado magnífico de reflexos duplos, ouro e encarnado, amarelo e verde, que

abundam em pregas amplas ornadas de franjas régias de borlas dignas dos mais esplêndidos pálios da Igreja. Enchem esse salão uma arca que lhe foi conseguida pelo seu homem de negócios e que vale hoje sete ou oito mil francos, uma mesa de ébano esculpida, uma secretária de mil gavetas, incrustada de arasbecos de marfim, e vinda de Veneza, finalmente móveis góticos dos mais belos. Existem ali quadros, estatuetas, tudo o que um pintor amigo dela pôde achar de melhor nas lojas de negociantes de curiosidades, os quais, em 1818, não suspeitavam do preço a que alcançariam mais tarde esses tesouros. Ela colocou sobre suas mesas belos vasos do Japão de desenhos fantásticos. O tapete é um tapete da Pérsia que entrou de contrabando pelas dunas.

O quarto da srta. des Touches está arranjado, com perfeita exatidão, segundo o gosto do século de Luís xv. E justamente o leito de madeira esculpida, pintado de branco, de cabeceiras curvas, encimado por Amores que atiram flores, acolchoados, guarnecidos de seda recamada, com o dossel ornado com quatro ramos de penas; as paredes forradas de seda persa verdadeira, ajustada com fitas de seda, com cordões e nós; a guarnição da chaminé é feita de cascalho; o relógio de ouro gasto, entre dois grandes vasos do melhor azul de Sévres, com suportes de cobre dourado; o espelho enquadrado no mesmo gosto; o gabinete de *toilette* Pompadour com suas rendas e seu espelho; depois esses móveis tão torneados, sofás, uma espreguiçadeira, um pequeno canapé severo, a cadeira baixa junto da chaminé com espaldar acolchoado, o biombo de laca, as cortinas de seda semelhante à da mobília, forradas de cetim cor-de-rosa e manejadas por meio de cordas grossas; o tapete da Savonnerie,^[154] enfim todas as coisas elegantes, ricas, suntuosas, delicadas, no meio das quais as lindas mulheres do século xviii se entregavam ao amor.

O gabinete inteiramente moderno opõe às galanterias do século de Luís xv uma encantadora mobília de acaju; a biblioteca está completa; o gabinete assemelha-se a um *boudoir*, tem um divã. Atopetam-no as encantadoras futilidades da mulher; atraindo o olhar com objetos modernos: livros de segredo, coisas de lenços e luvas, abajures de litofania, estatuetas, chinesices, secretárias, um ou dois álbuns, pesos

para papéis, enfim as inúmeras bugingangas na moda. Os curiosos veem ali com surpresa inquieta pistolas, um narguilé, uma chibata, uma rede, um cachimbo, uma espingarda de caça, uma blusa, tabaco, uma mochila de soldado, estranha reunião que pinta Felicidade.

Todas as almas grandes, ao chegar ali, sentir-se-ão impressionadas pelas belezas especiais da paisagem que estende suas savanas para além do parque, última vegetação do continente. Aqueles tristes quadrados de água salobra, divididos pelos pequenos caminhos brancos por sobre os quais passeia o salineiro, todo vestido de branco, a fim de raspar, recolher o sal e pô-lo em montões; esse espaço que as exalações salinas impedem aos pássaros de atravessar, sufocando assim todos os esforços da botânica, essas areias nas quais os olhos não são consolados senão por uma pequena erva dura, persistente, de flores rosadas, e pelo cravo dos cartuxos; esse lago de água marinha, a areia das dunas e a vista do Croisic, miniatura de cidade detida em pleno mar como Veneza; enfim o imenso oceano que orla os recifes de granito com suas franjas de espumas, a fim de fazer melhor sobressaírem suas formas estranhas, esse espetáculo ergue o pensamento, embora entristecendo-o, efeito produzido pela persistência do sublime, o qual dá saudades das coisas ignoradas, entrevistas pela alma em alturas desesperadoras. Por isso, essas harmonias selvagens não convêm senão aos grandes espíritos e às grandes dores. Esse deserto cheio de acidentes, onde, por vezes, os raios do sol refletidos pelas águas, pelas areias, embranquece o burgo de Batz, e escorrem pelos telhados du Croisic espalhando um brilho implacável, ocupava então Camille dias inteiros. Raramente ela se voltava para as deliciosas vistas frescas, para os bosques e as baías floridas que cercam Guérande, como a uma mulher casada, de flores, fitas, véus e grinaldas. Sofria então horríveis dores desconhecidas.

V – O SOLAR DE GUAISNIC

Assim que Calisto viu aparecer os cata-ventos dos dois frechais por sobre os juncos da estrada real e os cimos contorcidos dos pinheiros, achou o ar mais leve; Guérande parecia-lhe uma prisão, sua vida estava

nas Touches. Quem não compreenderá os atrativos que ali existem para um rapaz cândido? O amor, semelhante ao de Querubim,^[155] que o fizera cair aos pés de uma pessoa que se tornou uma grande coisa para ele antes de ser uma mulher, devia sobreviver às inexplicáveis recusas de Felicidade. Esse sentimento, que é mais a necessidade de amor do que o próprio amor, não escapara sem dúvida à terrível análise de Camille Maupin e daí talvez viesse sua recusa, nobreza incompreendida por Calisto. Além disso, ali brilhavam tanto mais as maravilhas da civilização moderna por contrastarem com Guérande, onde a pobreza dos du Guénic era um esplendor. Ali se patenteavam aos olhares encantados daquele jovem ignorante, que não conhecia senão as giestas da Bretanha e as urzes da Vendeia, as riquezas parisienses de um mundo novo; da mesma forma que ali ouvia uma linguagem desconhecida e sonora. Calisto ouviu os acentos poéticos da mais bela música, a música surpreendente do século xix, na qual a harmonia e a melodia lutam com forças iguais, em que o canto e a instrumentação alcançaram perfeições inauditas. Viu as obras da mais pródiga pintura, a da escola francesa, herdeira hoje da Itália, da Espanha e dos Flandres, onde o talento se tornou tão comum que todos os olhos, todos os corações dele fatigados chamavam a grandes brados pelo gênio. Ele leu ali essas obras de imaginação, essas admiráveis criações da literatura moderna que produziram um efeito imenso naquele coração novo. Finalmente nosso grande século xix apareceu-lhe com suas magnificências coletivas, sua crítica, seus esforços de renovação de todo gênero, suas imensas tentativas e quase todas à medida do gigante que embalou nas suas bandeiras a infância deste século, e cantou-lhe hinos acompanhados pelo terrível bordão dos canhões. Iniciado por Felicidade em todas essas grandezas que talvez escapem aos olhares daqueles que as põe em cena e que são os obreiros que as fizeram, Calisto satisfazia, nas Touches, o gosto maravilhoso tão potente na sua idade, e essa ingênua admiração, o primeiro amor da adolescência, que tanto se irrita com a crítica. É tão natural que a chama suba! Ele ouviu essa formosa zombaria parisiense, essa sátira elegante que lhe revelaram o espírito francês e despertaram nele mil pensamentos adormecidos pelo suave torpor da vida em família.

Para ele, a srta. des Touches era a mãe de sua inteligência, uma mãe que ele podia amar sem crime. Ela era tão boa para ele! Uma mulher é sempre adorável para um homem a quem ela inspire amor, embora pareça não partilhá-lo. Naquele momento Felicidade dava-lhe lições de música. Para ele, aqueles grandes apartamentos do rés do chão ampliados pela hábil disposição dos prados e dos bosquetes do parque, aquele vão de escada mobiliado com obras-primas da paciência italiana, de madeira esculpida, de mosaicos venezianos e florentinos, de baixos-relevos de marfim, de mármore, de curiosidades encomendadas pelas fadas da Idade Média, e aquele apartamento íntimo, tão elegante, tão voluptuosamente artístico eram vivificados, animados por uma luz, um espírito, um ar sobrenatural, estranho, indefinível. O mundo moderno, com suas poesias, opunha-se vivamente ao mundo melancólico e patriarcal de Guérande, pondo em presença dois sistemas. De um lado, os mil efeitos da arte; do outro, a unidade da selvagem Bretanha.

Ninguém perguntará então por que o pobre rapaz, entediado como a mãe com as espertezas da *mouche*, estremecia sempre ao entrar nessa casa, ao tocar a sineta, ao atravessar-lhe o pátio. É de notar que esses pressentimentos não agitam mais os homens maduros, afeitos aos inconvenientes da vida, aos quais nada mais surpreende e que já tudo esperam. Ao abrir a porta, Calisto ouviu o som do piano, julgou que Camille Maupin estivesse no salão; mas, quando entrou no bilhar, a música não lhe chegou mais aos ouvidos. Camille tocava com certeza no pequeno piano que lhe viera da Inglaterra, trazido por Conti, e colocado no seu salão do primeiro andar.

Ao subir a escada, com o ruído dos passos abafados pelo tapete, Calisto foi cada vez mais lentamente. Reconheceu qualquer coisa de extraordinário naquela música. Felicidade estava tocando só para ela, entreteinha-se consigo mesma. Em vez de entrar, o rapaz sentou-se num banco gótico forrado de veludo verde que se achava no patamar, por baixo de uma janela artisticamente enquadrada em madeira esculpida, pintada de cor escura e envernizada. Nada mais misteriosamente melancólico do que a improvisação de Camille: diríeis ser uma alma bradando algum *De profundis* a Deus do fundo do túmulo. O jovem

amante reconheceu naquela música a prece do amor desesperado, a ternura do queixume submisso, o gemido de uma aflição contida. Camille desenvolvera, variara, modificara a introdução da cavatina de *Perdão para ti, perdão para mim* que é quase todo o quarto ato de *Roberto, o Diabo*.^[156] Ela cantou de repente esse trecho de um modo despedaçador e interrompeu-se. Calisto entrou e viu o motivo daquela interrupção. A pobre Camille Maupin! a bela Felicidade, mostrou-lhe sem coquetismo um rosto banhado de lágrimas, pegou o lenço, secou-as e disse-lhe simplesmente:

— Bom dia.

Estava encantadora no seu traje matinal. Trazia na cabeça uma dessas coifas de veludo encarnado, que estavam então na moda, e da qual se escapavam luzidias madeixas pretas. Uma sobrecasaca muito curta formava-lhe uma túnica grega moderna que deixava ver umas calças de cambraia de linho de extremidades bordadas e as mais lindas pantufas turcas, vermelho e ouro.

— Que tem? — perguntou-lhe Calisto.

— Ele não voltou — respondeu ela, conservando-se de pé em frente à janela e olhando as areias, o braço de mar e os pantanais.

Essa resposta explicava a sua *toilette*. Camille parecia estar à espera de Cláudio Vignon, estava inquieta como uma mulher que faz esforços inúteis. Um homem de trinta anos teria visto aquilo. Calisto viu apenas a dor de Camille.

— Está inquieta? — perguntou-lhe.

— Sim — respondeu ela com uma melancolia que aquela criança não podia analisar.

Calisto saiu com vivacidade.

— E então, onde vai?

— Buscá-lo — respondeu ele.

— Querida criança! — disse-lhe, tomando-lhe a mão, retendo-o junto a si e dirigindo-lhe um desses olhares úmidos que são para as almas jovens a mais bela das recompensas. — Está louco? Onde quer achá-lo nesta costa?

— Eu o acharei.

— Sua mãe teria angústias mortais. De resto, fique. Vamos, quero-o

—disse-lhe ela, fazendo-o sentar no divã. — Não se enteneça por minha causa. As lágrimas que me vê são dessas que nos agradam. Existe em nós uma faculdade que os homens não têm, a de nos abandonarmos à nossa natureza nervosa, extremando os nossos sentimentos. Ao imaginarmos certas situações e deixando-nos arrastar para elas, chegamos assim às lágrimas, e algumas vezes a estados graves, a desordens. Nossas fantasias não são brinquedos do espírito, e sim do coração. Veio muito a propósito, a solidão não me serve de nada. Não me deixo lograr pelo desejo que ele teve de visitar sem mim o Croisic e seus rochedos, o burgo de Batz e suas areias, e as salinas. Eu sabia que ele empregaria nisso vários dias, e não somente um. Ele quis deixar-nos sós; ele tem ciúmes ou antes simula ciúmes. Você é jovem e belo.

— Por que não mo disse?! Quer que não venha mais? — perguntou Calisto, não podendo reter uma lágrima que lhe correu pela face, e comoveu vivamente Felicidade.

— Você é um anjo! — exclamou.

Depois cantou alegremente o *Fique*, de Matilde, em *Guilherme Tell*, [157] para tirar qualquer gravidade a essa magnífica resposta da princesa ao seu súdito.

— Ele quis — continuou ela — fazer-me crer por essa forma em mais amor do que realmente sente por mim. Ele sabe o quanto lhe quero bem — disse olhando Calisto atentamente —, mas sente-se humilhado talvez em se achar inferior a mim nisso. Talvez também lhe tenham sobrevivido suspeitas a seu respeito e queria surpreender-nos. Mas, embora não fosse culpado senão de ir buscar os prazeres desse passeio selvagem sem mim, de não ter-me associado às suas excursões às ideias que esses espetáculos lhe inspirarão, e dar-me inquietações mortais, já não é isso bastante? Não sou mais amada por esse grande cérebro do que o fui pelo músico, pelo homem de espírito, pelo militar. Sterne[158] tem razão: os nomes significam alguma coisa e o meu é o mais selvagem sarcasmo. Morrerei sem encontrar num homem o amor que tenho no coração e a poesia que tenho na alma.

Ficou de braços caídos, a cabeça apoiada na almofada, o olhar abstraído por tantas reflexões, fixo numa rosácea do tapete. As dores

dos espíritos superiores têm não sei quê de grandioso e de imponente, revelam imensas extensões de alma que o pensamento do espectador ainda aumenta. Essas almas partilham os privilégios da realeza, cujas afeições se prendem a um povo e atingem então a todo o mundo.

— Por que me... ? — disse Calisto, que não pôde terminar.

A bela mão de Camille Maupin pousara-se queimante sobre a dele e interrompera-o eloquentemente.

— A natureza modificou para mim suas leis, concedendo-me ainda cinco ou seis anos de mocidade. Repeli-o por egoísmo. Cedo ou tarde a idade nos teria separado. Tenho treze anos mais do que ele, e isso já é bastante.

— Será bela ainda aos sessenta anos! — exclamou heroicamente Calisto.

— Deus o ouça! — respondeu ela sorrindo. — De resto, minha querida criança, ainda quero amar Cláudio. Apesar da sua insensibilidade, da sua falta de imaginação, de sua covarde despreocupação e da inveja que o devora, creio que nesses farrapos há grandezas, espero galvanizar aquele coração, salvá-lo dele mesmo, e prendê-lo a mim... Ai de mim, tenho o espírito clarividente e o coração cego!

Foi espantosa de clareza a seu próprio respeito. Sofria e analisava seu próprio sofrimento como Cuvier, como Dupuytren[159] explicavam aos amigos a marcha fatal da doença e o progresso que neles fazia a morte. Camille Maupin conhecia-se em assuntos de paixão como aqueles dois sábios conheciam anatomia.

— Vim aqui para bem julgá-lo, ele já se entedia. Paris faz-lhe falta, eu lho disse: ele tem a nostalgia da crítica, não tem nem autor a deparar, nem sistema a escavar, nem poeta a desesperar, e não se atreve a entregar-se aqui a alguma orgia dentro da qual ele poderia depor o fardo do seu pensamento. Ai de mim! Meu amor não é suficientemente verdadeiro, talvez, para distender-lhe o cérebro. Enfim, não o inebrio! Embebede-se esta noite com ele, eu direi que estou doente e ficarei no meu quarto, saberei se não me engano...

Calisto ficou vermelho como uma cereja, vermelho do queixo à frente e as orelhas se lhe incendiaram.

— Meu Deus — exclamou ela —, e eu que depravo, sem pensar, tua inocência de moça! Perdoa-me, Calisto. Quando amares saberás que se é capaz de pôr fogo no Sena para dar um ínfimo prazer ao *objeto amado*, como dizem as cartomantes.

Fez uma pausa.

— Há naturezas soberbas e consequentes que exclamam em certa idade: “Se eu recomeçasse a vida, faria o mesmo!”. Eu que não me julgo fraca exclamo: “Seria uma mulher como sua mãe, Calisto”. Ter um Calisto, que felicidade! Tivesse eu desposado o mais tolo dos homens, teria sido uma mulher humilde e submissa. E, entretanto, não cometi faltas para com a sociedade, não fiz mal senão a mim mesma. Minha querida criança, tanto na sociedade como no que se chama o estado primitivo, a mulher não pode ir sozinha. As afeições que não estão em harmonia com as leis sociais ou naturais, as afeições que não são obrigadas, enfim, nos fogem. Sofrer por sofrer, mais vale ser útil. Que me importam os filhos de minhas primas Faucombe, que não são mais Faucombe, que não vejo faz vinte anos, e que, de resto, desposaram negociantes! Você é um filho que não me custou os incômodos da maternidade, eu lhe deixarei minha fortuna e você será feliz, pelo menos por esse lado, por mim, querido tesouro de beleza, de graça, que nada deve alterar nem desmerecer.

Depois dessas palavras ditas num tom de voz profundo, ela baixou suas lindas pálpebras para não deixar ler em seus olhos.

— A senhora nada quis de mim — disse Calisto —, eu restituirei sua fortuna aos seus herdeiros.

— Criança! — disse Camille no mesmo tom de voz, e deixando escorrerem lágrimas pelas faces. — Então nada me salvará de mim mesma?

— A senhora tem uma história a contar-me e uma carta a me... — disse o generoso jovem para distraí-la daquele pesar.

Mas não terminou, ela interrompeu-o.

— Você tem razão, é preciso ser antes de mais nada uma rapariga honesta. Ontem era muito tarde; mas hoje parece que vamos dispor de muito tempo — disse ela de um modo simultaneamente pilhérico e amargo. — Para cumprir minha promessa, vou pôr-me de modo a

mergulhar no caminho que vai ter à falésia.

Calisto colocou para ela nessa direção uma grande poltrona gótica e abriu a janela envidraçada. Camille Maupin, que partilhava o gosto oriental do ilustre escritor de seu sexo, foi buscar um magnífico narguilé persa que lhe fora dado por um embaixador, encheu-lhe a câmara de patchuli, limpou o *bocchettino*,^[160] perfumou o cano da pena que nele adaptava e de que não se servia nunca senão uma vez, pôs fogo nas folhas amarelas, colocou o vaso de gargalo esmaltado de azul e ouro desse belo instrumento de prazer a alguns passos dela, e tocou a sineta para pedir chá.

— Quer cigarros?... Ah! sempre esqueço que não fuma. Uma pureza como a sua é tão rara! Parece-me que para acariciar a penugem acetinada de suas faces é necessário a mão de uma Eva saída das mãos de Deus.

Calisto corou e sentou-se numa banqueta, mas não viu a intensa emoção que fez Camille enrubescer.

VI – A MARQUESA BEATRIZ

— A pessoa de quem recebi esta carta ontem, e que provavelmente estará aqui amanhã, é a marquesa de Rochefide — disse Felicidade. — Depois de ter casado a filha mais velha com um grão-senhor português, instalado na França, para sempre, o velho Rochefide, cuja casa não é tão antiga quanto a sua, quis aparentar o filho à alta nobreza, a fim de poder conseguir-lhe o pariato que não pudera obter para si. A condessa de Montcornet informou-o da existência no departamento do Orme de uma srta. Beatriz Maximiliana Rosa de Casteran, filha mais moça do marquês de Casteran, o qual queria casar as duas filhas sem dote, a fim de reservar toda a sua fortuna para seu filho, o conde de Casteran. Os Casteran são, segundo parece, da costela de Adão. Beatriz, nascida e criada no castelo de Casteran, tinha então — o casamento fez-se em 1828 — uns vinte anos. Era notável por isso que vocês, provincianos, denominam originalidade, e que nada mais é do que superioridade nas ideias, exaltação, um sentimento pelo belo, um certo pendor pelas obras de arte. Acredite numa pobre mulher que se deixou arrastar por

esses pendores; não há nada mais perigoso para as mulheres; ao segui-
los chega-se onde você me vê e onde chegou a marquesa... a abismos.
Somente os homens possuem o bastão com o qual é possível sustentar-
se ao longo desses precipícios, uma força de que carecemos e que faz de
nós monstros, quando a possuímos. A velha avó, a viúva sra. de
Casteran, viu-a com satisfação desposar um homem ao qual ela devia
ser superior em nobreza e em ideias. Os Rochefide fizeram muito bem
as coisas; Beatriz só teve de louvar-se deles; do mesmo modo que os
Rochefide devem ter ficado satisfeitos com os Casteran, os quais,
aparentados aos Verneuil, aos d'Esgrignon e aos Troisville,[\[161\]](#)
obtiveram o pariato para o genro na última grande fornada de pares
feita por Carlos x e cuja anulação foi decretada pela Revolução de
Julho. Rochefide é bastante tolo; não obstante começou por ter um
filho; e, como ele destruiu a si próprio, inteiramente, no espírito da
mulher, esta não tardou a enfiar-se nele. Os primeiros dias do
casamento são um escolho para os espíritos pequenos bem como para
os grandes amores. Na sua qualidade de tolo, Rochefide interpretou
como frieza a ignorância da esposa, classificou Beatriz entre as
mulheres linfáticas e frias — ela é loura — e arrancou daí para ficar na
mais completa confiança, para viver como solteiro e para contar com a
pretensa frigidez da marquesa, sua altivez, seu orgulho, com um modo
de vida grandioso que em Paris cerca uma mulher de inúmeras
barreiras. Saberá o que quero dizer quando visitar essa cidade. Os que
contavam aproveitar de sua despreocupada tranquilidade diziam-lhe:
“Você é um homem feliz; tem uma mulher fria que só terá paixões
cerebrais; ela satisfaz-se em brilhar, suas fantasias são puramente
artísticas — seu ciúme, seus desejos ficarão satisfeitos, se ela organiza
um salão onde possa reunir todos os belos espíritos; fará orgias
musicais e orgias literárias”. E o marido a engolir essas pilhérias com
que em Paris se embromam os néscios. Entretanto Rochefide não é um
tolo comum: ele tem tanta vaidade e orgulho como um homem de
espírito, com esta diferença que as pessoas de espírito fingem modéstia
e se fazem gatos, acariciam-nos para serem acariciados; ao passo que
Rochefide tem um amor-próprio pesado, rubro e viçoso que se admira
em público e sorri sempre. Sua vaidade espoja-se na estrebaria e

alimenta-se ruidosamente na manjedoura, enquanto puxa a sua forragem. Tem desses defeitos que só são conhecidos pelas pessoas capazes de julgá-los na intimidade, defeitos que não ferem senão na sombra e no mistério da vida privada, ao passo que nos salões e para a sociedade, o homem parece encantador; Rochefide devia ser insuportável desde que se julgasse ameaçado no seu lar, porquanto tem esse ciúme equívoco e mesquinho, brutal quando é surpreendido, covarde durante seis meses, e assassino no sétimo. Acreditava enganar a mulher e temia, duas causas de tirania no dia em que percebesse que a marquesa lhe fazia a caridade de parecer indiferente às suas infidelidades. Analiso-lhe esse caráter a fim de explicar-lhe o procedimento de Beatriz. A marquesa teve por mim a mais viva admiração; mas da admiração à inveja não há senão um passo. Tenho um dos mais notáveis salões de Paris, ela desejava organizar um, e procurava tomar-me os meus habituados. Eu não sei guardar os que me querem deixar. Ela ficou com a gente superficial que são amigos de todos por ociosidade, e cujo fim é o de sair de um salão, assim que nele entraram; ela porém não teve tempo de fundar uma sociedade. Nesse tempo, eu a julguei devorada pelo desejo de uma celebridade qualquer. Não obstante, ela tem grandeza de alma, uma altivez régia, ideias, uma facilidade maravilhosa em conceber e compreender tudo; pode falar em metafísica e música, teologia e pintura. Vê-la-á mulher, como nós a vimos recém-casada; há, entretanto, nela um pouco de afetação: tem demasiado o ar de saber coisas difíceis, o chinês, ou o hebraico, de ter ideias sobre os hieróglifos ou de poder explicar os papiros que envolvem as múmias. Beatriz é uma dessas louras perto das quais a loura Eva pareceria uma negra. É delgada e ereta como um círio e branca como uma hóstia; tem o rosto comprido e pontudo, uma tez variável segundo o dia, hoje cor de percal, amanhã trigueira e com mil pequeninas manchas sob a pele, como se o sangue durante a noite houvesse acarreado poeira; sua fronte é magnífica, mas talvez um pouco audaciosa demais; suas pupilas são verde-mar pálido e nadam num branco sob sobrancelhas delgadas e pálpebras preguiçosas. Tem com frequência olheiras. O nariz, que descreve um quarto de círculo, é apertado nas ventas e cheio de finura, porém impertinente. Tem a boca

austriaca, o lábio superior mais espesso do que o inferior, o qual cai de modo desdenhoso. Suas faces pálidas coloram-se somente sob a influência de emoções fortes. Seu queixo é bastante gorducho; o meu não é delgado e talvez faça mal em dizer-lhe que as mulheres de queixo gordo são exigentes em amor. Tem uma das mais belas cinturas que já vi, dorso de alvura deslumbrante, antigamente muito chato, mas que hoje, dizem, desenvolveu-se, forrou-se; mas o busto não foi tão feliz quanto as espáduas, os braços permaneceram magros. De resto, ela tem um porte e maneiras desenvoltas que compensam o que possa ter de defeituoso, e põem admiravelmente em relevo suas belezas. A natureza deu-lhe esse ar de princesa que não se adquire, que lhe senta e revela à primeira vista a mulher nobre, em harmonia, aliás, com quadris franzinos, mas de curvas deliciosas, com o mais belo pé deste mundo, e essa abundante cabeleira de anjo, tão cultivada pelo pincel de Girodet,^[162] a qual se assemelha a jorros de luz. Sem ser irrepreensivelmente bela nem bonita, quando ela quer causa impressões inapagáveis. Não precisa mais do que vestir-se de veludo cereja, com fofos de renda, e pentear-se com rosas encarnadas, para ficar divina. Se, por um artifício qualquer, ela pudesse envergar o vestuário do tempo em que as mulheres usavam corseletes pontudos com fileiras de fitas, projetando-se delgados e finos da amplitude estofada das saias de brocado com pregas firmes e largas, no qual elas se cercavam de golas de pregas arredondadas, ocultavam os braços em mangas com aberturas, de punhos de renda de onde a mão saía como o pistilo do cálice e que atiravam os mil bucles da cabeleira para além de um coque, atado com pedrarias, Beatriz lutaria vantajosamente com as belezas ideais que o senhor vê com esses trajes.

Felicidade mostrava a Calisto uma bela cópia do quadro de Miéris,^[163] no qual se vê uma mulher vestida de cetim branco, de pé, segurando um papel e cantando com um senhor brabantês, enquanto um negro enche um cálice com vinho velho da Espanha, e uma mulher velha, criada, dispõe uns biscoitos.

— As louras — continuou ela — têm sobre nós, as morenas, as vantagens de uma preciosa diversidade: há cem modos de ser loura, mas apenas um de ser morena. As louras são mais mulheres do que

nós; nós nos assemelhamos demasiado aos homens, nós as morenas francesas. Pois bem — disse ela —, não vá apaixonar-se por Beatriz pelo retrato que acabo de lhe pintar dela, absolutamente como qualquer príncipe dos *Mil e um dias*.^[164] Ainda aí chegarias demasiado tarde, minha pobre criança. Mas consola-te. Ali toca o osso ao primeiro que chega!

Essas palavras foram ditas com intenção. A admiração expressa na fisionomia do rapaz estava mais excitada pela pintura do que pelo pintor, cuja feitura errava o alvo.

— Apesar do seu estado de louira — continuou ela —, Beatriz não tem a finura de sua cor; tem severidade nas linhas, é elegante e dura; o desenho do rosto é seco, e dir-se-ia que em sua alma há ardores meridionais. É um anjo que chameja e se desseca. Enfim, seus olhos têm sede. O que ela tem de melhor é a face; de perfil seu rosto parece ter sido apertado entre duas portas. Você verá se me engano. Eis o que nos tornou amigas íntimas. Durante três anos, de 1828 a 1831, Beatriz, gozando dos últimos restos da Restauração, ao vagar através dos salões, ao ir à Corte, ao ornar os bailes de fantasia do Elysée-Bourbon, ^[165] julgava os homens, as coisas, os acontecimentos e a vida, do alto de seu pensamento. Estava com o espírito ocupado. Esse primeiro instante de aturdimento causado pela sociedade impediu que seu coração despertasse, e ele ficou ainda entorpecido pelas primeiras malícias do casamento: o filho, o parto e esse tráfico de maternidade de que não gosto. Por esse lado não sou mulher. As crianças são-me insuportáveis, dão mil aborrecimentos e inquietações constantes. Por isso achei que um dos grandes benefícios da sociedade moderna, e do qual fomos privadas por esse hipócrita de Jean-Jacques,^[166] era de nos deixar livres de ser ou não ser mães. Se não sou a única a pensar assim, sou a única em dizê-lo. Beatriz foi, de 1830 a 1831, passar a tormenta na propriedade rural do marido e lá se entediou como um santo na sua estada no paraíso. No seu regresso a Paris a marquesa julgou, talvez com justeza, que a revolução, na aparência puramente política aos olhos de certas pessoas, ia ser uma revolução moral. O mundo ao qual ela pertencia, não se tendo podido reconstituir durante o triunfo inesperado dos quinze anos de Restauração, ir-se-ia em

migalhas sob os golpes do aríete movimentado pela burguesia. Esta grande sentença do sr. Lainé,[167] “Os reis se vão!”, fora ouvida por ela. Essa opinião, creio eu, não deixou de influenciar o seu procedimento. Ela tomou parte intelectual nas novas doutrinas que pulularam durante três anos, depois de julho, como moscardos ao sol, e que destroçaram alguns cérebros femininos; mas, como todos os nobres, embora achasse essas novidades soberbas, ela queria salvar a nobreza. Não vendo mais lugar para as superioridades pessoais, vendo a alta nobreza recomençar a oposição muda que ela fizera a Napoleão, o que constituía seu único papel sob o império da ação e dos fatos, mas, que, numa época moral, equivalia a dar sua demissão, ela preferiu sua felicidade a esse mutismo. Quando nos foi possível respirar um pouco, a marquesa encontrou em minha casa o homem com o qual eu esperava terminar minha vida, Gennaro Conti, o grande compositor, de origem napolitana, porém nascido em Marselha. Conti tem muito espírito, como compositor tem talento, conquanto jamais consiga alcançar os primeiros postos. Não fossem Meyerbeer e Rossini, talvez pudesse passar por ser um homem de gênio. Tem uma vantagem sobre eles, é em música vocal o que Paganini[168] era no violino, Liszt[169] no piano, Taglione[170] na dança e finalmente o que era o famoso Garat,[171] que ele lembra aos que o ouviram. Não é uma voz, meu amigo, é uma alma. Quando esse canto responde a certas ideias, a disposições difíceis de pintar e nas quais se encontra por vezes uma mulher, ela fica perdida ao ouvir Gennaro. A marquesa concebeu por ele a mais louca paixão e mo arrebatou. O feito é excessivamente provinciano, mas é um ardil de guerra permitido. Ela conquistou minha estima e minha amizade pelo modo por que se portou comigo. Eu parecia-lhe uma mulher capaz de defender meus bens, não sabia que, para mim, a coisa mais ridícula no mundo, nessa posição, é o objeto mesmo da luta. Veio à minha casa. Essa mulher tão orgulhosa estava tão apaixonada que me confessou seu segredo e tornou-me árbitro de seu destino. Foi adorável; permaneceu mulher e marquesa a meus olhos. Dir-lhe-ei, meu amigo, que as mulheres são por vezes más; têm, entretanto, grandezas secretas que os homens jamais saberão apreciar. Por isso, como posso fazer meu testamento de mulher à beira

da velhice que me espera, eu lhe direi que era fiel a Conti, que o teria sido até a morte e que, não obstante, eu o conhecia. É uma natureza encantadora na aparência e detestável no fundo. É um charlatão nas coisas do coração. Existem homens como Nathan[172] de quem já lhe falei, que são exteriormente charlatões e de boa-fé. Esses homens mentem a si próprios. Trepados nas suas andas, pensam estar sobre seus pés; fazem suas charlatanices com uma espécie de inocência; a vaidade deles lhes está no sangue; nasceram comediantes, fanfarrões de formas extravagantes como um vaso chinês; talvez riam deles mesmos. De resto a personalidade deles é generosa, e, como brilho das vestimentas régias de Murat[173] atrai o perigo. Mas a velhacaria de Conti não será jamais conhecida senão por sua amante. Ele tem na sua arte o célebre ciúme italiano que levou o Carloni a assassinar Piola, [174] que valeu um golpe de estilete a Paesiello,[175] Essa inveja terrível está oculta sob a mais graciosa camaradagem. Conti não tem a coragem do seu vício, sorri para Meyerbeer e felicita-o quando seu desejo seria esfaqueá-lo. Sente sua fraqueza, e dá-se as aparências da força; ademais é de uma vaidade que o faz representar os sentimentos mais estranhos ao seu coração. Apresenta-se como um artista que recebe suas inspirações do céu. Para ele a arte é algo santo e sagrado. É fanático, é sublime de zombaria para as pessoas da alta roda; é de uma eloquência que parece nascida de uma convicção profunda. É vidente, um demônio, um deus, um anjo. Facilmente, conquanto precavido, Calisto, você será enganado por ele. Esse meridional, esse artista ardente, é frio como uma corda de poço. Ouça-o: o artista é um missionário, a arte é uma religião que tem seus sacerdotes e deve ter seus mártires. Uma vez largado, Gennaro chega ao mais descabelado *pathos* que jamais professor de filosofia alemã tenha vomitado sobre seu auditório. Você fica admirando-lhe as convicções, ele não crê em nada. Ao arrebatá-lo para o céu por um canto que parece um fluido misterioso que derranca o amor, ele dirige-lhe um olhar extático; mas vigia sua admiração e a si mesmo pergunta: “Serei mesmo um deus para eles?”. No mesmo momento por vezes a si próprio diz: “Comi demasiado macarrão”. Você julga-se querido, ele odeia-o e você não sabe por que; eu, porém, sabia-o: ele vira na véspera uma mulher,

amava-a por capricho e insultava-me com um falso amor, com carícias hipócritas, fazendo-me pagar caro sua fidelidade forçada. Enfim, é insaciável em matéria de aplausos, arremeda tudo e troça de tudo; finge alegria tão bem quanto a dor; mas consegue-o de modo admirável. Ele agrada, ama, pode ser admirado quando quer. Deixei-o odiando a própria voz, à qual devia mais triunfos do que ao seu talento de compositor; e prefere ser homem de gênio como Rossini a ser um executante da força de Rubini.[176] Eu cometera o erro de prender-me a ele, estava resignada a adornar aquele ídolo até o fim. Conti, como muitos artistas, é guloso; gosta das suas comodidades, dos seus prazeres; é faceiro, rebuscado, veste-se bem; pois bem, eu lisonjeava-lhe todas as paixões, eu amava essa natureza fraca e astuciosa. Eu era invejada e por vezes sorria de piedade. Apreciava-lhe a coragem; ele é valente, e a bravura é, segundo dizem, a única virtude que não tem hipocrisia. Em viagem, certa vez, eu o vi à prova; soube arriscar uma vida a que tem apego; mas, coisa estranha! em Paris eu o vi cometer o que chamo covardias de pensamento. Meu amigo, eu sabia todas essas coisas. Eu disse à pobre marquesa: “Não sabe em que abismo vai pôr o pé. Você é o Perseu de uma pobre Andrômeda,[177] livra-me do meu rochedo. Se ele a ama, tanto melhor!, mas tenho minhas dúvidas, pois ele só ama a si próprio”. Gennaro estava no sétimo céu de orgulho. Eu não era marquesa, eu não nascera Castera, fui esquecida num dia. Concedi-me o selvagem prazer de ir até o fundo daquela natureza. Certa do desenlace, quis observar as reviravoltas que Conti fazia. Minha pobre criança, vi numa semana horrores de sentimento, farsas infames. Nada lhe quero dizer, você verá esse homem aqui. Somente como ele sabe que o conheço, hoje odeia-me. Se me pudesse apunhalar com alguma segurança, eu não existiria dois segundos. Nunca disse uma palavra a Beatriz. O último e constante insulto de Gennaro é de crer que sou capaz de comunicar meus tristes conhecimentos à marquesa. Ele tornou-se incessantemente inquieto, cismador; porquanto não crê nos bons sentimentos de ninguém. Continua representando em minha intenção o papel de um homem infeliz por ter-me deixado. Você encontrará nele as cordialidades mais insinuantes: ele é carinhoso, cavalheiresco. Para ele toda mulher é uma

madona. É preciso viver muito tempo com ele para perceber-se o segredo dessa falsa bonomia e conhecer o estilete invisível das manifestações. Seu ar convencido enganaria Deus. Por isso você será envolvido por seus modos felinos e jamais acreditará na profunda e rápida aritmética do seu pensamento íntimo. Deixemo-lo. Eu levei a indiferença a ponto de recebê-lo em minha casa. Essa circunstância fez com que a mais perspicaz das sociedades, a sociedade parisiense, nada soubesse dessa intriga. Embora Gennaro estivesse ébrio de orgulho, ele sentia sem dúvida a necessidade de bem colocar-se perante Beatriz: foi de uma dissimulação admirável. Surpreendeu-me, eu estava à espera de o ver solicitando uma explosão. Foi a marquesa quem se comprometeu, depois de um ano de felicidade submetida a todas as vicissitudes, a todos os imprevistos da vida parisiense. Fazia alguns dias que ela não via Gennaro, e eu o convidara a jantar em minha casa, onde ela devia vir à noite. Rochefide não desconfiava de nada; mas Beatriz conhecia tão bem o marido que teria preferido, dizia-me muitas vezes, as maiores misérias à vida que a esperava junto a esse homem no caso em que ele tivesse o direito de desprezá-la ou de atormentá-la. Eu tinha escolhido o dia da recepção de nossa amiga, a condessa de Montcornet.[178] Depois de ver o café servido ao marido, Beatriz saiu do salão para ir vestir-se, embora nunca começasse a fazer sua *toilette* tão cedo.

— Seu cabeleireiro não veio — observou-lhe Rochefide, quando soube do motivo da retirada da esposa.

— Tereza me penteará.

— Mas onde vai? Suponho que não quererá ir à casa da sra. de Montcornet às oito horas.

— Não — disse ela —, mas ouvirei o primeiro ato nos Italianos.

O indagador bailio do Hurão[179] de Voltaire é um mudo comparado aos maridos ociosos. Beatriz fugiu para não ser mais interrogada e não ouviu o marido dizer-lhe:

— Pois bem, iremos juntos. — Ele não fazia isso por malícia, pois não tinha motivo algum para suspeitar da mulher; ela tinha tanta liberdade! Ele esforçava-se por não incomodá-la em nada e punha amor-próprio nisso. O marquês pretendia ir não sei aonde, talvez à

casa da amante; vestira-se antes do jantar e só lhe restava pegar as luvas e o chapéu, quando ouviu rodar o carro da esposa no pátio sob o terraço da escadaria. Foi aos aposentos dela e achou-a pronta para sair, mas muito admirada de vê-lo.

— Onde vai? — perguntou ela.

— Não lhe disse que ia acompanhá-la aos Italianos? — a marquesa reprimiu as exteriorizações de uma violenta contrariedade; suas faces, porém, adquiriram uma tonalidade de um róseo vivo, como se tivesse posto *rouge*. — Pois bem, partamos — disse ela.

Rochevide acompanhou-a sem prestar atenção à emoção traída pela voz da esposa, a qual devorava a mais concentrada cólera. — Aos Italianos! — disse o marido.

— Não! — exclamou Beatriz — para a casa da srta. des Touches. Tenho alguma coisa para dizer-lhe — replicou, depois de fechada a portinhola. O carro seguiu. — Mas se quiser — disse Beatriz —, eu o lavarei primeiro aos Italianos e irei depois à casa dela.

— Não — respondeu o marquês —, se são somente algumas palavras que tem a dizer-lhe, eu esperarei no carro, são sete horas e meia.

Se Beatriz tivesse dito ao marido: “Vá aos Italianos e deixe-me em paz”, ele teria obedecido tranquilamente. Como toda mulher de espírito ela teve receio de despertar-lhe suspeitas por sentir-se culpada e resignou-se. Quando quis sair dos Italianos para vir à minha casa, o marido acompanhou-a. Ela entrou rubra de cólera e de impaciência. Veio a mim e disse-me ao ouvido com o ar mais tranquilo deste mundo:

— Minha querida Felicidade, partirei amanhã à noite com Conti para a Itália, peça-lhe que faça seus preparativos e que esteja aqui com um carro e um passaporte.

Ela partiu com o marido. As paixões violentas querem a qualquer preço sua liberdade. Beatriz sofria, fazia um ano, com seus constrangimentos e a raridade de suas entrevistas, considerava-se como unida a Gennaro. Assim, nada me surpreendeu. Em seu lugar, com o meu caráter, eu teria procedido da mesma forma. Ela resolveu-se àquele escândalo ao ver-se contrariada do modo mais inocente. Preveniu a desgraça por uma desgraça maior. Conti sentiu-se feliz de

um modo que me penalizou, estava em causa apenas sua vaidade.

— Isso é ser amado! — disse-me ele por entre os seus transportes. — Como seriam poucas as mulheres capazes de perder assim a vida, a fortuna e a consideração!

— Sim, ela o ama — disse-lhe eu —, mas você não a ama!

Ele ficou furioso e fez-me uma cena — perorou, brigou, descreveu-me seu amor, dizendo que jamais pensara poder amar tanto. Permaneci impassível e emprestei-lhe o dinheiro de que ele podia precisar para essa viagem que o pegava de um modo imprevisto. Beatriz deixou uma carta para Rochefide e partiu no dia seguinte para a Itália. Ficou por lá dois anos; escreveu-me várias vezes, suas cartas são encantadoras de amizade; a pobre criança ligou-se a mim como a única mulher que a compreende. — Adora-me, disse. — A necessidade de dinheiro obrigou Gennaro a fazer uma ópera, a qual não achou na Itália os recursos pecuniários que os compositores conseguem em Paris. Aqui está a carta de Beatriz; você poderá compreendê-la agora, se é que na sua idade já se podem analisar as coisas do coração — disse ela, entregando-lhe a carta.

Nesse momento, entrou Cláudio Vignon.

VII – CLÁUDIO VIGNON

Aquele aparecimento inesperado deixou por um instante Calisto e Felicidade silenciosos, ela por surpresa, ele por uma vaga inquietação. A fronte imensa, alta e larga, desse rapaz calvo aos trinta e sete anos[180] parecia obscurecida por nuvens. A boca firme e judiciosa revelava uma fria ironia. Cláudio Vignon é imponente, apesar dos estragos precoces de um rosto outrora magnífico e agora lívido. Entre os dezoito e os vinte e cinco anos, ele se assemelhou quase ao divino Rafael; mas o nariz, esse traço do rosto humano que mais muda, afinou-se; sua fisionomia, porém, comprimiu-se por assim dizer, sob misteriosas depressões, os contornos adquiriram uma plenitude de má cor, os tons plúmbeos dominam na tez fatigada, sem que se conheçam as fadigas desse rapaz, envelhecido talvez por uma amarga solidão e pelos abusos da compreensão. Ele escuta o pensamento alheio, sem

finalidade nem sistema, a picareta de sua crítica arrasa sempre e nada constrói. Por isso sua lassidão é a do operário, e não a do arquiteto. Os olhos, de um azul pálido, outrora brilhantes, foram velados por pesares desconhecidos, ou embaciados por uma tristeza sombria. A devassidão esfumou a região inferior das sobrelanceiras com tonalidades escuras. As ténporas muito perderam do seu frescor. O mento, de incomparável distinção, duplicou-se sem nobreza. A voz, já pouco sonora, enfraqueceu; sem estar nem extinta, nem enrouquecida, está entre o enrouquecimento e a extinção. A impassibilidade daquela cabeça, a fixidez daquele olhar encobrem uma irresolução, uma fraqueza traídas por um sorriso espirituoso e zombeteiro. Essa fraqueza atinge a ação e não o pensamento: há os traços de uma compreensão enciclopédica naquela fronte, nos hábitos daquele rosto infantil e ao mesmo tempo soberbo. Há um detalhe que pode explicar as singularidades do caráter. O homem é de elevada estatura, já levemente encurvado, como todos aqueles que carregam consigo o mundo de ideias. Jamais esses grandes corpos compridos foram notáveis por uma energia contínua ou por uma atividade criadora. Carlos Magno,^[181] Narsès,^[182] Belisário^[183] e Constantino^[184] são, nesse gênero, exceções excessivamente notáveis. Certamente Cláudio Vignon oferece mistérios a adivinhar. Antes de mais nada, ele é muito simples e ao mesmo tempo muito fino. Conquanto caia em excessos com a facilidade de uma cortesã, seu pensamento permanece inalterável. Essa inteligência que pode criticar as artes, a ciência, a literatura, a política, é inábil para governar a vida exterior. Cláudio contempla-se na extensão de seu reino intelectual e abandona sua forma com uma indiferença de Diógenes. Satisfeito por tudo penetrar, por tudo compreender, ele despreza as materialidades, mas, atingido pela dúvida assim que se trata de criar, vê os obstáculos, sem se deslumbrar com suas belezas, e, à força de discutir os meios, permanece de braços caídos, sem resultado. É o turco da inteligência adormecida pela meditação. A crítica é o seu ópio, e seu harém de livros feitos enojou-o de qualquer obra por fazer. Indiferente às menores como às maiores coisas, é obrigado pelo próprio peso da cabeça a cair no deboche a fim de abdicar por alguns instantes do fatal

poder de sua onipotente análise. Está demasiado preocupado pelo avesso do gênio e pode-se agora conceber que Camille Maupin tentasse conduzi-lo ao bom caminho. Essa tarefa era sedutora. Cláudio Vignon julgava-se também tão grande político quanto grande escritor; mas esse Maquiavel inédito ri-se interiormente dos ambiciosos, sabe tudo o que ele pode, mede instintivamente seu futuro por suas faculdades, sente-se grande, olha os obstáculos, penetra a tolice dos *parvenus*, assusta-se ou desgosta-se, e deixa o tempo passar sem pôr mãos à obra. Como Estêvão Lousteau,[185] o folhetinista, como Nathan,[186] célebre autor dramático, como Blondet,[187] outro jornalista, ele saiu do seio da burguesia, à qual se deve a maioria dos grandes escritores. [188]

— Por onde veio? — perguntou-lhe a srta. des Touches, corando de felicidade e de surpresa.

— Pela porta — disse secamente Vignon.

— Mas — exclamou ela, dando de ombros — sei perfeitamente que você não é homem para entrar pela janela.

— A escalada é uma espécie de cruz de honra para as mulheres amadas.

— Basta — disse Felicidade.

— Incomodo-os? — disse Cláudio Vignon.

— Senhor — disse o ingênuo Calisto —, esta carta...

— Guarde-a, nada peço; *na nossa idade essas coisas compreendem-se* — disse ele com ar zombeteiro interrompendo Calisto.

— Mas, senhor... — disse Calisto, indignado.

— Acalme-se, jovem, eu sou de uma indulgência excessiva para os sentimentos.

— Meu querido Calisto... — disse Camille querendo falar.

— Querido? — disse Vignon interrompendo-a.

— Cláudio graceja — disse Camille, continuando a falar a Calisto —; ele procede mal com você que nada sabe das mistificações parisienses.

— Eu não sabia que era engraçado — replicou Vignon com ar grave.

— Por que caminho veio? Faz duas horas que não deixo de olhar na direção de Croisic.

— A senhora nem sempre olhava — respondeu Vignon.

— Você é insuportável com as suas pilhérias.

— Estou pilheriando?

Calisto levantou-se.

— Não está mal aqui para ir-se — disse-lhe Vignon.

— Pelo contrário — disse o fogoso rapaz, a quem Camille Maupin estendeu a mão que ele beijou, em vez de apertá-la, nela deixando uma lágrima ardente.

— Eu quisera ser esse pequeno — disse o crítico, sentando-se e pegando a extremidade do *houca*^[189] —; como ele amará!

— Demasiado, porque então não será amado — disse a srta. des Touches — ... A sra. de Rochefide está por chegar aqui.

— Bem! — disse Cláudio. — Com Conti?

— Ela ficará só, mas ele acompanha-a.

— Há desentendimento?

— Não.

— Toque-me uma sonata de Beethoven, nada conheço da música que ele escreveu para piano.

Cláudio pôs-se a encher de tabaco turco o bojo do *houca*, examinando Camille muito mais do que ela julgava; um pensamento horrível preocupava-o, ele se julgava tomado por objeto de ludíbrio por uma mulher de boa-fé. Essa situação era nova.

VIII – A CARTA DE BEATRIZ

Calisto, ao retirar-se, não pensava mais em Beatriz de Rochefide nem na sua carta; estava furioso com Cláudio Vignon, irritava-se com o que tomava por indelicadeza, tinha pena da pobre Felicidade. Como era possível ser amado por aquela mulher sublime e não adorá-la de joelhos, não acreditar nela sob a fé de um olhar ou de um sorriso? Depois de ter sido testemunha privilegiada das dores que a espera causara a Felicidade, de tê-la visto voltando a cabeça para o Croisic, ele sentira o desejo de despedaçar aquele espectro pálido e frio, ignorando, como lho dissera Felicidade, as mistificações de pensamento nas quais se luzem os trocistas da imprensa. Para ele, o amor era uma religião humana. Ao avistá-lo no pátio, a mãe não pôde conter uma exclamação

de alegria e logo a velha srta. du Guénic apitou, chamando Mariotte.

— Mariotte, aqui está o menino, prepara o peixe.

— Já o vi, senhorita — respondeu a cozinheira.

A mãe, um pouco inquieta pela tristeza estampada na fronte de Calisto, sem suspeitar ser ela causada pelos supostos maus-tratos de Vignon para Felicidade, pôs-se a trabalhar na sua tapeçaria. A velha tia pegou o seu tricô. O barão deu sua poltrona ao filho e passeou pela sala como para desenferrujar as pernas, antes de ir dar uma volta pelo jardim. Jamais quadro flamengo ou holandês representou um interior de tom tão sombrio, mobiliado de figuras harmoniosamente suaves. Aquele belo rapaz, vestido de veludo preto, aquela mãe ainda tão bela e os dois velhos enquadrados naquela sala antiga exprimiam as mais comovedoras harmonias domésticas. Fanny bem quisera interrogar Calisto; ele, porém, puxara do bolso aquela carta de Beatriz, que iria, talvez, destruir toda a felicidade de que gozava aquela nobre família. Ao desdobrá-la, a viva imaginação de Calisto mostrou-lhe a marquesa vestida como lha descrevera fantasticamente Camille Maupin.

CARTA DE BEATRIZ A FELICIDADE

Gênova, 2 de julho

Não lhe escrevi desde nossa estada em Florença, querida amiga; mas Veneza e Roma absorveram meu tempo, e, como sabe, a felicidade ocupa lugar na vida. Nem eu nem você nos preocuparemos com mais uma ou menos uma carta. Estou um pouco cansada. Quis ver tudo e quando não se tem uma alma que facilmente se embota, a repetição dos gozos causa lassidão. Nosso amigo teve belos triunfos no Scala, no Fenice e nestes últimos dias no San Carlos.^[190] Três óperas italianas em dezoito meses! Você não poderá dizer que o amor o torna preguiçoso. Por toda a parte fomos recebidos maravilhosamente, mas eu teria preferido o silêncio e a solidão. Não é esse o único modo de ser que convenha a uma mulher em oposição direta com a sociedade? Eu acreditava que assim fosse. O amor, minha querida, é um mestre mais exigente do que o casamento; mas é tão doce obedecer-lhe!

Depois de ter feito do amor toda a minha vida, eu não pensei que fosse preciso tornar a ver a sociedade, mesmo de modo esporádico, e as atenções com que me cercaram eram outros tantos ferimentos. Eu ali não me achava mais em

pé de igualdade com as damas de mais alta categoria. Quanto mais considerações me dispensavam, mais se acentuava minha inferioridade. Gennaro não compreendeu essas sutilezas; mas estava tão feliz, que teria sido deselegante de minha parte não imolar algumas pequenas vaidades a uma coisa tão grande, como a vida de um artista. Nós não vivemos senão pelo amor, ao passo que os homens vivem pelo amor e pela ação, de outra forma eles não seriam homens. Entretanto para nós, mulheres, existem grandes desvantagens na posição em que me coloquei, e você a tinha evitado; você conservou-se grande perante a sociedade que nenhum direito tinha sobre você; dispunha de seu livre-arbítrio e eu não tenho mais o meu. Não falo disso senão relativamente às coisas do coração e não às coisas sociais, das quais fiz um completo sacrifício. Você podia ser coquete e voluntariosa, ter todas as graças da mulher que ama e pode tudo conceder ou recusar à vontade; você conservava o privilégio dos caprichos, mesmo no interesse de seu amor e do homem que lhe agradava. Hoje, finalmente, você ainda tem seu próprio consentimento; eu não tenho mais a liberdade de coração que sempre acho deliciosa de exercer em amor, mesmo quando a paixão é eterna. Não tenho esse direito de brigar rindo, direito ao qual temos tanto apego e com muita razão: não é ele a sonda com a qual interrogamos o coração? Não tenho ameaças a fazer, devo buscar todos os meus atrativos numa obediência e doçura ilimitadas, devo impor pela grandeza de meu amor; prefiro morrer a separar-me de Gennaro, porquanto meu perdão está na santidade de minha paixão. Entre a dignidade social e minha pequena dignidade, que é um segredo para a minha consciência, não hesitei. Se tenho algumas melancolias, semelhantes a essas nuvens que passam mesmo pelos céus mais puros, e às quais nós mulheres gostamos de nos entregar, calo-as, pois se assemelhariam a arrependimentos. Meu Deus, vi tão bem a extensão de minhas obrigações que me armei de plena indulgência; mas até agora Gennaro não assustou meu sensível ciúme.

Enfim não chego a ver por onde esse querido belo gênio possa falir. Pareço-me um pouco, meu anjo, a esses devotos que discutem com o seu Deus, porquanto não é a você a quem devo minha felicidade? Também, não pode duvidar de que eu pense com frequência em você. Vi a Itália, enfim! como você a viu, como deve ser vista, iluminada em nossa alma pelo amor, como o é por seu belo sol e suas obras-primas. Tenho pena daqueles que são incessantemente movidos pelas adorações que ela reclama a cada passo, por não ter uma mão a apertar, um coração no qual atirar a exuberância das emoções que ali se acalmam, ao se engrandecerem. Esses dezoito meses são para mim toda a minha vida, e minha memória deles recolherá fartas messes. Não fez você como eu o projeto de permanecer em Chiavari, de comprar um palácio em Veneza,

uma casinha em Sorrento, uma vila em Florença? Não é a sociedade um temor comum para todas as mulheres que amam? Eu, porém, atirada para sempre para fora dela, não deveria almejar sepultar-me numa bela paisagem, num monte de flores, em frente a um bonito mar ou a um vale que valesse um mar, como o que se vê em Fiesole? Mas, ai de mim! Nós somos uns pobres artistas, e o dinheiro faz voltar a Paris os dois boêmios. Gennaro não quer que eu me aperceba de ter abandonado meu luxo, e vai a Paris a fim de fazer ensaiar uma nova obra, uma grande ópera. Você compreende tão bem como eu, meu belo anjo, que não posso pôr o pé em Paris. Nem à custa do meu amor, quisera topar com um desses olhares de mulher ou de homem que me fariam conceber o assassinio. Sim, eu faria um picadinho de quem quer que fosse que me honrasse com sua piedade, me cobrisse com sua amabilidade, como essa adorável Chateauneuf, a qual, no reinado de Henrique iii, creio, impeliu seu cavalo e espezinhou o preboste de Paris por um crime dessa espécie. Escrevo-lhe pois para dizer-lhe que não tardarei em ir ter consigo nas Touches e esperar nessa cartuxa o nosso Gennaro. Vê como sou ousada com minha benfeitora e irmã! Mas é que a grandeza das obrigações não me levará, como a certos corações, à ingratidão. Falou-me tanto das dificuldades da estrada, que vou tentar chegar ao Croisic por mar. Ocorreu-me essa ideia ao saber aqui que havia um pequeno navio dinamarquês, já carregado de mármore, que vai aí buscar sal ao regressar ao Báltico. Por esse caminho, evito a fadiga e as despesas de viagem pela mala-posta. Sei que você não está só e isso me faz muito feliz: através minha felicidade, eu tinha remorsos. Você é a única pessoa junto à qual eu poderia estar só e sem o Conti. Não será também para você um prazer de ter a seu lado uma mulher que compreenderá sua felicidade sem invejá-la? Vamos, até breve. O vento é favorável, parto mandando-lhe um beijo.

IX – UMA PRIMEIRA CONFIDÊNCIA

“É claro, essa também ama”, pensou Calisto ao dobrar a carta com ar triste.

Essa tristeza jorrou sobre o coração da mãe como se algum clarão lhe tivesse iluminado um abismo. O barão acabava de sair. Fanny foi fechar o trinco da pequena torre e voltou, colocando-se contra o espaldar da poltrona em que estava o filho, na posição da irmã de Dido no quadro de Guérin,^[191] beijou-lhe a fronte ao dizer-lhe:

— Que tens, meu Calisto, que te entristece? Prometeste explicar-me

tuas assiduidades nas Touches; devo, segundo dizes, abençoar-lhe a dona?

— Sim, com certeza, querida mãe — disse ele —; ela demonstrou-me a insuficiência de minha educação numa época em que os nobres precisam conquistar um valor pessoal para restituir a vida a seus nomes. Eu estava tão longe do meu século como Guérande está longe de Paris. Ela foi um pouco a mãe da minha inteligência.

— Não será por isso que eu a abençoarei — disse a baronesa, cujos olhos se encheram de lágrimas.

— Mamãe — exclamou Calisto, sobre cuja fronte caíram aquelas lágrimas quentes, duas pérolas de maternidade dorida —, não chore, mamãe, porque faz pouco eu queria, para prestar-lhe um serviço, percorrer a região desde a ribanceira dos aduaneiros até o burgo de Batz e ela disse-me: “Em que inquietações ficaria sua mãe!”.

— Ela disse isso? Posso então perdoar-lhe muitas coisas — murmurou Fanny.

— Felicidade não quer senão meu bem — continuou Calisto —; ela retém muitas vezes essas palavras vivas e equívocas que escapam aos artistas, para não abalar em mim uma fé que ela não sabe ser inabalável. Contou-me a vida em Paris de alguns rapazes da mais alta nobreza, vindos da província, como eu poderei ir, separando-se de uma família sem fortuna e conquistando lá pelo poder da vontade e da inteligência grandes riquezas. Eu posso fazer o que fez o barão de Rastignac[192] hoje no ministério. Ela dá-me lições de piano, ensina-me o italiano, inicia-me nos mil segredos sociais, segredos de que em Guérande ninguém suspeita. Ela não me pôde dar os tesouros do amor, dá-me os de sua vasta inteligência, do seu espírito, de seu gênio. Ela não quer ser um prazer para mim, e sim uma luz; ela não choca nenhuma das minhas religiões: tem fé na nobreza, ama a Bretanha, ela...

— Ela transformou o nosso Calisto — disse a velha cega interrompendo-o —, porque não compreendo patavina do que dizes. Tens uma casa sólida, meu belo sobrinho, velhos pais que te adoram, velhos criados ótimos; podes desposar uma boa pequena bretã, uma moça religiosa e cheia de qualidades que te fará feliz, e podes reservar

tuas ambições para teu filho primogênito, que será três vezes mais rico do que tu és agora, se souberes viver tranquilo, economicamente, à sombra, na paz do senhor, para resgatar as terras da nossa casa. És simples como um coração bretão. Não serás tão rapidamente, mas mais solidamente, um rico gentil-homem.

— Tua tia tem razão, meu amigo, ela ocupou-se com a tua felicidade com tanta solicitude quanto eu. Se eu não conseguir casar-te com *miss* Margaret, a filha de teu tio *lord* Fitz-William, é mais ou menos seguro que a srta. de Pen-Hoël dará sua herança àquela das sobrinhas que for tua eleita.

— Além disso, encontrar-se-ão por aqui alguns escudos — disse a velha tia, em voz baixa, e com ar misterioso.

— Casar com a minha idade? — disse ele dirigindo a Fanny um desses olhares que fazem amolecer a razão das mães. — Viverei então sem belos e tresloucados amores! Não poderei tremer, palpitar, respirar, deitar-me sob olhares implacáveis e enternecê-los? Deverei não conhecer a beleza livre, a fantasia da alma, as nuvens que correm pelo azul da felicidade e que o sopro do prazer dissipa? Não irei pelos pequenos atalhos úmidos de orvalho? Não permanecerei sob o chorro de uma goteira sem saber que está chovendo, como os namorados de Diderot? Não pegarei, como o duque de Lorena, um carvão ardente na palma da mão? Não subirei por escadas de seda? Não me suspenderei numa velha grade apodrecida sem a fazer vergar? Não me ocultarei num armário ou sob um leito? Não conhecerei da mulher senão a submissão conjugal, do amor senão sua chama de lâmpada, sempre a mesma? Ficarão minhas curiosidades saciadas antes de terem sido excitadas? Viverei sem experimentar essas iras do coração que engrandecem o poder do homem? Serei um monge conjugal? Não! Mordi a maçã parisiense da civilização. Não vedes que, pelos castos, pelos ignorantes costumes da família, preparastes o fogo que me devora, e que eu serei consumido sem ter adorado a divindade que vejo por toda a parte, nas verdes folhagens, como nas aveias incendiadas pelo sol, e em todas as mulheres belas, nobres, elegantes, descritas pelos livros, pelos poemas que devorei em casa de Camille? Ai de mim! Dessas mulheres não há senão uma em Guérande, e essa sois vós,

minha mãe! Esses belos pássaros azuis dos meus sonhos vêm de Paris, saem de entre as páginas de Lord Byron, de Scott: é Parisina, Effie, Minna!^[193] Enfim é a régia duquesa que vi na charneca, através das urzes, e cujo aspecto fazia afluir o sangue ao meu coração!

A baronesa viu todos esses pensamentos mais claros, mais belos, mais vivos do que a arte os faz para aquele que os lê, ela os abarcou rápida, todos atirados por aquele olhar como flechas de uma aljava que se derruba. Sem ter jamais lido Beaumarchais, ela pensou, como todas as mulheres, que seria um crime casar aquele Querubim.

— Oh, meu querido filho — disse ela, tomando-o nos braços, apertando-o e beijando-lhe os belos cabelos que eram ainda dela —, casa-te quando quiseses, mas sê feliz! Meu papel não é de atormentar-te.

Mariotte veio pôr a mesa. Gasselin saíra para fazer passear o cavalo de Calisto, que este fazia dois meses não montava. Aquelas três mulheres, a mãe, a tia e Mariotte entendiam-se com a manha peculiar às mulheres para festejar Calisto, quando ele jantava em casa. A pobreza bretã, armada com as recordações e os hábitos da infância, tentava lutar com a civilização parisiense tão fielmente representada a dois passos de Guérande, nas Touches. Mariotte tentava desgostar seu jovem patrão das sábias preparações culinárias de Camille Maupin, assim como a mãe e a tia rivalizavam de cuidados para enleiar o querido pequeno nas malhas da sua ternura e tornar impossível qualquer comparação.

— Ah, o senhor tem um peixe, sr. Calisto, e narcejas, e crepes, que só podem ser feitos aqui — disse Mariotte com ar sorrateiro e triunfante, olhando para a toalha branca, uma verdadeira camada de neve.

Depois do jantar, quando a velha tia recomeçou a fazer seu tricô, quando o cura de Guérande e o cavaleiro du Halga voltaram, atraídos por sua partida de *mouche*, Calisto saiu para voltar às Touches, tomando como pretexto a restituição da carta de Beatriz.

Cláudio Vignon e a srta. des Touches ainda estavam à mesa. O grande crítico tinha inclinação pelos bons petiscos, e esse vício era explorado por Felicidade, que sabia o quanto uma mulher se torna indispensável por suas complacências. A sala de jantar, completada fazia um mês por acréscimos importantes, revelava com que condescendência e com que prontidão uma mulher desposa o caráter, adota a profissão, as paixões e os gostos do homem a quem ama ou a quem quer amar. A mesa oferecia o rico e brilhante aspecto que o luxo moderno imprime ao serviço, auxiliado pelos aperfeiçoamentos da indústria. A pobre e nobre casa do Guénic ignorava com que adversário tinha de haver-se e que fortuna seria necessária para competir com a baixela de prata, reformada em Paris, e trazida pela srta. des Touches, com suas porcelanas consideradas ainda boas para a campanha, com sua bela roupa de mesa, com a prata dourada, com as bugigangas de sua mesa e a ciência de seu cozinheiro. Calisto recusou tomar os licores contidos num desses magníficos botequins de madeira preciosa que são como tabernáculos.

— Aqui está sua carta — disse ele, com inocente ostentação, olhando para Cláudio, o qual saboreava um cálice de licor das Ilhas.

— E então, que diz a isso? — perguntou a srta. des Touches, atirando a carta por sobre a mesa a Vignon, o qual pôs-se a lê-la, pegando e depondo alternativamente seu cálice.

— Mas... que as mulheres de Paris são bem felizes, pois todas têm homens de gênio para adorar e que as amam.

— Pois bem, você ainda é da sua aldeia — disse Felicidade rindo.— Como! Não viu que ela já o ama menos e que...?

— É evidente! — disse Cláudio Vignon, que não percorrera senão a primeira folha. — Pode alguém observar seja lá o que for na própria situação, quando se ama verdadeiramente? Pode-se ser tão sutil quanto o é a marquesa? Pode-se fazer cálculos? Fazem-se acaso distinções? A querida Beatriz está presa a Conti pelo orgulho, está condenada a amá-lo quer queira, quer não.

— Pobre mulher! — disse Camille.

Calisto tinha os olhos postos na mesa, nada mais via.

A bela mulher, no traje fantástico desenhado de manhã por

Felicidade, lhe aparecera brilhante de luz; ela sorria-lhe, agitava seu leque; e a outra mão, saindo de um punho de rendas e de veludo nacarado, caía branca e pura sobre as pregas fofas de seu esplêndido vestido.

— Seria bem o negócio que lhe convém — disse Cláudio Vignon, sorrindo com ar sardônico para Calisto.

Calisto sentiu-se ofendido com o termo *negócio*.

— Não dê a este querido moço a ideia de semelhante aventura, você não sabe o quanto esses gracejos são perigosos. Eu conheço Beatriz, ela tem demasiada grandeza no caráter para mudar e, além disso, Conti estaria presente.

— Ah! — disse sarcasticamente Cláudio Vignon — um pequeno gesto de ciúme?

— Acredita isso? — disse Camille altivamente.

— É mais perspicaz do que uma mãe — respondeu Cláudio.

— Mas é isso possível? — disse Camille, mostrando Calisto.

— Entretanto — redarguiu Vignon —, fariam um belo par. Ela tem dez anos mais do que ele e é ele que parece ser a moça.

— Uma mocinha, senhor, que já viu o fogo duas vezes na Vendeia. Se tivesse havido somente vinte mil moças semelhantes...

— Eu estava fazendo o seu elogio — disse Vignon —, o que é muito mais fácil do que fazer-lhe a barba.

— Tenho uma espada que já a fez aos que a têm demasiado comprida — respondeu Calisto.

— E eu faço muito bem o epigrama — disse Vignon, sorrindo —, somos franceses, o assunto pode arranjar-se.

A srta. des Touches dirigiu a Calisto um olhar suplicante que o acalmou subitamente.

— Por que — disse Felicidade, para pôr fim a esse debate — os jovens rapazes, como o meu Calisto, começam por amar mulheres de certa idade?

— Não conheço sentimento mais ingênuo, nem mais generoso, respondeu Vignon —; ele é a consequência das adoráveis qualidades da mocidade. De resto, como poderiam as mulheres velhas terminar sem esse amor? A senhora é jovem e bela e sê-lo-á ainda durante vinte anos,

a gente pode explicar-se na sua presença — acrescentou ele, dirigindo um olhar sutil à srta. des Touches. — Primeiro, as semimatronas às quais se dirigem os rapazes sabem amar muito melhor do que as mulheres moças. Um adulto assemelha-se demasiado a uma mulher moça para que uma mulher assim lhe agrade. Uma tal paixão beira a fábula de Narciso.[194] Além dessa repugnância, há, creio, entre eles uma inexperiência mútua que os separa. Assim, a razão que faz com que o coração das mulheres moças não possa ser compreendido senão por homens, cuja habilidade se oculta sob uma paixão verdadeira ou simulada, é a mesma, pondo de parte a diferença dos espíritos, que torna uma mulher de certa idade mais apta para seduzir um rapazinho: ele sente admiravelmente que triunfará com ela, e as vaidades da mulher ficam admiravelmente lisonjeadas com aquela perseguição. Enfim, é muito natural que a mocidade se atire sobre os frutos e o outono da mulher oferece-lhe frutos magníficos e muito saborosos. Nada valerão, por acaso, esses olhares, ao mesmo tempo atrevidos e reservados, langorosos a propósito, embebidos dos últimos clarões do amor, tão quentes e suaves? Essa sábia elegância de palavras, essas magníficas espáduas douradas tão nobremente desenvolvidas, aquelas rotundidades tão cheias, aquela harmonia de linhas nutridas e ondulantes, aquelas mãos escavadas de covinhas, aquela pele polposa e sadia, aquela fronte cheia de sentimentos abundantes por onde a luz se arrasta, aquela cabeleira tão bem-arrumada, tão bem cuidada, onde estreitos raios de carne branca são admiravelmente desenhados, e aquele pescoço de dobras soberbas, aquelas nuca provocantes onde todos os recursos da arte são explorados para fazer brilhar os contrastes entre os tons da pele e os cabelos, para pôr em relevo toda a insolência da vida e do amor? As próprias morenas tomam então tonalidades loiras, as cores de âmbar da maturidade. Ademais, essas mulheres revelam em seus sorrisos e desenvolvem nas suas palavras a ciência da sociedade; sabem conversar, entregam-nos o mundo inteiro para fazer-nos sorrir, têm dignidades e orgulhos sublimes, dão gritos de desespero capazes de fender a alma, adeuses ao amor que sabem tornar inúteis e que reavivam as paixões; tornam-se jovens, variando as coisas mais desesperadamente simples; fazem-se a todo momento

reerguer de sua decadência, proclamando com coquetismo, e a embriaguez causada por seus triunfos é contagiosa; seus devotamentos são absolutos: elas ouvem, amam, enfim, apoderam-se do amor como o condenado à morte se agarra aos menores detalhes da vida, assemelham-se a esses advogados que tudo pleiteiam nas suas causas sem entediar o tribunal, usam de todos os seus meios, enfim, não se conhece o amor absoluto a não ser por intermédio delas. Não creio que seja possível esquecê-las nunca, como não se esquece o que é grande, sublime. Uma mulher moça tem mil distrações; essas mulheres não se distraem nunca; não têm amor-próprio, nem vaidade, nem pequenez; seu amor é o Loire na sua embocadura: é imenso, avolumado por todas as decepções, por todos os afluentes da vida, e eis por que... minha filha está muda[195] — disse ele, ao ver a atitude extática da srta. des Touches, que apertava com força a mão de Calisto, talvez para agradecer-lhe de ter sido o pretexto de semelhante momento, de um elogio, tão pomposo que nele não pôde perceber nenhuma armadilha.

Durante o resto do serão Cláudio Vignon e Felicidade estiveram cintilantes de espírito, contaram anedotas e descreveram o mundo parisiense a Calisto, o qual ficou seduzido por Cláudio, porquanto o espírito exerce suas seduções, sobretudo nas pessoas de grande coração.

— Não me admirarei de ver a marquesa de Rochefide e Conti, que sem dúvida a acompanha, desembarcarem amanhã — disse Cláudio no fim do serão. — Quando saí do Croisic, os marinheiros tinham identificado um pequeno navio dinamarquês, sueco ou norueguês.

Essa frase coloriu as faces da impassível Camille.

Nessa noite, a sra. du Guénic esperou ainda até uma hora da manhã o filho, sem poder compreender o que ele fazia nas Touches, visto que Felicidade não o amava.

“Mas ele os atrapalha”, pensava aquela mãe adorável. — O que você esteve falando tanto? — perguntou ela ao filho, ao vê-lo entrar.

— Oh, minha mãe, nunca passei um serão mais delicioso! O talento é uma coisa bem grande, bem sublime! Por que não me deste talento? Com talento deve-se poder escolher entre as mulheres aquela a quem se ama, que é forçosamente da gente.

— Mas tu és belo, meu Calisto.

— A beleza só tem boa colocação aqui. De resto, Cláudio Vignon é belo. Os homens de gênio têm fronte luminosas, olhos de onde fuilam relâmpagos; e eu, infeliz, nada mais sei senão amar.

— Dizem que isso basta, meu anjo — disse ela, beijando-o na fronte.

— Isso é verdade?

— Disseram-me, nunca experimentei.

Tocou a vez a Calisto de beijar santamente a mão da mãe.

— Eu te amarei por todos os que te teriam adorado — disse-lhe ele.

— Querido filho, é um pouco teu dever, tu herdaste todos os meus sentimentos. Não sejas pois imprudente: procura amar somente mulheres nobres, se é necessário que ames.

XI – PRIMEIRA ENTREVISTA

Qual o rapaz, cheio de amor transbordante e de vida represada, que não teria a ideia vitoriosa de ir ao Croisic, ver desembarcar a sra. de Rochefide, a fim de poder visitá-la incógnito? Calisto surpreendeu estranhamente os pais, que nada sabiam da chegada de bela marquesa, ao partir desde manhã cedo sem querer almoçar. Sabe Deus com que agilidade o bretão pôs o pé no mundo. Parecia que uma força desconhecida o ajudava; sentiu-se leve, deslizou-se ao correr dos muros das Touches para não ser visto. Aquela adorável criança teve pejo do seu ardor e talvez um medo horrível de ser motejado: Felicidade, Cláudio Vignon, eram tão perspicazes! Nesses casos, de resto, os jovens julgam que suas fronte são diáfanas. Ele seguiu as voltas do caminho através do dédalo das salinas, alcançou as areias e atravessou-as como que de um salto, apesar do ardor do sol que ali fuscava. Chegou junto ao barranco, consolidado por um empedramento ao pé do qual há uma casa onde os viajantes encontram um abrigo contra as tempestades, os ventos do mar, as chuvas e os vendavais. Nem sempre é possível atravessar o pequeno braço de mar, nem sempre se encontram barcos, e durante o tempo que eles levam para chegar ao porto, é muitas vezes útil manter sob abrigo os cavalos, os burros, as mercadorias ou a bagagem dos viajantes.

Dali, avistam-se o mar largo e a cidade de Croisic; dali, Calisto não tardou em ver chegar dois barcos cheios de coisas, embrulhos, malas, sacos de roupa e caixas, cuja forma e disposições anunciavam aos filhos do lugar objetos extraordinários que não podiam pertencer senão a viajantes de distinção. Num dos barcos havia uma mulher jovem, com chapéu de palha e véu verde, acompanhada por um homem. Esse barco foi o primeiro a abordar. Calisto estremeceu; mas ao aspecto de ambos, ele reconheceu um criado e uma criada de quarto; não se atreveu a interrogá-los.

— Vai vir ao Croisic, sr. Calisto? — perguntaram os marinheiros que o conheciam e aos quais ele respondeu com um sinal de cabeça negativo, envergonhado por terem dito seu nome.

Calisto ficou encantado à vista de uma caixa coberta de tela alcatroada na qual se lia: *A sra. marquesa de Rochefide*. Esse nome brilhava a seus olhos como um talismã, sentia nele um não sei quê fatal; sabia, sem sombra de dúvida, que amaria aquela mulher; as menores coisas que diziam respeito a ela já o ocupavam, interessavam-no e aguçavam-lhe a curiosidade. Por quê? No deserto ardente de seus desejos infinitos e sem objetivo, não projeta a juventude todas as suas forças sobre a primeira mulher que se lhe apresenta? Beatriz herdara o amor que Camille desdenhara. Calisto olhou o desembarque, dirigindo entretanto de quando em quando os olhos para o Croisic, esperando ver um barco sair do porto, vir àquele pequeno promontório, onde o mar mugia, e mostrar-lhe aquela Beatriz que, em seu pensamento, já se tornara o que fora Beatriz para Dante, uma eterna estátua de mármore em cujas mãos ele penduraria suas flores e seus louros. Permanecia de braços cruzados, imerso nas meditações da espera. Um fato digno de notar, que entretanto não foi notado, é o modo por que submetemos muitas vezes nossos sentimentos a uma vontade, o quanto assumimos uma espécie de compromisso com nós mesmos, e como criamos a nossa sorte: a parte do acaso nisso não é tão grande quanto acreditamos.

— Não vejo os cavalos — disse a criada de quarto, sentada numa mala.

— E eu não vejo caminho trilhado — disse o criado.

— Entretanto, aqui estiveram cavalos — replicou a criada de quarto, apontando para as provas da estada deles. — Senhor — disse ela, dirigindo-se a Calisto —, é bem este o caminho que vai a Guérande?

— Sim — respondeu ele. — A quem esperam?

— Disseram-nos que viriam buscar-nos das Touches. Se demorassem, não sei como a senhora marquesa poderia vestir-se — disse ela ao criado. — Você deveria ir à casa da srta. des Touches. Que terra de selvagens!

Calisto teve uma vaga suspeita da sua posição falsa.

— Sua patroa vai então às Touches?

— A senhorita veio buscá-la esta manhã às sete horas — respondeu a criada. — Ah, aqui estão os cavalos!

Calisto enveredou para Guérande com a velocidade e a ligeireza de uma camurça, fazendo uma gambeta de lebre a fim de não ser reconhecido pela gente das Touches; mas encontrou-se com dois de lá no caminho estreito das salinas, por onde passou.

“Entrarei ou não entrarei?”, pensou ao ver surgirem os pinheiros das Touches.

Teve medo, voltou encalistrado para Guérande, e passeou na alameda, onde continuou suas deliberações. Estremeceu ao ver as Touches, examinava-lhe os cata-ventos.

— Ela não suspeita da minha agitação — monologava.

Seus pensamentos caprichosos eram outros tantos arpões que se lhe enterravam no coração, ali prendendo a marquesa. Calisto não tivera desses terrores e dessas alegrias antecipadas com Camille; encontrara-a a cavalo, e seu desejo nascera como nasceria o desejo ao aspecto de uma bela flor que quisesse colher. Essas incertezas nas almas tímidas compõem como poemas. Aquecidas pelas primeiras chamas da imaginação, essas almas se erguem, se irritam, se acalmam, se animam, alternativamente, e chegam na solidão e no silêncio ao mais alto grau do amor, antes de terem abordado o objeto de tantos esforços. Calisto avistou de longe na alameda o cavaleiro du Halga, que estava passeando com a srta. de Pen-Hoël e ouviu pronunciar seu nome; escondeu-se. O cavaleiro e a velha solteirona, julgando-se sós na alameda, falavam em voz alta.

— Visto que a srta. Carlota de Kergarouët vem — dizia o cavaleiro —, conserve-a aqui três ou quatro meses. Como quer que ela seja coquete com Calisto? Ela nunca fica o tempo suficiente para conquistá-lo; ao passo que, vendo-se todos os dias, essas duas crianças acabarão dominadas por uma bela paixão e a senhora os casará no próximo inverno. Se a senhora disser a Carlota duas palavras das suas intenções, ela breve terá dito quatro a Calisto, e uma rapariga de dezesseis anos vencerá seguramente uma mulher de quarenta e poucos.

Os dois velhos viraram-se para dar volta; Calisto nada mais pôde ouvir, mas compreendeu a intenção da srta. de Pen-Hoël. Na situação de alma em que ele se achava, nada podia ser mais fatal. Pode lá um rapaz aceitar por esposa uma moça que lhe é imposta, estando mergulhado nas esperanças de um amor preconcebido? Calisto, para quem Carlota de Kergarouët era indiferente, sentiu-se disposto a refugá-la. Era inacessível às considerações de fortuna, desde a infância acostumara-se à vida medíocre da casa paterna, e, ademais, ignorava as riquezas da srta. de Pen-Hoël ao vê-la levar uma vida tão pobre como a dos du Guénic. Enfim, um rapaz educado como o era Calisto, não devia fazer caso senão de sentimentos, e todo o seu pensamento pertencia à marquesa. Diante do retrato que Camille esboçara, o que era a pequena Carlota? A companheira de sua infância a quem ele tratava como irmã. Só voltou para casa às cinco horas. Quando entrou na sala, a mãe apresentou-lhe, com um sorriso triste, uma carta da srta. des Touches:

Meu querido Calisto, a bela marquesa de Rochefide chegou e contamos com você para festejar sua vinda. Cláudio, sempre trocista, acha que você será Bice e que ela será Dante. A honra da Bretanha e a dos du Guénic está empenhada para bem receber uma Casteran. Até breve, pois, sua amiga

CAMILLE MAUPIN

Venha sem cerimônia, tal qual estiver; de outra forma, seríamos

ridículos.

Calisto mostrou a carta à mãe e partiu.

— Quem são os Casteran? — perguntou ela ao barão.

— Uma velha família da Normandia, aparentada a Guilherme, o Conquistador — respondeu ele. — Eles apresentam *terciado em faixa, de blau, de goles e de sable, com um cavalo corrente, de prata, ferrado de ouro*. A bela criatura por quem o Gars[196] se fez matar em Fougères, no ano de 1800, era a filha de uma Casteran, a qual se tornou religiosa em Sééz e lá se tornou abadessa, depois de ter sido abandonada pelo duque de Verneuil.

— E os Rochefide?

— Não conheço esse nome, seria preciso ver-lhes o brasão — disse ele.

A baronesa ficou um pouco menos inquieta ao saber que a marquesa Beatriz de Rochefide pertencia a uma velha casa; mas ainda experimentou uma espécie de pavor por saber o filho exposto a novas seduções.

Calisto, ao caminhar, tinha sensações ao mesmo tempo violentas e meigas; sentia a garganta apertada, o coração intumescido, o cérebro perturbado; ardia em febre. Queria retardar a marcha, mas uma força superior precipitava-o sempre. Essa impetuosidade dos sentidos, excitada por uma vaga esperança, todos os rapazes a conheceram: um fogo sutil chameja interiormente e faz irradiar em torno como que esses nimbos que aureolam os personagens divinos, nos quadros religiosos, e através dos quais eles veem a natureza abrasada e a mulher radiosa. Não são eles, então, como santos cheios de fé, de esperança, de ardor e de pureza? O jovem bretão encontrou a sociedade no pequeno salão do apartamento de Camille. Eram cerca de seis horas da tarde; o sol, ao pôr-se, espalhava pelas janelas suas tonalidades rubras, quebradas no arvoredo; o ar estava calmo, havia naquele salão a penumbra de que tanto gostam as mulheres.

— Aqui está o deputado da Bretanha — disse Camille Maupin, sorrindo à amiga, apontando para Calisto, quando este soergueu o reposteiro da tapeçaria —, é pontual como um rei.

— Reconheceu-lhe os passos? — perguntou Cláudio Vignon à srta. des Touches.

Calisto curvou-se ante a marquesa, a qual o saudou com um gesto de cabeça; ele não a olhara. Pegou a mão que Cláudio Vignon lhe estendia e apertou-a.

— Aqui está o grande homem de quem tanto lhe falamos, Gennaro Conti — disse-lhe Camille sem responder a Vignon.

Ela apresentava a Calisto um homem de estatura mediana, delgado, franzino, de cabelos castanhos, olhos quase vermelhos, de tez alva e salpicada de sardas, sendo sua cabeça completamente semelhante à tão conhecida de Lord Byron, que descrevê-la seria supérfluo, mas trazia-a, talvez, melhor. Conti sentia-se bastante orgulhoso por essa semelhança.

— Estou encantado por encontrar o senhor num único dia que passo nas Touches — disse Gennaro.

— Era a mim a quem competia dizer isso do senhor — respondeu Calisto com bastante desembaraço.

— Ele é belo como um anjo — disse a marquesa a Felicidade.

Colocado entre o divã e as duas mulheres, Calisto ouviu confusamente essas palavras, embora tivessem sido ditas murmuradas, e ao ouvido. Sentou-se numa poltrona e dirigiu à marquesa alguns olhares furtivos. No suave clarão do poente, ele viu então, atirada no divã como se algum estatuário ali a tivesse colocado, uma forma branca e serpentina que lhe causou deslumbramentos. Sem sabê-lo, Felicidade, por sua descrição, bem servira sua amiga. Beatriz era superior ao retrato pouco favorecido feito na véspera por Camille. Não seria um pouco para o conviva que Beatriz pusera, na sua régia cabeleira, ramos de centáurea que realçavam o tom pálido de seus bucles crespos, arrançados para acompanhar seu rosto, a brincar ao longo das faces? O contorno de seus olhos, sombreados de olheiras pela fadiga, assemelhava-se ao mais puro e mais cambiante nácar, e sua tez tinha o fulgor de seus olhos. Sob a alvura da pele, tão fina como a película acetinada de um ovo, cintilava a vida num sangue azulado. A delicadeza dos traços era inaudita. A fronte parecia diáfana. Aquela cabeça suave e meiga admiravelmente colocada num pescoço

comprido, de um desenho maravilhoso, prestava-se às mais diversas expressões. A cintura, que podia ser rodeada com as mãos, tinha uma naturalidade encantadora. As espáduas nuas luziam na sombra como uma camélia branca numa cabeleira negra. A garganta, habilmente apresentada, porém coberta com um mantelete claro, deixava perceber dois contornos de uma deliciosa sedução. O vestido de musselina branca semeada de flores azuis, as grandes mangas, o corpete de ponta e sem cintura, os coturnos cruzados sobre meias de fio de Escócia velavam uma admirável ciência da *toilette*. Dois brincos de filigrana de prata, milagre de ourivesaria genovesa, os quais iriam sem dúvida ficar na moda, estavam em perfeita harmonia com a leveza deliciosa daquela loura cabeleira estrelada de centáureas. Num único olhar, a ávida análise de Calisto apreendeu essas belezas e gravou-as em sua alma. A loura Beatriz e a morena Felicidade lembrariam esses contrastes de *keepsake*,^[197] alguns tão procurados pelos gravadores e desenhistas ingleses. Eram a força e a fraqueza da mulher em todos os seus desenvolvimentos, uma perfeita antítese. Essas duas mulheres jamais poderiam ser rivais, cada uma delas tinha o seu império. Era uma delicada pervinca ou um lírio junto a uma suntuosa e brilhante papoula vermelha, uma turquesa ao lado de um rubi. Num momento Calisto foi dominado por um amor que corooou a obra secreta de suas esperanças, de seus temores, de suas incertezas. A srta. des Touches despertara-lhe os sentidos, Beatriz inflamara-lhe o coração e o pensamento. O jovem bretão sentia erguer-se em si uma força capaz de tudo vencer, de nada respeitar. Por isso dirigiu ele a Conti um olhar enciumado, carregado de ódio, sombrio e temeroso da rivalidade, que ele jamais tivera para Cláudio Vignon. Calisto empregou toda a sua energia em conter-se, embora pensasse que os turcos tinham razão em fechar as mulheres e que devia ser proibido a belas criaturas mostrarem-se nas suas irritantes faceirices a jovens rapazes abrasados de amor. Esse impetuoso vendaval acalmava-se assim que os olhos de Beatriz pousavam nele e sua meiga voz se fazia ouvir; o pobre menino temia-a tanto quanto temia a Deus. Tocaram a sineta para o jantar.

— Calisto, dê o braço à marquesa — disse a srta. des Touches, pondo Conti à sua direita e Vignon à sua esquerda, e desviando-se para dar

passagem ao jovem par.

Descer assim a velha escada das Touches era para Calisto como que uma primeira batalha: o coração desvaneceu-lhe, não achava o que dizer, leves gotas de suor orvalhavam-lhe a fronte e lhe molhavam as costas; seu braço tremia tão fortemente que no último degrau a marquesa lhe disse:

— Que tem o senhor?

— É que — respondeu ele com voz engasgada — jamais vi em toda a minha vida uma tão bela mulher como a senhora, salvo minha mãe, e não posso dominar minhas emoções.

— Não tem aqui Camille Maupin?

— Ah, que diferença! — disse ingenuamente Calisto.

— Bem, Calisto — sussurrou-lhe Felicidade ao ouvido —, não lhe dizia eu que você me esqueceria como se eu jamais tivesse existido? Ponha-se ali, perto dela, à sua direita, e Vignon ficará à esquerda. Quanto a ti, Gennaro, guardo-te, vamos vigiar essas coqueterias — acrescentou ela rindo.

O acento particular que Camille pôs nessa frase impressionou Cláudio, o qual dirigiu-lhe esse olhar disfarçado e quase distraído pelo qual nele se traía a observação. Não cessou de examinar a srta. des Touches durante todo o jantar.

— Coquetismos — respondeu a marquesa, tirando as luvas e descobrindo suas magníficas mãos — é o que não falta. Tenho de um lado — disse ela, mostrando Cláudio — um poeta e do outro a poesia.

Gennaro Conti dirigiu a Calisto um olhar carregado de lisonjas. Às luzes artificiais, Beatriz parecia mais bela ainda do que antes. As brancas claridades das velas produziam acetinados luzentes na sua fronte, acendiam lantejoulas nos seus olhos de gazela, e passavam através de seu bucles sedosos, abrilhantando-os e neles fazendo resplender alguns fios de ouro. Ela atirou para trás num gesto gracioso seu mantelete de gaze e descobriu o pescoço. Calisto viu então uma nuca delicada e branca como leite, covada por um sulco vigoroso separado em duas ondas, que se perdiam para cada ombro com macia e sedutora simetria. Essas transformações à vista que as mulheres se permitem causam pouco efeito em sociedade, onde todos os olhares

são embotados, mas fazem estragos nas almas novas, como era a de Calisto. Esse pescoço, tão diferente do de Camille, revelava em Beatriz um caráter completamente diferente. Nele reconhecia-se o orgulho de raça, uma tenacidade peculiar à nobreza, e um não sei quê duro naquelas duas raízes, último vestígio, talvez, da força dos antigos conquistadores.

Calisto teve exaustivos trabalhos para fingir que comia, sentia ímpetos nervosos que lhe tiravam a fome. Como em todos os homens moços, a natureza nele era presa das convulsões que precedem o primeiro amor e o gravam tão profundamente na alma. Nessa idade, o ardor do coração, contido pelo ardor moral, determina um combate interior que explica a longa hesitação respeitosa, as profundas meditações de ternura, a ausência de qualquer cálculo, atrativos próprios dos moços, cuja vida e coração são puros. Ao estudar, embora disfarçadamente, a fim de não despertar suspeitas no ciumento Gennaro, os detalhes que tornavam a marquesa de Rochefide tão nobremente bela, Calisto sentiu-se em seguida oprimido pela majestade da mulher amada: sentiu-se diminuído pela altivez de certos olhares, pela atitude imponente daquele semblante, do qual transbordavam os sentimentos aristocráticos, por um certo orgulho que as mulheres imprimem em certos gestos, em meneios de cabeça, em admiráveis lentidões de movimentos e que são efeitos menos plásticos, menos estudados do que se pensa. Esses gentis detalhes de sua variável fisionomia correspondem às delicadezas, às mil agitações de suas almas. Há sentimentos em todas essas expressões. A falsa situação em que se achava Beatriz impunha-lhe vigiar-se a si própria, tornar-se imponente sem ser ridícula, e as damas da alta roda sabem todas alcançar esse alvo, escolho das mulheres vulgares.

Aos olhos de Felicidade, Beatriz adivinhou a adoração interior que inspirava ao seu vizinho e que era indigno dela encorajar; dirigiu pois a Calisto em momento oportuno um ou dois olhares repressivos que caíram sobre ele como aludes. O desditoso queixou-se à srta. des Touches por um olhar no qual se adivinhavam lágrimas conservadas no coração com uma energia sobre-humana, e Felicidade perguntou-lhe com voz amigável por que motivo não comia nada. Calisto

empanturrrou-se, em obediência, e pareceu tomar parte na conversação. Ser importuno ao invés de agradar era a ideia insuportável que lhe martelava o cérebro. Ficou tanto mais envergonhado por ver atrás da cadeira da marquesa o criado que ele vira pela manhã no cais, o qual sem dúvida falaria da sua curiosidade. Contrito ou feliz, o fato é que a sra. de Rochefide não prestou nenhuma atenção ao seu vizinho. A srta. des Touches mencionando sua viagem à Itália, ela achou meio de contar espiritualmente a paixão à queimadura com que a honrara um diplomata russo em Florença, fazendo troça dos rapazinhos que se projetam sobre as mulheres como gafanhotos na verdura. Fez rirem Cláudio Vignon, Gennaro, a própria Felicidade, embora esses ditos zombeteiros chegassem ao coração de Calisto, o qual, através do zumbido que reboava em seus ouvidos e no seu cérebro, não ouvia senão palavras. A pobre criança não jurava a si mesmo, como certos teimosos, conseguir aquela mulher a qualquer preço; não, ele não sentia cólera, sofria. Quando percebeu em Beatriz uma intenção de o imolar aos pés de Gennaro, disse consigo mesmo: “Que eu lhe sirva para qualquer coisa!”, e deixou-se maltratar com uma mansidão de cordeiro.

— A senhora que tanto admira a poesia — disse Cláudio Vignon à marquesa —, por que a acolhe tão mal? Essas admirações ingênuas, tão bonitas nas suas expressões, sem pensamentos reservados, e tão devotadas, não é isso a poesia do coração? Confesse que elas lhe deixam um sentimento de prazer e de bem-estar.

— Certamente — disse ela —, mas nós seríamos muito infelizes e sobretudo muito indignas se cedêssemos a todas as paixões que inspiramos.

— Se não escolhessem — disse Conti —, não nos sentiríamos tão orgulhosos de sermos amados.

“Quando serei eu escolhido e distinguido por uma mulher?”, a si mesmo perguntou Calisto, o qual dificilmente reprimiu uma emoção cruel.

Corou então como um doente, em cuja ferida se tivesse por descuido apoiado um dedo. A srta. des Touches impressionou-se com a expressão que se desenhava no rosto de Calisto e procurou consolá-lo

com um olhar carregado de simpatia. Esse olhar, Cláudio Vignon o surpreendeu. Desde esse momento, o escritor tomou-se de uma alegria que o fez esfuziar em sarcasmos: sustentou para Beatriz que o amor não existia senão pelo desejo, que a maioria das mulheres enganava-se ao amar, que elas amavam por motivos muitas vezes ignorados pelos homens e por elas mesmas, que queriam algumas vezes enganar-se e que a mais nobre de entre elas era ainda assim artificiosa.

— Contente-se com os livros, não critique nossos sentimentos — disse Camille, lançando-lhe um olhar imperioso.

O jantar deixou de ser alegre. As zombarias de Cláudio Vignon tinham deixado as duas mulheres pensativas, Calisto sentia uma dor horrível em meio à felicidade que lhe causava a vista de Beatriz. Conti buscava adivinhar nos olhos da marquesa seus pensamentos. Quando terminou o jantar, a srta. des Touches tomou o braço de Calisto, deu os dois outros homens à marquesa, e deixou-os ir na frente, a fim de poder dizer ao jovem bretão:

— Minha querida criança, se a marquesa o amar, ela atirárá Conti pela janela; mas neste momento você procede de modo a apertar o laço que os une. Enquanto ela estiver fascinada com a sua adoração, deveria ela dar-lhe atenção? Domine-se.

— Ela foi muito dura comigo, não me amará — disse Calisto —, e se ela não me amar morrerei.

— Morrer!... Você! meu querido Calisto? — disse Camille. — Você é uma criança. Não teria morrido por mim?

— A senhora fez-se minha amiga — respondeu ele.

XII – OS DOIS AMORES

Depois das conversações que o café sempre provoca, Vignon pediu a Conti que cantasse um trecho qualquer. A srta. des Touches pôs-se ao piano. Camille e Gennaro cantaram o *Dunque il mio bene tu mia sarai*, o último dueto de *Romeu e Julieta*, de Zingarelli, uma das páginas mais patéticas da música moderna. A passagem *Di tanti palpiti*^[198] exprime o amor em toda a sua grandeza. Calisto, sentado na poltrona na qual Felicidade lhe contara a história da marquesa, ouvia

religiosamente. Beatriz e Vignon estavam cada um de um lado do piano. A voz sublime de Conti casava-se bem com a de Camille. Ambos tinham cantado muitas vezes aquele trecho, cujos recursos conheciam, e se combinavam maravilhosamente para valorizá-lo. Foi, nesse momento, o que o músico quis criar — um poema de divina melancolia, o adeus à vida dos dois cisnes. Quando terminaram o dueto, todos estavam dominados por sensações que não se manifestam por aplausos vulgares.

— Ah, a música é a primeira das artes! — exclamou a marquesa.

— Camille põe em primeiro lugar a juventude e a beleza, a primeira de todas as poesias — disse Cláudio Vignon.

A srta. des Touches olhou para Cláudio, dissimulando uma vaga inquietação. Beatriz, não vendo Calisto, voltou a cabeça como que para saber qual o efeito que aquela música lhe fazia sentir, menos por interesse por ele do que para satisfação de Conti: entreviu no vão de uma janela um rosto branco coberto de lágrimas. Ante esse aspecto, como se uma dor viva a tivesse atingido, ela virou prontamente a cabeça e olhou Gennaro. Não somente a Música se erguera diante de Calisto, tocara-o com sua varinha divina, lançara-o na criação e despira-a de seus véus, mas, mais ainda, estava aturdido com o talento de Conti. Apesar do que lhe dissera Camille Maupin do caráter dele, atribuía-lhe uma bela alma, um coração cheio de amor. Como lutar contra semelhante artista? Como poderia uma mulher não adorá-lo sempre? Aquele canto entrava na alma como uma outra alma. A pobre criança estava tão acabrunhada pela poesia como pelo desespero: achava-se tão pouca coisa! Essa acusação ingênua de sua nulidade lia-se mesclada à sua admiração! Não se apercebeu do gesto de Beatriz, a qual, reconduzida a Calisto pelo contágio dos sentimentos verdadeiros, mostrou-o por um sinal a srta. des Touches.

— Oh, que adorável coração! — disse Felicidade. — Conti, você jamais recolherá aplausos que valham a homenagem desta criança. Cantemos então um trio. Venha, querida Beatriz.

Quando a marquesa, Camille e Conti se puseram ao piano, Calisto, sem que eles percebessem, levantou-se suavemente, atirou-se num dos sofás do quarto de dormir, cuja porta estava aberta, e ali permaneceu

mergulhado no seu desespero.

— Que tem, meu filho? — disse-lhe Cláudio, o qual se escondeu silenciosamente para junto de Calisto e segurou-lhe a mão. — Você ama, julga-se desdenhado; mas isso não é verdade. Dentro de alguns dias você terá o campo livre aqui, reinará, será amado por mais de uma pessoa; enfim, se souber portar-se bem, você estará aqui como um sultão.

— Que me diz! — exclamou Calisto, erguendo-se e puxando com um gesto Cláudio para a biblioteca. — Quem me ama aqui?

— Camille — respondeu Cláudio.

— Camille me amaria? — perguntou Calisto. — Mas, e você?

— Eu — replicou Cláudio —, eu...

Não continuou. Sentou-se e apoiou a cabeça, com profunda melancolia, numa almofada.

— Estou enjoado da vida, não tenho coragem de deixá-la — disse ele após um momento de silêncio. — Eu quisera ter-me enganado no que acabo de dizer-lhe; mas, faz alguns dias, mais de um vivo clarão luziu. Não fui passear pelos rochedos do Croisic para meu prazer. A amargura das minhas palavras, quando voltei, quando o encontrei conversando com Camille, tinha suas origens no fundo do meu amor-próprio ferido. Daqui a pouco eu me explicarei com Camille. Dois espíritos tão clarividentes como o dela e o meu não se poderão enganar. Entre dois duelistas de profissão o combate não tem longa duração. Por isso posso de antemão anunciar-lhe minha partida. Sim, deixarei as Touches, amanhã talvez, com Conti. Certamente passar-se-ão aqui, depois de partirmos, coisas estranhas, talvez terríveis, e terei o pesar de não assistir a esses debates de paixão, tão raros em França, e tão dramáticos. Você é demasiado jovem para uma luta tão perigosa: você interessa-me. Sem a profunda repulsa que as mulheres me inspiram, eu ficaria para auxiliá-lo a jogar esta partida: ela é difícil, você pode perdê-la, pois tem de haver-se com duas mulheres extraordinárias, e você já está demasiado apaixonado por uma para servir-se da outra. Beatriz deve ser de caráter obstinado e Camille tem grandeza. É possível que, como uma coisa franzina e delicada, você seja despedaçado entre esses dois escolhos, arrastado pelas torrentes de

paixão. Tome cuidado!

A estupefação de Calisto, ao ouvir essas palavras, permitiu a Cláudio Vignon dizê-las e deixar o jovem bretão, o qual ficou como um viajante a quem, nos Alpes, um guia tivesse demonstrado a profundidade de um abismo, nele atirando uma pedra. Ouvir dos próprios lábios de Cláudio que ele, Calisto, era amado por Camille, no momento em que se sentia apaixonado por Beatriz para toda a vida! Havia nessa situação um peso demasiado forte para uma jovem alma tão ingênua. Premido por pesar imenso que o acabrunhava no passado, morto no presente pela dificuldade de sua posição entre Beatriz, a quem amava, entre Camille a quem não amava mais, e pela qual Cláudio o dizia amado, a pobre criança desesperava-se, permanecia indecisa, perdida nos seus pensamentos. Procurava inutilmente os motivos que tivera Felicidade para rejeitar seu amor e ir a Paris, a fim de trazer de lá Cláudio Vignon. Por vezes a voz de Beatriz chegava pura e fresca aos seus ouvidos e causava-lhe essas emoções violentas que ele evitara ao deixar o pequeno salão. Por várias vezes, ele não se sentira mais com forças para reprimir um feroz desejo de pegá-la e levá-la. Que iria ser dele? Voltaria às Touches? Ao saber-se amado por Camille, como poderia adorar Beatriz ali? Não encontrava solução para essas dificuldades. Insensivelmente reinou silêncio na casa. Ele ouviu sem prestar atenção ao ruído de várias portas que se fechavam. Depois, repentinamente, contou as doze badaladas da meia-noite no relógio do quarto contíguo, onde as vozes de Camille e de Cláudio despertaram-no da entorpecente contemplação de seu futuro, e onde brilhava uma luz em meio às trevas. Antes de mostrar-se, ele pôde ouvir terríveis palavras proferidas por Vignon.

— Você chegou de Paris perdidamente apaixonada por Calisto — dizia ele a Felicidade —; mas estava apavorada com as consequências de semelhante paixão na sua idade, pois que a levava a um abismo, a um inferno, talvez mesmo ao suicídio. O amor não subsiste senão ao acreditar-se eterno, e você avistava a alguns passos na sua vida uma separação horrível: o enfartamento e a velhice, terminando em breve um poema sublime. Você recordou-se de *Adolfo*, pavoroso desenlace dos amores de Madame de Staël e de Benjamim Constant, os quais

entretanto estavam muito mais em relação de idade do que você e Calisto. Você tomou-me então como se tomam faxinas para erguer trincheiras entre o inimigo e a gente. Mas se queria fazer-me gostar das Touches, não era para aqui passar seus dias na adoração secreta de seu Deus? Para realizar seu plano, ao mesmo tempo ignóbil e sublime, você devia procurar um homem vulgar ou um homem tão preocupado com pensamentos transcendentais, que pudesse ser facilmente enganado. Você julgou-me simples, fácil de iludir como a um homem de gênio. Parece que sou apenas um homem de espírito: adivinhei-a. Quando ontem lhe fiz o elogio da mulher de sua idade, ao explicar-lhe por que Calisto a amava, acredita que tomei para mim seus olhares encantados, brilhantes, felizes? Já não tinha eu lido na sua alma? Os olhos estavam de fato virados para mim, mas o coração pulsava por Calisto. Você nunca foi amada, minha pobre Maupin, e não o será jamais depois de ter recusado o belo fruto que o acaso ofereceu-lhe às portas do inferno das mulheres e que giram em seus gonzos impelidos pelo número cinquenta!

— Por que, pois o amor me fugiu? — perguntou ela com voz alterada. — Diga-mo, você que sabe tudo!

— Mas porque você não é amável — replicou ele —, você não se dobra ao amor, ele deve dobrar-se a você. Você poderá talvez entregar-se às malícias e ao ardor dos garotos; mas não tem infância no coração, há demasiada profundidade no seu espírito, você nunca foi ingênua e não poderá começar a sê-lo hoje. Sua graça vem do mistério, é abstrata e não ativa. Enfim, sua força afasta as pessoas muito fortes que preveem uma luta. Seu poder poderá agradar a almas jovens que, semelhantes à de Calisto, gostam de ser protegidas; mas com a continuação ela cansa. Você é grande e sublime: suporte os inconvenientes dessas duas qualidades, elas entediam.

— Que sentença! — exclamou Camille. — Não posso ser mulher? Sou alguma monstruosidade?

— Talvez — respondeu Cláudio.

— Veremos! — exclamou a dama, ferida ao vivo.

— Adeus, minha querida; parto amanhã. Não lhe quero mal, Camille: considero-a a maior das mulheres; mas se continuasse a

servir-lhe de biombo ou de painel — disse Cláudio, com duas sábias inflexões de voz —, você me desprezaria singularmente. Podemos separar-nos sem pesar nem remorsos; não temos nem felicidade a nos pungir saudades, nem esperanças fraudadas. Para você, como para alguns homens de gênio infinitamente raros, o amor não é o que a natureza o fez: uma necessidade imperiosa, em cuja satisfação ela prende prazeres vivos, porém passageiros e que morre; você o vê tal como o criou o cristianismo: um reino ideal, cheio de sentimentos nobres, de grandes pequenezes, de poesias, de sensações espirituais, de devotamentos, de flores morais, de harmonias sedutoras e situado muito acima das grosserias vulgares, mas para onde vão duas criaturas reunidas num anjo, levadas pelas asas do prazer. Eis o que eu esperava, eu acreditava segurar uma das chaves que nos abrem a porta fechada para tanta gente e pela qual nos projetamos no infinito. Você, sim, já lá estava! Assim, pois, enganou-me. Volto para a miséria, na minha vasta prisão de Paris. No começo de minha carreira, esse engano ter-me-ia bastado para fazer-me evitar as mulheres: hoje, ele põe em minha alma um desencantamento que me mergulha para sempre numa solidão pavorosa, onde me acharei sem a fé que auxiliava os padres a povoá-la de imagens sagradas. Aí está, minha querida Camille, onde nos leva a superioridade do espírito: podemos ambos cantar o hino horrível que um poeta põe na boca de Moisés, quando falava a Deus:

“Fizeste-me, Senhor, poderoso e solitário!”[199]

Nesse momento surgiu Calisto.

— Não devo deixar que ignorem estar eu aqui.

A srta. des Touches manifestou o mais vivo temor, uma vermelhidão súbita corou seu rosto impassível com uma tonalidade de fogo. Durante toda essa cena, ela permaneceu mais bela do que em qualquer outro momento de sua vida.

— Nós julgávamos que tivesse ido embora, Calisto — disse Cláudio —; mas essa involuntária indiscrição, quer de um lado quer do outro, não tem perigo: talvez você se sinta mais à vontade nas Touches, conhecendo Felicidade completamente. Seu silêncio indica que não me enganei quanto ao papel que ela me destinava. Ela ama-o, como eu lhe disse, mas ama-o por você e não por ela, sentimento que poucas

mulheres são capazes de conceber e de adotar: poucas dentre elas conhecem a volúpia das dores mantidas pelo desejo, uma das magníficas paixões reservadas ao homem; ela porém é um pouco homem! — disse ele motejando. — Sua paixão por Beatriz fa-la-á sofrer e a tornará feliz ao mesmo tempo.

Lágrimas assomaram aos olhos da srta. des Touches, a qual não ousava olhar nem o terrível Cláudio Vignon nem o ingênuo Calisto. Estava amedrontada por ter sido compreendida, não acreditava ser possível a um homem, qualquer que fosse o alcance de sua compreensão, adivinhar uma delicadeza tão cruel e um heroísmo tão elevado quanto o dela. Ao senti-la assim humilhada por ver suas grandezas desvendadas, Calisto partilhou a emoção daquela mulher a quem colocara tão alto e a quem contemplava abatida. Calisto, num movimento irresistível, arrojou-se de joelhos aos pés de Camille e beijou-lhe as mãos, nelas escondendo o rosto coberto de lágrimas.

— Cláudio — disse ela —, não me abandone, que será de mim?

— Que tem você a temer? — respondeu o crítico. — Calisto já ama a marquesa como um louco. Certamente que você não poderia achar uma barreira mais forte entre você e ele do que este amor que você mesma excitou. Essa paixão vale tanto quanto eu. Ontem havia perigo para você e para ele; hoje, porém, tudo lhe será felicidade maternal — disse ele, dirigindo-lhe um olhar escarninho. — Terá orgulho dos seus triunfos.

A srta. des Touches olhou Calisto, o qual, ante essas palavras, erguera a cabeça num gesto brusco. Cláudio Vignon, como única vingança, gozava o prazer de ver a confusão de Calisto e de Felicidade.

— Você o impeliu para a sra. de Rochefide — continuou Cláudio Vignon —, ele está agora sob a ação do encantamento. Você mesma cavou sua sepultura. Se se tivesse confiado a mim, teria evitado as desgraças que a esperam!

— Desgraças! — exclamou Camille Maupin, segurando a cabeça de Calisto, erguendo-a até ela e beijando-a nos cabelos, neles derramando abundantes lágrimas. — Não, Calisto, você esquecerá tudo o que acaba de ouvir e me considerará como inexistente.

Levantou-se, perfilou-se ante aqueles dois homens e dominou-os

com os relâmpagos que lançavam seus olhos nos quais brilhava toda a sua alma.

— Enquanto Cláudio falava — disse ela —, eu concebi a beleza, a grandeza de um amor sem esperança. Não é esse o único sentimento que nos aproxima de Deus? Não me ames, Calisto; eu te amarei como nenhuma outra mulher será capaz de amar!

Foi o grito mais selvagem jamais soltado por uma águia ferida no seu ninho. Cláudio dobrou o joelho, pegou a mão de Felicidade e beijou-a.

— Separemo-nos, meu amigo — disse a srta. des Touches ao jovem —, sua mãe poderia ficar inquieta.

Calisto regressou a Guérande a passos lentos, voltando-se para ver a luz que brilhava nas janelas do apartamento de Beatriz. Ele próprio surpreendeu-se da pouca compaixão que sentia por Camille, tinha contra ela a queixa de o ter privado de quinze meses de felicidade. Depois, por vezes, sentia em si os estremecimentos que Camille acabava de causar-lhe; sentia nos cabelos as lágrimas que ela ali derramara, sofria com o sofrimento dela, julgava ouvir os gemidos que sem dúvida dava aquela grande mulher, tão desejada poucos dias antes. Ao abrir a porta da casa paterna, na qual reinava um silêncio profundo, ele viu pela vidraça, à luz daquela lâmpada de tão ingênua construção, a mãe trabalhando, à sua espera. Ante esse aspecto, os olhos de Calisto ficaram úmidos de lágrimas.

— Que te aconteceu? — perguntou Fanny, cujo semblante exprimia uma inquietação horrível.

Como única resposta, Calisto tomou a mãe em seus braços e beijou-a nas faces, na fronte, nos cabelos, com uma dessas efusões apaixonadas que encantam as mães e as penetram com as chamas sutis da vida que elas deram.

— E a ti a quem amo — disse Calisto à mãe, quase envergonhada, e corando —, a ti que não vives senão para mim, a ti a quem quisera tornar feliz.

— Mas tu não estás no teu estado normal, meu filho — disse a baronesa, contemplando-o. — Que foi que te aconteceu?

— Camille ama-me e eu não a amo mais — disse ele.

A baronesa atraíu Calisto e beijou-lhe a fronte, e ele ouviu, no profundo silêncio daquela velha sala pardacenta e forrada, as pulsações de uma viva palpitação no coração da mãe. A irlandesa tinha ciúmes de Camille e pressentia a verdade. Essa mãe, ao esperar o filho todas as noites, tinha aprofundado a paixão daquela mulher; conduzida pelos clarões de uma meditação obstinada, ela penetrara o coração de Camille, e sem poder explicá-lo, imaginara naquela rapariga uma fantasia de maternidade. A narrativa de Calisto aterrorizou aquela mãe simples e ingênua.

— Pois bem — disse ela após uma pausa —, ama a sra. de Rochefide, que essa não me causará desgosto.

Beatriz não era livre, ela não alteraria nenhum dos projetos formados para a felicidade de Calisto, pelo menos assim o acreditava Fanny, a qual via uma espécie de nora a querer, e não outra mãe a combater.

— Mas Beatriz não me amará! — exclamou Calisto.

— Talvez — respondeu a baronesa com ar finório. — Não me disseste que ela ia ficar sozinha amanhã?

— Sim.

— Pois bem, meu filho! — acrescentou a mãe, corando. — O ciúme está no fundo de todos os nossos corações e eu não sabia que o iria encontrar um dia no fundo do meu, porquanto não pensava que me pudessem disputar a afeição de meu Calisto — suspirou. — Eu acreditava — acrescentou — que o casamento seria para ti o que foi para mim. Quanta luz projetaste na minha alma nestes dois meses! De que reflexos se coloreu teu amor tão natural, pobre anjo! Pois bem, simula de continuar amando a tua srta. des Touches, a marquesa ficará enciumada, e assim a terás.

— Oh minha boa mãe, Camille não me teria dito isso! — exclamou Calisto agarrando a mãe pela cintura e beijando-a no pescoço.

— Tu me tornas bem perversa, meu filho — disse ela, bem feliz com a fisionomia radiante que a esperança dava ao filho, o qual subiu alegremente a escada da torrinha.

TERCEIRA PARTE

A RIVALIDADE

I – TRÊS MULHERES POR UMA

No dia seguinte de manhã, Calisto disse a Gasselin que fosse pôr-se de sentinela no caminho de Guérande a Saint-Nazaire, a fim de espreitar na passagem o carro da srta. des Touches e contar as pessoas que nele se achassem.

Gasselin voltou no momento em que toda a família estava reunida e almoçava.

— Que há? — perguntou a srta. du Guénic. — Gasselin veio correndo, como se Guérande estivesse pegando fogo.

— Ele deve ter pegado o arganaz— disse Mariotte, a qual trazia o café, o leite e as torradas.

— Ele vem da cidade, e não do jardim — respondeu a srta. du

Guénic.

— Mas o arganzaz tem uma cova por trás do muro, do lado da praça — disse Mariotte.

— Senhor cavaleiro, eles eram cinco, quatro dentro e o cocheiro.

— Duas damas no fundo? — indagou Calisto.

— E dois senhores na frente — respondeu Gasselin.

— Sela o cavalo de meu pai e corre até lá, chega em Saint-Nazaire no momento em que o barco parte para Paimboeuf, e se os dois homens embarcam, vem avisar-me a toda brida.

Gasselin saiu.

— Meu sobrinho, você está com o diabo no corpo! — disse a velha Zefirina.

— Deixe-o divertir-se, minha irmã! — exclamou o barão. —; ele andava triste como uma coruja, ei-lo agora alegre como um pintassilgo.

— Você talvez já lhe tenha dito que nossa querida Carlota está por chegar? — exclamou a velha solteirona, virando-se para a cunhada.

— Não — respondeu a baronesa.

— Eu acreditava que ele quisesse ir ao encontro dela — disse maliciosamente a srta. du Guénic.

— Se Carlota ficar três meses em casa da tia, ele terá bastante tempo para vê-la.

— Oh minha irmã, que foi que se passou de ontem para cá? — perguntou a velha solteirona. — Você estava tão feliz por saber que a srta. de Pen-Hoël ia esta manhã buscar a sobrinha.

— Jaqueline quer fazer-me desposar Carlota para arrancar-me à perdição, minha tia — disse Calisto rindo e dirigindo à mãe um olhar de inteligência. — Eu estava na alameda, quando a srta. de Pen-Hoël conversava com o sr. du Halga; ela, porém, não pensou que fosse uma perdição bem maior para mim casar-me na minha idade.

— Está escrito lá em cima — disse a velha tia, interrompendo Calisto — que eu não morrerei nem tranquila, nem feliz. Eu quisera ver nossa família continuar, e algumas das nossas terras readquiridas por compra, mas nada disso acontecerá. Podes tu, meu belo sobrinho, pôr alguma coisa na balança com tais deveres?

— Mas — disse o barão — será que a srta. des Touches impedirá

Calisto de casar-se, quando for preciso? Devo ir vê-la.

— Posso assegurar-lhe, meu pai, que Felicidade jamais será um obstáculo ao meu casamento.

— Eu já não vejo mais claro — disse a velha cega, a qual nada sabia da súbita paixão do sobrinho pela marquesa de Rochefide.

A mãe guardou o segredo do filho; em tais assuntos, o silêncio é instintivo em todas as mulheres. A solteirona caiu em profunda meditação, ouvindo com todas as suas forças, espreitando as vozes e o ruído, a fim de poder adivinhar o mistério que lhe ocultavam. Gasselin não tardou a chegar e disse a seu jovem senhor que não precisaria ir a Saint-Nazaire para saber que a srta. des Touches e sua amiga regressariam sozinhas, pois soubera-o na cidade em casa de Bernus, o almocreve que se encarregara da bagagem dos dois senhores.

— Elas estarão sós na volta! — exclamou Calisto. — Sela meu cavalo.

Pelo tom de seu jovem senhor, Gasselin julgou que talvez houvesse algo de grave; foi selar os dois cavalos, carregou as pistolas sem nada dizer a ninguém e vestiu-se para acompanhar Calisto. Este estava tão contente por saber que Cláudio e Gennaro haviam partido, que não pensava no encontro que ia ter em Saint-Nazaire; não pensava senão no prazer de acompanhar a marquesa; pegava as mãos do velho pai e apertava-as ternamente, beijava a mãe e estreitava a velha tia pela cintura.

— Enfim, prefiro-o assim a vê-lo triste — disse a velha Zefirina.

— Onde vais, cavaleiro? — perguntou-lhe o pai.

— A Saint-Nazaire.

— Diabos! E para quando o casamento? — disse o barão, que pensou estar o filho com pressa de rever Carlota de Kergarouët. — Tarda-me de ser avô, já é tempo.

Quando Gasselin se apresentou na intenção bem evidente de acompanhar Calisto, o moço pensou que talvez pudesse voltar no carro de Camille com Beatriz, deixando seu cavalo com Gasselin, pelo que lhe deu um leve tapa no ombro, dizendo:

— Tiveste espírito.

— Acredito — respondeu Gasselin.

— Meu rapaz — disse o pai, ao ir com Fanny até o terraço da

escadaria exterior —, poupa os cavalos, pois eles terão de fazer doze léguas.

Calisto partiu, depois de ter trocado o mais penetrante olhar com a mãe.

— Querido tesouro — disse ela, ao vê-lo curvar a cabeça sob o arco abobadado da porta de entrada.

— Que Deus o proteja! — disse o barão — porque não o tornaríamos a fazer.

Essas palavras ditas no tom licencioso dos gentis-homens da província fizeram a baronesa estremecer.

— Meu sobrinho não ama suficientemente Carlota para ir ao encontro dela — disse a velha a Mariotte, que estava tirando a mesa.

— Chegou uma grande dama, uma marquesa nas Touches e ele corre atrás dela! Ora, é da idade! — disse Mariotte.

— Elas nô-lo matarão — disse a srta. du Guénic.

— Isso não o matará, senhorita, pelo contrário — respondeu Mariotte, que parecia feliz com a felicidade de Calisto.

Calisto seguia numa marcha capaz de arrebentar o cavalo, quando Gasselin muito oportunamente perguntou ao patrão se ele queria chegar antes da partida do barco, o que não era absolutamente a intenção daquele; não queria que o vissem, nem Conti, nem Cláudio. O rapaz retardou o passo do cavalo e pôs-se a olhar complacentemente os duplos rastros deixados pelas rodas da caleça nas partes arenosas da estrada. Estava numa alegria louca só de pensar: “Ela passou por ali, ela voltará por ali, seus olhares detiveram-se naqueles bosques, naquelas árvores!”.

— Que lindo caminho — disse ele a Gasselin.

— Ah senhor, a Bretanha é a mais bela terra do mundo! — respondeu o criado. — Em que outro lugar há flores nas sebes e frescos caminhos que se viram como aquele?

— Em terra nenhuma, Gasselin.

— Aí está o carro de Bernus — disse Gasselin.

— A srta. de Pen-Hoël e a sobrinha vêm nele; escondamo-nos — disse Calisto.

— Aqui, senhor?... Está louco? Estamos nas areias.

O carro, que subia efetivamente numa encosta bastante arenosa acima de Saint-Nazaire, apareceu ao olhar de Calisto na ingênua simplicidade de sua construção bretã. Com grande espanto do rapaz, o carro vinha cheio.

— Nós deixamos a srta. de Pen-Hoël, a irmã e a sobrinha que se atormentam; todos os lugares estavam tomados pela aduana — disse o condutor a Gasselín.

— Estou perdido! — exclamou Calisto.

Efetivamente, o carro estava cheio de empregados que iam sem dúvida render os das salinas. Quando Calisto chegou à pequena esplanada que se estende em torno da igreja de Saint-Nazaire, e de onde se avista Paimboeuf, e a majestosa embocadura do Loire, lutando com o mar, ele ali encontrou Camille e a marquesa, agitando os lenços para dizer um último adeus aos dois passageiros que o barco a vapor levava. Beatriz estava encantadora assim: o semblante ameiçado pelo reflexo de um chapéu de palha de arroz, sobre o qual estavam atiradas papoulas e atado com uma fita vermelho vivo, um vestido de musselina estampada, avançando seu pequenino pé, delicado, calçado com polainas verdes, apoiando-se na sua frágil sombrinha e mostrando sua bela mão enluvada. Nada tão grandioso para a vista como uma mulher no alto de um rochedo, como uma estátua no seu pedestal. Conti pôde então ver Calisto abordando Camille.

— Pensei — disse o rapaz à srta. des Touches — que voltariam sozinhas.

— Fez bem, Calisto — respondeu ela apertando-lhe a mão.

Beatriz voltou-se, olhou o seu jovem apaixonado e dirigiu-lhe o mais imperioso olhar de seu repertório. Um sorriso que a marquesa surpreendeu nos eloquentes lábios de Camille fez-lhe compreender a vulgaridade daquele meio, digno de uma burguesa. A sra. de Rochefide disse então a Calisto, sorrindo:

— Não será uma leve impertinência julgar que eu pudesse aborrecer Camille no caminho?

— Minha querida, um homem para duas viúvas não está demais — disse a srta. des Touches, tomando o braço de Calisto e deixando Beatriz ocupada em contemplar o vapor.

Nesse momento, Calisto ouviu na rua em declive que desce para o que se deve chamar o porto de Saint-Nazaire as vozes da srta. de Pen-Hoël, de Carlota e de Gasselin, tagarelando os três como gralhas. A solteirona interrogava Gasselin e queria saber por que seu senhor e ele se achavam em Saint-Nazaire, onde a carruagem da srta. des Touches causava escândalo. Antes de o rapaz poder retirar-se, fora visto por Carlota.

— Ali está Calisto! — exclamou a pequena bretã.

— Vá oferecer-lhes meu carro; a criada de quarto irá ao lado do cocheiro — disse Camille, que sabia não terem a sra. de Kergarouët, sua filha e a srta. de Pen-Hoël conseguido lugares.

Calisto, que não podia deixar de obedecer a Camille, veio desempenhar-se de seu encargo. Assim que ela soube que viajaria com a marquesa de Rochefide e a célebre Camille Maupin, a sra. de Kergarouët não quis dar atenção às reticências de sua irmã mais velha, a qual se negava a aproveitar-se do que denominava a carriola do diabo. Em Nantes estava-se numa latitude um pouco mais civilizada do que em Guérande, lá se admirava Camille, ela era como que a musa da Bretanha e honrava a terra, excitando tanta curiosidade quanto inveja. A absolvição dada em Paris pela alta sociedade, pela moda, estava consagrada pela grande fortuna da srta. des Touches e talvez pelos seus antigos êxitos em Nantes, a qual se orgulhava de ter sido berço de Camille Maupin. Por isso a viscondessa, louca de curiosidade, arrastou a velha irmã, sem dar ouvidos às suas jeremiadas.

— Bom dia, Calisto — disse a pequena Kergarouët.

— Bom dia, Carlota — respondeu Calisto sem lhe oferecer o braço.

Ambos confusos, ela por tanta frieza, ele por sua crueldade, subiram a ladeira escavada que em Saint-Nazaire chamam de rua e seguiram em silêncio as duas irmãs. Num momento, a meninota de dezesseis anos viu esboroar-se no ar o castelo que construía, mobiliado por suas romanescas esperanças. Ela e Calisto tinham brincado juntos tantas vezes durante a infância, ela estava tão ligada a ele, que acreditava ser seu futuro inalterável. Ela vinha trazida por uma felicidade estonteada, como um pássaro que se precipita sobre um trigal; foi detida no seu voo, sem poder imaginar qual fora o obstáculo.

— Que tens, Calisto? — perguntou, segurando-lhe a mão.

— Nada — respondeu o rapaz, desprendendo a mão com horrível pressa, ao pensar nos projetos de sua tia e da srta. de Pen-Hoël.

Os olhos de Carlota encheram-se de lágrimas. Olhou sem ódio para o belo Calisto; mas ia sentir seu primeiro ímpeto de ciúme e as pavorosas iras da rivalidade, ante o aspecto das duas belas parisienses e ao suspeitar a causa da frieza de Calisto.

De estatura meia, Carlota de Kergarouët tinha um viço vulgar, um pequeno rosto redondo avivado por dois olhos negros com pretensões a espirituosos, cabelos castanhos abundantes, uma cintura redonda, um dorso chato, braços magros, o falar conciso e decidido das filhas da província que não querem ter o ar de pequenas tolas. Era a criança mimada da família por causa da predileção da tia por ela. Trazia sobre si naquele momento o manto de merino escocês de grandes quadros, forrado de seda verde, que usava quando a bordo do barco a vapor. Seu vestido de viagem, de lã peluda bastante comum, de corpete castamente afogado, enfeitado com uma gola de inúmeras pregas, ia parecer-lhe horrível ante o aspecto dos frescos vestidos de Beatriz e de Camille. Devia sofrer por estar de meias brancas que se haviam sujado nas rochas, nos barcos por onde saltara, e botinas ordinárias de couro, expressamente escolhidas para não estragar coisa alguma bonita na viagem, segundo os usos e costumes da gente da província.

Quanto à viscondessa de Kergarouët, era ela o tipo da provinciana. Alta, seca, emurhecida, cheia de pretensões ocultas, que só se mostravam depois de feridas, falando muito e adquirindo, à força de falar, algumas ideias, como carambola no bilhar, e que lhe davam a reputação de ser espirituosa, tentando humilhar os parisienses pela pretensa bonomia da sabedoria departamental e por uma falsa felicidade incessantemente posta para a frente, abaixando-se para se fazer elevar e furiosa por ser deixada de joelhos; *pescando de caniço as lisonjas*, segundo uma expressão inglesa, e nem sempre fisgando-as; usando uma *toilette* ao mesmo tempo exagerada e pouco cuidada, tomando a falta de afabilidade por impertinência, e pensando embaraçar muito as pessoas, não lhes dando nenhuma atenção; recusando o que desejava para que lho oferecessem duas vezes e para

dar-se ares de ser rogada além dos limites; ocupada com aquilo de que já não mais se fala, e muito admirada de não estar em dia com a moda; enfim, contendo-se dificilmente uma hora sem trazer à baila Nantes, e os tigres de Nantes, e os assuntos da alta sociedade de Nantes, e queixando-se de Nantes, e criticando Nantes, e tomando por personalidades as frases arrancadas por complacência àqueles que, distraídos, concordavam com ela. Suas maneiras, sua linguagem, suas ideias tinham-se mais ou menos comunicado às suas quatro filhas.

Conhecer Camille Maupin e a sra. de Rochefide, havia ali para ela um futuro cabedal para cem conversações!... por isso caminhava para a igreja como se a quisesse conquistar de assalto, agitando seu lenço, que desdobrou para mostrar os cantos pesados de bordados domésticos e guarnecido com uma renda inválida. Tinha um andar passavelmente arrogante, o qual, para uma mulher de quarenta e sete anos, era sem consequências.

— O senhor cavaleiro — disse ela a Camille e a Beatriz, apontando para Calisto que vinha lastimosamente com Carlota — comunicou-nos vossa amável proposta; mas tememos, eu, minha irmã e minha filha, incomodar-vos.

— Não serei eu, minha irmã, que incomodarei essas senhoras — disse a velha solteirona com azedume —, porque encontrarei seguramente um cavalo em Saint-Nazaire para voltar.

Camille e Beatriz trocaram um olhar oblíquo que Calisto surpreendeu, e bastou esse olhar para aniquilar todas as suas recordações da infância, suas crenças nos Kergarouët — Pen-Hoël, e despedaçar para sempre os projetos concebidos pelas duas famílias.

— Podemos caber perfeitamente as cinco no carro — disse a srta. des Touches, a quem Jacqueline deu as costas. — Quando mesmo nos sentíssemos terrivelmente apertadas, o que não é possível devido à finura de vossos talhes, eu seria fartamente compensada pelo prazer de prestar um obséquio a amigos de Calisto. Vossa criada de quarto, senhora, encontrará lugar; e vossos pacotes, se os tendes, podem vir atrás da caleça, pois não trouxe lacaio.

A viscondessa desfez-se em agradecimentos e ralhou com sua irmã Jacqueline por ter querido que a sobrinha viesse tão depressa, a ponto

de não lhe ter permitido vir no próprio carro, por terra; mas é verdade que a estrada da mala-posta era não somente longa como também dispendiosa; ela devia regressar prontamente para Nantes, onde deixara outras três gatinhas que a esperavam com impaciência, disse ela acariciando o pescoço da filha. Carlota teve então um arzinho de vítima, ao erguer os olhos para a mãe, o que fez imaginar que a viscondessa caceteava prodigiosamente as quatro filhas, pondo-as tão frequentemente em cena quanto o cabo Trim põe seu boné em *Tristram Shandy*.^[200]

— Sois uma mãe feliz, e deveis... — disse Camille, que se deteve ao lembrar-se que a marquesa tivera de privar-se do filho para seguir Conti.

— Oh! — replicou a viscondessa — se tenho a desdita de passar minha vida na campanha, em Nantes, tenho o consolo de ser adorada por minhas filhas. Tendes filhos? — perguntou ela a Camille.

— Chamo-me srta. des Touches — respondeu Camille. — A senhora é a marquesa de Rochefide.

— Devemos condoer-nos da senhora por não conhecer a maior felicidade que existe para nós, simples mulheres, não é, senhora? — disse a viscondessa à marquesa, a fim de reparar sua falta. — Mas a senhora tem tantas compensações!

Uma lágrima quente apontou nos olhos de Beatriz, a qual voltou-se bruscamente e foi até o grosseiro parapeito do rochedo, onde Calisto a seguiu.

— Senhora — disse Camille ao ouvido da viscondessa —, ignoraís que a marquesa está separada do marido, que faz dois anos não vê o filho e não sabe quando o tornará a ver?

— Ora — disse a sra. de Kergarouët —, pobre senhora! Judicialmente?

— Não, por gosto — disse Camille.

— Pois bem, compreendo isso — respondeu intrepidamente a viscondessa.

A velha Pen-Hoël, desesperada por ver-se no campo inimigo, entrincheirara-se a quatro passos dali com a sua querida Carlota. Calisto, depois de ter verificado que ninguém os podia ver, tomou a

mão da marquesa e beijou-a, nela deixando cair uma lágrima. Beatriz voltou-se, com os olhos secos pela cólera; ia soltar alguma palavra terrível, e nada pôde dizer ao tornar a encontrar seus prantos no belo rosto daquele anjo, tão dolorosamente atingido quanto ela própria.

— Meu Deus, Calisto — disse-lhe Camille ao ouvido, vendo-o voltar com a sra. de Rochefide —, você teria *aquilo* por sogra e aquela tolinha por esposa!

— Porque a tia dela é rica — disse Calisto ironicamente.

Todo o grupo pôs-se em marcha para a estalagem, e a viscondessa julgou-se obrigada a fazer para Camille uma sátira sobre os selvagens de Saint-Nazaire.

— Amo a Bretanha, senhora — respondeu gravemente Felicidade —; nasci em Guérande.

Calisto não podia deixar de admirar a srta. des Touches, a qual, pelo som da voz, a serenidade do olhar e a calma das maneiras, punha-o à vontade, apesar das terríveis declarações que haviam sido feitas durante a noite. Não obstante, parecia um pouco fatigada: suas feições revelavam uma insônia, estavam como que engrossadas, mas a fronte dominava a tormenta interior com uma placidez cruel.

— Que rainhas! — disse ele a Carlota, mostrando-lhe a marquesa e Camille, e dando o braço à mocinha com grande admiração da srta. de Pen-Hoël.

— Que ideia teve tua mãe — disse a velha solteirona, ao dar também o braço à sobrinha —, de meter-se na roda dessa réproba.

— Oh minha tia, uma mulher que é a glória da Bretanha!

— A vergonha, minha filha. Espero que tu não a vás também amimar.

— Carlota tem razão, a senhora não é justa — disse Calisto.

— Oh, garanto a você — respondeu a srta. de Pen-Hoël —, ela o enfeitiçou.

— Eu dedico a ela a mesma amizade que dedico à senhora — replicou Calisto.

— Desde quando os du Guénic mentem? — disse a velha tia.

— Desde que as Pen-Hoël são surdas — replicou Calisto.

— Não estás apaixonado por ela? — perguntou a velha encantada.

— Já o estive, não estou mais — respondeu ele.

— Malvado! Porque nos deste tantas preocupações? Eu bem sabia, o amor era uma tolice; nada é sólido a não ser o casamento — disse ela, olhando para Carlota.

Carlota, um pouco tranquilizada, esperou poder reconquistar suas vantagens, apoiando-se em todas as recordações da infância, e apertou o braço de Calisto, o qual então a si mesmo prometeu explicar-se nitidamente com a pequena herdeira.

— Ah, que belas partidas de *mouche* faremos, Calisto — disse ela —, e como vamos rir!

Os cavalos estavam atrelados, Camille fez Carlota e a viscondessa passarem para o fundo do carro, porquanto Jaqueline desaparecera; depois colocou-se com a marquesa no assento da frente. Calisto, obrigado a renunciar ao prazer que a si mesmo prometera, acompanhou o carro a cavalo e os cavalos, cansados, foram suficientemente devagar para que lhe fosse possível contemplar Beatriz. A história perdeu as estranhas conversações das quatro pessoas que o acaso reunira tão singularmente naquele carro, porque é impossível admitir as cento e poucas versões que têm curso em Nantes, a respeito das narrativas, das réplicas, dos ditos que a viscondessa pescou da célebre Camille Maupin, *ele mesmo*. Ela teve o cuidado de não repetir e de não compreender as respostas da srta. des Touches a todas as perguntas extravagantes que os autores tão frequentemente ouvem, e com as quais os fazem expiar cruelmente os raros prazeres de que gozam.

— Como fez a senhora seus livros? — perguntou a viscondessa.

— Mas do mesmo modo pelo qual a senhora faz seus trabalhos femininos, filete ou bordado — respondeu Camille.

— E de onde tirou a senhora aquelas observações tão profundas e aqueles quadros tão sedutores?

— Onde a senhora foi buscar as coisas espirituosas que diz? Não há nada tão fácil como escrever e se a senhora quisesse...

— Ah, então tudo depende de querer? Aí está uma coisa em que eu não acreditaria! Qual é das suas composições a que prefere?

— É muito difícil ter preferências por uma dessas gatinhas.

— A senhora já está embotada em matéria de louvores, e a gente não sabe o que lhe dizer de novo.

— Creia, senhora, que sou sensível à forma que a senhora dá aos seus.

A viscondessa não quis parecer que desleixava a marquesa e disse, olhando-a com ar sutil:

— Jamais esquecerei esta viagem feita entre o espírito e a beleza.

— A senhora me lisonjeia — disse a marquesa rindo —; não é natural notar o espírito junto ao gênio, e eu ainda não disse grande coisa.

Carlota, que sentia vivamente os ridículos da mãe, olhou-a como que para detê-la, mas a viscondessa continuou a lutar bravamente com as duas zombeteiras de Paris. O rapaz, que ia a trote lento e descansado ao lado da caleça, não podia ver senão as duas mulheres sentadas no assento da frente, e seu olhar abrangia-as alternativamente, traindo pensamentos bastante dolorosos. Forçada a deixar-se ver, Beatriz evitou constantemente de pousar os olhos no rapaz; por uma manobra desesperadora para as pessoas que amam, ela mantinha seu xale cruzado sob suas mãos contraídas, e parecia empolgada por profunda meditação. Num lugar em que a estrada era sombreada, úmida e verde, como uma deliciosa vereda na floresta, em que o ruído da caleça mal se ouvia, em que as folhas roçavam a capota e o vento trazia odores balsâmicos, Camille fez notar aquele lugar cheio de harmonias e apoiou a mão no joelho de Beatriz, mostrando-lhe Calisto.

— Como ele monta bem a cavalo — disse ela.

— Calisto? — disse a viscondessa. — É um cavaleiro encantador.

— Oh, Calisto é bem gentil! — disse Carlota.

— Há tantos ingleses que se lhe assemelham!... — respondeu indolentemente a marquesa sem terminar a frase.

— A mãe dele é uma irlandesa, uma O'Brien — replicou Carlota, que se julgou atacada pessoalmente.

Camille e a marquesa entraram em Guérande com a viscondessa de Kergarouët e a filha, com grande espanto de toda a cidade estupefata; elas deixaram os companheiros de viagem na estrada da viela du Guénic, onde pouco faltou para que se formasse um ajuntamento.

Calisto apressara o passo do cavalo para ir prevenir a tia e a mãe da chegada dessa companhia esperada para jantar. A refeição fora retardada convencionalmente até as quatro horas. O cavaleiro voltou para dar o braço às duas damas; depois beijou a mão de Camille na esperança de poder pegar a da marquesa, que manteve resolutamente os braços cruzados e à qual ele dirigiu as mais vivas preces num olhar inutilmente umedecido.

— Tolinho — disse-lhe Camille, roçando-lhe a orelha com um modesto beijo cheio de amizade.

“É verdade”, disse Calisto consigo mesmo, enquanto a caleça dava volta, “esqueço as recomendações de minha mãe; mas creio que as esquecerei sempre.”

II – DIPLOMACIA FEMININA

A srta. de Pen-Hoël, tendo chegado intrepidamente montada num cavalo de aluguel, a viscondessa de Kergarouët e Carlota encontraram a mesa posta e foram tratadas com cordialidade, senão com luxo, pelos du Guénic. A velha Zefirina tinha indicado, nas profundidades da adega, vinhos finos, e Mariotte esmerara-se nos seus pratos bretões. A viscondessa, encantada por ter feito a viagem com a ilustre Camille Maupin, tentou explicar a literatura moderna e o lugar que nela ocupava Camille; mas aconteceu com o mundo literário o mesmo que com o uíste: nem os du Guénic, nem o cura, que apareceu, nem o cavaleiro du Halga, nada entenderam. O abade Grimont e o velho marujo tomaram parte nos licores da sobremesa. Assim que Mariotte, auxiliada por Gasselin e pela criada de quarto da viscondessa, tirou a mesa, houve um brado de entusiasmo para se entregarem à *mouche*. Reinava a alegria na casa. Todos julgavam Calisto livre e viam-no casado dentro em pouco com a pequena Carlota. Calisto permanecia silencioso. Pela primeira vez na vida, ele estabelecia um paralelo entre as Kergarouët e as duas mulheres elegantes, espirituosas, de muito bom gosto, que, durante aquele momento, muito se deviam rir das duas provincianas, tendo em vista o primeiro olhar que haviam trocado. Fanny, que conhecia o segredo de Calisto, observava a tristeza

do filho, sobre quem as faceirices de Carlota ou os ataques da viscondessa deslizavam sem impressioná-lo. Evidentemente, seu querido filho se aborrecia; o corpo estava naquela sala onde outrora ele se teria divertido com as pilhérias da *mouche*, mas o espírito passeava nas Touches. “Como mandá-lo à casa de Camille?”, a si mesma perguntava a mãe, que simpatizava com o filho que amava e se entediava com ele. Sua ternura comovida deu-lhe espírito:

— Estás morto de desejos de ir às Touches, vê-la? — disse Fanny ao ouvido de Calisto.

O rapaz respondeu com um sorriso e um rubor que fizeram aquela mãe adorável estremecer até nos últimos refolhos do coração.

— Senhora—disse ela à viscondessa —, amanhã vai sentir-se muito mal no carro do recadeiro, e sobretudo obrigada a partir muito cedo; não será melhor que vá no carro da srta. des Touches? Calisto — disse ela olhando para o filho —, vai arrumar esse assunto nas Touches; mas volta-nos depressa.

— Não preciso nem de dez minutos!— exclamou Calisto, o qual beijou aloucadamente a mãe na escadaria exterior até onde ela o acompanhara.

Calisto correu com a ligeireza de um jovem gamo e achou-se à entrada das Touches, quando Camille e Beatriz saíam do grande salão depois do jantar. Teve o espírito de oferecer o braço a Felicidade.

— Você abandonou por nós a viscondessa e a filha — disse ela, comprimindo-lhe o braço — e nós estamos habilitadas a reconhecer a extensão desse sacrifício.

— Esses Kergarouët são parentes dos Portenduère e do velho Almirante de Kergarouët, cuja viúva desposou Carlos de Vandenesse? — perguntou a sra. de Rochefide a Camille.

— A srta. Carlota é sobrinha-neta do almirante — respondeu Camille.

— É uma criatura encantadora — disse Beatriz, instalando-se numa poltrona gótica —, justamente aquilo de que precisa o sr. du Guénic.

— Esse casamento jamais se realizará — disse vivamente Camille.

Abatido pelo ar calmo e frio da marquesa, a qual apontava a pequena bretã como sendo a única criatura que pudesse emparelhar-se

com ele, Calisto ficou sem voz e sem espírito.

— E por que, Camille? — perguntou a sra. de Rochefide.

— Minha querida — replicou Camille ao ver o desespero de Calisto —, eu não aconselhei Conti a que se casasse, e creio ter sido amabilíssima com ele: você não é generosa.

Beatriz olhou a amiga com uma surpresa mesclada de suspeitas indefiníveis. Calisto compreendeu mais ou menos o devotamento de Camille, ao ver invadir-lhe as faces aquele leve rubor que indicava nela as mais violentas emoções; veio acanhadamente para perto dela e beijou-lhe a mão. Camille pôs-se negligentemente ao piano, como uma mulher que deposita absoluta confiança na sua amiga e no adorador que ela se atribuía, dando-lhes as costas e deixando-os quase sós. Improvisou variações sobre alguns temas escolhidos inconscientemente por seu espírito, pois foram excessivamente melancólicos. A marquesa parecia ouvir, mas observava Calisto, o qual, demasiado jovem e ingênuo para desempenhar o papel que Camille lhe dava, estava em êxtase ante seu verdadeiro ídolo. Depois de uma hora, durante a qual a srta. des Touches deixou-se naturalmente arrastar para o seu ciúme, Beatriz foi para seus aposentos. Camille fez logo Calisto passar para seu quarto, a fim de não ser ouvida, porquanto as mulheres têm um admirável instinto de desconfiança.

— Meu filho — disse-lhe ela —, dê-se ares de quem me ama, ou do contrário estará perdido. Você é uma criança, não conhece absolutamente as mulheres, você apenas sabe amar. Amar e fazer-se amar são duas coisas bem diferentes. Você vai sofrer horríveis dores, e eu quero-o feliz. Se você contrariar não o orgulho, mas a teimosia de Beatriz, ela é capaz de voar para algumas léguas cerca de Paris, perto de Conti. Que será de você então?

— Eu a amarei — disse Calisto.

— Você não a tornará a ver.

— Oh sim! — disse ele.

— E como?

— Eu a seguirei.

— Mas tu és tão pobre como Jó, meu filho!

— Meu pai, Gasselín e eu permanecemos três meses na Vendaia

com cento e cinquenta francos, caminhando noite e dia.

— Calisto — disse a srta. des Touches —, ouça-me bem. Vejo que você tem demasiada candura para fingir, não quero corromper uma índole tão bela quanto a sua; eu me encarregarei de tudo. Você será amado por Beatriz.

— Será possível? — disse ele, de mãos postas.

— Sim — respondeu Camille —, mas é preciso vencer nela os compromissos que assumiu consigo mesma. Portanto eu mentirei por você. Unicamente, não vá estragar nada na obra árdua que vou empreender. A marquesa possui uma finura aristocrática, é espirituosamente desconfiada; jamais caçador encontrou presa mais difícil de caçar: aqui pois, meu pobre rapaz, o caçador deve ouvir seu cão. Promete-me uma obediência cega? Eu serei seu Fox — disse ela, atribuindo-se o nome do melhor lebreiro de Calisto.

— Que devo fazer? — perguntou o rapaz.

— Muito pouca coisa — respondeu Camille. — Você virá aqui todos os dias ao meio-dia. Como uma amante impaciente, eu me colocarei numa das janelas do corredor, de onde se avista o caminho de Guérande, a fim de o ver chegar. Retirar-me-ei para meu quarto para não ser vista e não lhe dar a medida de uma paixão que lhe pesa; mas algumas vezes você me avistará e me fará um sinal com seu lenço. No pátio, e ao subir a escada, você aparentará um arzinho entediado. Isso não te forçará a dissimulações, meu filho — disse ela inclinando a cabeça sobre o peito —, não é? Tu não irás depressa, olharás pela janela da escada que dá para o jardim, procurando ali Beatriz. Quando ela estiver lá (e ela passeará por lá, podes ficar tranquilo!), se te vir, tu te precipitarás muito lentamente no salão pequeno e, daí, no meu quarto. Se me vires na janela, espionando tuas traições, tu recuarás vivamente a fim de que eu não te surpreenda mendigando um olhar de Beatriz. Uma vez no meu quarto, serás meu prisioneiro... Ah, ficaremos lá juntos até as quatro horas! Você empregará esse tempo lendo e eu a fumar; você se aborrecerá muito por não vê-la, mas eu lhe conseguirei livros empolgantes. Você nada leu ainda de George Sand,[\[201\]](#) mandarei esta noite um dos meus serviçais comprar as obras dela em Nantes e as de alguns outros autores que você não conhece. Serei a

primeira a sair, e você não deixará seu livro, não virá ao meu pequeno salão, senão no momento em que ouvir Beatriz conversando comigo. Todas as vezes que vir um livro de música aberto no piano, você me pedirá que fique. Permito-lhe que seja até grosseiro comigo, se é que o pode ser; tudo irá bem.

— Sei, Camille, que você tem por mim a mais rara das afeições e que me faz lamentar ter visto Beatriz — disse ele com encantadora boa-fé —, mas que espera?

— Dentro de oito dias, Beatriz estará louca por você.

— Será possível, meu Deus? — disse ele, caindo de joelhos e juntando as mãos diante de Camille enternecida, feliz por dar-lhe uma alegria à sua própria custa.

— Ouça-me bem — disse ela. — Se tiver com a marquesa, não uma longa conversação, mas se trocar unicamente algumas palavras, enfim, se você a deixar interrogá-lo, se não se cingir ao papel mudo que lhe dou, o qual é certamente fácil de representar, fique sabendo que a perderá para sempre — disse ela em tom grave.

— Não compreendo nada do que me está dizendo, Camille! — exclamou Calisto, olhando-a com adorável ingenuidade.

— Se compreendesses, não serias a criança sublime, o nobre e belo Calisto — respondeu ela, tomando-lhe a mão e beijando-a.

Calisto fez então o que jamais fizera; enlaçou Camille pela cintura e beijou-a no pescoço carinhosamente, sem amor, mas sim com ternura e como beijava a mãe. A srta. des Touches não pôde conter uma torrente de lágrimas.

— Vá, meu filho, e diga à sua viscondessa que meu carro está às ordens dela.

Calisto quis ficar, mas foi obrigado a obedecer ao gesto imperativo e imperioso de Camille; voltou muito alegre, tinha certeza de, dentro de oito dias, ser amado pela bela Rochefide. Os jogadores de *mouche* tornaram a encontrar nele o Calisto que fazia dois meses haviam perdido. Carlota atribuiu-se o mérito dessa mudança. A srta. de Pen-Hoël foi encantadora de amáveis provocações para com ele. O abade Grimont buscava ler nos olhos da baronesa o motivo da calma que neles via. O cavaleiro du Halga esfregava as mãos. As duas velhas tias

tinham a vivacidade de duas lagartixas. A viscondessa devia cinco francos em *mouches* acumuladas. A cupidez de Zefirina estava tão vivamente interessada que lamentava não ver as cartas, e desferiu alguns ditos picantes à cunhada, a quem a felicidade de Calisto causava distrações e que por vezes o interrogava sem poder compreender coisa alguma nas suas respostas. A partida durou até as onze horas. Houve duas defecções: o barão e o cavaleiro adormeceram nas suas respectivas poltronas. Mariotte fizera uns bolos de trigo mourisco, a baronesa foi buscar a lata de chá. A ilustre casa do Guénic serviu, antes da partida dos Kergarouët e da srta. de Pen-Hoël, uma refeição composta de manteiga fresca, de frutas, de nata, e para a qual tiraram da arca o bule de chá de prata e as porcelanas da Inglaterra enviadas à baronesa por uma de suas tias. Essa aparência de esplendor moderno naquela velha sala, a gentileza deliciosa da baronesa, educada como boa irlandesa, a fazer e a servir o chá, esse grande acontecimento para as inglesas, tiveram um cunho encantador. O mais desenfreado luxo não obteria o efeito simples, modesto e nobre produzido por aquele sentimento de alegre hospitalidade. Quando somente ficaram na sala a baronesa e o filho, ela olhou para Calisto com ar curioso.

— Que te aconteceu nas Touches esta noite? — disse-lhe ela.

Calisto contou-lhe a esperança que Camille lhe havia infiltrado no coração e suas estranhas instruções.

— Pobre mulher! — exclamou a irlandesa, juntando as mãos, e apiedando-se pela primeira vez da srta. des Touches.

Alguns momentos depois da partida de Calisto, Beatriz, que o ouvira partir das Touches, voltou ao apartamento da amiga, a quem achou de olhos úmidos, meio reclinada no sofá.

— Que tens, Felicidade? — perguntou-lhe a marquesa.

— Tenho quarenta anos e amo, querida! —disse, com um horrível tom de raiva, a srta. des Touches, cujos olhos se tornaram secos e brilhantes. — Se soubesses, Beatriz, quantas lágrimas derramo pelos dias perdidos de minha juventude! Ser amada por piedade, saber-se que se deve a felicidade somente a trabalhos penosos, a sutilezas de gata, a armadilhas preparadas contra a inocência e as virtudes de uma criança, não é isso infame? Felizmente, acha-se então uma espécie de

absolvição no infinito da paixão, na energia da felicidade, na certeza de estar para sempre acima de todas as mulheres, gravando nossa lembrança num coração jovem por meio de prazeres inapagáveis, por um devotamento insensato. Sim, se ele mo pedisse, atirar-me-ia no mar a um simples sinal seu. Há momentos em que me surpreendo a almejar que ele o queira, pois que isso seria uma oferenda e não um suicídio... Ah Beatriz, deste-me uma árdua tarefa ao vires aqui! Sei que é difícil levar vantagem sobre ti; mas amas a Conti, és nobre e generosa, e não me enganarás; pelo contrário, auxiliar-me-ás a conservar meu Calisto. Eu já esperava a impressão que lhe causaste, mas não cometi o erro de mostrar-me enciumada, o que seria incitar o mal. Pelo contrário, apresentei-te, pintando-te com cores tão vivas que jamais pudesses realizar o retrato, e, por desgraça, estás mais bela do que nunca.

Essa violenta elegia, na qual o verdadeiro se mesclava à mentira, iludiu completamente a sra. de Rochefide. Cláudio Vignon dissera a Conti os motivos de sua partida; Beatriz, como era natural, teve conhecimento disso; portanto, ao tratar Calisto friamente, ela demonstrava generosidade. Mas, nesse momento, ergueu-se em sua alma esse movimento de alegria que se agita no fundo do coração de todas as mulheres quando se sabem amadas. O amor que inspiram a um homem comporta elogios sem hipocrisia e que é difícil não saborear; mas quando esse homem pertence a uma amiga, suas homenagens causam mais do que alegria, são delícias celestes. Beatriz sentou-se junto à amiga e animou-a.

— Não tens um cabelo branco — disse-lhe —, não tens uma ruga, tuas fontes têm ainda viço, ao passo que conheço mais de uma mulher de trinta anos obrigada a ocultar as suas. Olha, querida — disse ela erguendo seus bucles —, vê o que me custou minha viagem!

A marquesa mostrou o imperceptível emurchecimento que fatigava a finura de sua pele tão macia; ergueu as mangas e fez ver uma pequena mácula nos pulsos, onde a transparência do tecido já amarrotado deixava ver a rede dos vasos engrossada, e em que três linhas profundas formavam-lhe uma pulseira de rugas.

— Não são, como disse um escritor que vive na pista das nossas

misérias, os dois lugares que em nós não mentem? — disse ela. — É preciso ter sofrido muito para reconhecer a verdade de sua cruel observação; mas, felizmente para nós, a maioria dos homens ignora isso e não lê esse autor infame.[202]

— Tua carta disse-me tudo — respondeu Camille —, o amor ignora a fatuidade, tu nela gabavas-te muito de ser feliz. Em amor a verdade não é surda, muda e cega? Por isso, sabendo-te com muitos motivos para abandonar Conti, temi tua estada aqui. Minha querida, Calisto é um anjo, é tão bom quanto belo, o pobre inocente não resistiria a um único dos teus olhares, admira-te demasiado para não te amar ante um único encorajamento; teu desdém mo conservará. Confesso-te com a cobardia de verdadeira paixão: tirar-mo seria matar-me. *Adolfo*, esse pavoroso livro de Benjamin Constant, disse-nos apenas as dores de Adolfo, mas e as da mulher? Hein! Ele não as observou suficientemente para nô-las descrever; e que mulher se atreveria a revelá-las? Elas desonrariam nosso sexo, humilhar-lhe-iam as virtudes e lhe ampliariam os vícios. Ah! se os meço pelos meus temores, esses sofrimentos assemelham-se aos do inferno. Mas, em caso de abandono, meu tema está feito.

— E que decidiste?— perguntou Beatriz com uma vivacidade que fez Camille estremecer.

Ali as duas amigas se olharam com a atenção de dois inquisidores de Estado veneziano, com um olhar no qual suas almas se chocaram e deram fogo como duas pedras. A marquesa baixou os olhos.

— Depois do homem, não há mais senão Deus — respondeu gravemente a mulher célebre. — Deus é o desconhecido. Eu me atirarei nele como num abismo. Calisto acaba de jurar-me que te admira como se admira uma tela; mas tu, aos vinte e oito anos, estás em toda a magnificência da beleza. A luta acaba de começar entre mim e ele por uma mentira. Sei felizmente como agir para triunfar.

— E como farás?

— Isto é meu segredo, querida. Deixa-me as vantagens da minha idade. Se Cláudio Vignon atirou-me brutalmente no abismo, eu, que me havia elevado até um lugar que julgava inacessível, colherei ao menos todas as flores pálidas, estioladas, porém deliciosas, que

crescem no fundo dos precipícios.

A marquesa foi modelada como cera pela srta. des Touches, que gozava um prazer selvagem a envolvê-la com seus ardis. Camille separou-se da amiga, a qual se foi espicaçada pela curiosidade, flutuando entre a inveja e sua generosidade, mas certamente preocupada com o belo Calisto.

“Ela ficará encantada de enganar-me”, pensou Camille, ao dar-lhe o beijo de boa-noite.

Depois, quando ficou só, o autor cedeu o lugar à mulher; desatou em prantos, encheu de tabaco lavado no ópio a chaminé do seu *houca* e passou a maior parte da noite a fumar, entorpecendo assim as dores de seu amor, e vendo através das nuvens de fumaça a deliciosa cabeça de Calisto.

“Que belo livro a escrever, esse no qual eu narrasse meus sofrimentos!”, disse comigo mesma, “mas ele já está feito. Safo[203] viveu antes de mim, Safo era jovem. Bela e comovedora heroína, verdadeiramente, uma mulher de quarenta anos! Fuma o teu *houca*, minha pobre Camille, nem sequer tens o recurso de fazer uma poesia da tua desgraça, é o cúmulo!”

Deitou-se somente ao amanhecer, misturando assim de lágrimas, gritos de raiva e resoluções sublimes, a longa meditação em que por vezes ela estudava os mistérios da religião católica, coisa em que, na sua vida de artista despreocupada e de escritor incrédulo, ela jamais pensara.

No dia seguinte, Calisto, a quem a mãe aconselhara que seguisse exatamente os conselhos de Camille, veio ao meio-dia, subiu misteriosamente para o quarto da srta. des Touches, onde encontrou livros. Felicidade permaneceu numa poltrona ao lado da janela, entretida em fumar, contemplando ora o recanto selvagem dos pântanos, ora o mar e Calisto, com quem trocou algumas palavras relativas a Beatriz. Houve um momento em que, ao ver a marquesa passeando no jardim, ela foi, fazendo-se ver pela amiga, correr as cortinas e estendeu-as a fim de interceptar a luz, deixando entretanto que se escoasse um feixe de claridade que iluminava o livro de Calisto.

— Hoje, meu filho, eu te convidarei a que fiques para jantar — disse

ela, pondo-lhe os cabelos em desordem —, e tu me recusarás, olhando para a marquesa; e não terás dificuldade em fazer-lhe compreender o quanto lamentas não ficar.

Cerca das quatro horas, Camille saiu e foi representar a atroz comédia de sua falsa felicidade para a marquesa, a quem trouxe para seu salão. Calisto saiu do quarto, compreendendo naquele momento a vergonha de seu papel. O olhar que dirigiu a Beatriz e que Felicidade esperava foi mais expressivo do que o que ela julgava. Beatriz fizera uma *toilette* encantadora.

— Como estás coquetemente vestida, minha mimosa! — disse Camille, depois da partida de Calisto.

Esse manejo durou seis dias; foi acompanhado, sem que Calisto o soubesse, das mais hábeis conversações entre Camille e a amiga. Houve entre essas duas mulheres um duelo sem tréguas, no qual usaram ardis, falsos golpes, generosidades ilusórias, confissões mentirosas, confidências astutas, na qual uma ocultava e a outra punha a nu seu amor e onde, entretanto, o ferro aguçado, incandescente com as traidoras palavras de Camille, atingiu o fundo do coração da amiga e ali picava alguns desses maus sentimentos que as mulheres honestas reprimem com tanta dificuldade. Beatriz acabara por ofender-se com as desconfianças manifestadas por Camille, desconfianças que achava pouco honrosas quer para uma, quer para outra; estava encantada por encontrar naquele grande escritor as pequenezas de seu sexo, quis ter o prazer de mostrar-lhe onde cessava sua superioridade e como podia ser humilhada.

— Querida, que lhe vais dizer hoje? — perguntou, fitando maldosamente a amiga, no momento em que o pretenso amante pedia para ficar. — Segunda-feira, tínhamos de falar uma com a outra; terça-feira, o jantar não valia nada; quarta, não querias atrair sobre ti a cólera da baronesa; quinta, ias passear comigo; ontem, disseste-lhe adeus, quando ele ia abrir a boca: pois bem! Quero que esse pobre rapaz fique hoje.

— Já, minha mimosa? — disse Camille a Beatriz com corrosiva ironia.

A marquesa corou.

— Figue, sr. du Guénic — disse a srta. des Touches, afetando ares de rainha e de mulher ferida.

Beatriz tornou-se fria e dura, foi brusca, epigramática, e maltratou Calisto, a quem sua suposta amante mandou que fosse jogar a *mouche* com a srta. de Kergarouët.

— Não é perigosa, essa — disse Beatriz, sorrindo.

Os jovens apaixonados são como os famintos, os preparativos do cozinheiro não os satisfazem, pensam demasiado no desenlace para compreender os meios. Ao regressar de Touches para Guérande, Calisto estava com a alma cheia de Beatriz, ignorava a profunda habilidade feminina desenvolvida por Felicidade para, em termos consagrados, fazer progredir seus assuntos. Durante essa semana, a marquesa escrevera somente uma carta a Conti, e esse sintoma de indiferença não escapara a Camille. Toda a vida de Calisto estava concentrada no momento tão rápido durante o qual ele via a marquesa. Essa gota de água, longe de estancar-lhe a sede, o que fazia era duplicá-la. Aquela palavra mágica: “Serás amado!”, dita por Camille e aprovada pela mãe, era o talismã por meio do qual ele continha o ímpeto de sua paixão. Devorava o tempo, não dormia mais, lia nas suas insônias, e todos os dias trazia carregamentos de livros, segundo a expressão de Mariotte. A tia amaldiçoava a srta. des Touches; a baronesa, porém, que por várias vezes subira ao quarto do filho ao ver que lá havia luz, conhecia o segredo daquelas vigílias. Embora tivesse ficado nas timidezes da mocinha ignorante, e que o amor para ela tivesse mantido seus livros fechados, Fanny elevava-se pela ternura materna até certas ideias; mas a maioria dos abismos desse sentimento era obscura e coberta por nuvens, por isso muito se assustava do estado em que via o filho, apavorava-se com o desejo único, incompreendido, que o devorava. Calisto não tinha mais senão um pensamento, parecia-lhe ver sempre Beatriz na sua frente. À noite, durante a partida, suas distrações assemelhavam-se ao sono do pai. Ao vê-lo tão diferente do que ele era, quando ele julgava amar Camille, a baronesa reconhecia, com uma espécie de terror, os sintomas que assinalam o verdadeiro amor, sentimento inteiramente desconhecido naquele velho solar. Uma irritabilidade febril, uma absorção constante deixavam Calisto

atoleimado. Muitas vezes ele permanecia horas a fio olhando para uma figura da tapeçaria. Ela aconselhara-o certa manhã a não ir mais às Touches e deixar aquelas duas mulheres.

— Não ir mais às Touches! — exclamara Calisto.

— Vai, não te zangues, meu filho adorado — respondeu ela, beijando-lhe os olhos que lhe haviam desferido chamuscas.

Nessas circunstâncias, Calisto esteve a ponto de perder os frutos das sábias manobras de Camille pela fúria bretã de seu amor, que não pôde mais dominar. A si mesmo jurou, apesar das promessas feitas a Felicidade, de ver Beatriz e de falar-lhe. Queria ler-lhe nos olhos, neles mergulhar seu olhar, examinar os mais leves detalhes de sua *toilette*, aspirar-lhe os perfumes, ouvir a música de sua voz, analisar a elegante harmonia de seus movimentos, abranger num olhar aquele corpo, finalmente, contemplá-la, como um grande general estuda o campo onde se ferirá alguma batalha decisiva; queria-o como querem os amantes, estava empolgado por um desejo que lhe tapava os ouvidos, que lhe obscurecia a inteligência, que o punha num estado doentio, no qual ele não reconhecia mais nem obstáculos, nem distâncias; no qual não sentia mais nem o próprio corpo. Imaginou então ir às Touches antes da hora convencionada, esperando encontrar Beatriz no jardim. Soubera que ela ali passeava de manhã, enquanto esperava o almoço. A srta. des Touches e a marquesa tinham ido pela manhã ver as salinas e a bacia cercada de areias finas, onde o mar penetra e que se assemelha a um lago no meio das dunas; elas tinham voltado para casa e conversavam, dando voltas nas pequenas aleias amarelas do relvado.

— Se esta paisagem a interessa — disse-lhe Camille —, deverá ir com Calisto dar a volta do Croisic. Há lá rochas admiráveis, cascatas de granito, pequenas enseadas enfeitadas com cubos naturais, coisas surpreendentemente caprichosas, e além disso o mar com seus milhares de fragmentos de mármore, um mundo de divertimentos. Você verá mulheres fazendo *lenha*, isto é, colando bostas de vaca ao longo das paredes a fim de dissecá-las e amontoá-las como bolos de carvão em Paris; depois, no inverno, aquecem-se com essa lenha.

— Você então arrisca Calisto? — disse rindo a marquesa e num tom que provava que na véspera Camille, enfadada com Beatriz, forçara-a a

pensar em Calisto.

— Ah! minha querida, quando você conhecer a alma angelical de uma tal criança, então me compreenderá. Nele a beleza nada é; precisa-se penetrar naquele coração puro, naquela ingênua surpresa em cada passo que ele faz no reino do amor! Que fé! Que candura! Que graça! Os antigos tinham razão no culto que prestavam à santa beleza. Não sei que viajante nos disse que os cavalos em liberdade tomam o mais belo de entre eles para chefe. A beleza, querida, é o gênio das coisas; é a tabuleta que a natureza pôs nas suas mais perfeitas criações, é o mais verdadeiro dos símbolos, como é o maior dos acasos. Jamais representaram os anjos disformes; não reúnem eles a graça e a força? Quem nos fez permanecer horas inteiras diante de certos quadros, na Itália, onde o gênio buscou durante anos realizar um desses acasos da natureza? Vamos, com a mão na consciência, não era o ideal da beleza que uníamos às grandezas morais? Pois bem, Calisto é um desses sonhos realizados, ele tem a coragem do leão que permaneceu tranquilo sem suspeitar da sua realeza. Quando ele se sente à vontade, é espirituoso, e amo-lhe a timidez de moça. Minha alma repousa no coração dele, de todas as corrupções, de todas as ideias de ciência, da literatura, da sociedade, da política, de todos esses acessórios inúteis, sob os quais asfixiamos a felicidade. Sou o que jamais fui, sou criança! Tenho absoluta confiança nele, mas gosto de simular a ciumenta, e isso o faz feliz. De resto, isso faz parte do meu segredo.

Beatriz caminhava pensativa e silenciosa, Camille suportava um martírio inexprimível e dirigia sobre ela olhares oblíquos que se assemelhavam a chamas.

— Ah! minha querida, tu, sim, és feliz! — disse Beatriz, apoiando a mão no braço de Camille como o faria uma mulher cansada de alguma resistência secreta.

— Oh, muito feliz! — respondeu com selvagem amargura a pobre Felicidade.

As duas mulheres atiraram-se num banco, ambas esgotadas. Jamais uma criatura de seu sexo fora tão submetida às mais verdadeiras seduções e a um mais penetrante maquiavelismo do que o estava sendo a marquesa, fazia uma semana.

— Mas eu! eu! ver as infidelidades de Conti e suportá-las!...

— E por que não o deixas? — disse Camille ao entrever o momento favorável em que poderia desferir um golpe decisivo.

— E posso acaso fazê-lo?

— Oh pobre criança!...

Ambas olharam com ar vago para um grupo de árvores.

— Vou mandar apressar o almoço — disse Camille —, esta caminhada aguçou-me o apetite.

— Nossa conversa tirou-me o meu — disse Beatriz.

Beatriz, em *toilette* matinal, desenhava-se como uma forma branca contra as massas verdes da folhagem. Calisto, que do salão deslizara para o jardim, seguiu uma aleia, pela qual caminhou lentamente, a fim de se encontrar com a marquesa como que por acaso; e Beatriz não pôde dominar um leve estremecimento ao vê-lo.

— Em que lhe desagradei ontem, senhora? — disse Calisto, após a troca de algumas frases banais.

— Mas o senhor nem me agrada nem me desagrada — disse ela em tom suave.

O tom, o ar, a graça admirável da marquesa encorajaram o rapaz.

— Sou-lhe indiferente — disse ele com voz turbada pelas lágrimas que lhe assomaram aos olhos.

— Não devemos nós ser indiferentes um para o outro? — respondeu a marquesa. — Temos, um e outro, uma ligação verdadeira...

— Ora! — disse vivamente Calisto. — Eu amava Camille, mas hoje já não a amo.

— E que faz todos os dias, durante toda a manhã? — disse ela com um sorriso bastante pérfido. — Não posso supor, que apesar de sua paixão pelo tabaco, Camille prefira-lhe um charuto, e que, apesar de sua admiração pelas mulheres autoras, passe quatro horas a ler romances femininos.

— Então sabe? ... — disse inocentemente o ingênuo bretão, cujo rosto estava iluminado pela felicidade de ver seu ídolo.

— Calisto! — exclamou violentamente Camille, surgindo, interrompendo-o, segurando pelo braço e levando-o a alguns passos dali. — Calisto, foi isso que me prometeste?

A marquesa pôde ouvir essa censura da srta. des Touches, a qual desapareceu ralhando e levando Calisto; permaneceu estupefata com a confissão de Calisto, sem nada compreender. A sra. de Rochefide não era tão sabida como Cláudio Vignon. A verdade do papel horrível e sublime representado por Camille é uma dessas infames grandezas que as mulheres não admitem senão no último extremo. Aí partem-se seus corações, aí acabam seus sentimentos de mulher, aí começa para elas uma abnegação que as mergulha no inferno, ou que as leva ao céu.

III – CORRESPONDÊNCIA

Durante o almoço, para o qual Calisto fora convidado, a marquesa, cujos sentimentos eram nobres e altivos, já fizera um exame de consciência, asfixiando os germes de amor que lhe cresciam no coração. Foi não fria e dura para Calisto, e sim de uma doçura indiferente que o magoou. Felicidade trouxe à baila a proposta para irem daí a dois dias fazer uma excursão pelo recanto original compreendido entre as Touches, o Croisic e o burgo de Batz. Pediu a Calisto que empregasse o dia seguinte em obter um barco e marinheiros para o caso de fazerem uma excursão por mar. Ela se encarregaria dos víveres, dos cavalos e de tudo que fosse preciso ter à disposição para afastar qualquer fadiga daquela festinha. Beatriz cortou bruscamente o projeto, dizendo que não se exporia a percorrer assim a região. O rosto de Calisto, que exprimia uma grande satisfação, velou-se subitamente.

— E que teme você, querida? — disse Camille.

— Minha posição é por demais delicada para que eu comprometa, não a minha reputação, mas a minha felicidade — disse ela, com ênfase, olhando para o jovem bretão. — Conhece o ciúme de Conti; se ele soubesse...

— E quem lho irá dizer?

— Não virá ele buscar-me?

Essas palavras fizeram Calisto empalidecer. Apesar das instâncias de Felicidade, apesar das do jovem bretão, a sra. de Rochefide foi inflexível, e mostrou o que Camille denominava sua obstinação.

Calisto, não obstante as esperanças que lhe deu Felicidade, saiu das Touches dominado por umas dessas tristezas de enamorado, cuja violência beira à loucura. De volta à mansão du Guénic não saiu do quarto senão para jantar, e para lá voltou pouco depois. Às dez horas, a mãe, inquieta, foi vê-lo, e encontrou-o rabiscando em meio a uma grande quantidade de papéis riscados e rasgados; estava escrevendo a Beatriz, porque desconfiava de Camille; o ar que vira na marquesa, durante a entrevista que tivera no jardim, encorajara-o singularmente. Jamais uma primeira carta de amor fora, como se poderia imaginar, um jato ardente da alma. Em todos os rapazes ainda não atingidos pela corrupção, uma semelhante carta é acompanhada de ebulições por demais abundantes, por demais multiplicadas, para não ser elixir de várias cartas ensaiadas, rejeitadas, refeitas. Eis aqui em que Calisto se firmou e leu para a pobre mãe assombrada. Para ela, a velha casa estava como que pegando fogo, o amor do filho ali chamejava como as labaredas de um incêndio.

CALISTO A BEATRIZ

Senhora, eu vos amava quando éreis para mim somente um sonho; imaginai a força que adquiriu meu amor ao ver-vos. O sonho foi ultrapassado pela realidade. Meu pesar é de nada ter a dizer-vos que já não saibais, e dizer-vos o quanto sois bela; mas, talvez, vossas belezas jamais despertaram em alguém tantos sentimentos quantos os que em mim excitam. Sois bela de múltiplos modos; e estudei-vos tanto, pensando dia e noite em vós, que penetrei o mistério de vossa personalidade, os segredos de vosso coração e vossas delicadezas ignoradas. Fostes jamais compreendida, adorada como mereceis sê-lo? Sabei-o, pois, não há uma única de vossas feições que não seja interpretada em meu coração: vosso orgulho corresponde ao meu, a nobreza de vossos olhares, a graça de vossas atitudes, a distinção de vossos gestos, tudo em vós está em harmonia com pensamentos, com desejos ocultos no fundo de vossa alma, e foi adivinhando-os que me julguei digno de vós. Se me não tivesse tornado faz alguns dias um outro, vós mesma falar-vos-ia de mim? Ler-me será egoísmo: trata-se aqui muito mais de vós do que de Calisto. Para escrever-vos, Beatriz, fiz calar os meus vinte anos, dominei-me, envelheci meu pensamento, ou talvez o houvesse envelhecido por uma semana dos mais horríveis sofrimentos, de resto inocentemente causados por vós. Não me julgueis um

desses amantes vulgares, dos quais zombastes com tanta razão. Que grande mérito o de amar uma jovem, bela, espirituosa e nobre dama! Ai de mim! Nem sequer penso em merecer-vos. Que sou eu para vós? Uma criança atraída pelo brilho da beleza, pelas grandezas morais, como um inseto pela luz. Não podeis agir de outro modo senão pisando as flores de minha alma, mas toda a minha felicidade será de vê-las calcadas por vossos pezinhos. Um devotamento absoluto, a fé sem limites, um amor insensato, todas essas riquezas de um coração amante e sincero nada são; servem para amar e não nos fazem ser amados. Por vezes não compreendo que um fanatismo tão ardente não aqueça o ídolo; e, quando encontro vosso olhar severo e frio, sinto-me gelado. É o vosso desdém que age e não minha adoração. Por quê? Não me podereis odiar tanto quanto vos amo; poderá o sentimento mais fraco sobrepujar o mais forte? Eu amava Felicidade com todas as forças de meu coração; bastou-me um dia, um momento para esquecê-la, ao ver-vos. Ela era o erro, vós sois a verdade. Sem o saber, destruístes minha felicidade e nada me deveis em troca. Eu amava Camille sem esperança e vós nada me deixais esperar: nada foi mudado, salvo a divindade. Eu era idólatra, sou agora cristão, eis tudo. Somente, ensinaste-me que amar é a primeira de todas as felicidades, ser amado não vem senão em segundo lugar. Segundo Camille, amar por alguns dias não é amar; o amor que não cresce dia a dia é uma paixão miserável; para crescer ele não deve ver seu fim, e ela avistava o nosso pôr do sol. Ante vosso aspecto, compreendi essas palavras que eu combatia com toda a minha mocidade, com todo o ímpeto de meus desejos, com a despótica autoridade dos meus vinte anos. Essa grande e sublime Camille misturava então suas lágrimas às minhas. Posso pois amar-vos na terra e nos céus como se ama a Deus. Se me amásseis, não teríeis a opor-me os motivos pelos quais Camille destruía meus esforços. Ambos somos jovens, podemos voar com asas equivalentes, sob o mesmo céu, sem temer a tormenta que aquela águia temia. Mas que vos estou a dizer! Deixo-me levar muito além da modéstia dos meus desejos. Não acreditareis mais na subordinação, na paciência, na muda adoração que vos venho pedir que não firaís inutilmente. Sei, Beatriz, que não me podereis amar sem perder algo de vossa própria estima. Por isso, não vos peço nenhuma retribuição. Camille dizia recentemente, a propósito do dela, que há nos nomes uma fatalidade inata. Essa fatalidade eu a pressenti para mim no vosso, [204] quando no cais de Guérande, ele impressionou meus olhos à beira do oceano. Passareis na minha vida como Beatriz passou na vida de Dante. Meu coração servirá de pedestal a uma estátua branca, vingativa, ciumenta e opressiva. Não vos é permitido amar-me; sofreríeis mil mortes, seríeis traída, humilhada, infeliz: há em vós um orgulho demoníaco que vos liga à coluna que abraçastes; aí pareceréis sacudindo o

templo como Sansão.

Essas coisas não as adivinhei, meu amor é demasiado cego para isso; Camille, porém, mas disse. Aqui não é meu espírito que vos fala, é o dela; eu não tenho mais espírito quando se trata de vós, erguem-se de meu coração fervores de sangue que obscurecem minha inteligência com suas vagas, que me privam de minhas forças, que me paralisam a língua, partem-me as pernas e as fazem dobrarem-se. Nada posso senão adorar-vos, faça o que que fizerdes. Camille classifica vossa resolução de obstinação; eu defendo-vos, e acredito-a ditada pela virtude. Isso o que faz é tornar-vos mais bela ainda a meus olhos. Conheço meu destino: o orgulho da Bretanha pode erguer-se à altura de uma mulher que fez do seu orgulho uma virtude. Assim, pois, querida Beatriz, sede boa e consoladora para mim. Quando as vítimas estavam designadas, coroavam-nas de flores; deveis-me os ramos da piedade, as músicas do sacrifício. Não sou eu a prova de vossa grandeza, e a altura de meu amor desdenhado, apesar de sua sinceridade, apesar de seu ardor imortal, não contribuirá a elevar-vos? Perguntai a Camille como procedi, desde o dia em que ela me disse que amava Cláudio Vignon. Permaneci mudo, sofri em silêncio. Pois bem, para vós, encontrarei mais força ainda, se não me desesperardes, se apreciardes meu heroísmo. Um único louvor vindo de vós far-me-ia suportar as dores do martírio. Se persistirdes nesse frio silêncio, nesse mortal desdém, far-me-íeis pensar que sou de temer. Ah! sede comigo tudo o que sois, sedutora, alegre, espirituosa, amante. Falai-me de Gennaro, como Camille me falava de Cláudio. Não tenho outro talento que não o de amar, nada tenho que me torne terrível, e portar-me-ei na vossa presença como se não vos amasse. Repelireis a prece de um amor tão humilde, de uma pobre criança que pede como supremo favor à sua luz que o ilumine, ao seu sol que o aqueça? Aquele, que vos ama, ver-vos-á sempre; o pobre Calisto tem poucos dias para ele, breve estareis desobrigada. Assim pois voltarei amanhã às Touches, não é? Não recusareis meu braço para ir visitar as praias do Croisic e o burgo de Batz? Se não fordes, isso será uma resposta, e Calisto a compreenderá.

Havia ainda mais quatro páginas de uma letra fina e apertada, nas quais Calisto explicava a terrível ameaça que aquela última palavra continha ao contar sua mocidade e sua vida; mas o fazia por meio de frases exclamativas; havia ali muitos desses pontos prodigalizados pela literatura moderna nas passagens perigosas, como tábuas oferecidas à imaginação do leitor para fazê-lo franquear abismos. Essa pintura ingênua seria uma repetição na sua narrativa; se ela não comoveu a

sra. de Rochefide, interessará mediocrementemente os amantes de emoções fortes; fez pois a mãe chorar e dizer ao filho:

— Não fostes então feliz?

Esse terrível poema de sentimentos caídos do coração de Calisto como um temporal, e que devia ir turbilhonando a uma outra alma, assustou a baronesa, que lia pela primeira vez na vida uma carta de amor. Calisto estava de pé num terrível embarço, não sabia como mandar entregar aquela carta. O cavaleiro du Halga ainda estava na sala onde se jogava as últimas apostas de uma *mouche* animada. Carlota de Kergarouët, desesperada com a indiferença de Calisto, tentava agradar aos pais dele para, por esse meio, garantir seu casamento. Calisto seguiu a mãe e tornou a aparecer na sala, conservando no bolso a carta, que lhe queimava o coração: agitava-se, ia e vinha como uma borboleta que por descuido tivesse entrado num quarto. Finalmente, mãe e filho atraíram o cavaleiro du Halga do salão grande, de onde fizeram sair o criadinho da srta. de Pen-Hoël e Mariotte.

— Que têm eles a pedir ao cavaleiro? — perguntou a velha Zefirina à velha Pen-Hoël.

— Calisto dá-me a impressão de um louco — respondeu esta —, não dá mais atenção a Carlota do que se esta fosse uma salineira.

A baronesa imaginara muito bem que, lá pelo ano de 1780, o cavaleiro du Halga devia ter navegado pelos mares da galanteria e aconselhara a Calisto que o consultasse.

— Qual é o melhor meio de fazer chegar secretamente uma carta às mãos da amante? — disse Calisto ao ouvido do cavaleiro.

— Põe-se a carta na mão da criada de quarto, acompanhando-a de alguns luíses, porque cedo ou tarde a criada de quarto partilha o segredo, e vale mais fazê-lo desde o começo — respondeu o cavaleiro, cujo semblante deixou escapar um sorriso —; mas é preferível entregá-la ao próprio interessado.

— Luíses! — exclamou a baronesa.

Calisto entrou, pegou o chapéu; depois correu às Touches e foi como que uma aparição no pequeno salão onde ouvia a voz de Beatriz e de Camille. Ambas estavam sentadas no divã e pareciam estar em

perfeito entendimento. Calisto, com a subitaneidade de espírito que dá o amor, atirou-se estonteadamente no divã, ao lado da marquesa, pegando-lhe a mão e nela pondo a carta, sem que Felicidade, por mais atenta que estivesse, pudesse percebê-lo. O coração de Calisto foi agitado por uma emoção aguda e suave ao mesmo tempo, ao sentir que sua mão era premida por Beatriz, a qual, sem interromper sua frase nem parecer desconcertada, deslizava a carta para dentro da luva.

— O senhor atira-se sobre mulheres como sobre divãs — disse ela rindo.

— Ele, entretanto, não chegou ainda à doutrina dos turcos — replicou Felicidade, que não se pôde recusar esse epigrama.

Calisto ergueu-se, tomou a mão de Camille e beijou-a; depois foi ao piano, fê-lo soar, correndo um dedo pelas teclas. Essa vivacidade alegre deu o que pensar a Camille, a qual disse a ele que lhe fosse falar.

— Que tem? — perguntou-lhe ao ouvido.

— Nada — respondeu ele.

“Há alguma coisa entre eles”, pensou a srta. des Touches.

A marquesa foi impenetrável. Camille tentou fazer Calisto falar, na esperança de que ele se traísse; mas o rapaz pretextou a inquietação em que estaria a mãe e retirou-se das Touches às onze horas, não sem ter sofrido o fogo de um olhar penetrante de Camille, para quem essa frase era dita pela primeira vez.

Depois das agitações de uma noite cheia de Beatriz, depois de ter ido durante a manhã vinte vezes a Guérande ao encontro da resposta que não vinha, a criada de quarto da marquesa entrou no solar du Guénic e entregou a Calisto esta resposta, que ele foi ler no fundo do jardim, embaixo do caramanchão:

BEATRIZ A CALISTO

Sois uma nobre criança, mas sois uma criança. É a Camille, que vos adora, a quem vos deveis dedicar. Em mim, não acharíeis nem as perfeições que a distinguem, nem a felicidade que ela vos prodigaliza. Embora penseis de outra forma, ela é moça e eu sou velha, ela tem o coração cheio de tesouros e o meu está vazio, ela tem por vós um devotamento que não sabeis apreciar devidamente, ela não tem egoísmos, não vive senão em vós; e eu estaria cheia de

dúvidas, eu vos arrastaria para uma vida aborrecida, sem nobreza, numa vida estragada por culpa minha. Camille é livre, ela vai e vem como quer; eu sou escrava. Finalmente esqueceis que amo e que sou amada. A situação em que me encontro deveria pôr-me ao abrigo de qualquer homenagem. Amar-me ou dizer-me que me amam é, num homem, um insulto. Uma nova falta não me colocaria no nível das piores criaturas de meu sexo? Vós que sois jovem e cheio de delicadezas, como me obrigais a dizer-vos essas coisas que não saem do coração senão despedaçando-o? Preferi o escândalo de uma desgraça irreparável à vergonha de uma constante fraude, minha própria perda à da probidade; mas aos olhos de muitas pessoas de cuja estima faço questão, eu ainda sou grande: mudando, eu desceria mais alguns degraus. O mundo é ainda indulgente para aquelas cuja constância cobre com seu manto a irregularidade da felicidade; mas é impiedoso para com os hábitos viciosos. Não sinto desdém ou cólera, respondo-vos com franqueza e simplicidade. Sois jovem, ignorais a sociedade, sois arrastado pela fantasia, e incapaz, como todas as pessoas cuja vida é pura, de fazer as reflexões que a desgraça sugere. Irei mais longe. Fosse eu a mulher mais humilhada, ocultasse eu espantosas misérias, fosse traída, enfim, abandonada— e graças a Deus nada de tudo isso é possível —, mas se assim fosse, por uma vingança do céu, ninguém neste mundo me veria mais. Sim, sentir-me-ia então com a coragem de matar um homem que me falasse de amor se, na situação em que me achasse, fosse ainda possível um homem chegar até a mim. Tendes aí o fundo de meu pensamento. Por isso, talvez, deva agradecer-vos por me terdes escrito. Depois de vossa carta e sobretudo depois de minha resposta, posso sentir-me à vontade junto a vós, nas Touches, mostrar-me de acordo com o meu caráter e como mo pedis. Não vos falo do ridículo amargo que me perseguiria no caso em que meus olhos cessassem de exprimir os sentimentos de que vos queixais. Um segundo roubo feito a Camille seria uma prova de impotência a que uma mulher não se resolve duas vezes. Amasse-vos eu loucamente, estivesse cega, esquecesse tudo, sempre veria Camille! O amor dela por vós é uma dessas barreiras demasiado altas para serem transpostas por uma potência qualquer, mesmo pelas asas de um anjo: não há senão um demônio que não recue diante dessas infames traições. Há aqui, meu filho, um mundo de razões que as mulheres nobres e delicadas se reservam e das quais nada entendeis, vós outros, os homens, mesmo quando eles são tão semelhantes a nós como o sois neste momento. Enfim, tendes uma mãe que vos mostrou o que deve ser uma mulher na vida; ela é pura e sem mácula, ela realizou nobremente seu destino; o que dela sei umedeceu-me os olhos de lágrimas, e do fundo de meu coração elevaram-se gestos de inveja. Eu teria podido ser assim! Calisto, assim deve ser vossa esposa, e tal deve ser a vida dela. Não tornarei a

mandar-vos maldosamente, como fiz, para aquela pequena Carlota, que vos entediaria rapidamente, mas sim para alguma divina jovem, digna de vós. Se me desse a vós, far-vos-ia falhar a vida. Haveria em vós uma falta de fé, de constância, ou teríeis então a intenção de consagrar-me toda a vossa existência; sou franca, eu a tomaria, levar-vos-ia não sei onde, longe da sociedade; tornar-vos-ia infeliz, sou ciumenta, vejo monstros numa gota de água, desespero-me com misérias com que outras mulheres se conformam; haveria mesmo pensamentos inexoráveis que viriam de mim, não de vós, e que me feririam mortalmente. Quando um homem, no décimo ano de felicidade, não é tão respeitoso e tão delicado como na véspera do dia em que mendigava um favor, afigura-se-me um infame e avilta-me aos meus próprios olhos! Um tal amante não crê mais nos Amadis[205] e nos Ciros[206] de meus sonhos. Hoje o amor puro é uma fábula, e não vejo em vós senão a felicidade de um desejo para o qual seu fim é desconhecido. Não tenho quarenta anos, não sei fazer ainda minha altivez curvar-se sob a autoridade da experiência, não tenho esse amor que torna humilde, enfim sou uma mulher cujo caráter é ainda demasiado jovem para não ser detestável. Não posso responder por meu humor, e em mim a graça é toda externa. E possível que não tenha sofrido ainda o bastante para ter os modos indulgentes e a ternura absoluta que devemos a desenganos cruéis. A felicidade tem sua impertinência e eu sou muito impertinente. Camille servos-á sempre uma escrava devotada, e eu um tirano insensato. De resto, não foi Camille posta a vosso lado por vosso anjo de guarda, a fim de permitir-vos atingir o momento em que começareis a vida que estais destinado a levar, e à qual não deveis faltar? Conheço-a, a Felicidade! Sua ternura é inesgotável; ela ignora talvez as graças do nosso sexo, mas desenvolve essa força fecunda, esse gênio da constância e essa nobre intrepidez que fazem tudo. Ela vos casará, sofrendo embora horríveis dores; saberá escolher-vos uma Beatriz livre, se é Beatriz que corresponde às vossas ideias sobre a mulher e sobre vossos sonhos; ela vos aplainará todas as dificuldades de vosso futuro. A venda de um arpenço de terra que ela possui em Paris desonerará vossas propriedades da Bretanha, e ela vos constituirá seu herdeiro; já não fez ela de vós um filho adotivo? Que posso eu fazer por nossa felicidade? Nada! Não deveis trair pois um amor infinito que se converte em deveres maternos. Acho Camille bem feliz! A admiração que vos inspira a pobre Beatriz é um desses pecadilhos para os quais as mulheres, da idade de Camille, têm grande indulgência. Quando têm certeza de ser amadas, perdoam uma infidelidade à constância, é mesmo nelas um dos seus mais vivos prazeres esse de triunfar da juventude de suas rivais. Camille está acima das outras mulheres; isso não se dirige a ela, não vô-lo digo senão para tranquilizar-vos a consciência. Estudei-a bem: Camille é a meu ver uma das

maiores figuras de nosso tempo. É espirituosa e boa, duas qualidades quase inconciliáveis nas mulheres; é generosa e simples, duas outras grandezas que raramente andam juntas. Vi no fundo de seu coração tesouros certos, parece que Dante tenha escrito para ela, em seu *Paraíso*, a bela estrofe sobre a felicidade eterna que ela vos explicava numa dessas noites passadas e que termina por *Senza brama sicura ricchezza*.^[207] Ela falava-me de seu destino, contava-me sua vida, provando-me que o amor, esse objeto de nossos anseios e de nossos sonhos, sempre fugira dela, e eu lhe respondia que ela parecia demonstrar-me a dificuldade de irmanar coisas sublimes, o que explica muitas desgraças. Sois uma dessas almas angelicais para as quais parece impossível achar uma irmã. Essa desgraça, meu querido amiguinho, Camille vô-la poupará; ela encontrará, custe-lhe isso embora a vida, uma criatura com a qual possais ser feliz no matrimônio.

Estendo-vos uma mão amiga e conto, não com vosso coração, mas com vosso espírito, para que possamos estar juntos, como irmão e irmã, e terminar aqui nossa correspondência, a qual das Touches a Guérande é pelo menos uma coisa singular.

beatriz de casteran

Comovida ao extremo pelos detalhes e pela marcha dos amores do filho com a bela Rochefide, a baronesa não pôde ficar na sala onde trabalhava na sua tapeçaria, olhando Calisto a cada ponto que dava; deixou sua poltrona e foi para perto dele de um modo ao mesmo tempo humilde e audaz. A mãe teve nesse momento a graciosidade de uma cortesã que quer obter uma concessão.

— E então? — disse ela tremendo, sem pedir positivamente a carta.

Calisto mostrou-lhe o papel e leu-o para ela. Aquelas duas belas almas, tão simples, tão ingênuas, não viram naquela astuciosa e pérfida resposta nenhuma das malícias e nenhum dos laços armados pela marquesa.

— É uma mulher nobre e grande! — disse a baronesa, cujos olhos estavam úmidos. — Rezarei a Deus por ela. Não pensava que uma mãe pudesse abandonar o marido e o filho e conservar tantas virtudes! Ela é digna de perdão.

— Não tenho razão de adorá-la? — disse Calisto.

— Mas onde te levará este amor? — exclamou a baronesa. — Ah,

meu filho, como as mulheres de sentimentos nobres são perigosas! As más são menos de temer. Desposa Carlota de Kergarouët, libera os dois terços das terras da tua família. Vendendo algumas granjas, a srta. de Pen-Hoël obterá grande resultado, e essa boa mulher se encarregará de valorizar teus bens... Podes deixar aos teus filhos um belo nome, uma bela fortuna...

— Esquecer Beatriz? — disse Calisto com voz surda e os olhos fitos no chão.

Deixou a baronesa e subiu para os seus aposentos, a fim de responder à marquesa. A sra. du Guénic tinha a carta da sra. de Rochefide gravada no coração; quis saber ao certo o que deveria pensar relativamente às esperanças de Calisto. Mais ou menos a essa hora, o cavaleiro du Halga fazia sua cadela passear na avenida; a baronesa, certa de o encontrar, pôs um chapéu, o xale, e saiu. Ver a baronesa du Guénic em Guérande num outro lugar que não fosse a igreja, ou nos dois lindos caminhos preferidos para o passeio nos dias de festa, quando acompanhava o marido e a srta. de Pen-Hoël, era um acontecimento tão notável em toda a cidade que, duas horas depois, todos se abordavam, dizendo:

— A sra. du Guénic saiu hoje, viu-a?

Por isso não tardou a notícia em chegar aos ouvidos da srta. de Pen-Hoël, a qual disse à sobrinha:

— Deve estar passando-se alguma coisa de muito extraordinário em casa dos du Guénic.

— Calisto está louco de paixão pela bela marquesa de Rochefide — disse Carlota —; eu deveria ir-me de Guérande e voltar para Nantes.

Nesse momento, o cavaleiro du Halga, surpreendido por estar sendo procurado pela baronesa, tinha desprendido a corrente de Tisbé, reconhecendo a impossibilidade de dividir-se.

— Cavaleiro, o senhor foi dado a galanterias? — perguntou a baronesa.

O capitão du Halga perfilou-se numa atitude passavelmente fátua. A sra. du Guénic, sem nada dizer do filho, nem da marquesa, explicou a carta de amor, perguntando qual poderia ser o sentido de semelhante resposta. O cavaleiro ia de nariz em riste e afagava o queixo, ouvia,

fazia umas quantas caretas; finalmente, olhou fixamente a baronesa com ar astuto.

— Quando os cavalos de raça devem saltar as barreiras, eles as vêm reconhecer e olfatear — disse ele. — Calisto será o mais feliz maroto deste mundo.

— Cht! — fez a baronesa.

— Sou mudo. Outrora, não tinha senão isso por mim — disse o velho cavaleiro. — O tempo está lindo — continuou após uma pausa —, o vento é noroeste. Por Deus! como a *Belle Poule*[\[208\]](#) tomava bem esse vento no dia em que... Mas — disse ele interrompendo-se —, tenho zumbidos nos ouvidos e sinto dores nas falsas costelas, o tempo vai mudar. Sabe que o combate da *Belle Poule* foi tão célebre que as mulheres usaram toucados à *Belle Poule*. A sra. de Kergarouët foi a primeira em ir à Opera com esse penteado. “A senhora está toucada em conquista”, disse-lhe eu. Esse dito foi repetido em todos os camarotes.

A baronesa ouviu complacentemente o velho, o qual, fiel às leis da galanteria, reconduziu a baronesa até a viela, descuidando-se de Tisbé. O segredo do nascimento de Tisbé escapou ao cavaleiro. Tisbé era neta da deliciosa Tisbé, cadela da sra. almiranta de Kergarouët, primeira mulher do almirante, conde de Kergarouët. Esta última Tisbé tinha dezoito anos.

A baronesa subiu celeremente ao quarto de Calisto, com uma alegria leve, tal como se fosse ela quem amasse. Calisto não estava no quarto, mas Fanny viu uma carta dobrada em cima da mesa, dirigida à sra. de Rochefide e não lacrada. Uma curiosidade invencível levou essa mãe inquieta a ler a resposta do filho. Essa indiscrição foi cruelmente punida; ela experimentou uma dor enorme ao entrever o precipício no qual o amor atirava Calisto.

CALISTO A BEATRIZ

Ora, que me importa a mim a raça dos du Guénic nestes tempos em que vivemos, querida Beatriz! Meu nome é Beatriz, a felicidade de Beatriz é a minha felicidade, sua vida é a minha vida e toda a minha fortuna está em seu coração. Nossas terras estão hipotecadas faz dois séculos, podem permanecer assim mais dois séculos; nossos granjeiros as conservam, ninguém as pode tomar. Ver-vos,

amar-vos, eis a minha religião. Casar-me! Essa ideia convulsionou-me o coração. Há acaso duas Beatriz? Não me casarei senão convosco, esperarei vinte anos se assim for preciso; sou moço e vós sereis sempre bela. Minha mãe é uma santa, não devo julgá-la. Ela não amou! Sei agora o quanto ela perdeu e os sacrifícios que fez. Ensinastes-me, Beatriz, a melhor amar minha mãe, que está convosco em meu coração, e nunca haverá senão ela, eis vossa única rival; não é isso dizer-vos que nele reinais sem competidora? Assim pois vossas razões nenhuma força têm sobre meu espírito. Quanto a Camille, não tendes senão um sinal a fazer-me, eu lhe pedirei que vos diga, ela própria, que não a amo; ela é a mãe da minha inteligência, nada menos, nada mais. Assim que vos vi, ela tornou-se minha irmã, minha amiga ou meu amigo, como quiserdes; mas não temos um sobre o outro senão os direitos da amizade. Tomei-a por uma mulher até o momento em que vos vi. Mas demonstrastes-me que Camille é um rapaz; ela nada, caça, monta a cavalo, fuma, bebe, escreve, analisa um coração e um livro, não tem a menor fraqueza, marcha na sua força; não tem nem vossos movimentos soltos, nem vosso andar que se assemelha a um voo de pássaro, nem vossa voz de amar, nem vossos olhares sutis, nem vossa atitude graciosa; ela é Camille Maupin e nada mais; nada tem de mulher, e vós tendes delas tudo o que me agrada; pareceu-me desde o primeiro dia em que vos vi que me pertencíeis. Rireis desse sentimento, ele porém nada mais fez senão crescer, parecer-me-ia monstruoso se ficássemos separados; sois minha alma, minha vida, e não poderia viver onde não estivésseis. Deixai-vos amar! Fugiremos, iremos para muito longe da sociedade, numa terra onde não encontrareis ninguém, e onde possais ter somente a mim e a Deus no coração. Minha mãe, que vos ama, virá algum dia viver junto a nós. A Irlanda tem castelos, e a família de minha mãe me emprestará seguramente um. Meu Deus, partamos! Um barco, marinheiros, e lá estaríamos antes de ninguém poder saber para onde fugimos neste mundo que tanto temeis! Não fostes amada, sinto-o ao reler vossa carta, e creio adivinhar nela que, se não existisse nenhum dos motivos de que falais, vos deixaríeis amar por mim, Beatriz, um santo amor apaga o passado. Pode-se pensar em outra coisa senão em vós depois de ver-vos? Ah! amo-vos tanto que vos queria mil vezes infame, a fim de mostrar-vos o poder de meu amor, adorando-vos como a mais santa das criaturas. Chamais meu amor uma injúria que vos faço. Ó, Beatriz, tu não o crês! O amor de uma nobre criança, não é assim que me chamais? honraria uma rainha. Assim, pois, amanhã iremos como amantes lá pelos rochedos e o mar, e caminhareis por sobre as areias da velha Bretanha a fim de as consagrar novamente para mim! Dai-me esse dia de felicidade; essa esmola passageira e talvez, ai de mim! sem recordação para vós, que será para Calisto uma riqueza eterna...

A baronesa deixou a carta cair sem terminá-la, ajoelhou-se numa cadeira e dirigiu a Deus uma oração mental, pedindo-lhe que conservasse ao filho o juízo, que afastasse dele toda loucura, todo engano, e de retirá-lo da senda em que o via.

— Que fazes aí, minha mãe? — disse Calisto.

— Rogo a Deus por ti — disse ela, mostrando-lhe os olhos cheios de lágrimas. — Acabo de cometer a falta de ler essa carta. Meu Calisto está louco.

— Da mais suave das locuras — disse o rapaz, beijando a mãe.

— Quisera ver essa mulher, meu filho.

— Pois bem, mamãe — disse Calisto —, embarcaremos amanhã para ir ao Croisic; esteja no cais.

Lacrou a carta e partiu para as Touches. O que acima de tudo apavorara a baronesa era ver o sentimento chegar por força de seu instinto à vidência, de uma experiência consumada. Calisto acabava de escrever a Beatriz, como se o cavaleiro du Halga o tivesse aconselhado.

IV – UM DUELO ENTRE MULHERES

Um dos maiores gozos que talvez experimentem os espíritos pequenos ou os seres inferiores será o de ludibriar as grandes almas ou apanhá-las em alguma armadilha. Beatriz sabia perfeitamente estar muito abaixo de Camille Maupin. Essa inferioridade não residia apenas nesse conjunto de coisas morais denominado *talento*, mas também nas coisas do coração denominadas *paixão*. No momento em que Calisto chegava às Touches com a impetuosidade de um primeiro amor, levado nas asas da esperança, a marquesa experimentava uma viva alegria por saber-se amada por aquele adorável rapaz. Não ia a ponto de querer ser cúmplice naquele sentimento, punha seu heroísmo em comprimir aquele *capriccio*, como dizem os italianos, e julgava então igualar a amiga; sentia-se feliz de ter de fazer-lhe um sacrifício. Finalmente, as vaidades peculiares à mulher francesa e que constituem esse célebre coquetismo de onde ela tira sua superioridade, achavam-se acariciadas e plenamente satisfeitas nela: entregue a imensas seduções ela resistia-

lhes, e suas virtudes cantavam-lhe ao ouvido um suave concerto de louvores.

Essas duas mulheres, aparentemente indolentes, estavam meio deitadas no divã daquele pequeno salão cheio de harmonias, no meio de flores, e com a janela aberta, porquanto cessara o vento norte. Uma brisa dissolvente do sul lentejoulava a superfície do lago de água salgada que seus olhos podiam ver e o sol incendiava as areias de ouro. Suas almas estavam tão profundamente agitadas quanto era calma a natureza, e não menos ardentes. Triturada nas engrenagens da máquina que ela própria punha em movimento, Camille era forçada a vigiar-se, por causa da prodigiosa finura da amigável inimiga que ela pusera em sua jaula; mas para não revelar seu segredo, entregava-se a contemplações íntimas da natureza, iludia seus sofrimentos buscando um sentido no movimento dos mundos, e encontrava Deus no sublime deserto do céu. Uma vez Deus reconhecido pelo incrédulo, este se atira no catolicismo absoluto que, visto como um sistema, é completo. De manhã, Camille apresentara à marquesa uma fronte banhada ainda pelos clarões de suas pesquisas, durante uma noite passada a gemer. Calisto estava sempre de pé diante dela, como uma imagem celeste. Aquele belo rapaz, por quem se devotava, ela o olhava como a um anjo da guarda. Não era ele quem a guiava para as altas regiões onde cessam os sofrimentos, sob o peso de uma incompreensível imensidão? Entretanto o ar triunfante de Beatriz inquietava Camille. Uma mulher não ganha de outra uma tal vantagem sem deixar que a adivinhem, ao mesmo tempo que se defende de a ter conquistado. Nada mais estranho do que o combate moral e surdo daquelas duas amigas, ocultando um segredo uma à outra, e julgando-se reciprocamente credoras de sacrifícios ignorados. Calisto chegou, trazendo a carta entre a mão e a luva, pronto a deslizá-la para a mão de Beatriz. Camille, a quem a mudança de modos de sua amiga não escapara, pareceu não examiná-la, fazendo-o através de um espelho, no momento em que Calisto ia entrar. Há aí um escolho para todas as mulheres. As mais espirituosas, assim como as mais tolas, as mais francas, como as mais astutas, não são mais senhoras de seu segredo; nesse momento ele se exhibe aos olhos de outra mulher. Demasiada reserva, ou demasiado

abandono, um olhar livre ou luminoso, o abaixamento misterioso das pálpebras, tudo trai então o sentimento mais difícil de ocultar, porquanto a indiferença tem qualquer coisa de tão completamente frio, que jamais pode ser simulada. As mulheres têm o talento das nuances, usam-nas demasiado para não conhecê-las todas: e, nessas ocasiões, seus olhos abrangem uma rival da cabeça aos pés; adivinham o mais leve movimento de um pé sob o vestido, o mais imperceptível estremecimento no busto, e sabem a significação daquilo que para um homem parece insignificante. Duas mulheres em observação representam uma das mais admiráveis cenas de comédia que se possa ver.

“Calisto fez alguma asneira”, pensou Camille, notando em ambos o ar indefinível de pessoas que se entendem.

Não havia mais rigidez nem falsa indiferença na marquesa, ela olhava Calisto como uma coisa sua. Calisto, esse foi explícito, corou como um verdadeiro culpado, como homem feliz. Vinha fixar os arranjos para o dia seguinte.

— Então, querida, resolveu decididamente ir? — disse Camille.

— Sim — disse Beatriz.

— E como o sabe você? — perguntou a srta. des Touches a Calisto.

— Vinha para saber — respondeu a um olhar que lhe dirigiu a sra. de Rochefide, a qual não queria que a amiga tivesse a menor noção da correspondência deles.

“Eles já se entendem”, pensou Camille, que viu aquele olhar pelo poder circular de seus olhos. “Está tudo acabado, só me resta desaparecer.”

Sob o peso desse pensamento, operou-se no seu semblante uma espécie de decomposição que fez Beatriz fremir.

— Que tens, querida? — disse ela.

— Nada. De modo, Calisto, que você mandará meus cavalos e os seus para que os possamos encontrar além do Croisic, a fim de voltarmos a cavalo pelo burgo de Batz. Almoçaremos no Croisic e jantaremos nas Touches. Você se encarregará dos barqueiros. Partiremos às oito e meia da manhã. Que belos espetáculos — disse ela a Beatriz. — você verá Cambremer, [209] um homem que faz penitência

em cima de um rochedo por ter morto voluntariamente o filho. Oh! você está numa terra primitiva, onde os homens não experimentam sentimentos comuns. Calisto lhe contará essa história.

Ela foi para seu quarto, estava sufocada. Calisto entregou a carta e acompanhou Camille.

— Calisto, você é amado, creio-o, mas oculta-me alguma escapula, e certamente desatendeu às minhas ordens.

— Amado! — disse ele, caindo numa poltrona.

Camille pôs a cabeça na porta, Beatriz desaparecera. Esse fato era estranho. Uma mulher não deixa o quarto onde se acha aquele a quem ama, com a certeza de tornar a vê-lo, sem que tenha coisa melhor a fazer. A srta. des Touches a si mesma perguntou: “Terá ela uma carta de Calisto?”. Mas julgou o inocente bretão incapaz de tal ousadia.

— Se me desobedeceste, tudo estará perdido por tua culpa — disse-lhe ela em tom grave. — Vai preparar tuas alegrias de amanhã.

Fez um gesto ao qual Calisto não resistiu: há dores mudas de uma eloquência despótica. Ao ir ao Croisic ver os barqueiros, ao atravessar as areias e os pantanais, Calisto teve temores. A frase de Camille estava impregnada de alguma coisa fatal, que traía a vidência da maternidade. Quando voltou daí a quatro horas, contando jantar nas Touches, encontrou a criada de Camille de sentinela na porta, esperando-o, para dizer-lhe que a senhora e a marquesa não o poderiam receber naquela noite. Quando Calisto, surpreendido, quis interrogá-la, ela fechou a porta e safou-se. Davam seis horas no campanário de Guérande. Calisto voltou para casa, fez com que lhe preparassem um jantar e jogou a *mouche*, entregue a uma sombria meditação. Essas alternativas de felicidade e de infelicidade, o aniquilamento de suas esperanças sucedendo à quase certeza de ser amado, despedaçavam aquela jovem alma que voava de asas espalmadas para o céu e chegava a uma tal altura que a queda deveria ser terrível.

— Que tens, meu Calisto? — disse-lhe a mãe ao ouvido.

— Nada — respondeu ele, apresentando olhos de onde a luz da alma e o fogo do amor se haviam retirado.

Não é a esperança, é o desespero que dá a medida das nossas ambições. Entregamo-nos secretamente aos belos poemas da

esperança, ao passo que a dor se mostra sem véus.

— Calisto, você não é gentil — disse Carlota, depois de ter ensaiado em vão sobre ele esses pequenos derriços de provinciana que degeneram sempre em importunações.

— Estou cansado — disse ele, levantando-se e dando boa-noite aos presentes.

— Calisto está bem mudado — disse a srta. de Pen-Hoël.

— Não temos bonitos vestidos enfeitados de rendas, não movimentamos nossas mangas assim, não tomamos atitudes assim, não sabemos olhar de lado, virar a cabeça — disse Carlota imitando e caricaturando os ares, a atitude e os olhares da marquesa. — Não temos uma voz que sai da cabeça, nem essa tossezinha interessante, eh! eh! que parece ser o suspiro de uma sombra; temos a infelicidade de desfrutar de uma saúde robusta e de querer aos nossos amigos sem coquetismo; quando os olhamos não temos o ar de espicaçá-los com um dardo ou de examiná-los com olhares hipócritas. Não sabemos inclinar a cabeça como um salgueiro chorão e parecermos amáveis ao erguê-la assim!

A srta. de Pen-Hoël não pôde deixar de rir ao ver os gestos da sobrinha, mas nem o cavaleiro, nem o barão compreenderam aquela sátira da província contra Paris.

— Entretanto — disse a velha tia — a marquesa de Rochefide é muito bela.

— Meu amigo — disse a baronesa ao marido —, sei que ela vai amanhã ao Croisic; iremos dar um passeio por ali, pois muito desejo encontrá-la.

Enquanto Calisto quebrava a cabeça, a fim de adivinhar a causa que motivara o terem-lhe fechado a porta nas Touches, ocorria entre as duas amigas uma cena que devia influir sobre os acontecimentos do dia seguinte. A carta de Calisto levou ao coração da sra. de Rochefide emoções desconhecidas. As mulheres nem sempre são alvo de um amor tão jovem, tão ingênuo, tão sincero e absoluto como o daquele menino. Beatriz amara mais do que fora amada. Depois de ter sido escrava, ela sentia um desejo inexplicável de ser por sua vez o tirano. Em meio à sua alegria, ao ler e reler a carta de Calisto, ela foi

atravessada pela ponta de uma ideia cruel. Que faziam pois juntos Calisto e Camille, depois da partida de Cláudio Vignon? Se Calisto não amava Camille, e se Camille o sabia, no que empregariam então suas manhãs? A memória do espírito aproximou maliciosamente dessa observação os discursos de Camille. Parecia que um demônio sorridente fizesse aparecer num espelho mágico o retrato dessa heroica rapariga com certos gestos e certos olhares que acabaram por esclarecer Beatriz. Em vez de lhe ser igual, ela era esmagada por Felicidade; longe de ludibriá-la, ela é que estava sendo ludibriada; nada mais era do que um prazer que Camille queria dar ao seu filho amado, com um amor extraordinário e sem vulgaridade. Para uma mulher como Beatriz, essa descoberta foi como o clarão de um relâmpago. Repassou minuciosamente a história daquela semana. Num momento o papel de Camille e o seu desenrolaram-se em toda a sua extensão; ela se achou singularmente rebaixada. No seu acesso de ódio invejoso, pareceu-lhe perceber em Camille uma intenção de vingança contra Conti. Todo o passado daqueles dois anos agia talvez sobre aquelas duas semanas. Uma vez no declive das desconfianças, das hipóteses e da cólera, Beatriz não se deteve mais: ora caminhava no seu apartamento, impelida por impetuosos impulsos da alma, ora sentava-se, tentando tomar uma resolução; mas ficou assim até a hora do jantar, dominada pela indecisão, e não desceu senão para ir para a mesa sem se ter vestido de modo apropriado. Ao ver entrar sua rival, Camille adivinhou tudo. Beatriz, sem *toilette*, tinha um ar frio, uma fisionomia taciturna que, para uma observadora da força de Maupin, indicava a hostilidade de um coração irritado. Camille saiu e deu imediatamente a ordem que tanta admiração devia causar a Calisto; ela pensou que se o ingênuo bretão chegasse com o seu amor insensato no meio da disputa, ele talvez não tornasse mais a ver Beatriz, comprometendo o futuro de sua paixão com alguma franqueza tola; ela quis ficar sem testemunhas naquele duelo de logros. Beatriz, sem auxiliar, estaria à sua mercê. Camille conhecia a secura daquela alma, as pequenezes daquele grande orgulho, ao qual ela tão justamente aplicara o termo de obstinação. O jantar foi sombrio. Cada uma daquelas duas mulheres tinha demasiado espírito e bom gosto para

explicar-se diante dos criados ou fazer com que eles escutassem nas portas. Camille foi meiga e boa — sentia-se tão superior! A marquesa foi dura e mordaz, sabia que estava sendo enganada como uma criança. Houve durante o jantar um combate de olhares, de gestos, de meias palavras que os criados não podiam compreender e que prenunciavam uma violenta tempestade. Quando tiveram de subir, Camille ofereceu maliciosamente o braço a Beatriz, a qual fingiu não ver o gesto da amiga e precipitou-se sozinha para a escada. Depois de servirem o café, a srta. des Touches disse ao seu criado de quarto um “deixe-nos” que foi o sinal do combate.

— Os romances que você faz, querida, são um pouco mais perigosos do que os que escreve — disse a marquesa.

— Têm entretanto uma grande vantagem — disse Camille puxando um cigarro.

— Qual? — perguntou Beatriz.

— São inéditos, meu anjo.

— Esse no qual me pôs vai formar um livro?

— Não tenho vocação para o ofício de Édipo; você tem o espírito e a beleza da esfinge, sei-o; mas não me proponha enigmas, fale claramente, Beatriz.[\[210\]](#)

— Quando, para tornarmos os homens felizes, diverti-los, agradar-lhes e dissipar-lhes os aborrecimentos, pedimos ao diabo para nos ajudar...

— Os homens, mais tarde, censuram-nos nossos esforços e tentativas, julgando-os ditados pelo gênio da depravação — disse Camille, atirando o cigarro e interrompendo a amiga.

— Esquecem o amor que nos arrebatava e justificava nossos excessos, pois até onde não chegaríamos?... Mas então eles fazem seu ofício de homens, são ingratos e injustos — replicou Beatriz.

— As mulheres entre elas conhecem-se, sabem o quanto suas atitudes em qualquer circunstância são altivas, nobres, e, digamo-lo, virtuosas. Mas, Camille, acabo de reconhecer a verdade das críticas de que você se tem queixado por vezes. Sim, querida, você tem alguma coisa dos homens, você procede como eles, nada a detém, e, se você não tem todas as vantagens deles, tem no espírito as suas atitudes, a

partilha do desprezo com que nos consideram. Não tenho motivos, querida, para estar satisfeita com você, e sou demasiado franca para ocultá-lo. Ninguém me fará talvez no coração um ferimento tão profundo quanto esse de que estou sofrendo. Se em amor você nem sempre é mulher, volta a sê-lo em assuntos de vingança. Era preciso uma mulher de gênio para encontrar o ponto mais sensível de nossas delicadezas: quero referir-me a Calisto e às artimanhas, querida (é este o termo), que você empregou contra mim. Até onde, Camille Maupin, desceu você e com que intenção?

— Cada vez mais esfinge! — disse Camille sorrindo.

— Você quis que eu me oferecesse a Calisto; sou ainda demasiado jovem para tais procedimentos. Para mim, o amor é o amor com seus atrozes ciúmes e suas vontades absolutas. Não sou autor: é-me impossível ver ideias em sentimentos...

— Julga-se capaz de amar tolamente? — disse Camille. — Tranquelize-se, você tem ainda muito espírito. Você se calunia, querida: você é bastante fria para fazer seu cérebro ser sempre juiz das altas obras de seu coração.

Esse epigrama fez a marquesa corar; dirigiu a Camille um olhar carregado de ódio, um olhar venenoso, e, sem procurá-las, achou as flechas mais aceradas de sua aljava.

Camille ouviu friamente, e fumando cigarros, essa tirada furiosa que crepitava de injúrias tão corrosivas, que é impossível referi-las. Beatriz, irritada pela calma de sua adversária, procurou horríveis personalidades na idade a que atingia a srta. des Touches.

— É tudo? — disse Camille, expelindo uma baforada de fumaça. — Ama Calisto?

— Certamente que não.

— Tanto melhor — respondeu Camille. — Quando a mim, amo-o e demasiado para minha tranquilidade. É possível que ele tenha por você um capricho, pois que você é a mais deliciosa loura do mundo e eu sou negra como uma toupeira; você é esbelta, esguia, e eu tenho demasiado dignidade no porte; finalmente, você é jovem! Eis o grande termo, e você não mo poupou. Abusou de suas vantagens de mulher contra mim, nem mais, nem menos, do que um jornaleco abusa da chalaça.

Tudo fiz para impedir o que está acontecendo — disse ela, erguendo os olhos para o teto. — Por pouco mulher que eu seja, sou-o ainda bastante, querida, para que uma rival tenha necessidade de mim para vencer-me ... (A marquesa foi atingida no coração por aquela palavra cruel, dita do modo mais inocente.) Você toma-me por uma mulher bem tola ao crer de mim o que Calisto quer fazer-lhe crer. Não sou nem tão grande nem tão pequena, sou mulher e muito mulher. Deixe esses grandes ares e dê-me a mão — disse Camille, apoderando-se da mão de Beatriz. — Não ama Calisto, é essa a verdade, não é? Não se exalte! Seja dura, fria e severa com ele amanhã, isso o fará submeter-se depois da briga que vou ter com ele, e sobretudo depois da reconciliação, porque ainda não esgotei os recursos do nosso arsenal, e, afinal de contas, o prazer pode sempre mais do que o desejo. Mas Calisto é bretão. Se ele persiste em cortejá-la, diga-mo francamente, e você irá para uma pequena casa de campo que possuo a seis léguas de Paris, onde encontrará todo o conforto da vida, e onde Conti poderá ir vê-la. Que Calisto me calunie, ora! meu Deus, o mais puro amor mente seis vezes por dia, suas imposturas revelam sua força.

Houve na fisionomia de Camille um ar de soberba frieza que deixou a marquesa inquieta e temerosa. Não sabia o que responder.

Camille desferiu-lhe o golpe de misericórdia.

— Sou mais confiante e menos áspera do que você — continuou Camille —; não lhe suponho a intenção de cobrir com uma recriminação um ataque que comprometeria minha vida; você me conhece, sabe que eu não sobreviveria à perda de Calisto e cedo ou tarde terei de perdê-lo. De resto, Calisto ama-me, bem o sei.

— Aqui está o que ele respondeu a uma carta, na qual eu só lhe falava de você — disse Beatriz entregando a Camille a carta de Calisto.

Camille tomou-a e leu-a; mas, ao lê-la, seus olhos encheram-se de lágrimas; chorou como choram todas as mulheres nas suas dores agudas.

— Meu Deus — disse —, ele a ama! Morrerei, pois, sem ter sido compreendida nem amada.

Ficou alguns momentos com a cabeça apoiada no ombro de Beatriz: sua dor era verdadeira, sentia nas entranhas o golpe terrível que a

baronesa du Guénic recebera à leitura daquela carta.

— Tu o amas? — disse ela, endireitando-se e olhando para Beatriz.
— Tens por ele essa adoração infinita que triunfa de todas as dores e sobrevive ao desprezo, à traição, à certeza de não ser nunca mais amada? Tu o amas por ele mesmo e pelo próprio prazer de o amar?

— Querida amiga! — disse a marquesa enternecida. — Pois bem, tranquiliza-te, partirei amanhã.

— Não partas, ele te ama, vejo-o. E eu o amo tanto que ficaria desesperada por vê-lo sofrer, infeliz. Muitos projetos eu formara para ele; mas se ele te ama, está tudo acabado.

— Amo-o, Camille — disse então a marquesa, com adorável ingenuidade, mas corando.

— Tu o amas e podes resistir-lhe? — exclamou Camille. — Ah, tu não o amas!

— Não sei que novas virtudes ele despertou em mim, mas certamente deixou-me com vergonha de mim mesma — disse Beatriz.
— Eu quisera ser virtuosa e livre para sacrificar-lhe outra coisa que não os restos de meu coração e cadeias infames. Não quero um destino incompleto, nem para ele, nem para mim.

— Cabeça fria: amar e calcular! — disse Camille, com uma espécie de horror.

— Tudo o que você quiser, mas não quero manchar-lhe a vida, prender-me ao seu pescoço como uma pedra, e tornar-me um eterno arrependimento. Se não posso ser sua esposa, não serei sua amante. Ele me... Você não zombará de mim? Não? Pois bem, seu amor adorável purificou-me.

Camille dirigiu a Beatriz o mais feroz e selvagem olhar que jamais mulher ciumenta tenha dirigido à sua rival.

— Nesse terreno eu julgava estar sozinha. Beatriz, essas palavras separaram-nos para sempre, não somos mais amigas. Iniciamos um terrível combate. Agora digo-te: ou sucumbirás, ou fugirás...

Felicidade precipitou-se para o quarto, após ter mostrado a Beatriz estupefata o aspecto de uma leoa enfurecida.

— Irá você amanhã ao Croisic? — disse Camille, soerguendo o reposteiro.

— Certamente — respondeu orgulhosamente a marquesa. — Não fugirei e não sucumbirei.

— Jogo com as cartas na mesa — respondeu Camille —, escreverei a Conti.

Beatriz ficou branca como a gaze de sua mantilha.

— Cada uma de nós joga a sua vida — respondeu Beatriz, que não sabia mais o que dizia.

As paixões violentas provocadas por essa cena entre aquelas duas mulheres acalmaram-se durante a noite. Ambas refletiram e tornaram a voltar para o sentimento das pérfidias temporizações que seduzem a maioria das mulheres: sistema excelente entre elas e os homens, mau entre mulheres. Foi em meio a essa última tormenta que a srta. des Touches ouviu a grande voz que triunfa dos mais intrépidos. Beatriz ouviu os conselhos da jurisprudência mundana, teve medo do desprezo da sociedade. A última mentira de Camille, entremeada com as tonalidades do mais atroz ciúme, teve pois um pleno êxito. O erro de Calisto foi reparado, mas uma nova indiscrição podia arruinar para sempre suas esperanças.

Chegava-se ao fim de agosto, o céu estava de uma pureza magnífica. No horizonte, o oceano, como nos mares meridionais, tinha tonalidades de prata em fusão, e junto à praia borboleteavam pequenas ondas. Uma espécie de fumaça brilhante, causada pelos raios do sol que caía a prumo sobre as areias, produzia ali uma atmosfera pelo menos igual à dos trópicos. Por isso, o sal florescia em pequenos cravos brancos na superfície dos charcos. Os corajosos salineiros, vestidos de branco precisamente para resistir à ação do sol, estavam desde manhã no seu posto, armados com seus compridos ancinhos, alguns apoiados nos pequenos muros de barro que separam cada propriedade, olhando o trabalho daquela química natural deles conhecida desde a infância; outros brincando com seus pimpolhos e suas mulheres. Aqueles dragões verdes, chamados aduaneiros, fumavam tranquilamente seus cachimbos. Havia qualquer coisa de oriental nesse quadro, porquanto um parisiense, subitamente transportado para ali, não teria com certeza acreditado estar na França. O barão e a baronesa, que haviam tomado como pretexto vir ver como ia a colheita do sal, estavam no

cais, admirando aquela silenciosa paisagem, onde somente o mar fazia ouvir o mugido de suas vagas, ritmicamente, onde barcos sulcavam o mar e onde o círculo verde da terra cultivada produzia um efeito tanto mais gracioso, por ser excessivamente raro nas margens sempre desoladas do oceano.

— E então, meus amigos, terei visto ainda uma vez as salinas de Guérande, antes de morrer — disse o barão aos salineiros que se agruparam à entrada das salinas para saudá-lo.

— Será que os du Guénic morrem? — disse um salineiro.

Naquele momento, a caravana que partira das Touches chegou ao pequeno caminho. A marquesa ia sozinha na frente, Calisto e Camille seguiam-na de braço dado. Vinte passos atrás vinha Gasselin.

— Ali estão meu pai e minha mãe — disse o rapaz a Camille.

A marquesa deteve-se. A sra. du Guénic sentiu a mais violenta repulsa ao ver Beatriz, que estava entretanto vestida do modo mais favorável: um chapéu da Itália enfeitado de centáureas e de grandes abas, seus cabelos crespos por baixo, um vestido de uma fazenda crua de cor acinzentada, um cinto azul de compridas pontas flutuantes, finalmente um ar de princesa fantasiada de pastora.

“Ela não tem coração”, disse consigo mesma a baronesa.

— Senhorita — disse Calisto a Camille —, apresento-lhe a sra. du Guénic e meu pai.

Depois disse ao barão e à baronesa:

— A srta. des Touches e a sra. marquesa de Rochefide, da família Casteran, meu pai.

O barão saudou a srta. des Touches, a qual fez uma saudação humilde e cheia de gratidão à baronesa.

“Essa”, pensou Fanny, “ama verdadeiramente meu filho; parece agradecer-me ter posto Calisto no mundo.”

— Vinde ver, como o estou fazendo, se a colheita será boa; mas tendes melhores razões do que eu para estar curiosa — disse o barão a Camille —, pois tendes interesses aí, senhorita.

— A senhorita é a mais rica de todos os proprietários — disse um dos salineiros —, e que Deus a conserve, pois é uma boa dama.

Os dois grupos saudaram-se e separaram-se.

— Não se daria mais de trinta anos à srta. des Touches — disse o velho à esposa. — É bem bela. E Calisto prefere essa pileca de marquesa parisiense a essa excelente filha da Bretanha?

— Infelizmente, sim — disse a baronesa.

Um barco esperava junto ao cais, onde se fez o embarque sem alegria. A marquesa estava fria e digna. Camille ralhara com Calisto pela sua falta de obediência, explicando-lhe o estado no qual estavam seus assuntos sentimentais. Calisto, tomado de um desespero sombrio, dirigia a Beatriz olhares nos quais amor e ódio se combatiam. Não disseram uma palavra durante o curto trajeto do cais de Guérande à extremidade do porto du Croisic, lugar onde se carrega o sal, o qual é trazido por mulheres, em grandes terrinas que colocam na cabeça, assemelhando-se por essa forma a cariátides. Essas mulheres andam descalças e usam apenas uma saia muito curta. Muitas, de entre elas, deixam despreocupadamente esvoaçar os lenços que lhes cobrem o busto; muitas não têm senão a camisa e são as mais orgulhosas, porque quanto menos vestimenta tiverem as mulheres, mais pudicas nobrezas ostentarão. O pequeno navio dinamarquês estava por terminar seu carregamento. O desembarque daquelas duas belas criaturas excitou pois a curiosidade das carregadoras de sal; e, para escapar a isso, tanto quanto para servir Calisto, Camille pulou rapidamente para os rochedos, deixando-o com Beatriz. Gasselin pôs entre seu senhor e ele uma distância de pelo menos duzentos passos.

V – PASSEIO AO CROISIC

Do lado do mar, a península do Croisic é cercada de rochas graníticas, cujas formas são tão singularmente caprichosas que não podem ser apreciadas senão pelos viajantes em condições de estabelecer comparações entre esses grandes espetáculos da natureza selvagem. É possível que os rochedos do Croisic tenham sobre as coisas desse gênero a superioridade concedida ao caminho da Grande Cartuxa[211] sobre os outros vales estreitos. Nem as costas da Córsega, onde o granito apresenta recifes bem estranhos, nem as da Sardenha, onde a natureza se entregou a efeitos grandiosos e terríveis, nem as rochas

basálticas dos mares do Norte têm um caráter tão completo. A fantasia divertiu-se em compor ali intermináveis arabescos nos quais as mais bizarras figuras se enovelam e se desenovelam. Encontram-se ali todas as formas. A imaginação cansa-se talvez com aquela imensa galeria de monstruosidades, onde, nos tempos da ressaca, o mar se insinua, acabando por polir-lhes todas as asperezas. Encontra-se sob uma abóbada natural e de um arrojo imitado de longe por Brunelleschi, [212] pois que os maiores esforços da arte são sempre uma tímida imitação da natureza, uma cuba polida como uma banheira de mármore e ensaibada com uma areia fina, lisa, branca, na qual é possível a gente banhar-se sem temor, em quatro pés de água morna. Vai-se admirando pequenas enseadas frescas, abrigadas por pórticos grosseiramente talhados, porém majestosos, à maneira do palácio Pitti, essa outra imitação dos caprichos da natureza. Os acidentes são inúmeros, nada ali falta daquilo que a mais caprichosa imaginação poderia inventar ou desejar. Existe mesmo, coisa tão rara nas margens do oceano, que é essa talvez a única exceção, uma grande moita da planta que fez criar aquele nome.[213] Esse buxo, a maior curiosidade do Croisic, onde as árvores não vingam, acha-se a cerca de uma légua do porto, na ponta mais avançada da costa. Num dos promontórios formados pelo granito e que se erguem acima do mar, numa altura a que nunca alcançam as ondas, mesmo nos tempos de mar mais bravio, exposta ao sul, os caprichos diluvianos praticaram uma borda escavada de cerca de quatro pés de saliência. Nessa fenda, o acaso, ou talvez o homem, colocou suficiente terra vegetal para que um buxo baixo e denso, semeado pelos pássaros, ali nascesse. A forma das raízes indica ter ele pelo menos trezentos anos de existência. Abaixo, a rocha foi partida de modo nítido. A comoção, cujos vestígios estão escritos em caracteres inapagáveis naquela costa, levou os pedaços de granito não sei para onde. O mar chega sem encontrar recifes ao pé daquela lâmina, onde ela tem mais de quinhentos pés de profundidade; em torno, algumas rochas à flor da água, reveladas pela fervura das espumas, descrevem como que um grande círculo. É preciso um pouco de coragem e de resolução para ir até o cume desse pequeno Gibraltar, cujo pico é quase redondo, e de onde alguma rajada de vento pode

precipitar os curiosos no mar, ou, o que seria mais perigoso ainda, sobre os rochedos. Essa sentinela gigantesca assemelha-se a lanternas de velhos castelos, de onde era possível preverem-se os ataques, abarcando toda a região; daí veem-se o campanário e áridas culturas do Croisic, as areias e as dunas que ameaçam as terras cultivadas e que invadiram o território do burgo de Batz. Alguns anciãos pretendem que, em tempos muito distantes, havia uma fortaleza naquele lugar. Os pescadores de sardinha deram um nome a esse rochedo que se vê de longe no mar; mas deve-se perdoar o esquecimento desse nome bretão, tão difícil de pronunciar como de reter.

Calisto levava Beatriz para esse ponto, de onde a vista é soberba e onde as decorações do granito ultrapassam todas as admirações que tenha podido causar ao longo da estrada arenosa que costeia o mar. É inútil explicar o motivo pelo qual Camille tomara a dianteira. Como um animal selvagem ferido, ela amava a solidão; perdia-se nas grutas, reaparecia nos picos, expulsava os caranguejos das suas locas ou surpreendia em flagrante delito seus costumes originais. Para não se sentir atrapalhada com seus trajes femininos, ela pusera calças de bainhas dobradas, uma blusa curta, um chapéu de castor, e como bastão de viagem ela trazia uma chibata, pois sempre tivera a fadiga de sua força e de sua agilidade; era assim cem vezes mais bela do que Beatriz: abrigava-se com um pequeno xale de seda vermelha, da China, cruzado sobre o busto, como se põe nas crianças. Durante algum tempo Beatriz e Calisto viram-na voluteando nos cimos ou por sobre os abismos como um fogo-fátuo, tentando iludir seus sofrimentos, afrontando o perigo. Foi a primeira a chegar à rocha da murta e sentou-se numa das anfractuosidades, à sombra, ocupada em meditar. Que podia fazer uma mulher como ela de sua velhice, após ter bebido a taça da glória que todos os grandes talentos, demasiado ávidos para esmiuçarem os estúpidos gozos do amor-próprio, esvaziavam num hausto? Depois disso ela confessou que, aí, uma das reflexões sugeridas por um nada, por um desses acidentes que são uma tolice talvez para pessoas vulgares, e que apresentam às grandes almas um abismo de reflexão, a decidira ao ato singular pelo qual devia terminar com a vida social.

Tirou do bolso uma pequena caixa onde pusera, para o caso de ter sede, pastilhas de morango; tirou umas tantas; mas, enquanto as saboreava, não pôde deixar de notar que os morangos, que não existiam mais, reviviam entretanto em suas qualidades. Concluiu daí que o mesmo podia acontecer conosco. O mar oferecia-lhe então uma imagem do infinito. Nenhum grande espírito pode tirar-se do infinito, admitindo a imortalidade da alma, sem concluir em algum futuro religioso. Essa ideia perseguiu-a ainda, quando respirou seu frasco de água de Portugal. Seu manejo para entregar Beatriz ao amor de Calisto pareceu-lhe então bem mesquinho: sentiu morrer em si a mulher, e desprender-se a nobre e angelical criatura, velada até aquele momento pela carne. Seu espírito imenso, seu saber, seus conhecimentos, seus falsos amores puseram-na frente a frente com quê? — quem o diria — com a mãe fecunda, a consoladora dos aflitos, a Igreja Romana, tão benigna para com os arrependimentos, tão poética para com os poetas, tão simples para com as crianças, tão profunda e misteriosa para com os espíritos inquietos e selvagens que eles podem ali escavar satisfazendo sempre suas insaciáveis curiosidades, incessantemente excitadas. Rememorou os meandros que Calisto lhe havia feito percorrer e comparou-os aos caminhos tortuosos daqueles rochedos. Calisto era sempre a seus olhos o belo mensageiro do céu, um divino guia. Sufocou o amor terrestre com o amor divino.

Depois de ter caminhado algum tempo em silêncio, Calisto não pôde deixar, ante uma exclamação de Beatriz relativa à beleza do oceano, que difere muito da do Mediterrâneo, de comparar, como pureza, como extensão, como agitação, como profundidade, como eternidade, esse mar ao seu amor.

— Ele é margeado por um rochedo — disse Beatriz, rindo.

— Quando me fala assim — respondeu ele, dirigindo-lhe um olhar divino —, vejo-a, ouço-a e posso ter a paciência dos anjos; mas, quando estou só, teria piedade de mim se pudesse ver-me. Minha mãe nesses momentos chora por meu pesar.

— Ouça, Calisto, é preciso acabar com isto — disse a marquesa, regressando ao caminho arenoso. — É possível que tenhamos chegado ao único lugar propício para falar sobre essas coisas, porquanto nunca

em minha vida vi a natureza mais em harmonia com os meus pensamentos. Vi a Itália, onde tudo nos fala de amor; vi a Suíça, onde tudo é viçoso e exprime uma verdadeira felicidade, uma felicidade laboriosa; onde a verdejância, as águas tranquilas, os mais ridentes contornos são oprimidos pelos Alpes, coroados de neve; mas nada vi que melhor pintasse a ardente aridez de minha vida do que essa pequena planura dissecada pelos ventos do mar, corroída pelos vapores marinhos, onde uma mesquinha agricultura luta em frente ao oceano imenso, em frente aos bosquetes da Bretanha, de onde se erguem as torres de sua Guérande. Pois bem, Calisto, é isso Beatriz. Não se prenda pois a ela. Amo-o, mas jamais serei sua, de nenhum modo, pois tenho consciência de minha desolação interior. Ah, você não sabe a que ponto sou dura para comigo mesma, ao falar-lhe assim. Não, não verá seu ídolo, se é que sou seu ídolo, diminuído; ele não cairá das alturas em que o colocou. Tenho agora horror a uma paixão que a sociedade e a religião reprovam, não quero mais ser humilhada nem ocultar meu amor; fico presa onde estou, serei o deserto arenoso e sem vegetação, sem flores, nem verdor que aqui está.

— E se fosse abandonada? — disse Calisto.

— Pois bem, iria mendigar meu perdão, humilhar-me-ia diante do homem a quem ofendi, mas jamais correria o risco de atirar-me numa felicidade que, sei, deverá ter um fim.

— Um fim! — exclamou Calisto.

A marquesa interrompeu o ditirambo que seu apaixonado ia perpetrar, ao repetir: “Um fim!”, com um tom que lhe impôs silêncio.

Essa contradição excitou no rapaz um desses furores íntimos, mudos, só conhecidos por aqueles que amaram sem esperança. Beatriz e ele deram cerca de trezentos passos num silêncio profundo, não olhando nem o mar, nem os rochedos, nem os campos do Croisic.

— Eu a faria tão feliz — disse Calisto.

— Todos os homens começam prometendo-nos a felicidade, e levam-nos a infâmia, o abandono, o desprezo. Nada tenho a censurar ao homem a quem devo ser fiel; ele nada me prometeu, eu é que fui a ele; mas o único meio que me resta para diminuir minha falta é de torná-la eterna.

— Diga, senhora, que não me ama! Eu, que a amo, sei por mim mesmo que o amor não argumenta, não vê senão a ele mesmo, não há um sacrifício que eu não fosse capaz de fazer. Ordene e tentarei o impossível. Aquele que outrora desprezou a amante por ter atirado a luva entre os leões, [214] ordenando-lhe que a fosse buscar, esse não amava! Desconhecia o direito que tendes, as mulheres, de nos porem à prova a fim de terem certeza de nosso amor e não vos render senão a grandezas sobre-humanas. Eu sacrificar-lhe-ia minha família, meu nome, meu futuro.

— Que insulto nessa palavra: sacrifício! — disse ela em tom de censura que fez Calisto sentir a tolice da sua expressão.

Somente as mulheres que amam de modo absoluto ou as coquetes sabem tomar como ponto de apoio uma palavra e daí se elevarem a alturas prodigiosas: o espírito e o sentimento nessa circunstância procedem do mesmo modo: mas a mulher que ama se aflige, e a coquete despreza.

— Tem razão — disse Calisto, deixando cair duas lágrimas —, essa palavra somente pode classificar os esforços que me pede.

— Cale-se — disse Beatriz, impressionada com a resposta na qual, por vez primeira, Calisto pintava bem seu amor —; já cometi muitas faltas, não me tente.

Estavam naquele momento ao pé da rocha do buxo. Calisto experimentou as mais inebriantes alegrias ao sustentar a marquesa na subida daquele rochedo, a cujo cimo ela fez questão de subir. Foi para a pobre criança o mais alto favor, esse de estreitar aquele busto, de sentir aquela mulher um pouco trêmula: ela precisava dele! Esse prazer inesperado fê-lo perder o tino, nada mais viu, agarrou Beatriz pela cintura.

— E então? — disse ela com ar imponente.

— Não será minha nunca? — perguntou-lhe ele, com a voz abafada por uma tormenta de sangue.

— Nunca, meu amigo — respondeu ela. — Não posso ser para o senhor senão Beatriz, um sonho. Não é isso uma coisa meiga? Não teremos amarguras, nem pesares, nem arrependimentos.

— E voltará para Conti?

— É preciso.

— Não serás então jamais de ninguém! — disse Calisto, empurrando a marquesa com uma violência frenética.

Quis ouvir a queda de Beatriz, antes de precipitar-se atrás dela, mas não ouviu senão um clamor surdo, o rasgar estridente de uma fazenda e o ruído grave de um corpo caindo no chão. Em vez de cair de cabeça para baixo, Beatriz dera uma reviravolta e estava abatida em cima do buxo; mas mesmo assim teria rolado para o fundo do mar, não fosse seu vestido ter-se enganchado numa ponta, e, ao rasgar-se, amortecido o peso do corpo sobre o buxo; a srta. des Touches, que viu essa cena, não pôde gritar, porquanto sua comoção foi tal, que nada mais pôde do que fazer um sinal a Gasselin, para que corresse em auxílio. Calisto inclinou-se por uma espécie de curiosidade feroz, viu a situação de Beatriz, e estremeceu: ela parecia rezar, pensava que ia morrer, sentia que o buxo cedia. Com a habilidade súbita que o amor dá, com a agilidade sobrenatural que a mocidade encontra no perigo, ele deixou-se escorregar por nove pés de altura, agarrando-se a algumas asperezas, até a beira do rochedo, e pôde erguer a marquesa a tempo, tomando-a nos braços, em risco de caírem ambos no mar. Quando segurou Beatriz, ela perdera o conhecimento; ele, entretanto, podia julgá-la inteiramente sua naquele leito aéreo onde iam ficar sós durante muito tempo, e seu primeiro movimento foi de prazer.

— Abra os olhos, perdoe-me — dizia Calisto — , ou morreremos juntos.

— Morrer? — disse ela abrindo os olhos e entreabrindo os pálidos lábios.

Calisto saudou aquela palavra com um beijo, e sentiu entrar na marquesa um frêmito convulsivo que o encantou. Nesse momento os sapatos ferrados de Gasselin fizeram-se ouvir em cima. O bretão seguira Camille, com a qual examinava os meios de salvar os dois amantes.

— Não há senão um, senhorita — disse Gasselin — ; eu vou escorregar até lá, eles subirão, trepando em meus ombros, e a senhora lhes dará a mão.

— E você? — disse Camille.

O criado pareceu surpreender-se por contarem com ele para alguma coisa, no meio do perigo que seu jovem senhor corria.

— É melhor ir buscar uma escada no Croisic — disse Camille.

“Mas que maliciosa”, pensou Gasselin enquanto descia.

Beatriz pediu em voz fraca que a deitassem, pois sentia-se desfalecer. Calisto deitou-a entre o granito e o buxo, na terra fresca.

— Eu o vi, Calisto — disse Camille. — Que Beatriz morra ou seja salva, isto não deverá ser senão um acidente.

— Ela me odiará — disse ele, com os olhos molhados.

— Ela te adorará — disse Camille. — Eis-nos de volta do nosso passeio, é preciso transportá-la às Touches. Que seria feito de ti se ela tivesse morrido? — disse-lhe ela.

— Eu a teria seguido.

— E tua mãe?...

Depois, após uma pausa:

— E eu? — disse, com voz débil.

Calisto permaneceu pálido, com as costas apoiada no granito, imóvel, silencioso. Gasselin voltou em seguida correndo, com uma escada que encontrara numa das pequenas granjas esparsas nos campos. Beatriz readquirira alguma força.

Depois de Gasselin ter colocado a escada, a marquesa pôde, auxiliada por Gasselin, o qual pediu a Calisto que passasse o xale vermelho de Camille por baixo dos braços de Beatriz e que lhe alcançasse a ponta, chegar à plataforma circular, onde Gasselin tomou-a nos braços como se ela fosse uma criança, e a desceu à praia.

— Não terei dito não à morte; mas os sofrimentos! — disse ela à srta. des Touches em voz fraca.

A fraqueza e alquebramento que Beatriz sentia obrigaram Camille a levá-la à granja, onde Gasselin pedira a escada emprestada. Calisto, Gasselin e Camille tiraram a roupa que podiam dispensar, fizeram um colchão em cima da escada, colocando aí Beatriz e levando-a como numa padiola. Os granjeiros ofereceram seus leitos. Gasselin correu ao lugar onde estavam os cavalos, montou num deles, e foi buscar o cirurgião do Croisic, depois de recomendar aos barqueiros que viessem à enseada mais próxima da granja. Calisto, sentado numa banqueta,

respondia com movimentos de cabeça e com raros monossílabos a Camille, cuja inquietação era excitada quer pelo estado de Beatriz, quer pelo de Calisto. Após uma sangria, a doente sentiu-se melhor; pôde falar, consentiu em embarcar, e, cerca das cinco horas da tarde, foi transportada do cais de Guérande às Touches, onde o médico da cidade a atendeu. O ruído desse acontecimento espalhara-se por aquela região solitária, e quase sem habitantes visíveis, com inexplicável rapidez.

Calisto passou a noite nas Touches, junto ao leito de Beatriz, e em companhia de Camille. O médico prometera que no dia seguinte a marquesa não sentiria mais senão uma certa lassidão. Através do desespero de Calisto brilhava uma alegria profunda: estava junto ao leito de Beatriz, contemplava-a, dormitando ou despertando-se; podia estudar seu rosto pálido e seus menores movimentos. Camille sorria com amargura ao reconhecer em Calisto os sintomas de uma dessas paixões que tingem para sempre a alma e as faculdades de um homem, fundindo-se com sua vida, numa época em que nenhum pensamento, nenhuma preocupação contrariam esse cruel trabalho interior. Calisto jamais veria a verdadeira mulher que existia em Beatriz. Com que ingenuidade o jovem bretão deixava que lessem seus mais secretos pensamentos!... Ele imaginava que aquela mulher era dele, ao se achar assim em seu quarto, e admirando-a na desordem do leito. Espreitava com atenção extática os mais leves movimentos de Beatriz, sua atitude demonstrava uma tão linda curiosidade, sua felicidade revelava-se tão ingenuamente, que houve um momento em que as duas mulheres se olharam sorrindo. Quando Calisto viu os belos olhos verde-mar da doente exprimindo uma mescla de confusão, de amor e de sarcasmo, ele corou e voltou a cabeça.

— Não lhe disse eu, Calisto, que vocês os homens começavam prometendo-nos a felicidade e acabavam atirando-nos num precipício?

Ao ouvir esse gracejo, dito num tom encantador, e que anunciava alguma mudança no coração de Beatriz, Calisto pôs-se de joelhos, pegou numa das mãos úmidas que ela permitiu que ele pegasse e beijou-a de modo muito submisso.

— Tem o direito de rejeitar meu amor para sempre, e eu não tenho mais o direito de dizer-lhe uma única palavra.

— Ah — exclamou Camille ao ver a expressão desenhada no semblante de Beatriz e comparando-a com a obtida pelos esforços de sua diplomacia —, o amor terá sempre mais espírito, ele sozinho, do que todo mundo! Tome seu calmante, querida, e durma!

Essa noite passada por Calisto junto à srta. des Touches, a qual leu livros de teologia mística, enquanto Calisto lia *Indiana*, o primeiro livro da célebre rival de Camille[215] e onde se achava a cativante figura de um rapaz amando com idolatria e devotamento, com uma tranquilidade misteriosa e por toda a vida, uma mulher colocada na falsa situação em que se encontrava Beatriz, livro que foi um exemplo fatal para ele!, essa noite deixou vestígios inapagáveis no coração daquele moço, ao qual Felicidade fez compreender que, a menos que fosse um monstro, uma mulher não podia senão sentir-se feliz e lisonjeada em todas as suas vaidades, por ter sido alvo de um crime.

— A mim você não me teria atirado na água! — disse a pobre Camille, enxugando uma lágrima.

VI – CONTI

Ao amanhecer, Calisto, esgotado, adormeceu na sua poltrona. Tocou a vez à marquesa de contemplar aquela encantadora criança, empalidecida por suas emoções e por sua primeira vigília de amor; ela ouviu-o murmurando-lhe o nome, dormindo.

— Ele ama dormindo — disse ela a Camille.

— É preciso mandá-lo dormir em casa — disse Felicidade, que o despertou.

Ninguém estava inquieto no solar dos du Guénic; a srta. des Touches escrevera um bilhete à baronesa. Calisto voltou para jantar nas Touches, encontrou Beatriz de pé, pálida, fraca e lassa; mas não havia mais a menor dureza nas suas palavras, nem nos seus olhares. Depois desse serão, que Camille enchera de música, pondo-se ao piano a fim de deixar Calisto pegar e apertar as mãos de Beatriz, sem que, quer um, quer outro, pudessem falar, não houve mais a mínima tormenta nas Touches. Felicidade apagou-se completamente. As mulheres frias, franzinas, duras e delgadas, como a sra. de Rochefide,

essas mulheres, cujo pescoço apresenta um arcabouço ósseo que lhes dá uma vaga semelhança com os felinos, têm a alma da cor pálida de seus olhos claros, cinzentos ou verdes; por isso, para fundir, para vitrificar essas pedras, são necessários raios. Para Beatriz a ira de amor e o atentado de Calisto tinha sido aquele raio, ao qual nada resiste e que transforma as mais rebeldes naturezas. Beatriz sentia-se interiormente mortificada, o amor puro e verdadeiro banhava-lhe o coração com seus ardores macios e fluidos. Vivia numa atmosfera suave e morna de sentimentos ignorados, na qual se sentia engrandecida, elevada; entrava nos céus em que a Bretanha, desde sempre, colocou a mulher. Saboreava as adorações respeitosas daquela criança, cuja felicidade pouco lhe custava, porquanto um gesto, um olhar, uma palavra satisfaziam Calisto. Esse alto valor dado pelo coração a esses nadas comoviam-na excessivamente. O roçar da sua luva podia tornar-se para aquele anjo mais do que toda a sua pessoa o era para aquele por quem deveria ter sido adorada. Que contraste! Que mulher poderia resistir a essa constante deificação? Tinha certeza de ser obedecida e compreendida. Dissesse ela a Calisto que arriscasse sua vida por um ínfimo capricho seu, e ele nem sequer refletiria. Por isso Beatriz adquiriu um não sei quê de nobre e de imponente; viu o amor pelo lado de suas grandezas, nele buscou como que um ponto de apoio para conservar-se a mais magnífica de todas as mulheres aos olhos de Calisto, sobre quem queria ter um domínio absoluto e eterno. Suas faceirices foram então tanto mais tenazes por sentir-se mais fraca. Fez-se de doente durante uma semana inteira, com uma hipocrisia encantadora. Quantas vezes não deu ela a volta do tapete verde, que se estendia em frente à fachada das Touches, no jardim, apoiada no braço de Calisto e retribuindo então a Camille os sofrimentos que esta lhe dera durante a primeira semana de sua estada.

— Ah! querida, tu o forças a dar a grande volta — disse a srta. des Touches à marquesa.

Antes do passeio ao Croisic, uma noite, aquelas duas mulheres charlavam a respeito do amor e riam dos diferentes modos empregados pelos homens para fazerem suas declarações, confessando a si mesmas que os mais hábeis e, naturalmente, os menos apaixonados não se

divertiam perambulando no labirinto da pieguice, e tinham razão, de modo que as pessoas que amam mais eram durante certo tempo as mais infelizes.

— Eles procedem como La Fontaine[216] para ir à Academia! — disse então Camille.

Seu dito lembrava à marquesa essa conversação, recriminando seu maquiavelismo. A sra. de Rochefide tinha um poder absoluto para manter Calisto nos limites em que ela queria que ele permanecesse, recordava-lhe com um gesto ou um olhar sua horrível violência à beira-mar. Os olhos daquele pobre mártir enchiam-se de lágrimas, calava-se e engolia seus argumentos, seus anseios, seus sofrimentos, com um heroísmo que teria certamente comovido outra mulher. Ela levou-o por seu infernal coquetismo a um tão grande desespero, que um dia veio atirar-se nos braços de Camille, para pedir-lhe conselho. Beatriz armada com a carta de Calisto, dela extraíra as passagens onde ele dizia que amar era a primeira felicidade, que ser amado vinha em segundo lugar, e servia-se desse axioma para restringir a paixão dele a essa idolatria respeitosa que lhe agradava. Gostava tanto de se deixar acariciar a alma por esses meigos concertos de louvores e adorações que a natureza sugere aos moços; há tanta arte sem rebuscamento, tantas seduções inocentes nos seus gritos, nos seus rogos, nas suas exclamações, nos apelos que fazem a si mesmos, nas hipotecas que oferecem sobre o futuro, que Beatriz tinha o cuidado de não lhes dar resposta. Dissera-o, duvidava! Não se tratava ainda da felicidade, mas da permissão de amar que aquela sempre pedia, a qual se obstinava em querer conquistar a praça pelo seu lado mais forte, o lado moral. A mulher mais forte em palavras é com frequência muito fraca em ações. Depois de ter visto o progresso que fizera ao empurrar Beatriz para o mar, é estranho que Calisto não continuasse a pedir sua felicidade à violência; mas o amor nos moços é de tal forma extático e religioso que quer obter tudo da convicção moral: e daí vem sua sublimidade.

Não obstante, o bretão, um dia, levado ao cúmulo da exasperação, queixou-se vivamente a Camille do procedimento de Beatriz.

— Quis curar-te, fazendo com que a conhecesse rapidamente — disse a srta. des Touches — e tu quebraste tudo na tua impaciência. Faz

dez dias eras tu o senhor; hoje és escravo, meu pobre rapaz. Assim, pois, nunca terás a força necessária para executar minhas ordens.

— Que é preciso fazer?

— Armar-lhe uma briga por causa de seu rigor. Uma mulher exalta-se sempre pelas palavras, faz com que ela te maltrate e não voltes às Touches, senão a chamado dela.

Há um momento, em todas as doenças violentas, em que o paciente aceita os mais cruéis remédios e se submete às mais horríveis operações. Calisto chegara a esse ponto. Aceitou o conselho de Camille e ficou dois dias em casa, mas no terceiro ele estava arranhando a porta de Beatriz, prevenindo-a de que Camille e ele a estavam esperando para o almoço.

— Mais um recurso perdido! — disse-lhe Camille, ao vê-lo proceder com tanta fraqueza.

Beatriz, durante esses dois dias, detivera-se com frequência na janela de onde se via a estrada de Guérande. Quando Camille a surpreendia ali, ela dizia estar entretida com o efeito que no caminho produziam os juncos marinhos cujas flores de ouro estavam iluminadas pelo sol de setembro. Camille teve assim o segredo de Beatriz, e bastava-lhe dizer uma palavra para que Calisto fosse feliz, mas não a dizia; era ainda demasiado mulher para impeli-lo a esse ato de que se apavoram os jovens corações que parecem ter consciência de tudo o que seu ideal vai perder. Beatriz fez Camille e Calisto esperarem bastante tempo. Com qualquer outro que não ele, essa demora teria sido significativa, porquanto a *toilette* da marquesa revelava o desejo de fascinar Calisto e impedir uma nova ausência. Depois do almoço ela foi passear no jardim e arrebatou de alegria o rapaz a quem arrebatava de amor, exprimindo-lhe o desejo de rever com ele aquela rocha onde quase perecera.

— Vamos sozinhos — pediu Calisto com voz perturbada.

— Se recusasse — respondeu ela —, dar-lhe-ia direito de pensar que é perigoso. Infelizmente, já lho disse mil vezes, pertenço a outro e não posso pertencer senão a ele; escolhi-o sem nada conhecer do amor. O erro é duplo, duplo é o castigo.

Quando ela falava assim, com os olhos umedecidos pelas poucas

lágrimas que essa espécie de mulheres derrama, Calisto sentia uma compaixão que amenizava seu ardente furor; adorava-a então como a uma madona. Não se deve pedir aos diferentes caracteres de se assemelharem na expressão dos sentimentos, do mesmo modo que não se deve exigir os mesmos frutos de árvores diferentes. Beatriz estava naquele momento sujeita a violento combate; hesitava entre ela própria e Calisto; entre a sociedade, na qual esperava reingressar um dia, e a felicidade completa; entre perder-se para sempre por uma segunda paixão imperdoável, e o perdão social. Começava a ouvir, sem nenhum enfado, mesmo fingido, as palavras de amor cego; deixava-se acariciar pelas macias mãos da Piedade. Já, por várias vezes, ela se comovera a ponto de quase chorar, ao ouvir Calisto prometendo-lhe amor por tudo o que ela perderia aos olhos da sociedade, e lamentando-a por estar ela presa a um tão mau gênio, a um homem tão falso quanto Conti. Por mais de uma vez, ela não tapara a boca de Calisto, quando lhe contava as pequenezes e os sofrimentos que a haviam acabrunhado na Itália, ao não se ver mais sozinha no coração de Conti. Camille, a esse respeito, dera mais de uma lição a Calisto, e este delas tirava proveito.

— Palavra — dizia ele — que a amarei de um modo absoluto: não encontrará em mim os triunfos da arte, os gozos que dá uma multidão comovida pelas maravilhas do talento; meu único talento será o de amá-la, meus únicos gozos serão os seus, a admiração de nenhuma mulher me parecerá merecer recompensa; não terá de temer odiosas rivalidades; não lhe fazem justiça, e lá onde a aceitam, eu quisera fazer-me aceitar todos os dias.

Ela ouvia essas palavras de cabeça baixa, deixando-o beijar-lhe as mãos, confessando silenciosamente, mas de bom grado, que ela era talvez um anjo ignorado.

— Estou demasiado humilhada — respondeu ela — , meu passado priva o futuro de toda e qualquer segurança.

Foi uma bela manhã para Calisto aquela em que ao chegar às Touches, às sete horas da manhã, ele entreviu, através de dois juncos marinhos, Beatriz numa janela, tendo na cabeça o mesmo chapéu de palha que trazia no dia da excursão. Teve como que um

deslumbramento. Essas pequenas coisas da paixão tornam o mundo maior. E possível que somente as francesas possuam o segredo desses lances teatrais; devem-nos às graças de seu espírito, sabem pôr no sentimento tanto quanto ele pode aceitar sem nada perder de sua força. Ah, como ela pesava pouco no braço de Calisto! Os dois saíram pela porta do jardim que dava para as dunas. Beatriz achou as areias lindas; entreviu então aquelas pequenas plantas duras, de flores rosadas que ali crescem, colheu umas quantas às quais juntou o cravo dos Cartuxos que se acha igualmente nessas areias áridas, e partilhou-as de modo significativo com Calisto, para quem aquelas flores e aquela folhagem deveriam ser uma eterna, uma sinistra imagem.

— Juntar-lhes-emos ramos de buxo — disse ela sorrindo.

Permaneceu algum tempo no cais, onde Calisto, enquanto esperava o barco, contou-lhe sua criancice no dia da chegada dela.

— Sua escapula, de que tive conhecimento, foi a causa de minha severidade no primeiro dia — disse ela.

Durante esse passeio, a sra. de Rochefide teve esse tom levemente jocoso da mulher que ama, bem como a sua ternura e o seu abandono. Calisto podia acreditar-se amado. Mas quando, ao irem ao longo dos rochedos na areia, desceram numa dessas encantadoras angras para onde as vagas levam os mais extraordinários mosaicos, compostos com os mármore mais estranhos, e depois de ali brincarem como crianças procurando os mais belos espécimes; quando Calisto, no cúmulo do enlevo, propôs-lhe nitidamente que fugissem para a Irlanda, ela retomou um ar digno, misterioso, pediu-lhe o braço, e continuaram a marcha para a rocha que ela batizara de sua rocha Tarpeia.^[217]

— Meu amigo — disse ela subindo a passos lentos aquele magnífico bloco de granito, do qual devia fazer-se um pedestal —, não tenho a coragem de ocultar-lhe tudo o que o senhor é para mim. Faz dez anos que não tenho felicidade comparável à que acabamos de gozar, ao procurarmos conchinhas nesses rochedos à flor da água, ao trocarmos essas pedrinhas com as quais eu me mandarei fazer um colar, que será para mim mais precioso do que se fosse feito com os mais belos diamantes. Acabo de ser uma meninazinha, criança, tal como era aos catorze ou dezesseis anos, e então digna do senhor. O amor que tive a

felicidade de inspirar-lhe reergueu-me aos meus próprios olhos. Ouça essa palavra em toda a sua magia. O senhor fez de mim a mais orgulhosa das mulheres, a mais feliz do seu sexo, e viverá talvez mais tempo na minha memória do que eu na sua.

Nesse momento chegara ao cume do rochedo de onde se via o imenso oceano de um lado e a Bretanha do outro, com suas ilhas de ouro, suas torres feudais e seus maciços de juncos marinhos. Jamais esteve uma mulher num mais belo palco para fazer uma tão grande confissão.

— Mas — disse ela — não me pertenço, estou mais obrigada por minha vontade do que o estava pela lei. Sinta-se pois castigado por minha infelicidade e contente-se em saber que sofremos juntos. Dante nunca mais tornou a ver Beatriz. Petrarca jamais possuiu Laura. Esses desastres alcançam somente as grandes almas. Ah, se eu for abandonada, se desço mais mil degraus na vergonha e na infâmia, se tua Beatriz for cruelmente mal julgada pela sociedade, que para ela será horrível, se ela for a última das mulheres!... então, criança adorada — disse ela, segurando-lhe a mão —, saberás que ela é a primeira de todas, que se poderá erguer até o céu apoiada em ti; mas então, amigo — disse ela dirigindo-lhe um olhar sublime —, quando a quiseses precipitar, não erres o golpe: depois de teu amor, a morte!

Calisto enlaçava Beatriz pela cintura, apertou-a contra o coração. Para confirmar essas ternas palavras, a sra. de Rochefide depôs sobre a fronte de Calisto o mais casto e o mais tímido de todos os beijos. Depois desceram e voltaram lentamente, conversando como pessoas que se entenderam e compreenderam perfeitamente; ela, julgando ter a paz; ele, não duvidando mais de sua felicidade, e enganando-se um e outro. Calisto, segundo as observações de Camille, esperava que Conti ficaria encantado com essa oportunidade de abandonar Beatriz. A marquesa, essa, deixava-se levar pelo indeciso de sua posição, à espera de um imprevisto. Calisto era demasiado ingênuo, amava demasiado, para inventar o acaso. Chegaram ambos na situação de alma a mais deliciosa, e entraram nas Touches pela porta do jardim. Calisto munira-se da chave. Eram cerca de seis horas da tarde. Os perfumes embriagadores, a tépida atmosfera, as cores amareladas dos raios da

tarde, tudo se harmonizava com as disposições de espírito em que se achavam, bem como com suas frases enternecidas. O passo de ambos era igual e rítmico como a marcha dos amantes, seus movimentos revelavam a união de seus pensamentos. Reinava nas Touches um tão grande silêncio que o ruído da porta, ao abrir-se e fechar-se, reboou e deve ter sido ouvido em todo o jardim. Como Calisto e Beatriz se haviam dito tudo e seu passeio cheio de emoções os fatigara, vinham suavemente e sem nada dizer. Repentinamente, ao dobrar uma alameda, Beatriz experimentou a mais horrível surpresa, esse pavor comunicativo causado pela vista de um réptil e que gelou Calisto antes que lhe visse a causa. Num banco, embaixo de um freixo de galhos chorões, Conti conversava com Camille Maupin. O tremor interior e convulsivo da marquesa foi mais perceptível do que ela o desejaria; Calisto ficou então sabendo o quanto era querido por aquela mulher que acabava de erguer uma barreira entre ela e ele, sem dúvida para se propiciar mais alguns dias de coquetismo antes de transpô-la. Num momento, um drama trágico desenvolveu-se em toda a sua extensão no fundo de seus corações.

— Não me esperava, talvez, tão cedo — disse o artista, oferecendo o braço a Beatriz.

A marquesa não pôde deixar de soltar o braço de Calisto e tomar o de Conti. Essa transição ignóbil, imperiosamente ordenada e que desonrava o novo amor, acabrunhou Calisto, o qual foi atirar-se no banco ao lado de Camille, depois de ter trocado a mais fria saudação com seu rival. Sentia uma porção de sensações contrárias: ao ter conhecimento do quanto era amado por Beatriz, quisera, num ímpeto, atirar-se sobre o artista, dizendo-lhe que Beatriz lhe pertencia; mas a convulsão interior daquela pobre mulher, ao trair tudo o que ela sofria, porquanto ali pagara o preço de todas as suas faltas num momento, comovera-o tão profundamente que ficara estupidificado, atingido como ela por uma implacável necessidade. Esses dois impulsos contrários produziram nele a mais violenta das tormentas a que já fora submetido desde que amava Beatriz. A sra. de Rochefide e Conti passavam por diante do banco, onde jazia Calisto ao lado de Camille. A marquesa olhava para a rival dardejando-lhe um desses olhares

terríveis, pelos quais as mulheres sabem dizer tudo; evitava os olhos de Calisto e mostrava-se atenta a Conti, o qual parecia gracejar.

— Que poderão eles estar dizendo? — perguntou Calisto a Camille.

— Querido filho, não conheces ainda os direitos pavorosos que um amor extinto dá a um homem sobre uma mulher! Beatriz não lhe pôde recusar a mão; ele, sem dúvida, a está escarnecendo sobre os seus amores, deve tê-los percebido pela vossa atitude e pelo modo por que vocês se apresentaram ante ele.

— Ele a está escarnecendo?... — disse o impetuoso jovem.

— Acalma-te — disse Camille —, ou perderás as oportunidades favoráveis que te restam. Se ele ferir um pouco demasiado o amor-próprio de Beatriz, ela o pisoteará como a um verme. Ele, porém, é astucioso, saberá agir com espírito. Não suporá que a orgulhosa sra. de Rochefide pudesse tê-lo traído. Haveria demasiada depravação em amar um homem por causa de sua beleza! Ele te pintará, sem dúvida, como uma criança dominada pela vaidade de possuir uma marquesa e tornar-se o árbitro dos destinos de duas mulheres. Finalmente, fará estrondar a artilharia picante das mais injuriosas hipóteses. Beatriz será então forçada a opor-lhe negações mentirosas de que ele vai aproveitar-se para ficar senhor da situação.

— Ah — disse Calisto —, ele não a ama! Eu a deixaria livre: o amor comporta uma opção feita a todo instante, e confirmada dia a dia. O dia seguinte aprova a véspera e aumenta o tesouro de nossos prazeres. Mais alguns dias e ele não nos encontraria mais. Quem o fez voltar?

— Uma pilhéria de jornalista — disse Camille. — A ópera, com cujo sucesso ele contava, caiu, e caiu estrondosamente. Essa frase: “É duro perder ao mesmo tempo a reputação e a amante!”, dita no *foyer* por Cláudio Vignon, talvez, atingiu-o sem dúvida em sua vaidade. O amor baseado em sentimentos pequenos é implacável. Interroguei-o, mas quem pode conhecer uma natureza tão falsa e enganadora? Pareceu cansado de sua miséria e de seu amor, enojado da vida. Lamentou estar ligado tão publicamente com a marquesa, e fez, ao falar-me de sua antiga felicidade, um poema de melancolia um pouco espiritual demais para ser verdadeiro. Com certeza, esperava arrancar-me o segredo de vosso amor, em meio à alegria que suas lisonjas me causariam.

— E então — disse Calisto olhando Beatriz e Conti que se aproximavam, e já não escutando mais.

Camille, por prudência, mativera-se na defensiva, não traíra nem o segredo de Calisto, nem o de Beatriz. O artista era homem para ludibriar todo o mundo, e a srta. des Touches aconselhou Calisto a que desconfiasse dele.

— Querido filho — disse ela —, eis para ti o momento mais crítico; são necessárias uma prudência e uma habilidade que não tens, e vais deixar-te engodar pelo homem mais astuto deste mundo, porque agora nada posso fazer por ti.

O sino anunciou o jantar. Conti veio oferecer o braço a Camille, Beatriz tomou o de Calisto. Camille deixou a marquesa passar na frente, podendo assim olhar para Calisto e pondo um dedo nos lábios recomendando-lhe uma discrição absoluta. Conti mostrou uma alegria excessiva durante o jantar. Seria talvez um modo de sondar a sra. de Rochefide, a qual representou mal seu papel. Faceira, teria podido enganar Conti; amante, porém, foi adivinhada. O astuto músico, longe de constrangê-la, não pareceu perceber-lhe o embaraço. À sobremesa fez a conversação cair sobre as mulheres e louvou-lhes os sentimentos nobres. Tal mulher, prestes a abandonar-nos na prosperidade, sacrifica-nos tudo na desgraça, dizia ele. As mulheres têm sobre os homens a vantagem da constância; é preciso tê-las ferido muito para desprendê-las de um primeiro amante, a quem se sentem ligadas como à própria honra; um segundo amor é vergonhoso etc. Foi de uma perfeita moralidade, incensava o altar no qual sangrava um coração trespassado por mil golpes. Somente Camille e Beatriz compreendiam a aspereza dos epigramas acerados que ele desferia em cada elogio. Às vezes, as duas coravam; eram, porém, forçadas a conter-se; deram o braço uma à outra a fim de subirem ao apartamento de Camille e, de comum acordo, passaram pelo grande salão onde não havia luz e onde podiam ficar sós um momento.

— É-me impossível deixar que Conti me espezinhe e dar-lhe razão contra mim — disse Beatriz em voz baixa. — O forçado está sempre sob o domínio do companheiro de corrente. Estou perdida, terei de retornar ao presídio do amor. E foi você quem lá me tornou a atirar!

Ah, você o fez vir um dia demasiado tarde ou um dia demasiado cedo! Reconheço aí seu infernal talento de autor: a vingança é completa e o desenlace perfeito.

— Eu posso ter-lhe dito que escreveria a Conti, mas fazê-lo... sou incapaz disso! — exclamou Camille. — Sofres e por isso perdoo-te.

— Que será feito de Calisto? — disse a marquesa com admirável ingenuidade de amor-próprio.

— Mas então Conti leva-a? — perguntou Camille.

— Ah, julga triunfar? — exclamou Beatriz.

Foi com raiva, e com seu belo rosto desfeito, que a marquesa disse essas horríveis palavras a Camille, a qual tentou ocultar sua felicidade com uma falsa expressão de tristeza; mas o brilho de seus olhos desmentia a contração de sua máscara, e Beatriz era sabida em caretas! Por isso, quando se viram as luzes, ao sentarem-se naquele divã onde, fazia três semanas, tantas comédias haviam sido representadas, e onde se iniciara a tragédia íntima de tantas paixões contrariadas, aquelas duas mulheres se observaram pela última vez: viram então que um ódio profundo as separava.

— Ficas com Calisto — disse Beatriz, ao ver os olhos da amiga —; mas eu estou instalada em seu coração e nenhuma mulher de lá me expulsará.

Camille respondeu com um inimitável tom de ironia e que atingiu a marquesa no coração, proferindo as célebres palavras da sobrinha de Mazarino a Luís xiv: “Tu reinas, tu o amas, e partes!”.[218]

Nem uma, nem outra, durante essa cena que foi muito viva, se apercebia da ausência de Calisto e de Conti. O artista permanecera à mesa com o rival, intimando-o a que lhe fizesse companhia e terminasse com ele uma garrafa de vinho de Champagne.

— Precisamos conversar — disse o artista, a fim de prevenir qualquer recusa por parte de Calisto.

Na situação em que se achavam, o jovem bretão foi obrigado a obedecer àquela intimação.

— Meu caro — disse o músico com voz carinhosa, depois de o pobre pequeno ter bebido dois copos de vinho —, somos dois bons rapazes, podemos falar com o coração na mão. Não vim por suspeitas. Beatriz —

disse ele num gesto cheio de fadiga — ama-me. Eu não a amo mais; não vim aqui para levá-la, e sim para uma ruptura, deixando-lhe as honras do rompimento. Você é jovem, não imagina o quanto é útil parecer-se vítima, quando se é o algoz. Os rapazes moços gostam de fazer escarcéu, separam-se de uma mulher dando escândalo, desprezam-nas muitas vezes e fazem-se odiar; os homens sensatos, porém, fazem com que os despeçam e tomam um arzinho humilhado que deixa às mulheres remordimentos e o doce sentimento de sua superioridade. O desfavor da divindade não é irreparável, ao passo que uma abjuração não tem remédio. O senhor não sabe ainda, para sua felicidade, o quanto somos atrapalhados em nossa existência pelas promessas insensatas que as mulheres têm a tolice de aceitar, quando a galanteria nos obriga a preparar seus nós corrediços, a fim de ocupar os ócios da felicidade. Jura-se então ser-se eternamente um do outro. Se se tem uma aventura qualquer com uma mulher, não se deixa de dizer-lhe cortesmente que se quereria passar a vida com ela; tem-se o ar de esperar muito impientemente a morte de um marido, quando realmente se deseja que ele goze a mais perfeita saúde. Se o marido morre, há provincianas ou teimosas, bastante tolas ou muito trocistas, para virem correndo dizer-nos: “Eis-me aqui, livre!”. Nenhum de nós é livre. Esse obus morto desperta e cai no meio do mais belo dos nossos triunfos, ou das nossas felicidades mais bem preparadas. Eu vi que o senhor amaria Beatriz, comecei deixando-a numa situação na qual, sem nada perder de sua majestade sagrada, ela iria namoriscar consigo, quando mais não fosse para mexer com esse anjo que é Camille Maupin. Pois bem, meu caro, ame-a, prestar-me-á assim um serviço, e eu quisera que ela se mostrasse atroz comigo. Tenho medo do orgulho e da virtude de Beatriz. É possível que, apesar da minha boa vontade, precisemos de tempo para executar esse *chassez-croisez*.^[219] Nessas situações, a coisa está em não sermos nós quem começa. Ali, faz pouco, ao voltar à roda do gramado, quis dizer-lhe que sabia de tudo e cumprimentá-la por sua felicidade. Pois bem, ela zangou-se! Estou neste momento loucamente apaixonado pela mais bela e mais jovem cantora da Ópera, a srta. Falcon,^[220] e quero desposá-la! Sim, estou nesse ponto, mas também quando o senhor for a Paris verá que troquei

a marquesa por uma rainha.

A felicidade nimbava com sua auréola o cândido semblante de Calisto, o qual confessou seu amor, o que era tudo que Conti queria saber. Não há homem no mundo, por mais gasto e depravado que seja, cujo amor não se reacenda no momento em que o vê ameaçado por um rival. Pode e quer abandonar uma mulher, mas não quer ser abandonado por ela. Quando os amantes chegam a esse extremo, homens e mulheres se esforçam por conservar a prioridade, tão profundo é o ferimento feito no amor-próprio. Trata-se talvez de tudo o que a sociedade criou nesse sentimento, que decorre muito menos do amor-próprio do que da própria vida atacada então no seu porvir: parece que se vai perder o capital e não os juros. Interrogado pelo artista, Calisto narrou tudo que se havia passado durante aquelas três semanas nas Touches, e ficou encantado com Conti, o qual dissimulava sua raiva sob uma encantadora bonomia.

— Subamos — disse ele. — As mulheres são desconfiadas, elas não poderiam compreender como ficamos juntos sem nos puxarmos os cabelos, poderiam vir escutar-nos. Eu o servirei por dois lados, meu caro rapaz. Vou ser insuportável, grosseiro, ciumento com a marquesa, suspeitá-la-ei continuamente de trair-me, não há nada melhor para determinar uma mulher a trair; o senhor ficará feliz, e eu livre. Represente esta noite o papel de um amante contrariado; eu simularei o homem desconfiado e ciumento. Lamente a sorte daquele anjo por pertencer a um homem sem delicadeza, chore! É moço, ainda pode chorar. Ai de mim! Chorar é coisa que não posso mais fazer, é uma grande vantagem a menos.

Calisto e Conti subiram. O músico, solicitado por seu jovem rival para cantar um trecho, cantou a maior obra-prima musical que existe para os executantes, o famoso *Prima che spunti l'aurora*^[221] que o próprio Rubini não começa nunca sem tremer e que foi muitas vezes o triunfo de Conti. Nunca ele foi mais extraordinário do que nesse momento, em que tantos sentimentos lhe ferviam no peito. Calisto estava em êxtase. À primeira palavra daquele cântico, o artista dirigiu à marquesa um olhar que dava às palavras uma significação cruel, que foi percebida. Camille, que acompanhava, adivinhou aquela ordem que

fez Beatriz baixar a cabeça; olhou para Calisto e pensou que o menino caíra em algum laço, apesar de seu aviso. Teve disso a certeza quando o feliz bretão foi dizer adeus a Beatriz, beijando-lhe a mão e apertando-a com um arzinho confiante e ardiloso. Quando Calisto chegou a Guérande, a criada de quarto e os criados carregavam o carro de viagem de Conti, o qual, *assim que amanhecesse*, como dissera, levaria Beatriz até a posta com os cavalos de Camille. As trevas permitiram à sra. de Rochefide olhar para Guérande, cujas torres, branqueadas pelos últimos clarões do dia, brilhavam no crepúsculo, e entregar-se à sua profunda tristeza: ela deixava ali uma das mais belas flores da vida, um amor como o sonhado pelas moças mais puras. O respeito humano despedaçava o único amor verdadeiro que aquela mulher podia e devia conceber em toda a sua vida. A dama da sociedade obedecia às leis da sociedade, imolava o amor às conveniências, como certas mulheres o imolam à religião ou ao dever. Muitas vezes o orgulho ergue-se à altura da virtude. Vista assim, esta horrível história é a de muitas mulheres. No dia seguinte, Calisto foi às Touches, cerca do meio-dia. Quando chegou no ponto da estrada de onde na véspera vira Beatriz na janela, ali distinguiu Camille que correu ao seu encontro. No sopé da escada, disse-lhe esta palavra cruel:

— Partiu!

— Beatriz? — bradou Calisto fulminado.

— Você foi ludibriado por Conti; nada me disse, nada pude fazer.

Levou o pobre rapaz para o seu pequeno salão; ele atirou-se no divã no lugar onde tantas vezes vira a marquesa, e desatou a chorar. Felicidade nada lhe disse, fumou o seu *houca* sabendo que nada havia a opor aos primeiros acessos dessas dores, sempre surdas e mudas. Calisto, não sabendo que resolução tomar, ficou durante todo o dia num profundo entorpecimento. Um momento antes do jantar, Camille tentou dizer-lhe algumas palavras, depois de lhe haver pedido que a ouvisse.

— Meu amigo, tu me causaste sofrimentos mais violentos e eu não tinha, como tu, para curar-me, uma bela vida pela frente. Para mim, a terra não tem mais primavera, a alma não tem mais amor. Por isso, a fim de encontrar consolações, preciso ir mais alto. Aqui, na véspera do

dia em que Beatriz chegou, eu te fiz seu retrato; não a quis macular a teus olhos, terias acreditado que o fizesse por ciúme. Escuta hoje a verdade. A sra. de Rochefide não é nada menos do que digna de ti. O escândalo de sua queda era necessário, ela nada teria sido sem esse barulho, ela o fez friamente para representar um papel: é uma dessas mulheres que preferem o estardalhaço de uma falta à tranquilidade da felicidade, insultam a sociedade para obter dela a fatal esmola de uma maledicência, querem que falem delas a qualquer preço. Roía-a a vaidade. Sua fortuna e seu espírito não lhe tinham podido dar a realaleza feminina que ela procurava conquistar, reinando num salão; acreditou poder obter a celebridade da duquesa de Langeais[222] e da viscondessa de Beauséant,[223] mas a sociedade é justa, não concede as honras de seu interesse senão aos sentimentos verdadeiros. Beatriz, representando comédia, é julgada uma atriz de segunda ordem. Sua fuga não era autorizada por nenhuma contrariedade. A espada de Dâmocles[224] não brilhava em meio às suas festas, e, de resto, é muito fácil em Paris ser-se feliz isolando-se, quando se ama bem e sinceramente. Enfim, amante e terna, ela não teria esta noite acompanhado Conti.

Camille falou muito tempo e eloquentemente; mas esse último esforço foi inútil, ela calou-se ante um gesto pelo qual Calisto exprimiu sua inteira crença em Beatriz; ela o obrigou a descer e a assistir ao seu jantar, porque lhe foi impossível comer. Somente durante a juventude podem dar-se essas contrações. Mais tarde, os órgãos formam hábitos e como que se endurecem. A reação do moral sobre o físico não é bastante forte para determinar uma doença mortal, a não ser que o sistema tenha conservado sua primitiva delicadeza. Um homem resiste a um desgosto violento que mataria um rapaz, menos pela fraqueza da afeição do que pela força dos órgãos. Por isso a srta. des Touches assustou-se a princípio com a atitude calma e resignada assumida por Calisto, depois da primeira efusão de lágrimas. Antes de deixá-la, quis rever o quarto de Beatriz e foi enterrar a cabeça no travesseiro onde a dela repousara.

— Cometo loucuras — disse ele, dando um aperto de mão em Camille, e partiu, profundamente melancólico.

Voltou para casa, encontrou a companhia habitual, ocupada em jogar a *mouche*, e ficou durante todo o serão em companhia da mãe. O cura, o cavaleiro du Halga, a srta. de Pen-Hoël sabiam da partida da sra. de Rochefide, e todos sentiam-se felizes com isso; Calisto lhes ia ser restituído; assim é que todos o observavam quase que sorrateiramente, ao vê-lo um pouco taciturno. Ninguém, naquele velho solar, podia imaginar o fim daquele primeiro amor num coração tão ingênuo, tão sincero quanto o de Calisto.

VII – O JOVEM DOENTE

Durante alguns dias, Calisto foi regularmente às Touches; girava em torno do gramado, onde por vezes passara dando o braço a Beatriz. Muitas vezes ia até ao Croisic e chegava ao rochedo, de onde tentara precipitá-la no mar: ficava algumas horas deitado em cima do buxo, porque, estudando os pontos de apoio existentes naquela fenda, aprendera a descer e subir por ali. Suas excursões solitárias, seu silêncio e sua sobriedade acabaram por inquietar a mãe. Depois de quinze dias, durante os quais durou esse manejo semelhante ao de um animal enjaulado (a jaula desse apaixonado em estado de desespero era, segundo a expressão de La Fontaine, “os lugares honrados pelos passos e iluminados pelos olhos” de Beatriz), Calisto deixou de atravessar o pequeno braço de mar; não se sentiu mais senão com forças que lhe permitiam arrastar-se até a estrada de Guérande, no lugar em que vira Beatriz à janela. A família, feliz com a partida dos parisienses, a fim de usarmos o termo da província, nada percebia de funesto ou doentio em Calisto. As duas velhas tias e o cura, prosseguindo em seu plano, retiveram Carlota de Kergarouët, a qual, à noite, fazia suas provocaçõe-zinhas a Calisto e dele não obtinha senão conselhos para jogar a *mouche*. Durante todo o serão, Calisto permanecia entre a mãe e a noiva bretã, observado pelo cura e pela tia de Carlota, que conversavam sobre o abatimento maior ou menor do rapaz, ao voltarem para casa. Interpretavam a indiferença daquele infeliz moço como sendo uma submissão aos seus projetos. Num serão em que Calisto, fatigado, se deitara cedo, cada qual deixou suas cartas

em cima da mesa e todos se entreolharam no momento em que o rapaz fechou a porta do quarto. Ouviram com ansiedade o ruído de seus passos.

— Calisto tem alguma coisa — disse a baronesa, enxugando os olhos.

— Ele nada tem — disse a srta. de Pen-Hoël —; é preciso casá-lo o mais depressa possível.

— Acredita que isso o divertirá? — perguntou o cavaleiro.

Carlota olhou severamente para o sr. du Halga, no qual ela achou, nessa noite, modos inconvenientes, imorais, depravados, sem religião e ridículos com sua cadela, apesar das observações da tia, que defendeu o velho marujo.

— Amanhã de manhã eu repreenderei Calisto — disse o barão, que julgavam estar adormecido. — Não quisera ir-me deste mundo sem ter visto meu netinho, um du Guénic branco e rosado, com a cabeça coberta com uma touca bretã no seu berço.

— Ele não fala — disse a tia Zefirina —, não se sabe o que ele tem; nunca comeu tão pouco; de que vive? Se se alimenta nas Touches, a cozinha do diabo não lhe senta bem.

— Ele está apaixonado — disse o cavaleiro, arriscando essa opinião com excessiva timidez.

— Vamos seu velho reformado, não pôs o dinheiro no cesto! — disse a srta. de Pen-Hoël. — Quando está pensando no seu tempo de moço esquece tudo.

— Venham almoçar conosco amanhã de manhã — disse a velha Zefirina a Carlota e a Jaqueline —, meu irmão admoestará o filho e combinaremos tudo. Um prego empurra o outro.

— Não nos bretães — disse o cavaleiro.

No dia seguinte, Calisto viu chegar Carlota, vestida desde manhã com um requinte extraordinário, no momento em que o barão, na sala de jantar, terminava um discurso matrimonial, ao qual o rapaz não sabia o que responder: conhecia a ignorância da tia, do pai, da mãe, dos amigos, da família; colhia os frutos da árvore da ciência, achava-se no isolamento e não falava mais a linguagem doméstica. Por isso pediu apenas alguns dias ao pai, o qual esfregou as mãos e restituiu a vida à

baronesa, dizendo-lhe ao ouvido a boa-nova. O almoço foi alegre; Carlota, a quem o barão fizera um sinal, esteve muito animada. Em toda a cidade, espalhou-se a notícia difundida por Gasselin, de um acordo entre os du Guénic e os Kergarouët. Depois do almoço, Calisto saiu pela escadaria do grande salão e foi para o jardim, onde Carlota o seguiu; ele deu-lhe o braço e levou-a ao caramanchão, no fundo. Os pais estavam na janela e olhavam com uma espécie de enternecimento. Carlota virou-se para a bonita fachada, bastante inquieta com o silêncio do seu prometido, e aproveitou essa circunstância para entabular a conversação, dizendo a Calisto:

— Eles nos estão examinando!

— Mas não nos ouvem — respondeu Calisto.

— Não, mas nos veem.

— Sentemo-nos, Carlota — replicou suavemente Calisto, segurando-a pela mão.

— É verdade que em outros tempos vossa flâmula flutuou nessa coluna torcida? — perguntou Carlota, contemplando a casa como sua. — Como ficaria bonita! Como se seria feliz aqui! Você mudará alguma coisa no interior da casa, não, Calisto?

— Não terei tempo para isso, minha querida Carlota — disse o rapaz, pegando-lhe as mãos e beijando-as. — Vou confiar-lhe meu segredo. Amo demasiado a uma pessoa que você viu, e que me ama, para poder fazer a felicidade de outra mulher, e sei que desde nossa infância nos tinham destinado um para o outro.

— Mas essa mulher é casada, Calisto — disse Carlota.

— Esperarei — disse o rapaz.

— E eu também — disse Carlota, com os olhos rasos de lágrimas —; você não poderá amar muito tempo essa mulher que, segundo dizem, fugiu com um cantor...

— Case-se, minha querida Carlota — replicou Calisto. — Com a fortuna que sua tia lhe destina, e que é enorme para a Bretanha, você poderá escolher alguém melhor do que eu... Encontrará um titular. Não a trouxe aqui para dizer-lhe o que você já sabe, mas para aconselhá-la, em nome da nossa amizade de infância; que seja você que provoque a ruptura, recusando-me. Diga que não quer saber de um

homem cujo coração não está livre, e assim minha paixão terá servido, ao menos, para não lhe causar nenhum dano. Você não pode imaginar quanto a vida me pesa! Não posso suportar nenhuma luta, estou enfraquecido como um homem a quem tivesse abandonado a alma, o próprio princípio da sua vida. Sem o desgosto que a minha morte causaria à minha mãe e à minha tia, já me teria atirado ao mar, e não voltei mais às rochas do Croisic desde o dia que a tentação se estava tornando irresistível. Não fale disto. Adeus, Carlota.

Pegou a cabeça da moça, beijou-lhe os cabelos, saiu pela aleia que ia ter ao portão da entrada e refugiou-se em casa de Camille, onde permaneceu até tarde da noite.

Ao voltar a uma hora da manhã, encontrou a mãe trabalhando na sua tapeçaria e esperando-o. Entrou mansamente, apertou-lhe a mão e perguntou-lhe:

— Carlota partiu?

— Parte amanhã com a tia, desesperadas as duas. Vamos à Irlanda, meu filho — disse ela.

— Quantas vezes pensei eu em fugir para lá! — replicou Calisto.

— Ah! — exclamou a baronesa.

— Com Beatriz — acrescentou ele.

Alguns dias depois da partida de Carlota, Calisto ia em companhia do cavaleiro du Halga, durante seu passeio na alameda, o qual sentava-se ao sol num banco de onde seus olhos abarcavam a paisagem, desde os cata-ventos das Touches até os recifes que lhe indicavam as vagas espumosas que brincam por cima dos escolhos por ocasião das marés. Naquele momento Calisto estava magro e pálido, suas forças diminuía, começava a sentir alguns arrepios regulares que denunciavam febre. Seus olhos, cercados de olheiras, tinham o brilho que um pensamento fixo comunica aos solitários, ou o ardor do combate aos intrépidos lutadores de nossa civilização atual. O cavaleiro era a única pessoa com quem ele trocava algumas ideias; adivinhara naquele ancião um apóstolo de sua religião e reconheceu nele os vestígios de um amor eterno.

— Amou várias mulheres em sua vida? — perguntou-lhe da segunda vez que, segundo a expressão do marujo, *bolinaram em conserva* na

alameda.

— Uma única — respondeu o capitão du Halga.

— Ela era livre?

— Não — disse o cavaleiro. — Ah! sofri muito! Era a mulher do meu melhor amigo, de meu protetor e meu chefe: mas nos amávamos tanto!

— Ela amava-o? — indagou Calisto.

— Apaixonadamente — respondeu o cavaleiro com uma vivacidade que não lhe era habitual.

— E foram felizes?

— Até a morte dela; morreu com quarenta e nove anos, na emigração, em São Petesburgo, cujo clima a matou. Ela deve sentir muito frio no seu caixão! Muitas vezes pensei em ir buscá-la para fazê-la dormir na nossa querida Bretanha, perto de mim! Mas ela jaz no meu coração.

O cavaleiro enxugou os olhos, Calisto pegou-lhe as mãos e apertou-as.

— Quero mais a esta cadela do que à minha vida — disse ele mostrando Tisbé. — Essa pequena é em tudo semelhante à que ela acariciava com suas belas mãos e punha no colo. Nunca olho para Tisbé sem ver as mãos da senhora almiranta.

— Viu a sra. de Rochefide? — perguntou Calisto ao cavaleiro.

— Não — respondeu ele. — Faz agora cinquenta e oito anos que não prestei mais atenção a mulher nenhuma, salvo sua mãe, que tem na tez alguma coisa da senhora almiranta.

Três dias depois, o cavaleiro disse, na alameda, a Calisto:

— Meu filho, tenho por toda fortuna cento e quarenta luíses. Quando você souber onde está a sra. de Rochefide, venha buscá-los em minha casa, para ir vê-la.

Calisto agradeceu ao ancião cuja existência causava-lhe inveja. Mas dia a dia foi ficando mais melancólico, parecia não querer a ninguém, dir-se-ia que todos o feriam, não permanecia bom e meigo senão para a mãe. A baronesa seguia com inquietação crescente os progressos daquela loucura. Somente ela conseguia à força de rogos que Calisto tomasse algum alimento. Cerca de começos de outubro, o jovem doente deixou de ir à alameda em companhia do cavaleiro, o qual vinha

inutilmente buscá-lo para o passeio, fazendo-lhe desafios de velho.

— Falaremos da sra. de Rochefide — dizia ele. — Eu lhe contarei a minha primeira aventura.

— Seu filho está bem doente — disse à baronesa o cavaleiro du Halga, no dia em que suas instâncias foram inúteis.

Calisto, a todas as perguntas respondia que estava às mil maravilhas, e, como todos os jovens melancólicos, comprazia-se em saborear a morte; mas não saiu mais de casa; permanecia no jardim, aquecia-se ao pálido e morno sol de outono, sentado no banco, sozinho com seu pensamento, e fugia de toda sociedade.

Desde o dia em que Calisto não foi mais à sua casa, Felicidade pediu ao cura de Guérande que a fosse ver. A assiduidade do abade de Grimont, que passava nas Touches quase todas as manhãs e por vezes lá jantava, tornou-se uma grande notícia: falou-se nisso em toda a região e mesmo em Nantes. Não obstante não falhou nunca a uma das reuniões da noite do solar dos du Guénic, onde reinava a desolação. Patrões e criados, todos estavam aflitos com a obstinação de Calisto, sem contudo julgá-lo em perigo; não ocorria ao espírito de nenhuma daquelas pessoas que aquele pobre rapaz pudesse morrer de amor. O cavaleiro não possuía nenhum exemplo de semelhante morte colhido nas suas viagens ou nas suas recordações. Todos atribuíam a magreza de Calisto à falta de alimentação. Sua mãe ajoelhou-se-lhe aos pés suplicando-lhe que comesse. Calisto esforçou-se em vencer sua repugnância para agradar à mãe. O alimento, ingerido com repulsa, acelerou a febrícula lenta que devorava aquele belo rapaz.

Nos últimos dias de outubro, o filho querido não subiu mais para deitar-se no segundo andar; fizeram-lhe a cama na sala baixa e ele ali permanecia a maior parte do tempo no meio da família, que finalmente recorreu ao médico de Guérande. O médico tentou cortar a febre com quinina e a febre cedeu por alguns dias. Ordenou que fizessem exercícios e que o distraíssem. O barão refez-se de forças e saiu de sua apatia; tornou-se moço, enquanto o filho se fazia velho. Levou consigo Calisto, Gasselin e seus dois belos cães de raça. Calisto obedeceu ao pai e durante alguns dias os três caçaram; foram à floresta e visitaram os amigos nos castelos vizinhos; Calisto, porém, não se alegrou, ninguém

podia arrancar-lhe um sorriso. Sua máscara lívida e contraída traía um ser inteiramente passivo. O barão, vencido pela fadiga, caiu numa horrível prostração e foi obrigado a voltar para casa, conduzindo Calisto no mesmo estado. Poucos dias depois desse regresso, pai e filho estiveram tão perigosamente doentes, que foram obrigados a mandar buscar, a pedido do próprio médico de Guérande, os dois mais famosos médicos de Nantes. O barão fora como que fulminado pela transformação visível de Calisto. Dotado dessa espantosa lucidez que a natureza dá aos moribundos, tremia como uma criança por ver sua raça extinguir-se: não dizia nada, juntava as mãos, rezava a Deus na sua poltrona, onde o imobilizava sua fraqueza. Estava virado para o leito ocupado por Calisto e olhava-o continuamente. Ao menor movimento que o filho fazia, ele sentia uma viva comoção, como se o facho de sua vida tivesse sido agitado.

A baronesa não saiu mais daquela sala, onde a velha Zefirina tricotava no canto da chaminé, numa horrível inquietação: pediam-lhe lenha, porque o pai e o filho tinham igualmente frio; atacavam seus estoques: por isso ela tomara a resolução de entregar suas chaves, não tendo mais suficiente agilidade para seguir Mariotte; mas queria saber tudo e, a todo instante, em voz baixa, interrogava a criada e a cunhada; chamava-as à parte a fim de conhecer o estado do irmão e do sobrinho. Quando, uma noite, durante uma modorra de Calisto e do pai, a velha srta. de Pen-Hoël lhe disse que era sem dúvida preciso resignar-se a ver morrer o barão, cujo rosto se tornara branco e adquirira tons de cera, ela deixou cair o tricô, remexeu num bolso e de lá tirou um velho rosário de madeira preta e pôs-se a rezá-lo com um fervor que restituiu a seu semblante antigo e dissecado um esplendor tão vigoroso que a outra velha tia imitou a amiga; depois todos, a um sinal do cura, uniram-se à elevação mental da srta. du Guénic.

— Fui a primeira em rogar a Deus — disse a baronesa, recordando-se da carta fatal escrita por Calisto —, e ele não me atendeu.

— Faríamos bem, talvez — disse o cura —, de convidar a srta. des Touches para vir ver Calisto.

— Ela — exclamou a velha Zefirina —, a autora de todas as nossas desgraças, ela que o afastou da família, que nô-lo roubou, que lhe fez

ler livros ímpios, que lhe ensinou uma linguagem ética! Maldita seja ela e que Deus jamais a perdoe! Ela despedaçou os do Guénic.

— Ela talvez o reerga — disse o cura com voz suave. — É uma criatura santa e virtuosa; sou seu fiador, ela não tem senão boas intenções a respeito dele. Assim seja possível ela realizá-las.

— Avisem-me do dia em que ela puser os pés aqui, para que eu me retire — exclamou a velha. — Ela matou o pai e o filho. Pensa que não ouço a voz fraca de Calisto? Ele mal tem forças para falar.

Foi nesse momento que os três médicos entraram; cansaram Calisto com perguntas; mas quanto ao pai o exame foi rápido; a convicção dos três foi completa num instante, surpreendiam-se de vê-lo ainda em vida. O médico de Guérande comunicou tranquilamente à baronesa que, relativamente a Calisto, seria provavelmente necessário ir a Paris consultar os homens mais competentes da ciência, pois que, para se moverem, pediriam mais de cem luíses.

— Morre-se de qualquer coisa; mas o amor não é nada — disse a srta. de Pen-Hoël.

— Infelizmente, seja qual for a causa, Calisto está morrendo — disse a baronesa —, reconheço nele todos os sintomas da consunção, a mais horrível das doenças de minha terra.

— Calisto morre! — disse o barão, abrindo os olhos, de onde correram duas grossas lágrimas que deslizaram lentamente, retardadas no seu trajeto pelas numerosas rugas do rosto, e ficaram na parte inferior das faces, as duas únicas lágrimas que, sem dúvida, ele houvesse derramado em toda a sua vida.

Ergueu-se sobre as pernas, deu alguns passos na direção do leito do filho, pegou-lhe as mãos e olhou-o.

— Que quer o senhor, meu pai? — perguntou Calisto.

— Que vivas! — exclamou o barão.

— Não poderia viver sem Beatriz — respondeu Calisto ao ancião, o qual caiu sentado na sua poltrona.

— Onde achamos cem luíses para mandar vir os médicos de Paris? Ainda é tempo — disse a baronesa.

— Cem luíses! — exclamou Zefirina. — E o salvariam?

Sem esperar a resposta da cunhada, a velha solteirona passou as

mãos pela abertura dos bolsos e desatou a saia de baixo, a qual produziu ao cair um som pesado. Conhecia tão bem os lugares onde cosera seus luíses, que os descoseu com uma rapidez que parecia coisa de magia. As moedas de ouro caíam uma a uma, tinindo sobre a saia. A velha Pen-Hoël olhava-a, manifestando uma admiração estúpida.

— Mas eles a estão vendo! — disse ela ao ouvido da amiga.

— Trinta e sete — respondeu Zefirina, continuando sua conta.

Todo mundo vai ficar sabendo quanto tem.

— Quarenta e dois...

— Duplos luíses, bem novos; onde os conseguiu, a senhora, que não via com clareza?

— Eu os apalpava. Aqui estão cento e quatro luíses — gritou Zefirina. — Bastará isso?

— Que lhe acontece? — perguntou o cavaleiro du Halga, que chegou naquele instante e não pôde explicar a atitude da velha amiga, apresentando a saia cheia de luíses.

Em duas palavras, a srta. de Pen-Hoël explicou o assunto ao cavaleiro.

— Eu tive conhecimento disso, e vinha trazer-lhe cento e quarenta luíses que tinha à disposição de Calisto, que ele bem o sabia — disse o cavaleiro, tirando do bolso dois rolos e mostrando-os.

Mariotte, ao ver tais riquezas, disse a Gasselin que fechasse a porta.

— O ouro não lhe restituirá a saúde — disse a baronesa em prantos.

— Mas servir-lhe-á talvez para correr atrás da sua marquesa — respondeu o cavaleiro. — Vamos, Calisto.

Calisto sentou-se na cama e bradou alegremente:

— A caminho!

— Ele viverá — disse o barão com voz dorida —, posso morrer. Mandem chamar o padre.

Essas palavras difundiram o pavor. Calisto, ao ver o pai empalidecer pelas cruéis emoções dessa cena, não pôde conter as lágrimas. O cura, que conhecia a sentença proferida pelos médicos, fora buscar a srta. des Touches, pois quanta fora a repulsa que manifestara anteriormente por ela, tanta era nesse momento a admiração que lhe tributava, e defendia-a, como um pastor deve defender uma das suas ovelhas

preferidas.

VIII – MORTE E CASAMENTO

Ao espalhar-se a notícia do estado desesperador em que se achava o barão, a multidão amontoou-se na viela; os camponeses, os salineiros e os habitantes de Guérande ajoelharam-se no pátio, enquanto o abade Grimont administrava os últimos sacramentos ao velho guerreiro bretão. Toda a cidade estava emocionada por saber o pai moribundo, junto ao filho doente. Achavam como uma calamidade pública a extinção daquela antiga raça bretã. Essa cerimônia impressionou Calisto. Sua dor fez seu amor calar por um momento; permaneceu, durante a agonia do heroico defensor da monarquia, ajoelhado, contemplando os progressos da morte e chorando. O ancião expirou na sua poltrona em presença de toda a família reunida.

— Morro fiel ao rei e à religião. Meu Deus, como prêmio aos meus esforços, fazei com que Calisto viva! — disse ele.

— Viverei, meu pai, e obedecer-lhe-ei — respondeu o rapaz.

— Se quiseses tornar minha morte tão suave quanto Fanny me fez feliz a vida, jura-me que te casarás.

— Prometo-lhe, meu pai.

Foi um espetáculo comovente o de ver Calisto, ou antes, sua aparência, apoiado no velho cavaleiro du Halga — um espectro conduzindo uma sombra —, seguindo o ataúde do velho e presidindo o cerimonial. A igreja e a pequena praça, que se acha em frente ao pórtico, estavam cheias de gente, vinda de um raio de mais de dez léguas.

A baronesa e Zefirina ficaram mergulhadas em vivas dores ao ver que, apesar dos esforços para obedecer ao pai, Calisto permanecia num torpor de funesto augúrio. No dia em que a família se cobriu de luto, a baronesa levou o filho ao banco do fundo do jardim e interrogou-o. Calisto respondia com doçura e submissão, mas suas respostas eram desesperadoras.

— Minha mãe — dizia ele —, não há mais vida em mim: o que eu como não me nutre; o ar, ao entrar em meu peito, não me refresca o

sangue; o sol parece-me frio, e, quando ele ilumina para ti a fachada de nossa casa, como neste momento, onde tu vês as esculturas inundadas de claridade, eu vejo formas indistintas, envoltas num nevoeiro. Se Beatriz aqui estivesse, tudo voltaria a ser brilhante. Não há senão uma coisa no mundo que tenha sua cor e sua forma, é esta flor e esta folhagem — disse ele, tirando do seio e mostrando o ramo emurchecido que a marquesa lhe deixara.

A baronesa não se atreveu a perguntar mais nada ao filho, suas respostas revelaram loucura maior do que a dor que o seu silêncio anunciava. Entretanto, Calisto estremeceu ao avistar a srta. des Touches, através das vidraças que se correspondiam: Felicidade lembrava-lhe Beatriz. Foi pois a Camille que as duas mulheres desoladas deveram o único clarão de alegria que brilhou no meio de seu luto.

— E então, Calisto — disse a srta. des Touches, ao vê-lo —, o carro está pronto, vamos juntos buscar Beatriz, venha.

O rosto emagrecido e pálido daquele rapaz enlutado ficou logo levemente colorido e um sorriso animou suas feições.

— Nós o salvaremos — disse a srta. des Touches à mãe, a qual apertou-lhe a mão, chorando de alegria.

A srta. des Touches, a baronesa du Guénic e Calisto partiram para Paris oito dias após a morte do barão, deixando o cuidado dos negócios familiares à velha Zefirina.

A ternura de Felicidade por Calisto preparara o mais belo futuro para aquele pobre menino. Aparentada com a família de Grandlieu, cujo ramo ducal terminava com cinco filhos, ela escrevera à duquesa de Grandlieu a história de Calisto, anunciando-lhe que vendia sua casa da rue du Mont-Blanc, pela qual alguns especuladores ofereciam dois milhões e quinhentos mil francos. Seu procurador acabava de substituir essa habitação por uma das mais belas residências da rue de Grenelle, comprada por setecentos mil francos. Sobre o resto do preço de venda da sua casa da rue du Mont-Blanc, ela consagrava um milhão à requisição das terras da casa du Guénic, e dispunha de sua fortuna em benefício de Sabina de Grandlieu, que ela encarregava de curar Calisto de sua paixão pela sra. de Rochefide. Felicidade conhecia os

projetos do duque e da duquesa, os quais destinavam a última das suas cinco filhas ao visconde de Grandlieu, herdeiro de seus títulos; ela sabia que Clotilde-Frederica, a segunda, queria permanecer solteira[225] sem entretanto fazer-se freira como a mais velha, e não restava por casar senão a penúltima, a linda Sabina, então com vinte anos de idade.

Durante a viagem, Felicidade pôs a baronesa a par desses arranjos. Estavam mobiliando então o palacete da rue de Grenelle, que ela destinara para Calisto, no caso dos seus projetos se realizarem. Os três hospedaram-se na residência dos Grandlieu, onde a baronesa foi recebida com toda a distinção a que seus nomes de casada e de solteira lhe davam direito. A srta. des Touches aconselhou, naturalmente, a Calisto que percorresse Paris, enquanto ela procuraria saber onde se achava Beatriz naquele momento, entregando-o às seduições de toda natureza que ali o esperavam. A duquesa, suas filhas e seus amigos fizeram a Calisto as honras de Paris no momento em que a estação das festas ia iniciar-se. O movimento de Paris proporcionou violentas distrações ao jovem bretão. Ele achou algumas semelhanças de espírito entre a sra. de Rochefide e Sabina de Grandlieu, a qual era então, fora de toda dúvida, uma das mais belas e mais encantadoras raparigas da alta sociedade parisiense, e concedeu então às suas faceirices uma atenção que nenhuma outra mulher teria obtido dele. Sabina de Grandlieu representou tanto melhor seu papel, por ter-se agradado de Calisto. As coisas foram levadas tão bem que, durante o inverno de 1837, o jovem bretão du Guénic, que readquirira suas cores e seu viço de juventude, ouviu sem repugnâncias a mãe lembrar-lhe a promessa feita ao pai moribundo, e falar de seu casamento com Sabina de Grandlieu. Mas obedecendo embora à sua promessa, ele ocultava uma indiferença secreta que a baronesa percebia e que esperava ver dissipar-se pelos prazeres de um casamento feliz. No dia em que a família de Grandlieu e a baronesa, acompanhada para essa solenidade por seus parentes vindos da Inglaterra, se reuniram no grande salão do palácio de Grandlieu, e que Leopoldo Hannequin,[226] o notário da família, explicava o contrato, antes de o ler, Calisto, em cuja frente todos podiam ver algumas nuvens, recusou peremptoriamente aceitar

as vantagens que lhe concedia a srta. des Touches; ainda contava com o devotamento de Felicidade, acreditando estar ela à procura de Beatriz. Nesse momento, e no meio da estupefação das duas famílias, Sabina entrou vestida de modo a lembrar, embora morena, a marquesa de Rochefide, e entregou a seguinte carta a Calisto:

CAMILLE A CALISTO

Calisto, antes de entrar para a minha cela de postulante, é-me permitido dirigir um olhar sobre o mundo que vou deixar, para ingressar no mundo da prece. Esse olhar é inteiramente para você, que, nestes últimos tempos, foi para mim o mundo todo. Minha voz chegará, se meus cálculos não me enganarem, em meio a uma cerimônia, à qual me era impossível assistir. No dia em que você estiver frente a um altar, dando sua mão a uma jovem e encantadora moça que poderá amá-lo à face do céu e da terra, eu estarei numa casa religiosa em Nantes, também frente a um altar, mas noiva para sempre daquele que não trai ninguém. Não venho entristecê-lo, mas pedir-lhe de não entrar por nenhuma falsa delicadeza o bem que lhe quis fazer desde que o vi. Não me conteste direitos conquistados por tão elevado preço. Se o amor é um sofrimento, ah! eu o amei muito, Calisto; mas não tenha remorsos: os únicos prazeres que gozei em minha vida devo-os a você, e as dores vieram de mim mesma. Recompense-me pois de todas essas dores passadas, dando-me uma alegria eterna. Permita à pobre Camille, que não mais existe, de contribuir com um pouco para a felicidade material de que gozará todos os dias. Deixe-me, querido, ser algo assim como um perfume nas flores de sua vida, a ela mesclar-me para sempre sem lhe ser importuna. Dever-lhe-ei sem dúvida a felicidade da vida eterna; não quer que eu me desobrigue para com você pelo dom de alguns bens frágeis e passageiros? Carecerá você de generosidade? Não vê você nisto a última mentira de um amor desdenhado? Calisto, sem você, o mundo para mim nada mais era, você fez-me dele a mais horrível das solidões, e levou a incrédula Camille Maupin, o autor de livros e de peças que vou solenemente renegar, você atirou aquela rapariga audaz e perversa, de pés e mãos atadas, ante Deus. Sou hoje o que deveria ter sido, uma criança cheia de inocência. Sim, lavei meu vestido nos prantos do arrependimento, e posso apresentar-me ante os altares levada por um anjo, pelo meu bem-amado Calisto! Com que doçura dou-lhe esse nome, que minha resolução santificou! Amo-o sem nenhum interesse próprio, como uma mãe ama seu filho, como a Igreja ama uma criança. Poderei orar por você e pelos seus, sem pôr nisso nenhum outro desejo além do da sua felicidade. Se

conhecesse a tranquilidade sublime na qual vivo, depois de me haver erguido pelo pensamento acima dos pequenos interesses mundanos, e quanto é doce o pensamento de ter cumprido com o meu dever, segundo o nosso nobre lema, você entraria com passo firme e sem olhar para trás, nem em torno, na sua bela vida! Escrevo-lhe pois sobretudo para pedir-lhe que seja fiel a você mesmo e aos seus. Querido, a sociedade na qual você deve viver não poderia existir sem a religião do dever, e você a menosprezaria, deixando-se arrastar pela paixão e pela fantasia, como eu o fiz. A mulher não é igual ao homem, senão fazendo de sua vida uma contínua oferta, assim como a vida do homem é uma ação perpétua. Ora, minha vida foi como um longo acesso de egoísmo. Por isso, possivelmente, Deus colocou-o, ao entardecer, na porta de minha casa, como um mensageiro encarregado do meu castigo, e do meu perdão. Ouça esta confissão de uma mulher para quem a glória foi como um farol, cujo clarão lhe indicou o verdadeiro caminho. Seja grande, imole suas fantasias aos seus deveres de chefe, de esposo, de pai. Reerga a flâmula abatida dos du Guénic, mostre neste século sem religião nem princípios o gentil-homem em toda a sua glória e em todo o seu esplendor. Querido filho de minha alma, deixe-me representar um pouco o papel de mãe: a adorável Fanny não terá mais ciúme de uma rapariga morta para o mundo, e da qual não verá mais do que mãos erguidas para o céu. Hoje a nobreza tem mais do que nunca necessidade da fortuna, aceite pois uma parte da minha, Calisto, e faça dela um bom uso. Não é uma doação, é um fideicomisso. Pensei mais em seu filho e na sua velha casa bretã do que em você, ao oferecer-lhe os lucros que o tempo me conseguiu sobre o valor dos meus bens em Paris...

— Assinemos — disse o jovem barão, com grande contentamento da assembleia.

QUARTA PARTE

OS ADULTÉRIOS VELADOS

I – DAS VIAGENS NAS SUAS RELAÇÕES COM O CASAMENTO

Na semana seguinte, depois da missa do casamento, a qual, segundo o uso de algumas famílias do Faubourg Saint-Germain, foi celebrada às sete horas em Saint-Thomas-d'Aquin, Calisto e Sabina subiram para um bonito carro de viagem, por entre abraços, felicitações e lágrimas de vinte pessoas, reunidas ou agrupadas sob a marquise do palácio de Grandlieu. As felicitações vinham das quatro testemunhas e dos homens, as lágrimas viam-se nos olhos da duquesa de Grandlieu e nos de sua filha Clotilde, e ambas tremiam, agitadas pelo mesmo pensamento.

— Ei-la atirada na vida! Pobre Sabina, está à mercê de um homem que não casou por livre e espontânea vontade.

O casamento não se compõe somente de prazeres, tão fugitivos nesse estado como em outro qualquer; ele implica conveniências de gênio, simpatias físicas, circunstâncias de caracteres que fazem dessa necessidade social um eterno problema. As filhas casaduras, tanto quanto as mães, conhecem os termos e os perigos dessa loteria; eis por que as mulheres choram quando assistem a um casamento, ao passo que os homens sorriem; estes julgam nada arriscar, as mulheres sabem mais ou menos o que arriscam.

Em outro carro que precedia o dos recém-casados achava-se a baronesa du Guénic, a quem a duquesa veio dizer:

— A senhora é mãe, embora tenha tido somente um filho; procure substituir-me junto à minha querida Sabina!

Na frente desse carro via-se um criadinho de libré, que servia de correio, e atrás duas criadas de quarto. Os quatro postilhões, trajando seus mais belos uniformes, pois cada carro estava atrelado com quatro cavalos, traziam todos ramos na botoeira da lapela e fitas nos chapéus, que o duque de Grandlieu teve infinito trabalho para fazê-los tirar, mesmo pagando-os; o postilhão francês é eminentemente inteligente, mas é apegado aos seus gracejos; aqueles aceitaram o dinheiro, mas, ao chegar às barreiras exteriores, repuseram as fitas.

— Vamos, adeus, Sabina! — disse a duquesa. — Lembra-te da tua promessa, escreve-me com frequência. Calisto, nada mais lhe digo, mas você me compreende!...

Clotilde, apoiada na sua irmã mais moça, Atenaïs, para a qual sorria o visconde Justo de Grandlieu, dirigiu à recém-casada um olhar sutil através de suas lágrimas, e seguiu com o olhar o carro que desapareceu ao fragor dos estalos reiterados de quatro chicotes mais ruidosos do que pistolas.

Em alguns segundos, a alegre comitiva chegou à esplanada dos Inválidos, alcançou pelo cais a ponte de Iena, a barreira de Passy, a estrada de Versalhes, finalmente a estrada real para a Bretanha.

Não é uma coisa pelo menos singular que os artesãos da Suíça e da Alemanha, e as grandes famílias da França e da Inglaterra obedeçam ao mesmo costume e se ponham em viagem depois da cerimônia nupcial?

Os grandes se amontoam numa caixa que rola. Os pequenos vão alegremente pelas estradas, detendo-se nos matos, banquetecendo-se em todas as tabernas, enquanto lhes dura a alegria, ou melhor dito, o dinheiro. O moralista ver-se-ia muito embaraçado para decidir onde se acha a mais bela qualidade de pudor, se na que se esconde do público inaugurando o lar e o leito doméstico, como fazem os bons burgueses, ou naquela que se oculta à família, exibindo-se publicamente, à clara luz do sol pelos caminhos, diante dos desconhecidos? As almas delicadas devem desejar a solidão e fugir igualmente da sociedade e da família. O rápido amor que inicia um casamento é um diamante, uma pérola, uma joia cinzelada pela primeira das artes, um tesouro a ser enterrado no fundo do coração.

Quem pode narrar uma lua de mel, a não ser a recém-casada? E quantas mulheres reconhecerão aqui que essa estação de duração incerta (algumas há que duram uma única noite!) é o prefácio da vida conjugal.

As três primeiras cartas de Sabina para a mãe indicaram uma situação que, infelizmente, não será nova para algumas jovens casadas e para muitas mulheres velhas. Todas aquelas que, por assim dizer, se viram como enfermeiras de um coração, como Sabina, não o perceberam logo. Mas as moças do Faubourg Saint-Germain, quando são espirituosas, são já mulheres pela cabeça. Antes do casamento receberam da sociedade e da mãe o batismo das boas maneiras. As duquesas, ciosas de legar suas tradições, ignoram muitas vezes o alcance de suas lições, quando dizem às filhas: “Não se faz tal movimento. — Não ria disto. — Nunca se deve atirar sobre um divã, e sim pousar nele. — Não continue com esses modos detestáveis! — Mas isso não se faz, querida!” etc. Por isso, burgueses críticos recusaram, injustamente, inocência e virtudes a moças que são, unicamente, como Sabina, virgens aperfeiçoadas pelo espírito, pelo hábito das grandes atitudes, pelo bom gosto, e que, desde a idade de dezesseis anos, sabem servir-se de seus binóculos. Sabina, por ter-se prestado às combinações inventadas pela srta. des Touches, a fim de casá-la, devia ser da escola da srta. de Chaulieu. Essa finura inata, esses dons de raça tornarão talvez essa jovem senhora tão interessante quanto a heroína das

Memórias de duas jovens esposas, quando se vir a inutilidade dessas vantagens sociais nas grandes crises da vida conjugal, na qual, com frequência, são anuladas sob o duplo peso da desgraça e da paixão.

II – UMA CARTA-MODELO

À SRA. DUQUESA DE GRANDLIEU

Guérande, abril de 1838

Querida mãe, a senhora compreenderá os motivos pelos quais não lhe pude escrever em viagem, nosso espírito está então como as rodas. Eis-me, faz dois dias, no fundo da Bretanha na mansão du Guénic, uma casa enfeitada como uma cuia lavrada. Apesar das atenções afetuosas da família de Calisto, experimento uma viva necessidade de voar para junto da senhora, de dizer-lhe uma porção de coisas que, sinto-o, só se confiam a uma mãe. Calisto, querida mamãe, casou-se conservando no coração um grande pesar, nenhuma de nós o ignorava e a senhora não me ocultou as dificuldades com que ia deparar; mas, ai de mim! elas são maiores do que a senhora as imaginava. Ah! querida mamãe, que experiência adquirimos em poucos dias, por que não direi em poucas horas? Todas as suas recomendações tornaram-se inúteis e adivinhará como por esta única frase: amo Calisto como se ele não fosse meu marido. Quero dizer que, se casada com outro, viajasse com Calisto, eu o amaria e odiaria meu marido. Que fazer, pois, com um homem amado tão completamente, involuntariamente, absolutamente, sem contar todos os outros advérbios que lhe aprouver acrescentar? Por isso minha servidão estabeleceu-se, a despeito de seus bons conselhos. A senhora recomendou-me que permanecesse grande, nobre, digna e altiva, a fim de obter de Calisto sentimentos que não fossem passíveis de nenhuma mudança na vida: a estima e a consideração que devem santificar uma mulher, no seio da família. A senhora manifestou-se, seguramente com razão, contra as jovens senhoras de hoje que, sob pretexto de bem viverem com seus maridos, começam pela facilidade, pela complacência, pela bonomia, pela familiaridade, por um abandono, segundo sua expressão, um pouco demasiado de *rapariga fácil* (qualificativo que lhe confesso não ter ainda compreendido, mas veremos mais tarde), e que, a dar-lhe crédito, constituem como que etapas para chegar rapidamente à indiferença e talvez ao desprezo.

— Lembra-te de que és uma Grandlieu! — disse-me a senhora ao ouvido.

Essas recomendações, repletas da materna eloquência de Dédalo,[227]

tiveram a sorte de todas as coisas mitológicas. Querida mãezinha do meu coração, poderia a senhora imaginar que eu começaria por essa catástrofe que, na sua opinião, termina a lua de mel das jovens senhoras de hoje?

Quando nos vimos sós no carro, Calisto e eu, sentimo-nos tão bobos um como o outro por compreendermos todo o valor de uma primeira palavra, um primeiro olhar, e cada um de nós, aturdido pelo sacramento, olhou pela sua portinhola. Era tão ridículo que, perto da barreira, o senhor recitou-me, com uma voz um pouco perturbada, um discurso, com certeza preparado como todos os improvisos, o que eu ouvi com o coração palpitando e que tomo a liberdade de resumir-lhe.

— Minha querida Sabina, quero-a feliz, e quero sobretudo que seja feliz a seu modo — disse ele. — Assim, pois, na situação em que nos achamos, em vez de nos enganarmos mutuamente quanto aos nossos caracteres e nossos sentimentos por meio de nobres complacências, sejamos ambos o que seríamos daqui a alguns anos. Imagine que tem em mim um irmão, como eu quero ver em você uma irmã.

Embora isso fosse cheio de delicadeza, nada achei nesse primeiro *speech* do amor conjugal que correspondesse aos anseios de minha alma, e fiquei pensativa, depois de haver respondido que estava animada pelos mesmos sentimentos. Sobre essa declaração de nossos direitos a uma frieza mútua, falamos sobre a chuva e o bom tempo, sobre a poeira, as mudas, as paisagens, do modo mais gracioso deste mundo, eu rindo com um risinho forçado, ele muito sonhador.

Enfim, ao sairmos de Versalhes, perguntei muito simplesmente a Calisto, a quem chamei de *meu querido Calisto*, assim como ele me chamava de *minha querida Sabina*, se me podia contar os acontecimentos que o haviam levado a dois dedos da morte, e aos quais eu devia a felicidade de ser sua mulher. Ele hesitou durante muito tempo. Foi isso motivo entre nós de um pequeno debate que durou durante três réplicas, eu, procurando mostrar-me uma rapariga voluntariosa e decidida a enfadar-me; ele consultando consigo mesmo sobre a fatal pergunta apresentada como um desafio pelos jornais a Carlos x: *O rei cederá?*^[228] Finalmente depois da réplica de Verneuil e de ter-lhe feito promessas capazes de contentar três dinastias, de jamais fazer-lhe exprobrações relativamente a essa loucura, de o não tratar com frieza etc., ele relatou-me seu amor pela sra. de Rochefide.

— Não quero — disse-me ele ao terminar — que haja segredos entre nós.

O pobre querido ignorava pois que sua amiga, a srta. des Touches, e a senhora tinham sido obrigadas a tudo confessar-me, porquanto não se veste uma jovem criatura como o fizeram comigo no dia do contrato, sem antes iniciá-

la no seu papel. Tudo se deve dizer a uma mãe tão terna como a senhora. Pois bem, fiquei profundamente ferida ao ver que ele obedecera muito menos ao meu desejo do que à sua vontade de falar daquela paixão ignorada. Censurar-me-á, querida mãe, por ter eu querido conhecer a extensão daquele desgosto, daquela chaga viva do coração que me fora assinalado pela senhora? Portanto, oito horas depois de ter sido abençoada pelo pároco de Saint-Thomas-d'Aquin, sua Sabina achava-se na situação bastante falsa de uma jovem esposa ouvindo dos próprios lábios do marido a confidência de um amor decepcionado, os delitos de uma rival! Sim, eu estava no drama de uma jovem senhora, informada oficialmente de que devia seu casamento aos desdêns de uma velha loira. Com essa narrativa ganhei o que procurava. O quê?, dirá a senhora. Ah! querida mãe, já vi bastante Amores puxando uns aos outros, em relógios ou nos mármore frontões das chaminés para pôr em prática essa lição!

Calisto terminou o poema de suas recordações com os mais calorosos protestos de um completo esquecimento do que denominou a sua loucura. Todo protesto precisa de assinatura. O feliz desditoso tomou-me a mão, levou-a aos lábios, depois conservou-a muito tempo entre as suas. Daí seguiu-se uma declaração. Essa pareceu-me mais de acordo com a primeira, com o nosso estado civil, embora nossas bocas nada dissessem. Devi essa felicidade à minha verbosa indignação sobre o mau gosto de uma mulher suficientemente tola por não ter amado o meu belo e encantador Calisto...

Chamam-me para tomar parte num jogo de cartas que ainda não compreendi, amanhã continuarei. Deixá-la neste momento para ser o quinto parceiro na *mouche*, isso não é possível senão no fundo da Bretanha!...

III – DE COMO, SEGUNDO SCRIBE, [229] O SENTIMENTO CAMINHA RÁPIDO DE CARRO

3 de maio

Retomo o curso de minha odisseia. No terceiro dia, seus filhos não empregavam mais o *vós* cerimonioso, e sim o *tu* dos amantes. Minha sogra, encantada de nos ver felizes, procurou substituir-se à senhora, querida mãe, e, como acontece com todos os que assumem um papel com o desejo de apagar recordações, foi tão resoluta que quase foi a senhora para mim. Ela sem dúvida adivinhou o heroísmo do meu procedimento, porque, no começo da viagem, procurava tanto ocultar suas inquietações que, naturalmente, o excesso de precauções as tornava

visíveis.

Quando vi surgir as torres de Guérande, disse ao genro da senhora, ao ouvido:

— Esqueceste-a bem?

Meu marido, que se tornou *meu anjo*, ignorava sem dúvida as riquezas de uma afeição ingênua e sincera, porque aquelas palavrinhas deixaram-no quase louco de alegria. Infelizmente o desejo de fazê-lo esquecer a sra. de Rochefide levou-me demasiado longe. Que quer! Amo e sou quase portuguesa,[230] pois puxei mais à senhora do que a meu pai. Calisto aceitou tudo de mim, como as crianças mimadas aceitam; antes de mais nada é filho único.

Aqui entre nós, jamais daria uma filha minha, se algum dia tiver uma filha, a um filho único. Já é bastante pôr-se a gente à frente de um tirano, e num filho único vejo muitos tiranos. Assim, pois, invertemos os papéis, eu me portei como uma mulher devotada. Há perigos num devotamento de que se tira proveito, perde-se nele a dignidade. Participo-lhe pois o naufrágio dessa meia-virtude. A dignidade nada mais é do que um biombo colocado pelo orgulho e por trás do qual nos enraivecemos à vontade. Que quer, mamãe!... a senhora não estava aqui, eu via-me diante de um abismo. Se tivesse permanecido na minha dignidade, teria tido frias dores de uma espécie de fraternidade que, com toda a certeza, ter-se-ia transformado, muito simplesmente, em indiferença. E que futuro ter-me-ia eu preparado? Meu devotamento teve como resultado tornar-me escrava de Calisto. Poderei sair dessa situação? É o que veremos, por enquanto ela me agrada. Amo Calisto, amo-o absolutamente, com a loucura de uma mãe que acha que tudo o que o filho faz está bem-feito, mesmo quando ela é um pouco castigada por ele.

15 de maio

Até agora, portanto, querida mãe, o casamento se me apresentou sob uma forma encantadora. Emprego toda a minha ternura no mais belo dos homens que uma tola desdenhou por um musicastro, porque essa mulher é evidentemente uma tola, e uma tola fria, que é a pior espécie de tolas. Sou caridosa na minha paixão legítima, pois curo feridas, fazendo-me ferimentos eternos. Sim, quanto mais amo Calisto, mais sinto que morreria de pesar se nossa atual felicidade terminasse. Sou, de resto, a adoração de toda esta família e da sociedade que se reúne no solar dos du Guénic, tudo gente nascida numa tapeçaria de alto liço, e saída dali para provar que existe o impossível.

Um dia em que estiver só, descrever-lhe-ei minha tia Zefirina, a srta. de Pen-Hoël, o cavaleiro du Halga, as srtas. de Kergarouët etc. Até mesmo os dois

criados que, assim o espero, me permitirão levar a Paris — Mariotte e Gasselin —, os quais me olham como um anjo descido de seu lugar no céu e que estremecem ainda, quando lhes falo, são figuras dignas de serem postas em redomas.

Minha sogra instalou-nos solenemente nos apartamentos precedentemente ocupados por ela e pelo seu falecido esposo. Essa cena foi comovedora.

— Aqui vivi toda a minha vida de mulher feliz — disse-nos ela —; que isso seja um feliz presságio para os meus queridos filhos.

E ficou com o quarto de Calisto.

Esta santa senhora parecia querer despojar-se de suas recordações e de sua nobre vida conjugal, para nela nos investir.

A província da Bretanha, esta cidade, esta família de costumes antigos, tudo, apesar dos ridículos que só existem para nós outros, parisienses galhofeiros, tem algo de inexplicável, de grandioso até nas suas minúcias, que não se pode definir senão pelo termo *sagrado*. Todos os arrendatários dos vastos domínios da casa do Guénic, domínios que foram resgatados, como a senhora sabe, pela srta. des Touches, a quem devemos ir visitar em seu convento, vieram saudar-nos, incorporados. Essa boa gente, em trajes de gala, manifestando todos uma viva alegria por saberem Calisto novamente seu verdadeiro senhor, fizeram-me compreender a Bretanha, o feudalismo, a velha França. Foi uma festa que não lhe quero descrever, pois lha narrarei de viva voz. A base de todos os contratos foi proposta por esses *gars*^[231] eles mesmos; nós os assinaremos depois da inspeção que vamos fazer nas nossas terras hipotecadas faz cento e cinquenta anos!... A srta. de Pen-Hoël disse-nos que os rapazes tinham declarado as rendas com uma verdade de que a gente de Paris negaria.

Partiremos dentro de três dias e iremos a cavalo. No meu regresso, querida mãe, eu lhe escreverei; mas que lhe poderei dizer, se minha felicidade já está no cúmulo? Escrever-lhe-ei pois o que a senhora já sabe, isto é, o quanto a amo.

IV – ENTRE NOVIÇAS DA MESMA PARA A MESMA

Nantes, junho

Depois de ter representado o papel de uma castelã adorada por seus vassalos, como se a revolução de 1830 e a de 1789 jamais houvessem abatido os pendões; depois de cavalgadas nos bosques, paradas em granjas, jantares em velhas mesas e sobre toalhas centenárias que vergavam sob pratarrazes homéricas, servidos com louça antidiluviana; depois de ter bebido vinhos deliciosos em

canecos como os que manejam os prestidigitadores, com tiros de espingarda à sobremesa! e “Viva os du Guénic!” capazes de estontear! e bailes nos quais a totalidade da orquestra consistia em um *binou*[232] no qual um homem sopra durante dez horas seguidas! e ramos! e jovens recém-casadas que se faziam abençoar por nós! e boas fadigas, cujo remédio se encontra na cama, em sonos que eu não conhecia, e em despertares deliciosos em que o amor é radioso como o sol que brilha sobre nós e cintila com mil moscas que zumbem em baixo bretão!... enfim, após uma grotesca permanência no castelo do Guénic, onde as janelas são portões, e onde as vacas poderiam tosar os prados nascidos nas salas, mas que juramos arranjar e reparar, para irmos lá todos os anos por entre as aclamações dos rapazes do clã de Guénic, dos quais um empunhava nossa flâmula, uff! estou em Nantes!...

Ah, que dia o da chegada em Guénic! O reitor, minha mãe, veio com seu clero, todos corados de flores, receber-nos, abençoar-nos, manifestando uma alegria!... que me faz as lágrimas assomarem aos olhos, enquanto te escrevo. E este altivo Calisto que representava seu papel de senhor, como um personagem de Walter Scott. O senhor recebia as homenagens tal como se estivesse em pleno século xiii. Ouvi as raparigas e as mulheres dizerem:

— Que lindo senhor temos nós! — como num coro de ópera cômica.

Os anciãos discutiam entre eles a semelhança de Calisto com os du Guénic a quem conheceram. Ah, a nobre e sublime Bretanha, que terra de crenças e religião! Mas o progresso a espreita, estão construindo-lhe pontes e estradas; as ideias virão e adeus o sublime! Os camponeses certamente nunca serão tão livres nem tão altivos como os vi, quando lhes tiverem provado que eles são iguais a Calisto, se é, todavia, que eles o queiram crer. Depois do poema dessa restauração pacífica, assinados os contratos, deixamos, pois, essa terra encantadora, sempre florida, alegre, sombria e deserta alternativamente, e viemos ajoelhar aqui nossa felicidade, diante daquela a quem a devemos. Calisto e eu sentíamos a necessidade de agradecer à postulante da Visitação. Em atenção a ela, Calisto esquartelará seu escudo com o dos Touches que é: *partido, cortado, fendido e talhado de ouro e de sinople*. Tomará uma das águias de prata para um dos seus suportes e pôr-lhe-á no bico esta linda divisa de mulher: *Souviègne-vous*![233]

Fomos pois ontem ao convento das damas da Visitação, onde nos levou o abade Grimont, um amigo da família du Guénic, o qual nos disse que sua querida Felicidade, mamãe, era uma santa; ela não pode ser outra coisa para ele, porquanto essa ilustre conversão fez com que o nomeassem vigário-geral da diocese. A srta. des Touches não quis receber Calisto e só me viu a mim. Achei-a um pouco mudada, pálida e emagrecida; pareceu-me muito feliz com a minha

visita.

— Dize a Calisto — exclamou ela em voz baixa — que é uma questão de consciência e de obediência se não o quero ver, porque mo permitiram; mas prefiro não comprar essa felicidade de alguns minutos por uns quantos meses de sofrimento. Ah, se soubesses como me penaliza responder quando me perguntam: “Em que pensa?”. A madre das noviças não quer compreender a extensão e o número das ideias que me passam em turbilhão pela cabeça. Por momentos, revejo a Itália ou Paris, com todos os seus espetáculos, pensando em Calisto, o qual — disse ela com aquele modo poético tão admirável que a senhora conhece — é o sol dessas recordações... Eu era demasiado velha para ser aceita nas Carmelitas e entrei para a ordem de São Francisco de Sales unicamente por ter ele dito: “Eu vos descalçarei a cabeça em vez de vos descalçar os pés!”, recusando-se àquelas austeridades que alquebram o corpo. É de fato a cabeça quem peca. O santo bispo andou bem, portanto, tornando sua regra austera para a inteligência e terrível contra a vontade!... Era isso que eu desejava, porque minha cabeça era a verdadeira culpada, ela enganou-me a respeito do meu coração até esta idade fatal dos quarenta anos, na qual se, por alguns instantes, se é quarenta vezes mais feliz do que as mulheres jovens, se é mais tarde cinquenta vezes mais infeliz do que elas... E então, minha filha, estás contente? — perguntou-me, deixando com visível prazer de falar de si.

— A senhora me vê no encantamento do amor e da felicidade! — respondi-lhe.

— Calisto é tão bom e ingênuo quanto nobre e belo —disse-me ela gravemente. — Eu te instituí minha herdeira; possuis, além da minha fortuna, o duplo ideal que sonhei... Aplaudo-me pelo que fiz — continuou ela, após uma pausa. — Agora, minha filha, não te iludas. Vocês agarraram facilmente a felicidade, nada mais tinham a fazer do que estender a mão; pensa porém em conservá-la. Quando mesmo tivesses vindo aqui somente para levar os conselhos da minha experiência, tua viagem estaria bem paga. Calisto sofre neste momento uma paixão comunicada, tu não a inspiraste. Para tornar tua felicidade durável, procura, minha querida, unir esse princípio ao primeiro. No interesse de ambos, procura ser caprichosa, sejas coquete, um pouco dura, é preciso. Não te aconselho cálculos odiosos, nem a tirania, mas sim a ciência. Entre a usura e a prodigalidade há a economia. Procura aprender a exercer honestamente alguma influência sobre Calisto. Eis as últimas palavras mundanas que pronunciarei, tinha-as em reserva para ti, porque tremi na minha consciência de te haver sacrificado para salvar Calisto: prende-o bem a ti, que ele tenha filhos, que respeite em ti a mãe deles... Enfim — disse-me com voz comovida —, arranja-te de modo a que ele nunca mais veja Beatriz!...

Esse nome mergulhou-nos a ambas numa espécie de torpor, e ficamos as duas com os olhos fixos uma na outra, trocando a mesma vaga inquietação.

— Voltam para Guérande? — perguntou-me.

— Sim — respondi-lhe.

— Pois bem, não vá nunca às Touches... Fiz mal em dar-lhe essa propriedade.

— E por quê?

— Criança, as Touches são para ti o gabinete do Barba-Azul,[234] porquanto nada há tão perigoso como despertar uma paixão que dorme.

Dou-lhe em substância, querida mãe, o sentido de nossa conversação. Se a srta. des Touches fez-me conversar muito, deu-me tanto mais em que pensar, por ter eu, no enlevo de minha viagem e das minhas seduções com meu Calisto, esquecido a grave situação moral de que lhe falava na minha primeira carta.

V – ONDE, NA LUA DE MEL, LEVAM AS DESAVENÇAS

Depois de muito ter admirado Nantes, uma cidade encantadora e magnífica, depois de ter ido ver, na praça da Bretanha, o lugar onde Charette[235] tombou tão nobremente, formamos o projeto de voltar pela Loire e Saint-Nazaire, visto já termos feito por terra a viagem de Nantes a Guérande. Decididamente, um barco a vapor não vale um carro. A viagem em público é uma invenção do monstro moderno, o Monopólio. Três jovens senhoras de Nantes, bastante bonitas, movimentavam-se no tombadilho, atacadas daquilo a que chamei de kergarouetismo, um gracejo que a senhora compreenderá quando eu lhe houver descrito os Kergarouët. Calisto portou-se muito bem. Como um verdadeiro gentil-homem, não me exibiu. Conquanto satisfeita com o seu bom gosto, do mesmo modo que uma criança a quem se deu seu primeiro tambor, pensei que tinha uma magnífica oportunidade de experimentar o sistema recomendado por Camille Maupin, pois não fora certamente a postulante quem me falara. Afetei um arzinho arrufado, e Calisto, muito gentilmente, alarmou-se.

A pergunta: “Que tem? ...”, que me atirou ao ouvido, respondi a verdade:

— Não tenho nada!

E aí tive de reconhecer o pouco sucesso que obtém a princípio a verdade. A mentira é uma arma decisiva nos casos em que a celeridade deve salvar as mulheres e os impérios. Calisto tornou-se muito solícito, muito inquieto. Levei-o para a proa do barco, para o meio de um monte de cabos; e ali, com voz cheia de susto, se não de lágrimas, disse-lhe as desgraças, os temores de uma mulher, cujo marido resulta ser o mais belo dos homens...

— Ah, Calisto — exclamei —, há na nossa união uma desgraça atroz, você não me amou, não me escolheu! Não ficou imobilizado de pé, como uma estátua, ao ver-me pela primeira vez! É meu coração, minha dedicação, minha ternura que solicitam sua afeição, e algum dia você me punirá por lhe haver trazido eu mesma os tesouros de meu puro, de meu involuntário amor de moça... Eu deveria ser má, coquete, e não me sinto com forças contra você... Se aquela horrível mulher que o desdenhou estivesse em meu lugar, aqui, você não teria percebido aquelas duas[236] horríveis bretãs que a aduana de Paris classificaria como gado...

Vieram duas lágrimas aos olhos de Calisto, e virou-se para ocultar-mas; viu o baixo Indre e correu a pedir ao capitão que nos desembarcasse ali. Não se pode resistir a resposta como essa, sobretudo quando são seguidas de uma permanência de três horas numa enfezada taberna do baixo Indre, onde almoçamos peixe fresco, num pequeno quarto como os que os pintores do gênero pintam, e por cujas janelas ouviam-se mugir as forjas de Indre, através do belo lençol do Loire. Ao ver como resultavam as experiências da Experiência, eu exclamei:

— Ah, querida Felicidade...

Incapaz de suspeitar os conselhos da religiosa e a duplicidade do meu procedimento, Calisto fez um trocadilho divino, cortou-me a palavra, dizendo:

— Guardemos-lhe a recordação! Mandaremos um artista para copiar esta paisagem.

O que eu ri, mamãe! Ri-me a ponto de deixar Calisto desconcertado e estive a ponto de zangar-se.

— Mas — disse-lhe eu — há desta paisagem, desta cena um quadro em meu coração que jamais se apagará e será de um colorido inimitável!

Ah, minha mãe, é-me impossível pôr assim as aparências da guerra ou da inimizade no meu amor; Calisto fará de mim o que ele quiser. Essa lágrima é a primeira, creio eu, que ele me dá: não vale ela mais do que a segunda declaração dos meus direitos?... Uma mulher sem coração tornar-se-ia senhora e dona, depois da cena do barco; eu tornei a perder-me. Segundo seu sistema, quanto mais me torno mulher, mais me faço *rapariga fácil*, porque sou pavorosamente fraca com a felicidade, não resisto a um olhar do meu senhor! Não, não me abandono ao meu amor, prendo-me a ele como uma mãe aperta o filho contra o seio por temer alguma desgraça.

VI – JÁ!

DA MESMA PARA A MESMA

Julho, Guérande

Ah, querida mamãe, conhecer o ciúme ao cabo de três meses! Meu coração já está bem completo, sinto nele um ódio profundo e um profundo amor! Sou mais que traída, não sou amada!... Como sou feliz por ter uma mãe, um coração no qual posso gritar à minha vontade... Nós outras, as mulheres que ainda somos um pouco como mocinhas, basta que nos digam: “Aqui está uma chave enferrujada de recordações entre todas as do vosso palácio, entrai por toda parte, gozai de tudo, mas abstende-vos de ir às Touches!” para que entremos ali, com os pés ardendo e os olhos acesos pela curiosidade de Eva. Que irritação a srta. des Touches pusera em meu amor! Mas também por que vedar-me Touches? Que é uma felicidade como esta minha que dependeria de um passeio, de uma estada num buraco da Bretanha? E que tenho eu a temer? Enfim, junte aos motivos da sra. Barba-Azul o desejo que morde todas as mulheres de saber se seu poder é precário ou sólido, e compreenderá como, um dia, pedi com um arzinho indiferente:

— Que vem a ser das Touches?

— As Touches pertencem-lhe — disse-me a minha divina sogra.

— Se Calisto jamais tivesse posto os pés nas Touches!... — exclamou minha

tia Zefirina, meneando a cabeça.

— Mas... ele não seria meu marido — disse eu à minha tia.

— Sabe então do que se passou? — replicou-me com fineza a minha sogra.

— É um lugar de perdição — disse a srta. de Pen-Hoël. — A srta. des Touches cometeu muitos pecados, dos quais agora está pedindo perdão a Deus.

— Não salvou isso a alma daquela nobre rapariga e fez a fortuna de um convento? — exclamou o cavaleiro du Halga. — O abade Grimont disse-me que ela dera cem mil francos às damas da Visitação.

— Quer ir às Touches? — perguntou-me minha sogra. — É uma coisa que merece ser vista.

— Não, não! — disse eu com vivacidade.

Essa pequena cena não lhe parece uma página de algum drama diabólico? Repetiu-se vinte vezes, sob qualquer pretexto. Finalmente minha sogra disse:

— Compreendo por que você não vai às Touches e acho que tem razão.

Oh, mamãe, a senhora terá de confessar que essa punhalada, dada involuntariamente, tê-la-ia decidido a saber se sua felicidade repousava sobre bases tão frágeis, que devesse perecer sob tais lambris. É preciso fazer justiça a Calisto, nunca me convidara para visitar aquela cartuxa que se tornara sua propriedade. Somos criaturas carentes de senso assim que amamos; porque esse silêncio, essa reserva picaram-me e um dia disse-lhe:

— Que temes tu ver nas Touches, que és o único a nunca falar a respeito?

— Vamos até lá — disse ele.

Vi-me pois embaraçada como todas as mulheres que se querem deixar prender, e que confiam no acaso para desatar o nó górdio de sua indecisão. E fomos às Touches.

É delicioso, é de um gosto profundamente artístico, e agrada-me estar nesse abismo, onde a srta. des Touches tanto me proibira ir. Todas as flores venenosas são encantadoras. Satã semeou-as porque há as flores do diabo e as flores de Deus; basta que nos recolhamos em nós mesmos para ver que eles criaram o mundo, metade cada um. Que acres delícias nessa situação em que eu brincava não com fogo, mas com cinzas!... Eu estudava Calisto, tratava-se de saber se tudo estava bem extinto, e eu cuidava das correntes de ar, pode crer-me! Espreitava seu rosto, ao ir de uma peça à outra, de um móvel a outro, absolutamente como uma criança que busca um objeto escondido. Calisto pareceu-me pensativo, mas a princípio acreditei ter vencido. Senti-me suficientemente forte para falar da sra. de Rochefide, a quem, desde a aventura do rochedo do Croisic, chamam de Rocheperfide. Finalmente fomos ver o famoso buxo, onde Beatriz se deteve, quando ele a atirou ao mar, a fim de ela não pertencer a ninguém.

— Ela deve ser bem leve para ter ficado ali — disse eu rindo.

Calisto permaneceu calado.

— Respeitemos os mortos — disse eu, continuando.

Calisto mudo.

— Desagradei-te?

— Não, mas deixa de galvanizar essa paixão — respondeu-me.

Que frase!... Calisto, que me viu triste, redobrou de atenção e de ternura para comigo.

Agosto

Eu estava, infelizmente, no fundo do abismo, e divertia-me, como os inocentes de todos os melodramas, em ali colher flores. Repentinamente um pensamento horrível cavalcou minha felicidade, tal como o cavalo através da balada alemã. Pareceu-me adivinhar que o amor de Calisto se engrandecia com suas recordações, que referia a mim as tormentas que eu nele reavivava, ao lembrar-lhe os coquetismos daquela horrível Beatriz! Aquela natureza malsã e fria, persistente e mole, que tem algo de molusco e de coral, atreve-se a chamar-se de Beatriz. Já me vejo forçada, querida mãe, a ter os olhos em uma suspeita, quando meu coração pertence todo ele a Calisto, e não é uma grande catástrofe que os olhos tenham tido razão contra o coração e que a suspeita se achasse por fim justificada? Eis como:

— Esse lugar — disse eu a Calisto, uma manhã — me é caro porque lhe devo minha felicidade, por isso te perdoo, por me tomares algumas vezes por outra...

Esse leal bretão corou, saltei-lhe ao pescoço, mas deixei as Touches lá jamais voltarei.

À força do ódio que me faz desejar a morte da sra. de Rochefide (oh! meu Deus, naturalmente de uma congestão pulmonar, de um acidente qualquer), reconheci a extensão, o poder de meu amor por Calisto. Essa mulher veio perturbar-me o sono, vejo-a em sonhos; devo pois encontrá-la?... Ah! a postulante da Visitação tinha razão; as Touches são um lugar fatal, Calisto voltou a encontrar ali suas impressões, que são mais fortes do que as delícias de nosso amor. Verifique pois, querida mãe, se a sra. de Rochefide está em Paris, porque então eu ficarei nas nossas terras da Bretanha. Pobre srta. des Touches que agora se arrepende de ter me vestido de Beatriz, para o dia do contrato, a fim de fazer seu plano triunfar; se ela soubesse até que ponto acabo de ser tomada por nossa odiosa rival, que diria ela? Mas isso é uma prostituição! Não sou mais eu, tenho vergonha. Sinto-me dominada por um desejo furioso de fugir de Guérande e das areias do Croisic.

25 de agosto

Decididamente, volto para as ruínas de Guénic. Calisto, bastante inquieto com minha inquietação, leva-me. Ou bem ele pouco conhece a sociedade, se não percebe nada, ou se sabe a causa de minha fuga, ele não me ama. Tremo tanto de achar uma horrível certeza, se a procuro, que, como as crianças, ponho uma mão sobre meus olhos, a fim de não ouvir uma detonação. Oh! Minha mãe, não sou amada com o mesmo amor que tenho no coração. Calisto é encantador, é certo, mas que homem, a menos de ser um monstro, não seria como ele amável e gracioso ao receber todas as flores desabrochadas na alma de uma moça de vinte anos, educada pela senhora, pura como sou, e que muitas mulheres disseram à senhora ser bela...

Em Guénic, 18 de setembro

Tê-la-á esquecido? Eis o único pensamento que repercute em minha alma como num remorso. Ah, querida mamãe, terão todas as mulheres recordações a vencer como eu? Não se deveriam casar senão rapazes inocentes com raparigas puras! Mas é uma falaz utopia, é preferível ter a sua rival no passado, a tê-la no futuro. Ah! lamente-me, minha mãe, embora neste momento eu me sinta bem feliz, feliz como uma mulher que tem medo de perder sua felicidade e nela se agarra!... Um modo de matá-la algumas vezes, disse a profunda Clotilde.

Apercebo-me que faz cinco meses não penso senão em mim, isto é, em Calisto. Diga à minha irmã Clotilde que suas tristes sabedorias ocorrem-me por vezes; ela é bem feliz em ser fiel a um morto, ela não teme mais rival. Beijo a minha querida Atenais, vejo que Justo está louco por ela. Segundo o que a senhora me diz em sua última carta, ele tem medo de que não lha deem. Cultive esse temor como uma flor preciosa. Atenais será a senhora, e eu que temia não obter Calisto dele mesmo, serei a serva. Mil ternuras, querida mamãe. Ah, se os meus terrores não fossem vãos, Camille Maupin ter-me-ia vendido cara a sua fortuna!...

Meus afetuosos respeitos a meu pai.

VIII – ONDE SE PROVA QUE, NO SEU SISTEMA, J. J. ROUSSEAU NÃO PENSOU NOS PERIGOS DO DESMAME

Essas cartas explicam perfeitamente a situação secreta da mulher e do marido. Onde Sabina via um casamento de amor, Calisto via um casamento de conveniência. Enfim, as alegrias da lua de mel não tinham obedecido totalmente ao sistema legal da comunhão. Durante a estada dos dois cônjuges na Bretanha, os trabalhos de restauração, as disposições do mobiliário da residência dos du Guénic tinham sido dirigidas pelo célebre arquiteto Grindot[237] com a fiscalização de Clotilde, da duquesa e do duque de Grandlieu. Tendo sido tomadas todas as medidas para que, no mês de dezembro de 1838, o jovem casal pudesse voltar para Paris, Sabina instalou-se com satisfação na rue de Bourbon, menos para representar o papel de dona de casa do que saber o que a família pensaria daquele casamento.

Calisto, como belo indiferente, deixou-se guiar, de bom grado, na sociedade, por sua cunhada Clotilde e por sua sogra, as quais lhe ficaram agradecidas por essa obediência. Ele obteve o lugar devido ao seu nome, à sua fortuna e ao seu casamento. O triunfo de sua mulher, considerada como uma das mais sedutoras, as distrações que a alta sociedade proporciona, as obrigações a cumprir, os divertimentos de inverno em Paris, restituíram um pouco de força à felicidade do casal, aí produzindo ao mesmo tempo excitações e calmarias.

Sabina, considerada feliz pela mãe e pela irmã, as quais viram na frieza de Calisto um efeito de sua educação inglesa, abandonou suas ideias negras; ela ouviu sua sorte invejada por tantas jovens senhoras malcasadas, que expeliu seus terrores para o país das quimeras. Finalmente, a gravidez de Sabina completou as garantias oferecidas por aquela união do gênero neutro, uma dessas das quais as mulheres experimentadas auguram bem. Em outubro de 1839, a jovem baronesa du Guénic teve um filho e cometeu a loucura de o amamentar, segundo a opinião de todas as mulheres, em semelhante caso. Como não ser inteiramente mãe quando o filho é de um marido verdadeiramente idolatrado?

No fim do verão seguinte, em agosto de 1840, Sabina ia pois chegar ao fim do aleitamento de seu primeiro filho. Durante uma permanência

de dois anos em Paris, Calisto despojara-se completamente daquela inocência, cujos prestígios tinham decorado seus primeiros passos no mundo da paixão. Calisto, que se acamaradara com o jovem duque Jorge de Maufrigneuse, como ele casado recentemente com uma herdeira, Berta de Cinq-Cygne; com o visconde Saviniano de Portenduère, com o duque e a duquesa de Rhétoré, o duque e a duquesa de Lenoncourt-Chaulieu, [238] com todos os frequentadores do salão de sua sogra, percebeu as diferenças que separam a vida da província da vida parisiense. A riqueza tem horas funestas, ociosidades que Paris, mais do que qualquer outra capital, sabe divertir, encantar, interessar. Ao contato daqueles jovens maridos que deixam as mais nobres, as mais belas criaturas, pelas delícias do charuto e do uísque, pelas sublimes conversações do clube, ou pelas preocupações do turfe, muitas virtudes domésticas foram pois atingidas no jovem gentil-homem bretão. O maternal desejo de uma mulher, que não quer aborrecer o marido, vem sempre em auxílio das dissipações dos jovens casados. Uma mulher sente-se tão orgulhosa por ver voltar a ela um homem a quem dera toda a sua liberdade!...

Uma noite, em outubro daquele ano, para fugir dos gritos de uma criança em período de desmame, Calisto, a quem Sabina não podia, sem dor, ver uma ruga na testa, foi, aconselhado por ela, ao Varietés, onde davam uma peça nova. O criado de quarto, encarregado de comprar um poltrona na orquestra, escolhera-a perto dessa parte da plateia chamada proscênio. No primeiro entreato, olhando em torno na plateia, a quatro passos dele Calisto viu a sra. de Rochefide... num dos camarotes do proscênio, na primeira ordem. Beatriz em Paris! Beatriz em público! Essas duas ideias atravessaram o coração de Calisto como duas flechas. Revê-la, ao cabo de quase três anos! Como explicar a violenta perturbação que se operou na alma de um amante que, longe de esquecer, desposara, por vezes, tão realmente Beatriz na sua mulher, que esta disso se apercebera! A quem se poderá explicar que o poema de um amor perdido, menosprezado, mas sempre vivo no coração do marido de Sabina, ali tornasse obscuras as suavidades conjugais, a ternura inefável da jovem esposa? Beatriz tornou-se a luz, o dia, o movimento, a vida e o desconhecido; ao passo que Sabina foi o

dever, as trevas, o previsto! Uma, naquele momento, foi o prazer, a outra o tédio. Foi a fulminação do raio.

IX – UM PRIMEIRO ATAQUE À LÍNGUA ARMADA

Em sua lealdade, o marido de Sabina teve o nobre pensamento de abandonar a sala. À saída da orquestra, ele viu a porta do camarote entreaberta, e seus pés ali o levaram, a despeito de sua vontade. O jovem bretão encontrou Beatriz entre dois homens dos mais distintos, Canalis e Nathan,^[239] um político e um literato. Nesses três anos em que Calisto não a vira, a sra. de Rochefide sofrera transformações surpreendentes, mas, embora sua metamorfose tivesse atingido a mulher, para Calisto nem por isso ela deixava de ser mais poética e mais atraente. Até à idade dos trinta anos, as belas mulheres de Paris nada mais pedem à *toilette* do que um vestuário; mas, ao passar pelo pórtico fatal daquela idade, elas buscam armas, sedução, embelezamentos nas coisas da moda; com elas compõem-se graciosidades, nelas encontram meios, tomam ali um caráter, rejuvenescem-se, estudam os mais insignificantes acessórios, passam enfim da natureza à arte. A sra. de Rochefide acabava de sofrer as peripécias do drama que nesta história de costumes franceses no século xix se denomina *A mulher abandonada*. Deixada por Conti, ela naturalmente tornara-se uma grande artista em *toilette*, em coquetismo e flores artificiais de toda espécie.

— Como Conti não está aqui? — perguntou Calisto em voz baixa a Canalis, depois de ter feito as saudações banais, pelas quais se iniciam as mais solenes entrevistas, quando têm lugar publicamente.

O antigo grande poeta do Faubourg Saint-Germain, duas vezes ministro, e voltando a ser pela quarta vez um orador aspirante a qualquer novo ministério, pôs significativamente um dedo nos lábios. Esse gesto explicou tudo.

— Sinto-me muito feliz por vê-lo — disse felinamente Beatriz a Calisto. — A mim mesma dizia, ao reconhecê-lo ali, antes de ter sido vista, que o senhor não me renegaria! Ah! meu Calisto, por que se casou? — disse-lhe ela ao ouvido — e de mais a mais com uma

tolinha!...

Assim que uma mulher fala ao ouvido de um recém-chegado, em seu camarote, ao fazê-lo sentar-se ao seu lado, os mundanos acham sempre um pretexto para deixá-la a sós com ele.

— Vem comigo, Nathan? — disse Canalis. — A senhora marquesa me permitirá que vá dizer duas palavras a d'Arthez[240] a quem estou vendo com a princesa de Cadignan;[241] trata-se de uma combinação de tribuna para a sessão de amanhã.

Essa saída de bom gosto permitiu a Calisto refazer-se do choque que acabara de sofrer; mas acabou por perder o espírito e a força, ao aspirar o perfume, para ele sedutor, conquanto venenoso, da poesia composta por Beatriz.

X – DEFINIÇÃO DE NÃO SEI QUÊ

A srta. de Rochefide, que se havia tornado ossuda e fibrosa, cuja tez se havia quase decomposto, emagrecida, fanada, com olheiras, tinha essa noite florido suas ruínas prematuras pelas invenções mais engenhosas da cosmética. Como todas as mulheres abandonadas, ela imaginara dar-se o ar virginal lembrando, por meio de muita fazenda branca, as raparigas terminadas em *a* de Ossian[242] tão poeticamente pintadas por Girodet.[243] Sua cabeleira loura envolvia-lhe o rosto comprido, por madeixas encaracoladas, pelas quais escorriam os clarões do palco atraídos pelo brilho de um óleo perfumado. A fronte pálida cintilava. Usara imperceptivelmente um pouco de carmim, cujo brilho iludia os olhos quanto à alvura insípida de sua tez, refeita com água de farelo. Uma *écharpe*, de uma finura capaz de fazer duvidar que homens tivessem podido trabalhar a seda daquela forma, estava enrolada em seu pescoço, de modo a diminuir-lhe o comprimento, a ocultá-lo, a não deixar ver senão de modo imperfeito tesouros habilmente engastados pelo colete. Seu busto era uma obra-prima de composição. Quanto à sua atitude, uma palavra basta, valia todo o trabalho que tivera em buscá-la. Os braços emagrecidos, endurecidos, mal se viam sob os fofos de efeitos calculados das mangas largas. Ela apresentava essa mistura de falsos clarões e sedarias brilhantes, de gaze *frou* e de cabelos

frisados, de vivacidade, de calma e de movimento, que se denominou o *não sei quê*. Todos sabem em que consiste esse *não sei quê*. É muito espírito, bom gosto e temperamento.

Beatriz era pois uma verdadeira peça com decoração e transformações, e prodigiosamente mecanizada. A representação dessas mágicas, que são também muito habilmente dialogadas, enlouquece os homens dotados de franqueza, porque eles experimentam, pela lei dos contrastes, um desejo infrene de brincar com os artifícios. É falso e arrebatador, é rebuscado, mas é agradável, e certos homens adoram essas mulheres que jogam sedução como se joga cartas. Eis por quê. O desejo do homem é um silogista que por essa ciência exterior deduz os secretos teoremas da voluptuosidade. O espírito a si mesmo diz, sem palavras: “Uma mulher que sabe criar-se tão bela deve ter muitos outros recursos na paixão”. E é verdade. As mulheres abandonadas são as que amam, as conservadoras, são as que sabem amar. Ora, se aquela lição do italiano fora cruel para o amor-próprio de Beatriz, ela era de uma natureza demasiadamente artificial para não aproveitá-la.

— Não se trata de amá-los — dizia ela alguns momentos antes da entrada de Calisto —, é preciso incomodá-los, quando os temos presos; esse é o segredo das que os querem conservar. Os dragões, guardiães de tesouros, estão armados de garras e de asas!

— Poderia fazer-se um soneto com essa ideia — respondera Canalis, no momento em que Calisto entrou.

XI – QUANDO UMA MULHER “POSA”

Com um único olhar, Beatriz adivinhou o estado de Calisto; tornou a encontrar frescos e vermelhos os sinais da coleira que lhe pusera nas Touches. Calisto, ferido com as palavras ditas sobre a esposa, hesitava entre a dignidade de marido, a defesa de Sabina, e uma palavra dura a atirar num coração, de onde para ele se exalavam tantas recordações, um coração que julgava estar sangrando ainda. Essa hesitação era observada pela marquesa; dissera aquelas palavras somente para saber até que ponto alcançara seu domínio sobre Calisto; ao vê-lo tão fraco,

acorreu em seu auxílio para tirá-lo do embaraço.

— Pois aqui está, meu amigo, encontra-me sozinha — disse ela depois que os dois cortesãos saíram —, sim, sozinha no mundo!...

— Não pensou então em mim? — disse Calisto.

— Você — respondeu ela — não está casado?... Foi uma das minhas dores em meio às que sofri, desde que não nos vimos mais. “Não, somente perco o amor”, disse a mim mesma, “mas ainda uma amizade que eu julgava ser bretã.” A gente se acostuma a tudo. Agora sofro menos, mas estou despedaçada. É este, faz muito, o primeiro desabafo de meu coração. Obrigada a mostrar-me altiva com os indiferentes, arrogante, como se não tivesse falido perante as pessoas que me cortejam, tendo perdido a minha querida Felicidade, eu não tinha um ouvido no qual depusesse esta palavra: “Sofro!”. Por isso, agora, posso dizer-lhe qual foi a minha angústia ao vê-lo a quatro passos de mim, sem que me reconhecesse, e qual a minha alegria ao vê-lo junto de mim... Sim — disse ela, respondendo a um gesto de Calisto —, é quase a fidelidade! Assim são os infelizes! Um nada, uma visita é tudo para eles! Ah, você me amou como eu merecia sê-lo por aquele que se comprouve em espezinhar todos os tesouros que eu lhe atirava aos pés! E, para minha desgraça, não sei esquecer, amo, e quero permanecer fiel a esse passado que jamais voltará.

Ao proferir essa tirada, já cem vezes improvisada, ela manobrava com os olhos de modo a reforçar pelo gesto e efeito das palavras, que pareciam arrancadas do fundo da alma pela violência de uma torrente por muito represada. Calisto, em vez de falar, deixou que corressem as lágrimas que lhe caíam dos olhos. Beatriz tomou-lhe a mão, apertou-lha, e o fez empalidecer.

— Obrigada, Calisto, obrigada, meu pobre menino, é assim que um verdadeiro amigo responde à dor de um amigo! Nós nos entendemos. Olhe, não acrescente uma palavra!... Vá embora, que nos estão olhando, e você poderia magoar sua esposa, se por acaso lhe dissessem que nos tinham visto juntos, embora muito inocentemente, diante de mil pessoas... Adeus; veja, sou forte!...

Enxugou os olhos, fazendo o que na retórica feminina se deve denominar uma antítese em ação.

— Deixe-me rir o riso dos danados com os indiferentes que me divertem — continuou. — Freqüente artistas, escritores, a sociedade que conheci em casa da nossa pobre Camille Maupin, a qual com certeza teve razão! Enriquecer aquele a quem se ama e desaparecer, dizendo-se: “Sou demasiado velha para ele!” é terminar como mártir. E é o que há de melhor, quando não se pode terminar como virgem.

Pôs-se a rir, como que para destruir a impressão triste que devia ter causado ao seu adorador.

— Mas — disse Calisto —, onde poderei ir vê-la?

— Escondi-me na rue de Courcelles, em frente ao parque Monceaux, numa pequena casa, de acordo com a minha fortuna, e lá recheio-me a cabeça de literatura, mas só para mim, a fim de distrair-me. Deus me livre da mania dessas senhoras!... Vamos, saia, deixe-me, não quero que a sociedade se ocupe de mim, e o que não diriam ao ver-nos? De resto, olhe, Calisto, se você ficasse aqui mais um instante, eu choraria francamente.

Calisto retirou-se, mas depois de ter estendido a mão a Beatriz e ter experimentado pela segunda vez a sensação profunda, estranha, de uma dupla pressão cheia de cócegas sedutoras.

“Meu Deus, Sabina nunca soube comover-me assim o coração!” Tal foi o pensamento que o assaltou nos corredores.

Durante o resto do espetáculo, a marquesa de Rochefide não dirigiu três olhares diretos a Calisto; mas houve olhares de soslaio que foram outros tantos despedaçamentos de alma para um homem inteiramente entregue ao seu primeiro amor repellido.

XII – OS INCONVENIENTES DA INGENUIDADE

Quando o barão du Guénic se viu em casa, o esplendor dos seus apartamentos fê-lo pensar na espécie de mediocridade de que Beatriz falava, e ficou com ódio de sua fortuna por não poder ela pertencer ao anjo decaído. Quando soube que Sabina, fazia muito, estava deitada, sentiu-se muito feliz por se achar senhor de uma noite, para viver com suas emoções. Amaldiçoou então o poder divinatório que o amor dava a Sabina. Quando, por acaso, um homem é adorado pela esposa, ela lê

naquele rosto como num livro, conhece-lhe as menores vibrações dos músculos, sabe de onde lhe vem a calma, a si mesma indaga a origem da mais insignificante tristeza, e procura saber se é ela quem a causa, estuda os olhos; para ela, os olhos tingem-se com o pensamento dominante, amam ou não amam. Calisto sabia ser objeto de um culto tão profundo, tão ingênuo, tão cioso, que duvidou poder compor-se um semblante discreto sobre a mudança sobrevinda no seu moral.

“Como farei amanhã de manhã?”, a si mesmo perguntou ao adormecer, e receoso da espécie de inspeção a que Sabina se entregava.

Ao abordar Calisto, e mesmo, por vezes, durante o dia, Sabina perguntava-lhe: “Amas-me sempre?”, ou então: “Não te aborreço?”. Interrogações graciosas, variadas segundo o caráter ou o espírito das mulheres e que lhes ocultam as angústias falsas ou reais.

Emergem à superfície dos mais nobres e puros corações lodos soerguidos pelas tormentas. Assim, pois, no dia seguinte pela manhã, Calisto, o qual certamente amava seu filhinho, estremeceu de alegria ao saber que Sabina estava espreitando a causa de algumas convulsões, temendo o crupe, e que não queria sair de perto do pequeno Calisto. O barão pretextou um negócio e saiu, evitando o almoço em casa. Evadiu-se como os prisioneiros se evadem, feliz por andar a pé, de caminhar pela ponte Luís xvi e pelos Champs-Élysées, em direção a um café do bulevar, onde se deu ao gosto de almoçar como um celibatário.

XIII – QUESTÕES GRAVES

Que haverá pois no amor? Será que a natureza se rebela sob o jugo social? Quererá ela que o impulso da vida dada seja espontâneo, livre, que seja o curso de uma torrente ferosa, quebrada pelos rochedos da contradição, do coquetismo, ao invés de ser uma água correndo tranquilamente entre as duas margens, a da *mairie*^[244] e a Igreja? Terá ela suas intenções, quando incuba essas erupções vulcânicas, às quais são devidas, talvez, aos grandes homens?

Teria sido difícil encontrar um rapaz mais santamente educado do que Calisto, de costumes mais puros, menos poluído de irreligião; e ele saltava para uma mulher indigna dele, quando um clemente, um

radioso acaso lhe apresentara, na baronesa du Guénic, uma jovem de uma beleza verdadeiramente aristocrática, de um espírito fino e delicado, devota, amante e dedicada unicamente a ele, de uma doçura angelical, de mais a mais enternecida pelo amor, por um amor apaixonado apesar do casamento, como era o dele por Beatriz.

Talvez os mais grandes homens tenham guardado em sua constituição um pouco de argila, e por isso o lodo lhes agrade ainda. O ser menos imperfeito seria então a mulher, apesar de suas faltas e de seus despropósitos. Não obstante, a sra. de Rochefide, no meio do cortejo de pretensões poéticas que a cercavam, e apesar de sua queda, pertencia à mais alta nobreza; sua natureza era mais etérea do que lodosa, e ocultava a cortesã que ela se propunha ser, sob as mais aristocráticas aparências. Assim, esta exposição não explicaria a estranha paixão de Calisto. Talvez o motivo fosse achado numa vaidade tão profundamente enterrada, que os moralistas ainda não descobriram esse lado do vício.

Há homens cheios de nobreza como Calisto, belos como ele, ricos e distintos, bem-educados, que se cansam, inconscientemente talvez, de um casamento com uma pessoa de natureza semelhante à deles, seres cuja nobreza não se admira da nobreza, que a grandeza e a delicadeza sempre consoante com a deles deixam calmos, e que vão buscar junto a naturezas inferiores ou decaídas a sanção de sua própria superioridade, se é que todavia não lhes vão mendigar louvores. O contraste da decadência moral e do sublime diverte-lhes o olhar. O puro brilha tanto na vizinhança do impuro! Essa contradição diverte. Calisto nada tinha que proteger em Sabina, ela era irrepreensível, as forças perdidas de seu coração iam todas vibrar em Beatriz. Se grandes homens representaram ante nossos olhos esse papel de Jesus reerguendo a mulher adúltera, por que as pessoas comuns iriam ser mais sensatas?

XIV – O NINHO DO ANJO DECAÍDO

Calisto alcançou as duas horas, vivendo sobre esta frase: “Vou revê-la!”, um poema que muitas vezes distraiu viagens de setecentas

légua... Foi com passo lépido até a rua de Courcelles, reconheceu a casa, embora jamais a tivesse visto, e ficou, ele, genro do duque de Grandlieu, ele, rico, nobre como os Bourbons, detido no primeiro degrau da escada pela pergunta de um velho criado:

— O nome do senhor?

Calisto compreendeu que devia deixar a Beatriz seu livre-arbítrio, e examinou o jardim, os muros ondeados pelas linhas negras e amarelas que as chuvas produzem nas paredes novas de Paris.

A sra. de Rochefide, como quase todas as grandes damas que partem suas cadeias, fugira, deixando a fortuna ao marido; não tinha querido estender a mão ao seu tirano. Conti e a srta. des Touches pouparam os aborrecimentos da vida material a Beatriz, a quem a mãe, de resto, por várias vezes, remetera algum dinheiro. Ao ver-se só, ela foi forçada a economias bastante duras para uma mulher acostumada ao luxo. Subira portanto ao alto da colina, onde se estende o parque de Monceaux, e refugiara-se numa antiga casinha de grão-senhor, situada na linha da rua, dotada porém de um pequeno jardim, e cujo aluguel não ultrapassava mil e oitocentos francos. Não obstante, sempre servida por um velho criado, uma criada de quarto e uma cozinheira de Alençon, ligados à sua desdita, sua miséria teria constituído a opulência para muitas burguesas ambiciosas.

Calisto subiu por uma escada, cujos degraus de pedra tinham sido polidos e cujos patamares estavam cheios de flores. No primeiro andar, o velho criado abriu, a fim de introduzir o barão no apartamento, uma porta dupla de veludo encarnado, com losangos de seda encarnada e pregas douradas. A seda e o veludo forravam as peças, pelas quais Calisto passou. Tapetes de cores sérias, cortinados entrecruzados nas janelas, os reposteiros, tudo no interior contrastava com a mesquinhez do exterior, mal conservado pelo proprietário.

Calisto esperou Beatriz num salão de estilo sóbrio, no qual o luxo se fizera simples. Essa peça, forrada de veludo de cor granate, realçado por sedarias de um amarelo mate, com tapetes de encarnado escuro, e cujas janelas assemelhavam-se a estufas, tal a abundância de flores em jardineiras, estava iluminada por uma claridade tão fraca que Calisto mal pôde ver em cima da chaminé dois vasos de porcelana velha,

encarnados, entre os quais brilhava uma taça de prata atribuída a Benvenuto Cellini[245] trazida da Itália por Beatriz. Os móveis de madeira dourada, forrados de veludo, os magníficos consolos sobre um dos quais havia um relógio curioso, a mesa, com um tapete da Pérsia, tudo atestava uma antiga opulência, cujos restos haviam sido bem-dispostos. Em cima de um pequeno móvel, Calisto viu joias, um livro iniciado, no qual cintilava o cabo ornamentado de pedras preciosas de um punhal, que servia de corta-papel, símbolo da crítica. Finalmente, na parede, dez aquarelas ricamente emolduradas, representando todas elas os quartos de dormir das múltiplas habitações em que a vida errante fizera Beatriz permanecer, davam a medida de uma impertinência superior.

XV – O PRIMEIRO NÃO DO SIM

O ruje-ruje de um vestido de seda anunciou a desditosa; ela mostrou-se numa *toilette* estudada, a qual certamente teria dito a um devasso que estava sendo esperado. O vestido, cortado em feitiço de *robe de chambre*, a fim de deixar entrever um canto do alvo seio, era de *moiré* gris pérola, de grandes mangas abertas, de onde os braços saíam cobertos por uma dupla manga fofa e debruada, guarnecida de rendas no punho. Os belos cabelos que o pente tornara soltos escapavam-se de debaixo de uma touca de rendas e flores.

— Já? — disse ela sorrindo. — Um amante não se mostraria tão solícito. Tem, então, segredos a dizer-me, não é?

E sentou-se numa conversadeira, convidando, com um gesto, Calisto para que tomasse lugar ao lado dela. Por um acaso, talvez procurado (porque as mulheres têm duas memórias, a dos anjos e a dos demônios), Beatriz exalava o perfume que usava nas Touches, quando do seu encontro com Calisto. A primeira aspiração daquele perfume, o contato daquele vestido, o olhar daqueles olhos que, naquela penumbra, atraíam a luz para refleti-la, tudo isso fez Calisto perder a cabeça. O infeliz tornou a encontrar aquela violência que estivera a ponto de o fazer matar Beatriz; dessa vez, porém, a marquesa estava à beira de uma conversadeira, e não do oceano; levantou-se para

tocar a sineta, colocando um dedo nos lábios. A esse sinal, Calisto, chamado à ordem, conteve-se; compreendeu que Beatriz não tinha nenhuma intenção belicosa.

— Antônio, não estou em casa para ninguém — disse ela ao velho criado. — Ponha lenha no fogo. Como vê, Calisto, trato-o como amigo — continuou com dignidade depois do velho sair —, não me trate como a uma amante. Tenho duas observações a fazer-lhe. Primeiro, que não me disputaria tolamente a um homem amado; depois, que não quero mais pertencer a nenhum homem no mundo, porque acreditei, Calisto, ter sido amada por uma espécie de Rizzio,^[246] ao qual nenhum compromisso prendia, por um homem inteiramente livre, e vê onde esse arrebatamento fatal me levou? Quanto a você, está sob o império do mais santo dos deveres, tem uma mulher moça, amável, deliciosa; enfim, é pai. Eu não teria, como você não tem, desculpas, e seríamos dois loucos...

— Minha querida Beatriz, todas essas razões caem diante de uma palavra; nunca amei senão você no mundo, e me casaram contra a vontade.

— Uma peça que a srta. des Touches nos pregou — disse ela sorrindo.

Passaram-se três horas, durante as quais a sra. de Rochefide manteve Calisto na observação da fé conjugal, impondo-lhe o horrível ultimato e uma renúncia radical a Sabina. Nada a poderia tranquilizar, afirmava, na situação horrível em que a colocaria o amor de Calisto. De resto, considerava o sacrifício de Sabina coisa de pouca monta — conhecia-a tão bem!

— É, meu querido menino, uma mulher que cumpre todas as promessas da rapariga. É bem uma Grandlieu, morena como a mãe, a portuguesa, para não dizer alaranjada, e seca como o pai. Para dizer a verdade, sua mulher não se perderá jamais, pois é como um rapaz já feito, que pode andar sozinho. Pobre Calisto, pois podia lá ser essa a mulher que lhe convinha? Ela tem belos olhos, mas olhos como esses são comuns na Itália, na Espanha e em Portugal. Pode-se acaso ser terna com formas tão magras? Eva é loura, as mulheres morenas descendem de Adão, as louras vêm de Deus, cuja mão deixou sobre Eva

seu último pensamento, uma vez realizada a criação.

XVI – O SEGUNDO NÃO DO SIM

Cerca das seis horas, Calisto, desesperado, pegou o chapéu para retirar-se.

— Sim, vai-te, meu pobre amigo, não lhe dês o desgosto de jantar sem ti!

Calisto ficou. Tão moço, era fácil pegá-lo pelos seus maus lados.

— Atrever-se-ia a jantar comigo? — disse Beatriz, fingindo uma admiração provocadora. — Minha modesta refeição não o assustará, e terá suficiente independência para cumular-me de alegria por essa pequena prova de afeição?

— Deixe-me somente — disse ele — escrever um bilhete à Sabina, pois do contrário ela me esperaria até as nove horas.

— Olhe, aqui está a mesa onde escrevo — disse Beatriz. — Ela própria acendeu as velas e trouxe uma para cima da mesa, a fim de ler o que Calisto escrevia.

“Minha querida Sabina...”

— Minha querida! Sua mulher lhe é ainda querida? — disse ela, olhando-o com um ar frio a ponto de gelar-lhe a medula dos ossos. — Vá, vá jantar com ela...

“Janto no restaurante com alguns amigos...”

— Uma mentira! Fora! Você é indigno de ser amado por ela ou por mim!... Os homens são todos covardes conosco! Vá, senhor, vá jantar com a sua querida Sabina.

Calisto recostou-se na poltrona e ficou pálido como a morte.

Os bretões possuem uma espécie de coragem que os leva a obstinar-se, quando encontram dificuldades. O jovem barão ergueu-se, apoiou o cotovelo na mesa, pôs o queixo na mão e fitou com os olhos cintilantes a implacável Beatriz. Foi tão soberbo que uma mulher do Norte ou do Midi teria caído de joelhos, dizendo-lhe: “Toma-me!”. Beatriz, porém, nascida nos limites da Normandia e da Bretanha, pertencia à raça dos Casteran, o ver-se abandonada desenvolvera nela as ferocidades do franco e a maldade do normando; necessitava de um terrível escândalo

como vingança, e não cedeu àquele sublime gesto.

— Dite o que devo escrever, obedecerei — disse o pobre rapaz. — Mas então...

— Pois bem, sim — disse ela—, porque ainda me amarás como me amavas em Guérande. Escreve: “Janto na cidade, não me espere!”.

— E? ... — disse Calisto, que esperou mais alguma coisa.

— Nada, assine. Bem — disse ela, saltando sobre aquele bilhete com uma alegria contida —, vou mandar levar isto por um mensageiro.

— Agora... — exclamou Calisto, levantando-se como um homem feliz.

— Ah! guardei, creio eu, o meu livre-arbítrio!... — disse ela, virando-se e detendo-se a meio caminho da mesa à chaminé onde foi tocar a campainha. — Tome, Antônio, mande levar esse bilhete ao seu endereço. O senhor janta aqui.

XVII – A ESCOLA DA MENTIRA

Calisto voltou para casa cerca das duas horas da manhã. Depois de ter esperado até meia-noite e meia, Sabina deitara-se, acabrunhada de cansaço; dormia, embora tivesse sido vivamente magoada com o laconismo do bilhete do marido; ela, porém, explicou-o!... o amor verdadeiro começa na mulher por explicar tudo vantajosamente para o homem amado.

“Calisto estava com pressa”, pensou.

No dia seguinte de manhã a criança ia bem, as inquietações da mãe se haviam acalmado. Sabina veio rindo, com o pequeno Calisto nos braços, apresentá-lo ao pai, poucos momentos antes do almoço, fazendo aquelas lindas doidices, dizendo aquelas palavrinhas bobas, que fazem e dizem as jovens mães. Essa pequena cena conjugal permitiu a Calisto tomar uma atitude, foi encantador com a mulher, embora achando ser ele um monstro. Brincou como uma criança com o senhor cavaleiro, brincou mesmo um pouco demais, exagerou seu papel, mas Sabina não chegara ainda a esse grau de desconfiança, no qual uma mulher pode distinguir um matiz tão delicado.

Finalmente, ao almoço, Sabina perguntou:

— Que fizeste ontem?

— Portenduère[247] — respondeu ele — reteve-me a jantar e fomos ao clube jogar algumas partidas de uíste.

— É uma vida tola, meu Calisto — disse Sabina. — Os jovens gentis-homens desta época deveriam pensar em reconquistar no seu país o terreno perdido por seus pais. Não é fumando charutos, jogando uíste, tornando mais inaproveitável ainda a sua ociosidade, contentando-se em dizer impertinências aos *parvenus* que os expulsaram de todas as suas posições, apartando-se das massas, para as quais deveriam servir de alma e de inteligência, aparecer-lhes como uma providência, que eles existirão. Em vez de serem um partido, nada mais sereis do que uma opinião, como diz de Marsay.[248] Ah! se soubesses o quanto meus pensamentos se ampliaram desde que embalei e amamentei teu filho! Quisera ver esse velho nome du Guénic tornar-se histórico.

Repentinamente, mergulhando o olhar nos olhos de Calisto, que a ouvia pensativo, disse-lhe:

— Confessa que o primeiro bilhete que me escreveste foi um pouco seco, não?

— Só me lembrei de te prevenir no clube...

— Entretanto, escreveste-me em papel de mulher, pois tinha um perfume feminino.

— São uns tipos tão engraçados esses diretores de clube!

O visconde de Portenduère e a esposa, um casal encantador, tinham-se tornado íntimos dos du Guénic, a ponto de pagarem a meias o camarote nos Italiens. As duas jovens senhoras, Úrsula[249] e Sabina, tinham sido levadas a essa amizade pela deliciosa troca de conselhos, de cuidados, de confidências a propósito dos filhos. Enquanto Calisto, muito bisonho em mentiras, a si mesmo dizia: “Vou prevenir Saviniano”, Sabina pensava: “Pareceu-me que o papel traz uma coroa!...”. Essa reflexão passou como um relâmpago naquela consciência, e Sabina censurou-se por tê-la feito; mas propôs-se procurar o papel que, na véspera, por entre os terrores de que estava possuída, atirara na sua caixa de cartas.

Depois do almoço, Calisto saiu, dizendo à mulher que voltaria; subiu em um desses pequenos veículos baixos, de um só cavalo, pelos quais começavam a substituir o incômodo cabriolé de nossos antepassados. Correu em poucos minutos à rue des Saint-Pères, onde residia o visconde, a quem pediu lhe prestasse o pequeno obséquio de mentir, a troco de possível pagamento, no caso em que Sabina interrogasse a viscondessa. Uma vez na rua, Calisto, tendo previamente pedido a maior rapidez, foi da rue des Saint-Pères à rue de Courcelles em poucos minutos; queria ver como Beatriz passara o resto da noite. Achou a feliz desditosa à saída do banho, fresca, embelezada, e almoçando com excelente apetite. Admirou a graça com que aquele anjo tomava ovos quentes e maravilhou-se do serviço de ouro, presente de um *lord* melômano, para quem Conti fizera algumas romanças, para as quais o *lord dera as suas ideias*, e que as publicara como sendo dele. Ouviu alguns ditos picantes proferidos por seu ídolo, cujo grande assunto era o de diverti-lo, ao mesmo tempo que se zangava e chorava no momento em que ele se retirava. Pensou ter ficado apenas meia hora e voltou para casa somente às três horas. Seu belo cavalo inglês, presente da viscondessa de Grandlieu, parecia sair da água, de tal forma estava molhado de suor. Por um acaso que todas as mulheres ciumentas preparam, Sabina estava de pé junto a uma janela que dava para o pátio, impaciente por não ver Calisto voltar, e inquieta sem saber por quê. O estado do cavalo, cuja boca espumava, impressionou-a.

— De onde vem ele?

Essa pergunta foi-lhe assoprada ao ouvido por aquele poder que não é a consciência, que não é o demônio, que não é o anjo, mas que vê, pressente, mostra-nos o desconhecido, faz crer em seres morais, em criaturas nascidas em nosso cérebro, que vão e vêm, e vivem na esfera invisível das ideias.

— De onde vens, querido anjo? — disse ela a Calisto, a cujo encontro ela desceu até ao primeiro patamar da escada. — Abdel-Kader está quase agitado, não devias ficar senão um momento fora, e faz três horas que te espero.

“Vamos”, disse consigo mesmo Calisto, o qual fazia progressos na dissimulação, “sairei do aperto com um presente.” — Querida ama —

respondeu em voz alta à mulher, enlaçando-a pela cintura com mais carinho do que teria demonstrado se não fosse culpado —, já o vejo, é impossível ter um segredo, por mais inocente que ele seja, para a mulher que nos ama...

— Não se contam segredos na escada — respondeu ela rindo.

—Vem.

XIX – ENSAIO DE TOXICOLOGIA MORAL

No meio do salão que precedia o quarto de dormir, ela viu num espelho o rosto de Calisto, o qual, não sabendo estar sendo observado, deixava transparecer sua fadiga e seus verdadeiros sentimentos, não mais sorrindo.

— E o segredo?... — disse ela, voltando-se.

— Como ama de leite foste de um heroísmo que me torna mais caro ainda o herdeiro presuntivo dos du Guénic, e quis fazer-te uma surpresa, absolutamente como um burguês da rue Saint-Denis. Estão terminando neste momento uma *toilette* para ti, na qual trabalharam artistas; minha mãe e tia Zefirina contribuíram para ela...

Sabina cercou Calisto com os braços, manteve-o apertado contra o coração, com a cabeça no seu pescoço, fraquejando sob o peso da felicidade, não por causa da *toilette*, mas por ver dissipada a primeira suspeita. Foi um desses impulsos magníficos que se contam, e não podem ser prodigalizados por todos amores, mesmo excessivos, porquanto a vida seria demasiado cedo consumida. Os homens deveriam cair então aos pés das mulheres para adorá-las, porque é um momento sublime no qual as forças do coração e da inteligência derramam-se como as águas das ninfas arquiteturas jorram das urnas inclinadas. Sabina desatou em prantos.

Repentinamente, como se uma víbora a mordesse, ela afastou-se de Calisto, foi atirar-se num divã e ali desmaiou, porque a reação súbita do frio sobre o coração inflamado quase a mata. Ao ter Calisto abraçado, ao mergulhar o nariz na gravata dele, entregue como ela estava à sua alegria, sentiu o perfume do papel da carta!... Uma outra cabeça de mulher ali se esfregara, cabeça da qual os cabelos e o rosto

deixavam um cheiro adúltero. Ela acabava de beijar o lugar onde os beijos de sua rival permaneciam ainda quentes!...

— Que tens? — disse Calisto, depois de fazer Sabina voltar a si, passando-lhe pelo rosto um pano molhado.

— Vá buscar meu médico e meu parteiro, os dois! Sim, estou, sinto-o, com febre do leite... Eles não virão neste mesmo momento, se o senhor não for depressa chamá-los...

O *senhor* impressionou Calisto, o qual, muito assustado, saiu precipitadamente. Assim que Sabina ouviu fechar-se a porta da entrada, ergueu-se como uma corça assustada, girou pelo salão como uma louca, bradando:

— Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Essas duas palavras consubstanciavam todas as suas ideias. A crise que ela anunciava como pretexto teve lugar. Os cabelos tornaram-se-lhe na cabeça outras tantas agulhas aquecidas ao rubro pelo fogo dos nervos. O sangue em ebulição pareceu-lhe misturar-se simultaneamente aos seus nervos e querer sair-lhe pelos poros! Durante um momento ficou cega. Gritou:

—Morro!

XX – DE COMO SE VERIFICA QUE NESSA VARIEDADE DE CRISES, A PRIMEIRA NECESSIDADE É A LUZ

Quando, ao ouvir aquele terrível grito de mãe e de esposa atacada, a criada de quarto entrou; quando, agarrada e levada ao leito, ela recuperou a vista e o espírito, o primeiro clarão de sua inteligência foi o de mandar aquela rapariga à casa de sua amiga, a sra. de Portenduère. Sabina sentiu as ideias turbilhonarem-lhe na cabeça como arqueiros levados num furacão.

— Vi — dizia ela mais tarde — miríades ao mesmo tempo.

Tocou a sineta, chamando o criado de quarto, e, na exaltação da febre, teve forças para escrever a seguinte carta, porque estava dominada por um furor, o de ter uma certeza:

Querida mãe, quando vier a Paris, como nos deu a esperança de fazê-lo, eu lhe agradecerei pessoalmente o belo presente que me fez, e pelo qual quiseram a senhora, tia Zefirina e Calisto agradecer-me o ter eu cumprido os meus deveres. Eu já estava bem paga pela minha própria felicidade. Renuncio a exprimir-lhe o prazer que me fez esta encantadora *toilette*, e, somente quando a tiver junto de mim, poderei fazê-lo. Creia que ao enfeitar-me diante desta joia, pensarei sempre, como a dama romana,[250] que meu mais belo ornamento é nosso querido anjinho... etc.

Mandou a criada de quarto pôr esta carta no correio para Guérande. Quando a viscondessa de Portuendère entrou, os tremores de uma terrível febre sucediam, em Sabrina, ao primeiro paroxismo da loucura.

— Úrsula, parece-me que vou morrer — disse-lhe ela.

— O que tens, minha querida?

— O que Saviano e Calisto fizeram finalmente ontem depois de terem jantado em tua casa?

— Que jantar? — retrucou Úrsula a quem o marido ainda não havia dito nada, pois não previa uma enquete imediata. Saviano e eu jantamos juntos ontem e fomos aos Italiens, sem Calisto.

— Úrsula, minha queridinha, em nome do teu amor por Saviano, guarda segredo do que acabas de me dizer e sobre o que eu te direi. Só tu saberás do que estou morrendo... Fui traída, ao cabo do terceiro ano, aos vinte e dois anos e meio!...

Seus dentes batiam, seus olhos estavam gelados, baços, seu rosto revestia-se de tons esverdeados e da aparência de um velho espelho de Veneza.

— Tu, tão bela!... E por quem?...

— Não sei! Mas Calisto contou-me duas mentiras... Nenhuma palavra! Não me lamente, nem te corroas, finge ignorância, saberás talvez *quem* por Saviano. Ah! A carta de ontem!... E tremendo, de camisola, ela pulou para um pequeno móvel onde pegou a carta... Um brasão de marquesa! E gemeu jogando-se de novo na cama. Sabes se a sra. Rochefide está em Paris?... Terei então um coração para chorar, para gemer!... Ah! Minha queridinha, ver suas crenças, sua poesia, seu

ídolo, sua virtude, sua felicidade, tudo em pedaços, tudo murcho, perdido!... Não há mais Deus no céu! Nem mais amor na terra, nem vida no coração, mais nada... Não sei se é dia, duvido do sol... Enfim tenho tanta dor no coração que quase não sinto os atrozes sofrimentos que me trabalham o seio e o rosto. Felizmente, o pequeno está desmamado, meu leite o teria envenenado!

Só de pensar nisso, uma torrente de lágrimas brotou dos olhos até então secos de Sabina.

— A linda sra. de Portenduère, tendo na mão o bilhete fatal que Sabina cheirava uma última vez, permanecia como que aturdida ante aquela dor verdadeira, empolgada por aquela agonia do amor, sem poder explicá-la, apesar das narrativas inocentes pelas quais Sabina tentou contar tudo. Repentinamente, Úrsula foi como que iluminada por uma dessas ideias que só ocorrem às amigas sinceras.

“É preciso salvá-la!”, pensou. — Espera-me, Sabina — gritou-lhe —, vou saber a verdade.

— Ah, a ti, eu te quererei até no meu túmulo! — gritou Sabina.

XXII – PRIMEIRA MENTIRA DE UMA DEVOTA DUQUESA

A viscondessa foi à casa da duquesa de Grandlieu, pediu-lhe o mais profundo segredo e pô-la a par da situação de Sabina.

— Senhora — disse a viscondessa ao terminar —, não é de opinião que, para evitar uma doença horrorosa, e quem sabe, a loucura... tudo devemos confiar ao médico, e inventar, em proveito desse horrível Calisto, alguma fábula que por enquanto o inocente?

— Minha querida filha — disse a duquesa, a quem essa confidência enregelara o coração —, a amizade emprestou-lhe, por um momento, a experiência de uma mulher da minha idade. Sei como Sabina ama o marido, você tem razão, ela poderia ficar louca.

— Mas o que é pior, ela poderia perder a beleza! — disse a viscondessa.

— Corramos — disse a duquesa.

A viscondessa e a duquesa anteciparam-se alguns momentos ao famoso parteiro Dommanget, o único dos dois sábios que Calisto

encontrou.

— Úrsula confiou-me tudo — disse a duquesa à filha —, e tu te enganas... Primeiro que tudo, Beatriz não está em Paris. Quanto ao que teu marido fez ontem, meu anjo, ele perdeu muito dinheiro e não sabe onde ir buscá-lo para pagar tua *toilette*...

— E isto? — disse Sabina à mãe, apresentando-lhe a carta.

— Isto — exclamou a duquesa rindo — é o papel do Jóquei-Clube; todos escrevem em papel com coroa; brevemente nossos merceeiros terão títulos...

A prudente mãe atirou no fogo o malfadado papel. Quando Calisto e Dommanget chegaram, a duquesa, que acabava de dar instruções à criada, foi avisada; deixou Sabina entregue aos cuidados da sra. de Portenduère e deteve no salão o parteiro e Calisto.

— Trata-se da vida de Sabina, senhor — disse ela a Calisto —; o senhor traiu-a com a sra. de Rochefide.

Calisto corou, como uma mocinha ainda honrada, pilhada numa falta.

— E — disse a duquesa continuando —, como o senhor não sabe enganar, fez tal quantidade de disparates que Sabina adivinhou tudo; mas tudo reparei. Não quer a morte de minha filha, não é? Tudo isso, senhor Dommanget, o põe na pista da verdadeira doença e de sua causa... Quanto ao senhor, Calisto, uma mulher velha como eu compreende seu erro, mas sem perdoá-lo. Tais perdões compram-se por toda uma vida de felicidade. Se quer que o estime, salve primeiro minha filha; depois esqueça a sra. de Rochefide, que é mulher para se ter apenas uma vez!... Saiba mentir, tenha a coragem do criminoso e sua impudência. Eu mesma tive de mentir e vou ser forçada a rudes penitências por este pecado mortal!...

E o pôs a par das mentiras que acabava de inventar.

XXIII – UMA SUBLIMIDADE PECULIAR À MULHER, QUANDO SE JULGA AMADA

O hábil parteiro, sentado à cabeceira da doente, já estudava nos sintomas os meios de remediar o mal. Enquanto prescrevia medidas

cujo êxito dependia da maior rapidez na execução, Calisto, sentado nos pés do leito, mantinha os olhos postos em Sabina, tentando dar uma viva expressão de ternura ao seu olhar.

— Foi então o jogo que lhe provocou essas olheiras? — disse ela com voz fraca.

Essa frase fez o médico, a mãe e a viscondessa estremecerem, e todos se entreolharam disfarçadamente. Calisto ficou rubro como uma cereja.

— Aí está o que é amamentar — disse Dommanget espirituosa e brutalmente. — Os maridos se aborrecem de estar separados das mulheres, vão ao clube e jogam... Mas não lamente os trinta mil francos que o senhor barão perdeu nessa noite.

— Trinta mil francos! — exclamou tolamente Úrsula.

— Sim, eu o soube — replicou Dommanget. — Disseram-me esta manhã em casa da jovem duquesa Berta de Maufrigneuse que foi o sr. de Trailles[251] quem os ganhou — disse ele a Calisto. — Como pode o senhor jogar com semelhante indivíduo? Francamente, barão, compreendo por que está tão envergonhado.

Ao ver a sogra, uma duquesa devota, a jovem viscondessa, uma esposa feliz, e um velho parteiro, um egoísta, mentindo como vendedores de curiosidades, o bom e nobre Calisto compreendeu a grandeza do perigo, e duas grossas lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto, o que acabou de enganar a Sabina.

— Senhor — disse ela, sentando-se no leito e encarando, colérica, Dommanget —, o sr. du Guénic pode perder trinta, cinquenta, cem mil francos, se tal lhe aprouver, sem que ninguém tenha o direito de censurá-lo e dar-lhe lições. É preferível que o sr. de Trailles lhe tenha ganho dinheiro do que se fôssemos nós que o tivéssemos ganho ao sr. de Trailles.

Calisto ergueu-se, enlaçou a mulher pelo pescoço, beijou-a nas duas faces e disse-lhe ao ouvido:

— Sabina, és um anjo!...

Dois dias depois, a jovem senhora foi considerada salva. No dia seguinte, Calisto estava em casa da sra. de Rochefide e fazia-se um mérito de sua infâmia.

— Beatriz — dizia-lhe —, você me deve a felicidade. Eu entreguei-lhe minha pobre mulher, ela descobriu tudo. Aquele fatal papel, no qual você me fez escrever e que tinha seu nome e sua coroa que eu não tinha visto!... Eu não via senão você! Felizmente, a letra, seu B, estava apagado por acaso. Mas o perfume que você deixou em mim, mais as mentiras nas quais me enredei como um tolo traíram a minha felicidade. Sabina quase morreu, o leite subiu-lhe à cabeça, ela está com uma erisipela, da qual talvez conserve os vestígios por toda a vida...

Ao ouvir essa tirada, Beatriz ficou com uma cara polar, capaz de gelar o Sena, se a tivesse olhado.

— Pois tanto melhor — respondeu —, isso talvez lha torne mais clara.

E Beatriz, que secara como seus ossos, desigual como sua tez, azeda como sua voz, continuou nesse tom com uma ladainha de epigramas atrozes. Não há maior inépcia para um marido do que falar da esposa, quando esta é virtuosa, à amante, a não ser a de falar da amante, quando esta é bela, à esposa. Calisto, porém, não recebera essa espécie de educação parisiense que deve ser denominada a cortesia das paixões. Não sabia nem mentir à esposa, nem dizer a verdade à amante, duas aprendizagens a fazer, para poder dirigir as mulheres. Por isso viu-se forçado a empregar todo o poder de paixão para obter de Beatriz um perdão solicitado durante duas horas, recusado por um anjo irritado que erguia os olhos para o teto, a fim de não ver o culpado, e que declamava as razões próprias às marquesas com uma voz entremeada de pequeninas lágrimas muito parecidas, furtivamente secadas com a renda do lenço.

— Falar-me em sua mulher, quase no dia seguinte ao da minha falta!... Por que não me diz ser ela uma pérola de virtude? Sei, ela o acha belo por admiração! Isso sim é depravação! Eu amo sua alma! Porque, fique sabendo, querido, você é horroroso, comparado com alguns pastores da Campanha Romana!... etc.

Aquela fraseologia poderá surpreender, mas constituía um sistema profundamente meditado por Beatriz. Em sua terceira encarnação, porque a cada paixão a mulher se torna completamente outra, ela avança mais e mais na velhacaria, única palavra que traduz bem o efeito da experiência dada por tais aventuras. Ora, a marquesa de Rochefide julgara-se em seu espelho. As mulheres de espírito nunca se iludem sobre si mesmas; contam suas rugas, assistem ao nascimento dos pés de galinha, veem surgir as erupções miliares, conhecem-se de cor, e o revelam mesmo demasiado pela grandeza de seus esforços para se conservarem. Por isso, para lutar com uma esplêndida mulher moça, para obter sobre ela seis triunfos por semana, Beatriz pedira recursos à ciência das cortesãs.

Sem se confessar a perversidade desse plano, arrastada a empregar aqueles meios por uma paixão turca pelo belo Calisto, ela a si mesma prometera fazê-lo crer ser ele desgraçoso, feio, malfeito de corpo, e proceder como se o odiasse. Nenhum sistema é mais fecundo com os homens de natureza conquistadora. Para eles, ter de vencer aquele sábio desdém, não é isso o triunfo do primeiro dia, recomeçado todos os dias? É mais, é a lisonja oculta sob a libré do ódio, e devendo-lhe todas as mercês, a verdade de que são revestidas todas as metarmofoses, pelos sublimes poetas desconhecidos que as inventaram. Um homem diz-se então: “Sou irresistível!” ou: “Amo bastante, pois venço-lhe a repugnância”.

Se negardes esse princípio, adivinhado pelas coquetes e as cortesãs de todas as zonas sociais, neguemos os pesquisadores científicos, os buscadores de segredos, repelidos durante anos no seu duelo com as causas secretas. Beatriz duplicara o emprego do desprezo como pistão moral, com a comparação perpétua de um interior poético e confortável, que ela opunha à residência de du Guénic. Toda esposa, que se vê desdenhada e se desleixa, desleixa seu lar, pelo desânimo que dela se apodera. Nessa previsão, a sra. de Rochefide começava com ataques surdos contra o luxo do Faubourg Saint-Germain, classificado de tolo por ela. A cena da reconciliação na qual Beatriz fez Calisto jurar

ódio à esposa que representava, disse ela, a comédia do leite derramado, passou-se num verdadeiro bosquezinho onde ela se requebrava, cercada de flores encantadoras, de jardineiras de um luxo desmedido. A ciência dos nadas, das bagatelas em moda, ela a levou até o abuso em sua casa. Caída em pleno desprezo pelo abandono de Conti, Beatriz queria ao menos a glória que a perversidade dá. A desgraça de uma jovem esposa, de uma Grandlieu rica e bela, ia ser para ela um pedestal.

XXVI – PEQUENO TRATADO DA CERTEZA SOB OUTRO PONTO DE VISTA QUE NÃO O DE PASCAL[252]

Quando uma mulher volta da amamentação do primeiro filho para a vida ordinária, reaparece encantadora, volta mais bonita para a sociedade. Se essa fase da maternidade rejuvenesce as mulheres de uma certa idade, dá às jovens um resplendor elegante, uma alegre atividade, um *brio* de existência, se é permitido aplicar ao corpo o termo que a Itália achou para o espírito.

Quando tentou recomeçar os sedutores hábitos da lua de mel, Sabina não encontrou mais o mesmo Calisto. A desditosa observou, em vez de entregar-se à felicidade. Ela procurou o fatal perfume e sentiu-o. Finalmente não se confiou mais nem à amiga, nem à mãe que tão caridosamente a tinham enganado.

Quis uma certeza, e a certeza não se fez esperar. A certeza nunca falta, é como o sol, logo exige persianas. É, em amor, uma repetição da fábula do lenhador, chamando a Morte: [253] pede-se à certeza que nos cegue.

Uma manhã, quinze dias após a primeira crise, Sabina recebeu esta carta terrível:

À SRA. BARONESA DU GUÉNIC

Guérande

Minha querida filha, minha cunhada Zefirina e eu perdemo-nos em conjecturas,

a propósito da *toilette* de que nos fala em sua carta; escrevo a respeito a Calisto e peço-lhe que me perdoe nossa ignorância. Não pode duvidar dos nossos corações. Estamos acumulando-lhes riquezas. Graças aos conselhos da srta. de Pen-Hoël, relativamente à gestão dos bens de vocês, dentro de algum tempo estarão com um capital considerável, sem que as suas rendas nada tenham sofrido.

Sua carta, querida filha tão amada como se a tivesse trazido em meu seio e a tivesse amamentado com o meu leite, surpreendeu-me por seu laconismo e sobretudo pelo seu silêncio sobre o meu querido pequeno Calisto; você nada tinha a dizer-me do grande. Sei que ele é feliz, mas... etc.

XXVII – UMA ALFINETADA NUMA ARMADURA DE AÇO

Sabina escreveu na carta, atravessado: *A nobre Bretanha não pode estar toda ela a mentir!*... e colocou a carta sobre a secretária de Calisto. Este achou a carta e leu-a. Depois de ter reconhecido a letra e a linha de Sabina, atirou a carta no fogo, bem resolvido a não a ter jamais recebido. Sabina passou toda uma semana em angústias, em cujo segredo estarão as almas angélicas ou solitárias, que a asa do anjo mau jamais roçou. O silêncio de Calisto apavorava Sabina.

— Eu, que devia ser toda meiguice, toda prazer para ele, eu lhe desagradei, feri-o!... Minha virtude fez-se odienta, com certeza humilhei meu ídolo! — dizia ela.

Esses pensamentos cavaram-lhe sulcos no coração. Queria pedir perdão daquela falta, mas a certeza arremessou-lhe novas provas.

Atrevida e insolente, Beatriz escreveu um dia a Calisto para a casa dele; a sra. du Guénic recebeu a carta, entregou-a ao marido sem abri-la; mas disse-lhe com a morte na alma e a voz alterada:

— Meu amigo, esta carta vem do Jóquei-Clube... Conheço o perfume e o papel.

Dessa vez Calisto corou e pôs a carta no bolso.

— Por que não a lê?

— Já sei o que me querem.

A jovem senhora sentou-se. Não teve mais febre. Não chorou mais, mas sentiu uma dessas raivas que, nessas criaturas fracas, geram os milagres do crime, que lhes põem o arsênico nas mãos, ou para elas ou

para as suas rivais. Trouxeram o pequeno Calisto, ela o pegou para o embalar carinhosamente. A criança, recentemente desmamada, buscou o seio através do vestido.

— Este aqui se lembra, o pobre!... — disse ela em voz baixa.

Calisto foi ler a carta no seu apartamento. Depois que ele saiu, a pobre senhora desatou a chorar, mas como as mulheres choram quando estão sós.

XXVIII – UMA REFLEXÃO SOBRE A DOR

A dor, do mesmo modo que o prazer, tem sua iniciação. A primeira crise, como aquela a que Sabina quase sucumbira, não se repetiu, como não se repetem os começos em todas as coisas. É o primeiro recanto da tortura do coração, os outros são esperados, o despedaçamento dos nervos é conhecido, o capital de nossas forças fez sua contribuição para uma resistência enérgica. Por isso Sabina, tendo certeza da traição, passou três horas com o filho nos braços, no canto da lareira, de modo a admirar-se, quando Gasselin, que se tornara criado de quarto, veio dizer:

— O jantar está na mesa, senhora.

— Avise o senhor.

— O senhor não vai jantar aqui, senhora baronesa.

Poderão saber-se todas as torturas que existem, para uma jovem senhora de vinte e três anos, no suplício de achar-se só no meio da imensa sala de jantar de um palácio antigo, servida por criados silenciosos, em semelhantes circunstâncias?

— Atrelem — disse ela de repente —; vou aos Italiens.

Fez uma *toilette* esplêndida, quis mostrar-se só e sorridente como uma mulher feliz. No meio dos remorsos causados pela apostila que pusera sobre a carta, resolvera vencer, fazer Calisto voltar por uma doçura excessiva, pelas virtudes da esposa, por uma ternura de cordeiro pascal. Quis mentir para toda Paris. Ela amava, amava como amam as cortesãs e os anjos, com orgulho, com humildade. Mas davam *Otello*! Quando Rubini cantou: *Il mio cor se divide*,^[254] ela fugiu. A música é muitas vezes mais poderosa do que o poeta e o ator, as duas

mais formidáveis naturezas reunidas. Saviniano de Portenduère acompanhou Sabina até o peristilo e fê-la tomar o carro, sem poder explicar-se aquela fuga precipitada.

XXIX – UM CAPÍTULO ESQUECIDO NA FISIOLOGIA DO CASAMENTO[255]

A senhora du Guénic entrou desde então num período de sofrimentos próprios à aristocracia. Invejosos, pobres, sofrendores, quando vocês virem nos braços das mulheres essas serpentes de ouro com cabeças de diamante, esses colares, esses prendedores, lembrem-se de que essas víboras mordem, que aqueles colares têm pontas venenosas, que aqueles laços tão leves entram ao vivo naquelas carnes delicadas. Todo aquele luxo paga-se.

Na situação de Sabina as mulheres amaldiçoam os prazeres da riqueza, não veem mais os dourados dos seus salões, a seda dos divãs é estopa, as flores exóticas são urtigas, os perfumes fedem, os milagres da cozinha arranham a garganta como pão de centeio e a vida toma a amargura do mar Morto. Dois ou três exemplos pintarão essa reação de um salão ou de uma mulher sobre uma felicidade, de modo que todas aquelas que a sofreram nela encontram suas impressões domésticas.

Prevenida dessa horrível rivalidade, Sabina estudou o marido, quando ele saía, a fim de adivinhar o futuro do dia. E com que furor contido não se atira uma mulher sobre as pontas rubras desse suplício de selvagem!... Que alegria delirante, se ele não ia à rue de Courcelles. Quando Calisto regressou à casa, a observação de sua fronte, do penteado, dos olhos, da fisionomia e da atitude davam um interesse horrível a todas as indagações que esmiuçavam até as minúcias da *toilette*, e que fazem então uma mulher perder sua nobreza e sua dignidade.

Essas funestas investigações, conservadas no fundo do coração, ali se azedavam e corrompiam as delicadas raízes de onde desabrochavam as flores azuis da santa confiança, as estrelas de ouro do amor único, todas as flores do passado...

Um dia Calisto olhou para tudo em casa com mau humor, porque não saíra! Sabina fez-se gatinha e humilde, alegre e espirituosa.

— Estás enfadado comigo, Calisto; achas então que não sou uma boa esposa?... Que há aqui que te desagrada? — perguntou ela.

— Todos estes aposentos são frios e nus — disse ele —, você não entende essas coisas.

— Que lhe falta?

— Flores.

“Bem”, disse Sabina consigo mesma, “segundo parece a sra. de Rochefide gosta de flores.”

Dois dias depois, os apartamentos tinham mudado de aspecto na residência dos du Guénic, ninguém em Paris poderia gabar-se de ter flores mais belas do que as que os enfeitavam.

Algun tempo depois, Calisto, uma noite após o jantar, queixou-se de frio. Torcia-se na sua conversadeira para ver de onde vinha o ar, buscando alguma coisa em torno dele. Sabina levou algum tempo para adivinhar o que significava aquela nova fantasia, ela, cujo palacete tinha um calorífero que aquecia as escadas, as antecâmaras e os corredores. Enfim, após três dias de meditação, ela imaginou que a rival devia estar cercada de um biombo, a fim de obter a penumbra tão favorável à decadência do seu rosto, e trouxe um biombo, porém de espelhos, e de uma riqueza israelita.

“De onde soprará agora a tormenta?”, a si mesma perguntava.

Não estava ainda no fim das críticas indiretas da amante. Calisto comeu em casa de modo a deixar Sabina louca, fazia os criados retirarem os pratos depois de ter *beliscado* duas ou três garfadas.

— Não está bom? — perguntou Sabina, desesperada por ver perdidos assim todos os cuidados aos quais baixava, conferenciando com o cozinheiro.

— Não digo isso, meu anjo — respondeu Calisto sem se zangar —; o que há é que não tenho fome, simplesmente.

Uma mulher, devorada por uma paixão legítima, e que assim luta, entrega-se a uma espécie de fúria para triunfar da rival, e com

frequência ultrapassa o alvo até nas regiões secretas do casamento. Esse combate tão cruel, ardente e incessante nas coisas perceptíveis, e por assim dizer exteriores ao matrimônio, continuava igualmente tão encarniçado nas coisas do coração. Sabina estudava suas atitudes, suas *toilettes*; ela se cuidava nos infinitamente pequenos detalhes do amor.

O assunto da cozinha durou cerca de um mês. Sabina, auxiliada por Mariotte e Gasselin, inventou ardis de *vaudeville* para saber quais os pratos que a sra. de Rochefide apresentava a Calisto. Gasselin substituiu o cocheiro de Calisto, o qual adoecera por ordem, podendo então acamaradar-se com a cozinheira de Beatriz, e Sabina acabou por oferecer a Calisto os mesmos pratos, e até melhores, mas viu-o fazer novamente luxos.

— Que falta? — perguntou.

— Nada — respondeu ele, procurando sobre a mesa um objeto que ali não se achava.

— Ah — exclamou Sabina, no dia seguinte ao despertar —, Calisto queria daqueles besouros moídos, daqueles ingredientes ingleses que não são vendidos em farmácias sob forma de galheteiros, a sra. de Rochefide acostuma-o a toda qualidade de pimentas.

Comprou o galheteiro inglês e seus frascos ardentes; mas não podia prosseguir em tais descobertas até em todas as preparações inventadas pela rival.

XXXI – UMA RAIVA QUE SE PODE CURAR

Esse período durou alguns meses: não há de que se admirar, se se pensa nos atrativos que uma luta apresenta. É a vida, preferível embora com ferimentos e dores, às negras trevas da repugnância, ao veneno do desprezo, ao nada da abdicação, a essa morte do coração chamada a indiferença. Sabina, entretanto, viu fugir-lhe toda a coragem uma noite em que se apresentou com uma dessas *toilettes* que o desejo de vencer a outra inspira às mulheres, e que Calisto disse-lhe rindo:

— Por mais que faças, Sabina, nunca serás senão uma bela andaluza.

— Infelizmente — respondeu ela caindo numa conversadeira —, jamais poderei ser loura; mas sei que, se isto continua, em breve terei trinta e cinco anos.

Recusou ir aos Italiens, quis ficar em casa todo o serão. Ao ficar só, arrancou as flores dos cabelos e pisoteou-as, despiu-se e calçou aos pés o vestido, a *écharpe*, toda a *toilette*, absolutamente como uma cabra enredada nos laços de sua corda e que não para de debater-se, senão quando sente a morte. E deitou-se. A criada de quarto entrou, imagine-se o seu espanto.

— Não é nada — disse Sabina —, foi o senhor!

As mulheres infelizes têm dessas sublimes fatuidades, dessas mentiras, nas quais, entre duas vergonhas que se combatem, a mais feminina prevalece.

Nesse jogo terrível, Sabina emagreceu, o desgosto corroeu-a; mas jamais se afastou do papel que a si própria impusera. Sustentada por uma espécie de febre, seus lábios recalavam as palavras amargas até a garganta, quando o sofrimento lhas sugeria; reprimia os fulgores dos seus magníficos olhos negros, e tornava-os meigos até a humildade. Finalmente, seu definhamento tornou-se em breve sensível. A duquesa, mãe excelente, conquanto sua devoção se tivesse tornado cada vez mais portuguesa, entreviu uma causa mortal no estado verdadeiramente doentio no qual se comprazia Sabina. Ela sabia da intimidade regularizada existente entre Beatriz e Calisto. Teve o cuidado de atrair a filha à sua casa, a fim de tentar curar as feridas daquele coração e sobretudo de arrancá-la ao seu martírio; mas Sabina guardou durante algum tempo o mais profundo silêncio sobre suas desditas por temer que interviessem entre ela e Calisto. Dizia-se feliz!... Na extrema desgraça, ela tornava a encontrar seu orgulho e todas as suas virtudes. Mas depois de um mês, durante o qual Sabina foi acarinhada por sua irmã Clotilde e pela mãe, confessou seus pesares, confiou suas dores, amaldiçoou a vida e declarou que via chegar a morte com uma alegria delirante. Pediu a Clotilde, que queria permanecer solteira, que se tornasse mãe do pequeno Calisto, a mais bela criança que jamais raça real tivesse podido desejar como herdeiro presuntivo.

Uma noite, em família entre sua jovem irmã Atenaïs, cujo casamento com o visconde de Grandlieu devia realizar-se no fim da quaresma, entre Clotilde e a duquesa, Sabina soltou os gritos supremos da agonia do coração, provocados pelo excesso de uma última humilhação.

— Atenaïs — disse ela, ao ver partir, cerca das onze horas, o jovem visconde Justo de Grandlieu —, vais casar-te, que meu exemplo te sirva! Abstem-te, como se se tratasse de um crime, de exhibir tuas qualidades, resiste ao prazer de te adornar com elas, a fim de agradar a Justo. Sê calma, digna e fria, mede a felicidade que deves pela que recebes! É infame, mas é necessário... Vês! Padeço por causa de minhas qualidades. Tudo o que em mim sinto de belo, de santo, de grande, todas as minhas virtudes são escolhos sobre os quais se despedaçou a minha felicidade. Deixo de agradar, porque não tenho trinta e seis anos! Aos olhos de certos homens, a mocidade é uma inferioridade! Nada há a adivinhar num semblante ingênuo. Rio francamente, e isso é um erro! quando, para seduzir, deve-se saber preparar esse meio sorriso melancólico dos anjos decaídos, que são forçados a ocultar dentes compridos e amarelos. Uma tez fresca é monótona! Prefere-se uma maquiagem de boneca feita com carmim, espermacete e *cold-cream*. Sou reta e é a perversidade que agrada! Estou lealmente apaixonada, como uma mulher honesta, e seria preciso ser astuciosa, trapaceira e luxenta como uma comediante da província. Estou ébria de felicidade por ter por marido um dos mais encantadores homens da França, digo-lhe ingenuamente o quanto ele é distinto, o quanto seus movimentos são graciosos, acho-o belo; para agradar-lhe, seria preciso virar a cabeça, com um horror fingido, nada gostar do amor, e dizer-lhe muito simplesmente que sua distinção é um ar doentio, um porte de tuberculoso, gabar os ombros de Hércules Farnese,^[256] zangá-lo e defender-me, como se eu precisasse de uma luta, a fim de ocultar no momento da felicidade algumas dessas imperfeições que podem matar o amor. Tenho a desgraça de admirar as belas coisas, sem pensar em elevar-me pela crítica amarga e invejosa de tudo o que reluz de poesia e beleza. Não tenho necessidade de fazer-me dizer em verso e em prosa

por Canalis e Nathan, que sou uma inteligência superior! Sou uma pobre rapariga ingênua, não conheço senão Calisto. Ah, se eu tivesse corrido mundo como *ela*, se como *ela* eu tivessse dito: “Amo-te!” em todas as línguas da Europa, consolar-me-iam, lamentar-me-iam, adorar-me-iam e eu serviria o regalo macedônico de um amor cosmopolita! Não se agradecem as ternuras que fazemos, senão quando as realçamos por meio de maldades. Enfim eu, mulher nobre, tenho de instruir-me com todas as impurezas, com todos os cálculos das *prostitutas!*... E Calisto que é joguete de todas essas macaquices!... Ó minha mãe! Ó minha querida Clotilde, sinto-me ferida mortalmente. Meu orgulho é uma enganadora defesa, sinto-me inerme contra a dor, continuo a amar meu marido como uma louca, e para fazê-lo voltar a mim, eu deveria pedir à indiferença todas as suas claridades.

— Tola — soprou-lhe Clotilde ao ouvido —, finge que te queres vingar.

— Quero morrer irrepreensível e sem a aparência de uma falta — respondeu Sabina. — Nossa vingança deve ser digna de nosso amor.

— Minha querida — disse a duquesa à filha —, uma mãe deve ver a vida de um modo um pouco mais frio do que esse pelo qual a vês. O amor não é o fim, é o meio para a família; não vás imitar essa pobre pequena baronesa de Macumer.[257] A paixão excessiva é infecunda e mortal. Enfim, Deus manda-nos as aflições com conhecimento de causa... Temos o casamento de Atenaïs arranjado, vou poder ocupar-me de ti... já conversei sobre a crise delicada em que te encontras com teu pai e o duque de Chaulieu, com d’Ajuda,[258] e nós acharemos seguramente o meio de tornar a trazer-te Calisto.

— Com a marquesa de Rochefide há recursos! — disse Clotilde sorrindo à irmã. — Ela não conserva por muito tempo seus adoradores.

— D’Ajuda, meu anjo — continuou a duquesa —, foi cunhado do sr. de Rochefide...[259] Se nosso querido diretor aprovar as pequenas manobras a que precisamos entregar-nos para fazer vingar o plano que submeti a teu pai, posso garantir-te a volta de Calisto. Minha consciência tem repugnância em servir-se de semelhantes meios, e eu os quero submeter à apreciação do abade Brossett. Não vamos esperar, minha filha, que estejas *in extremis*, para acorrermos em teu auxílio.

Espera! Teu pesar é tão grande esta noite que meu segredo me escapa; mas é-me impossível não te dar alguma esperança.

— Isso causará algum desgosto a Calisto? — perguntou Sabina olhando inquieta para a duquesa.

— Oh, meu Deus — exclamou ingenuamente Atenaïs —, serei eu também tão tola assim?

— Ah, menina, tu não conheces os desfiladeiros nos quais a virtude nos precipita, quando ela se deixa guiar pelo amor — respondeu Sabina, fazendo uma espécie de fim de estrofe, de tal forma se achava ela desnorteada pelo pesar.

Essa frase foi dita com uma amargura tão penetrante que a duquesa, esclarecida pelo tom, pelo acento e pelo olhar da sra. du Guénic, temeu alguma desgraça oculta.

— Minhas filhas, é meia-noite, retirem-se — disse ela às duas moças cujos olhos se animavam.

— Apesar dos meus trinta e seis anos, estou demais? — perguntou ironicamente Clotilde.

Enquanto Atenaïs beijava a mãe, ela inclinou-se para Sabina e disse-lhe ao ouvido:

— Tu me dirás o quê!... Irei amanhã jantar contigo. Se minha mãe achar sua consciência comprometida, eu tirarei Calisto das mãos dos infieis!

XXXIII – UMA COMPLICAÇÃO

— E então, Sabina— disse a duquesa, levando a filha para seu quarto de dormir —, vejamos o que há de novo, minha querida.

— Ora, mamãe, estou perdida!

— E por quê?

— Quis vencer aquela horrível mulher, venci, estou grávida, e Calisto ama-a de tal forma que prevejo um abandono completo. Quando a infidelidade que ele cometeu estiver provada, *ela* vai ficar furiosa! Ah! sofro tonturas demasiado fortes para poder resistir-lhes. Sei quando ele a vai ver, vejo-o pela alegria; depois, seu mau humor diz-me quando ele de lá volta. Enfim, ele não se constrange mais, sou-

lhe insuportável. Ela tem sobre ele uma influência tão perniciosa quanto o são seu corpo e sua alma. Verás, ela exigirá, como preço de uma reconciliação, um abandono público, uma ruptura no gênero da dela, ela mo levará talvez para a Suíça ou para a Itália. Ele está começando a achar ridículo não conhecer a Europa, percebo o que significam essas palavras, ditas assim antecipadamente. Se Calisto não ficar curado dentro de três meses, não sei o que acontecerá... Eu sei, matar-me-ei!

— Infeliz criança e tua alma! O suicídio é um pecado mortal.

— Compreende a senhora? Ela é capaz de dar-lhe um filho! E se Calisto quisesse mais ao dessa mulher do que aos meus! Oh, isso é o fim de minha paciência e de minha resignação!

Atirou-se numa cadeira, libertara os últimos pensamentos de sua alma, não tinha mais dores ocultas, e a dor é como a haste de ferro que os escultores põem no interior de sua argila, sustenta-a, é uma força!

— Vamos, volta para casa, pobre aflita! Em presença de tanta infelicidade, o abade dar-me-á sem dúvida a absolvição dos pecados veniais que as artimanhas do mundo nos forcem a cometer. Deixa-me, minha filha — disse ela indo para o seu genuflexório —, vou implorar a Nosso Senhor e a Santa Virgem para ti mais especialmente. Adeus, minha querida Sabina; sobretudo não esqueças nenhum dos teus deveres religiosos, se queres que triunfemos...

— Por mais que triunfemos, mãe, não salvaremos senão a família. Calisto matou em mim o santo fogo do amor, embotando-me em tudo, mesmo no sentimento da dor. Que lua de mel essa em que achei, desde o primeiro dia, o amargor de um adultério retrospectivo!

QUINTA PARTE

AS PERFÍDIAS DE UMA DEVOTA

I – UMA CONSULTA ESPIRITUAL

No dia seguinte, cerca de uma hora da tarde, um dos curas do Faubourg Saint-Germain, designado para um dos bispados vagos, em 1840, cúria três vezes recusada por ele, o abade Brossette, padre dos mais distintos do clero de Paris, atravessava o pátio do pátio de Grandlieu, com esse passo que deve ser denominado passo eclesiástico, de tal modo representa ele a prudência, o mistério, a calma, a gravidade e a própria dignidade.

Era um homem pequeno e magro, de cerca de cinquenta anos, de rosto alvo como o de uma mulher velha, enregelado pelos jejuns do padre, encovado por todos os sofrimentos que ele desposava. Dois olhos negros, ardentes de fé, adoçados porém por uma expressão mais

misteriosa do que mística, animavam aquelas faces de apóstolo. Quase sorria ao subir os degraus da escadaria exterior, tal a desconfiança que tinha da enormidade dos casos, para os quais sua ovelha o mandava chamar; mas como a mão da duquesa era furada para as esmolos, valia bem o tempo que suas inocentes confissões roubavam às sérias misérias da paróquia. Ao ouvir anunciar o cura, a duquesa levantou-se, deu alguns passos no salão, na direção dele, distinção que só concedia aos cardeais, aos bispos, ao simples padres, às duquesas mais idosas do que ela e às pessoas de sangue real.

— Meu caro abade — disse ela, designando-lhe ela mesma uma poltrona e falando em voz baixa —, necessito da autoridade de sua experiência, antes de me atirar numa perigosa intriga, mas da qual deve resultar um grande bem, e desejo saber do senhor se acharei na senda da salvação espinhos a propósito disso...

— Senhora duquesa — respondeu o abade Brossette —, não misture as coisas espirituais com as coisas mundanas, elas são com frequência irreconciliáveis. Antes de mais nada, de que se trata?

— Como sabe, minha filha Sabina se está consumindo de dor; o sr. du Guénic a está abandonando pela sra. de Rochefide.

— É muito horrível, é grave; mas a senhora sabe o que a respeito diz o nosso querido são Francisco de Sales.^[260] Enfim, lembre-se da sra. Guyon,^[261] que se queixava da falta de misticismo nas provas do amor conjugal; ela ter-se-ia sentido muito feliz se visse seu marido ter uma sra. Rochefide.

— Sabina não pode exhibir mais mansidão do que a que apresenta, é em toda a aceção do termo a esposa cristã; mas não tem a mínima queda para o misticismo.

— Pobre jovem senhora! — disse maliciosamente o cura. — Que foi que a senhora achou para remediar esse mal?

— Cometi o pecado, meu caro diretor, de pensar em soltar nas pegadas da sra. de Rochefide um lindo e jovem senhor, voluntarioso, cheio de más qualidades, que certamente fará com que meu genro seja posto de lado.

— Minha filha, não estamos aqui — disse ele acariciando o queixo — no tribunal da penitência; não tenho de tratá-la como juiz. Sob o ponto

de vista mundano, confesso que seria decisivo.

— Esse meio pareceu-me realmente odioso! — replicou ela.

— E por quê? Sem dúvida, o papel de uma cristã seria antes o de retirar uma mulher pervertida do mau caminho do que empurrá-la mais para a frente; mas quando ela se acha tão metida quanto o está a sra. de Rochefide, não é mais o braço do homem, e sim o de Deus que reconduz essas pecadoras ao bom caminho; necessitam que as atinjam raios particulares.

— Meu pai — continuou a duquesa —, agradeço-lhe sua indulgência; mas pensei que meu genro é valente e bretão, foi heroico por ocasião da empresa temerária daquela pobre *madame*.[\[262\]](#) Ora, se o jovem estouvado, que se encarregar de amar a sra. de Rochefide, tivesse seus dares e tomares com Calisto, e daí se seguisse um duelo...

— Teve nisso, senhora duquesa, um pensamento ajuizado, o que prova que, nessas vias tortuosas, sempre se encontram obstáculos imprevistos.

— Descobri um meio, meu caro abade, de fazer um grande bem de retirar a sra. de Rochefide da senda fatal em que ela se acha, de restituir Calisto à esposa, e talvez salvar do inferno uma pobre criatura transviada...

— Mas então por que consultar-me? — disse o cura sorrindo.

— Ah — replicou a duquesa —, precisamos permitir-nos ações bem feias...

— Não quer roubar ninguém?

— Pelo contrário, gastarei provavelmente muito dinheiro.

— Não vai caluniar? Não... ?

— Oh!

— Não prejudicará ao próximo?

— Eh! eh! Não garanto.

— Vejamos seu novo plano — disse o abade, que ficou curioso.

— Se em vez de expulsar um prego com outro, pensei eu no meu genuflexório, depois de ter implorado à Santa Virgem que me esclarecesse, eu fizesse despedir Calisto pelo sr. de Rochefide, convencendo a este para que se reconciliasse com a esposa; em lugar de emprestar as mãos ao mal a fim de operar o bem para minha filha,

eu realizaria um grande bem por outro não menor...

O cura contemplou a portuguesa e ficou pensativo.

— É evidentemente uma ideia que lhe veio de tão longe que...

— Por isso — continuou a boa e humilde duquesa —, agradei à Virgem! E fiz a promessa, sem contar uma novena, de dar mil e duzentos francos a uma família pobre, se triunfasse. Mas quando comuniquei esse plano ao sr. de Grandlieu, ele pôs-se a rir e me disse: “Na vossa idade, palavra de honra, creio que vocês têm um diabo só para vocês”.

— O senhor duque deu, como marido, a resposta que eu lhe ia dar, quando a senhora me interrompeu — replicou o abade, o qual não pôde deixar de sorrir.

— Ah, meu pai, se o senhor aprova a ideia, aprova também os meios de execução? Trata-se de fazer em casa de uma certa sra. Schontz, uma Beatriz do bairro de Saint-Georges, o que eu queria fazer com a sra. de Rochefide, a fim de que o marido retomasse a esposa.

— Estou certo de que a senhora nada poderá fazer de mal — disse espirituosamente o cura, o qual nada mais quis saber, por achar necessário o resultado. — A senhora, de resto, me consultaria, no caso em que sua consciência murmurasse — acrescentou ele.

— Se em vez de dar a essa senhora do bairro de Saint-Georges uma nova oportunidade de escândalo, a senhora lhe desse um marido?

— Ah, meu caro diretor, o senhor retificou a única coisa ruim que havia em meu plano. O senhor é digno de ser arcebispo, e espero não morrer sem dizer-lhe “Vossa Eminência”.

— Em tudo isso não vejo senão um inconveniente — disse o cura.

— Qual?

— Se a sra. de Rochefide conservasse o senhor barão, mesmo reconciliando-se com o marido?

— Isso é comigo — disse a duquesa. — Quando se faz poucas intrigas, a gente as faz...

— Mal, muito mal — interrompeu o abade —; o hábito é necessário em tudo. — Trate de aliciar um desses tratantes, que vivem na intriga, e empregue-o sem que a senhora apareça.

— Ah senhor cura, se nos servimos do inferno, o céu estará

conosco?

— A senhora não está no confessional — conclui o abade —, salve sua filha.

A boa duquesa, encantada com o seu cura, acompanhou-o até a porta do salão.

II – O HOMEM ABANDONADO

Como se vê, rugia uma tormenta sobre a cabeça do sr. de Rochefide, o qual, nesse momento, gozava da maior quantidade de felicidade que um parisiense possa desejar, ao sentir-se em casa da sra. Schontz tão marido como em casa de Beatriz: e como judiciosamente dissera o duque à esposa, parecia impossível desorganizar uma existência tão encantadora e completa.

Essa presunção obriga-nos a leves detalhes, a respeito da vida que o sr. de Rochefide levava, desde que a esposa fizera dele um *homem abandonado*. Compreender-se-á então a diferença enorme que nossas leis e costumes estabelecem para os dois sexos, nessa situação. Tudo o que para uma mulher abandonada se torna uma desgraça, transforma-se em felicidade num homem abandonado. Esse contraste impressionante inspirará, talvez a mais de uma jovem esposa, a resolução de permanecer no seu lar, e de aí lutar, como Sabina du Guénic, praticando, à sua escolha, as mais assassinas virtudes ou então as mais inofensivas.

Alguns dias após a fuga de Beatriz, Artur de Rochefide, que se tornara filho único, devido à morte da irmã, primeira esposa do marquês d'Ajuda-Pinto, o qual não teve filhos, viu-se senhor, primeiro, do palácio de Rochefide, na rue d'Anjou-Saint-Honoré, depois, de duzentos mil francos de renda que o pai lhe deixou. Essa opulenta herança, acrescentada à fortuna que Artur possuía ao casar-se, elevou seus rendimentos, incluída a fortuna da esposa a mil francos por dia. Para um gentil-homem dotado do caráter que a srta. des Touches descreveu em poucas palavras a Calisto, essa fortuna já era a felicidade.

Enquanto a mulher estava por conta do amor e da maternidade, Rochefide gozava de imensa fortuna, mas não a gastava, do mesmo

modo que não gastava o espírito. Sua boa e espessa vaidade, já satisfeita com o aspecto de belo homem, ao qual devera alguns êxitos que lhe serviam de base para desprezar as mulheres, expandia-se igualmente, com toda a liberdade nos domínios da inteligência. Dotado dessa espécie de espírito que deve ser chamado refletor, apropriava-se dos bons ditos dos outros, dos das peças teatrais ou dos jornalecos, pelo modo de repeti-los; parecia fazer troça deles, repetindo-os caricaturalmente e aplicando-os como fórmulas de crítica; finalmente, sua alegria militar (servira na Guarda Real) apimentava com eles tão a propósito a conversação que as mulheres sem espírito proclamavam-no um homem espirituoso, e as outras não se atreviam a contradizê-las.

Esse sistema, Artur seguia-o em tudo; devia à natureza o cômodo gênio da imitação; sem ser símio, imitava gravemente. Assim, pois, quase sem ter gosto, ele sabia ser sempre o primeiro a adotar e a abandonar as modas. Acusado de passar demasiado tempo em sua *toilette*, e de usar espartilho, apresentava o modelo dessas pessoas que nunca desagradam a ninguém, desposando incessantemente as ideias e as tolices de todos, e que, sempre a cavaleiro das circunstâncias, não envelhecem. São os heróis da mediocridade.

Esse marido foi lamentado, acharam Beatriz indesculpável por ter abandonado a melhor criatura deste mundo, e o ridículo atingiu somente à mulher. Membro de todos os clubes, assinante de todas as tolices engendradas pelo patriotismo ou pelo espírito de partido mal compreendidos, complacência que fazia com que o pusessem na primeira fila a propósito de tudo, esse leal, esse bravo e muito tolo gentil-homem, com o qual infelizmente tantos ricos se parecem, devia naturalmente querer distinguir-se por alguma mania na moda. Vangloriava-se pois, principalmente, de ser o sultão de um serralho de quatro patas, governado por um velho escudeiro inglês e que absorvia por mês de quatro a cinco mil francos. Sua especialidade consistia em *fazer correr*, protegia a raça cavalар, sustentava uma revista consagrada a assuntos hípicas; mas seu conhecimento em matéria de cavalos era medíocre, e, desde as rédeas até às ferraduras, confiava no seu tratador. É o quanto basta para dizer-lhes que esse meio-

celibatário nada tinha que intrinsecamente lhe pertencesse, nem o espírito, nem o gosto, nem a situação, nem os ridículos; finalmente, a fortuna vinha-lhe dos pais.

Depois de haver saboreado todos os incômodos do casamento, sentiu-se tão feliz ao ver-se só, que entre amigos dizia: “Eu nasci empelcado!”. Feliz, sobretudo, por viver sem as despesas de representação a que são forçadas as pessoas casadas; seu palácio, no qual desde a morte do pai nada mudara, assemelhava-se a esses cujos donos estão viajando: ele permanecia pouco ali, não comia em casa, e raramente dormia lá. Eis a razão dessa indiferença.

III – DO MODO POR QUE O RATO, ACUSADO DE SER UM ANIMAL DESTRUIDOR, É UM ANIMAL CONSTRUTOR

Depois de muitas aventuras amorosas, enjoado das mulheres da alta sociedade, que verdadeiramente são enfadonhas e, ademais, abusam do plantio de sebes de espinhos secos em torno da felicidade, ele casara-se, como se vai ver, com a célebre sra. Schontz, célebre na sociedade das Fanny Beaupré, das Suzana du Val-Noble, das Marieta, das Florentina, das Jenny Cadine[263] etc. etc.

Essa sociedade, da qual um dos nossos desenhistas disse espirituosamente, ao apontar para o turbilhão por ela formado no baile da Ópera: “Quando se pensa que tudo isso mora, veste-se e vive bem, temos uma valente ideia do homem!”, essa sociedade tão perigosa já fez irrupção nesta história de costumes, com as figuras típicas de Florina e da ilustre Málagá de *Uma filha de Eva* e de *A falsa amante*, [264] mas, para pintá-la fielmente, o historiador deve proporcionar o número desses personagens à diversidade dos desenlaces de suas singulares existências, as quais se terminam pela indigência sob sua forma mais hedionda, por mortes prematuras, pela abastança, por casamentos felizes, algumas vezes pela opulência.

A sra. Schontz, a princípio conhecida por Pequena Aurélia, a fim de a distinguir de uma de suas rivais muito menos espirituosas do que ela, pertencia à classe mais elevada dessas mulheres, cuja utilidade social não pode ser posta em dúvida nem pelo prefeito do Sena, nem por

aqueles que se interessam pela prosperidade da cidade de Paris. Certamente, o rato incumbido de demolir fortunas, muitas vezes hipotéticas, rivaliza, de preferência, com o castor. Sem as Aspásias do bairro de Notre-Dame de la Lorette, não se construiriam tantas casas em Paris. Pioneiras das paredes novas, elas vão rebocadas pela especulação ao longo das colinas de Montmartre, plantando as estacas de suas tendas, seja dito sem trocadilho[265] naquelas solidões de pedras de cantaria esculpidas que guarnecem as ruas europeias de Amsterdã, de Milão, de Estocolmo, de Londres, de Moscou, estepes arquiteturais, onde o vento faz mugir numerosas tabuletas que lhes acusa o vazio por estas palavras: *Aluga-se este apartamento!*

A situação dessas damas determina-se pela que elas tomam nesses bairros apócrifos: se sua casa se aproxima da linha traçada pela rua de Provença, a mulher tem rendas, seu orçamento é próspero; mas, se essa mulher sobe para a linha dos bulevares exteriores, ou ascende para a horrorosa cidade de Batignolles, é porque está sem recursos. Ora, quando o sr. de Rochefide encontrou a sra. Schontz, ela ocupava o terceiro andar da única casa existente na rua de Berlim, acampando portanto nos limites da desgraça e nos de Paris.

IV – HISTÓRIA NORMAL DAS GRISETTES DISTINTAS

Essa mulher de vida airada não se chamava, como o leitor já o deve ter previsto, nem Schontz, nem Aurélia. Ocultava o nome do pai, um velho soldado do Império, o eterno coronel que floresce na aurora dessas existências femininas, seja como pai, seja como sedutor. A sra. Schontz fora favorecida com a educação gratuita de Saint-Denis, onde se educa admiravelmente as jovens, mas não se lhes oferece nem marido, nem destino, ao saírem dessa escola, admirável criação do imperador, à qual nada falta, a não ser uma única coisa: o imperador! “Eu estarei presente para prover às filhas dos meus legionários”, respondeu ele à observação de um dos seus ministros que previa o futuro. Napoleão disse também: “Eu estarei aí!” para os membros do Instituto, aos quais não se deveria dar nenhum ordenado de preferência a enviar-lhes oitenta e três francos por mês, ordenado inferior ao de certos serventes

de escritório.

Aurélia era realmente a filha do intrépido coronel Schiltz, um chefe desses audaciosos partidários alsacianos, que estiveram a ponto de salvar o imperador na campanha da França, e morreu em Metz, saqueado, roubado, arruinado.

Em 1814, Napoleão pôs em Saint-Denis a pequena Josefina Schiltz, então de nove anos de idade. Órfã de pai e mãe, sem asilo, sem recursos, essa pobre criança não foi expulsa do estabelecimento na segunda volta dos Bourbons. Ela foi ajudante de professora até 1827; mas então faltou-lhe paciência, e sua beleza seduziu-a. Em sua maioridade, Josefina Schiltz, afilhada do imperador, abordou a vida aventureira das cortesãs, impelida para esse duvidoso futuro pelo exemplo fatal de algumas camaradas, sem recursos como ela, e que se felicitavam pela resolução que haviam tomado. Substituiu um *on* ao *il* do nome paterno e colocou-se sob o patronato de Santa Aurélia.

Viva, espirituosa, instruída, cometeu mais erros do que as suas estúpidas companheiras, cujas faltas tinham por base o interesse. Depois de ter conhecido escritores pobres porém desonestos, espirituosos porém endividados; depois de ter experimentado algumas pessoas ricas, tão calculistas como tolas, depois de ter sacrificado o sólido ao amor verdadeiro, de ter-se permitido todas as escolas onde se adquire experiência, num dia de extrema miséria, no qual, no baile de Valentino, essa primeira etapa de Musard, [266] ela dançava trajando um vestido, um chapéu, uma mantilha emprestados, atraiu a atenção de Artur, que ali fora para ver o famoso galope! Com seu espírito fanatizou aquele gentil-homem que não sabia mais a que paixão dedicar-se; e então, dois anos depois de ter sido abandonado por Beatriz, cujo espírito frequentemente o humilhava, o marquês não foi censurado por ninguém por casar-se na décima terceira circunscrição de Paris, [267] com uma Beatriz de segunda mão.

V – OS QUATRO TEMPOS DA DÉCIMA TERCEIRA CIRCUNSCRIÇÃO

PRIMEIRO TEMPO

Esboçemos aqui as quatro estações dessa felicidade. É necessário mostrar que a teoria do casamento na décima terceira circunscrição abrange igualmente todos os administrados. Marquês e quadragenário, ou sexagenário e negociante retirado, seis vezes milionário ou vivendo das rendas (ver *Uma estreia na vida*),[268] grão-senhor ou burguês, a estratégia da paixão, salvo as diferenças inerentes às zonas sociais, não varia. O coração e a caixa estão sempre em relações exatas e definidas. Enfim, avaliaremos as dificuldades que a duquesa devia encontrar na execução de seu plano caridoso.

Não se sabe qual é, na França, o poder das palavras sobre as pessoas comuns, nem o mal que fazem as pessoas de espírito que as inventam. Assim, nenhum guarda-livros poderia calcular a cifra das quantias que permaneceram improdutivas, aferrolhadas no fundo dos corações generosos e das caixas por esta ignóbil frase: *Tirer une carotte* (“cair no calote”). Essa expressão tornou-se tão popular, que é forçoso permitir-lhe que suje esta página. De resto, ao penetrar na décima terceira circunscrição, é forçoso aceitar-lhe o patoá pitoresco. O sr. de Rochefide, como todos os espíritos estreitos, estava sempre com medo de ser logrado! Desde o começo de sua paixão pela sra. Schontz, Artur esteve em guarda, e foi então muito *rat*, para pedir outro termo às oficinas de felicidade e de pintura. O termo *rat*, aplicado a uma rapariga, significa a conviva, mas, aplicado ao homem, significa o anfitrião que regateia.

A sra. Schontz tinha demasiado espírito e conhecia demasiado bem os homens para não conceber as maiores esperanças, de acordo com semelhante começo. O sr. de Rochefide estabeleceu uma mesada de quinhentos francos para a sra. Schontz, mobiliou-lhe mesquinamente um apartamento de mil e duzentos francos, num segundo andar, na rue Coquenard, e pôs-se a estudar o caráter de Aurélia, a qual imediatamente lhe forneceu um caráter para que ele o estudasse ao aperceber-se daquela espionagem. Por isso Rochefide sentiu-se feliz por encontrar uma rapariga de tão belo caráter; mas nada viu de admirável nisso, porquanto a mãe era uma Barnheim de Baden, uma senhora distinta; Aurélia, de resto, fora tão bem-educada!... Falando o inglês, o alemão e o italiano, ela possuía a fundo as literaturas

estrangeiras. Podia lutar sem desvantagem com pianistas de segunda ordem. E notem este ponto: portava-se com seus talentos como as pessoas de boa linhagem, nunca falava neles. Pegava um pincel na oficina de um pintor, manejava-o por troça, e pintava uma cabeça bem às direitas, capaz de provocar uma admiração geral. Para encher o tempo, na época em que definhava como professora adjunta, fizera suas pequenas excursões no terreno das ciências; mas sua vida de mulher amancebada cobrira essas boas sementes com uma capa de sal e, naturalmente, galardoou o seu Artur com a floração desses germes preciosos, novamente cultivados para ele.

Aurélia começou, pois, por ser de um desinteresse igual à voluptuosidade, o que permitiu àquela frágil corveta opor solidamente seu arpão naquela nave de alto bordo. Não obstante, para o fim do primeiro ano, ela fazia barulhos ignóbeis na antecâmara, com os seus tamancos, preparando-se para voltar no momento em que o marquês a esperava, e ocultava, de modo a que o vissem bem, uma fimbria de vestido afrontosamente enlameada. Finalmente, soube tão bem convencer seu *coronel* que toda a sua ambição, após tantos altos e baixos, era a de conquistar honradamente uma pequena existência burguesa, que dez meses depois de se terem encontrado, declarou-se a segunda fase.

VI – SEGUNDO TEMPO

A sra. Schontz obteve então um belo apartamento na rue Neuve-Saint-Georges. Artur, não podendo mais dissimular sua fortuna à sra. Schontz, deu-lhe uma mobília esplêndida, uma baixela de prata completa, mil e duzentos francos por mês, um pequeno carro baixo, para um cavalo, mas de aluguel, e concedeu muito graciosamente o tigre.[269]

A sra. Schontz não lhe foi absolutamente grata por essa munificência, descobriu os motivos do procedimento do seu Artur e nele reconheceu os cálculos do *rat*. Farto da vida de restaurante, onde o passadio é na maioria das vezes execrável, onde o mais insignificante jantar de um apreciador da boa mesa custa sessenta francos para uma

peessoa, e duzentos francos quando se convidam três amigos, Rochefide ofereceu à sra. Schontz quarenta francos diários para o seu jantar e o de um amigo, tudo incluído. Aurélia aceitou. Depois de ter feito aceitar todas as suas letras de câmbio de moral, a um ano de prazo, sobre os hábitos do sr. de Rochefide, ela foi então ouvida favoravelmente, quando reclamou mais quinhentos francos por mês para a sua *toilette*, a fim de não envergonhar seu *bom papai*, cujos amigos eram todos sócios do Jóquei-Clube.

— Seria muito bonito — dizia ela — se Rastignac, Máximo de Trailles, d'Esgrignon, la Roche-Hugon, Ronquerolles, Laginski, Lenoncourt[270] e outros viessem encontrá-lo com uma sra. Everard! [271] De resto confie em mim, meu velhinho, você ganhará com isso.

Efetivamente, Aurélia arranhou-se para exibir novas virtudes nessa nova fase. Ela mostrou-se num papel de dona de casa, do qual tirou um maior partido. Chegava ao fim do mês, dizia ela, com dois mil e quinhentos francos, o que jamais fora visto no Faubourg Saint-Germain da décima terceira circunscrição, e apresentava jantares infinitamente superiores aos de Nucingen,[272] nos quais bebiam vinhos deliciosos de dez a doze francos a garrafa. Por esse motivo, Rochefide, maravilhado, muito feliz por poder convidar frequentemente os amigos para a casa da amante, fazendo com isso economias, dizia, enlaçando-a pela cintura:

— Aqui está um tesouro!...

Não tardou em tomar para ela a assinatura de um terço de camarotes nos Italiens, depois acabou levando-a às primeiras representações. Começava a consultar a sua Aurélia, reconhecendo a excelência dos conselhos que ela lhe dava, a qual deixava-o apropriar-se dos ditos de espírito que ela dizia, a propósito de tudo, os quais, não sendo conhecidos, aumentaram sua reputação de homem divertido. Finalmente adquiriu a certeza de ser amado verdadeiramente, e por ele mesmo. Aurélia recusou fazer a felicidade de um príncipe russo, à razão de cinco mil francos por mês...

— Você é feliz, meu caro marquês — exclamou o velho príncipe Galathionne,[273] ao terminar, no clube, uma partida de uíste.

— Ontem, quando você nos deixou a sós, a sra. Schontz e eu, quis

ver se lha podia surrupiar; ela, porém, disse-me: “Príncipe, o senhor não é mais belo, mas é mais velho do que Rochefide; o senhor me surraria, e ele é como que um pai para mim, ache-me aí a quinta parte de um bom argumento para mudar!... Não tenho por Artur a paixão louca que tive por uns jovens biltres de botas envernizadas, e cujas dívidas era eu quem pagava; mas amo-o como uma mulher ama o marido, quando é uma mulher honrada”. E com estas palavras pôs-me no olho da rua.

Esse discurso, que não cheirava a *arranjo*, teve como resultado auxiliar prodigiosamente o estado de abandono e de degradação que desonrava o palácio de Rochefide. Em breve Artur transportou sua vida e seus prazeres para a casa da sra. Schontz e deu-se bem com isso; porque, ao cabo de três anos, achava-se com quatrocentos mil francos por colocar.

VII – TERCEIRO TEMPO

A terceira fase começou. A sra. Schontz tornou-se a mais terna das mães para o filho de Artur; ia buscá-lo ao colégio e levava-o ela mesma; encheu de presentes, de gulodices e de dinheiro aquela criança, que a chamava de mamãezinha, e que a adorou. Entrou no manejo da fortuna do seu Artur, fê-lo comprar títulos de renda na baixa, antes do famoso tratado de Londres[274] que derrubou o ministério do 1º de março. Artur ganhou duzentos mil francos e Aurélia não pediu um ceitel. Como um gentil-homem que era, Rochefide colocou esses seiscentos mil francos em ações do banco, pondo a metade em nome da srta. Josefina Schiltz.

Um pequeno palacete, alugado na rue de la Bruyère, foi entregue a Grindot, esse grande arquiteto em pequenas decorações, com ordem de fazer dele uma voluptuosa *bonbonnière*. Rochefide desde então não fez mais contas com a sra. Schontz, a qual recebia as rendas e pagava as despesas. Transformada em sua mulher... de confiança, ela justificou esse título, tornando seu bom papai mais feliz do que nunca; reconhecera-lhe os caprichos, satisfazia-os como a Madame Pompadour[275] lisonjeava as fantasias de Luís xv. Finalmente, foi a

amante oficial, senhora absoluta. Por isso, permitiu-se então proteger alguns rapazinhos sedutores, artistas, homens de letras recém-nascidos para a glória, os quais negavam os antigos e os modernos, e tratavam de conseguir uma grande reputação fazendo pouca coisa.

O procedimento da sra. Schontz, obra-prima de tática, deve revelar-lhes toda a sua superioridade. Primeiro, dez ou doze rapazinhos divertiam Artur, forneciam-lhe ditos de espírito, opiniões refinadas sobre todas as coisas, e não punham em suspeição a fidelidade da dona da casa; depois, consideravam-na como uma mulher eminentemente espirituosa. Por isso, esses anúncios vivos, esses artigos ambulantes, fizeram a sra. Schontz passar por ser a mulher mais agradável que se conhecesse nos limites que separam a décima terceira circunscrição das outras doze.

As rivais de Aurélia, Suzana Gaillarde,[276] a qual desde 1838 tinha sobre ela a vantagem de se ter tornado uma mulher casada, por um casamento legítimo, pleonasmo necessário para explicar um casamento sólido, Fanny Beaupré,[277] Marieta,[278] Antônia,[279] espalhavam calúnias mais do que maliciosas sobre a beleza daqueles rapazes, e a respeito da complacência com que o sr. de Rochefide os acolhia. A sra. Schontz que *distanciava* de três *pilhérias*, dizia ela, todo o espírito daquelas damas, uma vez, numa ceia dada por Nathan em casa de Florina, depois de um baile da Opéra, disse-lhes após ter-lhes explicado sua fortuna e seu êxito um “Façam outro tanto!...” cuja recordação foi conservada. A sra. Schontz fez vender os cavalos de corrida durante esse período, entregando-se a considerações que sem dúvida devia ao espírito crítico de Cláudio Vignon, um dos frequentadores de sua casa.

— Eu conceberia — disse ela uma tarde, depois de ter durante muito tempo chicoteado os cavalos com suas pilhérias — que os príncipes e a gente rica tomassem a peito a hipiatria, mas para o bem do país, e não para as satisfações pueris de um amor-próprio de jogador. Se você tivesse haras em suas terras, se lá você criasse de mil a mil e duzentos cavalos, se cada um fizesse correr os melhores cavalos de seu haras, se todos os haras da França e da Navarra concorressem a cada solenidade, seria grande e belo; mas vocês comprem animais, como os

diretores teatrais fazem o comércio de artistas, vocês rebaixam uma instituição até não ser ela mais do que um jogo, têm a Bolsa das pernas, como têm a Bolsa dos títulos! Isso é indigno. Gastaria você por acaso sessenta mil francos para ler no jornais: *lélia, do sr. de Rochefide, venceu por um corpo a flor de giesta, do sr. duque de Réthoré?*[280] Mais valeria então dar esse dinheiro a poetas, que o fariam ir em prosa ou em verso para a imortalidade, como o falecido Monthyon![281]

À força de ser picado, o marquês reconheceu o vazio do turfe, realizou essa economia de sessenta mil francos, e, no ano seguinte, a sra. Schontz disse-lhe:

— Eu não te custou mais nada, Artur!

Muita gente rica teve inveja, então, do marquês, por ter ele a sra. Schontz e procuraram tirar-lha; mas como aconteceu com o príncipe russo, perderam no intento a sua velhice.

— Ouve, meu caro — dissera ela quinze dias antes a Finot,[282] que se tornara muito rico —, estou certa de que Rochefide me perdoaria uma paixãozinha, se eu enlouquecesse por alguém, e nunca se deixa um marquês daquela boa pasta por um *parvenu* como tu. Jamais me manerias na posição em que Artur me colocou, ele fez de mim uma meia esposa, *comme il faut*, e tu jamais o poderias conseguir, mesmo desposando-me.

Foi esse o último prego enterrado que completou o acorrentamento daquele feliz forçado. A declaração chegou aos ouvidos ausentes para os quais fora feita.

VIII – QUARTO TEMPO

Começara pois a quarta fase, a do *hábito*, a última vitória desses planos de campanha e que faz que essa espécie de mulheres digam de um homem: “Tenho-o fisdado!”. Rochefide, que acabava de comprar o pequeno palacete em nome da srta. Josefina Schiltz, pela bagatela de oitenta mil francos, chegara, por ocasião dos projetos formados pela duquesa, a envaidecer-se de sua amante, a quem chamava de Ninon ii, [283] celebrando-lhe assim a rigorosa probidade, as maneiras excelentes, a instrução e o espírito. Resumira seus defeitos e suas

qualidades, seus gostos e seus prazeres pela sra. Schontz e achava-se nessa passagem da vida, na qual, ou por lassidão, ou por indiferença, ou mesmo por filosofia, um homem não muda mais e se contenta com a própria esposa ou com a amante.

Compreender-se-á todo o valor adquirido em cinco anos pela sra. Schontz, ao saber-se que era preciso ser proposto com muita antecedência para ser-se apresentado em casa dela. A sra. Schontz recusava receber gente rica enfadonha, gente decadente; não se afastava dos seus rigores senão para os grandes nomes da aristocracia.

— Esses — dizia ela — têm o direito de ser burros, porque o são *comme il faut*.

Possuía ostensivamente os trezentos mil francos que Rochefide lhe dera e que um corretor bom moço, Gobenheim,[284] o único a ser admitido em casa dela, punha a render; ela porém manobrava sozinha uma pequena fortuna secreta, de duzentos mil francos, provenientes de suas economias realizadas durante os últimos três anos, e dos juros produzidos pelo movimento perpétuo dos trezentos mil francos, pois que ela não confessava nunca senão os trezentos mil francos conhecidos.

— Quanto mais a senhora ganha, menos se enriquece — disse-lhe um dia Gobenheim.

— A água está tão cara — respondeu ela.

— A dos diamantes? — perguntou Gobenheim.

— Não, a do rio da vida.

O tesouro ignorado se avolumava com as joias, os diamantes que Aurélia usava durante um mês e depois vendia, de quantias dadas para pagar fantasias passadas. Quando a diziam rica, a sra. Schontz respondia que pela taxa das rendas, trezentos mil francos davam doze mil francos de juro, e que ela os gastava nos tempos mais rigorosos de sua vida, quando amava Lousteau.[285]

IX – ÚLTIMA PALAVRA DAS LORETTES DISTINTAS[286]

Esse procedimento anunciava um plano, e a sra. Schontz tinha efetivamente um plano, podem crê-lo. Invejosa, fazia dois anos, da sra.

du Bruel,[287] mordia-lhe o coração a ambição de ser casada na *mairie* e na igreja. Todas as posições sociais têm seu fruto proibido, uma pequena coisa aumentada pelo desejo a ponto de pesar tanto como o mundo. Essa ambição estava necessariamente reforçada pela de um segundo Artur, que nenhuma espionagem podia descobrir. Bixiou[288] quis ver o preferido no pintor Leão de Lora,[289] este o via em Bixiou que já passava dos quarenta anos e que devia pensar em estabilizar sua vida.

As suspeitas também recaíam em Vítor de Vernisset,[290] um jovem poeta da escola de Canalis, cuja paixão pela sra. Schontz chegava ao delírio; e o poeta acusava Stidmann, um escultor, de ser seu feliz rival. Esse artista, um lindo rapaz, trabalhava para os ourives, para os negociantes de bronze, para os joalheiros: queria repetir Benvenuto Cellini. Cláudio Vignon, o jovem conde de la Palférine,[291] Gobenheim, Vermanton,[292] filósofo cínico, outros frequentadores daquele salão divertido, foram sucessivamente objeto de suspeição e mais tarde reconhecidos inocentes.

Ninguém estava à altura da sra. Schontz, nem mesmo Rochefide, que julgava ter ela um fraco pelo jovem e espirituoso la Palférine; ela era virtuosa por cálculo e só pensava em fazer um bom casamento.

Em casa da sra. Schontz via-se apenas um homem de reputação equívoca, Couture,[293] o qual por mais de uma vez fizera os bolsistas berrarem, mas Couture era um dos primeiros amigos da sra. Schontz e somente ela lhe permanecera fiel. A falsa alerta de 1840 arrebatou os últimos capitais daquele especulador que acreditou na habilidade do 1º de março. Aurélia, vendo-o de má sorte, fizera, como vimos, Rochefide jogar em sentido contrário. Foi ela quem classificou o último desastre daquele inventor de bônus e de comanditas, uma *découture*...[294] Feliz por ter seu talher sempre posto em casa de Aurélia, Couture, a quem Finot, o homem hábil, ou, se quiserem, o mais feliz de entre os *parvenus*, dava, de vez em quando, algumas notas de mil francos, era o único suficientemente calculista para oferecer seu nome à sra. Schontz, a qual o estudava para saber se o ousado especulador teria poder para abrir-se caminho em política, e suficiente gratidão para não abandonar a esposa. Couture, homem de cerca de quarenta e três anos, muito

gasto, não compensava a má sonoridade de seu nome pelo nascimento, pouco falava dos autores de seus dias. A sra. Schontz gemia pela raridade das pessoas de valor, quando Couture, ele mesmo, lhe apresentou um provinciano que resultou possuir duas asas pelas quais as mulheres pegam essa espécie de cântaros, quando os querem guardar.

Esboçar essa personagem será pintar uma certa parte da atual mocidade. A digressão aqui será histórica.

X – UMA DAS DOENÇAS DO SÉCULO

Em 1838, Fabiano du Ronceret, filho de um presidente da Câmara no real tribunal de Caën falecido fazia um ano, deixou a cidade de Alençon, dando sua demissão de juiz, posto em que o pai o obrigara a perder o tempo, dizia ele, e veio para Paris com a intenção de se abrir caminho, fazendo barulho, ideia normanda difícil de realizar, porquanto podia dispor apenas de oito mil francos de renda, por viver ainda sua mãe, e ocupar como usufrutuária um prédio muito importante no centro de Alençon.

Esse rapaz em várias viagens a Paris já experimentara sua habilidade no arame, como saltimbanco, e reconheceu o grande vício da reestruturação social de 1820; por isso contava explorá-la em proveito próprio, seguindo o exemplo dos espertalhões da burguesia. Isto exige um rápido exame dos efeitos da nova ordem de coisas.

A igualdade moderna, exageradamente desenvolvida nos nossos dias, despertou forçosamente na vida privada, numa linha paralela à vida política, o orgulho, o amor-próprio, a vaidade, as três grandes divisões do *eu* social. Os tolos querem passar por gente de espírito, a gente de espírito quer ser tratada como gênio; quanto aos gênios, esses são mais razoáveis, consentem em ser apenas semideuses.

Essa inclinação do espírito público atual, que na Câmara deixa o industrial com inveja do homem de Estado, e o administrador invejoso do poeta, impele os tolos a difamar as pessoas de espírito, as pessoas de espírito a difamar os homens de talento, e estes a difamar aqueles de entre eles que os ultrapassam de algumas polegadas, e os

semideuses a ameaçar as instituições, o trono, tudo enfim que não os adora incondicionalmente. Assim que uma nação abateu muito impoliticamente as superioridades sociais reconhecidas, abre diques por onde se precipita uma torrente de ambições secundárias, das quais a menor quer assim mesmo preponderar; tinha na sua aristocracia um mal, no dizer dos democratas, mas um mal definido, circunscrito; troca-o por dez aristocracias rivais e armadas, a pior das situações.

Ao se proclamar a igualdade de todos, foi promulgada a *Declaração dos direitos da inveja*. Gozamos hoje das saturnais da Revolução transportadas para o domínio, na aparência sossegado, do espírito, da indústria e da política; por isso, parece que as reputações devidas ao trabalho, aos serviços prestados, ao talento, sejam privilégios concedidos à custa da massa. Em breve, a lei agrária será estendida até o campo da glória. Nunca, portanto, em tempo algum, foi pedida a seleção do próprio nome na peneira pública a motivos mais pueris. As distinções são buscadas a qualquer preço, pelo ridículo, por um simulacro de amor pela causa polonesa, pelo sistema penitenciário, pelo futuro dos forçados libertados, pelos pequenos biltres de mais ou de menos de doze anos, por todas as misérias sociais. Essas diversas manias criam dignidades falsas, presidentes, vice-presidentes e secretários de sociedades, cujo número em Paris ultrapassa o das questões que se procura resolver. Demoliram a sociedade para fazer um milhar de pequenas sociedades, constituídas à imagem da defunta. Não revelam a decomposição essas organizações parasitas? Não é isso o formigamento dos vermes do cadáver? Todas essas sociedades são filhas da mesma mãe, a vaidade. Não é assim que procedem a caridade católica ou a verdadeira beneficência; elas estudam os males e as chagas, curando-as, e não peroram em assembleias sobre os princípios maléficos pelo prazer de perorar.

XI – UM ESPECULADOR EM IDIOTICES

Fabiano du Ronceret, sem ser um homem superior, adivinhara pelo exercício desse sentido ávido peculiar à Normandia todo o partido que podia tirar daquele vício público. Cada época tem o seu caráter que as

pessoas hábeis exploram. Fabiano não pensava senão em fazer falar dele.

— Meu caro, é preciso fazer falar da gente para ser-se alguma coisa! — dizia ele ao falar com o rei de Alençon, du Bousquier, [295] um amigo do pai. —Daqui a seis meses, eu serei mais conhecido do que você.

Fabiano traduzia assim o espírito de seu tempo, não o dominava, obedecia-lhe. Estreara na Boêmia, um distrito da topografia moral de Paris, onde ficou conhecido com o apelido de o Herdeiro, devido a algumas prodigalidades premeditadas. Du Ronceret aproveitara-se das loucuras de Couture pela linda sra. Cadine, uma das novas atrizes a quem se atribuía mais talento numa das cenas secundárias, e para quem, durante sua efêmera opulência, ele arranjava, na rue Blanche, um delicioso andar térreo com jardim. Foi assim que du Ronceret e Couture travaram relações.

O normando, que queria luxo pronto e já feito, comprou a mobília de Couture e os embelezamentos que fora obrigado a deixar no apartamento, um quiosque onde se fumava, uma galeria de madeira rústica guarnecida de esteiras indianas e ornamentada de vasos de cerâmica, pela qual se ia para o quiosque em dias de chuva. Quando se felicitava o Herdeiro pelo seu apartamento, ele o chamava de *seu covil*. O provinciano abstinha-se de dizer que Grindot, o arquiteto, ali desenvolvera todo o seu saber, como Stidmann o fizera com as esculturas e Leão de Lora com as pinturas: porquanto tinha como defeito capital esse amor-próprio que vai até a mentira, no desejo de se engrandecer. O Herdeiro completou aquelas magnificências por uma estufa que instalou ao correr de uma parede com exposição ao sul, não que gostasse de flores, mas porque queria atacar a opinião pública pela horticultura. Naquele momento estava a ponto de atingir seu alvo. Tendo se tornado vice-presidente de uma sociedade jardineira qualquer, presidida pelo duque de Vissembourg, irmão do príncipe de Chiavari, filho mais moço do falecido marechal Vernon,[296] ornara com a fita da legião de honra sua casaca de vice-presidente, após uma exposição de produtos, cujo discurso de abertura, comprado por quinhentos francos a Lousteau, foi ousadamente pronunciado como da

sua lavra. Foi notado por uma flor que lhe *dera* o velho Blondet[297] de Alençon, pai de Emílio Blondet,[298] e que ele exibiu como tendo sido colhida em sua estufa. Esse êxito nada era. O Herdeiro, que queria ser aceito como um homem de espírito, formara o plano de ligar-se com as pessoas célebres, para refletir-lhes a glória, plano de execução difícil ao se lhe dar por base apenas um orçamento de oito mil francos. Por isso, Fabiano du Ronceret dirigira-se sucessivamente e, sem êxito, a Bixiou, a Stidmann, a Leão de Lora, para ser apresentado à sra. Schontz e fazer parte daquela turma de leões em todas as especialidades. Pagara tão seguidamente o jantar a Couture, que este provou categoricamente à sra. Schontz que ela devia adquirir semelhante original, quando mais não fosse para fazer dele um desses elegantes lacaios sem ordenado, que as donas de casa empregam em comissões para as quais não se encontra criados.

XII – UM POMBO REFRATÁRIO

Em três serões, a sra. Schontz penetrou Fabiano e a si mesma disse:

“Se Couture não me convém, tenho certeza de encilhar esse. Agora meu futuro vai caminhar por si só.”

Aquele tolo, de quem todos zombavam, tornou-se pois o preferido, mas numa intenção que tornava a preferência injuriosa, e essa escolha fugia a todas as suposições por sua própria impossibilidade. A sra. Schontz embriagava Fabiano de sorrisos, concedidos disfarçadamente, de pequenas cenas representadas na soleira da porta ao reconduzi-lo em último lugar, quando o sr. de Rochefide ficava à noite. Punha seguidamente Fabiano como terceiro com Artur no seu camarote, nos Italiens, e nas primeiras representações, pretextando prestar-lhe ele tal ou qual serviço e que não sabia como agradecer-lhe.

Os homens têm entre eles uma fatuidade que, aliás, partilham com as mulheres, a de serem amados absolutamente. Ora, de todas as paixões lisonjeiras, nenhuma é mais apreciada do que as de uma sra. Schontz, para aqueles a quem elas tornam objeto de um amor chamado de coração, em oposição ao outro amor. Uma mulher como a sra. Schontz, que representava o papel de grande dama, e cujo valor real

era superior, devia ser, e foi, um motivo de orgulho para Fabiano, o qual se apaixonou por ela a ponto de nunca se apresentar senão em *toilette* de rigor, botas envernizadas, luvas cor de palha, camisa bordada e com bofes, coletes cada dia mais variados, enfim, todos os sintomas exteriores de um culto profundo.

Um mês antes da conferência da duquesa com o seu diretor, a sra. Schontz confiara o segredo de seu nascimento e do seu verdadeiro nome a Fabiano, o qual não compreendeu a finalidade daquela confidência. Quinze dias depois, a sra. Schontz, admirada da falta de inteligência do normando, exclamou:

— Meu Deus, que tolíce a minha! Ele se julga amado por ele mesmo!

E levou então o Herdeiro na sua caleça, ao Bois, pois que fazia um ano que ela tinha uma pequena caleça, baixa, para dois cavalos.

Nessa entrevista em público, ela tratou do assunto de seu destino e declarou querer casar-se.

— Tenho setecentos mil francos — disse ela —; confesso-lhe que, se encontrasse um homem ambicioso e que soubesse compreender o meu caráter, eu mudaria de situação, porque, quer saber qual é meu sonho? Eu quisera ser uma boa burguesa, entrar para uma família honrada e fazer meu marido e meus filhos muito felizes.

Ao normando agradava-lhe ser distinguido pela sra. Schontz; mas desposá-la pareceu-lhe uma loucura discutível para um rapaz de trinta e oito anos que fora feito juiz pela Revolução de Julho. Ao ver essa hesitação, a sra. Schontz fez do Herdeiro alvo dos seus ditos de espírito, de seus gracejos, do seu desdém, e voltou-se para Couture. Em oito dias o especulador, a quem ela fez farejar sua caixa, ofereceu-lhe a mão, o coração e o futuro, três coisas do mesmo valor.

As manobras da sra. Schontz achavam-se nesse ponto quando a sra. de Grandlieu procurou informar-se da vida e dos costumes da Beatriz da rue de Saint-Georges.

XIII – INFLUÊNCIA DE UMA POSIÇÃO SOCIAL

De acordo com o conselho do abade Brossette, a duquesa pediu ao marquês d'Ajuda que lhe trouxesse à casa o rei dos salteadores

políticos, o célebre conde Máximo de Trailles, o arquiduque da Boêmia, o mais jovem dos jovens, conquanto tivesse cinquenta anos. O sr. d'Ajuda arranjou-se de modo a jantar com Máximo no clube da rue de Beaume, e propôs-lhe para ir fazer uma *perna* em casa do duque de Grandlieu, o qual, com um ataque de gota antes do jantar, achava-se só.

Conquanto o genro do duque de Grandlieu, o primo da duquesa, tivesse perfeitamente o direito de o apresentar num salão onde jamais pusera os pés, Máximo de Trailles não se iludiu quanto ao alcance de um convite assim feito e pensou que o duque e a duquesa precisavam dele. Não é um dos menores caracteres dos tempos que correm essa vida de clube, na qual se joga com gente a quem não se recebe na própria casa.

O duque de Grandlieu fez a Máximo a honra de fingir-se doente. Após quinze partidas de uíste, foi deitar-se deixando a esposa a sós com Máximo e d'Ajuda. A duquesa, auxiliada pelo marquês, comunicou seu projeto ao sr. de Trailles e solicitou-lhe sua colaboração, afetando pedir-lhe somente conselhos. Máximo ouviu até o fim, sem se pronunciar, e esperou, para falar, que a duquesa reclamasse diretamente sua cooperação.

— Senhora, compreendi tudo perfeitamente — disse-lhe ele então, depois de dirigir a ela e ao marquês um desses olhares atilados, profundos, astutos, completos, pelos quais esses grandes tratantes sabem comprometer seus interlocutores. — D'Ajuda lhe dirá que se há em Paris alguém que possa dirigir essa dupla negociação, sou eu, sem comprometê-la, sem mesmo que saibam ter eu estado aqui esta noite. Somente, antes de mais nada, estabeleçamos os preliminares de Leoben.^[299] Que é que se dispõe a sacrificar?

— Tudo o que for preciso.

— Bem, senhora duquesa. Assim, por preço de meus serviços a senhora me fará a honra de receber em sua casa e proteger seriamente a sra. condessa de Trailles.

— És casado? — exclamou d'Ajuda.

— Caso-me dentro de quinze dias com a herdeira de uma família rica, porém excessivamente burguesa, um sacrifício feito à opinião

pública, entro no próprio princípio de meu governo! Quero fazer vida nova. Assim, pois, a senhora duquesa compreende de que importância seria para mim a adoção de minha esposa por ela e por sua família. Tenho a certeza de vir a ser deputado pela renúncia de meu sogro das suas funções e tenho a promessa de um posto diplomático em harmonia com a minha nova fortuna. Não vejo por que motivo minha esposa não seria recebida tão bem como a sra. de Portenduère nessa sociedade de jovens senhoras, onde brilham as sras. de la Bastie,[300] Jorge de Maufrigneuse,[301] de l'Estorade,[302] du Guénic, d'Ajuda,[303] Restaud,[304] de Rastignac[305] e de Vandenesse![306] Minha mulher é bonita e encarrego-me de a *desemburguesar*!... Convém-lhe isso, senhora duquesa? A senhora é devota e, se disser sim, sua promessa, que sei ser sagrada, muito auxiliará a mudança de minha vida. Será mais uma boa ação que a senhora praticará!... Infelizmente, fui durante muito tempo o rei dos libertinos; mas quero ter um bom fim. Afinal de contas, nós usamos um *escudo de blau, com uma quimera de ouro vomitando fogo, armada de goles e escamada de sinople; e um cúmulo de contra-arminho*, desde Francisco i, o qual julgou necessário enobrecer o criado de quarto de Luís xi, e somos condes desde Catarina de Médicis.

— Eu receberei e guiarei sua esposa — disse solenemente a duquesa — e os meus não lhe darão as costas, dou-lhe a minha palavra.

— Ah senhora duquesa — exclamou Máximo, visivelmente comovido —, se o senhor duque digna-se também tratar-me com alguma benevolência, prometo-lhe eu fazer seu plano triunfar, sem que isso lhe custe grande coisa. Mas — prosseguiu ele após uma pausa — é preciso que a senhora se resigne a obedecer às minhas instruções... É esta a última intriga de minha vida de rapaz, e por isso deve ela ser tanto mais bem dirigida, por tratar-se de uma bela ação — disse ele sorrindo.

— Obedecer-lhe?... — disse a duquesa. — Quer dizer que eu vou aparecer em tudo isso?

— Ah, senhora, eu não a comprometerei — exclamou Máximo — e estimo-a demasiado para não acautelar-me suficientemente. Trata-se unicamente de seguir meus conselhos. Assim, por exemplo, é preciso

que du Guénic seja levado como uma relíquia pela esposa, que fique ausente durante dois anos, que esta lhe faça ver a Suíça, a Itália, a Alemanha, enfim o maior número de países possível.

— Ah, o senhor responde a um temor do meu diretor — exclamou ingenuamente, recordando-se da judiciosa objeção do abade Brossette.

Máximo e d'Ajuda não puderam deixar de sorrir, ante aquela concordância entre o céu e o inferno.

— A fim de que a sra. de Rochefide não reveja Calisto — retrucou ela —, nós viajaremos todos, Justo e sua mulher, Calisto e Sabina, e eu. Deixarei Clotilde com o pai...

— Não cantemos vitória, senhora — disse Máximo —, pois entrevejo enormes dificuldades, que sem dúvida vencerei. Sua estima e sua proteção são um prêmio que me vai obrigar a fazer grandes sujeiras; mas serão as...

— Sujeiras? — disse a duquesa, interrompendo aquele moderno *condottiere* e mostrando na fisionomia tanta repulsa quanto admiração.

— E a senhora tomará parte nelas, visto que sou seu procurador. Mas ignora acaso a que grau de cegueira a sra. de Rochefide fez chegar seu genro... Estou informado disso por Nathan e Canalis, entre os quais ela hesitava, quando Calisto se atirou na goela dessa leoa! Beatriz teve a habilidade de convencer a esse bravo bretão de que ela jamais amou outro que não ele, que é virtuosa, que Conti foi uma dessas paixões cerebrais, na qual o coração e o resto não tomaram quase parte, finalmente um amor musical!... Quanto a Rochefide, foi por dever. Assim, pois, como a senhora pode compreender, ela é virgem! Prova-o bem, não se lembrando do filho, não tendo feito, faz um ano, o menor esforço para vê-lo. Na realidade, o pequeno conde fará em breve doze anos, e acha na sra. Schontz uma mãe que é tanto mais que, como a senhora deve saber, a maternidade é a paixão dessa espécie de mulheres. Du Guénic far-se-ia cortar em pedacinhos e picaria ele mesmo a esposa por Beatriz! E a senhora acredita que se possa retirar facilmente um homem, quando ele se acha no fundo do abismo da credulidade?... Mas, senhora, o Iago de Shakespeare ali perderia todos os seus lenços. Acredita-se que Otelo,[\[307\]](#) que seu irmão mais novo

Orosmane,[308] que Saint-Preux,[309] René,[310] Werther[311] e outros apaixonados célebres representam o amor! Nunca os pais deles, de coração de gelo, conheceram o que é um amor absoluto, somente Molière o suspeitou. O amor, senhora, não é amar uma nobre mulher, uma Clarissa![312] grande esforço, na verdade! O amor é dizer-se: “Aquele a quem amo é uma infame, engana-me, enganar-me-á, é uma velhaca, tresanda a todos os assados do inferno...” e correr para ela, achar-lhe o azul do éter, as flores do paraíso. Eis como Molière amava, eis como nós outros, libertinos, amamos; porque eu choro na grande cena de Arnolfo!...[313] E eis como seu genro ama Beatriz!... Terei trabalho em separar o sr. de Rochefide da sra. Schontz, mas a sra. Schontz prestar-se-á a isso com certeza; vou estudar-lhe o interior. Quanto a Calisto e Beatriz, precisam de machadadas, de traições superiores e de uma tão baixa infâmia, que sua virtuosa imaginação não desceria a tanto, a menos que seu diretor lhe desse a mão... A senhora pediu o impossível e será servida... E apesar de minha resolução de empregar o ferro e o fogo não lhe garanto absolutamente o sucesso. Sei de amantes que não recuam ante as mais honrosas decepções. A senhora é por demais virtuosa para conhecer o domínio conseguido pelas mulheres que não o são...

— Não inicie essas infâmias sem que previamente consulte o abade Brossette, para saber até que ponto sou sua cúmplice! — exclamou a duquesa com uma ingenuidade que revelava todo o egoísmo que há na devoção.

— A senhora ignorará tudo, minha querida mãe — disse o marquês d’Ajuda.

XIV – INFLUÊNCIA DE UMA RELAÇÃO SOCIAL E DE UMA POSIÇÃO

No peristilo, enquanto a carruagem do marquês se aproximava, d’Ajuda disse a Máximo:

— Você assustou essa boa duquesa.

— É que ela não suspeita a dificuldade do que pede!... Vamos ao Jóquei-Clube. É preciso que Rochefide me convide para jantar amanhã em casa da Schontz; porque esta noite meu plano estará feito e terei

escolhido no meu tabuleiro de xadrez os peões que terão de marchar na partida que vou jogar. No tempo do seu esplendor, Beatriz não me quis receber, eu saldarei minha conta com ela e vingarei sua cunhada tão cruelmente que é bem possível ela ache ter sido vingada em demasia.

No dia seguinte, Rochefide disse à sra. Schontz que jantaria com eles o sr. Máximo de Trailles. Equivalia isso a preveni-la que exhibisse seu luxo e preparasse a mais deliciosa refeição para aquele conhecedor emérito, temido por todas as mulheres do gênero da sra. Schontz; por isso preocupou-se ela tanto em sua *toilette* como em pôr a casa em estado de receber aquele personagem.

Em Paris existem quase tantas realezas como artes diferentes, especialidades morais, ciências e profissões; e o mais forte daqueles que a praticam tem sua majestade que lhe é própria; é apreciado, respeitado por seus pares, os quais conhecem as dificuldades do ofício, e cuja admiração é adquirida por aqueles que as sabem manobrar. Máximo, aos olhos dos *rats* e das cortesãs, era um homem excessivamente poderoso e capaz, porquanto soubera fazer-se prodigiosamente querer. Era admirado por quantos sabiam o como era difícil viver em Paris em boas relações com os credores; enfim, não tivera outro rival em elegância, em atitudes e espírito, que não o ilustre de Marsay que o empregara em missões políticas. Isto basta para explicar sua entrevista com a duquesa, seu prestígio em casa da sra. Schontz e a autoridade de sua palavra numa conferência que ele pretendia ter no Boulevard des Italiens, com um rapaz moço e já célebre, conquanto recentemente ingressado na boêmia de Paris.

No dia seguinte, ao despertar, Máximo de Trailles ouviu anunciarem Finot, a quem na véspera mandara chamar, pediu-lhe que agenciasse o acaso de um almoço no Café Inglês, onde Finot, Couture e Lousteau dariam à língua perto dele. Finot, que se achava em frente ao conde de Trailles na posição de um segundo-tenente diante de um marechal da França, nada podia recusar-lhe; de resto era muito perigoso dar uma picada naquele leão. Por isso, quando Máximo veio almoçar, viu Finot e seus dois amigos instalados à mesa; a conversação já se orientara para a sra. Schontz. Couture, bem manobrado por Finot e por Lousteau, que foi compadre inconsciente de Finot, informou ao

conde de Trailles tudo o que ele queria saber a respeito da sra. Schontz. Cerca de uma hora, Máximo mastigava seu palito enquanto conversava com du Tillet,[314] à entrada do Tortoni,[315] onde, entre especuladores, se faz aquela pequena Bolsa, prefácio da grande. Parecia preocupado com negócios, mas estava à espera do jovem conde de la Palférine, que dentro de algum tempo devia passar por ali.

O Boulevard des Italiens é hoje o que era a Pont-Neuf em 1650, todas as pessoas conhecidas atravessavam-no uma vez por dia pelo menos. Com efeito, ao cabo de dez minutos, Máximo soltou o braço de du Tillet, fazendo um sinal de cabeça ao jovem príncipe da Boêmia e dizendo-lhe a sorrir:

— Duas palavras, conde!...[316]

XV – AO LUSCO-FUSCO

Os dois rivais, o astro em declínio, e o outro um sol que se erguia, foram sentar-se em quatro cadeiras na calçada do café de Paris. Máximo teve o cuidado de colocar-se a certa distância de alguns velhotes que, por hábito, se colocam como espaldeiras, desde uma hora da tarde, a fim de secar suas afecções reumáticas. Tinha excelentes motivos para desconfiar dos anciãos. (Ver *Um homem de negócios*[317] em *Cenas da vida parisiense*.)

— Você tem dívidas? — disse Máximo ao jovem conde.

— Se não as tivesse, seria eu digno de suceder-lhe? — respondeu la Palférine.

— Quando faço semelhante pergunta, não é que ponha a coisa em dúvida — replicou Máximo —, quero unicamente saber se o total é respeitável e se chega a cinco ou a seis!

— Cinco ou seis o quê?

— Seis algarismos! Se deve cinquenta ou cem mil francos?... Eu, por exemplo, cheguei a dever seiscentos mil.

La Palférine tirou o chapéu de modo tão respeitoso quanto irônico.

— Se eu tivesse crédito para tomar empréstados cem mil francos — respondeu o rapaz —, eu esqueceria os meus credores e iria passar minha vida em Veneza, no meio das obras-primas da pintura, à noite

no teatro, e mais tarde com lindas mulheres, e...

— E ao chegar à minha idade que seria de você? — respondeu Máximo.

— Não chegarei até aí — replicou o jovem conde.

Máximo pagou a gentileza do rival, erguendo ligeiramente o chapéu um gesto de gravidade risível.

— É um outro modo de ver a vida — respondeu num tom de conhecedor para conhecedor. — Você deve?

— Oh, uma miséria indigna de ser confessada a um tio; se acaso tivesse um, ele me deserdaria por causa desse pobre algarismo, seis mil!...

— Fica-se mais apertado por seis do que por cem mil francos — disse Máximo sentenciosamente. — La Palférine! você tem o espírito ousado, tem mesmo mais espírito do que ousadia, poderá ir muito longe, tornar-se um político! Olhe!... de todos os que se atiraram na carreira, em cujo extremo me acho e que quiseram me opor, você é o único que me agradou.

La Palférine corou, por tal forma se sentiu lisonjeado por aquela confissão feita com graciosa bonomia pelo chefe dos aventureiros parisienses. Esse movimento de seu amor-próprio foi um reconhecimento de sua inferioridade que o feriu; Máximo, porém, adivinhou essa reviravolta ofensiva, fácil de prever numa natureza tão espirituosa, e pôs-lhe remédio imediatamente colocando-se à discrição do rapaz.

— Quer fazer algo por mim, que me retiro do Circo Olímpico por meio de um belo casamento? Muito farei por você — disse ele.

— Vai deixar-me muito orgulhoso: é realizar a fábula do *Rato e do Leão* [318] — disse la Palférine.

— Começarei por emprestar-lhe vinte mil francos — respondeu Máximo continuando.

— Vinte mil francos?... Eu tinha certeza de que à força de passear por este bulevar... — disse la Palférine à feição de parêntese.

— Meu caro, precisa pôr-se em certo pé — disse Máximo sorrindo —, não fique plantado nos seus dois pés, arrume seis; faça como eu que nunca desci do meu tálburi...

— Mas então vai pedir-me coisas acima das minhas forças!

— Não, trata-se de fazer-se amar por uma mulher em quinze dias.

— Trata-se de uma prostituta?

— Por quê?

— Seria impossível; mas, se se tratasse de uma senhora muito distinta e de muito espírito...

— É uma marquesa muito ilustre!

— Precisa conseguir cartas dela? — disse o jovem conde.

— Ah, feres-me o coração! — exclamou Máximo. — Não, não se trata disso.

— É preciso então amá-la?

— Sim, no sentido real...

— Se devo sair da estética, é completamente impossível — disse la Palférine. — Olhe, a respeito de mulher, tenho uma certa probidade; podemos supliciá-las, mas não...

— Ah, então não me enganaram! — exclamou Máximo. — Acreditas-me pois capaz de propor pequenas infâmias de dois soldos?... Não é preciso atirar-se, é preciso deslumbrar e finalmente vencer... Dou-te vinte mil francos esta noite, compadre, e dez dias para triunfar. Até logo mais, em casa da sra. Schontz.

— Janto lá.

— Bem — respondeu Máximo. — Mais tarde, quando você precisar de mim, senhor conde — acrescentou num tom de rei que se compromete em vez de prometer —, você me achará.

— Essa pobre mulher fez-lhe então muito mal? — perguntou la Palférine.

— Não procures atirar a sonda nas minhas águas, meu garoto, e deixa-me dizer-te que, em caso de êxito adquirido, terás tão poderosas proteções que poderás, como eu, retirar-te num bom casamento, quando te enfastiares da tua vida de boêmia.

— Há então um momento em que a gente se aborrece de divertir-se, de não ser nada, de viver como os pássaros, de caçar em Paris como os selvagens e de rir de tudo? — disse la Palférine.

— Tudo cansa, até mesmo o inferno — disse Máximo rindo. — Até logo à noite.

Os dois libertinos, o jovem e o velho, levantaram-se. Ao recuperar sua carruagem de um cavalo, Máximo disse com os seus botões:

— A sra. d'Espard não tolera Beatriz,^[319] vai auxiliar-me. Ao palácio de Grandlieu — gritou ele ao cocheiro, ao ver passar Rastignac.

Encontrem, se puderem, um grande homem sem fraquezas!

Máximo viu a duquesa, a sra. du Guénic e Clotilde chorando.

— Que há? — perguntou à duquesa.

— Calisto não veio dormir em casa, foi a primeira vez, e a minha pobre Sabina está desesperada.

— Senhora duquesa — disse Máximo atraindo a devota senhora para o vão de uma janela —, em nome de Deus, que nos julgará, guarde o mais profundo segredo sobre o meu devotamento, exija-o de d'Ajuda, que Calisto jamais saiba coisa alguma do que tivermos tramado, ou então teríamos os dois um duelo de morte... Quando lhe disse que não lhe custaria grande coisa, referia-me a que a senhora não iria gastar quantias loucas, necessito de mais ou menos vinte mil francos; mas quanto ao resto isso é comigo. Será preciso mandar dar postos importantes, e possivelmente uma recebedoria geral.

A duquesa e Máximo saíram. Quando a sra. de Grandlieu voltou para junto das duas filhas, ouviu um novo ditirambo de Sabina, matizado de ocorrências domésticas, mais cruéis ainda do que aquelas pelas quais a jovem esposa vira terminar a sua felicidade.

— Fica tranquila, minha mimosa — disse a duquesa à filha —; Beatriz pagará bem caro tuas lágrimas e teus sofrimentos; a mão de Satanás abate-se sobre ela, e vai receber dez humilhações por cada uma das tuas!

A sra. Schontz mandou prevenir Cláudio Vignon que, por várias vezes, manifestara o desejo de conhecer pessoalmente Máximo de Trailles; convidou Couture, Fabiano, Bixiou, Leão de Lora, la Palférine e Nathan. Este último foi pedido por Rochefide para satisfazer a Máximo. Aurélia teve assim nove convidados, todos de primeira força, com exceção de du Ronceret; mas a vaidade normanda e a ambição brutal do Herdeiro estavam à altura da potência literária de Cláudio

Vignon, da poesia de Nathan, da finura de la Palférine, da visão de financeiro de Couture, do espírito de Bixiou, do cálculo de Finot, da profundidade de Máximo e da genialidade de Leão de Lora.

A sra. Schontz, que fazia questão de aparecer jovem e bela, armou-se com uma *toilette* como essa espécie de mulheres sabe escolher. Fez um mantelete de guipura de finura aracnoidana, um vestido de veludo azul, cujo delicado corpete era abotoado com opalas, e um penteado de bandós lustrosos como ébano. A sra. Schontz devia sua celebridade de mulher formosa ao esplendor e frescura de uma tez alva e quente como a das filhas dos trópicos, àquele rosto cheio de detalhes espirituosos, às feições nitidamente desenhadas e firmes, cujo tipo mais célebre foi durante muito tempo apresentado pela condessa Merlin[320] e é talvez peculiar aos rostos meridionais. Infelizmente, a pequena sra. Schontz tinha tendência para engordar desde que sua vida se tornara feliz e calma. O pescoço, de rotundidade sedutora, começava a engrossar, assim como os ombros. Na França nos fixamos tão principalmente à cabeça das mulheres, que as belas cabeças fazem viver por muito tempo os corpos deformados.

— Minha querida filha — disse Máximo ao entrar, beijando a fronte da sra. Schontz —, Rochefide quis fazer-me ver seu estabelecimento, onde eu ainda não tinha vindo, mas está quase em harmonia com os seus quatrocentos mil francos de renda... Pois bem, para alcançar essa cifra faltavam-lhe cinquenta mil, quando a conheceu, e, em menos de cinco anos, você fez-lhe ganhar o que uma outra, uma Antônia, uma Málaga, Cadine ou Florentina lhe teriam comido.

— É que sou artista, e não uma cortesã! — disse a sra. Schontz com certa dignidade. — Espero terminar, como lá diz a comédia, por fazer-me tronco de uma raça de gente de bem.

— É desesperador, todos nós nos casamos — disse Máximo atirando-se numa poltrona no canto da lareira. — Aqui, como me vê, estou em vésperas de fazer uma condessa Máximo.

— Oh, como quisera vê-la! — exclamou a sra. Schontz. — Mas permita-me — continuou — que lhe apresente o sr. Cláudio Vignon... sr. Cláudio Vignon, sr. de Trailles!...

— Ah, foi o senhor quem deixou Camille Maupin, a estalajadeira da

literatura, ir para um convento? — exclamou Máximo. — Depois do senhor, Deus!... Nunca recebi semelhante honra. A srta. des Touches tratou-o, senhor, como a um Luís xiv.[321]

— E aí está como se escreve a história! — respondeu Cláudio Vignon. — Não sabe o senhor que a fortuna dela foi empregada em exonerar as terras do sr. du Guénic?... Se ela soubesse que Calisto pertence à sua ex-amiga... (Máximo tocou o crítico com o pé, mostrando-lhe o sr. de Rochefide) ela sairia do convento, creio eu, para arrancar-lho.

— Palavra, Rochefide — disse Máximo ao ver que seu aviso não detivera Cláudio Vignon —, eu, no teu lugar, meu caro, restituiria à minha mulher a sua fortuna, a fim de que não se acreditasse, no nosso mundo, que ela ataca Calisto por necessidade.

— Máximo tem razão — disse a sra. Schontz olhando para Artur, o qual corou extremamente. — Se eu lhe ganhei alguns mil francos de renda, você não poderia dar-lhes melhor emprego. Eu teria feito a felicidade da mulher e do marido, isso é que é trabalhar bem!

— Foi coisa que jamais me passou pelo espírito — respondeu o marquês —; mas se deve ser gentil-homem antes de ser marido.

— Deixa-me dizer-te quando for tempo de ser generoso — disse Máximo.

— Artur — disse Aurélia —, Máximo tem razão... Vês, meu velho, nossas ações generosas são como as ações de Couture — disse ela, olhando pelo espelho para ver quem chegava —, é preciso colocá-las em tempo oportuno.

Couture vinha acompanhado de Finot. Alguns instantes depois, os convivas foram reunidos no belo salão azul e ouro do palacete Schontz: tal era o nome que os artistas davam à sua taberna, desde que Rochefide comprara-a para a sua Ninon ii. Ao ver entrar la Palférine, que chegou por último, Máximo dirigiu-se a ele, levou-o ao vão de uma janela e entregou-lhe as vinte notas de banco.

— Sobretudo, meu velho, não as poupes — disse com a graça peculiar aos estroinas.

— Não há como você saber duplicar assim o valor daquilo que parece dar! — replicou la Palférine.

— Estás decidido?

— Visto que recebo — respondeu o jovem conde com altivez e sarcasmo.

— Pois bem, Nathan, que aqui está, te apresentará dentro de dois dias em casa da marquesa de Rochefide — disse-lhe ele ao ouvido.

La Palférine deu um salto ao ouvir o nome.

— Não deixes de te confessar loucamente apaixonado por ela; e, para não despertar suspeitas, bebe vinho e licores até te emborrachares! Vou dizer a Aurélia que te coloque ao lado de Nathan. Somente, meu caro, é preciso agora encontrar-nos todas as noites, no Boulevard de la Madaleine, a uma hora da manhã, tu, para comunicar-me teus progressos, e eu, para dar-te instruções.

— Lá estaremos, mestre — disse o jovem conde, inclinando-se.

XVII – A ESCOLA DOS DIPLOMATAS

— Como é que nos fazes jantar com um tipo trajado como um primeiro garçom de restaurante? — perguntou Máximo, ao ouvido da sra. Schontz, designando-lhe Ronceret.

— Nunca tinhas visto o Herdeiro? Du Ronceret de Alençon.

— Senhor — disse Máximo a Fabiano —, deve conhecer meu amigo d’Esgrignon?

— Faz muito tempo que Viturniano não me conhece mais^[322] — respondeu Fabiano —; mas éramos muito unidos na nossa primeira mocidade.

O jantar foi um desses que só se dão em Paris, e em casa dessas grandes dissipadoras, porque seus requintes surpreendem os mais exigentes. Foi numa ceia semelhante, em casa de uma cortesã bela e rica como a sra. Schontz, que Paganini declarou não ter jamais comido melhores petiscos em casa de nenhum soberano, nem bebido tais vinhos à mesa de nenhum príncipe; nem ouvido conversação tão espirituosa, ou visto reluzir um luxo tão refinado.

Máximo e a sra. Schontz foram os primeiros a voltar para o salão, cerca das dez horas, deixando os convivas, que não velavam mais as anedotas, e se gabavam de suas qualidades, colando os lábios viscosos

nas bordas dos cálices, sem poder esvaziá-los.

— E então, minha querida —disse Máximo —, não te enganaste; sim, venho por teus belos olhos; trata-se de um grande negócio, é preciso deixares Artur, mas encarrego-me de te fazer oferecer duzentos mil francos por ele.

— E por que o deixarei a esse pobre homem?

— Para te casares com esse imbecil, vindo de Alençon expressamente para isso. Ele já foi juiz, eu o farei nomear presidente no lugar do velho Blondet, que vai beirando os oitenta e dois anos; e, se souberes governar teu barco, teu marido será deputado. Vocês serão personagens e poderás abafar a sra. condessa de Bruel.

— Nunca! — disse a sra. Schontz. — Ela é condessa.

— Tem ele estofa para vir a ser conde?

— Olha, ele tem brasão — disse Aurélia, procurando uma carta num cabaz magnífico, pendurado no canto da chaminé e apresentando-o a Máximo —; que quer isso dizer? Aí estão uns pentes.

— Ele *usa o escudo cortado: o primeiro de prata, com três pentes de goles em contrarrote, entrecruzados com três cachos de uva de púrpura, hasteados e folhados de sinople, em roquete; o segundo de blau, com quatro penas de ouro, passadas em frete, com Servir, como divisa, e capacete de escudeiro. Não é grande coisa, foram enobrecidos por Luís xv, tiveram algum avô merceeiro, a linha materna fez fortuna no comércio de vinhos e o du Ronceret enobrecido devia ser escrivão...* Mas, se conseguires te desfazer de Artur, os du Ronceret serão pelo menos barões, isso te prometo, minha pequena corça. Vês, minha filha, terás de te fazer pôr em salmoura durante uns cinco ou seis anos na província, se quiseses enterrar a Schontz na presidente... Aquele biltre lançou-te uns olhares, cujas intenções eram claras, tu o tens...

— Não — respondeu Aurélia —, ao oferecimento de minha mão ele ficou, como a aguardente no boletim da Bolsa, muito calmo.

— Encarrego-me de o decidir, se ele está borracho... Vai ver em que ponto eles estão todos.

— É inútil ir até lá, não se ouve mais senão Bixiou que está fazendo uma das suas *charges* sem que ninguém o ouça; mas conheço o meu Artur, ele se julga obrigado a ser polido com Bixiou e, de olhos

fechados, deve estar ainda a olhá-lo.

— Vamos para lá, então.

— Ora esta! No interesse de quem trabalharei eu, Máximo? — perguntou a sra. Schontz, de repente.

— Da sra. de Rochefide — respondeu nitidamente Máximo —, é impossível reconciliá-la com Artur, enquanto tu o segurares; trata-se, para ela, de estar à frente de sua casa e de gozar dos quatrocentos mil francos de renda!

— E ela propõe-me somente duzentos mil francos?... Quero trezentos mil, visto que se trata dela. Como! Cuidei-lhe do filho e do marido, faço as vezes dela em tudo e ela regatearia comigo? Olhe, meu caro, eu então ficaria com o milhão. Com isso e, se prometes a presidência do tribunal de Alençon, poderei erguer a cabeça como a sra. du Ronceret...

— Aceito — disse Máximo.

— Como me vão cacetear naquela cidadezinha!... — exclamou Aurélia filosoficamente. — Ouvi tanto falar daquela província por d'Esgrignon e pela Val-Noble[323] que é como se já tivesse vivido lá.

— E se eu te assegurasse o apoio da nobreza?

— Ah, Máximo, fale-me assim!... Sim, mas o pato recusa a asa.

— E é bem feio, com sua pele de ameixa; em vez de suíças ele tem umas sedas, tem o ar de um filhote de javali, embora tenha olhos de ave de rapina. Isso dará o mais belo presidente do mundo. Tranquilizate! Dentro de dez minutos ele te cantará a ária de Isabel, no quarto ato de *Roberto, o Diabo*: “Estou a teus pés!...”, mas tu te encarregas de expedir Artur para os de Beatriz?

— Vai ser difícil, mas entre vários se conseguirá...

Cerca das dez e meia os convivas voltaram para o salão, a fim de tomar o café. Nas circunstâncias em que se achavam a sra. Schontz, Couture e du Ronceret, é fácil imaginar o efeito produzido sobre o ambicioso normando pela conversação seguinte que Máximo teve com Couture num canto, à meia-voz, para não serem ouvidos por ninguém, mas que Fabiano ouviu:

— Meu caro, se você quiser ter juízo, você aceitará, num departamento afastado, a recebedoria geral que a sra. de Rochefide lhe

fará dar; o milhão de Aurélia permitir-lhe-á depor sua caução e você fará separação de bens, desposando-a. Você breve será deputado, se souber governar bem o seu barco, e o prêmio que quero por tê-lo salvo será seu voto na Câmara.

— Sentir-me-ei sempre orgulhoso de ser um dos seus soldados.

— Ah, meu caro, escapou de boa! Imagina que Aurélia tinha se embeijado por aquele normando de Alençon, pedia que o fizessem barão, presidente do tribunal da sua cidade e oficial da Legião de Honra. O meu imbecil não soube avaliar o valor da sra. Schontz e você deve sua fortuna a um despeito; por isso não dê a essa espirituosa rapariga o tempo de refletir. Quanto a mim, vou pôr os ferros no fogo.

E Máximo deixou Couture no cúmulo da felicidade, dizendo a la Palférine:

— Queres que te leve, meu filho?

XVIII – AINDA BEM

Às onze horas, Aurélia achava-se entre Couture, Fabiano e Rochefide. Artur dormia numa *bergère*, Couture e Fabiano tentavam um e outro fazer com que o adversário se fosse, sem consegui-lo. A sra. Schontz terminou aquela luta com um “Até amanhã, meu caro!” dirigido a Couture que ele aceitou sem zangar-se.

— Senhorita — disse Fabiano em voz baixa—, quando me viu pensativo ante o oferecimento que me fez indiretamente, não creia que houve em mim a menor hesitação; mas a senhora não conhece minha mãe e ela jamais consentiria na minha felicidade...

— O senhor tem a idade dos atos respeitosos,[\[324\]](#) meu caro — respondeu Aurélia insolentemente. — Mas se tem medo da mamãe, não é o que me convém.

— Josefina — disse ternamente o Herdeiro, passando atrevidamente o braço em torno à cintura da sra. Schontz —, eu pensei que me amasse.

— E daí?

— Talvez fosse possível amansar minha mãe e obter mais do que o seu consentimento.

— E como?

— Se a senhora quisesse empregar sua influência...

— A fazer-te criar barão, oficial da Legião de Honra, presidente do tribunal, não é, meu filho? Ouve, fiz tanta coisa na minha vida que sou capaz de virtude! Posso ser uma boa mulher, uma mulher leal, e rebocar meu marido até bem alto; quero porém ser amada por ele, sem que jamais um olhar, um pensamento sejam desviados de meu coração, nem mesmo em intenção... Convém-te isso?... Não te liguês imprudentemente, trata-se de tua vida, meu caro.

— Com uma mulher como a senhora, aceito sem ver — disse Fabiano inebriado por um olhar tanto quanto o estava pelos licores das ilhas.

— Jamais te arrependerás dessas palavras, meu bichano, serás par da França... Quanto a este pobre velho — continuou olhando Rochefide que dormia —, de hoje em diante está a-ca-ba-do.

Aquilo foi tão bonito, tão bem dito, que Fabiano pegou a sra. Schontz e beijou-a num gesto de ira e de alegria, em que a dupla embriaguez do amor e do vinho cediam à da felicidade e da ambição.

— Lembra-te, querido filho — disse ela — de proceder bem desde já com tua mulher, não banques o apaixonado, e deixa que eu me retire convenientemente do meu atoladouro. E Couture, que se julga tão rico e recebedor geral!

— Tenho horror a esse homem — disse Fabiano —, quisera não mais vê-lo.

— Não o receberei mais — respondeu a cortesã, com um arzinho virtuoso. — Agora, que estamos de acordo, meu Fabiano, vai-te, pois já é uma hora.

XIX – O PÉ DE GUERRA EM SUAS RELAÇÕES COM A ESTABILIDADE

Essa pequena cena deu origem, no casal de Aurélia e de Artur, até então completamente feliz, à fase de guerra doméstica determinada no seio de todos os lares por um interesse secreto num dos cônjuges.

Já no dia seguinte Artur despertou sozinho e achou a sra. Schontz fria, como essa espécie de mulheres se sabem mostrar frias.

— Que foi que houve afinal esta noite? — perguntou ele ao almoço e olhando para Aurélia.

— Em Paris é assim — disse ela. — A gente adormece com o tempo úmido; no dia seguinte o calçamento está seco e tudo está tão gelado que há até poeira; quer você uma escova?

— Mas que tens tu, querida?

— Vá ter com seu estrepe de esposa...

— Minha esposa?... — exclamou o pobre marquês.

— Pensa que não adivinhei por que motivo você me trouxe Máximo ontem?... Você quer reconciliar-se com a sra. de Rochefide, que é capaz de estar precisando de você por causa de algum garoto indiscreto... E eu, que você diz ser tão esperta, eu lhe aconselhava de restituir-lhe a fortuna!... Oh, percebo seu plano! Ao cabo de cinco anos, o senhor está farto de mim. Eu tenho boas carnes, Beatriz tem bons ossos, isso ser-lhe-á uma variação. Você não é o primeiro que eu sei gostar de esqueletos. De resto, sua Beatriz veste-se bem e você é um desses homens que gostam de cabides. E ademais quer fazer com que despeçam o sr. du Guénic. É um triunfo, isso vai dar-lhe grande importância. Como se falará disso! Você vai ser um herói!

A sra. Schontz, às duas horas da tarde, não acabara ainda com os seus sarcasmos, apesar dos protestos de Artur. Ela disse estar convidada para jantar. Aconselhou o *seu infiel* a que se conformasse de não tê-la nos Italiens, porque ela ia assistir a uma estreia no Ambigu-Comique[325] e travar relações com uma mulher encantadora, a sra. de la Baudraye,[326] amante de Lousteau. Artur propôs, como prova de afeição eterna para sua pequena Aurélia, e de sua aversão pela esposa, de partirem, já no dia seguinte, para a Itália, e de irem viver maritalmente em Roma, em Nápoles ou Florença, à escolha de Aurélia, oferecendo-lhe uma dotação de sessenta mil francos de renda.

— Tudo isso são *lorotas* — disse ela. — Nada impede que você se reconcilie com sua mulher e andarás muito bem.

Artur e Aurélia separaram-se depois desse diálogo formidável; ele, para ir jogar e jantar no clube, ela para vestir-se e ir passar o serão a sós com Fabiano.

O sr. de Rochefide encontrou Máximo no clube e queixou-se como

homem que sentia que lhe arrancavam do coração uma felicidade, cujas raízes estavam presas a todas as fibras. Máximo ouviu os lamentos do marquês como as pessoas cortesões sabem ouvir, pensando em outra coisa.

— Sou homem de bom conselho nessa espécie de assuntos, meu caro — disse ele. — Pois bem, estás errando o caminho ao deixar Aurélia perceber o quanto te é cara. Deixa-me apresentar-te à sra. Antônia. É um coração que está para alugar. Verás a Schontz tornar-se um cordeirinho... Ela tem trinta e sete anos, a tua Schontz, ao passo que a sra. Antônia tem apenas vinte e seis primaveras! e que mulher! Não é só na cabeça que ela tem espírito! De resto, é minha discípula. Se a sra. Schontz permanecer empertigada no alto de sua grandeza, sabe você o que isso significa?

— Palavra que não.

— Que talvez queira casar-se e então nada poderá impedi-la de te deixar. Depois de seis anos de arrendamento, convenhamos que essa mulher tem bem o direito... Mas se me quiseses ouvir, haveria coisa melhor a fazer. Tua mulher hoje vale mil vezes mais do que todas as Schontz e todas as Antônias do bairro Saint-Georges. É uma conquista difícil; mas não é impossível e agora ela te tornaria feliz como um Orgon!^[327] Em todo caso, é preciso, se não quiseses ter o ar de um toleirão, vir cear esta noite em casa de Antônia.

— Não, quero demasiado a Aurélia, não quero que ela tenha seja lá o que for a censurar-me.

— Ah, meu caro, que vida te estás preparando! — exclamou Máximo.

— São onze horas, ela deve ter voltado do Ambigu — disse Rochefide, saindo.

E bradou raivosamente ao cocheiro que o levasse a toda brida à rue de la Bruyère.

A sra. Schontz dera instruções precisas, e o senhor pôde entrar em casa, absolutamente como se estivesse nos melhores termos com a senhora, mas, prevenida da entrada, em casa, do senhor, a senhora dispôs as coisas de modo a fazer o senhor ouvir o ruído da porta do gabinete de *toilette* fechar-se como se fecham as portas, quando as

mulheres são surpreendidas. Ademais, no canto do piano, o chapéu de Fabiano, esquecido propositalmente, foi muito desajeitadamente retirado pela criada de quarto, nos primeiros momentos da conversação do senhor e da senhora.

— Não foste ao Ambigu, querida?

— Não, meu caro, mudei de resolução, estive tocando música.

— Quem te veio visitar? — disse o marquês com bonomia, ao ver a criada de quarto levar o chapéu.

— Ninguém.

Ante essa audaciosa mentira, Artur baixou a cabeça; estava passando por sob Forcas Caudinas[328] da complacência. O amor verdadeiro tem dessas sublimes covardias. Artur portava-se com a sra. Schontz, como Sabina com Calisto, como Calisto com Beatriz.

XX – NOVA HISTÓRIA DAS VARIAÇÕES

Em oito dias fez-se a metamorfose da larva em borboleta no jovem, espirituoso e belo Carlos Eduardo, conde Rusticoli de la Palférine, o herói da cena intitulada *Um príncipe da Boêmia* (ver *Cenas da vida parisiense*),[329] o que dispensa fazer aqui seu retrato e descrever seu caráter. Vivera até então miseravelmente, saldando seus débitos com uma audácia à Danton, mas pagou suas dívidas; depois, segundo o conselho de Máximo, teve seu carrinho baixo, foi admitido no Jóquei-Clube, no clube da rue Gramont, tornou-se de uma elegância superior; finalmente publicou no *Journal des Débats* uma novela que, em poucos dias, lhe valeu uma reputação, como os autores de profissão não conseguem senão após muitos anos de trabalhos e de êxitos, pois nada há em Paris tão violento como o que deve ser efêmero. Nathan, seguro de que o conde jamais publicaria outra coisa, fez tal elogio daquele gracioso e impertinente jovem em casa da sra. de Rochefide, que Beatriz, aguçada pelas narrativas do poeta, manifestou o desejo de ver aquele jovem rei dos ociosos de bom-tom.

— Ficaré tanto mais encantado por vir aqui — respondeu Nathan — porque, pelo que sei, ele está apaixonado pela senhora a ponto de fazer loucuras.

— Mas ele já as fez todas, segundo me consta.

— Todas? Não — respondeu Nathan —, não cometeu ainda a de amar uma mulher honesta.

Seis dias após a conspiração urdida no Boulevard des Italiens, entre Máximo e o sedutor conde Carlos Eduardo, esse rapaz, ao qual a natureza dera, sem dúvida por ironia, um semblante deliciosamente melancólico, fez sua primeira invasão no ninho da pomba da rue de Courcelles, a qual, para essa recepção, aproveitou uma noite em que Calisto devia ir com a esposa a reuniões sociais. Quando encontrardes la Palférine, ou quando chegardes ao *Príncipe da Boêmia*, no terceiro livro desta longa história de nossos costumes, concebereis perfeitamente o sucesso obtido numa única noite por aquele espírito cintilante, por aquela veia inaudita, sobretudo se imaginardes o hábil jogo do cornaca que consentiu em servi-lo nessa estreia. Nathan foi um bom camarada, fez o jovem conde brilhar, como um joalheiro, ao mostrar um adereço para vender, faz cintilar-lhe os diamantes.

La Palférine retirou-se discretamente, antes do companheiro, e deixou Nathan e a marquesa juntos, contando com a colaboração do autor célebre, o qual foi admirável. Ao ver a marquesa aturdida, ele ateou-lhe fogo no coração por meio de reticências que fizeram vibrar nela fibras de curiosidades, que ela não conhecia. Nathan fez compreender assim que o espírito de la Palférine não era tanto a causa de seus êxitos junto às mulheres, como a sua superioridade na arte de amar, e o engrandeceu desmedidamente. É aqui o momento de constatar um novo efeito dessa grande lei dos contrários que determina muitas crises do coração humano, e que explica tantas singularidades que se é forçado a lembrá-la algumas vezes, do mesmo modo que a lei dos similares. As cortesãs, para abranger todo o sexo feminino, ao qual se batiza, se desbatiza e se rebatiza todos os quartos de século, conservam todas no fundo do coração um florescente desejo de recuperar sua liberdade, de amar pura, santa e nobremente um ser ao qual tudo sacrificam. (Ver *Esplendores e misérias das cortesãs*.[\[330\]](#)) Experimentam essa necessidade autêntica com tanta violência, que é raro encontrar uma dessas mulheres que não tenha por mais de uma vez aspirado à virtude pelo amor. Não desanimam, apesar de horríveis

logros. Ao contrário, as mulheres contidas pela educação, pela sua hierarquia social, acorrentadas pela nobreza da família a que pertencem, vivendo no seio da opulência, ostentando uma auréola de virtudes, são arrastadas, bem entendido secretamente, para as regiões tropicais do amor. Essas duas naturezas de mulheres, tão opostas, têm pois no fundo do coração, uma, um pequeno desejo de virtude, a outra esse pequeno desejo de libertinagem que J. J. Rousseau foi o primeiro a ter a coragem de assinalar. Numa, é o último reflexo do raio divino que ainda não se extinguiu; na outra, é o resto do nosso lado primitivo. Essa última garra da besta foi provocada, esse cabelo do diabo foi puxado por Nathan com excessiva habilidade. A marquesa a si mesma perguntou seriamente se até agora não fora o ludíbrio de seu espírito, se sua educação estava completa. O vício?... é talvez o desejo de tudo saber.

XXI – A SOCIEDADE VINGA-SE

No dia seguinte, Beatriz viu Calisto tal qual ele era, um leal e perfeito gentil-homem, mas sem *verve* e sem espírito. Em Paris, um homem a quem se classifica de espirituoso é um homem que deve ter espírito como as fontes têm água, porque os mundanos e os parisienses em geral são espirituosos; mas Calisto amava demais, estava por demais absorvido para aperceber-se das mudanças de Beatriz, e satisfazê-la, exibindo novos recursos; apareceu muito pálido ante o reflexo do serão precedente e não deu a menor emoção à faminta Beatriz.

Um grande amor é um crédito aberto a uma potência tão voraz, que o momento da falência chega sempre. Apesar da fadiga daquele dia (o dia em que uma mulher se aborrece junto ao amante!) Beatriz estremeceu de medo ao pensar no encontro entre la Palférine, o sucessor de Máximo de Trailles, e Calisto, homem de coragem sem fanfarronadas. Hesitou pois em rever o jovem conde, mas esse nó foi cortado por um fato decisivo.

Beatriz tomara um terço de camarote nos Italiens, num camarote obscuro da primeira ordem, a fim de não ser vista. Fazia alguns dias, Calisto, encorajado, levava a marquesa e mantinha-se no camarote

atrás dela, combinando a chegada bastante tarde, a fim de não serem vistos por ninguém. Beatriz era das primeiras a sair da sala, antes do fim do primeiro ato, e Calisto acompanhava-a de longe, vigiando-a, embora o velho Antônio viesse buscar a patroa.

Máximo e la Palférine estudaram essa estratégia inspirada pelo respeito das conveniências, por essa necessidade de mistério que distingue os idólatras da eterna criança, e também por um medo que oprime todas as mulheres que, em outros tempos, pertenceram às constelações da alta sociedade e que o amor fez decair de sua posição zodiacal. A humilhação é então temida como uma agonia mais cruel do que a morte; mas essa agonia do orgulho, essa afronta, que as mulheres permanecidas em seu posto no Olimpo atiram sobre as que caíram, teve lugar nas mais horrorosas condições, graças aos cuidados de Máximo.

Numa representação da *Lúcia*,^[331] que, como se sabe, termina por um dos mais belos triunfos da Rubini, a sra. de Rochefide, a quem Antônio não viera prevenir, chegou pelo corredor costumeiro ao peristilo do teatro, cujas escadas estavam cheias de lindas mulheres, escalonadas nos degraus, ou agrupadas embaixo à espera de que seus lacaios anunciassem seus carros. Beatriz foi reconhecida ao mesmo tempo por todos os olhos e excitou em todos os grupos sussurros que fizeram ruído. Num abrir e fechar de olhos, a multidão se dissolveu, a marquesa ficou só como uma pestosa.

Calisto não se atreveu, ao ver a esposa numa das escadas, ir fazer companhia à réproba, e Beatriz dirigiu-lhe, mas em vão, por meio de um olhar encharcado de lágrimas, por duas vezes, uma súplica, para que viesse para perto dela.

Nesse momento, la Palférine, elegante, soberbo, encantador, deixou duas mulheres, veio saudar a marquesa e conversar com ela.

— Tome meu braço e saia altivamente, eu saberei encontrar seu carro — disse-lhe ele.

— Quer vir terminar o serão comigo? — respondeu-lhe ela, subindo para o carro e dando-lhe um lugar a seu lado.

La Palférine disse ao seu *groom*: “Siga o carro da senhora!” e subiu para junto da sra. de Rochefide com grande estupefação de Calisto, o

qual ficou plantado nas duas pernas como se elas se tivessem tornado de chumbo, porque foi por tê-lo entrevisto, pálido e lívido, que Beatriz fizera sinal ao jovem conde para subir a seu lado. Todas as pombas são Robespierres de penas brancas. Três carros chegaram à rue de Courcelles com rapidez fulminante, o de Calisto, o de la Palférine e o da marquesa.

— Ah! veio? — disse Beatriz ao entrar em seu salão, apoiada no braço do jovem conde, e lá achando Calisto, cujo cavalo tinha passado à frente dos dois outros carros.

— Conhece então o senhor? — perguntou raivosamente Calisto a Beatriz.

— O sr. conde de la Palférine foi-me apresentado por Nathan, faz dez dias — respondeu Beatriz —, e o senhor conhece-me há quatro anos...

— E estou pronto, senhora — disse Carlos Eduardo —, a fazer que se arrependa até seus netos a marquesa d'Espard, que foi a primeira a afastar-se da senhora...

— Ah, foi *ela*! — gritou Beatriz. — Ela me pagará isso.

— Para vingar-se, seria preciso reconquistar seu marido, mas sou capaz de trazê-lo a seus pés — disse o rapaz ao ouvido da marquesa.

A conversação assim iniciada foi até as duas horas da madrugada, sem que Calisto, cuja raiva foi incessantemente recalcada pelos olhares de Beatriz, lhe tivesse podido dizer duas palavras em particular. La Palférine, que não gostava de Beatriz, foi de uma superioridade de bom gosto, de espírito e de graça igual à inferioridade de Calisto, que se retorcia na cadeira como um verme cortado em dois e que, por três vezes, se ergueu para esbofetear la Palférine.

Da terceira vez em que Calisto deu um salto na direção do rival, o jovem conde disse-lhe um “Está sentindo algo, senhor barão?...” que fez Calisto sentar-se numa cadeira, onde permaneceu como marco. A marquesa conversava com um desembaraço de Célimène, [332] fingindo ignorar que Calisto ali estivesse.

La Palférine teve a suprema habilidade de sair, ao dizer uma frase de muito espírito, deixando os dois amantes brigados.

Assim, pois, pela habilidade de Máximo, o fogo da discórdia

chamejava no duplo casal do sr. e da sra. de Rochefide.

XXII – OS INCURÁVEIS

No dia seguinte, ao ter notícia do êxito dessa cena por la Palférine, no Jóquei-Clube, onde o jovem conde jogava o uíste com muita sorte, Máximo foi à rue de la Bruyère, à residência da sra. Schontz, saber como Aurélia governava o seu barco.

— Meu caro — disse a sra. Schontz, rindo ante o aspecto de Máximo —, estou no fim de todos os meus expedientes; Rochefide é incurável. Termino a minha carreira de galanteria verificando que nela o espírito é uma desgraça.

— Explique-me essas palavras...

— Primeiro, meu caro amigo, mantive meu Artur, durante oito dias, no regime dos pontapés nos ossos das pernas, das *serrazinas* mais patrióticas e de tudo que conhecemos de mais desagradável na nossa profissão. “Estás doente”, dizia-me ele com meiguice paternal, “porque nunca te fiz senão bem e amo-te até a adoração.” “Você tem um defeito, meu caro”, disse-lhe eu, “você me caceteia”. “Pois bem, não tens acaso para te divertir as pessoas mais espirituosas e os mais belos rapazes de Paris?”, respondeu-me aquele pobre homem. Fiquei arrolhada. Senti então que o amava!

— Ah! — disse Máximo.

— Que queres? É mais forte do que nós, não se pode resistir a esses modos. Mudei de pedal. Fiz umas provocações àquele javali judiciário, ao meu futuro transformado em carneiro como Artur, fi-lo ficar ali na *bergère* de Rochefide, e achei-o bastante tolo. Como me entediei!... era preciso ter Fabiano ali para fazer-me surpreender com ele...

— E então — exclamou Máximo —, conclui de uma vez!... Vejamos, quando Rochefide te surpreendeu com ele?

— Não acertaste, meu velho. Segundo tuas instruções, os proclamas estão publicados, nosso contrato está sendo redigido; assim, pois, Nossa Senhora de Loreto nada tem a dizer. Quando há promessa de casamento, pode-se bem dar arras... Ao surpreender-nos, a Fabiano e a mim, o pobre Artur retirou-se na ponta dos pés até a sala de jantar e lá

pôs-se a fazer: “Bum! Bum!”, tossindo e esbarrando com uma porção de cadeiras. Esse grande idiota de Fabiano, ao qual não posso dizer tudo, teve medo... Eis aí, querido Máximo, o ponto em que estamos... Artur, se me vir com alguém, uma manhã, ao entrar no meu quarto, é capaz de dizer-me: “Passaram bem a noite, meus filhos?”.

Máximo meneou a cabeça e brincou durante alguns instantes com a bengala.

— Conheço esses temperamentos — disse ele. — Eis como deves proceder: nada mais resta do que atirar Artur pela janela e fechar bem a porta. Recomeçarás tua última cena com Fabiano...

— É o que se chama uma maçada! Porque, afinal, o sacramento não me deu ainda sua virtude.

— Tu te arranjarás para trocar um olhar com Artur, quando ele te surpreender — disse Máximo, continuando —; se ele se zangar, está tudo dito. Se ele fizer outra vez “Bum! Bum!”, aí então estará tudo definitivamente terminado...

— E como?

— Pois tu te zangas e lhe dizes: “Julgava-me amada, estimada; mas você nada mais sente por mim; não tem ciúmes...”. Conheces a tirada! “Nesse caso, Máximo (faze-me intervir) mataria seu homem imediatamente (e choras). E Fabiano (envergonha-o, comparando-o a Fabiano), Fabiano a que amo, Fabiano puxaria um punhal para mergulhá-lo no teu coração. Ah, isso sim é amor! Mas também, olhe, adeus, boa noite, fique com o seu palacete, desposo Fabiano, ele dá-me o seu nome! Pisoteia a velha mãe!...” enfim, tu...

— Já se sabe! Já se sabe! *Serei* soberba! — exclamou a sra. Schontz. — Ah, Máximo, não haverá nunca senão um Máximo, como não houve senão um de Marsay.

— La Palférine é superior a mim — respondeu modestamente o conde de Trailles —, ele vai muito bem.

— Ele tem língua, mas tu tens pulso e ombros! O que suportaste! Os que embrulhaste! — disse a Schontz.

— La Palférine tem tudo, ele é profundo e instruído; ao passo que sou ignorante — respondeu Máximo. — Vi Rastignac, que confabulou imediatamente com o guarda-selos; Fabiano será nomeado presidente

e oficial da Legião de Honra, após um ano de exercício.

— Far-me-ei devota! — respondeu a sra. Schontz, acentuando essa frase de modo a obter um sinal de aprovação de Máximo.

— Os padres valem mais do que nós — replicou ele.

— Ah! sim? — perguntou a sra. Schontz. — Poderei então encontrar gente com quem falar na província. Comecei meu papel. Fabiano já disse à mãe que a graça me iluminará e fascinou a boa velha com o meu milhão e com a presidência; ela consente em que moremos com ela, pediu o meu retrato e mandou-me o seu: se o Amor o olhasse, cairia... de costas! Vai-te, Máximo; esta noite vou executar meu pobre homem, e isso me parte o coração.

XXIII – OS CASOS DA VIDA

Dois dias depois, ao se encontrarem na porta do Jóquei-Clube, Carlos Eduardo disse a Máximo:

— Está feito!

Essas palavras, que continham um drama horrível, espantoso, realizado muitas vezes por vingança, fez o conde de Trailles sorrir.

— Vamos ouvir as lamentações de Rochefide — disse Máximo —, porque vós alcançastes juntos o alvo, tu e Aurélia! Aurélia pôs Artur no olho da rua, e é preciso agora encerrá-lo; ele deve dar trezentos mil francos à sra. du Ronceret e voltar para a esposa; vamos provar-lhe que Beatriz é superior a Aurélia.

— Temos bem dez dias pela frente — disse astutamente Carlos Eduardo —, e em consciência não é demais; porque, agora que conheço a marquesa, acho que o pobre homem vai ser lindamente roubado.

— Como farás, quando a bomba arrebentar?

— Sempre se tem espírito quando se tem tempo de procurá-lo, e eu sou soberbo, principalmente quando me preparo.

Os dois jogadores entraram no salão e encontraram o marquês de Rochefide envelhecido de dois anos! Não pusera seu espartilho, estava sem sua elegância e de barba comprida.

— E então, caro marquês? — disse Máximo.

— Ah, meu caro, estou com a vida despedaçada!

Artur falou durante dez minutos e Máximo ouviu-o gravemente; estava pensando em seu casamento que se realizaria dentro de oito dias.

— Meu querido Artur, eu te aconselhei o único meio de conservares Aurélia, e tu não quiseste...

— Qual era?

— Não te aconselhei a que fosses cear em casa de Antônia?

— É verdade... Que queres! Amo... e tu fazes o amor como Grisier[333] faz esgrima.

— Ouve, Artur, dá-lhe trezentos mil francos por seu pequeno palacete e prometo-te que te encontrarei coisa melhor que ela... Falar-te-ei dessa bela desconhecida mais tarde, vejo ali d'Ajuda que me quer dizer duas palavras.

E Máximo deixou o homem inconsolável, para ir ao representante de uma família por consolar.

— Meu caro — disse o outro marquês ao ouvido de Máximo —, a duquesa está desesperada, Calisto mandou arrumar secretamente as malas e tirou um passaporte. Sabina quer seguir os fugitivos, surpreender Beatriz e arranhá-la. Sabina está grávida, e isso toma as proporções de um desejo bastante mortífero, porque ela foi comprar publicamente umas pistolas.

— Dize à duquesa que a sra. de Rochefide não partirá e que dentro de quinze dias tudo estará terminado. Agora, d'Ajuda, tua mão? Nem tu, nem eu jamais dissemos nada, nada soubemos! Admiraremos os acasos da vida!...

— A duquesa já me fez jurar, pelos santos evangelhos e pela cruz, que eu me calaria.

— Daqui a um mês receberá minha esposa?

— Com prazer.

— Todos ficarão contentes — respondeu Máximo —; unicamente, previne a duquesa de uma circunstância que vai retardar de seis semanas sua viagem à Itália e que diz respeito ao sr. du Guénic; mais tarde saberás o motivo.

— Que é? — disse d'Ajuda que olhava para la Palférine.

— A palavra de Sócrates antes de partir: “Nós devemos um galo a

Esculápio”,[334] mas seu cunhado ficará quite com a crista — respondeu la Palférine, sem pestanejar.

XXIV – UMA TERRÍVEL LIÇÃO

E, durante dez dias, Calisto viveu sob o peso de uma cólera tanto mais invencível, por ter ela por base uma paixão verdadeira. Beatriz punha à prova aquele amor exposto à duquesa de Grandlieu por Máximo de Trailles, tão brutalmente, mas com tanta fidelidade! É possível que não existam seres bem organizados que não tenham experimentado essa terrível paixão, uma vez que seja, no decurso de sua vida. A marquesa sentia-se dominada por uma força superior, por um rapaz a quem sua linhagem não impressionava, que, tão nobre quanto ela, contemplava-a com olhar poderoso e calmo, e ao qual seus maiores esforços de mulher arrancavam apenas um sorriso elogioso. Era, finalmente, oprimida por um tirano que nunca a deixava a não ser chorando, ferida, e julgando-se cheia de culpas.

Carlos Eduardo representava para a sra. de Rochefide a comédia que esta, fazia seis meses, representava para Calisto. Beatriz, desde a humilhação pública que recebera nos Italiens, não saíra mais com o sr. du Guénic fora desta proposição:

— Você preferiu, a mim, a sociedade e sua mulher, logo você não me ama. Se quer provar que me ama, sacrifique-me sua mulher e a sociedade. Abandone Sabina e vamos viver na Suíça, na Itália ou na Alemanha!

Firmando-se nesse duro ultimato, ela estabelecera esse bloqueio que as mulheres denunciam por olhares frios, gestos desdenhosos e suas atitudes de praça forte. Julgava-se libertada de Calisto, pensava que ele jamais ousasse romper com os Grandlieu. Abandonar Sabina, a quem a srta. des Touches dera sua fortuna, não era isso atirar-se na miséria? Calisto, porém, que ficara louco de desespero, tirara secretamente um passaporte e pedira à mãe que lhe enviasse uma quantia considerável. Enquanto esperava essa remessa de fundos, ele vigiava Beatriz, dominado pelo furor completo de um ciúme bretão.

Finalmente, nove dias após a fatal comunicação feita no clube por la

Palférine a Máximo, o barão, a quem a mãe enviara trinta mil francos, foi célere à casa de Beatriz com a intenção de forçar o bloqueio, expulsar la Palférine e abandonar Paris com seu ídolo acalmado.

Foi uma dessas alternativas terríveis, na qual as mulheres que conservaram um pouco de respeito por si mesmas mergulham para sempre nas profundezas do vício, mas de onde podem voltar para a virtude. Até ali, a sra. de Rochefide considerava-se como uma mulher virtuosa e em cujo coração duas paixões tinham caído; mas adorar Carlos Eduardo e deixar-se amar por Calisto ia fazê-la perder a própria estima; porque, onde começa a mentira, começa a infâmia. Dera direitos a Calisto, e nenhum poder humano podia impedir o bretão de se lhe atirar aos pés e regá-los com as lágrimas de um arrependimento absoluto. Muita gente se admira da insensibilidade glacial com que as mulheres extinguem seus amores; mas se elas não apagassem assim o passado, a vida não teria dignidade para elas, e jamais poderiam resistir à privança fatal a que se submeteram uma vez.

Na situação inteiramente nova em que se achava, Beatriz ter-se-ia salvo se la Palférine tivesse vindo; mas a inteligência do velho Antônio perdeu-a.

Ao ouvir um carro que se detinha na porta, ela disse a Calisto.

— Aí tenho visitas.

E correu a fim de prevenir uma explosão.

Antônio, como homem prudente que era, disse a Carlos Eduardo que não vinha por outra coisa senão para ouvir aquelas palavras:

— A senhora marquesa saiu!

Quando Beatriz soube, pelo seu velho criado, da visita do jovem conde e da resposta que lhe fora dada, disse: “Está bem!”, e voltou ao salão dizendo para si mesma:

“Far-me-ei freira!”

Calisto, que se permitira abrir a janela, avistou o rival.

— Quem foi que veio? — perguntou.

— Não sei, Antônio ainda está lá embaixo.

— É la Palférine.

— É possível.

— Tu o amas, e eis por que me achas uma porção de culpas... Eu o

vi!...

— Viste-o?

— Abri a janela.

Beatriz caiu como morta no divã. Transigiu então para ter um amanhã; transferiu a partida para daí a oito dias sob pretexto de negócios, e a si mesma jurou fechar a porta a Calisto, se pudesse apaziguar la Palférine; porque tais são os espantosos cálculos e as queimantes angústias ocultas por essas existências, saídas dos trilhos sobre os quais rola o grande comboio social.

XXV – BEATA BEATRIX[335]

Quando Beatriz ficou só, sentiu-se tão infeliz, tão profundamente humilhada que foi para a cama: estava doente; o violento combate, que lhe despedaçava o coração, pareceu-lhe ter uma reação horrível; mandou chamar o médico; mas ao mesmo tempo mandou entregar em casa de la Palférine a seguinte carta, na qual se vingou de Calisto com uma espécie de raiva

Meu amigo:

Venha ver-me, estou desesperada. Antônio despediu-o quando sua chegada teria posto fim a um dos mais horríveis pesadelos de minha vida, livrando-me de um homem a quem odeio e que jamais tornarei a ver, assim o espero. Não amo senão a você no mundo e não amarei a mais ninguém, embora tenha a infelicidade de não lhe agradar tanto quanto eu o quisera...

Escreveu quatro páginas, que, começando assim, terminavam por uma exaltação por demais poética para ser impressa, mas nas quais Beatriz comprometia-se tanto, que a terminou por: “Não estou assim suficientemente a tua mercê? Ah! nada me custará para provar-te o quanto és amado!”, e assinou, coisa que jamais fizera nem para Conti, nem para Calisto.

No dia seguinte, à hora em que o jovem conde veio à casa da marquesa, ela estava no banho; Antônio pediu-lhe que esperasse. Por

sua vez, despediu Calisto, o qual, esfaimado de amor, veio cedo, tendo olhado para a janela no momento em que subia para o carro, desesperado.

— Ah, Carlos — disse a marquesa ao entrar no salão —, você perdeu-me!

— Sei perfeitamente disso, senhora — respondeu tranquilamente la Palférine. — Jurou-me que só amava a mim, ofereceu-se a dar-me uma carta, na qual escreveria os motivos que teria para matar-se a fim de que em caso de infidelidade eu a pudesse envenenar sem nada ter a temer da justiça humana, como se pessoas superiores precisassem recorrer ao veneno para vingar-se. Escreveu-me: *Nada me custará fazer para provar-te o quanto és amado!*... Pois bem, encontro uma contradição nessa frase: *Você perdeu-me!* com esse fim de carta... Saberei agora se terá a coragem de romper com du Guénic.

— Pois bem, tu te vingaste dele antecipadamente — disse ela saltando-lhe ao pescoço. — E a começar desse assunto, tu e eu estamos ligados para sempre.

— Senhora — disse friamente o príncipe da Boêmia —, se me quer como amigo consinto nisso; mas com condições...

— Condições?

— Sim, as condições que aqui vão. A senhora se reconciliará com o sr. de Rochefide, recuperará as honras de sua condição social, voltará para o seu belo apartamento da rue de Anjou e será uma das rainhas de Paris; poderá consegui-lo, fazendo Rochefide desempenhar um papel político e pondo na sua conduta a habilidade e a persistência que a sra. d'Espard desenvolveu. Eis a situação em que se deve achar uma mulher, a quem faço a honra de dar-me...

— Mas esquece que o consentimento do sr. de Rochefide é necessário.

— Oh, querida filha — respondeu la Palférine —, nós já lho preparamos: eu empenhei-lhe minha palavra de gentil-homem que você valia mais do que todas as Schontz do bairro de Saint-Georges, e deve ter-me na conta de um homem de honra...

Durante oito dias, diariamente, Calisto foi à casa de Beatriz, cuja entrada lhe foi recusada por Antônio, o qual tomava uma cara de circunstância para dizer: “A senhora está perigosamente doente”. Dali Calisto corria à casa de la Palférine, cujo criado de quarto respondia: “O senhor conde está caçando”. De cada vez, o bretão deixava uma carta para la Palférine.

No nono dia, Calisto, convidado por um bilhete de la Palférine para uma explicação, encontrou-o, mas em companhia de Máximo de Trailles, a quem o jovem estroina queria dar, sem dúvida, uma prova da sua habilidade, tornando-o testemunha dessa cena.

— Senhor barão — disse tranquilamente Carlos Eduardo —, aqui estão as seis cartas que o senhor me fez a honra de escrever; elas estão perfeitas e completas, não foram abertas; eu sabia de antemão o que poderiam conter, ao verificar que o senhor andava à minha procura por toda a parte, desde o dia em que o olhei pela janela, quando o senhor estava na porta de uma casa, onde na véspera eu estava na porta, quando o senhor estava na janela. Achei que devia ignorar provocações descabidas. Entre nós, o senhor deve ter demasiado bom gosto para querer mal a uma senhora que não o ama mais. É um péssimo meio de reconquistá-la esse de provocar briga com o preferido. Nas circunstâncias atuais, porém, suas cartas estavam prejudicadas por um vício radical, por uma *nulidade*, como dizem os advogados. O senhor tem demasiado bom-senso para querer mal a um marido pelo fato de ele retomar sua esposa. A sra. de Rochefide sentiu que a situação da esposa carecia de dignidade. O senhor não achará mais a sra. de Rochefide na rue de Courcelles, mas sim no palácio de Rochefide, dentro de seis meses, no próximo inverno. O senhor atirou-se estouvadamente no meio de uma reconciliação entre esposos, que o senhor mesmo provocou, ao não salvar a sra. de Rochefide da humilhação que ela sofreu nos Italiens. Ao sair dali, Beatriz, a quem eu já levava algumas propostas amigáveis de parte do marido, tomou-me no seu carro e sua primeira palavra então foi: “Vá buscar Artur”.

— Oh, meu Deus! — exclamou Calisto — Ela tinha razão, não lhe

mostrei devotamento.

— Infelizmente, senhor, esse pobre Artur vivia com uma dessas mulheres atrozes, a Schontz, a qual, havia muito, se via de hora em hora em perigo de ser abandonada. A sra. Schontz que, baseada na tez de Beatriz, nutria o desejo de ver-se um dia marquesa de Rochefide, ficou furibunda ao ver por terra seus castelos no ar, quis vingar-se com um só golpe do marido e da mulher. Essas mulheres, senhor, são capazes de se furar um olho para poderem furar dois a seu inimigo; a Schontz, que acaba de sair de Paris, furou seis!... E se eu tivesse tido a imprudência de amar Beatriz, aquela Schontz teria furado oito. O senhor deve ter percebido que está precisando de um oculista.

Máximo não pôde deixar de sorrir ante a mudança operada no semblante de Calisto, o qual empalideceu ao abrir os olhos sobre a situação.

— Poderá crer, senhor, que essa ignóbil mulher deu a mão de esposa ao homem que lhe forneceu os meios de vingar-se? Oh, as mulheres!... Compreende agora o motivo pelo qual Beatriz se encerrou com Artur, por alguns meses, em Nogent-sur-Marne, onde eles têm uma deliciosa casinha, eles aí recuperarão a vista. Durante essa estada, vão restaurar o palácio, pretendendo a marquesa desenvolver nele um esplendor principesco. Quando se ama sinceramente uma mulher tão nobre, tão grande, tão graciosa, vítima do amor conjugal no momento em que tem a coragem de se entregar novamente aos seus deveres, o papel daqueles que a adoram, como o senhor a adora, e a admiram, como eu a admiro, é de permanecermos seus amigos, quando não se pode ser mais senão isso. Espero que queira desculpar-me se julguei dever fazer o sr. conde de Trailles testemunha desta explicação; mas eu fazia questão fechada de ser claro em tudo isto. Quanto a mim, quero dizer-lhe que, se admiro a sra. de Rochefide como inteligência, ela me desagrada soberanamente como mulher.

— Eis, pois, como terminam os nossos mais belos sonhos, nossos amores celestiais! — disse Calisto estonteado com tantas revelações e desilusões.

— Em rabo de foguete — exclamou Máximo — ou, o que é pior, em droga de botica! Não conheço primeiro amor que não termine

tolamente. Ah, senhor barão, tudo o que o homem tem de celestial não encontra alimento senão no céu!... Eis o que nos dá razão a nós outros, os devassos. Eu estudei muito esse assunto, senhor; e como vê sou um casado de ontem e serei fiel à minha mulher, e aconselho-o a que volte para a sra. du Guénic, mas... daqui a três meses. Não tenha saudades de Beatriz, ela é modelo dessas naturezas vaidosas, sem energia, coquetes por amor à gloriola, é a sra. d'Espard sem a sua política profunda, a mulher sem coração, nem cabeça, desastrada no mal. A sra. de Rochefide só ama a sra. de Rochefide; ela o teria indisposto para sempre com a sra. du Guénic e o largaria em qualquer momento, sem remorsos; enfim é incompleta para o vício como para a virtude.

— Não sou da tua opinião, Máximo — disse la Palférine —, ela será a mais deliciosa das donas de casa de Paris.

Calisto não saiu sem ter antes trocado um aperto de mão com Carlos Eduardo e Máximo de Trailles, agradecendo-lhes por terem-no operado das suas ilusões.

XXVII – QUANTAS COISAS AS FÁBULAS DE LA FONTAINE EXPLICAM

Três dias depois, a duquesa de Grandlieu, que não vira a filha Sabina desde a manhã em que tivera lugar aquela conferência, chegou uma manhã e encontrou Calisto no banho; Sabina junto dele trabalhava em novos enfeites para o enxoval do próximo filho.

— E então, que lhes acontece, meus filhos? — perguntou a boa duquesa.

— Nada, a não ser de bom, querida mamãe — respondeu Sabina, a qual ergueu para a mãe dois olhos radiantes de felicidade —, nós representamos a fábula dos *Dois pombos*! [337] eis tudo.

Calisto estendeu a mão para a esposa e apertou-lha ternamente.

GOBSECK

TRADUÇÃO DE **VIDAL DE OLIVEIRA**

INTRODUÇÃO

As obras incluídas em *A comédia humana* — como nossos leitores devem estar lembrados — obedecem a várias subdivisões. Toda a *Comédia* se reparte em três ciclos: *Estudos de costumes*, *Estudos filosóficos*, *Estudos analíticos*. Esses três ciclos são de extensão bastante desigual, pois o primeiro ocupa catorze dos dezessete volumes desta edição, o segundo dois volumes e meio, e o último apenas meio volume. Também o primeiro ciclo é ainda subdividido em seis grupos de *Cenas: da vida privada, da vida provinciana, da vida parisiense, da vida política, da vida militar e da vida rural*. Basta um exame rápido para verificar-se que essas subdivisões não se excluem de maneira absoluta; aliás, Balzac muitas vezes retirou uma novela ou um romance de uma delas para colocá-la em outra. Essas transferências nem sempre resultam de cogitações sobre as características mais essenciais das obras a que se referiam. Mais de uma vez, para completar um volume ou uma série de volumes, o escritor precisava de certo número de páginas e então, sem excesso de escrúpulos, retirava uma obra de algum volume anterior e acrescentava-a ao novo, modificando-lhe mais de uma vez o título. Procedimento este que podia aborrecer o público e prejudicava bastante o editor do volume anterior, com o qual, aliás, em regra geral, Balzac já tinha rompido.

A novela *Gobseck* também passou por essas modificações. Publicada pela primeira vez em 1830 na primeira edição das *Cenas da vida privada* sob o título de *Os perigos do mau comportamento (Les dangers de l'inconduite)*, reapareceu em 1835 intitulada *Papai Gobseck (Papa Gobseck)* na primeira edição das *Cenas da vida parisiense*; finalmente, em 1842, dali foi retirada para, na quinta

edição das *Cenas da vida privada*, ocupar seu lugar definitivo sob o seu título atual.

Mais que as transferências, as duas modificações do título parecem ter a sua significação; *Os perigos do mau comportamento* focaliza o adultério da condessa de Restaud e seu castigo, ao passo que *Papai Gobseck* nos mostra o autor já consciente de haver criado nesse conto uma personagem excepcional, cuja importância simbólica excede de muito o interesse que pode oferecer uma ligação amorosa. Na edição que passa por definitiva, o apelido irônico da personagem é substituído pelo simples nome, o que realça mais ainda a força temível que se irradia do velho usurário. Balzac atribuía um valor místico aos nomes das pessoas, e por isso se preocupava muito com a denominação de suas personagens. A de Gobseck parecia-lhe um achado: “Por uma singularidade a que Sterne chamaria uma predestinação, esse homem se chamava Gobseck”.

Na galeria das grandes personagens balzaquianas, a figura de Gobseck é, sem dúvida, a primeira em ordem cronológica. Os avarentos que antes dele aparecem na literatura, geralmente constituem tipos, como nas peças de Plauto, de Molière; ele, porém, é individual demais para o ser. Além da avareza instintiva e doentia de seus predecessores, possui o que os outros não tinham: uma filosofia da usura, baseada na onipotência do dinheiro. Em outros termos: Gobseck é o avarento desenvolvido pela sociedade capitalista, e suas confidências a Derville constituem uma exaltação clarividente e audaciosa do poder que o dinheiro confere a seu possuidor. Somente Balzac, em luta permanente e encarniçada com o Grão-Senhor de Cabeça de Porco (como mais tarde um grande poeta de imaginação oriental, Ady, apelidaria o capital), podia conceber essa figura temível, símbolo das forças que por trás dos bastidores movimentam a vida da sociedade, ditam as leis e os dramas, decidem dos destinos e das paixões.

A novela contém, além da biografia de Gobseck, a narrativa concisa e vigorosa do drama conjugal do casal de Restaud, drama que, embora empolgante por si mesmo, se amplia consideravelmente pelas perspectivas que lhe confere o conjunto de *A comédia humana*. O que a condessa de Restaud expia em *Gobseck* não é a traição ao marido,

apesar do que o primeiro título da novela pode sugerir. Balzac absolveu do adultério muitas criaturas suas, como por exemplo essa virtuosa e infeliz sra. de Beauséant, cujo nome aparece no diálogo final. Anastácia de Restaud expia outro crime, a falta de amor ao velho pai que lhe sacrificara tudo e a quem ela renegou. O sombrio drama de *O pai Goriot* (no volume iv da presente edição), se não se aclara com esse epílogo, pelo menos se completa e se coroa, chegando nesse corretivo à grandeza das tragédias gregas, em que o destino, distribuindo cegamente seus golpes para todos os lados, fere com a mesma força inflexível réus e inocentes.

paulo rónai

GOBSECK

AO SENHOR BARÃO BARCHOU DE PENHOEN[338]

*Creio que, de todos os alunos de Vendôme, somos os únicos que tornaram a encontrar-se no país das letras, nós dois que cultivávamos a filosofia na idade em que devíamos cultivar apenas o De Viris.[339] Aqui está a obra em que eu laborava quando nos revimos, enquanto tu trabalhavas nos teus belos livros sobre a filosofia alemã. Assim, pois, nenhum de nós dois falhou à sua vocação. Sentirás, pois, tanto prazer em ver aqui teu nome como sentiui ao escrevê-lo
teu velho companheiro de colégio,*

DE BALZAC
1840

À uma hora da madrugada, durante o inverno de 1829 a 1830, encontravam-se ainda no salão da viscondessa de Grandlieu duas pessoas estranhas à sua família. Um, jovem e bonito homem, saiu ao ouvir o relógio dar horas. Quando o ruído do carro ecoou no pátio, a viscondessa, não vendo mais senão o irmão e um amigo da família, que estavam acabando seu *piquet*,[340] dirigiu-se para a filha que, de pé, em frente à lareira do salão, parecia estar examinando uma pantalha em litofania e ouvia o barulho do cabriolé, de maneira a justificar os temores da mãe.

— Camila, se continuar a portar-se com o jovem conde de Restaud do modo como o fez esta noite, vai obrigar-me a não mais recebê-lo. Ouça, minha filha, se tem confiança em mim, deixe que eu a guie na

vida. Aos dezessete anos não sabemos avaliar nem o futuro nem o passado, e tampouco certas considerações sociais. Vou fazer-lhe uma única observação. O sr. de Restaud tem uma mãe que devoraria milhões, é uma mulher de baixo nascimento, uma srta. Goriot que, outrora, deu muito que falar de si. Portou-se tão mal com o pai,[341] que não mereceria, certamente, ter um filho tão bom. O jovem conde adora-a e ampara-a com uma piedade filial, digna dos maiores elogios; é sobretudo extremamente cuidadoso com o irmão e a irmã. Entretanto — continuou a viscondessa com ar sutil —, por mais admirável que seja esse procedimento, enquanto a mãe existir, todas as famílias tremerão de medo à ideia de confiar a esse pequeno Restaud o futuro e a fortuna de uma moça.

— Ouvi algumas palavras, que me dão vontade de intervir entre a sra. e a srta. de Grandlieu — disse o amigo da família. — Ganhei, senhor conde — acrescentou, dirigindo-se ao parceiro. — Deixe-o, para ir em socorro de sua sobrinha.

— Eis o que se chama ter ouvidos de procurador — exclamou a viscondessa. — Meu caro Derville, como pôde ouvir o que eu estava dizendo em voz baixa a Camila?

— Compreendi pelo seu olhar — respondeu Derville,[342] e sentou-se numa *bergère*, ao canto da lareira.

O tio colocou-se ao lado da sobrinha, e a sra. de Grandlieu acomodou-se numa cadeira baixa, entre a filha e Derville.

— Já é tempo, senhora viscondessa, que eu lhe conte uma história que lhe fará modificar sua opinião a respeito da fortuna do conde Ernesto de Restaud.

— Uma história? — exclamou Camila. — Conte-a logo, senhor.

Derville dirigiu um olhar à sra. de Grandlieu, pelo qual lhe fez compreender que a narrativa ia interessá-la. A viscondessa de Grandlieu, quer pela fortuna, quer pela antiguidade do nome, era uma das mais notáveis senhoras do Faubourg Saint-Germain; e, se não parece natural que um solicitador de Paris pudesse falar-lhe de modo tão familiar e se portasse em sua casa com tanta sem-cerimônia, esse fenômeno era, entretanto, facilmente explicável. A sra. de Grandlieu, que voltara para a França com a família real,[343] viera residir em

Paris, onde, a princípio, vivera apenas — situação intolerável — com os recursos tirados da Lista Civil,[344] que lhe eram dados por Luís xviii. O solicitador teve oportunidade de descobrir vícios de forma na venda que a república fizera, outrora, do palacete de Grandlieu, e alegava que devia ser restituído à viscondessa. Encarregou-se do processo de empreitada e ganhou-o. Animado por esse triunfo, chicanou tão habilmente não sei que hospício, que obteve a restituição por este da floresta de Liceney. Além disso, conseguiu recuperar algumas ações do canal de Orléans e certos edifícios, bastante importantes, que haviam sido dados pelo imperador a estabelecimentos públicos. A fortuna da sra. de Grandlieu, reconstituída por essa forma, pela habilidade do jovem solicitador, elevava-se a pouco mais ou menos sessenta mil francos de renda, quando foi promulgada a lei das indenizações, que lhe trouxe quantias enormes. Homem de grande probidade, sábio, modesto e de boa companhia, o solicitador tornou-se então amigo da família. Conquanto seu procedimento com a sra. de Grandlieu lhe tivesse valido a estima e a clientela das melhores casas do Faubourg Saint-Germain, Derville não se aproveitava dessa situação, como o teria feito um ambicioso. Resistia aos oferecimentos da viscondessa, que queria fazer-lhe vender o cargo e lançá-lo na magistratura, carreira na qual, por sua proteção, ele teria obtido rápidos progressos. Com exceção do palacete de Grandlieu, onde costumava passar alguns serões, ele só frequentava a sociedade para manter suas relações. Sentia-se muito feliz de seu talento, evidenciado por sua dedicação à sra. de Grandlieu, sem o que teria corrido o risco de ver seu escritório entregue às moscas. Derville não tinha alma de solicitador.

Depois que o conde Ernesto de Restaud começou a frequentar a casa da viscondessa, e que Derville descobriu a simpatia de Camila pelo rapaz, tornara-se tão assíduo nas suas visitas à sra. de Grandlieu, como o seria um dândi da Chaussée d'Antin,[345] recentemente admitido nos círculos do nobre Faubourg. Poucos dias antes, num baile, achando-se perto de Camila, disse-lhe, indicando o jovem conde:

— Que pena não ter esse rapaz uns dois ou três milhões, não acha?

— Será isso um mal? Não o creio — respondeu ela. — O sr. de Restaud tem muito talento, é instruído e muito apreciado pelo ministro

com o qual trabalha. *Esse rapaz* terá a fortuna que quizer no dia em que alcançar o poder.

— Sim, mas e se já fosse rico?

— Se fosse rico... — disse Camila corando — creio que todas as moças que aqui estão o disputariam — acrescentou, apontando para as quadrilhas.

— E, então — replicara o solicitador —, a srta. de Grandlieu não seria a única para a qual ele dirigiria seus olhares, não? E aí está por que corou! Gosta dele, não é? Vamos, confesse.

Camila erguera-se bruscamente.

“Ela o ama!”, pensou Derville.

Desde esse dia, Camila cercou o solicitador de atenções particulares, ao perceber que ele aprovava sua inclinação pelo jovem conde Ernesto de Restaud. Até então, embora não ignorasse nenhuma das obrigações de sua família para com Derville, ela tivera por ele mais consideração do que verdadeiramente amizade, mais polidez do que afeição; suas maneiras, tanto quanto o tom de sua voz, faziam-lhe sentir a distância que a etiqueta estabelecia entre ambos. A gratidão é uma dívida que os filhos nem sempre aceitam no inventário.

— Essa aventura — principiou Derville, depois de uma pausa — lembra-me os únicos episódios romanescos de minha vida. Já os vejo rir por lhes falar um solicitador de um romance na sua vida! Mas como todo mundo, também tive vinte e cinco anos, e nessa idade já tinha visto muita coisa estranha. Devo começar falando-lhes de um personagem que não é possível que conheçam. Trata-se de um usurário. Como poderão imaginar essa cara pálida e baça, como se fosse de prata oxidada, e que a Academia devia permitir-me que designasse de face *lunar*? Os cabelos de meu usurário eram lisos, cuidadosamente penteados, e cor de cinza. Suas feições, tão impassíveis quanto as de Talleyrand, dir-se-ia modeladas em bronze. Seus olhos pequenos, amarelos como os de uma fuinha, quase não tinham pestanas e não suportavam a luz, da qual os protegia a pala de um boné. O nariz, pontudo, era tão bexigoso na ponta, que podia ser comparado a uma verruma. Tinha os lábios delgados como os dos alquimistas e dos velhos, pintados por Rembrandt ou Metzu.[346]

Falava em voz baixa, com um tom suave, e nunca se exaltava. Sua idade era um problema: não se podia saber se envelhecera antes do tempo, ou se poupava sua mocidade para que esta sempre lhe servisse. Tudo era limpo e roçado no seu quarto, que lembrava, desde o pano verde da secretária, até o tapete da cama, o frio santuário dessas solteironas que passam o dia a esfregar os móveis. No inverno, os tições da sua lareira estavam sempre soterrados sob um montão de cinzas, de modo a arder sem flamejar. Tanto seus atos, desde a hora em que se levantava, até seus acessos de tosse, à noite, eram submetidos à regularidade de um relógio. Era, de algum modo, um *homem-modelo*, ao qual o sono dava corda. Se tocardes num tatuzinho que esteja caminhando em cima de um papel, ele se fingirá de morto, do mesmo modo aquele homem detinha-se no meio da frase e calava-se, quando passava um carro, para não forçar a voz. A exemplo de Fontenelle,^[347] economizava o movimento vital e concentrava todos os sentimentos humanos no *eu*. Por isso a sua vida escoou-se sem fazer mais ruído do que a areia de uma ampulheta. Suas vítimas, por vezes, gritavam a bom gritar, exacerbavam-se; depois, fazia-se um silêncio profundo, como acontece numa cozinha depois de se ter degolado um pato. À tarde, o homem-cédula transformava-se num homem comum, e seu ouro metamorfoseava-se em coração humano. Quando estava satisfeito com o seu dia, esfregava as mãos, deixando escapar pelas rugas fendidas de seu rosto uma fumaça de alegria, pois que é impossível traduzir por outro termo o movimento mudo de seus músculos, nos quais se esboçava uma expressão comparável ao riso vago de Meia-de-Couro.

^[348] Enfim, nos seus maiores acessos de alegria, sua conversação mantinha-se monossilábica e sua atitude era sempre negativa. Tal era o vizinho que o acaso me proporcionara, na casa em que eu morava, na rue du Grès, na época em que eu era apenas praticante de solicitador e cursava meu terceiro ano de Direito. Essa casa que não tem pátio é úmida e sombria. Os apartamentos recebem luz somente da rua. A distribuição clausttral do edifício, que o divide em quartos do mesmo tamanho, não lhes deixando outra saída a não ser um comprido corredor iluminado por olhos-de-boi, mostra que a casa, antigamente, fez parte de um convento. A esse triste aspecto a alegria dos filhos de

família expirava, antes de entrarem em casa do meu vizinho: a casa e ele se pareciam. Dir-se-ia a ostra e o rochedo. A única pessoa a quem, socialmente falando, ele se dirigia, era a mim: pedia-me fogo, livros emprestados, um jornal, e, à tarde, permitia-me entrar na sua cela, onde conversávamos quando ele estava de bom humor. Essas demonstrações de confiança eram fruto de uma vizinhança de quatro anos e de meu bom procedimento, que, por falta de dinheiro, assemelhava-se ao seu. Teria ele parentes, amigos? Seria rico, pobre? Ninguém jamais pôde responder a essas perguntas. Eu nunca via dinheiro em casa dele. Sua fortuna, com certeza, devia estar na caixa-forte de um banco. Ele mesmo recebia seu dinheiro, correndo Paris com pernas secas como as de um veado. Aliás, era um mártir de sua prudência. Um dia, por acaso, sua carga era de ouro; um duplo napoleão, não se sabe como, atravessou-lhe o bolso: um inquilino que vinha atrás dele, na escada, recolheu a moeda e apresentou-lha: “Não é meu!”, disse ele com um gesto de surpresa. “Ouro, meu? Viveria como vivo se fosse rico?” Pela manhã, ele próprio preparava seu café num fogareiro de lata, que ficava sempre no ângulo escuro da lareira; recebia o jantar de um restaurante. A velha porteira da casa sabia a hora fixa para arrumar o quarto. Enfim, por uma singularidade que Sterne[349] denominaria predestinação, aquele homem chamava-se Gobseck. Quando, mais tarde, tratei de seus negócios, vim a saber que na época em que travamos relações, ele tinha mais ou menos setenta e seis anos. Nascera em 1740, nos subúrbios de Antuérpia, filho de uma judia e de um holandês, e chamava-se João Ester Van Gobseck. Não se lembram como Paris se preocupou com o assassinio de uma mulher denominada a *Bela Holandesa*? Quando, por acaso, lhe falei no assunto, ele, sem manifestar o menor interesse, nem a menor surpresa, disse-me: “Era minha sobrinha-neta”. E foram essas palavras tudo o que a morte da sua única herdeira, neta de sua irmã, lhe arrancou. Os debates fizeram-me saber que, de fato, a bela holandesa se chamava Sara Van Gobseck. Quando lhe perguntei por que singularidade sua sobrinha-neta usava seu nome, respondeu-me sorrindo: “As mulheres, na nossa família, nunca se casaram”. Aquele homem estranho nunca quisera ver uma única pessoa sequer das quatro gerações fêmeas em

que tinha a sua parentela. Detestava seus herdeiros e não concebia que sua fortuna pudesse jamais ser possuída por outros que não ele, mesmo depois de sua morte. Sua mãe, logo que ele atingiu a idade de dez anos, embarcara-o como grumete para as possessões holandesas, nas grandes Índias, por onde ele rolara durante vinte anos. Por isso as rugas de sua fronte amarelada guardavam segredos de horríveis acontecimentos, de terrores súbitos, de acasos inesperados, de travessias romanescas, de alegrias infinitas: fomes suportadas, amor espezinhado, fortuna comprometida, perdida, reconquistada, a vida muitas vezes em perigo, e salva talvez por essas determinações, cuja rápida urgência desculpa a crueldade. Conhecera o almirante Simeuse, o sr. de Lally, o sr. de Kergarouët, o sr. d'Estaing, o bailio de Suffren, o sr. de Portenduère, *lord* Cornwallis, *lord* Hastings, o pai de Tippto-Saeb e o próprio Tippto-Saeb.[350] Esse saboiano, que serviu Madhadjy-Sindiah, rei de Delhi, e que tanto contribuiu para estabelecer o poder dos maratas,[351] fizera negócios com ele. Tivera relações com Victor Hughes,[352] e vários corsários célebres, pois permanecera muito tempo em São Tomás. Tentara tão bem fazer fortuna, por todos os meios, que procurara descobrir o ouro daquela tribo de selvagens, tão famosa nas cercanias de Buenos Aires. Finalmente, não era estranho a nenhum dos acontecimentos da guerra da independência americana. Quando, porém, falava das Índias, ou da América, o que não fazia com ninguém, a não ser comigo, e isso raramente, parecia estar cometendo uma indiscrição e dava a impressão de que se arrependia. Se a humanidade, a sociabilidade são uma religião, ele podia ser considerado um ateu. Embora eu me tivesse proposto analisá-lo, sou forçado a confessar, digo-o para vergonha minha, que seu coração, até o último momento, se me conservou impenetrável. A mim mesmo perguntei, algumas vezes, a que sexo ele pertencia. Se todos os usurários se parecem com aquele, creio que são do gênero neutro. Teria ele permanecido fiel à religião da mãe e consideraria os cristãos como sua presa? Ter-se-ia ele feito católico, maometano, brâmane ou luterano? Nunca pude saber nada de suas opiniões religiosas. Parecia-me mais indiferente do que incrédulo. Uma tarde, entrei em casa daquele homem que se fizera ouro e que suas vítimas, por antífrase ou

por troca, chamavam de “papai Gobseck”. Encontrei-o sentado na sua poltrona, imóvel como uma estátua, com os olhos fixos sobre o pano da chaminé, onde parecia estar relendo suas listas de desconto. Uma lâmpada fumarenta, cujo pé fora verde, espargia um clarão que, longe de lhe colorir o rosto, fazia mais sobressair sua palidez. Fitou-me silenciosamente e mostrou a cadeira que me estava esperando. “Em que pensará essa criatura?”, a mim mesmo perguntava. “Saberá ela se existe um Deus, sentimentos, mulheres, a felicidade?” Lamentava-o, como lamentaria um doente. Mas compreendia também que se ele tinha milhões no banco, poderia pela imaginação possuir a terra que tinha percorrido, esquadrinhado, revolidado, avaliado, explorado.

— Bom dia, papai Gobseck — disse-lhe.

Ele virou a cabeça para mim, franziu ligeiramente as espessas sobrancelhas. Nele essa característica inflexão equivalia ao mais alegre sorriso de um meridional.

— Vejo-o tão sombrio como no dia em que lhe vieram trazer a notícia da falência daquele livreiro, cuja habilidade o senhor tanto admirou, apesar de ter sido sua vítima?

— Vítima? — perguntou com ar admirado.

— A fim de obter sua concordata, não lhe saldou ele sua dívida com letras assinadas pela razão social em falência? E, quando se refez, não as submeteu ele ao desconto estipulado pela concordata?

— Era um finório — disse ele —, mas tornei a apanhá-lo.

— Então tem algumas letras a protestar? Parece-me que hoje é trinta.

Pela primeira vez, eu lhe falava em dinheiro. Ergueu os olhos para mim com expressão zombeteira; depois, com sua voz suave, cuja tonalidade lembrava os sons que tira de sua flauta um estudante, que não tem embocadura, disse-me:

— Estou me divertindo.

— Quer dizer, então, que de quando em quando, se diverte?

— Pensa que só são poetas os que sabem imprimir seus versos? — perguntou-me, dando de ombros e dirigindo-me um olhar de piedade.

“Poesia nessa cachola!”, pensei com os meus botões, pois nada conhecia ainda da sua vida.

— Que existência poderia ser tão brilhante quanto a minha? — disse ele, e seus olhos se animaram. — O senhor é moço, tem as ideias próprias da idade, vê imagens de mulheres nos seus tições, ao passo que eu nada mais vejo, nos meus, do que carvão. O senhor crê em tudo, eu não creio em nada. Guarde as suas ilusões, se puder. Vou fazer-lhe a resenha da vida. Quer viaje, quer fique no cantinho da sua lareira, ao lado de sua mulher, chega sempre a época em que a vida nada mais é do que um hábito, exercido num certo meio predileto. A felicidade consiste, então, no exercício de nossas faculdades aplicadas às realidades. Fora desses dois preceitos tudo é falso. Meus princípios variaram como os de todos os homens, devo tê-los mudado a cada latitude. O que a Europa admira é punido na Ásia. O que é um vício em Paris torna-se uma necessidade quando se ultrapassa os Açores. Nada é fixo aqui na Terra, só existem convenções que se modificam de acordo com os climas. Para quem se viu forçado a se meter por todos os moldes sociais, as convicções e as morais nada mais são do que palavras ocas. A única coisa que nos fica é o sentimento verdadeiro que a natureza pôs em nós: o instinto de conservação. Nas vossas sociedades europeias esse instinto chama-se *interesse pessoal*. Se o senhor tivesse vivido tanto quanto eu, saberia que só existe uma coisa material, cujo valor é bastante certo para que um homem se preocupe com ela. Essa coisa... é o OURO. O ouro representa todas as forças humanas. Viajei, vi que por toda parte há planícies e montanhas; as planícies aborrecem, as montanhas cansam, os lugares portanto nada significam. Quanto aos costumes, o homem é o mesmo por toda parte: por toda parte existe a luta entre o pobre e o rico; por toda parte ela é inevitável; nessas condições mais vale ser o explorador do que o explorado; por toda parte há homens robustos que trabalham e criaturas linfáticas que se atormentam; por toda parte os prazeres são os mesmos, pois os sentidos se esgotam, e somente um sentimento sobrevive: a vaidade! A vaidade é sempre o *eu*. Ela não se satisfaz senão com torrentes de ouro. Nossas fantasias exigem tempo, meios físicos ou cuidados. Pois bem, o ouro contém tudo em germe, dá tudo realizado! Só loucos ou doentes podem achar prazer em baralhar as cartas, todas as noites, para saber se ganharão alguns níqueis. Somente

os tolos podem empregar o tempo a indagar do que acontece, se a senhora Fulana deitou-se no seu canapé sozinha ou acompanhada, se ela tem mais sangue do que linfa, mais ardor do que virtude. Somente os ingênuos podem julgar-se úteis a seus semelhantes, preocupando-se em delinear princípios políticos para governar acontecimentos sempre imprevistos. Somente os néscios podem gostar de falar nos atores e repetir suas frases, de dar todos os dias, numa maior extensão, o passeio que um animal dá na sua jaula; de vestir-se para os outros, de comer para os outros; de se gabar de um cavalo ou de uma carruagem que o vizinho não consegue ter senão daí a três dias. Não é essa a vida dos seus parisienses, traduzida em poucas palavras? Devemos encarar a existência de um pouco mais alto do que eles. A felicidade consiste em emoções fortes que consomem a vida, ou em ocupações reguladas que fazem dela um maquinismo inglês que funciona em tempos regulares. Acima desses gozos existe a curiosidade, que se diz nobre, de conhecer os segredos da natureza ou de obter uma determinada imitação de seus efeitos. Não é isso em duas palavras a arte ou a ciência, a paixão ou a calma? Pois bem! Todas as paixões humanas, aumentadas pelo embate de vossos interesses sociais, desfilam por diante de mim, que vivo na calma. Ademais, a curiosidade científica — espécie de luta, em que o homem nunca leva a melhor — eu a substituo pela penetração de todas as molas que fazem a humanidade mover-se. Numa palavra, possuo o mundo sem fatigar-me, e o mundo nada pode contra mim. Ouça-me — continuou —, pela descrição dos acontecimentos da manhã, vai poder fazer uma ideia dos meus prazeres.

Ergueu-se, foi fechar o ferrolho da porta, puxou a cortina do velho reposteiro, cujas argolas rangeram no varão de ferro, e tornou a sentar-se.

— Hoje de manhã — disse ele —, tinha somente duas quantias a receber, as outras já as tinha dado na véspera aos meus clientes, em dinheiro à vista. Novo lucro, porque no vencimento desconto a despesa que me impõe a cobrança, embolsando os dois francos de um cabriolé fantástico! Não faltava mais nada, senão que um cliente me fizesse atravessar Paris por seis francos de juros, a mim que não obedeço a

nada e só pago sete francos de imposto. A primeira letra, no valor de mil francos, que me foi apresentada por um rapaz, jovem de colete enfeitado de lantejoulas, de monóculo, de tílburí, um cavalo inglês etc., estava assinada por uma das mais lindas mulheres de Paris, casada com algum rico proprietário, um conde. Por que motivo essa condessa assinara uma promissória, nula de pleno direito, mas excelente de fato, por que essas pobres mulheres têm um medo louco do escândalo que uma letra protestada produziria em casa e se dariam de preferência em pagamento a não pagar? Eu queria conhecer o valor secreto dessa promissória. Seria isso tolice, imprudência, amor ou caridade? A segunda letra, por igual quantia, estava assinada por Fanny Malvaut, e me foi apresentada por um negociante de telas em vias de arruinar-se. Ninguém que tenha crédito num banco vem ao meu gabinete, onde o primeiro passo que dá da porta em direção à minha mesa trai um desespero, uma falência, prestes a explodir, e principalmente uma recusa de dinheiro que sofre de todos os banqueiros. Por esse motivo só vejo cervos acossados ao último extremo, perseguidos pela matilha de seus credores. A condessa reside na rue du Helder, e minha Fanny na rue Montmartre. Quantas conjecturas não fiz eu ao sair daqui, hoje de manhã! Se essas duas mulheres não estivessem em condições de saldar seus compromissos, iriam receber-me com mais respeito do que se eu fosse o seu próprio pai. Quantas momices não me faria a condessa por mil francos? Afetaria, com certeza, um ar amável e me falaria com aquela voz, cujas meiguices são reservadas ao endossante da letra, prodigar-me-ia palavras carinhosas, talvez me suplicasse, e eu...

Nesse ponto o velho pousou sobre mim seu olhar vidrado.

— E eu, inflexível — continuou —, chego lá como um vingador, apareço como um remorso. Mas ponhamos de lado as hipóteses. Chego.

— A senhora condessa está deitada — disse-me a criada de quarto.

— Quando a poderei ver?

— Ao meio-dia.

— A senhora condessa está doente?

— Não, senhor, ela voltou do baile às três horas.

— Chamo-me Gobseck, diga-lhe meu nome e que estarei aqui ao meio-dia. — E me fui, deixando assinalada minha presença no tapete que cobria os degraus da escada. Gosto de enlamear os tapetes dos ricos, não por mesquinhez, mas para lhes fazer sentir as garras da necessidade. Ao chegar à rua Montmartre, a uma casa de pouca aparência, empurro um portão velho e vejo um desses pátios escuros, onde o sol nunca penetra. O cubículo do porteiro era mais escuro ainda, as vidraças lembravam a manga de uma capa eclesiástica, usada demasiado tempo, gordurosa, parda, esgarçada.

— A srta. Fanny Malvaut?

— Saiu, mas se o senhor veio por uma letra, o dinheiro está aí.

— Voltarei — disse.

Uma vez que o porteiro tinha a quantia, eu queria conhecer a rapariga; imaginava-a bonita. Passo a manhã a ver estampas no bulevar; depois, ao meio-dia em ponto, eu atravessava o salão que precede o quarto da condessa.

— A senhora acaba de tocar a sineta chamando-me, não creio que já esteja disponível.

— Esperarei — disse eu, sentando-me numa poltrona.

Abrem-se os postigos, a criada de quarto vem apressadamente e me diz:

— Entre, senhor.

Pela doçura da voz compreendi que a condessa não devia estar em condições de pagar. Como era linda a mulher que vi então! Lançara às pressas sobre as espáduas nuas um xale de *cashmere* e o fizera com tanta arte que permitia adivinhar-lhe a nudez das formas. Vestia um penhoar, guarnecido de rendas, brancas como neve, e que fazia prever uma despesa de dois mil francos anuais com a lavadeira de roupa fina. Seus cabelos negros escapavam-se em grossos cachos de sob uma touca de madapolão, negligentemente atada à moda colonial. O leito oferecia o quadro de uma desordem produzida, sem dúvida, por um sono agitado. Um pintor teria pago para permanecer um momento no meio daquela cena. Sob amplos cortinados, voluptuosamente dispostos, um travesseiro enterrado num edredão de seda azul, e cujas guarnições de renda sobressaíam vivamente sobre aquele fundo, deixava perceber a

impressão de formas indecisas que despertavam a imaginação. Sobre uma grande pele de urso, estendida aos pés dos leões esculpidos no acaju do leito, luziam dois sapatos de cetim branco, ali atirados com a incúria que a lassidão do baile provoca. Em cima de uma cadeira estava atirado um vestido amarrotado, cujas mangas chegavam ao chão. Junto ao pé de uma poltrona jazia um par de meias enrolado, que a menor aragem teria levado. Ligas brancas flutuavam em cima de uma conversadeira. Um leque de valor, meio aberto, reluzia em cima da lareira. As gavetas da cômoda estavam abertas. Flores, diamantes, luvas, um ramo, um cinto espalhados aqui e ali. Eu respirava um vago perfume. Tudo era luxo e desordem, beleza sem harmonia. Mas já para ela ou para o seu adorador, a miséria, acoitada por sob aquilo tudo, erguia a cabeça e lhes fazia sentir seus agudos dentes. O rosto fatigado da condessa assemelhava-se àquele quarto, semeado de destroços de uma festa. Aquelas bagatelas esparsas causavam-me piedade: reunidas tinham na véspera provocado algum delírio. Esses vestígios de um amor fulminado pelo remorso, aqueles vestígios de dissipação, de luxo e de ruído, traíam esforços tantálicos para abarcar prazeres fugidios. Algumas manchas róseas semeadas pelo rosto da moça atestavam a finura de sua pele; mas suas feições pareciam inchadas e os círculos arroxeados que orlavam seus olhos pareciam mais pronunciados do que habitualmente. Não obstante, nela, a natureza tinha tanta energia, que aqueles sinais de desregramento não lhe alteravam a beleza. Seus olhos cintilavam. Como uma daquelas Herodíades, devidas ao pincel de Leonardo da Vinci (revendi esses quadros), era exuberante de vida e de força; nada havia de mesquinho nos seus contornos, nem nas suas feições; inspirava amor, e, pareceu-me, devia ser mais forte do que este. Agradou-me. Fazia muito que meu coração não batia. Estava, portanto, pago! Eu de bom grado dava mil francos por uma sensação que me recordasse minha mocidade.

— Senhor — disse ela indicando-me uma cadeira —, quer ter a bondade de esperar?

— Até amanhã ao meio-dia, senhora — respondi dobrando a letra que lhe tinha apresentado —, não tenho o direito de protestá-la senão nesse momento.

E, ao mesmo tempo, para mim mesmo dizia: “Paga teu luxo, paga teu nome, paga tua felicidade, paga o monopólio de que gozas. Os ricos, para garantir seus bens, inventaram tribunais, juízes e essa guilhotina, espécie de vela onde se vêem queimar os ignorantes. Mas para vocês que dormem entre sedas, existem remorsos, rangidos de dentes ocultos por um sorriso, e goelas de leões fantásticos que lhes mordem o coração”.

— Um protesto: que está dizendo? — exclamou ela fitando-me. — Teria tão poucas contemplações para comigo?

— Se o rei me devesse, senhora, e não me pagasse, eu o intimaria mais depressa ainda do que a qualquer outro devedor.

Nesse momento ouvimos bater mansamente à porta do quarto.

— Não estou! — disse imperiosamente a jovem dama.

— Anastácia, eu preciso vê-la.

— Não, agora, meu caro — respondeu ela em tom menos duro, mas entretanto sem suavidade.

— Que brincadeira! Você estava falando com alguém — respondeu um homem que não podia ser outro senão o conde.

A condessa olhou-me, compreendi-a, ela tornou-se minha escrava. Houve tempos, meu caro, em que eu teria sido, talvez, bastante idiota para não protestar. Em 1763, em Pondichéry, perdoei a uma mulher, que me embrulhou magistralmente. Foi merecido, porque quem me mandou fiar-me nela?

— Que quer o senhor? — perguntou-me o conde.

Vi a mulher estremecer da cabeça aos pés, a pele alva e acetinada do pescoço tornar-se áspera: segundo a expressão popular, ela estava com pele de galinha. Quanto a mim, ria, sem que nenhum dos meus músculos estremecesse.

— O senhor é um dos meus fornecedores — disse ela.

O conde virou-me as costas, e eu puxei a letra meio fora do bolso. Ante esse movimento inexorável, a jovem dama veio a mim, apresentou-me um diamante:

— Tome — disse ela — e retire-se.

Fizemos a troca dos dois valores e eu saí, cumprimentando-a. A meu ver, o diamante valia bem uns mil e duzentos francos. No pátio,

encontrei um enxame de lacaios que estavam escovando suas librés, lustrando as botas ou limpando carruagens suntuosas. “Aí está”, disse eu comigo mesmo, “o que leva essa gente ao meu escritório. Eis o que os impele a roubar decentemente milhões, a trair a pátria. Para não se salpicar de lama, caminhando a pé, o grão-senhor, ou o que o macaqueia, toma de uma só vez um banho de lama!” Naquele momento o portão abriu-se, dando entrada ao cabriolé do rapaz que me apresentara a letra.

— Cavalheiro — disse-lhe eu, quando desceu do carro —, aqui tem duzentos francos que lhe peço o obséquio de entregar à senhora condessa e dizer-lhe que conservarei à sua disposição, durante oito dias, o penhor que ela me entregou esta manhã.

Ele pegou os duzentos francos e teve um sorriso zombeteiro, como se dissesse: “Ah! ela pagou! tanto melhor!”. Li naquela fisionomia o futuro da condessa. Aquele bonito sujeito louro, frio, jogador sem consciência, se arruinará, arruinará a condessa, arruinará o marido e os filhos dos dois, lhes comerá o dote e causará mais estragos através dos salões do que uma bateria de obuseiros num regimento. Dirigi-me à rue Montmartre, à casa da srta. Fanny. Subi uma escadinha bastante íngreme. No quinto andar, fizeram-me entrar num apartamento composto de dois quartos, no qual tudo estava luzidio como uma moeda de ouro nova. Não vi sequer vestígios de poeira nos móveis da primeira peça, na qual fui recebido pela srta. Fanny, rapariga parisiense, vestida com simplicidade: cabeça elegante e juvenil, ar simpático, cabelos castanhos bem penteados, os quais levantados em arco nas fontes davam finura aos seus olhos azuis, puros como cristal. A luz, filtrando-se através de pequenas cortinas, fixadas na vidraça, esparzia um clarão delicado no seu rosto modesto. Em torno dela, numerosos retalhos de fazenda revelaram-me as suas ocupações habituais: ela era bordadeira. Vivia ali como o gênio da solidão. Quando lhe apresentei a letra, disse-lhe que não a tinha achado de manhã.

— Mas — disse ela —, a importância estava com a porteira.

Fingi não compreender.

— A senhorita, pelo que vejo, costuma sair cedo?

— Saio raras vezes, mas, quando se trabalha à noite, é preciso tomar banho, de quando em quando. — Olhei-a. Com um único olhar, adivinhei tudo. Era uma rapariga condenada ao trabalho pela desgraça e que pertencia a alguma família de honrados granjeiros, pois tinha algumas sardas, como acontece com as pessoas nascidas no campo. Suas feições respiravam não sei que ar de virtude. Pareceu-me estar num ambiente de sinceridade, de candura, no qual meus pulmões se refrescavam. Pobre inocente! tinha crenças: seu singelo leito de madeira pintada estava encimado por um crucifixo enfeitado com dois raminhos de buxo. Quase me comovi. Sentia-me disposto a oferecer-lhe dinheiro a doze por cento somente, a fim de facilitar-lhe a compra de algum bom estabelecimento. “Mas”, pensei, “ela terá, talvez, algum priminho que arranjará dinheiro com a sua assinatura e exploraria a pobre moça.” Retirei-me, pois, precavendo-me contra as minhas ideias generosas, porque tive muitas vezes oportunidade de observar que quando o benefício não prejudica ao benfeitor, mata o favorecido.

— Quando o senhor entrou, eu estava pensando que Fanny Malvaut devia ser uma boa mulherzinha: punha em contraste sua vida pura e solitária com a daquela condessa que, já tendo chegado às promissórias, vai rolar até o fundo dos abismos do vício! Pois bem — continuou, depois de um momento de silêncio profundo, durante o qual eu o examinava —, julga o senhor que nada significa penetrar, desse modo, nos mais secretos refolhos do coração, esposar a vida dos outros e vê-la a nu? São espetáculos sempre variados: chagas apavorantes, pesares mortais, cenas de amor, misérias que as águas do Sena aguardam, alegrias de rapaz que levam ao cadafalso, risos de desespero e festas suntuosas. Ontem, uma tragédia: algum pobre-diabo, pai, que se asfixia porque não pode mais sustentar os filhos. Amanhã, uma comédia: um rapaz tentará representar-me a cena do sr. Dimanche,[353] com as variantes da nossa época. Já ouviu gabar a eloquência dos últimos predicadores, não? Fui algumas vezes perder meu tempo, ouvindo-os; fizeram-me mudar de opinião, mas de procedimento — como dizia não sei quem — jamais! Pois bem! Esses seus padres, seus Mirabeau,[354] seus Vergniaud,[355] e os outros, comparados com os meus oradores, não passam de gogos. Muitas vezes

uma rapariga apaixonada, um velho comerciante à beira da falência, uma mãe que quer ocultar uma falta do filho, um artista sem pão, um grande no declínio das boas graças do rei, e que, por falta de dinheiro, vai perder o fruto de seus esforços, fizeram-me estremecer com o poder de suas palavras. Esses sublimes atores representavam só para mim e sem poder enganar-me. Meu olhar é como o olhar de Deus, atravessa os corações. Nada me pode ser ocultado. Nada se recusa a quem abre e fecha os cordões da bolsa. Sou bastante rico para comprar a consciência dos que movem os ministros, desde o contínuo do gabinete até a sua amante: não é isso o poder? Posso ter as mais belas mulheres e suas mais ternas carícias; não é isso o prazer? Poder e prazer não resumem eles toda a nossa ordem social? Somos uma dezena destes em Paris, reis silenciosos e desconhecidos, árbitros dos vossos destinos. Não é a vida uma máquina à qual o dinheiro imprime movimento? Fique sabendo: os meios confundem-se sempre com os fins: nunca se poderá separar a alma dos sentidos, o espírito da matéria. O ouro é o espiritualismo das vossas sociedades atuais. Ligados pelo mesmo interesse nos reunimos em certos dias da semana no café Thémis, junto à Pont-Neuf. Ali, revelamos uns aos outros os mistérios da finança. Nenhuma fortuna nos pode enganar, conhecemos os segredos de todas as famílias. Temos uma espécie de *livro negro* no qual são inscritas as notas mais importantes sobre o crédito público, sobre os bancos, sobre o comércio. Casuístas da Bolsa, constituímos um Santo Ofício, no qual são julgados e analisados os mais indiferentes atos de todos os que possuem uma fortuna qualquer; e sempre acertamos. Este cuida da massa judiciária; aquele da massa financeira; um da massa administrativa, outro da massa comercial. Eu fico de olho nos filhos de família, os artistas, os mundanos, os jogadores que são a parte mais impressionante de Paris. Todos contam os segredos do vizinho. As paixões ludibriadas, as vaidades feridas, são tagarelas. Os vícios, os desapontamentos, as vinganças, são os melhores agentes de polícia. Como eu, todos os meus colegas já gozaram de tudo, fartaram-se de tudo, e chegaram a ponto de não mais gostar do poder e do dinheiro, senão pelo poder e pelo dinheiro em si mesmos. Aqui — disse ele, mostrando-me seu quarto despido e frio —, o mais fogo amante que

em outro qualquer lugar se irrita e puxa da espada por uma só palavra, implora de mãos postas! Aqui, o mais orgulhoso negociante, a mulher mais vaidosa de sua beleza, o mais altivo militar, todos imploram com os olhos lacrimosos, de raiva ou de dor. Aqui, o mais célebre artista implora e o mesmo faz o escritor cujo nome está destinado à posteridade. Aqui, enfim — acrescentou ele pondo a mão na testa —, há uma balança na qual são pesadas as sucessões e o interesse de toda Paris. Acredita agora que não haja gozos sob essa máscara lívida cuja imobilidade tanto o tem espantado? — disse ele avançando para mim seu rosto macilento, que tresandava a dinheiro.

Voltei para casa estupefato. Aquele velhinho seco crescera, transformara-se no meu conceito numa imagem fantástica, na qual se personificava o poder do ouro. A vida, os homens horrorizavam-me. “Tudo então se resolve pelo dinheiro?”, a mim mesmo perguntava. Lembro-me de só ter adormecido muito tarde. Via em torno de mim montões de ouro. Pensei na bela condessa. Devo confessar, para vergonha minha, que ela eclipsava completamente a imagem da simples e casta criatura, votada ao trabalho e à obscuridade: mas no dia seguinte, entre as nuvens do meu despertar, a meiga Fanny apareceu-me em toda a sua beleza; não pensava senão nela.

— Quer um copo de água com açúcar? — perguntou a viscondessa, interrompendo Derville.

— Aceito, com prazer— respondeu ele.

— Mas, nisso tudo, nada vejo que nos diga respeito — objetou a sra. de Grandlieu, tocando a sineta para chamar o criado.

— Sardanapalo!— exclamou Derville, soltando sua praga favorita. — Vou despertar a srta. Camila, dizendo-lhe que sua felicidade dependia outrora do papai Gobseck, mas como o velho morreu com a idade de oitenta e nove anos, o sr. de Restaud vai entrar em breve na posse de uma bela fortuna. Isso exige explicações. Quanto a Fanny Malvaut, conhecem-na, é minha mulher!

— Esse caro amigo! — comentou a condessa — é capaz de, com a sua franqueza habitual, confessar isso diante de vinte pessoas.

— Sou capaz de o gritar ao universo inteiro — disse o solicitador.

— Beba, beba, meu pobre Derville. O senhor nunca será nada, senão

o mais feliz e o melhor dos homens.

— Deixei-os na rue du Helder, em casa de uma condessa — exclamou o tio, erguendo a cabeça sonolenta. — Que fizeram dela?

— Poucos dias depois de minha conversa com o velho holandês, defendi tese — replicou Derville. — Bacharelei-me em direito, e depois formei-me em advocacia. A confiança que o velho avarento depositava em mim cresceu enormemente. Fazia-me consultas grátis, relativas aos negócios espinhosos em que se metia, baseado em informações seguras, e que seriam julgados maus por todos os profissionais. Aquele homem, sobre o qual ninguém poderia exercer qualquer influência, ouvia meus conselhos com uma espécie de respeito. Manda a verdade dizer que se dava bem com eles. Enfim, no dia em que fui nomeado primeiro ajudante no escritório, onde eu trabalhava fazia três anos, deixei a casa da rue des Grès e fui morar em casa do meu patrão, que me deu mesa, alojamento e cento e cinquenta francos por mês. Foi um belo dia! Quando me despedi do usurário, não manifestou nem amizade, nem pesar; não me convidou para ir visitá-lo, dirigiu-me apenas um desses olhares que nele pareciam, de algum modo, trair o dom da vidência. Ao cabo de oito dias recebi a visita de meu antigo vizinho, que me trazia um assunto bastante difícil, uma expropriação. Continuou a fazer-me suas consultas gratuitas, com a mesma liberdade como se pagasse. No fim do segundo ano, de 1818 a 1819, meu patrão, homem de prazeres e esbanjador, viu-se em apuros consideráveis e foi obrigado a vender sua banca. Nessa época os escritórios não tinham alcançado o valor exorbitante a que chegaram hoje, por isso meu patrão cedia o seu por cento e cinquenta mil francos apenas. Um homem ativo, instruído, inteligente, podia viver honradamente, pagar os juros dessa quantia, e libertar-se em dez anos, por menos confiança que inspirasse. Eu, sétimo filho de um pequeno-burguês de Noyon, não possuía um ceitil e não conhecia no mundo outro capitalista senão o papai Gobseck. Um pensamento ambicioso e não sei que clarão de esperança inspiraram-me a coragem precisa para ir procurá-lo.

Assim, pois, uma tarde caminhei lentamente até a rue des Grès. O coração batia-me com força quando cheguei à porta da sombria casa. Lembrava-me de tudo quanto me dissera outrora o velho avarento,

numa época em que eu estava longe de suspeitar a violência das angústias que se iniciavam na soleira daquela porta. Ia implorá-lo, como tantos outros. “Pois bem! Não”, disse a mim mesmo, “um homem de bem deve conservar sua dignidade, seja lá onde for. A fortuna não vale o preço de uma covardia; mostremo-nos tão positivos quanto ele.” Depois que eu me fora, papai Gobseck alugara meu quarto para não ter vizinho; tinha também mandado colocar um postigo gradeado, no meio de sua porta, e só abriu depois de ter-me reconhecido.

— E então! — disse-me ele com sua voz aflautada —, seu patrão quer vender o cartório?

— Como soube isso? Ele até agora só o disse a mim.

Os lábios do velho repuxaram-se para os cantos da boca, exatamente como um reposteiro, e aquele sorriso mudo foi seguido de um olhar frio.

— Era preciso isso para que eu o visse em minha casa — acrescentou ele em tom seco e depois de uma pausa em que fiquei confuso.

— Ouça-me, sr. Gobseck — repliquei-lhe com quanta calma pude aparentar ante aquele ancião, que fixava em mim seus olhos impassíveis e cuja luz clara me perturbava. Fez um gesto como para dizer-me: “Fale”. — Sei que é muito difícil comovê-lo. Por isso não perderei minha eloquência tentando pintar-lhe a situação de um praticante sem vintém, que só tem esperança no senhor e não tem no mundo outro coração que não o seu, no qual possa encontrar a compreensão de seu futuro. Deixemos o coração. Os negócios devem ser tratados como negócios, e não como romances, com pieguice. Eis o caso. A banca de meu patrão rende anualmente em suas mãos uns vinte mil francos, mas creio que nas minhas renderia quarenta. Ele quer vendê-la por cinquenta mil escudos.^[356] Sinto aqui — disse eu, batendo na testa — que se o senhor me pudesse emprestar a quantia necessária para essa aquisição, eu me liberaria em dez anos.

— Isso é que é falar — respondeu o papai Gobseck, que me estendeu a mão e apertou a minha. — Nunca, desde que me meti em negócios, ninguém me expôs com mais clareza os motivos de sua visita. Garantias? — disse medindo-me com o olhar, da cabeça aos pés. — *Nihil* — acrescentou após uma pausa. — Que idade tem?

— Vinte e cinco anos, daqui a dez dias! — respondi —; se não fosse assim não poderia fazer o negócio.

— Exatamente.

— E então?

— Possivelmente.

— Nesse caso temos de andar depressa, do contrário terei concorrentes que elevarão o preço.

— Traga-me amanhã de manhã sua certidão de nascimento, e conversaremos sobre o assunto. Pensarei no caso.

No dia seguinte, às oito horas, apresentei-me ao velho. Ele pegou o papel oficial, pôs as lentes, tossiu, escarrou, envolveu-se na sua capa preta e leu de pauta a pauta o traslado dos registros da *mairie*. Depois virou-o, revirou-o, olhou-me, tornou a tossir, agitou-se na cadeira e me disse:

— É um negócio que vamos ver se arranjamos. — Estremeci. — Costumo tirar cinquenta por cento do meu capital — disse ele —, algumas vezes cem, duzentos, ou mesmo quinhentos. — Empalideci ao ouvir tais palavras. — Mas em atenção às nossas relações, eu me contentarei com doze e *meio* por cento de interesse por ano. — Hesitou. — Pois bem! Sim, para o senhor, eu me contentarei com treze por cento ao ano. Não lhe convém?

— Sim — respondi. — Mas se acha que é muito, defenda-se, Grotius. [357] — Chamava-me Grotius por gracejo. — Ao lhe pedir treze por cento, estou dentro das minhas normas, veja se os pode pagar. Não gosto dos homens que topam tudo. Acha demais?

— Não — disse eu —, trabalharei um pouco mais, e eis tudo.

— Ora — disse, dirigindo-me seu malicioso olhar oblíquo —, seus clientes pagarão.

— Não, com os diabos! — exclamei —, eu mesmo pagarei. Prefiro amputar-me a mão a esfolar quem quer que seja!

— Boa noite — disse-me o papai Gobseck.

— Mas os honorários têm tabelas — repliquei-lhe.

— Não têm — retrucou — para as transações, as moratórias, as conciliações. Pode, nessas circunstâncias, cobrar mil, e até mesmo seis mil francos, segundo a importância dos interesses em jogo, por suas

conferências, suas comissões, seus projetos de atas, seus memoriais e suas falações. É preciso saber procurar essa espécie de questões. Eu o recomendarei como o mais sábio e o mais esperto solicitador que existe, e lhe mandarei tantos processos dessa natureza que o senhor fará seus colegas arrebitarem de inveja. Werbrust, Palma, Gigonnet, [358] meus colegas, lhe darão suas expropriações, e Deus sabe como eles as têm! Terá assim duas clientelas, a que vai comprar e a que eu lhe darei. Até me parece que devia dar-me quinze por cento dos meus cinquenta mil escudos!

— Seja, mas nem mais um vintém — disse eu com a firmeza de um homem resolvido a não dar mais vantagens. O papai Gobseck amansou-se e pareceu estar satisfeito comigo.

— Eu mesmo pagarei o cargo ao seu patrão — disse ele —, de maneira a me proporcionar um privilégio bem sólido sobre o preço e a caução.

— Oh! Quanto à garantia, tudo o que o senhor quiser.

— De resto, o senhor me dará a representação e o valor em quinze promissórias, com endosso em branco, cada uma delas no valor de dez mil francos.

— Contanto que esse duplo valor seja verificado.

— Não! — exclamou Gobseck, interrompendo-me. — Por que motivo deverei eu ter mais confiança no senhor do que o senhor em mim? — Fiquei calado. — E além disso — disse ele, continuando em tom de bonomia —, o senhor tratará dos meus negócios sem exigir honorários, enquanto eu viver, não?

— Seja, contanto que eu não tenha de fazer adiantamentos de dinheiro.

— É justo — disse ele. — Ah! outra coisa — disse o velho cuja fisionomia dificilmente podia aparentar bonomia —, o senhor permitirá que eu o vá visitar?

— Será sempre um prazer para mim.

— Sim, mas pela manhã será difícil. O senhor tem seus negócios e eu os meus.

— Pois vá à noite.

— Oh! não — replicou ele com vivacidade —, o senhor precisa

frequentar a sociedade, para ver seus clientes; e por minha vez eu tenho meus amigos no nosso café.

“Seus amigos!”, pensei. — Pois bem — disse eu —, por que não me vai procurar à hora do jantar?

— É isso — disse Gobseck. — Depois da Bolsa, às cinco horas.

— Está certo! Nós nos veremos todas as quartas e sábados. Conversaremos de nossos negócios de amigos. Ah! ah! Às vezes fico alegre. O senhor me oferecerá uma asa de perdiz e uma taça de champanha, conversaremos. Sei de muitas coisas que hoje se podem dizer e que lhe farão conhecer os homens e as mulheres, sobretudo as mulheres.

— Concedidas a perdiz e a taça de champanha.

— Não se meta a fazer loucuras, porque do contrário perderia a minha confiança. Não adote um grande trem de vida. Tome uma criada velha, uma só. Irei visitá-lo para informar-me de sua saúde. Não se esqueça de que terei um capital colocado sobre sua cabeça, veja lá! Preciso estar a par de seus negócios. Bem, venha esta noite com o seu patrão.

— Poderia dizer-me, se não há indiscrição — disse eu ao velhinho quando chegamos à porta do gabinete —, que importância tinha neste negócio minha certidão de nascimento?

João Ester Van Gobseck deu de ombros, sorriu maliciosamente e respondeu-me:

— Como a mocidade é inocente! Saiba, pois, senhor solicitador, pois é preciso que o saiba, para não se deixar embrulhar, que antes dos trinta anos a probidade e o talento são ainda variedades de hipoteca. Além dessa idade não se pode contar com um homem. — E fechou a porta.

Três meses depois, eu era solicitador. Pouco depois, senhora, tive a felicidade de poder iniciar o assunto relativo à restituição de seus bens. A vitória nesse processo tornou-me conhecido. Não obstante os elevados juros que eu tinha de pagar a Gobseck, em menos de cinco anos me vi livre de compromissos. Casei-me com Fanny Malvaut, a quem amava sinceramente. A conformidade de nossos destinos, de nossos trabalhos, de nossos êxitos, aumentava a força de nossos

sentimentos. Um tio dela, granjeiro que enriquecera, morreu deixando-lhe setenta mil francos que me ajudaram a saldar minha dívida. Desde esse dia minha vida foi somente felicidade e prosperidade. Não falemos, pois, mais em mim; nada é tão insuportável como um homem feliz. Voltemos às nossas personagens. Um ano depois da aquisição do meu cartório, fui levado, quase que contra a minha vontade, a um almoço de rapazes. Esse banquete era a consequência de uma aposta perdida por um camarada meu para um moço que estava então muito em voga no mundo elegante; o sr. de Trailles, [359] a flor do *dandismo* daquele tempo, gozava de imensa reputação...

— Mas ainda hoje goza — disse o conde, interrompendo o solicitador. — Ninguém como ele para vestir uma casaca, ou guiar um tandem. Máximo tem o talento de jogar, de comer e beber com mais elegância do que quem quer que seja neste mundo. É grande conhecedor de cavalos, de chapéus, de quadros. Todas as mulheres andam loucas por ele. Gasta sempre uns cem mil francos por ano sem que ninguém lhe conheça uma propriedade qualquer, nem um cupom de renda. Tipo cavaleiro andante dos nossos salões, das nossas alcovas, dos nossos bulevares, espécie anfíbia que tem tanto de homem como de mulher, o conde Máximo de Trailles é uma criatura singular, que serve para tudo e para nada; é temido e desprezado; sabe tudo e tudo ignora; é tão capaz de praticar uma boa ação como de planejar um crime; ora covarde, ora nobre; mais coberto de lama do que manchado de sangue; tem mais preocupações do que remorsos; está mais interessado em bem digerir do que em pensar; finge paixões e não sente nada. Máximo de Trailles é um elo brilhante que poderia ligar a cadeia à alta sociedade; é um homem que pertence a essa classe eminentemente inteligente da qual, por vezes, se ergue um Mirabeau, um Pitt, um Richelieu, mas que, mais frequentemente, fornece condes de Horn, Fouquier-Tinville e Coignard.[360]

— Pois bem! — replicou Derville depois de ouvir o conde —, eu muito ouvi falar dessa personagem pelo pobre do velho Goriot,[361] um cliente meu, mas por várias vezes tinha evitado a perigosa honra de lhe ser apresentado, quando eu ia a reuniões sociais. Entretanto, meu camarada instou tanto comigo para ir àquele almoço, que não podia

excusar-me sob pena de passar por pretensioso. A senhora não pode imaginar o que seja um almoço de rapazes. É uma magnificência e um apuro excepcionais, o luxo de um avarento que, por vaidade, se mostra faustoso por um dia. Ao entrar, fica-se surpreso com a ordem que reina numa mesa deslumbrante de baixelas de prata, de cristais, de toalhas adamascadas. Vê-se a vida ali, em flor; os rapazes são graciosos, sorriem, falam em voz baixa e assemelham-se a recém-casadas. Em torno deles tudo é virgem. Duas horas depois, aquilo parece um campo de batalha depois do combate; por todos os lados copos quebrados, guardanapos pisoteados, amarrotados; restos de comida que enjoam. Depois é uma gritaria de rachar a cabeça, brindes pilhéricos, uma metralha de epigramas e de gracejos de mau gosto, rostos afogueados, olhos chamejantes, que nada mais dizem, confidências involuntárias que revelam tudo. Em meio a esse barulho infernal, alguns quebram garrafas, outros berram canções; há desafios, abraços, lutas; sente-se um cheiro detestável composto de cem olores e brados compostos de cem vozes; ninguém sabe mais o que está comendo, o que está bebendo, nem o que diz. Alguns estão tristes, outros palram. Este é monomaniaco e repete a mesma palavra como um sino que dobra; um outro quer comandar o tumulto; o mais sensato propõe uma orgia. Se um homem de sangue-frio entrasse ali, julgar-se-ia metido numa bacanal. Foi por entre um tumulto desses que o sr. de Trailles tentou insinuar-se nas minhas boas graças. Eu estava em guarda porque conservava mais ou menos o tino. Quanto a ele, embora fingisse estar passavelmente embriagado, conservava a plena posse das suas faculdades e cuidava dos seus negócios. Efetivamente, não sei como foi; o que sei é que ao sairmos dos salões de Grignon, cerca das nove horas da noite, ele me havia enfeitado completamente, e eu tinha prometido levá-lo na manhã seguinte à casa do papai Gobseck. As palavras honra, virtude, condessa, mulher honesta, desgraça tinham-se metido, graças à sua língua de ouro e como por artes de magia, nos seus discursos. Quando acordei, na manhã seguinte, e me quis lembrar do que fizera na véspera, foi-me difícil ligar as ideias. Enfim, pareceu-me que a filha de um dos meus clientes corria o risco de perder a sua reputação, a estima e o amor do marido, se não

conseguisse achar, naquela mesma manhã, uns cinquenta mil francos. Tratava-se de dívidas de jogo, de contas de carruagens, de dinheiro perdido não sei em quê. Meu prestigioso conviva assegurara-me que ela era bastante rica para, em alguns anos de economia, reparar os danos causados à sua fortuna. Só então comecei a perceber a causa das instâncias do meu companheiro. Confesso, com vergonha, que nem por sombra suspeitava da importância que o papai Gobseck atribuía à sua reconciliação com aquele dândi. No momento em que eu me levantava, entrou o sr. de Trailles.

— Senhor conde — disse-lhe, depois dos cumprimentos convencionais —, não acho que o senhor precise de mim para se apresentar em casa de Van Gobseck, o mais cortês e o mais inofensivo de todos os capitalistas. Ele lhe dará dinheiro, se tiver, ou melhor, se o senhor lhe der garantias que o satisfaçam.

— Cavalheiro — respondeu-me —, não cogito em forçá-lo a me prestar um serviço, embora o tivesse prometido.

“Sardanapalo!”, disse para mim mesmo, “permitirei que esse senhor creia que falto com a minha palavra?”

— Tive a honra de dizer-lhe ontem à noite que, muito inoportunamente, me havia indisposto com o papai Gobseck — continuou ele. — Ora, como em Paris não há outra pessoa que não ele, que possa vomitar num momento, e no dia seguinte a um fim de mês, uma centena de milhares de francos, tinha-lhe pedido que promovesse minha reconciliação com ele. Mas não falemos mais nisso... — O sr. de Trailles dirigiu-me um olhar polidamente insultuoso e dispunha-se a sair.

— Estou pronto para levá-lo — disse-lhe.

Quando chegamos à rue des Grès o dândi olhava em torno com uma atenção e uma inquietude que me impressionaram. Seu rosto tornava-se lívido, depois corava, empalidecia outra vez, e assim, alternativamente, enquanto gotas de suor lhe umedeciam a testa ao ver a porta da casa de Gobseck... No momento em que descíamos do cabriolé, entrou um fiacre na rue des Grès... O olho de falcão do rapaz permitiu-lhe distinguir uma mulher no fundo daquele carro. Seu rosto animou-se com uma expressão de alegria quase selvagem; chamou um

garoto que por ali passava e confiou-lhe a guarda do cavalo. Subimos ao escritório do velho usurário.

— Sr. Gobseck — disse-lhe eu —, trago-lhe aqui um dos meus mais íntimos amigos (do qual desconfio tanto como do diabo) — acrescentei-lhe falando-lhe ao ouvido. — Em atenção a mim, espero que lhe preste seus serviços (ao juro habitual) e que o tire de apuros (se isso lhe convier).

O sr. de Trailles curvou-se ante o usurário, sentou-se e tomou, para ouvi-lo, uma dessas atitudes cortesanescas, cuja graciosa baixeza os teria seduzido; mas o meu Gobseck ficou na sua cadeira, ao canto do seu fogo, imóvel, impassível. Gobseck assemelhava-se à estátua de Voltaire, vista à noite, no peristilo do Théâtre-Français; ergueu ligeiramente, num gesto de saudação, o boné coçado com o qual resguardava a cabeça, e a nesga de crânio amarelado, que entremostrou, aumentava a parecença com a estátua.

— Só tenho dinheiro para os meus clientes — foi dizendo.

— Está então muito zangado por ter eu ido arruinar-me com outros? — respondeu o conde a rir.

— Arruinar! — murmurou Gobseck em tom irônico. — Quer dizer que não se pode arruinar um homem que nada possui?

— Pois bem, desafio-o a que encontre em Paris um mais belo *capital* do que este — exclamou o *fashionable* levantando-se e girando sobre os calcanhares. Essa truanice, quase séria, não teve o dom de comover o sr. Gobseck. — Não sou eu o amigo íntimo dos Ronquerolles, dos de Marsay, dos Franchessini, dos dois Vandenesse, dos d'Ajuda-Pinto, [362] enfim dos rapazes mais na moda em Paris? No jogo sou parceiro de um príncipe e de um embaixador que o senhor conhece. Tenho minhas rendas em Londres, em Carlsbad, em Baden, em Bath. Não é essa a indústria mais brilhante que há? — É verdade. — Os senhores fazem de mim uma esponja, com os diabos! Instigam-me a que me inche em sociedade, para me espremer nos momentos de crise; mas os senhores também são esponjas que a morte espremerá.

— Possivelmente!

— Sem os perdulários, que seria dos senhores? Somos os dois, a alma, e o corpo.

— Exatamente.

— Vamos, um aperto de mão, meu velho papai Gobseck, e um pouco de magnanimidade, se isto é verdadeiro, justo e possível.

— O senhor vem procurar-me — respondeu friamente o usurário — porque Girard, Palma, Werbrust e Gigonnet estão com a barriga cheia das suas promissórias, que eles vivem oferecendo por toda parte com cinquenta por cento de prejuízo; ora, como provavelmente eles só entraram com metade do valor deles, não valem mais do que vinte e cinco. Um seu criado! Posso eu, decentemente — disse Gobseck —, emprestar um óbolo a um homem que deve trinta mil francos e não possui um vintém? Anteontem, no baile em casa do Barão de Nucingen, o senhor perdeu dez mil francos.

— Cavalheiro — respondeu o conde com fidalga impertinência, medindo com o olhar o velho de alto a baixo —, meus negócios não são de sua conta. Quem tem prazo, nada deve.

— Certamente!

— Minhas promissórias serão saldadas.

— Possivelmente.

— E, neste momento, a questão entre nós é de saber se as garantias que lhe apresento são suficientes para a quantia de que preciso.

— Justamente.

O ruído feito pelo carro ao parar diante da porta repercutiu no quarto. — Vou buscar uma coisa que talvez o satisfaça — exclamou o rapaz.

— Oh, meu filho! — exclamou Gobseck, levantando-se e abrindo-me os braços, quando o solicitante desapareceu —, se ele tem bons penhores, você me salva a vida! Isso ter-me-ia matado. Werbrust e Gigonnet pensaram fazer-me uma pilhéria. Graças a você, esta noite vou rir-me deles à vontade.

A alegria do velho tinha qualquer coisa de apavorante. Foi esse o único momento de expansão que teve comigo. Não obstante o pouco que durou essa alegria, jamais a esquecerei.

— Faça-me o favor de ficar aqui — acrescentou. — Embora esteja armado e confie na minha pontaria, como um homem que em outros tempos caçou tigre e soube desempenhar o seu papel num tombadilho,

quando se tratava de vencer ou morrer, desconfio deste elegante patife. — Foi sentar-se na sua poltrona, em frente à secretária. Seu rosto tornou-se outra vez pálido e calmo. — Oh! oh! — fez ele virando-se para mim —, vai ver, sem dúvida — disse —, a bela criatura de que lhe falei antigamente; ouço no corredor um passo aristocrático.

De fato, o rapaz voltou dando a mão a uma dama, em quem reconheci aquela condessa, cujo despertar me fora outrora narrado por Gobseck, e que era uma das duas filhas do velho Goriot. A condessa, a princípio, não me viu por estar eu no vão da janela, com o rosto virado para a vidraça. Ao entrar no quarto úmido e sombrio do usurário, ela dirigiu um olhar de desconfiança para Máximo. Era tão bonita que, não obstante suas faltas, eu a lamentava. Alguma angústia terrível agitava-lhe o coração; suas feições nobres e altivas tinham uma expressão convulsiva mal disfarçada. Aquele rapaz tornara-se para ela um gênio mau. Admirei Gobseck, que, quatro anos antes, compreendera o destino daqueles dois seres, por uma primeira promissória. “Provavelmente”, pensei, “esse monstro com rosto de anjo governa-a por meio de todas as molas possíveis: vaidade, ciúme, prazer, voragem social.”

— Mas — exclamou a viscondessa — as próprias virtudes dessa mulher foram armas para ele; fez-lhe derramar lágrimas de dedicação; soube exaltar nela a generosidade própria do nosso sexo e abusou de sua ternura para vender-lhe bem caro prazeres criminosos.

— Confesso-lhe — disse Derville, que não compreendeu os sinais que a sra. de Grandlieu lhe fez — que não chorei a falta de sorte daquela infeliz criatura, tão brilhante aos olhos da sociedade e tão horrível para quem lesse no seu coração; não, estremeci de horror ao contemplar seu assassino, aquele rapaz cuja fronte era tão pura, a boca tão juvenil, o sorriso tão gracioso, os dentes tão brancos, e que parecia um anjo. Os dois estavam, naquele momento, diante do juiz, o qual os examinava como um velho dominicano do século XVI devia olhar as torturas de dois mouros, no fundo dos subterrâneos do Santo Ofício.

— Senhor, haverá um meio de obter o preço destes diamantes — disse ela com voz trêmula, apresentando-lhe um pequeno cofre — mas — acrescentou — reservando-me o direito de os resgatar.

— Sim, senhora — respondi intervindo e deixando-me ver. Ela olhou-me, reconheceu-me, teve um estremecimento e dirigiu-me esse olhar que em todos os países significa: *Cale-se!* — Isto — continuei — constitui um ato que chamamos de retrovenda, convenção que consiste em ceder ou transferir uma propriedade mobiliária ou imobiliária por tempo determinado, na expiração do qual se pode voltar à posse do objeto em litígio, mediante uma quantia prefixada.

Ela respirou com mais facilidade. O conde Máximo franziu os sobrolhos, pois viu logo que o usurário, nessas condições, daria menor quantia pelos diamantes, valor sujeito a baixa. Gobseck, imóvel, tomara de uma lente e contemplava em silêncio o escrínio. Mesmo que viva cem anos, não esquecerei o quadro que seu semblante nos oferecia. Suas faces pálidas tinham adquirido cores; seus olhos, nos quais a cintilação das gemas parecia refletir-se, brilhavam com fulgor sobrenatural. Ergueu-se, encaminhou-se para a luz da janela, levou os diamantes até junto à boca como se quisesse devorá-los. Murmurava palavras vagas, erguendo sucessivamente as pulseiras, os colares, os diademas, que expunha à luz para apreciar-lhes a água, a limpidez, o tamanho, tirava-os do escrínio, tornava a guardá-los, tirava-os outra vez, movia-os para ver todas as suas luzes, mais criança do que velho, ou antes criança e velho ao mesmo tempo.

— Belos diamantes! Antes da revolução valeriam uns trezentos mil francos. Que água! Serão verdadeiros diamantes da Ásia, vindos de Golconda ou de Visapur! Sabem-lhes o preço? Não, não, em Paris só Gobseck sabe apreciá-los. No Império ainda teriam sido precisos mais de duzentos mil francos para fazer adereços como estes. — Fez um gesto de repugnância e acrescentou: — O diamante, agora, está desvalorizando-se dia a dia: o Brasil, depois da paz, nos está abarrotando a praça com diamantes menos claros do que os da Índia. As mulheres só usam estes na corte. A senhora a frequenta? — Ao mesmo tempo que proferia essas desanimadoras palavras, ele examinava as pedras, uma por uma, com alegria indizível. — Sem mancha — dizia. — Aqui está uma mancha. Aqui está uma falha. Belo diamante. — Seu pálido rosto estava tão iluminado pelo fulgor daquelas gemas, que eu o comparava a esses velhos espelhos

esverdeados que se encontram nas tabernas da província, que recebem as incidências luminosas sem as refletir e mostram o rosto de um homem vítima de uma apoplexia ao viajante que tenha bastante audácia para mirar-se neles.

— E daí? — perguntou o conde batendo no ombro de Gobseck.

A velha criança estremeceu. Pôs seus chocalhos em cima da mesa, sentou-se e voltou a ser usurário, duro, frio e polido como uma coluna de mármore.

— Quanto precisa?

— Cem mil francos por três anos — disse o conde.

— Possivelmente! — disse Gobseck, tirando de uma caixa de acaju balanças inestimáveis por sua precisão, que eram o seu escrínio! Pesou as pedras, avaliando à primeira vista (e Deus sabe como) o peso dos engastes. Durante essa operação, o rosto do prestamista oscilava entre a alegria e a severidade. A condessa estava mergulhada num estupor que eu lhe levava em conta; parecia-me que ela media a profundidade do precipício em que ia caindo. Havia ainda remorsos naquela alma de mulher; bastaria talvez um esforço, uma mão caridosamente estendida para salvá-la. Tentei fazê-lo.

— Esses diamantes são seus, minha senhora? — perguntei-lhe com voz clara.

— Sim, senhor — respondeu ela, dirigindo-me um olhar orgulhoso.

— Faça a retrovenda, conversador! — disse-me Gobseck, erguendo-se e cedendo-me seu lugar na secretária.

— A senhora, com certeza, é casada? — perguntei. Ela inclinou a cabeça com vivacidade. — Não redigirei o ato! — exclamei.

— E por quê? — perguntou Gobseck.

— Por quê? — repliquei, levando o velho para o vão da janela a fim de lhe falar em voz baixa. — Sendo essa mulher casada, a retrovenda será nula, não podendo o senhor alegar sua ignorância do fato, constante do próprio documento. Nessas condições, o senhor seria obrigado a restituir os diamantes que lhe vão ser confiados em depósito, e cujo peso, valor ou tamanho serão descritos.

Gobseck interrompeu-me com um gesto de cabeça e virou-se para os dois culpados: — Ele tem razão — disse. — Está tudo alterado.

Oitenta mil francos à vista e me deixarão os diamantes! — acrescentou com voz surda e aflautada. — Em assunto de bens móveis, a posse equivale a título.

— Mas... — começou o rapaz.

— É pegar ou largar — disse Gobseck devolvendo o cofrezinho à condessa. — Corro demasiados riscos.

— Andaria mais acertada se se atirasse aos pés de seu esposo — disse-lhe eu ao ouvido, inclinando-me para ela. O usurário compreendeu, com certeza, o sentido de minhas palavras pelo movimento de meus lábios, pelo que me dirigiu um olhar gelado. O rosto do rapaz tornou-se lívido. A hesitação da condessa era visível. O conde aproximou-se dela e embora falasse em voz muito baixa, eu ouvi:

— Adeus, querida Anastácia, sê feliz! Quanto a mim, amanhã, não terei mais preocupações.

— Senhor — exclamou a jovem dama dirigindo-se a Gobseck —, aceito a sua oferta.

— Afinal — respondeu o velho —, como custa a confessar, minha bela senhora! — Ele assinou um vale de cinquenta mil francos contra o banco e entregou-o à condessa. — Agora — disse ele com um sorriso que se assemelhava ao de Voltaire —, vou completar-lhe a quantia com trinta mil francos em letras promissórias, cuja validade não me será contestada. É ouro em barra. Aqui, o senhor acaba de dizer-me: *Minhas promissórias serão saldadas* — acrescentou ele, apresentando as letras assinadas pelo conde, todas elas protestadas na véspera, a requisição de um dos seus colegas que, provavelmente, lhas devia ter vendido a preço vil. O rapaz soltou um rugido no meio do qual dominava a expressão: “Velho patife!”. O papai Gobseck nem pestanejou, tirou de uma panóplia um par de pistolas e disse friamente: — Na minha qualidade de insultado, serei o primeiro a atirar.

— Máximo, tem de pedir desculpas a este senhor — exclamou com suavidade a trêmula condessa.

— Não tive intenção de ofendê-lo — disse o rapaz balbuciando.

— Bem o sei — respondeu Gobseck tranquilamente —, sua intenção

era apenas não pagar suas letras.

A condessa ergueu-se, cumprimentou e desapareceu, sem dúvida profundamente horrorizada. O sr. de Trailles viu-se obrigado a segui-la, mas antes de sair disse: — Se cometerem qualquer indiscrição, senhores, ou eu lhes tirarei o sangue, ou os senhores me tirarão o meu.

— *Amém* — respondeu-lhe Gobseck, guardando as pistolas. — Para jogar o seu sangue, amiguinho, é preciso antes de mais nada tê-lo, e tu nas veias só tens lama.

Depois de fechada a porta e de os dois carros se terem ido, Gobseck levantou-se e pôs-se a dançar repetindo: — Tenho os diamantes! Tenho os diamantes! Que belos diamantes! Que diamantes! E nada caros. Ah! ah! Srs. Werbrust e Gigonnet, vocês quiseram lograr o velho papai Gobseck! *Ego sum papa!* Sou o senhor de todos vós! Integralmente pago! Com que cara de bobos vão eles ficar, quando, logo mais, eu lhes contar o negócio, entre duas partidas de dominó!

Aquela jovialidade sombria, aquela ferocidade de selvagem, provocada pela posse de algumas pedras transparentes, fizeram-me estremecer. Eu estava mudo e estupefato.

— Ah! ah! meu rapaz — disse ele. — Vamos jantar juntos. Vamos divertir-nos em tua casa, que é coisa que não tenho. Todos esses restaurantes com seus cremes, seus molhos, seus vinhos, são capazes de envenenar o diabo. — A expressão do meu semblante restituiu-lhe de súbito sua fria impassibilidade. — Você não concebe isso — disse-me ele, sentando-se ao canto da lareira e pondo a caçarola de lata, cheia de leite, aquecer, num fogareiro. — Quer almoçar comigo? — perguntou. — É capaz de dar para dois.

— Obrigado, só almoço ao meio-dia.

Nesse momento, passos precipitados ressoaram no corredor. O desconhecido que chegava parou em frente à porta de Gobseck e bateu de maneira que indicava estar furioso. O usurário foi verificar pelo postigo da porta e abriu para um homem de cerca de trinta e cinco anos, mais ou menos, que, apesar daquela cólera, lhe pareceu sem dúvida inofensivo. O recém-chegado, vestido com simplicidade, lembrava o falecido duque de Richelieu: era o conde, que deveis ter conhecido, e que tinha, desculpem a expressão, o porte aristocrático

dos estadistas do vosso *faubourg*.

— Senhor — disse ele — dirigindo-se a Gobseck, que recuperara a calma —, minha esposa saiu daqui?

— Possivelmente.

— E então, senhor! não me compreende?

— Não tenho a honra de conhecer a senhora sua esposa. Recebi hoje muitas visitas: mulheres, homens, senhoritas que pareciam rapazes, rapazes que pareciam senhoritas... Ser-me-ia bem difícil...

— Nada de gracejos, senhor, refiro-me à senhora que acaba de sair daqui neste momento.

— E como posso eu saber se ela é sua mulher — perguntou o usurário —, se nunca tive a honra de vê-lo?

— Engana-se sr. Gobseck — disse o conde em tom de profunda ironia. — Já nos encontramos no quarto de minha esposa, certa manhã. O senhor tinha ido receber uma importância de uma letra, de uma letra que ela não devia.

— Eu nada tinha que ver com o modo pelo qual ela recebera aquela quantia — replicou Gobseck dirigindo um olhar malicioso ao conde. — Eu tinha feito o desconto da letra a um colega. De resto, senhor — disse o capitalista, sem se comover, nem se apressar, e pondo café na sua tigela de leite —, permita-me observar-lhe que nada me prova que tenha o direito de me fazer repreensões, na minha própria casa: sou de maior idade desde o ano sessenta e um do século passado.

— Cavalheiro, o senhor acaba de comprar a vil preço diamantes de família que não pertenciam à minha mulher.

— Sem me julgar obrigado a pô-lo ao corrente dos segredos de meus negócios, devo dizer-lhe, senhor conde, que se a condessa se apoderou de seus diamantes, o senhor deveria ter prevenido os joalheiros, por meio de uma circular, para que não os comprassem, pois ela pode tê-los vendido, parceladamente.

— Senhor! — exclamou o conde —, o senhor conhecia minha esposa.

— Ah! sim?

— Ela está sob o poder do marido.

— Possivelmente.

— Ela não tinha o direito de dispor daqueles diamantes...

— Exatamente.

— E então?

— Conheço sua esposa, sei que ela está sujeita à autoridade de seu marido e que está mesmo sujeita a várias autoridades, mas não conheço os seus diamantes. Se a senhora condessa assina promissórias, pode com certeza negociar, comprar diamantes, receber diamantes para vendê-los; são coisas que se veem!

— Adeus, senhor — exclamou o conde pálido de cólera —, há tribunais!

— É certo.

— Este senhor que aqui está — acrescentou o conde apontando para mim — foi testemunha da venda.

— Possivelmente.

O conde ia sair. Repentinamente, sentindo a importância do assunto, interpus-me entre as partes beligerantes. — Senhor conde — disse —, o senhor tem razão, e o sr. Gobseck não cometeu nenhuma falta. O senhor não poderia perseguir o comprador sem envolver, no caso, sua esposa, e o odioso deste negócio não recairia unicamente sobre ela. Sou procurador e tenho o dever para comigo mesmo, mais ainda do que para com a minha posição oficial, de declarar-lhe que os diamantes a que o senhor se refere foram comprados pelo sr. Gobseck em minha presença; creio, entretanto, que incidiria em erro, contestando a legalidade desta venda, cujos objetos, aliás, são dificilmente identificáveis. Segundo a equidade, o senhor teria razão; perante a justiça, o senhor sucumbiria. O sr. Gobseck é demasiado honesto para negar que essa venda tenha sido realizada em seu proveito, principalmente quando minha consciência e meu dever me obrigam a confessá-lo. Mas, mesmo que intentasse um processo, senhor conde, o desfecho seria duvidoso. Aconselho-o, portanto, a transigir com o sr. Gobseck que pode opor exceção em juízo, da sua boa-fé, mas ao qual o senhor terá sempre de restituir o valor da venda. Consinta numa retrovenda de sete a oito meses, até mesmo de um ano, lapso de tempo que lhe permitirá restituir a soma tomada por empréstimo pela senhora condessa, a menos que prefira resgatá-las desde agora, dando garantias quanto ao pagamento.

O usurário molhava o pão na tigela e comia com perfeita indiferença, mas à palavra transação olhou-me como se dissesse: “Que finório! Como aproveitou as minhas lições!”. Por minha vez, respondi-lhe com uma olhadela que ele compreendeu às mil maravilhas. O negócio era extremamente equívoco, mesmo ignóbil; tornava-se urgente transigir. Gobseck não teria o recurso da denegação, eu teria dito a verdade. O conde agradeceu-me com um sorriso benévolo. Após um debate no qual a habilidade e a avidez de Gobseck teriam deixado em suspenso toda a diplomacia de um congresso, eu redigi uma declaração pela qual o conde reconhecia haver recebido do usurário a importância de oitenta e cinco mil francos, juros incluídos, e que na sua liquidação Gobseck se comprometia a entregar os diamantes ao conde.

— Que dilapidação! — exclamou o marido, ao assinar. — Como opor um dique a essa torrente?

— Senhor — disse Gobseck com gravidade —, tem muitos filhos? — Essa pergunta fez o conde estremecer, como se o usurário, a exemplo de um médico sapiente, tivesse calcado o dedo no ponto doloroso. O marido não respondeu. — Pois bem! — continuou Gobseck, compreendendo o doloroso silêncio do conde —, conheço sua história de cor. Essa mulher é um demônio que o senhor talvez ainda ame; não me admira, pois a mim mesmo me comoveu. É possível que queira salvar sua fortuna, reservá-la para um ou dois dos seus filhos. Pois bem! Atire-se na voragem da sociedade, jogue, perca essa fortuna, venha ver Gobseck com frequência. O mundo dirá que eu sou um judeu, um árabe, um usurário, que eu o arruinei! Pouco se me dá! Se me insultarem, derrubo o meu homem, ninguém atira, nem esgrima melhor do que este seu criado. E sabem disso! Depois, consiga um amigo, se é que pode achar um, ao qual fará uma venda simulada de seus bens.

— Não é isso o que os senhores chamam um fideicomisso? — perguntou ele dirigindo-se a mim. O conde pareceu inteiramente absorto em seus pensamentos e deixou-nos dizendo: — Terá seu dinheiro amanhã, senhor, e tenha os diamantes à minha disposição.

— Tem jeito de ser tolo como um homem de bem — disse-me

friamente Gobseck, quando o conde saiu. — Diga antes, tolo como um homem apaixonado. O conde deve-lhe as custas da ata — exclamou, quando me despedi dele.

Alguns dias depois dessa cena que me iniciou nos terríveis mistérios da vida de uma mulher da moda, vi, certa manhã, o conde entrar no meu gabinete.

— Cavalheiro — disse ele —, venho consultá-lo a respeito de graves interesses, declarando-lhe que tenho no senhor a mais completa confiança e espero dar-lhe provas disso. Seu procedimento para com a sra. de Grandlieu está acima de qualquer elogio.

— Como vê — disse o procurador à viscondessa —, tenho recebido mil vezes da senhora o pagamento de um ato bem simples. Mas continuemos a nossa história. — Inclinei-me respeitosamente ante o conde e respondi que apenas tinha cumprido o dever de um homem de bem.

— Pois bem! Caro senhor, tratei de obter o maior número possível de informações a respeito da singular personagem à qual o senhor deve seu posto — disse-me o conde. — De acordo com o que vim a saber, julgo Gobseck um filósofo da escola cínica. Que pensa o senhor de sua probidade?

— Senhor conde — respondi —, Gobseck é meu benfeitor... a quinze por cento — acrescentei rindo. — Mas sua avareza não me autoriza a fazer dele, em favor de uma pessoa a quem não conheço, um retrato parecido.

— Fale, senhor! Sua franqueza não pode prejudicar nem a Gobseck, nem ao senhor. Não espero encontrar um anjo num prestamista mediante penhor.

— O papai Gobseck — disse eu — está intimamente convencido de um princípio que domina seu procedimento. Segundo ele, o dinheiro é uma mercadoria que se pode, com plena tranquilidade de consciência, vender caro ou barato, conforme o caso. Um capitalista é a seu modo de ver um homem que, pelo elevado juro que exige por seu dinheiro, entra, por antecipação, como associado nas empresas e especulações lucrativas. Pondo de parte seus princípios financeiros e suas observações filosóficas sobre a natureza humana, que lhe permitem

proceder na aparência como um usurário, estou intimamente convencido de que, fora dos seus negócios, é o homem mais delicado e mais probo que há em Paris. Há nele dois homens: é avarento e filósofo, pequeno e grande. Se eu morresse deixando filhos, ele seria o tutor deles. Eis aí, senhor, o aspecto sob o qual a experiência me mostrou Gobseck. Nada sei do seu passado. Pode ter sido corsário, pode, talvez, ter percorrido o mundo inteiro traficando em diamantes, em homens, mulheres, ou segredos de Estado, mas juro que nenhuma alma humana foi mais fortemente temperada, nem melhor posta à prova. No dia em que lhe levei a quantia que saldava meu débito para com ele, perguntei-lhe, não sem algumas precauções oratórias, que sentimento o impelira a me fazer pagar juros tão altos e, por que motivo, querendo prestar-me um serviço, a mim que era seu amigo, não lhe dera a feição de um benefício completo.

— Meu filho, ao te dar o direito de crer que nada me devias, dispensei-te da gratidão, e por isso somos os melhores amigos do mundo.

— Essa resposta lhe revelará o homem, melhor do que tudo o que eu lhe pudesse dizer.

— Minha decisão está irrevogavelmente tomada — disse-me o conde. — Prepare os documentos necessários para transferir a Gobseck a posse de todos os meus bens. Só ao senhor me fio, para a redação da carta-ressalva, pela qual ele declarará que essa venda é simulada e assumirá o compromisso de restituir minha fortuna, administrada por ele como ele sabe administrar, ao meu filho mais velho, no momento em que alcançar a maioridade. Agora, senhor, devo dizer-lhe que receio guardar esse documento precioso em minha casa. A afeição de meu filho pela mãe faz-me ter receio de lhe confiar essa carta. Não será demais pedir-lhe que seja seu depositário? Em caso de morte, Gobseck o constituiria legatário das minhas propriedades. Desse modo tudo ficaria previsto. — O conde permaneceu em silêncio, durante um momento e pareceu muito agitado. — Queira perdoar-me, senhor — disse-me após uma pausa —, sofro muito e a minha saúde inspira-me grandes cuidados. Desgostos recentes perturbaram minha vida de modo cruel e impõem a grande resolução que tomei.

— Cavalheiro — disse-lhe —, permita-me, em primeiro lugar, agradecer-lhe a confiança que depositou em mim. Mas devo justificá-la, observando-lhe que pelas medidas tomadas o senhor deserda completamente seus... outros filhos. Têm o seu nome. Embora fossem eles somente filhos da mulher outrora amada, hoje decaída, tem, entretanto, direito a uma determinada existência. Declaro-lhe que não aceito o encargo com que me quer honrar se a sorte deles não for fixada.

Essas palavras fizeram o conde estremecer violentamente. Algumas lágrimas assomaram-lhe aos olhos e me apertou a mão dizendo: — Não o conhecia ainda completamente. O senhor acaba de me causar ao mesmo tempo alegria e tristeza. Fixaremos o quinhão dessas crianças na carta-ressalva. — Acompanhei-o até a porta do meu gabinete e pareceu-me ver suas feições distenderem-se pelo sentimento de satisfação que lhe causava aquele ato de justiça.

— Eis aí, Camila, como as jovens senhoras se precipitam num abismo. Basta, às vezes, uma contradança, uma ária cantada ao piano, um passeio ao campo, para promover espantosos desastres. Correm para eles à voz presunçosa da vaidade, do orgulho, sob a fé de um sorriso, ou por loucura, por leviandade! A Vergonha, o Remorso e a Miséria são três Fúrias em cujas mãos as mulheres devem infalivelmente cair assim que transpõem os limites...

— A minha pobre Camila está morta de sono — disse a viscondessa, interrompendo o procurador. — Vai, minha filha, vai dormir; teu coração, para conservar-se puro e virtuoso, não precisa de quadros apavorantes.

Camila de Grandlieu compreendeu a mãe e saiu.

— Meu caro Derville — disse a viscondessa —, o senhor foi um pouco longe demais; os solicitadores nem são mães de família, nem predicadores.

— Mas os jornais são mil vezes mais...

— Pobre Derville! — disse a viscondessa, interrompendo-o — Não o reconheço. Julga então que minha filha lê jornais? Continua — disse após uma pausa.

— Três meses depois da ratificação das vendas autorizadas em

benefício de Gobseck, pelo conde...

— Pode dizer-lhe o nome, o conde de Restaud, uma vez que minha filha já não está mais aqui — disse a viscondessa.

— Seja — concordou o solicitador. — Decorreu muito tempo depois dessa cena sem que eu recebesse a carta-ressalva que me devia ser confiada. Em Paris, os solicitadores são arrastados por uma corrente que não lhes permite conceder aos negócios de seus clientes senão o grau de interesse que aqueles mesmos lhes concedem, salvo certas exceções que sabemos fazer. Entretanto, um dia em que o usurário jantava em minha casa, ao sair da mesa, perguntei-lhe se não sabia por que nunca mais eu tinha tido notícias do sr. de Restaud.

— Há excelentes motivos para isso — respondeu-me. — O gentil-homem está para morrer. É uma dessas almas sensíveis que, não conhecendo o modo de matar os desgostos, se deixam sempre matar por eles. A vida é um trabalho, um ofício que nos devemos esforçar por aprender. Quando um homem chega a conhecer a vida à força de lhe ter sentido as dores, sua fibra corrobora-se e ele adquire certa flexibilidade que lhe permite dominar a sensibilidade; faz dos seus nervos uma espécie de molas de aço que se dobram sem se quebrar. Se o estômago é bom, um homem assim preparado deve viver tanto tempo quanto os cedros do Líbano, que são árvores famosas.

— O conde está para morrer? — perguntei.

— Possivelmente — respondeu Gobseck. — Você terá na sua sucessão um excelente negócio.

Olhei o meu homem e disse-lhe para sondá-lo: — Explique-me, pois, por que motivo o conde e eu somos as únicas pessoas pelas quais o senhor se interessou?

— Porque vocês foram as únicas que se fiaram em mim sem subterfúgios — disse ele.

Conquanto essa resposta me permitisse acreditar que Gobseck não abusaria de sua posição, se a carta-ressalva se perdesse, resolvi ir visitar o conde. Pretextei um negócio e saímos. Cheguei em seguida à rue du Helder. Fizera-me entrar para um salão onde a condessa estava brincando com os filhos. Ao ouvir anunciarem-me, ela se levantou bruscamente, veio ao meu encontro e sentou-se, sem dizer

palavra, indicando-me com a mão uma poltrona vazia, junto ao fogo. Revestiu o rosto com a máscara impenetrável, sob a qual as mulheres da alta-roda sabem tão bem ocultar suas paixões. Os desgostos já lhe haviam desmerecido as feições; as linhas maravilhosas, que antes constituíam seu mérito, eram tudo o que restava para atestar sua beleza.

— É da maior importância, senhora, que eu fale com o senhor conde...

— Só se o senhor tiver mais sorte do que eu — disse interrompendo-me. — O sr. de Restaud não quer ver ninguém; dificilmente tolera que o médico o venha ver e repele todos os cuidados, até os meus. Os doentes têm caprichos tão estranhos! São como as crianças, não sabem o que querem.

— Talvez, como as crianças, eles saibam perfeitamente o que querem. — A condessa corou. Quase que me arrependi de lhe ter dado aquela resposta digna de Gobseck. — Mas — continuei, para dar outro rumo à conversação — é impossível, senhora, que o conde permaneça perpetuamente sozinho.

— Tem o filho mais velho junto dele.

Por mais que eu olhasse a condessa, dessa vez ela não corou e pareceu-me ter-se firmado na sua resolução de não me deixar desvendar seus segredos. — Deve compreender, minha senhora, que meu procedimento não é indiscreto — repliquei —, baseia-se em interesses poderosos... — Mordi-me os lábios, por perceber que enveredava por um caminho errado. A condessa aproveitou logo meu estouvamento.

— Meus interesses não estão separados dos de meu marido — disse ela. — Nada se opõe a que o senhor se dirija a mim...

— O negócio que aqui me traz concerne exclusivamente ao senhor conde — respondi com firmeza.

— Mandarei preveni-lo do seu desejo de vê-lo.

O tom cortês, o ar que ela tomou para proferir essa frase não me deixaram dúvidas; compreendi que nunca me permitiria chegar à presença do marido. Conversei um instante sobre coisas indiferentes, a fim de poder observá-la, mas, como todas as mulheres que adotaram

um plano, sabia dissimular com aquela perfeição que nas pessoas do belo sexo é o mais elevado grau de perfídia. Porque não dizê-lo, eu tudo temia da parte dela, até mesmo um crime. Esse sentimento provinha de uma visão do futuro, que se revelava nos seus gestos, nos seus olhares, nas suas maneiras, e até na entonação de sua voz. Deixei-a. Agora, vou contar-lhe as cenas que terminam essa aventura, acrescentando-lhes as circunstâncias que me foram reveladas pelo tempo e os detalhes que a perspicácia de Gobseck ou a minha me fizeram adivinhar. A partir do momento em que o conde de Restaud simulou mergulhar num turbilhão de prazeres e querer dissipar sua fortuna, houve entre os dois esposos cenas cujo segredo ficou impenetrável e que permitiram ao conde julgar a mulher de modo mais desfavorável ainda do que o fizera até então. Logo que adoeceu e que se viu obrigado a acamar, sua aversão pela condessa e pelos dois últimos filhos se manifestou, proibindo-lhes entrar em seu quarto e, quando tentaram iludir essa ordem, a desobediência provocou crises tão perigosas que o médico instou com a condessa para que não infringisse as ordens do marido. A sra. de Restaud, vendo as terras, as propriedades da família e mesmo o palacete em que residia passarem sucessivamente para as mãos de Gobseck, que parecia realizar, no que dizia respeito à fortuna do casal, a personagem fantástica de um papão, compreendeu, provavelmente, as intenções do marido. O sr. de Trailles, perseguido um tanto vivamente pelos credores, viajava, então, pela Inglaterra. Somente ele poderia ter informado a condessa das precauções secretas, sugeridas contra ela, por Gobseck ao sr. de Restaud. Dizem que por muito tempo ela resistiu a dar sua assinatura, a qual, pelos termos de nossa lei, era indispensável para tornar válida a venda dos bens, e não obstante o conde a obteve. A condessa acreditava que o marido estivesse reduzindo a fortuna a dinheiro e que o pequeno volume de cédulas que a representavam estivesse num esconderijo, nos cofres de um notário ou talvez no banco. Segundo os seus cálculos, o sr. de Restaud devia, necessariamente, possuir um documento qualquer que desse ao filho primogênito facilidades para recuperar a parte dos bens que mais interessava. Tomou, pois, a resolução de estabelecer em torno do quarto do marido a mais estreita vigilância. Reinou assim

despoticamente em sua casa, submetendo-a à sua espionagem de mulher. Ficava o dia inteiro sentada no salão contíguo ao quarto do marido, de onde podia ouvir tudo o que dissesse, bem como todos os seus movimentos. Conquistou a boa vontade do médico. À noite mandava colocar ali um leito e não dormia a maior parte do tempo. Aquela dedicação pareceu admirável. Sabia, com a esperteza própria às pessoas perversas, disfarçar a repugnância que o sr. de Restaud manifestava por ela, e representava tão bem a dor, que chegou a obter uma espécie de celebridade. Algumas devotas achavam mesmo que ela assim resgatava suas faltas. Mas a condessa tinha sempre presente a miséria que a esperava, depois da morte do marido, se lhe faltasse presença de espírito. Assim é que aquela mulher rechaçada do leito de sofrimento onde gemia o esposo, traçara um círculo mágico em torno dele. Longe e perto dele, repudiada e todo-poderosa, esposa dedicada, na aparência, espreitava a morte e a fortuna, como esse inseto do campo que, no fundo do precipício de areia que soube arredondar em espiral, aí espera sua inevitável presa, ouvindo cada grão de areia que tomba. O mais severo censor não podia deixar de reconhecer que a condessa extremava o sentimento da maternidade. A morte do pai tinha sido, diziam, uma lição para ela. Idólatra dos filhos, sonegara-lhes o quadro de seus desmandos, tendo a idade deles lhe permitido alcançar seu fim e conseguir que lhe quisessem, tendo-lhes ademais dado a melhor e mais brilhante educação. Confesso que não me posso furtar a um sentimento admirativo e de complacência por aquela mulher, a respeito da qual Gobseck até hoje graceja comigo.[363]

Naquela época, a condessa, que reconhecera a baixeza de Máximo, expiava, com lágrimas de sangue, as faltas de sua vida passada. Creio-o. Por mais odiosas que fossem as medidas que tomava para reconquistar a fortuna do marido, não lhe eram ditadas pelo amor materno e pelo desejo de reparar suas faltas para com os filhos? E, ademais, a exemplo de muitas mulheres que atravessaram as tormentas de uma paixão, talvez experimentasse a necessidade da volta à virtude. É possível que não tivesse conhecido o valor da virtude senão no momento em que recolheu a triste messe semeada por seus erros. Todas as vezes que o jovem Ernesto saía dos aposentos do pai, sofria

um interrogatório inquisitorial a respeito de quanto o conde houvesse dito ou feito. O menino prestava-se complacentemente aos desejos da mãe, os quais atribuía a um sentimento terno, e antecipava-se a todas as perguntas. Minha visita foi um raio de luz para a condessa, que julgou ver em mim o ministro das vinganças do conde, e resolveu não deixar que eu me aproximasse do moribundo. Impelido por um pressentimento sinistro, eu desejava veementemente ter uma conversa com o sr. de Restaud, pois que não deixava de estar inquieto sobre o destino da carta-ressalva; se caísse nas mãos da condessa, esta podia fazê-la valer, e entre ela e Gobseck se entabulariam processos intermináveis. Eu conhecia suficientemente o usurário para ter a certeza de que ele jamais restituiria os bens à condessa, além de que havia numerosos elementos de chicana na contestura daqueles títulos, cuja ação só podia ser exercida por mim. Quis prevenir todos os desastres possíveis e fui uma segunda vez à casa da condessa.

— Tenho notado, minha senhora — disse Derville à viscondessa de Grandlieu, em tom de confidência — que existem certos fenômenos morais a que não damos a devida atenção na sociedade. Como sou naturalmente observador, examino com espírito de análise involuntário os negócios de interesse de que tenho tratado, nos quais as paixões intervêm vivamente. Ora, verifiquei, sempre, com renovada surpresa, que as intenções secretas e as ideias que povoam o espírito de dois adversários são quase sempre reciprocamente adivinhadas. Encontram-se, às vezes, entre dois inimigos, a mesma lucidez de espírito e o mesmo poder de visão intelectual que existem entre dois amantes que têm o coração um do outro. Assim, pois, quando nos vimos em presença, a condessa e eu, compreendi subitamente a causa da antipatia que ela sentia por mim, embora disfarçasse seus sentimentos sob as mais graciosas aparências da polidez e da afabilidade. Eu era um confidente imposto, e é impossível que uma mulher não odeie um homem diante do qual é forçada a corar. Quanto a ela, adivinhou que se eu era o homem no qual o marido depositava confiança, ainda não me havia entretanto entregue sua fortuna. Nossa conversação, cujo relato lhes poupo, ficou nas minhas recordações como uma das lutas mais perigosas que já travei. A condessa, dotada

pela natureza das qualidades necessárias para exercer seduções irresistíveis, mostrou-se alternativamente maleável, ativa, carinhosa, confiante; tentou mesmo despertar minha curiosidade, ascender o amor em mim para me dominar: fracassou. Quando me despedi dela, surpreendi-lhe nos olhos uma expressão de ódio e de furor que me fez tremer. Separamo-nos inimigos. Se pudesse, ela me aniquilaria, e eu sentia piedade por ela, sentimento que, para certos caracteres, equivale à mais cruel injúria. Esse sentimento transpareceu nas últimas considerações que lhe apresentei. Deixei-lhe, assim, creio um terror profundo no espírito, ao declarar-lhe que de qualquer forma que ela se houvesse, ficaria irremediavelmente arruinada.

— Se pelo menos eu visse o senhor conde, os bens de seus filhos...

— Eu ficaria à sua mercê — disse ela, interrompendo-me com um gesto de desdém. Estabelecida entre nós a questão de modo tão franco, resolvi salvar aquela família da miséria que a aguardava. Decidido a praticar irregularidades judiciárias, se fossem necessárias, para alcançar meus fins, eis aqui os meus preparativos. Fiz processar o sr. de Restaud por uma soma ficticiamente devida por ele a Gobseck e obtive sua condenação. A condessa naturalmente ocultou o processo, mas por esse meio obtive o direito de fazer apor os selos judiciais por morte do conde. Subornei então um dos criados da casa e consegui dele a promessa de que viria prevenir-me no momento em que o patrão estivesse a ponto de expirar, fosse embora alta noite, para poder assim intervir subitamente, assustando a condessa com a ameaça duma imediata aposição dos selos judiciais, e salvar por esse modo a cartarressalva. Vim mais tarde a saber que por entre os lamentos do marido agonizante, aquela mulher estudava o código. Que quadros pavorosos apresentariam as almas dos que circundam um leito mortuário, se fosse possível pintar-lhes as ideias! E é sempre o dinheiro o móvel das intrigas que se elaboram, dos planos que se formam, das tramas que se urdem! Deixemos agora de lado esses detalhes bastante enfadonhos por sua natureza, mas que puderam permitir compreender os sofrimentos daquela mulher, os do seu marido e que lhe desvendam os segredos de alguns interiores como aquele. Fazia dois meses que o conde de Restaud, resignado à sua sorte, permanecia deitado, sozinho,

no seu quarto. Uma doença mortal debilitara lentamente seu corpo e seu espírito. Tomado dessas fantasias de doente, cuja singularidade parece inexplicável, ele se opunha a que se arrumasse seu quarto; recusava todo e qualquer cuidado, inclusive que se lhe fizesse a cama. Aquela extrema apatia estendia-se a tudo que o cercava: os móveis do quarto estavam em desordem; a poeira, as teias de aranha, cobriam os objetos mais delicados. Outrora rico e de gosto apurado, comprazia-se agora com o triste espetáculo que lhe oferecia aquela peça na qual a chaminé, a secretária e as cadeiras estavam abarrotadas com os objetos que a doença torna necessários: frascos vazios ou cheios, quase todos sujos; roupas esparsas, pratos quebrados, um aquecedor junto à lareira, uma banheira cheia ainda de água medicinal. O sentimento da destruição estava expresso em cada detalhe daquele caos desgracioso. A morte aparecia nas coisas antes de invadir a pessoa. O conde tinha horror à luz do dia, as persianas estavam fechadas, e a obscuridade acentuava o aspecto sombrio daquele triste local. O doente emagrecera consideravelmente. Seus olhos, onde a vida parecia ter-se refugiado, ainda se conservavam brilhantes. A lividez de seu rosto tinha algo de horrível e era ainda mais realçada pelo comprimento extraordinário dos cabelos que ele nunca deixara cortar e que desciam em longas mechas lisas pelas suas faces. Assemelhava-se aos fanáticos habitantes do deserto. O desgosto apagava todos os sentimentos humanos naquele homem de cinquenta anos apenas, que Paris conhecera tão brilhante e feliz. No começo do mês de dezembro de 1824, certa manhã, ele olhou para o seu filho Ernesto, que estava sentado nos pés da cama e que o contemplava dolorosamente.

— Sofre muito meu pai? — perguntou-lhe o jovem visconde.

— Não! — disse ele com um terrível sorriso —, tudo está *aqui e no coração!* — E depois de ter apontado para a cabeça, comprimiu com os dedos descarnados o peito cavo, com um gesto que fez Ernesto chorar.

— Por que motivo o sr. Derville não vem? — perguntou ele ao criado de quarto que julgava ser-lhe dedicado, mas que de fato estava completamente do lado da condessa. — Como, Maurício — exclamou o moribundo que se sentou na cama e pareceu ter recuperado a presença de espírito —, há sete ou oito vezes que eu o mando em busca do meu

procurador e ele não veio? Pensa você que me pode ludibriar? Vá buscá-lo imediatamente e traga-o aqui. Se não cumprir minhas ordens eu me levantarei e irei...

— Senhora condessa — disse o criado ao sair o quarto —, ouviu o que o senhor conde disse, não? Que devo fazer?

— Finja que foi à casa do procurador, volte e diga ao conde que o seu encarregado de negócios foi a quarenta léguas daqui por causa de um processo muito importante. Acrescente que o estão esperando no fim da semana.

“Os doentes sempre se iludem sobre seu estado”, pensou a condessa, “e ele esperará a volta desse homem.” O médico declarara que dificilmente o conde alcançaria o dia seguinte. Quando, duas horas depois, o criado de quarto foi levar ao patrão aquela resposta desesperadora, o moribundo mostrou-se muito agitado.

— Meu Deus! Meu Deus! — repetiu ele por várias vezes —, só tenho confiança em vós. — Contemplou o filho durante algum tempo e por fim disse-lhe com voz enfraquecida: — Ernesto, meu filho, és ainda muito criança, mas tens bom coração e compreenderás com certeza a santidade de uma promessa feita a um moribundo, a um pai. Sentes-te capaz de guardar um segredo, de enterrá-lo em ti mesmo, de modo que nem a tua própria mãe suspeite de sua existência? Hoje meu filho, não há nesta casa mais pessoa alguma em quem eu possa confiar. Não trairás a minha confiança?

— Não, meu pai.

— Pois bem! Ernesto, daqui a pouco eu te entregarei um pacote lacrado que pertence ao sr. Derville; tu o guardarás de maneira que ninguém saiba que o tens; depois sairás escondido e o colocarás na caixa do correio que há no fim da rua.

— Sim, meu pai.

— Posso contar contigo?

— Sim, meu pai.

— Vem abraçar-me. Assim, meu filho, fazes com que a morte me seja menos amarga. Daqui a seis ou sete anos, compreenderás a importância desse segredo e então serás bem recompensado por tua diligência e fidelidade, e ficarás sabendo quanto te quero. Deixa-me só

por um momento e não permitas que quem quer que seja entre aqui.

Ernesto saiu e deparou com a mãe de pé no salão.

— Ernesto — disse ela —, vem cá. — Sentou-se e puxou-o para si, e apertando-o com força em seus braços, beijou-o. — Ernesto, teu pai acaba de falar-te, não?

— Sim, mamãe.

— Que disse ele?

— Não o posso repetir, mamãe.

— Oh, meu querido filho — exclamou a condessa, beijando-o com entusiasmo —, como tua discrição me faz feliz! Nunca mentir e manter-se fiel à palavra dada são dois princípios que nunca deve esquecer.

— Oh, como és bela, mamãe! Tu, sim, que nunca mentiste! Tenho certeza disso.

— Algumas vezes menti, meu querido Ernesto. Sim, falei à minha palavra em circunstâncias ante as quais cedem todas as leis. Ouve, meu Ernesto, já és bastante grande, já tens bastante discernimento para perceber que teu pai me repele, não quer meus cuidados, e isso não é natural, pois sabes quanto o amo.

— Sim, mamãe.

— Meu pobre filho — disse a condessa, chorando —, essa desgraça é fruto de pérfidas insinuações. Pessoas maldosas procuraram separar-me de teu pai com o fim de satisfazer sua avidez. Querem privar-nos de nossa fortuna e apropriar-se dela. Se teu pai gozasse saúde, a divisão que existe entre nós desaparecia em seguida, porque ele me ouviria; e como ele é bom, carinhoso, havia de reconhecer seu erro. Mas sua razão está alterada e as prevenções que tinha contra mim tornaram-se-lhe uma ideia fixa, uma espécie de loucura, efeitos da doença. A predileção que ele tem por ti é uma nova prova do desequilíbrio das suas faculdades. Antes de sua doença nunca percebeste que ele quisesse mais a ti do que a Paulina e Jorge? Tudo nele é caprichoso. A ternura que ele tem por ti poderia sugerir-lhe a ideia de te dar ordens para que as executasses. Se não queres arruinar tua família, meu anjo, nem ver tua mãe mendigando o seu pão, um dia, como uma indigente, deves dizer a ela tudo...

— Ah! Ah! — exclamou o conde, que, tendo aberto a porta,

apresentou-se de súbito, quase nu, já mesmo tão seco, tão descorado como um esqueleto. Aquele grito surdo produziu um efeito terrível na condessa, que ficou imóvel e como fulminada de estupor. Seu marido estava tão delgado e pálido que parecia ter saído do túmulo. — Depois de ter cumulado minha vida de desgostos, quer ainda perturbar a minha morte, perverter o espírito do meu filho, fazer dele um homem vicioso! — gritou ele com voz rouca. A condessa atirou-se aos pés daquele moribundo que as derradeiras emoções da vida tornavam quase hediondo e derramou uma outra torrente de lágrimas. — Piedade! Piedade! — exclamou. — Teve a senhora, acaso, piedade de mim? — perguntou ele. — Deixei-a dilapidar sua fortuna, quer agora devorar a minha e do meu filho?

— Pois seja! Sim, não tenha piedade de mim, seja inflexível — disse ela —, mas e as crianças? Condene sua viúva a viver num convento, obedecerei; para expiar as faltas que cometi contra o senhor, farei tudo o que quiser ordenar; mas que as crianças sejam felizes! Oh, as crianças, as crianças!

— Não tenho mais do que um filho — respondeu o conde, estendendo, num gesto de desespero o braço descarnado para o filho.

— Perdão, estou arrependida, arrependida! — gritava a condessa, beijando os pés úmidos do marido. Os soluços impediam-na de falar, e somente palavras vagas, incoerentes, saíam de sua garganta que ardia.

— Depois do que disse a Ernesto, atreve-se a falar em arrependimento! — disse o moribundo, que derrubou a condessa agitando o pé. — A senhora enregela-me — acrescentou ele com uma indiferença que tinha qualquer coisa de terrível. — Foi má filha, má esposa e será uma mãe má.

A infeliz caiu desmaiada. O moribundo voltou para o leito, deitou-se e algumas horas depois perdeu o conhecimento. Os padres vieram administrar-lhe os sacramentos. Faleceu à meia-noite. A cena da manhã consumira-lhe as forças que ainda lhe restavam. À meia-noite cheguei com papai Gobseck à sombra da desordem que reinava, introduzimos-nos até o pequeno salão que precedia o quarto mortuário, e no qual encontramos as três crianças chorando, entre dois padres que deviam passar a noite junto ao corpo. Ernesto veio ao meu

encontro e disse que a mãe queria estar só no quarto do conde.

— Não entrem! — disse ele com admirável expressão no tom da voz e no gesto —, ela está rezando!

Gobseck pôs-se a rir com aquele riso mudo que lhe era peculiar. Eu me sentia demasiado comovido pelo sentimento que brilhava no rosto infantil de Ernesto para partilhar da ironia do avaro. Quando o menino viu que nos dirigíamos para a porta, correu para ela e gritou:

— Mamãe, aqui estão uns homens de preto à tua procura!

Gobseck levantou a criança como se fosse uma pena e abriu a porta. Que espetáculo se ofereceu aos nossos olhos! Reinava no quarto uma espantosa desordem. Descabelada pelo desespero, com os olhos flamejantes, a condessa ficou de pé, atônita, no meio de roupas, papéis, panos amarrotados. Confusão horrível de ver, em presença do morto. Assim que o conde expirou, a mulher forçara todas as gavetas e a secretária, deixando o tapete em torno dela coberto de destroços, alguns móveis quebrados, pastas despedaçadas, tudo apresentando a marca de suas mãos audazes. Se sua busca fora de começo vã, sua atitude e sua agitação fizeram-me supor que acabara encontrando os misteriosos papéis. Passei os olhos pela cama e com instinto que o hábito dos negócios nos dá, adivinhei tudo o que passara. O cadáver do conde estava contra a parede, quase de lado, com o rosto metido no colchão, descuidadamente atirado como um dos invólucros que jaziam no chão; ele também nada mais era do que um invólucro. Seus membros rígidos e inflexíveis davam-lhe um aspecto grotescamente horrível. O agonizante devia ter, com certeza, escondido a carta-ressalva sob o travesseiro, como para preservá-la de qualquer tentativa de subtração até sua morte. A condessa adivinhara o pensamento do marido, que, aliás, parecia estar escrito no último gesto, na convulsão dos dedos encurvados. O travesseiro tinha sido atirado ao chão, vendo-se ainda nele a impressão do pé da condessa; a seus pés, diante dela, vi um papel lacrado em vários pontos com as armas do conde; apanhei-o rapidamente e li uma inscrição indicando que o conteúdo devia ser-me entregue. Olhei fixamente para a condessa com a perspicaz severidade de um juiz que interroga um culpado. A chama da lareira devorava os papéis. Ao nos ouvir chegar, a condessa tinha-os atirado ali, porquanto

pela leitura das primeiras disposições que eu havia provocado em favor dos seus filhos, julgou que o testamento os privara da fortuna e quis por isso destruí-lo. Uma consciência atormentada e o pavor irreprimível inspirado por um crime aos que o praticam tinham-na privado da reflexão. Ao sentir-se surpreendida, via talvez o cadafalso e sentia o ferro em brasa do carrasco. A mulher esperava nossas primeiras palavras, ofegando, e fitava-nos com olhares desvairados.

— Ah, senhora — disse eu retirando da chaminé um fragmento que o fogo ainda não queimara —, a senhora arruinou seus filhos! Esses papéis eram seus títulos de propriedade!

A boca da condessa contraiu-se como se ela fosse ter um ataque de paralisia.

— Hé! Hé! — fez Gobseck, cuja exclamação nos deu a impressão do rangido que produz um candelabro de cobre quando o empurram por cima de uma mesa de mármore. Depois de uma pausa, o velho disse-me com toda a calma: — Pretende o senhor fazer a condessa acreditar que eu não sou o legítimo proprietário dos bens que o senhor conde me vendeu? Faz um momento que esta casa me pertence.

Um golpe de clava que me tivessem aplicado de repente na cabeça não me teria causado tanta dor e surpresa. A condessa notou o olhar indeciso que eu dirigi ao usurário.

— Senhor, senhor! — exclamou ela, sem poder dizer mais.

— O senhor tem um fideicomisso? — perguntei-lhe.

— Possivelmente.

— Será capaz de abusar do crime praticado pela senhora?

— Certamente.

Saí, deixando a condessa sentada junto ao leito do marido e derramando lágrimas ardentes. Gobseck seguiu-me. Quando chegamos à rua, separei-me dele, mas o homem veio para o meu lado, dirigiu-me um desses olhares profundos com que se sonda os corações e disse-me com sua voz aflautada que emitiu sons agudos: — Tu te metes a julgar-me? — Desde então pouco nos vimos. Gobseck alugou o palacete do conde, vai passar os serões nas propriedades rurais, faz vida de grão-senhor, constrói granjas, conserta moinhos, estradas, planta árvores... Um dia encontrei-o numa alameda das Tulherias.

— A condessa — disse-lhe eu — está vivendo uma vida heroica. Consagrou-se à educação dos filhos, que educa perfeitamente. O mais velho é um tipo encantador...

— Possivelmente.

— Mas — continuei —, não acha que deveria auxiliar Ernesto?

— Auxiliar Ernesto? — exclamou Gobseck. — Não! Não! A desgraça é o nosso grande mestre, a desgraça lhe vai ensinar o valor do dinheiro, dos homens e das mulheres. Que navegue no oceano parisiense. Quando se tornar um bom piloto, nós lhe daremos uma nau.

Deixei-o sem procurar explicar-me o sentido de suas palavras. Conquanto o sr. de Restaud, ao qual a mãe inspirou aversão por mim, esteja bem longe de me tomar por conselheiro, fui na semana passada à casa de Gobseck para informá-lo do amor que Ernesto dedica à srta. Camila e ao mesmo tempo apressá-lo a cumprir seu mandato, pois que o jovem conde está próximo da maioridade. O velho prestamista estava já fazia muito tempo de cama, com a doença que o devia levar. Adiou a resposta para quando se levantasse e pudesse ocupar-se de seus negócios; não queria, com certeza, desfazer-se de nada enquanto tivesse um sopro de vida; sua resposta dilatória não podia ter outros motivos. Achando-o mais doente do que ele julgava estar, fiquei com ele durante bastante tempo para poder verificar os progressos de uma paixão que a idade convertera numa espécie de loucura. A fim de não ter ninguém na casa em que morava, tinha-se feito o único inquilino e deixava todos os quartos desocupados. Nada fora mudado no seu. Os móveis que eu conhecia tão bem, fazia dezesseis anos, pareciam ter sido conservados sob campânulas de vidro, tão exatamente iguais estavam. Sua velha e fiel porteira, casada com um inválido que cuidava do cubículo, quando ela subia para onde estava o patrão, continuava sendo a arrumadeira da casa, sua mulher de confiança, a introdutora de quem quer que o viesse ver, e preenchia junto a ele as funções de enfermeira. Não obstante seu estado de fraqueza, Gobseck recebia ainda em pessoa os seus clientes e as suas rendas, e tinha simplificado tão bem seus negócios que lhe bastava o inválido para desempenhar os seus mandados no exterior. Por ocasião do tratado pelo qual a França reconheceu a República do Haiti,^[364] os conhecimentos de Gobseck a

respeito das fortunas antigas de São Domingo, e sobre os colonos ou os interessados, aos quais eram devolvidas as indenizações, fizeram com que o nomeassem membro da comissão instituída para liquidar seus direitos e repartir as entregas feitas pelo Haiti. O gênio de Gobseck fez-lhe inventar uma agência para descontar os créditos dos colonos ou de seus herdeiros, sob os nomes de Werbrust e Gigonnet, com os quais dividia os lucros sem ter tido necessidade de entrar com dinheiro, porquanto suas luzes haviam constituído a sua parte do capital. Essa agência era como uma destilaria onde se espremiavam os créditos dos ignorantes, dos incrédulos, ou daqueles cujos direitos podiam ser contestados. Como liquidatário, Gobseck sabia parlamentar com os grandes proprietários que, ou fosse para lhes avaliar os direitos a uma taxa elevada, ou para fazê-los aceitar prontamente, lhe ofereciam presentes proporcionais à importância de suas fortunas. Por essa forma os presentes constituíam uma espécie de desconto sobre as quantias das quais lhe era impossível assenhorear-se; além disso, sua agência entregava-lhe a preço irrisório as contas pequenas, duvidosas, e as das pessoas que preferiam um pagamento imediato, por menor que fosse, aos azares das incertas entregas da República. Gobseck tornou-se então uma jiboia insaciável desse grande negócio. Recebia, todas as manhãs, seus tributos, e os olhava como o faria o ministro de um nababo antes de se resolver a assinar um perdão. Gobseck apoderava-se de tudo, desde o burrinho de um pobre-diabo, até as libras de vela das pessoas escrupulosas, desde a baixela dos ricos até as tabaqueiras de ouro dos especuladores. Ninguém sabia que fim era dado a esses presentes feitos ao velho usurário. Tudo entrava na casa dele, nada dali saía. “Dou-lhe a minha palavra de mulher honrada”, dizia-me a porteira, velha amiga minha, “creio que ele engole tudo, sem que por isso fique mais gordo, porque está mais magro e seco do que o cuco de meu relógio.” Afinal, segunda-feira passada Gobseck mandou o inválido chamar-me, dizendo-me este ao entrar no meu gabinete: — Venha depressa, sr. Derville, que o patrão vai prestar contas pela última vez: está amarelo como um limão maduro e impaciente por falar-lhe. A morte anda às voltas com ele e o último suspiro lhe está gorgulhando na garganta.

Quando entrei no quarto do moribundo, surpreendi-o ajoelhado diante da chaminé, onde não havia fogo, mas apenas um montão de cinzas. Gobseck arrastara-se da cama até ali, mas faltavam-lhe forças para voltar e deitar-se, bem como voz para se lamentar.

— Meu velho amigo — disse-lhe eu, levantando-o e ajudando-o a voltar para a cama —, se tinha frio, por que não mandou acender o fogo?

— Não estou com frio — respondeu-me —, nada de fogo, nada de fogo! Não sei para onde vou, meu rapaz — acrescentou, dirigindo-me um último olhar vidrado e sem calor —, mas me vou daqui! Estou com *carfologia*[365] — disse servindo-se de um termo que mostrava quanto sua inteligência ainda estava lúcida e precisa. — Pensei ter visto meu quarto cheio de ouro vivo e levantei-me para pegá-lo. Para quem irá tudo o que é meu? Não darei ao governo; fiz um testamento, procure-o, Grotius. A Bela Holandesa tinha uma filha[366] que eu vi não sei onde na rua Vivienne. Creio que a alcinharam de *Torpedo*; é linda como os amores, vê se a achas, Grotius. És meu executor testamentário, toma o que quiseres, come: há aqui *pâté de foie gras*, sacos de café, de açúcar, colheres de ouro. Dá o serviço de Odiot[367] à tua mulher. Mas a quem dar os diamantes? Tomas rapé, rapaz? Tenho fumo, vende-o em Hamburgo, dão *um meio*. Enfim tenho de tudo e tenho de deixar tudo! “Vamos, papai Gobseck”, disse ele a si mesmo, “nada de fraquezas, sê tu mesmo.” Sentou-se na cama, seu rosto desenhava-se nitidamente sobre o travesseiro como se fosse de bronze; estendeu o braço seco e a mão óssea por sobre as cobertas, que agarrou como para reter-se; olhou para a lareira, fria como seus olhos metálicos e morreu na plena posse da razão, oferecendo à porteira, ao inválido e a mim a imagem desses velhos romanos atentos, que Lethière[368] pintou por trás dos cônsules, no seu quadro da *Morte dos filhos de Brutus*.

— Que topete tem esse velho turuna! — disse-me o inválido na sua linguagem soldadesca. Eu ainda ouvia a fantástica enumeração que o moribundo fizera de suas riquezas, e meu olhar, que acompanhara o dele, fixou-se no montão de cinzas, cujo volume me impressionou. Peguei a pinça e, quando a mergulhei no montão, senti-a bater num punhado de ouro e de prata, fruto sem dúvida das entradas que

recebera durante a doença e que sua fraqueza o impedira de esconder, ou que sua desconfiança não lhe deixara depositar no banco.

— Vá depressa ao juiz de paz — disse eu ao velho inválido — para que venha apor os selos em tudo aqui!

Impressionado com as últimas palavras de Gobseck e do que ultimamente me dissera a porteira, apoderei-me das chaves dos quartos situados no primeiro e segundo andares a fim de os visitar. Na primeira peça que abri, tive a explicação das palavras que havia julgado insensatas, quando vi os *efeitos* de uma avareza, da qual nada mais restava do que o instinto ilógico de que tantos exemplos nos são dados pelos avarentos da província. No quarto contíguo ao em que Gobseck expirou havia *pâtés* apodrecidos, uma grande quantidade de mantimentos de toda espécie, e até mariscos, peixes embolorecidos e cuja fetidez quase me asfixiou. Por toda parte vermes e insetos. Aqueles presentes, recentemente recebidos, estavam misturados com latas de todos os feitios, caixas de chá, sacos de café. Em cima da lareira, numa sopeira de prata, havia avisos de chegada de mercadorias consignadas a seu nome, no Havre; fardos de algodão; barricas de açúcar; tonéis de rum; café; anil; tabaco; um bazar completo de produtos coloniais. Aquela peça estava abarrotada de móveis, de baixelas de prata, de lâmpadas, quadros, vasos, livros, belas gravuras enroladas, sem moldura, e outras curiosidades. É possível que aquela imensa quantidade de valores não proviesse toda ela de presentes e fosse em parte constituída por penhores que lhe tivessem ficado nas mãos por falta de pagamento. Vi escrínios com brasões ou com iniciais, enxovais de roupa branca fina, armas preciosas, mas sem etiquetas. Ao abrir um livro que parecia ter sido deslocado, encontrei notas de mil francos. A mim mesmo prometi examinar tudo, sondar o assoalho, os tetos, as cornijas e as paredes, a fim de achar todo aquele ouro do qual se mostrava tão apaixonadamente ávido aquele holandês, digno do pincel de Rembrandt. Nunca, no decurso de minha vida judiciária, vi semelhantes efeitos de avareza e originalidade. Quando voltei ao quarto de Gobseck, achei em cima da secretária a explicação daquela mistura progressiva e do acúmulo daquelas riquezas. Sob uma papeleira encontrei cartas trocadas entre Gobseck e os negociantes a

quem ele vendia os presentes. Ora, ou fosse porque aqueles tivessem sido vítimas da habilidade de Gobseck ou porque este pedisse um preço muito elevado pelos seus mantimentos ou pelos seus valores manufaturados, todas as negociações estavam paralisadas. Não vendera os comestíveis a Chevet,[369] porque Chevet não as queria receber senão com trinta por cento de abatimento. Gobseck regateava por alguns francos de diferença e durante a discussão as mercadorias ficavam avariadas. Para a prataria, ele se recusava a pagar as despesas de transporte. No que dizia respeito ao café, ele não queria garantir as quebras. Enfim, cada objeto dava margem a desinteligências que revelavam em Gobseck os primeiros sintomas dessa puerilidade, dessa teimosia incompreensível a que chegam todos os velhos nos quais uma forte paixão sobrevive à inteligência. Disse para mim mesmo, como ele o dissera a si mesmo: “Para quem irão todas essas riquezas?...”. Ao pensar na estranha informação que me dera sobre a sua única herdeira, vi-me obrigado a varejar todas as casas suspeitas de Paris para entregar a uma mulher indigna, talvez, aquela imensa fortuna. Antes de mais nada, saibam que, por documentos redigidos em devida forma, o conde Ernesto de Restaud entrará, dentro de poucos dias, na posse de uma fortuna que lhe permitirá desposar a srta. Camila e, ao mesmo tempo, constituir para a condessa de Restaud, sua mãe, para seu irmão e sua irmã dotes e partes suficientes.

— Está bem, caro sr. Derville, pensaremos nisso — respondeu a sra. de Grandlieu. — O sr. Ernesto deve ser bem rico para fazer com que uma família como a nossa lhe aceite a mãe. Pense que meu filho será um dia duque de Grandlieu e unirá a fortuna das duas casas de Grandlieu; quero-lhe um cunhado de seu gosto.

— Mas — disse o conde de Born — Restaud usa um *escudo de goles, com uma travessa de prata, acompanhada de quatro escudetes de ouro, cada um carregado de uma cruz de sable*, um escudo bem antigo.

— É verdade — voltou a viscondessa —; aliás, Camila poderá não ver a sua sogra que fez mentir a divisa res tuta![370]

— A sra. de Beauséant[371] recebia a sra. de Restaud — disse o velho tio.

— Oh, nas suas recepções! — replicou a viscondessa.

Paris, janeiro de 1830

A MULHER DE TRINTA ANOS

TRADUÇÃO DE **CASIMIRO FERNANDES**
E **WILSON LOUSADA**

INTRODUÇÃO

A mulher de trinta anos é, sem contestação, o livro mais famoso de Balzac. Muitos leitores não lhe conhecem senão este único romance. Pessoas que não lhe leram uma página sequer associam automaticamente esse título a seu nome. No Brasil, como em muitos outros países, a “idade balzaquiana” tornou-se expressão consagrada até nos meios incultos, e outro dia vimos “Seu Balzac” e “a mulher de trinta anos” aparecerem juntos em letra da marchinha popular.

O êxito descomunal do título e do livro levou um discípulo de Balzac, Charles Bernard, a escrever um romance sobre *A mulher de quarenta anos*, e o próprio Balzac o explorou, publicando em 1846 *A mulher de sessenta anos*, episódio que mais tarde entrou a fazer parte do *Avesso da história contemporânea*.

Quem começasse a leitura de Balzac por *A mulher de trinta anos* ficaria desapontado. Esse conjunto de seis episódios disparatados, mal reunidos entre si e rematados por uma conclusão melodramática, é mais apropriado a enfastiar o leitor do que a fazê-lo procurar outras obras do romancista. Acontecimentos insuficientemente explicados, incompreensíveis modificações de caráter de um capítulo para outro, frequentes contradições no enredo como na psicologia das personagens, tudo isto não contribui para a impressão de uma grande obra e poderia facilmente esfriar um entusiasmo incipiente.

Para prevenir tal desapontamento, como também para fazer compreender o motivo das imperfeições em apreço, parece-nos indispensável lembrar pelo menos os dados principais da acidentada história dos originais de *A mulher de trinta anos*.

O romance, em sua forma atual, compõe-se de seis episódios:

- i. Primeiros erros
- ii. Sofrimentos desconhecidos
- iii. Aos trinta anos
- iv. O dedo de Deus
- v. Os dois encontros
- vi. A velhice de uma mãe culpada.

Por mais estranho que pareça, esses episódios formavam primitivamente outros tantos contos separados, com personagens diferentes; nem sequer foram escritos e publicados em sua ordem atual.

Num espaço de ano e meio, entre novembro de 1830 e abril de 1832, em diversas revistas de Paris saíram quatro desses contos na seguinte ordem: *Os dois encontros*; *A entrevista*; *O dedo de Deus*; *A mulher de trinta anos*, que correspondem às seguintes partes do romance atual:

Os dois encontros, aos dois primeiros capítulos do episódio v;
A entrevista, ao episódio i;
O dedo de Deus, ao primeiro capítulo do episódio iv;
A mulher de trinta anos, ao episódio iii.

Em 1832, Balzac publica-os em volume no tomo iv da 2ª edição das *Cenas da vida privada* na seguinte ordem: *A entrevista*; *A mulher de trinta anos*; *O dedo de Deus*; *Os dois encontros*, aumentando este último de dois capítulos, o primeiro dos quais corresponde ao terceiro capítulo do atual episódio v, e o segundo ao único capítulo do atual episódio vi.

Todos esses contos, note-se bem, mesmo depois de reunidos assim, num volume, continuavam a ser “cenas” independentes, cada uma com suas personagens e seu enredo mais ou menos completo. O único traço comum que havia entre elas era o fato de terem por protagonista uma mulher desiludida. Isto bastou para o editor sugerir a Balzac — segundo uma nota apensa à edição — a reunião numa só narrativa

daqueles contos tão heterogêneos. O autor recusou-se a atender a essa sugestão, mas não se opôs à publicação da nota, dando assim a cada leitor “a liberdade de interpretar a obra a seu talante”, isto é, de supor ou não a identidade da heroína.

Dois anos depois, na nova edição das *Cenas da vida privada*, Balzac ainda manteve a separação das narrativas, acrescentando mais dois fragmentos: *Sofrimentos desconhecidos* — o atual episódio ii — e *O vale da torrente* — segundo capítulo do atual episódio v —, subordinando, porém, todas as partes ao título único de *Mesma história* e introduzindo algumas modificações de pequena monta, destinadas evidentemente a preparar uma fusão ulterior mais completa dos episódios. Acerca da significação do novo título encontra-se uma indicação interessante num livrinho de anotações do próprio Balzac, onde se lê: “Um livro, intitulado *Mesma história*, composto de fragmentos destacados, aparentemente sem pé nem cabeça, mas que tem um sentido lógico e secreto”. Era uma ideia bastante curiosa, e se o autor se lhe tivesse mantido fiel, teríamos agora, em vez de um romance bastante imperfeito, uma coletânea de contos pelo menos singular e enigmática.

Uma circunstância difícil de ser eliminada obstava, aliás, a que a fusão pudesse ser perfeita. A primeira cena, por estar ligada à última revista de Napoleão, tinha uma data inalterável: 1813. Os acontecimentos relatados nos diversos episódios abrangiam um total de 31 anos. Portanto o romance só podia acabar em 1844.

Contudo, já em 1842, na primeira edição de conjunto da *Comédia humana*, os seis episódios aparecem reunidos num romance único, *A mulher de trinta anos*. As personagens foram fundidas, a ação unificada. Continuava, porém, a subsistir a contradição interna quanto à cronologia. É verdade que na reedição seguinte, feita em 1844, o autor reportou a data do último episódio a esse mesmo ano. Mas, como mostraremos nas notas, nem por isso as contradições cronológicas desapareceram totalmente. Mais grave ainda é a falta de uma unidade essencial, íntima. O caráter das personagens sofre, de um episódio para outro, alterações bruscas e inexplicadas. Assim o marquês d’Aiglemont, que no início é apresentado como um homem obtuso e tolo, incapaz de

sentimentos finos e de apreciar a esposa, no primeiro capítulo do episódio v aparece simpático e nitidamente superior a ela; depois, no capítulo a seguir, torna-se uma figura indiferente. A própria marquesa d'Aiglemont, com ares de vítima nos dois primeiros episódios, passa, do terceiro em diante, a expiar pessoalmente e até em seus descendentes um adultério que nem ela — em virtude da psicologia de que é dotada pelo romancista — nem o leitor — em consequência da impressão ridícula e odiosa que teve acerca do marido — podem considerar um verdadeiro crime. É inexato o próprio título *A mulher de trinta anos*, pois a heroína só aparece com essa idade num dos seis episódios; por outro lado, se ela cede às insistências de Carlos de Vandenesse, não é por haver chegado a essa idade, mas sim por haver sofrido muito em consequência de um casamento inadequado e, sobretudo, do desastre puramente fortuito em que perdeu o homem que a amava de uma paixão ideal.

Há outros sinais de soldadura imperfeita. O escritor que, ao longo de todo o romance, observa a atitude convencional de um narrador onisciente, nas poucas páginas do capítulo i da quarta parte passa de repente para o primeiro plano como testemunha direta da cena contada, o que põe em xeque a credibilidade do resto da história, ao que ele não pode ter assistido.

De maneira estranha, no começo de cada uma das seis partes do romance encontramos em cena o casal de protagonistas sem que sejam identificados — provavelmente para que depois a surpresa dos leitores seja maior. Mas, logo depois de defrontar-se pela segunda vez com o estratagemma, o leitor desvenda-o, e o seu interesse diminui em vez de aumentar.

É também de romancista novato o modo por que aparecem a nossos olhos diversos filhos da sra. d'Aiglemont, cuja existência ignorávamos. Surgem apenas para caírem vítimas de alguma catástrofe. Os ódios que os separam não são desenvolvidos a nossos olhos; são apenas comunicados no momento em que vemos desaparecer esses figurantes passivos.

Outra quebra da unidade é devida a um compromisso ideológico. As teorias verdadeiramente revolucionárias que o livro enceta acerca do

destino da mulher na sociedade e, em particular, dentro do casamento, são expostas não pelo autor, mas pela sra. d'Aiglemont. Sente-se, pela veemência do tom, que o romancista, nesse pormenor, partilha as teorias da personagem; mas quando passa a falar em seu próprio nome, lembra-se de que é um partidário do trono e do altar e atribui à falta de religiosidade da protagonista desgraças que, segundo ele próprio o demonstra, decorrem da imperfeição das instituições.

“Vê-se que Balzac”, afirma Seillière, “procura manter-se imparcial entre a moral racional e o misticismo romântico da paixão, para contentar as diversas aspirações de seus leitores.”

Mais ainda do que essa desarmonia, choca o desfecho da história pela introdução violenta de uma série de *dei ex machina*, tais como o aparecimento de um assassino, a fuga da moça com um homem que vê pela primeira vez, uma aventura de piratas etc., elementos que revelam a influência persistente da sublitteratura terrífica dos romancistas ingleses Lewis, Maturin e Radcliffe, tão forte na fase anterior *À Comédia humana*. Já na edição de 1834, Balzac tinha de se defender contra as censuras da crítica à fuga inexplicável da filha da sra. d'Aiglemont. Em março de 1843, ele mesmo reconhece, numa carta à condessa Hanska, que *O capitão parisiense* (segundo capítulo do episódio v) “deveria ser feito do princípio ao fim”, pois assim como está é um melodrama indigno dele. Mas a multidão de outros compromissos, novos livros, viagens, não lhe permitiram mais levar a efeito essa intenção. Mesmo que a tivesse realizado, o romance não teria melhorado substancialmente, pois seus defeitos são todos congênitos.

Na realidade, não pode haver melhor prova da diferença essencial entre romance e conto do que *A mulher de trinta anos*; vê-se por aí uma série de contos que, por mais que o autor se esforce, não pode ser transformada num romance.

Como foi então que um livro com imperfeições tão evidentes pôde não só se tornar famoso, como também eclipsar outras obras, muito superiores, de seu autor? Embora falhado como romance, *A mulher de trinta anos*, sobretudo nos episódios ii e iii, contém estudos de psicologia feminina de extrema agudeza. Zulma Carraud, a fiel amiga

de Balzac, ao ler *Mesma história*, escreveu com razão numa dessas cartas que o romancista apreciava tanto: “Você tem uma inteligência do coração da mulher que nunca foi dada a nenhum outro homem... Ainda há algumas misérias deste pobre sexo que lhe escaparam, mas, decerto, nunca um homem conseguiu entrar mais fundo na existência delas...”.

Vários críticos procuraram, aliás, justificar as falhas inegáveis do romance. Assim, João Gaspar Simões admite a arbitrariedade da composição e a própria inverossimilhança de certos lances, mas pensa “que a história contada por Balzac nem por isso é menos verdadeira; ele apenas não no-la soube contar com a pormenorização devida. Quero dizer: a verdade do romance é indiscutível; só é discutível a perfeição da sua narrativa”.

Em Júlia d’Aiglemont temos o primeiro grande retrato — seguido depois por tantos outros — da mulher malcasada, consciente da razão de seus sofrimentos e revoltada contra a instituição imperfeita do matrimônio. *A mulher de trinta anos* constitui uma etapa na história da emancipação feminina. A infeliz heroína de Balzac (antes de perder de maneira tão lamentável a sua personalidade a partir do episódio iv) levanta vários problemas transcendentais da vida amorosa e sentimental de seu sexo. Revela-nos os sofrimentos da mulher incompreendida que não encontrou no casamento a realização de seus sonhos; os conflitos senão com as leis, pelo menos com os costumes a que ela fatalmente é levada; a diferença trágica entre a maternidade da carne e a do coração. Sem pronunciar a palavra, ela é indiscutivelmente uma campeã do divórcio.

No seu romance, Balzac teve o mérito de ser um dos primeiros a focalizar os dramas decorrentes da incompatibilidade dos cônjuges. Ainda maior repercussão tiveram os elogios que ele dispensou às mulheres de trinta anos, idade que considerava “o ápice da vida amorosa da mulher”. Talvez haja algum exagero, mas haverá também muita verdade numa afirmação de Gabriel Hanotaux e Georges Vicaire, os dois eruditos que numa obra comum contaram a história secreta da paixão do jovem Balzac pela sra. de Berny, bem mais idosa que ele e de quem o romancista devia lembrar-se ao exaltar as mulheres maduras

nesta obra e em várias outras.

“Balzac prestou às mulheres um serviço imenso, que elas nunca lhe poderão agradecer suficientemente, pois duplicou para elas a idade do amor. Antes dele, todas as namoradas de romance tinham vinte anos. Ele prolongou até aos trinta, até aos quarenta anos sua vida ativa, pleiteando, em seu favor, a causa da natureza, da verdade. Curou o amor do preconceito da mocidade... Multiplicou, se não a alegria humana, pelo menos a consciência desta alegria.”

paulo rónai

A MULHER DE TRINTA ANOS

DEDICADO AO PINTOR LOUIS BOULANGER[\[372\]](#)

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIROS ERROS

I – A JOVEM

No começo do mês de abril de 1813, houve um domingo cuja manhã prometia um desses belos dias em que os parisienses, pela primeira vez no ano, veem as calçadas sem lama e o céu sem nuvens. Antes do meio-dia, um cabriolé, atrelado por dois fogosos cavalos, desembocou na rue de Rivoli pela rue Castiglione, e parou atrás de diversas equipagens estacionadas junto à grade recentemente aberta no meio do terraço dos Feuillants.^[373] Esse ligeiro carro era conduzido por um homem de aparência preocupada e doentia; cabelos grisalhos mal cobriam seu crânio amarelo e o tornavam precocemente velho. O homem atirou as rédeas ao laçao a cavalo que seguia o carro, e desceu para tomar nos braços uma jovem cuja beleza frágil atraiu a atenção dos ociosos em

passeio pelo terraço. A rapariguinha deixou-se complacentemente estreitar pela cintura quando ficou de pé no estribo da carruagem e passou os braços em torno do pescoço de seu guia, que a colocou na calçada sem amarrotar a guarnição do seu vestido de repes verde. Um amante não teria tido tanto cuidado. O desconhecido devia ser o pai daquela menina que, sem agradecer, tomou-lhe familiarmente o braço e arrastou-o bruscamente para o jardim. O velho pai observou os olhares maravilhados de alguns rapazes, e a tristeza impressa em seu rosto desvaneceu-se por um momento. Embora há muito tempo ele já houvesse chegado à idade em que os homens se devam contentar com os enganadores prazeres que dá a vaidade, pôs-se a sorrir:

— Pensam que és minha esposa — disse ao ouvido da jovem, erguendo-se e andando com uma lentidão que a desesperou.

Parecia ter orgulho da filha, e gozava talvez mais do que ela com as olhadelas que os curiosos lançavam aos seus pezinhos calçados de borzequins de pano acastanhado, a um corpo delicioso desenhado por um vestido de cabeção e ao delicado pescoço que uma gola bordada não ocultava inteiramente. Os movimentos do andar erguiam, por instantes, o vestido da moça e permitiam ver, acima dos borzequins, o roliço de uma perna finamente modelada por uma meia de seda bordada. Por isso, mais de um transeunte passou à frente do casal para admirar ou tornar a ver o rosto jovem em torno do qual brincavam alguns rolos de cabelos castanhos, e cuja brancura e rosado eram realçados tanto pelos reflexos do cetim rosa que forrava seu elegante chapéu quanto pelo desejo e pela impaciência que cintilavam em todos os traços da linda criatura. Uma suave malícia animava seus lindos olhos negros, em forma de amêndoa, encimadas por sobranceiras bem arqueadas, bordadas por longos cílios e que nadavam num fluido puro. A vida e a juventude ostentavam seus tesouros naquela fisionomia viva e num busto ainda gracioso apesar da cintura colocada então sob o seio. Insensível às homenagens, a rapariga olhava com uma espécie de ansiedade o castelo das Tulherias, sem dúvida o objetivo de seu petulante passeio. Faltavam quinze minutos para meio-dia. Por matinal que fosse a hora, diversas mulheres, todas querendo mostrar-se em *toilette*, regressavam do castelo, não sem voltarem a cabeça com

ar de enfado, como se se arrependessem de ter vindo muito tarde para gozar de um espetáculo desejado. Algumas palavras escapadas ao mau humor dessas lindas passeantes desapontadas, e apanhadas no ar pela bela desconhecida, haviam-na inquietado singularmente. O velho espiava com um olhar mais curioso que zombeteiro os sinais de impaciência e temor que alternavam no rosto encantador de sua companheira, e observava-a com cuidado talvez excessivo para não ter uma segunda intenção paternal.

Esse domingo era o décimo terceiro do ano de 1813. No dia seguinte, Napoleão partia para essa fatal campanha durante a qual ia perder sucessivamente Bessières[374] e Duroc,[375] ganhar as memoráveis batalhas de Lutzen e Bautzen,[376] ver-se traído pela Áustria, pela Saxônia, pela Baviera, por Bernadotte,[377] e disputar a terrível batalha de Leipzig.[378] A magnífica parada comandada pelo imperador devia ser a última daquelas que por tanto tempo exaltaram a admiração dos parisienses e dos estrangeiros. A velha guarda ia executar, pela última vez, as sábias manobras cuja pompa e precisão espantaram algumas vezes até o próprio gigante, que se preparava então para o seu duelo com a Europa. Um triste sentimento levava às Tulherias uma brilhante e curiosa população. Cada um parecia adivinhar o futuro e pressentia talvez que, mais de uma vez, a imaginação teria que retraçar o quadro daquela cena, quando os tempos heroicos da França adquirissem, como hoje, tintas quase fabulosas.

— Vamos mais depressa, meu pai — dizia a moça com um ar travesso arrastando o velho. — Ouço os tambores.

— São as tropas que entram nas Tulherias — respondeu ele.

— Ou que desfilam, todos estão voltando! — replicou ela com infantil amargura que fez sorrir o velho.

— A parada só começa ao meio-dia e trinta — disse o pai que andava quase à retaguarda de sua impetuosa filha.

Ao ver-se o movimento que ela imprimia ao braço direito do pai, podia-se dizer que dele se servia para correr. Sua mãozinha, bem enluvada, machucava impacientemente o lenço, e assemelhava-se ao remo de um barco fendendo as ondas. O velho sorria por momentos:

mas às vezes, também, expressões inquietas entristeciam passageiramente seu rosto seco. Seu amor por essa linda criatura tanto o fazia admirar o presente como temer o futuro. Parecia dizer a si mesmo: “Hoje ela é feliz, se-lo-á sempre?”. Pois os velhos inclinam-se bastante a dotar de suas mágoas o futuro dos moços. Quando pai e filha chegaram ao peristilo do pavilhão, no alto do qual flutuava a bandeira tricolor, e por onde os passeantes vão e vêm do jardim das Tulherias ao Carrousel,^[379] as sentinelas gritaram-lhe em voz grave:

— Não se passa mais!

A menina ergueu-se na ponta dos pés e pôde entrever a multidão de mulheres bem vestidas que enchiam os dois lados da velha arcada em mármore, por onde devia sair o imperador.

— Bem vê, meu pai, partimos muito tarde.

Sua pequena careta de enfado traía a importância que ela pusera em se encontrar na parada.

— Pois então, Júlia, vamo-nos embora, tu não gostas de ser atropelada.

— Fiquemos, meu pai. Daqui ainda posso avistar o imperador; se ele morrer durante a campanha, nunca o terei visto.

O pai estremeceu ouvindo essas egoístas palavras, a filha tinha lágrimas na voz; olhou-a e acreditou perceber sob as pálpebras descidas algumas lágrimas causadas menos pelo despeito que por um desses primeiros desgostos, cujo segredo é fácil adivinhar para um velho pai. De repente, Júlia corou e soltou uma exclamação cujo sentido não foi compreendido nem pelas sentinelas nem pelo velho. A esse grito, um oficial que corria do pátio para a escada, voltou-se vivamente, avançou até a arcada do jardim, reconheceu a jovem, um momento oculta pelos pesados bonés de pelo dos granadeiros, e imediatamente tornou sem efeito, para ela e o pai, a ordem que ele mesmo havia dado; depois, sem ligar importância aos murmúrios da multidão elegante que cercava a arcada, atraiu suavemente para si a encantada criança.

— Não me admiro mais da cólera nem da pressa de minha filha, já que estavas de serviço — disse o velho ao oficial com um ar tão sério quanto zombeteiro.

— Duque — respondeu o jovem —, se querem ficar bem colocados, não nos divirtamos em conversar. O imperador não gosta de esperar, e estou encarregado pelo marechal de ir preveni-lo.

Enquanto falava, tomara com uma espécie de familiaridade o braço de Júlia e arrastava-a rapidamente para o Carrousel. Júlia percebeu com espanto uma imensa multidão que se comprimia no pequeno espaço compreendido entre as muralhas cinzentas do palácio e os marcos reunidos pelas correntes que desenham grandes quadrados arenosos no meio do pátio das Tulherias. O cordão de sentinelas, estabelecido para deixar uma passagem livre ao imperador e seu Estado-Maior, por pouco não era rompido por aquela multidão ativa e zumbidora como um enxame.

— Isto será muito bonito? — perguntou Júlia sorrindo.

— Cuidado! — exclamou o oficial que cingira Júlia pela cintura e a erguera com vigor e rapidez a fim de transportá-la para perto de uma coluna. Sem esse brusco rapto, sua curiosa parenta ia ser machucada pela garupa do cavalo branco, arreado com uma sela de veludo verde e ouro, que o mameluco de Napoleão segurava pela brida, quase sob a arcada, a dez passos atrás de todos os cavalos que esperavam os grandes oficiais, companheiros do imperador. O jovem colocou o pai e a filha perto do primeiro marco da direita, diante da multidão, e recomendou-os com um aceno de cabeça aos dois velhos granadeiros entre os quais se encontravam. Quando o oficial voltou ao palácio, um ar de felicidade e alegria sucedera-se em sua fisionomia ao súbito terror que o recuo do cavalo nela imprimira; Júlia apertara-lhe misteriosamente a mão, fosse para agradecer-lhe o pequeno serviço que acabava de prestar-lhe, fosse para dizer-lhe: “Enfim, vou vê-lo pois!”. Ela até inclinou suavemente a cabeça em resposta à saudação afetuosa que lhe fez o oficial, assim como a seu pai, antes de desaparecer com presteza. O velho, que parecia ter deixado de propósito os dois jovens juntos, continuava numa atitude grave, um pouco atrás da filha; observava-a no entanto às escondidas, e tratava de inspirar-lhe uma falsa segurança, parecendo absorvido na contemplação do magnífico espetáculo que oferecia o Carrousel. Quando Júlia voltou para o pai o olhar de um colegial inquieto com o

professor, o velho respondeu-lhe até com um sorriso de alegria benevolente; mas seu olhar agudo seguira o oficial até a arcada, e nenhum acontecimento daquela cena rápida lhe escapara.

— Que belo espetáculo! — disse Júlia em voz baixa, apertando a mão do pai.

O aspecto pitoresco e grandioso que apresentava o Carrousel nesse momento fazia pronunciar essa exclamação por milhares de espectadores, cujas fisionomias estavam todas pasmadas de admiração. Uma outra fila de gente, tão comprimida quanto aquela onde o velho e a filha se mantinham, ocupava, sobre uma linha paralela ao castelo, o espaço estreito e pavimentado que costeava a grade do Carrousel. Essa multidão acabava de desenhar vivamente, pela variedade das *toilettes* femininas, o imenso quadrado que formam as construções das Tulherias e a grade então novamente colocada.

Os regimentos da velha guarda, que iam ser passados em revista, enchiam esse vasto terreno, onde figuravam em frente ao palácio imponentes linhas azuis de dez fileiras de profundidade. Além do recinto, e no Carrousel, encontravam-se, sobre outras linhas paralelas, vários regimentos de infantaria e cavalaria prestes a desfilar sob o arco triunfal que ornamenta o meio da grade e no cimo do qual se viam, nessa época, os magníficos cavalos de Veneza.^[380] A música dos regimentos, colocada embaixo das galerias do Louvre, estava oculta por lanceiros poloneses de serviço. Uma grande parte do quadrado arenoso continuava vazio como uma arena preparada para o movimento desses corpos silenciosos cujas massas, dispostas com a simetria da arte militar, refletiam os raios do sol nos fogos triangulares de dez mil baionetas. O ar, agitando os penachos dos soldados, fazia-os ondular como árvores de uma floresta curvada sob um vento impetuoso. Essas velhas tropas, mudas e brilhantes, ofereciam mil contrastes de cores devido à diversidade dos uniformes, dos ornamentos, das armas e agulhetas. Esse imenso quadro, miniatura de um campo de batalha antes do combate, era poeticamente emoldurado, com todos os acessórios e acidentes bizarros, pelas altas construções majestosas cuja imobilidade parecia imitada pelos chefes e soldados. O espectador comparava involuntariamente aqueles muros de homens a esses muros

de pedra. O sol primaveril, que iluminava profusamente os muros brancos, construídos de véspera, e os muros seculares, alumia em cheio essas numerosas figuras curtidas que contavam todos os perigos passados e esperavam gravemente os perigos futuros. Os coronéis de cada regimento iam e vinham sozinhos diante das frentes que formavam esses homens heroicos. Depois, por trás das massas desses grupos variegados de prata azul, púrpura e ouro, os curiosos podiam perceber as bandeirolas tricolores atadas às lanças de seis infatigáveis cavaleiros poloneses que, semelhantes a cães conduzindo um rebanho ao longo de um campo, volteavam sem cessar entre as tropas e os curiosos, para impedir a esses últimos que ultrapassassem o pequeno espaço de terreno que lhes era concedido, junto à grade imperial.

Se não fossem esses movimentos, julgar-se-ia estar no palácio da Bela Adormecida no bosque.^[381] A brisa da primavera que passava sobre os bonés de longos pelos dos granadeiros atestava a imobilidade dos soldados, assim como o surdo murmúrio da multidão acusava o seu silêncio. Às vezes, somente o ligeiro retinir de campainhas ou algum leve golpe, tocado por inadvertência sobre um grande tambor e repetido pelos ecos do palácio imperial, assemelhavam-se a esses trovões longínquos que anunciam uma tempestade.

Um entusiasmo indescritível irrompia na espera da multidão. A França ia apresentar adeuses a Napoleão, na véspera de uma campanha cujos perigos eram previstos pelo mais humilde cidadão. Tratava-se, dessa vez, para o Império francês, de ser ou não ser. Esse pensamento parecia animar a população citadina e a população armada que se comprimiam, igualmente silenciosas, no recinto onde pairavam a águia e o gênio de Napoleão. Esses soldados, esperança da França, esses soldados, sua última gota de sangue, também muito concorriam para a inquieta curiosidade dos espectadores. Entre a maioria dos assistentes e dos militares, diziam-se adeuses talvez eternos; mas todos os corações, até os mais hostis ao imperador, dirigiam ao céu votos ardentes pela glória da pátria. Os homens mais fatigados da luta começada entre a Europa e a França haviam todos esquecido os ódios ao passar sob o Arco do Triunfo, compreendendo que no dia do perigo Napoleão era toda a França.

O relógio do castelo deu meia hora. Nesse momento os zumbidos da multidão cessaram, e o silêncio tornou-se tão profundo que se ouviria a palavra de uma criança. O velho e a filha, que pareciam viver só pelos olhos, distinguiram então um ruído de esporas e um tinido de espadas que ressoaram sob o sonoro peristilo do castelo.

Um homem baixo, bem gordo, trajando uniforme verde, culote branco e calçando botas de cano alto, apareceu de repente cobrindo a cabeça com um chapéu de três bicos tão prestigioso quanto o próprio homem; a larga fita vermelha da Legião de Honra flutuava-lhe no peito e ao lado levava uma espada curta. O Homem foi visto por todos os olhos e, ao mesmo tempo, de todos os pontos da praça.

Imediatamente, os tambores rufaram em continência, as duas orquestras começaram por uma frase cuja expressão guerreira foi repetida em todos os instrumentos, desde a mais suave das flautas até o grande tambor. A esse belicoso apelo, as almas estremeceram, as bandeiras saudaram, os soldados apresentaram armas com um movimento unânime e regular que agitou as espingardas da primeira à última fila no Carrousel.

Ordens de comando irromperam de fila em fila como ecos. Gritos de “Viva o imperador!” foram soltados pela multidão entusiasmada. Tudo enfim fremiu, mexeu, abalou.

Napoleão vinha montado a cavalo. Esse movimento imprimira vida a essas massas silenciosas, dera voz aos instrumentos, arrojo às águias e às bandeiras, emoção a todos os semblantes. Os muros das altas galerias do velho palácio pareciam clamar também: “Viva o imperador!”. Não foi algo de humano, foi uma magia; um simulacro do poder divino, ou melhor, uma fugitiva imagem desse reinado tão fugitivo. O homem rodeado de tanto amor, entusiasmo, dedicação, votos de felicidade, para quem o sol dissipara as nuvens do céu, ficou no cavalo a três passos adiante do pequeno esquadrão dourado que o acompanhava, tendo o grande marechal à sua esquerda e o marechal de serviço à sua direita. No seio de tantas emoções excitadas por ele, nenhum traço de seu semblante pareceu comover-se.

— Oh! meu Deus, sim. Em Wagram,[\[382\]](#) no meio do fogo, à margem do Moscova,[\[383\]](#) entre os mortos, está sempre tranquilo

como Batista.[384]

Esta resposta a numerosas perguntas era feita pelo granadeiro que se achava perto da moça. Júlia ficou durante um momento absorta na contemplação daquele semblante, cuja calma revelava tão grande segurança de poder. O imperador avistou a sra. de Chatillonest, e, inclinando-se para Duroc,[385] disse-lhe uma frase curta que fez sorrir o grande marechal. As manobras começaram. Se até então a jovem repartira a atenção entre a figura impassível de Napoleão e as linhas azuis, verdes e vermelhas das tropas, nesse momento ocupou-se quase exclusivamente, no meio dos movimentos rápidos e regulares executados por esses velhos soldados, de um jovem oficial que corria a cavalo, entre as linhas moveidças, e voltava com incansável atividade para o grupo, à frente do qual brilhava o simples Napoleão.

Esse oficial montava soberbo cavalo negro e distinguia-se, no seio daquela multidão recamada de galões, pelo belo uniforme azul-celeste dos ajudantes de ordens do imperador. Seus bordados cintilavam tão vivamente ao sol, e o penacho do seu *schako*[386] estreito e comprido recebia clarões tão fortes, que os espectadores viram-se obrigados a compará-lo a um fogo-fátuo, a uma alma invisível encarregada pelo imperador de animar, conduzir esses batalhões cujas armas ondulantes despediam chamas, quando, a um olhar seu, se dividiam, se reuniam, turbilhonavam como as ondas de um abismo, ou passavam diante dele como essas vagas longas, retas e altas que o oceano enfurecido atira contra as praias.

Quando terminaram as manobras, o oficial galopou e parou diante do imperador para esperar ordens. Nesse momento, estava a vinte passos de Júlia, diante do grupo imperial, numa atitude bastante semelhante à que Gérard deu ao general Rapp no quadro da *Batalha de Austerlitz*. [387] A rapariga pôde então admirar o enamorado em todo o seu esplendor militar. O coronel Vítor d'Aiglemont, com trinta anos de idade, pouco mais ou menos, era alto, elegante, esbelto; e suas felizes proporções destacavam-se melhor quando empregava toda a força em governar o cavalo, cujo dorso elegante e flexível parecia vergar ao seu peso. O rosto másculo e moreno possuía esse encanto inexplicável que uma perfeita regularidade de traços comunica às

fisionomias jovens. A fronte era larga e alta. Os olhos de fogo, sombreados por sobrelanceiras espessas e bordados de longos cílios, desenhavam-se como duas ovas brancas entre duas linhas negras. O nariz oferecia a graciosa curva de um bico de águia. O purpurino dos lábios era realçado pelas sinuosidades do inevitável bigode preto. As faces largas e fortemente coloridas apresentavam tons escuros e amarelos que denotavam um vigor extraordinário. Seu aspecto, desses que a bravura assinalou, oferecia o tipo que hoje o artista procura quando pensa simbolizar um dos heróis da França imperial. O cavalo molhado de suor, e cuja cabeça agitada exprimia extrema impaciência, com as duas patas dianteiras afastadas e paradas sobre uma mesma linha sem que uma ultrapassasse a outra, fazia flutuar as longas crinas da cauda espessa, e seu devotamento oferecia uma imagem material do que seu senhor tinha pelo imperador.

Vendo o namorado tão ocupado em apanhar os olhares de Napoleão, Júlia experimentou um momento de ciúme pensando que ele ainda não a olhara. De repente, o soberano pronuncia uma palavra, Vítor esporeia o cavalo e parte a galope; mas a sombra de um marco projetada sobre a areia espanta o animal que se enfurece, recua e se empina tão bruscamente, que o cavaleiro parece em perigo. Júlia grita, empalidece; todos a olham com curiosidade, ela não vê ninguém; seus olhos estão presos ao feroso cavalo que o oficial castiga enquanto corre para transmitir as ordens de Napoleão. Esses quadros perturbadores absorviam Júlia de tal modo que ela, sem o saber, se agarrara ao braço do pai a quem revelava involuntariamente seus pensamentos pela pressão mais ou menos viva dos dedos. Quando Vítor esteve a ponto de ser derrubado pelo cavalo, ela agarrou-se mais violentamente ainda ao pai, como se ela mesma estivesse em perigo de cair.

O velho contemplava com sombria e dolorosa inquietude o semblante expressivo da filha, e sentimentos de piedade, de ciúme, até de pesar, transpareceram em seu rosto enrugado. Mas quando o brilho desacostumado dos olhos de Júlia, o grito que ela dera e o movimento convulsivo de seus dedos acabaram por lhe desvendar um amor secreto, certamente ele tivera algumas tristes revelações do futuro, pois seu semblante ofereceu então uma expressão sinistra.

Nesse momento, a alma de Júlia parecia ter passado para a do oficial. Um pensamento mais cruel que todos aqueles que haviam aterrorizado o velho crispou os traços de seu rosto sofredor, quando viu d'Aiglemont trocando, ao passar diante deles, um olhar de compreensão com Júlia, cujos olhos estavam úmidos e cuja tez adquirira uma vivacidade extraordinária. Levou bruscamente a filha para o jardim das Tulherias.

— Mas, meu pai — dizia ela —, ainda há regimentos na praça do Carrousel que vão manobrar.

— Não, minha filha, todas as tropas desfilaram.

— Penso, meu pai, que o senhor está enganado. O sr. d'Aiglemont mandou-as avançar...

— Mas, minha filha, não me sinto bem e não quero ficar.

Júlia não custou em acreditar no que lhe dizia o pai quando fixou os olhos em seu rosto, a que paternais inquietudes davam aspecto abatido.

— Sofre muito? — perguntou ela com indiferença, de tal modo estava preocupada.

— Cada dia não é um dia de graça para mim? — respondeu o velho.

— O senhor vai ainda afligir-me falando de sua morte. Eu estava alegre! Afaste essas ideias tristes e más.

— Ah — exclamou o pai soltando um suspiro —, criança mimada! Os melhores corações algumas vezes são bem cruéis! Consagrar-vos nossa vida, só pensarmos em vós e no vosso bem-estar, sacrificarmos nossos gostos às vossas fantasias, adorar-vos e até dar-vos nosso sangue, isto não é nada? Ai de mim! Sim, tudo aceitais com indiferença. Para sempre obtermos vossos sorrisos e vosso desdenhoso amor, seria preciso que tivéssemos o poder divino. Depois, enfim, chega um outro! um enamorado, um marido que nos arrebatam vossos corações.

Júlia, espantada, olhou o pai que andava lentamente e que lhe dirigia olhares sem brilho.

— Ocultai-vos até de nós — continuou ele —, mas talvez também de vós mesmas...

— Que diz o senhor, meu pai?

— Penso, Júlia, que tens segredos para mim. Amas — continuou

vivamente o velho, percebendo que a filha acabava de corar. — Ah, esperava ver-te fiel a teu velho pai até a morte, esperava conservar-te junto de mim feliz e brilhante, admirar-te como tu eras ainda há pouco! Ignorando tua sorte, poderei acreditar num futuro tranquilo para ti; mas agora é impossível que eu leve comigo essa esperança de felicidade para tua vida, pois ama ainda mais o coronel do que amas o primo. Não posso mais duvidar disso.

— Por que me seria proibido amá-lo? — exclamou ela com uma viva expressão de curiosidade.

— Ah, minha Júlia, tu não me compreenderias! — respondeu o pai sorrindo.

— Ainda assim, fale — continuou ela deixando escapar um movimento de teimosia.

— Pois bem, minha filha, escuta-me. As moças criam frequentemente nobres, arrebatadoras imagens, figuras ideais, e forjam ideias quiméricas a respeito dos homens, dos sentimentos, do mundo; depois atribuem inocentemente a um caráter as perfeições que sonharam e nisso confiam; amam no homem de sua escolha essa criatura imaginária; porém, mais tarde, quando não há mais tempo para libertar-se da infelicidade, a ilusória aparência que embelezaram, seu primeiro ídolo enfim, se transforma num esqueleto odioso. Júlia, eu preferiria saber-te apaixonada por um velho a ver-te enamorada do coronel. Ah! se pudesses colocar-te a dez anos desta época na vida, farias justiça à minha experiência. Conheço Vítor; sua alegria é uma alegria sem espírito, de caserna, ele não tem talento e é gastador. É um desses homens que o céu criou para tomar e digerir quatro refeições por dia, dormir, amar a primeira que apareça e bater-se. Não entende a vida. Seu bom coração, pois ele tem bom coração, leva-lo-á talvez a dar a bolsa a um infeliz, a um camarada; mas ele é indiferente, não é dotado dessa delicadeza de coração que nos torna escravos da felicidade de uma mulher; é ignorante, egoísta... Há nisso tudo muito *mas*.

— Entretanto, meu pai, para chegar a coronel seria preciso que ele tivesse espírito e meios...

— Minha querida, Vítor continuará coronel toda a vida. Ainda não

vi ninguém que me parecesse digno de ti — continuou o velho pai com uma espécie de entusiasmo.

Parou um momento, contemplando a filha, e acrescentou:

— Mas, minha pobre Júlia, és ainda muito moça, muito frágil, muito delicada para suportes os pesares e as lidas do casamento. D'Aiglemont foi mimado pelos pais, assim como o foste por tua mãe e por mim. Como esperar que ambos possam entender-se com vontades diferentes cujas tiranias serão inconciliáveis? Serás vítima ou tirana. Ambas as alternativas trazem soma igual de infelicidade à vida de uma mulher. Mas és meiga e modesta, serás a primeira a submeter-te. Enfim, tens — disse em voz alterada — uma graça de sentimento que será desconhecida, e então...

Não terminou, as lágrimas venceram-no.

— Vítor — continuou depois de uma pausa — ferirá as ingênuas qualidades de tua alma. Conheço os militares, minha Júlia; vivi com os exércitos. É raro que o coração desses indivíduos possa triunfar dos hábitos produzidos ou pelas infelicidades no seio das quais vivem, ou pelos acasos de sua vida aventureira.

— O senhor quer, pois, meu pai — replicou Júlia num tom meio sério, meio brincalhão —, contrariar meus sentimentos, casar-me ao seu gosto e não ao meu?

— Casar-te ao meu gosto! — exclamou o pai com um movimento de surpresa — Para mim, minha filha, de quem muito breve não ouvirás mais a voz tão amigavelmente rabugenta? Sempre vi os filhos atribuindo a um sentimento pessoal os sacrifícios que por eles fazem os pais! Casa com Vítor, minha Júlia. Um dia lamentarás amargamente sua nulidade, sua falta de ordem, seu egoísmo, sua indelicadeza, sua inépcia em amor, e mil outras tristezas que te virão por causa dele. Então, recorda-te que, debaixo dessas árvores, a voz profética de teu velho pai soou em vão aos teus ouvidos!

O velho calou-se; surpreendera a filha agitando obstinadamente a cabeça. Ambos deram alguns passos para a grade onde o carro estava parado. Durante essa marcha silenciosa, a moça examinou furtivamente o rosto do pai e desfez gradativamente seu semblante amuado. A dor profunda gravada naquela fronte inclinada para o chão

tocou-a vivamente.

— Eu lhe prometo, meu pai — disse em voz suave e alterada —, só lhe falar de Vítor quando o senhor não tiver mais prevenções contra ele.

O velho olhou a filha com espanto. Duas lágrimas que rolavam em seus olhos caíram-lhe ao longo das faces enrugadas. Não pôde beijar Júlia diante da multidão que os cercava, mas apertou-lhe ternamente a mão. Quando tornou a subir ao carro, todos os pensamentos incômodos que se haviam amontoado em sua fronte haviam desaparecido completamente. A atitude um pouco triste da filha inquietava-o então bem menos que a alegria inocente cujo segredo escapara a Júlia durante a revista das tropas.

II — A MULHER

Nos primeiros dias do mês de março de 1814, pouco menos de um ano após essa parada do imperador, uma carruagem rolava pela estrada de Amboise a Tours. Deixando o cimo verde das nogueiras sob as quais se ocultava a posta da Frillière, o carro foi arrastado com tal rapidez que num instante chegou à ponte construída sobre o Cise, na embocadura desse rio no Loire, e aí parou. Um tirante acabava de partir-se ao movimento impetuoso que, por ordem do senhor, um jovem postilhão imprimira a quatro dos mais vigorosos cavalos da muda.

Assim, por efeito do acaso, as duas pessoas que se encontravam na carruagem tiveram o lazer de contemplar, ao despertar, um dos mais belos lugares que possam apresentar as sedutoras margens do Loire. À direita, o viajante abraça com o olhar todas as sinuosidades do Cise, que rola, como uma serpente prateada, pela grama das planícies a que os primeiros sinais da primavera davam então as cores da esmeralda. À esquerda, o Loire aparece em toda a sua magnificência. As numerosas facetas de algumas redes estendidas, produzidas pela brisa matinal um pouco fria, refletiam as cintilações do sol sobre os vastos lençóis d'água que desdobra esse majestoso rio. Aqui e ali, ilhas verdejantes sucediam-se na extensão das águas, como engastes de um colar. Do outro lado do rio, os mais belos campos da Touraine desenrolavam

seus tesouros a perder de vista. No horizonte, a vista só encontra limites nas colinas do Cher, cujos cimos desenhavam nesse momento linhas luminosas no azul transparente do céu. Através da tenra folhagem das ilhas, no fundo do quadro, a cidade de Tours parece, como Veneza, sair do seio das águas. Os campanários de sua velha catedral lançam-se aos ares, onde se confundiam então com as criações fantásticas de algumas nuvens esbranquiçadas. Além da ponte onde o carro se detivera, o viajante percebia, diante de si, ao longo do Loire até Tours, uma cadeia de rochedos que, por uma fantasia da natureza, parecia ter sido colocada para encaixar o rio, cujas ondas minam incessantemente a pedra, espetáculo que sempre espanta o viajante. A aldeia de Vouvray encontra-se como que aninhada nas gargantas e desabamentos dessas rochas, que começam a descrever um cotovelo diante da ponte do Cise.

Em seguida, de Vouvray a Tours, as terríveis anfractuosidades dessa colina despedaçada são habitadas por uma população de vinhateiros. Em mais de um lugar existem três andares de casas, perfuradas na rocha e reunidas pelas perigosas escadarias talhadas na própria pedra. No cimo de um teto, uma rapariga de saia vermelha corre para o jardim. A fumaça de uma chaminé se eleva entre as cepas e o pâmpano nascente de uma vinha. Lavradores cultivam campos perpendiculares. Uma velha mulher, tranquila sobre um quarto de rocha desmoronada, gira a roca sob as flores de uma amendoeira e olha os viajantes que passam aos seus pés, sorrindo de seu terror. Inquieta-se tão pouco com as fendas do solo quanto com as ruínas pendentes de um velho muro, cujos alicerces só estão presos pelas tortuosas raízes de um manto de hera. O martelo dos tanoeiros faz ressoar as abóbadas das caves aéreas. Enfim, a terra é cultivada por toda a parte e por toda a parte é fecunda, aí onde a natureza recusou terra à engenhosidade humana.

Por isso nada se compara, no curso do Loire, ao rico panorama que a Touraine apresenta então aos olhos dos viajantes. O tríplice quadro dessa cena, cujos aspectos estão apenas indicados, proporciona à alma humana um desses espetáculos que ela inscreve para sempre em sua recordação; e, quando um poeta o apreciou, seus sonhos vêm quase sempre reconstruir-lhe fabulosamente os efeitos românticos. No

momento em que o carro chegou à ponte do Cise, várias velas brancas desembocaram entre as ilhas do Loire e deram nova harmonia àquele sítio harmonioso. O perfume dos salgueiros que margeiam o rio acrescentava penetrantes odores ao gosto do vento úmido. Os pássaros faziam ouvir seus prolixos concertos e o canto monótono de um guardador de cabras acrescentava-lhes uma espécie de melancolia, enquanto os gritos dos marinheiros anunciavam uma longínqua agitação. Fofos vapores caprichosamente parados em torno das árvores, esparsas na vasta paisagem, nela imprimiam uma última graça. Era a Touraine em toda a sua glória, a primavera em todo o seu esplendor. Essa parte da França, a única que os exércitos estrangeiros não haviam de perturbar, era nesse momento a única tranquila, e dir-se-ia que desafiava a invasão.

Uma cabeça coberta por um boné de polícia mostrou-se fora da carruagem logo que ela parou. Em breve um militar impaciente abriu ele mesmo a portinhola e saltou na estrada para discutir com o postilhão. A inteligência com que o filho da Touraine consertava o tirante partido serenou o coronel conde d'Aiglemont, que voltou à portinhola estendendo os braços como para exercitar os músculos entorpecidos; bocejou, olhou a paisagem, pousou a mão no braço de uma jovem senhora cuidadosamente envolvida num manto de peles.

— Vamos, Júlia — disse ele em voz rouca — , desperta para examinar a região. É magnífica!

Júlia deitou a cabeça fora da carruagem. Um gorro de marta cobria-lhe a cabeça, e as pregas do manto de peles no qual estava envolvida disfarçavam tão bem suas formas que dela só se via o rosto. Júlia d'Aiglemont já não se parecia mais com a moça que outrora corria com alegria e felicidade à parada das Tulherias. Seu rosto, sempre delicado, não mais possuía as cores rosadas que antigamente lhe davam um brilho tão rico. Os tufos negros dos cabelos, despenteados pela umidade da noite, realçavam a alvura do rosto cuja vivacidade parecia entorpecida. Entretanto os olhos brilhavam com fulgor sobrenatural; mas por baixo das pálpebras algumas linhas roxas desenhavam-se nas faces cansadas. Examinou com olhar indiferente os campos do Cher, o Loire e suas ilhas, Tours e os longos rochedos de Vouvray. Depois, sem

querer olhar o encantador vale do Cise, atirou-se prontamente no fundo da carruagem e disse, com voz que ao ar livre parecia de extrema fraqueza:

— Oh, é admirável!

Como se vê, ela triunfara do pai para desgraça sua.

— Júlia, não gostarias de viver aqui?

— Oh! Aí ou em outro lugar — disse ela com indiferença.

— Estás te sentindo mal? — perguntou-lhe o coronel d'Aiglemont.

— Não, não sinto nada — respondeu a jovem senhora com vivacidade momentânea. Contemplou o marido sorrindo e acrescentou:

— Tenho vontade de dormir.

O galope de um cavalo fez-se ouvir repentinamente. Vítor d'Aiglemont largou a mão da esposa e volveu a cabeça para o cotovelo que a estrada fazia nesse lugar. No momento em que Júlia não foi mais vista pelo coronel, a expressão de alegria que imprimira a seu pálido semblante desapareceu como se um clarão cessasse de iluminá-lo. Não experimentando o desejo de rever a paisagem nem a curiosidade de saber qual era o cavaleiro cujo corcel galopava com tanta fúria, ela se acomodou novamente no canto da carruagem, e seu olhar se fixou na garupa dos cavalos, sem trair qualquer espécie de sentimento. Teve um ar tão estúpido quando pode sê-lo o de um camponês bretão ouvindo o sermão do cura. Um jovem, montado num cavalo de grande valor, saiu de repente de um bosque de álamos e espinheiros floridos.

— É um inglês — disse o coronel.

— Oh, por Deus, sim, meu general! — replicou o postilhão.

— Ele é da raça dos rapazes que querem, segundo dizem, comer a França.

O desconhecido era um desses viajantes que se achavam no continente quando Napoleão prendeu todos os ingleses em represália ao atentado cometido contra o direito das gentes, pelo gabinete de Saint-James, por ocasião da ruptura do tratado de Amiens.[388] Submetidos ao capricho do poder imperial, esses prisioneiros não ficaram todos nas residências onde os prenderam, nem naquelas que tiveram primeiramente liberdade de escolher. A maior parte daqueles

que habitavam nesse momento a Touraine foi transferida para lá de vários pontos do Império onde sua permanência parecera comprometer os interesses da política continental. O jovem cativo que espaírcia nesse momento o fastio matinal era uma vítima do poder burocrático. Já fazia dois anos que uma ordem emanada do Ministério das Relações Exteriores o arrancara ao clima de Montpellier, onde a ruptura da paz o surpreendera outrora procurando convalescer de uma doença do peito. Logo que o jovem reconheceu um militar na pessoa do conde d'Aiglemont, apressou-se em evitar-lhe os olhares volvendo bruscamente a cabeça para os prados do Cise.

— Todos esses ingleses são insolentes, como se a terra lhes pertencesse — disse o coronel resmungando. — Felizmente, Soult[389] vai ensinar-lhes a viver.

Quando o prisioneiro passou diante da carruagem, lançou-lhe um olhar. Apesar da rapidez do golpe de vista, pôde então admirar a expressão de melancolia que dava à fisionomia pensativa da condessa um atrativo indefinível. Há muitos homens cujo coração fica poderosamente comovido pela única aparência do sofrimento numa mulher; para eles a dor parece ser uma promessa de constância ou de amor. Inteiramente embevecida na contemplação da almofada da carruagem, Júlia não prestou atenção ao cavalo nem ao cavaleiro. Sólida e prontamente consertado o tirante, o conde tornou a entrar na carruagem. O postilhão procurou recuperar o tempo perdido e levou rapidamente os dois viajantes para a parte da calçada marginada pelos rochedos suspensos, no seio dos quais amadureciam os vinhos de Vouvray e de onde surgem tão lindas casas, onde se perfilam ao longe as ruínas daquela tão célebre abadia de Marmoutiers, o retiro de S. Martinho.

— Que nos quer afinal esse *milord* diáfano? — exclamou o coronel, volvendo a cabeça para certificar-se de que o cavaleiro que desde a ponte do Cise lhe acompanhava a carruagem era o jovem inglês.

Como o desconhecido não violava de modo algum as conveniências, passeando no caminho estreito ao pé da calçada, o coronel meteu-se no canto da carruagem após lançar um olhar ameaçador ao inglês. Mas não pôde, apesar da sua involuntária inimizade, deixar de admirar a

beleza do cavalo e a elegância do cavaleiro. O jovem tinha um desses semblantes britânicos cuja cor é tão fina, a cutis tão macia e branca que se fica às vezes pensando que pertencem ao corpo delicado de uma moça. Era louro, esbelto e alto. O traje tinha um cunho de elegância e limpeza que caracteriza os fidalgos da precavida Inglaterra. Dir-se-ia que ele corava mais por pudor do que por prazer ao aspecto da condessa. Uma única vez Júlia ergueu os olhos para o estrangeiro, mas foi obrigada a isso pelo marido que queria fazê-la admirar as pernas de um cavalo puro-sangue. Os olhos de Júlia encontraram então os do tímido inglês. Desse momento em diante, o fidalgo, em vez de fazer caminhar o cavalo perto da carruagem, acompanhou-a a alguns passos de distância. A condessa mal olhou para o desconhecido. Nem se apercebeu das perfeições humanas e equinas que lhe eram assinaladas, e atirou-se para o fundo da carruagem após ter feito um leve movimento com as sobranceiras em sinal de aprovação para o marido. O coronel tornou a adormecer, e os dois esposos chegaram a Tours sem trocar uma única palavra e sem que as maravilhosas paisagens do cenário variado em que viajavam atraíssem uma só vez a atenção de Júlia. Quando o marido adormeceu, a sra. d'Aiglemont contemplou-o várias vezes. Ao último olhar que lhe dirigiu, um solavanco fez cair no colo da jovem senhora um medalhão suspenso ao pescoço por uma corrente de luto, e o retrato do pai lhe apareceu de repente. A essa vista lágrimas até então reprimidas rolaram-lhe dos olhos. O inglês viu talvez os vestígios úmidos e brilhantes que o pranto deixara um momento nas faces pálidas da condessa, mas que o ar secou prontamente. Encarregado pelo imperador de levar ordens ao marechal Soult, que tinha que defender a França da invasão feita pelos ingleses do Béarn, o coronel d'Aiglemont aproveitara-se dessa missão para afastar a esposa dos perigos que ameaçavam então Paris e levava-a para Tours, à casa de uma velha parenta. Muito breve a carruagem rodou nas ruas de Tours, na ponte, na rua principal, e deteve-se diante do antigo palácio onde morava a ex-condessa[390] de Listomère-Landon.

A condessa de Listomère-Landon era uma dessas lindas senhoras velhas, pálidas, de cabelos brancos, que têm um sorriso fino, dão a

impressão de trazer anquinhas e usam na cabeça uma touca de uma moda desconhecida. Retratos septuagenários do século de Luís xv, essas mulheres são quase sempre carinhosas, como se ainda amassem; menos piedosas que devotas, e menos devotas do que parecem; sempre cheirando a pó à marechala,[391] contando bem, conversando melhor, e rindo mais de uma recordação do que de um gracejo. A atualidade desagrada-lhes.

Quando uma velha criada de quarto anunciou à condessa (pois em breve ela deveria reaver o seu título) a visita de um sobrinho que ela não via desde o início da guerra da Espanha,[392] tirou depressa os óculos e fechou a *Galeria da antiga corte*,[393] seu livro favorito; depois, conseguiu uma espécie de agilidade para chegar ao patamar no momento em que os dois esposos subiam os degraus.

Tia e sobrinha lançaram-se um rápido olhar.

— Bom dia, minha querida tia — exclamou o coronel agarrando a velha e abraçando-a com precipitação. — Trago-lhe uma jovem para guardar. Venho confiar-lhe meu tesouro. Júlia não é vaidosa nem ciumenta; tem a meiguice de um anjo... Mas espero que não se estrague aqui — disse interrompendo-se.

— Atrevido! — respondeu a condessa lançando-lhe um olhar brincalhão.

Foi ela quem, com uma certa graça amável, tomou a iniciativa de beijar Júlia, que permanecia pensativa e parecia mais embaraçada que curiosa.

— Vamos então travar conhecimento, minha querida? — tornou a condessa. — Não tenha medo de mim, procuro nunca ser velha quando estou em companhia de gente moça.

Antes de entrar no salão, a condessa já tinha, segundo o costume da província, mandado preparar o almoço para os dois jovens; o conde, porém, cortou a eloquência da tia dizendo-lhe num tom sério que só poderia consagrar o tempo que o cocheiro demorasse para fazer a muda. Por isso, os três entraram imediatamente para o salão, e o coronel mal teve tempo de relatar à sua tia-avó os acontecimentos políticos e militares que o obrigavam a perder-lhe asilo para sua jovem esposa. Durante a narrativa, a tia olhava alternativamente para o

sobrinho que falava sem ser interrompido, e para a sobrinha, cuja palidez e tristeza ela atribuía a essa separação forçada. Dava a impressão de dizer consigo mesma: “Hum! esses dois amam-se de verdade”.

Nesse momento, no velho pátio silencioso em que as lajes eram desenhadas com listas de grama, ressoou o estalido de um chicote. Vítor tornou a abraçar a condessa e saiu.

— Adeus, querida — disse beijando a mulher que o acompanhara até a carruagem.

— Oh Vítor, deixa que te acompanhe ainda um pouco — disse ela numa voz carinhosa —, não queria te deixar...

— Ainda pensas nisso?

— Pois bem — replicou Júlia —, então adeus, já que assim o queres. A carruagem desapareceu.

— Você ama muito o meu pobre Vítor? — perguntou a condessa à sobrinha, interrogando-a com um desses olhares perscrutadores que as velhas lançam às jovens.

— Infelizmente, senhora! — respondeu Júlia. — Pois não é preciso amar um homem para desposá-lo?

Essa última frase foi acentuada por um tom de ingenuidade que traía, a um tempo, um coração puro ou profundos mistérios. Ora, seria bem difícil a uma mulher amiga de Duclos e do marechal de Richelieu[394] não procurar descobrir o segredo daquele jovem casal. Nesse momento tia e sobrinha estavam no limiar da porta solarenga, acompanhando com o olhar a caleça que se afastava. Os olhos da condessa não exprimiam amor assim como a marquesa o compreendia. A boa senhora era da Provença, e suas paixões tinham sido violentas.

— Deixou-se então fascinar pelo patife do meu sobrinho? — perguntou ela à sobrinha.

A condessa estremeceu involuntariamente, porque a entonação e o olhar daquela velha *coquette* pareciam denunciar um conhecimento do caráter de Vítor talvez mais profundo que o seu. A sra. d'Aiglemont, inquieta, envolveu-se nessa dissimulação desajeitada que é o primeiro refúgio dos corações ingênuos e sofredores. A sra. de Listomère contentou-se com as respostas de Júlia; mas pensou com satisfação

que sua solidão ia ser alegrada por algum segredo de amor, porque lhe parecia que a sobrinha tinha alguma intriga divertida a conduzir. Quando a sra. d'Aiglemont se achou num grande salão forrado de tapeçarias enquadradadas por molduras douradas, quando se sentou diante da lareira, abrigada dos ventos *Fenestrais* por um para-vento chinês, sua tristeza não mais se pôde dissipar. Era difícil que a alegria nascesse sob velhos lambris, entre móveis seculares. Contudo, a jovem parisiense experimentou uma espécie de prazer por entrar naquela solidão profunda e no silêncio solene da província. Depois de trocar algumas palavras com a tia, a quem antes escrevera apenas uma carta de recém-casada, ficou silenciosa como se estivesse escutando a música duma ópera. Somente depois de passadas duas horas duma calma digna da Trapa[395] foi que ela se apercebeu de sua impolidez para com a tia, que se deu conta de só lhe ter dirigido respostas frias. A marquesa respeitara o capricho da sobrinha por esse instinto cheio de indulgência que caracteriza as pessoas do tempo antigo. Nesse instante, a nobre senhora fazia tricô. Por diversas vezes, na verdade, ela se havia ausentado para se ocupar de um certo quarto verde que deveria servir de dormitório à condessa e onde os criados da casa colocavam a bagagem; mas já voltara ao seu lugar numa grande poltrona e observava a moça de soslaio. Envergonhada por se ter abandonado à sua irresistível meditação, Júlia procurou fazer-se perdoar zombando de si mesma.

— Minha querida, conheço perfeitamente a dor das viúvas — respondeu a tia.

Seria preciso ter quarenta anos para perceber a ironia que exprimiam os lábios da veneranda senhora. No dia seguinte, a condessa estava mais bem-disposta; conversou. A sra. de Listomère não mais desesperava de domesticar aquela recém-casada, que de início julgara ser uma criatura selvagem e estúpida; falou-lhe das belezas da região, dos bailes e das casas que poderiam frequentar. Todas as perguntas da marquesa[396] foram, durante esse dia, outras tantas ciladas que, por um antigo hábito da corte, ela não pôde deixar de armar à sobrinha para penetrar-lhe o caráter. Júlia resistiu a todas as instâncias que durante alguns dias lhe foram feitas para que

procurasse distrações fora de casa. Por isso, não obstante o desejo que tinha a velha senhora de passear orgulhosamente sua linda sobrinha, acabou por renunciar a apresentá-la na sociedade. A condessa achou um pretexto para sua solidão e tristeza no desgosto que lhe causara a morte do pai, por quem ainda estava de luto. Ao fim de oito dias a sra. de Listomère admirava a doçura angélica, a graça modesta, o espírito indulgente de Júlia, e interessou-se prodigiosamente desde então pela misteriosa melancolia que consumia aquele coração jovem. A condessa era uma dessas criaturas nascidas para ser amáveis, e que parecem trazer consigo a felicidade. Sua companhia tornou-se tão agradável e preciosa à sra. de Listomère, que ela se afeiçoou à sobrinha, desejando não mais deixá-la. Um mês foi bastante para estabelecer entre elas uma amizade eterna. A idosa senhora notou, não sem surpresa, as mudanças que se operaram na fisionomia da sra. d'Aiglemont. As cores vivas que lhe abrasavam o rosto desvaneceram-se insensivelmente, e a pele adquiriu tons macilentos. Perdendo seu brilho primitivo, Júlia tornava-se menos triste. Por vezes, a marquesa despertava em sua jovem parenta a alegria e o riso, que eram logo reprimidos por um pensamento importuno. Percebeu que não era a recordação do pai nem a ausência de Vítor a causa da profunda melancolia que lançava um véu sobre a vida de sua sobrinha; chegou a ter suspeitas tão desagradáveis, que lhe foi difícil identificar a verdadeira causa do mal, pois talvez só por acaso encontramos a verdade. Um dia, finalmente, Júlia surpreendeu a tia com um esquecimento total do casamento, com uma loucura de menina travessa, com uma candura de espírito, com uma ingenuidade dignas da infância, com todo esse espírito delicado e por vezes tão profundo que distingue a juventude francesa. A sra. de Listomère resolveu então sondar os mistérios daquela alma cuja extrema naturalidade equivalia a uma impenetrável dissimulação. A noite se aproximava, e as duas damas estavam sentadas diante duma sacada que dava para a rua. Júlia estava de novo pensativa. Passava nesse momento um homem a cavalo.

— Eis uma de suas vítimas — disse a velha senhora.

A sra. d'Aiglemont fitou a tia manifestando um misto de espanto e inquietação.

— É um jovem inglês, um fidalgo, o honorável Artur Ormond, filho mais velho de *lord* Grenville. Sua história é interessante. Ele veio para Montpellier em 1802, na esperança de que o ar dessa região, que lhe tinha sido aconselhada pelos médicos, o curasse de uma doença do peito que era fatal. Como todos os seus compatriotas, ele foi preso por Bonaparte por ocasião da guerra, pois esse monstro não pode passar sem guerrear. Por distração, esse jovem inglês começou a estudar a sua doença, que julgavam mortal. Insensivelmente, foi tomando gosto pela anatomia, pela medicina; apaixonou-se por esses estudos, o que é extraordinário para um nobre, apesar de o regente[397] ter-se dedicado à química. Em resumo, o sr. Artur fez progressos surpreendentes, mesmo para os professores de Montpellier; o estudo consolou-o do cativeiro e, ao mesmo tempo, ele ficou radicalmente curado. Dizem que passou dois anos sem falar, respirando o menos possível, permanecendo deitado num estábulo, bebendo leite de uma vaca vinda da Suíça e alimentando-se com agrião. Desde que está em Tours não procurou ninguém, é orgulhoso como um pavão; mas com certeza você o conquistou, pois não há de ser por mim que ele passa duas vezes por dia sob nossas janelas desde que você chegou... Certamente, ele gosta de você.

Essas duas palavras reanimaram a condessa como que por encanto. Ela deixou escapar um gesto e um sorriso que surpreenderam a marquesa. Longe de testemunhar essa satisfação instintiva que qualquer mulher, por mais severa que seja, sente quando sabe ser causa de uma infelicidade, o olhar de Júlia permaneceu amortecido e frio. Sua fisionomia manifestava um sentimento de repulsa vizinho do horror. Essa proscrição não era a que uma mulher apaixonada lança sobre o mundo inteiro por causa de uma única criatura; ela sabe então rir e gracejar. Não, nesse momento Júlia tinha a atitude de quem a recordação de um perigo por demais presente ainda faz sofrer. A tia, convencida de que a sua sobrinha não amava o marido, ficou estupefata ao descobrir que ela não amava ninguém. Receou ter de reconhecer em Júlia um coração desencantado, uma jovem a quem a experiência de um dia, de uma noite talvez, tivesse bastado para apreciar a insignificância de Vítor.

“Se ela o conhece, tudo está acabado”, pensou a marquesa, “em breve meu sobrinho conhecerá os inconvenientes do casamento.”

Propôs-se então converter Júlia às doutrinas monarquistas do século de Luís xv; mas, poucas horas mais tarde, soube, ou melhor, adivinhou a circunstância, comuníssima na sociedade, a que Júlia devia sua melancolia. A condessa, que se tornara de repente pensativa, retirou-se para os seus aposentos mais cedo do que de costume. Depois que a criada de quarto a ajudou a despir-se e a deixou pronta para se deitar, ela chegou-se à lareira, recostando-se num sofá de veludo amarelo, móvel antigo, tão confortável aos aflitos quanto às pessoas felizes. Ali chorou, suspirou, pensou. Depois puxou uma mesinha, procurou papel e pôs-se a escrever. As horas passaram rapidamente. A confidência que Júlia fazia nessa carta parecia custar-lhe muito, pois cada frase conduzia a longos devaneios.

De repente, desatou a chorar e parou de escrever. Nesse instante, os relógios bateram duas horas. A cabeça, pesada como a de um moribundo, inclinou-se-lhe sobre o seio; quando a tornou a erguer, Júlia viu a tia surgir repentinamente como um personagem que se destacasse da tapeçaria que forrava a parede.

— Que tem, afinal, minha filha? — perguntou-lhe a tia. — Por que estar ainda acordada a estas horas e, principalmente, por que chorar sozinha, na sua idade?

Sentou-se sem mais cerimônia ao lado da sobrinha e devorou com os olhos a carta começada.

— Escrevia ao seu marido?

— Sei lá onde ele está — respondeu a condessa.

A tia segurou o papel e leu. Trouxera os óculos, no que havia premeditação. A inocente criatura deixou que ela segurasse a carta sem fazer a mínima observação. Não era nem uma falta de dignidade, nem tampouco um secreto sentimento de culpabilidade que lhe tirava assim toda a energia; não, a tia encontrava-se ali diante de um desses momentos de crise em que a alma está sem alento, em que tudo é indiferente, tanto o bem como o mal, tanto o silêncio como a confiança. Semelhante a uma moça virtuosa que atormenta um namorado com desdéns, mas que, à noite, se encontra tão triste, tão abandonada, que

o deseja e quer com um coração a quem confiar seus sofrimentos, Júlia deixou quebrar sem dizer palavra a inviolabilidade que a delicadeza confere a uma carta aberta, e ficou pensativa enquanto a marquesa lia:

Minha querida Luísa,

Por que reclamar tantas vezes o cumprimento da mais imprudente promessa que se possam fazer duas jovens ignorantes? Perguntas muitas vezes contigo mesma — me escreves — por que, há seis meses, não respondo a tuas interrogações. Se não compreendeste meu silêncio, hoje talvez lhe adivinhes a razão ao conheceres o segredo que eu vou trair. Eu o teria sepultado para sempre no fundo do meu coração, se tu não me tivesses participado teu próximo casamento. Vais casar, Luísa. Essa ideia faz-me tremer. Pobre criança, casa-te; depois, dentro de poucos meses, um dos teus mais cruciantes desgostos será proveniente da recordação do que nós éramos outrora, quando uma tarde, em Écouen, tendo escalado a montanha, debaixo dos grandes carvalhos contemplamos o maravilhoso vale que se estendia a nossos pés e admiramos os raios do sol poente cujos reflexos nos envolviam. Sentamos numas pedras e caímos num êxtase que foi seguido da mais doce das melancolias. Foste a primeira a pensar que aquele sol distante nos falava do futuro. Éramos então bem curiosas e bem loucas! Lembras-te de todas as nossas extravagâncias? Abraçamo-nos como dois enamorados, segundo dizíamos. Juramos que a primeira de nós que se casasse contaria fielmente à outra os segredos do matrimônio, as alegrias que as nossas almas infantis imaginavam tão deliciosas. Essa noite há de te causar desespero, Luísa. Nessa época tu eras jovem, bonita, despreocupada, senão feliz; um marido, em pouco tempo, te tornará o que já sou: feia, doente e velha. Dizer-te o quanto eu me sentia orgulhosa e feliz por desposar o coronel Vítor d'Aiglemont seria uma loucura! E como seria mesmo possível te dizer isso, se já não me lembro nem de mim? Em poucos instantes minha infância passou a ser como um sonho. Minha atitude durante o dia solene que consagrou um laço cuja extensão eu desconhecia não foi irrepreensível. Por mais de uma vez meu pai procurou reprimir meu contentamento, pois eu manifestava alegrias que eram julgadas inconvenientes, e minhas palavras revelavam malícia justamente porque não tinham malícia. Eu fazia mil crâncices com aquele véu nupcial, aquele vestido e aquelas flores. Ao ficar sozinha, à noite, no quarto para onde eu fora conduzida com todo o aparato, pensei numa travessura para intrigar Vítor; e, enquanto esperava por ele, sentia palpitações de coração semelhantes àquelas que me assaltavam

outrora naqueles dias solenes de 31 de dezembro, quando, furtivamente, eu me introduzia no salão onde estavam guardados os presentes. Quando meu marido entrou, quando me procurou, o riso que ele ouviu, riso sufocado sob as musselinas que me envolviam, foi o último lampejo daquela suave alegria que animava os folguedos da nossa infância...

Quando a marquesa terminou a leitura dessa carta, que, a julgar pelo seu começo, deveria conter bem tristes observações, colocou lentamente os óculos sobre a mesa, nela também largou a carta, e pousou na sobrinha dois olhos verdes cujo brilho claro ainda não tinha sido amortecido pela idade.

— Minha filha — disse ela —, uma mulher casada não pode escrever isso a uma jovem sem cometer uma inconveniência...

— Era o que eu pensava — respondeu Júlia interrompendo a tia —, e sentia vergonha de mim enquanto a senhora lia...

— Se, quando estamos à mesa, uma iguaria não nos agrada, não devemos enjoar os outros, minha filha — tornou a marquesa com bonomia —, principalmente porque, desde Eva até nossos dias, o casamento sempre tem sido encarado como uma coisa excelente... Já não tens mãe?

A condessa estremeceu; depois ergueu docemente a cabeça e disse:

— De um ano para cá por mais de uma vez tenho lamentado sua falta; mas fiz mal em não ter escutado os conselhos de meu pai, que não queria Vítor por genro.

Fitou a tia, e um arrepio de alegria secou-lhe as lágrimas quando ela percebeu o ar de bondade que animava aquele venerando rosto. Estendeu-lhe a mão, que ela parecia solicitar, e, quando seus dedos se apertaram, as duas mulheres acabaram de se compreender.

— Pobre órfã! — acrescentou a marquesa.

Essas palavras foram para Júlia um último raio de luz. Pareceu-lhe ouvir ainda a voz profética do pai.

— Tem as mãos escaldantes! É sempre assim? — perguntou a marquesa.

— Apenas há sete ou oito dias é que a febre me passou — respondeu ela.

— Tinha febre e nada me dizia?

— Tenho-a faz um ano — disse Júlia, com uma espécie de ansiedade pudica.

— De modo que, meu anjo — tornou a tia —, até agora o casamento só foi para você um longo sofrimento?

A moça não ousou responder; mas fez um gesto afirmativo que traía todas suas mágoas.

— É então infeliz?

— Oh, não, minha tia! Vítor ama-me com idolatria, e eu o adoro; ele é tão bom!

— Sim, você gosta dele; mas foge dele, não é verdade?

— Sim... às vezes... ele me procura demais.

— Quando está só, não a assalta às vezes o temor de que ele venha a surpreendê-la?

— Sim, de fato, minha tia. Mas asseguro-lhe que o amo de verdade.

— Intimamente, não se acusa de não saber ou não poder partilhar de seus prazeres? Por vezes não lhe ocorre a ideia de que o amor legítimo é mais difícil de sustentar que uma paixão pecaminosa?

— Isso mesmo! — exclamou ela chorando. — A senhora vê claro naquilo que para mim é um enigma. Meus sentidos estão entorpecidos, meu cérebro está vazio, vivo com dificuldade. Minha alma está oprimida por uma apreensão indefinível que gela meus sentimentos e me lança num torpor permanente. Não tenho voz para me lamentar nem palavras para exprimir meu desgosto. Sofro e tenho vergonha de sofrer vendo Vítor feliz com o que me mata.

— Tudo isso não passa de criancices, de insignificância! — exclamou a tia, cujo rosto descarnado animou-se de súbito num sorriso aberto, reflexo das alegrias de sua mocidade.

— Também a senhora se ri? — disse a moça com desespero.

— Eu também fui assim — retorquiu prontamente a marquesa. — Agora que Vítor a deixou sozinha, não se tornou de novo como solteira, tranquila; sem prazeres, mas sem sofrimento?

Júlia arregalou os olhos espantados.

— Em suma, meu anjo, adora Vítor, não é verdade? Mas gostaria mais de ser irmã do que mulher dele, e o casamento para você foi uma decepção.

— É isso mesmo, minha tia. Mas por que sorri?

— Sim, tem razão, minha filha. Em tudo isso não há nada de engraçado. Seu futuro seria invadido por mais de um pesar se eu não a tomasse sob minha proteção, e se minha velha experiência não soubesse adivinhar a causa inocente de sua mágoa. Meu sobrinho não merecia a felicidade que tem, o tolo! Sob o reinado de nosso muito amado Luís xv, uma moça que se encontrasse na situação em que você se encontra em pouco tempo castigaria o marido por se conduzir como um verdadeiro lansquenete. Que egoísta! Os oficiais desse tirano imperial são todos uns torpes ignorantes. Tomam a brutalidade por galanteria; sua ignorância acerca das mulheres não é maior que a sua inépcia para amar; julgam que o ter de enfrentar a morte no dia seguinte os dispensa de terem, na véspera, cuidados e atenções para conosco. Outrora, sabia-se tão bem amar como morrer no momento preciso. Fique descansada, que eu hei de ensiná-lo. Porei um fim a esse triste desentendimento, aliás muito natural, que levaria vocês a se odiarem mutuamente, a desejarem um divórcio, e isso se você não morresse antes de chegar ao desespero.

Júlia escutava a tia com espanto, surpresa por ouvir palavras cuja sabedoria ela mais pressentia que compreendia, e assombrada por encontrar na boca de uma parenta cheia de experiência, mas sob uma forma mais suave, a opinião que seu pai tinha a respeito de Vítor. Ela teve talvez uma antevisão nítida de seu futuro, e sentiu sem dúvida o peso dos males que a deviam acabrunhar, pois rompeu em pranto e lançou-se nos braços da marquesa, dizendo-lhe:

— Seja minha mãe!

A tia não chorou, pois a Revolução deixou às mulheres da antiga monarquia poucas lágrimas nos olhos. Primeiro o amor e mais tarde o Terror familiarizaram-nas com as mais pungentes peripécias, de modo que conservam em meio aos perigos da vida uma dignidade fria, uma afeição sincera, mas sem expansões, que lhes permite serem sempre fiéis à etiqueta e conservarem uma atitude nobre que os novos costumes caíram no erro de repudiar. A marquesa tomou a moça em seus braços e beijou-a na fronte com uma ternura e uma graça que muitas vezes se encontram mais nos hábitos e maneiras dessas

mulheres que no seu coração. Acariciou a sobrinha com palavras meigas, prometeu-lhe um futuro feliz, embalou-a com promessas de amor enquanto a ajudava a deitar-se, como se fosse sua filha, uma filha querida cujas esperanças e tristezas ela fazia suas; revia-se jovem, inexperiente e bela na sobrinha. A condessa adormeceu, feliz por ter encontrado uma amiga, uma mãe a quem, daí em diante, poderia tudo contar.

No dia seguinte pela manhã, no momento em que a tia e a sobrinha se beijavam com essa cordialidade profunda e esse ar de entendimento que provam um progresso na afeição, uma coesão mais perfeita entre duas almas, ouviram o passo de um cavalo. Viraram a cabeça ao mesmo tempo e viram o jovem inglês que passava devagar, segundo seu costume. Parecia que ele tinha feito um certo estudo da vida que levavam aquelas duas mulheres solitárias, pois nunca deixava de passar quando elas almoçavam ou jantavam. O cavalo diminuía o passo sem necessitar de comando; e, durante o tempo que levava a percorrer o espaço ocupado pelas duas janelas da sala de refeição, Artur lançava por elas um olhar melancólico, na maioria das vezes desdenhado pela condessa, que não lhe prestava a menor atenção. Mas, acostumada a essa curiosidade mesquinha que se volta para as coisas mais insignificantes a fim de animar a vida de província, e à qual dificilmente escapam os espíritos superiores, a marquesa divertia-se com o amor tímido e sério, tão tacitamente expresso pelo inglês. Aqueles olhares periódicos tinham se tornado como que um hábito para ela, e todos os dias ela assinalava a passagem de Artur com novos gracejos. Ao sentarem à mesa, as duas senhoras olharam simultaneamente para o ilhéu. Os olhos de Júlia e de Artur encontraram-se dessa vez com tal precisão de sentimentos, que a moça corou. Imediatamente o inglês fustigou o cavalo e partiu a galope.

— Que devo fazer, tia?— perguntou Júlia.— Quem vê esse inglês passar por aqui há de pensar que eu sou...

— Sim — respondeu a tia interrompendo-a.

— Não poderei então dizer-lhe que não passe assim por aqui?

— Não seria isso um motivo para ele pensar que é perigoso? E, de resto, pode-se impedir um homem de passear onde bem entenda?

Amanhã não comeremos mais nesta sala; quando não mais nos vir aqui, o jovem fidalgo desistirá de te amar pela janela. Eis, minha filha, como se comporta uma mulher que tem experiência da vida social.

Mas a infelicidade de Júlia deveria ser completa. Assim que as duas senhoras se levantaram da mesa, o criado de quarto de Vítor chegou repentinamente. Vinha de Bourges a toda brida, por caminhos pouco frequentados, e trazia para a condessa uma carta do marido. Vítor, que havia deixado o imperador, anunciava à mulher a queda do regime imperial, a tomada de Paris e o entusiasmo que explodia em toda a França a favor dos Bourbons; mas, não sabendo como chegar até Tours, rogava-lhe que se dirigisse a toda pressa para Orléans, onde pretendia esperá-la com passaportes para ela. O criado, antigo militar, devia acompanhar Júlia de Tours a Orléans, caminho que Vítor ainda julgava livre.

— Não tem um momento a perder, senhora — disse o criado —, os prussianos, os austríacos e os ingleses vão fazer junção em Blois ou em Orléans...

Em poucas horas a condessa aprontou tudo e partiu numa velha carruagem que a tia lhe emprestou.

— Por que não vem conosco para Paris? — disse ela ao despedir-se da tia. — Agora que os Bourbons voltam ao poder, encontraria lá...

— Mesmo sem essa viravolta inesperada, eu iria, minha filha, pois meus conselhos são muito necessários a ti e a Vítor. Vou tomar todas as providências para ir ter com vocês.

Júlia partiu acompanhada de sua criada de quarto e do velho militar, que galopava ao lado da sege velando pela segurança de sua patroa. À noite, ao chegarem a uma estação de muda um pouco adiante de Blois, Júlia, preocupada com uma carruagem que seguia a sua desde Amboise, debruçou-se à portinhola para ver quem eram os seus companheiros de viagem. O luar permitiu-lhe divisar Artur, de pé, a três passos dela, com os olhos fixos na sege. Seus olhares se encontraram. A condessa recuou bruscamente para o fundo da carruagem, mas com uma sensação de medo que a fez palpitar. Como a maior parte das moças realmente inocentes e sem experiência, ela via uma falta no amor involuntariamente despertado num homem. Sentiu

um terror instintivo, proveniente talvez da consciência de sua fraqueza ante uma tão audaciosa investida. Uma das mais fortes armas do homem é esse poder terrível de dominar por sua presença uma mulher cuja imaginação naturalmente impressionável se aterroriza ou se ofende com uma perseguição. A condessa lembrou-se do conselho da tia e resolveu permanecer durante toda a viagem no fundo da sege, sem sair. Mas, em cada posta, ela ouvia o inglês passear em torno das duas carruagens; e, na estrada, o ruído importuno de sua caleça ressoava incessantemente aos ouvidos de Júlia. Ela apressou-se a pensar que tão logo se reunisse ao marido, Vítor saberia defendê-la dessa singular perseguição.

“Mas, e se afinal esse rapaz não me amasse?”

Essa reflexão foi a última que ela fez. Ao chegar a Orléans, sua sege foi detida pelos prussianos, levada para o pátio de um albergue e posta sob a guarda de soldados. A resistência era impossível. Os estrangeiros explicaram aos três viajantes, por sinais imperativos, que tinham recebido ordem de não deixar sair ninguém da carruagem. A condessa chorou durante cerca de duas horas, prisioneira entre soldados que fumavam, riam e às vezes a fitavam com insolente curiosidade; mas finalmente viu-os afastarem-se da carruagem com uma espécie de respeito ao ouvirem o tropel de vários cavalos. Pouco depois um grupo de oficiais superiores estrangeiros, à frente dos quais estava um general austríaco, cercou a carruagem.

— Senhora — disse-lhe o general —, queira aceitar nossas desculpas; houve um engano. Pode continuar sem temor sua viagem; aqui está um passaporte que lhe evitará doravante qualquer contrariedade...

A condessa, trêmula, pegou o papel e balbuciou umas palavras vagas. Ao lado do general, e com fardamento de oficial inglês, ela via Artur, a quem, sem dúvida, devia aquela pronta libertação. Alegre e melancólico a um tempo, o jovem inglês voltou a cabeça e não se atreveu a fitar Júlia senão de soslaio. Graças ao passaporte, a sra. d'Aiglemont chegou a Paris sem outro contratempo. Lá se encontrou com o marido, que, desligado do juramento de fidelidade ao imperador, recebera o mais lisonjeiro acolhimento por parte do conde

d'Artois,[398] que tinha sido nomeado generalíssimo do reino por seu irmão Luís xviii. Vítor recebeu na guarda do rei um posto importante que correspondia à patente de general. Contudo, em meio às festas que assinalaram a restauração dos Bourbons, um desgosto profundo e que devia influir sobre sua vida assaltou a pobre Júlia: ela perdeu a tia. A condessa de Listomère-Landon morreu de emoção e de uma gota que lhe subiu ao coração, ao ver novamente em Tours o duque d'Angoulême.[399] Assim, a pessoa que por sua idade tinha o direito de esclarecer Vítor, a única que, por conselhos hábeis, poderia tornar mais perfeito o entendimento entre marido e mulher, essa pessoa estava morta. Júlia sentiu toda a imensidão dessa perda. Agora, entre o marido e ela só havia ela mesma. Mas, jovem e tímida, ela entregou-se antes ao sofrimento que à recriminação. A própria perfeição de seu caráter opunha-se a que ela ousasse subtrair-se a seus deveres ou tentasse pesquisar as causas de sua infelicidade; pois fazê-la cessar teria sido empresa muito delicada: Júlia recearia ofender seu pudor de jovem.

III – A MÃE

Agora, uma palavra sobre o destino do sr. d'Aiglemont durante a Restauração.

Não se encontra um grande número de homens cuja nulidade profunda é um mistério para a maioria das pessoas que os conhecem? Um posto elevado, uma origem ilustre, funções importantes, um certo verniz de polidez, uma grande reserva na conduta, ou o prestígio da fortuna são para eles como guardas que impedem as críticas de penetrar-lhes até a vida íntima. Essa gente parece-se com os reis cuja verdadeira estatura, cujo caráter e cujos costumes não podem nunca ser perfeitamente conhecidos nem justamente apreciados, porque são vistos ou de muito longe ou de muito perto. Essas criaturas de méritos fictícios interrogam em vez de falar, possuem a arte de colocar os outros em cena para evitar representar diante deles; depois, com habilidade magistral, puxam cada um pelos fios de suas paixões ou de seus interesses, e jogam assim com homens que lhes são realmente

superiores, fazem deles uns fantoches e os julgam pequenos por terem-nos rebaixado à sua altura. Obtêm então o triunfo natural de uma opinião mesquinha, mas fixa, sobre a mobilidade das grandes opiniões. De modo que, para apreciar essas cabeças ocas e pesar-lhes os valores negativos, o observador deverá possuir um espírito mais sutil que superior, mais paciência e agudeza de vista, mais firmeza e tato que elevação e grandeza nas ideias. Não obstante, por mais habilidade que esses usurpadores empreguem na defesa de seus flancos vulneráveis, é-lhes muito difícil enganar as esposas, as mães, os filhos ou o amigo da casa; mas essas pessoas quase sempre guardam segredo sobre uma coisa que, de certo modo, diz respeito à honra comum, e muitas vezes até os ajudam a iludir a sociedade.

Se, graças a essas conspirações domésticas, muitos tolos passam por homens superiores, eles compensam o número de homens superiores que passam por tolos, de modo que o Estado social tem sempre a mesma massa de capacidades aparentes. Imagine-se agora o papel que deve desempenhar uma mulher inteligente e sensível em presença de um marido dessa espécie; não depararemos com existências repletas de dor e de abnegação, das quais por coisa alguma deste mundo se sentirão recompensados certos corações cheios de amor e delicadeza? E se uma mulher forte se encontrar nessa horrível situação, sairá dela por um crime, como fez Catarina ii,[400] não obstante cognominada *a Grande*. Mas como nem todas as mulheres estão sentadas num trono, a maior parte delas entrega-se a desatinos domésticos que, por serem mais obscuros, não deixam de ser menos terríveis. Aquelas que procuram nesta vida consolo imediato para os seus males, o mais das vezes não conseguem senão substituí-los por outros, quando querem conservar-se fiéis a seus deveres, ou cometem faltas se violam as leis em proveito dos seus prazeres. Todas essas reflexões aplicam-se à história secreta de Júlia.

Enquanto Napoleão esteve no poder, o conde d'Aiglemont, coronel como tantos outros, bom ajudante de ordens, excelente para cumprir uma missão perigosa, mas incapaz para um comando de alguma importância, não despertou nenhuma inveja, passou por ser um dos bravos protegidos pelo imperador, e foi o que os militares vulgarmente

chamam de um bom rapaz. A Restauração, que lhe devolveu o título de marquês, não encontrou nele um ingrato: ele acompanhou os Bourbons a Gand.[401] Por esse ato de lógica e de fidelidade tornou-se mentiroso o horóscopo que o sogro tirara outrora, dizendo que o genro nunca passaria de coronel. Na segunda alternativa, nomeado tenente-general e reconduzido à dignidade de marquês, o sr. d'Aiglemont ambicionou chegar ao pariato; adotou as máximas e a política do *Conservateur*,[402] valeu-se de uma dissimulação que nada escondia, tornou-se grave, interrogador, de poucas palavras e foi considerado um homem profundo. Entrincheirado sempre nas normas de polidez, munido de fórmulas, guardando e prodigalizando as frases feitas que se cunham regularmente em Paris para dar em troco miúdo aos tolos o sentido das grandes ideias ou dos fatos, os círculos sociais proclamaram-no homem de fino gosto e de saber. Obstinado em suas opiniões aristocráticas, foi citado como tendo um bom caráter. Se, por acaso, tornava-se descuidado ou alegre como fora outrora, a insignificância e a tolice de seus conceitos tinham para os outros subentendidos diplomáticos. “Oh, ele só diz aquilo que quer dizer!”, pensava muita gente boa. Serviam-lhe tão bem as qualidades como os defeitos. Sua bravura conquistara-lhe uma alta reputação militar a que nada desmentia, pois nunca tivera comando algum. Seu rosto másculo e nobre refletia pensamentos generosos, e só para a esposa a sua fisionomia era uma impostura. À força de ouvir toda a gente fazer justiça a seu falso talento, o marquês d'Aiglemont acabou por se persuadir de que era um dos homens mais notáveis da corte, onde, graças às aparências, soube agradar e onde seu multiforme valor foi aceito sem protestos.

Contudo, em casa, o sr. d'Aiglemont era modesto e instintivamente sentia a superioridade da mulher, se bem que ela fosse muito jovem; e desse respeito involuntário nasceu um poder oculto que a marquesa se viu forçada a aceitar, apesar de todos os seus esforços para repelir-lhe o fardo. Conselheira do marido, dirigia-lhe os atos e a fortuna. Essa influência antinatural foi para ela uma espécie de humilhação e a fonte de muitos pesares que sepultava em seu coração. Acima de tudo, seu instinto, delicadamente feminino, dizia-lhe que é muito mais belo

obedecer a um homem de talento do que conduzir um tolo, e que uma esposa jovem, obrigada a pensar e agir como homem, não é nem mulher nem homem, abdica de todas as graças de seu sexo, ficando privada de sua fraqueza, e não adquire nenhum dos privilégios que as nossas leis concederam aos mais fortes. Sua existência continha uma ironia bem amarga. Não estava ela obrigada a honrar um ídolo oco, a proteger seu protetor, pobre ser que, como prêmio por um devotamento contínuo, atirava-lhe o amor egoísta dos maridos, não vendo nela senão a mulher, não se dignando ou não sabendo — injúria igualmente profunda — preocupar-se com seus prazeres nem tampouco com os motivos de sua tristeza e de seu definhamento? Como a maioria dos maridos que sentem o jugo de um espírito superior, o marquês salvava seu amor-próprio concluindo da fraqueza física a fraqueza moral de Júlia, que ele se comprazia em lastimar, recriminando o destino por lhe ter dado como esposa uma moça doentia. Enfim, fazia-se de vítima, quando era carrasco. A marquesa, sob o peso de todos os desgostos dessa triste vida, devia ainda sorrir ao imbecil de seu marido, enfeitar com flores uma casa enlutada e ostentar felicidade num rosto empalidecido por suplícios íntimos.

Essa responsabilidade de honra e essa abnegação magnífica deram insensivelmente à jovem marquesa uma dignidade feminina, uma consciência de virtude que lhe serviram de escudo contra os perigos do mundo. Depois, para sondar a fundo esse coração, talvez até a infelicidade secreta que coroara seu primeiro, seu ingênuo amor de adolescente, fez com que ela tomasse horror às paixões. Talvez ela não concebesse nem o arrebatamento, nem as alegrias ilícitas, porém delirantes, que fazem com que certas mulheres esqueçam as leis da prudência, os princípios de virtude em que a sociedade repousa. Renunciando, como a um sonho, às doçuras, à terna harmonia que a respeitável experiência da sra. de Listomère-Landon lhe prometera, ela pôs-se a esperar com resignação o fim de suas penas, na expectativa de morrer jovem. Sua saúde, desde que regressara da Touraine, debilitava-se dia a dia, e a vida parecia-lhe ser medida pelo sofrimento; sofrimento elegante, aliás, doença quase voluptuosa na aparência, e que podia passar aos olhos de pessoas menos avisadas por uma

fantasia de mulher casquilha.

Os médicos haviam condenado a marquesa a permanecer deitada num divã, onde se estiolava em meio às flores que a cercavam, murchando como elas. Sua fraqueza não lhe permitia caminhar e expor-se ao ar; só saía em carruagem fechada. Sempre cercada de todas as maravilhas do luxo e da indústria moderna, parecia menos uma enferma que uma rainha indolente. Alguns amigos, sensibilizados talvez por seu infortúnio e por sua fraqueza, certos de sempre a encontrarem em casa, e sem dúvida também especulando sobre sua boa saúde futura, iam levar-lhe notícias e contar-lhe esses mil pequenos acontecimentos que tornam, em Paris, a existência tão variada. Sua melancolia, embora grave e profunda, era pois a melancolia da opulência. A marquesa d'Aiglemont assemelhava-se a uma bela flor cuja raiz é roída por um inseto daninho. Algumas vezes ela aparecia na sociedade, não por gosto, mas para obedecer às exigências da posição a que o marido aspirava. Sua voz e a perfeição de seu canto podiam permitir-lhe conquistar aplausos, o que quase sempre lisonjeia uma mulher; mas de que lhe serviriam sucessos que ela não ligava nem a sentimentos nem a esperanças? O marido não gostava de música. Enfim, sentia-se quase sempre contrafeita nos salões onde sua beleza atraía homenagens interesseiras. Neles, sua situação excitava uma espécie de compaixão cruel, uma curiosidade triste. Ela sofria duma inflamação comumente mortal, que as mulheres se dizem ao ouvido, e para a qual nossa neologia não soube ainda encontrar um nome. Malgrado o silêncio em que decorria sua vida, a causa de seu sofrimento não era segredo para ninguém. Sempre ingênua, apesar do casamento, o mínimo olhar a encabulava. Assim, para evitar corar, Júlia mostrava-se sempre risonha, alegre; simulava alegria, dizia-se bem-disposta, ou desviava as perguntas acerca de sua saúde com pudicas mentiras.

Entretanto, em 1817, um acontecimento contribuiu muito para modificar o estado deplorável em que Júlia vivera até então. Ela teve uma filha e quis criá-la. Durante dois anos, as vivas distrações e as inquietas alegrias próprias dos cuidados maternos tornaram-lhe a vida menos infeliz. Teve de separar-se necessariamente do marido. Os

médicos prognosticaram-lhe melhor saúde, mas a marquesa não deu crédito algum a esses hipotéticos presságios. Como todas as criaturas para quem a vida não tem encantos, talvez ela visse na morte um desenlace feliz.

No começo do ano de 1819, a vida foi-lhe mais cruel que nunca. No momento em que se felicitava pela ventura negativa que soubera conquistar, entreviu abismos medonhos. O marido, insensivelmente, desabituara-se dela. Esse arrefecimento de uma afeição já tão tibia e egoísta podia ser causa de mais de um sofrimento que seu fino tato e sua prudência faziam-lhe prever. Se bem que estivesse certa de conservar uma grande ascendência sobre Vítor e de ter obtido para sempre a sua estima, Júlia temia a influência das paixões sobre um homem tão nulo e tão vaidosamente irrefletido. Frequentemente os amigos surpreendiam Júlia entregue a longas meditações; os menos perspicazes perguntavam-lhe a causa, gracejando como se uma mulher não pudesse pensar senão em frivolidades, como se não existisse sempre um sentimento profundo nos pensamentos de uma mãe. Aliás, tanto a infelicidade como a felicidade verdadeira nos levam ao devaneio. Às vezes, brincando com Helena, Júlia fitava-a com um olhar sombrio e cessava de responder a essas interrogações infantis que tanto prazer dão às mães para indagar de seu destino ao presente e ao futuro. Os olhos enchiam-se-lhe então de lágrimas quando, de súbito, qualquer recordação lhe evocava a cena da parada das Tulherias. As proféticas palavras do pai soavam-lhe de novo aos ouvidos, e a consciência censurava-a por lhes ter desprezado a sabedoria. Dessa insensata desobediência provinham todos os seus infortúnios; e o mais das vezes ela não sabia, entre todos, qual o mais penoso de suportar.

Não somente os doces tesouros de sua alma permaneciam ignorados, como jamais conseguira fazer-se compreender pelo marido, mesmo nas coisas mais vulgares da vida. No momento em que nela se desenvolvia mais forte e ativa a faculdade de amar, o amor permitido, o amor conjugal extinguia-se entre pesados sofrimentos físicos e morais. Ademais, ela sentia pelo marido essa compaixão vizinha do desprezo, que destrói com o tempo todos os sentimentos. Enfim, se as conversas com alguns amigos, se os exemplos, ou se certas aventuras da alta

sociedade não lhe tivessem ensinado que o amor traz felicidades imensas, suas feridas lhe teriam feito vislumbrar as alegrias íntimas e puras que devem unir as almas fraternas.

No quadro que sua memória traçava do passado, a cândida figura de Artur desenhava-se cada dia mais pura e mais bela, mas fugazmente, pois ela não ousava demorar-se nessa recordação. O tímido e mudo amor do jovem inglês era o único acontecimento que, desde o casamento, lhe havia deixado alguns doces vestígios no coração tristonho e solitário. Talvez que todas as esperanças burladas, todos os desejos malogrados que, gradualmente, entristeciam o espírito de Júlia, se trasladassem por um jogo natural de imaginação, para aquele homem, cujos modos, sentimentos e caráter pareciam possuir tantas afinidades com os seus. Mas esse pensamento tinha sempre a aparência de um capricho, de um sonho. Após esse sonho impossível, sempre encerrado por suspiros, Júlia despertava mais desditosa e sentia ainda mais suas dores latentes quando as havia adormecido sob as asas duma ventura imaginária.

Às vezes seus queixumes tomavam um caráter de loucura e de audácia, desejava prazeres a qualquer preço; mas, com mais frequência ainda, permanecia abismada em não sei que estúpido torpor, escutando sem compreender, ou concebendo pensamentos tão vagos, tão indecisos, que não encontraria palavras para os traduzir. Ferida nos seus mais íntimos anelos, na vida que idealizara quando jovem, via-se obrigada a sufocar suas lágrimas. A quem poderia queixar-se? Quem a entenderia? Além disso, ela possuía essa extrema delicadeza feminina, esse maravilhoso pudor de sentimento que consiste em calar uma queixa inútil, em não conquistar uma superioridade quando o triunfo há de humilhar o vencedor e o vencido. Júlia tentava transmitir sua capacidade, suas próprias virtudes ao sr. d'Aiglemont e vangloriava-se de experimentar a felicidade que lhe faltava. Toda sua finura de mulher era empregada em pura perda, em atenções ignoradas por aquele cujo despotismo perpetuava. Havia momentos em que ela se sentia embriagada de infelicidade, sem noção de nada, sem freio; mas, felizmente, uma piedade verdadeira conduzia-a sempre a uma esperança: refugiava-se no futuro, com uma fé admirável que a fazia de

novo aceitar sua dolorosa tarefa. Esses terríveis combates, esses tumultos de alma eram inglórios, suas longas melancolias eram desconhecidas; nenhuma criatura lhe recolhia os olhares ternos, as lágrimas amargas vertidas na solidão.

Os perigos da situação crítica a que tinha chegado insensivelmente pela força das circunstâncias revelaram-se à marquesa, em toda a sua gravidade, numa noite do mês de janeiro de 1820. Quando dois esposos se conhecem perfeitamente e estão habituados um com o outro, quando uma mulher sabe interpretar os mínimos gestos de um homem e é capaz de penetrar os sentimentos ou as coisas que ele lhe oculta, sucede que luzes súbitas jorram muita vez após reflexões ou observações precedentes, fruto do acaso ou originariamente feitas com indiferença. Muitas vezes uma mulher desperta de repente à beira ou no fundo de um abismo. Assim, a marquesa, feliz por se encontrar só havia alguns dias, descobriu o segredo de sua solidão. Inconstante ou enfadado, generoso ou compassivo para com ela, o marido não mais lhe pertencia. Nesse momento ela não pensou mais em si, nem nos seus sofrimentos nem nos seus sacrifícios. Foi apenas mãe, e encarou a fortuna, o futuro, a felicidade da filha; sua filha, a única criatura que lhe proporcionava um pouco de felicidade; sua Helena, o único bem que a prendia à vida. Agora, Júlia desejava viver para preservar a filha do jugo medonho sob o qual uma madrasta poderia sufocar a vida daquele ente querido. A essa nova previsão dum futuro sinistro, ela caiu numa dessas ardentes meditações que devoram anos de vida. Daí em diante, entre ela e o marido, deveria haver um mundo de pensamentos cujo peso só ela suportaria. Até então, certa de ser amada por Vítor, na medida em que ele era capaz de amar, ela se dedicara a uma felicidade de que não partilhava; mas agora, já não tendo a satisfação de saber que suas lágrimas davam alegria ao marido, sozinha no mundo, não lhe restava mais que o sofrimento. Em meio ao desânimo que, na calma e no silêncio da noite, lhe relaxava todas as forças; no momento em que, deixando o divã e afastando-se do fogo quase apagado, ela ia, com os olhos enxutos, contemplar a filha à luz duma candeia, entrou o sr. d'Aiglemont, que vinha radiante de alegria. Júlia fê-lo apreciar o sono de Helena, mas ele acolheu o entusiasmo da

mulher com uma frase banal.

— Nesta idade — disse ele — todas as crianças são formosas.

E, depois de ter beijado com indiferença a testa da filha, baixou as cortinas do berço, fitou Júlia, tomou-lhe a mão e fê-la sentar-se ao seu lado naquele mesmo divã onde ela acabara de remoer tantos pensamentos sombrios.

— Está belíssima esta noite, sra. d'Aiglemont! — exclamou com aquele insuportável ar folgazão cuja vacuidade a marquesa tão bem conhecia.

— Onde passou a noite? — perguntou ela fingindo uma profunda indiferença.

— Em casa da sra. de Sérisy.[\[403\]](#)

Ele pegara um leque que estava sobre a lareira e examinava-lhe com atenção a transparência, sem ter notado os vestígios das lágrimas vertidas pela esposa. Júlia estremeceu. As palavras seriam impotentes para exprimir a torrente de pensamentos que lhe brotou da alma e que teve de conter.

— A sra. de Sérisy dará uma reunião na próxima segunda-feira e deseja imensamente que você compareça. Como faz tanto tempo que não aparece na sociedade, ela quer vê-la em sua casa. É uma ótima senhora, que a estima muito. Dar-me-á um grande prazer se comparecer; quase respondi por você...

— Irei — respondeu Júlia.

O tom de voz, a expressão e o olhar da marquesa tinham qualquer coisa de tão penetrante, de tão particular, que, apesar da sua despreocupação, Vítor fitou a mulher com espanto. Mas isso foi tudo. Júlia compreendera que a sra. de Sérisy era a mulher que lhe roubara o coração do marido. Mergulhou numa meditação desesperadora e simulou observar o fogo. Vítor brincava com o leque entre as mãos, com o ar enfadado de um homem que, depois de ter sido feliz noutro lugar, traz para casa o cansaço da felicidade. Depois de ter bocejado várias vezes, pegou um candelabro com uma das mãos e com a outra procurou languidamente o pescoço da mulher e quis beijá-la. Júlia, porém, abaixou-se, ofereceu-lhe a fronte e nela recebeu o beijo de boa-noite, um beijo maquinal, sem amor, espécie de careta que lhe pareceu

odiosa. Quando Vítor fechou a porta, a marquesa caiu numa poltrona; suas pernas haviam fraquejado e ela rompeu em lágrimas. É preciso ter sofrido o suplício de alguma cena análoga para compreender tudo o que esta encerra de sofrimentos, para adivinhar os longos e terríveis dramas a que ela dá lugar. Aquelas palavras simples e banais, aqueles silêncios entre os dois esposos, os gestos, os olhares, a maneira com que o marquês se sentou diante do fogo, a atitude que teve procurando beijar o pescoço da mulher, tudo contribuíra para fazer daquela hora um trágico desenlace à vida solitária e dolorosa levada por Júlia. Na sua loucura, ela pôs-se de joelhos diante do divã, mergulhou nele o rosto para nada ver e rezou, dando às palavras habituais de sua oração um acento íntimo, uma significação nova que teriam dilacerado o coração do marido, se ele a tivesse ouvido.

Entregue à sua desdita, ela passou oito dias preocupada com o futuro, estudando os meios de não mentir ao seu coração, de reconquistar seu império sobre o marquês e de viver o mais possível para velar pela felicidade da filha. Resolveu então lutar contra a rival, reaparecer na sociedade, brilhar nela; resolveu fingir ter pelo marido um amor que não mais podia sentir, e seduzi-lo; depois, quando com seus artifícios o tivesse submetido ao seu poder, ser *coquette* para com ele como o são essas caprichosas amantes que têm um prazer todo especial em atormentar os homens que as amam. Esse estratagema odioso era o único remédio possível para os seus males. Desse modo ela se tornaria senhora de seus sofrimentos, poderia ordená-los ao seu bel-prazer, e fazê-los mais raros, dominando, subjugando o marido com um despotismo terrível. Não sentiu mais nenhum remorso por tornar-lhe a vida difícil. De um só salto, ela lançou-se no frio calculismo da indiferença. Para salvar a filha, ela enxergou de súbito todas as perfídias, as mentiras das criaturas que não amam, os embustes da coqueteria e essas atrozidades astúcias que tornam tão profundamente aborrecida a mulher na qual os homens supõem então corrupções inatas. Sem Júlia dar-se conta, sua vaidade feminina, seu interesse e um vago desejo de vingança uniram-se ao seu amor maternal para a fazer entrar num caminho onde novos sofrimentos a aguardavam. Ela possuía, porém, a alma muito bem formada, o

espírito muito delicado, e principalmente muita franqueza para permanecer muito tempo cúmplice dessas fraudes. Habituada a ler em si mesma, ao primeiro passo no vício — que era esse o caminho que tomava — o grito de sua consciência deveria sufocar o das paixões e do egoísmo. Com efeito, numa mulher jovem que ainda tem o coração puro, em que o amor permanece virgem, o próprio sentimento da maternidade está submetido à voz do pudor. O pudor não é toda a mulher? Mas Júlia não quis ver nenhum perigo, nenhum erro na sua nova vida. Foi à casa da sra. de Sérisy. Sua rival esperava uma mulher desfigurada, abatida; a marquesa pusera ruge e se apresentou num trajar deslumbrante que ainda mais lhe realçava a beleza.

A condessa de Sérisy era uma dessas mulheres que pretendem exercer em Paris uma espécie de império sobre a moda e sobre a sociedade; ditava sentenças que, acolhidas no círculo em que reinava, lhe pareciam universalmente adotadas; tinha a pretensão de criar ditos; era soberanamente sentenciosa. Literatura, política, homens e mulheres, tudo lhe sofria a censura; e ela parecia desafiar a dos outros. Sua casa era em tudo um modelo de bom gosto.

No meio daqueles salões repletos de mulheres elegantes e belas, Júlia triunfou da condessa. Espirituosa, viva, desenvolta, reuniu em torno de si os homens mais distintos do sarau. Para desespero das mulheres, seu traje era inatacável, e todas lhe invejaram o feitio do vestido, o talhe do corpete, cujo efeito foi por elas atribuído ao gênio de uma modista desconhecida, pois as mulheres preferem acreditar na ciência do vestuário do que na graça e na perfeição daquelas que têm o dom natural de usá-los com elegância. Quando Júlia se levantou para ir ao piano cantar a romança de Desdêmona, os homens acorreram de todas as salas para ouvir aquela voz famosa, muda há tanto tempo; e fez-se um profundo silêncio. A marquesa experimentou uma viva emoção ao ver as cabeças aglomeradas nas portas e todos os olhares voltados para ela. Procurou o marido, lançou-lhe um olhar cheio de sedução, e viu com prazer que naquele momento seu amor-próprio estava extraordinariamente lisonjeado. Radiante com esse triunfo, ela encantou o auditório com a primeira parte de *Al più salice*.^[404] Tanto a Malibran como a Pasta^[405] jamais tinham feito ouvir canto tão

perfeito de sentimento e de entonação; mas no momento em que repetia a canção, passando os olhos pelo auditório, ela divisou Artur que a fitava fixamente. Estremeceu e a voz se lhe alterou.

A sra. de Sérisy correu para a marquesa:

— Que tem, minha querida? Oh, pobrezinha está tão fraca! Eu tremia ao vê-la tentar uma coisa acima de suas forças...

A romança foi interrompida. Júlia, despeitada, não se sentiu com coragem de prosseguir e sofreu a compaixão pérfida da rival. Todas as mulheres cochicharam; afinal, à força de discutir esse incidente, descobriram a luta iniciada entre a marquesa e a sra. de Sérisy, que não pouparam em sua maledicência.

Os estranhos pressentimentos, que tantas vezes tinham perturbado Júlia, repentinamente se realizavam. Pensando em Artur, ela comprazia-se em acreditar que um homem, na aparência tão suave, tão delicado, deveria permanecer fiel ao seu primeiro amor. Por vezes gabava-se de ser o objeto dessa linda paixão, a paixão pura e verdadeira de um jovem cujos pensamentos pertencem todos à sua bem-amada, cujos momentos lhe são todos consagrados, que não tem subterfúgios, que cora com o que faz corar uma mulher, que pensa como uma mulher, que não lhe dá rivais e a ela se entrega sem pensar na ambição, nem na glória, nem na fortuna. Tudo isso ela sonhara a respeito de Artur na extravagância, por distração, e de repente julgou ver seu sonho realizado. No rosto quase feminino do jovem inglês leu os pensamentos profundos, as doces melancolias, as resignações dolorosas de que ela também era vítima. Reconheceu-se nele. O infortúnio e a melancolia são os mais eloquentes intérpretes do amor e estabelecem ligação com incrível rapidez entre dois seres que sofrem. A visão íntima e a elaboração e assimilação das coisas ou das ideias são neles completas e justas. Por isso, a violência do choque recebido pela marquesa revelou-lhe todos os perigos do futuro. Satisfeita por encontrar em seu estado de saúde um pretexto para justificar sua perturbação, deixou-se de boa vontade derrotar pela engenhosa piedade da sra. de Sérisy. A interrupção da romança foi um acontecimento que deu que falar, de forma diversa, a muitas pessoas. Uns deploravam a sorte de Júlia e lamentavam que uma mulher tão

interessante estivesse perdida para a vida social; outros indagavam da causa de seus sofrimentos e da solidão em que ela vivia.

— Então! meu caro Ronquerolles[406] — dizia o marquês ao irmão da sra. de Sérisy —, invejavas minha felicidade, vendo a sra. d'Aiglemont, e me censuravas por lhe ser infiel? Pois havias de achar minha sorte bem pouco desejável se ficasses como eu, durante um ou dois anos, junto a uma linda mulher sem ousar beijar-lhe a mão, com medo de magoá-la. Não te impressões nunca com essas florezinhas delicadas, boas unicamente para serem postas numa redoma, e que, por sua fragilidade, por seu preço, somos obrigados a respeitar. Soltas muito frequentemente teu lindo cavalo, para o qual receias, segundo me disseram, à chuva e à neve? Está aí a minha história. É verdade que tenho certeza da virtude de minha mulher, mas meu casamento é um objeto de luxo; e se me julgas casado, te enganas. Assim, pois, minhas infidelidades são de certa forma legítimas. Gostaria muito de saber como é que vocês se portariam, no meu lugar, senhores motejadores! Muitos homens não teriam tantas atenções como eu tenho com minha mulher. Tenho certeza — acrescentou em voz baixa — que a sra. d'Aiglemont não desconfia de nada. Assim, eu procederia muito mal se me queixasse. Sou muito feliz... Só que nada é mais aborrecido para um homem sensível do que ver sofrer uma pobre criatura a quem está ligado...

— És então muito sensível — retorquiu o sr. de Ronquerolles —, pois quase nunca estás em casa.

Esse amistoso epigrama fez rir os circunstantes; mas Artur permaneceu frio e imperturbável, como um *gentleman* que adotou a gravidade como base de seu caráter. As estranhas palavras daquele marido alimentaram sem dúvida algumas esperanças no jovem inglês, que aguardou com paciência um momento em que se encontrasse a sós com o sr. d'Aiglemont, o que não tardou muito.

— Senhor — disse-lhe ele —, vejo com uma pena infinita o estado em que se acha a senhora marquesa, e se soubesse que, por falta de um regime adequado, ela deve morrer miseravelmente, creio que não gracejaria acerca de seus sofrimentos. Se assim lhe falo é porque me sinto de certo modo autorizado pela certeza que tenho de salvar a sra.

d'Aiglemont e de restituí-la à vida e à felicidade. É pouco comum que um homem da minha estirpe seja médico; todavia, quis o destino que eu estudasse medicina. Ora, eu me aborreço bastante — disse ele, afetando um frio egoísmo que deveria servir a seus desígnios — para que me seja indiferente despender meu tempo e minhas viagens em proveito duma criatura que sofre, em vez de satisfazer loucas fantasias. As curas dessa espécie de doença são raras, porque exigem muitos cuidados, tempo e paciência; é preciso sobretudo ter fortuna, viajar, seguir escrupulosamente prescrições que variam diariamente e que nada têm de desagradável. Somos ambos cavalheiros — disse, dando a este termo a acepção da palavra inglesa *gentleman* — e nos podemos entender. Desde já lhe aviso que, se aceitar a minha proposta, o senhor será em todos os momentos juiz da minha conduta. Nada farei sem o ter por conselheiro, por fiscal, e respondo pelo sucesso se consentir em me obedecer. Sim, se está disposto a deixar de ser por muito tempo marido da sra. d'Aiglemont — segredou-lhe ao ouvido.

— Não resta dúvida, *milord* — disse o marquês sorrindo —, só um inglês me poderia fazer uma proposta tão esquisita. Permita-me não recusá-la e também não aceitá-la; vou refletir. Depois, antes de mais nada, ela deve ser submetida à minha mulher.

Nesse momento Júlia voltava ao piano. Cantou a ária de *Semiramide*,^[407] *Son regina, son guerriera*.^[408] Aplausos unânimes, mas surdos, por assim dizer, as aclamações polidas do Faubourg Saint-Germain,^[409] testemunharam o entusiasmo que ela despertou.

Quando d'Aiglemont conduziu a mulher de volta ao seu palacete, Júlia viu com uma espécie de prazer inquieto o pronto êxito de suas tentativas. O marido, excitado pelo papel que ela acabava de desempenhar, quis homenageá-la com um amor repentino, e cortejou-a, como teria feito a uma atriz. Júlia achou divertido ser tratada assim, ela, virtuosa e casada; tentou brincar com seu poder, mas nessa primeira luta, sua bondade fê-la sucumbir mais uma vez, e essa foi a mais terrível das lições que lhe reservara o destino. Pelas duas ou três horas da madrugada, Júlia estava sentada no leito conjugal, tristonha e pensativa; a luz vacilante de uma lamparina iluminava fracamente o

quarto, onde reinava o mais profundo silêncio; havia cerca de uma hora, ela, entregue a pungentes remorsos, vertia lágrimas de uma amargura que só pode ser compreendida por mulheres que se tenham encontrado na mesma situação. Seria necessário ter a alma de Júlia para sentir, como ela, o horror duma carícia calculada, para ver igual afronta num beijo glacial; apostasia do coração, ainda agravada por uma dolorosa prostituição. Ela se desprezava, maldizia o casamento, desejaria ter morrido; e, não fosse um grito da filha, talvez se tivesse atirado à rua, pela janela. O sr. d'Aiglemont dormia placidamente a seu lado, sem ser despertado pelas lágrimas quentes que a esposa deixava cair sobre ele. No dia seguinte Júlia conseguiu mostrar-se alegre. Encontrou forças para parecer feliz e esconder não mais sua melancolia, mas um invencível horror. Desse dia em diante não se considerou mais uma mulher irrepreensível. Não tinha mentido a si mesma? Não era, pois, capaz de dissimulação e não poderia mais tarde atingir uma profundidade espantosa nos delitos conjugais? Seu casamento era a causa dessa perversidade *a priori* que não se exercia ainda sobre nada. A esse tempo, ela já se pergantara por que resistir a um ser amado, quando se entregava, contrariando o coração e o impulso da natureza, a um marido a quem não mais amava. Todas as faltas, e talvez os crimes, têm por princípio um raciocínio errado ou algum excesso de egoísmo. A sociedade só pode existir pelos sacrifícios individuais que as leis exigem. Aceitar-lhe as vantagens não será assumir o compromisso de manter as condições que a fazem subsistir? Os miseráveis sem pão, obrigados a respeitar a propriedade, não são menos dignos de lástima do que as mulheres feridas nos seus anelos e nas delicadezas de sua natureza.

Poucos dias após essa cena, cujo segredo ficou sepulto no leito conjugal, d'Aiglemont apresentou *lord* Grenville à mulher. Júlia recebeu Artur com uma polidez fria que fazia honra à sua dissimulação. Ela impôs silêncio ao seu coração, velou os olhares, deu firmeza à voz e conseguiu assim ficar senhora de seu futuro. Depois, tendo reconhecido por esses meios, que, por assim dizer, são inatos na mulher, toda a extensão do amor que inspirara, a sra. d'Aiglemont sorriu à esperança de um pronto restabelecimento, e não opôs mais

resistência à vontade do marido, que por força queria que ela aceitasse os cuidados do jovem médico. Contudo, ela não quis fiar-se em *lord Grenville* senão depois de ter estudado bem suas palavras e maneiras, para ficar segura de que ele teria a generosidade de sofrer em silêncio. Ela tinha sobre ele o mais absoluto poder, do qual já abusava; não era mulher?

IV – A DECLARAÇÃO

Montcontour é um velho solar situado sobre um desses áureos rochedos a cujos pés corre o Loire, não longe do sítio onde Júlia parara em 1814. É um desses pequenos castelos da Touraine, brancos, lindos, com torrezinhas esculpidas, bordados como uma renda de Malines; um desses castelos delicados, elegantes, que se refletem nas águas do rio com seus ramos de amoreiras, suas vinhas, seus caminhos fundos, suas longas balaustradas rendilhadas, suas escavações na rocha, seus tapetes de hera e suas escarpas. Os telhados de Montcontour cintilam aos raios do sol; tudo ali é ardente. Inúmeros vestígios da Espanha tornam poética essa encantadora vivenda: as giestas douradas e as campainhas perfumam a brisa; o ar é acariciante, a terra sorri por toda a parte, e por toda a parte doces encantos envolvem a alma, tornam-na lânguida e apaixonada, suavizam-na e a embalam. Essa bela e amena região adormece as dores e desperta as paixões. Ninguém permanece frio sob aquele céu puro, diante daquelas águas cintilantes. Ali fenece mais de uma ambição, ali nos deitamos no seio de uma felicidade tranquila, como todas as tardes o sol se deita em seus lençóis de púrpura e azul.

Por uma plácida tarde do mês de agosto, em 1821, duas pessoas subiam os caminhos pedregosos que recortam os rochedos em que assenta o castelo, e dirigiam-se para o ponto mais alto a fim de admirar, sem dúvida, os múltiplos panoramas que dali se descortinam. Essas duas pessoas eram Júlia e *lord Grenville*; mas Júlia parecia ser uma outra mulher. A marquesa denotava, por suas cores vivas, franca saúde. Seus olhos, vivificados por um poder fecundo, cintilavam através de um vapor úmido, semelhante ao fluido que dá aos olhos das

crianças irresistíveis encantos. Ela sorria amplamente, sentia-se feliz por viver, e fruía a vida. Pela maneira de caminhar, era fácil ver-se que nenhum sofrimento entorpecia como outrora seus menores movimentos, e não lhe amortecia nem o olhar, nem a voz, nem os gestos. Sob a sombrinha de seda branca que a defendia dos quentes raios de sol, ela se assemelhava a uma noiva sob o véu, a uma virgem prestes a entregar-se aos enlevos do amor.

Artur conduzia-a com um cuidado de apaixonado, guiava-a como se guia uma criança, levava-a pelo melhor caminho, fazia-a evitar as pedras, mostrava-lhe um panorama ou uma flor, sempre movido por um constante sentimento de bondade, por uma intenção delicada, por um conhecimento íntimo do bem-estar daquela mulher, sentimentos que pareciam ser-lhe inatos, tanto quanto ou talvez mais que os movimentos necessários à sua própria existência. A doente e o médico caminhavam no mesmo passo sem se admirarem de um acordo que parecia ter existido desde o primeiro dia em que caminharam juntos; obedeciam a uma mesma vontade, detinham-se, impressionados pelas mesmas sensações; seus olhares e suas palavras correspondiam a pensamentos mútuos. Quando chegaram ao alto de um parreiral, quiseram descansar numa dessas pedras brancas e compridas que continuamente são extraídas das cavidades abertas nos rochedos; mas, antes de sentar-se, Júlia contemplou o local.

— Lindo lugar! — exclamou. — Armemos uma tenda e vivamos aqui. Vítor — gritou —, venha, venha depressa!

O sr. d'Aiglemont respondeu de baixo, com um grito de caçador, mas sem apressar a marcha; somente olhava para sua companheira de tempos em tempos, quando as sinuosidades do caminho o permitiam. Júlia aspirou o ar com prazer, levantando a cabeça e lançando a Artur um desses olhares expressivos com que uma mulher inteligente revela todo o seu pensamento.

— Oh! — tornou ela — gostaria de viver sempre aqui. Será possível que alguém se canse de admirar este maravilhoso vale? Sabe o nome deste lindo rio, *milord*?

— É o Cise.

— O Cise — repetiu ela. — E lá, na nossa frente, o que é?

— São as colinas do Cher.

— E à direita? Ah, é Tours! Mas veja que admirável efeito produzem à distância as torres da catedral!

Calou-se e deixou cair sobre a mão de Artur a mão que estendera apontando para a cidade. Ambos admiraram em silêncio a paisagem e as belezas daquela natureza harmoniosa. O murmúrio das águas, a pureza do ar e do céu, tudo combinava com os pensamentos que afluíram em turbilhão a seus corações jovens e apaixonados.

— Oh, meu Deus, como gosto desta região! — repetiu Júlia com um entusiasmo crescente e espontâneo. — Morou aqui muito tempo? — tornou depois de uma pausa.

A essas palavras *lord* Grenville estremeceu.

— Foi ali — respondeu ele com melancolia, mostrando um grupo de nogueiras à margem da estrada —, foi ali que, prisioneiro, eu a vi pela primeira vez...

— Sim, mas eu já estava muito triste; esta natureza me pareceu selvagem, e agora...

Calou-se. *Lord* Grenville não ousou fitá-la.

— É ao senhor — disse Júlia, afinal, depois de um longo silêncio — que eu devo este prazer. É preciso estar viva para experimentar as alegrias da vida, e até agora eu estava morta para tudo. O senhor me deu mais que a saúde, ensinou-me a apreciar-lhe todo o valor...

As mulheres têm um inimitável talento para exprimir seus sentimentos sem empregar expressões demasiado vivas; sua eloquência está principalmente na entonação, no gesto, na atitude e no olhar. *Lord* Grenville escondeu a cabeça entre as mãos porque lhe rolavam lágrimas dos olhos. Esse agradecimento era o primeiro que lhe fazia Júlia desde que haviam saído de Paris. Durante todo um ano ele cuidara da marquesa com a maior das dedicações. Auxiliado por d'Aiglemont, conduzira-a às águas de Aix, depois às praias marítimas de La Rochelle. Observando a todo instante as mudanças que suas sábias e simples prescrições produziam na constituição combalida de Júlia, ele a cultivara como a uma flor rara, um floricultor apaixonado. A marquesa parecera receber os cuidados inteligentes de Artur com todo o egoísmo duma parisiense habituada às homenagens, ou com a

negligência duma cortesã que não sabe o custo das coisas nem o valor dos homens, e os avalia segundo o grau de utilidade que para ela encerram.

A influência que os lugares exercem sobre a alma é um fato digno de atenção. Se infalivelmente a melancolia se apodera de nós quando estamos à beira d'água, uma outra lei da nossa natureza impressionável faz com que, nas montanhas, nossos sentimentos se apurem; aí, a paixão ganha em profundidade o que parece perder em vivacidade. O aspecto da amplidão do Loire e a elevação da formosa colina onde os dois apaixonados estavam sentados eram, possivelmente, a causa da calma deliciosa em que eles saboreavam pela vez primeira a felicidade que se goza em descobrir a extensão de uma paixão que se esconde sob palavras de aparência insignificante. No momento em que Júlia concluía a frase que tanto emocionara *lord* Grenville, uma brisa acariciante agitou o cimo das árvores, espalhou pelo ar a frescura das águas; algumas nuvens encobriram o sol, e uma leve obscuridade deixou à mostra toda a beleza daquela maravilhosa paisagem. Júlia voltou a cabeça para não dar a ver ao jovem *lord* as lágrimas que conseguiu reter e enxugar, pois o enternecimento de Artur a conquistara de pronto. Não ousou erguer os olhos para ele, no temor de que traíssem a imensa alegria que neles se estampava. Seu instinto de mulher fazia-a sentir que nessa hora perigosa ela devia sepultar seu amor no fundo do coração. Entretanto, o silêncio podia ser igualmente temível. Ao perceber que *lord* Grenville não estava em condições de pronunciar uma palavra sequer, Júlia voltou numa voz meiga:

— Minhas palavras o comoveram, *milord*? Talvez essa viva expansão seja a maneira por que uma alma sensível e boa como a sua retifica um falso julgamento. Julgou-me ingrata, vendo-me fria e reservada, ou zombeteira e insensível, durante esta viagem, que felizmente vai em breve terminar. Eu não teria sido digna de receber seus cuidados, se não os tivesse sabido apreciar. Não esqueci nada, *milord*. Sim! não esquecerei nada, nem a solicitude que o fazia velar por mim como uma mãe vela pelo filho, nem principalmente a nobre confiança de nossas conversas fraternais, a delicadeza de seu

procedimento; seduções contra as quais todas nós nos encontramos sem defesa. *Milord*, não está no meu poder recompensá-lo...

Dito isso, Júlia afastou-se precipitadamente, e *lord* Grenville não fez nenhum movimento para detê-la; a marquesa foi até uma rocha pouco distante e ali permaneceu imóvel. Suas emoções foram um mistério para eles próprios. Sem dúvida choraram em silêncio. O canto dos pássaros, tão alegre, tão pródigo de expressões ternas ao pôr do sol, aumentou certamente a violenta comoção que os forcara a separar-se: a natureza encarregava-se de exprimir-lhes um amor de que eles não ousavam falar.

— Pois bem, *milord* — tornou Júlia voltando para junto dele numa atitude tão digna que lhe permitiu tomar-lhe a mão —, pedir-lhe-ei que torne santa e pura a vida que me restituiu. Aqui, vamo-nos separar. Sei — acrescentou vendo que *lord* Grenville empalidecia — que, por retribuição de seu devotamento, vou exigir-lhe um sacrifício ainda maior do que aqueles cuja extensão deveria ser mais bem reconhecida por mim... Mas é preciso... O senhor não permanecerá na França. Ordenar-lhe isso não é dar-lhe direitos que serão sagrados? — acrescentou, colocando a mão do moço sobre seu coração palpitante.

— Sim — disse Artur erguendo-se.

Nesse momento, ele mostrou d'Aiglemont, que trazia a filha no colo e que apareceu do outro lado de um caminho escavado, na balaustrada do castelo. Ele subira ali para fazer saltar a pequena Helena.

— Júlia, não lhe falarei do meu amor; nossas almas compreendem-se perfeitamente. Por mais profundas, por mais secretas que tenham sido as alegrias de meu coração, você partilhou de todas. Eu sinto, eu sei, eu vejo isso. Agora, possuo a deliciosa prova da constante simpatia de nossos corações; mas fugirei... Várias vezes já imaginei com excessiva habilidade os meios de poder matar esse homem, para poder resistir à tentação se continuasse junto de você.

— Eu também pensei nisso — disse ela, deixando transparecer no rosto perturbado a expressão de uma dolorosa surpresa.

Mas havia, na entonação da voz e no gesto que escapara a Júlia, tanta virtude, tanta confiança em si mesma e tantas vitórias secretamente obtidas sobre o amor, que *lord* Grenville ficou perplexo

de admiração. A própria sombra do crime tinha desvanecido naquela consciência pura. O sentimento religioso que dominava aquela bela cabeça expulsaria sempre os maus pensamentos involuntários que nossa natureza imperfeita engendra, mas que mostram ao mesmo tempo a grandeza e os perigos do nosso destino.

— Mas então — tornou ela — ter-me-ia exposto ao seu desprezo e ele me teria salvado — acrescentou baixando os olhos. — Perder sua estima não será morrer?

Os dois heroicos apaixonados permaneceram ainda um momento silenciosos, ocupados em remover suas tristezas: bons e maus, seus pensamentos eram fielmente os mesmos, e se entendiam tão bem nos prazeres mais íntimos como nas mais secretas dores.

— Não devo queixar-me, a infelicidade de minha vida é obra minha — ajuntou ela, erguendo para o céu os olhos rasos de lágrimas.

— *Milord* — exclamou o general do lugar onde estava fazendo um gesto —, foi aqui que nos encontramos pela primeira vez. Provavelmente não se lembra mais. Olhe, lá embaixo, junto daqueles choupos.

O inglês respondeu com uma brusca inclinação de cabeça.

— Eu deveria morrer jovem e infeliz — prosseguiu Júlia. — Sim, não creia que eu viva. O desgosto será tão mortal quanto o poderia ser a terrível doença de que me curou. Não me julgo culpada. Não, os sentimentos que nutro pelo senhor são irresistíveis, eternos, mas involuntários, e eu quero permanecer virtuosa. Contudo, serei ao mesmo tempo fiel à minha consciência de esposa, a meus deveres de mãe e aos desejos do meu coração. Escute — disse ela numa voz alterada —, nunca mais pertencerei a esse homem, nunca.

E, com um gesto significativo de horror e de verdade, Júlia designou o marido.

— As leis do mundo — tornou ela — exigem que eu torne a existência dele feliz, e eu obedecerei; serei sua escrava; minha dedicação por ele não terá limites, mas de hoje em diante sou viúva. Não quero ser uma prostituta nem a meus olhos nem aos olhos do mundo. Se não pertencço mais ao sr. d'Aiglemont, também não pertencerei a nenhum outro. O senhor não terá de mim nada além do

que já conseguiu. Eis a sentença que proferi contra mim mesma — disse Júlia, fitando Artur com altivez. — Ela é irrevogável, *milord*. Agora, saiba que, se o senhor cedesse a um impulso criminoso, a viúva do sr. d'Aiglemont entraria para um convento, ou na Itália, ou na Espanha. Quis a fatalidade que falássemos de nosso amor. Essa confissão talvez fosse inevitável; mas seja essa a última vez em que nossos corações tenham tão fortemente vibrado. Amanhã, simulará ter recebido uma carta que o chama à Inglaterra, e nos separaremos para nunca mais nos vermos.

Nesse instante, Júlia, exausta pelo esforço, sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, um frio mortal se apoderou dela e, levada por um pensamento bem feminino, sentou-se para não cair nos braços de Artur.

— Júlia! — gritou *lord* Grenville.

Esse grito pungente repercutiu como um raio. Esse dilacerante brado exprimiu tudo o que o apaixonado, mudo até então, não pudera dizer.

— Que é que ela tem? — perguntou o general.

Ao ouvir o grito, o marquês apressara o passo e chegara logo ante aos dois amorosos.

— Não foi nada — disse Júlia, com esse admirável sangue-frio que a finura natural às mulheres permite-lhes muitas vezes mostrar nas grandes crises da vida. — O frio da sombra desta nogueira ia me fazendo perder os sentidos, e o meu doutor assustou-se. Não sou para ele como uma obra de arte ainda inacabada? Provavelmente, temeu vê-la destruída...

Tomou audaciosamente o braço de *lord* Grenville, sorriu ao marido, olhou a paisagem antes de deixar o cimo dos rochedos e arrastou seu companheiro de viagem, pegando-lhe a mão.

— Este é certamente o mais lindo lugar que já vimos — disse ela —, nunca o esquecerei. Veja, Vítor, que amplidão, que variedade de panoramas se descortina. Este lugar faz-me pensar no amor.

Rindo com um riso quase convulsivo, mas rindo de modo a enganar o marido, ela saltou alegremente para o caminho em descida e desapareceu.

— Como! tão cedo?... — disse ela quando se achou longe do sr. d'Aiglemont. — Daqui a um momento não mais poderemos ser, e nunca mais seremos nós mesmos; enfim, cessaremos de viver...

— Vamos devagar — respondeu *lord* Grenville —, as carruagens ainda estão longe. Caminharemos juntos, e se nos é permitido expressar-nos falando com os olhos, nossos corações terão mais um momento de vida.

Passearam pelo terraço, pela beira do rio, às últimas luzes do dia, quase silenciosos, dizendo palavras vagas, doces como o murmúrio do Loire, mas que abalavam a alma. O sol, no momento de desaparecer, envolveu-os em seus reflexos vermelhos, imagem melancólica daquele amor fatal. Preocupado por não encontrar sua carruagem no ponto em que ela estacionara, o general seguia ou precedia os dois enamorados, sem se intrometer na palestra. A nobre e delicada conduta de *lord* Grenville durante a viagem destruíra as suspeitas do marquês, e desde algum tempo ele deixava a mulher livre, confiando na fé púnica do *lord* doutor. Artur e Júlia caminharam ainda na triste e dolorosa união de seus corações dilacerados. Pouco antes, quando subiam pelas escarpas de Montcontour, sentiam ambos uma vaga esperança, numa felicidade inquieta que não ousavam definir; mas ao descerem ao longo do terraço, haviam derrubado o frágil edifício construído em suas imaginações, e sobre o qual nem ousavam respirar, como crianças que preveem a queda do castelo de cartas que ergueram. Estavam sem esperanças. Naquela mesma noite, *lord* Grenville partiu. O último olhar que lançou a Júlia provou, desgraçadamente, que, desde o momento em que a simpatia lhes revelara a extensão de uma paixão tão forte, ele tivera razão de desconfiar de si próprio.

Quando o marquês d'Aiglemont e a mulher se encontraram no dia seguinte sentados no fundo da carruagem, sem o companheiro de viagem, e percorreram com rapidez o itinerário seguido em 1814 pela marquesa, então ignorante do amor e quase lhe amaldiçoando a constância, ela encontrou inúmeras impressões esquecidas. O coração tem uma memória própria. Uma mulher incapaz de evocar os acontecimentos mais graves lembrar-se-á durante toda a vida das coisas que dizem respeito a seus sentimentos. Por isso, Júlia recordou

com precisão até detalhes frívolos; reconheceu com satisfação os mais insignificantes acidentes de sua primeira viagem, e até mesmo pensamentos que lhe ocorreram em determinados trechos da estrada. Vítor, novamente apaixonado pela mulher desde que ela recobrou o frescor da juventude e toda a sua beleza, aconchegou-se a ela, amorosamente. Quando a procurou apertar nos braços, ela se afastou suavemente e encontrou não sei que pretexto para evitar essa inocente carícia. Pouco depois ela experimentou repugnância ao contato de Vítor, de quem sentia e partilhava o calor, pela maneira como estavam sentados. Quis acomodar-se sozinha na frente do veículo, mas Vítor fez-lhe a gentileza de deixá-la no fundo. Ela agradeceu-lhe a atenção com um suspiro que o enganou, e aquele velho sedutor de caserna, interpretando a seu favor a melancolia da mulher, obrigou-a no fim do dia a falar-lhe com uma firmeza que lhe causou respeito.

— Meu amigo — disse-lhe —, você já quase me matou, bem o sabe. Se eu ainda fosse uma mocinha sem experiência, poderia recommençar o sacrifício de minha vida; mas sou mãe, tenho uma filha para criar e devo-me tanto a um como a outro. Sofremos uma desgraça que nos atinge igualmente. Você é muito menos digno de lástima que eu. Não consegui encontrar consolações que o meu dever, nossa honra comum, e, mais que tudo, a natureza me interditavam. Olhe — acrescentou ela —, você esqueceu estouvadamente numa gaveta três cartas da sra. de Sérisy; cá estão. Meu silêncio prova-lhe que você tem em mim uma mulher cheia de indulgência e que não exige de você os sacrifícios a que as leis a condenam; mas tenho refletido bastante para compreender que nossos papéis não são idênticos e que só a mulher é predestinada ao infortúnio. Minha virtude repousa em princípios determinados e fixos. Saberei levar uma vida irrepreensível; mas deixe-me viver.

O marquês, aturdido pela lógica que as mulheres sabem estudar à luz do amor, ficou subjugado pela espécie de dignidade que lhes é natural nessas crises. A repulsa instintiva que Júlia manifestava por tudo o que melindrava seu amor e seus íntimos desejos correspondia a uma das mais belas características da mulher, proveniente talvez de uma virtude natural que nem as leis nem a civilização jamais conseguirão abafar. Mas quem ousaria censurar as mulheres? Quando

impõem silêncio ao sentimento exclusivo que não lhes permite pertencer a dois homens, não serão elas como padres sem crença? Se alguns espíritos rígidos reprovam a espécie de transação que Júlia concluiu entre seus deveres e seu amor, as almas apaixonadas verão nisso um crime. Essa reprovação geral acusa a infelicidade que aguarda as desobediências às leis, ou as tristíssimas imperfeições nas instituições em que assenta a sociedade europeia.

Passaram-se dois anos, durante os quais o sr. e a sra. d'Aiglemont levaram a vida de sociedade mundana, indo cada um para o seu lado, encontrando-se mais vezes nos salões de que em casa; elegante divórcio no qual terminam muitos casamentos nas altas rodas. Uma noite, por exceção, os dois esposos acharam-se reunidos no salão da sua própria casa. A sra. d'Aiglemont tivera uma de suas amigas para jantar. O general, que sempre jantava na cidade, ficara em casa.

V – A ENTREVISTA

— Vai ficar muito satisfeita, senhora marquesa — disse o sr. d'Aiglemont, descansando sobre uma mesa a taça em que tinham bebido o café.

O marquês fitou a sra. de Wimphen com um ar entre malicioso e triste, e acrescentou:

— Parto para uma longa caçada, com o monteiro-mor. Durante oito dias, pelo menos, você ficará completamente viúva, e é o que deseja, creio eu... Guilherme — disse depois ao criado que veio retirar as taças —, mande atrelar.

A sra. de Wimphen era aquela Luísa a quem outrora a sra. d'Aiglemont queria aconselhar o celibato. As duas mulheres trocaram um olhar de inteligência que provava ter Júlia encontrado na amiga uma confidente das suas penas, confidente preciosa e bondosa, porque a sra. de Wimphen era felicíssima no casamento; e, na situação oposta em que elas estavam, talvez a felicidade de uma fosse uma garantia de sua consideração pela infelicidade da outra. Em tais casos, a dessemelhança de destinos é quase sempre um poderoso vínculo de amizade.

— Agora é tempo de caça? — perguntou Júlia, lançando um olhar indiferente para o marido.

O mês de março chegava ao fim.

— O monteiro-mor caça quando quer e onde quer. Vamos à floresta real caçar javalis — foi a resposta.

— Cuide-se para que não lhe aconteça algum acidente...

— Uma desgraça é sempre imprevista — disse ele sorrindo.

— A carruagem do senhor marquês está pronta — anunciou Guilherme.

O general levantou-se, beijou a mão da sra. de Wimphen e voltou-se para Júlia.

— E se eu morresse vítima de um javali! — disse ele com um ar súplice.

— Que significa isso? — inquireu a sra. de Wimphen.

— Vamos, venha — disse a sra. d'Aiglemont a Vítor.

Depois, sorriu, como para dizer a Luísa: “Tu vais ver”.

Júlia ofereceu o pescoço ao marido, que se aproximou para beijá-la; mas a marquesa inclinou-se tanto, que o beijo conjugal deslizou sobre os tufos de sua pelerine.

— Será testemunha perante Deus — tornou o marquês dirigindo-se à sra. de Wimphen — de que necessito uma licença especial para obter este ligeiro favor. Eis como minha mulher entende o amor. Levou-me a esse ponto não sei por que ardil. Divirta-se!

E saiu.

— Mas o teu pobre marido é de fato muito bom — exclamou Luísa assim que as duas se encontraram a sós. — Ele te ama.

— Oh! não acrescentes uma única sílaba a esta última palavra. Odeio o nome que uso...

— Sim, mas Vítor te obedece inteiramente — disse Luísa.

— Sua obediência — respondeu Júlia — é em parte fundada sobre a grande estima que eu lhe inspirei. Sou uma mulher virtuosíssima segundo as leis; torno-lhe a casa agradável; fecho os olhos às suas intrigas; nada gasto de sua fortuna; ele pode dissipar seus rendimentos a seu bel-prazer: cuido unicamente de conservar o capital. Por esse preço, compro a paz. Ele não compreende ou não quer compreender

minha existência. Mas se conduzo assim meu marido, não é sem temer os efeitos de seu caráter. Sou como um condutor de urso, que teme que a focinheira um dia arrebente. Se Vítor acreditasse ter o direito de não mais me estimar, não me atrevo a prever o que poderia acontecer, pois ele é violento, cheio de amor-próprio e sobretudo de vaidade. Não tem inteligência bastante fina para tomar uma decisão ponderada numa circunstância delicada que pusesse à prova suas paixões, é fraco de caráter, e talvez me matasse, para morrer de desgosto no dia seguinte. Mas não há que temer essa fatal felicidade...

Houve um momento de silêncio, em que os pensamentos das duas amigas voltaram-se para a causa secreta daquela situação.

— Eu fui cruelmente obedecida — tornou Júlia, lançando um olhar de inteligência a Luísa. — Contudo, eu não lhe tinha proibido que me escrevesse. Ah! ele me esqueceu, e com razão. Seria demasiado funesto que seu destino fosse truncado! Já não basta o meu? Acreditas que leio os jornais ingleses na esperança de encontrar seu nome? Mas ele ainda não apareceu na câmara dos *lords*.

— Sabes inglês?

— Não te contei? Eu aprendi!

— Pobrezinha! — exclamou Luísa, agarrando a mão de Júlia. — Como é que ainda consegues viver?

— Isso é segredo — respondeu a marquesa, deixando escapar um gesto de candura quase infantil. — Escuta. Tomo ópio. A história da duquesa de..., em Londres, deu-me a ideia. Tu sabes, Maturin[410] aproveitou-a para um romance. Minhas gotas de láudano são muito fracas. Durmo. Só passo sete horas acordada, e as consagro à minha filha...

Luísa olhou o fogo, sem ousar encarar a amiga, cujas misérias pela primeira vez se desvendavam a seus olhos.

— Luísa, guarda meu segredo — disse Júlia depois de um momento de silêncio.

Quase ao mesmo tempo entrou um criado com uma carta para a marquesa.

— Ah! — exclamou ela empalidecendo.

— Não perguntarei de quem é — disse a sra. de Wimphen.

A marquesa lia e não ouvia mais nada; sua amiga viu os mais vivos sentimentos e a mais perigosa exaltação estamparem-se no rosto da sra. d'Aiglemont, que corava e empalidecia alternadamente. Por fim, Júlia lançou o papel ao fogo.

— Esta carta é abrasadora! Oh, o coração sufoca-me!

Ergueu-se, caminhou; seus olhos ardiam.

— Ele não saiu de Paris! — exclamou.

Suas frases bruscas, que a sra. de Wimphen não ousou interromper, foram entrecortadas por pausas horrorosas. A cada interrupção, as palavras eram pronunciadas com um acento cada vez mais profundo. As últimas tiveram qualquer coisa de terrível.

— Ele não cessou de me ver, sem que eu o soubesse. Um olhar meu que surpreenda cada dia ajuda-o a viver. Sabes duma coisa, Luísa? Ele está à morte, e pede para me dizer adeus; sabe que meu marido se ausentou esta noite por vários dias e vai vir de um momento para outro. Oh, eu morrerei! Estou perdida. Escuta, fica comigo. Diante de duas mulheres, ele não se atreverá! Fica, por favor! Tenho medo de mim.

— Mas meu marido sabe que jantei contigo e deve vir buscar-me — respondeu a sra. de Wimphen.

— Pois bem! Eu o mandarei embora antes de teres saído. Serei o algoz de nós dois. Pobre de mim! Ele acreditará que já não o amo. E essa carta! Continha frases que eu vejo escritas em traços de fogo.

Uma carruagem parou à porta.

— Ah — exclamou a marquesa com uma espécie de alegria —, ele vem publicamente e sem mistério!

— *Lord Grenville!* — anunciou o criado.

A marquesa permaneceu de pé, imóvel. Ao ver Artur pálido, magro e abatido, não era possível haver severidade. Por mais contrariado que ficasse por não encontrar Júlia sozinha, *lord Grenville* aparentou calma e frieza. Mas para aquelas duas mulheres iniciadas nos mistérios de seu amor, sua contenção, o som da sua voz, a expressão do seu olhar, tudo teve um pouco do poder atribuído ao peixe-elétrico. A marquesa e a sra. de Wimphen ficaram como que paralisadas pela viva comunicação duma dor horrível. O som da voz de *lord Grenville* fazia

palpitar tão cruelmente a sra. d'Aiglemont, que ela não se atrevia a responder-lhe com medo de revelar-lhe a extensão do poder que ele exercia sobre ela. *Lord Grenville* não ousava olhar para Júlia, de sorte que a sra. de Wimphen teve que arcar com o ônus duma palestra sem interesse; lançando-lhe um olhar de profundo reconhecimento, Júlia agradeceu-lhe o socorro que lhe prestava. Então, os dois amantes impuseram silêncio a seus sentimentos e tiveram de ater-se aos limites prescritos pelos deveres e pelas conveniências. Mas pouco depois foi anunciado o sr. de Wimphen; ao vê-lo entrar, as duas mulheres amigas trocaram um olhar e compreenderam, sem se falar, as novas dificuldades da situação. Era impossível colocar o sr. de Wimphen a par do segredo daquele drama, e Luísa não tinha motivos ponderáveis a apresentar ao marido, para pedir-lhe que a deixasse ficar com a amiga. Quando a sra. de Wimphen vestiu o xale, Júlia ergueu-se e, fingindo ajudar Luísa, segredou-lhe:

— Terei coragem. Se ele veio publicamente à minha casa, que posso temer? Mas sem ti, no primeiro momento, ao vê-lo tão mudado, teria caído a seus pés.

— Então, Artur, por que não me obedeceu? — disse a sra. d'Aiglemont numa voz trêmula, voltando a tomar seu lugar num sofá, onde *lord Grenville* não se atreveu a ir sentar-se.

— Não pude resistir por mais tempo ao prazer de ouvir sua voz, de estar ao seu lado. Era uma loucura, um delírio. Não me domino mais. Examinei-me bem, estou muito fraco. Vou morrer. Mas morrer sem tê-la visto, sem ter escutado o farfalhar de seu vestido, sem ter recolhido suas lágrimas, que morte!

Ele quis afastar-se de Júlia, mas com o brusco movimento que fez caiu-lhe uma pistola que trazia no bolso. A marquesa olhou para a arma com um olhar que não exprimia mais nem paixão nem indagação. *Lord Grenville* apanhou a arma e pareceu violentamente contrariado com um acidente que poderia passar por uma especulação de apaixonado.

— Artur! — exclamou Júlia.

— Senhora — respondeu ele baixando os olhos —, eu vinha desesperado, eu queria...

Calou-se.

— Queria matar-se em minha casa! — exclamou ela.

— Não sozinho — disse ele com uma voz meiga.

— Mas como? Meu marido, talvez?

— Não, não — exclamou ele numa voz sufocada. — Mas tranquilize-se, meu fatal projeto se desvaneceu. Assim que entrei, quando a vi, senti-me com coragem de matar-me, de morrer sozinho.

Júlia levantou-se, lançou-se nos braços de Artur que, apesar dos soluços de sua amada, distinguiu duas frases cheias de paixão.

— Conhecer a felicidade e morrer — disse ela. — Pois bem, seja!

Toda a história de Júlia estava encerrada nessa exclamação veemente, nascida de um ímpeto da natureza e do amor ao qual sucumbem as mulheres sem religião; Artur agarrou-a e transportou-a para o canapé com um movimento animado de toda a violência que dá uma felicidade inesperada. Mas, de súbito, a marquesa arrancou-se dos braços de seu amado, lançou-lhe um olhar fixo de mulher desesperada, tomou-o pela mão, segurou um candelabro, arrastou-o para o quarto de dormir; depois, chegando junto ao leito em que dormia Helena, afastou com cuidado as cortinas e descobriu a filha, pondo uma mão diante da vela, para que a claridade não ofendesse as pálpebras transparentes e mal cerradas da criança. Helena tinha os braços abertos e sorria dormindo. Júlia, com um olhar, mostrou a filha a *lord Grenville*. Esse olhar dizia tudo.

— Um marido nós podemos abandonar mesmo quando ele nos ama. Um homem é um ser forte, tem seus lenitivos. Podemos desprezar as leis da sociedade. Mas uma criança sem mãe!

Todos esses pensamentos, e ainda mil outros mais enternecedores, estavam presentes naquele olhar.

— Podemos levá-la — murmurou o inglês —; hei de amá-la muito...

— Mamãe! — disse Helena despertando.

Ouvindo essa palavra, Júlia rompeu em prantos. *Lord Grenville* sentou-se e permaneceu de braços cruzados, pensativo e mudo.

“Mamãe!” Essa maravilhosa, essa meiga interpelação despertou tantos sentimentos nobres e tantos afetos irresistíveis, que o amor ficou por um momento soterrado sob a voz potente da maternidade.

Júlia não era mais mulher, era mãe. *Lord* Grenville não resistiu muito tempo; as lágrimas de Júlia o contagiaram. Nesse momento, uma porta aberta com violência fez grande ruído, e as palavras: “Sra. d’Aiglemont, onde está?” repercutiram como um raio no coração dos dois apaixonados. O marquês tinha voltado. Antes que Júlia pudesse ter recobrado seu sangue-frio, o general dirigia-se de seu quarto para o da esposa. As duas peças eram contíguas. Felizmente, Júlia fez um sinal a *lord* Grenville, que se lançou para o quarto de vestir, cuja porta a marquesa fechou rapidamente.

— Cá estou de volta, não se realizou a caçada — disse Vítor à mulher. — Vou deitar-me.

— Boa noite — disse-lhe ela —, também vou fazer o mesmo. Permita pois que eu me dispa.

— Está intratável esta noite. Seja como quer, sra. marquesa.

O general voltou para seu quarto. Júlia acompanhou-o para fechar a porta de comunicação e correu para libertar *lord* Grenville.

Recuperou toda sua presença de espírito e pensou que a visita de seu antigo médico era uma coisa muito natural; podia tê-lo deixado no salão para ir deitar a filha, ia dizer-lhe que voltasse para lá sem fazer ruído; mas quando abriu a porta do quarto, soltou um grito lancinante. Os dedos de *lord* Grenville tinham sido esmagados na ranhura.

— Que foi que aconteceu? — perguntou o marido.

— Nada, nada — respondeu ela —, piquei o dedo com um alfinete.

A porta de comunicação abriu-se de repente. A marquesa julgou que o marido vinha por causa dela e maldisse essa solicitude em que o coração não participava. Mal teve tempo de fechar o quarto de vestir, e *lord* Grenville não tivera tempo de retirar a mão. O general de fato apareceu, mas a marquesa se enganava; ele vinha por interesse próprio.

— Podes emprestar-me um lenço de seda? Esse paspalhão do Carlos me deixou sem nenhum. Nos primeiros tempos do nosso casamento tinhas um tal cuidado com as minhas coisas que até me aborrecias. Ah, a lua de mel não durou muito para mim, nem para as minhas gravatas! Agora estou entregue ao braço secular dessa gente que zomba de mim.

— Aqui tem um lenço. Não entrou no salão?

— Não.

— Talvez que ainda tivesse encontrado *lord* Grenville.

— Ele está em Paris?

— Ao que parece.

— Oh, é de se esperar! O bom doutor!

— Ele já deve ter partido — exclamou Júlia.

Nesse momento o marquês estava no meio do quarto da mulher e abrigava a cabeça com o lenço, mirando-se no espelho.

— Não sei onde andam os criados — disse ele. — Já chamei Carlos três vezes e ele não apareceu. A sua criada de quarto, onde está? Chame-a, que quero mais uma coberta na minha cama esta noite.

— Paulina saiu — respondeu secamente a marquesa.

— À meia-noite? — indagou o general.

— Dei-lhe permissão para ir à Ópera.

— É estranho! —olveu o marido, enquanto se despia.— Pensei tê-la visto subindo a escada.

— Então com certeza já voltou — disse Júlia fingindo impaciência.

Depois, para não despertar nenhuma suspeita no marido, a marquesa puxou o cordão da campainha, mas fracamente.

Os acontecimentos dessa noite não foram todos perfeitamente conhecidos, mas devem ter sido tão simples, tão horríveis como os vulgares incidentes domésticos anteriores. A partir do dia seguinte, a marquesa d'Aiglemont recolheu-se ao leito por vários dias.

— Que foi que aconteceu de tão extraordinário em tua casa, para que todo mundo fale de tua mulher? — perguntou o sr. Ronquerolles ao sr. d'Aiglemont poucos dias depois dessa noite catastrófica.

— Segue o meu conselho, não te cases — disse d'Aiglemont. — Pegou fogo no cortinado da cama em que Helena dormia; minha mulher sofreu um tal choque que ficará doente por um ano, segundo diz o médico. A gente se casa com uma mulher bonita, ela se torna feia; casamo-nos com uma moça cheia de saúde, ela se torna adoentada; julgamo-la ardente, e ela é fria; ou, então, aparentemente fria, é na realidade tão impetuosa que nos mata, ou nos desonra. A criatura mais meiga é caprichosa, e a caprichosa nunca se torna meiga; a jovem que imaginamos simplória e fraca demonstra contra nós uma vontade de

ferro, um espírito satânico. Estou farto de casamento.

— Ou de tua mulher.

— Isso seria difícil. A propósito, queres ir comigo a Saint-Thomas-d'Aquin assistir ao enterro de *lord* Grenville?

— Singular passatempo! Mas — tornou Ronquerolles —, sabe-se afinal a causa de sua morte?

— Seu criado de quarto pretende que ele passou toda uma noite sobre o peitoril exterior duma janela para salvar a honra da amante; e tem feito um frio dos diabos estes dias!

— Essa dedicação seria muito louvável num de nós, velhos traquejados; mas *lord* Grenville, moço... e inglês... Esses ingleses procuram sempre singularizar-se.

— Ora — respondeu d'Aiglemont —, esses rasgos de heroísmo dependem da mulher que os inspira, e não foi certamente por causa da minha que esse pobre Artur morreu!

SEGUNDA PARTE

SOFRIMENTOS DESCONHECIDOS

Entre o pequeno rio Loing e o Sena estende-se uma vasta planície, marginada pela floresta de Fontainebleau e pelas cidades de Moret, Nemours e Montereau. Essa árida região oferece à vista apenas umas raras elevações; por vezes, no meio dos campos, alguns capões que servem de refúgio à caça; depois, por toda a parte, essas linhas infinitas, cinzentas ou amareladas, peculiares aos horizontes da Sologne, da Beauce e do Berri.

Em meio a essa planície, entre Moret e Montereau, o viajante divisa um velho castelo chamado Saint-Lange, a cujos arredores não falta grandeza nem majestade. São magníficas avenidas de olmos, fossos, longas muralhas, jardins imensos e vastas construções senhoriais, que, para serem construídas, necessitavam dos impostos extorsivos, das fraudes autorizadas ou das grandes fortunas aristocráticas, hoje em dia

destruídas pelo martelo do Código Civil. Se algum artista ou sonhador por acaso se perder nos caminhos com profundos trilhos ou nas terras compactas que defendem o acesso a essa região, perguntará consigo mesmo por que capricho esse castelo poético foi erguido nessa savana de trigo, nesse deserto de greda, de marga e de areia, onde a alegria morre, onde infalivelmente a tristeza nasce, onde a alma é incessantemente oprimida por uma solidão sem voz, um horizonte monótono, belezas negativas, mas favoráveis aos sofrimentos que não desejam consolo.

Uma mulher moça, célebre em Paris por sua graça, por sua beleza e por seus dotes de espírito, e cuja posição social e fortuna estavam em harmonia com a sua celebridade, veio, com grande espanto do vilarejo situado a cerca de uma milha de Saint-Lange, estabelecer-se ali em fins do ano de 1820.^[411] Desde tempos imemoriais que os rendeiros e camponeses não viam os donos do castelo. Se bem que de uma produção considerável, as terras estavam abandonadas aos cuidados de um administrador e guardadas por velhos serviçais. Por isso, a viagem da senhora marquesa causou uma certa sensação na região.

Muitas pessoas tinham-se agrupado na entrada da vila, no pátio de um albergue situado no entroncamento das estradas de Nemours e Moret, para verem passar uma caleça que avançava lentamente, pois a marquesa viera de Paris com os seus cavalos. No assento dianteiro, a criada de quarto fazia companhia a uma menina mais tristonha que risonha. A mãe vinha no fundo da carruagem, imóvel como um moribundo que os médicos tivessem enviado para o campo. A fisionomia abatida dessa jovem senhora delicada não satisfaz muito aos políticos da vila, que com sua chegada a Saint-Lange passaram a ter esperança de um movimento qualquer na comuna. Era visível que qualquer espécie de movimento era antipático àquela mulher sofredora.

A pessoa mais inteligente da vila de Saint-Lange declarou à noite na taberna onde bebiam as pessoas importantes do lugar que, pela tristeza estampada em seu rosto, a marquesa devia estar arruinada. Na ausência do marquês, que os jornais designavam como devendo acompanhar o duque d'Angoulême à Espanha, ela ia economizar em

Saint-Lange a quantia necessária para cobrir os prejuízos resultantes de especulações na Bolsa. O marquês era um dos maiores jogadores. Talvez as terras fossem vendidas em pequenos lotes. Haveria então boas oportunidades para negócios. Cada um deveria tratar de contar seus escudos, tirá-los do cofre, balancear os recursos a fim de ter sua parte na fragmentação de Saint-Lange. Essa perspectiva pareceu tão bela que cada um dos figurões, impaciente por saber se ela tinha fundamento, pensou na maneira de saber a verdade por meio dos serviçais do castelo; mas nenhum deles pôde informar sobre a catástrofe que levava sua patroa, no início do inverno, para o velho castelo de Saint-Lange, quando possuía outras terras famosas pela paisagem alegre e pela beleza dos jardins. O *maire*^[412] foi apresentar seus cumprimentos à marquesa, mas não foi recebido. Depois dele, apresentou-se o administrador da propriedade, mas sem maior sucesso.

A marquesa só abandonava o quarto para que o mesmo fosse arrumado, e durante esse tempo permanecia numa pequena sala contígua onde jantava, se se pode chamar jantar o sentar-se a uma mesa, olhar com fastio para as iguarias e comer precisamente o necessário para não morrer de fome. Depois voltava imediatamente para a poltrona antiga na qual, desde a manhã, sentava-se junto à única janela que iluminava o quarto. Só via a filha durante os poucos instantes que empregava em sua melancólica refeição, e ainda assim parecia não ter muito prazer nisso. Não serão precisos sofrimentos inauditos para matar, numa mulher moça, o sentimento materno? Nenhum dos criados podia penetrar em seus aposentos. A criada de quarto era a única pessoa cujos serviços lhe agradavam. Exigiu um silêncio absoluto no castelo; a filha teve de ir brincar longe dela. Era-lhe tão difícil suportar o mínimo ruído, que qualquer voz humana, mesmo a da filha, a incomodava. Os moradores da região muito se preocuparam com essas singularidades; mas afinal, esgotadas todas as hipóteses, nem as aldeias circunvizinhas nem os camponeses pensaram mais naquela mulher doente.

Entregue a si mesma, a marquesa pôde, pois, permanecer perfeitamente silenciosa em meio ao silêncio que estabelecera em volta

de si, e não teve nenhuma ocasião para sair do quarto forrado de tapeçarias onde falecera sua avó e onde se recolhera para morrer suavemente, sem testemunhas, sem importunações, sem sofrer as falsas demonstrações dos egoísmos mascarados de afeição, que, nas cidades, causam aos moribundos uma dupla agonia. Essa mulher tinha vinte e seis anos. Nessa idade, uma alma ainda cheia de poéticas ilusões encontra prazer em saborear a morte, quando ela se lhe afigura benfazeja. Mas a morte é uma sedutora falaz das pessoas jovens; aproxima-se e recua, mostra-se e esconde-se; a demora desilude-as dela, a incerteza que lhes causa o amanhã termina por lançá-las de novo no mundo, onde tornarão a encontrar a dor, que, mais impiedosa que a morte, há de feri-las sem se fazer esperar. Ora, essa mulher que se recusava a viver ia sentir a amargura dessa demora no fundo de sua solidão, e nesta fazer, numa agonia moral que a morte não terminaria, uma terrível aprendizagem de egoísmo que devia corromper-lhe o coração e amoldá-lo à sociedade.

Essa cruel e triste lição é sempre o fruto de nossos primeiros dissabores. A marquesa sofria verdadeiramente pela primeira e talvez pela única vez em sua vida. Na verdade, não é um erro acreditar que os sentimentos se reproduzam? Uma vez desencadeados, não existem sempre nos arcanos do coração? Eles aí adormecem ou despertam ao sabor dos acidentes da vida, mas aí permanecem, e essa permanência modifica necessariamente a alma. Assim, todo sentimento só teria um dia de existência, o dia mais ou menos longo de sua primeira agitação. Assim, a dor, o mais constante de nossos sentimentos, só seria realmente viva quando de sua primeira eclosão e suas outras crises iriam enfraquecendo, ou porque nos fôssemos acostumando a elas ou em virtude de uma lei de nossa natureza, que, para se manter viva, opõe a essa força destrutiva uma força igual mas inerte, oriunda dos interesses do egoísmo. Mas, entre todos os sofrimentos, a qual caberá esse nome de dor? A perda dos pais é um desgosto para o qual a natureza preparou o homem; o mal físico é passageiro, não abrange a alma; e se persiste, não é mais um mal, é a morte. Se uma mulher moça perde o filho recém-nascido, em pouco tempo o amor conjugal lhe dará um sucessor. Também essa aflição é passageira. Finalmente, esses

pesares e muitos outros semelhantes são, de certo modo, golpes, feridas, mas nenhum afeta a vitalidade em sua essência, e é mister que se sucedam de um modo raro para matar o sentimento que nos leva a procurar a felicidade. A grande, a verdadeira dor seria um mal suficientemente aniquilador para atingir a um tempo o passado, o presente e o futuro, não deixar íntegra nenhuma parte da vida, desnaturar em definitivo o pensamento, gravar-se de modo indelével nos lábios e na fronte, afrouxar ou extinguir os impulsos do prazer, introduzindo na alma um princípio de desencanto por todas as coisas deste mundo. Ainda mais: para ser imenso, para assim pesar sobre a alma e sobre o corpo, esse mal deveria chegar num momento da vida em que todas as forças espirituais e corporais são ainda jovens, e fulminar um coração em pleno vigor. O mal produz então uma imensa ferida; grande é o sofrimento, e ninguém poderá triunfar dessa doença sem alguma poética transformação: ou envereda pelo caminho do céu, ou, se permanece aqui embaixo, volta à sociedade para mentir-lhe, para nela fazer figura, representar um papel, e desde logo fica conhecendo os bastidores onde a gente se retira para meditar, chorar e gracejar. Depois dessa crise solene não restam mais mistérios na vida social, que desde então está irrevogavelmente julgada. Nas mulheres da idade da marquesa, essa primeira e mais pungente de todas as dores é sempre causada pelo mesmo fato. A mulher, e principalmente a mulher moça, tão grande pelo espírito como pela beleza, jamais deixa de consagrar sua vida àquilo a que a natureza, o sentimento e a sociedade a impelem inteiramente. Se essa vida vem a falhar e se ela continua na terra, experimentará os mais cruéis sofrimentos, pela razão que torna o primeiro amor o mais belo de todos os sentimentos. Por que essa desgraça não teve jamais um pintor nem um poeta? Mas será possível pintá-la, será possível cantá-la? Não, a natureza das dores que ela engendra escapa à análise e às cores da arte. De resto, esses sofrimentos nunca são confiados: para consolar deles uma mulher é preciso adivinhá-los, porque, sempre amargamente contidos e religiosamente sentidos, eles permanecem na alma como uma avalanche que, precipitando-se num vale, destroça tudo antes de encontrar um caminho.

A marquesa estava então abismada nesses sofrimentos que por muito tempo ainda permanecerão desconhecidos, porque tudo no mundo os condena, ao passo que o sentimento os afaga e a consciência duma verdadeira mulher sempre os justifica. Acontece com esses sofrimentos o que acontece com essas crianças infalivelmente deserdadas da vida, que estão ligadas por laços mais fortes ao coração das mães do que os filhos bem-dotados. Jamais talvez essa medonha catástrofe que mata tudo o que há de vida além de nós mesmos tenha sido tão viva, tão completa, tão cruelmente agravada pelas circunstâncias como acabava de ser para a marquesa. Um homem adorado, jovem e generoso, a cujos desejos jamais acedera, a fim de obedecer às leis da sociedade, tinha morrido para lhe preservar aquilo a que a sociedade chama *a honra de uma mulher*. A quem podia ela dizer: “Eu soffro!”? Suas lágrimas ofenderiam o marido, causa primeira da sua desgraça. As leis e os costumes proscravam seus queixumes; uma amiga ter-se-ia rejubilado com eles, deles um homem se teria aproveitado. Não, aquela pobre infeliz só podia chorar à vontade num deserto, tragar na solidão seu sofrimento ou ser tragada por ele, morrer ou matar qualquer coisa em si, sua consciência, talvez.

Havia alguns dias que ela permanecia com os olhos fixos num horizonte plano no qual, como na perspectiva de sua vida, não havia nada a procurar, nada a esperar, em que tudo se abrangia com um só relance, e no qual encontrava as imagens da fria desolação que lhe despedaçava o coração. As manhãs brumosas, um céu de claridade fraca, nuvens correndo baixo sob uma abóbada cinzenta ajustavam-se ao estado de sua doença moral. O coração não se lhe comprimia, não estava nem mais nem menos fanado; não, a sua natureza viçosa e florida petrificava-se pela ação lenta de uma dor intolerável, porque sem fim. Sofria por si e para si. E sofrer assim não será tomar pé no egoísmo? Tenebrosos pensamentos atravessavam-lhe a consciência, ferindo-a. Interrogava-se de boa-fé e achava em si duas mulheres: uma que raciocinava e uma que sentia, uma que sofria e uma que não queria mais sofrer. Reportava-se às alegrias de sua infância, decorrida sem que lhe sentisse a felicidade e cujas imagens límpidas acudiam-lhe em tropel como que para lhe acusar as decepções de um casamento

afortunado aos olhos da sociedade e horrível na realidade. De que lhe tinham servido os pudores da juventude, os prazeres reprimidos e os sacrifícios feitos à sociedade? Se bem que tudo nela exprimisse e esperasse o amor, perguntava a si mesma para que agora a harmonia de seus movimentos, seu sorriso e sua graça? Sua mocidade e voluptuosidade tinham para ela o mesmo caráter irritante que um som repetido indefinidamente. Sua beleza era-lhe insuportável como uma coisa inútil. Via com horror que não mais poderia ser uma criatura completa. Seu eu interior não perdera a faculdade de sentir as impressões novas que tanto encanto dão à vida? Para o futuro, a maior parte de suas sensações se desvaneceriam tão logo fossem recebidas, e muitas das que outrora a tinham emocionado iriam agora tornar-se-lhe indiferentes. Depois da infância da criatura vem a infância do coração. E seu amado levava para a tumba essa segunda infância. Jovem ainda por seus desejos, ela não mais possuía essa inteira juventude de alma que dá a tudo na vida seu valor e seu sabor. Não guardaria em si um princípio de tristeza, de desconfiança, capaz de restituir a suas emoções sem vigor seu arrebatamento? Porque nada mais poderia dar-lhe a felicidade que esperara, que sonhara tão linda. Suas primeiras lágrimas verdadeiras apagavam esse fogo celeste que ilumina as primeiras emoções do coração; ela devia sofrer sempre por não ser o que poderia ter sido. Dessa crença deve proceder a amarga melancolia que leva a virar o rosto quando de novo o prazer se apresenta.

Agora ela julgava a vida pela mesma forma que um ancião prestes a deixá-la. Embora sentindo-se jovem, a totalidade de seus dias sem alegria caía-lhe sobre a alma, esmagando-a e envelhecendo-a antes do tempo. Num grito de desespero, ela perguntava ao mundo o que lhe daria ele em troca do amor que a ajudara a viver e que ela havia perdido. Perguntava a si mesma se em seus amores desfeitos, tão castos e tão puros, o pensamento não tinha sido mais culpável que a ação. Sentia prazer em fazer-se culpada para insultar a sociedade e para se consolar de não ter tido com aquele que pranteava essa comunhão perfeita que, justapondo as almas uma à outra, diminui a dor que fica pela certeza de ter inteiramente gozado da felicidade, de ter sabido plenamente proporcioná-la, e de conservar em si uma marca

daquela que já não existe. Achava-se descontente como uma atriz que falhou num papel, porque essa dor lhe atacava todas as fibras, o coração e o cérebro. Se a natureza estava contrariada em seus mais íntimos impulsos, a vaidade não estava menos ferida que a bondade que leva a mulher a sacrificar-se. Depois, agitando todas as questões, revolvendo todas as fontes das diferentes existências que nos dão as naturezas social, moral e física, ela relaxava tanto as forças da alma, que, em meio às mais contraditórias reflexões, não conseguia agarrar-se a nada. Assim, por vezes, quando caía o nevoeiro, ela abria a janela e ali ficava sem pensar em nada, ocupada em respirar maquinalmente o odor úmido e terroso espalhado no ar, de pé, imóvel, aparentemente idiota, porque o zumbido de sua dor tornava-a igualmente surda às harmonias da natureza e aos encantos do pensamento.

Um dia, pelo meio-dia, no momento em que o sol aclarara o tempo, a criada de quarto entrou sem ser chamada e disse-lhe:

— Esta é a quarta vez que o cura vem procurar a senhora marquesa; e hoje ele insiste de modo tão resoluto que nós não sabemos o que responder.

— Com certeza quer algum dinheiro para os pobres da comuna; agarre vinte e cinco luíses e entregue-lhe em meu nome.

— Senhora — disse a criada de quarto, voltando logo depois —, o senhor cura recusa receber o dinheiro e insiste em falar-lhe.

— Que entre, então! — replicou a marquesa, com um gesto de mau humor que prognosticava uma triste recepção ao padre, de quem sem dúvida ela queria evitar as importunações com uma explicação franca e curta.

A marquesa perdera a mãe muito cedo, e sua educação foi naturalmente influenciada pelo relaxamento que, durante a Revolução, afrouxou na França os laços religiosos. A piedade é uma virtude feminina que só as mulheres sabem bem transmitir, e a marquesa era filha do século xviii, cujas crenças filosóficas foram as de seu pai. Não seguia nenhuma prática religiosa. Para ela, um padre era um funcionário público cuja utilidade lhe parecia contestável. Na situação em que se encontrava, a voz da religião só lhe podia envenenar as mágoas; além disso, não acreditava nos curas de aldeia, nem nas suas

luzes, e por isso resolveu colocar as coisas no seu devido lugar, sem grosseria, e desembaraçar-se do seu cura à moda dos ricos, por meio de um donativo. O cura entrou, e seu aspecto não modificou as ideias da marquesa. Ela viu um homenzinho gorducho, de ventre saliente, rosto corado, mas velho e rugoso, que afetava sorrir e sorria mal; o crânio calvo e transversalmente cortado de rugas numerosas recaía-lhe em quarto de círculo sobre o rosto, fazendo-o parecer menor; alguns cabelos brancos guarneciam-lhe a parte inferior da cabeça, desde a nuca até as orelhas. Contudo, a fisionomia desse padre tinha sido a de um homem naturalmente alegre. Os lábios grossos, o nariz ligeiramente arrebitado, o queixo, que desaparecia numa dupla prega de rugas, testemunhavam um caráter feliz. De início a marquesa só lhe percebeu os traços principais; mas, à primeira palavra que o padre lhe disse, ficou admirada com a doçura de sua voz; fitou-o mais atentamente, e notou sob as sobranceiras grisalhas olhos que haviam chorado; visto de perfil, o contorno da face dava à cabeça uma tão augusta expressão de dor, que a marquesa encontrou naquele cura um homem.

— Senhora marquesa, os ricos só nos pertencem quando sofrem; e os sofrimentos de uma mulher casada, jovem, formosa, rica, que não perdeu filhos nem pais, manifestam-se e são causados por feridas cujas dores não podem ser minoradas senão pela religião. Sua alma está em perigo, senhora. Neste momento não lhe falo da outra vida que nos espera! Não, não estou no confessional. Mas não será meu dever esclarecê-la sobre o futuro de sua vida social? Há de saber perdoar a um velho pela importunação que tem por objetivo sua felicidade.

— Para mim, senhor, não existe mais felicidade. Muito breve eu lhe pertencerei, como o senhor diz, mas para sempre.

— Não, senhora, não há de morrer da dor que a oprime e que se estampa em seu rosto. Se tivesse de morrer, não estaria em Saint-Lange. São menos mortais os efeitos de um desgosto certo que os das esperanças frustradas. Conheci dores bem mais intoleráveis e profundas e que contudo não foram mortais.

A marquesa esboçou um gesto de incredulidade.

— Senhora, sei de um homem cujos sofrimentos foram tão grandes,

que os seus lhe pareceriam insignificantes se os comparasse com os dele.

Fosse porque aquela longa solidão começasse a pesar-lhe, fosse porque se interessasse pela perspectiva de poder desabafar ante um coração amigo seus pensamentos dolorosos, ela fitou o cura com um olhar interrogativo sobre o qual não podia haver dúvidas.

— Esse homem, senhora — tornou o padre —, era um pai que, de uma família outrora numerosa, não tinha mais que três filhos. Tinha perdido sucessivamente os pais, depois uma filha e a esposa, ambas muito amadas. Vivia só, no fundo duma província, numa pequena propriedade onde por muito tempo fora feliz. Seus três filhos estavam no exército, e cada um deles tinha um posto de acordo com o tempo de serviço. Durante os Cem Dias,[413] o mais velho passou para a Guarda e tornou-se coronel; o segundo era comandante dum esquadrão de dragões. Esses três moços amavam o pai tanto quanto ele os amava. Se a senhora tiver em mente a irreflexão dos jovens, que, arrastados por suas paixões, nunca dispõem de tempo para se consagrar às afeições da família, compreenderá por um único fato a intensidade do amor que eles tinham por aquele pobre velho solitário que não vivia mais senão por eles e para eles. Não se passava uma semana sem que ele recebesse carta de um dos filhos. Mas também nunca tinha sido para com eles, nem fraco, o que diminui o respeito dos filhos, nem injustamente severo, o que melindra, nem avaro de sacrifícios, o que os afasta. Não, ele tinha sido mais que um pai, tornara-se um irmão, um amigo. Quando iam partir para a Bélgica, ele foi a Paris dizer-lhes adeus; queria verificar se tinham bons cavalos, se não lhes faltava nada. Tendo eles partido, o pai volta para a casa. Iniciada a guerra, ele recebe cartas escritas de Fleurus, de Ligny;[414] tudo ia bem. Trava-se a Batalha de Waterloo:[415] a senhora conhece o resultado. De repente a França cobriu-se de luto. Todas as famílias estavam na mais profunda ansiedade. Ele, como a senhora pode compreender, ele esperava; não tinha trégua nem repouso; lia os jornais, ia pessoalmente ao correio todos os dias. Uma tarde, anunciam-lhe o criado de seu filho coronel. Ele vê aquele homem montado no cavalo do patrão e compreende tudo. O coronel havia morrido, cortado em dois por uma bala de artilharia.

Ao anoitecer, chega a pé o criado do mais moço: este tinha morrido no dia seguinte à batalha. Finalmente, à meia-noite, um artilheiro vem comunicar-lhe a morte do último filho, em quem, por tão pouco tempo, o pobre pai concentrara toda sua vida. Sim, senhora, os três haviam morrido!

Depois de uma pausa, o padre, tendo vencido suas emoções, acrescentou estas palavras com uma voz doce:

— E o pai continuou vivo, senhora. Compreendeu que, se Deus o deixava na terra, nela ele devia continuar a sofrer, e nela sofre; mas lançou-se no seio da religião. Que podia ele ser?

A marquesa ergueu os olhos para o rosto daquele cura, que se tornara sublime de tristeza e resignação, e esperou esta frase, que lhe arrancou prantos:

— Padre! Senhora: ele tinha sido sagrado pelas lágrimas antes de o ser aos pés do altar.

O silêncio reinou por um instante. A marquesa e o cura olharam pela janela o horizonte brumoso, como se lá pudessem ver aqueles que não mais existiam.

— Não padre numa cidade, mas simples cura — tornou ele.

— Em Saint-Lange — disse ela enxugando os olhos.

— Sim, senhora.

Jamais a majestade da dor se apresentara tão grande a Júlia; aquele *sim, senhora* caiu-lhe no coração como o peso duma dor infinita. Aquela voz que ressoava docemente aos ouvidos lacerava as entranhas. Ah, era bem a voz da desgraça, essa voz plena, grave e que parece impregnada de fluidos penetrantes.

— Senhor — disse a marquesa quase respeitosamente —, se eu não morrer, que será feito de mim?

— A senhora não tem uma filha?

— Sim — disse ela friamente.

O cura lançou àquela mulher um olhar semelhante ao que um médico lança a um doente em perigo, e resolveu empregar todos os esforços para arrebatá-la ao gênio do mal que já estendia a mão sobre ela.

— Bem vê, senhora; devemos viver com os nossos sofrimentos, e

somente a religião nos oferece consolações verdadeiras. Permite que eu volte para lhe fazer ouvir a voz dum homem que sabe simpatizar com todas as penas, e que, creio eu, não tem nada de assustador?

— Sim, volte. Agradeço-lhe por ter pensado em mim.

— Então, senhora, até breve.

Essa visita descansou, por assim dizer, a alma da marquesa, cujas forças tinham sido excitadas com demasiada violência pela dor e pela solidão. O padre deixou-lhe no coração um perfume balsâmico e o eco salutar das palavras religiosas. Depois ela experimentou essa espécie de satisfação que invade o prisioneiro quando, depois de haver reconhecido a profundidade de sua solidão e o peso de suas cadeias, encontra um vizinho que bate na parede fazendo-a produzir um som pelo qual se exprimem os pensamentos comuns. Ela tinha um confidente inesperado. Mas não demorou a recair em suas amargas contemplações, e disse consigo mesma, como o prisioneiro, que um companheiro de infortúnio não aliviaria nem seus grilhões nem sua sorte. O vigário não quisera, numa primeira visita, afugentar demais uma dor completamente egoísta; mas contava, graças à sua arte, abrir caminho à religião numa segunda visita. De fato; dois dias depois voltou, e a acolhida da marquesa provou-lhe que sua visita era desejada.

— Então, senhora marquesa — disse o velho —, pensou um pouco na infinidade dos sofrimentos humanos? Ergueu os olhos para o céu? Viu nele essa imensidão de mundos que, diminuindo a nossa importância, esmagando as nossas vaidades, torna menores as nossas dores?...

— Não, senhor — disse ela. — As leis sociais pesam-me demasiado sobre o coração e me dilaceram muito fortemente para que eu possa elevar-me ao céu. Mas as leis talvez não sejam tão cruéis como os costumes da sociedade. Oh, a sociedade!

— Nós devemos, senhora, obedecer a uns e outros: a lei é a palavra, e os costumes são as ações da sociedade.

— Obedecer à sociedade?... — tornou a marquesa deixando escapar um gesto de horror. — Ora, senhor, todos os nossos males provêm disso. Deus não fez uma só lei de infelicidade; mas os homens,

reunindo-se, falsearam sua obra. Nós, as mulheres, somos mais maltratadas pela civilização do que pela natureza. A natureza nos impôs penas físicas que os homens não suavizaram, e a civilização desenvolveu sentimentos que eles burlam incessantemente. A natureza sufoca os seres frágeis; os senhores os condenam a viver para os abandonar a uma constante desdita. O casamento, instituição sobre a qual se apoia hoje a sociedade, só a nós faz sentir todo o seu peso: para o homem a liberdade, para a mulher deveres. Devemos consagrar aos homens toda a nossa vida; eles nos consagram apenas raros instantes. Enfim, o homem faz uma escolha e nós, nós nos submetemos cegamente. Oh, ao senhor, posso confiar tudo! Pois bem! O casamento, tal como hoje se pratica, parece-me uma prostituição legal. Daí nascerem meus sofrimentos. Mas entre tantas criaturas infelizes irremediavelmente consorciadas, só eu devo guardar silêncio! Só eu sou autora do mal, porque quis meu casamento.

Calou-se e verteu lágrimas amargas.

— Nessa profunda miséria, no meio desse oceano de dor — prosseguiu depois —, eu tinha encontrado um pouco de areia onde apoiava os pés, onde eu sofria à vontade; um furacão levou tudo. Agora estou só, desamparada, fraca, à mercê das tempestades.

— Nunca somos fracos quando Deus está conosco — disse o padre.
— De resto, se a senhora não tem afeições a satisfazer no mundo, não terá deveres a cumprir?

— Sempre os deveres! — exclamou ela com uma espécie de impaciência. — Mas onde estão para mim os sentimentos que nos dão forças para os cumprir? Senhor, nada de nada ou nada por nada é uma das mais justas leis da natureza, quer moral, quer física. Como pretender que estas árvores produzam suas folhas sem a seiva que as faz nascer? A alma também tem sua seiva! Em mim, a seiva secou em sua fonte.

— Não lhe falarei dos sentimentos religiosos que geram a resignação — disse o cura —; mas a maternidade, senhora, não será?...

— Alto! — disse a marquesa. — Com o senhor serei verdadeira. Sim, não poderei sê-lo doravante com mais ninguém, estou condenada à falsidade; a sociedade exige contínuas mentiras, e sob pena de opróbrio

nos ordena obedecer as suas convenções. Existem duas espécies de maternidade, senhor. Antigamente eu ignorava tal distinção; hoje eu sei. Sou mãe apenas pela metade, e antes não o fosse em nada. Helena não é dele! Oh, não se espante! Saint-Lange é um abismo onde sumiram muitos sentimentos falsos, donde irradiaram luzes sinistras, onde desmoronaram os frágeis edifícios das leis antinaturais. Tenho uma filha, mais nada; sou mãe, assim o quer a lei. Mas o senhor, padre, que tem uma alma tão delicadamente compassiva, talvez compreenda os gritos duma pobre mulher que não deixou penetrar em seu coração nenhum sentimento fingido. Deus me julgará, mas não creio violar suas leis cedendo aos afetos que ele pôs em minha alma, e eis o que encontrei nela. Um filho, senhor, não é a imagem de dois seres, o fruto de dois sentimentos livremente unidos? Se ele não estiver ligado a todas as fibras do corpo como a todas as da alma; se não lembrar amores deliciosos, o tempo, os lugares onde essas duas criaturas foram felizes, a sua linguagem cheia de musicalidade humana e as suas ideias repletas de ternura, esse filho será uma criação frustrada. Sim, para eles, um filho deve ser uma encantadora miniatura onde se encontrem os poemas de suas duas vidas secretas; deve oferecer-lhes uma fonte de fecundas emoções, deve ser ao mesmo tempo todo o seu passado e todo o seu futuro. A pobrezinha da minha Helena é filha de seu pai, é filha do dever e do acaso; em mim ela só encontra o instinto da fêmea, a lei que nos impele irresistivelmente a proteger a criatura nascida de nós. Socialmente falando, sou irrepreensível. Já não sacrifiquei a ela minha vida e minha felicidade? Seus gritos movem a minha sensibilidade; se ela caísse n'água, eu me atiraria para salvá-la. Mas não a tenho no coração. Ah, o amor me fez sonhar uma maternidade maior, mais completa; eu acariciei num sonho desvanecido a criança que os desejos conceberam antes que fosse gerada, enfim, essa deliciosa flor nascida n'alma antes de nascer para a vida. Sou para Helena o que, na ordem natural, uma mãe deve ser para sua progenitura. Quando ela não precisar mais de mim, tudo estará terminado; cessada a causa, cessarão os efeitos. Se a mulher tem o adorável privilégio de estender sua maternidade sobre toda a vida do filho, não será às irradiações de sua concepção moral que se deve atribuir essa divina persistência do

sentimento? Se a criança não teve a alma da mãe como primeiro invólucro, a maternidade cessa nesta, como cessa nos animais. Isso é verdade, eu o sinto: à medida que minha filha cresce, meu coração se retrai. Os sacrifícios que fiz por Helena separaram-me dela, ao passo que para outro filho meu coração teria sido inesgotável; para esse outro, nada seria sacrifício, tudo seria prazer. Neste ponto, senhor, a razão, a religião, tudo em mim é impotente contra os meus sentimentos. Fará mal em querer morrer a mulher que não é nem mãe nem esposa e que, por infelicidade sua, entreviu o amor em sua beleza infinita e a maternidade na sua ventura sem limites? Que será dela? Eu lhe direi o que ela sente! Cem vezes durante o dia, cem vezes durante a noite, um arrepio abala-me o cérebro, o coração e o corpo, quando alguma recordação que foi fracamente combatida reaviva em mim as imagens duma felicidade que suponho maior do que é. Essas fantasias cruéis debilitam minhas faculdades, eu me pergunto: “Que teria sido minha vida se...?”.

Ela escondeu o rosto nas mãos e desatou a chorar.

— Eis o âmago de meu coração! — tornou. — Um filho dele me teria feito aceitar as maiores desgraças! Deus, que morreu sob o peso de todos os pecados do mundo, me perdoará esse pensamento mortal para mim; mas o mundo, eu sei que é implacável: para ele as minhas palavras são blasfêmias; insulto todas as suas leis. Ah, eu desejaria fazer guerra a este mundo para lhe renovar e destruir as leis e os usos! Não me feriu ele em todas as minhas ideias, em todas as minhas fibras, em todo os meus sentimentos, em todos os meus desejos, em todas as minhas esperanças, no futuro, no presente, no passado? Para mim, o dia é cheio de trevas, o pensamento um gládio, meu coração é uma chaga, minha filha é uma negação. Sim, quando Helena me fala, queria ouvir-lhe uma outra voz; quando me fita, queria que tivesse outros olhos. Ela está aí para me atestar tudo o que deveria ser e tudo o que não é. Ela me é insuportável! Sorrio-lhe, tento compensá-la dos sentimentos que lhe roubo. Sofro! Oh, senhor, sofro demasiado para poder viver! E passarei por ser uma mulher virtuosa! E não cometi faltas! E respeitar-me-ão! Combati o amor involuntário ao qual não devia ceder; mas, se conservei a fidelidade física, conservei acaso o

coração? Esse — disse ela apoiando a mão direita sobre o seio — somente pertenceu a uma única criatura. E a minha filha não se engana. Há olhares, uma voz, gestos de mãe cuja força modela a alma dos filhos; e a pobrezinha não sente carinho na minha mão, nem meiguice na minha voz, nem ternura nos meus olhos, quando me chego a ela. Lança-me olhares acusadores que eu não sustento! Às vezes temo encontrar nela um tribunal onde serei condenada sem ser compreendida. Praza aos céus que o ódio não se erga um dia entre nós! Meu Deus! Abra-me antes o túmulo, deixa que eu expire em Saint-Lange! Quero ir para o mundo onde encontrarei minha outra alma, onde serei completamente mãe! Oh perdão, senhor, estou louca! Essas coisas me sufocavam, por isso as disse. Ah, também está chorando! O senhor não me desprezará. Helena! Helena! Minha filha, vem! — exclamou com uma espécie de desespero, ouvindo a filha que voltava do passeio.

A menina entrou rindo e gritando; trazia uma borboleta que apanhara. Mas, vendo a mãe em prantos, calou-se, aproximou-se e deixou-se beijar na testa.

— Ela vai ser muito bonita — disse o padre.

— É o retrato do pai — respondeu a marquesa abraçando a filha com uma calorosa expressão, como para resgatar uma dívida ou para dissipar um remorso.

— A senhora está quente, mamãe.

— Vai, deixa-nos, meu anjo — respondeu a marquesa.

A menina afastou-se de bom grado, sem fitar a mãe, quase feliz por fugir de um rosto triste e compreendendo já que os sentimentos que nele se exprimiam lhe eram contrários. O sorriso é o apanágio, a linguagem, a expressão da maternidade. A marquesa não podia sorrir. Ela corou ao olhar para o padre: esperara mostrar-se mãe, mas nem ela nem a filha tinham sabido mentir. Com efeito, os beijos de uma mulher sincera possuem uma doçura divina que parece pôr nessa carícia uma alma, um fogo sutil que penetra o coração. Os beijos despidos dessa união saborosa são ásperos e secos. O padre sentira essa diferença; pôde sondar o abismo que existe entre a maternidade da carne e a do coração. Por isso, depois de ter lançado àquela mulher um olhar

inquiridor, disse:

— Tem razão, minha senhora, seria melhor que estivesse morta...

— Ah, o senhor compreende meus sofrimentos, bem o vejo — respondeu ela —, pois que o senhor, padre cristão, adivinha e aprova as funestas resoluções que eles me inspiraram. Sim, quis suicidar-me; mas faltou-me a coragem necessária para realizar meu intento. Meu corpo foi fraco quando minha alma era forte, e quando meu corpo não mais tremia, minha alma vacilava! Ignoro o segredo desses combates e dessas alternativas. Sou sem dúvida bem tristemente mulher, sem persistência de vontade, forte somente para amar. Desprezo-me! À noite, quando os criados dormiam, dirigia-me corajosamente ao lago; uma vez à borda, minha frágil natureza sentia horror à destruição. Confesso-lhe minhas fraquezas. Quando me encontrava de novo na cama, tinha vergonha de mim, e readquiria coragem. Num desses momentos, tomei láudano; mas sofri e não morri. Acreditei ter ingerido todo o conteúdo do frasco, e só bebi a metade.

— A senhora está perdida — disse o cura com gravidade e numa voz entrecortada de lágrimas. — A senhora vai voltar para o mundo e vai enganar o mundo; procurará e encontrará nele aquilo que considera como uma compensação a seus males; mas um dia há de sofrer os tormentos de seus prazeres...

— Acha — exclamou ela — que irei entregar ao primeiro patife que saiba representar a comédia duma paixão as derradeiras, as mais preciosas riquezas do meu coração, e corromper minha vida por um momento de duvidoso prazer? Não! Minha alma será consumida por uma chama pura. Todos os homens, senhor, têm a sensualidade de seu sexo; mas o que dele tem a alma e que por isso satisfaz a todas as exigências de nossa natureza, cuja misteriosa harmonia só vibra à pressão dos sentimentos, esse não encontramos duas vezes na existência. Meu futuro é horrível, bem o sei; a mulher nada é sem o amor, a beleza nada é sem o prazer; mas a sociedade não reprovava minha ventura, se esta ainda se apresentasse a mim? Devo à minha filha uma mãe honrada. Ah, estou encerrada num círculo de fogo donde não posso sair sem ignomínia! Os deveres de família, cumpridos sem recompensa, aborrecer-me-ão; amaldiçoarei a vida; mas minha

filha gozará pelo menos da aparência de ter uma mãe digna. Proporcionar-lhe-ei tesouros de virtude, para compensar os tesouros de afeto que não lhe pude dar. Não desejo nem mesmo viver para desfrutar o prazer que a felicidade dos filhos dá às mães. Não acredito na felicidade. Qual será a sorte de Helena? A minha, sem dúvida. Que meios possuem as mães para assegurar às filhas que o homem a quem as entregam será um esposo que satisfaça a seu coração? Os senhores infamam as pobres criaturas que se vendem por alguns escudos a um homem que passa: a fome e a necessidade absolvem essas uniões efêmeras; enquanto a sociedade tolera, encoraja a união imediata, bem mais horrível, duma rapariga cândida e dum homem que ela conhece apenas há três meses. Essa é vendida para toda a vida. É verdade que o preço é elevado! Sim, não lhe permitindo nenhuma compensação a suas dores, os senhores honram-na; mas, não, o mundo calunia as mais virtuosas dentre nós! Tal é o nosso destino, visto sob suas duas faces: uma prostituição pública e a vergonha, uma prostituição secreta e a infelicidade. Quanto às pobres moças sem dote, essas endoidecem, morrem; para elas, nenhuma piedade! A beleza, a virtude não constituem valor nesse nosso bazar humano, e chamam sociedade a esse antro de egoísmo. Mas deserdem as mulheres! Ao menos terão cumprido com isso uma lei da natureza, escolhendo suas companheiras, desposando-as conforme os ditames do coração.

— Senhora, suas palavras provam que nem o espírito religioso nem o espírito de família a comovem. Por isso não hesitará entre o egoísmo social que a fere e o egoísmo da criatura que a fará desejar o prazer.

— Existirá a família, senhor? Eu nego haver família numa sociedade que, por morte do pai ou da mãe, partilha os bens e manda cada filho ir para o seu lado. A família é uma associação temporária e fortuita que a morte dissolve prontamente. Nossas leis destroem as casas, os patrimônios, a perenidade dos exemplos e das tradições. Não vejo senão escombros ao meu redor.

— A senhora só tornará a Deus quando sentir o peso de sua mão, e desejo que tenha tempo suficiente para se reconciliar com ele. A senhora procura consolo baixando os olhos para a terra, em vez de elevá-los para o céu. O filosofismo e o interesse pessoal apoderam-se

de seu coração; a senhora é surda à voz da religião, como o são os filhos desse século sem fé! Os prazeres do mundo só engendram sofrimentos. A senhora vai mudar de tormentos, eis tudo.

— Tornarei mentirosa a sua profecia — disse ela sorrindo com amargura —, serei fiel àquele que morreu por mim.

— A dor — respondeu ele — só é viável nas almas preparadas pela religião.

Baixou respeitosamente os olhos para não deixar transparecer as dúvidas que se podiam estampar em seu olhar. A energia das queixas escapadas à marquesa tinha-o contristado. Reconhecendo o *eu* humano sob suas mil formas, desesperou de abrandar aquele coração que a dor havia secado em vez de enternecer, e onde a semente do Semeador celeste não devia germinar, porque a sua doce voz era nele sufocada pelo grande e terrível clamor do egoísmo. Entretanto, agiu com constância de apóstolo, voltando várias vezes, sempre animado pela esperança de fazer retornar a Deus aquela alma tão nobre e tão orgulhosa; mas perdeu a coragem no dia em que percebeu que a marquesa só gostava de conversar com ele porque lhe era agradável falar daquele que não mais existia. Não quis rebaixar seu ministério transigindo com uma paixão; cessou seus colóquios e voltou gradativamente aos lugares-comuns da palestra. A primavera chegou. A marquesa encontrou distrações para sua profunda tristeza, ocupando-se de suas terras, onde ordenou alguns trabalhos. No mês de outubro deixou seu velho castelo de Saint-Lange, onde se tornara de novo fresca e bela na ociosidade duma dor que, de início violenta como um disco lançado vigorosamente, terminara por amortecer na melancolia, assim como o disco pára depois de oscilações gradualmente mais fracas. A melancolia compõe-se de uma série de semelhantes oscilações morais, a primeira das quais raia no desespero e a última no prazer: na mocidade, é o crepúsculo da manhã; na velhice, o da tarde. ..

Quando a sua caleça passou pela aldeia, a marquesa recebeu o cumprimento do cura, que voltava da igreja para o presbitério; mas, ao responder-lhe, ela baixou os olhos e virou a cabeça para não o ver. O padre tinha razão de sobra contra essa pobre Artemisa de Éfeso.[\[416\]](#)

TERCEIRA PARTE

AOS TRINTA ANOS

Um moço de grande futuro, e que pertencia a uma dessas casas históricas cujos nomes estarão sempre, mesmo a despeito das leis, intimamente ligados à glória da França, encontrava-se no baile em casa da sra. Firmiani.^[417] Essa dama havia-lhe dado algumas cartas de recomendação para duas ou três de suas amigas em Nápoles. O sr. Carlos de Vandenesse,^[418] assim se chamava o rapaz, vinha agradecer-lhe e apresentar suas despedidas. Depois de ter desempenhado brilhantemente várias missões, Vandenesse tinha sido, havia pouco, designado para servir com um dos ministros plenipotenciários enviados ao congresso de Laybach,^[419] e queria aproveitar a viagem para estudar a Itália. Essa festa era uma espécie de adeus às distrações de Paris, a essa vida rápida, a esse turbilhão de pensamentos e prazeres que tanto se calunia, mas ao qual é tão

delicioso a gente se entregar.

Habitado havia três anos a visitar as capitais europeias e a deixá-las ao capricho de sua carreira diplomática, Carlos de Vandenesse tinha contudo pouca coisa a lamentar saindo de Paris. As mulheres já não produziam nele impressão alguma, fosse porque encarasse uma paixão verdadeira como ocupando muito espaço na vida dum homem político, fosse porque as mesquinhas ocupações duma galanteria superficial lhe parecessem vazias demais para um espírito forte. Todos nós temos grandes pretensões à força de espírito. Na França, nenhum homem, por medíocre que seja, consente em passar simplesmente por espirituoso. Por isso, Carlos, apesar de moço (tinha apenas trinta anos), acostumara-se já filosoficamente a ver ideias, resultados, meios, naquilo em que os homens de sua idade percebem sentimento, prazeres e ilusões. Ele recalcava no fundo de sua alma, que a natureza criara generosa, o calor e a exaltação natural aos jovens. Procurava ser frio e calculista; esforçava-se por empregar em boas maneiras, em formas amáveis, em artifícios de sedução, as riquezas morais que recebera do acaso: verdadeira tarefa de ambiciosos; triste papel, empreendido com o fim de atingir aquilo a que chamamos hoje *uma bela posição*. Ele lançava um último olhar aos salões onde se dançava. Antes de sair do baile, ele queria sem dúvida gravar-lhe a imagem, como um espectador que não abandona seu camarote na Ópera sem ter assistido ao quadro final. Mas, ao mesmo tempo, por um desejo fácil de compreender, o sr. de Vandenesse examinava aquele conjunto puramente francês, o brilho e as ridentes figuras daquela festa parisiense, aproximando-as em pensamento das fisionomias novas, das cenas pitorescas que o aguardavam em Nápoles, onde tencionava passar alguns dias antes de ir assumir seu cargo. Parecia comparar a França tão mutável e tão cedo estudada a uma terra cujos costumes e sítios apenas conhecia por informações contraditórias, ou por livros, na maioria malfeitos. Algumas reflexões bastante poéticas, mas hoje já muito vulgares, passaram-lhe então pela mente e corresponderam, sem que o soubesse talvez, aos secretos desejos de seu coração, mais exigente que entediado, mais desocupado que indiferente.

“Aqui estão”, dizia consigo, “as mulheres mais elegantes, mais ricas,

mais importantes de Paris. Aqui estão as celebridades do dia, nomes famosos da tribuna, celebridades aristocráticas e literárias: ali, artistas; acolá, homens poderosos. E, contudo, só vejo pequenas intrigas, amores natimortos, sorrisos que não dizem nada, orgulhos sem causa, olhares sem chama, muito espírito, mas prodigalizado sem finalidade. Todos esses rostos brancos e corados procuram menos o prazer que distrações. Nenhuma emoção é verdadeira. Se procuramos apenas plumas bem colocadas, gazes leves, lindos vestidos, mulheres delicadas; se considerarmos a vida apenas uma crosta superficial, eis aqui nosso mundo. Contentemo-nos com essas frases insignificantes, com esses trejeitos engraçados e não peçamos sentimento aos corações. No que me diz respeito, tenho horror a essas intrigas chãs que terminarão em casamentos, em subprefeituras, em recebedorias gerais, ou, se se tratar de amor, em arranjos secretos, tanto se envergonham de manifestar paixão. Não encontro um único desses semblantes expressivos que denunciam uma alma entregue a uma ideia ou a um remorso. Aqui, o desgosto ou a infelicidade escondem-se vergonhosamente sob gracejos. Não vejo nenhuma dessas mulheres com quem desejaria lutar, e que nos arrastam para um abismo. Onde encontrar energia em Paris? Um punhal é uma curiosidade que se pendura num prego dourado, que se orna com uma linda bainha. Mulheres, ideias, sentimentos, tudo se assemelha. Não existem mais paixões, porque as individualidades desapareceram. As classes, as fortunas, os espíritos, tudo foi nivelado, e todos vestimos um traje negro como que em sinal de luto pela França morta. Não amamos nossos semelhantes. Entre dois apaixonados, é necessário que haja diferenças a suprimir, distâncias a vencer. Esse encanto do amor desapareceu em 1789! Nosso aborrecimento, nossos costumes insípidos são resultados do sistema político. Na Itália, ao menos, tudo é categórico. Lá, as mulheres ainda são animais malfazejos, sereias perigosas, sem razão, sem outra lógica que a de seus gostos, de seus apetites, e das quais há que desconfiar como se desconfia dos tigres...”

A sra. Firmiani veio interromper esse solilóquio cujos mil pensamentos contraditórios, inacabados, confusos, são intraduzíveis. O mérito dum devaneio reside inteiramente em seu indefinido; não é ele

uma espécie de vapor intelectual?

— Quero — disse-lhe ela tomando-o pelo braço — apresentá-lo a uma mulher que tem imensa vontade de conhecê-lo, pelo que tem ouvido a seu respeito.

Conduziu-o a um salão contíguo, onde lhe mostrou, com um gesto, um sorriso e um olhar verdadeiramente parisienses, uma mulher sentada junto da lareira.

— Quem é ela? — perguntou com curiosidade o conde de Vandenesse.

— Uma mulher a quem, com certeza, já se referiu por mais de uma vez, para a elogiar ou criticar, uma mulher que vive na solidão, um verdadeiro mistério.

— Se alguma vez já foi clemente em sua vida, por favor, diga-me o nome dela.

— Marquesa d'Aiglemont.

— Vou tomar lições com ela; de um marido bem medíocre ela soube fazer um par de França, de um homem nulo fez uma capacidade política. Mas, diga-me, acredita que *lord* Grenville tenha morrido por causa dela, como pretendem alguns maldizentes?

— É possível. Depois dessa aventura, falsa ou verdadeira, a pobre mulher mudou muito. Deixou de frequentar a sociedade. Em Paris, uma constância de quatro anos é alguma coisa. Se a vê aqui...

A sra. Firmiani calou-se; depois acrescentou com ar malicioso:

— Esquecia que me devo calar. Vá conversar com ela.

Carlos permaneceu imóvel durante um momento, com as costas ligeiramente apoiadas ao portal, ocupado em examinar uma mulher que se tornara célebre, sem que ninguém pudesse explicar os motivos em que se fundava sua celebridade. A sociedade oferece muitas dessas anomalias curiosas. A reputação da sra. d'Aiglemont não era, por certo, mais extraordinária que a de certos homens que trabalham continuamente numa obra desconhecida: estatísticos tidos por profundos à fé de cálculos que evitam publicar; políticos que vivem de um artigo de jornal; autores ou artistas cujas obras nunca saem das pastas; gente sabichona com aqueles que nada sabem de ciência, como *Sganarelle*^[420] é latinista com os que não sabem latim; homens a

quem se atribui uma capacidade convencionalizada acerca de um ponto, seja a direção das artes, seja uma missão importante. Esta frase admirável: *é um especialista*, parece ter sido criada para essa espécie de acéfalos políticos ou literários.

Carlos permaneceu em contemplação mais tempo do que queria e ficou descontente por se preocupar tanto com uma mulher; mas também a presença daquela mulher refutava os pensamentos que um momento antes haviam ocorrido ao jovem diplomata, à vista do baile.

A marquesa, agora com trinta anos, era bela, se bem que de formas franzinas e excessivamente delicada. Seu maior encanto provinha de um rosto cuja calma traía uma surpreendente profundidade de alma. Seu olhar brilhante, mas que parecia velado por constante preocupação, acusava uma vida febril e a maior resignação. Suas pálpebras, quase sempre castamente voltadas para o chão, raramente se erguiam. Se lançava olhares ao seu redor, era com um movimento triste, e dir-se-ia que reservava o fogo de seus olhos para ocultas contemplações. Por isso, todo homem superior sentia-se curiosamente atraído para aquela mulher suave e silenciosa. Se a inteligência procurava sondar os mistérios da perpétua reação que se processava nela do presente sobre o passado, da sociedade sobre a sua solidão, a alma não tinha menos interesse em se iniciar nos segredos dum coração de certo modo orgulhoso de seus sofrimentos.

Nela, aliás, nada desmentia as ideias que de início inspirava. Como quase todas as mulheres que têm cabelos muito compridos, era pálida e perfeitamente branca. A pele, duma finura prodigiosa, sintoma raramente enganoso, denunciava uma verdadeira sensibilidade, justificada pela natureza de suas feições, que tinham esse acabamento maravilhoso que os pintores chineses dão às suas figuras fantásticas. Seu pescoço talvez fosse um pouco longo; mas esses são os mais graciosos, e dão às cabeças de mulheres vagas afinidades com as magnéticas ondulações das serpentes. Se não existisse um só dos inúmeros indícios pelos quais os caracteres mais dissimulados se revelam ao observador, bastaria examinarmos atentamente os movimentos da cabeça e as torções do pescoço, tão variadas, tão expressivas, para julgarmos uma mulher.

Na sra. d'Aiglemont, a indumentária estava em harmonia com o pensamento que dominava sua pessoa. As tranças largas formavam no alto da cabeça um coque, ao qual não acrescentava nenhum enfeite, porque parecia ter renunciado para sempre à preocupação da aparência. Assim, nunca se lhe surpreendia nenhum desses toques de coqueteria que prejudicam tantas mulheres. Mas, por mais modesto que fosse seu traje, não lhe escondia a elegância do corpo. De resto, o luxo de seu amplo vestido consistia num corte extremamente original; e, se é permitido procurar ideias no arranjo de um tecido, pode-se dizer que as simples e numerosas pregas de seu vestido comunicavam-lhe uma grande nobreza. Contudo, talvez traísse as indeléveis fraquezas femininas no cuidado que dedicava às mãos e aos pés; mas, se os exibia com algum prazer, seria difícil à mais maliciosa rival achar seus gestos afetados, tanto pareciam espontâneos, ou devidos a hábitos de infância. Esse resquício de coqueteria fazia-se mesmo desculpar por uma graciosa despreocupação. Esse conjunto de maneiras, essa reunião de pequeninas coisas que fazem uma mulher feia ou bonita, atraente ou desagradável, podem ser apenas indicados principalmente quando, como no caso da sra. d'Aiglemont, a alma é elemento de ligação de todos os detalhes e lhes imprime uma deliciosa unidade. Também sua atitude harmonizava-se com o caráter do rosto e da vestimenta. Somente certas mulheres eleitas, e somente numa certa idade, sabem dar uma linguagem a suas atitudes. Será o pesar, será a alegria que empresta à mulher de trinta anos, à mulher feliz ou infeliz, o segredo desse eloquente comedimento? Isso há de ser sempre um enigma que cada um interpreta ao sabor de seus desejos, de suas esperanças ou de suas convicções. A maneira pela qual a marquesa apoiava os cotovelos nos braços da poltrona e juntava as extremidades dos dedos de ambas as mãos parecendo com eles brincar; a curvatura do pescoço, a displicência do corpo fatigado mas airoso, que parecia elegantemente quebrado na poltrona, o abandono das pernas, a negligência da posição, os movimentos lassos, tudo revelava uma mulher sem interesse na vida, que não conheceu os prazeres do amor, mas que com eles sonhou, e que se curva sob o fardo com que a memória a atormenta; uma mulher que de há muito desesperou do

futuro ou de si mesma; uma mulher ociosa que toma o vazio pelo nada.

Carlos de Vandenesse admirou esse quadro magnífico, mas como o produto dum *fingir* mais hábil que o das mulheres comuns. Ele conhecia d'Aiglemont. Ao primeiro olhar que lançou àquela mulher, que nunca tinha visto, o jovem diplomata reconheceu imediatamente desproporções, incompatibilidades, para empregarmos o termo legal, por demais fortes entre aquelas duas pessoas para que fosse possível a marquesa amar o marido. Todavia, a sra. d'Aiglemont mantinha uma conduta irrepreensível e sua virtude dava ainda um mais alto preço a todos os mistérios que um observador podia nela pressentir. Passado o primeiro momento de surpresa, Vandenesse procurou a melhor maneira de abordar a sra. d'Aiglemont, e, por um artil de diplomacia bastante vulgar, resolveu importuná-la para ver como ela receberia uma tolice.

— Senhora — disse, sentando-se junto dela —, uma feliz indiscrição fez-me saber que tenho, não sei por que motivo, a ventura de ser distinguido por sua simpatia. Devo-lhe tanto mais agradecimentos por jamais ter sido objeto de um semelhante favor. Por isso será responsável por um de meus defeitos: de agora em diante não poderei mais ser modesto...

— Procederá mal, senhor — disse ela rindo —, deve-se deixar a vaidade àqueles que não têm outra coisa a ostentar.

Estabeleceu-se, assim, entre a marquesa e o jovem diplomata, uma palestra em que, segundo o costume, abordaram num instante uma multidão de assuntos: pintura, música, literatura, política, homens, acontecimentos e coisas. Depois, insensivelmente, chegaram ao assunto eterno das palestras francesas e estrangeiras: o amor, os sentimentos e as mulheres.

— Nós somos escravas.

— As mulheres são rainhas.

As frases mais ou menos significativas ditas por Carlos e pela marquesa podiam reduzir-se a essa simples expressão de todos os discursos presentes e futuros sobre tal assunto. Essas duas frases, em certas circunstâncias, não significarão sempre: “Ame-me — Amá-lo-ei”?

— Senhora — exclamou com doçura Carlos de Vandenesse —, faz-me lamentar profundamente ter que sair de Paris. Na Itália por certo não encontrarei horas tão agradáveis como esta.

— Encontrará talvez a felicidade, senhor, e ela vale mais que todos os pensamentos brilhantes, verdadeiros ou falsos, que se dizem todas as noites em Paris.

Antes de cumprimentar a marquesa, Carlos obteve permissão para ir lhe apresentar suas despedidas. Sentiu-se muito feliz por ter dado ao seu pedido um cunho de sinceridade, quando, à noite, ao deitar-se, e durante todo o dia seguinte, lhe foi impossível afastar da mente a imagem daquela mulher. Ora se perguntava por que a marquesa o tinha distinguido, quais poderiam ser suas intenções pedindo para o rever; e formulou inúmeras conjeturas. Ora acreditava encontrar os motivos dessa curiosidade; então embriagava-se de esperança, ou desanimava, conforme as interpretações que dava àquele desejo polido, tão comum em Paris. Ora era tudo, ora era nada. Por fim, quis resistir à atração que o arrastava para a sra. d'Aiglemont; mas terminou indo à sua casa.

Há pensamentos aos quais obedecemos sem os conhecer: vivem em nós, ignorados. Se bem que essa reflexão possa parecer mais paradoxal que verdadeira, cada pessoa de boa-fé encontrará em sua vida mil provas de que é assim. Indo à casa da marquesa, Carlos obedecia a um desses contextos preexistentes de que nossa experiência e as conquistas de nossa inteligência não são, mais tarde, senão os desenvolvimentos perceptíveis. Uma mulher de trinta anos tem atrativos irresistíveis para um rapaz; e nada mais natural, mais fortemente urdido e mais bem preestabelecido que os laços profundos, de que a sociedade nos oferece tantos exemplos, entre uma mulher como a marquesa e um rapaz como Vandenesse.

Com efeito, uma jovem tem muitas ilusões, muita inexperiência, e o sexo é bastante cúmplice de seu amor para que um rapaz possa sentir-se lisonjeado, ao passo que uma mulher conhece toda a extensão dos sacrifícios que tem a fazer. Lá onde uma é arrastada pela curiosidade, por seduções estranhas às do amor, a outra obedece a um sentimento consciente. Uma cede, a outra escolhe. Essa escolha já não é por si uma

enorme lisonja? Armada de um saber quase sempre pago por um preço muito alto em dissabores, dando-se, a mulher experiente parece dar mais do que ela mesma, ao passo que a jovem, ignorante e crédula, nada sabendo, nada pode comparar nem apreciar; ela aceita o amor e o estuda. Uma nos instrui, nos aconselha numa idade em que de bom grado nos deixamos guiar, em que a obediência é um prazer; a outra quer tudo aprender e se mostra ingênua naquilo em que a outra é toda ternura. Aquela propicia-nos um único triunfo, esta obriga-nos a combates constantes. A primeira só tem lágrimas e prazeres, a segunda tem voluptuosidade e remorsos. Para que uma jovem seja amante, precisa ser muito corrompida, e então é abandonada com horror, enquanto uma mulher possui mil modos de conservar a um tempo seu poder e sua dignidade. Uma, demasiado submissa, oferece-nos a triste segurança da quietude; a outra perde demasiado por não exigir do amor suas inumeráveis metamorfoses. Uma desonra-se por si mesma, a outra mata por nossa causa uma família inteira. A jovem só possui uma coqueteria e acredita ter dito tudo despiando o vestido; mas a mulher tem-nas em grande número e se esconde sob mil véus; finalmente, afaga todas as vaidades, e a noviça só lisonjeia uma. Existem além disso indecisões, terrores, receios, perturbações e tempestades na mulher de trinta anos, que jamais se encontram no amor duma jovem. Chegando a essa idade, a mulher pede a um jovem que lhe restitua a estima que ela lhe sacrificou; vive apenas para ele, preocupa-se com seu futuro, deseja-lhe uma vida bela, procura torná-la gloriosa; obedece, suplica e ordena, curva-se e eleva-se e sabe consolar em mil ocasiões em que a jovem só sabe gemer. Enfim, além de todas as vantagens de sua posição, a mulher de trinta anos pode se fazer jovem, desempenhar todos os papéis, ser pudica e até embelezar-se com a desgraça. Entre elas duas há a distância incomensurável que vai do previsto ao imprevisto, da força à fraqueza. A mulher de trinta anos satisfaz tudo, e a jovem, sob pena de não sê-lo, nada pode satisfazer. Essas ideias desenvolvem-se no coração de um rapaz e nele geram a mais forte das paixões, porque ela reúne os sentimentos artificiais criados pelos costumes aos sentimentos reais da natureza.

O passo mais capital e mais decisivo na vida das mulheres é

precisamente aquele que uma mulher encara sempre como o mais insignificante. Casada, ela não mais se pertence, é a rainha e a escrava do lar. A pureza das mulheres é inconciliável com os deveres e as liberdades mundanas. Emancipar as mulheres é corrompê-las. Conceder a um estranho o direito de entrar no santuário do lar não será ficar à sua mercê? E se uma mulher o atrair para ele, não será uma falta, ou, para ser exato, o começo duma falta? Há que aceitar essa teoria em todo o seu rigor, ou absolver as paixões. Até agora, na França, a sociedade tem sabido adotar um *mezzo termine*:[\[421\]](#) zomba das desgraças. Como os espartanos, que só castigavam a imperícia, ela parece admitir o roubo. Mas talvez seja muito sensato esse sistema. O desprezo geral constitui o pior dos castigos, porque atinge a mulher no coração. As mulheres todas se empenham e devem empenhar-se em ser honradas, pois sem estima deixam de existir. Por isso esse é o primeiro sentimento que elas pedem ao amor. A mais corrompida dentre elas exige, antes de tudo o mais, uma absolvição para o passado, vendendo o futuro, e trata de fazer o amante compreender que ela troca por irresistíveis felicidades as honras que a sociedade lhe recusará.

Não há mulher que, ao receber em sua casa, pela primeira vez, um rapaz, e se encontrando sozinha com ele, não faça algumas reflexões; principalmente se, como Carlos de Vandenesse, ele é bonito e inteligente. De modo semelhante, poucos rapazes deixam de apoiar alguns íntimos desejos sobre uma das mil ideias que justificam seu amor inato pelas mulheres belas, inteligentes e infelizes como a sra. d'Aiglemont. Por isso, a marquesa, ao lhe anunciarem o sr. Vandenesse, ficou perturbada; e ele ficou quase envergonhado, apesar do desembaraço que de certa maneira é comum entre os diplomatas. Mas a marquesa depressa adquiriu esse ar afetuoso sob o qual as mulheres se abrigam das interpretações da vaidade. Essa atitude exclui qualquer pensamento secreto e modera os sentimentos temperando-os pela polidez. As mulheres conservam-se o tempo que querem nessa posição equívoca, como numa encruzilhada que leva igualmente ao respeito, à indiferença, ao assombro ou à paixão. Somente aos trinta anos uma mulher pode conhecer os recursos dessa situação. À custa

dela ri, brinca, se enternece sem se comprometer. Possui então o tato necessário para atacar no homem todas as cordas sensíveis e para estudar os sons que delas tira. O seu silêncio é tão perigoso quanto as suas palavras. Nunca se pode adivinhar se, nessa idade, ela é sincera ou falsa, se zomba ou está de boa-fé nas suas confissões. Depois de nos ter dado o direito de lutar com ela, de repente, com uma palavra, com um olhar, com um desses gestos cujo poder tão bem conhecem, encerram o combate, nos abandonam, e ficam senhoras de nosso segredo, com liberdade para nos imolarem com um gracejo, para se ocuparem conosco, protegidas ao mesmo tempo por sua fraqueza e por nossa força. Embora nessa primeira visita a marquesa se colocasse nesse terreno neutro, ela soube conservar uma alta dignidade de mulher. Seus profundos desgostos pairaram sempre sobre sua alegria fictícia como uma nuvem tênue que encobre imperfeitamente o sol. Vandenesse retirou-se depois de ter experimentado nessa palestra delícias desconhecidas; porém, ficou convencido de que a marquesa era dessas mulheres cuja conquista custa muito caro para que se possa tentar amá-las.

“Seria”, pensou ele consigo, ao retirar-se, “um namoro interminável, uma correspondência capaz de fatigar um subchefe ambicioso! Contudo, se eu quisesse mesmo...”

Esse fatal “se eu quisesse mesmo” sempre foi a perdição dos teimosos. Na França, o amor-próprio leva à paixão. Carlos voltou à casa da sra. d’Aiglemont e convenceu-se de que ela tomava interesse por sua palestra. Em vez de se entregar simplesmente à felicidade de amar, quis representar um duplo papel. Procurou mostrar-se apaixonado e, depois de analisar friamente a marcha dessa intriga, ser amante e diplomata; mas era generoso e jovem, e esse exame deveria conduzi-lo a um amor sem limites, porque, artificiosa ou natural, a marquesa era sempre mais forte que ele. Toda vez que saía de casa da sra. d’Aiglemont, Carlos persistia em sua desconfiança e submetia as situações progressivas por que passava sua alma a uma severa análise, que matava suas próprias emoções.

“Hoje”, disse consigo quando de sua terceira visita, “ela me fez compreender que era muito infeliz e só no mundo, que, se não fosse a

filha, desejaria ardentemente a morte. Foi duma resignação perfeita. Ora, não sou seu irmão nem seu confessor. Por que me terá confiado suas mágoas? Ela me ama.”

Dois dias depois, retirando-se, apostrofava os costumes modernos:

“O amor toma a cor de cada século. Em 1822 é doutrinário. Em vez de se provar, como outrora, por fatos, a gente o discute, disserta sobre ele, transforma-o em tema de oratória. As mulheres estão reduzidas a três processos: primeiro, põe em dúvida nossa paixão, recusam-nos a capacidade de amar tanto quanto elas amam. Coqueteria! verdadeiro desafio que a marquesa me fez esta noite. Depois, elas se fazem de muito infelizes para excitar nossa generosidade natural ou nosso amor-próprio. Qualquer rapaz não se sentirá lisonjeado por consolar uma grande desgraça? Finalmente, têm a mania da virgindade! Ela deve ter pensado que eu a supunha inexperiente. Minha boa-fé pode tornar-se uma excelente especulação.”

Um dia, porém, depois de ter esgotado suas ideias de desconfiança, ele indagou de si para si se a marquesa seria sincera, se tantos sofrimentos poderiam ser simulados, para que fingiria resignação? Ela vivia numa solidão profunda e devorava em silêncio desgostos que apenas deixava transparecer na entonação mais ou menos contida duma interjeição. Desde esse momento Carlos tomou um vivo interesse pela sra. d'Aiglemont. Contudo, ao dirigir-se a uma entrevista que se lhes tinha tornado necessária a um e outro, hora reservada por um instinto mútuo, Vandenesse considerava ainda a marquesa mais hábil que verdadeira, e seu último julgamento era: “Decididamente, essa mulher é muito astuta”. Entrou e encontrou a marquesa em sua atitude favorita, atitude cheia de melancolia; ela ergueu os olhos para ele sem fazer um movimento, e lançou-lhe um desses olhares significativos que se assemelham a um sorriso. A sra. d'Aiglemont exprimia uma confiança, uma amizade verdadeira, mas não amor. Carlos sentou-se e não pôde dizer coisa alguma. Estava emocionado por uma dessas sensações para as quais não há linguagem.

— Que tem? — perguntou ela, com voz terna.

— Nada. Estou pensando — tornou ele — numa coisa que ainda não lhe ocorreu.

— Em quê?

— Em que... o congresso já terminou.

— Mas então — disse ela — o senhor precisava ir ao congresso?

Uma resposta direta seria a mais eloquente e a mais delicada das declarações; mas Carlos não a deu. A fisionomia da sra. d'Aiglemont atestava uma amizade tão cândida que destruía todas as pretensões da vaidade, todas as esperanças do amor, todas as desconfianças do diplomata; ela ignorava ou parecia ignorar completamente que fosse amada; e quando Carlos, todo confuso, concentrou-se em si mesmo, viu-se forçado a reconhecer que nada fizera nem dissera que a autorizasse a pensar em tal. Nessa tarde o sr. de Vandenesse encontrou a marquesa como ela sempre fora: simples e afetuosa, verdadeira na sua dor, feliz por ter um amigo, satisfeita por encontrar uma alma que compreendesse a sua; não ia além disso e não julgava que uma mulher se pudesse deixar duas vezes seduzir; mas conhecera o amor e o guardava ainda sangrando no fundo de seu coração; não imaginava que a felicidade pudesse proporcionar duas vezes a uma mulher sua embriaguez, pois não acreditava unicamente no espírito, mas também na alma; e para ela o amor não era uma sedução, comportava todas as seduições nobres. Nesse momento Carlos voltou a ser jovem, foi subjugado pelo brilho de um tão grande caráter e quis ser iniciado em todos os segredos daquela existência despedaçada mais pelo acaso que por uma falta. A sra. d'Aiglemont apenas lançou um olhar ao amigo quando o ouviu pedir explicação da excessiva mágoa que comunicava à sua beleza todas as harmonias da tristeza; mas esse olhar profundo foi como que o selo dum contrato solene.

— Não me faça mais perguntas dessas — disse ela. — Há três anos, no dia de hoje, aquele que me amava, o único homem a cuja felicidade eu teria sacrificado até a minha própria estima, morreu, e morreu para me salvar a honra. Esse amor extinguiu-se novo, puro, cheio de ilusões. Antes de me entregar a uma paixão para a qual me impeliu uma fatalidade sem exemplo, eu tinha sido seduzida por aquilo que perde tantas moças: por um homem nulo, mas de aspecto agradável. O casamento desfolhou uma a uma as minhas esperanças. Perdi a felicidade legítima e essa felicidade a que chamam criminosa, sem ter

conhecido a felicidade. Não me resta nada. Se eu não soube morrer, devo ao menos me conservar fiel às minhas recordações.

Ao dizer isso, ela não chorou; baixou os olhos e torceu levemente os dedos, que tinha cruzados num gesto que lhe era habitual. Isso foi dito simplesmente, mas o tom da voz era dum desespero tão profundo quanto parecia ser o seu amor, e não deixou nenhuma esperança a Carlos. Essa infeliz existência traduzida em poucas frases e comentada por uma torção de mãos, essa dor tão forte numa mulher tão frágil, esse abismo numa cabeça tão linda, enfim, as tristezas, as lágrimas dum luto de três anos fascinaram Vandenesse, que se conservou silencioso e humilde ante aquela grande e nobre mulher: nela ele não via mais as belezas materiais, tão delicadas e perfeitas, mas a alma tão eminentemente sensível. Encontrava enfim esse ser ideal tão quimericamente sonhado, tão intensamente invocado por todos aqueles que põem a vida numa paixão, que a procuram com ardor e que morrem o mais das vezes sem terem podido fruir de todos os tesouros sonhados.

Ouvindo aquela linguagem e diante daquela beleza sublime, Carlos achou miseráveis as suas ideias. Na impotência em que se encontrava de corresponder com suas palavras à altura daquela cena, tão simples e tão elevada ao mesmo tempo, ele respondeu com lugares-comuns sobre o destino das mulheres.

— Senhora — disse ele —, é preciso sabermos esquecer nossas dores, ou então cavarmos nossa sepultura.

Mas a razão é sempre mesquinha em face do sentimento; uma é naturalmente limitada, como tudo que é positivo, e o outro é infinito. Raciocinar onde é preciso sentir é próprio das almas medíocres. Vandenesse conservou-se pois em silêncio, contemplou longamente a sra. d'Aiglemont e saiu. Presa de ideias novas que engrandeciam a mulher a seus olhos, ele se assemelhava a um pintor que, depois de ter tomado por dois tipos os vulgares modelos de seu ateliê, encontrasse de repente a *Mnémósine*^[422] do museu, a mais bela e a menos apreciada das estátuas antigas. Carlos ficou perdidamente apaixonado. Amou a sra. d'Aiglemont com essa boa-fé da juventude, com esse fervor que comunica às primeiras paixões uma graça inefável, uma

candura que o homem só torna a encontrar em ruínas quando mais tarde ainda ama: deliciosas paixões quase sempre deliciosamente saboreadas pelas mulheres que as originam, porque nessa bela idade de trinta anos, ápice poético da vida das mulheres, elas podem abranger toda a existência e enxergar tão claro no passado como no futuro. Elas conhecem então o verdadeiro valor do amor e gozam-no com receio de perdê-lo: a alma possui ainda a beleza da mocidade que as abandona, e a paixão se robustece à ideia de um futuro que as assusta.

— Amo — disse dessa vez Vandenesse ao deixar a marquesa — e para minha desgraça encontro uma mulher presa a recordações. É difícil lutar contra um morto que não se acha presente, que não pode cometer tolices, que não desagrada nunca, e do qual só se veem as boas qualidades. Não será querer destronar a perfeição, tentar matar os encantos da memória e as esperanças que sobrevivem a um amante perdido, precisamente porque ele só despertou desejos, do que o amor tem de mais belo, de mais sedutor?

Essa triste reflexão, devida ao desânimo e ao temor de não vencer, sentimentos pelos quais começa toda paixão verdadeira, foi a última manifestação de sua diplomacia expirante. Desde então ele não teve mais segundas intenções, tornou-se brinquedo de seu amor e perdeu-se nos nada dessa felicidade inexplicável que se alimenta de uma palavra, de um silêncio, de uma vaga esperança. Quis amar platonicamente, foi todos os dias respirar o ar que respirava a sra. d'Aiglemont, incrustou-se quase em sua casa e acompanhou-a por toda a parte com a tirania de uma paixão que junta seu egoísmo ao devotamento mais absoluto. O amor tem o seu instinto, sabe encontrar o caminho do coração como o mais frágil dos insetos caminha para sua flor com uma vontade irresistível que de nada se assusta. Por isso, quando um sentimento é verdadeiro, seu destino nada tem de duvidoso. Não é o bastante para lançar uma mulher em todas as angústias do terror, que ela chegue a pensar que sua vida depende da maior ou menor verdade, força e persistência que seu amado ponha em seus desejos?

Assim, é impossível a uma mulher, a uma esposa, a uma mãe,

resistir ao amor dum jovem; a única coisa que está ao seu alcance fazer é deixar de vê-lo ao adivinhar esse segredo do coração que uma mulher adivinha sempre. Mas esse partido parece decisivo demais para que uma mulher possa tomá-lo numa idade em que o casamento pesa, aborrece e cansa, em que a afeição conjugal é mais do que tibia, se porventura já não está abandonada pelo marido. Feias, as mulheres são favorecidas por um amor que as torna belas; jovens e bonitas, a sedução deve pairar à altura de seus atrativos e é imensa; virtuosas, um sentimento terrestremente sublime leva-as a encontrar não sei que absolvição na própria grandeza dos sacrifícios que fazem aos amados, e glória nessa luta difícil. Tudo é cilada. Por isso nenhuma lição é demasiado forte para tão fortes tentações. A reclusão outrora imposta à mulher na Grécia, no Oriente, e que se tornou moda na Inglaterra, é a única salvaguarda da moral doméstica; mas, sob o império desse sistema, desaparecem os encantos da sociedade; nem o convívio, nem a polidez, nem a elegância dos costumes são mais possíveis. As nações deverão escolher.

Dessa maneira, poucos meses depois de seu primeiro encontro, a sra. d'Aiglemont achou-se com a vida estreitamente ligada à de Vandenesse; admirou-se, sem muita surpresa e até com um certo prazer, de partilhar de seus gostos e pensamentos. Fora ela quem adotara as ideias de Vandenesse ou fora Vandenesse quem esposara seus mínimos caprichos? Não examinou o assunto. Já colhida pela corrente da paixão, essa admirável mulher dizia-se com a falsa boa-fé do medo: “Oh! não! Hei de ser fiel àquele que morreu por mim”.

Pascal disse: “Duvidar de Deus é acreditar nele”. Assim, também, uma mulher não se debate senão quando está agarrada. No dia em que a marquesa confessou a si mesma que era amada, aconteceu-lhe flutuar entre mil sentimentos contrários. As superstições da experiência falaram sua linguagem. Iria ser feliz? Poderia ela encontrar a felicidade fora das leis de que a sociedade faz, com ou sem razão, a sua moral? Até então a vida só lhe proporcionara amarguras. Haveria uma solução possível para os laços que unem dois corações separados pelas conveniências sociais? Mas será que alguma vez se paga a felicidade demasiado caro? Depois, talvez ela encontrasse aquela

felicidade tão ardentemente desejada e que é tão natural procurar. A curiosidade advoga sempre a causa dos apaixonados. Em meio a essa discussão interior, chegou Vandenesse. Sua presença dissipou o fantasma metafísico da razão.

Se tais são as transformações sucessivas por que passa um sentimento mesmo fugaz entre um rapaz e uma mulher de trinta anos, há um momento em que tudo se concentra, em que os raciocínios se resumem num só, numa última reflexão que se transforma num desejo e que o corrobora. Quanto mais longa tiver sido a resistência, tanto mais poderosa então será a voz do amor. Aqui pois termina essa lição, ou melhor, esse estudo em *esfolado*, se nos é permitido tomar emprestado à pintura um de seus termos mais pitorescos; pois esta história mais explica do que pinta os perigos e mecanismos do amor. Mas desde esse momento, cada dia acrescentou cores a esse esqueleto, revestiu-o com as graças da mocidade, reavivou-lhe as carnes, vivificou-lhe os movimentos, restituiu-lhe o brilho, a beleza, as seduçções do sentimento e os atrativos da vida. Carlos encontrou a sra. d'Aiglemont pensativa; e quando lhe perguntou nesse tom penetrante que as doces magias do coração tornaram persuasivo: “Que tem?”, ela absteve-se de responder. Essa deliciosa pergunta acusava um perfeito entendimento de alma; e, com o instinto maravilhoso da mulher, a marquesa compreendeu que lamentações ou a expressão de seu pesar íntimo seria de qualquer modo antecipar-se. Se cada uma de suas palavras já tinha uma significação clara para cada um deles, em que abismo não iria ela meter os pés! Ela leu em seu íntimo lucidamente, e calou-se; e seu silêncio foi imitado por Vandenesse.

— Não estou bem — disse ela por fim, temerosa com o alto significado de um momento em que a linguagem dos olhos supriu completamente a importância das palavras.

— Senhora — respondeu Carlos numa voz afetuosa mais violentamente emocionada —, alma e corpo formam um todo. Se fosse feliz, seria jovem e louçã. Por que recusa pedir ao amor tudo aquilo de que o amor a privou? Julga a vida terminada no momento em que, para a senhora, ela começa. Confie-se aos cuidados dum amigo. É tão doce ser amado!

— Já estou velha — disse ela —, nada me escusaria portanto de não continuar a sofrer como até agora. Diz-me que é preciso amar? Pois bem! Eu não devo nem posso amar. Afora o senhor, cuja amizade suaviza um pouco minha vida, ninguém me agrada, ninguém seria capaz de afugentar minhas recordações. Eu aceito um amigo, mas fugiria de um apaixonado. Depois, seria generoso de minha parte trocar um coração desolado por um coração jovem, acolher ilusões de que não posso partilhar, causar uma felicidade em que eu não acreditaria ou que temeria perder? Possivelmente eu responderia com egoísmo ao seu devotamento, e com cálculo diante dos seus sentimentos, minha memória ofenderia a vivacidade de seus prazeres. Não, acredite, o primeiro amor nunca pode ser substituído. Enfim, que homem, por tal preço, queria meu coração?

Essas palavras, impregnadas duma horrível coqueteria, eram o último esforço da sensatez. “Se ele desanimar, então continuarei sozinha e fiel.” Essa ideia dominou-a, e foi para ela o que é o frágil ramo de salgueiro para o nadador que a ele se agarra antes de ser arrastado pela correnteza. Ao ouvir essa decisão, Vandenesse teve um estremecimento involuntário que fez mais impressão ao coração da marquesa que toda a sua insistência anterior. O que mais impressiona às mulheres não é encontrar em nós afabilidades, sentimentos delicados com os seus; porque nelas a frieza e a delicadeza são indícios do que é *verdadeiro*. O gesto de Carlos revelava um verdadeiro amor. A sra. d’Aiglemont percebeu a intensidade da afeição de Carlos pela intensidade da sua dor. O rapaz disse com frieza:

— Talvez a senhora tenha razão: novos amores, novos dissabores.

Depois, mudou de assunto e falou de coisas indiferentes; mas estava visivelmente emocionado e fitava a sra. d’Aiglemont com uma atenção concentrada, como se a estivesse vendo pela última vez. Finalmente, deixou-a, dizendo-lhe com emoção:

— Adeus, senhora.

— Até a vista — disse ela com essa graça sedutora que só possuem as mulheres finas.

Ele não respondeu e saiu.

Quando ficou só, quando a cadeira que Carlos ocupara, vazia, falava

por ele, a marquesa sentiu-se arrependida e achou que não tinha procedido bem. A paixão progride enormemente numa mulher no momento em que ela acredita haver agido pouco generosamente, ou ter ferido alguma alma nobre. Em amor, nunca se deve descrever dos maus sentimentos; eles são muito salutares. As mulheres só sucumbem ao golpe duma virtude. *A estrada do inferno está calçada de boas intenções* não é um paradoxo de pregador.

Vandenesse passou alguns dias sem aparecer. Todas as tardes, à hora em que ele costumava vir, a marquesa esperava-o com uma impaciência cheia de remorsos. Escrever seria uma confissão; aliás, seu instinto dizia-lhe que ele voltaria. No sexto dia, o criado de quarto anunciou-o. Jamais ela lhe ouvira o nome com tanta satisfação. Sua alegria assustou-o.

— Fui bastante castigada! — disse-lhe ela.

Vandenesse fitou-a com ar espantado.

— Castigada? — repetiu ele. — Mas por quê?

Carlos compreendia perfeitamente a marquesa, mas queria vingar-se dos sofrimentos por que passara, já que ela os suspeitava.

— Por que não tem vindo me ver? — perguntou ela, sorrindo.

— Então não tem recebido visitas? — disse ele para fugir a uma resposta direta.

— O sr. de Ronquerolles,[423] o sr. de Marsay[424] e o pequeno d'Esgrignon[425] estiveram aqui, um ontem, outro esta manhã, cerca de duas horas. Vi também, creio, a sra. Firmiani[426] e a irmã do senhor, a sra. de Listomère.[427]

Outro sofrimento! Dor incompreensível para aqueles que não amam com esse despotismo usurpador e feroz cujo efeito mínimo é um ciúme monstruoso, um perpétuo desejo de furtar o ser amado a toda influência estranha ao amor.

“Como!”, exclamou Vandenesse consigo, “ela recebeu, ela viu criaturas satisfeitas, ela falou-lhes, enquanto eu permanecia solitário, infeliz!”

Sepultou seu desgosto e lançou seu amor para o fundo do coração, como um esquife é lançado ao mar. Seus pensamentos eram daqueles que se não exprimem, que têm a rapidez dos ácidos que matam ao se

evaporarem. Contudo, o semblante se lhe anuviou, e a sra. d'Aiglemont obedeceu a um instinto feminino partilhando dessa tristeza sem a compreender. Ela não era cúmplice do mal que fazia, e Vandenesse disse se apercebeu. Falou de sua situação e de seu ciúme, como se se tratasse duma dessas hipóteses que os apaixonados gostam de discutir. A marquesa compreendeu tudo e ficou tão vivamente comovida que não pôde reter as lágrimas. Desse momento em diante, entraram ambos no céu do amor. Céu e inferno são dois grandes poemas que fixam os dois únicos pontos em torno dos quais gira nossa existência: a alegria ou a dor. O céu não é, não será sempre uma imagem do infinito dos nossos sentimentos que não será pintado senão em detalhes, porque a felicidade é uma só? e o inferno não representa as torturas infinitas de nossas dores, de que podemos fazer obra de poesia, porque todas são dessemelhantes?

Uma tarde, os dois enamorados estavam sós, sentados lado a lado, em silêncio, e ocupados em contemplar um dos mais belos espetáculos do firmamento, um desses céus puros em que os derradeiros raios de sol lançam fracas tintas de ouro e de púrpura. Nesse instante da tarde o lento esvaecer da luz parece despertar sentimentos suaves; nossas paixões vibram delicadamente, e saboreamos as perturbações de não sei que violência em meio à calmaria. Mostrando-nos a felicidade por imagens vagas, a natureza convida-nos a gozá-la quando a temos perto de nós, ou faz com que choremos sua perda, quando nos fugiu. Nesses instantes férteis em encantamentos, sob o dossel dessa luz cujas ternas harmonias se unem a seduçções íntimas, é difícil resistir aos desejos do coração que tem então tanta magia! Então o pesar se embota, a alegria embriaga e a dor abate. As magnificências da tarde são o presságio das confissões e as encorajam. O silêncio torna-se mais perigoso que a palavra, comunicando aos olhos todo o infinito do céu que eles refletem. Se falamos, o mais insignificante termo possui um poder irresistível. Não há então luz na voz, púrpura no olhar? Não temos a impressão de que o céu está em nós, ou não nos parece que estamos no céu? Contudo, Vandenesse e Júlia — pois desde alguns dias ela se deixava chamar assim familiarmente por aquele a quem gostava de chamar de Carlos; falavam ambos, mas o assunto primitivo da palestra

estava bem longe deles, e, se já nem sabíamos o sentido das palavras, escutavam com delícia os pensamentos secretos que elas encobriam. A mão da marquesa estava na de Vandenesse, e ela a abandonava sem pensar que isso fosse um favor.

Inclinaram-se juntos para verem uma dessas majestosas paisagens de neve, de geleiras, de sombras acinzentadas que tingem as encostas de montanhas fantásticas; um desses quadros repletos de contrastes bruscos entre as chamas vermelhas e os tons escuros que decoram os céus com uma inimitável e fugaz poesia; fraldas magníficas onde renasce o sol, maravilhosas mortalhas de crepúsculos. Nesse momento, os cabelos de Júlia roçaram o rosto de Vandenesse; ela sentiu esse contato leve, estremeceu vivamente, e ele ainda mais; pois ambos haviam gradualmente chegado a uma dessas inexplicáveis crises em que a calma comunica aos sentidos uma percepção tão fina, que o mais leve choque faz brotar lágrimas e transbordar a tristeza, se o coração está perdido em suas melancolias, ou lhe dá inefáveis prazeres se está perdido nas vertigens do amor. Quase involuntariamente, Júlia apertou a mão do amigo. Essa pressão persuasiva deu coragem à timidez de Vandenesse. As alegrias do momento e as esperanças do futuro, tudo se fundiu numa emoção, na emoção da primeira carícia do casto e modesto beijo que a sra. d'Aiglemont aceitou, na face. Quanto mais insignificante é o favor, mais forte, mais perigoso se torna. Para infelicidade de ambos, não havia ali nem simulação nem falsidade. Foi o entendimento de duas almas, separadas por tudo o que é lei, reunidas por tudo o que é sedução na natureza.

Nesse momento, entrou o general d'Aiglemont.

— O ministério caiu — disse ele. — Seu tio faz parte do novo gabinete. Desse modo, tem muitas probabilidades de vir a ser embaixador, Vandenesse.

Carlos e Júlia entreolharam-se, corando. Esse pudor mútuo ligou-os ainda mais. Ambos tiveram o mesmo pensamento, o mesmo remorso; laço terrível e tão forte entre dois bandidos que acabam de matar um homem quanto entre dois apaixonados culpados dum beijo. Era preciso responder ao marquês.

— Eu não quero sair de Paris — disse Carlos de Vandenesse.

— Nós sabemos por quê — replicou o general, afetando a finura dum homem que descobre um segredo. — Não quer abandonar seu tio, para conseguir ser declarado herdeiro de seu pariato.

A marquesa escapou para o seu quarto, formulando consigo esta horrível opinião sobre o marido: “Ele é por demais imbecil!”.

QUARTA PARTE

O DEDO DE DEUS

I – O BIÈVRE

Entre a Porte d'Italie e a de la Santé, no bulevar interior que leva ao Jardin des Plantes, existe uma perspectiva digna de maravilhar o artista ou o viajante mais calejado nos prazeres da vista. Subindo-se a uma leve eminência a partir da qual o bulevar, sombreado por árvores frondosas, faz uma curva com a graça de uma alameda florestal, verde e silenciosa, vê-se embaixo um vale profundo, povoado de fábricas quase de aspecto rural, coberto de verdura, banhado pelas águas barrentas do Bièvre ou do Gobelins.

Na vertente oposta, alguns milhares de tetos, apinhados como as cabeças duma multidão, encobrem as misérias do faubourg Saint-Marceau. A magnífica cúpula do Panthéon e o zimbório descorado e

melancólico do Val-de-Grâce dominam orgulhosamente toda uma cidade em anfiteatro, cujos degraus são representados de modo bizarro pelas ruas tortuosas. Daí, as proporções dos dois monumentos parecem gigantescas; reduzem a nada tanto as humildes moradias como os mais altos álamos do vale. À esquerda, o Observatoire, através de cujas janelas e galerias passa a claridade do dia, produzindo inexplicáveis desenhos, aparece como um espectro negro e descarnado. Além, longínqua, a elegante lanterna dos Invalides brilha entre o maciço azulado do Luxembourg e as torres cinzentas de Saint-Sulpice. Vistas dali, essas linhas arquitetônicas misturam-se com as folhagens, com suas sombras, são submetidas aos caprichos dum céu que muda incessantemente de cor, de claridade ou de aspecto. Ao longe, os edifícios mobiliam os ares; em derredor, serpenteiam árvores tremulantes, caminhos rústicos. À direita, por um amplo recorte dessa singular paisagem, avista-se o comprido lençol do canal Saint-Martin, emoldurado de pedras vermelhas, ornado de tílias, marginado pelas construções autenticamente romanas dos celeiros da fartura. Além, no último plano, as vaporosas colinas de Belleville, cheias de casas e moinhos, confundem seus acidentes com os das nuvens. Entretanto, existe uma cidade, que não se vê, entre a fila de telhados que borda o vale e esse horizonte tão vago quanto uma recordação de infância; uma cidade imensa, perdida como num precipício entre o cimo da Piété e o alto do cemitério de l'Est, entre o sofrimento e a morte. Ela faz ouvir um murmúrio surdo semelhante ao do oceano que ruga por detrás dum rochedo como que para dizer: “Estou aqui”.

Se o sol lança seus raios luminosos sobre essa face de Paris, se lhe aclara, se lhe purifica as linhas; se acende reflexos em algumas vidraças, se alegra as telhas, beija as cruzes douradas, clareia as paredes e transforma a atmosfera num véu de gaze; se cria ricos contrastes com as sombras fantásticas; se o céu é azul e a terra freme, se os sinos dobram, então admira-se dali um desses espetáculos eloquentes que a imaginação jamais esquece, de que se fica idólatra, apaixonado como dum maravilhoso panorama de Nápoles, de Istambul ou das Flóridas. Não falta nenhuma harmonia a esse concerto. Ali, murmuram o ruído do mundo e a poética paz da solidão, as vozes de

um milhão de seres e a voz de Deus. Ali jaz uma capital, deitada sob os aprazíveis ciprestes do Père-Lachaise.

Por uma manhã de primavera, num momento em que o sol fazia brilhar todas as belezas dessa paisagem, eu as admirava, apoiado num grande olmeiro que balançava ao vento suas flores amarelas. Ante esses preciosos e sublimes quadros, eu pensava amargamente no desprezo que manifestamos, até nos livros, pelo nosso país atual. Eu maldizia esses pobres ricos que, aborrecidos de nossa bela França, vão comprar a peso de ouro o direito de desdenhar sua pátria, visitando a galope, examinando através dum binóculo as vistas dessa Itália que se tornou tão vulgar. Eu contemplava com amor a Paris moderna, sonhava, quando de súbito o ruído de um beijo perturbou a minha solidão e afugentou a filosofia.

Na contra-alameda que coroa a rampa íngreme ao pé da qual se agitam as águas, e olhando para além da Pont des Gobelins, descobri uma mulher que me pareceu ainda bastante jovem, vestida com a mais elegante simplicidade, e cuja fisionomia suave parecia refletir a alegria da paisagem. Um belo rapaz pousava em terra o mais lindo garoto que é possível imaginar, de modo que eu não consegui jamais saber se o beijo estalara sobre a face da mãe ou do filho. Um mesmo pensamento, terno e vivo, brilhava nos olhos, nos gestos, nos sorrisos dos dois jovens. Eles entrelaçaram os braços com uma presteza tão alegre, e aproximaram-se com uma tão maravilhosa harmonia de movimentos, que, embevecidos, nem se aperceberam da minha presença. Mas uma outra criança, descontente, rabugenta, e que lhes virava as costas, lançou-me olhares cheios duma expressão surpreendente. Deixando o irmão correr sozinho, ora atrás, ora na frente da mãe e do rapaz, essa criança, vestida como a outra, igualmente graciosa, mas mais suave de formas do que ela, permaneceu muda, imóvel, e na atitude duma serpente encolhida. Era uma menina. O passeio da linda mulher e de seu companheiro tinha não sei quê de maquinal. Contentando-se, por distração talvez, com percorrer o curto espaço compreendido entre a pequena ponte e uma carruagem estacionada na curva do bulevar, começavam constantemente o breve passeio, parando, fitando-se, rindo ao sabor duma palestra alternativamente animada, lânguida, tola

ou grave.

Oculto pelo grande olmo, eu admirava essa cena deliciosa, e ter-lhe-ia sem dúvida respeitado os mistérios se não tivesse surpreendido no rosto da garotinha sonhadora e taciturna sinais dum pensamento mais profundo do que sua idade comportava. Quando a mãe e o rapaz davam volta, depois de terem ido até junto dela, frequentes vezes ela inclinava sorrateiramente a cabeça e lançava sobre eles e sobre o irmão um olhar furtivo verdadeiramente extraordinário. Mas nada seria capaz de exprimir a finura penetrante, a maliciosa ingenuidade, a selvagem atenção que animavam aquele rosto infantil de olhos ligeiramente cerrados, quando a linda mulher ou seu companheiro acariciavam os cachos louros, afagavam o pescoço ou o colarinho branco do menino, toda vez que, por travessura, procurava caminhar ao lado deles.

Não há dúvida de que havia uma paixão de homem na fisionomia delicada dessa estranha menina. Ela sofria ou pensava. Ora, o que é que com mais exatidão profetiza a morte nessas criaturas em flor? Será o sofrimento alojado no corpo, ou será o pensamento precoce devorando-lhes as almas, apenas germinadas? Uma mãe talvez saiba isso. Quanto a mim, não conheço até agora nada mais horrível que um pensamento de velho na fronte duma criança; a blasfêmia nos lábios duma virgem ainda é menos monstruosa. Por isso, a atitude quase estúpida dessa menina já pensativa, a raridade de seus gestos, tudo me interessou. Examinei-a com curiosidade. Por um capricho natural aos observadores, comparei-a com o irmão, procurando descobrir as semelhanças e diferenças que havia entre ambos. Ela tinha cabelos castanhos, olhos negros e uma energia precoce que formavam um vivo contraste com a cabeleira loura, os olhos verde-mar e a graciosa fragilidade do menino. Poderia ter uns sete ou oito anos, e ele no máximo seis. Estavam vestidos da mesma maneira. Contudo, observando-os com atenção, notei nas golas das camisas uma diferença bastante frívola, mas que mais tarde me revelou todo um romance no passado, todo um drama no futuro. E era uma coisa bem insignificante. Um simples debrum bordava a gola da menina, ao passo que lindos bordados ornavam a do mais moço, traindo um segredo de coração,

uma predileção tácita que as crianças leem na alma de suas mães, como se o espírito de Deus estivesse nelas. Despreocupado e alegre, o lourinho parecia uma menina, tal era o frescor de sua pele branca, a graça de seus movimentos, a doçura de sua fisionomia; ao passo que a mais velha, apesar de sua energia, apesar da beleza de suas feições e do brilho da tez, parecia um menino doentio. Seus olhos vivos, desprovidos desse úmido vapor que dá tanto encanto ao olhar das crianças, pareciam, como o das cortesãs, ter secado por um fogo interior. Enfim, sua brancura tinha não sei que tonalidade mate, esverdeada, sintoma dum vigoroso caráter.

Por duas vezes o irmãozinho fora oferecer-lhe com uma graça tocante, com um lindo olhar, com uma fisionomia expressiva que encantaria Charlet,^[428] a pequena trompa de caça em que soprava de vez em quando; mas das duas vezes ela só respondera com um olhar enraivecido a esta frase: “Toma, Helena, queres” dita numa voz carinhosa. E, sombria e terrível sob sua fisionomia aparentemente despreocupada, a menina estremecia e chegava até a corar quando o irmão se lhe aproximava; mas o menino não parecia perceber o mau humor da irmã, e sua despreocupação, misturada de interesse, acabava por fazer contrastar o verdadeiro caráter da infância com a reflexão do homem, que já se estampava no rosto da menina e que já o obscurecia com suas nuvens sombrias.

— Mamãe, Helena não quer brincar — exclamou o menino, que aproveitou para se queixar um momento em que a mãe e o rapaz tinham ficado silenciosos sobre a Pont des Gobelins.

— Deixa-a, Carlos. Tu sabes que ela sempre está de mau humor.

Essas palavras, pronunciadas ao acaso pela mãe, que em seguida virou-se bruscamente com o rapaz, arrancaram lágrimas a Helena. Ela as derramou em silêncio, lançou ao irmão um daqueles olhares profundos que me pareciam inexplicáveis e contemplou primeiro, com uma sinistra inteligência, o talude no cimo do qual ele estava, depois a correnteza do Bièvre, a ponte, a paisagem e a mim.

Receei ser visto pelo casal feliz, cujo colóquio eu iria sem dúvida perturbar; retirei-me cautelosamente e fui refugiar-me atrás duma sebe de sabugueiro cuja folhagem me furtava completamente a todos

os olhares. Sentei-me tranquilamente no alto do talude, fitando em silêncio ora as belezas cambiantes da paisagem, ora a menina selvagem que me era possível ainda entrever através dos interstícios da sebe, em cujos sabugueiros minha cabeça repousava, quase ao nível do bulevar. Não mais me vendo, Helena pareceu inquieta; seus olhos negros procuraram-me na alameda distante atrás das árvores, com uma indefinível curiosidade. Que seria eu para ela? Nesse momento, o riso inocente de Carlos repercutiu no silêncio como um canto de pássaro. O belo rapaz, louro como ele, sacudia-o nos braços e o beijava, prodigalizando-lhe essas palavrinhas sem nexo e destituídas de seu sentido verdadeiro, que dirigimos amistosamente às crianças. A mãe sorria a esse brinquedo, e, de tempos em tempos, dizia, sem dúvida em voz baixa, palavras brotadas do coração, pois seu companheiro parava de brincar, feliz, e a fitava com um olhar extasiado, cheio de fogo, cheio de idolatria. Suas vozes, misturadas à do pequeno, tinham não sei quê de carinhoso. Todos três eram encantadores. Essa cena deliciosa, no meio daquela paisagem magnífica, dava-lhe uma incrível suavidade. Uma mulher, bela, clara, risonha, um filho do amor, um homem no esplendor da mocidade, um céu puro, enfim todas as harmonias da natureza concorriam para alegrar a alma. Surpreendi-me a sorrir, como se aquela felicidade fosse minha. O belo rapaz ouviu bater nove horas. Depois de ter beijado ternamente sua companheira, que se tornara séria e quase triste, ele regressou para seu tálburi, que se aproximava lentamente conduzido por um velho criado. A garrulice da criança confundiu-se com os últimos beijos que lhe deu o rapaz. Depois que este subiu para a carruagem, que a mulher imóvel escutou o rodar do tálburi, acompanhando o rastro deixado pela nuvem de poeira na alameda verde do bulevar, Carlos correu para a irmã que estava na ponte, e ouvi que lhe dizia numa voz argentina:

— Por que não foste dizer adeus ao meu bom amigo?

Vendo o irmão no declive do talude, Helena lançou-lhe o mais horrível olhar que jamais iluminou os olhos duma criança e empurrou-o com um movimento de raiva. Carlos escorregou pela encosta íngreme, indo de encontro a raízes que o atiraram violentamente sobre as pedras cortantes do muro; partiu a cabeça e depois, sangrando, foi

cair nas águas barrentas do rio. A superfície líquida abriu-se em mil gotas escuras sob a linda cabecinha loura. Eu ouvi os gritos do pobrezinho; gritos que logo se perderam sufocados no lodo, onde ele desapareceu produzindo um som pesado como o de uma pedra que se afunda. O relâmpago não é mais rápido do que foi essa queda. Levantei-me de um salto e desci por um atalho. Helena, estupefata, soltava gritos pungentes:

— Mamãe! Mamãe!

A mãe achava-se ali, junto de mim. Voara como o vento. Mas nem os olhos da mãe nem os meus podiam encontrar o lugar preciso em que a criança estava sepultada. A água negra borbulhava num espaço imenso. Nesse local, o leito do Bièvre, tem dez pés de lodo. O menino fatalmente morreria; era impossível socorrê-lo. Àquela hora, num domingo, tudo estava em repouso. Não há no Bièvre barcos nem pescadores. Não vi nem varas com que sondar o rio fétido, nem ninguém à vista. Por que havia eu de falar nesse sinistro acidente, ou de revelar o segredo dessa desgraça? Helena tinha talvez vingado o pai. Seu ciúme era sem dúvida o gládio de Deus. Contudo, eu estremeci contemplando a mãe. A que medonho interrogatório não iria submetê-la o marido, seu eterno juiz? E ela arrastava consigo uma testemunha incorruptível. A infância tem a fronte transparente, a tez diáfana; e a mentira é nela como uma luz que lhe ruboriza até o próprio olhar. A infeliz mulher não pensava ainda no suplício que a esperava em casa. Ela olhava o Bièvre.

Um tal acontecimento devia causar um abalo medonho na vida duma mulher, e eis um dos ecos mais terríveis que de tempos em tempos perturbaram a vida afetiva de Júlia.

II – O VALE DA TORRENTE

Dois ou três anos mais tarde, uma noite, depois do jantar, em casa do marquês de Vandenesse, então de luto pelo pai, e que tinha de tratar da sucessão, encontrava-se um notário. Não o insignificante notário de Sterne,^[429] mas um corpulento e gordo notário de Paris, um desses homens estimáveis que fazem uma tolice com precaução, que pisam

com toda a força numa chaga desconhecida e perguntam o motivo por que a gente se queixa. Se, por acaso, ficam sabendo o porquê de sua estupidez assassina, dizem: “Juro que de nada sabia!”. Enfim, era um notário honestamente simplório, que na vida não via senão escrituras. O diplomata tinha ao seu lado a sra. d’Aiglemont. O general retirara-se delicadamente antes do fim do jantar para conduzir seus dois filhos ao espetáculo do Ambigu-Comique ou do Gaîté, nos bulevares. Apesar de os melodramas superexcitarem os sentimentos, passam em Paris por estarem ao alcance das crianças, e sem perigo, porque neles a inocência triunfa sempre. O pai saía sem esperar a sobremesa, tanto a filha e o filho tinham-no atormentado para chegar ao espetáculo antes do erguer do pano.

O notário, o imperturbável notário, incapaz de conjecturar por que a sra. d’Aiglemont enviava ao espetáculo os filhos e o marido sem os acompanhar, estava, depois do jantar, como que grudado à cadeira. Uma discussão prolongara a sobremesa, e os criados demoravam a servir o café. Esses incidentes, que tomavam um tempo sem dúvida precioso, arrancavam à bela mulher movimentos de impaciência; poder-se-ia compará-la a um cavalo de raça escarvando antes da corrida. O notário, que não entendia nem de cavalos nem de mulheres, apenas e ingenuamente achava a marquesa uma mulher viva e buliçosa. Encantado por estar em companhia duma mulher de prestígio social e dum político célebre, o notário se fazia espirituoso; tomava como aprovação o sorriso forçado da marquesa, a quem impacientava consideravelmente, e continuava. Já o dono da casa, de acordo com sua companheira, permitira-se guardar por várias vezes silêncio em ocasiões em que o notário esperava uma resposta lisonjeira; mas, durante esses silêncios significativos, o diabo do homem fitava o fogo procurando anedotas. Depois, o diplomata recorrera ao relógio. Por fim, a linda mulher tornara a pôr o chapéu para sair e não saía. O notário não via nem entendia nada; estava encantado consigo mesmo e certo de que interessava bastante à marquesa para retê-la ali. “Com toda a certeza terei esta senhora como cliente”, pensava ele.

A marquesa conservava-se de pé, calçava as luvas, torcia os dedos e

olhava alternadamente para o marquês de Vandenesse, que partilhava de sua impaciência, e para o notário, que sublinhava cada um de seus ditos de espírito. Cada vez que o digno homem fazia uma pausa, o lindo par respirava, dizendo-se por um sinal: “Enfim, ele se vai!”. Mas nada. Era um pesadelo moral que devia acabar por irritar os dois apaixonados sobre os quais o notário agia como uma serpente sobre os pássaros, e obrigá-los a alguma grosseria. No melhor da narrativa acerca dos ignóbeis meios de que du Tillet,[430] um homem de negócios então em evidência, lançara mão para fazer sua fortuna, e cujas infâmias eram escrupulosamente pormenorizadas pelo espirituoso notário, o diplomata ouviu bater nove horas; viu que o notário era decididamente um imbecil que urgia despedir sem mais delongas, e interrompeu-o resolutamente com um gesto.

— Quer as tenazes, senhor marquês? — disse o notário apresentando-as ao cliente.

— Não, senhor, sou obrigado a despedi-lo. A senhora precisa ir encontrar seus filhos, e eu vou ter a honra de acompanhá-la.

— Nove horas, já! Na companhia de pessoas amáveis o tempo passa como por encanto — disse o notário, que falava sozinho havia uma hora.

Procurou o chapéu e depois veio plantar-se diante da lareira; teve dificuldade em reter um soluço e disse ao cliente, sem se aperceber dos olhares fulminantes que lhe lançava a marquesa:

— Estamos entendidos, senhor marquês. Os negócios antes de tudo. Amanhã, pois, enviaremos uma intimação ao senhor seu irmão para certificá-lo; procederemos ao inventário, e depois asseguro-lhe...

O notário compreendera tão mal as intenções de seu cliente, que tomava o negócio em sentido inverso às instruções que este lhe acabava de dar. O incidente era delicado demais para que Vandenesse não retificasse involuntariamente as ideias do estúpido notário, e daí seguiu-se uma discussão que durou certo tempo.

— Escute — disse por fim o diplomata a um sinal que lhe fez a jovem senhora —, o senhor me atordoa a cabeça; volte amanhã às nove horas com o meu advogado.

— Mas eu tenho a honra de lhe observar, senhor marquês, que não

temos certeza de encontrar amanhã o sr. Desroches,[431] e se a intimação não for feita até o meio-dia, o prazo expira, e...

Nesse momento uma carruagem entrou no pátio; e ao ouvi-la a pobre mulher voltou-se bruscamente para ocultar as lágrimas que lhe vieram aos olhos.

O marquês tocou a sineta para mandar dizer que tinha saído; mas o general, que voltara subitamente do Gaîté,[432] precedeu o criado e apareceu trazendo por uma das mãos a filha, que estava com os olhos vermelhos, e pela outra o menino, pesaroso e zangado.

— Que foi que aconteceu? — perguntou a marquesa ao marido.

— Mais tarde te direi — respondeu o general dirigindo-se ao gabinete contíguo cuja porta estava aberta e onde ele divisara os jornais.

A marquesa, nervosa, atirou-se com desespero num canapé. O notário, que se julgou na obrigação de ser gentil com as crianças, adotou um tom afetado para perguntar ao menino:

— Então, meu filho, que peça foi que viu?

— *O vale da torrente*[433] — respondeu Gustavo[434] de mau humor, resmungando.

— Palavra de honra — disse o notário —, os autores de hoje são meio loucos! *O vale da torrente!* Por que não *A torrente do vale*? É possível que um vale não tenha torrente, e dizendo *A torrente do vale*, os autores teriam indicado qualquer coisa de preciso, de nítido, de característico, de compreensível. Mas, deixando de lado isso, como é que pode se encontrar motivo para um drama numa torrente e num vale? Responder-me-ão que atualmente o principal atrativo dessas espécies de espetáculos reside nos cenários, e esse título indica que eles devem ser muito bonitos. Divertiu-se muito? — perguntou sentando-se diante do menino.

No momento em que o notário perguntou que drama podia encontrar-se no fundo duma torrente, a filha da marquesa voltou-se lentamente e chorou. A mãe estava tão contrariada que não percebeu o movimento da filha.

— Oh, sim, senhor, diverti-me muito! — respondeu o menino. — Havia na peça um rapazinho encantador que estava só no mundo

porque seu pai não podia ser seu pai. Acontece que, quando ele chega ao alto duma ponte sobre a torrente, um vilão muito barbudo, vestido de negro, o atira na água. Helena pôs-se então a chorar, a soluçar; toda a sala gritou atrás de nós, e papai imediatamente, imediatamente nos tirou...

O sr. de Vandenesse e a marquesa ficaram ambos estupefatos e como que invadidos por um mal que lhes tirava a força de pensar e de agir.

— Gustavo, cale-se! — gritou o general. — Eu lhe proibi de falar sobre o que se passou no espetáculo, e você já esqueceu minhas recomendações.

— Vossa Senhoria o desculpe, senhor marquês — disse o notário —; fiz mal em interrogá-lo, mas ignorava a gravidade da...

— Ele devia não ter respondido — disse o pai, olhando com frieza para o filho.

A causa do brusco regresso das crianças e do pai ficou assim perfeitamente esclarecida para a marquesa e para o diplomata. A mãe olhou para a filha, viu-a chorando e ergueu-se para ir até ela; mas nesse momento o rosto se lhe contraiu violentamente e apresentou sinais duma severidade que nada atenuava.

— Basta, Helena — disse-lhe —; vá para o quarto enxugar suas lágrimas.

— Que foi que a pobre menina fez? — perguntou o notário, querendo acalmar ao mesmo tempo a cólera da mãe e o pranto da filha. — Ela é tão linda que deve ser a criatura mais bem comportada do mundo; estou certo, senhora, que ela só lhe dá satisfações. Não é verdade, minha menina?

Helena olhou trêmula para a mãe, enxugou as lágrimas, tratou de mostrar uma fisionomia calma e enveredou para o quarto.

— E, por certo — disse o notário sempre continuando a falar —, a senhora marquesa é uma mãe muito extremosa para não amar do mesmo modo a todos os seus filhos. Aliás, a senhora é bastante virtuosa para não ter essas tristes preferências cujas funestas consequências se revelam mais particularmente a nós, notários. A sociedade passa-nos pelas mãos; por isso vemos as paixões sob a sua

forma mais hedionda: *o interesse*. Às vezes é uma mãe que quer deserdar os filhos do marido em proveito dos filhos que ela prefere; enquanto, por seu lado, o marido quer reservar sua fortuna para o filho que mereceu o ódio da mãe. Então, são lutas, temores, ações, contraescrituras, vendas simuladas, fideicomissos; enfim, uma embrulhada deplorável, palavra de honra, deplorável! Outras vezes, os pais passam a vida a deserdar os filhos, roubando o dinheiro das esposas... Sim, *roubando* é o termo. Falávamos de drama; ah! asseguro-lhe que se pudéssemos declinar o segredo de certas doações, nossos autores teriam assunto para compor terríveis tragédias burguesas. Não sei de que poder usam as mulheres para fazer o que querem, porque, apesar das aparências e de sua fraqueza, são sempre elas que triunfam. Ah, mas a mim é que não enganam! Eu sempre adivinho as razões dessas predileções, que na sociedade a gente qualifica delicadamente de incompreensíveis! Mas os maridos nunca as adivinham, é uma justiça que se lhes deve fazer. A senhora me responderá a isso que há agradados...

Helena, que voltara com o pai para o salão, escutava atentamente o notário e o compreendia tão bem, que lançou para a mãe um olhar temeroso pressentindo com todo instinto da infância que essa circunstância ia redobrar a severidade que se desencadeava sobre ela. A marquesa empalideceu ao mostrar ao conde, com um gesto de terror, o marido, que olhava pensativamente para as flores do tapete. Nesse momento, apesar de toda a sua diplomacia, Vandenesse não pôde mais dominar-se e lançou para o notário um olhar fulminante.

— Venha por aqui, senhor — disse-lhe, dirigindo-se apressadamente para a peça que precedia o salão.

O notário seguiu-o trêmulo e sem concluir a frase.

— Senhor — disse-lhe então com uma raiva concentrada o marquês de Vandenesse, fechando violentamente a porta do salão onde deixava marido e mulher —, depois do jantar, o senhor não fez outra coisa que dizer tolices e cometer asnices. Por amor de Deus, vá-se embora; senão acabará causando grandes desgraças. Se é um excelente notário, fique em seu cartório; mas se, por acaso, se encontrar na sociedade, trate de ser mais circunspecto...

Depois voltou para o salão, deixando o notário sem o cumprimentar. Este permaneceu um momento completamente atônito, pasmado, sem saber onde estava. Quando cessaram os zumbidos que sentia nos ouvidos, julgou ouvir gemidos, passos de um lado para outro no salão, forte tinir de campainhas. Teve medo de se encontrar de novo com o marquês e recuperou o uso das pernas para fugir pela escada; mas esbarrou, na porta, com os criados que acudiam a receber as ordens do patrão.

“Eis aí como são todos esses grandes senhores”, disse por fim consigo mesmo quando se viu na rua à procura de um cabriolé, “levam-nos a falar, fazem-nos até elogios convidativos e a gente acredita ser-lhes agradável. Nada disso! Dirigem-nos impertinências, colocam-nos a distância e chegam até a nos pôr na rua sem nenhum constrangimento. Afinal, fui bastante fino; nada disse que não fosse sensato, ajuizado, conveniente. Recomendou-me que tivesse mais circunspecção! Nunca deixei de a ter. E, diacho, sou notário e dono dos meus atos. Essa é boa! Foi um repente de embaixador; para eles não há nada sagrado. Amanhã ele me explicará como foi que eu só disse tolices e só cometi asnices. Pedir-lhe-ei explicações; quer dizer, pedir-lhe-ei a explicação disso. Afinal, talvez eu não tenha andado bem... Mas para que hei de quebrar a cabeça! Que importância tem isso?”

O notário voltou para casa e submeteu o enigma à mulher, contando-lhe minuciosamente todos os acontecimentos da noite.

— Crottat,^[435] Sua Excelência teve toda a razão em te dizer que não tinha dito senão tolices e só tinhas feito asnices.

— Por quê?

— Meu caro, de qualquer forma isso não impediria que amanhã tornasses a fazer o mesmo. Somente te recomendo que, numa roda social, nunca fales senão de negócios.

— Se não me queres dizer, amanhã eu perguntarei a...

— Meu Deus, mesmo as pessoas mais tolas se empenham em esconder essas coisas, e tu acreditas que um embaixador te vá dizê-las? Mas, Crottat, nunca te vi tão desprovido de senso.

— Obrigado, minha querida!

QUINTA PARTE

OS DOIS ENCONTROS

I – A FASCINAÇÃO

Um antigo ajudante de ordens de Napoleão, a quem chamaremos somente de marquês, ou general, e que a Restauração enriqueceu, viera passar os dias de verão em Versalhes, onde ocupava uma casa de campo situada entre a igreja e a barreira de Montreuil, no caminho que conduz à Avenue de Saint-Cloud. Seu serviço na corte não lhe permitia afastar-se de Paris.

Construído outrora para abrigar os amores ocasionais de algum poderoso fidalgo, esse pavilhão possuía vastas dependências. Os jardins, no meio dos quais estava colocado, afastavam-no igualmente à direita e à esquerda das primeiras casas de Montreuil, e das cabanas construídas nas proximidades da barreira; assim, sem um isolamento

absoluto, os donos da propriedade gozavam, a dois passos de uma cidade, de todos os prazeres da solidão. Por uma estranha contradição, a fachada e a porta de entrada da casa davam diretamente para a estrada que, outrora, talvez, fosse pouco frequentada. Tal hipótese parecia verossímil quando se pensa que esse caminho conduzia ao delicioso pavilhão construído por Luís xv para a srta. de Romans[436] e que, antes de chegar-se ao mesmo, os curiosos reconheciam, aqui e ali, mais de um *casino* cujo interior e decoração atraíam os espirituais desregramentos de nossos antepassados que, na libertinagem de que são acusados, procuravam não obstante a sombra e o mistério.

Por uma noite de inverno, o marquês, a esposa e os filhos encontravam-se sozinhos naquela casa deserta. Os criados haviam obtido permissão para celebrar em Versalhes as núpcias de um deles; e, presumindo que a solenidade de Natal, acrescida a essa circunstância, lhes ofereceria uma legítima desculpa junto aos senhores, não tinham escrúpulo em consagrar à festa um pouco mais de tempo do que aquele que lhes concedera o regulamento doméstico. Entretanto, como o general era conhecido como homem que jamais deixara de cumprir a palavra com a mais inflexível probidade, os refratários não dançaram sem alguns remorsos quando expirou o prazo para o regresso. Acabavam de soar onze horas, e nem um criado chegara.

O profundo silêncio que reinava no campo permitia ouvir-se a intervalos, o nordeste soprando através dos negros ramos das árvores, mugindo em torno da casa, ou engolfando-se nos compridos corredores. O gelo purificara de tal modo o ar, endurecera a terra e cobrira as lajes, que tudo adquiria aquela sonoridade seca com que os fenômenos sempre nos surpreendem. O andar pesado de um ébrio retardatário, ou o barulho de um fiacre voltando de Paris ressoavam mais vivamente e se faziam ouvir mais longe que de costume. As folhas secas, bailando em alguns turbilhões repentinos, rumorejavam nas pedras do pátio como se quisessem dar uma voz à noite, quando ela queria tornar-se muda. Era enfim uma dessas ásperas noites que arrancam ao nosso egoísmo uma queixa estéril a favor do pobre ou do viajante, e nos tornam a lareira tão voluptuosa.

Nesse momento, a família reunida no salão não se inquietava nem com a ausência dos criados nem com as pessoas sem lar nem com a poesia que cintila num serão de inverno. Sem filosofar inutilmente e confiantes na proteção de um velho soldado, mulheres e crianças se entregavam às delícias que produz a vida interior quando os sentimentos não são perturbados, quando a afeição e a fraqueza animam as palestras, os olhares e os folguedos.

O general estava sentado ou, para melhor dizer, enterrado numa alta e espaçosa poltrona, a um canto da lareira, onde brilhava um fogo vivo que espalhava um calor picante, sintoma de frio excessivo lá fora. Apoiada no espaldar da poltrona e ligeiramente inclinada, a cabeça do bom pai mantinha-se numa posição cuja indolência denotava calma perfeita, um suave desafogo de alegria. Seus braços meio adormecidos, molemente jogados para fora da poltrona, acabavam de exprimir um pensamento de felicidade. Contemplava o menor dos filhos, um menino com cinco anos apenas, que, seminu, recusava-se a deixar-se despir pela mãe. O garoto fugia à camisa ou ao gorro de dormir com o qual a marquesa o ameaçava às vezes; conservava a pala bordada, ria para a mãe quando ela o chamava, percebendo que ela própria se ria daquela rebelião infantil; voltava então a brincar com a irmã, tão ingênua quanto ele, porém mais maliciosa, e que já falava mais distintamente que ele, cujas vagas palavras e ideias confusas mal eram inteligíveis aos pais. A pequena Moína, dois anos mais velha que ele, provocava com meiguices já femininas risos intermináveis, que espoucavam como foguetes e pareciam não ter motivo; mas, ao vê-los ambos rolando diante do fogo, mostrando sem pejo seus lindos corpos rechonchudos, suas formas brancas e delicadas, confundindo os anéis de suas cabeleiras negra e loura, chocando suas róseas carinhas, nas quais a alegria delineava covinhas ingênuas, certamente o pai e sobretudo a mãe compreendiam essas pequenas almas, para eles já caracterizadas, para eles já apaixonadas. Esses dois anjos faziam empalidecer pelas cores vivas de seus olhos úmidos, de suas faces brilhantes, de sua pele branca, as flores do sedoso tapete, teatro de seus prazeres, no qual caíam, viravam-se, lutavam e rolavam sem perigo.

Sentada num sofá do outro lado da lareira, diante do marido, a mãe estava rodeada de roupas espalhadas e conservava-se, com um sapato vermelho na mão, numa atitude cheia de abandono. Sua indecisa severidade morria num suave sorriso gravado sobre os lábios. Com trinta e seis anos de idade, aproximadamente, conservava ainda uma beleza devido à rara perfeição das linhas do rosto, ao qual o calor, a luz e a felicidade emprestavam nesse momento um brilho sobrenatural. Por vezes deixava de olhar os filhos para dirigir os olhos acariciadores sobre a grave figura do marido; e, às vezes, ao encontrarem-se, os olhos dos dois esposos trocavam gozos mudos e profundas reflexões. O general tinha um rosto fortemente trigueiro. Sua fronte larga e pura era sulcada por algumas mechas de cabelos grisalhos. Os másculos clarões de seus olhos azuis, a bravura impressa nas rugas de suas faces murchas, anunciavam que ele conquistara com rudes trabalhos a fita vermelha que adornava a lapela de sua roupa. Nesse momento, as inocentes alegrias manifestadas pelas duas crianças refletiam-se em sua fisionomia vigorosa e firme onde transpareciam uma bonomia e uma candura indizíveis. O velho capitão voltava a ser criança sem muitos esforços. Não haverá sempre um pouco de amor pela infância nos soldados que bastante experimentaram as infelicidades da vida para saber reconhecer as misérias da força e os privilégios da fraqueza?

Mais adiante, em frente de uma mesa redonda iluminada por lâmpadas astrais,^[437] cujas luzes vivas lutavam com os pálidos clarões das velas colocadas na lareira, estava um menino de treze anos que folheava rapidamente um grosso livro. Os gritos do irmão e da irmã não lhe causavam nenhuma distração e sua fisionomia acusava a curiosidade da juventude. Essa profunda preocupação era justificada pelas atraentes maravilhas do *Livro das mil e uma noites* e por um uniforme de colegial. Conservava-se imóvel, numa atitude meditativa, um cotovelo sobre a mesa e a cabeça apoiada numa das mãos, cujos dedos brancos se destacavam em meio a uma cabeleira escura. A luz caindo a prumo em seu rosto, e o resto do corpo estando na obscuridade, ele se assemelhava assim a esses negros retratos em que Rafael representou a si mesmo atento, inclinado, pensando no futuro.

Entre essa mesa e a marquesa, trabalhava uma rapariga alta e bela,

sentada diante de um bastidor de bordar sobre o qual se debruçava e de onde afastava alternadamente a cabeça, cujos cabelos de ébano, artisticamente penteados, refletiam a luz. Helena sozinha era um espetáculo. Sua beleza se distinguia por um raro caráter de força e elegância. Embora penteadada de maneira a desenhar traços vivos em torno da cabeça, a cabeleira era tão abundante que, rebelde aos dentes da travessa, frisava-se energicamente ao início do pescoço. As sobrancelhas, muito espessas e plantadas com regularidade, contrastavam com a brancura de sua fronte pura. Possuía até sobre o lábio superior alguns sinais de coragem que produziam um leve matiz bistre sob um nariz grego, cujos contornos eram de rara perfeição. Mas a cativante harmonia das formas, a cândida expressão dos outros traços, a transparência de uma carnação delicada, a voluptuosa delicadeza dos lábios, o remate do oval descrito pelo rosto, e sobretudo a pureza de seu olhar virgem, imprimiam àquela beleza vigorosa a suavidade feminina, a encantadora modéstia que pedimos a esses anjos de paz e amor. Apenas, nada havia de frágil nessa rapariga, e seu coração devia ser tão suave, sua alma tão forte quanto eram magníficas suas proporções e atraente sua fisionomia. Ela imitava o silêncio do irmão estudante, e parecia presa a uma dessas fatais meditações de rapariga, quase sempre impenetráveis à observação de um pai ou até à sagacidade das mães; de maneira que era impossível saber se era preciso atribuir ao jogo da luz ou a secretos pesares as sombras caprichosas que lhe passavam pelo rosto como nuvens frágeis num céu puro.

Os dois mais velhos estavam nesse momento completamente esquecidos pelo marido e pela mulher. Entretanto, várias vezes uma olhadela interrogadora do general abrangeria a cena muda que, em segundo plano, oferecia uma graciosa realização das esperanças escritas nos tumultos infantis colocados em face desse quadro doméstico. Explicando a vida humana por insensíveis gradações, essas figuras compunham uma espécie de poema vivo. O luxo dos acessórios que ornamentavam o salão, a diversidade das atitudes, os contrastes causados pelas roupas de diversas cores, as dessemelhanças desses rostos tão caracterizados por diferentes idades e pelos contornos que as

luzes punham em destaque espalhavam sobre essas páginas humanas todas as riquezas pedidas à escultura, aos pintores, aos escritores. Enfim, o inverno e o silêncio, a solidão e a noite emprestavam sua majestade àquela sublime e ingênua composição, delicioso efeito da natureza. A vida conjugal está cheia dessas horas sagradas, cujo indefinível encanto é devido talvez a alguma lembrança de um mundo melhor. Raios celestes caíam sem dúvida sobre tais cenas, destinadas a pagar ao homem uma parte de seus pesares, a fazê-lo aceitar a existência. Parece que o universo ali está, diante de nós, sob uma forma encantadora, que desenrola suas grandes ideias de ordem, que a vida social advoga por suas leis, falando do futuro.

Entretanto, apesar do olhar de enternecimento dirigido por Helena a Abel e Moína, quando se manifestava uma de suas alegrias; apesar da felicidade pintada em sua lúcida fisionomia quando contemplava furtivamente o pai, um sentimento de profunda melancolia estava impresso em seus gestos, em sua atitude e, sobretudo, em seus olhos velados por longas pálpebras. Suas mãos brancas e fortes, através das quais a luz passava comunicando-lhes uma vermelhidão diáfana e quase fluida, pois bem, suas mãos tremiam. Uma única vez, sem desafiarem-se mutuamente, seus olhos e os da marquesa se encontraram. As duas mulheres entenderam-se então por um olhar sem brilho, frio e respeitoso em Helena, sombrio e ameaçador na mãe. Helena baixou prontamente os olhos sobre o trabalho, manejou a agulha com presteza, e por muito tempo não ergueu a cabeça, que parecia ter se tornado muito pesada para carregar.

A mãe era pois muito severa para a filha, e julgava tal severidade necessária? Estaria com ciúmes da beleza de Helena, com quem ainda podia rivalizar, mas pondo em ação todos os recursos do toucador? Ou a filha surpreendera, como muitas filhas quando se tornam clarividentes, segredos que aquela mulher, na aparência tão religiosamente fiel aos seus deveres, acreditava ter sepultado em seu coração tão profundamente como se estivessem num túmulo?

Helena chegara a uma idade em que a pureza da alma leva a intransigências que ultrapassam a justa medida na qual devem ficar os sentimentos. Em certos espíritos, os erros tomam as proporções de um

crime; a imaginação reage então sobre a consciência; quase sempre então as raparigas exageram a punição em razão da extensão que concedem aos crimes. Helena parecia não se julgar digna de ninguém. Um segredo de sua vida anterior, um acidente talvez, a princípio incompreendido, mas desenvolvido pelas suscetibilidades de sua inteligência sobre a qual influíam as ideias religiosas, parecia tê-la, havia pouco, como que aviltado romanescamente a seus próprios olhos. Essa transformação em sua conduta começara no dia em que lera, na recente tradução dos teatros estrangeiros, a bela tragédia *Guilherme Tell*, de Schiller. Após ter censurado a filha por ter deixado cair o volume, a mãe observara que a devastação causada por aquela leitura na alma de Helena vinha da cena em que o poeta estabelece uma espécie de fraternidade entre Guilherme Tell, que derrama o sangue de um homem para salvar um povo inteiro, e João, o parricida. Fazendo-se de humilde, piedosa e recolhida, Helena não queria mais ir ao baile. Jamais fora tão carinhosa com o pai, sobretudo quando a marquesa não era testemunha de suas meiguices de moça. Contudo, se havia frieza na afeição de Helena por sua mãe, era exprimida com tanta finura, que o general não poderia percebê-la, por mais zeloso que fosse da união que reinava em sua família. Homem algum seria bastante perspicaz para sondar a profundidade desses dois corações femininos: um, jovem e generoso, o outro, sensível e orgulhoso; o primeiro, tesouro de indulgência; o segundo, cheio de delicadeza e amor. Se a mãe afligia a filha com um astucioso despotismo de mulher, este só era visível aos olhos da vítima. De resto, só o acontecimento fez nascer essas conjecturas, todas insolúveis. Até essa noite, nenhuma luz acusadora escapara-se dessas duas almas; mas entre elas e Deus certamente erguia-se algum sinistro mistério.

— Vamos, Abel — exclamou a marquesa aproveitando um momento em que, silenciosos e fatigados, Moína e seu irmão se conservaram imóveis —; vamos, venha, meu filho, você precisa deitar-se...

E lançando-lhe um olhar imperioso, tomou-o vivamente no colo.

— Como — disse o general —, são dez e meia e nenhum dos nossos criados regressou? Ah, os malandros! Gustavo — acrescentou ele, voltando-se para o filho —, só te dei o livro com a condição de deixá-lo

às dez horas; devias fechá-lo espontaneamente à hora marcada e te ires deitar conforme prometeste. Se queres ser um homem notável, é preciso que faças da tua palavra uma segunda religião, prezando-a como à tua própria honra. Fox,^[438] um dos maiores oradores da Inglaterra, era sobretudo notável pela beleza do seu caráter. A fidelidade aos compromissos assumidos é a principal das suas qualidades. Na infância, seu pai, um inglês da velha têmpera, dera-lhe uma lição bem vigorosa para causar eterna impressão no espírito do menino. Em tua idade, Fox, durante as férias, ia à casa do pai, que, como todos os ingleses ricos, possuía um parque bem grande em torno do castelo. Existia nesse parque um velho quiosque que devia ser demolido e reconstruído num lugar onde o ponto de vista era magnífico. As crianças gostam muito de ver uma demolição. O pequeno Fox queria ter mais alguns dias de férias para assistir à queda do pavilhão; mas seu pai exigia que ele voltasse ao colégio no dia marcado para a abertura das aulas; daí uma disputa entre pai e filho. A mãe, como todas as mães, apoiou o pequeno Fox. O pai, então, prometeu solenemente ao filho que esperaria as próximas férias para demolir o quiosque. Fox volta ao colégio. O pai acreditou que um rapaz, distraído pelos estudos, esqueceria essa circunstância, e mandou derrubar o quiosque e reconstruí-lo em outro lugar. O teimoso rapaz só pensava no quiosque. Quando voltou à casa paterna, seu primeiro cuidado foi ir ver o velho pavilhão; mas voltou muito triste na hora do almoço e disse ao pai: “O senhor me enganou”. O velho gentil-homem inglês disse com uma confusão cheia de dignidade: “É verdade, meu filho, mas repararei o erro. É preciso querer mais à palavra que à fortuna; pois manter a palavra dá a fortuna, e todas as fortunas não apagam a mancha feita à consciência por uma palavra não cumprida”. O pai mandou reconstruir o velho pavilhão como fora; depois de reconstruí-lo, ordenou que o demolissem aos olhos do filho. Que isso, Gustavo, te sirva de lição.

Gustavo, que escutara atentamente o pai, fechou imediatamente o livro. Houve um momento de silêncio durante o qual o general apoderou-se de Moína, que se debatia contra o sono, e aconchegou-a suavemente contra si. A pequena deixou cair a cabeça oscilante no

peito do pai e aí adormeceu então por completo, envolvida nos cachos dourados de sua linda cabeleira. Nesse momento, passos rápidos ressoaram na estrada, sobre a terra; e, subitamente, três pancadas na porta despertaram os ecos da casa. Essas pancadas prolongadas tiveram um sentido tão fácil de compreender como um grito de um homem em perigo de morte. O cão de guarda latiu furiosamente. Helena, Gustavo, o general e sua mulher estremeceram vivamente; mas Abel, que sua mãe acabava de pentear, e Moína não acordaram.

— É alguém que deve estar com pressa — exclamou o militar colocando a filha na poltrona. Saiu bruscamente do salão sem ter ouvido o pedido da esposa:

— Meu amigo, não vá...

O marquês passou no quarto de dormir, munuiu-se de um par de pistolas, acendeu a lanterna furta-fogo, atirou-se para a escada, desceu com rapidez de relâmpago e encontrou-se imediatamente na porta da casa onde seu filho o seguiu intrepidamente.

— Quem está aí? — perguntou.

— Abra — respondeu uma voz quase sufocada por respiração ofegante.

— É amigo?

— Sim, amigo.

— Está só?

— Sim, mas abra, porque *eles* estão chegando!

Um homem esgueirou-se sob o portal com a fantástica velocidade de uma sombra logo que o general entreabriu a porta e, sem que pudesse opor-se, o desconhecido obrigou-o a largá-la repelindo-a com um vigoroso pontapé e nela apoiando-se resolutamente como para impedir que ela fosse reaberta. O general, que erguera subitamente a pistola e a lanterna à altura do peito do desconhecido, a fim de mantê-lo em respeito, viu um homem de estatura mediana envolvido numa capa de peles, com traje de velho, amplo demais, que se arrastava e parecia não ter sido feito para ele. Por acaso ou prudência, o fugitivo trazia a fronte inteiramente coberta por um chapéu que lhe caía sobre os olhos.

— Senhor — disse ele ao general —, baixe o cano de sua pistola. Não

pretendo ficar em sua casa sem o seu consentimento; mas se eu sair, a morte me espera na barreira. E que morte! Por ela o senhor responderia perante Deus. Peço-lhe hospitalidade por duas horas. Pense bem nisso, senhor, por mais suplicante que eu seja, devo ordenar com o despotismo da necessidade. Quero a hospitalidade da Arábia. Que eu lhe seja sagrado; do contrário, abra, irei morrer. Preciso de discrição, abrigo e água. Oh, água! — repetiu ele com uma voz que estertorava.

— Quem é o senhor? — perguntou o general, surpreendido com a volubilidade febril com que falava o desconhecido.

— Ah, quem sou? Pois bem! Abra, eu me vou — respondeu o homem em tom de infernal ironia.

Apesar da habilidade com que o marquês projetava os raios da lanterna, só podia ver a parte inferior do rosto, e nada nesse rosto advogava em favor de uma hospitalidade tão singularmente reclamada: as faces estavam trêmulas, lívidas, e os traços horivelmente contraídos. Na sombra projetada pela aba do chapéu, os olhos se desenhavam como dois clarões que quase fizeram empalidecer a luz fraca da vela. Entretanto,urgia uma resposta.

— Senhor — disse o general —, sua linguagem é tão extraordinária que em meu lugar...

— O senhor dispõe de minha vida — exclamou o estranho num tom de voz terrível, interrompendo seu hospedeiro.

— Duas horas — disse o marquês irresoluto.

— Duas horas — repetiu o homem.

Mas, de repente, afastou o chapéu com um gesto de desespero, descobriu a fronte e lançou, como se quisesse fazer uma última tentativa, um olhar cuja viva claridade penetrou a alma do general. Esse impulso de inteligência e vontade assemelhava-se a um relâmpago e foi fulminante como o raio; pois há momentos em que os homens são investidos de um poder inexplicável.

— Vá lá! Seja o senhor quem for, estará em segurança sob meu teto — replicou gravemente o dono da casa que acreditou obedecer a um desses movimentos instintivos que o homem nem sempre sabe explicar.

— Que Deus o recompense — acrescentou o desconhecido, deixando escapar um profundo suspiro.

— Está armado? — perguntou o general.

Como única resposta, o estranho, mal lhe dando tempo de uma olhadela à sua peliça, abriu-a e fechou-a lentamente. Estava sem armas aparentes e vestia-se como um jovem que sai do baile. Por mais rápido que fosse o exame do desconfiado militar, viu o bastante para exclamar:

— Onde diabo o senhor pôde enlamear-se assim com um tempo tão seco?

— Ainda perguntas? — respondeu ele com ar altivo.

Nesse momento o marquês percebeu seu filho e recordou-se da lição que lhe havia dado sobre a estrita execução da palavra empenhada; ficou tão vivamente contrariado com essa circunstância que lhe disse, não sem um tom de cólera:

— Como, diabinho, ainda estás aí em lugar de estares em tua cama?

— Porque julguei poder ser-vos útil no perigo — respondeu Gustavo.

— Vamos, sobe ao teu quarto — disse o pai suavizado com a resposta do filho. — E o senhor — disse ele, dirigindo-se ao desconhecido —, siga-me.

Tornaram-se silenciosos como dois jogadores que se desafiam mutuamente. O general começou até a conceber sinistros pressentimentos. O desconhecido já lhe pesava sobre o coração como um pesadelo; mas, dominado pela palavra empenhada, conduziu-o através dos corredores e escadas da casa, e fê-lo entrar num grande quarto situado no segundo andar, exatamente acima do salão. Essa peça desabitada servia de secadouro no inverno, não se comunicava com nenhum outro aposento e só possuía como adorno, em suas quatro paredes amarelecidas, um mesquinho espelho abandonado sobre a lareira pelo precedente proprietário e um espelho maior que, tendo ficado sem aproveitamento por ocasião da mudança do marquês, fora provisoriamente colocado sobre a lareira. O assoalho da vasta mansarda nunca fora varrido, o ar era glacial, e duas velhas cadeiras desempalhadas compunham todo o mobiliário. Após ter colocado a

lanterna sobre o peitoril da lareira, o general disse ao desconhecido:

— Sua segurança impõe como asilo esta miserável mansarda. E como o senhor tem minha palavra para o segredo, permita-me encerrá-lo aí.

O homem baixou a cabeça em sinal de aquiescência.

— Pedi apenas abrigo, discrição e água — acrescentou.

— Vou trazer para o senhor — respondeu o marquês, que fechou a porta com cuidado e desceu às apalpadelas ao salão para apanhar um archote a fim de ir procurar, pessoalmente, uma garrafa na despensa.

— Pois então, senhor, que há? — perguntou vivamente a marquesa ao marido.

— Nada, minha querida — respondeu ele com ar frio.

— No entanto, ouvimos bem, você acaba de conduzir alguém lá para cima...

— Helena — replicou o general, olhando a filha que erguera a cabeça para ele —, pense que a honra de seu pai repousa em sua discrição. Você nada deve ter ouvido.

A moça respondeu com um movimento de cabeça significativo. A marquesa ficou contrariada e interiormente ofendida com a maneira usada pelo marido para impor-lhe silêncio. O general foi apanhar uma garrafa, um copo e tornou a subir ao quarto onde estava seu prisioneiro; encontrou-o de pé, apoiado à parede, perto da lareira, de cabeça nua; atirara o chapéu sobre uma das duas cadeiras. O estranho não contava, sem dúvida, ver-se tão vivamente iluminado. Sua fronte enrugou-se e seu rosto tornou-se inquieto quando seus olhos encontraram os olhos perquiridores do general; mas suavizou-se e tomou uma fisionomia graciosa para agradecer a seu protetor. Quando este último colocou o copo e a garrafa sobre o peitoril da lareira, o desconhecido, após ter ainda atirado um olhar flamejante, rompeu o silêncio.

— Senhor — disse ele em voz suave que não teve mais convulsões guturais como antes, mas que não obstante acusava ainda um estremecimento interior —, vou lhe parecer esquisito. Desculpe esses caprichos necessários. Se o senhor continuar aí, peço-lhe que não me olhe quando eu beber.

Contrariado ainda de obedecer a um homem que lhe desagradava, o general voltou-se bruscamente. O estranho tirou do bolso um lenço branco e com ele envolveu a mão direita; depois apanhou a garrafa e bebeu de um trago a água que ela continha. Sem pensar em infringir seu tácito juramento, o marquês olhou maquinalmente ao espelho; mas como então a correspondência entre os dois espelhos permitisse a seus olhos abrangerem perfeitamente o desconhecido, viu o lenço tingir-se subitamente de vermelho ao contato das mãos que estavam cheias de sangue.

— Ah, o senhor olhou-me! — exclamou o homem quando, após beber e envolver-se na capa, examinou o general com ar suspeito. — Estou perdido. *Eles* estão chegando, ei-los.

— Nada ouço — disse o marquês.

— O senhor não está interessado, como estou, em ouvir no espaço.

— O senhor bateu-se em duelo para estar assim coberto de sangue? — perguntou o general, bastante emocionado, distinguindo a cor das grandes manchas de que as roupas de seu hóspede estavam embebidas.

— Sim, um duelo, o senhor o disse — repetiu o estrangeiro, deixando errar sobre os lábios um amargo sorriso.

Nesse momento, o som de passos de diversos cavalos a galope ressoou ao longe; mas esse ruído era fraco como os primeiros clarões da madrugada. O ouvido exercitado do general reconheceu a marcha dos cavalos disciplinados pelo regime de esquadrão.

— É a gendarmeria — disse ele.

Atirou ao prisioneiro um olhar de natureza a dissipar as dúvidas que lhe podia ter sugerido com sua indiscrição involuntária, apanhou a lanterna e voltou ao salão. Mal pousara a chave do quarto de cima sobre a lareira, quando o ruído produzido pela cavalaria cresceu e se aproximou do pavilhão com uma rapidez que o fez estremecer. Com efeito, os cavalos se detiveram à porta da casa. Após ter trocado com os camaradas algumas palavras, um cavaleiro desceu, bateu rudemente, e obrigou o general a ir abrir. Este último não pôde dominar uma secreta emoção ao aspecto dos seis gendarmes, cujos chapéus bordados em prata brilhavam à luz da lua.

— Excelência — disse-lhe um sargento —, não ouviu há pouco um

homem correndo para a barreira?

— Para a barreira? Não.

— O senhor não abriu a porta para ninguém?

— Tenho o hábito de abrir eu mesmo minha porta?...

— Mas, perdão, meu general, nesse momento, parece-me que...

— Ora essa! — exclamou o marquês encolerizado. — Vai divertir-se comigo? Tem o direito...

— Nada, nada, excelência — continuou suavemente o sargento. — Há de perdoar nosso zelo. Bem sabemos que um par da França não se expõe a receber um assassino a esta hora da noite; mas o desejo de obter algumas informações...

— Um assassino! — exclamou o general. — E quem foi...

— O sr. barão de Mauny acaba de ser morto com uma machadada — continuou o gendarme. — Mas o assassino está sendo vivamente perseguido. Estamos certos de que ele anda pelos arredores e vamos encurralá-lo. Queira desculpar, meu general.

O gendarme falava enquanto montava outra vez, de maneira que felizmente não lhe foi possível ver o rosto do general. Habitado a tudo supor, o sargento teria talvez podido conceber suspeitas ao aspecto daquela fisionomia aberta onde se retratavam tão fielmente os movimentos da alma.

— Sabe-se o nome do assassino? — perguntou o general.

— Não — respondeu o cavaleiro. — Ele deixou a escrivania cheia de ouro e notas de banco, sem tocar em nada.

— É uma vingança — disse o marquês.

— Ah, essa é boa! Contra um velho?... Não, não, esse atrevido não terá tido tempo de dar o golpe. — E o gendarme reuniu-se aos companheiros, que já galopavam ao longe. O general ficou durante um momento preso de perplexidades fáceis de compreender. Em breve escutou os criados que regressavam discutindo calorosamente, e cujas vozes ressoavam na encruzilhada de Montreuil. Quando chegaram, sua cólera, que só procurava um pretexto para manifestar-se, caiu sobre eles com o fragor do raio. Sua voz fez tremer os ecos da casa. Em seguida ele acalmou-se de repente, quando o mais audacioso, o mais esperto deles, seu criado de quarto, desculpou o atraso dizendo-lhe que

havia sido detidos na entrada de Montreuil por gendarmes e agentes de polícia, à procura de um assassino. O general calou-se subitamente. Em seguida, chamado por essa palavra aos deveres de sua singular posição, ordenou secamente a todos que se fossem deitar imediatamente, deixando-os espantados pela facilidade com que admitia a mentira do criado de quarto.

Mas enquanto esses acontecimentos se passavam no pátio, um incidente muito superficial na aparência mudara a situação dos outros personagens que figuram nesta história. Apenas saíra o marquês, sua esposa, olhando alternadamente para a chave da mansarda e para Helena, acabou por dizer em voz baixa, inclinando-se para a filha:

— Helena, seu pai deixou a chave na lareira.

A moça, espantada, ergueu a cabeça e olhou timidamente a mãe, cujos olhos cintilavam de curiosidade.

— Pois então, mamãe? — respondeu ela em voz perturbada.

— Bem quisera saber o que se passa lá em cima. Se há uma pessoa, ainda não se mexeu. Vai pois...

— Eu? — disse a moça com uma espécie de terror.

— Tem medo?

— Não, senhora, mas creio ter distinguido o passo de um homem.

— Se eu mesma pudesse ir, não lhe teria pedido que subisse, Helena — continuou a mãe com um tom de fria dignidade. — Se seu pai voltasse e não me encontrasse, talvez me procurasse, ao passo que não notará sua ausência.

— Senhora — respondeu Helena —, se é uma ordem, eu irei; mas perderei a estima de meu pai...

— Como! — disse a marquesa com um aceno de ironia. — Mas já que você tomou a sério o que era apenas brincadeira, ordeno-lhe agora que vá ver quem está lá em cima. Eis aqui a chave, minha filha! Seu pai, recomendando-lhe silêncio a propósito do que se passa neste instante em sua casa, não lhe proibiu que subisse a esse quarto. Vá, e saiba que uma filha jamais deve julgar a mãe...

Após ter pronunciado estas últimas palavras com toda a severidade de uma mãe ofendida, a marquesa tomou a chave e entregou-a a Helena, que se ergueu sem dizer palavra e deixou o salão.

“Minha mãe saberá sempre obter seu perdão; mas eu estarei perdida no espírito de meu pai. Quer, pois, privar-me da ternura que ele tem por mim, expulsar-me de casa?”

Essas ideias fermentaram subitamente em sua imaginação enquanto caminhava sem luz ao longo do corredor, ao fundo do qual estava a porta do quarto misterioso. Quando aí chegou, a desordem de seus pensamentos teve alguma coisa de fatal. Essa espécie de meditação confusa serviu para fazer transbordar mil sentimentos contidos até aí em seu coração. Não acreditando mais, talvez, num futuro feliz, ela acabou, nesse momento terrível, por desesperar da vida. Tremia convulsivamente, aproximando a chave da fechadura, e sua emoção tornou-se mesmo tão forte que se deteve um instante para colocar a mão no coração como se tivesse o poder de acalmar, com isto, as pancadas profundas e sonoras. Enfim, abriu a porta.

Sem dúvida, o ranger dos gonzos ressoara em vão aos ouvidos do assassino. Embora seu ouvido fosse muito fino, ele ficou quase colado à parede, imóvel e perdido em seus pensamentos. O círculo de luz projetado pela lanterna iluminava-o fracamente, e ele se assemelhava, nessa zona claro-escura, a essas sombrias estátuas de cavaleiros, sempre de pé no ângulo de algum túmulo negro sob capelas góticas. Gotas de suor frio sulcavam sua fronte larga e amarela. Uma incrível audácia brilhava nesse rosto fortemente contraído. Seus olhos de fogo, enxutos e fixos, pareciam contemplar um combate na obscuridade que estava diante dele. Pensamentos tumultuosos passavam rapidamente naquela face, cuja expressão firme e precisa indicava uma alma superior. Seu corpo, sua atitude, suas proporções, harmonizavam-se com seu gênio selvagem. Esse homem era todo força e poder, e encarava as trevas como uma imagem visível de seu futuro.

Habitado a ver as figuras enérgicas dos gigantes que se comprimiam em torno de Napoleão e preocupado por uma curiosidade moral, o general não prestara atenção às singularidades físicas desse homem extraordinário; mas sujeita, como todas as mulheres, às impressões exteriores, Helena foi impressionada pela mistura de luz e sombra, de grandioso e paixão, por um caos poético que dava ao desconhecido a aparência de Lúcifer reerguendo-se da queda. De

repente a tempestade impressa naquele rosto acalmou-se como por magia, e o indefinível império de que o estranho era, talvez involuntariamente, o princípio e o efeito, espalhou-se em torno dele com a rapidez progressiva de uma inundação. Uma torrente de pensamentos correu de sua frente no momento em que seus traços voltaram às formas naturais. Encantada, fosse pela estranheza daquela entrevista, fosse pelo mistério no qual penetrava, a moça pôde então admirar uma fisionomia suave e cheia de interesse.

Ficou durante algum tempo num impressionante silêncio e presa de perturbações até então desconhecidas à sua alma juvenil. Mas em breve, fosse por ter Helena deixado escapar uma exclamação, fosse por ter feito um movimento, ou ainda por ter o assassino, voltando do mundo ideal ao mundo real, ouvido uma outra respiração além da sua, ele voltou a cabeça para a filha de seu hospedeiro e percebeu indistintamente na sombra a figura sublime e as formas majestosas de uma criatura que tomou por um anjo, ao vê-la imóvel e vaga como uma aparição.

— Senhor — disse ela em voz palpitante.

O assassino estremeceu.

— Uma mulher! — exclamou ele suavemente. — Será possível! Afaste-se — continuou ele. — Não reconheço a ninguém o direito de lamentar-me, absolver-me ou condenar-me. Devo viver só. Vá, criança — acrescentou com um gesto de soberano —, reconheceria mal o serviço que me presta o dono desta casa, se deixasse uma só das pessoas que a habitam respirar o mesmo ar que eu. Preciso submeter-me às leis do mundo.

Esta última frase foi pronunciada em voz baixa. Acabando de compreender com sua profunda intuição as misérias que despertou essa ideia melancólica, atirou a Helena um olhar de serpente e agitou no coração da singular rapariga um mundo de pensamentos nela adormecidos. Foi como uma luz que lhe houvesse iluminado regiões desconhecidas. Sua alma foi destruída, subjugada, sem que ela encontrasse força para defender-se contra o poder magnético desse olhar, por mais involuntariamente lançado que tivesse sido. Trêmula e envergonhada, saiu e só voltou ao salão um momento antes do regresso

do pai, de maneira que nada pôde dizer à mãe.

O general, muito preocupado, passeava silenciosamente, os braços cruzados, indo num passo uniforme das janelas que davam para a rua às janelas do jardim. Sua mulher velava Abel adormecido. Moína, estendida na poltrona como um pássaro no ninho, dormitava despreocupada. A irmã mais velha segurava numa das mãos um novelo de retrós, na outra uma agulha, e contemplava o lume. O profundo silêncio que reinava no salão, dentro e fora de casa, só era interrompido pelos passos arrastados dos criados, que se foram deitar um a um; por alguns risos abafados, último eco de sua alegria e da festa nupcial; depois ainda pelas portas de seus respectivos quartos, no momento em que as abriram falando-se uns aos outros, e quando as fecharam. Alguns ruídos surdos ouviram-se ainda junto aos leitos. Uma cadeira caiu. A tosse de um velho cocheiro ressoou fracamente e calou-se. Mas em breve a sombria majestade que rompe na natureza adormecida, à meia-noite, dominou em toda parte. Só as estrelas brilhavam. O frio tomara conta da terra. Nem um ser falou ou agitou-se. Apenas o fogo crepitava, como para fazer compreender a profundidade do silêncio. O relógio de Montreuil deu uma hora. Nesse momento passos extremamente leves ressoaram fracamente no andar superior. O marquês e a filha, certos de que haviam encerrado o assassino do sr. de Mauny, atribuíram esses movimentos a uma das mulheres, e não se admiraram ao ouvirem abrir-se as portas do cômodo que precedia o salão. De repente, o assassino apareceu entre eles. No estupor em que o marquês estava mergulhado, a viva curiosidade da mãe e o espanto da filha tendo-lhe permitido avançar quase até o meio do salão, ele disse ao general numa voz singularmente calma e melodiosa.

— Excelência, as duas horas vão expirar.

— O senhor aqui! — exclamou o general. — Por que poder?

E, com um olhar terrível, interrogou a esposa e os filhos. Helena tornou-se rubra como fogo.

— O senhor — continuou o militar num tom penetrante —, o senhor entre nós! Um assassino coberto de sangue, aqui! O senhor mancha esse quadro! Saia! Saia! — acrescentou com um acento de furor.

À palavra assassino a marquesa deu um grito. Quanto a Helena, essa palavra pareceu decidir de sua vida, seu rosto não acusou o menor espanto. Parecia ter esperado esse homem. Seus pensamentos tão vastos tiveram um sentido. A punição que o céu reservava a seus erros manifestava-se. Crendo-se tão criminosa quanto o era esse homem, encarou-o com olhar sereno; era sua companheira, sua irmã. Para ela, uma ordem de Deus manifestava-se nessa circunstância. Alguns anos mais tarde, a razão teria feito justiça de seus remorsos, mas nesse momento eles a tornavam insensata. O estranho conservou-se imóvel e frio. Um sorriso de desdém pintava-se em seus traços e em seus carnudos lábios vermelhos.

— O senhor reconhece bem mal a nobreza de meu procedimento para consigo — disse ele lentamente. — Não quis tocar com minhas mãos o copo no qual me deu água para acalmar minha sede. Nem mesmo pensei em lavar minhas mãos sangrentas sob seu teto, e dele saio não tendo deixado de *meu crime* (a essas palavras seus lábios se comprimiram) senão a ideia, experimentando passar por aqui sem deixar sinal. Enfim nem mesmo permiti à sua filha...

— Minha filha! — exclamou o general atirando a Helena um olhar de horror. — Ah infeliz, saia ou mato-o!

— As duas horas não expiraram. Não pode nem matar-me nem entregar-me sem perder sua própria estima e a minha.

A essa última palavra, o militar estupefato tentou contemplar o criminoso; mas foi obrigado a baixar os olhos, sentia-se incapaz de sustentar o insuportável brilho de um olhar que pela segunda vez lhe transtornava a alma. Temia amolecer ainda, reconhecendo que sua vontade já enfraquecia.

— Assassinar um velho! Pois nunca viu família? — disse ele então mostrando-lhe com um gesto paternal a esposa e os filhos.

— Sim, um velho — repetiu o desconhecido, cuja fronte se contraiu levemente.

— Fuja! — exclamou o general sem ousar olhar seu hóspede. — Nosso pacto está rompido. Não o matarei. Não! Jamais me transformarei em fornecedor do cadafalso. Mas saia, causa-me horror.

— Eu o sei — respondeu o criminoso com resignação. — Não há

terra na França onde eu possa colocar meus pés com segurança; mas se a justiça soubesse, como Deus, julgar as especialidades;[439] se ela se dignasse indagar quem, do assassino ou da vítima, é o monstro, eu ficaria orgulhosamente entre os homens. Não adivinha crimes anteriores num homem a quem acabam de matar com um machado? Eu me fiz juiz e carrasco, substituí a justiça humana impotente. Eis o meu crime. Adeus, senhor. Apesar do azedume que atirou em sua hospitalidade, dela guardarei a recordação. Terei ainda na alma um sentimento de reconhecimento para um homem no mundo, esse homem é o senhor... Mas eu o desejaria mais generoso.

Caminhou para a porta. Nesse momento a moça inclinou-se para a mãe e lhe disse alguma coisa ao ouvido.

— Ah!...

Esse grito escapado à esposa fez estremecer o general, como se tivesse visto Moína morta. Helena estava de pé, e o assassino voltara-se instintivamente, mostrando em seu rosto uma espécie de inquietação por aquela família.

— Que tem, minha querida? — perguntou o marquês.

— Helena quer acompanhá-lo — disse ela.

O assassino corou.

— Uma vez que minha mãe traduz tão mal uma exclamação quase involuntária — disse Helena em voz baixa —, realizarei seus desejos.

Após ter atirado um olhar de altivez quase selvagem em torno de si, a moça baixou os olhos e conservou-se numa admirável atitude de modéstia.

— Helena — disse o general —, você foi lá em cima ao quarto onde eu pusera...?

— Sim, meu pai.

— Helena — perguntou ele com voz alterada por um tremor convulsivo —, é a primeira vez que vê esse homem?

— Sim, meu pai.

— Não é natural que tenha a intenção de...

— Se não é natural, pelo menos é verdade, meu pai.

— Ah, minha filha!... — disse a marquesa em voz baixa, mas de maneira que seu marido a ouvisse. — Helena, você mente a todos os

princípios de honra, modéstia e virtude que tratei de desenvolver em seu coração. Se você foi sempre falsidade até esta hora fatal, então não é digna de saudade. Será a perfeição moral desse desconhecido que a atrai? Será a espécie de poder necessário às pessoas que cometem um crime? Estimo-a muito para supor...

— Oh, suponha tudo, senhora — respondeu Helena em tom frio.

Mas apesar da força de caráter que demonstrava nesse momento, o fogo de seus olhos absorvia dificilmente as lágrimas que lhe rolaram nos olhos. O estrangeiro adivinhou a linguagem da mãe pelas lágrimas da filha e atirou um olhar de águia à marquesa, que foi obrigada, por um irresistível poder, a encarar o terrível sedutor. Ora, quando os olhos dessa mulher encontraram os olhos claros e luzentes daquele homem, experimentou na alma um arrepio semelhante à comoção que se apodera de nós ao aspecto de um réptil, ou quando tocamos uma garrafa de Leyden.^[440]

— Meu amigo — gritou ela ao marido —, é o demônio! Adivinha tudo...

O general ergueu-se para agarrar o cordão da campainha.

— Ele vai perdê-lo — disse Helena ao assassino.

O desconhecido sorriu, deu um passo, deteve o braço do marquês, forçou-o a suportar um olhar que exprimia estupor e despojou-o de sua energia.

— Vou pagar sua hospitalidade — disse ele — e estaremos quites. Poupar-lhe-ei uma desonra entregando-me eu mesmo. Afinal, que farei agora na vida?

— Pode arrepender-se — respondeu Helena, dirigindo-lhe uma dessas esperanças que só brilham nos olhos de uma moça.

— Nunca me arrependerei — disse o assassino em voz sonora e erguendo altivamente a cabeça.

— Suas mãos estão tintas de sangue — disse o pai à filha.

— Eu as enxugarei — respondeu ela.

— Mas — continuou o general, sem se aventurar a mostrar-lhe o desconhecido —, sabe ao menos se ele a quer?

O assassino avançou para Helena, cuja beleza, por mais casta e discreta que fosse, era como que iluminada por uma luz interior cujos

reflexos coloriam e punham, por assim dizer, em relevo os menores traços e as linhas mais delicadas; em seguida, após ter atirado sobre a arrebatadora criatura um suave olhar, cuja flama era ainda terrível, disse traindo viva emoção:

— Não lhe provarei o meu amor e resgatarei as duas horas de existência que seu pai me vendeu recusando-me ao seu devotamento?

— Também o senhor me repele! — exclamou Helena com uma entonação que dilacerou os corações. — Adeus, pois, a todos, vou morrer!

— Que significa isto? — disseram-lhe ao mesmo tempo o pai e a mãe.

Ela conservou-se silenciosa e baixou os olhos após ter interrogado a marquesa com um olhar significativo. Desde o momento em que o general e a esposa haviam experimentado combater pela palavra ou pela ação o estranho privilégio que o desconhecido se arrogara, ficando entre eles, e que esse último havia lançado a perturbadora luz que jorrava de seus olhos, estavam submetidos a um torpor inexplicável; e a razão entorpecida ajudava-os mal a repelir o poder sobrenatural sob o qual sucumbiam. Para eles o ar se tornara pesado, e respiravam dificilmente sem poder acusar aquele que os oprimia assim, embora uma voz interior não lhes deixasse ignorar que esse homem mágico era o princípio de sua impotência. No meio dessa agonia moral, o general adivinhou que seus esforços deviam ter por objeto influenciar a razão oscilante de sua filha; segurou-a pela cintura e levou-a para o vão de uma janela, longe do assassino.

— Minha filha querida — disse-lhe ele em voz baixa —, se algum amor estranho nasceu de repente em teu coração, tua vida cheia de inocência, tua alma pura e piedosa deram-me muitas provas de caráter, para não te supor dotada da energia necessária a dominar um movimento de loucura. Tua conduta esconde pois um mistério. Pois bem, meu coração é um coração cheio de indulgência, podes confiar-lhe tudo; ainda que o dilacerasses, eu saberia, minha filha, calar meus sofrimentos e guardar tua confissão num silêncio fiel. Vejamos, tens ciúme de nossa afeição por teus irmãos ou tua jovem irmã? Tens na alma um pesar de amor? És infeliz aqui? Fala, explica-me as razões que

te impelem a deixar tua família, a abandoná-la, a privá-la do seu maior encanto, a deixar tua mãe, teus irmãos, tua pequena irmã.

— Meu pai — respondeu ela —, não estou enciumada nem apaixonada por ninguém, nem mesmo por seu amigo diplomata, o sr. de Vandenesse.

A marquesa empalideceu, e a filha, que a observava, deteve-se.

— Não devo, cedo ou tarde, ir viver sob a proteção de um homem?

— Isto é verdade.

— Sabemos nós jamais — disse ela continuando — a que ser ligamos nossos destinos? Eu creio nesse homem.

— Criança — disse o general elevando a voz —, tu não sonhas com todos os sofrimentos que te vão assaltar.

— Penso nos dele...

— Que vida! — disse o pai.

— Uma vida de mulher — respondeu a filha murmurando.

— Você está bem adiantada — exclamou a marquesa recuperando a palavra.

— Senhora, as perguntas ditam-me as respostas, mas, se o desejar, falarei mais claramente.

— Diga tudo, minha filha, sou mãe.

Aqui a filha olhou para a mãe, e esse olhar obrigou a marquesa a uma pausa.

— Helena, suportarei suas censuras se as tiver que fazer, de preferência a vê-la acompanhar um homem de quem todos fogem com horror.

— Bem vê, senhora, que sem mim ele estaria só.

— Basta, senhora — exclamou o general —, só temos uma filha.

E olhou Moína que dormia sempre.

— Eu te prenderei num convento — acrescentou ele voltando-se para Helena.

— Seja! Meu pai — respondeu ela com uma calma desesperadora —, aí morrerei. Só perante Deus o senhor é responsável pela minha vida e por *sua* alma.

Uma profundo silêncio sucedeu subitamente a essas palavras. Os espectadores da cena, onde tudo ofendia os sentimentos vulgares da

vida social, não ousavam olhar-se. De repente, o marquês percebeu suas pistolas e apanhou uma, armou-a lentamente e apontou-a contra o estrangeiro. Ao ruído que fez o gatilho, o homem voltou-se, atirou seu olhar calmo e penetrante sobre o general cujo braço, relaxado por uma invencível moleza, tornou a cair pesadamente, e a pistola caiu no tapete...

— Minha filha — disse então o pai abatido por essa luta terrível —, és livre. Beija tua mãe, se ela consentir. Quanto a mim, não quero ver-te nem ouvir-te...

— Helena — disse a mãe à moça —, não se esqueça de que acabará na miséria.

Uma espécie de estertor, partido do largo peito do assassino, atraiu os olhares sobre ele. Uma expressão desdenhosa estava pintada em seu rosto.

— A hospitalidade que lhe dei custa-me caro! — exclamou o general, erguendo-se. — Matou, ainda há pouco apenas, um velho; aqui, assassina toda uma família. Aconteça o que acontecer, haverá desgraça nesta casa.

— E se sua filha for feliz? — perguntou o assassino olhando fixamente o militar.

— Se ela for feliz com o senhor — respondeu o pai fazendo um esforço inaudito —, não a lamentarei.

Helena ajoelhou-se timidamente diante do pai e lhe disse com voz acariciadora:

— Ó meu pai, eu o amo e venero, quer me prodigalize os tesouros de sua bondade ou os rigores da desgraça... Mas eu lhe suplico que suas últimas palavras não sejam palavras de cólera.

O general não ousou contemplar a filha. Nesse momento, o estrangeiro avançou, e atirando a Helena um sorriso onde havia ao mesmo tempo alguma coisa de infernal e celeste:

— Vós, que um assassino não aterroriza, anjo de misericórdia — disse ele —, vinde, já que persistis em confiar-me vosso destino.

— Inconcebível! — exclamou o pai.

A marquesa lançou à filha um olhar extraordinário e abriu-lhe os braços. Helena neles precipitou-se chorando.

— Adeus — disse ela —, adeus, minha mãe.

Ousadamente, ela fez um sinal ao estrangeiro, que estremeceu. Após ter beijado a mão do pai, e precipitadamente, mas sem prazer, Moína e o pequeno Abel, ela desapareceu com o assassino.

— Por onde vão eles? — exclamou o general escutando os passos dos dois fugitivos. — Senhora — continuou dirigindo-se à mulher —, creio sonhar; esta aventura oculta-me um mistério. Deve sabê-lo.

A marquesa estremeceu.

— Há algum tempo — respondeu ela —, sua filha tornou-se extremamente romanesca e singularmente exaltada. Mas meus cuidados em combater essa tendência de seu caráter...

— Isto não é claro...

Mas, imaginando ouvir no jardim os passos de sua filha e do estrangeiro, o general interrompeu-se para abrir precipitadamente a janela.

— Helena! — exclamou.

A voz perdeu-se na noite como uma vã profecia. Pronunciando esse nome, ao qual nada mais respondia no mundo, o general rompeu, como por encanto, a magia a que um poder diabólico o submetera. Um clarão de lucidez passou-lhe pela face. Viu claramente a cena que acabava de se passar, e amaldiçoou sua fraqueza que não compreendia. Um cáldo estremecimento foi-lhe do coração à cabeça, aos pés, tornou-se ele mesmo, terrível, esfomeado de vingança, e deu um terrível grito.

— Socorro! Socorro!...

Correu aos cordões das campainhas, puxou-os de maneira a rompê-los, após ter feito ecoar estranhos tinidos. Todos os criados despertaram em sobressalto. Quanto a ele, gritando sempre, abriu as janelas da rua; chamou os gendarmes, achou as pistolas, disparou-as para acelerar a marcha dos cavaleiros, o despertar da criadagem e a vinda dos vizinhos. Os cães reconheceram então a voz do dono e ladraram, os cavalos relincharam e escarvaram a terra. Foi um horroroso tumulto no meio daquela noite calma. Descendo pelas escadas para correr em busca de sua filha, o general viu os criados aterrorizados que chegavam de todos os lados.

— Minha filha Helena foi raptada. Ide ao jardim! Guardai a rua! Abri à gendarmeria! Ao assassino!

Imediatamente partiu com um esforço de raiva a corrente que prendia o grande cão de guarda.

— Helena! Helena! — disse-lhe ele.

O cão saltou como um leão, ladrou furiosamente e lançou-se no jardim tão rapidamente que o general não pôde segui-lo. Nesse momento, o galope dos cavalos ressoou na rua e o general apressou-se a abrir ele mesmo.

— Sargento — exclamou —, ide cortar a retirada do assassino do sr. de Mauny. Fogem pelo jardim. Depressa, cercai os caminhos da colina da Picardia, vou dar uma batida em todas as terras, parques e casas. Vós outros — disse ele aos criados —, vigiai a rua e mantende o cordão desde a barreira até Versalhes. Para a frente, todos!

Apoderou-se de uma espingarda que lhe trouxe o criado de quarto e lançou-se nos jardins gritando ao cão:

— Procura!

Horríveis ladridos responderam-lhe ao longe, e ele se dirigiu na direção de onde os estertores do cão pareciam vir. Às sete horas da manhã, as buscas da gendarmeria, do general, de seus criados e dos vizinhos tinham sido inúteis. O cão não voltara. Esgotado de fadiga, e já envelhecido pela amargura, o marquês voltou ao salão, deserto para ele, embora seus três outros filhos lá estivessem.

— Mostrou-se bem indiferente para com sua filha — disse ele olhando a esposa. — Eis pois o que nos resta dela! — acrescentou, mostrando o bastidor de bordar onde se via uma flor começada. — Estava aí ainda há pouco e agora perdida, perdida!

Chorou, escondeu a cabeça nas mãos e ficou um momento silencioso, não ousando contemplar o salão, que outrora lhe oferecia o quadro mais suave de felicidade doméstica. Os clarões da madrugada lutavam com as lâmpadas amortecidas; as velas queimavam seus festões de papel, tudo concordava com o desespero do pai.

— É preciso destruir isto — disse ele após um momento de silêncio mostrando o bastidor. — Nada mais poderei ver daquilo que a recorda...

A terrível noite de Natal, durante a qual o marquês e a esposa tiveram a infelicidade de perder a filha mais velha sem que pudessem opor-se ao estranho domínio exercido pelo seu raptor involuntário, foi como um aviso que lhes deu o destino. A falência de um corretor arruinou o marquês. Ele hipotecou os bens de sua esposa para tentar uma especulação cujos lucros deviam restituir à sua família toda a fortuna primitiva, mas esse empreendimento acabou de arruiná-lo. Levado pelo desespero a tudo arriscar, o general expatriou-se. Seis anos haviam decorrido desde sua partida. Embora sua família raramente tivesse notícias suas, alguns dias antes do reconhecimento da independência das repúblicas americanas pela Espanha, ele anunciara sua volta.

Assim, por uma bela manhã, alguns negociantes franceses, impacientes pelo regresso à pátria com riquezas adquiridas ao preço de longos trabalhos e perigosas viagens empreendidas, ora ao México, ora à Colômbia, encontravam-se a algumas léguas de Bordéus, a bordo de um brigue espanhol. Um homem, envelhecido pelas fadigas ou pelo pesar, além do que seus anos justificavam, apoiava-se à amurada e parecia insensível ao espetáculo que se oferecia aos olhares dos passageiros agrupados no convés. Livres dos perigos da navegação e convidados pela beleza do dia, todos haviam subido à ponte como para saudar a terra natal. A maioria deles queria ver, a todo transe, ao longe, os faróis, os edifícios da Gascogne, a torre de Cordouan, misturados às criações fantásticas de algumas nuvens brancas que se elevavam no horizonte.

Sem a franja prateada que brincava diante do brigue, sem o longo sulco rapidamente apagado que o navio deixava após si, os viajantes teriam podido acreditar-se imóveis no meio do oceano, de tal modo o mar ali estava calmo. O céu tinha uma pureza arrebatadora. O matiz escuro de sua abóbada chegava, por insensíveis gradações, a confundir-se com a cor das águas azuladas, marcando o ponto de reunião por uma linha cuja claridade cintilava tão vivamente quanto a das estrelas. O sol fazia faiscar milhões de facetas na imensa extensão do mar, de

maneira que as vastas planícies de água eram mais luminosas talvez que os campos do firmamento. O brigue tinha todas as velas enfunadas por um vento de maravilhosa suavidade, e esses lençóis tão brancos quanto a neve, esses pavilhões amarelos flutuantes, esse dédalo de cordames se desenhava com uma precisão rigorosa sobre o fundo brilhante do ar, do céu e do oceano, sem receber outras tintas além daquelas das sombras projetadas pelas telas vaporosas. Um belo dia, um vento fresco, a vista da pátria, um mar tranquilo, um rumorejar melancólico, um lindo brigue solitário, deslizando sobre o oceano como uma mulher que voa a um encontro, era um quadro cheio de harmonias, uma cena em que a alma humana podia abraçar imutáveis espaços, partindo de um ponto onde tudo era movimento. Havia um espantoso contraste de solidão e vida, de silêncio e ruído, sem que se pudesse saber onde estavam o ruído e a vida, o nada e o silêncio; por isso nem uma voz humana rompia esse encanto celeste. O capitão espanhol, seus marinheiros e os franceses conservavam-se sentados ou de pé, todos mergulhados num êxtase religioso cheio de recordações. Havia indolência no ar. As fisionomias desafogadas acusavam um esquecimento completo dos males passados, e esses homens se embalavam nesse suave navio como num sonho de ouro. Entretanto, de tempos a tempos, o velho passageiro, apoiado à amurada, olhava o horizonte com uma espécie de inquietude. Havia uma desconfiança do destino escrita em todos os seus traços, e ele parecia temer não tocar bastante depressa a terra da França.

Esse homem era o marquês. A fortuna não fora surda aos gritos e aos esforços de seu desespero. Depois de cinco anos de tentativas e penosos trabalhos, vira-se possuidor de considerável fortuna. Em sua impaciência de rever seu país e levar a felicidade à família, seguira o exemplo de alguns negociantes franceses de Havana, embarcando com eles num navio espanhol carregado para Bordéus.

Contudo, sua imaginação, cansada de prever o mal, traçava-lhe as imagens as mais deliciosas de sua felicidade passada. Vendo ao longe a linha escura descrita pela terra, julgava contemplar a esposa e os filhos. Estava em seu lugar, no lar, e aí sentia-se abraçado, acariciado. Imaginava Moína, bela e crescida, imponente como uma jovem.

Quando esse quadro fantástico adquiriu uma espécie de realidade, lágrimas rolaram de seus olhos; então, como para ocultar sua perturbação, olhou o horizonte úmido, oposto à linha brumosa que anunciava a terra.

— É ele — disse. — Segue-nos.

— O quê? — exclamou o capitão espanhol.

— Um navio — continuou em voz baixa o general.

— Já o vi ontem — respondeu o capitão Gomez. Contemplou o francês como para interrogá-lo. — Sempre nos perseguiu — disse então ao ouvido do general.

— E não sei por que nunca nos alcançou — replicou o velho militar —, pois é melhor veleiro que o seu maldito *Saint-Ferdinand*.

— Terá tido avarias, um rombo.

— Alcança-nos — exclamou o francês.

— É um corsário colombiano — disse-lhe ao ouvido o capitão. — Estamos ainda a seis léguas de terra, e o vento cai.

— Ele não anda, voa, como se soubesse que em duas horas a presa lhe terá escapado. Que audácia!

— Ele? — exclamou o capitão. — Ah, não é em vão que se chama *Otelo*! Há pouco tempo pôs a pique uma fragata espanhola, e, entretanto, não tem mais de trinta canhões. Só a ele receava, pois não ignorava que cruzava as Antilhas... Ah! Ah! — continuou após uma pausa durante a qual olhou as velas de seu navio —, o vento levanta-se, chegaremos. É preciso, o parisiense seria impiedoso.

— Ele também chega — respondeu o marquês.

O *Otelo* não estava mais do que a três léguas. Embora a equipagem não tivesse ouvido a conversa do marquês e do capitão Gomez, a aparição dessa vela levava a maioria dos marinheiros e passageiros para o lugar onde estavam os dois interlocutores; mas quase todos, tomando o brigue por um barco de comércio, viam-no com interesse, quando de repente um marinheiro, numa linguagem enérgica, gritou:

— Por São Tiago! Estamos perdidos, eis o capitão parisiense.

A esse nome terrível o pavor espalhou-se no brigue e foi uma confusão que ninguém poderia exprimir. O capitão espanhol incutiu com a palavra uma energia momentânea aos seus marinheiros; e nesse

perigo, querendo alcançar a terra a todo custo, experimentou içar prontamente todas as suas monetas altas e baixas, a estibordo e bombordo, para apresentar ao vento a superfície total de pano que guarnecia suas vergas. Mas não foi sem grandes dificuldades que se realizaram as manobras; faltava-lhes naturalmente esse conjunto admirável que tanto seduz num navio de guerra. Embora o *Otelo* voasse como uma andorinha, graças à orientação de suas velas, ganhava entretanto tão pouco em aparência, que os infelizes franceses mantiveram uma doce ilusão. De repente, no momento em que, após esforços inauditos, o *Saint-Ferdinand* tomava um novo impulso em consequência das hábeis manobras que o próprio Gomez ajudara com o gesto e a voz, por um golpe falho de leme, voluntário sem dúvida, o timoneiro colocou o brigue atravessado. As velas, batidas de lado pelo vento, murcharam então tão bruscamente, que o brigue por pouco não parou; romperam-se os botalós, e o navio ficou completamente abalado. Uma raiva inexprimível tornou o capitão mais branco que as velas. De um só pulo ele caiu sobre o timoneiro e tão furiosamente o atingiu com o punhal, que falhou, mas precipitou-o ao mar; em seguida apoderou-se do leme e tratou de remediar a espantosa desordem que revolucionava seu bravo e corajoso navio. Lágrimas de desespero rolavam de seus olhos; pois sentimos mais pesar por uma traição que frustra um êxito devido ao nosso talento, que de uma morte iminente. Porém, quanto mais praguejava o capitão, menos a tarefa se fazia. Ele mesmo disparou o canhão de alarma, esperando ser ouvido da costa. Nesse momento, o corsário, que chegava com uma velocidade desesperante, respondeu com um tiro de canhão cuja bala veio cair a dez toesas do *Saint-Ferdinand*.

— Com mil trovões! — exclamou o general — Que pontaria! Eles têm caronadas feitas para isso.

— Oh! Aquele, quando fala, veja o senhor, é preciso calar-se — respondeu um marinheiro. — O parisiense não temeria um navio inglês...

— Está tudo acabado — exclamou com um acento de desespero o capitão, que, tendo armado a luneta, nada distinguiu do lado da terra... — Estamos ainda mais longe da França do que eu julgava.

— Por que vos desolais? — replicou o general. — Todos os passageiros são franceses, fretaram vosso navio. Esse corsário é um parisiense; pois bem! Içai o pavilhão branco e...

— E ele nos afundará — respondeu o capitão. — Não é ele, de acordo com as circunstâncias, tudo o que é preciso ser quando quer apoderar-se de uma rica presa?

— Ah, se é um pirata!

— Pirata! — disse o marinheiro com um ar feroz. — Ah, ele está sempre de acordo com a lei e a justiça!

— Pois bem — exclamou o general erguendo os olhos ao céu —, resignemo-nos.

E ainda teve força suficiente para reter as lágrimas. Enquanto falava, um segundo tiro de canhão, mais bem dirigido, mandou ao casco do *Saint-Ferdinand* uma bala que o atravessou.

— Ponham a capa — disse o capitão com ar triste.

E o marinheiro que defendera a honestidade do parisiense ajudou muito inteligentemente essa manobra desesperada. A equipagem esperou durante uma mortal meia hora, presa da consternação mais profunda. O *Saint-Ferdinand* levava em piastras quatro milhões, que compunham a fortuna de cinco passageiros, e a do general era de um milhão e cem mil francos. Enfim, o *Otelo*, que se encontrava então a dez tiros de espingarda, mostrou distintamente as goelas ameaçadoras de doze canhões prontos a fazer fogo. Parecia arrebatado por um vento que o diabo soprava expressamente para ele; mas o olho do marinheiro hábil adivinhava facilmente o segredo daquela velocidade. Bastava contemplar durante um momento o lançamento do brigue, sua forma alongada, sua estreiteza, a altura de sua mastreação, o corte de seu velame, a admirável ligeireza de suas enxárcias e o desembaraço com que seus marinheiros, unidos como um só homem, governavam a perfeita orientação da superfície branca apresentada pelas velas. Tudo anunciava uma inacreditável segurança de poder naquela esbelta criatura de madeira, tão rápida, tão inteligente quanto um corcel ou algum pássaro de rapina. A equipagem do corsário estava silenciosa e pronta, em caso de resistência, a devorar o pobre navio mercante, o qual, felizmente para ele, manteve-se quieto, semelhante a um escolar

apanhado em falta pelo mestre.

— Temos canhões! — exclamou o general apertando a mão do capitão espanhol.

Esse último atirou ao velho militar um olhar cheio de coragem e desespero, dizendo-lhe:

— E homens?

O marquês olhou a equipagem do *Saint-Ferdinand* e estremeceu. Os quatro negociantes estavam pálidos, trêmulos; enquanto os marinheiros, agrupados em torno de um deles, pareciam confabular para tomar partido pelo *Otelo*, e olhavam o corsário com uma curiosidade cúpida. Só o contramestre, o capitão e o marquês, encarando-se mutuamente, trocavam pensamentos generosos.

— Ah, capitão Gomez, disse outrora adeus à minha família e ao meu país, o coração morto de amargura; seria preciso deixá-los ainda no momento em que trago a alegria e a felicidade aos meus filhos?

O general voltou-se para atirar ao mar uma lágrima de raiva, e aí percebeu o timoneiro nadando para o corsário.

— Desta vez — respondeu o capitão —, com certeza o senhor há de lhes dizer adeus para sempre.

O francês aterrorizou o espanhol com o olhar estúpido que lhe dirigiu. Nesse momento os dois navios estavam quase juntos; e, ao aspecto da equipagem inimiga, o general acreditou na fatal profecia de Gomez. Três homens se mantinham em torno de cada peça. Ao ver-lhes o porte atlético, os traços angulosos, os braços nus e nervosos, podia-se tomá-los por estátuas de bronze. A morte tê-los-ia aniquilado sem derrubá-los. Os marinheiros, bem armados, ativos, rápidos e vigorosos, conservavam-se imóveis. Todas essas figuras enérgicas estavam fortemente queimadas pelo sol, endurecidas pelos trabalhos. Seus olhos brilhavam como outras tantas pontas de fogo e revelavam inteligências enérgicas, alegrias infernais. O profundo silêncio que reinava na coberta, negra de homens e chapéus, acusava a implacável disciplina sob a qual uma poderosa vontade curvava esses demônios humanos. O chefe estava junto ao mastro grande, de pé, braços cruzados, sem armas; apenas um machado jazia a seus pés. Trazia na cabeça, para livrar-se do sol, um chapéu de feltro de grandes abas, cuja

sombra lhe escondia o rosto. Semelhantes a cães deitados diante dos donos, artilheiros, soldados e marinheiros voltavam alternadamente os olhos para o capitão e para o navio mercante. Quando os dois brigues se tocaram, a sacudidela arrancou o corsário ao seu devaneio, e ele disse duas palavras ao ouvido de um jovem oficial que se mantinha a dois passos dele.

— Os ferros de abordagem! — exclamou o tenente.

E o *Saint-Ferdinand* foi enganchado pelo *Otelo* com uma rapidez miraculosa. Seguindo as ordens dadas em voz baixa pelo corsário, e repetidas pelo tenente, os homens para cada serviço foram, como seminaristas marchando para a missa, sobre a coberta da presa amarrar as mãos dos marinheiros e passageiros e apoderar-se dos tesouros. Num momento os tonéis cheios de piastras, os víveres e a equipagem do *Saint-Ferdinand* foram transportados para a ponte do *Otelo*. O general acreditava-se sob o domínio de um sonho, quando se encontrou de mãos amarradas e atirado sobre um balote como se ele mesmo fosse uma mercadoria. Entre o corsário, o tenente e um marinheiro que parecia desempenhar as funções de contramestre, realizou-se uma conferência. Quando a discussão, que pouco durou, terminou, o marinheiro apitou para os homens; a uma ordem sua, todos pularam para o *Saint-Ferdinand*, subiram às cordas e se puseram a despojá-lo de suas vergas, velas e cordame, com a mesma presteza com que um soldado despe no campo de batalha um camarada morto, cujos sapatos e capote eram o objeto de sua cobiça.

— Estamos perdidos — disse friamente ao marquês o capitão espanhol, que com o canto dos olhos espiara os gestos dos três chefes, durante a deliberação, e os movimentos dos marinheiros que procediam à pilhagem regular de seu brigue.

— Como? — perguntou friamente o general.

— Que quer o senhor que eles façam de nós? — respondeu o espanhol. — Acabam de reconhecer, sem dúvida, que dificilmente venderiam o *Saint-Ferdinand* nos portos da França ou da Espanha, e vão afundá-lo para não se embaraçarem com ele. Quanto a nós, acredita que eles possam encarregar-se de nossa alimentação quando não sabem em que porto farão escala?

Mal o capitão acabara essas palavras, quando o general ouviu um horrível clamor acompanhado do surdo ruído causado pela queda de vários corpos caindo ao mar. Voltou-se e não viu mais os quatro negociantes. Oito artilheiros de caras sinistras tinham ainda os braços no ar no instante em que o militar os olhava com terror.

— Quando eu lhe dizia — disse-lhe friamente o capitão espanhol.

O marquês reergueu-se bruscamente, o mar já retomara a calma, nem mesmo pôde ver o lugar onde seus infelizes companheiros acabavam de ser tragados. Rolavam nesse momento pés e punhos atados, sob as vagas, se os peixes já não os tinham devorado. A alguns passos dele, o pérfido timoneiro e o marinheiro do *Saint-Ferdinand* que gabava antes o poder do capitão parisiense fraternizavam com os corsários, e lhes indicavam com o dedo aqueles dentre os marinheiros do brigue que reconheciam dignos de ser incorporados à equipagem do *Otelo*; quanto aos outros, dois grumetes lhes atavam os pés, apesar de horríveis pragas. Terminada a escolha, os oito artilheiros apoderaram-se dos condenados e os lançaram ao mar sem cerimônias. Os corsários olhavam com uma curiosidade maliciosa as diferentes maneiras com que caíam esses homens, suas caretas, sua derradeira tortura; mas seus rostos não traíam nem zombaria, espanto ou piedade. Era para eles um acontecimento bem simples, ao qual pareciam acostumados. Os mais idosos contemplavam de preferência, com um sorriso sombrio e parado, os tonéis cheios de piastras colocados ao pé do grande mastro. O general e o capitão Gomez, sentados num fardo, consultavam-se em silêncio com um olhar quase sem brilho. Em breve se encontraram os únicos a sobreviver da equipagem do *Saint-Ferdinand*. Os sete marinheiros, escolhidos pelos dois espiões entre os marinheiros espanhóis, já se haviam alegremente transformado em *peruanos*.

— Que atrozes patifes! — exclamou de repente o general em quem uma leal e generosa indignação fez calar a dor e a prudência.

— Eles obedecem à necessidade — respondeu friamente Gomez. — Se o senhor tornasse a encontrar um desses homens, não lhe atravessaria o corpo com a espada?

— Capitão — disse o tenente, voltando-se para o espanhol —, o parisiense ouviu falar a seu respeito. O senhor, disse ele, é o único

homem que conhece bem as desembocaduras das Antilhas e as costas do Brasil. Quer...

O capitão interrompeu o jovem tenente com uma exclamação de desprezo e respondeu:

— Morrerei como marinheiro, como fiel espanhol, como cristão. Entendes?

— Ao mar! — gritou o moço.

A essa ordem dois artilheiros se apoderaram de Gomez.

— Vocês são uns covardes! — exclamou o general, detendo os dois corsários.

— Meu velho — disse-lhe o tenente —, não se entusiasme tanto. Se sua fita vermelha causou alguma impressão em nosso capitão, eu não lhe dou a menor importância... Vamos ter também, daqui a pouco, nossa conversinha.

Nesse momento um surdo ruído, ao qual nenhuma queixa se misturou, fez compreender ao general que o bravo Gomez morrera como marinheiro.

— Minha fortuna ou a morte! — exclamou ele, num terrível acesso de raiva.

— Ah, você é razoável! — respondeu-lhe o corsário zombando. — Agora pode estar seguro de obter alguma coisa de nós...

Depois, a um sinal do tenente, dois marinheiros apressaram-se a amarrar os pés do francês; mas este, espancando-os com imprevista audácia, puxou, com um gesto pelo qual não se esperava mais, o sabre que o tenente usava a tiracolo e se pôs lentamente a esgrimir como velho general de cavalaria que conhecia sua profissão.

— Ah, patifes, não jogarão à água como uma ostra um antigo soldado de Napoleão!

Tiros de pistola, disparados quase à queima-roupa sobre o francês recalcitrante, atraíram a atenção do parisiense, então ocupado a vigiar o transporte dos aprestos que mandava tomar ao *Saint-Ferdinand*. Sem se emocionar, veio agarrar por trás o corajoso general, segurou-o rapidamente, arrastou-o para a amurada e se dispunha a jogá-lo à água como alavancas sem préstimo. Nesse momento, o general tornou a encontrar o olhar fulvo do raptor de sua filha. Pai e genro

reconheceram-se imediatamente. O capitão, imprimindo a seu impulso um movimento contrário ao que lhe havia dado, como se o marquês nada pesasse, longe de precipitá-lo ao mar, colocou-o de pé perto do grande mastro. Um murmúrio elevou-se da coberta; mas então o corsário lançou um olhar aos seus homens, e o mais profundo silêncio reinou subitamente.

— É o pai de Helena — disse o capitão em voz clara e firme. — Ai de quem não o respeitar.

Um grito de aclamações alegres ecoou na coberta e subiu ao céu como uma prece de igreja, como o primeiro grito do *Te Deum*. Os grumetes balançaram-se nas cordas, os marinheiros jogaram seus gorros ao ar, os artilheiros sapatearam, cada um agitou-se, urrou, assoviou, praguejou. A expressão fanática dessa alegria tornou o general inquieto e sombrio... Atribuindo esse sentimento a algum horrível mistério, seu primeiro grito, quando recuperou a fala, foi:

— Minha filha! Onde está ela?

O corsário atirou ao general um desses olhares profundos que, sem que se possa adivinhar a razão, transtornavam sempre as almas mais intrépidas; tornou-o mudo, para grande satisfação dos marinheiros, felizes de ver o poder de seu chefe exercer-se sobre todos os seres, conduziu-o a uma escada, fê-lo descer e levou-o diante da porta de um camarote, que impeliu vivamente dizendo:

— Ei-la.

Em seguida desapareceu, deixando o velho militar mergulhado numa espécie de estupor ao aspecto do quadro que se ofereceu aos seus olhos. Ouvindo abrir a porta do quarto com brusquidão, Helena erguera-se do divã no qual repousava; mas avistou o marquês e deu um grito de surpresa. Estava tão mudada que eram precisos os olhos de um pai para reconhecê-la. O sol dos trópicos embelezara seu rosto branco com uma cor morena, de um colorido maravilhoso que lhe dava uma expressão de poesia, e o próprio rosto respirava um ar de grandeza, uma firmeza majestosa, um sentimento profundo com o qual a alma mais grosseira se sentiria impressionada. Sua longa e abundante cabeleira, caindo em grossos cachos sobre o pescoço cheio de nobreza, acrescentava ainda uma imagem de poder à altivez desse rosto. Em seu

aspecto, em seu gesto, Helena deixava transparecer a consciência que tinha de seu poder. Uma triunfal satisfação fazia palpitar levemente suas róseas narinas, e sua felicidade tranquila estava assinalada em todos os desenvolvimentos de sua beleza. Havia nela ao mesmo tempo algo da suavidade da virgem e essa espécie de orgulho particular às criaturas muito amadas. Escrava e soberana, queria obedecer porque podia reinar. Estava vestida com magnificência cheia de encanto e elegância. A musselina das Índias compunha toda a sua *toilette*; mas seu divã e os coxins eram de *cashmere*; um tapete da Pérsia guarnecia o assoalho da vasta cabina, seus quatro filhos brincavam a seus pés construindo castelos esquisitos com colares de pérolas, joias preciosas, objetos de valor. Alguns vasos de porcelana de Sèvres, pintados pela sra. Jaquotot,[441] continham flores raras que embalsamavam o ar; eram jasmims do México, camélias, entre as quais pequenos pássaros da América vojavam domesticados e pareciam ser rubis, safiras, ouro animado. Um piano estava preso no salão, e nas paredes de madeira, forradas de seda amarela, viam-se aqui e ali quadros de pequena dimensão, mas devidos aos melhores pintores; um pôr do sol por Gudin encontrava-se junto de um Terburg;[442] uma Virgem de Rafael lutava em poesia com um esboço de Girodet,[443] um Gerard Dow[444] eclipsava um Drolling.[445] Sobre uma mesa de laca da China encontrava-se uma bandeja de ouro cheia de frutos deliciosos. Enfim, Helena parecia ser a rainha de um grande império no meio do *boudoir* no qual seu amante coroado tivesse reunido as coisas mais elegantes da terra. As crianças detinham sobre o avô olhos de penetrante vivacidade; e, habituadas como estavam a viver no meio dos combates, das tempestades e do tumulto, assemelhavam-se a esses pequenos romanos curiosos de guerra e sangue que David pintou em seu quadro de Bruto.[446]

— Como é possível isto? — exclamou Helena, segurando o pai como para certificar-se da realidade dessa visão.

— Helena!

— Meu pai!

Caíram nos braços um do outro, e o abraço do velho não foi o mais forte nem o mais afetuoso.

— O senhor estava nesse navio?

— Sim — respondeu ele com ar triste sentando-se no divã e olhando as crianças que, agrupadas à sua volta, consideravam-no com ingênua atenção. — Eu ia morrer sem...

— Sem meu marido — disse ela interrompendo-o —, adivinho.

— Ah — exclamou o general —, por que é preciso que eu te encontre, minha Helena, a ti por quem tanto chorei! Eu devia gemer ainda mais sobre o teu destino.

— Por quê? — perguntou ela sorrindo. — O senhor não ficará contente em saber que sou a mais feliz de todas as mulheres?

— Feliz! — exclamou ele, fazendo um gesto de surpresa.

— Sim, meu bom pai — replicou ela apoderando-se de suas mãos, beijando-as, apertando-as contra o seio palpitante, acrescentando a essa meiguice um movimento de cabeça que seus olhos cintilantes de prazer tornaram ainda mais significativo.

— Como assim? — perguntou ele, curioso de conhecer a vida de sua filha e esquecendo tudo diante dessa fisionomia resplendente.

— Ouça, meu pai — respondeu ela —, tenho por amante, por marido, por servidor, por senhor, um homem cuja alma é tão vasta quanto este mar sem limites, tão fértil em suavidade quanto o céu, um Deus enfim! Há sete anos, nunca lhe escapou uma palavra, um sentimento, um gesto que pudessem produzir dissonância com a divina harmonia de suas palavras, de suas carícias e de seu amor. Sempre me olhou tendo nos lábios um sorriso amigo e nos olhos um raio de alegria. Lá em cima sua voz trovejante domina quase sempre os uivos da tempestade ou o tumulto dos combates, mas aqui ela é suave e melodiosa como a música de Rossini, cujas obras recebo. Tudo o que o capricho de uma mulher pode inventar obtenho. Meus desejos são até, às vezes, ultrapassados. Reino enfim sobre o mar e aí sou obedecida como pode sê-lo uma soberana. Oh, feliz! — prosseguiu interrompendo-se a si mesma —, feliz não é uma palavra que possa exprimir minha felicidade. Tenho a parte de todas as mulheres. Sentir um amor, um devotamento imenso por aquele que se ama, e encontrar em seu coração, *dele*, um sentimento infinito onde a alma de uma mulher se perde, e sempre! Diga, será uma felicidade? Já devorei mil

existências. Aqui sou sozinha, aqui eu ordeno. Jamais uma criatura de meu sexo pôs o pé neste pobre navio, onde Vítor está sempre a alguns passos de mim. Ele não pode afastar-se de mim mais do que da popa à proa — continuou ela com uma fina expressão de malícia. — Sete anos! Um amor que resiste durante sete anos a essa perpétua alegria, a essa provação de todos os instantes, é amor? Não! Oh, não, é melhor que tudo o que conheço da vida... a linguagem humana é impotente para exprimir uma felicidade celeste.

Uma torrente de lágrimas escapou-se de seus olhos inflamados. As quatro crianças soltaram então um grito lamentoso, correram para ela como pintinhos à mãe, e o mais velho bateu no general olhando-o com ar ameaçador.

— Abel — disse ela —, meu anjo, choro de alegria.

Tomou-o nos joelhos, o menino acariciou-a familiarmente, passando os braços em torno do pescoço majestoso de Helena, como um leãozinho que quer brincar com a mãe.

— Tu não te aborreces? — exclamou o general, aturdido pela resposta exaltada da filha.

— Sim — respondeu ela —, em terra, quando desembarcamos; e ainda assim nunca deixo meu marido.

— Mas gostavas de festas, bailes, música?

— A música é a sua voz; minhas festas são as roupagens que invento para ele. Quando uma *toilette* lhe agrada, não é como se a terra inteira me admirasse? Eis novamente por que não jogo ao mar esses diamantes, esses colares, esses diademas de pedrarias, essas riquezas, essas flores, essas obras-primas da arte que ele me prodigaliza dizendo: “Helena, já que estás longe do mundo, quero que o mundo venha a ti”.

— Mas a bordo há homens, homens audaciosos, terríveis, cujas paixões...

— Eu o compreendo, meu pai — disse ela sorrindo. — Tranquelize-se. Jamais imperatriz foi rodeada de maior respeito que o que me dedicam. Esses homens são supersticiosos; acreditam que sou o gênio tutelar deste navio, de suas empresas, de seus sucessos. Mas é *ele* o seu deus! Um dia, uma única vez, um marinheiro faltou-me com o respeito... em palavras — acrescentou ela rindo. — Antes que Vítor

chegasse a sabê-lo, os homens da equipagem atiraram-no ao mar apesar do perdão que eu lhe concedia. Eles me amam como o seu anjo bom, cuida deles em suas doenças, e tive a felicidade de salvar alguns da morte, velando-os com uma perseverança de mulher. Essas pobres criaturas são ao mesmo tempo gigantes e crianças.

— E quando há combates?

— Estou acostumada a isso — respondeu. — Só tremi durante o primeiro... Agora minha alma está habituada a esse perigo, e além disso... sou filha do senhor — disse ela — e amo a ele.

— E se ele perecesse?

— Eu pereceria.

— E teus filhos?

— São filhos do oceano e do perigo, partilham a vida de seus pais... Nossa existência é uma e não se cinde. Vivemos todos a mesma vida, todos inscritos na mesma página, levados pelo mesmo esquife, sabemos.

— Tu o amas pois a ponto de preferi-lo a tudo?

— A tudo — repetiu ela. — Mas não sondemos esse mistério. Veja, esse querido filho, pois bem, ainda é *ele*!

Depois, estreitando Abel com um vigor extraordinário, imprimiu-lhe beijos devoradores nas faces, nos cabelos...

— Mas — exclamou o general — não poderei esquecer que ele acaba de fazer atirar ao mar nove pessoas...

— Era preciso, sem dúvida — respondeu —, pois ele é humano e generoso. Derrama o mínimo possível de sangue para a conservação e os interesses do pequeno mundo que protege e da causa sagrada que defende. Fale-lhe do que lhe parece mal e verá que ele saberá fazê-lo mudar de opinião.

— E seu crime? — disse o general como se falasse consigo mesmo.

— Mas — replicou ela com fria dignidade —, se fosse uma virtude? Se a justiça dos homens não tivesse podido vingá-lo?

— Vingar-se por si mesmo! — exclamou o general.

— E o que é o inferno — perguntou ela — senão uma vingança eterna por alguns erros de um dia?

— Ah, estás perdida! Ele te enfeitiçou, perverteu. Deliras.

— Fique aqui um dia, meu pai, e se quiser ouvi-lo, olhá-lo, o senhor há de amá-lo.

— Helena — disse o general —, estamos a algumas léguas da França...

Ela estremeceu, olhou pela janela do camarote, mostrou o mar desenrolando suas imensas savanas de água verde.

— Eis o meu país — respondeu, batendo no tapete com a ponta do pé.

— Mas não virás ver tua mãe, tua irmã, teus irmãos?

— Oh, sim — disse ela com lágrimas na voz —, se ele o quiser e puder acompanhar-me.

— Nada mais tens, pois, Helena — replicou severamente o militar —, nem pais, nem família?...

— Sou esposa dele — replicou ela com um ar de altivez, com um acento cheio de nobreza. — Eis aqui, há sete anos, a primeira felicidade que não me vem dele — acrescentou apanhando a mão do pai e beijando-a —, e eis aqui a primeira censura que ouço.

— E tua consciência?

— Minha consciência? Mas é ele.

Nesse momento ela estremeceu violentamente.

— Ei-lo —disse ela. — Até no combate, entre todos os passos, reconheço o dele na coberta.

E de repente um rubor purpureou-lhe as faces, fez resplandecer-lhe os traços, brilhar-lhe os olhos, e a cútis tornou-se de um branco mate... Havia felicidade e amor em seus músculos, em suas veias azuis, no estremecimento involuntário de toda a sua pessoa. Esse movimento de sensitiva comoveu o general.

Com efeito, um instante depois, o corsário entrou, veio sentar-se numa poltrona, apoderou-se do filho mais velho e se pôs a brincar com ele. Reinou o silêncio durante um momento; pois, durante algum tempo, o general, mergulhado num devaneio comparável ao sentimento vagaroso de um sonho, contemplou essa elegante cabina, semelhante a um ninho de alcíones, na qual aquela família vogava pelo oceano havia sete anos, entre os céus e a onda, sobre a fé de um homem, conduzida através dos perigos da guerra e das tempestades,

como um lar é guiado na vida por um chefe no seio das desgraças sociais... Olhava a filha com admiração, imagem fantástica de uma deusa marinha, suave de beleza, rica de felicidade, e fazendo empalidecer todos os tesouros que a rodeavam diante dos tesouros de sua alma, os relâmpagos de seus olhos e a indescritível poesia exprimida em sua pessoa e em torno dela. Essa situação oferecia uma estranheza que o surpreendia, uma sublimidade de paixão e raciocínio que confundia as ideias vulgares. As frias e estreitas combinações da sociedade morriam diante desse quadro. O velho militar sentiu todas essas coisas e compreendeu também que sua filha não abandonaria nunca uma vida tão larga, tão fecunda em contrastes, cheia por um amor tão verdadeiro; além disso, desde que ela havia uma vez saboreado o perigo sem se aterrorizar, não podia mais voltar às pequenas cenas de um mundo mesquinho e limitado.

— Perturbo-o? — perguntou o corsário rompendo o silêncio e olhando a esposa.

— Não — respondeu-lhe o general —, Helena disse-me tudo! Vejo que ela está perdida para nós...

— Não — replicou vivamente o corsário — ... Ainda alguns anos, e a prescrição me permitirá voltar à França. Quando a consciência é pura e quando, ferindo vossas leis sociais, um homem obedeceu ...

Calou-se desdenhando justificar-se.

— E como pode o senhor — disse o general interrompendo-o — não ter remorsos pelos novos assassinatos que se cometeram diante de meus olhos?

— Não temos víveres — replicou tranquilamente o corsário.

— Mas desembarcando esses homens na costa...

— Eles nos fariam cortar a retirada por algum navio e não chegaríamos ao Chile.

— Antes que, da França — disse o general interrompendo-o —, tenham prevenido o almirantado da Espanha...

— Mas a França pode achar mau que um homem, ainda sujeito aos seus tribunais de justiça, se tenha apoderado de um brigue fretado por bordeleses. Aliás, o senhor não atirou, algumas vezes, no campo de batalha, alguns tiros de canhão a mais?

O general, intimidado pelo olhar do corsário, calou-se; e sua filha olhava-o com um ar que tanto exprimia triunfo quanto melancolia...

— General — disse o corsário em voz profunda —, impus a mim mesmo a lei de jamais subtrair o que quer que fosse do butim. Mas está fora de dúvida que minha parte será mais considerável que o era sua fortuna. Permita-me restituí-la em outra moeda...

Tomou na gaveta do piano um maço de dinheiro, não contou os pacotes, e apresentou um milhão ao marquês.

— O senhor compreende — continuou — que eu não posso me divertir em olhar os que passam na estrada de Bordéus... Ora, a menos que o senhor esteja seduzido pelos perigos de nossa vida boêmia, pelas cenas da América meridional, por nossas noites dos trópicos, por nossas batalhas e pelo prazer de fazer triunfar o pavilhão de uma jovem nação, ou o nome de Simón Bolívar, é preciso deixar-nos... Uma chalupa e homens devotados o esperam. Esperemos um terceiro encontro mais completamente feliz...

— Vítor, eu quisera ver meu pai ainda um momento — disse Helena em tom animado.

— Dez minutos a mais ou a menos podem colocar-nos frente a frente com uma fragata. Seja! Divertir-nos-emos um pouco. Nossos homens se aborrecem.

— Oh, parta, meu pai! — exclamou a esposa do marinheiro. — E leve à minha irmã, a meus irmãos, à... minha mãe — acrescentou — esses penhores de minha lembrança.

Tomou um punhado de pedras preciosas, de colares, de joias, envolveu-as numa *cashmere* e apresentou-as timidamente ao pai.

— E que lhes direi de tua parte? — perguntou ele, parecendo chocado pela hesitação que sua filha marcara antes de pronunciar a palavra *mãe*.

— Oh, o senhor pode duvidar de minha alma? Faço, todos os dias, votos por sua felicidade.

— Helena — replicou o ancião olhando-a com atenção —, não devo mais revelá-lo? Não saberei jamais a que motivo se deve a tua fuga?

— Esse segredo não me pertence — disse ela em tom grave. — Mesmo que tivesse o direito de revelá-lo ao senhor, talvez não o

disse ainda. Sofri durante dez anos males inauditos...

Não continuou e estendeu ao pai os presentes que destinava à sua família. O general, acostumado pelos acontecimentos da guerra a ideias bastantes largas em matéria de butim, aceitou os presentes oferecidos pela filha e se deleitou em pensar que, sob a inspiração de uma alma tão pura, tão elevada quanto a de Helena, o capitão parisiense conservava-se homem honesto fazendo guerra aos espanhóis. Sua paixão pelos bravos arrebatou-o. Pensando que seria ridículo afetar escrúpulos, apertou vigorosamente a mão do corsário, beijou sua Helena, sua única filha, com essa efusão particular aos soldados, e deixou cair uma lágrima sobre esse rosto cuja altivez, cuja expressão máscula lhe sorrisse mais de uma vez. O marinheiro, fortemente comovido, deu-lhe os filhos para abençoar. Enfim, todos se disseram uma última vez adeus com um longo olhar que não foi destituído de ternura.

— Sejam sempre felizes! — exclamou o avô, lançando-se para a coberta.

No mar, um singular espetáculo esperava o general. O *Saint-Ferdinand*, entregue às chamas, ardia como um imenso fogo de palha. Os marinheiros, ocupados em afundar o brigue espanhol, perceberam que havia a bordo um carregamento de rum, *licor* que abundava no *Otelo*, e acharam engraçado acender uma grande tigela de ponche em pleno mar. Era um divertimento bem perdoável a criaturas às quais a aparente monotonia do mar fazia aproveitar todas as ocasiões de animar sua vida.

Descendo do brigue para a chalupa do *Saint-Ferdinand*, tripulada por seis vigorosos marinheiros, o general partilhava involuntariamente sua atenção entre o incêndio do *Saint-Ferdinand* e sua filha apoiada no corsário, ambos de pé à popa do navio. Em presença de tantas recordações, vendo o vestido branco de Helena que flutuava, leve como uma vela a mais; distinguindo no oceano essa bela e grande figura, bem imponente para tudo dominar, mesmo o mar, ele esquecia, com a indiferença de um militar que vogava sobre o túmulo do bravo Gomez.

Acima dele, uma imensa coluna de fumo pairava como uma nuvem escura, e os raios do sol, perfurando-a aqui e ali, davam-lhe poéticos

clarões. Era um segundo céu, uma cúpula sombria sob a qual brilhavam espécies de lampadários e acima da qual planava o azul inalterável do firmamento, que parecia mil vezes mais belo por essa efêmera aparição. As cores bizarras dessa fumaça, ora amarela, dourada, vermelha, negra, fundidas vaporosamente, cobriam o navio, que estalava, rangia e chiava. A chama assobiava mordendo as cordas e corria no navio como uma sedição popular voa pelas ruas de uma cidade. O rum produzia chamas azuis que brilhavam como se o gênio dos mares tivesse agitado essa aguardente furibunda, assim como a mão de um estudante faz mover a alegre chama de um ponche numa orgia. Mas o sol, mais poderoso de luz, ciumento desse clarão insolente, apenas deixava ver em seus raios as cores desse incêndio. Era como uma rede, uma *écharpe* que esvoaçasse no meio da torrente de seus fogos.

O *Otelo* apanhava, para fugir, o pouco vento que podia colher nessa direção nova, e inclinava-se, ora de um lado, ora de outro, como um papagaio balançando nos ares. Esse belo brigue corria a bordadas para o sul; ora se ocultava aos olhos do general, desaparecendo por trás da coluna reta cuja sombra se projetava fantasticamente sobre as águas, ora se mostrava, erguendo-se com graça e fugindo. Toda vez que Helena podia perceber seu pai, agitava o lenço para saudá-lo ainda. Em breve o *Saint-Ferdinand* afundou, produzindo um fervilhamento logo apagado pelo oceano. Não restou, então, de toda essa cena senão uma nuvem balançada pela brisa. O *Otelo* estava longe; a chalupa se aproximava da terra; a nuvem se interpôs entre a frágil embarcação e o brigue. A última vez que o general percebeu a filha foi através de uma fenda daquela fumaça ondulante. Visão profética! O lenço branco e o vestido se destacavam sós nesse fundo bistre. Entre a água verde e o céu azul, nem o brigue se via mais.

Helena não era mais que um ponto imperceptível, uma linha delgada, graciosa, um anjo no céu, uma ideia, uma lembrança.

Após ter restabelecido sua fortuna, o marquês morreu esgotado de fadiga. Alguns meses depois de sua morte, em 1833, a marquesa foi obrigada a levar Moína às águas dos Pireneus. A caprichosa criança quis ver as belezas dessas montanhas. Voltou às Águas e no seu

regresso passou-se a horrível cena que aqui está.

III – O ENSINAMENTO

— Meu Deus — disse Moína —, fizemos bem mal, minha mãe, em não ficar alguns dias mais nas montanhas! Ali estávamos bem melhor do que aqui! Ouviu os gemidos contínuos dessa maldita criança e a tagarelice dessa desgraçada mulher que fala sem dúvida em patoá, pois não compreendi uma única palavra do que dizia? Que espécie de gente nos deram por vizinhas! Essa noite foi uma das mais horríveis que passei em minha vida.

— Nada ouvi — respondeu a marquesa —, mas, minha querida filha, vou ver a hoteleira e pedir-lhe o quarto vizinho; estaremos sós no apartamento e não mais teremos barulho. Como se sentes esta manhã? Estás fatigada?

Ao dizer essas últimas frases, a marquesa se erguera para se aproximar do leito de Moína.

— Vejamos — disse-lhe ela procurando a mão da filha.

— Oh, deixe-me, minha mãe — respondeu Moína —, tenho frio.

A essas palavras a moça enrolou-se em seu travesseiro com um movimento de amuo, mas tão gracioso, que era difícil uma mãe ofender-se por isto. Nesse momento, uma queixa, cujo acento suave e prolongado devia rasgar um coração materno, ressoou no quarto vizinho.

— Mas se tu ouviste isto durante toda a noite, por que não me acordaste? Teríamos...

Um gemido mais prolongado que todos os outros interrompeu a marquesa, que exclamou:

— Há aí alguém que está morrendo! E saiu vivamente.

— Mande-me Paulina! — gritou Moína — Vou vestir-me.

A marquesa desceu prontamente e encontrou a hoteleira no pátio no meio de algumas pessoas que pareciam ouvi-la atentamente.

— A senhora colocou perto de nós uma pessoa que parece sofrer muito...

— Ah, não me fale nisso! — exclamou a dona do hotel. — Acabo de

mandar procurar o *maire*. Imagine que é uma mulher, uma pobre infeliz que chegou ontem à noite, a pé; vem da Espanha, está sem passaporte e sem dinheiro. Trazia às costas uma criancinha à morte. Não pude deixar de recebê-la aqui. Esta manhã, fui eu mesma vê-la, pois ontem, quando desembarcou aqui, causou-me terrível pena. Pobre mulherzinha! Estava deitada com o filho, e ambos se debatiam contra a morte. “Senhora”, disse-me ela, tirando do dedo um anel de ouro, “não possuo mais do que isto, tomai-o em pagamento; será suficiente, não ficarei muito tempo aqui. Pobre pequeno, vamos morrer juntos!”, disse ela olhando seu filho. Tomei-lhe o anel, perguntei-lhe quem era, mas ela não quis nunca dizer-me o nome... Acabo de mandar procurar o médico e o senhor *maire*.

— Mas — exclamou a marquesa — dê-lhe todos os socorros que lhe poderão ser necessários. Meu Deus, talvez ainda seja tempo de salvá-la! Eu lhe pagarei tudo o que ela gastar...

— Ah, senhora, ela parece ser muito altiva, e não sei se quererá!

— Vou vê-la.

E imediatamente a marquesa subiu ao quarto da desconhecida sem pensar no mal que sua presença podia causar àquela mulher num momento em que a diziam agonizante, pois ainda estava de luto. A marquesa empalideceu ao aspecto da agonizante. Apesar dos horríveis sofrimentos que haviam alterado a bela fisionomia de Helena, reconheceu a filha mais velha. Ao aspecto de uma mulher vestida de preto, Helena ergueu-se da cama, soltou um grito de terror e tornou a cair lentamente no leito quando, naquela mulher, tornou a encontrar sua mãe.

— Minha filha — disse a sra. d’Aiglemont —, que lhe falta? Paulina!... Moína!...

— Nada mais me falta — respondeu Helena em voz enfraquecida. — Esperava rever meu pai; mas seu luto anuncia-me...

Não concluiu; apertou o filho contra o coração como para aquecê-lo, beijou-o na fronte e atirou à mãe um olhar onde ainda se lia a censura, embora temperada pelo perdão. A marquesa não quis ver essa censura; esqueceu que Helena fora uma filha concebida outrora nas lágrimas e no desespero, a filha do dever, uma filha que fora a causa de suas

maiores infelicidades; caminhou suavemente para a filha mais velha, lembrando-se apenas de que Helena fora a primeira a fazê-la conhecer os prazeres da maternidade. Os olhos da mãe estavam cheios de lágrimas; e, beijando a filha, exclamou:

— Helena! Minha filha...

Helena conservava-se em silêncio. Acabava de aspirar o último suspiro de seu último filho. Nesse momento, Moína, Paulina, sua criada de quarto, a hoteleira e um médico entraram.

A marquesa conservava a mão gelada da filha nas suas, e contemplava-a com verdadeiro desespero. Exasperada pela desgraça, a viúva do marinheiro, que acabava de escapar a um naufrágio, salvando de toda a família apenas um filho, disse com voz horrível à sua mãe:

— Tudo isto é obra sua! Se tivesse sido para mim o que...

— Moína, saia, saiam todos! — gritou a sra. d'Aiglemont abafando a voz de Helena com o rumor da sua.

— Por piedade, minha filha, não renovemos nesse momento os tristes combates...

— Calar-me-ei — respondeu Helena, fazendo um esforço sobrenatural. — Sou mãe, sei que Moína não deve... Onde está meu filho?

Moína tornou a entrar, impelida pela curiosidade.

— Minha irmã — disse a criança mimada —, o médico...

— É tudo inútil — continuou Helena. — Ah, por que não morri aos dezesseis anos, quando quis me matar? A felicidade nunca se encontra fora das leis... Moína... tu...

Morreu inclinando a cabeça sobre a do filho, que estreitou convulsivamente.

— Tua irmã queria sem dúvida dizer-te, Moína — voltou a sra. d'Aiglemont, quando voltou ao seu quarto, onde desatou em lágrimas —, que a felicidade nunca se encontra, para uma filha, numa vida romanesca, fora das ideias recebidas, e, sobretudo, longe de sua mãe.

SEXTA PARTE

A VELHICE DE UMA MÃE CULPADA

Num dos primeiros dias do mês de junho de 1844, uma senhora de cerca de cinquenta anos, mas que aparentava ter mais idade que a verdadeira, passeava ao sol, ao meio-dia, ao longo duma alameda, no jardim de um palácio situado na rue Plumet, em Paris. Depois de ter feito por duas ou três vezes a volta da vereda levemente sinuosa onde se achava, para não perder de vista as janelas dum apartamento que parecia atrair toda a sua atenção, foi sentar-se numa dessas cadeiras meio rústicas que se fabricam com galhos flexíveis de árvores, guarnecidos de sua casca. Do lugar onde estava essa elegante cadeira, a dama podia divisar por uma das grades da cerca tanto os bulevares interiores, no meio dos quais está colocada a admirável cúpula dos Invalides, que ergue seu zimbório de ouro acima da folhagem de um milheiro de olmos, formando uma admirável paisagem, como o aspecto

menos grandioso de seu jardim terminado pela fachada cinza de um dos mais belos palácios do Faubourg Saint-Germain. Ali tudo se achava mergulhado em silêncio: os jardins vizinhos, os bulevares, os Invalides; porque, nesse aristocrático bairro, o dia não começa senão ao meio-dia. Salvo algum capricho, salvo se uma jovem queira montar a cavalo, ou se um velho diplomata tenha um protocolo a revisar, nessa hora, criados e patrões, todos dormem, ou todos despertam.

A senhora tão madrugadora era a marquesa d'Aiglemont, mãe da sra. de Saint-Héreen, a quem pertencia esse belo palácio. A marquesa privara-se dele em benefício da filha, a quem havia dado toda a sua fortuna, reservando para si apenas uma pensão vitalícia. A condessa Moína de Saint-Héreen era a última filha da sra. d'Aiglemont. Para fazê-la desposar o herdeiro duma das mais ilustres casas de França, a marquesa tudo sacrificara. Nada era mais natural; ela perdera sucessivamente dois filhos: um, Gustavo, marquês d'Aiglemont, tinha morrido atacado de cólera; o outro, Abel, sucumbira diante de Constantina.[447] Gustavo deixara filhos e viúva. Mas a afeição bastante fraca que a sra. d'Aiglemont tivera pelos dois filhos enfraquecera ainda ao passar para os netos. Portava-se delicadamente com a nora, mas limitava-se ao sentimento superficial que o bom gosto e as conveniências prescrevem que testemunhemos ao próximo.

Regularizada perfeitamente a fortuna dos dois filhos mortos, ela reservara para a sua querida Moína suas economias e seus bens pessoais. Moína, bela e encantadora desde criança, fora sempre para a sra. d'Aiglemont objeto duma dessas predileções inatas ou involuntárias nas mães; fatais simpatias que parecem inexplicáveis, ou que os observadores sabem perfeitamente explicar. A encantadora figura de Moína, o som da voz dessa filha querida, seus modos, o andar, a fisionomia, os gestos, tudo nela despertava na marquesa as mais profundas emoções capazes de animar, perturbar ou enlevar o coração de uma mãe. A razão de sua vida presente, de sua vida futura, de sua vida passada estava no coração dessa moça, onde ela lançara todos os seus tesouros. Moína felizmente sobrevivera aos quatro irmãos mais velhos. A sra. d'Aiglemont perdera, de fato, da maneira mais trágica, dizia-se na alta sociedade, uma filha encantadora, cujo

destino era quase desconhecido, e um garoto de cinco anos, vítima duma horrível catástrofe. A marquesa viu certamente um presságio do céu no respeito que a sorte tinha por sua filha predileta, e não dedicara senão fracas recordações aos filhos já tombados segundo os caprichos da morte, os quais permaneciam no fundo de sua alma como esses túmulos erigidos num campo de batalha, mas que as flores silvestres quase fizeram desaparecer.

A sociedade poderia pedir à marquesa contas severas dessa indiferença e dessa predileção; mas a sociedade de Paris é arrastada por uma tal torrente de acontecimentos, de modas, de novas ideias, que toda a vida da sra. d'Aiglemont devia ser nela de certa forma esquecida. Ninguém pensava em considerar um crime sua frieza, seu esquecimento que a ninguém interessava, ao passo que sua viva ternura por Moína interessava muita gente, e tinha toda a santidade dum preconceito. Aliás, a marquesa pouco aparecia na sociedade; e, para a maioria das famílias de suas relações, ela parecia boa, meiga, piedosa, indulgente. Ora, não será preciso ter um interesse especial para ir além dessas aparências com que a sociedade se contenta? Depois, o que é que não se perdoa aos velhos quando eles se apagam como sombras e não desejam mais ser senão uma recordação? Enfim, a sra. d'Aiglemont era um modelo lisonjeiro, citado pelos filhos aos pais, pelos genros às sogras. Ela tinha, ainda em vida, dado seus bens a Moína, satisfeita com a felicidade da jovem condessa, e não vivendo senão por ela e para ela. Se velhos prudentes, tios rabugentos censuravam essa conduta dizendo: “A sra. d'Aiglemont talvez se arrependa algum dia de se ter despojado de sua fortuna em favor de sua filha, porque, se conhece bem o coração da sra. de Saint-Héreen, pode ter a mesma confiança na moralidade do genro?”, elevava-se contra esses profetas uma indignação geral; e de toda a parte choviam elogios para Moína.

— Deve-se render essa justiça à sra. de Saint-Héreen — dizia uma moça —, que sua mãe não sofreu nenhuma mudança em sua vida. A sra. d'Aiglemont está admiravelmente bem instalada, tem uma carruagem a seu dispor e pode ir aonde quiser como dantes...

— Exceto ao Italiens — respondia baixinho um velho parasita, uma

dessas criaturas que se julgam no direito de cumular os amigos com epigramas sob o pretexto de demonstrarem independência. — No que toca a assuntos estranhos à sua filha mimosa, a ilustre viúva só gosta de música. Em seu tempo, ela foi uma ótima musicista! Mas como o camarote da condessa está sempre invadido por mocinhos elegantes, e como sua presença ali constrangeria a moça, de quem já se fala como de uma grande *coquette*, a pobre mãe nunca vai ao Italiens.

— A sra. de Saint-Héreen — dizia uma moça casadoura — faz para sua mãe reuniões deliciosas, tem um salão onde comparece Paris inteira.

— Um salão em que ninguém presta atenção à marquesa — dizia o parasita.

— O fato é que a sra. d'Aiglemont nunca está só — dizia um presumido, tomando o partido das moças.

— De manhã — respondeu em voz baixa o velho observador —, de manhã a querida Moína dorme. Às quatro horas a querida Moína está no bosque. À noite, a querida Moína vai ao baile ou ao teatro... Mas é verdade que a sra. d'Aiglemont tem o recurso de ver sua querida filha enquanto ela se veste, ou durante o jantar, quando a querida Moína por acaso janta com sua querida mãe.

— Não faz ainda oito dias, senhor — disse o parasita tomando pelo braço um tímido preceptor, recém-chegado na casa em que se encontrava —, vi essa pobre mãe triste sozinha junto da lareira. “Que tem?”, perguntei-lhe. A marquesa fitou-me sorrindo, mas com certeza tinha chorado. “Estava pensando”, disse-me ela, “que é bem singular me encontrar só, depois de ter tido cinco filhos; mas isso faz parte do nosso destino! E, depois, sinto-me feliz quando sei que Moína se está divertindo!” Ela podia confiar em mim, que conhecera outrora seu marido. Era um pobre homem e foi bem feliz em tê-la por esposa; decerto devia a ela seu pariato e seu cargo na corte de Carlos x.[\[448\]](#)

Mas há tantos erros nas palestras mantidas na sociedade, nela se cometem com leviandade males tão profundos, que o historiador dos costumes é obrigado a pesar cuidadosamente as asserções negligentemente emitidas por tantos irresponsáveis. Em resumo, talvez não se deva nunca decidir de que lado está a razão, se com a mãe ou

com o filho. Entre esses dois corações só há um juiz possível: e esse é Deus! Deus que, muitas vezes, assesta sua vingança no seio das famílias e serve-se eternamente dos filhos contra as mães, dos pais contra os filhos, dos povos contra os reis, dos príncipes contra as nações, de tudo contra tudo; que substitui no mundo moral os sentimentos pelos sentimentos, como as folhas novas substituem as velhas, na primavera; que age tendo em vista uma ordem imutável, um fim que só ele conhece. Sem dúvida, cada coisa vai para o seu seio, ou melhor ainda, para ele volta.

Esses religiosos pensamentos, tão naturais aos corações dos velhos, fluíam esparsos na alma da sra. d'Aiglemont; estavam nela meio luminosos, ora abismados, ora completamente desabrochados, como flores agitadas à superfície das águas durante uma tempestade. Ela sentara-se, cansada, abatida por uma longa meditação, por um desses devaneios em meio aos quais toda a vida se ergue, se desenrola ante os olhos daqueles que pressentem a morte.

Essa mulher, envelhecida antes do tempo, seria um quadro curioso para um poeta que passasse pelo bulevar. Ao vê-la sentada à fraca sombra de uma acácia, ao meio-dia, qualquer pessoa poderia ler uma das mil coisas estampadas naquele rosto pálido e frio, apesar dos raios quentes do sol. Seu rosto expressivo representava qualquer coisa de mais grave que uma vida em declínio, ou de mais profundo que uma alma curvada ao peso da experiência. Era uma dessas fisionomias que, entre mil desdenhadas por serem desprovidas de caráter, nos atraem durante um momento, nos fazem pensar; como, entre os inúmeros quadros dum museu, somos fortemente impressionados, seja pela cabeça sublime em que Murilo pintou a dor materna, ou seja pelo rosto de Beatriz Cenci[449] onde Guido Reni soube fixar a mais tocante inocência no fundo do mais espantoso crime, ou seja ainda pela sombria face de Filipe ii em que Velázquez imprimiu para sempre o majestoso terror que deve inspirar a realeza. Certas figuras humanas são imagens despóticas que nos falam, que nos interrogam, que respondem a nossos pensamentos secretos, e constituem até poemas inteiros. O rosto impassível da sra. d'Aiglemont era uma dessas poesias terríveis, uma dessas faces espalhadas aos milhares na *Divina comédia*

de Dante Alighieri.

Durante a efêmera estação em que a mulher permanece em flor, os caracteres de sua beleza servem admiravelmente bem à dissimulação a que sua natural fraqueza e nossas leis a condenam. Sob o rico colorido de seu rosto fresco, sob o fogo de seus olhos, sob o conjunto gracioso de suas feições delicadas, com tantos traços retos ou curvos, mas puros e perfeitamente delineados, todas as emoções podem permanecer secretas: o rubor então não revela nada, colorindo um pouco mais cores já bem vivas; toda a luz interior mistura-se tão bem à luz de seus olhos chamejantes de vida, que a chama passageira de um sofrimento aparece neles como um encanto a mais. Por isso nada há mais discreto que um rosto jovem, porque nada há mais imóvel. O rosto duma mulher moça tem a calma, o brilho, o frescor da superfície de um lago. A fisionomia das mulheres só começa a ter significação aos trinta anos. Até essa idade, em seu rosto os pintores só encontraram o rosa e o branco, sorrisos e expressões que repetem um mesmo pensamento, pensamento da juventude e de amor, pensamento uniforme e sem profundidade; mas, na velhice, tudo na mulher falou, as paixões se lhe incrustaram no semblante; ela foi amante, esposa, mãe; as mais violentas expressões da alegria e da dor acabaram por lhe alterar, por lhe torturar as feições, estampando-se em mil rugas, cada qual com a sua linguagem; e um rosto de mulher torna-se então sublime de horror, belo de melancolia, ou magnífico de calma; se é permitido prosseguir nessa estranha metáfora, o lado dessecado deixa ver então os traços de todas as torrentes que o produziram; um rosto de mulher velha não pertence então nem mais ao mundo que, frívolo, se espanta de perceber nele a destruição de todas as ideias de elegância a que está habituado, nem aos artistas vulgares que nele nada descobrem, mas aos verdadeiros poetas, àqueles que têm o sentimento dum belo independente de todas as convenções em que repousam tantos preconceitos referentes à arte e à beleza.

Se bem que a sra. d'Aiglemont tivesse na cabeça uma touca moderna, era facilmente visível que sua cabeleira, outrora negra, tinha embranquecido por cruéis emoções; mas a maneira por que ela a separava em dois bandós traía seu bom gosto, revelava graciosos

hábitos da mulher elegante, e desenhava perfeitamente sua fronte fanada, enrugada, em cuja forma se encontravam ainda alguns vestígios de seu antigo esplendor. O contorno do rosto, a regularidade das feições davam uma ideia, fraca em verdade, da beleza de que devia ter sido orgulhosa; mas esses indícios acusavam melhor ainda as dores, que deviam ter sido agudíssimas para escavar aquele rosto, para descamar as têmporas, encovar as faces, murchar as pálpebras e desguarnecê-las de cílios, esse encanto do olhar. Tudo era silencioso naquela mulher: seu andar e seus movimentos tinham essa lentidão grave e recolhida que inspira respeito. Sua modéstia, transformada em timidez, parecia ser o resultado do hábito que ela adquirira desde alguns anos de apagar-se diante da filha; as suas palavras eram raras, suaves, como as de todas as pessoas forçadas a refletir, a se concentrar, a viver consigo mesmas. Essa atitude inspirava um sentimento indefinível, que não era nem temor nem compaixão, mas no qual se fundiam misteriosamente todas as ideias que despertam essas diversas afeições. Enfim, a natureza de suas rugas, a maneira por que elas lhe sulcavam o rosto, a opacidade de seu olhar tristonho, tudo testemunhava eloquentemente essas lágrimas que, sufocadas no coração, jamais caem dos olhos.

Os infelizes acostumados a contemplar o céu para recorrer a ele nas desgraças da vida reconheceriam facilmente nos olhos dessa mãe o hábito cruel duma prece feita todos os instantes do dia, e os leves vestígios dessas feridas secretas que terminam por destruir as flores da alma e até o sentimento de maternidade. Os pintores têm cores para esses retratos, mas as ideias e as palavras são impotentes para traduzi-los fielmente; neles se encontram, no tom da tez, no ar do rosto, fenômenos inexplicáveis que a alma apreende pela vista, mas a narrativa dos acontecimentos a que são devidas tão horríveis transformações fisionômicas é o único recurso que resta ao poeta para as tornar compreendidas. Esse rosto anunciava uma tempestade calma e fria, um secreto combate entre o heroísmo da dor materna e a imperfeição de nossos sentimentos, que são finitos como nós mesmos e em que nada se encontra de infinito. Esses sofrimentos incessantemente recalcados haviam produzido por fim não sei quê de

mórbido naquela mulher. Sem dúvida algumas emoções violentas demais tinham fisicamente alterado aquele coração materno, e alguma doença, um aneurisma talvez, ameaçava lentamente aquela mulher sem que ela o soubesse. As verdadeiras penas são na aparência tão tranquilas no leito profundo que elas mesmas cavam, onde parecem dormir, mas onde continuam a corroer a alma como esse espantoso ácido que fura o cristal! Nesse momento duas lágrimas sulcaram as faces da marquesa, e ela se ergueu como se alguma reflexão mais pungente que todas as outras a tivesse ferido fortemente. Sem dúvida previra o futuro de Moína. Ora, calculando as dores que esperavam sua filha, todos os desgostos de sua própria vida angustiarão-lhe de novo o coração.

A situação dessa mãe será compreendida pela explicação da de sua filha.

O conde de Saint-Héreen tinha partido há cerca de seis meses em cumprimento duma missão política. Durante essa ausência, Moína, que a todas as vaidades de mulher fútil juntava os caprichos de criança mimada, divertira-se, por leviandade ou para obedecer às mil coqueterias femininas, e talvez também para experimentar seu poder, em brincar com a paixão dum homem inteligente mas sem coração, que se dizia louco de amor, desse amor em que se combinam todas as ambições sociais e vaidosas do pretensioso. A sra. d'Aiglemont, a quem uma longa experiência ensinara a conhecer a vida, a julgar os homens, a temer a sociedade, observava os progressos desse namoro e pressentia a perda da filha vendo-a cair nas mãos dum homem para quem nada era sagrado. Não havia para ela nenhuma coisa de espantoso em encontrar *um sedutor* no homem a quem Moína escutava com prazer? Sua filha querida estava à beira de um abismo. Tinha disso a horrível certeza, mas não ousava afastá-la porque tremia diante da condessa. Sabia de antemão que Moína não escutaria nenhuma das suas sensatas advertências; não possuía nenhum poder sobre aquela alma, de ferro para ela, e toda suavidade para os outros. Sua ternura levá-la-ia a interessar-se pela triste sina duma paixão justificada pelas nobres qualidades do sedutor, mas sua filha seguia um impulso de coqueteria; e a marquesa desprezava o conde Alfredo de

Vandenesse, sabendo que ele era homem para considerar sua luta com Moína como uma partida de xadrez. Embora Alfredo de Vandenesse causasse horror àquela infeliz mãe, ela estava obrigada a sepultar no âmago do coração as razões supremas de sua aversão. Ela estava intimamente ligada ao marquês de Vandenesse, pai de Alfredo, e essa amizade, respeitável aos olhos da sociedade, autorizava o rapaz a frequentar familiarmente a casa da sra. de Saint-Héreen, pela qual simulava uma paixão concebida desde a infância.

Aliás, em vão a sra. d'Aiglemont se teria decidido a lançar entre sua filha e Alfredo de Vandenesse uma terrível confissão capaz de os separar; ela tinha certeza de não obter êxito, apesar dessa confissão, que a desonraria aos olhos da filha. Alfredo era demasiado corrupto, Moína demasiado inteligente para acreditar nessa revelação, e a jovem condessa a frustraria tratando-a com astúcia maternal. A sra. d'Aiglemont construía seu cárcere por suas próprias mãos e nele se encerrara para morrer, vendo perder-se a bela vida de Moína, essa vida que se tornara sua glória, sua felicidade e sua consolação, uma existência para ela mil vezes mais cara que a sua. Sofrimentos horríveis, incríveis, indizíveis! Abismos sem fundo!

Ela esperava com impaciência que a filha se levantasse, e contudo a temia, tal como o infeliz condenado à morte que desejaria acabar com a vida e ao mesmo tempo sente o sangue gelar, pensando no carrasco. A marquesa resolvera tentar um último esforço; mas talvez temesse menos ver malograda sua última tentativa, que receber um desses ferimentos tão dolorosos ao seu coração, cuja coragem eles tinham esgotado. Seu amor de mãe tinha chegado a esse ponto: amar a filha, temê-la, recear uma punhalada e seguir adiante. O sentimento materno é tão grande nos corações amorosos que, antes de chegar à indiferença, uma mãe há de morrer ou de apoiar-se nalgum grande poder: a religião ou o amor.

Desde que se levantara, a fatal memória da marquesa reconstruía vários desses fatos, aparentemente insignificantes, mas que têm grande importância na vida moral. Com efeito, por vezes um gesto contém todo um drama, a entonação duma palavra destrói toda uma vida, a indiferença dum olhar mata a mais ditosa paixão. A marquesa

d'Aiglemont tinha infelizmente visto muitos desses gestos, tinha ouvido muitas dessas palavras, tinha recebido muitos desses olhares maléficos à alma para que suas recordações lhe pudessem dar esperanças. Tudo lhe provava que Alfredo a tinha perdido no coração da filha, no qual ela se conservava, ela, mãe, menos como um prazer que como um dever. Mil coisas, insignificâncias até, mostravam-lhe a conduta detestável da condessa para com ela, ingratidão essa que a marquesa talvez encarasse como um castigo. Procurava escusas para a filha nos desígnios da Providência, a fim de poder ainda adorar a mão que a feria.

Nessa manhã ela se recordou de tudo, e tudo a feriu de novo tão vivamente no coração, que seu cálice, repleto de amarguras, transbordaria com a mais leve pena que nele fosse lançada. Um olhar frio poderia matar a marquesa. É difícil descrever esses fatos domésticos, mas alguns serão suficientes para indicar todos. Assim, a marquesa, que se tornara um pouco surda, jamais conseguira que Moína elevasse um pouco a voz quando falava com ela; e no dia em que, na ingenuidade da criatura que sofre, pediu à filha que repetisse uma frase de que nada percebera, a condessa obedeceu, mas com uns maus modos que não permitiram à sra. d'Aiglemont reiterar sua modesta súplica. Desde esse dia, quando Moína contava um fato ou falava, a marquesa cuidava de aproximar-se dela; mas seguidamente a condessa parecia aborrecida com a enfermidade que levianamente ela censurava à mãe. Esse exemplo, escolhido entre mil, podia ferir somente o coração duma mãe. Todas essas coisas teriam talvez escapado a um observador, pois são nuanças imperceptíveis a outros olhos que não os de uma mulher. Tendo a sra. d'Aiglemont dito um dia à filha que a princesa de Cadignan[450] tinha vindo vê-la, Moína exclamou simplesmente: “Como! Ela veio por sua causa!”. O ar com que essas palavras foram ditas e o acento que a condessa nelas pôs denotavam discretamente um espanto, um desprezo elegante capaz de fazer os corações sempre jovens e ternos achar filantrópico o costume segundo o qual os selvagens matam os velhos quando eles não podem mais sustentar-se nos galhos duma árvore sacudida fortemente. A sra. d'Aiglemont ergueu-se, sorriu e foi chorar em segredo. As pessoas

bem-educadas, e principalmente as mulheres, não traem seus sentimentos senão por gestos imperceptíveis, mas que nem por isso impedem sejam as vibrações de seus corações percebidas por aqueles que podem encontrar na vida situações análogas à dessa mãe mortificada. Nas suas recordações acabrunhadoras, a sra. d'Aiglemont evocou um desses fatos microscópicos tão pungentes, tão cruéis, que nunca lhe havia mostrado tão bem quanto naquele momento o atroz desprezo oculto sob sorrisos. Mas suas lágrimas secaram quando ela ouviu abrir as persianas do quarto em que dormia a filha. Ergueu-se e se encaminhou para as janelas seguindo o caminho que passava ao longo da grade diante da qual estivera sentada. Enquanto caminhava, notou o cuidado particular que o jardineiro pusera em rastilhar a areia daquela aleia, bastante malcuidada ainda havia pouco tempo. Quando a sra. d'Aiglemont chegou às janelas do quarto da filha, as persianas fecharam-se bruscamente.

— Moína! — chamou ela.

Nada de resposta.

— A senhora condessa está no pequeno salão — disse a criada de quarto de Moína quando a marquesa, entrando em casa, perguntou se a filha estava de pé.

A sra. d'Aiglemont estava demasiadamente aflita e preocupada para refletir nesse momento sobre circunstâncias tão insignificantes; dirigiu-se logo ao pequeno salão, onde encontrou a condessa em *peignoir*, com uma touca negligentemente colocada sobre uma cabeleira em desalinho, os pés metidos em pantufas com a chave do quarto no cinto e com o rosto afogueado denotando pensamentos quase tempestuosos. Ela estava sentada num divã e parecia refletir.

— Quem é que está aí? — perguntou numa voz dura. — Ah! é a senhora, mamãe — tornou num ar distraído, depois de se ter interrompido.

— Sim, minha filha, é a tua mãe...

A entonação com que a sra. d'Aiglemont pronunciou essas palavras manifestava uma efusão de coração e uma comoção íntima de que seria difícil dar uma ideia sem empregar o termo santidade. Ela se revestira tão bem, na verdade, com o caráter sagrado duma mãe, que a filha o

notou, e voltou-se para ela com um movimento que exprimia a um tempo respeito, inquietação e remorso. A marquesa fechou a porta do salão, onde ninguém poderia entrar sem fazer ruído nas peças precedentes. Esse isolamento garantia contra qualquer indiscrição.

— Minha filha — disse a marquesa —, tenho o dever de te esclarecer acerca de uma das crises mais importantes da nossa vida de mulher e na qual tu te encontras talvez sem o sabes, mas de que venho falar-te menos como mãe que como amiga. Casando-te, tornaste-te senhora de tuas ações e só deves satisfação a teu marido; mas eu te fiz sempre sentir tão pouco a autoridade materna — e talvez isso tenha sido um erro — que me creio com o direito de fazer com que me escutes, uma vez pelo menos, na situação grave em que deves precisar de conselhos. Pensa, Moína, que eu te casei com um homem de grande valor, de quem te podes orgulhar, que...

— Minha mãe — exclamou Moína com um ar arrogante e interrompendo-a —, eu sei o que a senhora vem me dizer... Vem me censurar por causa de Alfredo...

— Tu não adivinharias tão bem — tornou a marquesa com gravidade procurando reter as lágrimas — se não sentisses que...

— O quê? — perguntou ela num ar quase altaneiro. — Mas, minha mãe, na verdade...

— Moína! — exclamou a sra. d'Aiglemont fazendo um esforço extraordinário —, é preciso que ouças atentamente o que tenho obrigação de dizer...

— Estou ouvindo — disse a condessa, cruzando os braços e afetando uma impertinente submissão. — Permita-me, minha mãe — disse ela com um sangue-frio incrível — que eu chame Paulina para mandá-la...

Tocou a campainha.

— Minha querida filha, Paulina não pode ouvir...

— Mamãe — tornou a condessa com um ar sério, e que deve ter parecido extraordinário à mãe —, eu devo...

Calou-se; a criada entrava.

— Paulina, vá você mesma em casa de Boudran saber por que ainda não me mandou o chapéu...

Acalmou-se e fitou a mãe com atenção. A marquesa, com o coração

oprimido, os olhos secos e sentindo uma dessas emoções cuja dor só pode ser avaliada pelas mães, tomou a palavra para explicar a Moína o perigo que estava correndo. Mas, fosse porque a condessa se sentisse ferida com as suspeitas que a mãe nutria a respeito do filho do marquês de Vandenesse, ou fosse porque estivesse tomada duma dessas loucuras incompreensíveis cujo segredo está na inexperiência de todas as jovens, aproveitou uma pausa que a mãe fez para dizer-lhe com um riso forçado:

— Mamãe, pensei que só tivesse ciúme do pai...

A essa frase, a sra. d'Aiglemont fechou os olhos, baixou a cabeça e soltou o mais leve de todos os suspiros. Voltou os olhos para o alto, como que obedecendo ao sentimento invencível que nos faz invocar Deus nas grandes crises da vida e depois dirigiu à filha um olhar cheio de terrível majestade, no qual transparecia também uma dor profunda.

— Minha filha — disse ela numa voz intensamente alterada —, foste mais impiedosa para com tua mãe do que o homem que ela ofendeu, mais do que o será Deus, talvez.

A sra. d'Aiglemont ergueu-se; mas, ao chegar à porta, voltou-se, viu apenas surpresa nos olhos da filha, saiu e conseguiu ir até o jardim, onde suas forças a abandonaram. Lá, sentindo fortes dores no coração, caiu sobre um banco. Seus olhos, que erravam pela areia, perceberam nela as pegadas recentes de um passo de homem, cujas botas tinham deixado marcas bem nítidas.

Não havia dúvida, sua filha estava perdida. Percebia agora o motivo da incumbência confiada a Paulina. Essa ideia cruel foi acompanhada de uma revelação ainda mais odiosa que tudo o mais. Ela supôs que o filho do marquês de Vandenesse havia destruído no coração de Moína esse respeito que uma filha deve à sua mãe. Seu sofrimento aumentou; ela foi perdendo insensivelmente os sentidos e ficou como que adormecida. A jovem condessa achou que a mãe se havia permitido dar-lhe uma repreensão um tanto violenta e pensou que à noite uma carícia ou algumas atenções seriam o bastante para uma reconciliação. Ouvindo um grito no jardim, ela se inclinou negligentemente, no momento em que Paulina, que ainda não tinha saído, chamava por socorro e amparava a marquesa nos braços.

— Não assuste minha filha! — foram as últimas palavras que pronunciou aquela mãe.

Moína viu transportarem a mãe, pálida, inanimada, respirando com dificuldade, mas agitando os braços como se quisesse lutar ou falar. Aterrada com esse espetáculo, ela seguiu a mãe, e em silêncio ajudou a deitá-la e a despi-la. Sua culpa a atormentava. Nesse momento supremo ela conheceu a mãe, e não podia nada mais reparar. Quis ficar só com ela, e quando não havia mais ninguém no quarto, quando sentiu o frio daquela mão sempre carinhosa para ela, rompeu em pranto. Despertada pelo choro, a marquesa pôde ainda olhar para a sua querida Moína; depois, ao ruído dos soluços, que pareciam querer despedaçar aquele seio delicado e em desordem, ela contemplou a filha, sorrindo. Esse sorriso provava àquela jovem matricida que o coração duma mãe é um abismo em cujo fundo se encontra sempre um perdão.

Assim que se conheceu o estado da marquesa, foram expedidos mensageiros a cavalo para irem buscar o médico, o cirurgião e os netos da sra. d'Aiglemont. A jovem marquesa e seus filhos chegaram ao mesmo tempo que os médicos e formaram uma assembleia bastante imponente, silenciosa, inquieta, à qual se reuniram os criados. Não ouvindo nenhum ruído, a jovem marquesa bateu docemente à porta do quarto. A essa batida, Moína, despertada sem dúvida da sua dor, abriu bruscamente os dois batentes, lançou um olhar desvairado àquela reunião em família e mostrou-se numa desordem que falava mais alto que a linguagem. À visão daquele remorso vivo, todos guardaram silêncio. Era fácil perceber os pés da marquesa hirtos e estendidos convulsivamente no leito de morte. Moína encostou-se à porta, fitou os parentes e disse numa voz cava:

— Perdi minha mãe!

Paris, 1828-1844

[1] *Marquês Dâmaso Pareto*: erudito italiano (1801-1862) que Balzac conheceu em sua viagem à Itália em 1833.

[2] *Sósia*: personagem da comédia antiga e do *Anfitrião*, de Molière. Leva a Alcmena, esposa do general Anfitrião, de quem é escravo, uma mensagem. Para se desempenhar bem da sua tarefa, Sósia faz primeiro uma repetição em que a sua lanterna substitui Alcmena.

[3] *Maire*: chefe da administração comunal ou cantonal (o cantão é uma circunscrição territorial formada por várias comunas.)

[4] *Louvet*: Jean-Baptiste Louvet de Couvray (1760-1797), convencional da Gironda e romancista, autor dos *Amores do cavalheiro Faublas*, famoso romance dos costumes ligeiros do século xviii. O herói é um belo rapaz, grande conquistador de mulheres, a cuja existência são ligadas intimamente três moças, a marquesa de B..., que o inicia no amor, a condessa de Lignolles, caprichosa e apaixonada, e Sofia de Pontis, que representa o amor ingênuo e puro. Faublas ama as três, e depois de uma série de peripécias e aventuras com outras admiradoras suas, acaba por desposar a terceira.

[5] *D.W.*: abreviatura do nome de Denise Wyzlezyńska, parenta da condessa Hanska, mais tarde esposa de Balzac, e que talvez tenha escrito em nome desta a primeira carta que o romancista recebeu da “Estrangeira”.

[6] *Jameray-Duval*: mais exatamente Valentin Jameray-Duval (1695-1775), numismatógrafo francês. Criado de fazenda pobre, conseguiu estudar, formar-se, fazer viagens à Europa e especializar-se em numismática. Em 1748 foi nomeado diretor do gabinete das medalhas e da biblioteca imperial de Viena.

[7] *Courtille*: no francês antigo, “cerca” ou “jardim”; particularmente, nome de um passeio de Paris muito frequentado durante o século xviii e começo do xix.

[8] *Mairie*: edifício e repartições da administração municipal, e sede do *maire*, chefe dessa administração.

[9] *Duquesa d’Abrantes* (1784-1838), em solteira Laura Permon, viúva de Junot, ajudante de ordens de Napoleão, que o fez governador de Paris e duque de Abrantes. Viúva desde 1813, pôs-se a escrever suas *Memórias*. Balzac ajudou-a a encontrar editor (e, segundo alguns, a redigir o livro).

[10] Quatro das famílias (inventadas) da alta nobreza em *A comédia humana*.

[11] *Cordon rouge*: “fita vermelha”; em sentido figurado, alto dignitário da Legião de Honra. – *O marechal De Richelieu*: Armand du Plessis. Duque de Richelieu (1696-1788), sobrinho-neto do cardeal, capitão francês famoso por seu espírito e sua devassidão. Na Guerra da Sucessão da Polônia, ocupou e saqueou com suas tropas a cidade de Hannover.

[12] *A sra. du Cayla*: condessa Zoé du Cayla (1784-1850), favorita de Luís xviii, ainda viva no momento da publicação desta novela; retirada no castelo de Saint Quen, que lhe dera o monarca, dirigia experiências agrícolas em suas terras.

[13] *Gazette de France*: jornal monarquista moderado que durante a Restauração teve entre seus redatores Joseph de Maistre e Bonald; *Journal des Débats*, primitivamente simples registro das assembleias revolucionárias; sob a Restauração, órgão de centro-esquerda, de tendências semiliberais; *La Quotidienne*, jornal ultramonarquista, aristocrático e clerical, da extrema direita.

[14] A moral da fábula em apreço (*L’âne portant des reliques*) é a seguinte: *D’un magistral ignorant / C’est la robe qu’on salue*. (“O que se cumprimenta num magistrado ignorante é a toga.”)

[15] *A Carta* era o documento constitucional outorgado por Luís xviii em 4 de junho de 1814 e revisado depois da Revolução de 1830.

[16] *Faubourg Saint-Germain*: bairro aristocrático de Paris.

[17] *Os companheiros de Ulisses* – segundo narra Homero no Canto x da *Odisseia* –, mal chegados à ilha de Ea, foram transformados em porcos pela feiticeira Circe.

[18] Acerca da aventura da sra. de Beauséant e do marquês d’Ajuda-Pinto, relatada

em *O pai Goriot*, ver a nota introdutória.

[19] *Calênder*: dervixe mendigo.

[20] *Nó górdio*: dificuldade sem solução. Alusão à lenda do carro do rei Górdio, guardado como relíquia na antiga Frígia, no qual o nó que atava a lança à canga era feito tão habilmente que não se lhe podiam descobrir as extremidades. Um oráculo prometia o império da Ásia a quem o desatasse. Depois de infrutíferas tentativas de outros, Alexandre, o Grande, cortou o nó com a espada.

[21] *Paete, non dolet*: famosa frase de Árria, dama romana do século i de nossa era. Tendo seu esposo, Paetus Caecina, sido condenado à morte como conspirador contra a vida do imperador Cláudio, Árria, para encorajá-lo ao suicídio, cravou um punhal no próprio seio e, já moribunda, retirou-o, entregando-o ao marido com estas palavras: “Paetus, não dói”.

[22] Tratar-se-ia de uma distração do autor, que no começo da novela apresenta Gastão de Nueil como tendo 23 anos, ao passo que a sra. de Beauséant nesta carta lhe dá 22 e, na segunda, escrita nove anos depois, lhe dará trinta? Ou deveremos atribuir essas contradições ao estado de espírito perturbado da viscondessa, que a leva duas vezes a aumentar a diferença de idade entre ela e Gastão de Nueil? Outra confusão psíquica semelhante poderia explicar por que, nessa mesma carta, ela atribui ora nove, ora dez anos à duração da felicidade de ambos.

[23] *Louis-Joseph-Ferdinand Hérold* (1791-1833): compositor francês. — *O capriccio* é uma fantasia musical que não obedece a regras de nenhum gênero.

[24] *Achille Devéria*: pintor conhecido (1800-1857), amigo de Balzac desde cedo. Fez o retrato de vários escritores e artistas da época, entre eles o de Balzac.

[25] *Gênova*, nessa época, fazia parte do reino da Sardenha, governado pelos reis da Casa de Savoia.

[26] *Keepsake*: livrinho-álbum, ilustrado com gravuras, que se dava como lembrança e cuja moda se estendeu da Inglaterra à França.

[27] *O marquês di Negro*: personagem real, aristocrata genovês amigo das letras, poeta ele mesmo, a quem Balzac conheceu numa de suas viagens à Itália e a quem dedicou *Estudo de mulher*; sobre o *marquês Dâmaso Pareto*: erudito italiano (1801-1862), que Balzac conheceu em sua viagem à Itália em 1833 e a quem dedicou *A mensagem*.

[28] *O famoso paisagista Leão de Lora*: personagem balzaquiana, não é outro senão nosso conhecido Mistigris, que vimos divertir com seus provérbios deformados, durante uma viagem de Paris a Presles, todos os seus companheiros, em *Uma estreia na vida*. Depois daquela viagem decorreram uns catorze anos, e o aprendiz de pintor se tornou, nesse ínterim, um artista célebre. — *Cláudio Vignon*: outra personagem balzaquiana, crítico notável que já foi também encontrado em *Uma filha de Eva* (como colaborador do jornal de Raul Nathan) e que voltaremos a encontrar em *Beatriz*.

[29] *Srta. des Touches, conhecida no mundo literário pelo nome de Camille Maupin*: importante personagem de *A comédia humana*, que já entrevistamos em *Uma filha de Eva* a dar conselhos a Maria de Vandenesse; voltaremos a encontrá-la num dos papéis principais de *Beatriz*. Para retratar esta escritora genial e apaixonada, Balzac se inspirou na figura de George Sand.

[30] *Corniche*: chama-se assim o belo caminho que, ao longo do Mediterrâneo, vai de Nice a Gênova.

[31] Balzac atribui por engano o túmulo de Giuliano de Medici a Michelangelo.

[32] *Mezzaro*: véu de seda preto. — *Fazziolo*: espécie de xale.

[33] *A srta. Georges*: Marguerite Georges Weymer (1787-1867), atriz trágica, célebre por sua beleza majestosa.

[34] *David, o escultor*: trata-se provavelmente de Pierre-Jean David d’Angers (1788-1856), famoso escultor, autor de um busto de Balzac.

[35]A *inteligência do sábio árabe em Zadig...* Parece tratar-se de um cochilo de Balzac, pois na novela de Voltaire não é um sábio árabe, mas o próprio Zadig, que, depois de observar o rastro de um cavalo, consegue, por induções lógicas, descrever pormenorizadamente o animal que nunca viu.

[36]*Cara vita* (em italiano): “cara vida”, isto é, “minha querida”.

[37]*Móvel de Boule*: isto é, fabricado pelo famoso marceneiro André Boule (1642-1732), cujos móveis, incrustados de ouro, cobre, bronze, mosaico ou concha, eram muito estimados.

[38]*Blancs-Manteaux*: nome de uma igreja, na rua do mesmo nome, que guarda a lembrança de um convento, fundado no mesmo lugar em 1258, de agostinhos pedintes que vestiam capotes brancos.

[39]*Delfina*: nome que se dava à esposa do filho primogênito do rei da França.

[40]A *existência do conde de Sérisy que todos conhecem...* pelo menos todos aqueles que leram *Uma estreia na vida* no volume 1 de *A comédia humana*.

[41]*Saint-Sulpice*: antigo seminário junto à igreja do mesmo nome, em Paris.

[42]*Canalis*: personagem ideada por Balzac. Famoso poeta, chefe da Escola Angélica, já nos é conhecido como amante da duquesa de Chaulieu (*Memórias de duas jovens esposas*) e como pretendente rejeitado de *Modesta Mignon*.

[43]O *palácio Carnavalet*: belo edifício da capital francesa, no qual outrora morou a sra. de Sévigné e onde atualmente se acha instalado o museu municipal de Paris.

[44]*Henrique iii* reinou de 1574 a 1589.

[45]*Confessionário dos penitentes negros*: subtítulo do romance *O italiano* (1797), de Anne Radcliffe, popular escritora inglesa de romances de terror, fantásticos e pueris, mas muito apreciados na época e que exerceram grande influência sobre Walter Scott, Lord Byron e o próprio Balzac.

[46]O *monge*: famoso romance terrífico de Matthew Gregory Lewis (1775-1818), publicado em 1796 — mistura confusa de intrigas, assassinios, intervenções demoníacas, indecências etc.

[47]*Manfredo*: título de um drama lírico de Byron e nome do protagonista. O herói romântico dessa obra, em comunicação com os espíritos, pede-lhes o esquecimento de um crime misterioso. Fugindo ao remorso, sobe ao Jungfrau; consegue que a sua amante morta, Astarté, se reencarne por algum tempo e lhe anuncie o seu fim próximo.

[48]O *presidente Grandville*: personagem balzaquiana, cujo drama conjugal é contado em *Uma dupla família*. A respeito do *presidente Sérisy*, ver a nota 17.

[49]*Pitt*: Willian Pitt (1759-1806), primeiro-ministro inglês que organizou três coalizões contra a França.

[50]*Chevet*: negociante de comestíveis estabelecido na galeria envidraçada do Palais Royal, fornecedor da Corte.

[51]*As três pancadas antes do levantar do pano* (dadas nos bastidores): representam uma velha tradição do teatro francês, observada até hoje.

[52]O *padre Gaudron*: personagem balzaquiana, confessor da sra. Clapart em *Uma estreia na vida*. — O *padre Fontanon*: outro sacerdote que aparece em *A comédia humana*. Eclesiástico impaciente e fanático, gosta de se intrometer na vida das famílias como verdadeiro tartufo. Foi ele quem causou o fracasso na vida conjugal do conde de Grandville (em *Uma dupla família*), o que explica perfeitamente a observação de seu comensal.

[53]O *príncipe de Metternich*, o famoso diplomata, dava-se com Balzac, a quem teria até sugerido o assunto de uma de suas novelas, *A paz conjugal*. — *Charles Nodier* (1780-1844): conhecido escritor romântico, autor de *Trilby*, *João Sbogar* etc., amigo de Balzac.

[54]*Rossini* (1792-1868): famoso músico, era outro amigo do romancista.

[55]O *desenlace atroz do romance Clarissa*, de Richardson, exige duas vítimas:

Clarissa, raptada e violentada por Lovelace, morre de desgosto; o sedutor, por sua vez, é castigado de morte num duelo.

[56]*Carveiro é dono de sua casa*: provérbio francês que quer dizer que “em casa todo mundo vive como quer”.

[57]*Young*: o poeta inglês Edward Young (1681-1765), autor das sombrias *Noites*, e que também publicou uma *Paráfrase do Livro de Jó*.

[58]*Sexta-Feira*: selvagem a quem Robinson Crusóé, o famoso herói de Defoe, salva a vida, fazendo-o seu fiel criado.

[59]*A dama da torre de Nesle*: Joana de Navarra, esposa de Filipe, o Belo, segundo uma lenda famosa, teria atraído os transeuntes à torre de Nesle (Paris) para se entregar a eles e, depois, de uma das janelas da torre, os teria mandado jogar no rio.

[60]*A virgem de Ingres*: alusão ao quadro *O voto de Luís* xiii, que obteve grande êxito no salão de 1824.

[61]*Lucrécia*: dama romana que, ultrajada por um filho do rei Tarquínio, o Soberbo, se suicidou. Sua morte deu o sinal da luta que teve como resultado o estabelecimento da República.

[62]*O sr. Popinot*: personagem de *A comédia humana*, magistrado íntegro e bom, que leva até a paixão a caridade e a beneficência, como o veremos em *A interdição*.

[63]*O sr. Gaudissart*: esperto caixeiro-viajante, um dos tipos mais curiosos criados por Balzac, e que iremos conhecer mais de perto na novela *O ilustre Gaudissart*.

[64]*Murray*: personagem real; livreiro londrino, editor de Byron, Scott, Southey etc., generoso com seus autores.

[65]*Manfredo, dom João e Childe Harold*: três personagens autobiográficas de Byron.

[66]*Fénelon*: François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715), arcebispo de Cambrai, notável escritor. Teve atuação famosa como preceptor do duque de Borgonha, neto de Luís xiv, cujo caráter violento conseguiu transformar e para quem escreveu seu livro *Telêmaco*.

[67]*Paracleto*: nome que se dá ao Espírito Santo; em sentido figurado, mentor, protetor.

[68]*Desplein*: personagem balzaquiana, ilustre cirurgião. Foi ele que restituiu a vista à sra. Mignon por uma operação feliz (em *Modesta Mignon*). Encontrá-lo-emos ainda, entre outras obras, em *A missa do ateu*, de que é herói.

[69]*Quipos*: cordões cheios de nós usados pelos índios do Peru para fazer contas e até para exprimir certas ideias.

[70]*Bianchon*: aluno de Desplein (ver nota 45), personagem de primeiro plano de *A comédia humana*.

[71]*Um amor desse gênero*: alusão a um caso sensacional muito comentado na época. O publicista Armand Carrel, amante de Émilie Boudhors, julgou-se ofendido por uma alusão que Émile Girardin fez à sua ligação com esta e o provocou para duelo. O encontro teve como resultado a morte de Carrel (em 1836); Émilie passou a levar uma vida retraída.

[72] A dedicatória é dirigida à condessa Guidoboni-Visconti, em solteira Sarah-Lovell (1804-1883), bela inglesa casada com aristocrata italiano, a qual, segundo um testemunho recentemente publicado, desempenhou importante papel na vida sentimental do romancista. (Ver *A vida de Balzac*, no volume 1 da presente edição.)

[73]*Mairie*: chefia da administração comunal ou cantonal (o cantão é uma circunscrição territorial formada por várias comunas).

[74] A importância do imposto pago pelos donos de casa aumentava com o número de janelas.

[75]*Paludiers*: salineiros, trabalhadores das salinas. — *Paysans*: camponeses.

[76]*Herculano*: rica cidade da Campânia, destruída por uma erupção do Vesúvio em 79 d.C., a mesma que destruiu Pompeia.

[77] *O tratado famoso na história* é o que foi concluído em 1365 entre João de Montfort e Carlos v para pôr fim à Guerra da Sucessão da Bretanha.

[78] *Druídas*: sacerdotes pagãos dos antigos celtas.

[79] O *agárico* era, para os antigos gauleses, uma planta sagrada.

[80] *Dólmen*: monumento druídico formado de uma grande pedra chata colocada sobre duas pedras verticais.

[81] Alusão à divisa dos Rohan, que — como muitas divisas — contém a etimologia suposta do nome: *Roi ne puis, prince ne daigne, Rohan suis* — “Rei não posso [ser], príncipe não me digno [de ser], sou Rohan”.

[82] *Hugo Capeto*: filho do conde Hugo, o Grande, proclamado rei da França em 987. Conta-se que, tendo ele mandado perguntar a um dos senhores que não lhe queriam obedecer: “Quem te fez conde?”, o interpelado teria respondido: “Quem te fez rei?”.

[83] *Engagistes*: nome que se dava às pessoas que, por engajamento, usufruíam os domínios do rei.

[84] Romance de Balzac, presente no volume 12 desta coleção.

[85] *fac*: palavra latina que significa “fazer!”.

[86] *Du Guesclin*: Bertrand du Guesclin (1320-1380), condestável da França, um dos maiores capitães de seu país, que libertou da ocupação inglesa grande parte do território francês.

[87] *Fabliaux*: pequenos contos populares em verso, dos séculos xii e xiii.

[88] Todos esses nomes — salvo o do príncipe de Loundon, inventado por Balzac — pertencem a personagens reais, chefes da revolta realista organizada na Vendeia em 1793: *François-Athanase Charette de la Conttie*, fuzilado em Nantes; *Jacques Cathelineau*, mortalmente ferido durante o ataque a Nantes; *Henri de la Rochejacquelein*, general em chefe dos revoltosos, morto no combate de Nouaillé; *Maurice Gigot d'Elbée*, fuzilado em Noirmouciens; *marquês Charles de Bonchamps*, ferido no combate de Cholet e morto no dia seguinte.

[89] *Van Ostade* etc.: famosos pintores neerlandeses do século xvii. *Adrien van Ostade* (1610-1685), *Franz van Miéris* (1635-1681), *Gérard Dow* ou *Dou* (1613-1675) são conhecidos por suas cenas familiares e seus retratos; o nome de *Rembrandt van Ryn* (1606-1669) não requer comentário.

[90] *Bocage*: nome de uma região da Vendeia onde se desenvolveu a revolta de 1793. — *Marais*: região da Bretanha.

[91] *Azuis*: apelido dos soldados republicanos, devido à cor do uniforme, por oposição aos Brancos, nome que se dava aos realistas por causa de sua bandeira branca.

[92] *Georges*: Georges Cadoudal, famoso chefe monarquista, organizador de vários levantes e de uma tentativa de raptar Napoleão; executado em Paris em 1804.

[93] *Madame*: a duquesa de Berry. Ver, mais adiante, a nota 27.

[94] *Hurões* ou *huronianos*: tribo indígena do Canadá e dos Estados Unidos.

[95] O *duque de Feltre*: Henri-Jacques-Guillaume Clarke, marechal e ministro da guerra de Napoleão; passou-se depois para os Bourbons e foi organizador, em 1815, de tribunais excepcionais.

[96] *Em 1815*: isto é, durante os Cem Dias do segundo e efêmero reinado de Napoleão, fugido da ilha de Elba.

[97] *Chouans*: nome que se dava aos rebeldes monarquistas da Bretanha, sobre os quais Balzac escreveu um romance — *A Bretanha em 1799* (incluído no volume 12 desta edição).

[98] *A duquesa de Berry*, filha de Francisco i de Nápoles, mulher romântica e ativa, procurou em 1832 levantar a Vendeia contra Luís Filipe. Sua tentativa falhou, e ela foi presa por algum tempo. Era mãe do conde de Chambord, pretendente ao trono.

[99] *La Quotidienne*: jornal ultramonarquista, aristocrático e clerical, de extrema direita.

[100] *O encontro da Penissière*: único encontro digno de memória entre as tropas

governistas e as da duquesa de Berry, em que uns cinquenta gentis-homens e camponeses sacrificaram a vida, em vão, pela restauração do ramo primogênito dos Bourbons.

[101]*Olim*: antigo registro dos Paramentos de Paris.

[102]*Um Kergarouët*: parente do almirante do mesmo nome, de quem se falará dentro em breve; só aparece neste trecho de *A comédia humana*.

[103]*Henrique v*: nome que os legitimistas davam ao conde de Chambord, neto de Carlos x, chefe do partido legitimista desde 1836 e que nunca chegou a ser coroado.

[104]*Mouche*: “mosca”, nome de um jogo de cartas.

[105]*O cavaleiro du Halga* já apareceu em *A bolsa*; seu comandante, o *almirante Kergarouët*, foi quem desposou Emília de Fontaine, desprezada por Maximiliano Longueville (*O baile de Sceaux*).

[106] Balzac cita aqui, lado a lado, uma personagem real e outra imaginária: *O Bailio de Suffren* (1726-1788), marinheiro francês que combateu os ingleses na Índia.

[107]*Almirante Portenduère*: inventado pelo romancista para servir de antepassado ilustre a vários Portenduère, protagonistas de *A comédia humana*; um destes, Saviniano, aparecerá mais adiante.

[108]*O conde d'Estaing*: conde Henri d'Estaing, almirante francês que combateu os ingleses na Índia e na América.

[109]*O duque de Richelieu*: Armand Emmanuel du Plessis (1766-1822), estadista francês que começou suas atividades diplomáticas como agente de Luís xvi. Durante o exílio da dinastia dos Bourbons, empregou-se a serviço da Corte da Rússia, sendo nomeado governador de Odessa em 1803. Depois da Restauração, voltou à França; foi ministro das Relações Exteriores em 1815 e presidente do Conselho de 1820 a 1821.

[110]*Maire*: chefe da administração comunal ou cantonal (o cantão é uma circunscrição territorial formada por várias comunas).

[111]*Faubourg Saint-Germain*: bairro aristocrático de Paris.

[112]*Domine, salvum fac regem*: frase latina que significa “Senhor, mantém o rei salvo”. O cura, como os outros bretões, mantinha-se fiel ao ramo primogênito dos Bourbons, exilado, e infenso à monarquia liberal de Luís Filipe.

[113]*Liard*: antiga moeda francesa de cobre, que valia o quarto de um *sou*.

[114]*Batalha*: nome de outro jogo de cartas.

[115]*O velho duque de Lenoncourt*: personagem de *A comédia humana*, antigo primeiro camarista do rei.

[116]*Seu senhor*: Carlos x, que morreu no exílio em 1836.

[117]*O casamento da condessa de Kergarouët*: isto é, da viúva do almirante Kergarouët, em solteira Emília de Fontaine, com o marquês Carlos de Vandenesse.

[118]*Grand-Jacques*: sobrenome dado ao conde de Fontaine — personagem já encontrado em *O baile de Sceaux* — pelos rebeldes monarquistas, seus companheiros.

[119]*Azuís*: ver a nota 20.

[120]*L'Intimé etc.*: nomes de guerra usados pelos insurgentes bretões do romance *A Bretanha em 1799*, incluído no volume 12 da presente edição.

[121]*Fócion*: general e orador ateniense do século iv a.C., famoso pela simplicidade e pela intransigência de seus discursos.

[122]*A Torre de Nesle*: drama de Alexandre Dumas e de Gaillardet, pseudo-histórico e patético, cheio de cenas de sangue, representado com êxito em Paris em 1832; acerca da lenda que lhe serve de assunto, cf. *Honorina*, nota 36.

[123]*Clara Gazul*: pseudônimo com que o grande novelista Prosper Mérimée (1803-1870) assinou uma coleção de peças pequenas, atribuídas por ele a uma cômica espanhola.

[124]*George Sand*: pseudônimo de Aurore Dupin (1803-1876), romancista célebre,

amiga de Balzac. Ver, mais adiante, a nota 130.

[125] *O embaixador do regente*: Philippe Néricault Destouches (1680-1754), famoso comediógrafo, protegido de Filipe de Orléans, regente da França durante a menoridade de Luís xv, que o mandou para Londres em 1817 como ministro plenipotenciário.

[126] *Lopez de Véga* (sic): Félix Lope de Vega (1562-1635), famoso autor teatral espanhol.

[127] *Madame de Staël* (1766-1817): filha de Necker, célebre autora de *Corina, Delfina e Da Alemanha*.

[128] *Conventos dos Carmelitas*: alusão ao sangrento ataque dos revolucionários ao Convento dos Carmes em 2 de setembro de 1792, quando muitos padres ali escondidos foram massacrados. No convento, onde é atualmente localizado o Instituto Católico de Paris (rue de Vaugirard), existe uma capela votiva em lembrança das vítimas.

[129] *Pitt*: Willian Pitt (1759-1806), primeiro-ministro inglês que organizou três coalizões contra a França; *Cobourg*: Friedrich-Josias, príncipe de Cobourg (1737-1815), marechal de campo austríaco, aliado de Pitt.

[130] *O 9 de termidor*: 27 de julho de 1794, dia da queda de Robespierre, que marcou o fim do Terror.

[131] *Steibelt*: personagem imaginada por Balzac, que só aparece neste trecho de *A comédia humana*.

[132] *Conti*: personagem balzaquiana; desempenhará papel importante neste mesmo romance.

[133] *Os Grandlieu*: família aristocrática inventada por Balzac, da qual uns dez membros aparecem em *A comédia humana*.

[134] *As catástrofes de 20 de março*: alusão à volta inesperada de Napoleão a Paris, que motivou um novo, embora breve, exílio dos Bourbons.

[135] *Champs-de-Mars*: grande terreno situado entre a Escola Militar e a margem esquerda do Sena, cena de manobras militares e revistas de tropas na época do romance.

[136] *Os Cem Dias*: de 20 de março a 22 de junho de 1815, o tempo que durou o segundo reinado de Napoleão, após a sua volta da ilha de Elba.

[137] *Tinham acompanhado os Bourbons a Gand*: onde eles passaram o breve período de exílio determinado pela volta de Napoleão.

[138] *Eginéticos*: isto é, de Egina, pequena ilha do arquipélago grego cuja escola de escultura, a primeira da Grécia, floresceu nos séculos vi e v a. C.

[139] *Mênfis*: cidade do Egito antigo, sobre o Nilo; até hoje se lhe avistam as ruínas, entre as quais umas estátuas colossais.

[140] *Talma*: François-Joseph Talma (1763-1826), ator trágico francês, comediante preferido de Napoleão.

[141] *Fídias*: grande escultor grego, do século v a.C.

[142] *Calipígia*: palavra grega que significa “de belas nádegas”, usada como epíteto de uma estátua de Vênus, conservada em Nápoles.

[143] *Cleópatra*: rainha do Egito, amante de Antônio (morta no ano 30 a. C.). É frequentemente lembrada, a seu respeito, esta frase de Pascal: “Se o nariz de Cleópatra tivesse sido mais curto, teria modificado o aspecto do mundo”.

[144] *A Ísis de Schiller*: alusão ao poema “A imagem velada de Saís” do grande romântico alemão Friedrich Schiller (1759-1805). Havia no Egito, no templo da cidade de Saís, uma imagem velada da deusa Ísis, símbolo da verdade, cujo véu ninguém se atreve a levantar. Um jovem que o tenta fazer perde os sentidos, depois cai numa melancolia profunda e morre dentro em breve.

[145] *O barão Gérard*: barão François Gérard (1770-1836), pintor da escola clássica, discípulo de David e autor de famosos quadros históricos; era também um retratista

procurado pela alta aristocracia.

[146]*Adolfo*: breve romance autobiográfico (1816) de Benjamin Constant. Nele o autor analisa a vagarosa mais inevitável desagregação de um amor infeliz.

[147]*Madame de Staël*: cf. a nota 56.

[148]*Safo*: poetisa grega do século vii a. C., famosa pela sua arte e pela sua vida passional. Segundo a tradição, ter-se-ia suicidado, num acesso de desespero amoroso, atirando-se ao mar do alto de um rochedo.

[149]*Ninon*: Ninon de Lenclos (1620-1705), dama galante, de beleza e espírito igualmente notáveis, cujo salão era frequentado pelas personagens mais ilustres da época.

[150]*Cláudio Vignon*: personagem já encontrada em *Uma filha de Eva*, em que era colaborador do jornal de Nathan.

[151]*Cartuxa*: em geral, convento de cartuxos; aqui: eremitério, abrigo.

[152]*Audran*: Gérard Audran (1640-1703), conhecido gravador francês que gravou, entre outras, as obras de Le Brun, Mignard, Poussin e Le Sueur.

[153]*Os Gobelinos*: famosa manufatura de rica tapeçaria de Paris, fundada no século xv pelos irmãos Gobelin. A ela foi reunida em 1826 a antiga manufatura real da Savonnerie.

[154]*Savonnerie*: antiga manufatura real de tapeçaria, reunida em 1826 à dos Gobelinos.

[155]*Querubim*: personagem de *O casamento de Figaro*, de Beaumarchais. Primeiro pajem do conde Almaviva, é um adolescente cujos sentidos despertam sob a influência do amor. “Não sei mais o que sou”, exclama, “mas há algum tempo sinto o peito agitado — meu coração palpita à simples presença de uma mulher; as palavras *amor e volúpia* fazem-no tremer e o perturbam. Enfim, a necessidade de dizer a alguém *amo-te* tornou-se para mim tão premente que o digo sozinho, correndo no parque... às árvores, às nuvens, ao vento que as carrega com minhas palavras perdidas.”

[156]*Roberto, o Diabo*: título de uma ópera em cinco atos de Meyerbeer, com palavras de Scribe (1831).

[157]*Guilherme Tell*: título de uma ópera em quatro atos, obra principal de Rossini, com palavras de Bis e Jouy (1829).

[158]*Sterne*: Laurence Sterne (1713-1768), escritor inglês, um dos mestres de Balzac. No capítulo xxi de sua *Vida e opiniões de Tristram Shandy*, o pai do herói expõe uma teoria extravagante acerca da influência dos nomes sobre as pessoas, dividindo-os em benfeizes, neutros e maléficos.

[159]*Cuvier*: Georges Cuvier (1769-1832), fundador da anatomia comparada — *Dupuytren*: Guillaume Dupuytren (1777-1835), célebre cirurgião; um museu de anatomia, criado com os fundos que deixou para criação de uma cadeira de anatomia patológica, lhe perpetua o nome.

[160]*Bocchettino*: palavra italiana que quer dizer piteira.

[161]*Os Verneuil, os d'Esgrignon e os Troisville*: três famílias aristocráticas inventadas por Balzac, cujos membros aparecem em diversas partes de *A comédia humana*.

[162]*Girodet*: Anne-Louis Girodet-Roussy (1767-1824), famoso pintor francês. Cf., mais adiante, a nota 172.

[163]*Miérís*: Franz van Miérís, o Velho (1635-1684), pintor holandês. O quadro em apreço é intitulado *A lição de música*.

[164]*Não se trata de um lapso*: há um livro desse título do daroês Moclez, cuja tradução francesa foi publicada em 1770-1772, e no qual se encontra, entre outras, a história da princesa Turandot.

[165]*O Elysée-Bourbon*: ou palácio Bourbon, atualmente residência do presidente da República.

- [166] *Esse hipócrita de Jean-Jacques*: isto é, Rousseau.
- [167] *Lainé*: visconde Joseph-Louis-Joachim Lainé (1767-1835), político e orador francês, várias vezes ministro, oposto às ideias ultrarrealistas. Teria pronunciado essas palavras depois da publicação das reacionárias “ordenanças de julho” de 1830, de Carlos x, que realmente motivaram pouco depois a deposição desse monarca.
- [168] *Paganini*: Niccoló Paganini (1782-1840), violinista e compositor italiano.
- [169] *Liszt*: Ferenc Liszt (1811-1886), pianista e compositor húngaro, autor das *Rápsódias húngaras*; era amigo de Balzac.
- [170] *Taglione* (sic): Maria Taglioni (1804-1884), bailarina.
- [171] *Garat*: Dominique-Pierre-Jean Garat (1764-1833), cantor.
- [172] *Nathan*: Raul Nathan, personagem balzaquiana, protagonista de *Uma filha de Eva*.
- [173] *Murat*: Joachim Murat (1767-1815), cunhado de Napoleão, rei de Nápoles, conhecido por sua bravura e também por seu amor do luxo, do vestuário rico, do brilho das cerimônias.
- [174] *Pellegró Piola*: pintor genovês (1617-1640), que morreu assassinado. Entre seus confrades e conterrâneos havia um Giambattista Carloni (1594-1680).
- [175] *Paesiello*: Giovanni Paesiello (1741-1816), compositor italiano, autor de *O rei Teodoro*, *A menina louca de amor* etc., que andou metido em muitas intrigas contra seus rivais Cimarosa e Guglielmi.
- [176] *Rubini*: Giambattista Rubini (1795-1854), tenor italiano.
- [177] *Perseu e Andrômeda*: personagens da mitologia grega. Para expiar um crime da mãe, a princesa Andrômeda foi atada a um rochedo pelas Nereidas, e ia ser devorada por um monstro, quando, montado no Pégaso, sobreveio o herói Perseu, que matou o monstro e salvou Andrômeda para depois desposá-la.
- [178] *A condessa de Montcornet*: em segundas núpcias sra. Emílio Blondet, personagem já encontrada numa cena de *Uma filha de Eva*; foi em sua casa que a condessa Félix de Vandenesse conheceu o escritor Raul Nathan.
- [179] *O Hurão*: referência ao romance *O ingênuo*, de Voltaire, em que há uma personagem cheia de curiosidades, o bailio de uma aldeia bretã que assedia com perguntas o selvagem canadense (o Hurão), que lá chegou casualmente.
- [180] *Parece haver aqui uma distração de Balzac*: Se Cláudio Vignon tinha treze anos a menos do que Felicidade (nascida em 1791), como esta declarou a Calisto, ele, na época de *Beatriz*, em 1836, deve ter trinta e três anos, e não trinta e sete.
- [181] O próprio Balzac era de estatura abaixo da média. Os grandes homens de estatura alta que enumera como exceções à regra que acaba de enunciar são: *Carlos Magno* (742-814), imperador do Ocidente, fundador da dinastia carolíngia;
- [182] *O eunuco Narsès* (492-568), general de Justiniano, exarca da Itália;
- [183] *Belisário* (494-565), general de Justiniano, vencedor dos persas, dos vândalos e dos ostrogodos; e
- [184] *Constantino* (274-337), imperador romano que adotou o cristianismo como religião obrigatória do Império.
- [185] *Estevão Lousteau*: personagem importante de *A comédia humana*; já apareceu em *Uma filha de Eva*; desempenha papéis mais importantes em *Ilusões perdidas*, *Esplendores e misérias das cortesãs*, *A musa do departamento* etc.
- [186] *Nathan*: ver a nota 101.
- [187] *Blondet*: também ele membro destacado da boêmia balzaquiana, foi quem apresentou Nathan à condessa — encontramo-lo, também em *Modesta Mignon*, a troçar de Canalis.
- [188] O próprio Balzac, que usava a partícula de antes do nome sem justificativa, vinha do seio da burguesia.
- [189] *Houca*: espécie de cachimbo usado na Índia, parecido com o narguilé dos turcos.

[190] Grandes teatros respectivamente de Milão, Veneza e Nápoles.

[191] *O quadro de Guérin* (1774-1833): “Eneias contando a Dido os desastres de Troia”. Já em *A bolsa*, no volume 1 desta edição, Balzac evoca esse mesmo quadro de Guérin, acerca do qual citamos ali curiosa observação de Baudelaire.

[192] *O barão de Rastignac*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*. Foi ele que nos contou a anedota contida em *Estudo de mulher*. Sua difícil estreia é magistralmente narrada em *O pai Goriot*, no volume 4.

[193] *Parisina*, *Effie*, *Mimma*: heroínas, respectivamente, do poema “Parisina”, de Byron, e dos romances *A prisão de Edimburgo* e *O piloto*, de Walter Scott.

[194] *Narciso*: personagem mitológica; apaixonou-se pela sua própria imagem, que vira nas águas de uma fonte, e atirou-se a esta última para se unir à sedutora figura.

[195] *Eis por que... minha filha está muda*. Frase adaptada de *O médico à força*, de Molière (ato ii, cena 4), peça em que o falso médico Sganarelle, consultado sobre a doença de uma moça que se finge muda, e notando a ignorância do pai dela, põe-se a recitar uma série de frases pedantes com mistura de latim, para chegar a esta conclusão inesperada: *Voilà justement ce qui fait que votre fille est muette*.

[196] *A bela criatura por quem o Gars se fez matar em Fougères no ano de 1800*: alusão aos trágicos amores do marquês Alfonso de Montauran, chefe de rebeldes monarquistas alcunhado *Gars*, e da espã republicana Maria de Verneuil, contada em *A Bretanha em 1799*, no volume 12 desta edição.

[197] *Keepsake*: livrinho-álbum, ilustrado com gravuras, que se dava como lembrança e cuja moda se estendeu da Inglaterra à França.

[198] *Dunque il mio bene tu mia sarai* (em italiano): “Assim tu, meu bem, serás minha”. — *Zingarelli*: Niccolò Antônio Zingarelli (1752-1837), compositor italiano. — *Di tanti palpiti* (em italiano): “De tantas palpações...”.

[199] *Fizeste-me, Senhor, poderoso e solitário* (no original: *Seigneur, vus m’avez fait puissant et solitaire*): verso do “Moisés”, de Vigny, que Balzac cita de memória deformando-o um pouco. No poema, com efeito, lê-se: *Hélas, je suis, Seigneur, puissant et solitaire*.

[200] *Tristram Shandy*: obra já citada do humorista inglês Laurence Sterne (cf. nota 87). O cabo Trim é um veterano que serve fielmente a seu antigo comandante, o tio Toby, assistindo-o em sua mania que consiste em reconstituir na planta e no chão as batalhas a que os dois assistiram.

[201] *George Sand*: pseudônimo de Aurore Dupin (1803-1876), romancista célebre, autora de romances sentimentais, sociais e campestres. Era amiga de Balzac, que a retratou justamente na figura de Camille Maupin. (Ver a Introdução.) Essa referência antes serve para despistar o leitor e eventualmente defender Balzac da acusação de fazer romances à clef.

[202] *Esse autor infame* é sem dúvida o próprio Balzac.

[203] *Safo*: ver a nota 77.

[204] O nome Beatriz, de origem latina, significa primitivamente “aquela que torna feliz”.

[205] *Amadis*: herói do famoso romance de cavalaria de Montalvo, *Amadis de Gaula* (1508), tipo do amante constante e respeitoso.

[206] *Ciro*: outro representante do mesmo tipo no *Grande Ciro* (1648), romance de Mademoiselle de Scudéry.

[207] *Senza brama sicura ricchezza*: “(possuir) sem inquietude riquezas certas”, palavras de Dante frequentemente citadas por Balzac.

[208] *A Belle Poule*: fragata francesa que, agredida perto de Brest em 1778 pelo navio de guerra inglês *Arethuse*, venceu-o depois de rude combate.

[209] A história de Cambremer é contada em *Um drama à beira-mar* (volume 16 desta edição).

[210] *Édipo*: personagem da mitologia grega; libertou a cidade de Tebas de uma

esfinge que devorava os transeuntes que não lhe conseguiam resolver os enigmas.

[211] *O maceio da Grande Cartuxa*: faz parte dos Alpes franceses. Num de seus vales encontra-se o célebre convento fundado por São Bruno em 1084.

[212] *Brunelleschi*: Filippo Brunelleschi (1377-1446), grande arquiteto italiano. Uma de suas obras principais é o palácio Pitti, em Florença.

[213] A palavra francesa *buisson* (“moita”) deriva de *buis* (“buxo”).

[214] *Aquele que outrora desprezou a amante por ter atirado a luva entre os leões*: alusão a conhecido assunto do folclore universal, tratado, entre outros, por Lope de Vega e Schiller. Segundo a lenda, uma fidalga, para experimentar o amor de um cavaleiro, joga sua luva branca numa jaula de leões. O cavaleiro arrisca a vida, retira a luva da jaula, mas, depois, dá uma bofetada na dama cruel (ou segundo outra variante, abandona-a simplesmente). Balzac fez outra alusão a essa história em *Memórias de duas jovens esposas*.

[215] *A célebre rival de Camille*: George Sand. Ver a nota 130.

[216] *A eleição de La Fontaine à Academia Francesa* foi bastante acidentada. Sua primeira candidatura, em 1682, não obteve êxito contra certo Louis Courcillon, abade de Dangeau. Quando se candidatou pela segunda vez, foi eleito por 16 votos contra 7 de Boileau. No entanto o rei, Luís xvi, descontente com essa eleição, só a ratificou depois que Boileau também foi eleito acadêmico em 1684.

[217] *Rocha Tarpeia*: rocha, em Roma, de onde se precipitavam os criminosos.

[218] *A sobrinha de Mazarino*: os inimigos do famoso cardeal e político Giulio Mazarino (1602-1661) censuravam-lhe sobretudo o zelo excessivo em colocar em bons lugares seus numerosos parentes, entre os quais várias sobrinhas de notável beleza. A mais famosa delas, Maria Mancini, por pouco não se tornou rainha da França; foi justamente a oposição do tio, cujos motivos ainda não são bem elucidados, que levou Luís xiv a separar-se dela apesar da paixão que ela lhe inspirara. As palavras citadas aqui foram pronunciadas por Maria na ocasião do rompimento.

[219] *Chassez-croisez*: passo de dança; em sentido figurado, “sequência de evoluções de diligências que se sucedem inoportunamente e sem resultado”.

[220] *A srta. Falcon*: Marie-Cornélie Falcon (1812-1897), personagem real, famosa cantora.

[221] *Prima che spunti l'aurora* (em italiano): “Antes que a aurora aponte”; ária de *O casamento secreto*, ópera de Cimarosa, com letra de Bertalli. — *Rubini*: ver a nota 105.

[222] *A duquesa Langeais*: personagem balzaquiana cuja história leremos em *História dos treze*, no volume 8 desta edição.

[223] *A viscondessa de Beauséant*: personagem balzaquiana cuja história acabamos de conhecer, pelo menos em parte, em *A mulher abandonada*.

[224] *Dâmocles*: cortesão de Dionísio, o Velho, tirano de Siracusa. Como louvasse, certo dia, a felicidade do poderoso, este o fez sentar em seu próprio lugar, no meio de um banquete, porém mandou suspender-lhe uma espada sobre a cabeça, significando-lhe assim as inquietações do poder.

[225] *Clotilde-Frederica de Grandlieu*, apaixonada por Luciano de Rubempré, depois do suicídio deste conservou-lhe uma fidelidade póstuma (cf. *Esplendores e misérias das cortesãs*).

[226] *Leopoldo Hannequin*: personagem de *A comédia humana*, já encontrada — era o melhor amigo de Alberto Savarus. (Ver o volume 2 desta edição.)

[227] *A materna* (sic!) *eloquência de Dédalo*: segundo a mitologia, Dédalo, que inventou a arte de voar, antes de atar as asas a seu filho Ícaro, fez-lhe um discurso solícito para assinalar-lhe os perigos da empresa. Apesar da prudência do pai, Ícaro voou demasiado alto: o sol derreteu a cera que ligava as asas, e o jovem caiu no mar.

[228] *A fatal pergunta apresentada pelos jornais a Carlos x*, depois da publicação

das reacionárias “ordenanças de julho” de 1830. Quando o rei, diante da revolta de Paris, consentiu finalmente em revogar as ordenanças, já era tarde: a revolução havia triunfado.

[229] *Scribe*: Eugène Scribe (1791-1861), o comediógrafo francês mais famoso da época de Balzac, autor de *Um copo de água* e mais 350 peças.

[230] *Quase portuguesa*: porque a mãe, uma Ajuda, é portuguesa. Balzac alia essa família aristocrática, inventada por ele, aos Braganças.

[231] *Gars* (termo do francês regional e familiar): “rapaz”.

[232] *Biniou*: gaita de foles da Bretanha.

[233] *Souviègne-vous!* (em francês antigo): “Lembre-vos”.

[234] *O gabinete do Barba-Azul*: alusão à conhecida fábula de Perrault em que o Barba-Azul, partindo de casa, proíbe à mulher de abrir a porta de seu gabinete durante a sua ausência. Esta proibição, naturalmente, serve apenas para aguçar a curiosidade da moça; acaba por abrir o gabinete, onde encontra os cadáveres de várias mulheres mortas, suas predecessoras.

[235] *Charette*: ver a nota 17.

[236] *Aquelas duas...* Deve ter havido distração de Balzac, pois acima falava em “três jovens senhoras de Nantes”.

[237] *O célebre arquiteto Grindot*, personagem balzaquiana, trabalha para os ricos de *A comédia humana*; foi ele que, em *Uma estreia na vida*, restaurou o castelo do conde de Sérisy.

[238] De todos esses representantes da aristocracia balzaquiana, por enquanto só conhecemos o *duque de Rhétoré*, irmão de Luísa Macumer (em *Memórias de duas jovens esposas*), e sua esposa, em solteira *Francesca Soderini*; por quem Alberto Savarus (na novela que lhe ostenta o nome) se apaixonou, e de quem foi tão perfidamente separado pela srta. de Watteville.

[239] *Canalis* e *Nathan*, protagonistas, respectivamente, de *Modesta Mignon* e de *Uma filha de Eva*.

[240] *D’Arthez*: já apareceu, embora por poucos minutos, em *Memórias de duas jovens esposas*, como amigo de Maria-Gastão.

[241] *A princesa de Cadignan*: outra personagem importante de *A comédia humana*; nesse momento é amante de Daniel d’Arthez.

[242] *Ossian*: bardo legendário escocês do século iii. Sob seu nome, Macpherson publicou em 1760 uma coletânea de poesias sombrias e majestosas que tiveram grande repercussão e nas quais, entre outras personagens, aparecem Malvina, Têmora, Selma.

[243] *Girodet*: Anne-Louis Girodet de Roussy (1767-1824), pintor da escola de David. Encarregado por Napoleão de compor uma alegoria militar para a qual Ossian serviria de pretexto, representou as sombras dos soldados mortos de Napoleão errando nas regiões do “palácio das nuvens”, misturadas às personagens do bardo escocês.

[244] *Mairie*: edifício e repartições da administração municipal, e sede do *maire*, chefe dessa administração.

[245] *Benvenuto Cellini* (1500-1571): gravador, escultor e ourives italiano, autor de curiosas memórias.

[246] *Rizzio*: Davidde Rizzio, músico italiano (1533-1566), favorito de Maria Stuart, apunhalado aos olhos desta.

[247] *Portenduère*: visconde Saviniano de Portenduère, um dos pretendentes despedidos de Emília de Fontaine em *O baile de Sceaux*; depois se consolou casando com Úrsula Mirouët (como veremos no romance deste nome).

[248] *De Marsay*: um dos grandes arrivistas de *A comédia humana*; já se fez notar em vários romances por seus motejos e ditos picantes.

[249] *Úrsula*: heroína do romance *Úrsula Mirouët* no volume 5 desta edição.

[250] *Como a dama romana*: alusão a Cornélia, filha de Cipião, o Africano, e mãe dos Gracos, que ficou viúva com doze filhos, aos quais educou com a maior dedicação. Exibindo-lhe um dia uma rica patricia sua coleção de joias e pedindo-lhe que mostrasse as suas, ela respondeu, indicando os filhos: “Eis as minhas joias”.

[251] *O sr. de Trailles*: um dos principais protagonistas de *A comédia humana*; encontrá-lo-emos também em *Gobseck*.

[252] *O ponto de vista de Pascal*: em seus *Pensamentos*, Pascal procura estabelecer a certeza da existência de Deus.

[253] *A fábula do lenhador, chamando a Morte*: acabrunhado pela velhice e pelo cansaço, um pobre lenhador depôs sua carga de lenha e invocou a Morte. Esta apareceu imediatamente, perguntando em que podia servi-lo. “Ajuda-me a colocar a carga outra vez no ombro”, pediu-lhe, assustado, o lenhador. “Sofrer antes que morrer, eis a divisa dos homens”, conclui La Fontaine em sua bela fábula, *La Mort et le Bûcheron*.

[254] *Il mio cor se divide* (em italiano): “O meu coração se parte”. Acerca de Rubini, ver a nota 105.

[255] *Fisiologia do casamento*: livro de Balzac publicado anteriormente a *Beatriz*; figura no volume 17 desta edição.

[256] *Hércules Farnese*: estátua antiga de Glicão de Atenas, personificação da força viril.

[257] *A baronesa de Macumer*: com o excesso de seu amor, matou o marido e causou a sua própria morte. (Ver *Memórias de duas jovens esposas*.)

[258] *O duque de Chaulieu*: pai de Luísa de Chaulieu, baronesa de Macumer, era amigo dos Grandlieu. — *D’Ajuda*: o marquês Miguel D’Ajuda Pinto, o mesmo que traiu a sra. de Beauséant, em *A mulher abandonada*, era parente da duquesa de Grandlieu.

[259] *Foi cunhado do sr. de Rochefide...* Com efeito, a primeira esposa de Ajuda Pinto, morta cedo, era irmã de Artur de Rochefide.

[260] *São Francisco de Sales*: orador sacro, bispo de Genebra (1568-1622), autor da *Introdução à vida devota* que abrange uma série de cartas de direção para as pessoas da sociedade. É particularmente nos capítulos “Da castidade” e “Advertência às pessoas casadas” que o autor trata da vida sexual em relação ao casamento. Suas ideias a respeito resumem-se nesta frase: “No que diz respeito ao estado do casamento, é um erro vulgar e muito comum pensar-se que nele a castidade não seja necessária, pois ela o é e até muito, não para a gente se privar dos direitos da fé conjugal, mas sim para se conter nos limites”.

[261] *Sra. Guyon*: mística francesa (1648-1717), representante na França da doutrina quietista, que faz consistir a perfeição cristã no amor de Deus e na inação da alma; combatida por Bossuet como herética.

[262] *Aquela pobre madame*: a duquesa de Berry (ver a nota 27).

[263] *Cortesãs célebres de A comédia humana*: *Fanny Beaupré*, já encontrada em *Uma estreia na vida*, onde era amante do rico negociante Camusot; *Suzana du Val-Noble* desempenhará papel de relevo em *A solteirona*; *Marieta* ou Maria Godeschal já apareceu em *Uma estreia na vida*; *Florentina*, amante do tio Cardot, no mesmo romance; *Jenny Cadine*, amante do barão Hulot, há de figurar em *A prima Bete*.

[264] *Uma filha de Eva* e *A falsa amante*: ver no volume 2 desta edição.

[265] O trocadilho só existe em francês, língua em que *tente* (“tenda”) e *tante* (“tia”) se pronunciam de maneira igual.

[266] *Musard*: chefe de orquestra (1789-1853) que deu o nome a uma sala de concertos e de bailes fundada por ele na rue Vivienne, em Paris.

[267] Na época de Balzac, Paris estava dividida em doze circunscrições (*arrondissements*), e não em vinte como hoje. Como os casamentos se celebravam nas *mairies* (subprefeituras) das circunscrições, “casar-se na 13ª circunscrição”

equivalia a “viver em concubinato”.

[268]*Uma estreia na vida*: ver no volume 2 desta edição.

[269]*Tigre*: pequeno criado de libré que os dândis da época, os “leões”, tinham às suas ordens.

[270] Os nomes que Balzac enumera aqui são de representantes da *jeunesse dorée* ávida e pouco escrupulosa de *A comédia humana*. Acerca de *Rastignac*, ver a nota 121; *Máximo de Trailles*, que veremos em ação logo mais, aparecerá também em *Gobseck* como amante da condessa de Restaud; *Viturniano d'Esgrignon* terá relevante papel em *O gabinete das antiguidades*; *Marcial de la Roche-Hugon*, amigo de Montcornet, esteve com ele no baile de *A paz conjugal*; o *marquês de Ronquerolles*, irmão da condessa de Sérisy (*Uma estreia na vida*), também apareceu, juntamente com o *conde Adão Laginski*, marido de sua sobrinha, em *A falsa amante*.

[271]*Sra. Everard*: personagem da comédia *O velho solteirão*, de Colin d'Harleville, que desempenha o papel de uma governanta.

[272]*Nucingen*: rico banqueiro de *A comédia humana*, aparece não só em *A casa Nucingen*, como em vários outros romances e contos.

[273]*Príncipe Galathionne*: personagem secundária de *A comédia humana*. A condessa Félix de Vandenesse (em *Uma filha de Eva*) ia aos bailes da princesa Galathionne.

[274]*O famoso tratado de Londres*: concluído entre Inglaterra, Rússia, Prússia e Áustria em 1840, mirava pôr fim às pretensões territoriais de Meemet-Ali, paxá do Egito, contra a Turquia. Thiers, chefe do gabinete francês nomeado em março desse ano, estava prestes a desencadear uma guerra contra essa coalizão em defesa de Meemet-Ali; porém Luís Filipe, desejoso de evitar o conflito a qualquer preço, despediu Thiers em outubro ao cabo de apenas oito meses de governo.

[275]*Madame Pompadour*: em solteira Antoinette Poisson (1721-1764), famosa favorita de Luís xv, sobre cuja política exerceu influência decisiva.

[276]*Suzana Gaillard* ou sra. du Val-Noble: ver a nota 192.

[277]*Fanny Beaupré*: bela atriz, amiga do comerciante Camusot, em cuja casa Oscar Husson perdeu quinhentos francos no jogo (*Uma estreia na vida*); contavam que era amiga do duque d'Hérouville (*Modesta Mignon*).

[278]*Marieta*: ver a nota 192.

[279]*Antônia* ou srta. Chocardelle: cortesã que também aparecerá em *Um príncipe da Boêmia*, *Um homem de negócios* etc.

[280]*Duque de Rhétoré*: irmão de Luísa de Chaulieu, protagonista de *Memórias de duas jovens esposas*.

[281]*Monthyon*: Jean Baptiste Antoine Augé, barão de Montheyon, filantropo e economista francês que em seu testamento deixou ao Instituto da França a renda de importante capital a ser distribuído em prêmios pela Academia Francesa. Um deles — que continua a ser distribuído anualmente — é destinado a recompensar a ação mais virtuosa realizada por um francês pobre.

[282]*Finot*: personagem balzaquiana, diretor de jornais e revistas. Aparece em vários romances e novelas; já o encontramos no almoço, dado no Rocher de Cancal por Frederico Marest (em *Uma estreia na vida*).

[283]*Ninon*: ver a nota 79.

[284]*Gobenheim*: tio do jovem banqueiro do Havre que frequentava a casa Mignon (em *Modesta Mignon*).

[285]*Lousteau*: membro da boêmia de *A comédia humana*. Era colaborador do jornal de Raul Nathan (em *Uma filha de Eva*); aparece como amante da sra. Schontz em *A musa do departamento*.

[286]*Lorettes*: moça elegante, de costumes fáceis. O nome vem do bairro de Notre-Dame de Lorette, em Paris, frequentado na época por essa espécie de mulheres.

[287]*Sra. du Bruel*: mais conhecida como Túlia; bailarina da Ópera, de costumes

galantes, que acabou por se casar com o pequeno funcionário du Bruel, a quem com suas intrigas conseguiu fazer deputado, conde e membro do Instituto.-

[288]Bixiou: desenhista, um dos heróis do primeiro plano de *A comédia humana*. Desenhou vinhetas para a obra de Canalis (em *Modesta Mignon*).

[289]Leão de Lora não é outro senão o divertido Mistigris de *Uma estreia na vida*.

[290]Vitor de Vernisset: personagem balzaquiana, poeta da “escola angélica”, cujo chefe era Canalis.

[291]O jovem conde de la Palférine: o mesmo que, no fim da novela *A falsa amante*, começou a cortejar a condessa Laginski e só não logrou êxito em virtude de uma intervenção repentina de Tadeu Paz.

[292]Vermanton: personagem que só aparece neste romance.

[293]Couture: negociista e jornalista de reputação equívoca. Será visto ainda em *A casa Nucingen* e *Os pequenos burgueses*.

[294]Uma *découture*: palavra forjada com o nome de Couture, parecida com *déconfiture* (“derrota, fracasso”).

[295]Du Bousquier: personagem de *A solteirona* e *Gabinete das antiguidades*.

[296]Duque de Vissembourg, príncipe de Chiavari, marechal Vernon: personagens que, fora deste trecho, não aparecem em *A comédia humana*.

[297]O velho Blondet: personagem de *O gabinete das antiguidades*.

[298]Emílio Blondet: ver a nota 116.

[299]Leoben: cidade da Áustria onde o general Bonaparte e o arquiduque Carlos v concluíram, em 17 de abril de 1797, os preliminares do Tratado de Campo-Formio, que deu à França a Bélgica e as Ilhas Jônicas.

[300]Sra. de la Bastie: em solteira, Modesta Mignon.

[301]Sra. Jorge de Maufrigneuse: personagem de *Um caso tenebroso*.

[302]Sra. de l’Estorade: em solteira, Renata de Maucombe (*Memórias de duas Jovens esposas*).

[303]Sra. d’Ajuda: em solteira, Rochefide.

[304]Sra. de Restaud: em solteira, Goriot; aparecerá em *Gobseck*.

[305]Sra. de Rastignac: nascida Augusta de Nucingen.

[306]Sra. de Vandenesse: trata-se ou da marquesa Carlos de Vandenesse, nascida Emília de Fontaine (*O baile de Sceaux*) ou da condessa Félix de Vandenesse, em solteira Maria Angélica de Grandville (*Uma filha de Eva*).

[307]Iago: é, no *Otelo* de Shakespeare, o intrigante diabólico, que persuade a seu amo, o general mouro Otelo, de que este é enganado pela mulher, a bela e virtuosa Desdêmona. Como prova dessa acusação, faz ver ao general um lenço de Desdêmona nas mãos de um de seus oficiais. Embora a esposa seja completamente inocente, pois o lenço fora roubado por Iago, que o passara às mãos do oficial, Otelo, obcecado pelo ciúme, estrangula-a.

[308]Orosmane: protagonista do drama *Zaïre* de Voltaire.

[309]Saint-Preux: protagonista da *Nova Heloísa*, de Rousseau.

[310]René: herói da novela do mesmo nome, de Chateaubriand.

[311]Werther: herói de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe.

[312]Clarissa: heroína de *Clarissa Harlowe*, de Richardson.

[313]A grande cena de Arnolfo: é a cena 5 do ato v de *Escola das mulheres*, de Molière. Nessa comédia, Arnolfo educa em sua casa uma moça ingênua, Agnes, mantendo-a na ignorância mais completa para depois casar-se com ela sem ter de temer uma traição conjugal. Mas Agnes, apesar de todas as precauções de seu tutor, engana-o antes mesmo do casamento. Nessa cena trágica, Arnolfo, que aos poucos se apaixonara de sua pupila, declarou-se não somente pronto a perdoar como também a fechar os olhos, futuramente, às suas traições, desde que Agnes queira casar ainda com ele — mas a moça recusa-o definitivamente.

[314]Du Tillet: personagem de *A comédia humana*; negociista sem escrúpulos, chega

a ser grande banqueiro e deputado. Já o encontramos casado com uma sra. de Grandville, irmã da condessa Félix de Vandenesse, em *Uma filha de Eva*, onde organizava uma intriga para perder Raul Nathan.

[315]*Tortoni*: nome de um famoso café que existiu em Paris, na esquina da rue Taitbout e do Boulevard des Italiens, até 1887; encontro de escritores, artistas etc.

[316]*Duas palavras, conde!*: essas palavras são tiradas de um famoso trecho de *Cid*, de Corneille (ato ii, cena 2: *A moi, comte, deux mots*), no qual introduzem uma cena trágica; aqui, Máximo as emprega por brincadeira.

[317]*Ver Um homem de negócios* em *Cenas da vida parisiense*: onde viremos a saber como Máximo de Trailles foi logrado pelo velho usurário Cérizet (nota de Balzac).

[318] Na fábula *O rato e o leão*, ou antes, *O leão e o rato*, de La Fontaine, um rato, poupado pelo leão, encontra oportunidade para demonstrar a sua gratidão, salvando o rei dos animais, preso numa rede.

[319]*A sra. d'Espard*: intrigante e coquete não menos temível que Beatriz, foi uma das damas da sociedade que estimularam o namoro de Nathan com a condessa Félix de Vandenesse (em *Uma filha de Eva*).

[320]*Condessa Merlin*: em solteira Maria de la Mercedes Jaruco (1788-1852); bela e espirituosa espanhola casada com o general conde Merlin, que tinha um dos salões mais brilhantes da época; mais tarde compôs e publicou suas memórias.

[321]*Tratou-o como a um Luís xiv*: alusão a Luísa La Vallière, favorita de Luís xiv, a qual, vendo-se eclipsada pela sra. Montespan, se recolheu ao convento das Carmelitas.

[322]*Virtuniano d'Esgrignon*: provavelmente se lembra dos maus serviços que lhe prestou, em Alençon, Fabiano du Ronceret. Este último foi, com efeito, seu companheiro de prazeres e vícios, excitando-lhes os maus pendores. (Ver *O gabinete das antiguidades*, no volume 6 desta edição.)

[323]*A Val-Noble*: ver a nota 192.

[324]*Atos respeitosos*: ato judicial pelo qual um filho maior convida os pais a consentirem no casamento que deseja concluir. Já assistimos a um desses atos em *A vendeta*, no volume 2 da presente edição.

[325]*Ambigu-Comique*: um dos teatros mais antigos de Paris; inaugurado em 1769 no Boulevard du Temple, foi destruído por um incêndio em 1827 e reaberto pouco depois no Boulevard Saint-Martin, lugar onde existe até hoje.

[326]*Sra. de la Baudraye*: “A musa do departamento” (Ver volume 6).

[327]*Feliz como um Orgon*: alusão a uma personagem de Molière. Orgon, o hospedeiro crédulo de Tartufo, só descobre os encantos da mulher depois que seu hóspede hipócrita tentou seduzi-la.

[328]*Forcas Caudinas*: desfiladeiro do antigo país dos samnitas, onde os romanos foram obrigados a render-se à discrição; figuradamente, concessão humilhante arrancada aos vencidos.

[329] Nota de Balzac.

[330] Nota de Balzac.

[331]*Lúcia*: ópera de Donizetti, com letra de Salvatore Cammarano (1801-1852). Título completo: *Lúcia de Lammermoor* (1835).

[332]*Célimène*: personagem de *O misantropo*, de Molière; tipo da mulher faceira, bonita, espirituosa e desembaraçada.

[333]*Grisier*: Augustin-Edme-François Grisier (1791-1865), famoso mestre de armas, autor de um livro sobre as regras do duelo; Dumas lhe escreveu as memórias em *O mestre de armas*.

[334]*Nós devemos um galo a Esculápio...*: a Esculápio, deus da medicina, os doentes curados ofereciam um galo, símbolo de vigilância.

[335]*Beata Beatriz*: trocadilho latino sobre o nome da heroína. *Beata* em latim significa “feliz”; *Beatriz*, “aquela que torna feliz a alguém”.

- [336] *Assim é que os Almagroes são sempre mais fortes que os Figaro*. Alusão ao *Casamento de Figaro*, de Beaumarchais, em que o manhoso e espirituoso barbeiro vence em intrigas o seu dono, o conde Almagro, rico libertino. Balzac parece querer indicar, pelo título, que quando os aristocratas que têm espírito se metem em intrigas, alcançam êxito ainda mais completo do que os Figaro.
- [337] *A fábula dos dois pombos* é de La Fontaine (em francês *Les Deux Pigeons*). Conta o grande fabulista, nessa encantadora narrativa, o caso de um pombo que abandona a companheira para viajar e ver o mundo. Em breve tempo vê-se, porém, envolvido em aventuras desastrosas e apressa-se a voltar ao ninho para junto da esposa abandonada.
- [338] *O barão Barchou de Penhoen*: Auguste-Théodore-Hilaire-Barchou de Penhoen (1801-1855), amigo de infância de Balzac; oficial do Estado-Maior, depois de aposentado fez-se publicista e historiador das ideias, destacando-se entre suas obras uma *História da filosofia alemã de Leibniz a Hegel* e uma *História da conquista e da fundação do Império Inglês na Índia*.
- [339] *De Viris*, ou, mais exatamente, *De Viris Illustribus Urbis Romae* (“Dos homens célebres da cidade de Roma”): famoso manual de latim do abade Lhomond (1727-1794).
- [340] *Piquet*: jogo que se joga com 32 cartas entre duas, três ou quatro pessoas.
- [341] *Portou-se tão mal com o pai*: alusão à dolorosa história de *O pai Goriot*, no volume 4 desta coleção.
- [342] *Derville*: personagem de *A comédia humana*; solicitador judicial ou, em francês, *avoué* (licenciado em Direito que só pode advogar no Tribunal do Comércio, ou quando o número de advogados não é suficiente para a regularidade do serviço de justiça).
- [343] *Voltara para a França com a família real*, em 1814, após a queda de Napoleão.
- [344] *Lista Civil*: importância destinada, nos governos monárquicos, às despesas pessoais do soberano.
- [345] *Chaussée d’Antin*: logradouro público de Paris, perto da Ópera, que até hoje conservou o nome; na época do romance, era uma das ruas mais brilhantes, centro da elegância mundana.
- [346] *Metzu*: Gabriël Metzu ou Metsu (1629-1667), pintor holandês, conhecido por suas cenas de interior.
- [347] *Fontenelle*: Bernard Le Bovier de Fontenelle (1657-1757), autor, entre outras obras, de *Conversações sobre a pluralidade dos mundos*, famoso por seu espírito e sua longevidade.
- [348] *Meia-de-Couro* (Leatherstocking): sobrenome do índio Natty Bumppo, personagem popularíssima dos romances de James Fenimore Cooper (1789-1851).
- [349] *Sterne*, em seu famoso romance *Vida e opiniões de Tristram Shandy*, atribui ao pai de Tristram a seguinte opinião: “A escolha dos nomes de batismo tem consequências bem maiores do que os espíritos superficiais imaginam... Quantos Césares, quantos Pompeus, pela mera inspiração desses nomes famosos, se tornaram dignos de usá-los! E quantas vezes se tem visto pessoas que se teriam distinguido no mundo, se seu caráter, seu gênio, não houvessem sido abatidos e aviltados sob um nome tão estúpido, por exemplo, como o de Nicodemo”.
- [350] *O almirante Simeuse, o sr. de Lally etc.*: exemplo curioso de como Balzac misturava personagens fictícias a personagens históricas. Assim, foi ele que inventou o almirante Simeuse, “ilustre marinheiro do século xviii”, para dar um pai distinto ao marquês João de Simeuse (personagem de *Um caso tenebroso*) e o sr. de Portenduère, outro “almirante famoso”, para assegurar origem ilustre ao visconde de Portenduère, já encontrado em *O baile de Sceaux*, entre os pretendentes da bela Emília de Fontaine, a qual acabou por casar com o velho vice-almirante Kergarouët, outra figura imaginária. Em compensação, os outros nomes da enumeração referem-

se a pessoas reais. *O sr. de Lally*, ou Thomas Arthur de Lally, barão de Tollendal (1702-1766), governador-geral das colônias francesas da Índia, derrotado pelos ingleses, foi processado e executado por traição, e reabilitado depois da morte graças aos esforços do filho e de Voltaire. O conde *Henri d'Estaing* (1729-1794), almirante que se distinguiu na Índia e na América lutando contra os ingleses, foi decapitado durante a Revolução. O *bailio de Suffren* (1726-1788) combateu também vitoriosamente os ingleses. *Lord Cornwallis* (1738-1805) era um general inglês que capitulou em Yorktown durante a guerra da América, mas fez esquecer mais tarde essa derrota por ter reprimido a rebelião na Irlanda e submetido *Tippo-Saeb* (1749-1799), o último sultão de Misore. Este último lutou com fanatismo contra os cristãos e contra os hindus, procurando converter esses últimos ao islamismo. Apoiado pelos franceses, quis expulsar os ingleses da Índia, mas foi derrotado e morto na defesa de Seringapatam. Sua morte marca o fim da influência francesa na Índia. Finalmente *lord Hastings* (1732-1818) era governador da Índia inglesa; num processo retumbante viu-se acusado de malversações, mas depois foi absolvido.

[351] *Os maratas*: povo da Índia Central e Ocidental que no século xviii, graças a suas virtudes guerreiras e capacidade organizadora, conseguiu exercer sobre a Índia uma verdadeira hegemonia. Em 1778-1782, 1802-1804 e 1817-1818 sustentou três guerras sangrentas contra os ingleses. Sindhia (o Madhadjy-Sindiah de Balzac) era, na segunda dessas guerras, chefe militar da confederação marata; seus soldados eram treinados e conduzidos por aventureiros franceses.

[352] *Victor Hughes*: ou melhor, Victor Hugues (1770-1826), administrador francês que expulsou os ingleses de Guadalupe; governador da Guiana de 1799 a 1808 quando capitulou a um exército inglês-português. Sua volta à França foi julgada por um Conselho de Guerra, que o absolveu.

[353] *O sr. Dimanche*: personagem de Molière, em *Dom João*, tipo do credor tímido que se deixa desarmar pelas cortesias e lisonjas do devedor.

[354] *Mirabeau*: Honoré Gabriel Mirabeau (1749-1791), o orador mais célebre da Revolução.

[355] *Vergniaud*: Pierre-Victournien Vergniaud (1753-1793), outro famoso orador revolucionário.

[356] *Um escudo* equivalia a três francos.

[357] *Grotius* ou Hugo de Groot (1583-1645): famoso jurista e diplomata holandês, autor de *Direito de guerra e de paz*.

[358] *Werbrust*, *Palma*, *Gigonnet*: usurários inventados por Balzac. Encontrá-los-emos nas obras em que os negócios constituem o tema principal, tais como *A casa Nucingen* e *César Biotteau*. O último dos três, Gigonnet, é, aliás, nosso conhecido desde *Uma filha de Eva*, no qual surgiu como um dos credores de Raul Nathan.

[359] *Máximo de Traillers*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*; foi quem urdiu a magistral intriga que fez voltar Calisto du Guénic à esposa (em *Beatriz*).

[360] *Essa classe eminentemente inteligente*: não se trata, é claro, de uma classe social, mas sim de um tipo de homens, os ambiciosos dominados pelo desejo do poder; quando favorecidos pelas circunstâncias, ascendem a alturas excepcionais como *Mirabeau*, *Pitt* e *Richelieu*, chegando a dirigir a sorte de grandes povos e a influir sobre o destino da humanidade; quando obstados pelo destino, não passam de aventureiros como o *conde de Horn* (1763-1823), político e poeta sueco que se tornou durante algum tempo o favorito do rei Gustavo iii, mas se viu condenado a desterro perpétuo por ter conspirado contra a vida do monarca; *Fouquier-Tinville* (1746-1795), o temível acusador do Tribunal revolucionário que pediu a morte até de Camille Desmoulins, seu parente; ou *Pierre Coignard* (1779-1831), criminoso condenado às galés, o qual, com falsos papéis, chegou a ser nomeado tenente-coronel por Luís xviii, mas depois, desmascarado, foi condenado a trabalhos forçados à

perpetuidade.

[361] *O pobre do velho Goriot*, protagonista do romance *O pai Goriot*.

[362] *Ronquerolles, de Marsay etc.*: nomes de aristocratas da mais alta sociedade balzaquiana, que desempenham papéis salientes em diversos romances e contos da *Comédia humana*. O marquês de Ronquerolles é irmão da condessa de Sérisy (*Uma estreia na vida*) e tio da condessa Laginski (*A falsa amante*); de Marsay mostrou seu espírito cáustico em epigramas mordazes dirigidos a Canalis (*Modesta Mignon*) e a Nathan (*Uma filha de Eva*); nesse último romance encontramos também os dois Vandenesse; em *O pai Goriot* conheceremos Franchessini; d'Ajuda Pinto, aristocrata português, aparece tanto nesse romance como em *Beatriz*.

[363] *A respeito da qual Gobseck até hoje graça comigo*: lapso de Balzac, pois desse trecho se poderia depreender que Gobseck ainda está vivo; como, porém, mais adiante veremos no decurso dessa mesma narrativa de Derville, ele morreu poucos dias antes.

[364] Em 1815, a França reconheceu por um tratado a independência da República do Haiti, estipulando uma indenização de 159 milhões de francos pelos colonos desapropriados; um novo tratado, concluído em 1838 (isto é, depois da morte de Gobseck), reduzirá tal importância a 60 milhões.

[365] *Carfologia*: agitação mecânica dos dedos de um doente que parece querer aferrar e atrair a si objetos miúdos.

[366] *A Bela Holandesa tinha uma filha*: trata-se de duas cortesãs, personagens famosas de *A comédia humana*: Sarah van Gobseck e Esther Van Gobseck, cuja vida apaixonada nos será contada em *A casa Nucingen, Esplendores e misérias das cortesãs, César Birotteau etc.*

[367] *Odiot*: joalheiro da Corte, o mesmo que, sob o Império, executara o berço do rei de Roma, filho de Napoleão.

[368] *Lethière*: Guillaume Lethière, pintor francês (1760-1832).

[369] *Chevet*: negociante de comestíveis estabelecido na galeria envidraçada do Palais Royal, fornecedor da Corte.

[370] *Res tuta* (em latim): “coisa certa”.

[371] *A sra. de Beauséant*: heroína de *A mulher abandonada*.

[372] *O pintor Louis Boulanger* (1806-1867): da escola romântica, é autor de um retrato de Balzac.

[373] *O terraço dos Feuillants*: nome de um terreno entre a atual rue Saint-Honoré e o terraço das Tulherias, onde Henrique iii instalou o mosteiro da ordem dos Feuillants, mais tarde ocupado pela Convenção.

[374] *Jean-Baptiste Bessières* (1766-1813): general de Napoleão, duque da Ístria, marechal da França, morto na véspera da batalha de Lutzen.

[375] *Géraud-Christophe-Michel Duroc* (1772-1813): general de Napoleão, grão-marechal do palácio durante o Império, morto em Bautzen.

[376] *As memoráveis batalhas de Lutzen e Bautzen*: ocorrem em 1813, terminadas com a vitória de Napoleão sobre os prussianos e os russos.

[377] *Charles Bernadotte*: marechal da França (1763-1844), adotado em 1810 por Carlos xiii, rei da Suécia; combateu a França em 1813, ao lado dos aliados; em 1818 tornou-se rei da Suécia sob o nome de Carlos xiv.

[378] *A Batalha de Leipzig*: em 1813, entre Napoleão e os aliados, terminou pela vitória destes, que logo depois invadiram a França.

[379] *O Carrousel ou Praça do Carrousel*: é o espaço entre o Louvre e o jardim das Tulherias onde se ergue desde 1806 um arco de triunfo. O nome da praça é devido ao *carrousel* (“cavalhadas”) organizado naquele lugar por Luís xiv em 1662.

[380] *Os magníficos cavalos de Veneza*: trata-se da quadriga de bronze que Napoleão arrancou à fachada da Igreja de São Marcos, em Veneza, e que Luís xviii ia devolver em 1815.

[381] *A Bela Adormecida no bosque*: heroína de um famoso conto de Perrault, a qual é condenada a dormir cem anos no fundo de um castelo encantado.

[382] *Wagram*: aldeia da Áustria, perto da qual Napoleão venceu o arquiduque Carlos na célebre batalha de 6 de julho de 1809.

[383] *Moscova*: rio da Rússia Central, perto do qual os franceses venceram os russos numa sangrenta batalha, em 1812.

[384] *Tranquilo como Batista*: locução popular, que contém uma reminiscência do mimo Batista Debureau, cuja especialidade consistia em se manter imperturbável sob uma chuva de bofetadas e pontapés.

[385] 14 *Duroc*: ver a nota 4.

[386] *Schako* (pronuncia-se xacó): espécie de barretina.

[387] *Barão Gérard* (1770-1837): autor de quadros históricos, o mais famoso dos quais é o citado por Balzac no trecho acima. Nele se vê o general Rapp correndo a galope e mostrando ao imperador, com o braço estendido, o inimigo derrotado.

[388] *Gabinete de Saint-James*: nome que se costumava dar ao gabinete inglês, por se realizarem suas reuniões no palácio Saint-James, morada dos reis da Inglaterra. O tratado de Amiens foi concluído entre a Inglaterra e Napoleão em 27 de março de 1802 acerca das possessões da Inglaterra, França, Espanha e Holanda.

[389] *Nicola Soult* (1769-1851): duque da Dálmacia, marechal da França, mandado por Napoleão para conter a invasão inglesa no Béarn, parte do atual departamento dos Pyrénées-Atlantiques. Derrotado em Pampelune e em Baiona, conseguiu infligir uma derrota aos invasores na batalha de Tolosa, em março de 1814.

[390] *Ex-condessa*: porque a Revolução aboliu os títulos de nobreza, restabelecidos mais tarde pela Restauração. A sra. de Listomère-Landon também retomará dentro em pouco o seu, que a começar da linha seguinte Balzac lhe restitui por antecipação, suprimindo a partícula *ex*.

[391] *Pó à marchala*: espécie de pó de arroz para ser espalhado nos cabelos.

[392] *A guerra da Espanha*: começou em 1808.

[393] *Galeria da antiga corte*: obra anônima publicada em 1786. Título completo em francês: *La Galerie de l'ancienne cour ou Mémoires anecdotiques pour servir à l'histoire des régnes de Louis xiv et de Louis xv*.

[394] *Duclos e o marechal de Richelieu*: personagens reais. O primeiro, Charles Pinot Duclos (1704-1772) é o autor das mordazes *Memórias secretas dos reinos de Luís xiv e de Luís xv*; o segundo, o duque Armand de Richelieu, marechal da França (1696-1788), homem espirituoso, mas de moralidade duvidosa, desempenhou brilhante papel no governo desses dois monarcas.

[395] *A Trapa*: nome de uma abadia fundada em 1140 perto de Mortague, reformada em 1662 pelo abade Rancé, e cujos religiosos observam um regulamento de excepcional severidade.

[396] *Marquesa*: lapso de Balzac. A sra. de Listomère-Landon, como ele mesmo nos informou há pouco, era condessa. A mesma confusão repetir-se-á várias vezes em seguida.

[397] *O regente*: Filipe ii de Orléans (1674-1723), que governou durante a minoridade de Luís xv, era homem de costumes depravados, mas inteligente e culto e ocupava parte de seus lazeres em pintura, música e química.

[398] *O conde d'Artois* é o futuro rei Carlos x, da França, que sucederá ao irmão, Luís xviii.

[399] *O duque d'Angoulême*, Luís de Bourbon (1775-1844), era filho do conde d'Artois e comandaria a expedição à Espanha contra os liberais desse país em 1823.

[400] *Catarina ii* (1729-1796): imperatriz da Rússia; mandou assassinar o marido, o czar Pedro iii.

[401] *Acompanhou os Bourbons a Gand*, onde estes passaram o breve período de exílio, determinado pela volta de Napoleão.

- [402] *Le Conservateur*: jornal ultrarrealista, publicado em Paris de 1818 a 1820.
- [403] *Sra. de Sérisy*: personagem da alta aristocracia de *A comédia humana*, conhecida por sua leviandade, a qual já conhecemos em *Uma estreia na vida*.
- [404] *A romança de Desdêmona*: no *Otelo*, ópera de Rossini. — *Al più salice*: primeiras palavras da “romança do salgueiro”, na mesma ópera, mal transcritas, como muitas citações italianas de Balzac. No original lê-se: *Assisa a’ piè d’un salice* (“Sentada ao pé de um salgueiro”).
- [405] *A Malibran* (1808-1836): cantora espanhola, imortalizada nas *Estâncias à Malibran*, de Musset. — *Giuditta Pasta* (1798-1865): cantora italiana.
- [406] *Ronquerolles*: personagem da *Comédia humana*, um dos protagonistas da *História dos Treze*.
- [407] *Semiramide*: tragédia lírica de Rossini.
- [408] *Son regina, son guerriera*: em italiano, “sou rainha, sou guerreira”.
- [409] *Faubourg Saint-Germain*: bairro aristocrático de Paris.
- [410] *Maturin*: Charles Robert Maturin (1782-1824), romancista e dramaturgo irlandês, autor de obras fantásticas e horríficas, a mais famosa das quais, *Melmoth, o homem errante*, inspirou o *Melmoth reconciliado*, de Balzac.
- [411] 1820. Esta data parece errada; deveria ser substituída por 1823, pois a morte de Artur ocorreu nesse ano. Cf. também as notas 48 e 63.
- [412] *Maire*: chefe da administração municipal, corresponde ao nosso prefeito.
- [413] *Os Cem Dias*: período decorrido entre 20 de março de 1815, dia do regresso de Napoleão, do exílio de Elba, a Paris, e 22 de junho, data da sua segunda aplicação.
- [414] *Fleurus e Ligny*: localidades vizinhas, na Bélgica, que serviram de cenário à última grande batalha vitoriosa de Napoleão. Lá, em 16 de junho de 1815, o imperador derrotou os prussianos comandados por Blücher.
- [415] *Waterloo*: comuna da Bélgica, perto da qual Napoleão foi vencido, em 18 de junho de 1815, pelos exércitos reunidos da Inglaterra e da Prússia.
- [416] *Artemisa*: deusa grega, identificada como a Diana da religião romana, a qual obteve de Júpiter a licença de não casar nunca. Éfeso era um dos centros principais de seu culto.
- [417] *A sra. Firmiani*, cujo nome serve de título a um dos contos de Balzac, era um modelo de virtude e bondade.
- [418] *Carlos de Vandenesse*: outra personagem de *A comédia humana*.
- [419] *O congresso de Laybach* (hoje Liubliana), em que se discutiram os meios a serem empregados contra o carbonarismo na Itália, durou de 8 de janeiro a 12 de maio de 1821. Há aqui outro erro de cálculo de Balzac, que neste capítulo declara ter sua heroína trinta anos: ora, no precedente, decorrido em 1820 (ou melhor, em 1823, como mostramos na nota 40), tinha vinte e seis anos.
- [420] *Sganarelle*: personagem de Molière em *O médico à força* (cena iv). Sua mulher o faz passar por médico; ao examinar uma doente, primeiro pergunta se os presentes sabem falar o latim. Sendo negativa a resposta, cria coragem para exibir o seu pseudolatim algo macarrônico.
- [421] *Mezzo termine* (em italiano no texto): meio-termo.
- [422] *Mnemosine*: na mitologia grega, deusa da memória.
- [423] *De Ronquerolles*: irmão da sra. de Sérisy. Cf. nota 35.
- [424] *De Marsay*: importante personagem do mundo balzaquiano.
- [425] *O pequeno d’Esgrignon*: jovem aristocrata depravado e perdulário, protagonista de *O gabinete das antiguidades*.
- [426] *A sra. Firmiani*: ver a nota 46.
- [427] *A sra. de Listomère*: personagem balzaquiana, heroína de *Estudo de mulher*.
- [428] *Charlet*: Nicolas Toussaint Charlet (1792-1845), desenhista popularíssimo na época, conhecido sobretudo por suas cenas militares e seus tipos da velha guarda napoleônica.

[429] O *insignificante notário de Sterne*: personagem acessória da *Viagem sentimental na França* (cap. lviii); é um homenzinho infeliz, maltratado pela mulher, pelos homens, pelos elementos.

[430] *Du Tillet*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*; já encontrado em *Uma filha de Eva*.

[431] *Desroches*: notário, personagem de *A comédia humana*; já encontrado em *Uma estreia na vida*.

[432] *Théâtre de la Gaité*: um dos teatros mais antigos de Paris.

[433] *O vale da torrente*: houve, com efeito, um melodrama intitulado *La Vallée du Torrent ou l'Orphelin et le Meurtrier*, de autoria de Frédéric Dupetit-Mère, representado pela primeira vez num teatro de Paris em 1816. O enredo desse melodrama contém os elementos lembrados mais adiante pelo filhinho de Júlia.

[434] *Gustavo*: é o terceiro filho de Júlia, ao qual não se fez nenhuma referência no episódio anterior, ocorrido dois ou três anos antes; no entanto, ele já devia existir na época, pois, do contrário, não poderia fazer do espetáculo um relatório como o que se segue, prova de uma inteligência extraordinária mesmo num menino de quatro anos ou mais.

[435] *Crottat*: notário, personagem de *A comédia humana*.

[436] *Srta. de Romans*: mocinha de treze anos que, segundo a sra. Campan, biógrafa de Maria Antonieta, foi “vendida” por seus pais a Luís xv.

[437] *Lâmpada astral*: denominação de uma lâmpada de suspensão usada na época, inventada por Argand; a sua luz intensa lembrava (pelo menos ao fabricante) a dos astros.

[438] *Charles James Fox* (1749-1806): político inglês, chefe da oposição *whig*, favorável à França revolucionária e aos Estados Unidos; adversário de Pitt.

[439] *Especialidades*. Eis a explicação, por Ernst-Robert Curtius, do sentido que Balzac dava a essa palavra: “A especialidade, palavra que Balzac forjou pensando em *species*, *speculum*, *speculari*, consiste em ver as coisas do mundo material tão bem como as do mundo espiritual em suas ramificações originais e consequenciais”.

[440] *Garrafa de Leyden*: capacitor elétrico inventado em 1746 por três sábios de Leyden, Holanda.

[441] *Sra. Jaquotot*: Marie-Victoire Jaquotot (1778-1855), artista conhecida por suas belas pinturas sobre porcelanas.

[442] *Théodore Gudin* (1802-1880): pintor de marinhas. — *Gerard Terburg ou Terborch* (1617-1681): pintor holandês, autor sobretudo de quadros de gênero.

[443] *Anne-Louis Girodet de Roussy* (1767-1824): pintor francês da escola romântica, autor de quadros mitológicos, de cenas literárias etc.

[444] *Gerard Dow ou Dou* (1613-1675): pintor holandês, autor de cenas familiares.

[445] *Martin Drolling* (1752-1817): pintor francês, autor de quadros de gênero.

[446] *O quadro de David*, que representa Brutus voltando à casa depois de ter condenado o próprio filho, foi exposto no Salão em 1789.

[447] *Constantina*: cidade da Argélia, que em novembro de 1836, defendida por Hadj-Ahmed Bei, repeliu o assalto de duas brigadas francesas e só pôde ser tomada em 13 de outubro do ano seguinte, depois de sangrento combate, por um corpo expedicionário comandado por Damrémont. Um famoso tríptico de Horace Venet, exposto no Salão de 1839, representa episódios dessa batalha.

[448] *Carlos x*: foi rei da França de 1824 a 1830.

[449] *Beatriz Cinci*: na verdade Beatrice Cenci, dama romana do século xvi famosa por sua beleza, sua riqueza e seus crimes, de quem Guido Reni (1575-1642) fez um retrato célebre.

[450] *A princesa de Cadignan*, em solteira Diana de Uxelles: uma das grandes apaixonadas de *A comédia humana*, seu nome figura no título da novela *Os segredos da princesa de Cadignan*.